PA NO RA MA

Ligeiro resumo das atividades LITERÁRIAS e ARTÍSTICAS de 1939

JANEIRO

2 — O escritor Vivaldo Lima entra para a Academia Amazonense de Letras.

3 — A "Editora José Olímpio" lança a 2ª ed. de "A Nova Política do Brasil", de autoria do Presidente Getúlio Vargas.

4 — Centenário de Casimiro de Abreu. Poucas manifestações em homenagem ao vate foram prestadas no país. Na Fed. das Academias de Letras o escritor Carlos Maul, em brilhante conferência, estudou-lhe a vida e obra. Em São Paulo, o poeta Oliveira Ribeiro Neto não se esqueceu do vate, numa conferência, sobremodo notavel.

5 — A família Alcântara Machado institue o prêmio anual denominado "Prêmio Alcântara Machado", de 4:000$000, para a melhor obra de ficção, crítica literária, história, entre os escritores paulistas...

7 — Casper Libero, jornalista, diretor de "A Gazeta", funda em São Paulo a "Academia de Letras dos Jovens do Brasil".

13 — O escritor Alfredo de Assís pronuncia, na Fed. das Ac. de Letras, desta Capital, a sua esperada conferência: "Recordações de Antônio Lobo".

14 — Augusto Meier apresenta ao público do Rio de Janeiro o poeta gaucho Mário Quintana.

21 — O jornal literário "D. Casmurro" lança um grande concurso de contos.

25 — O escritor português Antonio Araujo lê, em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas Artes, uma interessante conferência sobre a poesia moderna no Brasil.

26 — Os Irmãos Pongetti anunciam, pela primeira vez, o aparecimento de "...e o vento levou", famoso romance de Margaret Mitchell.

27 — Aparece em Curitiba o primeiro número de "Moços", bela revista literária dirigida por Moacir Arcoverde e Herculano Torres Cruz.

FEVEREIRO

2 — Pela revista "Para-Todos", o poeta Carlos Drumond de Andrade defende-se da acusação feita pelo Sr. Oswaldo Orico contra a sua obra e contra toda a poesia moderna do Brasil, tendo o seu artigo vasta repercussão nos circulos intelectuais do país.

6 — O Sr. Coelho de Souza, Secretário da Educação do Rio Grande do Sul, rebate brilhantemente as acusações que lhe foram feitas a propósito do seu indeferimento sobre o nome de Machado de Assis para uma escola pública daquele Estado, acusações de todas as partes do Brasil.

18 — É premiado em Cuba, pela Biblioteca Pública Matanzas, o livro "Tupan" do poeta francês que há vários anos convive em nosso meio — Henri de Lanteuil.

20 — O editor Vecchi, lança o romance "Vila de Santa Luzia", estréia brilhante de Omer Mont'Alegre.

25 — A editora "Guanabara" apresenta em edição uniforme as "Obras Completas" do Prof. A. Austregésilo.

27 — Carlos Domingues entrega aos editores Pongetti os originais de mais uma de suas notaveis traduções: o "Henrique VIII", de Francis Hackett.

MARÇO

3 — Luiz Jardim, com "Maria Perigosa" vence o "Prêmio Humberto de Campos", da Livraria José Olimpio. Dias da Costa, Graciliano Ramos e Peregrino Junior votaram em Luiz Jardim; Prudente de Morais Neto e Marques Rebelo deram seus votos para o livro "Contos", de Viator, que até hoje ninguem sabe quem seja. Houve protestos e a comissão julgadora não se defendeu em público. O vespertino "A Noticia", comentando o fato, lamentou que "Maria Perigosa" tivesse merecido o prêmio.

5 — Clovis Ramalhete realiza, na Escola de Belas Artes uma conferência sobre Eça de Queiroz.

6 — O Instituto Histórico e Geográfico do Pará comemora condignamente o seu 22º aniversário.

7 — A Academia Baiana de Letras, com grandes festas, vê passar o seu 22º aniversário.

10 — A Livraria do Globo, de Porto Alegre, lança o livro de ensaios de Manoelito de Ornellas, intitulado "Vozes de Ariel".

15 — "Tobias Barreto", o notavel estudo biográfico de Hermes Lima é lançado pela Cia. Editora Nacional, em sua coleção "Brasiliana".

16 — "A Cidadela", de Cronin, em esplendida tradução de Genolino Amado, é lançada no Rio pela Liv. José Olimpio, com enorme sucesso.

25 — Entre Bandeira Duarte e R. Magalhães Junior violenta polêmica se inicia, sobre teatro.

ABRIL

2 — "Diretrizes", a bela revista cultural, comemora o seu primeiro aniversário.

3 — A Academia Brasileira de Letras discute o Prêmio de Poesia, sendo este conferido ao livro "Viagem" de Cecilia Meireles, o que causou escândalo sem precedente entre nós. O dr. Fernando Magalhães acusou o poeta Cassiano Ricardo de haver premiado aquele livro sem verificar o valor dos demais concorrentes. O poeta paulista defendeu-se da acusação, publicando a seguir vários artigos analisando os poetas que concorreram ao prêmio.

8 — A Academia Carioca de Letras festeja o seu 13º aniversário.
— A Fundação "Felipe de Oliveira", lança o "Livro Póstumo" do poeta de "Lanterna Verde", com prefácio de Alvaro Moreira.

12 — Aparece o curioso livro de Mário de Andrade, em edição da "O Globo": "Namoros com a medicina".

13 — Aparece nas livrarias parisienses a "Anthologie de quelques conteurs brésiliens", de Ac. Bras. de Letras.

14 — A Academia Paranaense de Letras comemora o dia Panamericano.

15 — A Cia. Editora Nacional lança "Migrações e Cultura Indígenas", do escritor Angione Costa.

17 — O Prof. Josué de Castro inicia, em Roma, uma série de conferências sobre alimentação.

20 — Centenário de Tavares Bastos. O Instituto Nacional do Livro, associando-se aos festejos, inaugura no saguão da Biblioteca Nacional uma exposição notavel sobre o ilustre brasileiro.

29 — Continuando o lançamento das "Obras poéticas" de Luís Delfino os editores Pongetti lançam "Rosas Negras".

— É fundada, em Goiania, a Academia Goiana de Letras, a primeira daquele grande Estado.

MAIO

2 — No Casino de Copacabana estréia, com êxito, a Companhia Francesa de Comédia.

3 — Carlos Pontes, o notavel biógrafo de Tavares Bastos, é recebido com júbilo pela Academia Alagoana de Letras.

12 — Peregrino Junior defende-se das acusações que lhe foram feitas, com relação aos livros escolhidos para serem enviados, aos Estados Unidos, por solicitação de uma grande livraria norte-americana.

13 — Heitor Beltrão é eleito para a Academia Carioca de Letras.

— No Casino Atlantico num grande banquete, o jornal literário "D. Casmurro" comemora seu 2º aniversário.

19 — João Lira (Filho) profere notavel conferência, na Fed. das Ac. de Letras, sobre Tavares Bastos.

25 — "Esfera", a revista de Silva de Leon Chalreu, completa dois anos de luta.

26 — Inaugura-se o "Salão de Maio" em S. Paulo.

— Povina Cavalcanti faz uma conferência, na Fed. das Academias de Letras, sobre Tavares Bastos.

27 — O Govêrno Francês concede a Guiomar Novais a cruz da Legião de Honra.

28 — Morre no Rio de Janeiro o Sr. J. F. Velho Sobrinho, autor do "Dicionario bibliográfico brasileiro".

30 — Entra para a Academia Carioca de Letras, o poeta Afonso Lopes de Almeida.

— Inaugura-se no Passeio Público, a herma de Júlia Lopes de Almeida.

JUNHO

2 — No auditorium da Feira de Amostras de Belo Horizonte o escritor Joel Silveira pronuncia uma conferência sobre os novos escritores brasileiros.

3 — Di Cavalcanti expõe, na Galeria "Rive Genebre", de Paris, os seus últimos quadros.

4 — O Ujsak, jornal de maior circulação na Hungria, publica um estudo do poeta hungaro PAUL RONAI, sobre a atual poesia do Brasil. Foram setudados nesse artigo: Carlos Drumond de Andrade, Osorio Dutra, Adalgisa

Neri, Ribeiro Couto, Francsico Karan, Tasso da Silveira, Lobivar Matos, Augusto de Almeida Filho e Vito Pentagna.

— O escritor português João de Barros, no "Primeiro de Janeiro", acentua que a literatura brasileira ocupa hoje em Portugal um lugar digno de seu valor e da sua importância.

7 — Cent. de Tobias Barreto. Com grandes festejos a Faculdade de Direito da Universidade de Porto Alegre comemora o centenário de Tobias Barreto.

10 — O editor José Olimpio apresenta "A História de dois golpes de Estado" de Otávio Tarquínio de Sousa, "Dia Garimpo", poemas de Julieta Bárbara e o romance "Sul" de Guilhermino Cesar.

15 — Na Associação dos Artistas Brasileiros é inaugurada a Exposição do Livro Argentino.

20 — O escritor Modesto de Abreu pronuncia, na Federação das Academias de Letras do Brasil, importante conferência intitulada: "Infância e Adolescência de Machado de Assis".

21 — Centenário de Machado de Assis. Em todo o país, de Norte a Sul, governo e povo se unem para comemorar o centenário do maior romancista brasileiro. A imprensa em geral reservou páginas e páginas para se ocupar do autor de "Braz Cubas". O Instituto Nacional do Livro franqueia ao público a notavel exposição de Machado de Assis, com a presença do Sr. Presidente da República e outras altas autoridades.

— Falece, no Estado do Rio, o escritor e orador Olímpio de Castro, membro da Academia Fluminense de Letras.

— Realiza-se, nesta Capital, com grande sucesso e esplendor, o 2.º Congresso das Academias de Letras e Escritores do Brasil.

22 — O Sr. Alcides Maia, ilustre escritor e membro da Academia Brasileira de Letras, pronuncia, na Federação das Academias de Letras do Brasil a sua conferência sobre Machado de Assis, intitulada "Machado de Assis e a nacionalidade brasileira".

24 — Os escritores José Carlos Borges, Oswaldo Alves, Leopoldo Amorim, Miroel Silveira, Francisco Inácio do Amaral Gurgel, Amadeu de Queiroz, Pedro Bloch, Aguiar Brandão e Ulisses Paranhos vencem o concurso de contos do hebdomadário "D. Casmurro", de cuja comissão julgadora faziam parte: Graciliano Ramos, Almir de Andrade, Joraci Camargo, Oduvaldo Viana e André Carrazoni.

— O escritor Candido Mota Filho, da Academia Paulista de Letras, pronuncia, na Federação das Academias de Letras a sua conferência: "Machado de Assis e o enigma da vida".

25 — Aparece o livro do escritor português Manuel Anselmo sobre "A poesia de Jorge de Lima".

28 — O Sr. Benjamin Lima, da Academia Amazonense de Letras, lê a conferência "O Heroismo da ironia em Machado de Assis", na Federação das Academias de Letras.

29 — O Sr. Mário Casassanta, da Academia Mineira de Letras, pronuncia na Federação das Academias de Letras a conferência "Machado de Assis escritor nacional".

30 — Falece, no Rio, o escritor e advogado Evaristo de Morais.

JULHO

1 — O escritor Martim Gomes, da Acad. Riog. de Let., encerrando os festejos do centenario de Machado de Assis, pronuncia, na Federação das Academias de Letras, a conferência: "A obra de Machado de Assis e os seus efeitos na educação moral e cívica".

— A Federação das Academias de Letras, terminando os trabalhos do seu 2º Congresso, oferece um jantar a todos os escritores que tomaram parte no mesmo, comemorando o seu 3º aniversário de instalação.

— Aparece o primeiro fascículo do "Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa", organizado por Laudelino Freire e editado pela S. A. A Noite.

3 — Joel Silveira vê seu primeiro livro de contos "Onda Raivosa", à venda nas livrarias.

8 — Polêmica entre Peregrino Junior e "D. Casmurro".

14 — Estréia, no Municipal, o elenco da "Comedie Française".

— O escritor Guilherme Figueiredo lança o seu primeiro romance — Trinta anos sem paisagem — muito comentado pela crítica.

15 — Surge o 1º número da revista "Ouro Verde", dirigida por Plínio Mendes e Geysa de Boscoli.

16 — Vecchi Editor lança no mercado o romance de José Candido de Carvalho: "Olha para o céu, Fredérico".

25 — Aparece nas livrarias o livro de contos com que Dias da Costa estréia "Canção do Beco".

26 — "Carlota Joaquina", de R. Magalhães Junior é representada com grande sucesso pela Cia. Jaime Costa.

30 — Os editores norte-americanos Glosset & Dunlop contratam uma grande tiragem em inglês, do livro infantil "A Lenda da carnaubeira" de Margarida Bandeira Duarte, com os magníficos desenhos de Paulo Werneck.

AGOSTO

1 — Editado pelos Irmãos Pongetti, aparece nas livrarias o livro de João Lira Filho: "O amor rebelde aos códigos".

6 — O acadêmico Pedro Calmon e o romancista José Lins do Rego entram em polêmica por causa do samba. Os Srs. Genolino Amado, Cordeiro de Andrade e Henrique Pongetti tecem comentários a respeito.

7 — Os srs. Barreto Leite e Teófilo de Andrade começam uma discussão sobre política internacional.

8 — Embarca para a Suecia, onde vai representar o Brasil, no Congresso dos Pen Clubs, o escritor Oswaldo de Andrade, acompanhado de sua esposa, a poetisa Julieta Bárbara.

9 — Jorge Amado vende os direitos autorais de tradução de "Jubiabá" a importantes editores da Suecia e da Alemanha.

11 — Falece no Rio de Janeiro o jornalista e orador Rafael Pinheiro.

12 — Vecchi Editor lança um grande concurso de romances, sendo o primeiro prêmio de cinco contos de réis.

14 — O Presidente Getulio Vargas visita a Academia Brasileira de Letras.

15 — O Instituto Nacional do Livro inaugura a Exposição do Livro Norte-Americano Moderno.

16 — Banquete a Telmo Vergara, Dias da Costa, Joel Silveira, Omer Mont'Alegre pela publicação de seus livros em 1939. Discursaram no mesmo os escritores Jaime Adour da Camara, Genolino Amado, Emil Farhat, Clovis Ramalhete, Galeão Coutinho e Telmo Vergara.

22 — O poeta Carlos Drumond de Andrade e o romancista Luiz Martins polemizam por causa de pintura.

— Sob a direção do pintor Oswaldo Teixeira e com a presença do Sr. Presidente da República é inaugurado o Museu Nacional de Belas Artes.

27 — A Academia Alagoana de Letras comemora o 1º aniversário da morte do escritor Moreno Brandão, um dos seus fundadores.

SETEMBRO

3 — José Olímpio Editor lança as "As três Marias" de Raquel de Queiroz e "A estrela sobe", de Marques Rebelo.

— Na Escola Nacional de Música realiza-se em espetáculo do "Teatro da Criança", organizado por Vera Grabinska.

4 — A Academia Espiritossantense comemora mais um aniversário de sua fundação.

5 — O jornalista Austregésilo de Ataide pronuncia no Ministério do Exterior uma conferência sobre o tema: "Jornalismo e Diplomacia".

7 — E' inaugurado, em Porto Alegre, o 1º Salão de Belas Artes.

— Os escritores Zoroastro Passos e Emilio Mourão são eleitos para a Academia Mineira de Letras.

9 — Na Federação das Academias de Letras o sr. Bernardino de Souza pronuncia uma conferência sobre Carneiro Ribeiro, comemorativa do centenário do grande educador.

10 — A Livraria do Globo lança quatro livros de escritores gauchos: "Noite de Chuva em Setembro", de Reinaldo Moura; "A Prodigiosa Aventura", de Darcí Azambuja"; "Enquanto as aguas correm..." de Ciro Martins e "Enquanto a Morte não vem", de Souza Junior.

12 — Comemora-se o centenário do grande educador baiano Ernesto Carneiro Ribeiro. Entre as homenagens, uma edição Pongetti das "Páginas de Lingua e Educação", organizada por Bernardino de Souza.

14 — No Instituto Nacional de Música, o escritor e ministro cubano Hernandez Catá, realiza a conferência sob o título: "Direitos e deveres da Juventude".

15 — Realiza-se, em Porto Alegre, o 2º Salão de Artes Plásticas da Sociedade "Francisco Lisboa", sob a direção do pintor Carlos Scliar.

16 — José Olímpio Editor lança o romance de estréia da sra. Dinah Silveira de Queiroz — "Floradas na Serra".

17 — A Cia. Dulcina-Odilon estréia a peça "Conflito", da escritora Maria Jacinto.

18 — E' lançada no mercado livresco, com êxito, pela Liv. José Olímpio, o livro "A Vida Contraditoria de Machado de Assis", do Sr. Elói Pontes.

21 — A Prefeitura do Distrito Federal, por sugestão do Centro Carioca, denomina "Manuel Antônio de Almeida", uma praça da Estrada da Gávea.

25 — Polêmica entre Jorge Amado e Amadeu Amaral Junior.

29 — O poeta paulista Oliveira Ribeiro Neto é recebido pela Academia Sergipana de Letras.

OUTUBRO

1 — "A Noite" Editora, lança em livro a peça "Um judeu", de R. Magalhães Junior.

2 — Parte para Lima, onde vai representar o 17º Congresso de Americanistas, o escritor Angione Costa.

10 — "Um rio imita o Reno", romance de Viana Moog é publicado pela Livraria do Globo.

11 — Mário Guastini, festejado jornalista e escritor paulistano, reune em "Caravana da Vida" (ed. Pongetti) as suas mais belas crônicas aparecidas nos principais jornais do país, em sua longa carreira de imprensa.

— Aparece, em São Paulo, "Porque falta uma estrela no céu", poemas de Ione Stamato.

14 — Inaugura-se, no Palace Hotel, a exposição de fotografias de Jorge de Castro.

15 — Um grupo de norte-americanos oferece à revista "Diretrizes" um banquete no Casino da Urca, em homenagem ao seu número especial sobre o Pan-Americanismo.

18 — José Olimpio lança o livro de Galeão Coutinho: "A Vida apertada de Eunapio Cachimbo".

— E' lançada em Buenos Aires a edição espanhola de "Safra", do romancista Abguar Bastos.

19 — Comemora-se o 2º centenário da morte de Antonio José da Silva, O Judeu, comediógrafo brasileiro, morto em 1739, em Portugal, por ordem do Santo Ofício.

20 — Em Maceió, organizada pelo escritor Humberto Passos, é realizada a "Exposição de autores alagoanos".

— O escritor Sérgio Millet é eleito membro da Academia Paulista de Letras.

21 — O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro comemora com grandes solenidades o seu aniversário.

NOVEMBRO

1 — A Academia Alagoana de Letras completa o seu 20º aniversário.

2 — O escritor Carlos Domingues é eleito para a Academia Carioca de Letras, na vaga de Evaristo de Morais.

5 — Comemora-se em todo o Brasil o "Dia da Cultura".

8 — A fim de inaugurar a Exposição do Livro Brasileiro, embarca para Montivideo o escritor e acadêmico Osvaldo Orico.

9 — José Olimpio Editor lança a "História Literária de Eça de Queiroz", de Alvaro Lins, escritor pernambucano.

10 — "Riacho Doce", romance de José Lins do Rego é posto a venda pela Livraria José Olimpio Editora.

12 — Inaugura-se em São Paulo o "Quinto Salão do Sindicato de Artistas Plásticos".
— Emil Farhat é lançado por José Olimpio Editor, com o seu romance de estréia "Cangerão".

14 — O Liceu Literário Português comemora o centenário do escritor português Julio Diniz.

17 — Silvio Peixoto pronuncia sua conferência "O Itamarati como séde do Governo", no salão de conferências do Ministério das Relações Exteriores.

18 — Portinari inaugura sua nova exposição.

22 — Jorge Amado, pronuncia no Liceu Literário Português, uma conferência sobre "Julio Diniz e a vida aldeã".

24 — Cecilia Meireles, tambem no Liceu Literário Português, lê sua conferência "Julio Diniz e as mulheres".

DEZEMBRO

1 — Carmen Santos adquire os direitos de filmagem de "Mar Morto", romance de Jorge Amado.

2 — "Mulher Obscura", romance de Jorge de Lima, é posto a venda.

3 — Chega ao Rio o escritor português Afonso Ribeiro, representante de "Sol Nascente" e "O Diabo".

4 — Aparece o livro de Genolino Amado: "Um olhar sobre a vida".

5 — A livraria do Globo lança "Viagem à Aurora do Mundo", novo livro de Érico Verissimo.

6 — Aparece a revista "Nação Armada", sob a direção do major Afonso de Carvalho e de Jaime Adour da Camara.

10 — Realiza em São Paulo uma conferência sobre "O Problema da imigração e sua repercussão nos nossos destinos", o escritor Viana Moog.

14 — Em homenagem aos ficcionistas de 39, "D. Casmurro" oferece um banquete no Casino da Urca.

17 — Almir de Andrade realiza uma conferência literária na União Universitária Feminina.

20 — Polêmica entre Flavio de Campos e Mário de Andrade.

22 — O Pen Club realiza a sua tradicional "Ceia de Natal dos Escritores".

— Aparece a edição brasileira de "Gone With The Wind", o famoso romance de Margaret Mitchell, sob o titulo de "...E o vento levou". Os editores Pongetti fazem o lançamento nos grandes moldes norte americanos de publicidade, obtendo o maior êxito de livraria de todos os tempos em nosso país.

— Lançado pela Civilização Brasileira, aparece o novo livro de poemas "Ritmos do Novo Continente", de Faustino Nascimento.

24 — Teófilo de Barros radiofoniza e faz irradiar pela Radio Tupi, a macumba do romance "Jubiabá", de Jorge Amado.

25 — No concurso de contos do jornal "Símbolo" de Sergipe, são premiados em primeiro e segundo lugares, respectivamente, os jovens Floriano Mendes Garangau e José Sampaio.

26 — Estréia no Casino Atlantico o compositor e cantor Dorival Caymi.

27 — O jornalista Paulo Filho pronuncia, no Palácio Tiradentes, sua conferência sobre Bilac.

31 — É conferido o "Prêmio Graça Aranha" ao romance "Um rio imita o Reno", de Viana Moog.

O PEN-CLUBE DO BRASIL e suas atividades em 1939

O n.º 8 do *Boletim do Pen Clube* do Brasil traz uma resenha completa do que foi a sua atividade durante o ano de 1939, resenha esta que tentaremos resumir nesta página.

Entre os sócios do PEN Clube de centros estrangeiros, foram hospedes do Pen Clube do Brasil, durante o ano de 1939, Mrs. Elizabeth Haidin, do P. E. N. de Nova York, Philip Guedalla, de Londres, prof. Agache, do P. E. N. de França, Marie Thereze Nizot, do P. E. N. de Bruxelas.

Como convidados de honra compareceram a sessões do P. E. N. Clube do Brasil os srs. Dr. Landulfo Alves, Interventor na Baía, Edison Passos, secretário de Obras Públicas do Rio de Janeiro. Foram presidentes de honra dos jantares: Embaixador da Inglaterra, Sir, Hugh Gurney, Ministro Ataulfo de Paiva, Embaixador do México, Vicente Veloz Gonzalez, e o Dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa. O jantar de abril foi oferecido ao prof. Clementino Fraga, por sua eleição para a Academia Brasileira. Em suma, durante o ano foram realizados pelo P. E. N. Clube do Brasil oito jantares no Casino da Urca, um almoço no Casino de Icaraí, sendo ao todo 29 jantares desde a fundação da sociedade.

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1939

SALDO:	*Receita*	*Despesa*
Saldo em Caixa vindo do balanço anterior . .	5:915$300	
JANTARES SOCIAIS:		
Recebido	14:825$000	
Mensalidades e Jóias deste exercício e atrasadas. Recebido	11:590$000	
Donativo recebido do Dr. Claudio de Souza para prêmio literário . . .	2:000$000	
Rendas eventuais	1:250$000	
Donativos em livros e objetos para prêmios . .	14:055$000	
Jantares. Pago por essa verba	—	9:550$000
Despesas diversas . . .	—	2:890$800
Despesas bancárias . . .	—	43$400
Ordenados, comissões e cobrador	—	3:810$800
Livros distribuidos . . .	—	8:505$000
Prêmios distribuidos em objetos no Natal . .	—	4:650$000
BALANÇO . . .	—	20:185$300
	49:635$300	49:635$300

DEMONSTRAÇÃO DO SALDO:

Dinheiro em Banco, inclusive 2:000$ do Prêmio Claudio de Souza	2:425$300
Em 52 apolices do Est. S. Paulo e 47 do Estado de Minas Gerais	16:860$000
Em livros e objetos	900$000
	20:185$300

O PEN E A ACADEMIA BRASILEIRA

Mais um membro do PEN Clube foi eleito em 1939 para a Academia de Letras, o dr. Clementino Fraga, cuja eleição para a vaga do conde de Afonso Celso foi festejada em um dos jantares da sociedade. A diretoria da Academia que acaba de ser eleita para 1940, como sucede há três anos, é toda composta de sócios do Pen Clube. Celso Vieria, presidente; Levi Carneiro, secretário geral; João Neves da Fontoura, secretário; José Carlos de Macedo Soares, 2.º secretário; Roquete Pinto, tesoureiro; Adelmar Tavares, redator da revista.

EDIÇÕES

Foram editados pelo PEN CLUBE DO BRASIL mais dois livros: *Viagem a Região do Polo Norte* e *Terra do Fogo*, ambos da autoria do seu presidente, sr. Claudio de Souza.

SOCIO FALECIDO

Faleceu durante o ano um dos sócios do PEN CLUBE do Brasil, Rafael Pinheiro, beletrista muito conhecido.

CRÍTICA EM 1939

A pesar da situação internacional, da alta do papel e de outras circunstâncias de igual monta, contrárias ao desenvolvimento livresco de qualquer país, neutro ou beligerante, 1939 foi para o Brasil um dos mais brilhantes literariamente falando. Cerca de 1.500 volumes foram editados em todo o país, numa média confortadora de 3 por dia.

Desse total, entretanto, a terça parte bem que poderia continuar a colaborar na economia do papel. A vaidade humana, porem, é inimiga do ineditismo e aliada à humilhação...

O fato é que os nossos críticos literários, como acontece em outros anos, ficaram assoberbados com esse movimento e ainda alguns meses de 40 falaram sobre livros de 39.

Agora, vejamos os críticos de maior evidência.

TRISTÃO DE ATAIDE

Depois de um longo periodo de silêncio, voltou o sr. Tristão de Ataide a se preocupar com a crítica literária, gênero em que havia brilhado em outros tempos. E ao nosso ver não foi muito feliz. Perdeu muito daqueles traços vigorosos e característicos do inicio. Até mesmo a sensibilidade lhe falta no momento. E houve, então, uma quadra em que ele comprometeu seriamente o seu passado e o seu público. Foi aquela em que passou a citar apenas trechos de livros recebidos e a catalogar nomes de autores e de obras, enquanto os autores e as obras pediam conceitos e opiniões amplas a respeito. Estranhamos essa atitude do critico de "O Jornal" e esperamos que no decorrer de 40 tal fato não se repita, em benefício do ilustre crítico.

MARIO DE ANDRADE

Tal como o seu colega Tristão de Ataide, o sr. Mário de Andrade trabalhou muito, desde que assumiu o rodapé do "Diário de Notícias". Entretanto, como o crítico de "O Jornal", andou errado em não se dedicar mais a fundo em certos livros, que se não mereciam rodapés inteiros, pelo menos uma análise mais larga e mais precisa. Acreditamos, todavia, que os críticos não teem culpa, nestes casos. Isto porque os nossos jornais, sensatos naturalmente, preferem reservar uma página para clichés de "cracks" e outra para os crimes sensacionais praticados no interior e no exterior, a conceder meia página aos críticos nacionais. Os jornais talvez tenham razão, mas o que é fato é que precisamos incentivar mais e mais os escritores nacionais, em vez de endeusarmos os beiçudos reis do futebol...

O sr. Mário de Andrade tambem foi acusado de escrever sobre livros que não leu... Achamos muito injusta essa acusação, pois julgamos o autor de MACUNAIMA incapaz de semelhante atitude e uma das vozes mais autorizadas da crítica nacional. Pelo menos é mais sincera e menos parcial do que a do sr. Tristão de Ataide, com as suas opiniões facciosas a tudo que não cheire a Cristo e a incenso...

ELÓI PONTES

Trocando a crítica pela biografia, o sr. Elói Pontes continuou a ser o mesmo escritor brilhante de sempre. E não chegou a abandonar propriamente a crítica, pois em "Vida Literária" as suas atividades prosseguem, com o mesmo entusiasmo, com o mesmo vigor e com as mesmas caracteristicas que fizeram do sr. Elói o critico severo e incentivador de "O Globo".

Sem muita repercussão, no momento, é o sr. Elói Pontes, todavia, um crítico honesto, cheio de entusiasmo pelas obras realmente boas e de incentivo para os que começam.

JAIME DE BARROS

Foi uma pena ter o sr. Jaime de Barros preferido o título honroso e brilhante de diplomata ao bisturí da análise e de crítico habil e inteligente que sempre foi.

Suas críticas semanais no "Diário da Noite" eram sempre um conforto, um motivo de alegria para aqueles que ainda acreditam na ação da crítica literária, entre nós.

Em 39 os seus rodapés foram raros, para tristeza nossa e alegria dos "genios" indígenas.

LEMOS BRITO

Muito modesto o sr. Lemos Brito. Em sua opinião não faz crítica. Apenas dá notícias dos livros que lhe são enviados, sem pretensão de haver feito crítica. E, no entanto, faz crítica de verdade. Crítica serena, entusiasta, incentivadora, o que muita gente que se tem como "genio" na arte não faz.

WILSON DE A. LOUZADA

O jovem crítico de "Dom Casmurro" vai se aperfeiçoando dia a dia, proporcionando-nos belas páginas de crítica e de arte.

HAROLD DALTRO

Embora escondido nos rodapés domingueiros de "A Batalha" é o sr. Harold Daltro uma das poucas vozes críticas que não dependem de escolas e de corrilhos. Não é falado entre os literatos de cafés e de livrarias. Tambem não procura fazer parte desses grupos inconvenientes. Melhor para ele e para nós, porque só assim ouvimos a sua voz energica e sincera opinar com justiça e critério sobre livros bons ou maus.

ALMIR DE ANDRADE

Eis aquí um crítico. Naqueles tipos negritas das últimas folhas da "Revista do Brasil", o sr. Almir de Andrade diz muitas verdades, e sua pena é sempre movida com energia na dissecação desta ou daquela obra.

MODESTO DE ABREU

Tambem o sr. Modesto de Abreu escondeu-se numa das nossas humildes revistas e nela, de quando em quando, reune suas opiniões sobre os livros que recebe. E é pena, porque o biógrafo de Machado de Assis tem-se revelado notavel manejador do bisturí, no gênero crítica.

*
* *

Manuel Bandeira, Agripino Grieco, Otavio Tarquinio de Sousa, Rosario Fusco, Pinheiro de Lemos, Lucia Miguel Pereira e vários outros críticos encontram-se, no momento aposentados, fechados num mutismo inexplicavel, o que nós faz crer que a crítica literária é, no Brasil, mais árdua e mais espinhosa que qualquer outro gênero de atividade intelectual.

Dos críticos dos Estados não podemos comentar absolutamente nada. Já pela distância que nos separa, como pela incompreensão que existe em não encetar intercambio com o ANUÁRIO. Querem viver isolados, paciência. A verdade, no entanto, é que o ANUÁRIO continuará a esperar, de braços abertos, que se aproximem e colaborem conosco neste programa de incentivar as letras nacionais.

*
* *

Finalmente, lamentamos sinceramente que jornais como o "Correio da Manhã", "Jornal do Comercio", e tantos outras publicações notaveis, não estampem, semanalmente, pelo menos, uma página assinada por crítico profissional, de competencia e honestidade comprovadas, sobre as excelentes obras de nossos escritores.

L. M.

Poesias:

EDUARDO MARTINS — POEMAS DA HORA INCERTA — Imprensa Editora — João Pessoa — 1939.

"...E "Timidez" diz bem o espírito deste jovem e hesitante poeta do Norte".

Tristão de Ataíde

CECILIA MEIRELES — VIAGEM — Rio — 1939.

"Por causa deste livro e do dr. Fernando Magalhães fui obrigado a gritar contra a maneira pela qual a Academia Brasileira lhe conferiu o prêmio de poesias de 1939. De gritar e de pedir mais consideração e respeito pela inteligência nacional. Entretanto, depois que li a defesa de Cassiano Ricardo e me deixei levar por esta encantadora VIAGEM, convencí-me definitivamente que nenhum outro concorrente poderia arrebatar desta poetisa o referido prêmio. Bela poetisa a sra. Cecilia Meireles!"

Lobivar Matos

LUCIANO PEREIRA DA SILVA — O POEMA DO ÁTOMO — Ed. Rodrigues & Cia. — Rio — 1939.

"O poema do átomo, a pesar do seu lado científico, é um estudo bem feito e bem escrito, que não há quem não leia com agrado..."

Harold Daltro

ODORICO TAVARES — A SOMBRA DO MUNDO — José Olímpio Editora — Rio — 1939.

"...Todas essas circunstâncias darão talvez maior relevo à poesia de Odorico Tavares, de um alto e nobre teor lírico e, sobretudo, isenta desses truques de salão em que se divertem tantas vocações academicas ainda não aproveitadas."

Valdemar Cavalcanti

PAULO ALVES — POEMAS SEM INTENÇÃO — Ed. Cachoeira — Espírito Santo — 1939.

"Seus poemas são pitorescos, instantaneos, tocados de revolta, por vezes, diante do sofrimento."

Tristão de Ataíde

FREITAS PACHECO — PLANICIE — Irmãos Pongetti — Rio — 1939.

"Tem um jeito muito sensivel de dizer as coisas, uma certa mansidão lírica bem equilibrada na delicadeza de sua expressão verbal, que agrada bem."

Mário de Andrade

YONNE STAMATO — FALTA UMA ESTRELA NO CÉU... — S. Paulo — 1939.

"A estrela que veiu para a terra sujar os olhos nas imundicies dos homens... e das mulheres tambem... é a própria Yonne Stamato. Um amigo meu, quando acabou de ler o verso que a estrela fugitiva diz ser um porto abandonado deu um baita suspiro e me disse, em segredo, que desejaria ser navio perdido... A sra. Yonne Stamato é um espírito vigoroso e agil de poetisa. Falta-lhe apenas, um pouco de contacto com os homens e com a terra. Dir-se-ia, ao final do livro, que a estrela continua no céu..."

Lobivar Matos

SILVEIRA NETO — MARGENS DO NHUNDIAQUARA — Irmãos Pongetti — Rio — 1939.

"É a paisagem de Morretes, no Paraná, sua cidade natal, com seus quadros familiares, seu rio, suas ruas tortas e seu indefectivel coreto..."

Tristão de Ataide

LUIZ WALDVAGEL — CANTARO PARTIDO — Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunas" — S. Paulo — 1939.

"Este jovem poeta quer esquecer a malvadez humana. Sua voz é sincera e simples. Parece tratar-se de um moço que tem vergonha de mostrar em público os seus recalques. O seu livro não é mau. É até interessante. Mas aconselho-o a procurar o poeta Jorge de Lima e aprender com este todos os segredos da arte de publicidade..."

Lobivar Matos

J. A. SIMÕES — SOMBRAS — Ed. Ubá — Ubá — Minas — 1939.

"...gosta do parnasianismo enfático e rico daqueles contraste faceis, que Bilac esgotou para sempre no gênero. ...Os numerosos sonetos do livro são todos fieis a essa velha poética."

Tristão de Ataide

FRANCISCO HORTA — CANTICOS DE FÉ E POEMAS DE SAUDADES — Imp. Oficial de Minas — B. Horizonte — 1939.

"O autor é a mais perfeita das criaturas. Mas positivamente o mesmo não se pode dizer de seus versos de boa vontade..."

Tristão de Ataide

DEUSDEDIT ALVES — O TEATRO DA VIDA — Casa da Boa Imprensa — S. Paulo — 1939.

"...tambem se apresenta com pretensões filósoficas, menos materialista, mas tão vazias como as do companheiro..."

Tristão de Ataide

PACHECO DE ALMEIDA — CANTOS DISPERSOS — A. Coelho Branco — Rio — 1939.

"...de Jaú (S. Paulo) nos vem este jovem estreiante, ainda muito superficial e incerto na sua tentativa de voo".

Tristão de Ataide

LUIZ GONZAGA SANTOS — ADOLESCENCIA — Geração ditora — Recife — 1939.

"Luiz Gonzaga Santos é um estreante. Cheio de fé e de amigos. Entusiasmado com a poesia, com o seu destino. Crente nos homens e na vida. Digno, por isso mesmo, do nosso estímulo e do nosso carinho. A sua primeira mensagem agrada. É boa e nos conforta. E isso já é muito nestes amargos tempos em que vivemos."

Lobivar Matos

ALDEBARAN DE SOUZA — AURORA VELADA — Alba Editora — Rio — 1939.

"Outra estréia, já no registo moderno da técnica do verso, mas ainda cheia de hesitações, de clamores, de apitos, de assovios, retórica barata, de tremendo mau gosto..."

Tristão de Ataide

MARCELO DE SENNA — ELEGIA DE ABRIL — Imprensa Oficial — B. Horizonte — 1939.

"O sr. Marcelo de Senna seja quem for, mostra em seus versos qualquer coisa de menos jovem, de mais grave, de mais profundo, de mais doloroso, e, infelizmente, de mais decantado e árido."

Tristão de Ataide

SANTINO GOMES DE MATOS — ORAÇÃO DOS HUMILDES — Ed. Gazeta de Uberaba — Uberaba — Minas — 1939.

"... nessa variedade de tentativas, se não se mostra um grande poeta, é sem dúvida engenhoso por vezes, evocativo quasi sempre, sempre delicado de sentimentos, e vez por outra empolgante."

Tristão de Ataide

OLMIRO DE AZEVEDO — VINHO NOVO — Livraria do Globo — P. Alegre — 1939.

"...É que o se dá ainda no seu "Vinho Novo", cheio de sol e de alegria, de versos amplos e soltos, mas de espírito muito diverso da angustia sombria dos seus companheiros..."

Tristão de Ataide

WENCESLAU DE QUEIROZ — REZAS DO DIABO (livro póstumo de poemas) — Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" — S. Paulo — 1939.

"O filho do sr. Wenceslau de Queiroz acaba de prestar um ótimo serviço à poética nacional com a publicação deste notavel livro de sonetos parnasianos."

Lobivar Matos

AUSTEN AMARO — *POEMETOS À FEIÇÃO DO ORIENTE* — José Olimpio Editora — Rio — 1939.

"Desconfio que por mais mal humorado que alguem esteja, não poderá dizer que essa estância

seja ruim. Pertence a esse gênero de delicadezas sutis, à feição do Oriente, que lidas assim isoladas, agradam".

Mário de Andrade

AGNELO MACEDO — LUA NOVA — Ed. Part. S. Paulo — 1939.

"Agnelo Macedo é o tipo do conformista, mesmo quando descreve infelicidades, ou menos que isso, inquietações de amor. E todo o lastimavel egoismo deste moço culmina com esse "Presságio", que é a da maior leviandade de sentimento e de pensamento."

Mário de Andrade

JAMIL ALMANSUR HADDAD — ORAÇÕES NEGRAS — Liv. Ed. Record — S. Paulo — 1939.

"Toda uma filosofia trágica da vida se evola destes versos, que nunca ficam no plano de puro devaneio poético."

Tristão de Ataide

NOBREGA DE SIQUEIRA — CANTO AO BRASIL NOVO — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1939.

"Nobrega de Siqueira tem neste volume de versos o seu melhor trabalho."

Lemos Brito

CLAUDIO TAVARES BARBOSA — A HORA INCERTA — Graf. Queiroz Breiner — B. Horizonte — 1939.

"Logo ao abrir este livrinho, depois dos clamores simiescos do sr. Araujo Jorge, um jorro de ar fresco entrou pela janela".

Tristão de Ataide

RENATO TRAVASSOS — MEUS FILHOS — Zelio Valverde Editor — Rio — 1939.

"Os sonetos que dedica aos seus filhos constituem um breviario educativo de uma ilibada perfeição moral. E fogem a todo acesso de lirismo, como a toda originalidade expressiva".

Tristão de Ataide

MAURICIO DE MORAIS — QUANDO AS ESTRELAS DESCEREM — Cultura Moderna — São Paulo — 1939.

"...esse é um estreante. Cem anos depois, dentro do ritmo frouxo do roupão moderno, ainda é o espírito de Casimiro de Abreu que enche os poemas dos mais modernos dos nossos estreantes de hoje."

Tristão de Ataide

IDALINA PEÇANHA DIAS — QUANDO AS ÁRVORES FLORESCEM... — Liv. do Globo — Porto Alegre — 1939.

"eis a jovem poetisa riograndense, apresentada pelo sr. Érico Verissimo, tambem canta em surdina e naquela linha de simplicidade cotidiana e nostalgica que Ribeiro Couto lançou na origem da poesia moderna. Há mesmo um traço típico da poesia de Ribeiro Couto, os estados de chuva, dessa chuva que é um elemento tão grande de recolhimento e melancolia — que volta sempre nos poemas da sra. Idalina Peçanha Dias."

Tristão de Ataide

CIRO SILVA — *CANTOS DO PAÍS DAS ARAUCARIAS* — Empr. Gráfica Paranaense — Curitiba — 1939.

"Se o sr. Nobrega da Siqueira se interessa particularmente pelo Brasil humano — este se comove com a natureza brasileira e de modo especial com os veneraveis pinheiros do Paraná."

Tristão de Ataide

CALAZANS DE CAMPOS — MARCHA HERÓICA — São Paulo — 1939.

"Tem certa força de estro e de expressão. Não é poeta de conta-gotas, que precise aproveitar tudo o que escreve para encher volumes. Parece ter algum dom poético, se bem que ainda bastante convecional.

Tristão de Ataide

VINICIUS DE MORAIS — NOVOS POEMAS — José Olimpio Editor — Rio — 1939.

"O sr. Vinicius de Morais, com estes importantes NOVOS POEMAS, firma, creio que definitivamente, o seu lugar entre os grandes poetas do Brasil contemporâneo."

Mário de Andrade

CID FRANCO — À PROCURA DE CRISTO... — 2.a edição — José Olimpio Editor — Rio — 1939.

"Esta procura de Cristo" é fruto de um grande e sincero sofrimento, de uma depuração muito alta e muito interior."

Tristão de Ataide

Romances:

RAQUEL DE QUEIROZ — AS TRÊS MARIAS — José Olimpio Editor — Rio — 1939.

"Em todo o caso, "As três Marias" da sra. Raquel de Queiroz me parecem uma das obras mais belas e ao mesmo tempo intensamente vividas da nossa literatura conteporânea."

Mário de Andrade

MARQUES REBELO — A ESTRELA SOBE — José Olímpio Editor — Rio — 1939.

"Deu-nos Marques Rebelo, com a "Estrela Sobe," um livro forte e impressionante. Excelente pela técnica, pelo estilo, pelo equilibrio do seu desenvolvimento. Romance cheio de lirismo, cheio de música. A vida de uma menina que sonhava ser estrela de rádio; e que consegue um dia, ao preço do seu corpo."

Almir de Andrade

JOSÉ LINS DO REGO — RIACHO DOCE — José Olímpio Editor — Rio — 1939.

"... RIACHO DOCE é um belo romance, sem dúvida alguma, um livro legivel, com algumas páginas de força estraordinária. Mas nada acrescenta à obra do sr. José Lins do Rego."

Carlos Lacerda

ÉRICO VERISSIMO — VIAGEM À AURORA DO MUNDO — Liv. do Globo — Porto Alegre — 1939.

"Li a critica facciosa do sr. Tristão de Ataide em torno deste livro e fiquei admirado de como ainda há gente que acredita e dá fé aos escroques da cultura nacional. Esta obra de Érico Verissimo merecia da critica indigena melhor acolhida e repercussão. Trata-se de um livro admiravelmente arquitetado, escrito numa linguagem simples e saborosa, surpreendente mesmo".

Lobivar Matos

ANTÔNIO CONSTANTINO — A CASA SOBRE AREIA — José Olímpio Editor — Rio — 1939.

"Nos tumultos das letras contemporâneas, sacudidas pelas insistencias dos anuncios e envenenadas pelas cumplicidades dos elogios mutuos, quan do os escritores, mais ou menos anêmicos, cortejam cartaz a todo o preço, vale a pena louvar os que se apresentam armados apenas com os elementos que as circunstâncias lhes concederam. É o exemplo do romancista de A CASA SOBRE AREIA, livro que surge para indicar a presença de alguem."

Elói Pontes

DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ — FLORADAS DA SERRA — José Olímpio Editor — Rio — 1939.

"A verdade é que a nossa literatura de ficção conta com mais uma criadora de força. FLORADAS DA SERRA nos põe em contacto com uma romancista que tem uita coisa ainda para dizer."

José Lins do Rego

OMER MONT'ALEGRE — VILA DE SANTA LUZIA — Vecchi Editor — Rio — 1939.

"... Perde-las-á porque não lhe falta antenas de analista. Sobram-lhe qualidades de observador, que sabe encontrar o sentido humano dos fenômenos sociais. Sem isto dificilmente os romancistas conseguem criar alguma coisa."

Mário de Andrade

EMIL FARHAT — CANGERÃO — José Olímpio Editor — Rio — 1939.

"Até que enfim a Zé Olímpio lançou o tão esperado romance do jornalista mineiro. Fará sucesso de critica e de livraria? Não importa. O que importa é que CANGERÃO é um romance de linha, forte, expressivo, cheio de vida, de vida miseravel; cheio de sombras, de sombras esguias de sofredores, de criaturas que se arrastam pelo mundo fredores, de criaturas que se arrastam pelo mundo, melhor, uma vida mais limpa e mais vida."

L. M.

GUILHERME DE FIGUEIREDO — 30 ANOS SEM PAISAGEM — 1939.

"Seu livro é uma reação contra o mau gosto."

Menotti del Picchia

OTÁVIO DE FARIA — OS CAMINHOS DA VIDA — José Olímpio Editor — Rio — 1939.

"Dentre os nossos escritores católicos ou que tendem para o catolicismo, o sr. **Otávio de Faria** é dos mais combativos e a todo momento a sua obra de teorista assume as mais leais coragens de panfleto."

Mário de Andrade

CRUZ CORDEIRO — UMA SOMBRA QUE DESCE — Cultura Moderna — São Paulo — 1939.

"Gostei imensamente deste belo romance. A sua arquitetura e a sua essencia deleitam qualquer espécie de leitor. Principalmente, o ótimo assunto que escolheu. Eu já não acreditava muito na medicina, e quando fechei o romance do sr. Cruz Cordeiro, não sabia mais o que pensar sobre ela."

Lobivar Matos

TELMO VERGARA — ESTRADA PERDIDA — José Olímpio Editor — Rio — 1939.

"O sr. Telmo Vergara acaba de produzir com "Estrada Perdida" o mais importante dos seus livros."

Mário de Andrade

JOSÉ CÂNDIDO DE CARVALHO — OLHA PARA O CÉU, FREDERICO — Vecchi Editor — Rio — 1939.

"Tanto mais que o livro é vasado numa linguagem boa, suave, de excelente estilo, muito colorida."

Mário de Andrade

HUGO DE VERLAINE — A PEQUENA DA ESCOLA DE DANSA — Rio — 1939.

"Nota-se nestas páginas a pressa de acabar e fica-se pesaroso porque o autor que bem conhecemos, tem talento para apresentar trabalho de muito mais folego, e com o sabor litérario que este não possue."

Haroldo Daltro

DE SOUSA JUNIOR — ENQUANTO A MORTE NÃO VEM — Liv. do Globo — Porto Alegre — 1939.

"Este livro foi alvo de algumas criticas injustas. E no entanto não merecia. De Sousa Junior é um escritor límpido e simples. Não tem pretensões de genealidade, nem faz alarde do seu talento."

Lobivar Matos

CIRO MARTINS — ENQUANDO AS AGUAS CORREM... — Liv. Globo — Porto Alegre — 1939.

"A cena final é muito bela e reveladora de que desse autor que apenas ensaia as más forças, há qualquer coisa que esperar".

Tristão de Ataide

GUILHERMINO CESAR — SUL — José Olímpio Editor — Rio — 1939.

"O romance social do sr. Guilhermino Cesar vem ocupar um posto todo particular no gênero, ultimamente tão em voga entre nós, pondo em prosa de ficção pela primeira vez no Brasil, a vida das minas...".

Tristão de Ataide

FRAN MARTINS — POÇO DE PAUS — Edesio Editor — Fortaleza — Ceará — 1939.

"Esse romance do sr. Fran Martins representa, a meu ver, um grande progresso sobre o seu anterior — "Ponta de Rua."

Tristão de Ataide

JOSÉ VIEIRA — ESPELHO DE CASADOS — Liv. José Olímpio — Rio — 1939.

"O romance do sr. José Vieira é a prova patente de que se pode fazer uma obra de arte literaria, e um romance que se passa em Copacabana, sem nunca perder a linha e mantendo-se num nivel de alta sobriedade, sem prejuizo do interesse e da emoção."

Tristão de Ataide

VIANA MOOG — UM RIO IMITA O RENO — Liv. do Globo — Porto Alegre — 1939.

"Eis aquí um romance notavel que deveria ser distribuido de graça a todos os verdadeiros brasileiros de todas as idades, a pesar do sr. Tristão de Ataide e de outros sociologos da mesma marca..."

Lobivar Matos

Contos, novelas e crônicas:

JOEL SILVEIRA — ONDA RAIVOSA — Ed. Rumo Ltda. — S. Paulo — 1939.

"O sr. Joel Silveira acaba de publicar um livro delicioso de contos, com "Onda Raivosa". Ele tem o senso poético das coisas e sabe ressaltar bem dos casos e das almas dos personagens, o elemento de poesia, com muita delicadeza e um tom de humorismo carinhoso, sem sombra de perversidade."

Mário de Andrade

DIAS DA COSTA — CANÇÃO DO BECO — Ed. Rumo Ltda. — S. Paulo — 1939.

"Livro bem triste o do sr. Dias da Costa, livro de um revoltado sincero, mas ainda um pouco simples, contra o crime da vida tal como se desenrola no mundo."

Mário de Andrade

ELIAS DAVIDOVICH — UNS HOMENS QUE ERAM DEUSES — Vecchi Editor — Rio — 1939.

"Se o sr. Elias Davidovich fosse mais cuidadoso, tivesse mais vontade artística, capaz como foi dessa página (a cena da entrega da mulher do barbeiro ao freguês) teria feito talvez um grande livro."

Mário de Andrade

JORGE AZEVEDO — O DIÁRIO — Rio — 1939.

"O Diário" é prenuncio quasi seguro de que o autor vai produzir coisas muito melhores. O sr. Jorge Azevedo deve continuar, porque é uma inteligência criadora em louvavel periodo de inquietação produtiva."

Harold Daltro

DARCI AZAMBUJA — A PRODIGIOSA AVENTURA — Liv. do Globo — Porto Alegre — 1939.

"Já conhecia este contista através seus magni-

ficos contos de "No Galpão". E foi com enlevo e carinho que devorei esta "Prodigiosa Aventura" e as demais que tambem são deliciosas. Pode-se dizer mesmo, com segurança, que, no gênero, o sr. Darcí de Azambuja é um dos mais importantes escritores do Brasil".

Lobivar Matos

REINALDO MOURA — NOITE DE CHUVA EM SETEMBRO — Liv. do Globo — Porto Alegre — 1939.

"Excelentes, as três novelas que o poeta Reinaldo Moura enfeixou neste volume. E que leitura cativante a deste poeta nebuloso e suave!"

Lobivar Matos

JOÃO LIRA FILHO — O AMOR REBELDE AOS CÓDIGOS — Pongetti — Rio — 1939.

"Com estas crônicas interessantes o sr. João Lira Filho deu-nos um livro saboroso."

Lobivar Matos

SAMPAIO JUNIOR — TEMPESTADE — Tip. Cupolo — S. Paulo — 1939.

"Compõe-no crônicas escrita de um fôlego, e que por isso mesmo saem vibrantes, nervosas, não raro com brilho literário".

Lemos Brito

LUIZ JARDIM — MARIA PERIGOSA — José Olímpio Editor — Rio — 1939.

"Não creio que venha a ser escritor de grande fôlego. É corredor de pouca distância, ao que parece. Mas no que corre, corre bem".

Tristão de Ataíde

ALFREDO MESQUITA — A ÚNICA SOLUÇÃO — José Olímpio Editor — Rio — 1939.

"Se me perguntarem qual a qualidade dominante nesse escritor paulista eu diria — a virtuosidade. Há escritores dominados pela pena e outros que a dominam. A essa segunda categoria pertence, sem qualquer dúvida, o sr. Alfredo Mesquita. É um racionalista, um habilíssimo manejador de emoções, um analista sutil, um virtuose".

Tristão de Ataíde

DAVID F. SERRA — À SOMBRA DOS MARACUJÁS — Soc. Brasileira Imprensa — S. Paulo — 1939.

"Basta a amostra. Que de artifícios e coisas procuradas! Não há aí nenhuma espontaneidade, tudo cheira a atitudes escolhidas, como em moda no tempo do romantismo. Há correção na prosa, mas falta-lhe naturalidade".

Elói Pontes

Biografias, ensaios e criticas:

HERMES LIMA — TOBIAS BARRETO — (A época e o homem) — Cia. Ed. Nacional — 1939.

"...E o livro do Prof. Hermes Lima, como contribuição crítica definitiva que é, vem dar à obra do serjipano um novo relevo que a nuança da sombra em que vivia mergulhado para banhá-la na luz das coisas vivas e presentes."

Moacir Verneck de Castro

NELSON ROMÉRO — OS GRANDES PROBLEMAS DO ESPÍRITO — José Olímpio Editor — Rio — 1939.

"Ensaios do gênero deste aparecem poucas vezes entre nós".

Almir de Andrade

CELSO MARIZ — EVOLUÇÃO ECONÔMICA DA PARAÍBA — União Edit. — João Pessoa — 1939.

"Este livro pode ser considerado como uma fonte bastante util de informações, referentes à história da Paraíba.

Almir de Andrade

ASCENDINO LEITE — ESTÉTICA DO MODERNISMO — A Imprensa — Paraíba — 1939.

"Trata-se de um livrozinho bastante injusto etc. sobre o movimento modernista.

Mário de Andrade

NELSON WERNECK SODRÉ — PANORAMA DO SEGUNDO IMPÉRIO — Edit. Nac. — S. Paulo — 1939.

"Não se espere nesse livro de ensaios qualquer interpretação nova, ou qualquer documento. É tudo equilibrado, de um equilibrio morno, nem certo nem errado, nem bom, nem mau, apenas sabido".

Carlos Lacerda

LUIZ PAULA FREITAS — PERFIL DE MACHADO DE ASSIS — Pub. do Centro Carioca — Rio — 1939.

"Entre os volumes aparecidos por ocasião do centenário do mestre Machado de Assis, este é o mais desprentencioso e mais humilde. O seu autor procurou analisar a vida e a obra do mestre

em periodos curtos para os associados do Centro Carioca e o fez com êxito."

Lobivar Matos

ALVARO LINS — HISTÓRIA LIT. DE EÇA DE QUEIROZ — Edit. José Olimpio — Rio — 1939.

"Lançou (a livraria José Olimpio) a um tempo o nosso primeiro grande estudo crítico sobre Eça de Queiroz e proporcionou à literatura brasileira, umas das estréias mais importantes e expressivas que nelas se registraram em qualquer época".

Osorio Borba

ORVACIO SANTAMARIA — CESAR — Pongetti — 1939.

"Não conheço o primeiro livro do escritor, mas este "Cesar" está feito com mão muito segura em descrever e conhecimento real do assunto".

Mário de Andrade

MANOEL ANSELMO — POESIA DE JORGE DE LIMA — Ed. do autor — S. Paulo — 1939.

"Jorge de Lima merecia bem, pelo seu alto valor e pelos problemas que desperta a sua complexa personalidade, o ensaio que lhe dedicou Manoel Anselmo".

Mário de Andrade

CARLOS DANTE DE MORAIS — A INQUIETAÇÃO E O FIM TRÁGICO DE ANTERO QUENTAL — Liv. do Globo — Porto Alegre — 1939.

"Trata-se muito de uma bem feita e bem coordenada descrição do drama psicológico e intelectual do grandíssimo poeta".

Mário de Andrade

JOÃO NEVES — DOIS PERFIS — Pongetti Rio — 1939.

"O tribuno gaucho, reune, agora em livro as duas conferências que realizou sobre o propagandista da República e o autor do "Rei Negro".

Jaime de Barros

BRUNO DE ALMEIDA MAGALHÃES — O VISCONDE DE ABAETÉ — Edit. Nacional — S. Paulo — 1939.

"O autor, que é um escritor lúcido e elegante, soube conter a sua admiração de molde a não comprometer a biografia".

Lemos Brito.

MANOELITO DE ORNELLAS — VOZES DE ARIEL — Liv. do Globo — Porto Alegre — 1939.

"O livro é uma pequena, mas valiosa contribuição ao estudo da atual literatura riograndense."

Tristão de Ataide

MÁRIO CASASANTA — MACHADO DE ASSIS, ESCRITOR NACIONAL — Separata — Fed. Acad. de Letras do Brasil — Rio — 1939.

"O sr. Mário Casasanta não procurou, aliás, percorrer todos os lados do obelisco. Quis apenas defender a sua obra da acusação de pouco nacional. E o fez com um conhecimento agudo da mesma e um complexo de simpatia que, a meu ver, se tornou extremado e tambem unilateral."

Tristão de Ataide

CÂNDIDO JUCÁ (filho) — O PENSAMENTO E A EXPRESSÃO EM MACHADO DE ASSIS — Ed. Civilização Brasileira — Rio — 1939.

"É um interessante "ensaio de estilistica" em torno do grande estilista que foi o autor do Memorial de Aires".

Tristão de Ataide

HELOISA LENTZ DE ALMEIDA — A VIDA AMOROSA DE MACHADO DE ASSIS — Liv. Central — Rio — 1939.

"É uma modesta homenagem a essa admiravel figura feminina que foi o anjo da guarda do grande escritor torturado pela enfermidade e pelo temperamento — Carolina".

Tristão de Ataide

ALVARO PENAFIEL — GERAÇÃO DECISIVA — Schmidt ed. — Rio — 1939.

"Seu livro é como que um manifesto. E tambem extremamente expressivo do que pensa e quer a mocidade de hoje... Foi ele para mim uma revelação."

Tristão de Ataide

WILSON LINS — ZARATRUSTA ME CONTOU — Tip. Naval — Baía — 1939.

"O livro tem todos os defeitos. É pessimamente escrito. Este jovem mostra que virá a ser al-

guma coisa um dia. Pois o seu livro tem todos os defeitos, exceto um — a mediocridade".

Tristão de Ataide

Historia:

LEONCIO CORREIA — A VERDADE HISTÓRICA SOBRE 15 DE NOVEMBRO — Imprensa Nacional — Rio — 1939.

"O sr. Leoncio Correia andou, porem, bem avisado, publicando esta obra, na qual, ao lado de sua própria contribuição, exhumou dos arquivos e dos jornais, os depoimentos de autorizados escritores, políticos e militares, inclusive do ínclito Benjamin Constante..."

Lemos Brito

AFONSO E. TAUNAI — HISTÓRIA DO CAFÉ NO BRASIL — Vols. de I a VII — Pongetti — Rio — 1939.

"Não conheço obra sobre café mais importante do que esta. Mas é pena que o ilustre sr. Afonso E. Taunai não tivesse um pouco mais de paciência para burilar as esplendidas páginas desta obra, utilíssima para os futuros estudiosos da economia nacional".

Lobivar Matos

JOÃO DORNAS FILHO — A ESCRAVIDÃO NO BRASIL — Civ. Brasileira Edit. — Rio — 1939.

"Trata da escravatura negra sob todos os seus principais aspectos, embora de modo resumido e sintético. É uma fonte de informações util ao estudioso."

Almir de Andrade

LEONCIO CORREIA — A VERDADE HISTÓRIA SOBRE 15 DE NOVEMBRO — Imprensa Nacional — Rio — 1939.

"A verdade histórica sobre o 15 de Novembro" é um documento precioso, cheio de notas inéditas e que nos apresenta o marechalíssimo tal qual ele deve ser visto e o 15 de Novembro tal qual, de fato transcorreu".

Harold Daltro

NUTO DE SANTANA — S. PAULO HISTÓRICO — Dep. de Cult. — S. Paulo — 3º Vol. — 1939.

"Eis uma obra que se está tornando monumental, com as suas já para mais de mil páginas de texto e documentos sobre a minha ilustre cidade natal".

Mário de Andrade

OTÁVIO TARQUINIO DE SOUSA — HISTÓRIA DE DOIS GOLPES DE ESTADOS — José Olímpio — Rio — 1939.

"O livro do sr. Otávio Tarquinio de Souza, alem de rico em observações felizes, é uma fonte de sugestões.

Mário de Andrade

TOBIAS MONTEIRO — HISTÓRIA DO IMPÉRIO. O PRIMEIRO REINADO — Tomo 1 — F. Briguiet & Cia. — Rio — 1939.

"Falta um pouco de mistério a essas páginas, implacavelmente iluminadas, do princípio ao fim dos seus capítulos. Falta talvez um pouco de poesia e de incerteza. Heresia talvez, dizer isso a um historiador que tem a maior das qualidades — conciência da veracidade, o sentido do concreto, o amor dos fatos".

Tristão de Ataide

DONATELO GRIECO — NAPOLEÃO E O BRASIL — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1939.

"Nele reuniu o jovem Donatelo Grieco vários estudos históricos em torno de figuras ligadas ao grande corso ou a ele próprio e muito particularmente ao plano incontestavel, por parte de alguns dos seus fiéis refugiados na América, de o fazerem evadir de Sta. Helena, para ser um super-Bolivar das Américas..."

Tristão de Ataide

AURELIO PIRES — HOMENS E FATOS DO MEU TEMPO — Cia. Ed. Nacional — S. Paulo — 1939.

"Seu diário é um documento tão util para a história mineira do seu tempo, como espelho fiel de um homem de bem. E os homens de bem são ainda uma das poucas coisas que nos reconciliam com a vida."

Tristão de Ataide

Diversos:

DJALMA BATISTA — LETRAS DA AMAZONIA — Liv. Palácio Real — Manaus — 1939.

"Aquí está um livro excelente".

Elói Pontes

DANTE COSTA — ITENERARIO DE PARIS — Cia. Ed. Nacional — S. Paulo — 1939.

"Paris mereceu bem mais este seu cronista, que soube lhe desvendar as imagens mais puras e lhe completar a grandeza complexa que decorei, ainda menino, assim que me despertaram maiores curiosidades do mundo e entrei em luta com a virtude".

Mário de Andrade

RENATO KEHL — PAIS, MEDICOS E MESTRES — José Olimpio Editor — Rio — 1939.

"É tambem outro livro de carater popular. O aütor ventila problemas de educação e de hereditariedade, formulando conselhos aos pais sobre educação e meios de corrigir os defeitos das crianças".

Almir de Andrade

HUGO BETHLEEN — VALE DO ITAJAÍ — JORNADAS DE CIVISMO — José Olimpio — Edt. — Rio — 1939.

"Obra de documentação social acerca de questões de grande importância nacional, esse livro se recomenda pelo seu próprio conteudo".

Almir de Andrade

SANTA ROSA — O CIRCO — (1º Prêmio de Concurso de Lit. Inf. do M. de Ed.) Ed. por Desclee de Brouwer — Rio — 1939.

"Santa Rosa aprimorou os recursos de sua esplendida imaginação de pintor. Apresenta-nos sete grandes quadros, estampados a várias cores, acompanhados de comentários postos ao alcance da percepção infantil. Esses quadros são excelentes".

Almir de Andrade

GASTÃO PEREIRA DA SILVA — VÍCIOS DE IMAGINAÇÃO — José Olimpio Ed — Rio — 1939.

"Trata-se de um livro popular, que indica os meios práticos de corrigir certos vícios de imaginação".

Almir de Andrade

IVAN LINS — MÉDIA — A CAVALARIA E AS CRUZADAS — Conferências — Edt. Bras. — 1939.

"O sr. Ivan Lins realiza esta coisa hoje tão rara no Brasil: a firmeza das idéias, o respeito de si mesmo... Desde, portanto, que se encare com análise critica essas conferências elas constituem um dos mais interessantes trabalhos ultimamente divulgados no Brasil".

Carlos Lacerda

PANDIÁ CALOGERAS — AS MINAS DO BRASIL E SUA LEGISLAÇÃO — 2ª ed. Cia. Edt. Nacional — São Paulo — 1939.

"Estamos diante de uma obra fundamental para o estudo de minas no Brasil, sua distribuição, classificação e rendimento, realizada por um técnico de indiscutivel capacidade, que consagrou sua vida ao estudo de problemas básicos da economia nacional".

Jaime de Barros

MARIA ESOLINA PINHEIRO — SERVIÇO SOCIAL — Infância e Juventude Desvalidas — A. Coelho Branco Fº — Rio — 1939.

"No seu livro, escrito com simplicidade e clareza a senhora Maria Esolina Pinheiro, Assistente Técnica Social do Laboratório de Biologia Infântil do Juizo de Menores do Distrito Federal, encara o problema sob o ângulo de sua especialidade. As investigações pessoais que realizou no exercício do seu cargo permitem-lhe fixar observações de enorme interesse sobre a família, a habitação, a alimentação, a maternidade, a proteção e a infância."

Jaime de Barros

ATILIO MILANO — PANEGÍRICO DA MORTE — Schmidt Editor — Rio — 1939.

"Poeta de estranha sensibilidade, o sr. Atilio Milano vem de publicar um livro em que é constante a preocupação da morte em meio de páginas, heterogeneas e por vezes desconexas".

Jaime de Barros

NELSON ROMÉRO — OS GRANDES PROBLEMAS DO ESPÍRITO — José Olimpio — Editor — Rio — 1939.

"Neles mostra o autor sua grande autoridade no assunto, em que nenhum leigo atualmente o sobreleva, em nossa terra".

Tristão de Ataide

ADELINO MAGALHÃES — PLENITUDE — Coop. Cultural Guanabara — Rio — 1939.

"O sr. Adelino Magalhães é um temperamento nervoso, exaltado, cheio sempre daquele "tumulto de vida" de um dos seus anteriores volumes. Escreve num estilo impossivel, como escreviam os maus prosadores simbolistas, abusando das reticencias, das maiusculas, dos pontos de exclamações."

Tristão de Ataide

Movimento Editorial Gaucho

Silvio Diniz

O Rio-Grande-do-Sul teve, sempre, intenso movimento editorial mau grado todas as dificuldades com que topavam os autores.

Foi, porem, no ano de 1924, quando, na Livraria do Globo iniciou suas atividades o ilustre poeta Mansuetos Bernardi, que a intelectualidade sul-riograndense pôde dar maior expansão ao seu talento.

Surgiram, nessa época, até 1930, os nomes vitoriosos de Darcí Azambuja, Vargas Neto, Augusto Meier, Rui Cirne Lima, Reinaldo Moura, Atos Damasceno Ferreira, Ernani Fornari, De Souza Junior, Vieira Pires e outros, que, desse modo se juntavam aos já anteriormente editados na Globo e outras: Carlos Teschauer, S. J., Ambrosio Schupp, S. J., Roque Callage, João Maia, João C. de Freitas, Alcides Maia, Zeferino Brasil e varios mais.

Com a saída de Mansueto Bernardi da Editora Globo o movimento, porem, não parou. Surgiram mais, até a entrada de Erico Verissimo: Valter Spalding, Aurélio Porto, Olinto Sanmartin, Herbert Canabarro Reichardt, Castilhos Goycochea, Felix Contreiras Rodrigues, De Paranhos Antunes, Otelo Rosa e poucos mais.

Mas foi em 1935 que a Editora Globo aumentou, realmente seu movimento editorial, chefiada, já então, por Érico Verissimo que se lançára vitoriosamente com *Fantoches* e logo após *Clarissa*. Mas não só a Globo. Tambem a Livraria Selbach que iniciára, em 1931 seu novo movimento editorial com o livro *Farrapos!* (1.º vol.) de Valter Spalding e *Efemérides riograndenses*, de Clemenciano Barnasque aumentou seu movimento editando o 2º vol. de *Farrapos!* e mais: Zeferino Brasil, Martin Gomes, e muitos outros.

Tirando os anos de 1924/1925, ano algum alcançou o movimento editorial de 1939, unicamente de autores gauchos quer editados em Porto Alegre, quer em São Paulo, quer no Rio.

Para uma idéia, daremos, a seguir breve notícia sobre cada uma das obras editadas.

VOZES DE ARIEL, de *Manoelito G. de Ornelas* — Manoelito G. de Ornelas e um vitorioso. Depois de lutar com dificuldades várias embora já editado em S. Paulo e Porto Alegre, poeta e historiador, revelou-se com *Vozes de Ariel* critico sereno numa linguagem elevada e fina, bastante rara em matéria de crítica literária.

A MOÇA LOIRA, romance *de Otelo Rosa* — Com esse romance de costumes, crítica à sociedade porto-alegrense de nossos dias, Otelo Rosa revelou-se romancista completo. *A Moça Loira*, salvo uma ou outra passagem que se pode, e deve, pôr de lado, é um grande romance que aumenta o renome do já vitorioso autor de *Júlio de Castilhos* e desse delicioso *OS AMORES DE CANABARRO*.

ENQUANTO A MORTE NÃO VEM, romance de *De Souza Junior* — Esquisito esse romance! Esquisito e... nada confortador. De Souza Junior que em *Juca Ratão hidrófobo* se revelara ótimo narrador, com *ENQUANTO A MORTE NÃO VEM* se mostra romancista completo explorando, porem, um dos gêneros mais difíceis: o humor, o triste humor que tanta glória deu a Jonathan Swift e ao nosso inegualável Machado de Assis. É um romance pessimista, nihilista, cruel. A vida de um homem que, do mundo e da vida só gozou... amarguras. E daí o título: *ENQUANTO A MORTE NÃO VEM*, o sofrimento, a mágua, a desilusão constante do personagem cuja vida atribulada tem, para coroá-la, o cano do revolver do próprio filho voltado contra ele! É a vida desgraçada de quem não sabe vivê-la, de quem não sabe controlar-se, como tanta gente que por aí anda...

ENQUANTO AS AGUAS CORREM, romance de *Ciro Martins*. — Os *enquanto*, em 1939, tiveram boa cotação... Até Marte, *enquanto* não vinha, deu que falar... Mas, afinal, não veio aparecendo, porem, dois romances *enquanto*... se esperava a explosão das bombas européas.

Ciro Martins não é novo. *Enquanto as águas correm* não é livro de estréia embora nos dê tal impressão. Mas é um romance que se pode ler e que se lê com satisfação. O estilo de Ciro Martins é suave e vale tudo.

A PRODIGIOSA AVENTURA, contos de *Darcí Azambuja*. — O nome de Darcí Azambuja surgiu nos tempos que lá vão do Colégio Militar de Porto Alegre. Aliás, daqueles tempos de estudante alguns nomes que estrearam nas reuniões da "Cívica e Literária", venceram e são, hoje, populares. Entre eles o inditoso Valdemar Ripoll, companheiro de Darcí nas lides do Colégio Militar de há quinze anos.

Darcí Azambuja abandonando a carreira militar se dedicou ao direito e, em 1925, nos deu seu livro de estréia — *No Galpão*, — um livro que fez furor em todo o Brasil. Depois escreveu livros de direito, política e sociologia. E agora volta à ficção com *A prodigiosa aventura*, contos magnificos dos quais 3 de fundo histórico: "A Pena Roxa" que descreve episódio pouco conhecido da estada de D. Pedro I em Porto Alegre em 1825. "A prodigiosa aventura" que dá título ao livro é o outro e o terceiro se intitula "O Conquistador" — a vida do insigne martir do Rio-Grande

— o padre Roque Gonzáles de Santa Cruz. Mas, nesse número podemos incluir "Mestre Mota Pais", história de um mestre-escola na Porto Alegre — vida de 1809. Os demais, ficção pura, nada ficam a dever aos acima citados.

A prodigiosa aventura é, a nosso ver, o melhor livro de contos do ano.

NOITE DE CHUVA EM SETEMBRO, três novelas de *Reinaldo Moura*. — Lembra-nos esse livro as *Drei Novellen* de Tomas Mann. Não pelo assunto mas pela forma. Reinaldo Moura, jornalista fecundo, capaz de, ele só, como outrora Evaristo da Veiga, encher todo um jornal formato grande, é, tambem poeta inspirado, romancista e novelista. A obra de Reinaldo, infelizmente, está impregnada, como a de Érico Verissimo, de literatura norte-americana, literatura arranha--céu, literatura cimento-armado, interessante, não resta dúvida, mas pesada e nem sempre construida sobre terreno sólido... Para nós, o americano do norte o que tem de magnifico no ramo científico e histórico, tem de péssimo em matéria de arte. Pode ser que estejamos errados... pode ser... Mas o que podemos afiançar é que não nos cansamos de propagar a competência do Americano do norte no terreno cientifico e... desligamos o radio quando ouvimos o horrivel desencontro orquestral de um fox. A própria arquitetura é pesada e feia. Mas, voltemos ao nosso Reinaldo Moura: *Noite de chuva em Setembro*... O título é um tonto esquisito e tanto poderia ter sido este, como *ENQUANTO CHOVE NUMA NOITE DE SETEMBRO*, pois foi *enquanto* chovia que "eles" se "encontraram" e se deram em plena natureza num banco sob a copa de uma árvore: "Escuta a chuva caindo!... nós nunca mais esqueceremos esta noite de chuva, meu amor... — Esta noite de chuva, Luiza!"

A segunda novela intitula-se *Nevoeiro no Atlântico*. A terceira denominou-a o cantor de Outono — *A estranha aventura do poeta*. (Entre parênteis: Como os títulos, em 1939, se parecem! São os *enquanto*, são as *estranhas aventuras*... Que coincidência!!)

Estas três novelas de Reinaldo Moura são interessantes e, em verdade, revelam um temperamento. E, a pesar daquele quê ianqui são suavs, delicadas. *Noite de chuva em Setembro* é a melhor obra de Reinaldo Moura.

UM RIO IMITA O RENO, romance de *Viana Moog*. — O autor de *O ciclo de ouro negro* é, antes de tudo, ensaista.

E dos maiores do Brasil de hoje. Viana Moog pode, com destaque, figurar entre os grandes ensaistas do Brasil de ontem, talvez sem aquela cultura poliforme de um Cairú, de um Eduardo Prado, de um Joaquim Nabuco, de um Euclides da Cunha, os maiores ensaistas brasileiros, mas com o mesmo brilho e sem a paixão de José Verissimo, de Sílvio Romero, de João Francisco Lisboa e o dogmatismo de Tobias Barreto.

Depois de *Heróis da decadência*, *Ciclo do Ouro negro*, *Novas Cartas Persas* e *Eça de Queiroz e o século XIX*, Viana Moog tentou o gênero romance com *Um Rio imita o Reno*. Recebido com entusiasmo, graças ao momento em que foi lançado, o romance de Viana Moog é, mau grado algumas falhas na técnica, o melhor romance do ano. Superior, mesmo, a Érico Verissimo.

Obra nacionalista, *Um Rio imita o Reno* mostra, ainda, e sobretudo, a pujança, o espírito sereno do magnífico ensaista de *O ciclo do ouro negro* e *Heróis da decadência*.

A justeza dos conceitos, a veracidade dos fatos, a crítica da sociedade germanizada, diriamos melhor: estrangeirizada, de certos pontos do Rio Grande do Sul — e do Brasil inteiro — foi apanhada com precisão fotográfica.

Não sendo, propriamente, romance de tese, é romance de pensamento e de arte, romance do Brasil brasileiro expulsando de seu seio os exdruxulismo de terras de alem-mar.

É um romance, ao contrário de todos os romances que se tem publicado "após guerra" no Brasil, isto é: de 1918 a 1939, que se lê com proveito intelectual e moral porque é, justamente, de pensamento, escrito com simplicidade, sem complicações de fórmulas e absoletismos doutrinários de racismos e reivindicações exageradas.

Romance sereno e patriótico, *Um Rio imita o Reno* é a grande obra do Brasil de hoje, cheio de vida e humor.

MACHADO DE ASSIS, — Aspectos de sua vida e de sua obra, de *Moysés Vellinho*. — Trata-se de uma conferência proferida por ocasião do centenário de Machado de Assis na sessão solene promovida pelo Estado do Rio Grande do Sul.

Como Viana Moog, Moysés Vellinho popularizado com o pseudônimo Paulo Arinos, é um grande ensaista. Infelizmente esparso por jornais e revistas. É um preguiçoso intelectual, um despreocupado. Seus trabalhos, notaveis na forma e no fundo, quanta gente que anda por aí pavoneando talento de... panelinhas e igrejinhas "literarias" desejariá firmá-los visto o autor lhes não dar maior apreço! Quanta!

Mas, graças a Deus, alguma coisa nos deu agora, em volume, ainda que mirrado, o ensaista e crítico Paulo Arinos. Rejubilemos.

A conferência Machadiana de Moyses Vellinho é uma das melhores, quiçá a melhor das que conhecemos da aluvião de obras, ensaios e estudos sobre o magnifico autor de *Quincas Borba*.

Não tem, pelo menos, caturrices impertinentes o que já o recomenda. Salientamos isso a parte do pensamento e do conhecimento que revela ter o conferencista da obra de Machado, que estudou com serenidade e elevação. E de seu estudo concluiu, com precisão: a obra de Machado de Assis é, sobretudo, "um monologo soturno, recitado a meia voz", porque foi a obra de um herói que "sofreu sozinho sem repartir com ninguem o seu triste quinhão"...

VIAGEM A AURORA DO MUNDO, romance da prehistória por *Erico Verissimo*. — O nome do autor de *Música ao longe*, a nosso ver sua melhor obra, é popular em todo o Brasil e, sem favor, o mais completo romancista brasileiro a pesar de, como já dissemos, usar e abusar da "técnica" do romance americano, como Reinaldo Moura.

Explorando o terreno puro da ficção, publicou, alem de *Fantoches* (conto) e uma série de obras para a infância, os romances, *Clarissa*, *Música ao longe*, *Um lugar ao sol*, *Caminhos Cruzados* e *Olhai os lírios do Campo*. No terreno da história, romanceou a *Vida de Joana d'Arc* e nos dá, agora, no cientifico, um romance da prehistória à moda de H. G. Wells — *Viagem à Aurora do Mundo*.

A prehistória, prestando-se para o fantástico e o romanesco é, contudo, perigoso pelas inumeráveis teorias traçadas em torno daqueles tempos, algumas perigosas e francamente subversivas. — Érico Verissimo, com sua lúcida inteligência, mas sem ter podido examinar todos os prós e contras às diversas teorias, enveredou para o darwinismo para explicar o homem sobre a terra. Ora, nesse ponto, foi infeliz o ilustre romancista pois apegou-se, de certo modo, a uma doutrina já caduca, tão caduca como a da geração expontanea.

Sabido é hoje, e já se não pode pôr em dúvida que a concepção de um ser diferente não permanecerá: voltará no fim da 2ª ou 3ª geração ao primitivo. Entretanto, querendo que o homem descenda do macaco, ou melhor, de um sêr intermédio jamais encontrado fóra das fantasias cientificas, é absurda. E absurda é, tambem, aquela outra que quer que um sêr "extra" que se teria extinto no fim do terciário, teria produzido dois sêres diferentes antes de desaparecer: o homem e o macaco.

No primeiro caso poderemos aplicar, tambem, a teoria inversa: o macaco é que descende do homem. Os métodos seriam os mesmos. Antiguidade? Não há diferença entre ambos. Não se encontram macacos mais velhos do que o homem.

Mas, toda essa teoria de Darwin, continuada, reformada, deformada e acomodada por discípulos e... pseudo-ateus, só tinha uma finalidade, tal como a da geração expontânea: abstrair da existência de um sêr superior, criador e animador de tudo quanto existe e vive — Deus.

Longe, porem, iriamos se quisessemos criticar aquí todo o complexo dessas doutrinas materialistas do transformismo, evolucionismo e expontaneismo, pois teriamos que estudar sêr por sêr anatômica, fisiológica e organicamente para chegarmos à conclusão: se o homem tivesse que descender de algum animal, esse animal não seria o macaco, mas sim o porco. O organismo do suino é o que mais se assemelha ao do homem em tudo, ao passo que o macaco só tem de *parecido com certos homens*, a aparência externa o que, para o caso evolucionista ou transformista pouco influiria.

Mas voltemos ao romance de Érico Verissimo: — Não fosse esse ponto perigoso e outras pequenas partes apoiadas nas doutrinas materialistas de Darwin, Haekel, Schlegel e outros, e o livro seria de real utilidade para todos, grandes e pequenos, ao passo que assim a ninguem poderá servir, pois quem conhece a matéria, não achará interesse numa teoria falsa mesmo na ficção e, quem nada entende da matéria terá noções erroneas. E é lastima, porque Érico soube dar aquelas coisas transcendentais

e complicadas explendida concatenação atraindo o leitor para aquele mundo fantástico e real em muito, ensinando a empolgante ciência paleontológica à qual dezenas e dezenas de sábios, e dos maiores, dedicaram toda sua vida.

Se Érico Verissimo quisesse fazer obra de real utilidade pública, deveria reformar a parte baseada nas teorias materialistas que aproveitou e, mesmo, com mais romantismo e agrado geral, aproveitar o que aquí no Brasil se descobriu no terreno paleontológico colocando até, como o fez Valter Spalding em artigo da Revista do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul, o paraiso terrestre no Brasil.

Fóra do Rio Grande do Sul, foram editados seis riograndenses: Souza Doca na Imprensa Militar, Fernando Callage em São Paulo, Olinto Sanmartin na Editora Nacional, Valter Spalding na Brasiliana, e André Carrazzoni na ditora José Olimpio.

LIMITES ENTRE O BRASIL E O URUGUAI, estudos do *coronel E. F de Souza Doca*. — O ilustre historiador Souza Doca, um dos maiores conhecedores de nossas coisas históricas divulga nas páginas desse seu livro toda a questão de fronteiras com a vizinha república do Uruguai, contradizendo uma teoria do eminente historiador uruguaio contra-almirante José Aguiar. Obra serena e magnifica, *Limite entre o Brasil e o Uruguai* merece a mais ampla divulgação.

SOCIOLOGIA CATÓLICA E O MATERIALISMO é o título de ensaios sobre a questão social de *Fernando Callage*. — Livro popular de orientação católica, trata Fernando Callage da questão social e operária apoiado nas encíclicas do Santo Padre Leão XIII. Livro dos melhores, foi, contudo, mal compreendido por muitos. Aliás não poderia deixar de assim ser pois as idéias de Fernando Callage, dentro da doutrina cristã contrariam profundamente, contrariam e zurzem.

CAMINHOS SECULARES, livro de viagens de *Olinto Sanmartin*. — As viagens são um encanto e, quando o viajante tem talento e nos lega suas impressões por escrito, deliciam a quantos o lêem. Olinto Sanmartin tem esse condão maravilhoso de transmitir, com fidelidade, suas impressões ao leitor. Por isso *Caminhos Seculares* ficará e será, sempre, lido com interesse e proveito. É um dos melhores livros de viagem ultimamente aparecido. Tem arte e tem pensamento — coisas que a muitos faltam, especialmente aos senhores das "igrejinhas" literárias...

A REVOLUÇÃO FARROUPILHA, história popular do decênio farroupilha, por *Valter Spalding*. — revolução farroupilha tem dado margem a verdadeira aluvião de livros. Nenhum, entretanto, nos dava a verdadeira história daquele épico decênio gaúcho. A obra de Valter Sparding incluida na famosa coleção Brasiliana veio preencher esse vasio dando-nos, em linguagem simples, a história do decênio farrapo.

IAIA BONECA — Comédia em 4 atos de *Ernani Fornari*. — Editado pelo Ministério da Educação essa magestosa e encantadora comédia de Ernani Fornari teve extraordinário êxito. É, aliás, da máxima justiça esse êxito, pois *Iáiá Boneca* é verdadeira obra prima da teatrologia nacional.

GETULIO VARGAS, por *André Carrazzoni*. — André Carrazzoni é um dos nossos maiores e melhores jornalistas alem de poeta parnasiano-simbolista e ensaista interessante. Dentre suas obras, porem, a mais notavel é *Getulio Vargas*. Carrazzoni compreendeu bem o eminente chefe da Nação traçando seu perfil com precisão e arte. Um grande e magnifico livro. O maior depoimento do momento.

No Uruguai foi traduzido, anotado e comentado um estudo de *Valter Spalding* sobre *A LAGOA DOS PATOS E O PORTO DO RIO GRANDE*. Trata-se da separata de um estudo histórico-geográfico sobre a grande lagoa do sul e o porto do Rio Grande do Sul, no qual Valter Spalding, depois de tratar do nome da lagoa, estuda sua formação, abertura do porto e a construção dos formidaveis molhos. Esse estudo, publicado pela primeira vez na Revista Marítima Brasileira, foi traduzida para a Revista Militar y Naval do Uruguai pelo Contra-Almirante José Aguiar que o anotou e comentou longamente transformando-o num novo trabalho. Essa tradução, notas e comentários feitos pelo distinto professor, historiador e geografo Contra-Almirante José Aguiar é verdadeira consagração de Valter Spalding. É de lastimar-se que esse trabalho não tenha tido mais ampla divulgação e que a separata, aliás luxuosa tenha sido de bem poucos exemplares.

Esse o movimento editorial de autores gaúchos. Entretanto dezenas de outras obras saíram dos prélos de Porto-Alegre, especialmente da Editora Globo.

Entre esses mencionaremos as seguintes traduções de obras de renome da literatura estrangeira:

Sem olhos em Gaza, de Aldous Huxley;

A Arte de pensar, de Ernest Diment;

Felicidade, de Katherine Mansfield;

O Principe Otto, de R. L. Stevensou;

Memórias de um caçador de homens, de Emil Ludwig;

Servidão Humana, de W. Somerset Maugham;

As Artes, de H. van Loon;

Três Titans, de Emil Ludwig;

Lord Jim, de Joseph Conrad,

algumas reedições (Clarissa, Música ao longe, Caminhos Cruzados e outros) e mais uma série de romances policiais.

ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA

1940

N.° 4

APRESENTA:

TRABALHOS ORIGINAIS

BIBLIOGRAFIA

CRITICA

INQUÉRITOS

RESENHA DAS ARTES NACIONAIS

INFORMAÇÕES

PANORAMA DO MOVIMENTO INTELECTUAL

Organizado por:

NEWTON BELEZA — LOBIVAR MATOS
CARLOS DOMINGUES — JOEL SILVEIRA
MARIO LINHARES — SANTA ROSA
PAULO WERNECK E PELOS EDITORES

PONGETTI

C

CONFIAMOS ao julgamento e à apreciação da inteligência brasileira, a que particularmente nos propomos servir, mais um número deste Anuário, o 4.º na ordem de seu aparecimento.

* * *

Tudo fizemos pelo aperfeiçoamento de nossa publicação, quer no sentido material, quer no de ordem intelectual. Dentro do critério que nos traçámos desde o início, o ANUÁRIO continúa alheio aos interesses de grupo ou facções na política literária. A todos os valores franqueamos as nossas páginas, obedientes tambem ao programa inicial de não só divulgar os nomes já consagrados como de revelar os novos, balanceando todas as atividades artísticas e literárias nacionais, contribuindo sobretudo para o intercâmbio intelectual dentro e fora do país.

* * *

Para servir aos leitores, procuramos melhorar sempre as suas secções, dilatando cada vez mais os seus objetivos. Pretendemos por em prática uma crítica literária DIRIGIDA, com feição nova, atendendo separadamente às especialidades ou gêneros mais característicos, como a poesia, o romance, o conto, o teatro, os assuntos sociais e pedagógicos; e, se não pudemos realizar os nossos propósitos, foi porque falharam com a sua colaboração aqueles a quem atribuimos a execução de determinadas tarefas.

* * *

A aceitação que temos tido e os aplausos que nos chegam de toda parte no país e no estrangeiro, traduzem de modo expressivo e confortador a significação e a utilidade de nosso empreendimento. Fica para nós o que ele representa de esforços e, até de sacrifícios, para chegarmos enfim ao termo a que ora chegámos.

* * *

As circunstâncias e dificuldades do momento, por motivo de ordem universal que está no conhecimento de todos, acarretando uma crise não só no preço como na própria aquisição do papel, impuseram-nos uma redução no número de páginas do presente volume. Fomos, por consequência, obrigados a privar-nos do aproveitamento de artigos de nossos colaboradores, sempre ótimos trabalhos, adotando para isso o critério imparcial de sacrifício dos mais extensos e dos que nos foram remetidos com atraso.

* * *

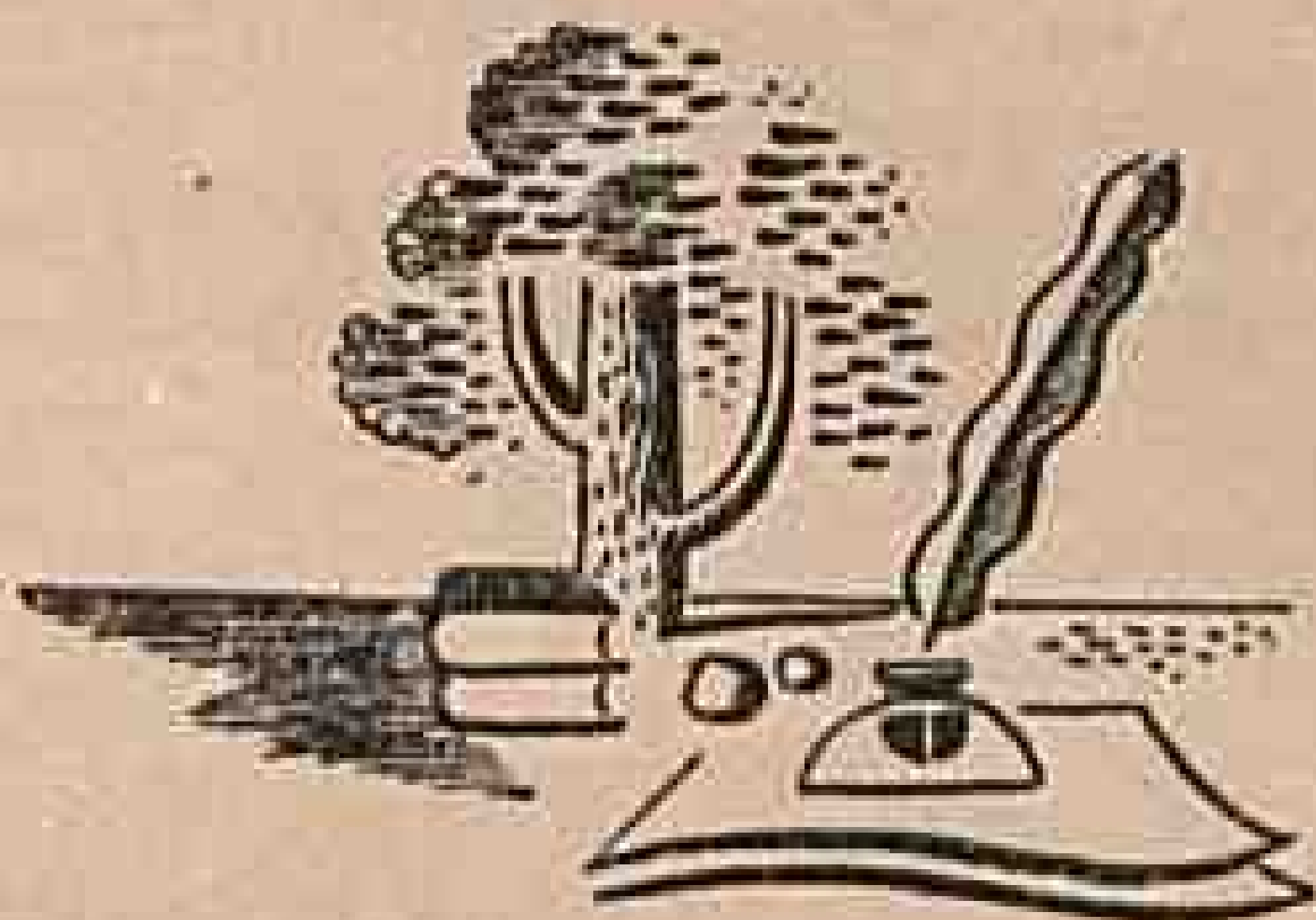
E, desta vez (ao contrário do que nos tem acontecido em anos anteriores, quando mencionámos com prazer a cooperação de fora que nos foi eficientemente prestada), desta vez, — força é confessar — temos antes de felicitar-nos a nós mesmos pelo aparecimento de mais este número.

Nesta hora, representa isto um esforço a que nos aventuramos pelo desejo de continuidade na obra já encetada com tanto êxito, e para cuja subsistência só contamos, no momento, com a compensação que nos advier da acolhida maior de um público já feito e cujos aplausos nos criaram tambem a obrigação moral de atendê-lo.

Os Editores.

Suma da Literatura Nacional

(De 1500 a 1940)

Afranio Peixoto

A escassez de cultura geral, mais que mal entendido nativismo, faz que nossos historiadores e os historiadores da literatura brasileira, considerem o Brasil como um "compartimento estanque", no espaço e no tempo, sem relações no mundo, vivendo vida própria e autônoma: o que nos sucede, sucede privativamente a nós, sem dependências, sem comunicações... Os historiadores "gerais" ainda não conseguiram omitir os três séculos coloniais e, por isso, esquivamente, Portugal, do lado de cá, ainda figura em nossa administração... Os historiadores literários, nem isso. E' a independência, desde 1500.

Por isso é que eles falam (Fernandes Pinheiro, Silvio Romero, Ronald de Carvalho, Arthur Mota...) de "formação", (desenvolvimento", "reforma", "transformação", "autonomia"... tudo dentro das fronteiras e apenas Ferdinand Denis considera "o carater que deve ter a poesia do Novo Mundo"; José Veríssimo a "primitiva sociedade colonial", e Silvio, Ronald, Mota, atentam, seguindo a formula de Taine, no meio, na raça, no momento. E' tudo. Mas esse tudo, aquí. A idéia do principiante, do incauto, é que inventamos tudo isto...

Nenhum país do mundo, menos da América, portanto o Brasil, podia ou pôde jamais ter história autonoma, independente do resto da terra. Em literatura imitamos, como é regra; desde os primeiros momentos, continuamos a imitar apenas, aquí e alí um talento a se distinguir da massa anônima dos imitadores, uma feição tradicional de arte, com seu colorido, sua sonoridade, sua expressão diferente, traindo a diversidade de uma natureza, que não é idêntica à européa. A América está longe da autonomia espiritual, e quando o tempo chegar de uma intensa cultura própria, continuará a tomar emprestado ainda e a dar emprestado, o que será sua contribuição e sua novidade.

Como Mr. Jourdain fazia prosa sem o saber, os nossos originais escritores, os dagora, os que estão agora mesmo cometendo os romances "fleuves" (até o nome indica), os romances "em série", infindaveis, estão imitando aos Georges Duhamel, os Jules Romain. os Marcel Proust, que imitaram D'Urfé e Mlle. de Scudery, do grnade século, sem contar os Alexandres Dumas e os Ponson du Terrail, que tinham a justificativa do folhetim... Estão imitando menos a Balzac, que achou um nexo para sua obra colossal, na "Comédia humana", (julgada, "desopilante" no Brasil, e até por academicos...) do que, — quem diria? — ao amaldiçoado Emile Zola... porque, imitando a pornografia de Celine, o sociologismo, o comunismo, o cienticismo, o filosofismo (ontem "histérico", hoje freudistico), os tomos sobre tomos... estão simplesmente imitando os Rougon — Macquart, "a história social de uma família no segundo império..." Zola, vai fazer cinquenta anos, que desapareceu, para resuscitar agora, e ser imitado aqui, sem o dizerem, sem o quererem... o que é mais interessante... Tal a força da... originalidade.

Portanto imitamos, não podiamos deixar de fazê-lo, durante os tres séculos coloniais, a Portugal, diretamente, e ao resto do Mundo, através de Portugal. Essa imitação foi, no século XVI, na era de 500, "clássica"; na era de 600, século XVII, "culta" ou culterana, ou gongórica, ou conceitista; na de 700, ou século XVIII, "arcádica". Clássico, culterano, arcádico... são sequências, poder-se-ía dizer: classismo e suas degenerações... degeneração preciosa, retorcida, complicada ou culteranismo, e retorno à simplicidade, mas adocicada, "naturalizada", se não natural, pastoril, ou arcadismo...

No Brasil essas modas chegariam com alguma demora, como é natural, pois se hoje quinze dias nos separam da Europa, naquele tempo seriam pelo menos tres meses.

Literariamente, para imitação, não seriam apenas três anos, senão, às vezes, trinta anos. Por exemplo o "Peregrino da América", do retorcido, precioso, culto, Nuno Marques Pereira, confessada a influência de Gôngora, Quevêdo, Montalvan, do século anterior, vem a ser escrito em 1725. Como agora, na canícula de fevereiro, as belas damas do Rio e São Paulo exibem veludos e peles do gelado dezembro europêu...

Na primeira centúria, era dos 500, a nossa literatura, evidentemente, não seria nossa nem do Brasil, mas por adventícios, "sobre" o Brasil. Começamos com a "Carta" de Pero Vaz de Caminha, sobre o achamento da terra. Ao mesmo tempo a de Mestre João. Depois as "cartas" de Vespúcio, em italiano e latim, de imensa divulgação, pela Europa, a ponto de darem o batismo, do seu nome, à América. A narrativa de Pigafetta, o escrivão Magalhães, que esteve no Brasil, de passagem, no periplo do mundo. O "Roteiro" de Pedro Lopes de Souza. As "cartas" jesuíticas, de informação e para edificação nos colégios de Europa. A "Descrição" de Hans Sataden, em alto alemão. As "Singularitez", de André Thevet, como a "história" de Jean de Lery, em francês. As narrativas de Cardim. Finalmente o tratado de Gabriel Soares de Souza, que é já magnifico inventário do Brasil, no fim do século XVI.

Ao meio dos quinhentos (1549) tinham chegado os Padres de Santo Inácio, fundado escolas para os índios e filhos dos reinoes; missionavam aos adultos ignaros e corrompidos; ajudavam a fundar cidades, e a expelir os intrusos heréticos, que invadiram a posse portuguesa... Liam já Virgilio, o 2.° livro da "Eneida", na Baía, e havia aula de "casos", o que é já ensino secundário e superior. Em meio século, já ha uma artinha, de Anchieta, para o "grego", como chamavam à língua aborigene, impressa em 1595, livro de filologia. Já nos adros dos colegios se representavam autos: a "Pregação Universal", de Anchieta, inicia o teatro nacional. Já sermões nas igrejas: portanto, oratoria. Começamos pelos gêneros literários mais dificeis...

A "nossa" literatura, no século XVI, foi de informação "sobre" o Brasil. Já ha, porem, José de Anchieta, autos, sermões, gramática "do" Brasil...

O segundo século, o XVII, começa com a "Prosopopéa," de Bento Teixeira, de 1601: é um débil canto, em oitava rima, à imitação de Camões. Mas é laivado de nativismo, o que, em reinol, é muito grato. As informações "sobre" o Brasil continuam. As de Claude d'Abbeville e de Yves d'Evreux, sobre o Maranhão, são em francês. Um reinol entusiasta escreve os "Dialogos das grandezas do Brasil", ênfase que vai durar sempre, se não fôr eterna, como raça e clima ajudam. A "história" de Frei Vicente do Salvador, historiador "de chinelos", em vez de coturnos, dirá Capistrano de Abreu, terá eiva nativista. Os sermões dos pregadores se multiplicam, de Antonio de Sá, de Eusebio de Mattos.

Sobrevem Gregório de Matos, a sátira desbocada ou mascavada, de mão em mão, ou de boca para ouvido, satisfazendo a torpeza ou a concupicência. A fama era tal, que o Governador na Baía, D. João de Lencastre, estabeleceu, na portaria do paço, livro público onde se inscreviam as poesias do poeta. Daí tantos códices, dele recopiados; daí tantas poesias de outrem, que admiradores ignaros emprestaram ao "boca do inferno". Silvio Romero quis fazer dele "o gênio criador da literatura nacional"... Era apenas um imitador de Gôngora e Quevedo, às vezes até plagiário, como mesmo, no seu tempo, foi acusado, com a nota apenas original da calaçaria colonial. Gregório de Matos é, principalmente, um documento etnográfico, da Baía, no século XVII.

Por fim, entre todos e o maior de todos, o gênio solar de Antônio Vieira, que aqui chegou menino, aqui se formou em Olinda e no

Baía, para deslumbrar Portugal, Roma, corte, igrejas, príncipes, pontífices, por onde andou. Dos anos que viveu, 50 viveu no Brasil e, os mais, cuidando do Brasil. Seus sermões, a mór parte nossos; nossas quasi todas as suas cartas; sofreu no Maranhão o martírio, por nós, foi o primeiro e o maior dos clássicos brasileiros... Sua obra, sermões e cartas, é uma obra prima de variedade e de estilo...

O terceiro século, o XVIII, a era de 700, inaugura a literatura brasileira, por brasileiro. E' de 1705 a "Música do Parnasso," do baiano Botelho de Oliveira, parte em castelhano, parte em português, comédias e silvas, mas, uma destas, a "Ilha de Maré," já tem ênfase nacionalista. O Padre Antonil escreve a "Cultura e opulência do Brasil", tão cheia de uteis informações, que o governo suprime a edição, na Metrópole. O Padre Amaral comete um poema latino, sobre o açúcar. O "Peregrino da América" vem a lume em 1728, e são sucessivas edições, que dão renome a Nuno Marques Pereira. Outro atrazado gongórico é o historiador Rocha Pitta. As "Reflexões sobre a vaidade", de Matias Aires, já são livro de moral filosófica, de grande correção de forma e pensamento.

Finalmente o Brasil, ou a Colônia, já na Metrópole, em Portugal... Antonio José, o judeu, fez-se aplaudir na comédia, na ópera, como se dizia, em Lisboa. Esse riso doe e faz inimigos. Pouco importa, esquecendo Gil Vicente, diga-o Roberto Southey, o primeiro cômico português, a Inquisição o garrotea e queima, pelo vício de origem que teve Jesus... Ficou, porem, a obra e o fato literário novo: o Brasil já em Portugal...

Virão outros. Santa Rita Durão, que estuda em Coimbra, aí pronunciará oração de sapiencia. Escreve o "Caramurú", imitando Camões, mais descritivo que heróico. A chamada "pleiade mineira" era, ao sabor do tempo, arcádica. Gonzaga, português, faz "liras", a Marília de Dirceu, como se dizia ele, pastor, falando-lhe de azeite, mel, ovelhas, leite, lã... em Minas Gerais. Claudio Manoel da Costa faz belos sonetos camonianos e um fastidioso poema a Vila Rica. Alvarenga Peixoto e outros teem mais fama, pelo martírio de conjurados políticos, do que pelas letras. José Basílio da Gama entoa um belo canto, o arcadismo cantando as pelejas das missões do "Uraguai", em que a política se mistura aos hispano-luso-guaranís do sul. Um verso, imitado de Petrarca, dá a Lindoia morta, aureola clássica... "tanto era bela no seu rosto a morte..."

Insisto, foram estes séculos, de 1500, 1600, 1700 e tal, de imitação à Metrópole, e, por ela, ao resto da Europa, Espanha, Itália, França... Imitação "clássica" e a suas degenerações, "culterana" e "arcádica". O classicismo derivara, filosoficamente, da filosofia racional de Descartes: as idéias inatas, a lógica dominante, a razão imperando, como no Mundo Greco-Romano, que o Renascimento tinha evocado... O poema épico, a ode, o soneto, o discurso, a tragédia... tinham regras e cânones... A liberdade era a pessoal do talento, dentro da ordem da retórica, que tinha os seus gêneros inviolaveis...

Mas, de Locke virá outra filosofia. Não se herdam idéias. Ao nascer, a alma humana é "táboa rasa," onde os sentidos vão inscrevendo sensações, que serão idéias. Daí o aforismo de Condillac: "nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu." A razão inata é substituida, nessa filosofia, pelo "sensualismo", e, então, domina a sensibilidade. "Gefuehl ist alles," o sentimento é tudo, dirá Gœthe. E', na política, a Revolução. Na literatura a revolução literária, ou o Romantismo...

O "classismo" derivava dos clássicos greco-romanos, que o Renascimento ressuscitara da Antiguidade, seguindo a "razão" cartesiana: o "Romantismo", de romance ("romanice," romanicamente ou neo-latino, isto é, não mais greco-romano, porem românico ou pré-francês, pré-inglês, pré-alemão, ou, em uma palavra "medieval") é, pelo sentimento, seguindo o sensualismo lockeano, desordenado e revolucionário...

Nesse fim de século XVIII, na Europa (e já nos Estados Unidos) começam as revoluções políticas... que se derramarão pelo XIX século adiante.

Rousseau e Mme. de Stael serão acusados de pai e mãe do romantismo literário... Schlegel, Schiller, Gœthe... na Alemanha; Walter Scott, Young, Byron... na Inglaterra; Chateaubriand, Hugo, Lamartine... na França; Manzoni, Monti, Foscolo... na Itália;

Garrett, Herculano, Castilho... em Portugal... são nomes de precursores e de românticos vitoriosos.

Com as idéias da independência política, que nos chega em 1822, a imitação literária deixará de ser à Metrópole e à ex-Metrópole, para ir buscar "fora", ou diretamente, a imitação, em França... e, depois, nos outros países... um pouco. (Mas Portugal, a metrópole, tambem faz o mesmo, de modo que nos encontramos... Mas, agora, ha diferença: a nossa importação já não tem intermediário...)

José Bonifácio, o patriarca da nossa independência política, desterrado em França, publica em Bordeos, em 1825, as "poesias de Américo Elisio", citando Ossian, (o falso Homero romântico), Lord Byron, adotando o verso branco, sem rima, cantos libertários à Grecia e à Polonia... constituindo-se, assim, o primeiro dos nossos românticos.

O favor de Pedro II ao mediocre Gonçalves de Magalhães, oposto a José de Alencar, no seu indianismo, fez-lhe conferir a primazia romântica... Ora os "Suspiros Poéticos" são de 1837 e em 39, no prefácio do seu "Antonio José," ele mesmo declarava: "não sigo nem o rigor dos clássicos nem o desalinho dos românticos... faço as devidas concessões a ambos, ou antes faço o que entendo e o que posso..."

José Bonifácio é, em 1825, o primeiro dos nossos românticos, com os seus versos que vieram do arcadismo moribundo, para o romantismo nascente. Walter Scott, Byron... já citados; Young, traduzido... "Desvairados versos" chama-os ele, "usando da mesma soltura e liberdade que vi novamente (recentemente) praticadas por um Scott e um Byron, cisnes de Inglaterra..." "Quem folgar de marinismos e gongorismos ou de "pedrinhas no fundo do ribeiro" dos versistas nacionais, de freiras e casquilhos, fuja desta mingoada rapsódia, como de febre amarela", termina o prefácio, datado de 27 de fevereiro de 1825, em Bordéos. Portanto, romântico conciente e declarado inovador.

O romantismo, "medieval" na Europa, procurou na América um substitutivo histórico. Não havia "catedrais", "castelos", "gardingos", "Euricos"... os índios foram invocados. Aliás o indianismo "americano" é europeu, com "Atala" e os "Natchez," de Chateaubriand. Contudo, os "Mohicanos," de Fenimore Cooper; o "Guaraní" de José de Alencar; os "Timbiras," de Gonçalves Dias... são cavalheiros andantes, corteses, nobres, como os da Europa romântica... Falsificamos as cronicas de três séculos, que nos mostraram, como os estudos de ainda hoje, que nos atestavam um índio antropófago, promíscuo, nômade, sem indústria nem arte, sujo, preguiçoso, intemperante, traiçoeiro, para fazer deles heróis e castelans... Peri é um fidalgo; I — Juca — Pirama um cavalheiro; Iracema, divina mulher amorosa e amante... O indianismo foi o nosso medievalismo romântico... Contudo, Alencar, nas "Minas de Prata", romance colonial, tentou sua "Notre Dame de Paris", ou o seu "Monge de Cistér", o seu romance histórico.

Os poetas, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu... imitam românticos franceses e, às vezes lusitanos. Castro Alves terá sua nota, própria, nacional, adotando duas causas "brasileiras": a Abolição e a Republica. E' o tema "original" ou autônomo, propriamente nosso, que aparece.

Ao sensualismo filosófico e revolucionário sucedeu a paz reacionária, da Restauração, da Santa Aliança, com a filosofia eclética de Cousin, com o hegelianismo, na Alemanha.

Mas, veio Comte e o Positivismo. Na ciencia este produziu o "experimentalismo" de Claude Bernard. Literariamente, procede dele o realismo de Balzac e Flaubert, ou o naturalismo de Zola: daí o romance "experimental", as "tranches de vie", a poesia cientifica...

De França, a moda chegou ao Brasil. Júlio Ribeiro cometeu a "Carne". Veio Aluizio Azevedo, com a sua fieira de nús romances naturalistas. A veia acabaria em Adolfo Caminha. Augusto de Lima foi belo poeta "cientifico".

Mas isso suscitou reação, em França. Na poética, o parnasianismo reagiu, pela forma, arte pela arte, com Gautier, Banville, Heredia, Lecomte de Lisle... contra os excessos românticos, sobretudo de Hugo, que persistia... No Brasil apareceram Alberto de Oliveira, Raimundo Corrêa, Olavo Bilac.

Ao lado, no romance psicológico e urbano, Machado de Assis, admirando Sterne e Merimée, fez seus romances consagrados. Raul Prompéa produziu o singular — o "Ateneu".

Taunay continuou romântico, de "Innocência" ao "Encilhamento".

O simbolismo, que em França reagiu, em Verlaine, Moreas... e, em Portugal, Eugenio de Castro, deu aqui Cruz e Sousa, os irmãos Guimarães, Alphonsus e Archangelus, e outros poucos. O século acabou com a República, a crise econômica que a trouxe e lhe seguiu...

O XX século, a era de 1900, se abre com "Os Sertões", de Euclides da Cunha (1902), que chamam a nossa curiosidade para o interior do país. O romance regional triunfa. Mas vem a Grande-Guerra, é a decepção da cultura, os moldes tradicionais quebrados, a renuncia mesma a qualquer regra. A poética perdeu a rima e o ritmo, e morre, provisoriamente. Os romances não são mais românticos, porem, reportagem sociológica, ou confissão freudiana, principalmente interessantes aos que os escrevem.

As livrarias passaram a ter mais importância que os autores: os jornais literarios propagam "casas editoras" — Grasset, Albin Michel, Larousse... — "Candide", "Gringoire", "Nouvelles Littéraires" — da preferência a escritores... Tambem aqui. Como o câmbio é vil e proibitivo, os livros europeus são raros e caros, e a inflação de papel nacional promove a inflação literária do papel impresso. Nunca se imprimiu tanto, se escreveu tanto, se leu tanto, a julgar pelo bom negócio dos tipógrafos, dos editores, dos livreiros... já ameaçados pela concurrência.

Contudo, as "traduções", cada vez mais frequentes, vão dizendo que não nos bastam os livros nativos... Traduzimos literatura, romances ingleses e americanos... ensaios franceses e alemães. História e ciencia. Até livros clássicos estamos traduzindo... Ainda bem.

A verdadeira universidade é o livro. Desesperançados de um governo autônomo que, em mais de um século, mantem tres quartas partes da população analfabeta, vamos, nós próprios, nos educarmos pelo livro... Talvez chegue ele às massas. Talvez lhes seja a cartilha de "a" "b" "c"... Ha uma pequena "elite", auto-didata, que se esforça por produzir, imitando ou procurando não imitar... Mas, não dissimulemos, ha, sobretudo, acima de tudo, a crise da cultura, crise permanente, a imensa maioria de país que não sabe ler nem escrever... como incitar a produção literária?

Mas ha, tambem, a crise econômica, de onde a social e a política. O vale do Paraiba esgotou-se... Crise social, da Abolição. Crise política, da República. Sobreveio o surto do nordeste de São Paulo. Mas veio a crise da borracha e a superprodução do café, a crise de preço do unico produto exportado: veio a revolução de 30. Dela ainda não saímos, 1940.

A literatura é sorriso da sociedade. Como sorrir na tormenta e na preocupação? Nas épocas de crise a literatura é pragmática, utilitária: história, ensaios, ciencia... Esperemos a bonança, com a ficção e a poesia...

A Poesia de Augusto Frederico Schmidt

João Lyra Filho

O acaso conspira em proveito da minha alegria, sempre que Augusto Frederico Schmidt entrega aos leitores um livro de poemas.

O "Canto da Noite" veio a público em preciso momento de evasão, para mim, quando o destino me havia concedido a ventura de uma viagem longa, através de mares distantes. Então, a poesia serena do cantor fora a minha companhia das horas soltas, perdidas entre céus de mundos "nunca dantes navegados".

Agora, de novo, vencendo distâncias continentais, a minha solidão se enriquece, à luz impávida da "Estrela Solitária".

Desconfio que esse poeta seja o que mais tenha sido penetrado pela minha atenção, em sobressaltos. Nenhum outro se fez meu companheiro em horas assim, tão silentes, tão iguais, tão fecundas, tão feitas para a compreensão.

Em verdade, a poesia de Augusto Frederico Schmidt não é capaz de promover a aparição de belezas para a alma que se entendia no desdobramento simultâneo das atividades utilitárias. Ao contrário, quanto mais longe do tumulto humano, mais agudos os clamores que desperta. Quanto mais fecundo o silêncio que limita o derredor, maiores festas, maiores magias distribue. E, quanto mais em silêncio à gente se revela, mais encantamento na revelação.

Assim, ao longo dos mares enquanto se orienta o navio, com destino à America do Norte, sentindo esbater-se de encontro ao papel em que escrevo a fúria do temporal desfeito, ainda recolho, mais nitidas e mais constantes, as pausas sonoras desses poemas, trabalhados pelas emoções ilustres do poeta, como se fossem vagas e velhas vozes de afastados ventos.

Como estimaria que a paz interior deste momento se espelhasse nos cenários da vida, refletindo-se tambem sobre as distâncias que o homem precisa vencer para vitoriar-se, conciliando, no seu pensamento, as verdades da razão e da crença!

Augusto Frederico é poeta para ser lido longe da vida que tumultua no trabalho feito para a ambição. Os ritmos, os movimentos, os compassos da sua música não dormem nas figuras da pauta. O estro, nessa poesia, é riqueza que se subtrai das pausas de cada verso lido.

Aparentemente, os motivos dos cantos veem a esmo, na dôr ou na alegria das estrofes. Mas só aparentemente, porque o que se pressente é o incontido desejo de ocultar de cada dor ou de cada alegria as profundezas e os excessos, como se fosse possivel instituir-se o nivelamento desses instantes extremos, para se fazer possivel a compreensão, sem retalhos de alma, sem pieguismos, sem afetação!

Na poesia de Augusto Frederico é um prazer limitar-se a distância da alegria, para que possa o espírito situar-se, numa atitude de aristocrácia, vestindo, na música, as intimidades psicológicas da alma em contato com a vida exterior.

A emoção do leitor para, um instante, em cada verso, para sentir a poesia desdobrar-se alem de cada verso, prendendo a alma muito mais longe da claridade, que deixa ver, do que da sombra, que faz pensar!

"Mãos que nunca afagaram uma creança,
Mãos que nunca semearam,
Mãos que não colheram uma flor!"

A poesia treme, em cada canto, deixando, nas reticencias da sua timidez, um movimento de alma, que espaireceu no canto!

"Oh! o sossego do lampião na mesa tosca
E o sorriso do amor sobre os postais da pa-
[rede!"

Despovoada de acentos profanos, despojada de ansias insatisfeitas, sem ambição de luz, serena, mansa, singular,

"Como a lanterna balançando nas pequenas
[estações passadas,
Nessa longa viagem sem termo."

Molhada nas penas secretas da alma e aque-

(Conclue no fim do ANUARIO)

O ROMANCISTA DE MINAS

Jorge Amado

Emil Farhat publicou "Cangerão" e Minas Gerais ganhou o romancista pelo qual tanto ansiava. Há muito que Minas pela voz dos seus intelectuais clamava pelo romancista que a colocasse ao lado do Nordeste, do Rio-Grande-do-Sul, de São-Paulo, no movimento de romance que se processa no Brasil. Enquanto ele não aparecia, os meios inteletuais de Minas desesperavam. Chingavam pelas suas revistas e seus suplementos literários os romancistas de outros Estados, eram todos uns burros, uns primários, romancista só mineiro. Pena é que não havia. Inventaram uns quantos. Vários poetas, contistas, ensaistas, experimentaram o romance. Fizeram uma burra força, tiveram centenas, milhares, milhões de artigos mineiros. "Ah!, diziam esses artigos, acaba de aparecer o grande romancista do Brasil. Fulano não é igual a estes nordestinos pornográficos, a estes riograndenses populistas. Ele é o equilibrio, o verdadeiro romance, o gênio enfim. Finalmente o Brasil tem um grande romancista". Os artigos eram nesse tom. Tom de voz altíssimo, de quem, não estando perfeitamente convencido do que afirma, grita para convencer os outros. Mas, passado o momento da gritaria, os próprios mineiros não estavam satisfeitos com o seu último grande romancista. No fundo o homem não era ainda. E caíam então, novamente, no desespero, no chingamento dos nordestinos e dos sulistas. "Burros, primários, pornográficos". Romancista só os de antigamente: "Ah! o velho Machado..." E assim por diante.

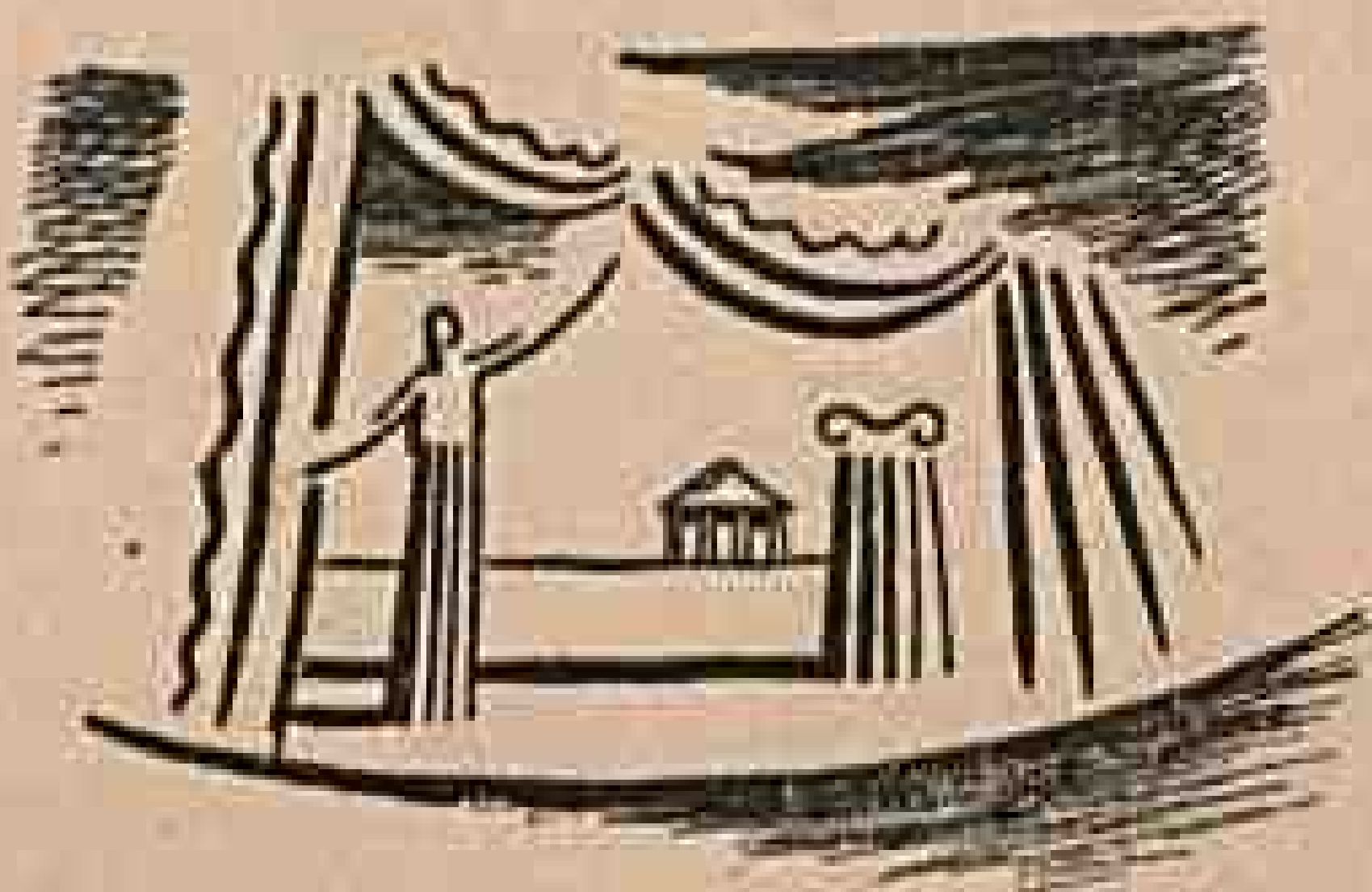
Esses tempos passaram. Agora os intelectuais mineiros, as suas revistas, os seus suplementos literários, vão ficar amaveis e mais justos. Já não chamarão os nordestinos e os sulistas de cavalos metidos a romancistas. Porque aquilo tudo era pena de Minas não ter dado ainda um romancista como José Lins do Rego, Oswald de Andrade ou Érico Verissimo. Agoro tudo mudou. É primavera em Minas, Minas tem um romancista de verdade. Emil Farhat com "Cangerão" coloca o seu Estado Natal entre os produtores de romances onde a vida não é simples invenção e a lingua falada pelos homens do romance não é um pastiche dos modernistas.

Romance annunciado há alguns anos, "Cangerão", não constituiu propriamente uma surpresa para aqueles que já conheciam a literatura que Emil Fahrat espalhava pelas publicações literárias do país. Esses já sabiam que se encontravam diante de um escritor seguro e forte, de uma inteligência agil, um homem que não estava longe dos outros homens numa torre de marfim. Nesse particular, nessas qualidades, o romance de estréia de Emil Farhat não constituiu surpresa.

Onde o estreante nos apresentou qualidades novas foi propriamente na construção do seu romance. Diálogo muito bom e muito natural todo ele. Raros os momentos em que o diálogo nos aparece um pouco forçado. Quasi sempre ele é admiravelmente bem construido. Como os ambientes, esses pobres e tristes ambientes em que se movem "Cangerão" e outras desgraçadas crianças.

Emil Farhat assume com esse romance enormes compromissos perante o público brasileiro. Mostrou que poucos sujeitos estrearam até hoje, nese país, com tamanhas possibilidades. Não quer isso dizer que seu romance seja uma simples promessa. Longe disso, "Cangerão" foi uma das mais belas realidades do ano literário de 1939. O que acontece é que, dentro dessa realidade existem promessas de romances ainda maiores. Esse jovem mineiro se revela desde agora um poderoso criador de homens e de vida.

O TEATRO NO BRASIL

ALVARO MOREYRA

Especie de saci-pererê, de cobra-grande, de boi-tatá, até de bôto. O invisivel. Espírito, talvez. Espírito que, se já esteve encarnado, depois se soltou e nunca mais foi possivel lhe dar corpo. Hereditariedade na boca. (Nesse fenômeno do teatro no Brasil, a boca tem uma enorme importância).

Ele estava aquí quando os portugueses nem sonhavam que iam perder o caminho para as Indias. Fernão Cardim ainda pôde observar nos habitantes primitivos, embora melancólicos:

"...teem seus jogos, principalmente os meninos, muito vários e graciosos, em os quais arremedam muitos generos de passaros... logo de pequeninos os ensinam os pais a bailar e cantar e os seus bailos não são diferentes de mudança, mas é um contínuo bater de pés estando quedos ou andando em redor e meneando os corpos e a cabeça e tudo fazem por tal compasso, com tanta serenidade, ao som de um cascavel feito ao modo dos que usam os meninos em Espanha, com muitas pedrinhas dentro ou umas certas sementes de que tambem fazem muito boas contas, e assim bailam cantando juntamete, porque não fazem uma coisa sem outra, e teem tal compasso e ordem, que às vezes cem homens cantando e bailando em carreira, enfiados uns atrás dos outros, acabam todos juntamente uma pancada, como se estivessem todos em um logar. As mulheres bailam juntamente com os homens, e fazem com os braços grandes gatimanhas e momos, principalmente quando bailam sós. Guardam entre si diferenças de vozes em sua consonância, e de ordinário as mulheres levam os tiples, contraltos e tenores".

Com a chegada dos descobridores, o teatro assim, sob o sol ou a lua, se escondeu no mato, se acabou. Apenas os velhos mestres, os tangarás, continuaram com ele. Os tangarás não foram civilizados. A antropofagía só persistiu entre os humanos que, junto dos brancos e dos pretos, nos tornaram amarelos tambem. Comédia para os que comiam. Tragédia para os que eram comidos. Ou o contrário. Nos espetáculos do prazer e da dor, nunca se sabe ao certo quem está gozando e quem está sofrendo. São opiniões pessoais.

A Primeira Missa foi a primeira representação propriamente dita nestas paisagens.

Em seguida, os viajantes entraram em cena. Com autos atamancados de memória ou trazidos escritos, davam funções de vez em quando. Os Jesuitas, logo que se instalaram na "terra larga e grossa", perceberam que possuiam no teatro uma força maravilhosa de destruição e edificação. O padre João de Azpicueta fixara na conciência geral o instinto do teatro, oculto mas agindo na geral inconciência. E José de Anchieta, com peças que "instruiam, educando", tentou educar e instruir os filhos do Brasil. Do Brasil sem nome e do Brasil batisado. Os filhos que havia e os filhos que houve. Manoel da Nobrega, conta um cronista:

"...zelava com cuidado sobre as indecências das igrejas, e para impedir as que se cometiam em alguns atos que se representavam nelas,

introduziu, com parecer dos moradores de São Vicente, um muito devoto, que se chamava Pregação Universal, porque servia para todos, Portugueses e Indios, e constava de uma e outra lingua: concorria a ela toda a Capitania, e representava-se na véspera do Jubileu do Dia de Jesus, que à volta do ato ganhava grande número de povo."

Para o teatro armado na aldeia de São Lourenço, em Niterói, ancestral dos pavilhões, José de Anchieta compôs um repertório incontavel. Perdeu-se. Sobraram vários enredos. Do *Mistério de Jesus*, por exemplo: Três diabos tentam aniquilar a nascente aldeia pelo pecado, e consumir a fé dos seus moradores. Opõe-se São Sebastião a tais intentos. Auxiliado por São Lourenço e o Anjo da Guarda, trava luta, vence os inimigos. Outros personagens do mesmo mistério: o urubú, a tataurana, o gavião, o cão-grande, uma chusma de anjos. Sobraram pedaços de textos. Sem consequências.

O mau tempo, que nunca abandonou o teatro no Brasil, já comparecia. Na *Vida do Padre José de Anchieta*, Pedro Rodrigues informa que, antes da festa da Circuncisão, em São Vicente, a Capitania inteira se aglomerou para assistir a uma obra do irmão poeta:

"Senão quando, sobrevem uma grande tempestade e sobre o teatro se põe uma nuvem negra e temerosa, que despedia de si algumas gotas bem grossas, com que a gente começou a se inquietar e despejar os logares em que estava..."

A nuvem ficou para sempre. As gotas continuaram caindo. A gente não encheu mais os logares. O teatro prosseguiu a sua carreira de trovões e chuvaradas, conseguindo, adeante, a colaboração do fogo.

Nos colégios, nas vilas, nas cidades, nas aldeias, os missionários montavam coisas iguais de tamanhos diversos, diálogos, eglogas, pastorais, comédias, dramas, tragedias, na lingua da matriz, na lingua da filial, e em castelhano e em latim. Autores principais: Anchieta e Manoel do Couto.

Manuel Botelho de Oliveira, o padre Borges de Barros, Salvador de Mesquita, os dois primeiros da Baía, o último do Rio, escreveram, no século VII, respectivamente: *Hay amigo para amigo* e *Amor, Engano, e Zelos*, comedias; *Constância e Triunfo*, comédia; *Demetrius*, *Perseus*, etc., tragédias.

Mais tarde, no Rio-de-Janeiro, a vida teatral se iniciou com a Casa da Ópera, do padre Ventura, sumida nas chamas.

(Nem con tantos padres nos alicerces, o teatro se permitia aos padres subsequentes. No dia 11 de Janeiro de 1840, o "Jornal do Comércio" publicava uma carta, assinada Z..., com este princípio: *"Não gritou tanto no deserto aquela voz que no "Diario do Rio" de hoje, 9 de Janeiro, se levantou contra os párocos e pregadores que frequentam os teatros, com público e geral escândalo..."* e este fim: *"...grite a voz do Diario contra os clérigos teatreiros, e grite cada vez com mais força; o menos que daí pode resultar é que alguns deles se envergonhem; e se não forem castos, ao menos não deixarão de ser cautos.")*

Um certo Manoel Luiz, lusitano, ex-soldado, tocador de fagote, que "bailava com muita graça", obteve licença para edificar outra Casa da Ópera, próxima do palácio do vice-rei, o marquês do Lavradio, "homem amigo de divertimentos e moças". Não se revelou o motivo, mas a entrada na Casa da Ópera era proíbida aos estrangeiros. Talvez para que não pensassem mal do país ainda criança. Agora que o país está um homem e é dirigido por nacionais, as autoridades não tomam providências semelhantes contra as "casas das óperas" que conservam a nossa única tradição teatral.

Na sombra, os negros faziam o seu teatro, misturado com as origens e os encontros do cativeiro. Dali surgiu o Carnaval.

Com a vinda de D. João VI ganhou o Rio de Janeiro o primeiro teatro grande: o Real Teatro de São João. A inauguração foi um acontecimento excitantíssimo, acontecimento só superado pelo incêndio que o destruiu numa noite de gala.

Então, informa Oliveira Lima: *"em todas as festas da corte, avultavam as récitas de gala. Nessa vida fluminense sem conforto mas com luxo, que este já despontara quando aquele ainda se não organizara; sem distrações inteligentes mas com exibições faustosas; atrazada e vistosa ao mesmo tempo, elas se assinalavam por darem-lhe a nota mais aparatosa. As modas inglesas, e francesas tinham-se ido introduzindo e apurando o gosto, e as fazendas caras eram realçadas pela profusão de jóias. Von Leithold diz que em parte alguma se podiam admirar tantos pedrarias como as que constelavam as damas brasileiras que assistiam aos espetáculos, de toucados emplumados, vestidos carregados de passames de ouro e prata*

e meneando leques decorados de pérolas e de outras pedras finas."

Os negociantes ricos organizaram uma sociedade dramática particular, com sala própria, ao lado do teatro São João. A sociedade dissolveu-se "por invejas, ciumes e enredos".

Grandjean de Montigni, por encomenda de Luiz de Souza Dias, negociante tambem e tambem rico, desenhou e construiu outro teatro, para récitas privadas.

É interessante verificar que a arte trazida aqui para a multidão, com intúitos de ensinamento, foi transformada depois, por uma classe nova na importância, em diversão para os socios apenas.

E é mais interessante verificar que os fidalgos exilados esqueceram, no clima da América, as opiniões terriveis que, ainda nos fins do século XVIII, conservavam, em Portugal, sobre o teatro. N'"A Morgadinha de Val-Flor", daquele Pinheiro Chagas assassinado por Eça de Queiroz com uma carta, — a peça mais representada no Brasil —, há uma cena que mostra bem o horror da gente nobre, lá, pelas coisas e pelas pessoas do palco:

"D. TEREZA: — *Quem lhe falou nessas coisas, menina? Não sabe que o teatro é um logar de perdição?*

"PEDRO PAULO: — *Tal qual. A caldeira de Pero Botelho.*

"D. TEREZA, grave e digna: — *Seu pai, menina, quando o seu dever de camarista do senhor rei D. José o obrigava a assistir a algum espetáculo no teatro da corte, voltava as costas para a cena e resava as suas contas.*

"PEDRO PAULO: — *Era um santinho, Deus lhe fale n'alma! Olha, sobrinha, os cômicos sempre é gente que se não pode salvar; não é verdade, padre-mestre?*

"FR. JOÃO INÁCIO, sentencioso: — *Distingo; os cômicos talvez possam, mas as cômicas não, que são instrumentos de Satanaz.*

"D. TEREZA: — *Por isso a nossa augusta soberana, a senhora D. Maria I, ordenou que no teatro da Rua dos Condes fizessem homens o papel de mulheres. Salvou a moral e a religião."*

Conversa com o fantasma de K. Mansfield

Erico Verissimo

Era tarde da noite e Feliciano, cansado, lutava com a tradução de "Prelude" de Katherine Mansfield. A seu lado o Anjo-da-Guarda cochilava, atirado em cima duma poltrona. (O Anjo-da-Guarda dos tradutores costuma cochilar com frequência nas horas de expediente...) Enquanto o amigo trabalhava gostava ele de ficar ali sentado, a ver gravuras de revistas antigas. Era um velho anjo gordo, bondoso e um tanto desiludido dos homens e do mundo. Fora guarda-costas dum general revolucionário (degolado por ocasião de um de seus imperdoaveis cochilos), dum sábio distraido e dum fiscal do imposto-de-consumo. Estava já aborrecido do ofício e sonhava com uma merecida aposentadoria que lhe permitisse ir viver num sítio retirado da cidade, em companhia de suas flores, de suas galinhas e de suas memórias...

A janela do gabinete de Feliciano dava para um terreno baldio de onde vinham os sons duma coral de sapos. O rádio tocava em surdina um "blue" gemebundo. Houve um instante em que o Anjo abriu os olhos e sua atenção sonolenta se dividiu entre o jazz e a saparia.

Quando não tinha mais com quem conversar, Feliciano costumava dirigir-se ao Anjo, se bem que o achasse muito antiquado de gosto e de idéias e pouquissimo interessado em arte e literatura.

— Acabo de fazer uma descoberta para mim muito importante, — declarou o escritor.

Nas pálpebras do Anjo o sono pesava toneladas.

— Sim?

— Creio ter encontrado a chave do segredo de K. Mansfield no que diz respeito aos homens...

O velho soltou um bocejo cantado.

— Sim?

— Em "Prelúdio" a Mansfield narra cenas de sua infância em Nova-Zelandia...

Lá estava o Anjo a cochilar... Feliciano sentiu-se mais só do que nunca. Como um banhista que pula na plancha e depois se precipita num salto ornamental, mergulhando na água da piscina, ele fez a sua cadeira girar espetacularmente e mergulhou de ponta-cabeça no silêncio.

— Bom... — fez o outro. — Vou dormir. Boa noite!

E se foi. Os sapos continuavam a coaxar. Bach ou Mahler? Conhecida soprano apitava uma aria mais conhecida ainda. A noite estava morna e sentia-se no ar um vago prenúncio de tempestade. Noite boa para acontecer alguma coisa de extraordinário — refletiu Feliciano.

De súbito voltou-se com a misteriosa conciência de que havia uma presença estranha naquele gabinete.

Quem era que estava sentado na sua frente, ali no canto sombrio, fora da zona luminosa que a lâmpada projetava na mesa? Fixou o olhar e aos poucos foi compreendendo... Katherine Mansfield tinha vindo. Era um milagre. Ou então alguma travessura do Anjo. Fosse como fosse, ele aceitava aquela visita, porque havia muito a desejava. E o curioso era que ele estava calmo: a respiração serena, normal o ritmo do coração. Katherine sorria para ele. Feliciano achou que devia dizer alguma coisa.

— Alô...

— Alô... — A voz dela era macia como o vento.

Os sapos tinham cessado de cantar e do alto falante saíam agora os lamentos quasi humanos dum violoncelo.

— Tocava violoncelo, não? — arriscou Feliciano. Ela sacudiu a cabeça numa confirma-

ção silenciosa. — Li isso não me lembro onde...

Outra vez o silêncio entre ambos, o silêncio como um mar morno e morto em que os corpos de ambos flutuavam como cadáveres de afogados. (De que naufrágio?)

— Só hoje descobri o seu segredo...

— Imagino!

— Tudo de repente ficou claro... Eu não sabia a razão de sua atitude para com os homens e para com o amor. Perdoe a ousadia. Não passo dum pobre tradutor, ao passo que a senhora... Permite que a trate por você? All rigth? Bom. Ao passo que você...

— Ao passo que eu sou um fantasma, não é isso?

— Oh... não! Talvês agora que está morta...

— Dizem que quando eu era viva não passava tambem dum fantasma...

— Fantasma não é bem a palavra exata. Fada, quem sabe...

Ela deu de ombros.

— Fada... Fastasma... No fim de contas tudo é a mesma coisa.

— Talvês...

— Mas... vamos ao segredo!

— Ah! Eu tinha notado que os homens de seus contos são em geral seres inferiores, ridiculos, quasi sempre vaidosos e egoistas... Depois, nenhuma de suas personagens chega a amar de verdade, a vibrar de paixão... Falo dessa paixão quente, sanguínea... permita que eu esclareça: carnal.

— Notou?

— Notei. E só hoje julgo ter descoberto a razão disso tudo. Não fica zangada se eu disser?

— Não. Pode dizer.

— Seu pai.

— Meu pai?

— Sim. O Stanley Burnell desse "Prelúdio" autobiográfico. Um homem grandalhão, simpático, cheio de vitalidade, mas um tanto vaidoso, um nadinha tolo e bastante egoista... Você disse que não se zangava... Olhe lá! Muito bem. Stanley era um contraste violento com sua mãe, Linda, criatura sensivel que tinha qualquer coisa de fada, de elfo... Sonhava, sabia sentir a poesia dos versos e a poesia das coisas. Lembra-se do estranho aloés que só dava flores de cem em cem anos? Naquela noite de luar Linda teve a impressão de que ele era um mastro e suas folhas, ramos dos quais o luar escorria. O canteiro de relva de que ele emergia, era o navio. Oh! Se ela pudesse subir para aquele barco e fugir daquela casa, daquela vida, daquele homem que sem o menor respeito pela sua fragilidade, pelos seus sentimentos, pelos seus sonhos enchia-a de beijos, de carícias brutais e de filhos?

Katherine sorriu e seu sorriso dizia: "Como tudo isso está longe..."

— Lembra-se daquele jantar? — prosseguiu Feliciano. — Stanley tomou da faca e começou a trinchar o pato com ar compenetrado. É que tinha orgulho de ser um bom trinchador... Trinchar é uma arte dificil... E naquela manhã quando Linda o comparou, brincando, com um perú grande e gordo? Como ele ficou ofendido! "Gordo eu, Linda? Apalpa aquí na cintura. Nem um centímetro de gordura. Eu quisera que visses os meus amigos de clube como são gordos... Rapazes moços como eu." Linda, então, teve de consolá-lo pela centésima vez: "Não te apoquentes, Stanley, que não ficarás gordo. És de puro aço." Uma tarde Stanley chegou do trabalho, apeou do carro e se encaminhou para Linda. Trazia-lhe um pequeno abacaxi que comprara no caminho. Entregou-o à mulher com o ar solene e benevolente dum homem que trás de presente para a sua amada toda a colheita da terra...

— E que prova tudo isso?

Como se não tivesse ouvido a pergunta o escritor continuou:

— E a noite em que Linda descobriu que odiava o marido, a pesar de amá-lo? Lembro-me quasi todas as suas palavras desse trecho da história. "Stanley era forte demais para ela. Desde a infância Linda detestava as coisas que se precipitavam sobre ela. Havia momentos em que o marido se lhe tornava terrificante, momentos em que lhe tinha sido preciso gritar com todas as suas forças: — Tu vais me matar! Tinha desejos de lhe dizer coisas rudes, coisas odiosas... — Tu sabes que sou muito delicada, que sofro do coração, o doutor já te disse que posso morrer dum minuto para outro. Não te dei já três filhas grandalhonas?

Feliciano teve a impressão de que uma sombra passava por aquele rosto alí na sombra.

— Então?

— A menina Kezia de "Prelude", essa criaturinha que mais tarde viria a ser Katherine Mansfield, era uma espécie de Linda em ponto pequeno e tinha de sentir com relação a Stanley as mesmas reações que a mãe sentia.

As coisas que aquele papai barulhento, egoista e vaidoso fazia e dizia gravaram-se-lhe na alma. Sensível, dotada dum poder de observação invulgar, Kezia não podia ter deixado de perceber o drama da mãe... Mais tarde chegou a compreendê-lo de maneira mais funda...

— E que tem isso a ver com as personagens dos outros contos?

— Posso dizer? — Katherine sacudiu a cabeça devagarinho, encorajando-o. — Está bem. Kezia cresceu com uma idéia muito pouco animadora e bela do casamento, das relações entre marido e mulher.

Houve uma pausa de embaraço, ao cabo da qual Feliciano continuou:

— Dizem que seu compatriota Aldous Huxley retratou-a perversamente naquela Susan de "Contraponto"...

— Good old Aldous!

— Analisando-a, achava que nela a menina sobrevivera à mulher e que Susan não passava duma criança que "brincava de ser grande". Sempre Kezia, portanto... E quando Katherine casou não foi interessada no homem Middleton Murry, mas no portador duma alma suave e dum punhado de ideais que de certo modo a fascinavam. Estas palavras são de Huxley: "O que mais agradava a Susan nos sentimentos do marido era a sua qualidade de pureza que nada tinha de masculino."

— Poor Aldous!

— De sorte que ao desenhar muitas das personagens de seus contos Katherine fê-lo com os olhos de Kezia...

— Exemplos...

— Em "O Dia de Mr. Reginald Reacock" temos aquele professor de canto vaidoso de seu físico e de sua voz. Como Stanley, todas as manhãs se postava no centro do tapete quadrangular de luz que o sol pintava no soalho do quarto e começava a sua ginástica, pois tinha pavor de engordar. Ficou orgulhoso quando Lord Timbuck o tratou com familiaridade, de igual para igual. Derretia-se de gozo quando suas alunas românticas lhe elogiavam o físico, a voz, as roupas, a finura do gosto artístico... Reginald gostava de cantar no banheiro para ver o copo tremer quando ele soltava seus agudos vibrantes. Nessa figura temos de novo o homem grandalhão, egoista, vaidoso e exuberante de vida.

Katherine sorriu enigmaticamente e perguntou:

— Lembra-se do Ian French? Sabe que tenho uma ternura especial por esse rapaz?

— Aí está... Para fugir ao modelo de Stanley repetido, com variantes, em Reginald, você se atirou para o outro extremo. Ian era um sujeito calado, tímido e triste, que não gostava de mulheres. Arranjava o seu quartinho com um cuidado feminino com uma graça virginal.

— Leu "Je Ne Parle Pas Français"?

— Se li? Terminei de traduzí-lo ontem. Por sinal é uma história bem difícil.

— Que me diz de Raoul Duquette?

— O jovem gigolô parisiense? Um tipo ambíguo que chega a escrever isto de si mesmo: "Sou pequeno e franzino, tenho uma pele azeitonada, olhos negros com cílios longos, cabelos curtos, pretos e sedosos, dentes miudos e quadrados que se mostram quando sorrio." A mesma vaidade de Stanley e Reginald, só que desta vez feminina, indiscutivelmente feminina. Temos ainda na mesma história aquele pobre Dick tímido e indeciso, preso à mãe, aquele Dick desamparado que fugiu de Londres com a namorada e abandonou-a em París, nas garras cor-de-rosa de Raoul, só para não dar um grande desgosto à sua mamãe inglêsa e intransigente...

— E o herói de "Evasão"?

— Um herói sem heroísmo, paciente, calado, murcho, meio pobre-diabo, a aturar o nervosismo e as impertinências da mulher. Como Linda, ele olhava a natureza, as árvores e tinha o mesmo desejo de evasão... Sempre Kezia!

— Meu pobre amigo!

— Stanley torna a reaparecer naquele Harry do conto "Felicidade". Lembra-se do trecho? "Harry subiu os degraus de quatro em quatro. Berta não pôde deixar de sorrir; ela sabia como o marido gostava de fazer as coisas em alta pressão. Harry tinha um tal gosto pela vida! Porque havia momentos em que ele se atirava à guerra quando não existia guerra nenhuma." Sempre Stanley...

— Travessuras de pequena Kezia.

— Da Kezia que tornamos a encontrar na alma daquela jovem governanta que viajava sozinha para a Alemanha, e que no trem encontrou um velhote rosado de cabelos e bigodes brancos. Tinha ele um ar marcial a pesar dos noventa anos presumíveis. Portou-se como um vovô bondoso e cheio de atenções, que lhe comprou cerejas frescas na primeira

estação e que lhe deu revistas ilustradas a ver. Em Munich passearam juntos de braços dados e depois ele convidou-a a visitar seu apartamento. Que mal havia? O velho podia ser seu vovô... Mas ah! O horror da pobre menina quando ele inesperadamente tentou beijá-la na boca a força... A governanta saiu correndo, desceu a escada aos pulos e precipitou-se para a rua, chorando como chorou a pequena Kezia no dia em que Pat, o empregado de sua casa, cortou a cabeça ao pato branco que ia ser comido ao jantar...

— É divertido.

— Que é que é divertido?

— O seu entusiasmo.

— Como é ridículo tambem o sr. Pombo... Tão ridículo que a noiva não podia vê-lo sem desatar a rir perdidamente... Ria tanto que teve de desmanchar o casamento.

— Que mais?

— Outra vez o tema da vaidade, muito de leve, naquele Basil pelintra de "A Lição de Canto". E malicioso e inesperado como o vovô rosado era tambem aquele velhote que Leila encontrou em seu primeiro baile, aquele sujeito prosaico que começou a dizer que dalí a alguns anos a menina Leila estaria murcha, triste e envelhecida como aquelas senhoras de vestido negro e leque de marfim que lá estavam em cima do estrado a olhar as dansas com olhos tristes de saudade.

— Queria, então, que eu fosse diferente?

— Não. Aceito-a assim. Você, no fundo, é como a pequena lua daquele delicioso conto "Sun and Moon". Ela nunca sabia diferençar as coisas reais das que não eram reais. Aí está... Seus contos são uma mistura do sonho e realidade, de cotidiano e conto-de-fadas. Ninguem sabe onde termina um mundo e o outro começa.

— E me quer mal porisso?

— Pelo contrário. Amo-a porisso.

— E, se me ama, por que procura me dissecar assim?

— O homem acaba matando aquilo que mais ama. Não foi isso que Wilde escreveu na Balada do Cárcere?

Foi nesse instante que Katherine se sumiu e o Anjo da Guarda apareceu à porta, de pijama xadrês (com um dispositivo especial para as asas).

— Muito bonito, seu Feliciano. Falando sózinho, hein?

Notas de um homem equidistante

Newton Beleza

Vocês já devem ter notado que eu piso manso, muito manso, de passos engomados, mas não sabem que é por principio filosófico. Tenho pena de maltratar o chão que todos despreocupadamente maltratam. Piso manso e ando esquinado tambem para romper o ar mais facilmente, não magoá-lo com as indelicadezas e os duros tropeções com que tanta gente o magoa, a todo instante.

Piso e ando com jeito de quem pede desculpas ao chão e ao ar, o chão para onde me lembro que hei de voltar, mesmo que morra de aeroplano, e o ar que me beneficia tanto quando entra à vontade por dentro de mim, — ambos tão cheios de revoltas e mistérios. E estou certo de que, se todos assim procedessem, não haveria tempestades nem terremotos, nem almas de gente desgarradas pelo mundo.

Ontem, hoje, não sei quando (perdi a noção do tempo porque não tenho folhinha para este ano), fui entrando em casa para as justas delícias de um repouso como recompensa a uma estafa de todos os demônios. As portas todas, desde a entrada, estavam sucessivamente abertas. Casa de pobre é assim, não tem medo de ser roubada, não pode ser objeto de cogitação nem para os ladrões de galinhas.

Quando chego à porta de meu quarto, vejo pelo espelho do guarda-vestidos combinado com o espelho do toucador, que a minha mulher estava com outro homem, formando o animal de duas costas da classificação zoológica de Shakespeare, mestre de Lineu. Tomei um susto razoavel porque aquilo era de certo modo imprevisto, sobretudo àquela hora, à luz do dia, e fiquei repentinamente afogueado, pensando ou pensando que pensava mil coisas ao mesmo tempo.

Pude recuar de qualquer arremesso selvagem, não obstante haver sido assaltado pelos ímpetos cruéis de minha condição social — percurso forçado na formação de um homem de sociedade como eu, em situação semelhante, e cioso de seus deveres e prerrogativas de honra.

Mas o sangue salva o sangue, como vocês verão. Meu sogro conteve-me de qualquer desatino, sem estar presente, o que é mais interessante. Homem rude porem fino de inteligência e muito experimentado na vida, uma ocasião ele me disse que o crime realmente só existe quando revelado, quando vem a furo. Eu era muito moço ainda quando ouvi essas palavras, e fiquei simplesmente enojado de meu sogro. Fiz os peores juizos de seu carater, ou antes conclui que era no fundo um homem sem carater.

Os dias se passaram e eu fui conhecendo a velhice espiritual com incrivel rapidez. A vida me deu condensadamente exemplos fortes, a que não poderia ficar de olhos vendados, como seria de desejar. Meu sogro virou um grande homem, um grande pensador. A virtude é o silêncio, o cuidado, a discreção. Bem sei, a discreção, a prudência e todos os seus afins. E eu não sabia o que é um homem de carater.

E, se assim não fosse, valha-nos Deus, que seria feito de todos nós?

Ora, dentro desse raciocínio, quem será sempre o criminoso em todos os casos? Facílimo. Quem divulga o crime. E eu? — ser criminoso assim, sem mais nem menos, chamar a mim tamanha responsabilidade, principalmente para indigitar pessoas do meu íntimo conhecimento, de minha amizade, de minha família, de meu leito? Seria abominavel. Um sentimento de remorso prévio me arripiou as entranhas.

É preferivel fazer o bem, praticar a virtude com o meu silêncio, e sofrer no íntimo, quando houver tempo e lugar para isso, a dolorosa consequência de minha virtude. Ela custa sempre muito caro e ao mesmo tempo custa tão pouco. Chama-se a isso coragem moral, e é preciso tê-la para evitar o crime e a própria desmoralização.

Eis aí uma vez em que a coragem é o produto da inteligência e dos louvaveis intuitos de concórdia universal.

Saí então de mansinho, muito de leve, com pena agora do chão e daquelas criaturas inexperientes, coitadas, que se arriscaram ao erro e ao crime pela leviandade com que agiam. Fiquei com vontade de ir fechando as portas todas por trás de mim, usando da cautela de que sempre se deve abusar.

Mas tive receio de fazer barulho e despertar a atenção. O encontro com eles importaria

tambem, de qualquer modo, naquele momento, na deflagração do crime. E o pobre dégas seria o responsavel, o criminoso. Surpresos, assustados, não teriam a calma de imaginar as minhas boas intenções de salvá-los.

Estava eu metido em trajes solenes, de fraque e cartola, de volta da recepção ao Presidente Terra do Uruguai, que acabara de chegar em visita oficial ao nosso país, e em que, por força das circunstâncias, tomei parte representando o meu Ministério. Vinha eu sorridente da minha participação num dos maiores acontecimentos sociais que podem abalar esta terra.

Continuei sorrindo. Que fazer? Minha alma era outra. Mas filosoficamente continuei sorrindo. Faço uma idéia do que não é a vida para quem não está em condições ou não sabe ainda filosofar. Continuei sorrindo. Trazia a mais comigo a superioridade de um desprendimento na larga compreensão da vida, e o espinho de um sócio secreto que me alfinetava os escrúpulos tão sabiamente jugulados.

Continuei sorrindo na rua, pensando, pensando mil coisas confusamente, até que me perdi dentro de mim mesmo. Uma sensação estranha me fez flutuar sem rumo, sem personalidade, evadido de mim mesmo. Quem sou eu? Que faço aqui? Para onde vou? Saberei falar? Como é possivel que me desconheça? Porque estou de fraque e cartola?

Eu me sinto vagamente alguma coisa, mas não me lembro de mim mesmo. Decididamente não existo, embora ainda haja quem acredite em mim, isto é, na minha carcassa, no meu físico, na convenção de meu exterior. E esta mesma convenção eu não tenho jeito de recordar, de recompor para meu uso. Acho graça que um dia tenham feito, com tantas minúcias — retratos e impressões digitais, etc. — a identificação de uma pessoa que não consegue identificar-se, que se perde de si mesma.

Entretanto, se eu chegar à minha repartição e assinar uns papéis, esses papéis caminham seriamente para alguma execução. Se eu chegar a um Banco, onde tenha fundos, e assinar um cheque, dão-me o dinheiro correspondente ao valor desse cheque. Se eu mandar o meu servente buscar um copo dágua, ele me traz e eu bebo o copo dágua.

Por que me atendem? Por que me obedecem? Quem me deu forças para mandar? Não serei por acaso algum aventureiro? Não estou abusando dos direitos e das funções de outros? Quem sou eu?

Não sei o que estará acertado fazer para quem não existe, como eu. Cruzarei os braços.

Quem sou eu?

Sou o namorado daquela pequena que está sentada na minha frente, num banco de ônibus. Tomei eu mesmo o ônibus?

A menina é interessante, me agrada bem. Tipo de moça para se querer sempre junto de si, como mulher única e definitiva. Modesta, sem afetações da moda, cheia de corpo, bem torneada, pele boa e macia. Pele boa e macia sobre umas ondulações femininas, com rosto bonito. Os meus olhos é que estão falando assim e ela já percebeu. Já nos entendemos bem neste curtíssimo trajeto.

O pai que a acompanha, já pressentiu a nossa troca de olhares, mas está sendo discreto, como convem. Ele não sabe quem sou, e eu mesmo não sei agora quem sou, mas o meu físico parece que não me recomenda mal. Tenho pena dos que possuem um físico repelente porque esses pobres diabos não podem viver, não teem sorte. É uma forma lamentavel de indigência, que em geral não inspira compaixão, nem se pode remediar com uma esmola de duzentos réis.

Para que essa irresolução? A moça me agrada francamente. Vou me sentar junto dela. Conversar com ela. Se o pai se puser com histórias, aplaco as suas inquietações mostrando-lhe que disponho de recursos suficientes para sustentar uma família. Ela tambem parece ser arranjada. Não é fita. Pai e filha apresentam todos os sintomas de equilíbrio dos que desfrutam tradicionalmente de conforto, sem necessidade ou com desprezo das exibições escandalosas dos novos ricos. A gente conhece pela linha, pelo cuidado, pela circunspecção.

Casarei com a pequena...

. . . .

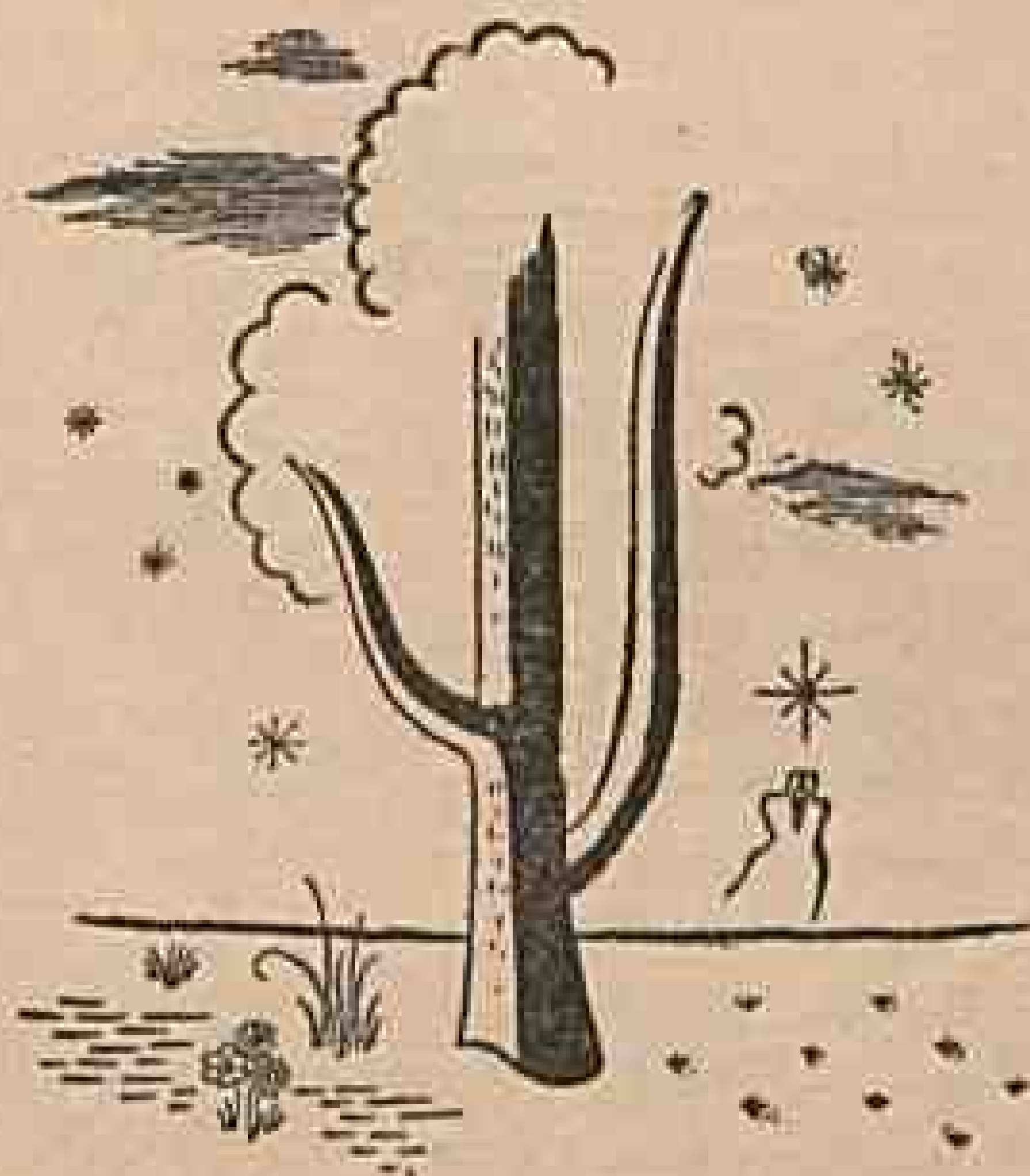
Meu pai:

Todo o mundo gosta mais de sua mãe, e eu gosto mais de você, meu pai. Sei que sou seu filho, pois já me lembro quem sou. Você tem na minha vida a cumplicidade de um segundo de prazer e minha mãe — a desse segundo mais nove meses.

Calculo e lhe agradeço os seus esforços para evitar que eu fosse uma realidade, que eu viesse a explodir no fim desses nove meses. Minha mãe, ao contrário, desejou sempre o que ela achava o bem de mim, antes mesmo de me conhecer, sentindo-me apenas, e ajudou

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

DENUNCIA DA PRIMAVERA

Augusto Frederico Schimidt

É inutil tentar esconder a volta da Primavera. Ela aí está. Veio inesperada, com a sua límpida beleza de sempre, depois de longos dias feios de chuva, de vento e de frio. Os céus, agora, estão de novo azues e altos. As árvores, as flores, retomaram vigores novos. As tardes são mais misteriosas e os cantos dos pássaros adquiriram uma força quente, inédita, prodigiosa! Na alma dos poetas reverdeceram as esperanças e as fontes liricas e ingênuas retomaram a sua tarefa, abandonada de fecundar o sofrimento permanente e a rápida alegria!

A Primavera é fecunda fuga das idéias! Com o inverno é que os pensamentos e as idéias chegam, sombrios ora, ora tocados de força e de engano. A Primavera é o *vão-pensamento, o vão-profundo,* o sensivel e tênue, a poesia macia das penas dos passarinhos. A Primavera é o olhar maduro descido sobre os campos onde estão nascendo flores simples que ninguem colherá. A Primavera é o Amor efêmero e eterno, o Amor de namorados nos começos de estrada, ou nas ruas perdidas de arrabalde perto de árvores grossas, com pequenas mãos morenas e olhares fundos de desejos pacificados. Tudo isso é a Primavera! E muitos mais ainda — porque há sons novos de sinos, porque há cores novas nos amores, nos vestidos, nos céus insensiveis!

O inverno é a inquietação gelada e estéril, o amargo desespero do ser diante do pensamento escondido, da verdade impossivel. Na Primavera os processos são diferentes, e a verdade nasce como nascem as frutas, como se amam as borboletas. No artista a Primavera é a forma, o estilo, a roupagem, a objetivação. Uma vontade de fazer bem, de harmonizar os contrários, de extrair música das palavras está com os que buscam, no sentimento as palavras de poesia e surpreendem a realidade, como a noite.

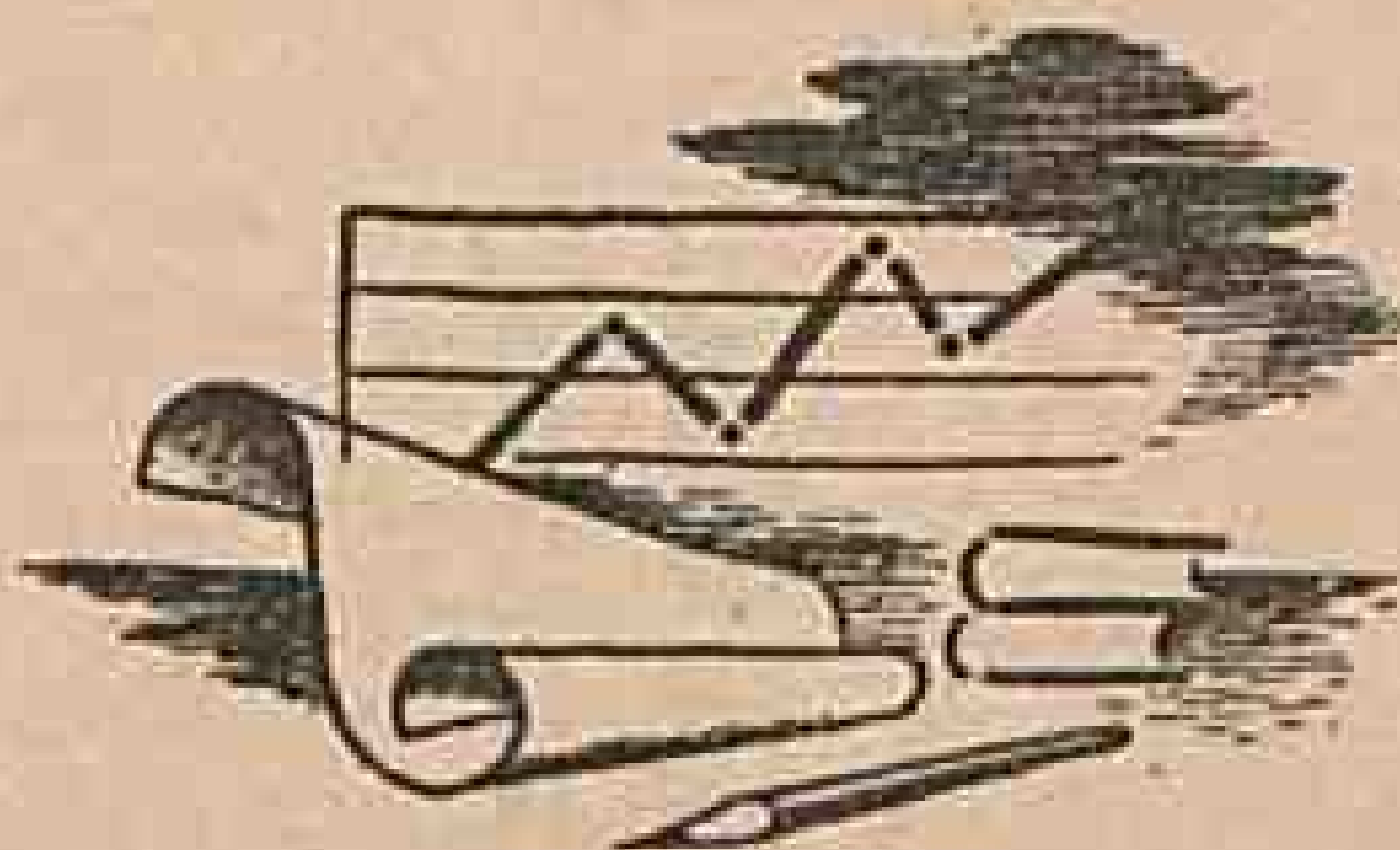
Depois do frio, dos escolhidos gestos de adeus, dos soluços abafados a custo — a verde esperança, os sofrimentos quietos, os olhos apenas marejados de lágrimas. Tudo isso é a Primavera. E mais ainda! E mais o espírito de poesia que antecipa o Amor e é mais amor que o próprio Amor, o espírito que envolve o sentimento e os sentidos como a cor dourada dos frutos maravilhosos dos pomares do fim dos caminhos. Tudo isso é a Primavera e mais ainda!

É inutil escondê-la, é inutil tentar impedir as flores de nascerem, como é inutil suspender do fim inexoravel tudo o que é animado pela vida — tudo o que se estende fora da escura imobilidade.

Vivamos a Primavera que chegou com a cândida beleza. A terra vai sorrir de novo. É preciso aproveitar o instante, porque é um instante. É preciso escutar com as janelas abertas, a música nupcial que vem das estradas, agora que as tardes são doces como noivas. É preciso sentir que o Amor é uma rapariga de longas tranças e que o sabor dos seus lábios é alguma coisa que não se repetirá.

A Primavera aí está, é inutil escondê-la. Como os galos denunciam a aurora os poetas denunciam a Primavera aos homens mergulhados no Inverno, que é a morte.

Notas sobre a crítica em 1939

Osorio Borba

Uma observação feita já inumeras vezes pelos comentadores de coisas literárias e que, parece, não sofre controvérsia, é a da nossa pobreza no gênero crítica. Pelo menos a escassez de bons críticos em atividade. Por que tambem já se tem consignado com justeza (inclusive o sr. Barreto Leite Filho num excelente artigo deste ano) que se não possuimos boa crítica permanentemente não é por falta de ótimas vocações para o gênero. Sem dúvida, se no Brasil não existe estímulo para a atividade literária em geral, muito menos haverá para o exercício da crítica. Manter durante anos um vasto rodapé semanal para a análise da produção intelectual é uma teimosia heróica. Já não falemos da questãozinha vexatória da remuneração do trabalho intelectual no Brasil. O crítico neste país de espírito irreductivelmente polêmico e tão rico de gênios incompreendidos sabe que não pode formular uma restricção a qualquer livro sem desencadear sobre si uma chuva de descomposturas. Certo que não vamos querer a figura do crítico investida da intangibilidade de um tabú, com imunidades, subtraida aos aborrecimentos da controvérsia, dando sentenças irrecorriveis e acobertadas pelo "perpétuo silêncio". Sobretudo entre nós onde a crítica tão frequentemente toma a iniciativa do desvirtuamento dos debates de idéias, resvalando da análise do livro para o ataque ao autor, inclusive para as "denúncias" perigosas, feitas com segundas intensões perversas. Não aludimos às replicas honestas e necessárias que as opiniões provoquem. Mas aos acessos de susceptibilidade com que autores excessivamente otimistas quanto a suas obras surpreendem constantemente o crítico revidando restrições puramente literárias com a injúria pessoal. As agressões verdadeiramente bestiais destes últimos meses contra o honesto e por sinal tão generoso Mário de Andrade dão um exemplo dessa constrangedora ausência de dignidade das nossas pelejas literárias.

Não desapareceu dos nossos costumes intelectuais aquele truculento polemismo peninsular de Camilo, Fialho, Silva Pinto, que teve, aliás, imitadores nos nossos críticos da geração passada, homens que discutiam literatura na linguagem crespa das vespasianas e cujas discussões não perdiam em aspereza para os "bailes" das senhoras de certos becos ou as brigas a cacete dos valentões da época da capoeiragem. Esses máus modos persistem no nosso pequeno mundo literário, tornando a função da crítica uma coisa tremendamente incômoda.

Parece-me desnecessário insistir na ressalva já feita acima: alude-se aqui às explosões de vaidade ferida respondendo reparos críticos com injúrias. E não às verdades que todos nós temos de vez em quando precisão de dizer aos deturpadores do seu papel de críticos, aos virgulinos que já chegaram até a pedir "repressão e punição" para os deslises de linguagem dos escritores, ou para o que eles consideram deslises de linguagem.

A escassez de bons críticos será talvez uma decorrência remota de fatores étnicos ou mesológicos. Ao nosso famoso clima se atribue tanta coisa ruim que talvez não seja inteiramente disparatado lançar-lhe na coluna do passivo mais essa responsabilidade. Provavelmente as condições de vida por estas latitudes e as influências do meio sobre o temperamento brasileiro teem seu papel no fenômeno. Não é muito frequente nos nossos homens de talento a capacidade para os grandes esforços de estudo, para as atividades que exigem lóngos sacrifícios, devotamentos beneditinos. A inteligência pé-de-boi não é positivamente um traço de carater nacional.

Uma constatação já feita é a do contraste que nesse particular da crítica nos oferece Por-

tugal atualmente. Se hoje a terra de Eça de Queiroz não apresenta grandes romancistas, sua equipe de críticos é extraordinariamente rica em quantidade e valor. Bastaria citar, quanto à qualidade, esse grande João Gaspar Simões. Mas ao lado dele muitos outros atestam, em livros ou nas colaborações dos jornais e revistas de Lisboa, Coimbra, Porto e outros centros, o grande momento que vive Portugal no gênero, com um número consideravel de espíritos sérios e cultos dedicados ao ensaio literário: José Regio, Castelo Branco Chaves, Manuel Anselmo, Nuno Simões, Mário Dionisio, João Pedro de Andrade, Santana Dionisio, Vitorino Nemesio, Pedro de Moura e Sá, Albano Nogueira, José Osorio de Oliveira, Luiz Forjaz Trigueiros, Manuel Mendes, Adolfo Casais Monteiro.

Está nos nossos costumes literários o balanço das atividades de cada ano nos diversos gêneros. Cabe aquí uma resenha, ligeira embora, do que se publicou de crítica em 1939.

Quanto a livros pouco há a registar. As comemorações do centenário de Machado de Assis inundaram as revistas e os jornais. Muitos livros estão anunciados. Entre os já editados alem da biografia do grande mestre pelo Sr. Eloi Pontes, (Col. Documentos Brasileiros, Edit. José Olímpio) há os ensaios dos srs. Mário Matos, A. F. Schmidt, Peregrino Junior, Austregesilo de Ataide, Mário Casasanta, Elmano Cardim e alguns outros. Tobias Barreto inspirou o livro excelente do sr. Hermes Lima (Col. Brasiliana, Editora Nacional) ensaio menos biográfico do que crítico; e a minuciosa biografia "Tobias Barreto" do sr. Omer MontAlegre (Vecchi Editor).

Entre os estudos anunciados ainda sobre Machado de Assis deverá destacar-se a "Biografia Póstuma" do sr. Augusto Meier, que, com a Sra. Lucia Miguel Pereira, abriu a fase atual, datando de uns cinco anos, de análise em profundidade da figura e da obra do nosso maior romancista.

O sr. Tristão de Ataide publicou o primeiro tomo da sua "Contribuição à História do Modernismo", livro que nos reavivou a lembrança de um Tristão bem mais interessante, sob vários aspectos, do que o atual.

Na crítica finalmente, registou-se a estréia talvez mais importânte do ano: a do sr. Alvaro Lins com sua magnifica "História Literária de Eça de Queiroz".

Nas revistas e nos suplementos ficou das comemorações de Machado e Tobias sobretudo, do primeiro, uma enorme massa de estudos. A contribuição da Academia Brasileira (talvez nem fosse preciso aludir a ela) não deve ter sido nada de ponderavel mesmo porque os velhos escolheram os críticos do fundador, para as conferências, pelo sábio critério das rodas Fichet.

A destacar da literatura publicada esparsamente em torno do grande assunto (com as escusas por possiveis injustas omissões) os ensaios do sr. Astrogildo Pereira sobre "o romancista do segundo reinado"; do sr. Anibal Machado, do sr. Aurelio Buarque de Holanda sobre a linguagem e o estilo de Machado de Assis; das Sras. Lia Correa Dutra e Lucia Miguel Pereira, do sr. Barreto Leite Filho, (sobre Machado de Assis jornalista) do sr. Mário de Andrade e de vários outros dos que exercem a crítica permanentemente.

Vale a pena registar o movimento do ano quanto à crítica nos jornais e nos periódicos literários. O sr. Tristão de Ataide continuou — com ausências constantes e às vezes prolongadas — a sua atividade nos "Diarios Associados". A impressão geral quanto à sua crítica é crescentemente desfavoravel. Todos o sentem prejudicado nas suas faculdades de compreensão ou na justeza dos seus pronunciamentos pelo interesse setário. O sr. Rosário Fusco abandonou o folhetim do "Diário de Notícias" depois de uma curta atuação — irregular, cheia de erros de visão e de injustiças, mas de qualquer modo afirmativa e brilhante. Teve um substituto honrosíssimo com a incorporação do sr. Mário de Andrade à equipe dos críticos efetivos. O sr. Múcio Leão suspendeu ou suprimiu de vez seu rodapé do "Jornal do Brasil". O comentador mi-

nucioso e lúcido, o analista amavel e generoso da produção literária parece ter se desencantado da função, talvez pouco compativel com seu temperamento. O sr. Jaime de Barros tambem deixou vaga a coluna de crítica do "Diario da Noite", e o sr. Pinheiro de Lemos, a do "O Globo", onde substituira o sr. Eloi Pontes. Nos outros jornais o assunto não é objeto de seções fixas e assignadas, mas de um simples noticiário anônimo e ligeiro. Só o Sr. Lemos Brito (e talvez algum outro cujo nome nos escape no momento) mantem uma seção permanente, na "Vanguarda".

Quanto aos Estados principais: S. Paulo, o sr. Plinio Barreto continuou responsavel pela crítica do "Estado", ocupando-se aliás pouco de ficção, dando preferência natural aos assuntos de sua predileção, os livros de erudição, história, sociologia, crítica, biografia etc. O sr. Nelson Werneck Sodré continuou no "Correio Paulistano", com seu crescente renome e aquela prodigiosa, incomparavel capacidade de elogiar... Já o sr. Livio Xavier, no "Diario de S. Paulo", não gostou de nada do que se editou no Brasil. O sr. Rubens do Amaral fez crítica na "Folha da Manhã", o sr. Miroel Silveira no "O Diario" e o sr. Alvaro Augusto Lopes na "A Tribuna", de Santos. O sr. Brito Broca movimentou extraordinariamente, como sempre, a página semanal da "A Gazeta", com as reportagens, as entrevistas e as inteligentes notas críticas com que presta à literatura de todo o país um serviço inexcedivel no sentido da divulgação de obras e autores.

Em Minas, há poucos críticos em atividade regular. O sr. Oscar Mendes manteve com êxito e simpática repercussão o rapadé do "O Diario", e o sr. Eduardo Frieiro continuou a professar na "Folha de Minas". No Rio Grande do Sul, salvo engano, não há seções permanentes de crítica. O sr. Paulo Arinos esporadicamente se ocupa de livros, com o brilho e a penetração que lhe firmaram o conceito. Em Pernambuco tambem os críticos pouco aparecem na imprensa. Na Baía cremos que só o dificil e torcido sr. Carlos Chiacchio continua, na "A Tarde", a comentar o que se edita.

Nas revistas cariocas há a anotar a crítica de poesia feita pelo sr. Manuel Bandeira ("Directrizes" e "Revista Academica") os vários críticos da "Revista do Brasil", o sr. Wilson Lousada no "D. Casmurro", e ainda em "Diretrizes" o numeroso, agitado e agudo "crítico desconhecido", dr. José Lopes.

Voltando a um tema do começo. A escassez da crítica no Brasil é pouco compreensivel, considerado o número de excelentes vocações. Há uma preguiça epidêmica, ajudada pela absoluta falta de estímulo. Basta considerar que três ou quarto dos maiores jornais e revistas mais ricas não teem seções de crítica. Podendo confiar essa função a um escritor com bastante cultura, senso crítico e autoridade (não a dos medalhões mas a dos valores reais) deixa o registo e o comentário dos livros como ocupação e expediente de cavalheiros que nada teem a ver com isso. Daí em grande parte o visivel desinteresse do público pela crítica e a confusão que no espírito dos leitores opera a torrente de elogios que merece qualquer livro, por mais ordinário, se o autor tiver bons camaradas. Não se pode exigir do leitor comum capacidade de discernir o que é honesto no que é camarário em tantas consagrações. Mesmo porque há jornais e revistas importantes onde se investe sistematicamente o quadro dos valores, elogiando-se o que não presta e condenando-se o que é bom, nuns casos por incompreensão, noutros por deshonestidade, noutros ainda pela colaboração dos dois fatores.

Não é que se queira atribuir à crítica uma função rigorosamente pedagógica, distribuindo professoralmente prêmios e notas zero. Mas crítica é de qualquer modo seleção, orientação, classificação de valores.

Por todos esses vícios e deficiências do meio, chega-se ao absurdo de ter de proclamar a escassez de bons críticos num país que dispõe (alem de alguns dos críticos efetivos citados) de organizações de ensaistas com a cultura, a lucidez, e espirito compreensivo de Prudente de Morais Neto, Astrogildo Pereira, Sergio Buarque de Holanda, Lia Correa Dutra, Genolino Amado, Valdemar Cavalcanti, Augusto Meier, Carolina Nabuco e tantos outros.

Tendências do Romance Brasileiro

Jaime de Barros

Não só no romance, mas na literatura brasileira em geral, houve sensivel declínio de produção em 1939. Já o mesmo sucedera no ano anterior, quando a crise se iniciara. Esgotada a série dos romances cíclicos dos romancistas do Norte, que vinham exercendo influência progressiva no meio literário, notaram-se apenas algumas reações em Minas e Rio Grande do Sul, na procura de novos rumos.

Mas só agora começamos a sair dessa depressão, determinada por fatores internos e universais, de natureza política e social. A literatura contemporânea identificou-se realmente de tal forma com os destinos humanos que nela se refletem todas as flutuações das sociedades e de sua organização. A crise literária é, hoje um fenômeno social tão evidente quanto as crises econômicas e políticas, por força do poderoso reflexo destas no espírito humano. Na encruzilhada decisiva de caminhos, a dúvida, a indecisão, os avanços e recuos, as paradas súbitas, a angústia da incerteza são inevitaveis.

Não é facil escolher, nestas horas cinzentas de nevoeiro, uma direção. O espírito se debate, investiga, interroga, duvida. O coração aflito hesita. Estacam interditos os que se precipitaram.

Súbito, porem, sob o impulso de forças misteriosas e invenciveis, cada um segue o seu caminho, escolhe sua trincheira, para não fugir ao seu destino.

Essa pausa forçada na literatura brasileira serviu para um penetrante exame de conciência e um cuidadoso estudo das distâncias vencidas.

Firmou-se assim a convicção do erro de alguns excessos, ao mesmo tempo que se fortaleceu a impressão de que a nossa história literária deixára de ser uma deliberada falsificação, para integrar-se definitivamente na vida e no destino do nosso agrupamento humano, adquirindo caracteristicas inconfundiveis.

Quem lê os nossos romancistas modernos verifica sua identificação profunda com a terra, o meio, as tendencias, a vida, os costumes, as tradições do Brasil. Desapareceu, nos escritores representativos das novas gerações, a facilidade, a ligeireza na imitação de modelo importados. Eles exercitam, desenvolvem, aprofundam sua capacidade de observação no meio social em que vivem e realizam assim obra que o espelha com fidelidade e segurança cada vez maiores.

O romance realista, dos nossos dias, que começou com um carater de memórias, de reminiscências, de reportagens, com os livros dos srs. José Lins do Rego, Amando Fontes e Jorge Amado, evoluiu num sentido mais profundo de investigação psicológica, de interpretação precisa da vida. O próprio sr. Amando Fontes publicou *Rua do Siriri*, exercitando-se nesse trabalho difícil de sondagem da alma humana, na pessoa de mulheres degradadas pela prostituição.

O sr. José Lins do Rego lançou em 1939 o seu *Riacho Doce*, onde se observa essa mesma tendência, já visivel em *Pedra Bonita*.

Com idêntica orientação, estreou o sr. Emil Fahrat, que estuda em *Cangeirão* a vida de menores desamparados, em Juiz de Fora. O velho tema, inaugurado por Michael Gold em *Judeus sem dinheiro* e amplamente explorado em vários films cinematográficos, foi rejuvenescido pelo novo romancista, que observou com os próprios olhos, fixando quadros vivos e característicos, bem diferentes dos do romancista norte-americano, bem como daqueles do cinema.

Em S. Paulo surgiu imprevistamente uma romancista de mérito, a senhora Dinah Silveira de Queiroz. *Floradas na Serra* garantiu-lhe logar destacado nas nossas letras, versando um tema pouco explorado e de grande interesse.

A vida dos tuberculosos em Campos do Jordão, a personalidade singular e a psicologia complicada dos enfermos inspiraram-lhe um livro em que poz em evidência altas qualidades de romancista.

Em *Floradas na Serra* os personagens teem enorme interesse humano, sua psicologia é tecido com episódios em observados e ha uma alegre claridade nas paisagens que a senhora Dinah Silveira de Queiroz compoz sem

dificuldades e sem premeditação, para dar ambiente ao livro.

Parece-me, porem, que o romance mais forte, de maior densidade publicado em 1939 foi o da senhora, Raquel de Queiroz. Em *As Tres Marias* a autora do *Quinze* ampliou sua visão, caracterizou com segurança as figuras centrais de Maria Augusta, Maria José e Maria Gloria.

Composto em um tom fragmentário de reminiscência, o romance não perde a intensidade, tão vivo é o jogo de situações e de destinos, tão poderosa a capacidade da senhora Raquel de Queiroz de dar realidade aos personagens, comunicar sua emoção, animar e desenvolver episódios.

O romance brasileiro acentuou, desse modo, suas tendências no sentido de interpretar a vida, fugindo ao método inicial, que era de reprodução, de documentação, quasi de reportagem literária. Começou-se a compreender que a obra de arte não é apenas isso. Alem de uma pesquisa psicológica mais profunda, apura-se melhor o estilo, evita-se com maior cuidado a monotonia das repetições, elimina-se o supérfluo.

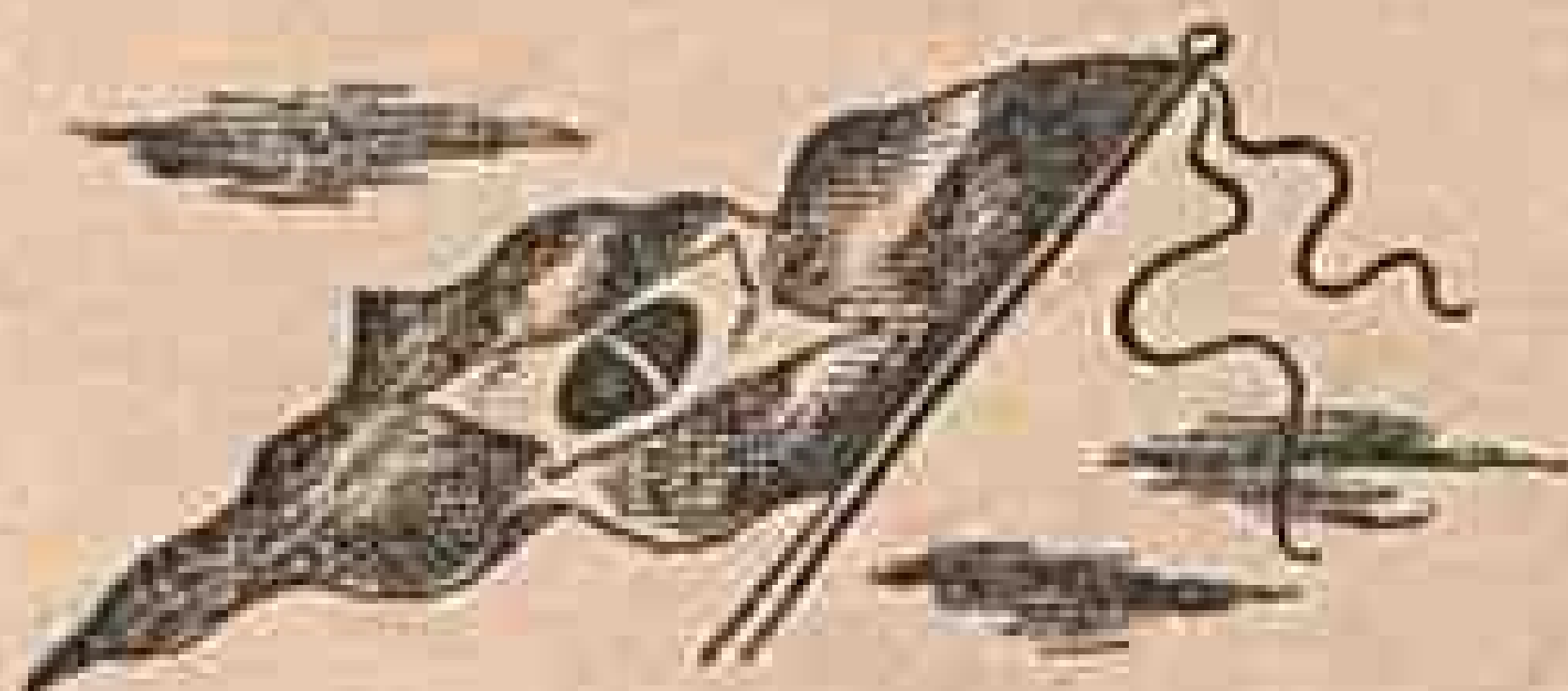
Os nossos romancistas, que a princípio se caracterizaram pelo excesso de paisagem e pelo pernosticismo de estilo, tendo como modelos José de Alencar, Euclides da Cunha e Graça Aranha com a sua *Chanaan*, reagiram, agora, ao mesmo tempo, contra essas duas tendências. A natureza cedeu logar ao homem e escrever deixou de ser, à maneira do Sr. Celso Vieira, uma espécie de ginástica suéca do estilo, para compor pomposas páginas mortas de antologia.

Ss os romancistas modernos não chegaram a eliminar a paisagem dos seus romances, a exemplo de Machado de Assis, que só se preocupava com a dissecação psicológica, tambem não desprezaram certos cuidados no escrever, sem os quais é impossivel ser um grande escritor.

Os últimos romances dos Srs. José Lins do Rego, Amando Fontes e Jorge Amado mostram que a investigação psicológica passou a preocupá-los mais do que a decoração do cenário, assim como o policiamento do estilo fugiu à negligência dominante na fase da revolução literária do modernismo. A paisagem já aparece integrada na vida dos personagens, incorporada ao meio em que eles se movem, e não como mero tema descritivo, como pedaços de natureza morta arrancados dos grandes cenarios por pintores mediocres. Passou-se a aplicar no romance aquela velha lição para o teatro, do tempo de Shakespeare: o homem no primeiro plano; o resto no fundo.

No romance da senhora Raquel de Queiroz acentuou-se ainda mais essa tendência de identificação sincera e real da literatura com a vida. A paisagem só surge quando necessaria à ação ou à contemplação dos personagens. E' assim nas cenas entre Maria Augusta e Isaac, na praia do Leblon, na viagem marítima daquela.

E isto sem nenhuma insistência no exercício escolar do desenho, nem no rebuscamento de cores de pintores que concentram toda sua capacidade na manifestação das tintas.

Os novos romancistas brasileiros saem, desse modo, da superfície da vida, que os colocava tambem, necessariamente à superfície da arte. A natureza, os excessos de luz, de claridade, o brilho exagerado do estilo já não os preocupa. Penetram mais fundo na conciência do homem, situado e enraizado no seu meio, mas que é por toda parte dolorosa, humana e universalmente — o homem.

PATRIA

Antônio Austregésilo
(Da Academia Brasileira de Letras)

O conceito de Pátria encerra a noção das idéias-sentimentos. Trazemos nas moléculas do nosso corpo e na vibratilidade do pensamento as energias da terra em que nascemos e em que vivemos. Somos parte integrante do solo e do ambiente que nos fez surgir à tona da vida. Elementos físicos e morais circulam-nos na personalidade, porque alem das forças bióticas da hereditariedade sofremos as influências do meio em que surgimos e em que estamos. Somos a propria Pátria que permanece e vibra em nosso interior como luz perene, como força constante, como energia inestinguivel, porque somos a terra e a alma da nação que nos fez gerar e viver à sombra da família, da educação, da lingua e enfim de tudo que constitue a sagrada unidade da Pátria.

Os destinos da Pátria pertencem aos homens cumpridores do dever e aos entusiastas da nossa terra e da nossa gente.

O futuro do Brasil está confiado à mocidade que é a urna espiritual da nação. Dever, entusiasmo e mocidade constituem-nos a formula da estabilidade e ao mesmo tempo do progresso.

A palavra Brasil possue a sedução sonora e mágica dos predestinos. O fascínio origina-se da grandeza moral e material do país.

A transmutação republicana acelerou-nos o progresso. O brasileiro tem dado muito, mas ainda não deu o maximo de suas forças.

A América Latina é liberal, sadia, sonhadora, ama a humanidade e à justiça, como base sociológica da sua formação; limita-se a anhelos normais, a aspiração ascensora e ao equlíbrio político que lhe fornecem as caracteristicas étnicas. Não possue ambições desregradas, nem arrogâncias ameaçadoras.

O Brasil aparece no panorama continental como a expressão da juventude sensata; às vezes um pouco irriquieta, jamais em atitudes venenosas à harmonia do meridiano do novo mundo.

O cumprimento do dever, segundo o grito do Almirante Barroso, forma-nos o programa construtor; completa-nos a confiança dos nossos destinos.

Amemos o mundo como merece; amemos a vida como dever. Saibamos sempre cultivar a energia espiritual, porque nunca seremos tomados de surpresa por excesso de boa fé.

A harmonia da existência está no vigor da alma e na serenidade da ação.

Os artifícios do carater podem ajudar o homem a vencer. Quando, porem, se desmascara, nada o salvará.

Elevemos sempre a alma às grandes idéias; sejamos irmãos, sejamos brasileiros, antes de sermos rivais.

Sejamos fortes de ânimo, e doces de sentimento, para que a Pátria nos pareça grande e acolhedora.

Trabalhemos com entusiasmo pelo Brasil e as horas passarão por nós alegremente. O presente será o nosso grande programa; o futuro da Pátria a fórmula sedutora do otimismo salutar.

Todos os esforços do brasileiro para o bem da Pátria devem ser feitos com a vontade e o coração.

A mocidade patrícia é-nos a expressão da natureza florescente. A juventude revela-se pela alma entusiasta; possue a seiva nova que circula nas cordoveias do Brasil e que vitalizará as fontes humanas.

Minerva e Apolo vivem na alma da juventude: sonhos imensos, ações ansiosas para o triunfo individual e coletivo. O amor à gloria acena-lhe como asas brancas para a festa da vida. O que predomina na mocidade é a *ânsia* do *maior* e do *melhor*.

Viver brasileiramente é cumprir deveres.

A liberdade só vale presa a respeitos mútuos. Lembremos aqui a frase de Wordsworth: *a dependencia viril e a viril independência* que nos servirá de lema à política da nação.

Amemos o Brasil sobre todas as coisas da terra e temos formulado o melhor programa da existência.

Cinquenta anos de República, são cinquenta anos de cultura e civilização. O país prospera porque cada brasileiro confia na terra dadivosa que lhe coube em sorte e no patriotismo dos dirigentes da nação.

Em todos os sectores da vida nacional palpita a ânsia do maior e do melhor; em todos os corações e em todas as inteligências vicejam os ideais e os sentimentos humanos de paz e de progresso.

O Brasil apresenta-nos à América e ao mundo como exemplo de honestidade e respeito internacional; como paradigma de tolerância pelas castas, pelas religiões e pelas raças; como expressão de trabalho, modéstia e inteligência; como expoente da cordialidade sul-americana.

A família brasileira é piedosa; o carater nacional é sereno; somos iguais e somos fraternos; almejamos a liberdade e a justiça como as mairoes aspirações humanas. Não somos ciosos dos vizinhos; não mantemos na alma nacional, hipocrisia; somos sinceros e leais; desejamos o bem humano como honesto programa brasileiro.

A abobada celeste tépida e veludosa que nos cobre; as brisas serenas que nos refrescam; a flora abundante que nos acaricia e que nos nutre; as reservas que dormem no bojo do sólo; as riquezas do céu, da terra e do mar, inspiram-nos a confiança no futuro, porque as garantias nos foram fornecidas pelo passado e o são pelo presente.

Salve Brasil! Paraiso da terra, pátria querida, amor do brasileiro!

Brasil, Brasil! terra dos meus pais e dos meus filhos, minha terra querida, eu te saúdo.

Sinto-te no corpo, no espírito, mas sobretudo no coração.

És o país do sol, beijado por imensos mares; correm-te nas artérias as maiores águas do mundo; terra para viver o pobre; em que o homem enrica com o trabalho honesto; gleba feliz que tudo dá e tudo oferece; berço do Amazonas, Cachoeira de Paula Afonso, da Guanabara; ninho de Castro Alves, de Caxias, de Carlos Gomes, de Rui Barbosa e Santos Dumont.

O sangue dos teus filhos, misturou-se mas não te envenenou; agasalhas debaixo das asas, que são feitas de florestas seculares, da maior flora do mundo, no conforto de todas as isotérmicas do globo, menos a polar, os indígenas e os ádvenas; tratas os teus filhos e os filhos de outras bandas, igualmente, sem distinção entre os enteados e os legítimos, com o mesmo calor, a mesma carícia, a mesma liberdade de ação e de conciência espiritual.

Brasil, meu querido Brasil, festejaste ontem a data do advento da liberdade e da democracia, o cinquentenario do dia da tua transmutação republicana, que é instintivamente americana, pois deste lado do planeta só se depara fraternidade, só ha um sangue que é vermelho, que não possue outro matiz senão o da vida, em que se não computam realezas, fidalguias, ou castas; aonde a alma voa pelas regiões místicas que deseja; e onde a idéia de paz domina os corações humanos.

Brasil, meu Brasil adorado. Dei-te integralmente os dias da existência; dou-te os meus filhos para a defesa; estou pronto para cumprir o dever, no setor que exigires.

Brasil! Brasil! Refúgio para o pobre e para o rico; morada para a criança e para o ancião; extensão para o nativo e para o estrangeiro; glória dos tres reinos da natureza; rincão de paradoxos terrenais; nação hoje dos brasileiros, amanhã pátria humana, porque o mundo inteiro virá pedir-te ao solo e ao clima os beneficio necessários à harmonia dos homens; o teu nome ecoará sonoramente na história universal, pela música natural onomastica; pelo teu exemplo de igualdade serena; pela grandeza de sentimento dos teus filhos; pela tua honestidade tradicional; pelos favores da natureza e pelo trabalho do homem; pelo progresso que expões ao mundo em nosso pavilhão — *Ordem e Progresso;* por essa bandeira que simboliza as riquezas da gleba e a imensidade dos céus!

Brasil! Brasil! comovidamente te saúdo.

Escritores Deshumanos

Emil Farhat

O levantamento da geografia humana no Brasil está sendo feito. Um punhado de romancistas e contistas — uns mais outros menos artistas — realiza esse trabalho gigantesco que ninguem em outros tempos tentara, a não ser raros casos isolados e não continuados.

Esse retrato da humanidade brasileira, já se acha bem alem do simples esboço, muito embora não tenha atingido a profundidade e a amplitude de todo o nosso panorama social.

País sempre e em tudo fertil, o Brasil teve em todos os tempos uma fauna imensa de escritores. Alguem já deve ter dito que a terra de Pindorama nasceu para o mundo ocidental sob o signo da literatura, da transbordante literatura epistolar de Pero Vaz Caminha. Pois bem, a pesar de dispor de abundantes engenhos literários — alguns do mais alto valor — o povo brasileiro não mereceu os cuidados fraternais desses artistas. Eles não tiveram a coragem de abrir caminho através do nosso "hiterland" humano. Essa *selva selvaggia* parecia apavorá-los, pela sua composição tumultuária. Ao mesmo tempo, a pobreza geral das unidades humanas devia lhes repudiar como assunto fora das suas acanhadas cogitações individualistas. Os áticos não iam emborcar a mão na lama da terra. Eles alçavam o voo da imaginação, e iam colher personagens entre as grandezas da Grécia e Roma, e conviver com os deuses do Olimpo. Mas não pousavam nos areais do Nordeste, nem nos charcos da Amazonia. Isso era muito vulgar para quem tivera o alto destino de receber o toque da arte pura,. da arte sem pés sobre a terra, sem estômago e sem visceras. Por isso eles se esqueceram dos homens que teem estômago e visceras, e os pés presos aos duros chãos do mundo. E se dedicaram aos fantoches, aos bonecos e às múmias que enchem a sua literatura muitas vezes falsa e tantas vezes covarde.

A insatisfação e o sofrimento dos homens comuns não interessavam a esses escritores por serem assuntos que conduziam a conclusões anti-estéticas. Só a beleza grega ou romana pode gerar a beleza, entendiam eles. E as histórias tristes dos vencidos da vida, e dos relegados da fortuna não podiam ocupar a sua atenção.

Essa falta de compreensão e de interesse pelos problemas dos outros homens era uma impiedade, um descaso, um crime sem perdão. Sem perdão porque esses artistas, que deviam sentir com o sentimento de nossa gente, apenas tinham vibração para regozar as emoções dos europeus diante das suas belezas milenares.

Admiremos a Europa e tudo o mais que belo fôr no mundo. Sintamos suas dores, vibremos com suas emoções que são tambem de seres como nós. Mas abaixo aquele espírito enjaquetado de beira de cais, o espírito debruçado eternamente para o que havia de "puramente artistico" alem dos mares!

Durante muitas décadas, a literatura brasileira pareceu um arquivo especializado em reproduções de obras primas de outras terras mais bem afortunadas e de povos mais imaginosos. Nossa literatura parecia um depósito de belezas já gastas e defuntas, a pesar de existir por aquí quem escrevesse coisas bonitas e bem arranjadas. E tão habeis eram esses escritores que, a pesar de só terem criado caricaturas e aleijões humanos, ficaram para pomposos centenários e para as comemorações do centro Carioca e da Academia.

Na arte de fazer bonecos, nada melhor se podia exigir deles. Fizeram fantoches perfeitos que podem funcionar até hoje. É um mérito artistico — e não o contestamos — mérito revelador de desmesurado talento e não menos enorme inteligência. Pois é justamente por existir em tais romancistas tanto talento e tanta inteligência, é por terem sido quem foram, que a posteridade se sente com o direito de reclamar a sua falta de solidariedade humana.

Se por vezes aqueles romancistas voltaram suas vistas para os tipos que com eles se acotovelavam no bonde de burros, esse gesto de procura nada tinha de interesse humano. Para eles, o indivíduo que estava alí juntinho, espremido entre o cotovelo do vizinho e o pavor do mundo, fornecia apenas o material do grotesco. Era um molambo humano, sub-alimentado, cronicamente ferido de morte na luta pela vida, vinha de esforços estenuantes para uma recompensa de migalhas, gastava-se como combustivel nas fornalhas dos donos de rebanhos operários, era tudo isso, mas esse lado sem

beleza da vida não atingia a sensibilidade do artista "puro". Para o esteta, a única sugestão que lhe vinha do vizinho era a da caricatura.

Está fora do nosso intuito prever que a moderna literatura brasileira consiga ao menos a duração desses fantoches. Nós estamos no começo de tudo, no início da fixação da paisagem social do Brasil dentro das obras de arte. Por isso é prematuro assegurar eternidade ao que mal sai do esboço, à obra que ainda se seca sob o sol da crítica. Mas o que ninguem pode negar é que já há largas pinceladas, lançadas para a realização desse retrato da humanidade brasileira.

Há mesmo alguns casos em que coletividades inteiras já foram apanhadas sob todos os ângulos. São, para citar um exemplo, aqueles bandos humanos batidos pelas secas do Nordeste. Ao narrar o drama da terra calcinada e do homem banido dessa terra, as páginas magistrais do extraordinário Euclides da Cunha impressionaram a intelectualidade nacional, mas pelo seu preciosismo rebuscado e pela própria tendência científica do "Sertões" não conseguiram atingir a sensibilidade da camada mais vasta de leitores brasileiros.

Foram os romances de José Américo, de Graciliano Ramos, de Rachel de Queiroz, de Amando Fontes, de Cordeiro de Andrade, que trouxeram ao país inteiro o conhecimento emocionado da tragédia, da sua repercussão na vida dos personagens e dos grupos sociais a que pertenciam. Essa caudal de emoções — a tragédia da vida apresentada pela arte — despertou no Brasil inteiro um interesse comovente e vibrante pelos irmãos nordestinos que a natureza castigava. Já se notara a respeito desse mesmo drama, o feliz esforço de Domingos Olimpio no seu grande romance "Luzia Homem", esforço que quasi se perdera isolado.

A Jorge Amado, uma extensa parcela da humanidade brasileira — os homens dos cacauais e dos mares baíanos — deve o intenso depoimento de "Cacau", e a epopéia de "Jubiabá", romance de uma beleza tumultuária, carreiando em suas páginas uma avalanche tal de emoções que é a mais forte da moderna literatura do Brasil. Tão grande como o talento do artista é o seu coração, capaz de apreender a grande dor das coletividades injustiçadas.

E José Lins fez o bloco estatuário do "Ciclo da Cana" com os quadros das fases econômicas, os esplendores e as misérias dos personagens que a vivem.

Outras novas inteligências e outros novos

corações voltaram-se para os problemas cotidianos de seus personagens, emprestando a sua contribuição intelectual e emocional para a grande causa da melhoria do nosso nivel humano. É assim Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Luiz Martins, Érico Verissimo e Dias da Costa.

Um pesquizador da moderna literatura brasileira, o escritor e jurista Arnaldo de Farias, tem pronto um estudo de grande oportunidade, no qual sustenta a tese da decisiva influência que tais livros tiveram na elaboração das leis sociais do Brasil. Foi o levantamento artístico-literário do panorama econômico e social de vastas camadas da população brasileira, feito por esses escritores, que criou o ambiente emocional favoravel à legislação trabalhista.

O que ninguem conseguirá descobrir é a herança que o outro tipo de escritores — os escritores deshumanos — teria deixado para o povo. Não ficou deles um grito, um brado de amor por nossa gente humilde. Há só ironia, amargura e fel, bem coados e bem filtrados, produtos de uma arte monstruosa, sem solidariedade humana.

Os Sapateiros da Literatura

Graciliano Ramos

Foi uma questão muito séria que não chamou, como esperavamos, a atenção dos interessados e morreu logo no nascedouro. O sr. Mário de Andrade, num dos seus excelentes rodapés do "Diário de Notícias", condenou, entre amavel e acrimonioso, a literatura feita à pressa, abundante nestes dias de confusão. Um dos nossos grandes homens de letras divergiu azedamente do escritor paulista. Este voltou à carga e a final o sr. Joel Silveira, no hebdomadário "Dom Casmurro", fechou a discussão rápida com uma nota curiosa que infelizmente não foi examinada pelos entendidos. Os telegramas de guerra mataram essa pendência que agora procuro desenterrar.

Em resumo, o sr. Mário de Andrade sustentou, com citações e argumentos de peso, esta coisa intuitiva: um sujeito que se dedica ao ofício de escrever precisa, antes de tudo, saber escrever. Há tempo o sr. Rubem Braga, num artigo curto, desprovido de citações e com poucos argumentos, tinha dito o mesmo. Isto é quasi uma verdade lapalissiana.

Dificilmente podemos coser idéias e sentimentos, apresentá-los ao público, se nos falta a habilidade indespensavel à tarefa, da mesma forma que não podemos juntar pedaços de couro e razoavelmente compor um par de sapatos, se os nossos dedos bisonhos não conseguem manejar a faca, a sovela, o cordel e o ilhós.

A comparação efetivamente é grosseira: cordel e ilhós diferem muito de verbos e pronomes. E expostos à venda romance e calçado, muita gente considera o primeiro um objeto nobre e encolhe os ombros diante do segundo, coisa de somenos importância.

Essa distinção é um preconceito. Se eu soubesse bater sola e grudar palmilha, estaria colando, martelando. Como não me habituei a semelhante gênero de trabalho, redijo umas linhas, que dentro de poucas horas serão pagas e irão transformar-se num par de sapatos bastante necessários. Para ser franco devo confessar que esta prosa não se faria se os sapatos não fossem precisos. Por isso desejo que o fabricante dele seja honesto, não tenha metido pedaços de papelão nos tacões. E espero tambem que os meus freguezes fiquem satisfeitos com a mercadoria que lhes ofereço, aceitem as minhas idéias ou pelo menos, em falta disto, alguns adjetivos que enfeitam o produto.

Evidentemente o Sr. Mário de Andrade, homem de cultura e gosto, não iria aproximar um escritor dum operário. Mas agora estou pensando nos rapazes do "Dom Casmurro". E não atino com a razão por que eles torceram o nariz à opinião do crítico.

Afinal, que são os rapazes do "Dom Casmurro"? Os sapateiros da literatura. Não se zanguem, é isto. Somos sapateiros, apenas. Quando, há alguns anos, desconhecidos, encolhidos e magros, descemos das nossas terras miseraveis, éramos retirantes, os flagelados da literatura. Tomamos o costume de arrastar os pés no asfalto, frequentamos as livrarias e os jornais, arranjamos por aí ocupações precárias e ficamos na tripeça, cosendo, batendo, grudando.

Certamente há outros que são literatos por nomeação. Necessitamos de letras, como qualquer país civilizado, e escolhemos para representá-las um certo número de indivíduos que se vestem bem, comem direito, gargarejam discursos, dansam e conversam besteira com muita suficiência.

Os rapazes do "Dom Casmurro", uns pobres diabos, não sabem fazer nada disso. Peçam ao sr. Joel Silveira ou ao sr. Wilson Louzada, uma conferência a respeito do namoro e verão o desastre: as mocinhas da platéia se chatearão horrivelmente.

Restam, pois, a esses desgraçados, a essas criaturas famintas, as sovelas e a faca miuda com que se corta o couro. Mas é preciso que a faca e as sovelas sejam bem manejadas. Quando lá fora disserem: "Esta crônica está bem feita, este livro é mais ou menos legivel", os autores, uns infelizes, pensarão: "Bem. Não ha no mundo uma pessoa que tenha interesse em elogiar-nos. Fizemos qualquer coisa apreciavel, é claro". E dormirão tranquilos um sono curto.

Enfim as sovelas furam e a faca pequena corta. São armas insignificantes, mas são armas.

Porque estou musicando motivos de "Mar Morto" e "Jubiabá"

Dorival Caymmi

Vou apresentar um programa com músicas feitas sobre motivos que fui buscar nos dois romances de Jorge Amado sobre os negros e os saveiristas baianos: "Jubiabá" e "Mar Morto". "É doce morrer no mar", "Acalanto de Rosa Palmeirão", "A Estrada do mar" e outros motivos poéticos e folcloricos dos dois romances baianos já estão musicados por mim e tenho a impressão que ficarão bastante populares, especialmente "É doce morrer no mar", espécie de barcarola sobre a vida dos maritimos, a fatalidade que os prende ao oceano e faz da morte no mar um destino certo. O marinheiro se acostuma com este destino, chega a se apegar a ele. Nasci tambem em beira de praia, de certa maneira o que sou realmente é um músico dos pequenos maritimos e dos pequenos veleiros, sei o que é essa atração do marinheiro pelo mar que Jorge Amado descreveu em "Mar Morto". Os versos de todas essas melodias foram escritos pelo próprio Jorge Amado, que alem de meu patricio é de verdade meu amigo, que me autorizou a musicá-los. Aliás, a maior parte desses versos já estavam criados nos próprios livros, criados por Jorge Amado sobre a base folclorica dos abcs e das canções do cais que ele estudou quando estava para escrever seus romances. Musiquei-os e penso que essas músicas irão dar uma mostra real do que é a sensibilidade dos negros e mulatos maritimos da minha terra. Essas músicas se incorporam perfeitamente à minha obra musical, obra toda ela baseada em motivos folcloricos dos maritimos ou dos pretos da Baia.

Esse encontro da minha obra musical com a obra de romancista de Jorge Amado vem confirmar o que alguem já escreveu: que há alguma coisa de comum nessas duas obras, alguma coisa que as liga e que lhes dá um mesmo sentido. Não estou dizendo isto por simples vaidade, já que Jorge Amado, conversando comigo acerca do que haviam escrito, declarou que achava certo. Nós ambos temos como motivo central das nossas obras, romances dele e canções minhas, a Baia, a sua vida popular, cenas das suas ruas, dramas da sua coletividade. Temos os dois, em realizações artisticas diversas, procurado evitar que se perca a enorme riqueza folclórica que possue a "boa terra". O prof. Artur Ramos e o escritor Edson Carneiro, em vários volumes, teem estudado e sistematizado o folclore baiano. Mas o seu aproveitamento artistico em beneficio do povo só começou mesmo com Jorge Amado na literatura e (permitam a vaidade) comigo, na música. Esse folclore andava esquecido pelos romancistas e pelos músicos, nós o temos aproveitado e com ele Jorge Amado já realizou uma obra que hoje é lida e admirada em todo mundo, traduzida em várias linguas, obra que levou o folclore e a vida baiana a serem conhecidas por leitores de todas as partes do universo. Por outro lado minha música tem sido feliz, aceita não só no Brasil como no estranjeiro, onde a Carmen Miranda, com ela, tem conseguido uma popularidade quasi universal. Isso vem mostrar, antes de tudo, a força do folclore da Baia.

E' justo que eu encontrasse nos romances de Jorge Amado muita coisa que me interessasse para transformar em canção. Já realizei algumas que apresentarei em breve ao público, e estou realizando outras. Jorge Amado tem cooperado comigo nesse trabalho com o entusiasmo que põe em tudo que faz para um amigo. E eu me sinto muito feliz de, desta maneira, colaborar na obra do romancista das macumbas e dos sobrados de azulejo, das velhas igrejas e da gente do cais ,do romancista que soube se apossar do mistério da cidade que todos hoje conhecem por "Baia de Todos os Santos e do Pai de Santo Jubiabá."

Ligeira apreciação sobre crítica

Guilherme Figueiredo

Imagine o leitor que um dia o assaltam veleidades literárias. E que, logo após isto, assalta-o a idéia de um romance. E vem então a angústia de criar, bem ou mal. "L'homme enfante dans la douleur". Keyserling diria: "Só o sofrimento é criador". Pois, bom ou mau, lá nasce o livro, e com ele o problema do editor. Suponhamos, para encurtar razões, que se resolveu tambem este último problema. Vem o volume ao público e aos críticos.

E estes então dirão coisas. Coisas diversas, diversíssimas, antípodas. Não falemos do comentarista primário, que resume a apoucada opinião em assegurar: "bom", ou "máu", como se na terra sua função fosse uma espécie de Inspetoria Policial. Estes cavalheiros não contam. Nem são críticos, nem advertem o autor, nem são úteis ao público. O crítico literário é um crítico de arte; por conseguinte, de nada vale negar ou aplaudir; o que dele se espera é a razão da negativa ou do aplauso. Pois bem: vai o autor conhecer os juizos destes últimos. E constatará o seguinte: A e B, conceituados ambos, emitirão opiniões absolutamente dispares, não só em matéria doutrinária, política, social, religiosa, mas tambem em arte.

Dirá o leitor: trata-se sempre duma questão pessoal, em que influem tendências, temperamentos, faculdade de penetração, experiência da análise, etc. E preconceitos de escola. Furioso com alguns, aproveitará a oportunidade para citar aquela espremida maximazinha de Destouches, a que diz que a crítica é fácil, e a arte difícil. Ou, se não quiser gastar erudição barata, empregará estas frases sempre ouvidas das senhoras, nas salas de visita: "Gosto não se discute... Se não fosse o mau gosto, que seria do amarelo?" Doloroso.

A verdade, leitor, é que você nunca publicou um livro; e, pensando bem, você é que é o verdadeiro crítico, embora seja meio ignorante, sem orientação alguma, com vários exames por decreto, e consista apenas num grãozinho dessa coisa informe e obtusa que se chama público. Você nunca perpetrou livro algum, não fará mais que ler, pingar palpites deselegantes e sem sutileza sobre tudo que soletra. Mas você compra o bom volume, ou o mau. Mas compra. Entre um e outro, escolherá. A bolinha pode cair no sete, ou no dezenove. Pode ser que você tenha esquecido o autor anônimo, e o vá descobrir meio século depois. Pode ser que você consagre esse outro, e daquí a três meses ninguem mais o lembre. Você mal sabe ler; o seu critério não aplica regras de estética, não cita Sainte-Beuve nem Barbey d'Aurevilly. Mas foi assim que você descobriu Homero, Dante, Cervantes, Montaigne, Goethe... Foi assim que você deixou de ler os da Academia Brasileira. No Brasil, setenta por cento da sua integridade intelectual, leitor, é analfabeta; mas os trinta por cento restantes são mais unânimes do que todos os profissionais da opinião literária.

A nossa vaidade de autor, tanto quanto simplesmente a curiosidade, levou-nos a guardar alguns recortes do que se escreveu sobre "Trinta anos sem paisagem'. Assim como quem guarda selos usados por outros, moedas que outros gastaram, maços de cigarro que outros fumaram, nós colecionamos o que se disse sobre o nosso romance. Cabotinismo, dirá você. Mas é um cabotinismo que nos permite verificar as verdades fundamentalíssimas traçadas acima. Até hoje não sabemos ao certo se nosso livro valeu ou não a pena de ser escrito. Nos apontamentos aquí feitos, talvez você só veja desejos tolos e pretensiosos; mas provavelmente poderá lobrigar a diversidade da crítica, e a maneira muitas vezes exótica por ela utilizada para traçar um conceito. E enquanto isso procuraremos uma pequenina defesa para alguns ataques sofridos.

*
* *

"... um defeito, a aproximação demasiada com a realidade, manifesta no fato de ter sido calcado o motivo central em acontecimento que teve lugar ainda bem perto e de que os jornais se ocuparam amplamente" — escreve o brilhante crítico paulista Nelson Werneck Sodré. Houve quem dissesse mais claramente: falta de imaginação, cópia a carbono do real.

Mas assim o fizeram grandes mestres do romance. Há teóricos que não pensam noutra coisa senão em procurar identificar a realidade conhecida com as personagens e as ações dos romances. E acham facil a tarefa, seja em Dickens, em

Balzac, seja em Eça, em Zola ou em Machado de Assis. O imaginoso Chateaubriand aconselhava que se desconfiasse da pura imaginação; porisso, Hiérocles é Fouché, Eudore é o próprio Chateaubriand, como René o é, como Aben-Hamet tambem o é. Como os pintores que empregam modelos realíssimos para fixar na tela ninfas, deusas e santas, ele usou retalhos de paisagens reais para os quadros de fantasia. Não faltam outros exemplos. O argumento do "Conde de Monte Cristo" pertence a um processo forense. Oitenta por cento de Dostoiewski são vividos ou contemplados. "Werther" é uma cena da juventude de Goethe, que aliás afirmou: "Toda a minha obra não passa de fragmentos duma grande confissão". Imaginar não é só inventar enredos, mas dispô-los em forma artística, ainda que verídicos.

Que belo tema de romance não sairia dos últimos momentos do "Graf Spee"! Suponhamos um marinheirozinho do navio bombardeado. O vaso de guerra tem que sair do porto; fora esperam-no os cruzadores inimigos, certos no tiro, certos da vitória. O marinheirozinho sabe que vai morrer, porque o encouraçado já não resiste ao combate; sabe, sabe que será heróica sua morte. E no entanto ele ama a vida, sente saudades da charneca renana em que nasceu; pensa na mãe, nos domingos na igreja luterana, e numa loura Gretchen que ficou à sua espera. Como será o último dia de vida do marinheirozinho no porto estrangeiro? Que fará, que pensamentos terá antes de morrer? Aí está um romance. Quem o fizer será acusado de falta de imaginação. Vejamos outro assunto: uma velha rica morre lentamente, enquanto os parentes, que nos primeiros tempos da moléstia foram solícitos e bondosos, já se exasperam com o fim demorado. Falam de tudo, dispõem dos haveres, discutem partilhas, como se a mulher estivesse enterrada, porque estão gastos e se acostumaram com o que a princípio parecia ser uma desgraça. Se se aproveitar este argumento, não haverá nenhuma falta de imaginação.

Quasi todos os ficcionistas trazem do que assistiram na vida, ou do que viveram, o fundo do quadro da ficção. Paisagens, personagens, cenas incidentes, núcleo central da novela. Fulano é personagem de José Lins do Rego. Beltrano o é de Graciliano Ramos. Cicrano, de Érico Veríssimo. Mas explica-se: os escritores colhem material apenas conhecido deles (o caso da velha moribunda); não o tiram dum fato do conhecimento geral (o caso do "Graf Spee"). A imaginação consiste em possuir elementos ignorados pelo público e pela crítica. Assim, estes não podem acusar o romancista. Mas não faltou quem soubesse de grandes crimes, e assistisse a sessões no júri; ninguem, no entanto viu alí um romance. Talvez seja imodesto de nossa parte afirmar que vimos primeiro. Mas, se nos acusam agora, não nos culpem por haver posto em pé o ovo de Colombo.

*
* *

Não sabemos até onde se medirá o verdadeiro e o errado, o justo e o inexato nesses fragmentos de crítica em nossas mãos. Por exemplo: o sr. Alvaro Augusto Lopes acha que o autor de "Trinta anos sem paisagem" não devia ter despresado a ordem cronológica dos fatos. Jorge Amado, entretanto, opina: "Qualidade é a boa realização técnica que o romance possue". Preferimos ficar com a opinião elogiosa. Porque, a aceitar o sr. Alvaro Augusto Lopes, "Os Maias" é um livro horrivel, principalmente na primeira parte, porque lá não há ordem cronológica; tambem a "Sonata a Kreutzer"; tambem o "Il fu Matia Pascal"; tambem "Memórias póstumas de Braz Cubas"; tambem "Eyeless in Gaza"; tambem... que sei eu! Todos os autores que não tomaram a folhinha como guia... O processo do livro, o mesmo comentarista denomina de "sur realismo"... E no entanto o sr. Augusto Lopes teve justas advertências ao tema do livro: uma delas, ponderavel, é a de ser ele fragmentário, o que rouba a sequência que o leitor vem tendo deste fato ou daquela cena.

Os nosso amigos Menoti del Picchia e Jorge Amado que, do alto da celebridade, nos honraram com generosas palavras de estímulo, disseram entretanto: o primeiro — "O livro é uma reação contra o mau gosto"; o segundo — "Há páginas dum mau gosto alarmante". Mário de Andrade — como Osório Borba — acusa-nos da "mania de fazer espírito, e confundir inteligência com vivacidade". Menoti aponta ainda "a ironia tornada uma constante". E Mário preferia que o romance fosse mais "repousante", opinião que tambem é de Murilo Miranda. O sr. Fernando Góes não nos perdoa o aplauso de Menoti; repete Mário de Andrade: detesta frases de espírito. Como se vê, há muitos abstêmios na crítica. Tal não se dá entretanto com Jorge Maia, pois assegura que meus personagens até se expressam muito bem. Mas, voltando ao sr. Fernando Góes: julga ainda o romance simplesmente cínico e deshumano — talvez porque creia, com o sr. Tristão de Ataide, serem cinismo e deshumanidade apontar erros humanos e desejar que

seus autores sejam menos errôneos e mais humanos. Enquanto isso, Danilo Bastos e Aben-Attar Netto veem no romance desespero e ternura, beleza de sentimento...

Já o sr. Edgard Cavalheiro (só pode ser por causa do nome!) confessa bondosamente que falaram mal de nossa estréia, injustamente. Fran Martins lamenta que o personagem Venceslau apareça tão pouco... No entanto, o sr. Cavalheiro, como o sr. Oscar Mendes (que o nosso ver apreendeu a verdadeira significação do "Trinta anos sem paisagem"), é de opinião que o romance está carregado de criaturas perversas e hipócritas. Emil Farhat, contrapondo-se-lhes, escreve: "O livro do sr. Guilherme Figueiredo é de tal modo paralelo à vida que quasi poderíamos mostrar os lugares onde são encontrados seus personagens". Segue-se a lista dos lugares onde, na opinião do autor de "Cangerão", Oscar Mendes e Edgard Cavalheiro deviam ir, para nos perdoar. Wilson de A. Louzada começa assim sua crítica: "Como romance, "Trinta anos sem paisagem" não é isento de defeitos" — o que se nos afigura um curioso eufemismo para dizer que há no livro alguma coisa aproveitavel. Aponta então os defeitos: a ação do autor é de senhor de escravos sobre os personagens; o autor deforma-os, transforma tudo num palco de marionettes, mas não desce às fontes secretas do homem: não há no livro nenhum ser ascendente, etc. Mas, na hora de, afinal das contas, indicar as qualidades, Louzada passa a criticar o "Olha para o céu, Frederico", de José Cândido de Carvalho, nosso irmão siamês de sovas da crítica.

Criticou o sr. Berilo Neves, como a nós. O sr. Berilo julga um dos "pratos de resistência" da novela a descrição duma redação de jornal. Como o jornal deixa muito a desejar, diz que o nosso fito é "fazer as coisas peores do que são". Quando tudo é um mar de rosas, como na literatura do sr. Berilo Neves, nunca as coisas são peores do que são. Cita então um trecho do livro, e encerra o assunto asseguranto sermos nós "um homem, como tantos outros, que não compreende *romance brasileiro* sem esses "primores" de arte realista". Ora, acontece que o trechinho citado está muito superior às palavras do sr. Berilo... Ele se zangou com uns modismos brasileiros, uns solecismos de diálogo, umas expressões de gíria que usamos lá. O sr. Berilo é professor de português. Dizem até que dá, para os alunos analisarem os seus próprios aforismos. Pergunta depois: "Quem é o sujeito?" Como fatalmente a coisa é falando mal das mulheres, a meninada responde: "A mulher!" Ficam todos de acordo, porque, na literatura do sr. Berilo, fala-se mal das mulheres, mas não das redações de jornal. Afirma ele ainda: "Não é exatamente verdade que os romances traduzam o estado real duma sociedade — porque se assim fosse, nós, no Brasil, teríamos chegado ao último degrau da miséria e do despudor". Pois nós aqui achamos justamente o contrário: não só o romance, mas toda a literatura é a expressão duma sociedade. E achando assim, cremos que o sr. Berilo faz muito mal com sua crítica às mulheres. Pois estamos certos de que há entre nós mais jornais impuros do que mulheres impuras, graças a Deus.

*
* *

A piedade pela figura criada depende menos do autor do que do tema a que ele se cinge. O Sebastiarrão do "Primo Basilio" é uma necessidade da novela, como a Juliana; Javert existiu para que Jean Valjean fosse grande; a Clarissa de Érico Veríssimo nenhum valor teria se andasse circulando nas peripécias açucaradas duma "Bibliothèque Rose". O fato é que o personagem "bom", como o "máu", dentro de qualquer história, é pura inverosimilhança literária. Desde que o mundo lê, a literatura é a do bem e do mal. Desde criança, cada homem lê romances em que os títeres são duma honradez, duma probidade, duma nobreza de gestos assombrosas. Idealiza assim heróis na vida, heróis que morrem com a primeira desilusão, sempre violenta. Muitas vezes a própria intenção do autor provoca tais anjinhos; outras, a deficiência do escritor. O fato é que quasi nunca por intenção de bondade os autores fabricam gente simpática. O que acontece é que, nos romances, ela só interessa enquanto está vivendo o argumento escolhido; ao se sentir fora dele, some-se da pena que o compõe. No entanto, um homem, não uma personagem, recebe ao mesmo tempo um punhado de forças, circunstâncias, necessidades, impulsos desconhecidos, congênitos, inconcientes, que o conduz a esta ou aquela ação. Pode ao mesmo tempo estar amando, sentindo vontade de fumar, pensando no destino da alma, ou nas amarguras do fim do mês. Mas se este homem é fotografado pelo romancista, apenas se apanha um ângulo das angústias do seu temperamento: o ângulo que interessa à narração. O mais desaparece. Daudet não nos contou se Tartarin rezava à noite por medo de Deus, por hábito, ou por fé. Nada conhecemos do pensamento político de Goriot. Não temos notícia de um Pickwick com receio da morte. Ignoramos se Javert pagava em dia

aos seus devedores. Lady Chatterley está tão presa à tese le Lawrence que só lhe conhecemos a alma nos seus impulsos sexuais. Por mais que a ficção tenha fugido ao padrão romântico, ainda não soube significar a complexidade total duma personagem, embora o talento de alguns autores tenha sabido expressar facetas inéditas num simples adjetivo.

O fato é que o títere é sempre um retrato incompleto — ou completo na direção duma única intenção. Revemos agora os originais dum livro que traduzimos há pouco. É o romance "Monpti", do escritor húngaro Gábor von Vaszary, um dos grandes sucessos da Europa atual. Pois bem: num livro que gira em torno de dois polos, "fome" e "amor", o romancista soube dar essa expressão de "todo" humano com muito mais força do que a maioria de seus contemporâneos. E no entanto ele não chega a ser um Huxley.

Ora, para a confecção dum argumento que fosse "a desproporção entre a incerteza humana e a certeza duma condenação penal", não teríamos outro caminho senão gravar os momentos mais eficazes à tese, na vida dos personagens. Todos os momentos indicativos de falta de firmeza; ou de excesso de firmeza em desacordo com o passado da figura criada. Uma liberdade de técnica permitiria fixar só esses instantes. Porisso Marcelino Junior é dúbio e perigoso: ele tem atrás de si perconceitos jurídicos bastantes para esquecer a velha virtude da piedade. Não se enternece mais, não admite uma irreverência pelo prazer intelectual da irreverência. Traz fechadas a conciência e a agilidade do espírito, para todas as coisas simples da vida. Vê, na justiça que distribue como juiz, não um sentimento de paz interior, mas alguma coisa que lhe incensa a ascenção na carreira, nos altos postos. Vê na sentença que crêa um trabalho de gênio jurídico, mais para si mesmo que para o réu. É esse o momento em que foi fixado, pois só nesse nos interessava. No entanto, Marcelino, como homem, talvez gozasse de um momento de bondade; talvez tivesse tido gestos anônimos de piedade, rasgos notaveis, pilhérias engenhosas, conceitos cheios de desprendida filosofia. Nesses flagrantes não interessou ao romancista, porque este precisava de um símbolo. Interessou-o o cidadão embotado pela profissão; tão embotado que, na sua conciência, a jurisprudência, o código, e toga e o réu são coisas. Coisas que ele utiliza para ser insigne.

O leitor verá Marcelino e dirá que é um homem mesquinho.

Venceslau tem uma filosofia; ele é amoralista, mas censura os gestos imorais. Pratica-os tambem, mas censura-os nos outros. Quantos homens não haverá assim no mundo? Venceslau é mesquinho.

Pompílio interessa-se por uma jurada, a ponto de desrespeitá-la e ao tribunal. Isto levou-o a sentir a aura dum ataque epilético, que perturbará a sã conciência do seu voto. Mas, tempos antes, ele se enterneceu ao ver o filho, o seu filho... Se tivesse experimentado no júri esse enternecimento, em lugar da aura, talvez o voto fosse outro. Ao aparecer como trêfego bolina, passa aos olhos do leitor como mesquinho.

Mesquinho tambem é Severiano, mesquinho por incapacidade de se embebedar com os problemas da vida. Mesquinho por timidez. Mas, ajoelhado dentro duma igreja, elevando um pensamento simples de saudade da esposa morta, foi grande. Mesquinho é José Romão, traído pela esposa e feliz. Mesquinho é Carlos, infeliz porque se supõe traído pela esposa. Mesquinha é a doutora Beatriz, impossibilitada de apreender nos nervos frios a intensidade dum drama passional. O advogado, cuja defesa é um negócio antes de ser uma convicção, é mesquinho ao dar a esse negócio uma expressão de foro íntimo, a ponto de ter coragem de justificar o incesto.

Mas todos esses indivíduos pequenos e de alma anêmica podem ter tido ocasiões de imenso vigor de alma. A média, o normal é que sejam porem assim fracos, assim sem visão e sem tolerância para com o próximo; porque eles são como nós mesmos, criaturas autoras de crimes e de sentenças sobre os semelhantes. O ser de exceção no livro talvez pareça o réu; mas é que todos os demais estão convocados para julgá-lo, e não para cometer um crime. Fomos acusados de não ter piedade para com os personagens, e cortá-las com frases pérfidas; é que nos inspirava uma piedade maior, a outro personagem: ao semelhante que, ante a multidão dos Marcelinos, dos Aristides, dos Pompílios, dos Venceslaus, carregou sobre os ombros uma cruz de madeira.

*
* *

O que o sr. Plinio Barreto encontrou em "Trinta anos sem paisagem" como "um tom de ironia brincalhona", o sr. Tristão de Ataide chama de "justificação do assassinato e do incesto, sátira à justiça, à lei, ao pudor, ao espírito, apologia da desordem, absoluto libertarismo anarquista". Não sei se levo tudo à conta do ilustre crítico não ter lido o livro, ou de o ter feito com inexplicavel má fé. Prefiro a primeira hipótese, pois ando longe de aceitar que o talentoso escritor te-

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

TIO ALEXANDRE

Marques Rebêlo
e Valdemar Versiani

A noite estava fria, chovia uma chuvinha miuda e com um tempo assim nada melhor que ficar em casa de palestra, contando casos, rememorando fatos, esquecidos das horas. Alberto pai tem verdadeira bossa para contar episódios da vida da familia e para retratar tipos curiosos de parentes. E com imensa alegria de Albertinho, Alberto pai começou a falar do velho tio Alexandre (que Albertinho não chegou a conhecer), homem cheio de originalidades, que deixou fama na cidadesinha onde sempre viveu. Sua casa era pintada de azul, porque achava que esta côr trazia a felicidade, e tinha um mirante, o único mirante da cidade, o único mirante mesmo do municipio, mirante onde dormia. fôsse verão ou inverno, numa rede de algodão, feita por ele próprio. Salvo cadeiras e mesas, todos os seus moveis eram pendurados do teto por fortes fios de aço para haver mais espaço no chão. Passava meses comendo somente coisas cruas. Depois se aborrecia e passava outros tantos mêses só comendo coisas fritas. A sua roupa era feita por ele e tinha bolsos especiais para canivetes, fósforos, carteira, lenço, cada um com seu feitio caracteristico. Ao acordar bebia um gole de água salgada, que considerava o afugentador de todas as molestias e como por coincidência tinha uma saude de ferro era impossivel contestá-lo. Café, só tomava sem açucar pois "não suportava o amargo do açucar..."

Todas as noites jogava paciência com um baralho da sua invenção, que alem do rei, da dama e do valete, tinha as seguintes cartas: bispo, duque, coronel, cachorro e gato. E gatos era a sua mania mais forte. Recolhia quantos encontrasse. Tratava-os com um carinho de pai. Por mais magro que fosse o bichano recolhido em dois tempos se tornava tão gordo e lustroso quanto os outros. Sua conta de açougue era enorme, mas os seus filhos, como ele dizia, não passavam duas horas sem carne. Armava pescarias com o fito único de trazer-lhes peixe. As portas da casa tinham um buraco para os gatos entrarem de noite. E punha-lhes nomes de gente, dos seus mais caros amigos. Era exatamente a sua maneira de mostrar sincera amizade ou respeitosa deferência a uma pessoa. Assim havia na cidadesinha dois padres Gouveia, dois doutores Madeira, dois tabeliães Sampaio, dois farmaceuticos Tomaz, dois Juca da venda... Tal era o velho tio Alexandre, cujo coração era tão bom que a sua morte foi sentida pela cidade inteira e o seu entêrro foi uma verdadeira demonstração dessa tristeza.

— E de que morreu tio Alexandre? perguntou Albertinho..

O pai não pode deixar de sorrir:

— Tio Alexandre morreu de bicho de pé...

— De bicho de pé?!...

— Por causa dum bicho de pé, fica melhor. E vou te contar como. Alem das extravagâncias já faladas, tio Alexandre tinha mil outras e uma delas perigosa: a de cultivar bichos de pé. Ele fazia todo o possivel para apanhar um, o que não é dificil como você bem sabe. E quando o apanhava deixava-o engordar, porque gostava da comichãozinha que o bicho provoca. Ficava horas e horas, espichado na rede do mirante, olhando a paisagem tão sua conhecida e coçando o lugarzinho do bicho. Os conselhos dos amigos não adiantavam nada, pois tio Alexandre era cabeçudo como um carneiro preto. Doutor Madeira (não o gato, mas o médico) não se fartava de lembrar-lhe que poderia um dia pegar uma infecção. Tio Alexandre nem parecia que tinha ouvidos... Pois um dia a casa caiu. Veio mesmo uma infecção e, em menos de três dias, tio Alexandre morria.

Houve um silêncio, que Albertinho venceu:

— Quem diz que um bichinho tão insignificante pode matar um homem...

— Ele propriamente não mata, mas o seu ferimento pode se infeccionar, produzir o tétano ou outras complicações e daí resultar a morte.

— Mas como é que o bicho se introduz na gente, hein, papai?

— Se você pergunta isso é porque nada ou quasi nada sabe de bicho de pé e de pulgas, e então é melhor contar do princípio. O bicho de pé e a pulga são parentes próximos, sendo que o primeiro é um pouco maior, atingindo cêrca de um milímetro de comprimento. A fêmea do bicho de pé possue orgãos especiais que permitem que ela fure a pele do homem, do cão, do porco e de vários animais silvestres, onde se aloja para a postura. Depois que penetra na pele a fêmea cresce bastante em virtude do seu abdómen, cheios de ovos, se desenvolver extraordinariamente. Ela fica com a extremidade posterior voltada para a abertura do buraquinho que ela fez, e este buraco afinal nada mais é que uma ferida, uma lesão. Daí ela lança os ovos que podem ir à uma distância consideravel, às vezes a mais de um metro. Os ovos dão origem a umas lagartinhas, chamadas larvas vermiformes, porque são em forma de vermes. Vivem na terra, na sujeira, nas fendas do assoalho. O perigoso nos bichos de pé está exatamente, como já conversamos, na lesão que embora pequenina pode infeccionar, de sorte que sempre que se apanha um bicho de pé devemos extraí-lo imediatamente por um processo perfeitamente higiênico. Passamos primeiramente iodo no lugar, depois flamba-se um alfinete e retira-se o bicho todo, após do que voltamos a passar iodo novamente. Com esta precaução nada há que temer do bicho de pé. Quanto às pulgas, são perigosas por transmitirem uma tênia do cão, que pode vir a parasitar as pessoas que brincam com cachorros, pela possibilidade dessas pessoas engulirem as p u l g a s *transmissoras, o que não é nada difícil se as pessoas são crianças pequenas. Mas o principal perigo da pulga não é este, e sim o da transmissão da peste bubônica, rara no Brasil, onde é mais encontrada no nordeste. As pulgas transmitem-na dos ratos aos homens. Por isso devemos perseguir tambem os ratos.*

— Mas todo os ratos teem bubônica, papai?

— Não. Todos não. Mas são eles que se contaminam primeiro, as pulgas os picam e picando os homens passam a peste para estes. E é facil prever quando os ratos estão infeccionados, pois neste caso sua mortandade é grande. Dá logo na vista.

—E como é esta tal peste bubônica?

— E' uma peste que se manifesta por bubões. Chama-se bubão um tumor duro e inflamatório, que aparece principalmente nas glânculas das virilhas, dos sovacos e do pescoço. Mas já que estamos falando de pulga vou te contar uma que você não sabe: os homens que se embasbacam com os atletas olímpicos que conseguem pular dois ou três metros de altura, seja pouco mais que a altura de um homem como há pouquíssimos. Contam-se mesmo pelos dedos os homens que teem mais de dois metros. São até considerados gigantes. Pois as pulgas pulam muito folgadamente trezentas vezes a sua altura. Isto dito assim não parece lá muito, não é? Mas supondo que eu, que tenho um metro e setenta, pulasse trezentas vezes a minha altura, sabe quanto pularia? Quinhentos e dez metros, rapaz!

— Papagaio!

(Do livro: — *Alguns bichos nossos inimigos*).

Noturno da Vila de Espirito-Santo

Antonio de Almeida Junior

A vila dorme seu sono socegado dentro da noite sem limites. A matriz ergue suas torres ponteagudas num precário anseio de ascenção e a lua prateia o chão e as casas da rua tortuosa que começa na igreja e acaba na cadeia: dois casarões que nas noites escuras crescem sinistramente como dragões adormecidos mas que, à luz da lua, teem, pelo menos, uma mesma fisionomia de paz e socêgo. Lá longe, perto do cemitério, que parece um cenário de ruinas antigas, com suas cruzes brancas de braços incansavelmente abertos, seus túmulos de alegorias caiadas e suas covas rasas quasi escondidas pelo mato, lá longe, está a casinha de Dóro. Teodóro de Souza e Silva, esfarrapado herói que tem a cabeça fervendo de grandezas, o cabelo carapinha esbranquiçado, que conta a todo mundo que tem não sei quantas cabeças de gado e arrasta, apoiado num cacete, o pé direito quasi totalmente devorado por uma ferida que fede de maneira incrivel. Dóro construiu, ele mesmo, sua casinha liliputiana quasi dentro de um barranco, as ribanceiras como que limitando o seu mundo, cercada de bananeiras com seus filhotes e tendo no fundo um roçadinho de milho, uma enxada e um ciscador. Nunca estive lá dentro. Mas, por fora, aquele amontoado de varas, estacas, torrões de barro, palhas de cana, apresentam a fisionomia onde se pode descobrir certo tom irônico diante da vida, um trejeito de desprezo para o mundo e que, em noites enluaradas como esta, exibe uma indiscutivel alacridade, um rizinho leve que se comunica e se associa ao estado de graça das astesinhas que balançam, à alegria das florzinhas que se despetalam rindo, agitadas pela briza noturna. Lá dentro Teodoro ressona.

A vila dorme.

Na rua tortuosa não se vê um pé de pessoa. Uma cadela passa arrastando ruidosamente seu séquito de admiradores, perde-se pelos lados da cadeia e pouco depois escuta-se uma gritaría misturada com latidos de machos em disputa, lá pela altura da rua do Arame. Uma rua toda de taipa e de palha, que caminha até a ribanceira do rio, como para ficar, de fato, à beira do abismo. Irmã gêmea da rua do Azeite, onde mora Zefinha engomadeira.

Um trovador distante, lá pelas bandas da rua da Ponte, a rua das raparigas — Zefa Nanô, Maria Brancosa, Boféte, Zefina, Maria de Joana de Laláu (não moram lá, todavia, Salvina nem tão pouco Laura) — amantes de cambiteiros, de pálidos e inuteis doutorzinhos agranfinados, amantes de todo o mundo — lá para as bandas da rua

da Ponte um trovador canta uma canção sonora, romanesca, cheia de ingratidões e ais dolentes, que se perdem quasi sem éco, porque a limpidez iluminada da amplidão não é absolutamente uma abóbada.

Um caminhão gigante, super-carregado com fardos de algodão do sertão, vem pela Estrada Nova, com os farois inutilmente acesos, levantando o pó vermelho da estrada e abrindo o escape onde uma sirene saudosa assobia em modulações variadas, que sobem e descem, compondo um zumbido de cigarra desassocegada e sem pouso, como que atordoada pela claridade esmaecida e leitosa. O caminhão para no café de Maria Soares. Há um bate bôca debochado e grosseiro, ao mesmo tempo libertino e ingênuo, numa linguagem áspera, saborosa e musicada. Toma-se dois dedos de cana. Pisa-se no arranco que resmunga como uma verruma emperrada. O calunga volta agil e vibratil ao seu berço sobre os fardos de algodão. Deita-se de papo para o ar e o "Colibrí" arranca com aparente sacrifício, como um sujeito confiante nos seus músculos que quisesse fazer farol. Os cilindros gemem, as molas rangem, a carrosseria estala, a poeira envolve-o e ele sai cantando pela estrada a fora, roncando, trepidando numa euforia moleque de quem tem os parafusos arrochados, os pneumaticos cheios. O vento arranca flapos de algodão que vão ficando como pedaços de neve emaranhados nos cipós e faz girar vertiginosamente a hélice do radiador. No parachoque da frente escreveram com letra mal feita: "Colibrí". Atrás, numa taboleta que balança e que só se pode ler quando a poeira consente e a velocidade permite, gravaram prosaicamente: "Adeus".

A noite vai alta.

Seu Domingos ressona, todo enrolado dos pés à cabeça, repousando da árdua luta da vida. Os filhos estão em Recife, nas Academias, e sonhos de triunfo misturados com cifras e pães de tostão adejam em redôr de sua cabeça. Na padaria, pegada à casa de morada, os rumores de sempre. Há um cheiro de fermento impregnando tudo. O chão está revestido de uma camada espessa de sujo e farinha de trigo. O cilindro descança. Na masseira prepara-se o pão. Seu Felipe mete as mãos na massa revolve-a, faz um bolo volumoso, que de vez em quando levanta no ar com os dois braços e arremessa ao fundo da masseira produzindo um baque surdo que ele acompanha com um "hum' de peito e de boca fechada, como que acrescentando uma deliberação de vontade e uma indiscutivel contribuição artística ao áspero mistér. Ao fundo, o forno é um antro de brazas e calor. Na tendedeira o repinicado das cortadeiras fazendo bolachas é acompanhado com toadas e anedotas, discussões acaloradas e conversas em voz alta, fragmentadas e pequeninas como as bolachas que são cortadas. As cortadeiras compõem um batuque repinicado e ritmado no cepo de madeira de lei, numa marcação pitoresca que tanto se presta às emboladas como não atrapalha as canções dolentes de algum cassaco sentimental. Corta-se tambem o pão.

Severino Santana acabou de acender o candieiro de querosene e entoa uma modinha saudosa que Sebastiana, na cama, do outro lado da parede, estará escutando de olhos acesos, louca que o dia amanheça para ver o namorado com o balaio na cabeça, saindo pelo portão comum que serve à casa de morada e ao estabelecimento. Pensando na sua negra Santana sente o coração leve, um riso solto lá por dentro, uma alegria que põe tremores na sua voz e mel na sua garganta. Com uma brocha vai passando banha nas folhas que vai jogando para um canto, num barulho de lata atirada sobre lata.

A padaria é um pandemônio dentro da noite alta. Agora o cilindro vai devorar os bolos de massa preparados por Felipe. A massa vém em forma de nebulosa. Um enorme bolo de pasta branca e porosa, feito de farinha de trigo, água, sal, temperos, banha e sobretudo o suor de Felipe. Felipe é meio gago e fala pouquíssimo. Diz as palavras depressa, atropeladas, acabando antes do tempo.

— Péga-no-carro-Zé.

Zé surge como um titan. Músculos só. Anda sempre meio lombado. É o capiassa mais escorado da padaria. Mas vale ouro quando pega no braço do cilindro. Felipe joga sem pena o bolo na prateleira de cima. Mexe automaticamente em dois parafusos que regulam os rolos de ferro e espera os dois braços estendidos o lençol de massa que sai como uma peça de fazenda desenrolada. Joga novamente a massa já afeiçoada para a prateleira de cima. Zé, com o corpo brilhndo à luz dos candieiros, gira velozmente o braço do cilindro. Felipe arrocha agora os parafusos. Dentro de pouco tempo o lençol de massa está ótimo para a bolachinha "Coração". É quando Zé solta o cilindro que desembesta livre e barulhento, aliviado de tanta compressão.

Felipe volta ao pão francês.

Na tendedeira os coraçõezinhos pinotam das cortadeiras, o repinicado intensifica-se, as folhas fazem um esporro de latas que se desmoronam, as risadas esplodem nas bocas escancaradas. E Severino Santana canta para a sua Bata.

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

BOLINHOS ÚLTIMA INSTÂNCIA

Telmo Vergara

A mão gorda mergulhou a caneta no bojo do tinteiro. Depois tornou a pousar sobre o volume grosso dos autos de capa já suja e gasta. E começou a deslisar calma, ao longo do papel pautado. (A mão gorda é clara. Só há um fio de cabelo no dedo mínimo, um fio pequeno e tímido).

"Alem do mais, é preciso considerar que, "em matéria de despejo...

A mão gorda perdeu a lentidão, correu rápida:

"...o que os legisladores procuram é, antes "de mais nada, assegurar ao proprietário o "seu incontestavel direito de possuidor do "domínio...

No último "o" da palavra "domínio" a mão demorou. Quando terminou de traçar a letra, a mão depôs a caneta sobre o tinteiro e se ergueu irada (O fio isolado do dedo mínimo parece que tambem se levantou indignado).

E o dr. Marat se ergueu por sua vez, os olhinhos redondos fuzilando de brabeza. Resmungou:

— Está errado! Possuidor do domínio é besteira!

A mão gorda bate com ira na página pautada, mas se encolhe logo.

Não sujou, não. Só o que faltava borrar a sentença. Dr. Marat tinha que apagar com a borracha. Ou arrancar a página e fazer de novo. Sentença não pode ter borrões. Borrões... Dr. Marat está com as idéias borradas hoje... Proprietário possuidor do domínio. Erro crasso. Erro de primeiro-anista desatento. Coisas tão diferentes, a posse e o domínio. Posse-direta, quem tem é o locatário. O locador tem apenas o domínio... Dr. Marat está com as idéias borradas hoje. Imagina se ele lavrasse a sentença assim. Como os colegas não iriam rir... Proprietário possuidor do domínio... Idéias borradas!

Dr. Marat volta a sentar. A mão gorda torna a correr, levemente trêmula, ao longo da linha azulada:

"digo, seu incontestavel direito de (a mão pára, hesitante, continua) *detentor do domínio".*

Outra vez a caneta é abandonada sobre o suporte do tinteiro e de novo a mão se ergue, a princípio com os dedos vagamente curvos, sem designio certo, mas após de dedos contraídos, outra vez cheios de ira.

Sempre de mão fechada, dr. Marat abandona a cadeira-giratória e começa a caminhar para um lado e outro do gabinete, os olhos redondos despejando raiva sobre os quadros coloridos, de moldura dourada, sobre as estatuetas (a mulherzinha de porcelana é leve e graciosa, no arremesso da raquete de louça e nem nota os olhinhos irados do dr. Marat) sobre os livros enfileirados nas estantes, sobre as poltronas de gobelino riscado de arabescos.

Não resta dúvida! É uma idéia boba, é mesmo uma idéia borrada, indigna de entrar no cérebro de um juiz reto e digno, mas... sim, mas, do ponto de vista moral, por que o proprietário tem o direito de jogar para o olho da rua, sem mais aquela, o inquilino que sempre foi pontual no pagamento dos aluguéis?! Do ponto de vista moral, por que? Porem, se o direito tem como um dos fundamentos a moral, deve estar certo. Estará mesmo? O proprietário é o possuidor — bolas! bolas! — o detentor do domínio. E essa detenção que o proprietário faz do domínio, mesmo quando afastado da coisa, é um princípio de direito. Mas será mesmo apoiado na moral? Deve ser. Porque o direito tem apoio estrito na moral. Mas botar para o meio da rua o locatário pontual, o bom pagador... Idéia boba, idéia borrada, idéia indigna de um juiz digno! Hoje dr. Marat só tem idéias tolas! Já se viu?!

A mão gorda (o fiozinho do dedo mínimo não se vê agora) permanece contraída, como se Dr. Marat quisesse destruir a socos todas as coisas do gabinete, reduzir a mil pedaços a boneca de porcelana, que joga sempre o seu tenis, leve, graciosa, imperturbavel, como se dr. Marat, sempre caminhando para um lado e outro do gabinete, quisesse despencar das prateleiras todos os livros, grossos e finos, encadernados e em brochura, como se dr. Marat quisesse quebrar os quadros, espatifar as molduras douradas, arrancar o estofo bonito das poltronas.

Dr. Marat estaca de súbito. Fala alto, quasi gritando, enquanto as duas mãos gordas batem fechadas no peito amplo:

— Idéia besta! Idéia indigna!

Todavia, as mãos caem do peito amplo, abrem-se, espalmam-se, abandonadas ao longo do corpo do dr. Marat. Os olhinhos redondos perdem o jeito irado, ficam suaves, mansos. As narinas se dilatam, aspirando o cheiro amavel.

Cheirinho bom... Cheirinho gostoso. Cheirinho doce.... (A cabeça se virá para o lado da porta entreaberta, as narinas inflam, bolem sempre, se orientando) Cheirinho bom... Deve ser a Quinota fazendo doce na cozinha... (As narinas cheiram, cheiram, violentas). Esse cheiro é desconhecido. Dr. Marat não conhece esse cheiro. É um cheio novo, um cheiro inédito. Quer ver que a Quinota inventou algum doce novo? Essa dona Quinota é inteligente... Que imaginação a esposa do dr. Marat tem para criar novos doces, bolos nunca imaginados! Bolos nunca dantes imaginados! (Dr. Marat faz o rizinho, que lhe mostra os dentes brancos, pequenos, infantis). Essa dona Quinota...

Neste momento, as mãos gordas do dr. Marat não se contraem . Fazem os dedos redondos e curtos rolar um no outro, como se estivessem prestes a palpar o bolo inédito.

Calmo, de dedos sempre rolando um no outro, de narinas aspirando levemente, dr. Marat abandona o gabinete.

*

* *

Ao passar pelo corredor que leva da sala-de-jantar à copa, dr. Marat já esqueceu o cheiro bom, que está impregnando a casa. As mãos pararam com os dedos, espalmando-se no peitoril da única janela que dá para a área.

Ah! Estão alí as avencas e as begonias, nos vasos e nas latas cortadas! Tão bonitas, tão frescas! As folhinhas miúdas das avencas, as folhas grossas e aveludadas das begonias. Como são bonitas, como enfeitam a área escura e feia!

Os olhinhos redondos se agrandam, parece que se ampliam, crescem, envolvem as begonias e as avencas.

Aquela avenca alí do canto, foi o homem que vendeu na porta, àquele dia. Aquela outra, ao lado da begonia, aquela outra foi dr. Marat mesmo quem colheu naquele domingo de sol. Dr. Marat e dona Quinota foram passear de bonde até o fim-da-linha. Desceram. Tinha tanta moça e tanto rapaz na praça do fim-da-linha, no largo fronteiro à igreja! Depois de olharem a praça cheia de moçada, dr. Marat e dona Quinota foram indo pela estrada que seguia o fim-da-linha. Caminharam, caminharam. A certa altura, dr. Marat subiu no barranco, alegre, contente, gurí... E viu a sanga. E viu, brotando do barranco, quasi no fundo da sanga vermelha, o pé de avencas belíssimo. Não adiantaram os protestos de dona Quinota. Dr. Marat tirou o canivete do bolso, desceu ao fundo da sanga, cortou a terra em derredor da folhagem (como quem corta um bolo)

e trouxe a avenca. Voltaram. No fim-da-linha pediram papel emprestado ao homem do restaurante. As mãos do dr. Marat ficaram sujas de terra. Dr. Marat lavou as mãos na pia do restaurante. Depois passearam na praça, por entre os casais de namorados, dr. Marat empunhando a avenca enrolada no papel de jornal, contente, faceiro, como se a avenca fosse um buquê de flores, carregado pelo mais enamorado dos namorados da praça...

O sorrizinho torna a mostrar os dentes brancos e pequenos, os dentes de criança. Os olhos envolvem, cariciosos, as avencas, as begonias, toda a área de cimento.

Mas o sorriso de criança passa e os olhinhos fuzilam raivosos, quando o vento de primavera entra na área e sacode as folhas grossas e aveludadas das begonias, bole com as folhinhas miudas das avencas.

Será possivel? Irá despencar alguma folha? Parece que não. Ah! Felizmente foi-se embora o pé de vento. Vai-te, vai-te, desgraçado! (Torna o tom suave aos olhinhos redondos, as mãos gordas e curtas tamborilam contentes no peitoril da janela). Que coisa estranha! O muro da área é alto, tão alto que só se vê o segundo-andar da casa do seu Molina e só se enxerga a copa da acácia do terreno baldio. (Como será que nasceu essa acácia num terreno baldio? Passarinho trouxe o polen? Não sei) — o muro da área é tão alto e, entanto, o vento consegue entrar, bolir com as folhagens, quasi despencar as avencas e as begonias. Coisa estranha! Será que o vento entra perpendicularmente? Lá sei eu... Vento violento! Violento, sim, violentíssimo! Aliás, está certo. A época é de violências, violências, por toda a parte e sob todos os aspectos. Não admira que o vento tambem seja... O', meu Deus! Já estão voltando as idéias borradas, as idéias indignas de um juiz... Sim, mas esse vento é violento, como... como... O', meu Deus! Isso não são idéias de um juiz! O vento é violento porque é vento de primavera. Vento violento, vento malvado. Até está errado. Primavera é a estação das flores. E o vento da primavera devia respeitar as flores. Vento violento e incongruente... Mas violência e incongruência tambem existem naquele princípio de direito que faz o proprietário despejar o inquilino pontual... *"Alem do mais, é preciso considerar que, em matéria de despejo, o que os legisladores procuram é, antes de mais nada..."* Violência, incongruência, violência incongruente de vento de primavera, isto é que é! Violência consagrada em todas as instâncias, violência incontornavel que vai até a última instância! O', meu Deus, de novo as idéias erradas, as idéias indignas!

Ás mãos gordas novamente rolam, rolam os dedos, desta vez não por prelibar o bolo inédito, mas para achar uma solução, uma solução que traga claridade ao cérebro confuso do dr. Marat.

Porem, o cheirinho bom, que vem da cozinha próxima, torna a ser presentido pelo nariz chimbé do dr. Marat. As narinas aspiram, aspiram. E o sorrizinho, que mostra os dentes de criança, espanta definitivamnete os pensamentos escuros.

É por antegozar outra vez o doce desconhecido que as mãos do dr. Marat continuam a rolar os dedos gordos.

*

* *

O sorriso de dentes brancos e de crianças ainda se estampa na cara redonda do dr. Marat, quando esta pergunta é proferida para dona Quinota:

— Então, senhora dona Quinota, inventando algum novo bolo? Não conheço este cheiro. Criação nova, não é mesmo, senhora dona Quinota?

Dona Quinota, acocorada junto ao forno aberto do fogão, primeiro trata de retirar a lata cheia de forminhas, envolvendo-a no pano úmido. Depois, levanta-se e coloca-a sobre a mesa da cozinha. Por fim, aponta as forminhas, de onde os bolos estofados, gretados reluzentes, parecem querer saltar. Faz o jeito modesto. E responde ao marido:

— Sim, inventei hoje. Seis ovos e fermento Roial. A novidade é que não usa a clara e boto côco ralado quando tem um minuto de forno...

Dr. Marat se aproxima da mesa da cozinha. Dobra-se e aspira o cheiro bom. Circumvaga os olhinhos redondos pela cozinha (o fogão; o armário laqueado de cor-de-rosa, em cujo cimo as latas tambem cor-de-rosa dizem — arroz, feijão, farinha, ervilhas; o filtro antigo e alto; o pano branco, de bainha vermelha, com as letras bordadas consolando — "O asseio é a riqueza do pobre"). Os olhinhos redondos param a incursão. Fitam dona Quinota, úmidos, cariciosos. Os dedos gordos tornam a rolar, pacientes. Vem a nova pergunta:

— Já botaste nome?

Novo jeito modesto de dona Quinota:

— Ainda não.

O sorriso que mostra os dentes de crianças torna a aparecer na cara redonda do dr. Marat:

— Então bota este nome: "Bolinhos Última Instância"...

Demora muito a desaparecer o sorriso de criança.

Instantaneos de Brederodes

De Joel Silveira

RECORDAR É VIVER

Uma manhã, Brederodes sente, na hora de pegar o bonde, que há alguma coisa dansando diante dos seus olhos. Sobe do coração uma grande tranquilidade. E uma alegria ruidosa baila nos seus ouvidos, corre pelas suas veias como um sangue novo e forte. Brederodes acha o dia lindo, encanta-se com o espectaculo cotidiano do céu, tem um ar de amor e admiração para as árvores que estão mais verdes do que nunca e para as mulheres que nunca foram tão belas. Penaliza-se com as crianças pobres que saltam do bonde e correm atrás da bola de pano. E, de repente, nota que os seus olhos, arrastando consigo o coração que não resiste, estão voltando, voltando através de dias e noites, em busca de momentos que ficaram lá no começo do caminho. Brederodes sente tambem que a antiga ternura está presente. Lembra-se de Elvira, coitada, hoje tão acabada. Lembra-se da covinha que ela tinha na face direita, das tranças compridas e lustrosas que caiam pelas costas. Do primeiro beijo, que fora muito rápido e medroso, sob a escada, no saguão penumbrento:

— Se papai visse, maluco?

— Que é que tinha? Eu não vou me casar com você?

— Mas deixe pra quando estiver casado. Agora é cedo...

Casaram-se depois, houve muitos beijos e três filhos. Miguelzinho já está com os seus seis anos fortes e sem doença. Lucinda, um pouco franzina, é verdade, mas vai atravessando a vida sem grande complicações. E Manoel não tenciona deixar este mundo assim tão depressa — irá longe tambem.

No escritório, que é o lugar mais cacete do mundo, antes do almoço, Brederodes tem uma grande idéia. Hoje é sábado e não há expediente à tarde. Por que ele não convida Elvira para um passeio extraordinário, um passeio diferente? O Alto da Boa Vista, por exemplo? Gostavam de andar pelas estradas e se perder na mataria, quando eram noivos. Logo...

— Quer, Elvira?

— Você acha que não vai chover?

— Chover nada. O dia está lindo...

— Estou é meio cansada. Mas como o ar de lá é bom... Talvez eu melhore, não é?

— Pois é. Alem de tudo...

— Alem de tudo o quê?

— Você não se lembra? A gente gostava muito de andar por lá.

— Ora, meu velho, há quanto tempo...

— Hoje vamos repetir, relembrar. Caminhar muito...

— Repetir?

— Sim. Estou mais moço vinte anos. Só hoje. Tenho que aproveitar.

— Que feliz! E eu cada vez mais velha...

Foram. O céu sobre eles é muito azul. A grama rala que se estende pelas margens da estrada amarela, é verde e úmida. Um silêncio enorme invade tudo de uma tranquilidade de coisa morta, de cemitério. Somente as folhas bolem aquí e alí. E a água do Açude, cristalina e fria, está arrepiada, arrepiada como alguem com muito frio. O coração de Brederodes bate — está louco de alegria. E Elvira deixa aparecer nos lábios descorados e velhos um sorriso leve, um sorriso estranho que há muito Brederodes não via.

Quando voltam para casa, Brederodes sente que vem de um lugar muito distante. Não foi do Alto da Boa Vista que eles vieram. Muito mais longe, de muito mais longe, alem, alem... Vieram de um tempo que eles julgavam perdido. De um tempo já estava distante deles vinte anos, vinte anos, uma eternidade!

BATISADO NA FAMILIA

Agora que o mais jovem rebento da familia está tranquilamente dormindo, todo enrolado nos lençóis alvos e nas fronhas cuidadosa-

mente premeditadas, agora o jantar pode ser servido. O dia inteiro passou assim, numa azáfama infernal. Brederodes não teve socego. Levantou-se mais cedo do que nunca. Nem parecia que aquele era o terceiro batisado que acontecia dentro de casa. Perdeu a calma logo antes do café, impacientou-se com a demora do leiteiro, com a demora dos padrinhos. E, na igreja, lá na porta da sacristia, pôs-se a resmungar, furioso da vida, com raiva de tudo. A final de contas, o pai era ele. E ele era quem menos mandava na criança! Um pegava, vinha outra fazia um mimo, aparecia mais outro — e o pimpolho caminhava de mão para mão sem fazer uma parada nos seus braços paternais, ansiosamente paternais.

Agora o jantar pode ser servido. Brederodes senta-se na cabeceira. Infelizmente a mãe

não pode comparecer, ainda está muito abatida, coitada. E o lugar, à direita, já que Elvira não vem, é ocupado intranquilamente pelo Miguelzinho, outro rebento da ilustre família, tão feliz e tão meiga. Os companheiros da repartição — Gustavo, Tenório, o miope Anselmo e o notâmbulo e astral Gregório, tambem já estão nos seus respectivos lugares, prontos para funcionar.

— Brederodes não sabe como comece. O que quer fazer é uma festinha, festinha despretenciosa, mas ao mesmo tempo confortavel. Apalpa o discurso, cuidadosamente colecionado nas duas tiras de papel almasso, e faz esta pergunta crítica para si mesmo: "Devo pedir a palavra antes ou depois?". Mas Rosa aparece com o perú — o jeito é falar mesmo depois. Após o perú, vem o lombo cheio, com excesso de tomates e alfombrado de alfaces tenras e verdosas. O sulino sanguíneo enche os copos, escorre pelas gargantes sedentas. E a conversa vai se animando — os colegas falam e discutem, as mulheres dos colegas acenam umas para as outras. Miguelzinho faz bolinhas de miolo de pão.

A sobremesa é delicada: um simples pudim com ameixas.

Na hora exata em que Gregório vai fazer um gesto qualquer e dizer algo, Brederodes, resoluto, levanta-se e fala forte:

— Peço a palavra por dois minutos.

Anselmo é todo delicadeza:

— Por uma hora, meu amigo.

Brederodes, parece incrivel, está comovido, comovido sem tirar nem pôr. O suor desce frio da fronte. E as primeiras palavras são vacilantes e trêmulas:

— É como pai e como amigo que vos quero dirigir algumas palavras...

Anselmo precipita-se:

— Muito bem!

Mas a intervenção fora de tempo serviu, pelo menos, para dar mais coragem a Brederodes, que agora continua decidido:

— Como pai, meu coração transborda de felicidade. Como amigo meu coração se enche de agradecimento.

— Muito bem! Muito bem!

— Felicidade e agradecimento que agora se irmanam para compartilhar desta festa simples e modesta.

— Muito bem e não apoiado!

E o final, que é um beleza, ele o diz muito pausadamente, com a voz afetadamente trêmula e gutural:

— Recebei, pois, amigos fiéis a minha alma desvanecida e o meu coração sinceramente agradecido. E perdoai a fraqueza destas minhas palavras. Falou mais alto a minha gratidão.

— Muito bem, muito bem! — Anselmo está francamente entusiasmado. Levanta-se, abraça Brederodes, que limpa os óculos, convida todos a um brinde:

— Antes de tudo, meus amigos, um brinde à venturosa dona Elvira.

Os copos são erguidos. E os brindes se sucedem:

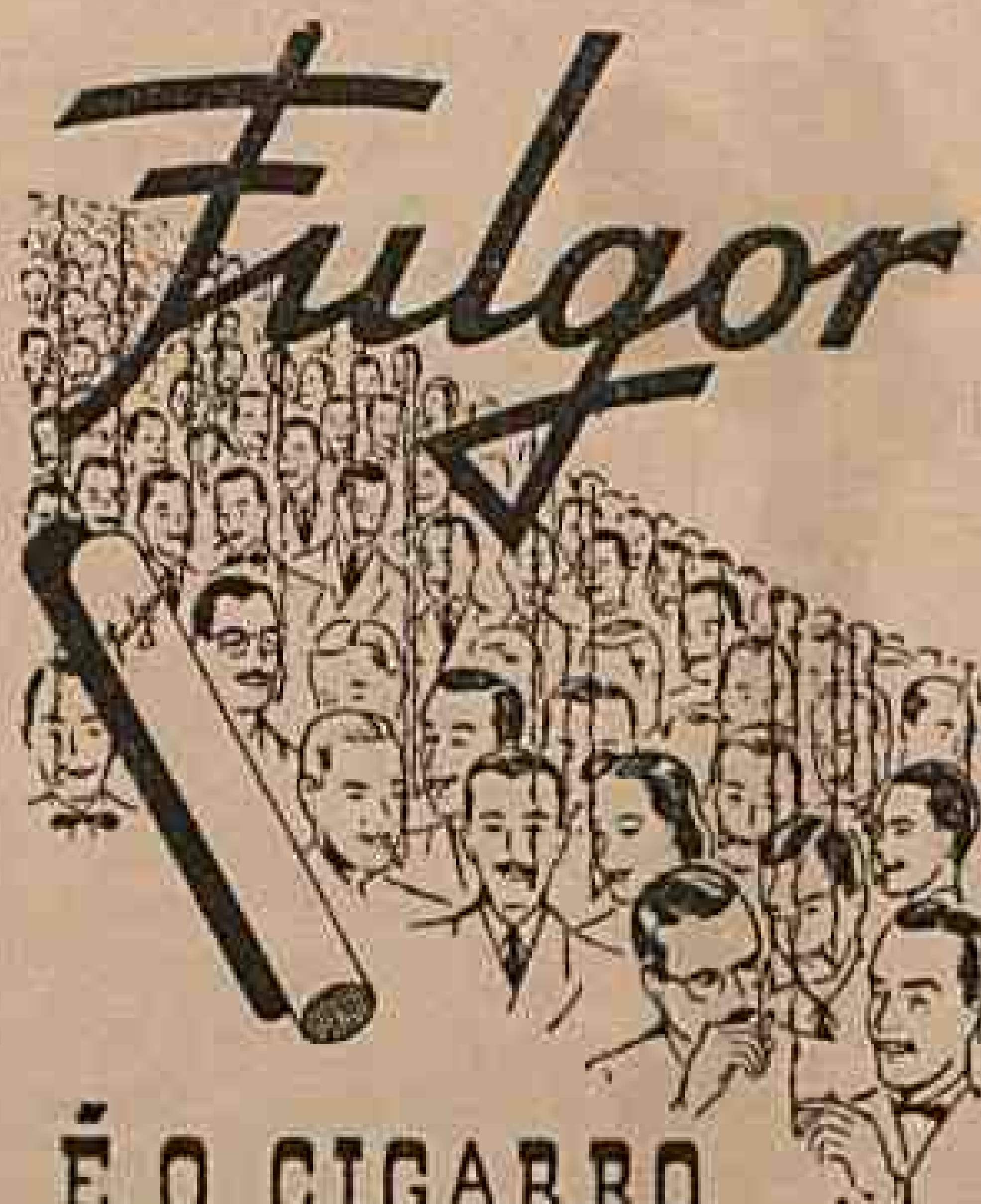
— Ao Brederodes!

— Ao pimpolho!

— Ao Presidente da República!

E são precisamente 10 horas da noite quando o notâmbulo e astral Gregório, que é o último a despedir-se, diz a Brederodes, na porta da rua:

— Brederodes, você é um homem feliz.

E Brederodes sente, mais do que nunca, que, de fato, é o homem mais feliz do mundo.

O LEGADO

Godofredo Rangel

— Veio trazer a menina?

— Sim, senhor...

Cesário apeou, tirando a pequenita da cabeçada dos arreios. Em seguida beijou respeitosamente a mão do coronel Joaquim Leme.

— A bênçam, padrinho.

O recem chegado era um cafuso alto e magro, com uma barbicha rala no queixo. Trazia camisa preta, sinal de luto recente. Enviuvara de pouco e de sua vida de casado apenas ficara uma *familia*, a Nenzinha, aquele principio de gente, de quatro anos apenas, que trouxera consigo. Vinha entregá-la ao coronel, que a aceitara para criar. Um vagabundo como ele, ora aqui, ora alem, na labuta da vida, não podia olhar pela criança; e a mulher recomendara-lhe, ao morrer, que, se a tivesse de dar a outro, que fosse para o padrinho dele. Este era, na zona, o lavrador de mais nome, mandão na politica, sem competidor no número de reses e nos milhares de alqueires de invernadas. Fizera escreverem-lhe, oferecendo a sorte dela. Naquela casa, à sombra de tão boa árvore, Nenzinha podia ser gente, ao passo que, com ele, só a esperava a condição misérrima dos de sua igualha.

Com a pequenina no braço, puxou o animal, indo amarrá-lo em um esteio da cerca.

— Que é isso, Cesário! protestou o padrinho. Desarreie a besta e solte-a no pasto...

Não podia. A demora ia ser pouca, por precisar tratar da vida. Atrazara-se com a doença da mulher e agora devia dar boas provas de si, mostrando ser honesto e saber desempenhar seus compromissos.

A razão em parte seria essa, que Cesário deu. Outra tambem haveria: a respeitosa distância a que o obrigava a opulência e poderio do padrinho.

Subiram para o alpendre da entrada, onde se sentaram em cômodas poltronas de vime. Cesário fê-lo constrangidamente, como se temesse macular a mobília com o contacto de sua rudeza de boiadeiro. Poz no parapeito a roupinha da filha, entrouxada num lenço de chitão.

Nenzinha conservava-se de pé, rente ao pai. Apareceram na *máscara* outras crianças da casa, que a vinda da menina alvoroçava. Nenzinha, acanhada, olhava-os desconfiadamente.

— Então, a coitada de sua mulher lá se foi indo, disse o coronel.

— Não houve apelo, explicou Cesário.

A doença viera *braba*, com um febrão sem jeito que a torrava dia e noite. E sempre no seu juizo dela e com aquela certeza de que ia morrer. Por isso, não se cansava de recomendar ao marido: "Cesário, olhe pela Nenzinha, não des-

cuide. Se casar com outra, não deixe a coitadinha sofrer. Se ficar só, entregue para uma pessoa que possa zelar dela. Você é homem, não tem expediente. Tambem na sua vida andeja, como ha de ter ela perto? Não tem outro jeito. Mas entregue a um pessoa que não judie dela, pois você sabe, que muita gente gosta de criar os filhos dos outros, mas é para fazer judiação. A Nenzinha é uma inocentinha e tem sido criada com todo o mimo. Não desfazendo em você, que eu estimo muito, ela sempre foi, como você sabe, as meninas de meus olhos."

— Aqui ela pegava a chorar, continuou Cesário; e eu então respondia: "Com outra não me caso, porque não hei de te esquecer. Sobre a menina você disse certo e vou seguir seu parecer". E, a toda a hora, a repetir a mesma recomendação. Como coisa que não sentia a doença nem a morte. Lembrava-se deste e daquele, a quem eu podia dar a filha e sempre naquela incerteza. Quando falei seu nome, ela aprovou: "Este sim, Cesário. Pois está muito bom." E deste modo, sempre com a idéia na menina, veio a agonia e ela morreu. Mesmo de vela acesa ainda enviezou para a filha um olhar triste, que era como uma despedida de saudade e de cuidado.

E Cesário calou-se, murmurando:

— Esta vida é uma atrapalhação!

Passou a vista desatenta pelas invernadas, que se roseavam com o primeiro rubor da florada. Os campos fugiam para todos os lados, em ondulações paradas de um mar que se imobilizou. Aqui e alem, salteadamente, abriam-se esbracejos mutilados de árvores secas.

O magote das crianças, rodeando Nenzinha, dizia-lhe com acenos das mãositas: *venha brincar!*

Menos acanhada agora, ela sorria para os outros pequenos, mostrando nas faces duas covinhas brejeiras. Mas não queria ir. Cosia-se ao pai, pousando a cabecinha na perna dele.

— Porque uma mãe, o padrinho sabe, é sempre uma mãe. Deus, ao entregar o homem para o trabalho, parece que tambem já destinou a mulher para cuidar da casa e criar os filhos. E minha defunta era mulher as direitas! Olhava a casa, zelava de mim, da menina, e, obrigação que tivesse, dava conta na hora e no instante marcado. Não ha aquela pessoa que pudesse dizer que um dia ela lhe fez mal ou a agravou com uma palavra. Não sei porque Deus tira gente boa do mundo! Morreu... Foi um transtorno! Vocês, olhando por esta criança, fazem uma obra de caridade.

Com as costas da mão limpou um cisco num olho. Relanceou de novo os campos que fugiam, recuando a perspectiva, a distanciarem-se em longinquos planos que iam morrer na orla azul do horizonte remoto.

— Não lhe dê pensão a menina, Cesário, disse o coronel. Havemos de olhar por ela. E, sempre que quiser, venha vê-la.

Cesário agradeceu, respeitoso. Não pretendia, porem, abusar desse convite. Apareceria raro em raro, para o padrinho não supor que ele desconfiava do trato ou queria tomar a menina. Dada esta, era mais ou menos como se morresse para ele. Era triste, mas, que fazer? Coisas do mundo. Ha um tempo que é só alegria; depois, é preciso paciência.

Avizinhou-se um camarada, que procurava o coronel. O fazendeiro levantou-se, para atendê-lo. Fez-lhe determinações sobre o serviço, e voltou para sua poltrona. E dalí ficou atento, a observar interessado uma ponta de gado, adquirida de fresco, que lhe entrava o curral.

Acariciando de leve a cabeça da filha, Cesário mudou de assunto, perguntando ao padrinho pela criação. Ferido em seu ponto fraco, o coronel respondeu-lhe, passando a dizer-lhe acaloradamente suas esperanças na alta. Abria-se belo futuro para a *lavoura* de criar. E, animado, apoiando-se no parapeito, mostrava as reses novas, encarecendo-lhes a qualidade.

Cesário mudamente confirmava com a cabeça.

Veio de dentro a mulher do fazendeiro, trazendo o café. Deu tambem umas prosas com o Cesário, dizendo-lhe palavras de sentimento pela perda sofrida. Ao voltar para o interior, chamou a menina:

— Venha comigo, venha...

Nenzinha desatendia-a. Só queria estar assim, perto do pai, com a cabeça inclinada sobre a perna dele.

— Venha ganhar um biscoito...

— Vá, Nenzinha...

A menina deixou-se conduzir, com grande alegria da petizada, que entrou com ela a casa da fazenda, rodeando-a em alegre celeuma.

Na *máscara* ficaram apenas Cesário e o coronel.

— Pois é, meu afilhado, prosseguiu este, teremos ainda alta. O gado escasseia e a procura aumenta...

Continuou a dizer suas conjecturas e esperanças. Cesário aprovava sempre, mudamente.

Ao mesmo tempo escutava a algazarra das crianças, no pátio próximo, alem dum muro. Soavam vozinhas alegres, entre as quais reconheceu a de Nenzinha tambem. A pequenita acostumava-se.

Depois de pouco espaço Cesário levantou-se, dizendo:

— Agora o padrinho dá licença...

— Que é isso! Ainda é cedo... Fique hoje!

— Precisão, meu padrinho! O senhor sabe! minha vida...

Desfiou de novo a lengalenga: suas dificuldades, negócios atrapalhados, compromissos...

Inclinou-se para beijar a mão ao coronel. Mostrou-lhe a trouxinha no parapeito: *Aqui é a roupa...*

Limpou os olhos, que o ardume do sol incomodava; e, descendo a escada, foi desamarrar a besta. Antes de partir salvou de novo, com respeito. E esporeou o animal, afastando-se.

Ao trote sacudido da bestinha, ia repisando todas as suas tristezas. *Esta vida é uma atrapalhação*, suspirava ele, resumindo nesta palavras suas amarguras todas. Uns morrem, outros ficam como mortos... Pois não tivera que entregar Nenzinha? Falta de amor não era, não. Sabe Deus quanto lhe custava! Que a menina tinha uma agarração com ele, que era uma coisa sem jeito. Quando o serviço dava folga de passar em casa uns tempos, era em seus braços que toda a noite a filha queria dormir. Pedia-lhe primeiro que lhe contasse histórias. Ele contava-lhe quantos casos lhe acudiam. Nenzinha não os compreendia, mas escutava-os atenta e sorrindo, deliciada de ouvir a voz do pai... E, num sestro antigo, enquanto este falava, ia-lhe repuxando a barbicha do queixo... Ele falava tudo o que lhe vinha a boca. E os olhos da crianças insensivelmente se fechavam e a mãozinha desprendia-se da barba... Dormia a sorrir, com as covinhas bem cavadas, como se ainda em sonhos continuasse a ouvir aquela toada de que tanto gostava, que era a voz do pai.

A agarração era tão grande, que a mulher se enciumava às vezes, dizendo: *E' assim, Nenzinha? você só quer bem seu pai? Deixe estar, jacaré!*

Mas não! E' que o pai viajava e a pequenita queria matar as saudades. Queria aproveitá-lo o mais possivel, enquanto demorava em casa. Ausente, era lembrado a toda a hora por Nenzinha. Aquilo que viesse ou sentisse, um dodoe, o gavião a assarapantar a galinhada, tudo dizia que ia contar ao papai. E ia ajuntando na cabecinha, quanto lhe permitia a memoria de avezita, todas as *grandes* novidades.

Se ele tornava de viagem, pressentia-lhe a menina o piso do animal. Parecia que o diabrete adivinhava, porque Cesário ainda vinha longe, e lá avistava a correr-lhe ao encontro uma figurita de nada, pequenina e rente com o chão, na estrada larga. E, numa alegria enorme, gritava e estendia-lhe os bracinhos, para que a tomasse na deanteira da sela. Precisava ele apear a distância, senão a estouvadinha metia-se por entre as pernas do animal; então, levantando-a do solo, beijava-lhe as duas covinhas, e, com o cacoete antigo, repuxava-lhe a barbicha do queixo, dizendo: *Papai!* Era claro que queria dizer outras coisas; mas eram muitas, e, agora, a vista dele, misturavam-lhe confusas na cabeça e, no tumulto, apenas sabia dizer aquelas duas silabas; e, a força de repeti-las, era como se se lhe houvesse esvaziado o coraçãozinho de tudo o que desejava *contar*.

Não havia criança tão querida. A mulher, então, coitada! a morrer, e parecendo não pensar noutra coisa. Talvez que seu desejo fosse levá-la consigo. Sentia, a essa hora extrema, o desespero do ávaro que antevê agonizante a fortuna, que duramente levou a vida a ajuntar, passando a mãos estranhas. E, morta, a imensa tristeza que se lhe espalhou no rosto, eram, por certo saudades da filhinha que ficava...

O trote, sacolejado, levava-o em toda regular. Sua vista corria as vezes o horizonte, como a buscar em torno o que quer que fosse que perdera e lhe fazia falta... Para todos os pontos descortinava apenas os campos a debandarem, em fuga silenciosa. E, quanto mais a vista os fixava, mais se lhe furtavam, em recuo infinito, num desdobramento de ermo e de amplidão, indo fundir-se em névoa azul na lonjura dos horizontes indistintos... Havia ali como o espraiar duma infinita tristeza sem cura. O boleado dos campos, o rebanho das pequenas ondas imotas, parecia a seus olhos cômoros sem conta de sepulturas rasas, que recuassem, em renques inumeraveis, para os planos do horizonte remoto; e plantadas aqui e alem, árvores secas, esqueléticas, abriam os braços, como grandes cruzeiros desolados...

Sentiu-se só na vida. Então apertaram-lhe as saudades da filha e da mulher.

— E' uma tristeza! Suspirou Cesário.

Levou a mão ao bolso a pro-

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

Chamava-se Vera Lúcia

Conto de

Danilo Bastos

Ela chegava, atirava o chapéu para cima da mesa, sentava-se na cadeira de balanço e ficava, de olhos fechados, arfante, a se balançar.

Chamava-se Vera Lúcia. Era minha irmã.

Do quarto, pela porta aberta, eu via apenas os seus pés se arrastando no assoalho, no assoalho de largas veias roxas.

Em seguida, ela se levantava, abria a cristaleira, tirava a caixa de injeções e vinha me falar:

— Seis e meia, querido. Está na hora.

Eu me erguia um pouco na cama e ficava à espera, com a manga da camisa arregaçada, que ela espetasse a agulha na pele arrepiada, e deixasse o calcio entrar no meu sangue. Depois, era a vez dela. Fazia cair o braço moreno, setinoso como um favo, já trêmulo e receioso da friagem do éter. Eu acariciava-o, brincava de assustá-la e ia empurrando a agulha. O líquido desaparecia da ampola, aos poucos, aos milímetros.

Quando acabava aquilo, era a solidão para mim. Ficava deitado, olhando a noite pela janela escancarada, ouvindo a algazarra dos garotos na rua, o rádio da leiteria, o buzinar longíquo dos automoveis. Em casa era uma calma angustiante. A luz que vinha da sala riscava um grande retângulo de claridade no quarto. Uma luz baça, sem energia, meio amarelada. Vera Lúcia costumava culpar a lâmpada.

— Uma sujeira! Mas eu não tenho tempo de limpar...

Eu sabia que não era imundície da lâmpada. O dinheiro é que fora pouco para comprar uma mais forte.

O calor da noite, que me umedecia a testa, aumentava a brasa das mãos. De vez em quando num acesso de tosse ou num princípio de hemoptise, me erguia, amparado nos ferros da cama e olhava a sala. Deserta e triste, imersa em penumbra, chegava a assustar. Fitando os moveis restritos e encanecidos pelo longo uso, tinha a impressão de abandono, de repulsa, que alucinava. Vera Lúcia, que fora namorar, só vinha às dez. Até a essa hora eu podia gritar, podia gemer, podia morrer. Ninguem me socorreria. O negrume que envolvia toda a casa apavorada. A idéia do repúdio se instalava em mim e tinha a força de uma praga. Eu já davia estar morto, pelos menos assim me consideravam; devia ser um morto com trinta e nove gráus de febre, tosse insistente e

sangue no escarro. Se eu desaparecesse do mundo naquele instante quem presenciaria o meu passamento? A sala vasia, o quarto vasio, a noite vasia de claridade, a atmosfera vasia da minha respiração.

Às vezes, Sá Fausta vinha me ver. Era uma preta velha, de cabelo já todo branco, magrinha, encarquilhada, sempre com a sua saia comprida de babado e a sua blusa de renda. Fora escrava de meu avô. Assistira o explendor e o fracasso da família, a morte de meu pai, de mamãe, de Luciano. Agora andava beirando a caduquice. Mas através a solicitude dos seus gestos, e delicadeza com que ela me tratava, sentia-se o seu desgosto pelo desmoronamento da nossa fortuna, pela desgraça que entrara em nossa casa e levara um por um os nossos parentes. Vivia com o filho em Santa Teresa. Frequentemente ele tambem vinha. Era o Benjamin. Tímido, cerimonioso, não se prevalecia de haver sido um bom amigo de traquinadas do meu velho. Me respeitava demais. Parecia ter uma compaixão enorme pela minha saude. Chegou a chorar quando me surpreendeu num acesso de tosse mais prolongado, em certa tarde de outono fria e chuvosa. Nunca quisera casar. Enquanto Sá Fausta fosse viva teria ele como amparo.

Eram apenas essas duas almas boas e honestas que me visitavam. Passavam-se dias e dias sem que ninguem aparecesse. À noite, como sempre, a solidão era terrivel. Me consumia mais que a moléstia insidiosa. Chegava a preferir todos os ruidos do mundo àquele silêncio apavorante e irremediavel. De olhar pregado no forro da casa, contemplando os riscos de poeira e a porcaria das táboas amarelecidas e dos fios da eletricidade não havia pensamento que não passasse pelo meu cérebro queste. Ouvindo a respiração barulhenta de Vera Lúcia dormindo no quarto ao lado, a sua tosse seca de vez em quando, ficava exasperado. Maldizia toda a raça humana, gritava contra o destino, contra Deus, e aquele maldito professor que plantara a tuberculose nos pulmões de toda a família. A escuridão do aposento me lembrava velhas intenções de suicídio. No céu negro que eu contemplava da janela aberta de para em par apareciam para aumentar a minha angústia quadros da infância, lembranças de um tempo mais feliz, de mais saude, de mais sorte. O vento da noite batendo de leve na vidraça falava-me uma linguagem enternecida de irmão; eram canções, melodias, velhos temas da meninice tão irriquieta e confiante o que ele me trazia. Sentia as lágrimas correrem pelo rosto magro. Não as enxugava. Apertava a barra do cobertor, espremi-a violentamente na boca para afugentar o soluço. Às vezes o choro vinha repentino e explodia em gritos pelo quarto deserto. Então Vera Lúcia chegava logo e indagava do que acontecera. Não fora nada. Ela acendia a luz e trocávamos um olhar. Minutos depois, chorávamos os dois, abraçados. As nossas lágrimas, misturadas, alagavam a minha camisa, enquanto eu beijava os seus lindos cabelos louros e o desespero tomava conta dos nossos pensamentos.

Chegou 1922 e eu ainda não me levantara. A vida permanecia a mesma, sem um acidente maior, sem um acontecimento a anotar. Vera Lúcia saía de manhã cedo, e só voltava à tarde, cansada do trabalho, arfando. Sentava-se na cadeira de balanço e depois vinha dar a injeção. Durante o dia e a noite eu ficava só. Há quinze dias Sá Fausta viera me ver pela última vez. Benjamim me trouxera frutas e conversamos um pouco. Sá Fausta beijara a minha mão, arrumara o quarto e ficara me olhando embevecida, como de costume. À chegada de Vera Lúcia eles se retiraram. Decididamente não podia haver coisa mais triste que a fisionomia daqueles dois pobres diabos cercando-me de cuidados, mirando profundamente os meus olhos, como se à próxima visita eles não me encontrassem mais. Sorria diante da amargura que eles demonstravam. Orgulhava-me aquela fidelidade. Pelo menos alguem choraria e sentiria o meu desaparecimento.

Nesse mesmo dia, Vera Lúcia me disse que ia casar.

Foi uma cena rápida e imprevista que atordoou um pouco. Eu lia uma revista muito velha — "Fon-Fon", de março de 1916 — recostado na cama. Ela cosia, ao pé, os olhos baixos no pano, os movimentos constrangidos, demorados. Subitamente parou a agulha e murmurou, a voz firme, sem emoção:

— Roberto quer casar comigo...

Voltei o rosto. À luz baça da lâmpada, a sua palidez amedrontava. Continuou a coser, murmurando:

— Casar...

Nunca me surgira a idéia de Vera Lúcia,

um dia me abandonar. Começou pois a me preocupar o problema da separação. Para mim Vera Lúcia resumia o mundo, a vida sã das ruas, a humanidade inteira. No seu corpinho sem resistência, anguloso e delicado, pusera um universo todo de temores e precauções. Tão fragil, resitiria às surpresas do casamento? E quem seria Roberto? Um rapaz honesto, trabalhador, amoroso? Ou um vaudevinos qualquer, de rosto apresentavel, com a ambição debruçada na nossa casinha? O mais irritante sem dúvida era a vontade inabalavel de Vera Lúcia. A facilidade com que me comunicara o projeto e o repetira nos dias seguintes mostrava uma rijidez moral rebelde ao menor comentário. Eu não devia ou melhor não podia dizer nada. Mas uma certeza terrivel desceu sobre a minha cabeça: era a minha morte que se tentava. Ou me acreditaria tão ingênuo em supôr que, casada, ela se dedicasse a mim com o desvelo e a solicitude de antes? Outra certeza criou raizes dentro de mim: se cansara daquela vida monotona. Queria sol, ar, distração, alegria. E a existência parada que levávamos só podia enveredar no caminho do meu desaparecimento, e depois no da sua solidão. Ar, sol, alegria nunca povoariam a nossa casa. Sim, a verdade se mostrava claramente. Vera Lúcia queria viver e amar, aproveitar o resto de mocidade que a doença não consumira ainda. E, como me crêsse culpado, um ódio crescente, secreto, irrevelado, assestado contra o irmão, começou a lhe pôr sombras no olhar carinhoso e lhe aconselhar uma má vontade diária na satisfação dos meus pequenos desejos.

— Demora o casamento?

De olhos caídos, firmes no pano costurado, ela respondeu, esticando as sílabas, com raivosa intenção:

— Não sei... Acho que não. Já está em tempo.

Voltei o rosto para a parede, encolhi as pernas e cerrei os olhos. Lá fora, um luar sereno, maravilhoso, punha reflexos dourados na vidraça. Vi-a, de olhos cerrados: vi os seus cabelos descendo pelas costas magras e encurvadas, as suas mãos compridas e brancas mostrando as veias azues e as cartilagens pontudas, o seu perfil arrogante traçado nas flores de caiação da parede em meia-luz.

Senti piedade. Piedade, ciume e repugnância.

A noite, que traz a paz, ascendeu então em silêncio, e afinal me fez dormir.

Lembro-me de um Padre

Carlos Drumond de Andrade

Lembro-me de um padre, um curioso padre... Foi em 1932. O país se agitava na revolução constitucionalista. Nas montanhas do sul de Minas, paulistas se batiam com mineiros. Algumas notas, um tanto enfáticas, que conservo desse tempo (tambem ele um pouco enfático) restituem-me a figura do padre:

"Belo Horizonte, agosto — Durante dois dias nós o tivemos na cidade. Veio da lama e do frio das trincheiras do Sul de Minas instalou-se, ou melhor, instalaram-no em um quarto de hotel, com água corrente, tapetes e moveis de espelho. Padre Alfredo Kobal, soldado anti-constitucionalista da Mantiqueira deve ter estranhado esse absurdo conforto urbano. Há um mês e vinte dias que ele não experimentava os prazeres simples, mas fundamentais, de um bom travesseiro. Para alem de Manacá, não há muita oportunidade nem conveniência em dormir, e corre-se o risco de ser acordado pela música dos Z B, quando não são formas noturnas que se deslocam, se arrastam e caem sobre a gente de surpresa. Por isso, é provavel que Padre Kobal não haja dormido bem na nossa cidade. Já perdeu o hábito disso, como terá perdido, se é que o teve, o de praticar os bons vinhos e deleitar-se com os bons pratos. Em compensação, aprimorou outros, e entre eles o de não se incomodar com tiros de fusil, metralhadora, canhão, tanque ou aeroplano; o de achar graça na chuva que desaba sobre a serra e encharca as botinas e os ossos; o de julgar a morte uma coisa tão natural como a vida ou mesmo muito mais natural do que a vida, que é de natureza tão sutil, complexa, enredada, perigosa e difícil que, francamente dá mais trabalho arrastá-la do que perdê-la. Não esquecer que Padre Kobal, com milhões de outros homens, mudou o rumo de sua vida em agosto de 1914. Desde então, vive um pouco romanescamente para o perigo da aventura. Os homens que voltaram da "grande guerra" trouxeram na máscara um vinco de amarguras irremediaveis. Vieram curvos e graves, com os olhos ainda cheios de negras visões e o espírito mais velho do que o corpo. Padre Kobal veio lépido, vermelho, jovial, e ao mesmo tempo humilde e sereno. Tanto sangue espalhado à sua volta, e sua batina preta não tem um salpico. É verdade que ela está toda rasgada, mas é dos espinhos, dos paus, das farpas que estão no campo e barram a passagem. Como padre Kobal precisa avançar, porque há feridos a socorrer, e os combates não esperam, pouco importa o que apareça pelo caminho. Se lhe aparecer o diabo em pessoa, padre Kobal o saudará com aquela irrepreensivel cortesia de São Francisco de Assis, em que Chesterton enxergou uma das primeiras virtudes do Poverello. Saudaria com polidez e marcharia para a frente. Nada detem esse homem, que tem uma cruz no peito e um sorriso na boca.

Conheci padre Kobal entre os homens da brigada Leri, numa visita às serras onde lutavam mineiros e paulistas. Havia seis batalhões da policia mineira em operações contra os rebeldes. Cada unidade podia ter o seu capelão, e o serviço desse ainda seria grande. Mas todos os batalhões elegeram padre Kobal, que ficou sendo o amigo de todos, com o número de cada um deles na casquete. E essa casquete em que se amontoam os algarismos não é um simbolo guerreiro, porque nela se gravam a simpatia e a piedade.

Mas afinal, será padre ou soldado? Não se sabe. Sabe-se que está no campo da luta, circulando entre os homens imoveis, levando-lhes comida e cigarros, amparando-os quando tombam e arrastando-os nas costas, por uma hora inteira como a esse coronel Fulgêncio, cujo corpo ainda palpitante padre Kobal tirou do chão varrido de balas e foi depositar no carro que o transportou a Passa Quatro.

No ar fino, puríssimo, dos morros do Tunel, como se destaca a sua voz: "Meu amigos, atirrem! Mas atirrem sem ódio".

Atirar sem ódio: é a fórmula do padre Kobal. Se o dever do soldado é rude, que cumpra esse dever, mas não empeçonhe a sua alma.

Padre Kobal tem palavras definitivas. Usa um idioma que é quasi o português, mas que ainda se turva com os residuos do alemão, lingua do país natal. Pois nessa linguagem brusca, arrepiada e torcida, sua comunicação com o mundo é sensivel a todos os homens. Tive a prova disso no cimitério de Passa Quatro, quando se enterrava o coronel Fulgêncio, da Polícia Mineira. Padre Kobal fez um discurso. Que discurso! Vinte ou trinta palavras apenas, mas palavras essenciais, que davam a volta daquele corpo e penetravam em nós todos. Alguem que assistiu à cerimônia teve a impressão de que eram pedras, blocos massiços desfechados por mão certeira. A emocionante brutalidade daquelas palavras (e padre Kobal pronunciou-as com o mais humilde e cristão dos semblantes):

— Fulgêncio, você não morreu. Esse que aquí está são apenas os despojos do outro que lá do alto comanda o seu batalhão. Meus amigos, o companheiro Fulgêncio está vivo e pedindo porr nós. Nós temos que prenderr com Fulgêncio a guardarr a memórria dele.

Sim, não se sabe bem se é padre ou soldado, e S. Francisco de Assis foi ambas as coisas e foi tambem um grandissimo poeta. Padre Kobal usa um capote civil sobre as vestes de sacerdote: usa tambem perneiras e quépi. O capote não é o mesmo com que foi para o Tunel, porque alguem mais precisado o subtraiu e padre Kobal, sem se aborrecer, arranjou outro. Há um vago ar prussiano na sua indumentária, mas atrás desse ar há a grande criança generosa, que pode ser austriaca e pode ser mineira, há a resignação, flor universal que viceja nos canteiros ábios, há a bondade e o desprendimento. Não tem medo de morrer. É ainda uma palavra sua: "O que pode acontecer de máximo é uma bala". Mas essa bala, ele não a espera nem a deseja. Apenas não a teme. Porque padre Kobal não é um desesperado, desses que acabam na Legião Estrangeira, mordendo o pó de Marrocos. Sabe que todas as coisas teem seu preço, sua hora e sua significação. Deixou a sua paroquiazinha de distrito, onde a vida corria *au ralentisseur*, e onde os duelos de artilharia eram substituidos pelos simples casamentos, e rumou para o lugar onde, havendo luta, havia sofrimento a consolar. O amor do próximo, que é o mais raro e o mais inexplicavel dos sentimentos, esclarece o gesto do padre Kobal. Esse homem esquisito ama os seus semelhantes e por eles deixou casa, tranquilidade.

Chegando aquí, mal descendo do trem, foi ao palácio do bispo, pedir-lhe a bençam e uma batina. Por que a batina que carregava no corpo era ainda o velho trapo dilacerado da Mantiqueira.

Galgou conosco as escadas de um dos edifícios onde está instalado o Governo. Eramos três ou quatro a acompanhá-lo. Vista do terraço, a cidade esparramava-se como um sinuoso corpo carregado de segredos, e dela subiam as vozes tenues da tarde, as queixas imperceptíveis que moram dentro das casas. Mas padre Kobal mostrou-se homem do seu tempo e observou com convicção:

— Que belo lugarr para uma metralhadorra!"

Passaram-se oito anos. Perdi de vista padre Kobal, Soube, entretanto, que, à falta de metralhadoras e de novas revoluções ele se meteu em politica municipal, ainda no interior de Minas, e perdeu o interesse específico. Receio muito que ultimamente lhe tenham repontado pendores nazistas.

A vingança do Professor Irineu

de Lobivar Matos

I

Naquela manhã cheia de sol o professor Irineu não se lembrou de consultar o relógio, tão influido se encontrava na caça facil e pitoresca aos erros de português que reduziram o livro de seu amigo Jonas Meireles a um emaranhado de tolices. A pesar da idade, Jonas Meireles ainda precisava estudar muito para ser um escritor completo. De talento ele era, sem dúvida. Mas estava longe de ser escritor escorreito, limpo, legivel. Por enquanto não passava de um simples escrevinhador, desses que pululam em todas as literaturas, que não sabia colocar pronomes, nem concordar verbos com substantivos, nem pontuar de acordo com as imortais regras da gramática.

Vendo o marido não se mexer, ele que sempre fora o método em carne e osso, e as horas se escoarem rádidas por intermédio do *cuco*, D. Clara gritou da cozinha:

— Irineu, ó Irineu! Não vai ao colégio, hoje, homem de Deus! Já são meio-dia. .

O Prof. Irineu dependurou o nariz numa careta, atirou o livro de Jonas Meireles para cima da mesa, concertou os óculos, dobrou a papelada, verificou se o tinteiro estava bem fechado, suspendeu a calça do pijame sempre arrastando no chão, chegou à porta da cozinha, sacudiu o dedo no ar:

— E' meio-dia, Clara. Será possivel que você não aprende isso?

— Não me amole com essas besteiras, Irineu. Vem almoçar que é... — retrucou D. Clara, aborrecida, fugindo rápida aos pingos quentes da banha que se derretia na caçarola.

Com um profundo suspiro de tristeza, o Prof. Irineu entrou no quarto. Vestiu-se correndo e num salto ganhou novamente a cozinha. Engoliu o angú fumegante de todos os dias, não esperou pelo café requentado, deu um beijo chôcho na testa de D. Clara e lá se foi às pressas para o poste cintado da esquina, esperar o bonde *Gavea*, que há dez anos o deixa duas quadras apenas do colégio *América*, onde, com assiduidade espantosa, ocupa a cadeira de português.

II

Depois das 11 horas era um caso muito sério encontrar logar nos bondes. Eles passavam abarrotados. Gente de todas as cores e de todas as qualidades. O Prof. Irineu todo o santo dia tinha que se sujeitar ou a ficar exprimido ou a se misturar com as trouxas de roupa que as lavadeiras escondiam no último banco. Viajar no estribo é que não viajava. Preferia andar a pé, a levar cotoveladas de condutores grosseirões ou ser esmigalhado por algum automovel maluco.

Quando o bonde parou o Prof. Irineu correu os olhos. Tudo cheio. Pegou mesmo o reboque e foi sentar-se ao lado de tres estudantes uniformizados, que discutiam, em voz alta, o último *fla-flu*. Esforçou-se para se distrair com a paisagem flamenga, mas os garotos falavam tanto, pulavam, trocavam tapas, roubavam jornais de leitores de outros bondes que passavam, que o Prof. Irineu não conseguiu prender sua atenção nas ondas do mar. Seus olhos inquietos, sem destino fixo, iam e voltavam, até que pararam no anuncio: QUINA PETROLEO, UNICA NO GENERO PARA ALIZAR CABELOS. E aí ficaram durante todo o tempo em que o Prof. ruminou seu grande ódio contra os anunciantes, pelo desprezo que votavam ao seu querido português. O verbo alisar, com z, e a gritaria dos colegiais quasi provocaram no ilustre docente uma congestão cerebral. Tossiu, destrançou as pernas, enfiou os olhos num barco que deixava a Guanabara, olhou para trás, fechou a cara para a mocinha da frente, condenou a falta de pudicicia do casal que viajava no primeiro banco, aos beliscões, e começou a pensar. Vou escrever um artigo terrivel contra os anunciantes. Desancar o governo, que só cuida de política, não

olha para nada: nem saude, nem gramática, nem alimentação, nem...

Nessa altura os colegiais aumentaram a algazarra. O mais exaltado deles falou:

— Não foi assim, não, seu bobo. Eu ví com os meus olhos quando Leonidas passou a perna nele e ele caiu.

O Prof. Irineu sentiu que alguma coisa ia lhe acontecer. No auge da irritação voltou-se para os companheiros de banco, dizendo:

— Meninos: vocês precisam discutir coisas mais sérias. Foot-ball não enche barriga de ninguem...

O garoto de olhos azues, surpreso com a ignorância do velho intrometido, sapecou:

— Não enche? Não enche uma ovas! Leonidas ganhou cinquenta contos de luvas e recebe mais de um conto por mês...

O Prof. segurou o menino pelo braço:

— O Senhor (disse ele tremendo o dedo no nariz pontudo) — o Senhor precisa aprender português e a respeitar os mais velhos, ouviu?

O imprevisto da cena chamou a atenção de todo o reboque e os passageiros com sorrisos timidos voltaram-se para a fisionomia carrancuda do velho professor, que, ao parar o bonde, saltou gesticulando, sacudindo a bengala de pinho, no ar:

— Geração infeliz!

Grossa vaia do reboque incendiou as faces do velho, que foi obrigado a ouvir do garoto de olhos azues:

— Maluco, vai pro hospício!

Sensibilidade gramatical irritadiça, o Prof. Irineu passou o lenço nos olhos, enquanto no seu peito explodia o ódio, o seu terrivel ódio contra a educação moderna, contra o presente, esse presente horrivel que o perseguia em toda a parte.

— Geração infeliz!

III

Tinia o sol na calçada. Uma sombra, porem, interrompeu-lhe a marcha. Era um magestoso arranha-céu em vias de ficar pronto. Ao vê-lo, o Prof. Irineu desceu a calçada. Parou no meio da rua. Ficou apreciando a habilidade e a coragem do negro, preso à uma corda, pintando a janela do último andar. Seus olhos desceram pela corda e foram grudar na taboleta.

NÃO A' VAGAS

Tirou os óculos. Passou o lenço nos vidros. Abriu os olhos, tornou a ler:

NÃO A' VAGAS

— Incrivel! — Tirou o chapéu, coçou a careca bastante adiantada, chamou o mulato que ia entrando no prédio. E falou para acrescentar um *h* no a. Não conhece o verbo haver?

O mulato disse que não.

— Pois, precisa conhecê-lo, ouviu? — E o Prof. virou as costas e foi saindo.

— Terra de analfabetos!

O mulato achou graça na história.

— Tá certo! — disse, sacudindo a cabeça e sorrindo para o vulto do Prof. Irineu que desaparecia na esquina.

IV

Tres dias se passaram e o *h* não foi acrescentado. Fulo da vida, o Prof. Irineu saltou do bonde em frente ao distrito policial. Era desaforo! Crime! E entrou bufando na sala do comissário de dia. Parecia um bêbedo. E como tal foi tratado de início. Depois de declarar, porem, as suas qualidades de professor, foi ouvido com mais respeito pela autoridade.

— Pois, seu comissário, eu vim queixar-me contra um abuso, contra um crime...

— Se trata de quê?

O Prof. Irineu corrigiu a autoridade:

— Trata-se, sim, seu comissário, de um monstruoso crime contra o nosso português...

— Nosso português?!

— Sim, contra o nosso português, a nossa língua, o nosso idioma...

O comissário caiu das nuvens. Aquele homem naturalmente era maluco. E por um triz não requisitou camisa de força. Limitou-se a sorrir e a explicar que não lhe competia fazer nada. A Polícia não tem ligações com a Gramática.

E o Prof. Irineu deixou o distrito praguejando contra as leis do país, leis falhas que punem os que matam criaturas humanas e se esquecem, ou melhor, protegem aqueles que esfolam os pronomes e fuzilam à gramática...

V

Duas semanas voaram. E a taboleta do prédio em construção continuava na mesma.

Depois do jantar, naquela noite calorenta, o Prof. Irineu sentou-se à mesa de trabalho, disposto a continuar seu artigo sobre os *Inimigos da Gramática*, quando Jonas Meireles, sem se fazer anunciar, como de costume, encheu a casa de ruidos e de constrangimento.

Ao ouvir-lhe a voz fanhosa o Prof. Irineu guardou o artigo, acendeu um cigarro, lembrou-se da maldita taboleta, mordeu os lábios com azedume e com um tico de raiva na voz abraçou o amigo de infância e ambos passaram a conversar

— Que tal meu livro, hein, Irineu?

— Sem gramática, meu caro...

—Não pensei fazer gramática, Irineu. Movimentei idéias. Faço questão de idéias. Gramática faz parte de plano inferior. E o meu livro tem ou não idéias?

O Prof. respondeu irritado:

— Idéias... idéias... de que valem elas sem gramática?

— Ora, seu Irineu. Será possivel?

D. Clara foi chegando com a bandeja de café. Chegando e dizendo:

— Não liga o que ele diz, seu Jonas. Meu velho anda doente com esse negócio de gramática...

E deu uma gargalhada.

Tomaram café. Falaram sobre as últimas novidades. Tocaram em politica, interna e externa. Cutucaram a vida alheia. Voltaram por fim ao terreno intelectual. Jonas Meireles falou sobre seus novos livros. Ia escrever um romance. Romance real. E foi por aí adiante. Mas logo se lembrou que precisava ir-se embora. E foi, o que muito agradou ao Prof. Irineu, que, também, pretendia sair àquela noite, depois das 11. E depois das 11 o Prof. deixou D. Clara na cama, apanhou um embrulho no jardim, pegou o bonde *Gávea* no poste cintado e ruminando algum plano terrorista, despregou-se completamente da terra, da terra feia, cheia de coisas feias, de homens maus, de meninos mal educados, de leis falhas e se internou no seu vasto mundo gramatical.

VI

Na manhã seguinte, antes mesmo dos operarios recomeçarem o trabalho, o Prof. Irineu parou em frente ao prédio em construção. Saltou para o meio da rua. Meteu os olhos no último andar, e os fez escorregar pela corda até à taboleta:

NÃO HA' VAGAS

Leu-a. Releu-a. Sorriu, um sorriso pequeno, depois outro maior e acabou dando uma gargalhada que só morreu no cubículo apertado que lhe deram definitivamente no hospicio.

A noiva do patriarca

ROMANCE HISTÓRICO

Joaquim Laranjeira

Um moço nobre e uma rapariga do povo

I

Ao vê-la pequena e rósea, cheia de graça como as loiras bonecas de Nuremberg que os contrabandistas do Rio da Prata costumavam trazer ao porto de Santos, desafiando a ingênua cupidez dos olhos infantis nas feiras festivas da vila, Gonçalo Chagas desenfaruscou o semblante apreensivo. Num arremedo de sorriso beijou-a na fronte bem talhada, leve, brando, como se temesse, com a rudeza dos lábios grossos, ferir, macular talvez, o setim da pelezinha tão tenra a parecer pelúcia de pêssego maduro.

— Ah! Quem me dera um homemzinho!

Dissera-o, repetira-o muitas vezes nas longas, animadas palestras de beira-fogo, acariciando a jovem esposa menineira e romântica, enquanto murmurava soturno, a menear a cabeça pejada de idéias más, tal se o desejo às claras exposto contrariasse intimamente e, dentro dele, outro desejo maior jazesse adormecido:

— Aos pobres, minha querida, meninas só trazem desgostos, amolações, aborrecimentos... Tolo quem pensa de modo diverso numa terra como esta, onde a quentura do clima, atordoando-o, reflete-se no temperamento de indígenas e adventícios. Prefiram-nas, os tais, e satisfaçam, destarte, à lubricidade, ao apetite dos libertinos desalmados, que aquí vicejam, abundam, proliferam, na preocupação exclusiva de conquistas faceis, namoros passageiros... Eu, por mim, não as quero. Nem cobertas de ouro, nem cheias de diamantes.

E Margarida, como se um pressentimento a abalançasse do coração às entranhas:

— Tens cada uma! Pois tudo não vem de Deus, Gonçalo, quer seja rapaz, quer seja rapariga?...

— Sim... tudo vem de Deus — assentia o paulista, evitando maguá-la, fugindo a turras logo na lua de mel.

Buscava outros assuntos de conversa.

A despeito, aferrado, insistente, crescia-lhe o secreto almejo dum primogenito varão, em luta com a preferência íntima duma pequenita. Rapazes sempre eram rapazes...

A sorte marcara-o simples colono. Quando poderia havê-lo feito pelo menos proprietário duns quatro palmos de terra, dera-lhe com os costados no sítio dos "Outeirinhos", cujo dono, o coronel de milícias Bonifácio José Ribeiro de Andrada, chamara-o para administrador e meieiro. Conhecia, pelo reconto dos maiores, pessoas encouraçadas de experiência, o pouco escrúpulo da gente fidalga quando se arvorava em protetora dos pobres diabos de seu estofo. E embora até alí se visse considerado e querido, como garantir subsistissem tempos a fora essa consideração e aquela estima? Bonifácio em breve seria pai pela segunda vez. Se a ele, Gonçalo, estivesse destinada uma menina, e ao coronel outro filho, — na realidade o morgado, pois o primeiro, por voto materno, fora prometido à carreira da Igreja — era-lhe facil profetizar os primórdios duma tragédia ou, quando nada, dum drama doloroso.

A idéia da sua dependência, do convívio dessa possivel menina com o provavel fidalguinho da casa grande, torturavam-o fazia-o surumbático, cobria-lhe a fronte de sulcos, martirizava-o até ao desespero. Ouvira, desde pequeno, tanta história de moçoilas do povo seduzidas pela lábia dos rapazes da nobreza e, logo após, despresadas, postas de banda como se fossem trapo inutil!

Daí o voto manifestado, máu grado seu temperamento amolecido de caboclo, sensivel a carícias, se alvoroçasse todo, imaginando os tesouros de meiguice às lutas cotidianas lhe trariam duas mãozinhas femininas.

Inteiramente descuidosa de preocupações iguais, Margarida nem dava tratos à bola na tentativa inglória de desvendar segredos de Deus: menina fosse, ou menino, o primeiro genito seria acolhido em seus braços com o mesmo júbilo, o mesmo encantamento que a dor de ser mãe proporciona às mulheres. Na feitura do enxoval — touquinhas de renda, camisolas, babadouros, cueiros — distraia-se horas a fio, idealizando o gentil mostruário daquelas lindezas, esperando-o ansiosa, entre-

vendo-o como a um anjo, cupido sem visceras, sem vasos sanguíneos, sem essa multiplicidade de músculos, nervos e tendões que torna o corpo humano, para quem o analisa em conjunto, um amontoado de lixo...

Todavia, quando a Perpétua, velha escrava afeita aos serviços de parteira, abriu a porta da alcova onde se operara o sublime mistério da maternidade, e disse, entremostrando na frincha dos beiços duas fileiras de dentes branquíssimos: "é fême, iôiô Gonçalo", o paulista sacudiu as espáduas; dócil, conformado, numa mansidão de ovelha, entrou para conhecer a filha; ao beijá-la, comovida, sentiu abrir-se em flores de ternura a alma quasi fechada pela aridez de largas lutas sem descanso.

E disse à Margarida, vendo que a pobre lhe cravava no rosto os grandes olhos lacrimosos, como a sentir-se merecedora de reprimendas por lhe não haver satisfeito ao anhelo:

— Deixa lá, minha velha, sossega... Menino, ou menina, tanto faz. É tudo criatura abençoada de Deus Nosso Senhor... E, à prova de que estou contente contigo, dar-lhe-ei o nome da tua predileção: Alcina.

II

Naquele mesmo dia, na rua principal de Santos, (1) surgiu ao mundo — curioso capricho dos fados! — o novo rebento do coronel Bonifácio. Tal como o previra Gonçalo, um menino robusto, sacudido, mas quão diferente da fragil beleza de Alcina! Guloso, insatisfeito, era de vê-lo aferrando os deditos, como garras minúsculas, no seio materno! Porque este lhe não bastasse ao apetite, roubou à filhinha de Gonçalo a demasia de leite que, do seio farto de Margarida, jorrava em catadupas.

Colaças, as duas crianças oriundas de berços tão diferentes, cresceram juntas, unidas, companheiras inseparaveis de brincos, colegas assíduas de estudos primários, pois o coronel, batizando com a esposa a pequenina, fizera empenho em prover-lhe o ensino, numa forma delicada de restituir, transmudadas em letras, as gotas — gotas, não! Litros e litros talvez — de alimento que o Zeca lhe roubara em cueiros.

Logo ao nascer Alcina, os cuidados do paulista, como as suas apreensões, aumentaram; vira algo de máu augúrio numa frase brincalhona do coronel, poucos dias depois do sucesso: "Eh!... Gonçalo! Enquanto minha mulher me pare aí um crianço deste tamanho, brinda-te a tua com uma coisinha destas, *uma panela rachada*... Pobre de ti!..." (2)

Anos decorridos, o atentar, mais perquiridor,

na camaradagem estreita das crianças, pitando o seu cigarro de palha de milho no terreiro da casa, Gonçalo, macambusio, muitas vezes franziu o sobrecenho. Então, num vago pressentimento teimoso como andorinhas que voltam a construir ninhos nos beirais donde se veem enxotadas, atirava longe o pito e, afastando-se, por não infligir maguas à companheira, ocultava-se no tapume do chiqueiro, entre arbustos de mandioca, enxugando os olhos na manga encardida da camisa rota.

Margarida, entretanto, cega e ingênua, acompanhava feliz os brincos de Zeca e da Alcina, sonhando, sem se atrever a esclarecê-lo consigo mesma, um dourado sonho de venturas que, com raizes no seu coração, ia, como luz tropical em halos de claridade, abrir asas sobre a loira cabeça da filha extremecida.

Alheios àqueles diferentes estados dalma, divertiam-se os pequenos perseguindo borboletas, cativando insetos, colhendo flores, pesquisando minérios, no anunciamento precoce da que seria — na sua gloriosa trajetória pelos caminhos da vida — a máxima preocupação do sábio José Bonifácio de Andrada e Silva.

III

Na vila de Santos, quiçá em toda S. Paulo, — provincia tão orgulhosa e soberba que, em tempos, requerera a El-Rei só lhe mandasse generais e governadores tirados da primeira nobreza — não existe pelos fins do século dezoito quem com o desvanecimento do coronel Bonifácio carregasse vetustas tradições raciais. Era, de fato, autêntico fidalgo, tanto nas atitudes exteriores abertas e francas, quanto nos feitos beneméritos, que não transpareciam, mas lhe exornavam o carater sem discrepância das linhas da honra e do dever, pronto a partir-se, incapaz de vergar-se.

Neto de cavalheiro que, em época remotissima, acompanhara às Espanhas o conde D. Mendo, descendente sem ramos bastardos de Nuno Freire de Andrada, Grão-Mestre da Ordem de Cristo, não perdia ensanchas de invocar os avoengos ilustres, considerando-se, no meio dos poucos nobres da próspera colônia, o primeiro, o mais destacado. Como os Rohan de França, cujo só apelido constituia carta de linhagem suficiente a dispensar outros títulos, tambem ele fazia timbre em sorrir ás futeis benesses concretizadas em favores da Coroa. Bastava-lhe — e esta a conciência lhe segredava sobrar — a nobreza pura, pedra diamantina e sem jaça, do nome encravado nos séculos, impresso em páginas imorredouras de história cavalheiresca.

Casara-se com Dona Maria Bárbara da Silva, da melhor gente de S. Paulo; ao fazê-lo, elegera para residência efetiva o sítio dos "Outeirinhos", onde iniciara vultosa cultura de café, açúcar, tabaco e anil.

A vivenda, como toda a área da aprasivel herdade, localizada em planalto onde o ar era livre, a brisa serena, em contraste aos terrenos fronteiriços, facultava saude, bem-estar.

Nem planas nem pantanosas, aquelas terras, a coberto dos nevoeiros regionais, isentas de febres endêmicas abundantes nas regiões limítofres, foram as escolhidas, dentre a vastidão de seus domínios, para sede, centro das atividades agrícolas.

No Gonçalo, que conhecera moço em Porto Feliz, acompanhado de exploradores, buscava minas auríferas nas cercanias de Mato-Grosso e Goiaz, e a quem devera a vida em circunstância grave, encontrara auxiliar precioso. Protegia-o, quer para compensação do serviço relevante, quer porque lhe visse, latente, a rija enfibratura dos bandeirantes dominadores de bugres. Teve provas numerosas tanto da afeição quanto da honestidade do colono, o qual, por seu respeito, afrontava perigos, empreendia sacrifícios.

Como todos os ricaços da época, cercava-se Bonifácio duma camarilha pouco recomendavel de caceteiros, valentões desalmados, dispostos às coisas mais condenaveis. Talvez no intúito de conter essa malta, desinquieta e de costas quentes, nas audacias excessivas, ele lhes botara à testa o Gonçalo, homem ponderado, refletido, apto pela bravura própria, refreiada em instrução outrora recebida do sábio missionário Ângelo de Siqueira, — um dos fundadores de Porto Feliz — a peiar, de modo tal ou qual, aquela capangada terrivel, tronco dos "Corta-Orelha", dos "José-dos-Casos", dos "Miquelinas", dos "Lafuentes" e outros tantos seresteiros malandros, que constituiriam a corte assidua do futuro Patriarca, na sua vida intensíssima dos primeiros anos da Independência.

Nada obstante, o coronel sempre vivera afastado das lutas partidárias, das contendas políticas, evitando imiscuir-se em questões dessa natureza. Parecia-lhe — e nisto talvez houvesse profunda sabedoria — desairoso metêr-se nas querelas do Brasil que, ansioso de se libertar dos grilhões lusitanos, por várias vezes empunhara armas, acendera motins.

A interferir, teria de colocar-se a favor dos grandes do Reino, velhos amigos de seu pai, entre os quais enumerava o excelentíssimo senhor Duque de Lafões, príncipe de sangue, figura de luzimento nas belas letras do mundo, com quem a miude se correspondia em mensagens de encantadora cordialidade.

Entusiasta do absolutismo, português pelo coração, como envolver-se em questões cujo fim era, certamente, abolir esse privilégio de direito divino? Se, defendendo-o, trabalhava pelo interesse de seus reis, não era certo colocar-se contra almejos dos legítimos patrícios? Pelo sim, pelo não, o prudente seria conservar-se alheio àqueles pendências esboçadas.

E conservava-se.

Entretanto, tais idéias nem eram firmes nem nítidas na mente do fidalgo. Seus filhos, cidadãos lusitanos, embora, como ele próprio, nascidos na colônia brasílica, teriam de respeitar a preponderância da metrópole: precisavam amá-la, para se não desviarem — vitimas do ambiente já respirado na terra, de conquistas libérrimas, avançados princípios sociais — do seu indeclinavel dever de patriotas.

Deliberou, destarte, educar José Bonifácio em Coimbra, onde a querença do berço nativo se desvaneceria com o tempo, altanando-lhe o orgulho dessa gleba tão pequenina nas dimensões geográficas quão enorme em feitos religiosamente conservados no mármore das estatuas.

Uma promessa de sua mulher, Dona Maria Bárbara, destinara Patrício, o primeiro filho, à carreira eclesiástica. Necessário seria substituí-lo na pimogenitura da casa. Assim, dessa qualidade investiu José Bonifácio, o segundo.

O jovem merecia aqueles desvelos

De invulgares talentos, precoce engenho, altos pendores a sábio, aos quatorze anos não era mais criança. A vida saudavel do campo, favorecida pelo delicioso clima dos "Outeirinhos", a faina de andar percorrendo florestas, subindo montanhas, em pesquisas continuas, investigando minérios e vegetais, tudo isso aliado ao gosto pelas ciências concretas, tornara-o, ainda infante, homem na completa acepção do termo. Tão visiveis seus progressos que, após lhe haver dirigido em pessoa os primeiros estudos, o coronel resolveu enviá-lo aonde mestres habeis continuassem o cultivo da inteligência cujos polimentos iniciara com êxito.

O Zeca estudaria o latim, a retórica; nas matérias inferiores já em Santos não havia quem o suplantasse; a todos maravilhava pelo discernimento dos modos, pela presteza no destrinchar transcendentes problemas e, ainda — o que, no entender de Bonifácio, lhe assentava como luva — pelo desempeno e majestade tão necessários a morgados de casa rica.

ROMPE-RASGA

Sodré Viana

Ficou surpreendido de se ver ali, amarrado à mesma fila de moirões em que estavam o Burro Careta, o Pelintra, o Capa Negro, o rebotalho dos pastos da fazenda. Que seria? Olhou para o Burro Careta, velhacão de marca, e procurou na sua expressão alguma coisa que o orientasse sobre aqueles sucessos. Mas, pelo visto, o Burro Careta não sabia de nada. Permanecia imovel, cabisbaixo, como sempre dissimulado, a beiçôrra pendida de tanto levar bordoada de bridão. Era tambem manifesto que o Pelintra e o Capa Negro ignoravam tudo. O Pelintra, placidamente, afugentava as moscas, meneando a cauda. O outro coçava num nó do pau a queixada sarnenta.

Rompe-Rasga resolveu aguardar os acontecimentos. Na sua longa existência de cavalo de vaqueiro aprendera a ser paciente, a esperar, quieto, no silêncio das noites estreladas, que a sede arrastasse às emboscadas das cacimbas os novilhos esquivos amucambados durante o dia. Era mesmo o seu sistema predileto de campo. Escondido por detrás da cerca, levava horas e horas sem sequer remoer a camba do freio. Junto a ele, o ouvido devorando todos os estremecimentos do sertão, Alfredo Honorato tocaiava o garrote. E, lá pela madrugada, quando o vulto transpunha a porteira da aguada, Rompe-Rasga sentia o peso do cavaleiro na sela, e precipitava-se, a toda brida, para cortar a retirada da preza. Às vezes ficava nisto. Outras vezes, porem, a cilada cautelosa e sem brilho desfechava num belo episódio heróico, vivido entre os punhais da caatinga: o barbatão, alucinado, arremetia com um lance da manga, destruia-o, ganhava aos pinchos o capão mais próximo. Então, tangido aos acenos da rédea, Rompe-Rasga embutia-se no aceiro, em plena escuridão da ramaria, esticado, mergulhando em galhadas baixas de umbuzeiros, atufando-se nos moitões de camaratuba, vingando renques cerrados de xique-xique, acendendo com as patas pirilampos efêmeros de seixos entrechocados, instintivo, selvagem, sublime. Rompe-Rasga. Do seu impeto lhe viera o nome. Rompe-Rasga. Pela manhã, quando voltava à fazenda escoltando a rez exausta, comia orgulhoso a ração de milho — porque Alfredo Honorato não se cansava de narrar as suas façanhas na corrida magnifica, e todos o olhavam com um nobre e carinhoso respeito.

Agora ali estava, misturado ao Pelintra, ao Capa Negro, à molecagem quadrúpede da fazenda. E tambem ao Burro Careta, criatura de imundos precedentes, filho de jumenta, sestroso, passarinheiro, capaz de deshonrar até a cavalhada de um bando de ciganos. Não, não entendia.

Escutou vozes na varanda. As vozes vinham crescendo. Ouviu o coronel rinchando uma

risada. E, de repente, a calçada da casa grande se animou.

Apareceu primeiro um homem de botas. Usava tambem um chapéu de pano kaki com sotachos de oleado negro. Pitava um cigarrão e, volta e meia, cuspia de esguincho, para os lados. Logo surgiu o coronel, em chinelas. E um magote de caibras de alpendre. O homem das botas desceu os degráus de tijolo e começou a rodear o Pelintra, o Capa Negro, o Burro Careta. Emquanto examinava tinha uma ruga de desprezo espichada do nariz para a boca. E o coronel, afastado, como concedendo ao estranho espaço bastante para inspecção rigorosa e tranquila, nem por isso deixava de distrair-lhe a atenção, conversando, conversando muito, abrindo os braços em largos gestos de benevolência. Rompe-Rasga compreendeu que ia ser vendido. Sim senhor. Vendido ao homem das botas, que o revenderia a outros homens de botas, numa feira cheia de zoada e poeira. Vendido, revendido, barganhado com o Pelintra, o Capa Negro, o Burro Careta, para a cangalha dos traficantes de fumo, para os cambitos dos roçados de mandioca, talvez mesmo para os varais de algum carroção de engenho de rapadura. Sofreu uma agonia sufocante. Procurou, com os olhos turvos de desespero, o seu amigo Alfredo Honorato. Não estava. Como era possivel que ele não estivesse ali, quando o seu companheiro constante de tantas vaquejadas, o instrumento vivo dos seus triunfos jazia à mercê da ignominia? Não, Alfredo Honorato, não estava. A ausência pungente amoleceu o olhar de Rompe-Rasga. Mas já o homem das botas se aproximava dele e o coronel, sentindo que aquelas pupilas melancólicas transmitiam uma impressão de desalento e lerdeza, fê-lo estremecer, vibrar, reacender os olhos — com uma palmada rija na anca.

Foi submetido à humilhante observação por que haviam passado o Pelintra e os outros. O homem das botas abriu-lhe a boca para estudar os dentes. Desatando do poste um cabresto, tomou com eles várias medidas. E tinha uns ares cabalisticos nessas operações. Depois distanciou-se, considerou mudamente o conjunto. No seu lábio crispado persistia a expressão depreciativa, a mesma, a mesmíssima com que examinara a ralé da tropa. Achegou-se novamente, espiou-lhe o encaixe do rabo. Rompe-Rasga teve vontade de quebrar com um coice aquela cara sordida que fingia nojo para pagar menos. Mas ficou quieto. Uma lassidão enorme o invadiu. E, sem querer, começou a achar justa a situação. Que vale um cavalo de campo depois de dez anos de serviço diário? Não vale nada. Está no fim. Acabado. Já não alcansa siquer uma vaca parida. Sim, de certo labutara muito, fora a jóia dos campiões. Podia mostrar, disfarçadas no pelo alazão, cicatrizes de refregas valentes. Tinha ainda, cravada e cicatrizada no mole da pá, a ponta de umburana murcha que o ia aleijando na pega do boi Relâmpago. Mas, a bem pensar, quem lhe mandara ser assim dedicado, incendido, delirante e místico nos seus trabalhos? Fora uma decisão sua, sua, exclusivamente sua. Nada o impediria de ter se poupado, como Balaio, que refugava nas macambiras, ou como o Sussuarana, que se recusava a atravessar riachos. Como o próprio Burro Careta, fujão, mucambeiro, só aceitando carga quando não havia mais mufumbo ou moita onde se entocar. Não, não quisera ser assim. Fizera-se uma espécie de exemplo no lote. E gozara, sim, gozara o previlégio, os encantos da sua posição. Emquanto os outros comiam do pasto ralo dos peadouros, ele se banqueteava no capim gordo da vazante. E ouvia elogios, e era acariciado, e tinha um nome e uma fama que ressoavam....

Notou que o coronel estava falando precisamente desse nome e dessa fama. Da sua fama. Do seu nome. O homem das botas escutava, de cabeça baixa, enrolando outro cigarrão. O coronel falava, falava, o homem das botas escutando sempre. Quando levantou a vista Rompe-Rasga julgou não ver mais nela o lume de baixa cupidez dos primeiros exames. Parecia mais decentemente interessada. E sentia-se quasi salvo da deshonra quando o homem das botas, tomando-lhe o cabresto, levou-o para um moirão que ficara desocupado, entre o Burro Careta e o Pelintra, e tornou a entrar em casa como o coronel.

Era evidente que a situação chegava ao desfecho. Apreensivo, Rompe-Rasga sondou os seus dois vizinhos. O Burro Careta, as orelhas espetadas para decifrar os rumores que vinham da discussão entre o vendedor e o comprador, tinha de instante a instante uma descarada cintilação de olhar. O Pelintra, ainda abanando o rabo, não saira da sua profunda, morna, saborosa indiferença.

— Que desejam eles? — perguntou Rompe-Rasga ao Burro Careta.

— Vender-nos. A ti e a nós. A ti porque trabalhaste muito e estás esgotado. A nós, porque não trabalhamos nada e assim não damos lucro. De modo que acabarás da mesma maneira que o Burro Careta e aqui o amigo Pelintra.

Rompe-Rasga disse qualquer coisa sobre conciência limpa. Depois calaram-se. O Burro Careta era um cinico, repito. Por isso ficou pensando que a limpidez da alma do Rompe-Rasga não poderia ser utilisada como enxergão para abrandar a dureza da cangalha. Quanto ao Pelintra, tendo esturrado num arremedo de mormo, continuou mudo.

O sol fez o fogo-de-vista do anoitecer. A caatinga adormeceu sob um docel arroxeado, depois negro, depois azul e salpicado de estrelas. Rompe-Rasga teve fome, teve sede. E a noite foi se escoando de vagar. Já as barras do dia iluminavam os morros quando o homem das botas apareceu na calçada, escarrou, fitou-o com um olhar agudo.

Um caibra de alpendre veio da roça com a montada do homem das botas. Selou, encilhou, dependurou dela os grandes alforges de couro curtido bordado a linhas vermelhas. Veio o coronel. Despediram-se os dois. Rompe-Rasga notou que ambos estavam satisfeitos. O homem das botas montou e o caibra aproximou-se dos moirões. Libertou o Pelintra, o Capa Negro, o Burro Careta. E sem um olhar, sem um gesto amigo, entregou-o ao comprador. Fôra ele o único vendido. Fora só ele o vendido. Rompe-Rasga trotou atrás do novo dono, transpôs a cancela, engolfou-se na vereda que ia dar na estrada. Para o desconhecido. Para a cangalha, para o cambito, para o varal... Que importava? Trotou resolutamente. Velhas árvores, a cuja sombra dormitara nas folgas, pelos meios-dias quentes, pareciam-lhe agora desconhecidas. A repreza do açude, luzindo como uma bandeja à luz da manhã, fulgurou de uma vez e sumiu. Rompe-Rasga analisava com amargor. O Pelintra não prestava, nem o Burro Careta, nem o Capa Negro prestavam. Ninguem os queria. Ficariam na fazenda até a morte, sempre ladinos, sempre treteiros, imprestaveis sempre. Rompe-Rasga trotava, trotava, e ia pensando que devia mudar de vida. Sim, mudaria de vida. Dali por diante seria lerdo, refugão, mucambeiro. Sim, mudaria de vida.

Mas, no cotovelo do caminho, um novilho irrompeu, os cornos altos, a venta palpitante, o corpo lustroso sulcado de fremitos. Espantou-se, tornou, aos corcovos, a mergulhar na capoeira.

E então Rompe-Rasga desejou que o homem das botas o cavalgasse e, no aceiro do garrote fugaz, lhe pedisse o esforço final da sua vida, a última distensão dos seus músculos, o último tumulto do seu sangue, o derradeiro hálito dos seus pulmões — a cena suprema da sua tragédia de animal nascido para a fatalidade de ser bom...

Cavalinho de pau

Leonidas Bastos

Dona Etelvina não era, como diziam muitos, assim tão má. O fundo de sua alma era uma paisagem de bondade. Lecionando naquele bairro pobre a meia dúzia de garotos, a vida daquela gurizada era um pedaço de sua vida. Enérgica, magra, sempre de máu humor, vestida invariavelmente de preto e quasi arrastando ao chão, ela apresentava, na verdade, aspecto de austeridade. Mas era boa. Tinha um que de bondade — demonstrada nas ocasiões precisas.

*

— Se essa bola quebrar algum vidro de minha janela, vocês vão todos para a cadeia!

Pela quinta vez naquele ano dona Etelvina fazia essa ameaça...

— Vagabundos! por que não vão estudar? Por que não vão trabalhar?

A gurizada desaparecia num relance... E' que a mestra impunha respeito!!!

*

— Como se chamava primitivamente a cidade do Rio de Janeiro?

A mestra fazia a pergunta e corria o olhar pela meia dúzia de garotos que a fitavam, medrosos... O Arizinho, ruivo, magro, nariz de batata, ficava mesmo em frente à mestra; Luizinho, vestido sempre com capricho, bem penteado, unhas sempre limpas, bem recomendava sua zelosa mãezinha. Era o melhor aluno da Escola. Rubatão, filho do zelador do cemitério, era gordinho, sem dentes, e o isolamento da turma... Julinho, que nas horas vagas lustrava sapatos — era inteligente — mas tambem um pouquinho mentiroso... Pedro e Carlos completavam o número. Pedro era demais levado, motivo de muitas gargalhadas e muitos castigos da turma.

Afinal, ninguem respondeu à pergunta da mestra.

— Nem o senhor, Luizinho onde se viu isso? naturalmente esteve jogando bola tambem, não é?

Nisto, do fundo da sala, uma risadinha abafada...

— Quem foi o engraçado, quem foi?

— Foi... foi o Arizinho, grita o Pedro.

— De castigo os dois! o moleque e o delator! E podem perder a esperança de ganhar o cavalinho!

Tirando um caderno da gaveta, fez duas cruzes...

O cavalinho de páu... Ali estava ele, em cima do guarda-louças, esperando que chegasse o fim do ano, e ele fosse entregue ao melhor aluno. Com aquela última arte dos dois meninos, só restavam agora quatro candidatos ao premio... E ainda era mês de Maio...

Maio frio e poético. Inspirador, bonito. Só lá pelas dez e tal da manhã, o sol conseguia despertar as gotinhas de orvalho que dormiam sobre as flores e sobre as folhas verdes... As vidraças das casas pobres e antiquadas estavam embaciadas. Tremendo de frio, pés descalços, braços nús, o menino chega à cidade guiando o burrinho que traz o vasilhame com leite. O carro de bois tambem passa, inspirando, o ruído de seu eixo, triste e bonita música...

Passa o verdureiro, o mascate, com seus pregões matinais... E a vida da cidade vai passando, quasi resumida nisso.

Maio findava. As manhãs continuavam belas e poéticas. A gurizada, como que esquecida a última ameaça da velha mestra, aos poucos fôra voltando, até que formou, novamente, um dia, a equipe completa... Entre eles, só faltava o Luís; ali estavam o Arizinho, o Rubatão; o filho do carvoeiro; o Julinho, Pedro, Carlos e outros componentes do "quadro"...

A' noite, quando todos estavam na sala de aula, a mestra entra, olha-os como sempre, e num tom enérgico, exclama:

— Senhores Pedro, Carlos, Arí, Rubatão e Julinho: todos de castigo!!!

Depois, pega nervosa, e aparentemente colérica, no caderno e fez mais três cruzes...

— O senhor, não estava ontem no jôgo de bola; soube, porem, que praticou um ato indigno dum menino bom! Tudo tem sua ocasião; cada coisa tem sua razão de ser. O bom humor e o sorriso devem ser medidos, de acordo com o momento, para que não sejam confundidos com a ironía — que é coisa bem diferente — Ontem, à noite, vi que um ébrio, um infeliz, dansava na rua, fazendo palhaçadas; e todos riam, e todos achavam graça! Ninguem teve

coragem de o conduzir para um lugar isolado, ou para sua casa! Todos riam... O alcool! O inimigo traiçoeiro que tantos chefes de familia tem levado... o alcool — aniquilador da saúde, destruidor do carater! Não compreenderam, todos aqueles que o rodeavam, que alí estava um infeliz e não um cômico, riam-se dele!

Depois de falar assím, quasi sem parar, a mestra faz uma pausa. Os guris entreolham-se espantados e aguardam, surpresos, a sentença destinada a Luizinho.

E julgavam grave aquele momento.

— Quando até o Luís chega a ser castigado!!! — pensavam eles.

— E o senhor, Luís — prossegue a mestra — estava no meio dos trocistas... Saiba, por outra vez, proceder de maneira diferente.

Depois, num tom enérgico:

— De pé, lá no canto!

*

Comentavam todos: — foi uma bola que bateu numa das vidraças da janela da casa de Dona Etelvina. Desesperada, sem mesmo se lembrar de apanhar os óculos, ela sai para agarrar um dos garotos, e, míope que era, vai de encontro a uma carroça que passava na ocasião.

Durante os dois meses em que dona Etelvina esteve na Santa Casa, não houve um só dia em que alí não estivesse um dos seus alunos. Perante aquela cena, tudo desaparecia: a austeridade da velha professora e as traquinagens dos meninos sem juizo. Dona Etelvina passou dias felizes. Ela fôra vitima dum acidente, mas, feridos, bem mais feridos, estavam aqueles meninos, no sentimento...

Eles deram prova sobeja disso... Um dia era uma latinha de compota, outro, uma de marmelada...

Ninguem mais falava no ocorrido.

E tudo passou.

*

Não houve mais bate-bola. Não houve mais traquinagens. Quando o fim do ano chegou e trouxe consigo as festas, lá estavam, em cima do guarda-louças de dona Etelvina, seis cavalinhos de páu, para, no último dia de aula, serem distribuidos pelos seis garotos.

*

Criança: tambem na Escola da vida a felicidade é um cavalinho de páu, na vitrina do bazar, ou na prateleira do guarda-louças: os bons, os obedientes a terão como prêmio.

A GRECIA, SEMPRE A GRECIA!

Nos grandes movimentos espirituais a Grécia há mais de três mil anos tem sabido impôr-se ao mundo pensante. Antes de Cristo, os Mestres que dirigiam a filosofia, as matematicas, as artes, eram gregos. Com o Cristianismo foi em Patmos que em lingua grega se escreveu o último livro da Biblia. Apocalipse. Foram os gregos que divulgaram os Livros Sagrados do Cristianismo pelo mundo em seu idioma, a lingua de cultura mais importante que já houve na Terra.

O primeiro decreto que apareceu no mundo mandando ensinar obrigatoriamente o Esperanto foi o do Principado de Samos, há quasi trinta anos passados, antes de incorporar-se a Ilha de Samos ao Reino da Grécia.

Em repetidas circulares, o Governo grego tem-se esforçado pela divulgação do Esperanto. Por nos parecer de alta significação cultural, damos o facsimile da mais recente dessas circulares, seguindo-a de tradução em português.

ΒΑΣΙΛΕΙΟΝ ΤΗΣ ΕΛΛΑΔΟΣ
ΥΠΟΥΡΓΕΙΟΝ ΘΡΗΣΚΕΥΜΑΤΩΝ
ΚΑΙ
ΕΘΝΙΚΗΣ ΠΑΙΔΕΙΑΣ

ΔΙΕΥΘΥΝΣΙΣ Μ. ΕΚΠΑΙΔΕΥΣΕΩΣ

'Εν 'Αθήναίς τῇ 9/10/39

Αριθ. Πρωτ. 94066

ΕΓΚΥΚΛΙΟΣ

ΠΕΡΙ ΤΗΣ ΔΙΔΑΣΚΑΛΙΑΣ ΤΗΣ ΔΙΕΘΝΟΥΣ ΓΛΩΣΣΗΣ ΕΣΠΕΡΑΝΤΟ.

Πρὸς

τοὺς κ.κ. Γενικοὺς 'Επιθεωρητὰς τῶν Σχολείων, Διευθυντὰς τῶν Παιδαγωγικῶν 'Ακαδημιῶν, Διευθυντὴν Διδασκαλείου Μ. 'Εκπαιδεύσεως καὶ Διευθυντὰς Πειραματικῶν Σχολείων Πανεπιστημίων 'Αθηνῶν καὶ Θεσσαλονίκης

'Υπενθυμίζοντες παλαιάς ἡμετέρας ἐγκυκλίους ἀριθ. πρωτ. 55517 τῆς 28/10/29, 65896 τῆς 7/11/31 καὶ 59433 τῆς 28/10/32 Περὶ τῆς Διδασκαλίας τῆς Διεθνοῦς γλώσσης «'Εσπεράντο», εἰς τοὺς βουλομένους ἐκ τῶν μαθητῶν τῶν Γυμνασίων καὶ Παιδαγωγικῶν 'Ακαδημιῶν τοῦ Κράτους, παρακαλοῦμεν ὅπως συστήσητε εἰς τὰς ὑφ' ὑμᾶς ὑπηρεσίας νά παράσχωσι πᾶσαν διευκόλυνσιν εἰς τοὺς ἀφιλοκερδῶς ἀναλαβόντας τὴν τοιαύτην διδασκαλίαν ἀποφοίτους τῆς ἐν 'Αθήναις «'Εσπεραντικῆς 'Ακαδημίας τῆς 'Ελλάδος».

Τονίζεται ὅτι τὰ ἐν λόγῳ μαθήματα εἶναι προαιρετικὰ καὶ εἰς ὥρας, καθ' ἃς οἱ μαθηταὶ εἶναι ἐλεύθεροι.

'Ο 'Υφυπουργός
Ν. ΣΠΕΝΤΣΑΣ

REINO DA GRECIA
Ministério de Cultos e de Instrução Nacional
Direção do Ensino Médio
N.º de Prot. 94066

CIRCULAR

SOBRE O ENSINO DA LINGUA INTERNACIONAL "ESPERANTO".

Aos Senhores

Inspetores Gerais das Escolas, Diretores das Academias Pedagógicas, Diretor da Escola Normal Superior de Instrução Média e Diretores das Escolas Experimentais das Universidades de Atenas e Tessaloniki.

Relembrando nossas anteriores Circulares sob Nos. 55517 de 28/10/29. 65896 de 28/10/32 SOBRE O ENSINO DA LINGUA INTERNACIONAL "ESPERANTO" aos alunos dos Ginásios e das Academias Pedagógicas do Estado, pedimos que recomendeis aos Funcionarios públicos sob a vossa dependencia, que por todos os modos facilitem êles a tarefa dos Diplomados pela Academia Esperantista Helenica, os quais sem remuneração absolutamente alguma encarregaram-se de fazer êsse ensino de Esperanto.

Fica entendido que esses cursos de Esperanto são facultativos e se efetuarão em horas livres para os alunos.

O Subministro
N. Spentzas.

Que prefere você fazer quando não está escrevendo?

E mais algumas perguntas... Qual o melhor livro de 1939? Uma reportagem que movimentou os meios literários do Rio. Mais de vinte respostas, todas diferentes. A palavra de Graciliano Ramos, Jorge Amado, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Osorio Borba, Alvaro Lins, Joel Silveira, Danilo Bastos, Alvaro Moreyra, R. Magalhães Junior, Luiz Martins, Franklin de Oliveira, Silvio Peixoto, Emil Faraht, etc.

1939, sob o ponto de vista literário, foi um ano cheio. Cheio de belos livros, de estréias sugestivas, de acontecimentos os mais significativos. Houve a comemoração de alguns centenários, inclusive o de Machado de Assis, que abalou todo o Brasil, dando motivo a mais de uma realização interessante, como exposições literárias, números especiais de publicações de letras, conferências, etc. A ficção e o ensaio, seguidos de perto pela biografía, tiveram em 1939 grandes momentos, principalmente o conto que assinalou a sua volta — um retorno forte e belo, um retorno feliz.

É de praxe deste ANUARIO realizar, em todas as suas edições, inqueritos entre as principais figuras da literatura brasileira sobre acontecimentos literários do ano, para que os seus leitores, *que são milhares e espalhados por todo o Brasil,* sintam de perto a opinião dos que escrevem acerca dos aparecimentos de novos valores no cenário da literatura nacional. O inquerito deste ano é rápido mas valioso. Ele vai limitar-se a indagar de um punhado de escritores qual o melhor livro aparecido em 1939. Pergunta incômoda e aflitiva, mas, de qualquer modo, uma pergunta que exige respostas concisas e certas. E não é só. Há o pitoresco da reportagem — o leitor que conhece a gente que escreve, de longe, naturalmente que sentirá prazer em saber o que gostam eles, os intelectuais, de fazer quando não estão escrevendo. Vai haver uma grande surpresa por este Brasil a fora quando os leitores, que navegam noutro mundo e imaginam para os escritores um mundo artificial e diferente, sentirem que os desejos da gente de letras são os mais humanos — simples e acanhados desejos e vontades de todos os entes que amam, sofrem e vivem sobre esta terra ingrata e errada...

GRACILIANO RAMOS DÁ INICIO. "NÃO GOSTO DE ESCREVER".

Fomos encontrar o escritor de "São Bernardo" e "Angustia" numa livraria da rua do Ouvidor. Calmo, macilento, repleto desses gestos de nortista, é com a voz socegada que ele pergunta:

— Entrevista?

— Mais uma, Graciliano. Mas esta é rápida. Duas perguntas somente.

— Está certo. Pode começar.

— Qual, a seu ver, o maior livro de 1939?

O romancista põe uns olhos admirados no reporter, tira os óculos, vacila um momento. Responde depois:

— O melhor mesmo, não sei. Para mim 1939 nos deu três livros muito bons e, por sinal, três estréias: "Trinta anos sem paisagem", de Guilherme Figueiredo, "Cangerão", de Emil Faraht e "Maria Perigosa", de Luís Jardim.

— Ótimo. Agora a outra: o que é que você gosta de fazer quando não está escrevendo?

Graciliano abre novamente os olhos, responde rápido:

— Mas quem é que disse que eu gosto de escrever? Está provadissimo o contrário.

E muda de assunto.

OSORIO BORBA VEM ENTRANDO. "O MELHOR É DIFICIL. O PEOR, SIM..."

Osorio Borba, que já foi considerado o nosso melhor articulista de agora, vem entrando. Vamos ao seu encontro:

— Osorio, quer responder duas perguntas depressa? São para o "Anuário de Literatura".

— Conforme as perguntas.

— São perguntas pacatas.

— Então, estou às ordens. Faça a primeira.

— Qual foi, a seu ver, o melhor livro de 1939?

Osorio Borba faz um risinho apagado, responde piscando os olhos por detrás dos óculos grossos:

— O melhor, é dificil responder. O pior deve ter sido "Terra do Fogo", do Dr. Claudio...

— E o que gosta você de fazer quando não está escrevendo?

Osorio ri, responde:

— Vocês não poderiam publicar a resposta.

E vai até o telefone dos fundos discar para alguem.

AGORA. JORGE AMADO. "NÃO GOSTO DE ESCREVER. GOSTO DE VIAJAR".

É na redação do "Dom Casmurro", o hebdomadário literário do qual é redator-chefe atual, que vamos encontrar o romancista de "Jubiabá". Ele nos atende com gentileza, em mangas de camisa, barba grande e cabelos despenteados, dentro da azáfama da redação.

— Viemos lhe incomodar, Jorge. Mas é rápido.

— Incomodar nada. Entre para cá e ordene.

— Queriamos lhe fazer duas perguntas. É uma reportagem para o "Anuário de Literatura".

— Pode perguntar.

— Qual foi, a seu ver, o melhor livro de 1939?

— Em relação ao melhor livro de 1939 fico em dúvidas entre o de Rachel de Queiroz ("As 3 Marias") e o de Jorge de Lima ("A mulher obscura").

— E o que prefere você fazer quando não está escrevendo?

— Não gosto de escrever. Gosto de viajar.

MURILO MENDES E JORGE DE LIMA: UMA DUPLA DE VALOR.

É no consultório de Jorge de Lima, no Edificio Amarelinho. O poeta de "Tunica Inconsutil" está vestido no avental branco, em plena atividade profissional. Murilo Mendes lê revistas numa das poltronas. Chegamos sem anunciar e vamos logo dizendo o nosso intento. Queremos começar por Murilo Mendes: Jorge está ocupado com um cliente.

— Qual o melhor livro de 1939, Murilo?

— "A Mulher Obscura", de Jorge de Lima.

— Que gosta você de fazer quando não está escrevendo?

— Conversar com os amigos, flirtar, ouvir música, ir ao cinema, ao banho de mar, meditar, etc.

Jorge de Lima vem e nos aperta a mão. Repetimos para ele as perguntas, explicando o que é a coisa.

— Se eu fosse escolher o melhor livro de 1939, escolheria entre os estreantes — responde o poeta. Mas é dificil, pois são muitos os bons. Não esquecer, por exemplo, os livros de Silvio Peixoto e Joel Silveira.

— E que prefere você fazer quando não está escrevendo?

— Medicina.

FALA JOEL SILVEIRA "GOSTO DE AMAR".

Foi numa banca de café que fomos encontrar o crônista do "Dom Casmurro" e o con-

tista de "Roteiro de Margarida". Os bolsos entupidos de papel, o laço da gravata mal dado, Joel lia um matutino, saboreando ávido as notícias ,espalhafatosas da guerra. Aproximamo-nos:

— Oh! bichão, como vai?

— Rolando, Joel. Está com pressa?

— Só vivo com pressa. Mas tem tempo. O que era?

— Posso fazer duas perguntas, para uma reportagem do "Anuario"?

— Lógico.

— Qual, a seu ver, o melhor livro de 1939.

— O melhor foram três: "A Estrêla Sobe", de Marques Rabêlo, "As três Marias", de Rachel e a "Mulher Obscura", de Jorge de Lima. Mas lá em casa todo mundo diz que o melhor mesmo foi o meu.

— O que é que você gosta de fazer quando não está escrevendo?

— Gosto de amar, amar doidamente e amplamente. Entrementes, gostos tambem de ler jornal, coçar o dedo do pé, roer unha e beber chope. Não gosto de ler os clássicos.

FALA DANILO BASTOS "GOSTO DE GASTAR DINHEIRO".

No mesmo café em que encontramos Joel Silveira, encontramos tambem o escritor Danilo Bastos, jovem secretário do "Dom Casmuro". Danilo, sentado numa mesa adiante, entre Luís Martins, Samuel Wainer e o desenhista Alvarus, falava muito, movimentando os braços como um desesperado.

— Que é que aconteceu ai? perguntamos.

Discutiam graves assuntos de literatura. Aproveitando um intervalo da conversa, aproximamo-nos de Danilo:

— Venha cá e responda a essas duas perguntas.

— Mas o quê é isso?

— É uma "enquette" para você responder. Duas rápidas perguntas.

Danilo Bastos pede as perguntas e à medida que vai lendo o questionário responde logo:

— O melhor, dos livros aparecidos em 1939, foram dois, sem dúvida. O de Jorge de Lima e o de Joel Silveira, aquele menino que está ali me olhando com o rabo do olho. O primeiro, "Mulher Obscura" foi a reafirmação do talento de um homem que a gente não sabe mais o que admirar e o segundo como apresentação de um rapaz que será uma das grandes expressões do conto e da crônica dentro de muito pouco tempo.

— E o que gosta de fazer quando não está escrevendo?

— Não sou ainda um escritor e não sei mesmo porque estou aqui respondendo a você, que naturalmente consultou cidadãos cheios de fama e de livros. Escrevo com uma certa vontade de acertar e de dizer algumas coisas que pesam na cabeça. Gosto de escrever e como existem alguns diretores de jornais que me pagam para rabiscar o que penso, o que me agrada fazer às horas de folga é naturalmente gastar o dinheiro assim conseguido.

Danilo Bastos voltou para a roda dos amigos e nós fomos caminhando pela Avenida, onde, perto do café Belas Artes demos de cara com R. Magalhães Junior.

R. MAGALHÃES JUNIOR DIZ QUE LEU POUQUÍSSIMO EM 1939.

O teatrólogo de "Carlota Joaquina", que foi, indubitavelmente, o maior sucesso de teatro de 1939, convida-nos para entrar no "Belas-Artes" procura saber das perguntas. Fazemô-las e ele nos responde sem demora:

— Li pouco, pouquíssimo, mesmo, em 39. Não tenho vergonha de confessar isso. No Brasil, quando se vive da pena, acaba a gente por esquecer os que vivem da pena... O melhor livro de 1939, para mim, deve ter sido mesmo o "Oliver Twist", de Dickens, que eu recomprei e reli, há pouco tempo, naquela edição de cinco mil réis, de Penguin Books. Se é, porem, ao Brasil, apenas, que v. quer restringir a sua pergunta, dir-lhe-ei que gostei muito de vários livros: "A mulher obscura", de Jorge de Lima, "Cangerão", de Emil Faraht", "A

estréla sobe", de Marques Rebelo, "Trinta anos sem paisagem", de Guilherme Figueiredo, "As três Marias", de Raquel de Queiroz, "Vila de Santa Luzia", de Omer Mont'Alegre, "Onda Raivosa", de Joel Silveira, "Um rio imita o Reno", de Moog, etc. Mas não lhe posso dizer qual destes livros seja o melhor de 1939, porque há outros que deixei de ler, e poderia eu ser injusto por omissão.

— E o que é que você gosta de fazer quando não está escrevendo?

— Há vários esportes menores que me interessam muito. Jogar "snoocker", bisca, damas, falar mal dos confrades (excetuando os presentes...), etc. Não vou a futebol, como o sr. José Lins do Rego e o sr. Genolino Amado, nem ouço o rádio, como o sr. Ricardo Pinto. Um pouco de bom cinema, às vezes, me distrai. Mas é raro um "Extase", uma "Terra dos Deuses", uma "Floresta Petrificada" ou um "Romance de um trapaceiro"!

A VEZ DE CLOVIS RAMALHÊTE

Na redação da "Carioca", o jornalista Clovis Ramalhête responde as nossas perguntas:

— A uma pergunta assim, já se póde responder sem mentir: não pude ler tudo o que se publicou em 1939; no Brasil já se escreve e edita muito. Mas tenho para mim que poucos livros se equiparam a "Trinta anos sem paisagem", na madureza, na substância, na densidade humana, — e principalmente a impressionante e poderosa presença do autor. Guilherme Figueiredo, como um mestre impregnou suas páginas de sarcasmo, crítica acida e agudesa cética, fazendo-me lembrar os nomes ilustres do ceticismo de que descende.

— E o que gosta você de fazer quando não está escrevendo, Clovis?

— Eu preferia estar escrevendo, quando me ocupo de coisas de que não gosto. Mas, analisando-me bem, não sei até que ponto há sinceridade no que digo. Sou jornalista, de profissão, por descarrilamento... E os assuntos que chegam à minha mesa, não sou eu quem os escolhe. Bato na máquina coisas desiguais, sobre tudo, do sorriso de Carmen Miranda à última "blague" de Shaw: e sinto que vou começando a odiar a ocupação de escrever. De maneira que chego à conclusão oposta: gostaria de fazer mesmo as outras coisas que não gosto, enquanto estou escrevendo...

Fora disso, enquanto não escrevo, cuido das minhas coisas amadas: o mar, a montanha, a música, a rua, a malícia, a ambição, os vinte anos da mulher, a piada, o amor, um copo com uma rosa e o dinheiro.

GUILHERME FIGUEIREDO E ALGUMAS OPINIÕES

Guilherme Figueiredo foi um dos ótimos sucessos de 1939. Seu romance "Trinta Anos Sem Paisagem" conseguiu da crítica explendidas apreciações. E Guilherme merece porque o seu romance, de fato, é um livro de primeira qualidade.

A nossa reportagem foi encontrá-lo na rua, em plena rua do Ouvidor. Seguramô-lo pelo braço:

— Um momento, Guilherme. Responda aqui estas duas perguntas.

— Duas? Então vamos ali para um café.

E enquanto o garçon despeja a rubiacea na chicara, o romancista pede:

— Qual é a primeira?

Dissemos.

— Fico um bocado indeciso, quanto a romance, entre a consagrada Raquel de Queiroz com "As 3 Marias", e o estreante Emil Farhat, com "Cangerão". Penso, porem, que me inclinaria mais pelo estreante, pelo valor da estréia. Agora, se se tratasse de contos, meu voto pertenceria a Dias da Costa e Joel Silveira, que eu não sei desempatar. Entre os ensaistas, Genolino Amado. Em literatura de teatro, "Um judeu", de Magalhães Junior.

— E o que é que você gosta de fazer quando não está escrevendo?

— Essa pergunta de "que gosta de fazer quando não está escrevendo" é tão dificil como aquela do "quais os dez livros que você levaria se fosse morar numa ilha deserta". Ex-

perimente cada um resolver a última e ficará atrapalhado. Pois o mesmo acontece comigo, para responder a primeira. Se a gente diz "gosto de ler", isto é pedante e mentiroso, porque nem sempre dá vontade de ler, se a gente diz "gosto de música", ainda fica mais pedante. Porisso, não respondo nada daquilo; gosto é de conversar fiado, com pessoas que não falem na primeira pessoa, nem façam perguntinhas assim: "Então, que tem feito de bom? Como vai essa força?". Ou então: "Sim, senhor, você é quem brilha..." É com pessoas assim sem bobagem que gosto de conversar sobre literatura e música; e retiro-me precisamente no momento em que alguem ameaça contar anedotas de português ou de papagaio.

Deixamos o romancista. No Largo da Carioca, com a invariavel pasta muito gorda, Franklin de Oliveira vinha vindo. Abordamô-lo.

UM LIVRO INEDITO, QUE FOI O MELHOR...

Franklin nos escuta meio atônito. Estamos falando depressa e este nortista ainda não aclimatado na metrópole tem uma grande capacidade de se afobar. Depois de uma pequena pausa, de uma certa coordenação de idéias, Franklin de Oliveira nos responde a primeira pergunta:

— O melhor livro de 39? Os poemas ineditos do Sanz...

— E que gosta você de fazer quando não está escrevendo?

— Gosto de ir para a praia espiar as banhistas ou então, de ficar em casa, discando errado o meu telefone, isto é, o telefone da casa...

EMIL FARHAT TAMBEM NÃO GOSTA DE ESCREVER.

Com o romance "Cangerão", tantas vezes anunciado e cuja publicação foi tantas vezes prorrogada, Emil Farhat, mineiro de grande inteligência, conseguiu um grande sucesso literário em 1939. É na redação do "Diario da Noite", onde trabalha, que fomos encontrar o jovem romancista. Dizemos o que queremos e ele empurra para um lado a porção de papel que estava escrevendo, está à nossa disposição. Fizemos a primeira pergunta: qual o melhor livro de 39?

— Voto em "As 3 Marias", de Raquel de Queiroz, embora não se trate de eleição. Se fosse em chapa para deputado os outros nomes seriam: Dias da Costa, Joel Silveira, Nelson Werneck, Magalhães Junior, Guilherme Figueiredo, Alvaro Lins, Eloy Pontes, Otavio Tarquinio de Souza, Murilo Mendes, Odorico Tavares, Luis Jardim, Genolino Amado e Jorge de Lima.

— Só?...

— Não brinque, rapaz. Estou falando com muita seriedade.

— E que prefere você fazer quando não está escrevendo?

— Quasi entendi que estivessem perguntando se gosto de escrever. Felizmente não se trata de tão alta questão... Parece que a pergunta se dirige para a preferência pelas coisas inocentes da vida. Francamente, é dificil responder. Neste caso, ora bolas (está pensando você, reporter) por que responder? Mas é que há algumas coisas boas da vida que devem merecer a homenagem de uma citação, ainda que essa citação não tenha importância. Um grande prazer que sinto está tambem na preferência de grande parte dos mortais. E ele depende diretamente dessas criaturas que a Biblia afirma que vieram ao mundo para consolar a solidão triste de Adão... Esse gosto é muito prosaico, colega reporter, porque é fraqueza de meio mundo. Mas é justamente por haver tão grande número de pecadores do mesmo pecado, que faço essa gratuita confissão pública. Sem se falar tambem na leitura de um bom livro, há outras coisas que merecem ocupar nossas horas de folga. Uma palestra com gente do nosso agrado — antes, durante e depois das refeições — tal como nas bulas dos remédios milagrosos, é outra coisa prosaica e boa, a pesar de muitos entenderem que isso seja prazer de burguês com tendências para

a adiposidade, o catolicismo e outras gorduras que devem ser lavadas com sabão de soda cáustica... Há ainda outros prazeres, mas a conversa já está cumprida. Enfim a vida é boa, pode dizer isso...

AS RESPOSTAS DE DANTE COSTA.

Indagado da nossa reportagem sobre o que preferia fazer quando não estava escrevendo, o escritor Dante Costa respondeu:

— Escrever, mesmo para o que escreve profissionalmente, é um episódio. Confesso que a pergunta não se sustem muito de pé. Escrever é o prazer de uma hora, de algumas horas, às vezes, horas que, para mim, são de prazer evidente. O papel vai se enchendo, o tempo passa, de vez em quando eu me levanto, dou uns passos, volto, mas é uma mistura de movimento e tranquilidade, e tambem de alegria e de responsabilidade grave. O leitor, a meu ver, é um ser muito respeitavel, daí a responsabilidade de quem vai dar a ele as suas idéias e as suas palavras... Mas escrever é espisodico. Nas horas em que não se escreve, é que se vive a vida comum, a vida da qual compartilham todos. Vida múltipla. Vida rica. Como responder a essa pergunta? Quando não está escrevendo que mais gosta de fazer? Ora... A vida começa depois. A melhor coisa, mesmo, é viver, é viver sem fastio e sem amargura, identificado com a vida, sentindo que as coisas que nos rodeiam, o que é fato e o que é misterio, tudo tem uma significação que não deve ser desdenhada, tudo pode ser motivo de atenção, de cuidado, de exame. De exame, de pesquisa e, principalmente, de compreensão.

— E qual a seu ver o melhor livro de 39?

— Em 1939 houve, seguramente, vários livros bons. Houve, principalmente, várias estréias ricas de conteúdo e de significação. Os contos de Dias da Costas, Luiz Jardim e Joel Silveira, os romances de Dinah Silveira de Queiroz, Guilherme Figueiredo, Emil Farhat, José Candido de Carvalho, o ensaio biógrafico de Omer Mont'Alegre, e vários outros livros de escritores que tiveram o primeiro contacto com o público, marcam 1939 de maneira significativa para as nossas letras. Houve um livro tambem muito bom: o "Tratado da terra e da gente do Brasil", de Fernão Cardim, é verdade que estreado no século 16... Mas utilissimo, magnifico, grande livro...

ALVARO MOREYRA. QUANDO NÃO ESTÁ ESCREVENDO, GOSTA DE FAZER TUDO...

É na mesa de trabalho, na firma Daudt, Oliveira & Cia., de onde é um dos chefes de propaganda, que Alvaro Moreyra, o maior crônista do Brasil, nos recebe. Fazemos as perguntas e suas respostas são rápidas e inesperadas como sempre:

— O maior livro de 39? Mesmo que eu fosse capaz de medir, não diria...

— E que é que você gosta de fazer quando não está escrevendo?

— Tudo...

"VOCÊ QUER QUE EU MINTA?" PERGUNTA SILVIO PEIXOTO.

Silvio Peixoto, historiador e biógrafo de Floriano, estava na redação de "Vamos Lêr!" quando fomos encontrá-lo. Abordado pela nossa reportagem, ele nos respondeu:

— O melhor livro de 39, a meu ver? Aí está uma pergunta dificil de responder. Nos vários gêneros de literatura o ano de 39 foi fecundo. Principalmente na ficção e na biógrafia. Nesta, opino pelo trabalho de Gastão Pereira da Silva sobre Rodrigues Alves. No romance creio que Jorge de Lima, com "A Mulher Obscura", produziu o melhor romance do ano. Muitos, porem, foram os romancistas interessantes que apareceram em 39. Seria imperdoavel silenciar quanto ao teatro. Joraci Camargo e Magalhães Junior foram os dois grandes nomes. Joraci deu-nos "Maria Cachucha", na minha opinião ainda maior que "Deus lhe pague", e Magalhães o "Judeu",

que obteve extraordinário sucesso em Buenos Aires. E... chega.

— E o que você prefere fazer quando não está escrevendo?

— Você quer que eu minta? Que diga que gosto de leite, quando só bebo whiskey? Então, meu velho, é melhor não responder...

LUÍS MARTINS É FRANCAMENTE DO "DOM QUIXOTE"...

O romancista de "Lapa" convida o reporter para o café. (Vai ser o sexto que tomamos hoje...) Mas vamos. Afinal de contas, são os espinhos da profissão. E café não mata ninguem...

— Quer me fazer perguntas, é?

— Perfeitamente.

— Então, faça.

— Qual a seu ver o melhor livro de 39?

— 1939 foi para mim um ano de leituras velhas. Na maior parte reli. Por isto, o livro de que mais gostei foi o "Dom Quixote", de Cervantes.

— Que mais gosta de fazer, quando não está escrevendo?

— Mesmo quando estou escrevendo gosto de tomar café, fumar e ir desenhando calungas à margem do papel... Quando não estou escrevendo, gosto... por exemplo: de beber whiskey. Mas essa pergunta não se faz a um homem da minha idade...

JOSÉ CONDÉ TAMBEM RESPONDE

— Qual a seu ver o melhor livro do ano? José Condé, jornalista e poeta, responde:

— É bastante dificil classificar o melhor livro do ano. Seria mais facil dizer qual o peor. Mas, a verdade é que tivemos bons livros. No romance, por exemplo, votaria em Guilherme Figueiredo, Otávio de Faria e Emil Farhat. No conto, em Luís Jardim e Joel Silveira, e na crítica em Alvaro Lins, que com a "História Literária de Eça de Queiroz", realizou um dos trabalhos mais sérios desses últimos tempos. Não quero esquecer o nome de Odorico Tavares, autor de "A Sombra do Mundo", o melhor livro de poemas de 1939.

— O que gosta de fazer quando não está escrevendo?

— São tantas as coisas que gosto de fazer quando não escrevo, que assim de momento me vejo embaraçado para dizer cada uma. Em todo o caso citarei apenas duas: lêr e praticar esportes.

E AGORA, ALVARO LINS.

Alvaro Lins, com o seu "História Literária de Eça de Queiroz", foi outro nome muito comentado em 1939. Ele é de Pernambuco, onde, no Recife, dirige o "Diario da Manhã", um dos grandes jornais do Norte, mas encontra-se atualmente aqui no Rio, em gôso de férias.

Encontramos o ensaísta na Livraria José Olímpio:

— Qual a seu ver, Alvaro, o melhor livro de 39?

— Impossivel responder agora, porque ainda não li todos os livros deste ano, mas asseguro que o melhor livro de 1939 não é do sr. Gustavo Barroso...

— E o que você gosta de fazer quando não está escrevendo?

— Não estando escrevendo o que desejo é dormir. Mas antes de me julgarem mal peço que leiam o elogio do sono feito por Montaigne...

COM DIAS DA COSTA E CARLOS LACERDA, NA REDAÇÃO DE UMA REVISTA.

Quem primeiro nos atende é o contista Dias da Costa. Dias estreiou na ficção em 1939, com o livro de contos "Canção do Bêco", grande sucesso de crítica e de livraria.

— Qual o melhor livro de 1939?

— Uma pergunta simples, não é?

— É... Mas eu preferia dizer qual não é o melhor. Mas como não foi isso que me perguntaram...

— E o que é que você prefere fazer quando não está escrevendo?

— Como sou, quasi sempre, obrigado a escrever o que não gosto, quando não estou escrevendo esforço-me por gostar do que escrevo.

Puxa, menino! Quasi sai uma charada!

O jornalsita Carlos Lacerda vem se aproximando:

— Que é isso?

— Uma reportagem. Responda aqui. Qual a seu ver o melhor livro de 1939?

— Poesia: "Viagem", de Cecilia Meireles. Outros generos, não sei, porque não tenho muita noção da ordem cronológica das publicações. Só depois da publicação do "Anuario" se poderia saber.

— O que gosta de fazer quando não está escrevendo?

— Assistir.

O ROMANCISTA NELIO REIS E A MULHER DE "SEU" OSCAR...

Nelio Reis, o romancista de "Suburbio", que andava exilado da literatura, voltou ao cartaz anunciando um próximo romance. Fomos encontrá-lo numa sorveteria do centro da vida. À nossa primeira pergunta, ele respondeu:

— A resposta tem que ser restrita para ser sincera. Não li todos os livros que foram publicados. Falta de tempo. Dos que li, considero, no romance, alem dos livros de Telmo Vergara e Viana Moog, as três grandes estréias moças de Guilherme Figueiredo, Emil Faraht e Omer Mont'Alegre, as melhores surprezas que houve no gênero, para não falar nos romances dos consagrados que já não surpreendem. No conto: Joel Silveira e Dias da Costa atestaram que Marques Rebelo e Luís Jardim teem de dividir o latifundio. No ensaio, Hermes Lima e Alvaro Lins deram-nos magnificos momentos de cultura serena e orientada. Que o ano de 1940 seja igual ou melhor. Aguardemos confiantes outras estréias que se anunciam: Danilo Bastos, Josué Montelo, Miroel Silveira, na ficção, e os ensaios de Franklin de Oliveira, Wilson de A. Louzada, Paulo Cavalcanti, Humberto Bastos, Silveira Peixoto e outros. Gente de valor já positivado antes mesmo dos livros de estréia. Gente que é como "pescada": antes de ser já é.

— E o que prefere você fazer quando não está escrevendo?

— Passeiar com a mulher de "seu" Oscar...

MARTINS D'ALVAREZ NÃO QUER ARRISCAR...

O romancista de "Morro do Moinho" atende a nossa reportagem no seu consultório odontológico, num arranha-céu da Avenida.

— Viemos lhe fazer umas perguntas.

— Pode fazer.

— Qual, a seu ver, o melhor livro de 1939?

— Certamente o que não li.

— E o que gosta de fazer quando não está escrevendo?

— Gosto de fazer tanta coisa! Gosto, por exemplo, de ler o que os outros escrevem para não bancar a máquina de repetição.

O CRÍTICO WILSON DE A. LOUZADA NÃO GOSTA DE FAZER NADA

Na redação de "Dom Casmurro", onde faz crítica literária, fomos procurar o critico Wilson de A. Louzada. Wilson é mesmo o mais jovem crítico do Brasil.

— Wilson, qual, a seu ver, o melhor livro de 1939?

— O melhor... foram três: "A Estrêla Sobe", "Os Caminhos da Vida" e "As três Marias".

— E o que você prefere fazer quando não está escrevendo?

— Prefiro não fazer nada. É uma coisa deliciosa...

E aí ficam algumas respostas. Todas elas são diferentes umas das outras. Felizmente... Se todo mundo pensasse igualmente, fizesse as mesmas coisas, não haveriam nem reportagens nem reporteres na terra...

Reportagem com os caricaturistas e illustradores

Infância. Luta. Problemas. Sentido e compreensão da Arte. Qual o maior caricaturista brasileiro? Como imagina a Capitú adolescente do "Dom Casmurro"? Entrevista com Augusto Rodrigues, Santa Rosa, Alvarus, Thiré, Jerônimo Ribeiro, Orlando, Moura, Euclides, Jorge Bastos Mendez Pacheco e Paulo Werneck.

Estes bonécos, calungas, bichos e homens caricaturados que correm todo o Brasil veem de seus traços habeis irreverentes e ligeiros. O leitor desprevenido que ri do jeito ridículo de uma celebridade deformada pelo lapis sem medo do caricaturista, o leitor que se enternece com a figurinha lírica e bela que o ilustrador criou, arrancou da vida para o papel — o leitor muitas vezes não sabe que cada um deles, caricaturistas, pintores e ilustradores do Brasil, tem a sua história. Cada um tem a sua luta, os seus problemas, uma infância mais ou menos pobre e humilde. O que nós queremos, portanto, aqui, é dar uma idéia do que sejam esta luta e estes problemas. Os caricaturistas, pintores e ilustradores do Brasil, meus senhores, não são homens abstrados nem figuras inaccessiveis. Eles são profundamente humanos — e porque são humanos é que sua arte, feita com a experiência unida ao talento, penetra todos os recantos do país e alegra a todos, mesmo quando ela é um combate contra a vida e seus gestos ridiculos que só eles, artistas irreverentes, sabem melhor do que nós onde estão.

COM AUGUSTO RODRIGUES, NUM 10.º ANDAR. CAPITÚ OU A GIOCONDA?

O elevador nos deixou no 10.º andar do Edifício Souza, em plena Cinelândia. O apartamento de Augusto Rodrigues, o caricaturista conhecido de todo o Brasil o terror das *celebridades* e das pessoas ilustres, é o mais desorganizado possivel. Papel e tinta por todo o canto, peças roupas. As parêdes estão cheias de quadros de todos os artistas conhecidos, caricaturas, esboços. Por cima da mesa e das cadeiras, livros, romances, livros de arte, numa confusão de espantar o sujeito mais prevenido.

Augusto Rodrigues já sabia da nossa intenção: queriamos alguma coisa da sua vida e do seu traço. Quando chegamos, ele nos recebeu com ironia:

— Ainda não é hora de audiencias. Mas vou abrir uma exceção para você...

Acende um cigarro, nos oferece outro. Começamos:

— Onde você nasceu?

— Nasci em Recife.

— Só? E o que mais?

— Vim em 1935 para o Rio Grande do Sul, depois para o Rio onde fiquei até hoje.

— Uma vida?

— Inteirinha.

— Onde começou a trabalhar, aqui?

— Nos "Diarios Associados", ilustrando o "Cruzeiro". Depois passei para "A Noite", onde trabalhei no "Vamos Lêr!" e na "Carioca", etc.

— E atualmente?

— Atualmente trabalho em quasi todas as revistas e jornais. Não tenho contrato, porem, com ninguem. Sou do amor...

— Qual, a seu ver, o caricaturista mais original do Brasil?

— J. Carlos.

— Agora, o mais dificil. Como você imagina a Capitú adolescente de Machado de Assis?

Augusto Rodrigues arregala os olhos para o reporter, parece vacilar.

— Você pensa bem na coisa, desenha, depois viemos buscar.

— Não, nada disso. Faço logo.

Vai na mesa apinhada de papel, pega na pena, molha no "nankim". Minutos depois nos apresenta o desenho.

— Serve?

— Mas é a Gioconda!...

— Não. É Capitú. Capitú devia ser assim...

O leitor olhará o desenho aqui ao lado e dará o seu palpite. Quem sabe mesmo se a Capitú não era assim?...

LEONARDO

AUGUSTO RODRIGUES 940

SANTA ROSA. "FAN" DE AUGUSTO RODRIGUES. UMA CAPITÚ VIVA E COLORIDA.

Na mesa do "Amarelinho", Santa Rosa conta ao reporter alguma coisa de sua vida:

— Nasci no dia 20 de setembro de 1909, na capital do Estado da Paraiba. Fiz o curso de humanidades no Liceu Paraibano. Depois disso, tive alguns empregos públicos, lá mesmo na minha terra. Fui depois escriturário do Banco do Brasil. Um dia me meteu na cabeça o desejo de fazer arte. Deixei tudo, terra, familia, emprego, vim para o Rio. E agora é o que você sabe: muita luta, muita vontade de saber, muito esforço para realizar. Uma vida intensa, mais emocional do que propriamente de incidentes.

— Onde publicou o seu primeiro desenho?

— Na "Era Nova", revista fundada na Paraiba por Severino de Lucena e pelo poeta Perilo de Oliveira.

— Influências?

— Beardsley, o grande ilustrador inglês, deu-me gosto pela linha fugitiva e elegante. Foi o primeiro artista que me influenciou. Depois, Rafael, com o seu desenho melódico, a sua cor harmoniosa. Depois, o povo, com o seu forte carater, a soberba mulataria carioca com o seu colorido de uma riqueza incomparavel, estão na base do meu sentimento das coisas. Porque encontrei neles as primeiras correspondências com o que eu pretendia exprimir.

— Qual, a seu ver, o melhor caricaturista brasileiro?

— Augusto Rodrigues, é para mim dos caricaturistas mais interessantes, entre os que colaboram na imprensa. A sua "verve", a sua malicia, o seu sentido do grotesco, o tornam um dos mais potentes críticos da vida.

E como Santa Rosa imaginaria a Capitú adolescente do "Dom Casmurro"? Fizemos a pergunta.

— Bem, isso agora só com calma. Depois lhe mando o desenho.

Dias depois recebemos: é uma Capitú viva e colorida, tão bela que vai publicada noutro local deste "Anuario".

ALVARUS FALA DE SI E DE SEUS BANÉCOS. O QUE HENRIQUE PONGETTI ESQUECEU...

O caricaturista Alvarus, gordo e alegre, cheio de uma alegria que logo se comunica até nós, nos recebeu no seu "batente" da Caixa Econômica:

— Minha vida? Salve ele!

E assim resumiu a sua existência neste mundo confuso e maluco:

— Nasci em 27 de dezembro de 1904 nesta muy leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, na estação de Todos os Santos, à rua Archias Cordeiro. Sou filho de um modesto médico suburbano. Quando ele morreu, só recebi uma grande herança: o nome honrado que me legou. Como você vê, nada de "granfinagens". Não darei trabalho aos

pósteros para discutir sobre a origem de minha cidade natal, nem dificuldades sobre a aquisição da casa em que nasci.

— Quando veio a primeira vontade de desenhar?

— Na aula, no colégio Maia. O grande desejo de pintar calungas veio com o primeiro bolo que levei de meu saudoso professor Maia. Se até hoje compareço de lapis e nankim em nossos jornais, livros e revistas, devo à proibição daquele velho educador. Quando em aula, ao envez de prestar atenção as suas sábias lições, começava a ver o outro lado da vida, a vida que não está em compêndios, a vida marcada em cada face.

— Onde publicou o seu primeiro desenho?

— N'"A Pátria", de João do Rio, quando era diretor o Francisco Valadares e redator-chefe Bezerra de Freitas. Rubem Gil, esse espírito dispersivo e brilhante, foi quem me lançou na imprensa, por intermédio daquele jornal. Depois... foi o "Para-todos..." de meu caro Alvaro Moreyra, minha aproximação a J. Carlos, o "Toda a Tarde" e o "Cartaz", seções que mantive em colaboração com Rubem Gil, no "Diário da Noite" de Mário de Magalhães, e essa insistência, talvez irritante, com que venho mantendo meus bonécos no cartaz de nossa imprensa diária e periódica.

Qual, a seu ver, o melhor caricaturista do Brasil?

— Sou J. Carlos 100%. Meu apreço por esse grande artista brasileiro quasi que se torna suspeito, dada à admiração espetacular que nutro pelo seu traço inconfundivel. Sendo dos antigos, é, contudo, o mais novo dos caricaturistas brasileiros, pela leveza de traço e marcante sensibilidade. Criador, grande criador, conseguiu essa coisa notavel para um artista, verdadeira consagração, qual seja a de seus bonecos serem modelos para a vida. Veja nas areias quentes de Copacabana, nas calçadas de "A Brasileira", nas filas "bovinas" que a Ligth nos impinge e humilha, ao funcionário de estatisticas ou nos tenores que falharam, se as figuras que ai se comprimem, não copiam rigorosamente os bonécos de J. Carlos. Artista completo, capaz de com sucesso fazer qualquer gênero, é por certo o ilustrador que Henrique Pongetti esqueceu, quando de sua recente entrevista ao "Vamos Lêr!" de 4 de janeiro do corrente ano. Lembra-se do que ele disse?: — "Em geral o desenhista brasileiro não sabe dar aos seus trabalhos a movimentação necessária. Representa figuras sempre em primeiro plano, o que não corresponde à realidade, e tira toda a vida do assunto". Acho que J. Carlos é precisamente o contrário disto.

— E como você imagina a Capitú adolescente do velho Machado?

Alvarus desenhou mais tarde a personagem do "Dom Casmurro" e nos enviou. Ela está aqui ao lado. Serão esses os verdadeiros *olhos de ressáca?*

ALVARUS

NA REDAÇÃO DO "VAMOS LÊR!", FALAM DIVERSOS CARICATURISTAS E ILUSTRADORES.

THIRÉ

Thiré suspende o lapis, olha para nós, começa:

— Minha vida? É sem nada, vasia do principio ao fim.

— Modéstia...

— Modéstia nada. Verdade, na batata. Quer ver, escute. Nasci ao meio-dia de 9 de outubro de 1917. Desde logo, como acontece sempre, meus pais me acharam um encanto de garoto, inteligente como ninguem, e me profetizaram um futuro glorioso. Meu pai era engenheiro. Eu, logicamente, deveria ser tam-

bem outro engenheiro: é assim que acontece nas famílias brasileiras. E eu seria engenheiro se não fosse a matemática. Você já pensou em como a matemática tira a poesia da vida? Para encurtar a história: hoje sou formado em Direito, mas isto tambem não me atrai. Prefiro riscar papel. Gosto de desenhar e tenciono fazer carreira como desenhista. Sou teimoso... Alem disso, sou carioca, solteiro, vacinado, reservista, tenho carteira profissional e não gosto de Joan Crawford.

— Quando começou a desenhar?

— Na idade em que, sem exceção, todos os garotos começam. Apenas, como fui mais preso do que os outros, tive mais tempo para riscar os muros do quintal e as lages da varanda.

— Em que revista ou jornal estreiou como desenhista?

Thiré pensa um pouco, responde depois:

— Estreei "cometendo" no "Suplemento Juvenil" minha primeira "sensacional", "arrebatadora", "diferente", "movimentada", "heroica", etc", história em quadrinhos: "O Gavião do Riff".

— Qual a seu ver o caricaturista de mais personalidade, no Brasil?

Thiré faz um riso alegre:

— Já vi o Augusto Rodrigues desenhando. Vale a pena...

E a Capitú que ele nos deu, e que vai aí ao lado, é assim como o seu traço: dedicada e leve, olhos grandes, talvez de ressaca, quem sabe?

JERÔNIMO RIBEIRO.

Ele é modesto, simples, afavel, cheio de uma timidez mais de principiante do que de ilustrador conhecido e consagrado. Recebe-nos sorridente e esquivo, fica surpreso quando dizemos que queremos lhe fazer algumas perguntas para uma reportagem. E um pouco de sua vida.

— A quem pode interessar minha vida?

Mas, depois, Jerônimo fala, com aquela voz mansa:

— Nasci em 28 de junho de 1911, na Província do Douro, Portugal. Em 1920, criança ainda, vim para o Brasil, com os meus pais. E aqui estou. Pronto, minha vida é isto.

— E quando começou a desenhar?

— Foi aos 15 anos que escolhi o desenho para uma profissão no futuro. Até 1929 fui livre, livre de qualquer escola. Mas vendo que os resultados eram muito pobres, resolvi entrar para o Liceu de Artes e Oficios.

— Em que revista ou jornal estreiou como desenhista?

— Foi aqui mesmo no "Vamos Lêr!" Confesso que fiquei alegre quando vi o meu desenho estampado e com o meu nome assinando-o. Aliás, devo aproveitar a oportunidade para realçar a ajuda que dois grandes amigos me deram: Fritz, o grande caricaturista, e R. Magalhães Junior, diretor do "Vamos Lêr!". A eles dois devo o estímulo e tudo que tenho feito.

— Qual, a seu ver, o caricaturista brasileiro de mais personalidade?

— Para mim é um tanto difícil apontar este ou aquele caricaturista de mais personalidade. Para indicar um só, eu teria que fazer um sorteio. Mesmo assim, baseado neste recurso, eu nunca chegaria a uma conclusão certa. Se um possue capacidade inconfundivel, outro possue talento incontestavel. Julgo difícil, portanto, fazer justiça proclamando um nome e cometer, involuntariamente, injustiça, omitindo outro. O Brasil tem muitos e grandes caricaturistas...

— E como você imagina a Capitú de Machado?

E a Capitú que Jerônimo nos mandou é bela, meio triste, uma Capitú sem dúvida que bem poderia ser a que o velho Machado imaginou — uma Capitú excelente.

Como imagina a Capitú adolescente do "Dom Casmurro"?

AUGUSTO RODRIGUES, PAULO WERNECK, SANTA ROSA, EUCLIDES, PACHECO, MENDEZ, JERONIMO, JORGE BASTOS, ORLANDO, JERONIMO RIBEIRO,

C A P I T U'

Santa Rosa

ORLANDO.

Orlando, conhecido de todo o Brasil, nos responde ligeiro e alegre:

— Nasci em Castro, Estado do Paraná em 30 de março de 1917. Até os 14 anos trabalhei no Sertão, em cortes de madeira e criação de gado. Aos 14 anos entrei para o Exército, aumentando a idade. Fiz a revolução de 32 e em 34 dei baixa como sargento. Fiquei triste quando pedi transferência para o Rio e não me quiseram dar. Ora, no mato eu não ia ficar a vida inteira. Resolvi, portanto, em 1936, vir para o Rio, à procura de colocação. Foi aquí que descobri que tinha inclinação para o desenho. Meu primeiro desenho foi uma capa para "O Malho", isto em 1937.

— Bem, você parece que só falta responder uma pergunta: Qual, a seu ver, o melhor caricaturista do Brasil?

— J. Carlos. O melhor do Brasil e do estrangeiro...

E o leitor que conheça como Orlando imagina a Capitú adolescente de Machado, olhando o desenho aí ao lado. É uma bela Capitú, com muito da nossa primeira namorada, a eterna namorada que tinha grandes tranças negras e tocava valsas lentas nas tardes da provincia...

MOURA, O BENJAMIM DA REDAÇÃO.

Na mesa defronte, Moura, jovem e inquieto, nos recebe ruidoso como um menino:

— Minha vida pra que?

Explicamos.

— Vejam só! Qualquer dia desses vou ter uma estátua, e minha família não sabe.

E vai falando:

— Nasci em Congonhas do Campo, Minas, em maio de 1915. Fiz o curso primario em Ouro Preto, cidade onde a minha família passou a residir. De idéias profundamente catolica, minha mãe cedo traçou para mim um destino religioso. Assim, antes que eu terminasse o curso primário, fui internado no

Colégio Salesiano de "D. Bosco", onde estive apenas 3 meses. Passei daí para o Juvenato São Clemente, em Congonhas, onde nem cheguei a *esquentar acento*: seis meses depois eu saía, bem contra minha vontade. O famoso colégio mineiro do Caraça, dos padres Lazaristas, foi outra tentativa de minha mãe. Tentativa igualmente fracassada: tive que dar o fóra 7 meses depois, para tranquilidade do padre prefeito e com grande tristeza minha. Até hoje gosto de recordar os tempos passados lá... Tempos azues... Longe de desanimar, minha mãe não deixava de imaginar sobre minha cabeça uma tonsura. A nova experiência foi o Seminário de Mariana, onde estive mais tempo e onde mais aproveitei. Contudo, dois anos depois, eu decepcionava e desanimava, por uma vez, os esforços maternais. Fiquei, pois livre para poder escolher a profissão que mais me atraísse. Infelizmente nenhuma me entusiasmava... Matriculei-me, entrementes, no Ginásio de Ouro Preto. Em 1931 minha familia foi residir em Belo Horizonte, onde terminei o curso Secundário, no Colégio Arnaldo, e iniciei o curso de Odontologia, na Universidade de Minas Gerais. Meses depois, eu abandonava tudo pelo desenho. Eis-me aqui!

— Quando começou a desenhar?

Sempre tive enorme estusiasmo pelo desenho. Mas nunca estudei metodicamente. Sou um desenhista de sentimento. Era nos colégios, onde estudava, que fazia os meus primeiros calungas, chargeando pequenas cenas colegiais, os professores e os colegas.

— Em que jornal estreiou como desenhista?

— No "Estado de Minas", em 1934. No Rio, comecei ilustrando o "Malho". Em seguida empreguei-me na "Eclética", em São Paulo, onde estive 2 anos. Voltando ao Rio, o sr. Vasco Lima contratou-me com exclusividade para "A Noite".

— Qual, a seu ver, o melhor caricaturista brasileiro?

— J. Carlos.

E Moura desenhou uma Capitú tão boa, que Machado escreveu a um seu amigo elogiando o desenho. Aquí ao lado vai a Capitú de Moura e vai tambem a carta do Mestre, bem como a sua figura simpática desenhada pelo próprio Moura.

MOURA

EUCLIDES.

Euclides Santos conta sua vida, assim:

— Nasci em Maio de 1908, em Mussurepe, logarejo do municipio de Pau d'Alho, em Pernambuco. Sou filho de um humilde fazendeiro. A minha infância passei sem as aspirações cor-de-rosa, peculiares às crianças nascidas em lugares iluminados por luz elétrica. Ser vaqueiro? Era, na verdade, na minha situação, uma grande coisa. Podia, no mínimo, fazer uma bela figura nas vaquejadas... Lavrar o campo? Não era convidativo — o único divertimento era ver o trem passar, apitando e sumir-se pelos canaviais a dentro... Foi por isso que comecei a sonhar em ser maquinista. E assim se foi a minha infância, uma infância cor de chumbo.

Aos 11 anos fui para a sede do município, onde iniciei os primeiros estudos, na Escola Paroquial, aí ficando até os 13 anos, quando me mandaram para o Colégio de Arquidiocése, em Olinda. Bem pertinho do Recife. Então, vi coisas incriveis: o mar, grande, imenso, navio, bonde elétrico. Tudo com outras cores. Foi aí que comecei a estudar, de verdade. Fiz o curso primário e, mais tarde, o secundário. Em 1930, no entanto, contrariando a vontade de meus pais, que queriam um anel no meu dedo, vim para o Rio, iniciando minha vida como desenhista. Sou, portanto, um mixto de vaqueiro, agricultor, estudante e desenhista.

— Quando começou a desenhar?

— Em 1929.

— Em que jornal ou revista estreiou como ilustrador?

— No "Diário da Manhã", de Recife.

— Qual, a seu ver, o melhor caricaturista brasileiro?

— Vacilo entre J. Carlos e Augusto Rodrigues. Gostava tambem, e muito, de Nestor Silva, falecido tão prematuramente .

E a Capitú que Euclides imagina é delicada com a sua maneira de olhar os homens e as coisas da vida. Vejam-na aqui ao lado.

JORGE BASTOS

Jorge Bastos responde a nossa pergunta:

— Nasci no Catete, tenho 23 anos e sou casado. Tive uma infância feliz, entre brinquedos e estudos. Cheguei aos 18 anos, depois de muito nadar, ouvir música e namorar garotinhas lindas. Foi por aí que me lembrei de fazer qualquer coisa util. Música? Comércio? Nada me agradava, pelo que resolví fazer uma coisa que, com ou sem razão, sempre entendi que faria mais ou menos: desenho. E, assim, em dezembro de 1933, vi, com enorme emoção, o meu primeiro desenho publicado n'"O Malho". Agora estou na "A Noite", para onde trabalho desde 1936. Espero ser, mais ou menos em 1963, um grande ilustrador...

— Qual, a seu ver, o melhor caricaturista do Brasil?

— Eis um tróço dificil de responder. Voto, contudo em J. Carlos e Augusto Rodrigues.

A Capitú de Jorge Bastos, que vai aqui ao lado, é melancolica e estranha.

MENDEZ.

Mendez, hoje um caricaturista conhecido, é um sujeito nômade e inquieto. O reporter já o encontrou em vários pontos do Brasil, inclusive numa pensão modesta de Sergipe, numa rua cheia de areia e num quarto encharcado de estudantes de Propriá e de Aracajú.

Sua vida, tambem, é ligeira:

— Nasci no Natal de 1907, em Baturité. Baturité fica no Ceará. A maior parte da minha infância, passei-a no Pará e no Maranhão. Vim para o Rio em 1925, mas voltei muitas vezes ao Norte.

— Quando começou a desenhar?

— Não me lembro quando fiz o primeiro boneco. Entretanto, posso afirmar que, desde que me entendo, não tenho feito outra coisa.

— Em que revista estréiou como desenhista?

— Em 1927, na "Revista Musical", com uma caricatura do maestro Francisco Braga.

— Qual, a seu vêr, o caricaturista de maior personalidade do Brasil?

— J. Carlos. "O mestre de nós todos", como diz, com grande razão, o Belmonte.

Aquí ao lado, a Capitú de Mendez.

PACHECO.

Pacheco fala:

— Nasci no dia 7 de novembro de 1913. Meu nome todo é Armando Pacheco Alves. Fiz o curso primário e parte do Secundário interrompidos pela falta de saude que encheu minha infância. Entrei para o Liceu de Artes e Ofícios em 1930, onde estudei até 32. Em 1931, Osvaldo Teixeira ofereceu-me aulas noturnas, 3 vezes por semana, depois de ter lhe escrito pedindo auxílio. Aliás, o mesmo pedido eu já havia feito a vários artistas, sem resultado algum. Em 1932, inscrevi-me como aluno livre de pintura da Escola Nacional de Belas Artes, onde permaneci até 35. Expuz em 1934 no Salão, sendo os meus trabalhos recusados. Em 1935, porem, obtive no Salão, na seção de desenho, uma "Medalha de Prata" e na seção de pintura uma "medalha de Bronze". Tive ainda em 1936, na seção de pintura, uma "Medalha de Prata", sendo este meu quadro laureado adquirido pelo govêrno para a Pinacotéca. Concorri, em 37, ao Prêmio de Viagem à Europa e ao País, nada conseguindo. Em 1939 tentei novamente o Prêmio ao País, sendo derrotado somente por 1 voto para o escultor Honorio Peçanha, aliás de grande merecimento. Realizei ainda, com o meu irmão Mário, uma exposição de aquarelas em 1935, no saguão do Liceu de Artes e Ofícios.

— Quando começou a desenhar?

— Não me lembro. Mas foi cedo. Comercialmente, só de 37 para cá.

— Em que revista ou jornal estreiou como desenhista?

— No "Vamos Ler!", em 1937, por intermédio do coléga Jerônimo Ribeiro e do meu grande amigo Escragnole Dória.

— Qual, a seu ver, o maior caricaturista do Brasil?

— J. Carlos.

— Como imagina a Capitú adolescente de Machado?

E Pachedo imagina a heroina do "Dom Casmurro" assim: isto é, como está aí de lado.

PAULO WERNECK.

Encontramos Paulo Werneck nos escritórios dos editores Pongetti. O ilustrador está às voltas com a edição em inglês da "Lenda da Carnaubeira" e nos responde rapidamente:

— Nascí no Rio de Janeiro, em 1907. Viví sempre aquí e no Estado do Rio, tendo publicado o meu primeiro desenho na "Época", dos estudantes de Direito, no tempo de Cardilo Filho. Mais tarde trabalhei no "Para Todos" com Alvaro Moreyra e no "Fon-Fon". Posteriormente, passei a ilustrar capas e textos para os editores cariocas.

— Qual a seu ver o melhor caricaturista brasileiro?

— Foi o J. Carlos...

E nos entrega a sua Capitú...

DESENTERRANDO OS MEUS VIVOS

Moacir Arcoverde

Ano prodígio o ano de 1839.

Três dos nossos melhores produtos mentais haveriam de escolher esse ano para data dos seus nascimentos; eles encheriam depois um processo literário, inteiro, com as suas vidas.

Cem anos atrás eles três vieram ao mundo, se tornaram exemplos edificantes, e ressuscitaram feito simbolos, precisamente um século depois, em 1939: Tobias Barreto, Machado de Assis e Tavares Bastos.

Um trazia a sina de se chamar Tobias Barreto; devia ser mulato e carregar pela vida uma carga de complexos de inferioridade. A pele, e depois da pele, as condições de existência, exerceriam sobre ele uma influência consideravel. Ele devia ser assim uma espécie de desvairado.

E Tobias não foi nunca um filósofo no bom sentido da palavra, por causa do seu gênio. A ele não se deve siquer uma ampliação daquele materialismo pontificado, de cátedra, em Recife. O mais que ele fazia era a reproduzir o que aprendia nos compêndios alemães. Que mais, porem, se poderia esperar de um temperamento como o dele? Tobias não era homem que se detivesse por muito tempo numa verdade. Tendo bebido água de chocalho em criança, grande, assim que se apossava de uma idéia, antes mesmo de amadurecê-la, corria logo a propagá-la, como se temesse que outro viesse arrancar-lhe a glória que só a ele poderia caber, de inovador. Isto foi o que sacrificou nele a organização de filosofo, que estava latente, para realçar apenas o polemista poderoso, que foi a sua maior qualidade. As discussões eram o seu mundo. Ali era que ele estava em coerencia com os seus impulsos, — estes às vezes tão inferiores, que ele nos fica sempre a dever em admiração aquilo que as suas fraquezas nos roubavam. Divulgador é o máximo que lhe podemos conceder, e divulgador de uma concepção que nem no tempo podia exprimir o progresso, pois já naquela época o descrédito da doutrina estava lançado por não sei quantos espíritos mais objetivos do que ele. Mas através dele e da chamada escola de Recife foi que o Brasil deu o seu primeiro testemunho em favor da cultura.

Machado de Assis seria outro mulato, mas um mulato diferente do primeiro, e envez da tempestividade de Tobias, da vida exterior que ele levava, devia ser tímido. Tímido por excelência. Devia temer a vida, fugir da vida e no retraimento de uma existência das mais mediocres haveria de compensar-se de suas insuficiências. Realizaria uma obra literária cheia de desprezo pela vida, de nojo pela humanidade. Viera ao mundo quando a nossa literatura ainda cheirava a indianismo e a romantismo, e deles para o seu realismo, foi apenas um salto.

Machado de Assis estabeleceu por assim dizer uma conciliação do romantismo com o naturalismo, mas nunca foi um naturalista. Numa obra de sentido vertical intenso, fugiu da paisagem não por efeitos de escola. Fugiu da paisagem como fugiria de todo mundo exterior para refugiar-se em si e embrenhar-se no seu sonho. Foi incapaz de plasmar uma obra em correspondência com a nossa psicologia, deformador de realidades morais em proveito do seu ideal de vingança.

Diferente de todos os dois Tavares Bastos devia ser o ideal.

Exprimiria a serenidade e ao mesmo tempo a intuição realista do meio. Veria o país como o enxerga hoje o sociólogo moderno e como o enxergará amanhã o estadista do futuro. Essas qualidades do alagoano de gênio constituiriam, juntas, a exata expressão de equilibrio das desordenações dos outros dois. A sua obra é um levantamento dos problemas brasileiros com todos os remédios para os seus males de organização. A sua existência prepara o ciclo do movimento objetivista de hoje.

Três vivos mortos que são três mortos vivos.

MACHADO DE ASSIS

Bezerra de Freitas

Na história da literatura brasileira, a figura de Machado de Assis projeta-se em todos os sentidos. Poeta, novelista, teatrólogo, romancista, crítico, escritor teatral, nós o encontramos cada vez mais denso, mais agudo, mais envolvente, desafiando a acuidade dos censores e o instinto estético dos impressionistas.

Quantos aludem ao seu universalismo, quantos assinalam, como traço característico da sua arte, o alheiamento ao mundo objetivo, à natureza, ao universo físico, fixam aspectos discutiveis dessa impressionante energia criadora.

A conciência literária de Machado de Assis é a primeira manifestação da sua inconfundivel individualidade. A maioria dos nossos escritores ressente-se de influências estranhas e produz de acordo com as circunstâncias e o momento. Machado de Assis tem alguma coisa a revelar. A unidade da sua obra — estilo, faculdade inventiva, sentido nacionalista — deve ser fixada como um exemplo de bom gosto, equilíbrio e harmonia de pensamento. É assim que, à literatura facil, colorida e vistosa, de uma época de sensibilidade profundamente burguesa, como a do Segundo Império, Machado de Assis opôs aquele estilo claro e medido, que havia de impressionar a severidade filológica de Camilo Castelo Branco.

Ao discípulo meio cético meio irônico dos clássicos lusitanos e dos mais sadios humoristas ingleses havia de caber, em nosso país, a missão de neutralizar os excessos do nosso conto, do nosso romance, da nossa prosa, ainda cheia de vestígios do período colonial.

O mestiço atilado e sutil que modelou Braz Cubas e Dom Casmurro não pôde compreender o arrebatamento tropical da nossa poesia nem a ênfase inexpressiva da nossa prosa. O tom superior da sua lingua, a pureza do seu estilo, a ausência de anacronismos ou de frases obsoletas, esses foram os primeiros sinais de renovação do nosso pensamento literário e artístico. Através dessa linguagem leve e correta, Machado de Assis definiu soberanamente as fraquezas dos homens, a malícia das mulheres, os aspectos heroicos e grotestos da vida brasileira.

Machado de Assis é, antes de tudo, um escritor brasileiro. Não o vemos — senão para ilustrar uma tese ou traçar ligeiro paralelo — interessar-se por coisas e idéias exóticas, voltar a sua lente poderosa de analista para figuras que não apresentem características nacionais. Poeta parnasiano, e o seu elogio ao verso alexandrino encerra uma das mais eloquentes definições da sua arte, prosador de índole romântica, Machado de Assis é sempre o mesmo espírito voltado para os problemas humanos, é sempre o pesquisador sorridente em face do *caniço pensante* de Pascal, e essa é a condição suprema da sua obra literária.

Na paciência e na timidez de Machado de Assis, em que pese às raizes múltiplas da sua sensibilidade e da sua imaginação, onde se misturam o sarcasmo latino de Eça de Queiroz e o senso realista de Lawrence Sterne, a risada de Rabelais e a ironia polida de Anatole France, vamos encontrar muito das suas origens humildes. Fugindo à luta, à polêmica, aos grandes debates da política e da religião, Machado de Assis mostrava-se coerente com a sua vida de artista, o que induziu certo crítico a afirmar que a "sua euritmia estética prolongava-se no terreno moral".

Vale a pena referir aqui o conceito machadeano da vida: "Viver não é obedecer às paixões, mas aborrecê-las ou sufocá-las". Das paixões pueris ou sagradas, sempre se afastou discretamente o velho cético. E a critica literária, que por muito tempo viu em Machado de Assis um escritor clássico — um clássico verdadeiro, no tocante à forma, no minucioso estudo da língua, e no escrúpulo e cuidado com que se apartava de quanto se lhe afigurasse dissonância — volta-se agora para a análise da sua misteriosa e desconcertante individualidade de criador de sensações.

Às múltiplas qualidades literárias e artísticas do autor de "Quincas Borba", como a sobriedade estilística, a probidade de escritor, a graça no desenho das figuras, o equilíbrio no jogo das expressões, não esqueceram, os seus opositores, de insinuar-lhe a fraqueza, senão a falta de talento descritivo, e o restrito poder de imaginação.

Os que conhecem os versos largos, coloridos e evocativos, que constituem as *Americanas*, reflexo da fase indianista da nossa poesia, não podem deixar de reconhecer o seu talento descritivo. E a sua animada galeria humana, sobretudo aquela incontrastavel teo-

ria de mulheres que lhe povoam os romances e as novelas, indicam, sem dúvida, raros e singulares recursos de imaginação. Seus tipos, longe de revelarem afinidades com os que movimentam os burgos, as côrtes e as metrópoles descritas pelos romancistas dos séculos dezoito e dezenove, longe de se apresentarem na hediondez dos recalques, das taras e das idiosincrasias de outros povos, pertencem a uma casta bem diferente. Suas personagens, da Capitú dos olhos de ressaca ao pessimismo sorridente de Braz Cubas, da condescendente Virgília ao triste filósofo Quintas Borba, da prima Justina ao inverosimel Dom Casmurro, não servem para estudos de patológia social nem podem ser fixados como exemplos de anomalías humanas. São pobres figuras, humildes, simples, ansiosas de repouso e tranquilidade, e os seus gestos, minuciosamente anotados pelo romancista, se enquadram na vulgaridade cotidiana.

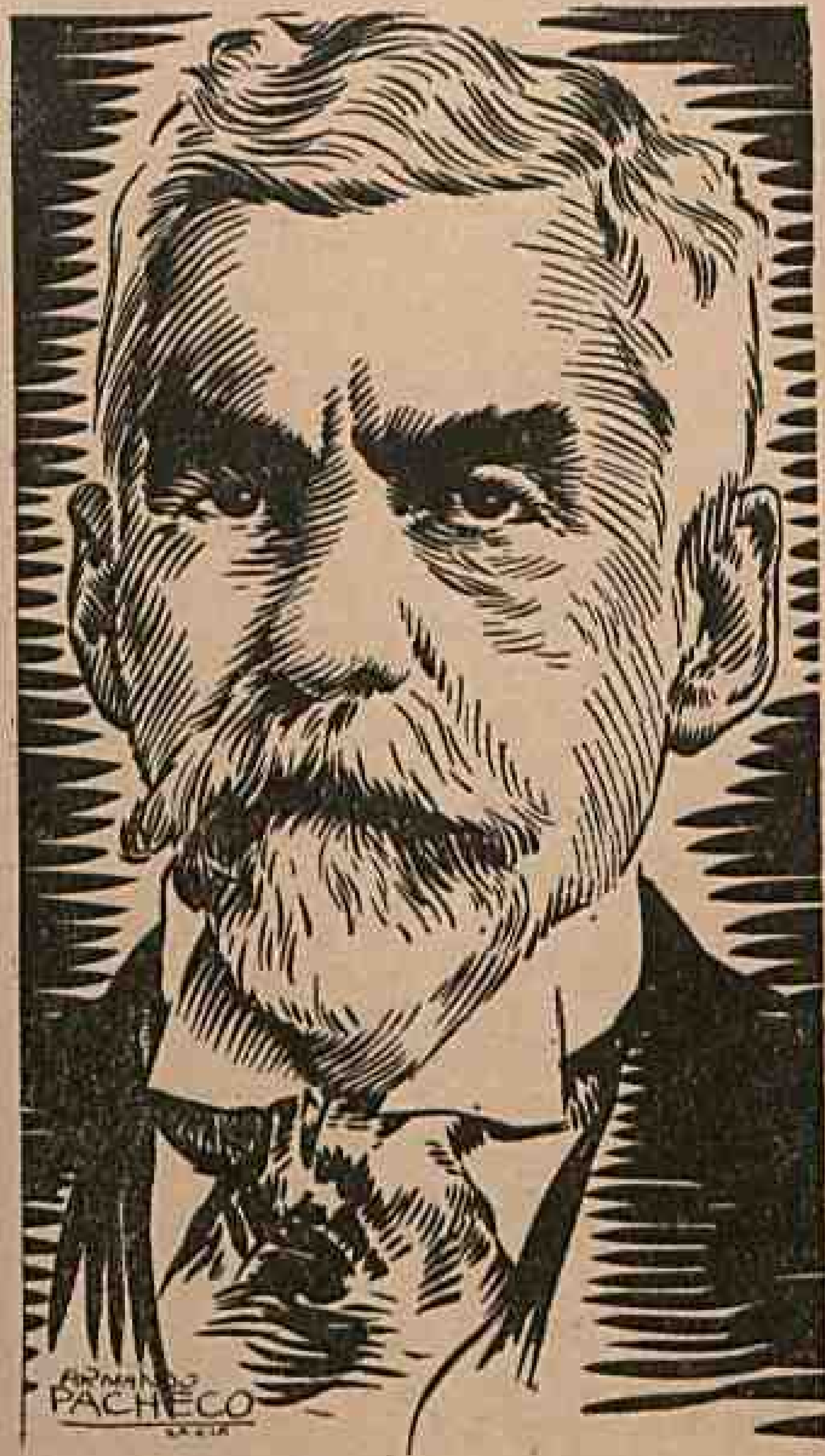
Ao revés dos romancistas da sua época, ávidos de subjetivismo, empenhados em marcar as suas obras de estados de alma e delírios da personalidade, Machado de Assis mostra-se um temperamento "mais atento às coisas que extasiado com elas". Entre os exaltados e os sensualistas, entre os que juram castigar os costumes e os que sorriem das fraquezas humanas, o criador de *Esaú* e *Jacob* preferiria, sem dúvida, ficar ao lado dos sensualistas.

A metafísica prudente de Quincas Borba e a crença irredutivel no valor do humanitismo encerram uma lição e uma advertência para os nossos dias, porque, no fundo, esse sistema é um convite ao abandono de todas idéias românticas.

Em Machado de Assis — caso único, talvez, em nossas letras, é evidente o propósito de manter a unidade literária, de realizar uma obra de conciência, capaz de resistir às investidas do tempo incessante. Quasi todos os seus livros sugerem uma idéia, um pensamento original, um acréscimo de conhecimento no tempo e no espaço. Assim, por exemplo, quando o escritor nos diz, que "a fortuna troca às vezes os cálculos da natureza", ou que "alguma coisa escapa ao naufrágio das ilusões", a sua arte se fez experiência, transforma-se em fonte de conhecimento e sabedoria.

O século de Machado de Assis marcou o apogeu do romance moralista, do romance pedagógico, por assim dizer, em que as boas idéias repelem as más idéias, e tudo se converte afinal, em pregação e doutrina. Mas, desejando demonstrar a inferioridade do homem em face da mulher, na escala dos sentimentos e das paixões, ele se utilisa de outra processo, não o faz à feição dos naturalistas, preferindo traçar tipos femininos deliciosos, cuja astúcia e malícia reduzem à mais rídicula condição o sexo oposto. Nesse sentido, a influência da sua produção literária sobre os romancistas e mesmo alguns poetas destes últimos tempos é digna de registo particular. Porque Machado de Assis não fez nem desejou propriamente fazer o romance carioca, o romance da cidade do Rio-de-Janeiro, a pintura dos costumes coletivos, a psicologia e o carater da metrópole da época em que viveu. Interessou-o muito mais o material humano, com as suas singularidades e as suas fraquezas, e deste eles aproveitou apenas os aspectos superficiais, evitando penetrar-lhe a psiquê, de onde regressaria como de abismo tenebroso, e esse empreendimento não se afeiçoava ao seu gênio mordaz. Em síntese, sua missão artística e literária não foi a de um espírito indagador, mas a de um fino e irreverente comentador das nossas imperfeições. Eis porque a sua obra constitue um espetáculo permanente da ironia e piedade.

UM CRIADOR DE BELEZA

Por Sílvio Peixoto

PEREIRA PASSOS

Francisco Pereira Passos não foi um nome que a República descobriu num cabide de fuzís após uma revolução. Vinha do Império, onde comissões importantes lhe foram confiadas. Inspetor Geral de Obras foi o cargo em que ele empregou, por muito tempo, a sua fecunda atividade, até que, em 1871, o Visconde do Rio Branco, Presidente do Conselho, foi buscá-lo para fazer parte da comissão encarregada de estudar os meios de melhoramento e saneamento da cidade, em companhia de Marcelino Silva e Morais Jardim.

Após a implantação da República, foi-lhe confiada a direção da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Depois de treze anos de novo regime, assumiu o supremo posto da República, um homem que tambem tinha vindo do Império — o Conselheiro Rodrigues Alves. Prometera ele, na sua plataforma, a remodelação e o saneamento da cidade. E pela primeira vez — talvez a única na história da República — o administrador cumpriu e honrou a palavra do candidato. Frontin, que se fizera o ídolo popular com o episódio inesquecivel da "água em 6 dias", fora encarregado da administração das obras da Avenida. Osvaldo Cruz, cientista insigne, tomou sobre os ombros a tarefa penosa de comandar, de Manguinhos, a defesa sanitária da Metrópole assolada pelas epidemias. Pereira Passos — o grande reformador — recebeu a incumbência suprema de afrontar o conservantismo estrábico da época, rasgando avenidas batidas de luz, de ar e de alegria na cidade que a natureza fizera tão bela, mas que a concepção colonial de urbanismo asfixiara nas ruelas estreitas para fugir aos excessos do sol tropical. E a picareta civilizadora, demolindo velharias inuteis, impulsionada pelo entusiasmo e pelo gênio realizador do grande Prefeito, transformava, aos poucos, a velha São Sebastião, carunchosa e humilde, na cidade maravilhosa que é hoje o panorama ideal para os olhos enamorados dos turistas. Nada o deteve na realização do programa que traçara, e irradiando por todos os setores, em nome do progresso e do conforto, a sua ação destemerosa, abriu avenidas. Alargou vielas. Retificou alinhamento. Prolongou ruas. Aterrou pântanos. Canalizou rios. Embelezou trechos de caes. Edificou escolas. Construiu mercados. Remodelou jardins. Ajardinou praças.

Em síntese, foram as seguintes as obras elaboradas sob a administração do Prefeito Pereira Passos:

Rua do Sacramento, hoje Avenida Passos, —alargamento do pequeno trecho que existia entre a Praça Tiradentes e a rua Senhor

dos Passos, e seu prolongamento até á rua Marechal Floriano, antiga Larga de São Joaquim, cuja obra foi a primeira a ser atacada e a primeira que se inaugurou em meiados de 1903;

Rua Marechal Floriano, — retificação do alinhamento entre as ruas Camerino e do Sacramento, desaparecendo a igreja de São Joaquim que ficava contígua ao Externato do Ginásio Nacional (que retornou à antiga denominação — Pedro II);

Rua Estreita de São Joaquim, — alargamento em toda sua extensão até á rua Uruguaiana, onde terminava, e o seu prolongamento até encontrar a rua Municipal e o Largo de Santa Rita. Com esse prolongamento executado em continuação à rua Marechal Floriano, passou a ter uma só denominação, — Marechal Floriano;

Rua Visconde de Inhaúma, — alargamento do trecho da rua dos Ourives onde começava, até o Cáes dos Mineiros. Com as obras da Avenida Central (hoje Rio Branco), da alçada do Governo Federal, fez-se a ligação da rua Visconde de Inhaúma com o prolongamento da rua Marechal Floriano. Com esse alargamento desapareceu o Beco João Batista;

Rua Camerino, antiga da Imperatrís, — um trecho dessa rua foi absorvido com o alargamento da rua do Sacramento, tendo sido alargado o outro entre Marechal Floriano e Senador Pompeu, assim como um pequeno espaço junto ao morro do Valongo, nome dado a uma das depressões do morro da Conceição. Com a construção das Obras do Porto ficou estabelecida facil comunicação entre a Praça Tiradentes e o Bairro da Saúde;

Rua Acre, — o primitivo projeto cuidava da abertura de um logradouro que, partindo da rua do Sacramento, nas proximidades da rua Senhor dos Passos, e atravessando em sentido longitudinal as ruas da Alfândega, General Câmara, São Pedro, Andradas, Teófilo Otoni e Uruguaiana, encontrasse a rua da Prainha. De acordo, porem, com o plano de abertura da Avenida Rio Branco, modificou a Prefeitura o primitivo projeto, fazendo abrir a rua Acre da rua Marechal Floriano, nas proximidades da intersecção deste logradouro com a rua Visconde de Inhaúma seguindo daí em diante o traçado antigo, isto é, absorvendo completamente um grande trecho da rua da Prainha até o mar;

Rua da Assembléia, — alargamento em toda extensão;

Rua da Carioca, — alargamento em toda extensão;

Travessa de São Francisco de Paula, (hoje Ramalho Ortigão), — prolongamento de 7 de Setembro até a rua Carioca;

Rua Treze de Maio, — alargamento de um trecho até Evaristo da Veiga e retificação dos demais trechos;

Avenida Beira Mar, — abertura, desde a Avenida Central, abrangendo as Praias da Lapa, do Russel, do Flamengo, compreendendo daí em diante uma Avenida junto ao Morro da Viuva, por não ser possivel, então o cordenamento junto ao mar e a Praia de Botafogo;

Avenida Mem de Sá, — abertura, — desde o Largo da Lapa, esquina da rua do Passeio, até a rua Frei Caneca em frente à rua Santa Ana — atravessando as ruas Visconde de Maranguape, Lavradio, Invalidos, Rezende, os terrenos da esplanada do antigo morro do Senado e a rua do Senado;

Avenida Salvador de Sá, — abertura — da rua Frei Caneca próxima da do Riachuelo e em frente do Xafariz do Lagarto até o ponto terminal da rua Frei Caneca, esquina da rua Neri Pinheiro, atravessando as ruas Visconde de Sapucaí, Presidente Barroso, D. Júlia, D. Laura de Araujo, Visconde de Pirassinunga e Faria;

Rua Estácio de Sá, — alargamento em toda extensão;

Rua Machado Coelho, — alargamento num pequeno trecho junto ao Estácio de Sá, para retificar o alinhamento;

Rua Frei Caneca, — alargamento no trecho entre a Praça da República e a rua General Caldwell;

Rua Conselheiro Saraiva, — alargamento de um pequeno trecho junto a rua de São Bento;

Rua 7 de Setembro, — alargamento em toda a sua extensão;

Rua Visconde do Rio Branco, — alargamento de um trecho;

Rua Uruguaiana, — alargamento em toda a sua extensão;

Rua do Hospicio, — recuo dos prédios;

Construção do Mercado Municipal na Praia D. Manoel;

Reconstrução e embelezamento do Cáes Pharoux;

Canalização dos rios Carioca, Berquó e Banana Podre;

Remodelação dos Jardins Públicos, — Praças 15 de Novembro, Tiradentes, 11 de Junho, Duque de Caxias, Bôa Vista e Parque da Praça da República;

Construção de novos jardins: — Afonso Pena, São Cristovão (Campo), Tijuca, Gloria e Avenida Beira Mar;

Pavilhão de Regatas, — construção na Praia de Botafogo.

E quando, pelo fim do ano de 1906, deixou Francisco Pereira Passos o cargo que lhe consumira o melhor das energias de seu temperamento progressista, empreendedor e forte, não poucas foram as animosidades que levou consigo.

E' uma fatalidade social: o homem que se avantaja a seus contemporâneos na concepção da vida, encontra na rotina o maior obstáculo à realização de suas idéias. E foi tambem na rotina, que encontrou Passos a maior fornecedora de seus desafetos.

Foi-nos narrado por Noronha Santos — esse admiravel historiador do Distrito Federal — que serviu sob as ordens do Prefeito Passos, o seguinte episódio:

Poucos dias depois da saída de Passos da Prefeitura, foram distribuidos fartamente pela cidade uns postais onde figurava o retrato do ex-Prefeito ao lado de uma senhora bastante popular naquela época, e que diziam ser sua amante. E como legenda as seguintes palavras — "Administração Municipal — 1902 a 1906".

Era a campanha do ridículo que se procurava espalhar contra o benemérito brasileiro. Faziam-na todos quantos tiveram os seus imoveis desapropriados dentro da avaliação fornecida por eles próprios, com o fito de lezar o pagamento de impostos. Faziam-na os rotineiros que viam na audácia progressista de Passos um ultraje à bolorenta "tradição de nossos costumes". E outros mais, cujos interesses foram contrariados pelo grande Prefeito na realização de negócios pouco vantajosos para a Municipalidade.

Um cidadão de nacionalidade estrangeira, estabelecido com um quiosque no Largo de São Francisco esquina da rua do Ouvidor devotava profunda antipatia ao Prefeito Passos. Tal sentimento era proveniente da tenaz guerra que sempre moveu Passos àquelas almanjarras e que, máu grado todos os esforços, só desapareceram da cidade em 1911, quando dirigia a Prefeitura o General Bento Ribeiro. Mandara o referido estrangeiro reproduzir em ponto grande o irreverente postal, fazendo com ele um cartaz que colocou no seu quiosque. O gesto infeliz do negociante teve, por parte da população, a justa reprimenda: em pouco tempo seu quiosque não era mais que um monte de cinzas.

E' que, nessa hora, ja o nome de Francisco Pereira Passos — o criador de belezas — iniciava, pelas mãos de seus compatriotas reconhecidos, o caminho feliz que leva à Posteridade.

O discutido Joaquim Maria

Oscar Mendes

O destino irônico de Joaquim Maria.

Era mestiço, plebeu, pobretão, tímido e gago, e ainda por cima, epiléptico. Não tinha amigos ou protetores poderosos que, a um passe de mágica, lhe transformassem todas aquelas desvantagens em outros tantos dons, capazes de fazê-lo um grande vitorioso na vida social.

Mas naquela alma recatada e humilde, havia uma flama inextinguivel, havia o fogo central duma idéia galvanizada: ser um artista, ser um escritor, vasar na prosa ou no verso os sonhos de uma alma adolescente ou as experiências da maturidade.

Foi esse ideal de arte e de beleza que operou todas as transformações necessárias a fazer do mestiço, do plebeu, do pobretão, do tímido, do gago e do epiléptico, o homem de maneiras corretas e medidas, o aristocrata da lingua; o funcionário cumpridor de seus deveres e ao abrigo da pobreza, o escritor famoso, que os contemporâneos estimavam e admiravam e os moços veneravam e saboreavam, como dos que melhor escreveram entre nós e dos que mais fundo desceram no coração humano, para descobrir nas dobras do subconciente as florações psicológicas, que mostram o homem tal qual é, com as suas misérias e as suas grandezas.

Mas esse trabalho de ascenção ele o executou dolorosamente, penosamente. Lutou dia a dia contra todas as desvantagens, numa vigilância incansavel, para que os de fora (exceção feita de raros intimos) não bisbilhotassem o que ia de tenacidade, de esforço doloroso, de sigilo ciumento, naquela criação de um novo homem que o mestiço Joaquim Maria queria realizar. E conseguiu-o.

Cortando na própria carne, sufocando certos sentimentos mais ternos, vigiando sobre si mesmo com a intransigência inclemente de um verdugo, fazendo da própria timidez um recurso de defesa contra as investidas da curiosidade alheia, Joaquim Maria criou Machado de Assis, o chefe de secção, o escritor castiço, o artista ordenado e sereno, o acadêmico, o homem frio e correto, incapaz das palmadinhas das intimidades e das exibições cabotinas.

Criado Machado de Assis, como o construtor que, pronto o edificio, faz desaparecer todos os andaimes, tratou ele de relegar para o depósito dos materiais já usados o que era bem Joaquim Maria, para que não destoasse da "construção", que o mundo admirava e aplaudia. Joaquim Maria resignou-se, porque, afinal, o ideal de sua vida fôra mesmo criar Machado de Assis. Retirou-se para a penumbra, da qual surgia apenas quando a doença traiçoeira o derrubava na rua, ou quando se misturava, com prazer, entre as linhas sérias dos contos e romances, para zombar, com certo prazer vingativo de plebeu, dos ridículos do homem, das injustiças e senvergonhices sociais.

Dai a vaguidão, o mistério, a falta de informações, com que lutam os biógrafos e críticos de Machado de Assis. Porque Machado de Assis teve, mais que qualquer outro, o pudor de suas intimidades. Nem mesmo no seio dos mais intimos amigos se "derramou". A sua queixa, quando a exprimia, era a queixa dum homem que sente a necessidade de confessar seu sofrimento, mas tem ao mesmo tempo o temor de ser consolado ou lastimado. Esse pudor de suas fraquezas e de suas deficiências, levava-o ele ao extremo de nem querer escrever, nos seus livros ou nas cartas aos amigos, o nome "tout court" da doença que o fulminava.

Que os médicos e psicólogos deem a tudo isso o nome científico que quiserem. Complexos ou não complexos, o certo é que ele sempre procurou quebrar todas essas amarras que o prendiam à vida humilde e apagada donde viera. No alto

de sua escalada não tinha prazer talvez em relembrar os tropeços e feridas da subida, nem em mostrar a distância apagada donde viera. Ele era o homem que Joaquim Maria havia criado. Para que revolver coisas passadas? Aceitassem-no tal qual se mostrava e deixassem o pobre do Joaquim Maria no seu refúgio de silêncio e quem sabe, de dolorida saudade.

O destino irônico de Joaquim Maria... Um romance que Machado d eAssis não escreveu. Volvidos os anos, eis que a glória, na sua bisbilhotise feminina, não somente lança o esplendor de suas luzes sobre Machado de Assis, mas quer tambem iluminar a figura de Joaquim Maria. Biógrafos, criticos, articulistas, psiquiatras, psicólogos, médicos, todos se lançam avidamente a cascavilhar na vida inteira dos dois homens. E Joaquim Maria, que não namorava a popularidade, viu-se de repente mostrado tal qual foi e não apenas como era o seu duplo, nas páginas de todos os jornais e nas discussões dos cafés. Pelo rádio e pela imprensa o seu nome não será mais separado do de sua criação.

O trabalho de separação, que levara a efeito com tanta tenacidade e doloroso esforço, fica anulado. Ele é Joaquim Maria Machado de Assis, que todos querem ler ou reler, que todos querem discutir. E indagam de suas origens mais ocultas, esmiuçam o seu passado, erguem teorias sobre sua doença, tentam explicar seus modos e cacoetes, pesam em balanças, nem sempre fiéis, suas qualidades e seus defeitos, investem pelo seu lar a dentro, à cata dum deslise ou duma infedelidade, mexem-lhe nos manuscritos, para apontar as fraquezas e falhas, tomam o depoimento de quantos o cercaram, levam-no à barra dum juri, onde amigos e inimigos, admiradores e detratores, se defrontam, todos parciais na censura e no elogio, procurando afinal desvendar o segredo de Joaquim Maria Machado de Assis.

Joaquim Maria, porem, que nunca perdeu aquela sua malicia caracteristicamente plebéa, ha de por certo sorrir diante de tanto esforço vão, de tanta dúvida não esclarecida, de tanta suposição não certificada. Armou-a ele bem armada, a sua engenhoca. E sorri diante de todas as perplexidades, com aquele mesmo sorriso sonso e capiongo da sutil Capitú, que sempre deixou o Bentinho apalermado e hesitante.

E ele continúa sendo o discutido Joaquim Maria. A cada investigador novo que se lhe põe diante, dá ele uma resposta que vai muitas vezes chocar-se contra a resposta dada a outrem. E as perguntas se curvam no ar: Machado de Assis foi isso? Machado de Assis foi aquilo? Ou foi mais do que aquilo?

Como póde Joaquim Maria fazer Machado de Assis? Quanto ha de Joaquim Maria em Machado de Assis? Qual dos dois é o autêntico?

E "o homem atrás dos óculos e do bigode", como diria o poeta Carlos Drummond de Andrade, sorri silenciosamente de toda essa agitação em torno de seu nome e de sua pessoa. Satisfeito de ver a glória que aureola o seu nome? Contrariado com a bisbilhotice em torno daquilo que ele sempre procurou trazer velado? Quem sabe? E' outra pergunta a juntar-se às tantas outras que a sua vida e a sua obra vem provocando. Porque ele continuará sendo discutido e a sua obra continuará a ser manancial de novos estudos e de novas indagações. O cabedal que deixou é rico demais para que se esgôte com facilidade. E criticos e psicólogos permanecerão ainda por muito tempo diante das interrogações que o estudo de sua vida e de sua obra suscita. Era crente ou ateu? Era moralista ou cínico? Interessava-se pelos problemas sociais ou era um egoista fechado? As coisas da pátria eram-lhe indiferentes ou por elas se sentia atraido? Quais os personagens que representam o seu modo de pensar e de sentir?

O discutido Machado de Assis...

Para muitos não se justifica tanta glorificação e outros acham que não merece tanta publicidade um escritor que descreveu as pequeninas misérias da alma humana, ou os seus grandes dramas, mostrando os escaninhos secretos e vergonhosos da sociedade, sem porem ter para esses males e misérias palavras de censura acre, ou sugestões de meios de regeneração.

Seus romances não termi nam com um personagem sentencioso a resumir didaticamente o ensinamento moral a tirar da história, nem estão refertos de máximas para uso dos que queiram andar direitinho na vida. Mas não conteem tambem o endeusamento dos vicios, nem se deleitam na pornéia. Porque ele foi, antes de tudo, um artista. E um artista especial: um humorista, isto é, uma criatura a quem a vida magóa com todas as suas feiuras e maldades e que aspira por outra vida menos cruel e menos cinica.

Percorreu várias escalas so-

ciais. Veio das baixas camadas e chegou a ser o presidente da mais alta sociedade cultural do país. O molecote de outrora passou a ser chamado de mestre pelos homens mais inteligentes de sua terra. Nessa ascenção, porem, foi conhecendo os homens. Contemplou-os nos seus vários aspectos, desde o escravo até o ministro, desde a mucama até as marquesas. Viu os seus erros, os seus vicios e os seus crimes, como notou tambem as suas virtudes e as suas qualidades. E como sofrera muito por causa justamente daqueles vicios e daqueles cinismos, foi sempre com a amargura dos que querem uma sociedade melhor que ele descreveu os desmandos dos que fazem as sociedades.

Se por vezes parece mostrar-se cinico, egoista, inescrupuloso, hipócrita, vaidoso, sensual, ganancioso, é que os homens são tudo isso e mais ainda. Se, porem, não tem palavras eloquentes para castigar-lhes os vicios e torpezas, o espetáculo da vida de suas criaturas que delinquiram é demasiado triste para que não compreendamos a lição que elas nos proporcionam. Capitú pode atraiçoar, Braz Cubas ser cinico, Rubião cubiçoso da mulher alheia. Nenhum deles, porem, pode ocultar a chaga oculta que lhes rói a alma, ou atenuar a tristeza e a decadência de seu fim.

Diante dos aleijões morais que a indignação amargurada de Joaquim Maria ridicularizava como não pensar logo naquelas outras criaturas boas e virtuosas, tambem muito humanas, que ele espalhou pelos seus livros, como uma censura viva aos que erraram ou delinquiram? Lembremo-nos de que, após observar o espetáculo venenoso das Capitús e das Virgilias, procurava ele o abrigo cordial dos longos convivios silenciosos com a sua amada Carolina, no remanso da casa tranquila do Cosme Velho.

O humorista não é um cinico e um imoral. Tem apenas um jeito seu de expressar a sua indignação diante do espetáculo torpe do mundo. Como, em geral, é um tímido, não sai a esbravejar e a fulminar. Prefere zombar. Prefere sorrir com sarcasmo. Prefere apontar aos próprios cinicos e prevaricadores o espetáculo ridiculo de suas misérias e de seus pecados.

Como os humoristas não são geralmente escritores para o grande público, (o homem do povo e mesmo o homem médio não toleram a ironia e o sarcasmo, porque não percebem direito se é uma troça de conivência ou uma censura severa) a lição da obra de Machado de Assis não é percebida de momento. Não pode ser descoberta à primeira leitura ou à primeira vista. Requer observação e reflexão.

Quem não ri na mocidade diante das aventuras loucas de D. Quixote e da simplicidade de Sancho Pança? Mas quem não sente vontade de chorar, na maturidade, quando pensa no grande ideal do cavalheiro manchego e na mesquinha deformação que dele fez a vida? Para os moços, a vida cinica e mesquinha que Machado de Assis reproduziu nos seus livros, não será um espetáculo edificante. Mas para os que já lidaram com os homens, esse espetáculo é uma grande lição de humildade, é uma condenação do nosso orgulho fátuo. Mostra-nos de que barro somos feitos e de que foi preciso o suplicio de um Deus, para que merecessemos a misericórdia de uma salvação.

Aliás, o próprio Machado de Assis, a pesar de toda a sua descrença e de todo o seu ceticismo, não perdera de todo a esperança. E escrevia: "O mal acabará; os ventos não espalharão mais nem os germens da morte, nem o clamor dos oprimidos, mas tão sòmente a cantiga do amor perene e a benção da universal justiça."

Seria nesta mesma terra, cujo espetáculo o decepcionava e amargurava, que ele esperava ver realizar-se essa éra de bonança e de felicidade?

Só ele o poderia dizer. Mas não quis dizê-lo. Ou não pôde dizê-lo. O moleque Joaquim Maria, que chegara a ser o mestre e o artista Machado de Assis, sabia porem, que o homem é capaz de subir, embora na escalada, vá deixando pelas pontas dos rochedos os pedaços de sua carne e os restos de suas ilusões.

EÇA E MACHADO

Alvaro Lins

A impressão mais nítida que fica do conhecimento de Eça de Queiroz é a de um homem no turbilhão: um homem que se debate no tumulto da riqueza episódica do século XIX, com a sua existência quasi sem história, ao lado de uma grande vida dentro da literatura. O seu temperamento de extrovertido, que adere com espantosa mobilidade ao mundo exterior, integra-o no seu tempo e faz dele um autêntico representante do seu século como assinala Viana Moog.

Mas há tambem, em Eça, o artista que reagiu e ultrapassou o seu tempo: única explicação possivel para sua atualidade, hoje, como nos dias que vierem depois. Por que não sucumbiu este romancista que parecia, às vezes, inverter a própria lógica da arte? Por que não desapareceu o escritor que tão levianamente se ligou ao seu tempo e aos modelos exclusivos do seu século? Por que ainda permanece na memória dos homens o artista cuja criação começava da periferia para o centro, ao contrário do caminho da arte partindo do interior para o exterior?

A sua biografia é a história do conflito que o explica: conflito entre o artista e o homem. O artista que procurava ultrapassar o tempo e a época, o homem que tendia a ligar-se aos problemas do seu século, a tornar-se sectário, ameaçado, portanto de não sobreviver. Está nesta distinção aparentemente destituida de importância, mas que é preciso fazer, toda a explicação da sua vida póstuma. Se o sectário houvesse vencido o artista, que seria dele? Um esquecido romancista da segunda metade do século XIX...

Contudo Eça está marcado pela sua época de materialismo, de dominio dos valores relativos sobre os valores absolutos, época de explendor burguês e de decadência moral. Época que ele fulminou, com os seus sarcasmos mas do qual se tornou, em alguns momentos, e quasi sem o sentir, uma expressão, uma consequência, um resultado. A sua obra está marcada pelo seu tempo, pelo menos uma parte da sua obra, a das inspirações, motivos e doutrinas.

Mas nem sempre ela se tornou, do ponto de vista doutrinário, o que pretendeu ou projetou.

Permaneceu sempre, em Eça, como em todos os artistas, uma zona como que de inocência, de ingenuidade, de virgindade do espírito. Uma zona inacessivel e impertubavel, onde estão plantadas as raizes da arte.

Em cada um dos seus romances, sobretudo os da primeira fase, Eça parece que tem o projeto de provar qualquer coisa. E para chegar a essa prova, usa os meios mais sedutores: o enredo romanesco, os personagens perfeitos da sua criação e o ridículo que utilizou em todas as proporções. Mas é então que se estabelece o conflito em que a vitória do artista salva a sua obra. As possiveis teses fracassam e tornam-se invisiveis pelas falsas colocações dos dados do problema; e com este erro, talvez que inconciente defende a lógica e a verdade do romance. Se, ao contrário, forçasse a evidência da tese o romance é que teria sido sacrificado. É o caso do *Crime do Padre Amaro*. É o caso da *Reliquia*.

Do conflito, portanto, presente na obra de Eça de Queiroz, o que resulta é o artista vencendo o sectário, o apaixonado, o homem de partido que parecia ser e que não foi. Uma vitória da arte contra o temperamento.

Pelo contraste essa vitória sugere a lembrança do outro grande romancista da lingua, Machado de Assis, que levou a vantagem de não ter um conflito destes a vencer, porque nunca se apaixonou pelos problemas sociais do seu tempo, nem de tempo nenhum.

Impossivel compará-los com a preocupação de uma escolha. Tão diferentes eles foram e representaram tendências tão diversas que o mais justo será julgá-los juntos no mesmo plano, no plano dos mais perfeitos escritores da literatura em língua portuguêsa, em que representam dois caminhos opostos.

A crítica de Machado ao Primo Basilio, fixa, de maneira espontânea a separação entre eles. E a admiração que um mantinha pelo outro, sem nenhum conhecimento individual, explica-se, em parte, por este instinto que nos leva a admirar nos outros, aquilo que nos falta. Machado, um analítico, se dilacera e se divide em busca da unidade. Eça parte da unidade para o encontro com o mundo. Machado nega a vida e a odeia — "homem subterraneo" —

isolado na literatura. Eça, afirma a vida e ama-a, em todos os sentidos, mesmo quando parece mais destruidor. Machado monologa, sempre voltado para dentro dos homens e insensível às sugestões das paisagens. Eça escreve sempre para se comunicar e a sua obra reflete todo o mundo exterior que o cerca. O que Machado atingiu em profundidade, Eça atingiu em extensão.

A existência de ambos, de um certo modo, explica tendências tão diversas. Machado, burocrata sem fortuna, fechado com os seus livros e dispondo somente da sua observação: é o escritor dos mistérios psicológicos, da análise, do monólogo, que vive ainda melhor no conto do que no romance. Eça, diplomata, vivendo uma civilização super-fina, no meio de grandes ambientes, grandes viagens e grandes acontecimentos: é o escritor das vastas descrições, das paisagens amplas, das figuras simbolicas dos cenários poderosos. O resto, o temperamento explica: a capacidade de afirmação, de revolta, de assumir atitudes, em Eça; a incapacidade de se definir, de tomar partido, de se interessar pelos destinos dos outros, em Machado.

O temperamento acentua entre os dois uma outra diferença fundamental: Eça é um escritor essencialmente português, enquanto Machado é brasileiro apenas incidentemente. Na obra de Eça o que se sente é a presença do português, do qual com um amor meio de desesperado, disse tantas coisas pouco amáveis. Francês como se julgou, só o foi na superfície, nas suas atitudes exteriores de "snob" com pretensões a super-civilizado. Na Inglaterra ou na França nunca morreu, em Eça, como confessou numa carta a Oliveira Martins, "aquela tristeza lírica que é uma característica portuguesa, o gosto pelo fado e o justo amor do bacalhau de cebolada"...

De comum entre eles existe o humor. E mesmo neste aspecto quanta diferença! O humor de Machado é amargo e reticente, vem do túmulo de Braz Cubas; o de Eça é o humor meridional, amplo e desmedido, feito do contraste da comicidade ou da dramaticidade das coisas. Num é a ironia dos sorrisos displicentes, a ironia medida e pesada; no outro, é a risada ou a dor, na sua enormidade hispânica.

Mas, tão diferentes, chegaram ambos ao mesmo fim porque deixaram um mesmo legado: um legado de arte. Aqui estão juntos, e para sempre, e pode-se, então estimar os dois, da mesma maneira e com igual intensidade.

Eça de Queiroz, o Catolicismo e o Clero

Clovis Ramalhete

Em religião, a história de Eça de Queiroz póde ser seguida nos seus romances. Nos tempos de moço, de racionalismo exaltado, nunca chegou a ser ateu; e no período da maduresa reconciliadora, jamais reingressou no catolicismo.

Esforçava-se inocentemente por ser um materialista perfeito e feroz, cheio de Comte, Vico e Michelet. Queria a explicação positiva do universo, da origem das coisas e dos seres, e concebia a natureza panteisticamente, como um grande campo de trocas eternas entre energia e matéria. Esse panteismo de Eça de Queiroz só era sincero por agradar à sua imaginação de artista, pois no fundo estaria apenas achando *bela*, e não *verdadeira*, a viagem do átomo entre as forças universais. Não julgava necessário orar à água, ao pó ou ao sol. João de Ega teve o projeto sempre adiado de escrever as *Memórias de um Átomo*, pois que para ele como para Eça de Queiroz, seu modelo, o panteismo filosófico era uma concepção poética do universo, que seduzia sobretudo como encantamento da imaginação. Malgrado tudo, Eça afirmava-se racionalista.

Mar era tudo uma candidez, uma adoção mental de superfície. Seus nervos debeis e duma sensibilidade torturada e mórbida, recebiam superstições e neuroses com facilidade. Pavores místicos e crendices plantavam-se neles com segurança. Esse materialista acreditava em número aziago, temia sal derramado e só entrava nas casas com o pé direito. Tinha uma concepção de sobrenatural complicada de fantasmas e de terrores, como qualquer camponês. E seu filho conta que, em Paris, não dizia nenhuma reza ritual, mas todas as noites cerrava os olhos para comunicar com Deus.

"Meu pai não era o cético que tantos dizem que ele foi. Tinha um fundo religioso e, embora não praticasse culto algum, todas as noites se recolhia fechando os olhos, dizendo que "ia comunicar com Deus". (Carta de José Maria de Eça de Queiroz a Miguel Lemos. In *Eça de Queiroz*, de Miguel Lemos).

Mostrava-se o defensor das grandes idéias do século de Claude Bernard e Pasteur, de Darwin, Spencer e tantos outros espancadores positivos e racionais de sombras. Mas desde certa vez em que uma velha cômoda estalou e alguem disse serem fantasmas, — Eça não tocou mais no movel! Quando Oliveira Martins, ministro, enfrentava uma crise de governo, Eça trancou-se num quarto com dois mediuns, para consultar o espírito de Pitts, o político inglês.

A irritabilidade mórbida e a fantasia dotavam-n'o de muita instabilidade e independência intelectual. Sua crítica não era de raciocínio, era de sensibilidade: precisava de excitantes novos, de nervosismo. Os dogmas transcedentes do catolicismo não teriam nele um quieto aceitador reverente. A filosofia religiosa católica, toda em metafísica depurada, de uma lógica que a constitue em corpo de idéias maravilhosamente completo mas todo no ar, ausente das excitações sensorias, — como tem o espiritismo, por exemplo, — era de natureza a não voltar a atrair esse homem, todo sentido nervoso, todo negação satânica, todo inquietação. Mas de sua mesma sensibilidade mórbida e exaltada lhe adveio, em compensação, um fundo supersticioso, povoado de sombras, com inquietações de pavôres neuróticos. Tinha um ritual misterioso na arrumação dos punhos, do colarinho e das abotoaduras, antes de deitar; e desculpava-se:

— "É preciso obedecer com fé e sem exame às leis sutis das coisas: ninguem sabe exatamente, menino, de que possa depender o curso dos acontecimentos e o mis-

tério complicado dos Fados."

Considerando-se bem a atitude de Eça em relação ao sobrenatural, conclue-se que ele sofria de *superstição* mas não sentia *religiosidade*. Aquela é uma conduta de reação especifica, dominadora, desencadeando-se contra um determinado excitante. É primitiva, quase medular. Aproxima-se do ato reflexo: a trovoada, treze pessoas à mesa, um chinelo virado — e a comoção supersticiosa se estabelece. Tirando o chinelo, ela não existe mais... Por isso não se confunde com a religiosidade, sentimento envolvente e entranhado, feito de uma fé e não de um temor, recobrindo amplamente todo o universo, exhalando-se permanentemente e não explodindo por efeito de uma causa especifica.

A sua inteligência era por demais fantasista e livre para poder algum dia retornar à rigidez dos dogmas do Catolicismo Apostólico Romano. O que sucedeu com Eça de Queiroz foi que a sensibilidade de artista refinou-se pelo tempo a fóra, a sua estética eliminou o combate, — e, ao fim, pôde ocupar-se, docemente impregnado da poesia cristã, com narrar biografias de santos ou anotar lendas e milagres para um dicionário, muito mais de prosa poética do que de religião.

Fez-se filósofo panteista, desde o tempo do Cenáculo, mas nessa convicção não se sabe bom até onde vai a certeza filosófica e começa o embevecimento de estéta. Agradava-lhe a idéia do Todo Universal, achava bela e engenhosa a possibilidade de um dia a ser humus, flôr, estrêla ou orvalho remergulhado na natureza. E essa filosofia era afinal menos do pensador que do literato fantasista.

Em Portugal, Eça não combateu propriamente o catolicismo, mas as degenerescências da carolice ignorante e do clero burocratizado. Saindo de sua Pátria, ocupado em se compenetrar da inteligência dissecadora do seu tempo, transferiu-se para um país protestante: e lá, o espetáculo da liberdade mental acomodada com a rigidez dos costumes, no campo religioso, matou qualquer predisposição para uma futura volta ao Catolicismo.

Em relação ao clero, começou aceso de ódio combativo. *O Crime do Padre Amaro pretendeu* ser um estudo de psicologia individual para a critica do celibato religioso: mas é uma galeria de tipos grosseiros e bestiais que vestem batina. O Padre Natário ou o Cônego Dias são descritos como uma preocupação geral de chatice que trai a antipatia. Em *A Relíquia*, a camarilha clerical que ronda a herança de tia Patrocínio é ainda construida com o mesmo material do interesse rasteiro, hipocrisia, gula e sensualidade; mas atenúa o rancôr do romancista no disfarce do chiste e da pilhéria, em sua páginas minuciosamente trabalhadas para fazer rir.

Eça já estava então em Inglaterra, e Portugal, ao longe, começava a perder as minucias reais. Sua arte agora era mais fina, feita em plano superior. O combativo esmorecia lentamente e a atitude de Eça de Queiroz, nesta altura, em relação ao clero, é a da simples ironia, do despreso de alto com que se tratam as coisas importunas e mesquinhas: com a pena de Fradique faz então o retrato do Padre Salgueiro, "costumado e corrente padre português, gerado na gleba, desbravado e afinado depois pelo Seminário, pela frequentação das autoridades e das Secretárias", que se considerava um funcionário do Estado usando "um uniforme, a batina (como os guardas da Alfandega usam a fardeta.)"

O seu último grande tipo de padre foi criado em Paris, e lá está, na *Ilustre Casa de Ramiros*, a cabecinha alva, a alma humilde e santa, arquivista da Torre de Santa Ireneia. Quando Gonçalo exige que o escudeiro não o chame *Dom*, que não tem *Dom*, lá o padre Soeiro acode e ratifica, murmurando, que "em documentos da primeira *Dinastía*, apareciam Ramires com *Dom*", — corando de seu saber, orgulhoso do passado da Casa dos Ramires, fiel e serviçal, quasi outra vez uma Instituição ao lado do Senhor com a Igreja medieval aliada aos Castelos.

E nesse periodo da vida de Eça de Queiroz, de bondade e benevolência, de puro interesse pelas coisas belas, se outra vez evocasse algum padre para a comparsaria de uma história de aldéia ou de cidade, é bem possivel que não mostrasse intensões de combate à casta, mas apenas o de tratar uma figura humana. Na *Cidade e as Serras*, lá vem um abade, feito das tintas doces e virginais de Júlio Diniz. É nas cerimonias da transladação dos ossos dos avós de Jacinto. Em seis vezes que se refere ao abade, em três Eça o chamou de *bom*, em uma de *suave*, em outra para mostrá-lo

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

NO PAÍS DAS ÁGUAS

Jaime Sisnando

A borracha continuava subindo. Quando ela sobe, o Amazonas é outra coisa. Tudo cria vida nova, um novo impulso, um dinamismo surpreendente. A população de Manáus aumenta. Veem forasteiros e gente de todo o Brasil para ganhar dinheiro. Os caminhões loucos correm mais depressa. Os cafés formigam. Os negócios comerciais se intensificam. Chegam e saem navios de várias nacionalidades, trazendo produtos caros e levando borracha para portos distantes. Mais reboliço, mais animação por toda a parte.

Nos seringais os homens trabalhavam danadamente, ansiosos por tirar saldo, adquirir fortuna, enriquecer para o resto da vida.

Já diziam no Sobradinho que chegavam na metrópole amazonense as mulheres mais lindas do mundo, importadas dos paraísos do Rio, Buenos Aires e Paris. Aguçando o desejo do lucro, vinha aos seringueiros o de possuí-las, afogando na volúpia os anos de incontinência forçada. Vinham todas em busca do ganho facil, vendendo o corpo a quem melhor as pagasse, nadando no luxo, ofuscando as senhoras honestas.

Quando o ouro negro atingiu a 15$000, foi um arraza-mundo. Era a época do delírio. Os antigos escravos tinham agora gestos de nababos, gastando a rodo, exibindo alguns deles uma prodigalidade que chegava às raias da loucura. Adquiriram cortes de seda custosa, água de cheiro, roupas, o diabo, tudo pelo preço escorchante dos seringais. Porem, por mais que os patrões os delapidassem, ainda restava saldo.

Muitos iam para a capital, rodavam na farra, esbanjavam com o meretrício ou no pano-verde quantias que jamais chegariam a possuir novamente.

E pululavam histórias novelescas: — Fulano, em Porto Velho, toma banho com a esposa numa banheira de champanhe. Sicrano soca o fumo do cachimbo com notas de Rs. 500$000. Beltrano, em Manáus, comprou um automóvel, cansou de andar nele com as cocotes, e depois, bêbado, tocou-lhe fogo, só com o gostinho da destruição. Em Guajará-Mirim, qualquer corumin-caxeiro ganha Rs. 400$000 por mês e ainda se queixa de ganhar pouco.

* * *

O taperí, cheirando à madeira nova, com um aspecto simpático, ficara um ninho atraente, dando vontade à gente de arranjar um linda mulher e ir morar nele, esquecendo o mundo e escondendo o seu amor por entre as árvores macróbias da selva.

Francisco o construíra com a maior alegria deste mundo, o pensamento voltado para a sua amada, imaginando o momento em que a levaria para lá e a reteria para sempre nos seus braços, presos os dois pelas cadeias de um inextinguível amor.

Nos domingos, passavam longas horas ao lado um do outro, calados, falando apenas com o olhar e parecendo adivinhar os mútuos pensamentos. Ou então se sentavam à porta, olhando a esteira dágua do Madeira, a floresta alem e o céu ainda mais alem. E como eram felizes, meu Deus! Nada mais desejavam, nada mais invejavam.

Sobre um sicômoro ele se erguia, abrigando o amor daquelas duas vidas, que não cansavam de se querer até à loucura...

* * *

E em breve a cabocla começou a ficar com o ventre arredondado, os seios túmidos, preparando-se para uma exuberância de seiva nutritiva. Concretizava-se assim a sua grande ventura: ia ser mãe, sentir as carnes dilaceradas pelo nascimento do filho, os peitos sugados por uma boquinha rubra e gulosa.

Francisco sentia um contentamento desbordante com a expectativa de ser pai, e gostava de pôr a mão sobre o ventre da cabocla, afim de sentir os movimentos daquela existência que vinha surgindo a pouco e pouco, desejosa de ver a luz do dia.

— Eh, Guabija! dizia ele um dia ao amigo violeiro, quando este apareceu a noite. Vou ser pai, meu caro, ter um curumim amazonense, filho destas florestas, gerado com o meu sangue.

—Parabens, Chico! Eu é que não sirvo pra isto. Só sei é tocar viola.

— Qual bobage, Homem! Isto não se aprende. Case-se com uma pequena boa, e eu só quero é ver os seus bacorinhos nascendo tambem, aumentando o povo do Brasil.

— Quem me dera!... Porem, mudando de conversa, Chico — você sabe? — eu vou para o Ceará.

— O que?! Já?! Mas agora que a borracha está dando dinheiro?...

— Assim mesmo. Eu já tenho um dinheirinho que chega pra viver lá. Não quero ser rico. Ha mais de tres anos que vivo aqui, só vendo águas e matos que enjôam a gente. Quero vêr a minha terra seca, o riozinho, o Batateira se afogando nas areias, porem fazendo força pra não deixar morrer de sede os canaviais alheios... E como é lindo, Chico, a minha terra, quando cai uma chuvinha! No outro dia a gente vê um horror de plantinhas, rebentando do chão, espiando pra cima, pro céu. E com mais outra chuvinha, tudo vai-se cobrindo de verde, vestindo a roupa nova do inverno. Ai! que saudade!...

O violeiro soltou um suspiro e emudeceu, sentindo um nó na garganta, angustiado pela saudade.

Odete olhava para longe, e ia com o pensamento até aquelas regiões que nunca vira, mas as quais amava por serem o berço do seu amado Francisco.

* * *

E chegou o carnaval, um carnaval triste para Francisco e Odete. Esta se queixava. sentia-se doente, sem ânimo. Emagrecia e as belas cores fugiam-lhe do rosto. Não mais aquele sorriso expontâneo, jovial, a lhe entreabrir os lábios de quando em quando, exibindo a pérola dos dentes. Os olhos profundos pareciam cada vez mais negros, com dois pontos de noite escura intercalados em sua fronte.

O seringueiro sentia igualmente o sofrimento de sua amada cabocla, e se deixava ficar a seu lado, acabrunhado, sem querer ir tirar seringa, demonstrando-lhe a maior devoção, servindo-a em tudo o que ela precisava. Cobria-a de carinhos, de beijos ardentes, perquirindo a respeito de seus incômodos, animando-a sempre:

— Deixa estar: embarcaremos na primeira gaiola do mês que entra. Lá no meu Ceará engordas de novo e ficas mais linda e roliça que nunca. Queres?

— Quero, Chico, quero. Quero viver para o nosso filho querido. Se ele nascer ha de ser um curumim forte, bonito e travesso pra dar alegria aos pais. Chico, parece que ele esperneia aqui dentro. Se mexe de vez em quando. Ah! como ele ha de ser interessante!...

— Sim, Detinha. Ha de ser pra nós o menino mais formoso do mundo. Hei de fazer um carrinho pra ele aprender a andar. Eu lhe ensinarei a engatinhar. No sertão de minha terra, ele ha de beber o ar puro e ha de crescer robusto que nem um touro. Quero que ele se crie lá, tangendo o gado como os vaqueiros, correndo atrás dos bois brabos.

— E ensinarei a ele a dizer: papai! mamãe! E a palavra de nosso filhinho será uma música que nunca ouvimos, alegrando os nosso corações. Hei de perfumar as camisinhas dele com fumaça de alfazema. Queres ver, hein, Chico, as camisinhas que eu já fiz?

— Quero, Detinha, quero.

Ela foi até o velho baú de flandres e trouxe uma caixa cheia de camisinhas, azues, róseas e brancas e umas touquinhas enfeitadas com rendas. Depois ela mostrou a Francisco os cueiros e as faixas:

— Está quasi pronto, Chico, o enxoval do nosso bébé. Tomara que ele seja alvo e de olhos azues como tu.

— Não. E' melhor que seja moreno e com os olhos tão negros como os teus.

— Pois ha de ser como Deus quiser .A criança não pode saír como a gente quer.

Calaram-se. Enternecido, Francisco a abraçava e beijava-a. Os olhos de ambos pareciam cheios daquele sonho: surgia ante eles a imagem duma criancinha rechonchuda, a espernear, envolta em faixas. Depois a engatinhar. Depois a correr, a fazer tranquinadas...

Olinda na Lenda, na História e no Pitoresco Social

Mário Sette

Da lenda

Foi um dia...

Assim principiavam as histórias contadas pelas nossas avós e nossas mães pretas. Nos tempos distantes em que se contavam histórias aos meninos e eles gostavam delas. Hoje os meninos contam aos mais velhos as fitas que viram no cinema. Nós, porem, que ouvimos os contos infantis de outrora guardamos deles o sabor e a fascinação nunca mais encontrados nas narrativas da gente grande.

Foi um dia...

Havia sempre nessas histórias uma paisagem convencional por empolgante e cubiçavel. As árvores tinham as folhas de ouro e os frutos de brilhantes; os palácios eram construidos de alfenim com os telhados de fios de ovos; os rios avolumavam-se de mel de engenho... Os bichos conversavam com os meninos e cada um dos animais possuia um verdadeiro romance de coragem, de astúcia, de humorismo. E as fadas viviam atarefadas em profetizar aos que nasciam as melhores regalias e os mais afortunados dons neste mundo. Eram mulheres formosíssimas, vestidas com a espuma do mar, trazendo estrelas do céu nos cabelos de prata, e empunhando as varinhas de condão transformadoras do feio no bonito, do pobre no rico e do mau no bom.

— Mana, fademos que ele não pise em lugar algum sem nascer logo um campo de trigo para se fazer muito pão.

Era a fada da fartura.

— Fademos, mana, que ele não abra a boca senão para dizer palavras sonoras como o canto dos sabiás.

Esta era a fada da inteligência.

— Mana, fademos que ele não levante as mãos sem caírem delas moedas aos punhados.

Era a fada da riqueza.

Olinda tambem teve, ao nascer, três fadas ao redor do seu berço. Três lendas encantadoras e expressivas.

A primeira dessas lendas foi a do próprio batismo da povoação. É bastante conhecida, mas, como as velhas árias, sempre ouvidas com prazer, não se pecará em repeti-la a largos traços. O nosso donatário, o fidalgo dEl Rei, Senhor Duarte Coelho Pereira, desembárcara em Igarassú e alí se instalára. Ele trazia, proventura, no sangue o micróbio do "gosto da mudança" e, por isso, dera em realizar passeios pelos arredores com o fito de obter um outro local para residir. A cavalo ou em canoas, Duarte Coelho percorreu praias e campinas do seu feudo ainda mal devassado, tendo certo dia descoberto umas colinas vizinhas do mar, ponto ótimo, a seu juizo, para os fundamentos de uma sede de governo. Tal fora a sua simpatia, e mesmo admiração pela paisagem rodeante que exclamára: "ó linda situação para uma vila!"'

Frei Manuel do Salvador, com a sua autoridade de primeiro historiador brasileiro, afirma ter saído essa frase da boca de um lacaio do donatário. Nas lendas, no entanto, é lícito por dever de estética, escolhermos a versão menos prosaica. Em regra não se admite, por exemplo, que um herói, ao morrer, peça com voz trêmula aos que o cercam

uma colhér de xarope ou uma sanguesuga. O herói tem a obrigação de pronunciar uma frase de desafio à morte ou de invocação à posteridade.

Sendo assim, emprestemos a Duarte Coelho a exclamação batisadora de Olinda. Mesmo porque nenhum favor ou exagero houve nela. A Marim, dos Tabajaras, com as suas colinas verdes e as suas praias brancas merecia o gabo, porquanto um crônista da época quinhentista afirmava ser Olinda com a sua casaria de pedra e cal, os arvoredos fartos, as torres das igrejas e a vista do mar o mais agradavel espetáculo que os olhos podem ter neste mundo.

Duarte Coelho instalando-se, do melhor grado, "num alto livre de padrastos onde fez uma torre de pedra e cal" acertára.

Mana, fademos que ela seja uma terra bonita.

A segunda lenda surgiu quando o donatário já se encontrava dentro da sua torre de pedra e cal. Essa torre que os urbanistas do século XVI não permitiram chegasse aos nossos dias. Duarte Coelho via-se às voltas com os ataques do gentio insuflado pelos franceses. Lutas árduas e sangrentas. Aos mosquetes dos lusitanos não respeitavam as flechas dos indígenas. O cerco da torre fechara-se. Ninguem dalí punha o pé fora sem risco de receber o sorrateiro golpe de um arco distendido. Um assovio nos ares e a morte. Haveria breve fome e sede. A donatária, como tantas das irmãs, cairia pela injúria dos índios. Apareceu, porem, um "lingua", Vasco Fernandes de Lucena, que ameaçou, no próprio idioma, ao gentio. Ele fizera um risco no chão e assegurára que transpô-lo seria morrer. Alguns selvagens que zombaram do risco e da profecia, tombaram para sempre. E o cerco foi levantado.

Duarte Coelho, no local do risco, levantou a capela que foi depois a Matriz do Salvador.

Dessa vez, a fada foi a da fé.

O papel de fada da prosperidade ia caber àquela índia tabajara que mais tarde se chamou portuguesmente d. Maria do Espírito Santo Arco-Verde de Albuquerque. Enamorára-se de tal modo de Jerônimo de Albuquerque ao vê-lo prisioneiro do pai que intercedera pelo seu perdão. Jerônimo estava já atado ao poste do suplício. Ensaiavam-se os cânticos precursores do sacrifício. As velhas índias, no seu mister, preparavam-se para trinchar as carnes da vitima e limpar-lhe as tripas para o banquete do ritual. Decepcionadas que ficassem por haver perdido um ossinho com tutano para chuparem nas bocas sem dentes, a índia Arco-Verde desatou as cordas e deu liberdade ao seu apaixonado branco. Ela conseguira a sua graça com o pai. O que prova não ser o "pistolão" de origem européa, como muita gente supõe. Já os indígenas se comoviam e se moviam com ele... Como nos romances de outrora uma história dessas só poderia acabar em casamento. Acabou mesmo. O casal fundou um engenho de açúcar, o primeiro da nossa terra, e, alí, o tempo lhe foi propício para uma imensa prole.

A carestia da vida não seria, nessa época distante, premente como a que exige tabelas de preços às portas das mercearias. Todavia, quem casava queria casa e tinha de cuidar mais a sério do seu trem doméstico. Os canaviais se estenderam, a almanjarra rodou, as tachas de mel transbordaram e o açúcar começou de sair nas canoas para o Varadouro...

O bucolismo da paisagem harmonizava-se com o pré-romantismo desse amor. E entrou por uma porta e saíu por outra...

Na história

Num bergantim empavezado, que subira o Beberibe, desembarcára a 24 de setembro de 1593, em Olinda, o licenciado Heitor Furtado de Mendonça, capelão fidalgo dEl Rei Nosso Senhor e do seu Desembargo, e Deputado do Santo Ofício. Vinha em visitação às partes do Brasil, à cata de Confissões e Denunciações de cristãos novos, nestes trecho do país recem-descoberto.

Não nos importa a missão e os proveitos desse temivel visitador. Ele viera, realmente, armado de poderes penetrantes para esquadrinhar se os habitantes olindenses comiam ou não toucinho, aves afogadas, arraia, lebre ou pescados que não tivessem escamas; se guardavam os sábados, vestindo-se e enfeitando-se, limpando suas casas nas sextas-feiras e deixando candieiros acesos até as manhãs dos domingos; se rezavam orações judaicas; se por morte de algum parente comiam, em mesas baixas, peixes, ovos e azeitonas, por amargura; se banhavam os defuntos, amortalhando-os com camisas compridas, pondo-lhes em cima

uma mortalha dobrada a guisa de capa; se lançavam nas noites de São João e do Natal, na água dos cântaros e potes, pão e vinho; se depois das crianças batisadas lhes raspavam os santos- oleos; se faziam o jejum maior dos judeus; e outras coisas proibidas da velha lei.

O que nos interessa, aquí nesta palestra, é conhecermos os aspectos e os costumes da Olinda desse tempo. Ao abicar no Varadouro o bergantim empavezado que trouxera o licenciado Heitor Furtado de Mendonça já as autoridades da terra o esperavam na praia. Tinham ido apresentar cumprimentos ao "viajante ilustre", como diria a reportagem se então existisse, o capitão loco-tenente do governador Felipe de Souza; o vigário da vara eclesiástica d. Diogo do Couto, com muitos clérigos; o ouvidor geral do Brasil, Gaspar de Figueiredo Homem; o ouvidor da Capitania, Pedro Homem de Castro; o sargento-mor do Estado, Pedro de Oliveira com as companhias e bandeiras de soldados. Via-se ainda a Câmara, representada pelo juiz mais velho, vereadores, alcaide-mor, almotaceis, meirinhos do eclesiástico, do mar, do campo, dos defuntos e da correição. "Muita gente o povo". Diz assim a crônica. De onde se infere que "povo não era gente"...

É para imaginar-se o acontecimento. Naquela Olinda de "ruas enladeiradas e traçados caprichosos", tão pacata de hábitos, essa chegada do estrangeiro notavel pela linhagem e respeitado pelas funções, forá uma "nota do dia". Os olhos que o apreciavam não expressavam sómente admiração nem interesse, mas, tambem, receio. Desceram moradores da rua Nova, a mais falada do tempo; das ruas de Sto. Antônio, São Pedro, Conceição, Cruz, do Salvador, do Palhais, do Carapina... Da ladeira da Matriz, que é hoje a da Sé e da rua do Rocha, que é agora o Oitão da Misericórdia. Tocaram os sinos da Matriz do Salvador, o de São Bento, o do Carmo, o da igrejinha do Monte, o da capela da Companhia de Jesús...

Dia de festa na vila. Na vila de que diziam os versos

> Quem não ama Olinda
> Não a viu ainda.

Corriam boatos. Seriam chamados a depor fulano e beltrano. Andavam nos ares as denúncias, de boca e por escrito. As companhias e bandeiras de soldados desfilavam pelo Varadouro.

E os comentários:

— Estão dizendo que quem for judeu vai pra fogueira feito milho em noite de São João.

— Eu?... Nem me vexo. Tenho minha devoção com Nosso Senhor.

— Nem eu. Não vou atrás dessas novidades. Mas, aquí pra nós, d. Adelina, aquela nossa vizinha, a parede-meias...

— D. Inês?

— Essa mesma. Deus me perdoe se levanto falso... Pra mim ela é cristã-nova. Me contaram que outro dia pra saber se se casava com seu Romão, o viuvo de d. Efigênia, ela pegou numa vassoura do mato, vestiu ela com uma saia, botou uma toalha, e depois de encostar a vassoura na porta da cosinha, começou a falar, chamando por Barrabás... Minha Nossa Senhora! Eu fiquei assim tremendo de medo...

— Cale essa boca, minha negra. Nem é bom que maldem que a gente sabe dessas coisas...

Era essa a Olinda de 1593. Havia uma botica importante, a do Luís Antunes, defronte da Misericórdia. Ponto de conversas, de maledicências, de mexericos. E de notícias frescas. Alí se veio a conhecer, certa tarde do ano de 1630, que "os holandeses vinham em caminho". Chegára um aviso do Cabo Verde. Era navio em penca e todo mundo dizia que o destino da esquadra era Olinda. Falou-se muito nisso, mas ninguem deu grande importância ao anúncio. Uns por fanfarronada, outros por negligência, muitos por não quererem perturbar sua vida de prazeres.

Tambem há pouco tempo, no sermão da igreja da Misericórdia, frei Antônio Rosado exortára os fieis a se comedirem nos seus costumes, a se arrependerem dos seus pecados, a se deixarem de tanto luxo e de tanto egoismo... Se não, como castigo, Olinda com a troca de um nome deixaria de ser Olinda para virar Olanda. Riram-se do sacerdote. Olinda era um bom e gostoso pedaço do mundo. Nem casamento constituia passo dificil. Como os homens sobravam para as

mulheres, até as tórtas encontravam um braço e um nome. Mesmo sem saberem ler, como de costume, porque o conhecimento do alfabeto, sobre ser luxo desnecessário, seria arma de astúcia para as moças escreverem aos namorados ou se inteirarem do que diziam as cartas deles. Bastava a agulha e a panela. As bodas e os batisados repetiam-se diariamente. Cada casal tinha os seus 10 a 12 filhos, quando reduzida fosse a descendência. E bodas e batisados com festas magnificas. Daquelas em que as senhoras apareciam trajando tão bem quanto as de Lisboa: de veludos, sedas e damascos. Os banquetes passavam de um dia para outro com as viandas, as guloseimas e os vinhos melhores que imaginar se possam. E mais, para regalar os espíritos, os jogos de argolinha, os torneios de versos, a representação de autos e comédias. As trovas eram cantadas ao som das violas. Vida folgada e divertida. Havia muito dinheiro porque moiam para mais de 100 engenhos e o açúcar de cana era a coqueluche dos europeus. Na Europa aprendia-se a comer açúcar sem ser sómente um lambedor para sarar doença de peito...

Bodas e batisados divertidos e invejados. Nasceu certamente nesse tempo o ditado:

> A bodas e a batisados,
> Não vá sem ser convidado.

A reação contra os penetras do século XVI. Ensinamento de quem se metera em festa estranha e não se saira bem.

Diante dessa Olinda faustosa, gozadora e petulante surgiu num caír da tarde a armada holandesa, forte de 60 velas arrogantes e imperativas. E foi o reverso do desafio e da imprevidência: foi o pânico. O crônista pinta essas cenas de agonia dos olindenses em frases expressivas: "Com algumas horas de escuro se divulgou em Olinda que o inimigo tinha desembarcado muita gente em Pau Amarelo e que marchava para a vila. A distância de pouco menos de 4 léguas, que somente separava o inimigo; o inesperado da notícia; o escuro da noite; o som dos tambores tocando a rebate, tudo concorria para tornar mais dolorosa a situação. As lágrimas e os gritos das mulheres, cuja natural fraqueza pintava-lhe o estrago antes do combate, obrigando os irmãos e os maridos a faltarem ao seu dever, reduzia os homens a uma perplexidade bem dificil de descrever. A pressa de todos era tanta que se trepidava nas mesmas diligências; o desacordo tamanho que qualquer rumor parecia uma batalha. Nessa confusão sairam muitas familias de Olinda para o mato, ensinando-lhes o amor da vida a desprezar o mais precioso da fazenda. Os escravos nesta medonha perturbação tornaram-se senhores dos seus senhores..."

O medo coletivo, a indisciplina, o pavor. Nos conventos punham as trancas nas almofadasdas portas. Encondiam-se as alfaias, as joias, as imagens. E os homens grossos de 40, 50 e 80.000 cruzados de seu, iam ocultar as suas moedas nos buracos dos quintais e das paredes e nos subterrâneos.

> São antigos cabedais
> Que ajuntaram os holandeses
> Heranças dos portugueses
> Amontoados na paz,
> E depois de imigas guerras
> Escondidos sob a terra.

Ao incendiar-se Olinda nem todos esses tesouros foram descobertos pelos invasores. Muitos ficaram nos seus esconderijos até hoje... E é com eles que sonha ainda muita gente do nosso tempo...

No pitoresco

> Caxangá pra capim verde
> Beberibe pra carvão.
> Olinda só tem mamão
> E Estrada Nova valentão.

Não é verdade que Olinda só tivesse mamão. Esses versinhos teriam sido porventura escritos por algum descendente dos "mascates". Enchia de injustiça e de ironia a antiga vila pernambucana. Sem dúvida ela não renascera mais do incêndio com a mesma opulência e com o mesmo prestígio de outrora. Não. Esse renascimento revestiu-se de modéstia. O Recife tomara a dianteira e não cederia o passo. O protesto de 1710 não valera de nada. Siquer aquele gesto do sargento-mór Bernardo Vieira de Melo clamando por uma república, no Senado da Câmara. Nem siquer a primazia republicana lhe caberia: os homens de 89 escolheriam Tiradentes para dar-lhe o laurel da iniciativa. Coisas da história.

Comtudo Olinda possuia muito mais do que mamoeiros. A sua beleza natural, por exemplo, ninguem a roubara. Tolenare, aquele francês de bom gosto que nos visitara no começo do século XIX, achara Olinda bonita com sua edificação entre laranjais e os seus mosteiros entre coqueiros a se balançarem nos ares. Logo de bordo do "Principe Real" tivera essa impressão de conjunto. Depois, visitando mais de

uma vez Olinda, embora a considerasse triste, com quasi todas as casas pobres e terreas, sentiu prazer em percorrê-la, em jantar com os frades de Santa Tereza, sentando-se com eles numas esteiras para uma palestra após a refeição cuja sobremesa constara de uma laranja e duas talhadas de melância... Esteve no Jardim Botânico, interessado pelas plantas que alí se cultivavam. Não encontrou ainda lá, é claro, o Gastão Manguinho, para acolhê-lo com sua bondade e gentileza, porem provavelmente chupou alguns daqueles manguitos deliciosos que anos depois tentariam a minha gula de criança. Notou, já nessa época, que Olinda se animava, se alegrava nos meses de verão, porque neles os burgueses do Recife iam para a praia tomar banhos de mar e repousar da canícula.

E nessa transformação anual de hábitos consistia a vingança de Olinda. Ela abandonara os seus arreganhos belicosos, os seus impetos revolucionários para se tornar mundana, para se fazer chic. Desiludiu-se de "bernardas". Transferiu esse fadário ao Recife. Cortejou doravante a moda, a elegância. Tornou-se cidade balneária.

Embora lá por cima os velhos templos continuassem a tocar os seus sinos emotivos; os cônegos descessem as ruas radeirosas para as reuniões do Cabido; as procissões transitassem com seus guiões, andores e opas; as beatas não faltassem ao terço ou a rasoura; as mocinhas mais recatadas se debruçassem nos abalcoados de xadrez para ver os janotas que passassem de flor no peito...

Porque, nesse tempo, o sexo gentil já merecia este reparo:

As moças do tempo de hoje
Que moram nesta cidade,
Gostam muito de namoro
E de amores em quantidade.

E, noutro passo, alertavam-nas:

Cuidado, meninas,
Com as simpatias...
Se não casarem ficam pra
[tias...

Essas moças iam ao teatro. O teatro olindense oferecia espetáculos atraentes.

Ora sortes dificeis sobre a corda, com maromba ou sem ela. Ora duetos cômicos como o da "Mulher ciumenta". Entremêses ou comédias como a do "Bebado em cima de pernas de pau" e "A parteira atrapalhada". As risadinhas femininas estouravam por todos os lados, por muito que as contivessem para não darem na vista, para não ficar feio... Foi talvês de volta de um desses espetáculos que certa sinhazinha perdeu na rua do Amparo ou no pátio de S. Pedro os chumaços com que a sua saia se tornara bem redonda nas ancas. Mandou a escrava procurá-los, com uma candeia na mão porque a escuridão fosse grande. E, diante da cativa atarefada na busca, apareceu o namorado da moça, indagando se fora perdido algum diadema de brilhantes ou pulseira de ouro.

— Não, meu sinhô: — foi Yayazinha que perdeu os mulambos dela...

Olinda era divertida. Sobretudo nos tempos de festa. Já não se andava tanto de canoa ou de cadeirinha. Tinham aparecido os ônibus, umas diligências de dois andares e quatro cavalos. Estavam na moda e todos queriam viajar nesses veiculos "rápidos e confortaveis". Uma viagem pela manhã, outra de tarde. (Hoje parece que não avançamos muito mais...) Andar no ônibus tornou-se distinto. Talvês por isso se lesse no jornal um anúncio assim:

"Vende-se um palanquim forrado a damasco. De muito gosto e com pouco uso, por preço cômodo. Em Olinda, na rua do Côro, junto do sobrado de dois andares".

Todavia esse meio de transportes já não satisfazia. Falava-se muito num trem. Apipucos e Monteiro tiveram a preferência desse melhoramento e os olindenses se agastavam com a inferioridade de comunicações com o Recife. Mas, iam lhe dar tambem um tremzinho. Por pouco que os pessimistas acreditassem no êxito, preparavam o terreno, sentavam os trilhos, levantavam estações. Em breve se ouviu o "apito civilizador" da locomotiva. Grelaram os olhos para acreditar. Mas era uma realidade: a maxambomba vinha direitinho desde o barracão da rua da Aurora até a entrada do Varadouro, e, logo depois, até o casarão de dois portões do pátio do Carmo.

Aquilo sim é que era progresso! Em 24 horas viajaram 2.000 pessoas na maxambomba. Tanta gente que os "caronas" quiseram se aproveitar para andar de graça no trem. Porem a companhia declarou peremptoriamente que quem ao desembarcar não mostrasse a passagem ficaria preso na estação até caír com o dinheiro. O povo acostumou-se logo com o trem. Mal o maquinista dava o apito de 5 mi-

nutos cada um tratava logo de ir tomar seu banquinho predileto: no vagão de grades ou no carro-salão. Todos os passageiros eram conhecidos. Os versos, como sempre, traduziam o entusiasmo:

Moça nenhuma
Me faça tromba
Que 'eu só embarco
Na maxambomba...

Em compensação já existia quem implicasse com a fumaça da máquina. Esses talvês preferissem a canoa... São de todas as épocas...

O prestígio de Olinda veranista precipitou-se. Faziam-se sacrifícios para se ir passar o verão na praia. Nas retretas no pátio do Carmo, tocava a música da 1.ª de março, que por sinal trocou o nome para 15 de Novembro ao se proclamar a república. A banda tocava no coreto e o povo a ouvia sentado nos banquinhos de pau. Tomavam-se sorvetes na barraca da Liberdade. E o sorvete era como que uma novidade:

Na esquina do Rosário
Quer de noite quer de dia
Há sorvete de patente
Feito por engenharia.

Dansava-se muito. A acreditar em certos memorialistas dansava-se mais do que hoje. Os bandos de veranistas andavam pelas casas alheias e pelas próprias improvisando "partidas". Havia sempre uma moça de tranças e faixa na cintura para tocar as valsas e as polcas. Quando não as quadrilhas.

Não penses que as tais quadrilhas
São quadrilhas de ladrões...
São modernas contradansas
Enlaces de corações...

Olinda tinha, então, muita coisa curiosa e agradavel. As festas do Bonfim, com os combates entre mouros e cristãos e as tocatas de peças de harmonia entre a Charanga e a Matias Lima. As cavalas e as siobas gordas vendidas por Seu Mano. As crônicas históricas (macaco não olha para o rabo...) do tenente da Guarda Nacional Ambrosio de Barros Leite. O professor Soares e monsenhor Fabrício com as suas famosas palmatorias. O Cinema Guaraní exibindo fitas de Psilander, Max Linder e Bertini. As reuniões do "Senado" nas calçadas do Augusto Ramos. Pastoris do Amaro Branco, cajús dos Boltrins, pitangas do alto da Sé, discursos de Vilela, homeopatia do Figueirôa, teatrinho da Boa-Hora... E mais os papagaios de papel empinados pelo Romeu Gibson, Pelopidas Castro, Temístocles de Andrade, Meira Lins e outros "mesinos" de hoje. Num jornal de 1881 já se glosava a "luminosa e aquatica Companhia Santa Tereza". Mas Olinda tinha, sobretudo, os banhos de mar.

Eles eram fontes de saude, de amor e de "tribofes"...

Banhos salgados de Olinda
Hoje é a ordem do dia:
Pra quem tem hipocondria
Ou padece das cadeiras
E mais outras frioleiras.

Todo mundo mergulhava com prazer e com fé na água salgada dos Milagres, do Carmo e de São Francisco. As famílias desprezavam os banhos de rio no Poço, no Monteiro, no Caxangá. Os médicos só recomendavam Olinda. Os banheiros de palha de coqueiro enchiam as prais em duas e três fileiras. Quem não se recorda deles?

Banheiros à beira mar
Não teem conta.
Inda o dia não é claro
Já lá vão de Carmo afora
Pai, irmão, marido e nora.

E as cenas mereciam a admiração do poeta:

Vê-se Yaya tão nervosa
De fofinhas de flanela
Cor de rosa ou amarela
Com seu fraque bem bordado
Fugindo do mar irado...

Os hábitos de elegância e de luxo ganhavam esses veranistas. Ostentavam-se vestidos caros, de "modistas francesas" e jóias maravilhosas do Couceiro ou do Krause. Festanças a todo propósito. Gastava-se dinheiro à vontade, mesmo sem se poder.

Eu conheço sujeitinhos
Que quebrado teem seis vezes.
Ao cabo de certos meses
Arrotam tanto dinheiro
Que admira o mundo inteiro.

Nem todo mundo podia passar a Festa em Olinda. As exigências da moda eram impiedosas. Trajos de chita, chales costumeiros, jaquetas de brim não se toleravam. Tinha-se de "quebrar na lordeza. A um amigo que tencionava verenear aquí um vate daquele tempo avisava:

Se quiser banhos tomar
Me diga para alugar
Casa fresca e em bom lugar
Mas lembre-se que esta terra
Já não é qual dantes era.
Só, aquí, o luxo impera.
Só vejo rendas e fitas
E fivelas esquisitas.

Os banhos de mar foram tomando o seu aspecto de benefício terapêutico e de convívio social. Embora se entrasse

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

VIAGEM À BAHIA

Carlos Rodriguez

Desenhos de

Benjamim de Carvalho e Waldir Leal da Costa

Igreja do Senhor do Bonfim

Não poderia ter tido melhor acolhida, por parte dos alunos do 6.º ano de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Brasil, a sugestão apresentada em Junho pelo catedrático de Prática Profissional e Organização do Trabalho, Prof. dr. Nogueira de Paula, para uma viagem de estudos à Cidade do Salvador durante as férias de Julho, viagem essa que para futuros arquitetos teria a maior das vantagens, pois seria para eles uma oportunidade de sentir e contemplar a grandeza do nosso passado, traduzida pelos majestosos templos, solares e outras construções históricas, de que é fertil a Bahia e especialmente a Cidade do Salvador, depositária do nosso patrimônio artístico, que marca tão fortemente a época do Brasil-Colônia.

A simples sugestão tornou-se desde logo um projeto que em poucos dias se concretizou; e assim na tarde do dia 12 de Julho, muito antes da hora marcada para a partida já se achavam no Armazem 13 do Cais do Porto numa ansiedade tão facilmente explicavel, os 13 arquitetandos que, contornando todos os empecilhos que os prendiam ao Rio, tinham conseguido a oportunidade de participar de tão agradavel e instrutiva excursão.

Decorrido, apenas um dia de viagem, avistávamos a capital espírito-santense, sentindo-se então esse prazer imenso de rever a terra, que, por algum tempo, fugira aos nossos olhos.

E a entrada de Vitória como sabe ser pródiga de encantamentos para a vista!

Uma hora e quinze minutos após a chegada, o "Itaimbé" punha-se em marcha novamente, deixando Vitória ruma à Cidade do Salvador.

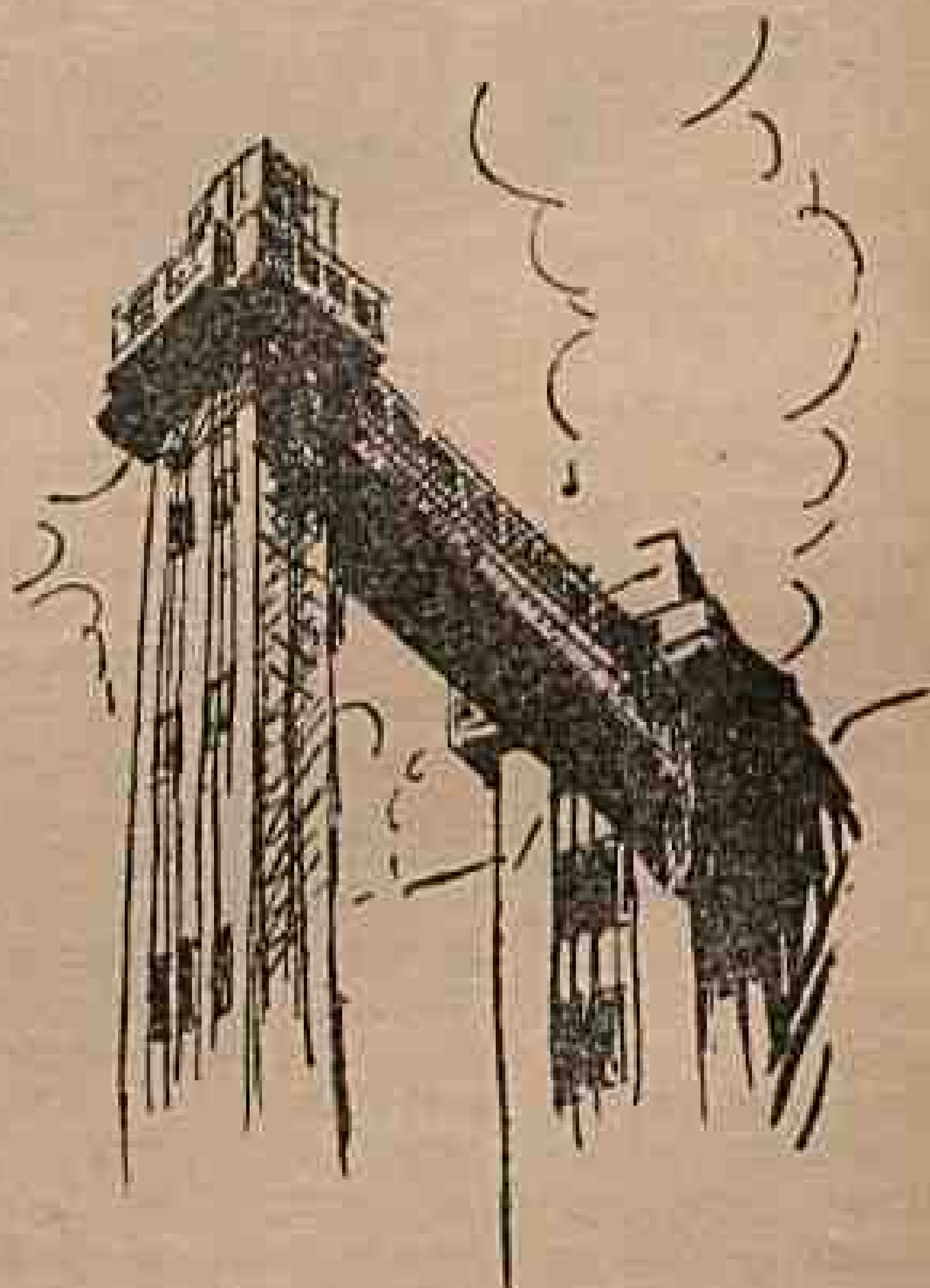
Mais um dia navegando; e finalmente na manhã do dia 15 chegávamos ao ponto terminal da nossa viagem.

O porto de Salvador com seu longo quebra-mar e o velho Forte de S. Marcelo, como sentinela à entrada do mesmo, constituem a primeira nota pitoresca para o viajante.

A fina chuva que caía, não nos permitia contemplar a cidade presepe em toda a sua grandeza e beleza, mas assim mesmo a impressão era excelente. No meio do casario destacava-se então a silhueta esbelta e esguia do elevador Lacerda.

O navio aproximava-se lentamente do cais, e a ansiedade que nos dominava era enorme.

A imprensa bahiana deixou-nos logo de início uma agradavel impressão, quando os repórteres de "A Tarde", ainda não atracado o navio, vieram entrevistar o professor Nogueira de Paula, estabelecendo assim o nosso primeiro contacto com a generosa terra bahiana.

Finalmente, às 11 horas pisávamos o solo, e já no cais, afrontando a chuva inclemente, aguardavam-nos os professores Augusto Alexandre Machado, catedrático da Faculdade de Direito, José Nivaldo Alioni, diretor da Escola de Belas Artes, Messias Tavares da Cruz, da Ordem dos Contadores, Daniel Quintino da Cunha, Oswaldo Ser-

Elevador Lacerda

ra e Ivo Braga, do Instituto de Economia e Finanças e José Pio Xavier, do Diretório Academico da Faculdade de Ciências Econômicas, alem de distintos colegas da Escola de Belas Artes da Bahia, entre eles: Washington, Anysio e Joalbo, para dar-nos as boas vindas e cercar-nos de especiais atenções que, por parte de todos, se prolongaram durante a nossa estada na Bahia. Por eles orientados, seguimos em automoveis diretamente do cais para a *Divisão de Estatística e Divulgação da Cidade do Salvador*, onde, graças à gentileza do seu diretor dr. José Nivaldo Allioni, pudemos ter idéia perfeita da realidade e das possibilidades econômicas da Bahia no momento.

Que impressão agradavel nos deixou esta rápida visita, que nos permitiu logo de início conhecer a verdadeira situação deste grande Estado no "todo econômico" brasileiro, seus projetos de melhoramentos urbanísticos, enfim uma casa de trabalho que, bem orientada como é, só poderá servir para elevar mais alto o nome da Bahia.

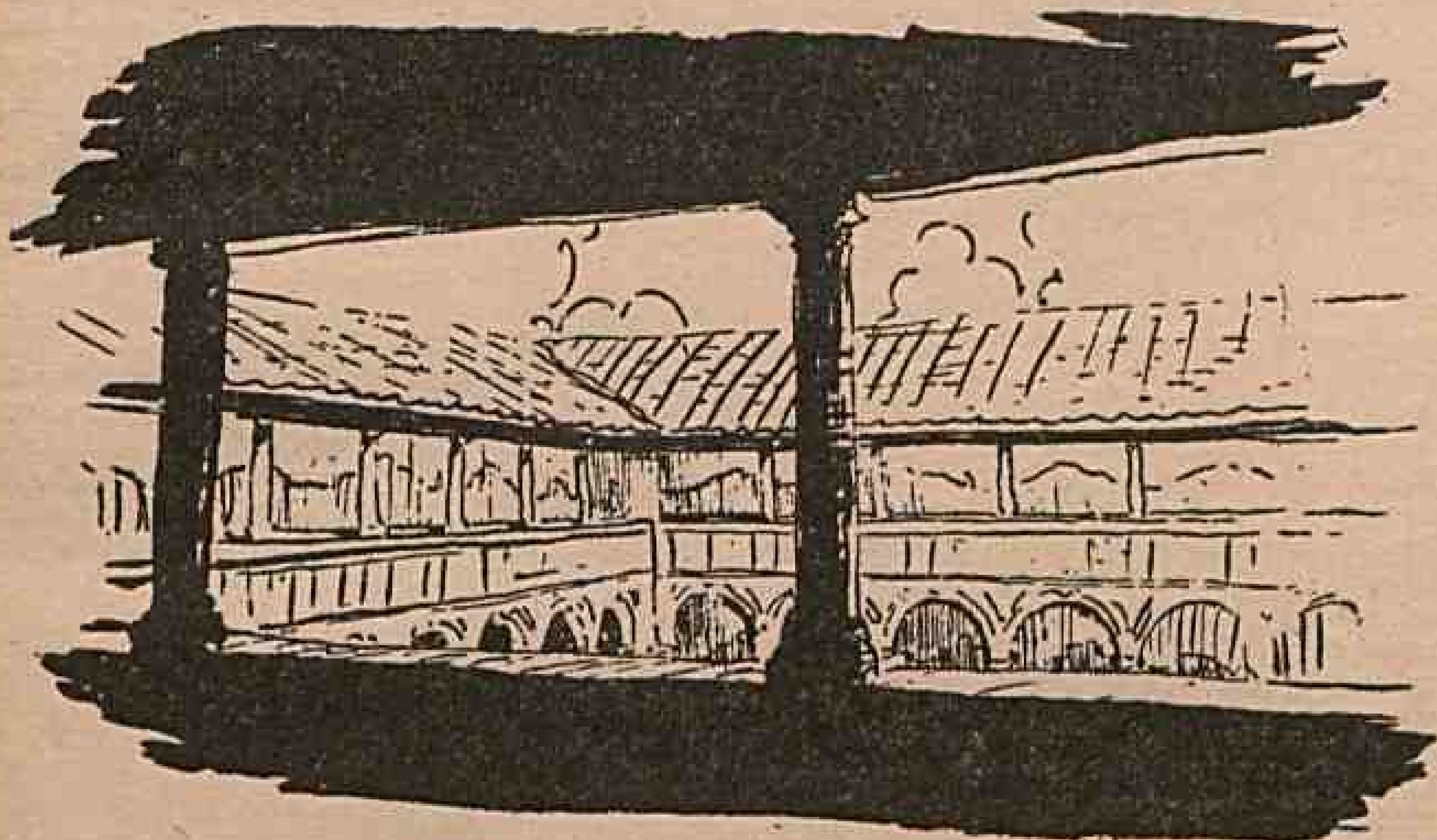
que se efetua todos os anos em comemoração à grande data bahiana: o 2 de Julho.

Essa festa cívica, todavia, não podendo ter sido realizada no seu dia por causa da chuva, que vinha caindo incessantemente sobre a cidade, somente a 16 é que se pôde efetuar, dando-nos assim oportunidade de assistir a uma festa tipicamente regional.

Pirajá é uma localidade histórica, situada aproximadamente a 10 kms. do centro da cidade e servida por uma estrada em grande trecho concretada.

Tal festa cívica consta de uma romaria a cavalo que, precedida de uma banda militar de clarins, parte da igreja de S. Antônio.

Nisto reside para os visitantes a característica da festa, pois em lá chegando ela toma o aspecto de toda e qualquer festa cívica: discursos em profusão, etc.

Esta cerimônia realiza-se num largo onde, ao lado de uma velhíssima capela, foi erguido um

Claustro do Convento de São Francisco

Ao mesmo tempo o dr. Allioni, apesar de seus inúmeros afazeres, punha-se gentilmente à nossa disposição, para fornecer-nos não só informações que desejássemos durante toda a nossa estada, como tambem para facilitar-nos todos os meios de bem conhecer a cidade.

De lá seguimos para o Palace Hotel onde nos hospedámos.

À tarde os professores Nogueira de Paula, Ildefonso Mascarenhas da Silva e Aristides Casado visitaram, em companhia do Prof. Alexandre Machado, a sede do *Instituto Geográfico e Histórico*, onde foram recebidos pelo seu secretário, o dr. Francisco da Conceição Menezes, espírito culto e brilhante erudição histórica.

Na manhã do dia seguinte, a convite do dr. Allioni — que nos acompanhou — em duas camionetes postas gentilmente à nossa disposição, participámos da romaria a Pirajá, romaria essa

panteão em que repousam os restos mortais do grande cabo de guerra que foi o general Labatut.

À noite estivemos na praça 2 de Julho, que iluminada feericamente, em comemoração à grande data bahiana, apresentava um aspecto festivo.

Na manhã do dia seguinte, segunda-feira 17, recebemos a visita do dr. Rômulo de Almeida, da Secretária de Educação, elemento jovem e de alto valor, que desde logo se fez um grande e dedicado amigo da turma e para o qual os nossos agradecimentos não traduzem todas as gentilezas que dele recebemos.

Às 10 horas, o Prof. Nogueira de Paula, acompanhado de sua comitiva, visitou oficialmente a *Faculdade de Direito*, onde ocupou por alguns instantes a cátedra de Econômia Política para exaltar a cultura econômica e jurídica da Bahia moderna. O Prof. Mascarenhas da Silva, em vibrante improviso, fez a apologia da liberdade como

Ordem 3.ª de São Francisco

único clima propício à existência da cultura e do direito, tendo ambos os professores sido vivamente aplaudidos.

Em seguida, percorreram todo o edifício, acompanhados do Prof. dr. Aloysio de Carvalho, diretor da Faculdade, e de vários catedráticos.

Iniciámos nesse dia a nossa visita à cidade.

Pela manhã, a pesar de toda a chuva, um pequeno grupo, do qual faziam parte dois dos que assinam este trabalho, esteve em visita ao *Liceu de Artes e Oficios*, antigo Paço do Saldanha, um velho solar de grande imponência, construido no século XVIII.

A nota mais característica deste prédio é um portal que causa admiração pelo maravilhoso trabalho de escultura em pedra bahiana, contrastando profundamente com o resto do edifício em linhas sóbrias e pesadas.

Transpondo esse umbral, contemplamos uma larga porta almofadada com pregaria torneada, peça essa de grande valor e digna de ser examinada. Um amplo vestíbulo, característico em todas as boas construções da época, conduz-nos a uma bem traçada escada de linhas nobres que dá acesso ao pavimento superior, onde em grandes salões sentimos o fausto desse antigo solar, contemplando telas de alta valia, peças de jacarandá finamente trabalhadas e lindos tetos apainelados.

Nesse edifício vimos como principais curiosidades uma cadeira de arruar — o automovel do passado — e duas pesadas arcas completamente reforçadas de ferro, que nos fizeram recordar em nossos tempos de criança as histórias fantásticas de piratas.

Este velho solar, antiga residência da família Guedes de Brito, depois da aliança com os Saldanhas ficou conhecido por Casa da Ponte, e é nele que hoje em dia, graças ao esforço e dedicação do atual diretor do Liceu, se realiza uma obra de filantropia, de vasto alcance social, a pesar das inúmeras dificuldades — especialmente financeiras — em que se debate esse stabelecimento cuja finalidade é das mais nobres.

Tivemos oportunidade, graças à gentileza do diretor, de observar o funcionamento de diversas oficinas e aulas, bem como apreciar excelentes trabalhos manuais feitos por alguns dos numerosos meninos e meninas que frequentam o Liceu de Artes e Ofício da Cidade do Salvador.

Visitámos em seguida, ainda acompanhados do dr. Rômulo de Almeida, a *Igreja da Misericórdia*, fronteira a um descampado que surgiu com a demolição da antiga Sé.

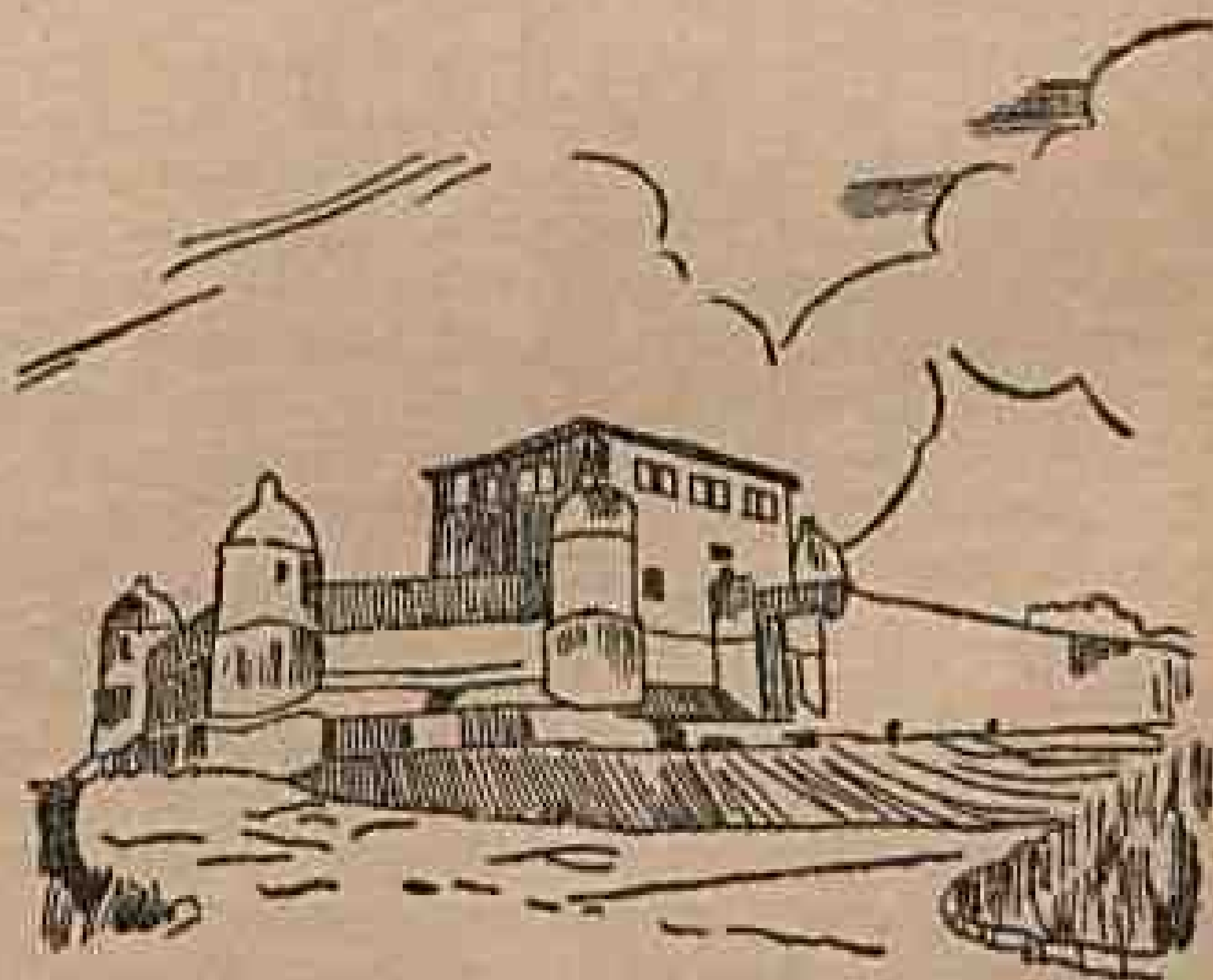
Neste edifício belas escadarias de mármore conduzem-nos a um salão de reuniões ricamente decorado, onde pelas paredes apreciamos grandes retratos a óleo, de interesse histórico e artístico.

Em seguida descemos ao subsolo onde antigamente eram sepultadas pessoas pertencentes, se não nos enganamos, à própria irmandade. O local está hoje completamente abandonado, alguns esqueletos dispersos sobre mesas e tudo entregue ao pó e às aranhas. Segundo informações no local, desde uma grande peste que assolou a Bahia não foram mais enterradas pessoas alí. Os nichos ainda existem nas paredes.

Peça notavel é um movel com mais de 10 ms. de extensão, todo de jacarandá e de grande valor. Interessantes são tambem umas cadeiras do tempo dos holandeses.

Visitámos em seguida a Igreja, que sofreu recentemente uma reforma, sem modificação todavia do seu antigo aspecto. Folheados a ouro em abundância, e, acima de tudo, digna de admiração uma imagem do Cristo crucificado, toda de marfim e de um valor extraordinário.

Na tarde desse mesmo dia fizemos as nossas visitas oficiais. A primeira foi ao *Secretário da Educação e Saude Pública*, onde fomos gentimente recebidos pelo dr. Isaias Alves, grande educador brasileiro e atual Secretário, que se manteve animada palestra com o Prof. Nogueira de Paula que chefiava a delegação e com os demais membros desta. Tivemos assim oportunidade de verificar a notavel obra educacional que vem sendo feita pelo mesmo durante a sua gestão.

A Bahia, não ocupando lugar de destaque quan-

Forte de Mont Serrat, construido em 1583.

Ornamento de escada no Convento de São Francisco

to ao alfabetismo no confronto com os demais Estados brasileiros, vai agora reagindo para conseguir um lugar compatível com as suas tradições. E essa obra é a preocupação máxima do atual Secretário de Educação da Bahia.

Nesse edifício em estilo colonial, novo e situado numa das melhores ruas da cidade, chama a atenção e admiração do visitante a magnífica porta de entrada, toda de madeira lavrada e de enorme valor por ser peça rara, e notavel acima de tudo pelo trabalho artístico.

Essa porta, que data de 1674, pertencia a um antigo solar.

De lá saindo com a melhor das impressões, dirigimo-nos ao *Palácio do Governo do Estado*, edificado na Praça Municipal, onde fomos recebidos em audiência especial pelo Interventor Interino, professor dr. Lafayette Pondé, que manteve cordial palestra com, os professores cariocas.

Este palácio pouco interesse desperta, pois foi inteiramente reformado depois de um incêndio que o destruiu em 1912, em consequência do bombardeio da Bahia, tornando-se então uma construção semelhante em plástica a essa infinidade de edifícios sem carater algum e que estamos acostumados a ver em qualquer cidade.

Fronteira ao palácio do Governo acha-se a *Câmara Municipal*, edifício que pouco ou nenhum valor artístico apresenta e que visitámos em seguida. Recebidos gentilmente pelo dr. Rubens Pires Ferreira, prefeito interino da Capital, mantivemos com o mesmo uma animada palestra sobre o atual desenvolvimento do Estado e as obras em que se empenha a Prefeitura da cidade. Encerrámos as nossas visitas oficiais com a ida à *Escola de Belas Artes da Bahia*, onde fomos acolhidos otimamente.

Percorrendo as diversas dependências do edifício e trocando idéias com os nossos colegas bahianos, deixamos essa Escola bem impressionados. Adiante teremos oportunidade de dedicar mais algumas palavras à Escola de Belas Artes da Bahia.

Logo nos primeiros dias tivemos ensejo de entrar em contacto com a imprensa bahiana, visitando individualmente ou em conjunto as sedes dos principais jornais da capital: "A Tarde", "Estado da Bahia", "O Imparcial", "Diário de Notícias" e "Diário da Bahia", a fim de agradecermos as atenções com que nos distinguiram por ocasião da chegada e, ainda, durante toda nossa permanência na Bahia.

Nessas visitas apurámos a situação destacada em que se acha a iprensa bahiana. Pela feitura dos periódicos e alta competência de seus jornalistas, competência que se reflete no noticiário amplo e bem organizado, nas crônicas e reportagens de interesse, verifica-se que a orientação moderna do jornalismo já é bem familiar aos salvadorenses, de modo que torna a sua imprensa digna de uma grande cidade como é a do Salvador.

Na terça-feira, dia 18, a chuva ainda continuava firme, mas assim mesmo visitámos em companhia do Dr. Rômulo de Almeida o *Convento Abacial de S. Bento*, visita essa que nos ocupou a tarde toda, pois esse imponente convento foi por nós examinado minuciosamente graças à boa vontade do Irmão Paulo, nosso cicerone na visita.

Contar tudo o que vimos nesse convento seria assunto por demais longo, de modo que faremos apenas breves comentários sobre o mesmo, fixando alguns aspectos mais interessantes.

Este convento, que tão relevante papel desempenhou na guerra contra os holandeses, teve sua construção iniciada em 1581 por Frei Antônio Ventura. De pronto chamou-nos a atenção ser um pequeno lance do convento pertencente ainda à construção primitiva, não tendo sofrido alterações de espécie alguma em sua estrutura ou aspecto, salvo as necessárias para a conservação.

O resto do edifício, em linhas simples e severas, é bem a expressão das construções similares da época. Longos corredores mal iluminados, soalhos e escadas rangendo sob os pés, constituindo tudo um motivo sobremodo agradavel para os visitantes.

A impressão deixada pelo ambiente soturno do

convento é entretanto desfeita quando se atinge o claustro claro e alegre.

Nesse convento são dignas de nota a biblioteca, uma das mais preciosas em todo o Brasil, não só pela quantidade como tambem pela qualidade dos volumes, e a sala do capítulo com suas riquíssimas bancadas em jacarandá e excelentes telas.

À entrada da sala do capítulo vimos a pedra tumular de Gabriel Soares, crônista do primeiro século da Bahia, redigida de seu próprio punho: "Aquí jaz um pecador". A igreja, imponente pelas suas proporções, é simples e severa, embora de grande efeito, destacando-se a vasta cúpula que no transepto cobre a nave central.

Tivemos oportunidade ainda de ver um projeto da autoria do Irmão Paulo para uma remodelação a ser feita no seu interior.

Passando em seguida à sacristia, examinámos finos candelabros de prata e paramentos de muito valor pela antiguidade.

À tarde o Prof. Nogueira de Paula visitou a Escola Politécnica, onde foi recebido pelo seu diretor Prof. dr. Paulo Pedreira de Cerqueira e, em seguida, percorreu o *Instituto Comercial Feminino*, obra da mais alta filantropia, fundado e dirigido pela grande dama bahiana — Sra. Henriqueta Catarino.

À noite o professor Nogueira de Paula foi recebido em sessão solene pela Congregação da *Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia* tendo sido saudado em nome desta e do *Instituto de Economia e Finanças* pelo Prof. dr. Edgard Mata, que, em brilhante discurso, exaltou a repercussão da obra cultural do professor Nogueira de Paula, afirmando que "as traduções para o francês e para o castelhano dos trabalhos do chefe da escola matemática no Brasil constituem motivo de justo orgulho para a nacionalidade". Nessa mesma ocasião o Prof. Ildefonso Mascarenhas da Silva pronunciou impressionante conferência sobre: "Cairú e o Brasil," ao entregar a mensagem da Congregação da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas do Rio Janeiro à sua congênere bahiana.

Na tarde do quinto dia de nossa estada, em duas camionetes, postas gentilmente à nossa disposição pela incansavel amabilidade do dr. Allioni, demos um passeio completo pela cidade, passeio esse que, durando cerca de 4 horas, nos permitiu, embora um tanto apressados, conhecer os pontos de maior valor artístico, histórico ou pitoresco.

Iniciámos as nossas visitas pelo *Convento de S. Francisco, que* já pela manhã, em carater particular, fora visitado por uma pequena turma acompanhada do Dr. Valente, do Touring Club.

Neste convento, talvez o mais importânte da cidade, cuja construção data de 1587, admirámos a beleza do seu claustro, de linhas arquitetônicas puras que formam um conjunto de grande harmonia e tranquilidade. Esse imenso pátio quadrangular é revestido em suas 4 faces por 37 grandes painéis de azulejos, que representam cenas religiosas e profanas articuladas umas com as outras e formam verdadeiras prédicas, uns glorificando a virtude, outros o desprezo das coisas terrenas, a fertilidade do solo, etc., todos enfim com o seu motivo declarado em latim.

A maioria destes azulejos, datando do século XVIII, foram ofertados pelo rei D. João e formam uma das coleções mais preciosas do mundo.

Visitámos em seguida a biblioteca, cujo valor literário é enorme, embora inferior ao do São Bento. A porta deste grande salão é uma peça digna de admiração e com cerca de 200 anos. A sacristia, pequena mostra do fausto da igreja, é ricamente decorada, possuindo grandes armários de jacarandá finamente trabalhados, o que é muito comum em quase todos os templos da época colonial. Digno de observação é um movel com 2 ms. de altura aproximadamente por 1,50m de largura, do século XVIII, com uma infinidade de gavetas de diversos tipos e aberturas, apresentando todavia exteriormente uma igualdade absoluta. O trabalho de entalhe e ajuste das peças é notavel, deslizando todas as gavetas sem quase atrito, como se tivesse sido o movel construido há pouco. O teto desta sacristia é admiravel pelas ricas telas que o decoram.

Finalmente, penetrámos na Igreja atingindo então a nossa admiração o auge. Toda ela é um puro baroco português da primeira época que, ao primeiro momento, perturba o visitante pela profusão de relevos, colunas, arcos enfeitados, enfim os motivos mais diversos possiveis: cachos, ramos, folhas, pássaros, anjos, em toda uma opulência de escultura e ouro fugindo um pouco ao bom gosto e a essa impressão de quietude e espiritualidade própria dos templos católicos.

Sente-se que o fervor religioso da época exaltou-se numa ânsia de primores para consagrar a Fé e oferecer a Deus um templo digno de sua maior glória.

O trabalho exaustivo de talha sobre a madeira prolongou-se por dezenas de anos, para dar lugar a final ao esplendor dourado dos altares e de toda a nave, documento eloquente da arte de uma época.

Fixando detalhes desse todo maravilhoso, são dignos de registro o frontal do altar-môr, de

Igreja de N. S. da Conceição da Praia, construida em liôz português, com suas originais torres angulares.

ouro e prata maciça finamente lavrada, e as enormes cariátides, dos altares laterais, revelando um trabalho de enorme valia a pesar dos flagrantes erros de anatomia.

Num dos altares laterais à direita, é que se tem oportunidade de apreciar um verdadeiro prodígio de arte: a imagem de S. Pedro de Alcântara, a mais formosa obra de escultura, feita por brasileiro, em madeira. A expressão dos olhos e da boca, o ar de sofrimento, a fisionomia profundamente alterada, enfim toda ela revela o maravilhoso artista que foi Manoel Inácio da Costa. É uma das das maiores preciosidades da Bahia, a tal ponto que o Imperador Pedro II, quando de passagem pela cidade, pretendeu levá-la em sua companhia.

Ao lado do Convento acha-se a *Ordem 3.ª de S. Francisco*, cuja fachada, contrastando profundamente com a da igreja sua vizinha, mais parece um templo dos aztecas ou incas. Datando da segunda metade do século XVII, a sua fachada toda trabalhada em pedra branca, dá uma idéia perfeita do valor dos artistas da época.

Em seu interior há pinturas de valor e painéis de mosaico, sendo todavia de maior interesse para o visitante a Casa dos Santos, que nos foi gentilmente mostrada pelo Administrador da Ordem, na visita que fizemos dias depois em carater particular.

Visitámos em seguida a *Catedral*, que domina o antigo Terreiro de Jesús, praça das touradas e cavalhadas nos séculos XVII e XVIII. A fachada deste majestoso templo, erguido pelos jesuitas em 1558 e terminado em 1572, é toda de mármore português (que já do Reino vinha cortado), e suas linhas elegantes são dignas de registro. É um templo riquíssimo, residindo sua maior beleza na harmonia e sobriedade do interior, onde as paredes lisas com arcos arrematam no teto ricamente decorado pelos grandes relevos.

No centro desse magnifico teto acha-se suspenso um grande sol com o sinete da Companhia de Jesús, causando a admiração de quem o observar.

O altar-mor apenas com colunas e arcos dourados, embora simples, é de grande distinção e beleza, sendo talvez o mais lindo de todos os que vimos na Bahia.

No centro do piso da capela-mor está o túmulo de Mem de Sá, coberto por uma pedra cuja inscrição é da época (1572).

A sacristia exige uma visita demorada pelas preciosidades que possue, mas sendo escasso o nosso tempo, examinámo-la apenas de relance, deixando o museu para ser visitado outro dia.

Percorremos ainda neste passeio muitas outras igrejas, mas delas falar seria longo e fastidioso.

Não poderiamos, porem, deixar de referir-nos a dois magnificos templos que visitámos nesse dia e aos quasi voltámos ainda outras vezes.

O primeiro foi a *Igreja da Conceição da Praia*, situada na cidade baixa, no lugar onde antigamente existia uma pequena capela particular sob a mesma invocação, erecta por Tomé de Sousa e pertencente à familia Cavalcanti e Albuquerque.

A atual igreja, que data de 1736, tendo sido terminada em 1765, é toda de mármore lioz português, tanto exteriormente em sua fachada bem trabalhada, como no seu interior magnifico pela harmonia e discrição de linhas, constituindo assim esse valioso templo, um raro espécime de arquitetura sacra. As torres inclinadas sobre o alinhamento da fachada dão à mesma uma nota diferente de todas as demais igrejas bahianas.

Em seu interior belos candelabros de prata e pinturas chamam a atenção, mas é no teto que a admiração atinge o superlativo, não só pela forma da cobertura ousada e extremamente dificil para aqueles tempos, por causa do grande vão a cobrir, como tambem pela maravilhosa pintura que o cobre inteiramente, obra de um dos mais notaveis pintores bahianos.

Esta igreja mereceu os maiores elogios de toda a nossa delegação.

O outro templo a que nos referimos acima foi a *Basilica do Bonfim*, que visitámos todavia um tanto apressados pois a hora já ia adiantada.

Nesta igreja que data de 1750 aproximadamente, tendo sido erguida pelo capitão de mar e guerra Teodorico Rodrigues da França, dignas de nota são as pinturas e principalmente as do teto, obras do grande mestre bahiano Franco Velasco (séc. XIX).

É das igrejas bahianas talvez a de maior prestigio e a mais procurada pelos fiéis, em razão dos numerosos milagres que nela se processaram,

Pia monumental da Igreja Conceição da Praia

de modo que ninguem poderá deixar de ir à Cidade do Salvador sem fazer uma visita dé carater especial a este belo templo.

A sua situação privilegiada sobre o alto de uma colina, como para ficar mais próxima do céu, permite ao romeiro descortinar um magnifico panorama.

Nesse mesmo dia visitámos o *Instituto do Cacau*, onde fomos recebidos pelo seu presidente dr. Tosta Filho, que nos prestou todas as informações sobre a organização e o funcionamento desse grande propulsor da economia bahiana.

É um edifício de linhas modernas e grande massa, e atendendo bem às suas necessidades econômicas, mas que deixa todavia de merecer maior atenção do visitante não só por este já estar farto de ver edifício do mesmo tipo em quase todas as grandes cidades, mas principalmente porque na Bahia a sua atenção fica inteiramente presa ao passado.

Não podemos contudo deixar de registrar a boa impressão que tivemos percorrendo algumas de suas salas — atendendo aos requisitos modernos da construção — e o vestíbulo todo decorado em marajoara, no qual há uma coleção verdadeiramente notavel de frutos de cera, bem como um cacaueiro que custa crer seja artificial.

Conhecemos ainda, nessa excursão pela cidade, as instalações do *Club Bahiano de Tenis*, as quais reputamos excelentes embora um tanto pequenas. Deu-nos impressão de ser o movimento social do clube bastante intenso, pelo esmero observado em seu interior.

A cidade pitoresca foi tambem desvendada inteiramente aos nossos olhos: Amaralina, Pituba, Barra — um dos pontos caracteristicos da cidade pelo importânte farol que lá se acha no lugar do antigo forte — Rio-Vermelho e avenida Oceânica, que constituem um motivo de encantamento, dificil de ser traduzido em palavras. E a prova disso está em que, nas horas vagas, a turma, isoladamente ou em grupos, procurava esses lugares para melhor conhecer a linda natureza bahiana.

Desse maravilhoso passeio, que serviu para nos mostrar o que a cidade possue de belo e valioso, guardamos as melhores recordações, ficando ao mesmo tempo devedores dos maiores agradecimentos ao dr. José Allioni que, alem de tudo nos facilitar, como conhecedor profundo da história da cidade nos acompanhou para as necessárias explicações.

À tarde o prof. Nogueira de Paula foi recebido oficialmente pela *Ordem dos Contadores da Bahia*, onde manifestou sua extraordinária simpatia pela nobre classe dos contabilistas do Brasil.

À noite estivemos no *Sindicato dos Engenheiros*, onde, em sessão solene, o Prof. Nogueira de Paula fez entrega de uma mensagem dos engenheiros cariocas ao dr. Alfredo Nogueira Passos, presidente do Sindicato Bahiano. Falando pela delegação carioca, o Prof. Ildefonso Mascarenhas da Silva impressionou o auditório pela sua palavra encantadora e fluente.

Na manhã do dia 20, quinta-feira, o tempo já estava completamente firme, e como não havia programa marcado, a turma aproveitou para descansar, pois o descanso era bem merecido, ou então para visitar os lugares que, no passeio da

Campanário da Igreja do Carmo.

véspera, tinham despertado a curiosidade.

Era muito comum irmos ao Mercado não só para percorrê-lo, como tambem para comprar objetos peculiares ao Estado, a fim de levá-los ao Rio como recordação da Bahia.

O *Mercado*, situado na praça Cairú (cidade baixa) e ocupando uma grande área, pelas suas caraterísticas bem regionais, aspecto, produtos ou mais variados possiveis — alguns apenas existentes na Bahia —, indumentárias, modos de exposição e venda, constitue um motivo de grande interesse para o turista, sempre ávido de conhecer o que a cidade possue de típico.

À tarde desse mesmo dia foi ainda livre, pois tivemos de comparecer às 16 horas na Escola de Belas Artes, onde o nosso colega Benjamim de Araujo Carvalho fez, a convite dos colegas bahianos, uma palestra sobre a organização de um projeto moderno em construção no Rio.

Tivemos assim, mais uma vez, ocasião de entrar em contacto com os estudantes de Belas Artes da Bahia.

A impressão que a *Escola de Belas Artes da Bahia* nos deixou foi das melhores. Nessa Escola, dirigida pela grande capacidade e dedicação do Prof. dr. Allioni, ficámos verdadeiramente surpresos com a extraordinária competência e força de vontade tanto do corpo docente como do discente. É percorrendo os seus "ateliers" de pintura e escultura, suas salas de aula e de arquitetura, suas galerias de arte e suas ricas coleções, que se tem oportunidade de verificar o gênio artístico, o trabalho patriótico e a tenacidade do técnico e do artista bahianos.

É realmente de lamentar que, existindo apenas dois cursos oficializados de arquitetura no Brasil — Rio e São-Paulo, — não tenha ainda o governo central lançado suas vistas para essa Escola, reconhecendo a necessidade que há de oficializá-la, para a defesa do patrimônio artístico da Bahia.

Não basta, porem, somente a oficialização; será ainda mister dedicar-lhe maior assistência, para que assim os professores e alunos da Escola de Belas Artes da Bahia vejam recompensados os seus esforços em prol da arte brasileira, seja a pintura, a escultura ou a arquitetura.

Cadeira do Prior de São Bento

Esta Escola cheia de tradições e de onde saíram tantos artistas de valor em seus 40 anos de existência, bem merece melhor amparo oficial, precisando contar com mais recursos para poder atingir sem sacrifícios a sua finalidade educativa e cultural.

Na Bahia como nas grandes cidades, os problemas modernos de aquitetura e urbanismo começam a surgir, de modo que lógico será que sejam os mesmos encarados e solucionados de preferência por arquitetos formados pela Escola de Belas Artes da Bahia, pois estes saberão, melhor que qualquer estranho, respeitar os monumentos históricos e artísticos da cidade.

Com a oficialização da Escola de Belas Artes da Bahia, os arquitetos baianos seriam melhor considerados, e impondo-se pelo seu justo valor conquistariam os lugares que são de sua especialidade e para os quais são tão necessários.

Se os problemas de arquitetura e urbanismo na Bahia e de modo especial na Cidade do Salvador impõem a necessidade da formação de bons arquitetos bahianos, o mesmo poderíamos dizer quanto à restauração e conservação das notaveis obras de arte que a cidade possue, as quais só poderão ser confiadas aos filhos do lugar, pois estes saberão melhor venerar o que lhes pertence, legado precioso de seus antecessores.

Verificámos ainda a necessidade de um maior intercâmbio entre os estudantes ou entre os Diretórios Acadêmicos das Escolas de Belas Artes do Rio e da Bahia, principalmente quanto à parte de arquitetura, para que assim os estudantes bahianos possam estar bem ao corrente não só da orientação atual da mesma, como tambem do que se faz no Rio. O Diretório Acadêmico da Escola de Belas Artes da Bahia tornou-se credor de nossa gratidão pelo conforto e assistência dada por alguns de seus membros à nossa delegação, durante toda a nossa estada.

Enfim, para finalizarmos estas referências feitas à nossa congênere da Bahia, deixamos aquí registrados os nossos mais sinceros parabens aos distintos professores e alunos pela obra que empreendem, fazendo ao mesmo tempo votos por que, persistindo na mesma sem esmorecimentos, vejam num futuro bem próximo recompensados todos os seus esforços.

A noite desse mesmo dia, perante numerosa assistência, o Prof. Nogueira de Paula proferiu no *Instituto Histórico* uma conferência sobre o tema: "Síntese da Economia Matemática", que deu ensejo para reafirmar a alta consideração em que é tido nos meios intelectuais do país.

Apresentado ao culto auditório pelo Prof. dr. Manoel Pinto de Aguiar, presidente do Instituto de Economia e Finanças, fez este a entrega, na mesma solenidade, ao Prof. Nogueira de Paula do título de sócio honorario desse Instituto, declarando autorgá-lo ao pontífice máximo da ciencia econômica no Brasil.

Finda a conferência, foi o eminente economista patrício vivamente cumprimentado pelos mais altos representantes da cultura bahiana e pelo mundo oficial que se fez representar.

A manhã do dia 21 (sexta-feira) foi destinada à visita de dois monumentos históricos da Cidade. Acompanhados pelo Dr. Valente, do Touring Clube da Bahia, em automoveis postos gentilmente pelo mesmo à nossa disposição, visitamos o *Forte de Mont Serrat*, célebre pela atuação destacada que teve na guerra contra os holandeses, tendo o próprio comandante Gal. Johann Vandhort nele encontrado a morte. Iniciado em 1586 e reedificado em 1722, é uma construção de linhas ingênuas que, ao longe, mais se assemelha a um brinquedo.

A entrada do forte e o pátio interno são motivos que despertam interessé.

Descendo a rampa que nos dá acesso ao mesmo, visitámos pouco adiante a *Capela de Mont Serrat*, situada num pedaço de terra que avança sobre o mar e que em grandes temporais é lavado de lado a lado.

A vista que daí se descortina é excelente, principalmente se dirigida para os lados da cidade.

No interior da pequena ermida de grande simplicidade, destaca-se a imagem de N. S. das Maravilhas.

De lá, seguimos para o *Convento do Carmo*, fundado por religiosos carmelitas portugueses no ano de 1585. Sendo um dos maiores monumentos históricos da Bahia e maravilha da arte colonial, merece do visitante a maior admiração pelo seu patrimônio histórico e artístico.

Sua maior riqueza encontra-se na sacristia, impar em todo o Brasil, com riquíssima talha dourada do mais primitivo estilo baroco moderado. Finos painéis recobrem o teto, destacando-se ainda um soberbo lavatório de mármore cinzelado por eméritos artistas e as belíssimas cômodas e armários de jacarandá, em cujos gavetões, que guardam paramentos do século XVII, os puxadores de bronze finamente cinzelados a mão são a nota dominante.

Passámos em seguida a visitar a igreja que possue igualmente notaveis obras de arte.

Chamou-nos de pronto a atenção a riquíssima coleção de balaustradas e grades de jacarandá, talvez as de maior valor em toda a cidade, junto às quais está o púlpito de onde pregou e lecionou o ilustre carmelita bahiano Frei Eusébio da Soledade, orador insigne da têmpera do grande Pe. Antônio Veiira.

O altar-mor com o sacrário, a banqueta e o frontal todo de ouro e prata lavrados da autoria de Caetano Mendes da Costa (1731), o cadeiral entalhado, os gigantescos candelabros de prata, a notavel imagem de N. S. do Carmo — obra do artista bahiano Chagas, o Cabral, êmulo de o Aleijadinho e de quem pouco se sabe — a imagem de Cristo feita em 1585, as sepulturas de Bagnuolo (1640) e de Bernardo Ravasco Vieira, irmão do Pe. Antônio Vieira e heróico defensor de Itaparica, enfim tantas e tantas obras antigas e de arte prenderam profundamente a nossa atenção.

Visitámos em seguida o Convento, monumento histórico que atesta o valor de nossos antepassados e que tão importânte papel desempenhou nos tempos do Brasil colônia, mormente na guerra contra os holandeses. De construção antiquíssima, domina o visitante pela sua simplicidade e grandiosidade. O claustro é uma verdadeira obra de arte pela harmonia de suas linhas embora simples e pesadas.

Percorremos ainda muitas outras partes do convento e com ele encerrávamos o nosso programmas de visitas aos principais templos da Cidade do Salvador.

Na tarde desse mesmo dia, em camionetes postas à nossa disposição pelo Secretário da Educação, visitámos as principais escolas da cidade e alguns outros edifícios de importância, que nos faltava ainda conhecer.

Acompanhados pelo Prof. Allioni, e pelo Prof. dr. Francisco Hermano de Sant'Ana, diretor do Departamento de Educação do Estado, visitámos em primeiro lugar a *Escola Góes Calmon*, inaugurada em 1938 e situada num dos melhores bairros da cidade: Barris.

É uma bela construção em estilo baroceo-colonial.

Gentilmente recebidos pela Diretora e algumas professoras, visitámos demoradamente as suas ótimas instalações, observando então a preocupação em fazer uma escola luxuosa.

Salas de aulas confortaveis e bem orientadas, a administração, o gabinete médico e dentário completo, as rampas de acesso, tudo enfim denotando um programa bem estudado. Seguimos de lá para o *Instituto de Educação*, ainda em construção. "Notavel", só poderá ser o adjetivo. Construção baseada nas necessidades modernas do ensino, o programa vasto mereceu os maiores cuidados do projetista, que, alem do mais, favorecido por um amplo terreno, pôde fazer uma obra verdadeiramente arquitetônica de carater puramente funcional e de aspecto monumental.

Depois de um longo trajeto em automovel, chegamos à *Escola Duque de Caxias*, situada na Estrada da Liberdade: o maior bairro proletário da cidade.

É uma escola moderna, de aspecto muito diferente das duas visitadas anteriormente. De capacidade para 3.000 alunos, esta escola, inaugurada em 1938, dispõe de todos os requisitos e aparelhamentos indispensaveis, destacando-se o excelente gabinete médico e dentário, cuja atividad é intensa, as confortaveis salas de aula e pátios cobertos, o auditório de grande capacidade, os recreios ao ar livre e campos desportivos, enfim uma escola que obedece às orientações modernas do ensino e que tão bem nos impressionou.

Essa visita às principais escolas da Cidade do Salvador permitiu-nos verificar o carinho com que o seu atual Governo trata do problema educacional: tanto no preparo dos mestres como no combate ao analfabetismo.

Sob a orientação firme do dr. Isaias Alves, emérito educador brasileiro, todo o sistema escolar da Bahia entrou num ritmo de grande atividade e entusiasmo, não só verificado na capital como tambem no interior do Estado, a tal ponto que, só no ano de 1938, 250 escolas foram criadas no interior.

Prosseguindo o nosso passeio pela deslumbrante avenida Oceânica, hoje Getúlio Vargas, atingimos depois o *Yatch Clube da Bahia*, onde descemos para visitar as ótimas instalações desse elegante clube. Excelente garage de barcos a motor e material náutico. A piscina de dimensões olímpicas, rivalizando com os melhores tan-

Recanto do Claustro de São Francisco

ques natatórios do país, é uma grande obra técnica.

Como curiosidade desta visita, citaremos a famosa Rosa dos Ventos, que ocupa uma vasta área do pátio interno.

Visitámos em seguida a *Escola de Aprendizes de Marinheiros*, onde, recebidos pelo comandante *Aurélio Linhares*, Capitão do Porto, tivemos oportunidade de apreciar as novas instalações ainda em construção, e em cujas excavações foi encontrada a muralha do antigo cais.

O *Aero-Porto*, obra moderna que satisfaz as necessidades atuais da navegação aérea, recebeu em seguida a nossa visita. Percorremos atentamente toda a estação que, embora pequena, é uma das melhores do Brasil, dispondo ainda de excelentes plataformas de embarque e desembarque.

Encerrámos o passeio deste dia visitando a *residência* de uma das mais nobres famílias brasileiras. Por nímia gentileza da Exma Sra. Viuva Francisco Marques de Góes Calmon, tivemos oportunidade de contemplar as maravilhosas obras históricas e de arte que tornam seu palacete um museu particular dos melhores que existem.

Descrevermos tudo o que lá vimos seria longo demais, mas, como nota do momento, tivemos a oportunidade de ver (pela primeira vez para a maioria) os tão falados "balangandãs". E estes então como eram notaveis!

Dessa visita guardaremos sempre as melhores recordações não só pelas obras e objetos contemplados, mas, de modo especial, pela gentileza cativante da distinta Sra. Góes Calmon, que tanto nos honrou com o convite de uma visita à sua residência.

À noite realizou-se, no *Yacht Club*, o banquete oferecido pelo Instituto de Economia e Finanças da Bahia aos professores cariocas. Em nome do Instituto falaram os professores Berbert Tavares e Alexandre Machado e pela delegação carioca o professor Aristides Casado que, em belíssimo improviso, exaltou o intercâmbio cultural que deve unir, em laços indissoluveis, o sentimento patriótico dos pampas ao espírito brasílico do Norte.

O dia seguinte, um belo sábado, 22 de Julho, significava para a maioria da turma o fim dessa viagem maravilhosa.

Dirigimo-nos, pela manhã, ao *Museu e Pinacoteca do Estado*, situado na Praça 2 de Julho. Recebidos pelo seu diretor dr. José Valadares, percorremos suas diversas dependencias, examinando obras, documentos, objetos de importância histórica e artística, bem como a galeria dos nossos autoctones, uma das mais importantes. A Pinacoteca possue quadros de extraordinário valor de Franco Velasco e outros e ainda notavel coleção de litografias raríssimas dos nossos principais homens públicos do passado.

O resto do dia foi dedicado às despedidas, aos preparativos de viagem e passeios pela cidade que, por ser sábado, apresentava um aspecto risonho, principalmente nas ruas de maior movimento, onde o bahiano faz o "footing" do fim de semana.

Às 21 horas, aproximadamente, partia pelo Itaquicé a embaixada dos arquitetandos cariocas, levando da Bahia as melhores recordações.

Igreja do milagroso Senhor do Bonfim

Fizeram-se representar no embarque o Sr. Interventor Federal, todos os Secretários de Estado, a diretoria do Instituto de Econômia e Finanças, da Ordem dos Contadores, e delegações especiais da Escola de Belas Artes, da Faculdade de Direito, da Faculdade de Ciências Econômicas, da Escola Politécnica, redatores dos jornais e inumeras pessoas de elevado destaque social e cultural.

Duas criações da cidade americana

(Apontamentos para um romance ciclico paulista "MARCO ZERO")

Oswald de Andrade

A ARTE

Ele aparece pelas ruas centrais da cidade de um milhão de escravos, espantoso como a poesia. Atravessado de setas multicores, paradis, aigrettes, corbeilles. Como um chapéu fino e escandaloso de mulher num pátio de fábrica.

É o vendedor ambulante de vassouras, cestos e espanadores. E vai dizendo metalicamente:

— La possibilité de la cabalitê de la populacion de la maturitê de la consolacion de la ruê de la bondalitê de la modalitê de la linfitê de la condenacion de la litaritê!

É rico. Arranjou uma gaveta na máquina do capital, do lado caixa. Tornou-se um papa-niqueis bem colocado. Mas permanece maltrapilho, como no dia em que desembarcou das travessias imigrantes, sem nada e subiu a montanha paulista num trem de desgraçados. Vinha saindo do bojo de um navio, onde lhe tinham falado assim:

— La rentrê de la comidê de la tripulacion de la fatalité de la moralitê de la cancion de la terralitê!

Era um navio francês. O trauma ficou. Um trauma de terceira classe. Um trauma de fome.

Quando ele se viu senhor das primeiras plumas coloridas, dos primeiros vimes flexiveis e claros, suntuoso como um índio de ópera, sentiu-se no direito de esgotar o choque interior e passeá-lo como uma fratura exposta.

— La paritê de limensitê de la pension de la funcion de la mentalitê de la revoltê de la principacion!

Ninguem o prendeu. Ninguem o conteve. Riram. Pararam. Compraram.

Rico da América, a família o segurou, o limpou, o colocou num palacete. Mas uma madrugada, ele retomou a velha galé de ambulante, os espanadores fantásticos, as cestas festivas, e levou novamente para a rua o seu estribilho de canário cretino:

— La pluralitê de la sensacion, de la caritê de la foncion de la casê de la ministracion de la pantalitê!

A sua aparição diária na cidade trágica e fria de negócios, é incomoda e espetacular como o surrealismo.

O RITMO

Donana Paula penetra no Triângulo às dez horas. Gorda sobre sabatos de tenis e meias

baixas. Uma boina de lado sobre os cabelos quasi brancos, bem penteados. Um pulover cor-de-rosa.

Hesita como um homem de negócios. Para diante de um Banco central. Traz sob o braço uma grande pasta murcha. Onde irá começar o seu dia ativo?

Penetrou no edifício severo e enorme da Standard-Oil. Perguntou o preço da gazolina. Um empregado loiro que a conhece, respondeu — vinte mil réis o quilo! — Tomou cuidadosamente nota num papel. Colocou-o na pasta. Saiu.

A caudal de gente preocupada, de gente nervosa, cresce. Dão ombradas nela, trancos, pisões sem desculpa. Ei-la de repente envolvida no atropelo. A agitação afarista a empolga. Ela quer resistir. A caudal forma correnteza no Beco do Escarro.

Ela penetra num tabelionato que está cheio. Estaca diante de uma mesa onde um escrevente desenha compromissos num grande livro aberto. Esbraveja com os outros, como a cidade toda que esbraveja pelo lucro. Sua voz apenas lembra que ela é mulher:

— A hipoteca passa-se hoje! É preciso ir buscar as certidões. Essa gente adia sempre! A escritura está lavrada? Então, espere! Vou buscar o recibo.

Sai num vento calculado. Penetrou no Banco do Brasil. Pede o cheque visado. Dão-lhe uma garatuja de cifrão num papel, para que vá embora, para que não amole. Ela sai rosnando e gesticulando como toda a população que se angustia atrás do lucro, naquelas ruas fechadas. Vai receber o cheque nos guichês do Banco do Estado. Faz escândalo:

— Descontei a letra. Não recebi os juros. Quero liquidar. Protesto!

Pagam quinhentos réis pelo papel. Sai preocupada, vitoriosa e ativa.

A pasta vai se enchendo de procurações, cheques, promissórias.

Penetrou no escritório limpo de um agiota:

— Você fez o desconto, hein? Agora não pode protestar. E os juros? Ele não pagou? Execute!

Donana Paula é o diapasão da cidade do lucro, onde uma massa desesperada se movimenta e trota sob a piramide de Cheops do capital.

Nela ressoa o eco profundo da transação.

Onde mora Donana Paula?

Meio dia. Hora de almoço no Beco. Ela fez mil e quatrocentos. Tem na cara um sorriso de férias. Acomoda o pulover agitado. Refaz a boina. Penetrou num boteque de húngaros, para experimentar a urbanidade com que se serve a miséria. Almoça pasteis e café ao lado de um cego que gosta de mostarda e de um histrião, no silêncio das mastigações taximetradas pelos níqueis.

Dizem que foi rica. Ás vezes ela rompe a solenidade do almoço sem rádio, para dizer:

— Vou buscar as minhas joias. Embarco hoje no *Augustus*.

Um advogado a dirigiu. Um corretor lhe ofertou negócios. Hipotecou, comprou, assinou papeis. Vieram os protestos, as vendas apressadas, as execuções como esmagamentos sem vítimas visiveis, nas tardes ajuntadas do Palácio da Justiça. E veio a expulsão da própria casa. Perdeu tudo, como muitos daqueles que correm com ela, silenciosos, na cidade confusa do lucro.

Calistrato que se balança nas frases feitas, afirma que Donana Paula vive da caridade publica e sofre das faculdades mentais.

Graça Aranha Ainda Pode Ensinar Alguma Coisa

Carlos Lacerda

Talvez já seja tempo de examinar com certa serenidade a obra de Graça Aranha, numa revisão sem aqueles exageros para os quais contribuiu, sem dúvida, sua irradiante personalidade, alem do truc de que os modernistas se valeram para dar padrinho ao seu recem-nascido movimento. O entusiasmo com que ele aderiu, para afinal ocupar o mais destacado posto — o de embaixador do modernismo, é a sua melhor recomendação, como foi sempre um traço muito expressivo de sua feição literária e pública a simpatia por tudo o que é novo, o que começa, o que apenas desponta. Ele não era um "homem bom", daqueles de quem o Sr. Genolino Amado recentemente dizia que são bem comportados, estão bem com todo o mundo, e se instalam na sua aparentemente inofensiva mediocridade. Ele gritava, dava alguns murros valentes, esbravejava na pasmaceira reinante, e afinal se incorporava ao cordão bastante carnavalesco e multicor do modernismo.

Para este artigo não se pode trazer outro livro que não seja *Canaan*, a nosso ver o principal, talvez o único livro realmente essencial de Graça Aranha. Pelo menos, o único que, não escrito, teria faltado à literatura brasileira. Os outros subiram à custa desse, conduzidos na escada rodante de suas palavras algo bombásticas, dos conceitos aparentemente profundos, de uma filosofia pobre mas vestida como senhora de funcionário endomingado. Suas melhores expressões, sua maior solicitude, sem dúvida, no fim da vida, ia para os livros tipo *Viagem Maravilhosa*. Mas *Canaan*, de seus livros, é o único que realmente importa. Aí se encontra a magnifica linguagem que ele teve à disposição, o impulso de simpatia pelas causas grandes e nobres, que sempre o empolgaram. E até mesmo na filosofia confusa, *cósmica*, em que o menos que se pode esperar é a confusão do princípio das coisas, quando tudo é informe e nebuloso, ele conseguiu gravar, com arte de romancista, páginas que sem exagero se pode chamar inesquecíveis em nossa literatura.

Caracteristicas de sua vida, encontram-se em *Canaan* os melhores sinais desse amor universal que transcendia o meio imediato, o momento fugaz, para projetar longe, como um apelo profundo e grave à conciência dos homens. A força do querer, a conciência do poder humano, encontra-se desde a insistência na palavra *poderoso* (*poderosos olhos, visões sonoras e poderosas, etc.*), até aqueles momentos, mais definidos, em que o romancista intervem resolutamente, não deixando que o romance corra a revelia do autor, como hoje tantas vezes se vê recomendado aos novos. Essa possibilidade de intervir sem desfigurar, antes pelo contrário, reforçando mais a qualidade da literatura; sua capacidade de expressão dos sentimentos e dos caracteres, fazendo mais altos, mais eternos, os tipos e as situações — aí está, no livro, o drama de Maria, um drama de paixão extraordinariamente bem escrito —, deram a *Canaan*, a pesar de toda a grandiosidade filosofante e funambulesca de que se reveste, suas mais duradouras qualidades.

Milkau, o imigrante que ama a nova terra, é o intérprete predileto. Lentz é apenas o opositor, a parede para tabela, a segunda pessoa do jogo dialético pelo qual o autor desenvolve seus conceitos. Na boca de Milkau, ele incorpora suas idéias:

MILKAU — Quando a humanidade partiu do silêncio das florestas para o túmulo das cidades, veio descrevendo uma longa parábola da maior escravidão à maior liberdade. Todo o alvo humano é o aumento da solidariedade, é a ligação do homem ao homem, diminuidas as causas da separação. No princípio era a força, no fim será o amor.

De certo, darwinistas de ouvido poderão contestar a bela verdade dessa afirmação. Esquecem, no entanto, que se a luta, a ferocidade, vem de remotos tempos, a marcha que em todos esses milênios se tem

feito é para a libertação dessa contigência brutal pela maior aproximação entre os homens, e que o amor é o objetivo pelo qual, através do ódio e do sofrimento, tanto se tem lutado. Nem Darwin pensaria de outro modo, se pudesse fazer falar os que o transformaram em justificador do egoismo especulador e rapineiro.

Milkau reafirma, a cada passo, sua justificação:

— *Toda a marcha humana é uma aspiração da liberdade; esta é o verdadeiro apoio, o estimulo, a razão de ser de uma sociedade. A ordem não é um principio moral; é apenas um fator pre-existente e indispensavel ao conceito social; não pode haver sociedade sem ordem, como cálculo sem numeros; a harmonia existirá por momentos, mesmo num regime de escravos e senhores, mas será instavel, sem a liberdade não há ordem possivel; a busca e a realização da liberdade como fundamento da solidariedade são o fim de toda a existência... Mas para ai chegar que caminho não percorreu o homem!... A liberdade é como a própria vida, nasce e cresce na dor...*

Terá o leitor, frequentemente, ocasião de reparar na grandiloquência um pouco escandalizante da linguagem de Graça Aranha, cacoete que no fim da vida seria acentuado pela agravação de um vago fraseado ao qual todos batiam palmas sem entender — porque era ininteligivel.

Mas ha de ser notado que esse tom não estava tanto na maneira pela qual Graça Aranha vestia a frase, quanto nas altas e fortes idéias que ele vinha despertar. Houve, nesse sentido, uma mediocrização do pensamento; habituamo-nos a uma falsa naturalidade, que consiste em só tratar, com poucas palavras, alguns reduzidos assuntos de magra substância. Naturalidade tambem pode existir no trato de grandes problemas da inteligência e da vida humana. E disso nos temos esquecido um pouco, em todo o surto da literatura brasileira moderna, sob os mais variados pretextos, desde o não-intervencionismo, o *laisser-faire* que a crítica recomenda como a melhor qualidade de um romancista, até a ocorrência de outros impedimentos menos voluntários.

Em outro ponto fundamental — haverá quem discorde da importância dessas questões? — está o apreço á vida, como um bem precioso que se recebe para redistribuir em forma de ação, transformada pela nossa própria força íntima, como de um pedaço de mármore. Miguel Angelo fez Moisés. O devido valor dado à vida, em sua fabulosa riqueza, em sua magnifica energia à disposição dos que são capazes de utilizá-la dignamente, existe, é verdade, no mais mesquinho dos homens — para não dizer: dos autores. Mas com esse mesmo amor à vida pode alguem entregar aos outros tudo o que traz em si, dedicar-se, apaixonar-se, ou desenvolver a vontade os primários instintos de posse egoística de tudo o que é vivo, a cultura, a fortuna, a própria e clamorosa imbecilidade. Em *Canaan*, Graça Aranha-Milkau afirma:

O que mais atormentava era a conciência de que começava a viver por viver, sem interesse na vida.

Ou então, mais adiante:

O sentimento da posse morrerá com a desnecessidade, com a supressão da idéia da defesa pessoal, que nele tinha o seu repouso.

Utopia, sem dúvida. Mas, salvo melhor juizo, o escritor não obrigado a freiar sua imaginação. Foi mesmo, durante muito tempo, privilégio do escritor essa possibilidade de imaginar loucuras que muito depois aconteciam e se tornavam cotidianas como o pão, o bonde, o amor, o imposto. A missão profética do escritor, como antecipador digamos vidente ou simplesmente *sonhador*, é mais do que um direito do qual ele pode abrir mão: é uma função inalienavel. Temo-nos frequentemente deixado dominar pelo chamado bom senso comum, quando o bom senso do escritor é coisa diferente, que ultrapassa a exigência das questões realizadas, do simplesmente acontecido, capaz de ser provado imediatamente.

Muitas outras anotações podem ser feitas nesse livro do tão falado e tão pouco conhecido Graça Aranha; notas mais próprias para conferência do que propriamente para artigo. O que deve ficar, entretanto, como lição aos novos, lição sempre facil de aprender, porque é bela e altivo, ainda que as vezes demasiado discursada, é a coragem de enfrentar grandes temas, lutar com eles, dominá-los pela força das idéias de um estilo *poderoso*, sem se refugiar na simples reprodução fotográfica de situações e personagens por medo das conveniências da crítica. Essas duas altas qualidades, que fazem a glória de um livro e de um autor, foram precisamente as mais esquecidas em quasi todos os panegíricos até hoje desenrolados, em cantochão, pelas carpideiras de Graça Aranha: a liberdade como condição do pró-

prio amor á vida, sentimento mais lúcido e inteligente do que o primário *instinto de conservação*.

Se para serví-las, utilizava ele às vezes um desagradavel tom melodramático, convem não esquecer, em compensação, que ninguem até hoje escreveu sobre a vida dos colonos, dos imigrantes, dos desambientados, e sobre as reações e fenomenos desses famosos *quistos*, sua ascensão e decadência, seu processo de formação, ambiente e homens, personagens e ação, como o Graça Aranha de *Canaan*. Quem duvidar, releia o romance. Quaisquer que sejam os defeitos — e anda o livro repleto —, ainda é uma lição de perfeição literária, alem de um exemplo de conciência. Algumas de suas páginas — por exemplo, a da intervenção da justiça —, como representação da realidade através da necessariamente apaixonada intervenção de um escritor, só encontram paralelo em outras páginas de um outro livro bastante esquecidos, nesse tempo de comemorações: *Os Sertões*.

Não desejaria que se alterasse o sentido do que procuro acentuar. Excluidos os defeitos, a grandiloquência, o vago filosofismo, ha em *Canaan* alguma coisa a buscar como exemplo e advertência aos novos: a entranhada ligação entre o personagem e a idéia, pois o personagem não vive só para mostrar que o autor sabe fazê-lo direitinho, mas tambem para dar um sentido, uma expressão da vida em movimento. A fusão de sentimento e raciocínio, da qual frequentemente se tem fugido, preferindo o sentimento apenas, porque o raciocínio exige maior elevação de idéias, maior esforço cultural, melhor compreensão da vida, e até mesmo um mais perfeito domínio do idioma, representa em *Canaan* algo digno de estudo e admiração. A intervenção oportuna do autor, sem o anti-intervencionismo pulha e falso que tem sido aconselhado aos jovens autores pela crítica repleta de conveniências e de porquês, entretantos e todavias, é o passo mais difícil da literatura. Talvez por isso mesmo não se encontre em todas as literaturas um só *grande* livro que não tenha ganho esse adjetivo nos combates que o autor trava com a vida em suas próprias páginas. Peço licença para lembrar Balzac, embora pudesse lembrar todos os outros. E possivel, necessário, admiravel que o autor intervenha. Ele não é neutro diante das situações. Do contrário, uma boa fotografia seria ainda o melhor romance. O resto, isto é, a maior ou menor realidade, capacidade de criação, depende, evidentemente, do talento do autor. E se fosse apenas pór crise de inteligência que esse apelo à neutralidade do autor encontrasse tamanho eco entre nós, quasi nada se poderia dizer. Mas precisamente o que diariamente se faz é convidar o autor a deixar que seus personagens o conduzam, com o cuidado de preliminarmente trancar todas as portas e janelas que conduzem o personagem à rua. Pode-se imaginar em que quintais, em que fundos de casa irão parar personagens e autores, com semelhante critério.

Por isso temos visto falharem, tornarem-se apenas sucesso de um minuto, e assim mesmo à custa de muita gritaria dos amigos, alguns dos mais bem nascidos livros de nossa nova literatura. Eis aí porque *Canaan* ainda tem o que ensinar, no meio de suas debilidades. Porque ele era um livro em movimento, a medida que o tempo passa seus defeitos se diluem nos cacoetes da época em que foi escrito, e suas qualidades ressaltam, voam, pairam como um momento sempre lembrado na literatura brasileira.

Sugestões á Crítica Literária

José Nicolau dos Santos

Enrico Ferri legou-nos em "Os criminosos na arte e na literatura" um precioso livro de ciência criminal que é, simultaneamente, interessante repositório de crítica literária. Os romances psicológicos de Dostoiewski e Tolstoi, os dramas tormentosos de Shakespeare e Schiller, como as obras inspiradas de Dante, Zola, Danunzio e outros mais, são analisadas pelo eminente sábio latino à luz fria e insensível dos modernos preceitos criminológicos.

Certamente não procurava Ferri, ao balancear a alheia e variada bagagem literária respingar apenas as emoções ataviadas em textos que se tornaram clássicos, ganhando traduções e tiragens pelos quatro pontos cardeais. O mérito desse crítico originalíssimo foi, sem dúvida, demonstrar que Hamlet ou Otelo, como os demais criminosos de ficção movimentados na páginas dos grandes dramas e romances, tiveram as suas personalidades físicas e psíquicas tão próximo da realidade científica que poderiam servir de paradígmas para a mais exata classificação dos delinquentes que se nos deparam apalpáveis no turbulento cadinho da própria vida social. E a conclusão imperiosa desse grande escalpelador de almas e tipos imaginários foi dar-nos o seu testemunho de que, pelo menos no setor criminológico, os artistas souberam preceder aos cientistas.

Lembramos-nos incidentemente dessa primorosa monografia de Enrico Ferri porquanto, ao nosso de ver muito teria a ganhar a arte literária se o seu método crítico encontrasse continuadores capacitados e imparciais.

O romance-tese ainda não passou de moda. Ao indivíduo sucedeu agora a coletividade na preferência da objetiva literária. O aglomerado humano com as suas aspirações e os seus movimentos vão enchendo hoje as resmas de papel dos novos estilistas.

Mas, perguntamos nós, em face da ciência social que já lastrou as suas bases com um Gabriel Tarde ou um Emilio Durkheim, em face da antropogeografia que tambem desenhou as suas normas com um Frederico Ratzel ou um Vidal de La Blanche, em face da filosofia, da economia política, da biologia ou da história, estarão certos os problemas manipulados e as soluções propostas?

Urge que os críticos da estirpe de Ferri apareçam em cena. A literatura das grandes massas já não encontrou um campo vasio como a literatura dos indivíduos psicopatas. Ela não mais pode ser vasada em simples emoções intuitivas, mas em princípios sólidos que as ciências sociais cristalizaram. As simples concepções utópicas não mais podem subsistir. Platão, Tomas Morus ou Campenela que buscaram um mundo irreal e impossível tiveram sem dúvida menor influência social que Dickens na Inglaterra ou Beecher-Stowe nos Estados-Unidos, que apenas vizinharam e compreenderam o meio que os circundava.

A literatura moderna cada vez mais se aproxima do conceito de Bonald — é a expressão da sociedade. E se essa sociedade polimórfica e policrômica em que vivemos todos, tem as suas grandes virtudes e os seus defeitos ocultos, há, evidentemente, nela contido uma extensa messe virgem que o labor das letras poderá modelar ao gosto das emoções e temperamentos criadores.

Apenas, aquí, já o artista não precede ao cientista. A sociedade já teve a sua ciência esboçada, já divulgou as suas leis fundamentais. O beletrista atual jamais poderá improvisar conceitos vagos e sugestões apressadas.

A arte poderia ter sido outrora a predecessora da verdade científica. Hoje é a ciência que se coloca antecipadamente como pedra angular das novas germinações artísticas.

HÁ FILÓSOFOS NO BRASIL?

Modesto de Abreu
Da Academia Carioca de Letras

É inevitavel aflorar-nos aos lábios um sorriso cético ou irônico quando nos falam em "filósofos" do Brasil e, em geral, dos países pertencentes ao ramo latino na América, quer meridional, quer central e septentrional.

Há porem que distinguir, entre os cultores da Filosofia, em qualquer época ou logar, os criadores de sistemas e os seus meros continuadores ou divulgadores. Uns e outros cabem à vontade sob a mesma designação genérica de *filósofos* e prestam à evolução dos estudos filosóficos, cada um em sua esfera de ação, relevantes serviços.

Originalidade, em filosofia como em tudo, é jóia de alto preço que apenas toca a alguns eleitos, chamem-se Aristóteles ou Descartes, Kant ou Spencer, Comte ou Bergson. Não foram propriamente criadores um Aquino, um Bacon, um Spinoza, e Hegel, e Hill, e Taine: não obstante, foram filósofos, e dos maiores.

Não há na América inovadores em matéria filosófica: aos Americanos, de procedência lusa, castelhana ou anglo-saxônia, falta-nos tradição de cultura, madureza de pensamento e, sobretudo, essa íntima comunhão do homem com a natureza, com a vida e com os problemas do espírito, que fizeram dos Gregos o povo filosófico por excelência e dos Franceses os seus mais legítimos e diretos herdeiros, seguidos de perto tão somente pelos Ingleses e pelos Alemães.

Nem mesmo escapam à restrição os pragmatistas, com James e Dewey à frente, pois a rigor não pertencem à nobre casta dos pensadores, antes dirigem-se à ação e teem, nesse terreno, de um modo geral, predecessores na velha Europa.

Continente inteiramente formado de países novos, cada um com cerca de três séculos de vida colonial e pouco mais de um século de existência política independente, é a América tributária obrigatória da cultura européia, pouca coisa lhe sendo lícito fazer fora da tutela intelectual do velho mundo. Os seus filósofos são até agora e deverão ser por muito tempo simples expositores das doutrinas em voga alem-mar. Toda tentativa de originalidade e de criação, entre nós, não passará de excrescência e de mascarada grotesca. É melhor que fiquemos mesmo na filosofia de segunda mão.

Não sei se teriam razão de inteiro Hermández Catá e Guillermo Francovich, ao dizerem, aquele afirmando e este repetindo-lhe o conceito, que "pretender que nossos povos fossem capazes de filosofar seria negar-lhes um de seus mais belos atributos: sua juventude". Porque, se de fato os países americanos se formam dos povos mais jovens dentre os de todos os continentes bafejados pela civilização, a Grécia era tambem um povo jovem quando em seu seio se formaram as primeiras escolas filosóficas nascidas da civilização jônica, com Tales e Pitágoras, Parmênides e Empédocles, Leucipo e Demócrito, de cujos sistemas saíram as luzes que brilharam na Ática com os epicuristas e estóicos, platônicos e peripatéticos. É que eles tiveram de criar a sua civilização, ao passo que a juvenilidade americana é uma espécie de Minerva, que já nasceu equipada da duas e meia vezes milenar civilização européia. Nisso está toda a diferença: todo o esforço que fizermos para pensar com autonomia arrisca-se à tarefa ilusória do arrombamento de portas abertas...

Erro seria portanto exigir que de nossa civilização imitada e decalcada brotassem sistemas filosóficos originais; como não menor erro haveria em recusar merecimento à cultura filosófica de divulgação realizada pelos mestres e estudiosos da Filosofia em terras da jovem América.

Eis o que muito bem compreendeu e otimamente expõe em seu recente livro *Filósofos Brasileños* o pensador e diplomata Sr. Guillermo Francovich, espírito helênico que há vários anos convive conosco na qualidade de destacado membro da representação boliviana em nosso país e que já nos havia ensejado mostras de seu gosto pela filosofia através dos encantadores diálogos de seu livro *Supay*, publicado em 1935 na tradução de Pizarro Loureiro.

Na introdução de sua valiosa obra sobre os Filósofos Brasileiros, entre os inúmeros conceitos de grande justeza e acuidade, ressalta o carater autodidático da cultura filosófica latino-americana, não dispondo o pensador, ou o simples tratadista, de bibliotecas nem de material de investigação, nem mesmo de segura preparação metodológica, tendo ainda de lutar pela aquisição dos meios de subsistência. Focaliza ainda outros caracteres do pensamento americano, como sejam: o idealismo, o personalismo, o espírito dogmático e a preocupação preponderantemente política, tudo isto agravado pelo espectáculo inquietante da instabilidade social da Europa, cuja civilização Spengler previu em definitiva decadência para ceder o fastígio à Cultura da América Latina.

O primeiro filósofo brasileiro de que se ocupa Francovich é o padre-mestre Monte Alverne, que nós nos acostumamos a encarar de preferência sob o resplendor da fama oratória e que temos desprezado como cultor da filosofia, a ponto de mesmo um pensador do quilate de um Alcides Bezerra lhe atribuir reduzidos méritos em tal assunto. Entretanto Guillermo Francovich nos apresenta em suas justas proporções o mentor seguro que várias gerações tiveram no grande franciscano, no aprendizado eficiente das doutrinas filosóficas mais avançadas da época. Monte Alverne, a exemplo de frei Caneca, outro espírito superior e liberto de preconceitos, pondo a dignidade do pensamento acima de todas as injunções dogmáticas e de todos os imperativos de disciplina eclesiástica, pregava em suas aulas o cartesianismo, combatia a escolástica, estigmatizava o aristotelismo dos árabes que considerava pernicioso para a formação filosófica medieval e moderna, rechassava a teoria das idéias inatas, sustensava a necessidade das revoluções e era um dos mais entusiásticos divulgadores da doutrina eclética de Cousin.

No mesmo capítulo trata do visconde de Araguaia, Domingos José Gonçalves de Magalhães, que todos sabem ter sido, alem de notavel poeta lírico e dramático, introdutor do Romantismo como escola no Brasil, pensador e professor de filosofia, orientado no sentido espiritualista e um dos opositores declarados da filosofia positivista. Discípulo de Monte Alverne, era Magalhães filósofo de vistas muito mais estreitas e muito apegado a um teologismo de que temos entre nós hoje dignas reedições.

O capítulo sobre Luís Pereira Barreto é um dos mais instrutivos e equivale a impecavel síntese do movimento positivista no Brasil, que estuda partindo da adesão casual de Benjamin Constant e passando pelo largo e duradouro apostolado de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, para focalizar especialmente a figura hoje um tanto esquecida do grande médico e naturalista fluminense que se fez político e fazendeiro em São Paulo e que morreu aos 83 anos de idade em 1923 cercado da fama de ter sido, depois de José Bonifácio, o maior cientista do Brasil. A respeito de Pereira Barreto comete Francovich dois pequenos enganos, naturalíssimos aliás: dá-lhe naturalidade no Rio-de-Janeiro, quando ele de fato nasceu no Estado-do-Rio, e informa que foi presidente da Constituinte e do 1.º Senado Brasileiro, quando realmente o foi do Estado de S. Paulo, pois todos os nossos Estados, com o advento da República, tiveram a sua Constituinte que lhes elaborou as Constituições particulares e muitos adotaram o sistema federal da dualidade de câmara legislativas, estando assim S. Paulo no número dos Estados que possuíam um pomposo Senado provinciano. Foi aí que pontificou o sábio Barreto.

O autor das "Três Filosofias", da "Filosofia Metafísica" e de "Filosofia e Teologia", o autor tambem de notaveis teorias médicas, foi um dos grandes adeptos do Positivismo, que foi sem dúvida a corrente filosófica que nos deu maior número de mentalidades vigorosas nos fins do Império e durante a República e a que teve no Brasil seu maior campo de difusão, maior mesmo que na Europa, onde o campo de ação política, um dos mais vantajosos para as concepções comtistas, era menos propício.

O histórico que faz Guillermo Francovich da difusão positivista no Brasil e dos salutares efeitos produzidos sobre a formação da nossa mentalidade politica e social, fato imparcialmente reconhecido por um pensador do porte de Jackson de Figueiredo, é uma das melhores páginas do livro sereno e imparcial que conseguiu compor em meio a tantas divergências de formação e orientação do nosso incipiente pensamento filosófico.

Tobias Barreto é tambem estudado minuciosa e percucientemente pelo diplomata boliviano. O retrato que nos pinta, do pensador de "Estudos Alemães", é irrepreensivel, e a análise que lhe faz da evolução mental e da obra filosófica, limpida e cristalina. Uma observação, que ele frisa com justeza e que nos pode mostrar bem o quanto são inconsequentes certos críticos nossos: Tobias "nada disse sobre a escravidão que apaixonava aos homens do seu tempo" nem o entusiasmava "a fé republicana em que ardiam os positivistas". Pois bem: os maiores defensores de Tobias Barreto entre nós timbraram e ainda timbram em atacar a Machado de Assis, mestiço como o sergipano e exatamente seu contemporâneo, por estes dois monstruosos pecados — ter-se alheiado à discussão do problema abolicionista e manter-se indiferente às nossas transformações politicas... Quanto pode a má fé a serviço da parcialidade!

Depois de analisar a individualidade extraordinária daquele verdadeiro gigante incompreendido que foi o sociólogo ("sociólogo": palavra que ele repelia e epíteto que não aceitaria...) de "Menores e Loucos", passa Francovich, em rápidas linhas, em final de capitulo, a falar de Silvio Romero, e o faz com exatidão e concisão lapidares, acentuando, amparado no próprio Tobias, que o autor de "A Filosofia no Brasil", escritor eminente sem dúvida, "não era um verdadeiro filósofo", porquanto "seu temperamento, que dificilmente lhe permitia ser critico, o impedia de pensar com o equilibrio que a filosofia exige". Seus livros filosóficos "eram diatribes ou apologias".

Quando se fala em filósofos brasileiros, o primeiro nome que acode porem ao nosso espirito é o de Farias Brito, o único que oferece visos de originalidade e que, sendo um mestre consumado, foi preterido num concurso para a cadeira de Lógica do Colégio Pedro II por Euclides da Cunha, digno de mais honrosa vitória. Em todo caso, sucedeu na cadeira a seu opositor, que dela gozara por poucos meses, assassinado de maneira imprevista na defesa de um preconceito de pundonor.

Analisando a obra de Farias Brito, acentua-lhe Francovich o alto merecimento na parte de exposição e crítica das doutrinas filosóficas, ao passo que, na fase construtiva, naquilo que constitue a sua decantada originalidade, "foi de uma debilidade manifesta". Não havendo conseguido um só discipulo fato de que ele mesmo se admirava e queixava; não havendo conseguido convencer a ninguem das suas idéias; sustentando acerca das religiões uma opinião que lhes não poderia ser de forma alguma fagueira, viu-se de repente arvorado em baluarte da fé católica e em expoente do teologismo néo-tomista que voltou a nos avassalar com estranho recrudescimento. O filósofo era admirado, endeusado, mas ninguem o lia, e os raros que lhe deletreavam as obras não as alcançavam compreender. Daí a embevecida admiração e a influência que exerceu sobre as ovelhas desgarradas.

Quanto a sua pretendida originalidade, não passava Farias Brito de um mosaico, ou colcha de retalhos; sua filosofia era formada de pedaços de Leibniz misturado com Platão e de Kant embrulhado com Schopenhauer. Leia, quem puder, a "Base física do espirito", a "Verdade como norma das ações", ou o "Mundo interior", e a outra conclusão não chegará, se chegar a alguma.

A pesar de tudo, consegue traçar o ilustre comentador um perfil bastante exato do filósofo, desse iluminado que tinha êxtases de abstruso misticismo, e fornece de suas doutrinas um resumo escrupulosamente fiel que o torna até acessivel e simpático.

A Graça Aranha, que era antes um esteta, mas que imprimia uma orientação filosófica à concepção dos seus romances, dedica tambem Francovich um belo e penetrante estudo. Historia-lhe a campanha pelo Espírito Moderno, que ele mesmo não conseguiu definir, e conclue com uma tirada pueril de Odilo Costa Filho.

A propósito de Jackson de Figueiredo e como homem que ama a verdade mas não pode desprezar a cortesia, exalta o valor da doutrina católica para o nosso enriquecimento ético individual e coletivo. Mostra-nos o pensador ultramontano e fundador do Centro Dom Vital, em seus inícios, às voltas com a indecisão filosófica, oscilando entre as escolas, adotando as teorias materialistas e o positivismo, para depois nô-lo apresentar convertido ao catolicismo e descrente da filosofia comtista aos

embates do pensamento pascaliano. A essa parte adicionei esta nota à margem, que transcrevo, para não fazer outro comentário: "Só mesmo caminhando para trás é que se pode romper com a evolução".

Com uma boa vontade de homem bem educado e tolerante com as fraquezas humanas, Francovich refere o interesse que tomava ultimamente Jackson de Figueiredo pela interpretação filosófica do dogma da queda do homem e resume-lhe, a sério, as conclusões. Eu me limitei a escrever à margem: "Puras patacoadas". Jackson era do número dos nossos "pensadores" que descobriram na arte de cortejar a popularidade fradesca um filão fácil de triunfo na vida e de consideração no rol dos homens sérios. Eu o conheci bem de perto. Para ele o Brasil só seria feliz se se transformasse numa vasta gamela onde comessem à farta todos os clericais: ele chamava a isso "a criação de uma elite católica dirigente".

Quanto a suas vistas sobre o positivismo, como espírito superficial que era, proclamava Jackson de Figueiredo que a doutrina de Comte se difundira no Brasil por ter a forma e o conteúdo de uma verdadeira religião, quando é sabido que foi sempre, aqui e alhures, esse aspecto o lado mais difícil de aceitar pelos adeptos da filosofia comtista, sendo sempre muito raros os positivistas ortodoxos e sendo numerosos os casos de afastamento de grandes personalidades da militança efetiva, por incompatibilidades, geralmente resultantes de má interpretação, com Clotilde de Vaux, tida pelos detratores como uma espécie de Virgem Maria.

Transcreve, ainda tratando de Jackson, uma frase deste acerca de Machado de Assis que vale a pena comentar. Machado, como é sabido, nunca aceitou a comédia de uma religião que ele não sentia e por isso fez o contrário de numerosos ateus que hesitam na hora de pôr o pé no primeiro degrau do "último aposento". Não podendo explicar essa coerência denunciadora de uma inquebrantavel inteireza moral, Jackson explica-a a seu modo afirmando que Machado era "uma glória quasi exótica, um pervertido deleite, que por felicidade nossa não teve irradiação popular". Sem dúvida, tiveram maior irradiação os Laet, os Afonso Celso e outros Veuillots tupinambás...

Em outra transcrição, vemos Jackson deplorando as "tribulações da igreja" num país onde ela só tem recebido honrarias, principalmente na República, em que o tão malsinado positivismo lhe assegurou a merecida dignidade separando-a do Estado, em flagrante contraste com o que sucedeu no Império, quando era ela com este xifópaga.

Depois de bem haver galvanizado o profeta de "Pascal e a inquietação moderna", passa o Sr. Guillermo Francovich a estudar os *filósofos atuais,* examinando com muita agudeza os fortes reflexos, sobre nosso país, das últimas doutrinas filosóficas, sociais e psicológicas: o marxismo, o nietzscheanismo fascista, o spenglerismo, a psicanálise e até o espiritismo, faltando evidentemente uma referência às teorias da relatividade, que tamanha influência exerceram e ainda exercem no pensamento não só puramente matemático, como no campo da sociologia, na crítica e na criação literária, e das quais tivemos ilustres representantes no general Samuel de Oliveira, em Amoroso Costa, em Almáquio Diniz e até nos modernos discípulos de Aldous Huxley, de que é exemplo o romancista Erico Veríssimo.

Escolhendo alguns dos cultores mais em evidência nos domínios filosóficos, na atualidade, começa pelo Sr. Alceu Amoroso Lima, de quem começa por nos dar a idade: 46 anos. Passa ao Sr. Renato Almeida, autor de uma história da música brasileira, e dedica três discretas páginas ao Sr. Pontes de Miranda que alguem, com ferina maledicência, comparou ao famoso Pico della Mirándola com justa razão, e isto antes da publicação do seu mirabolante plano de uma "enciclopédia" que pretendia publicar sobre todos os assuntos e mais alguns...

Desses aperitivos, passa aos filósofos que teem algum recado util a dar. Vem primeiro o Sr. Eurialo Canabrava que é, a pesar de certos unilateralismos, um espírito arguto, atilado, culto e, coisa rara nos nossos filósofos, um homem capaz de pensar e de fazer pensar. Passa depois ao Sr. Ivan Lins, a cujo saber e valor faz inteira justiça, embora opondo, como opõe, restrições à atualidade do Positivismo, que lhe parece já haver em curto tempo "envelhecido muito", conquanto reconheça ser uma orientação "que mantem válidos seus postulados fundamentais". É que, como muito bem disse um ilustre mestre comtista nosso, todos aceitam e acatam as doutrinas positivistas, todos as põem em prática, contanto que não sejam identificadas como positivistas e o nome de Comte não seja proferido... Foi o que se deu realmente: o Positivismo fecundou

(Conclue no fim do ANUARIO)

O conto, miniatura do romance

Carlos Maul

O conto é uma das formas literárias mais difíceis e tambem das menos cultivadas, talvez pelo motivo dessas dificuldades técnicas. Na história das belas letras universais tem ele, por isso mesmo, escassos modelos, um número limitado de obras culminantes, de entre as quais se poderiam citar as narrativas gregas de Longus, o "Decameron" de Bocaccio, e as "Novelas exemplares" de Cervantes, assinalando três épocas antigas, e passando às contemporâneas nós iríamos encontrar, em países diversos, alguns volumes correspondendo à epígrafe: os "Trois contes" de Flaubert, os "Contos" de Maupassant, os "Cuentos valencianos" de Blasco Ibañez, "Le novelle de la Pescara" de D'Annunzio, meia dúzia de páginas de Edgard Poe.

No Brasil o gênero possue, como em outras plagas, poucos intérpretes. E desses, os nomes que nos pingam da pena, numa evocação rápida, são os que mais se popularisaram: Machado de Assis, Domício da Gama, Aluizio e Artur Azevedo, Xavier Marques, Virgílio Varzea, Alcides Maia e Afonso Arinos. De todos esses, o mestre é, com efeito, o autor das "Memórias póstumas de Braz Cubas". Nas suas "Relíquias da casa velha" e nas "Várias histórias" o conto é magnífico, é, na sua arquitetura, um romance sintético. E explica-se o fenômeno, porque Machado de Assis, se nas suas novelas já era um especialista de frases condensadas, de temas confinados, nos contos teria de ser, inevitavelmente, mais preso dentro de certas fronteiras de pensamento e de sentimento. Daí o ter realizado, com o encanto sugestivo de sua prosa direta, verdadeiros milagres nos quadros em que nos deu resumos da vida, dramas interiores intensos que ganham em profundidade o que deixam de ter em extensão.

De Domício da Gama ficaram de pé nas estantes os seus "Contos a meia tinta" de que ressalta aquele explêndido "Maria sem tempo" que encerra um mundo de psicologia e nos desenha uma figura que é de todos os tempos e de todos os logares na paisagem humana. Embora diferentes no estilo e nos assuntos, Aluizio Azevedo e Artur Azevedo, pertencem ainda à galeria dos nossos melhores contistas do passado, e Xavier Marques e Virgílio Várzea são representativos na pintura de cenas praianas, retratistas desses nossos rudes costumes do litoral, em que os tipos do nordeste e os tipos do sul, nem sempre idênticos na sua fisionomia exterior, nos seus traços físicos peculiares, como que se confundem do ponto de vista da sua fibra heróica, valentes domadores de ondas, a repetir no mar a façanha dos centauros que dominam os potros bravios nos descampados terrestres.

As praias da Baía e as praias de Santa Catarina vivem nos paineis desses dois insignes coloristas, com a sua gente humilde e robusta de feição de bronze, com os seus barcos ligeiros, com as suas casinhas toscas e intrépidas de janelas que parecem olhos eternamente abertos em desafio às tempestades.

Em Alcides Maia, na "Tapera" é o pampa nos seus episódios de conflito e de serenidade, na tristeza de seus horizontes misteriosos, na doçura ondulada das suas coxilhas, nos ambientes do pastoreio, o que se observa, tratado de maneira envolvente numa lingua de ouro rica de modismos que é como uma voz profunda da terra.

Esses são, de fato, os nossos contistas solares cuja obra é definidora em nossa literatura. Outros há que com o título de conto tem explorado o veio da crônica urbana ou sertaneja e à exceção de Afonso Arinos que no "Pelo sertão" traça o perfil do caboclo nas suas fainas rudimentares, nos seus ímpetos e nas suas quedas, na aspereza de seu carater, de que são expressões perfeitas o "Pedro barqueiro" e "A derrubada", a maioria dos que vieram depois não podem ser classificados rigorosamente como contistas porque o que deles se apresenta nesse campo é a crônica, e o autor, personagem central da fábula, em solilóquio, é uma boca a falar por conta da totalidade de seus títeres.

Um livro de contos que acaba de aparecer nos indica estas considerações para o realce de seu mérito, para que se compreenda como mais um dos poucos que justificam a sua classificação no panorama da espécie: "Vinha do Senhor" de Osvaldo Orico.

O versículo bíblico que lhe explica a denominação é por si só um esclarecimento a prescindir

de maiores detalhes. Na vinha do Senhor muitos eram os chamados e poucos os escolhidos. Nesse livro o autor reuniu os trabalhos de sua preferência, aqueles que lhe pareceram mais dignos dessa antologia, retirando de uma seara opulenta os frutos de sabor mais puro e de aspecto mais formoso.

Trata-se, na verdade, de uma coleção de contos que se coloca, sem constrangimento, na primeira fila de suas congêneres, qualquer que seja o seu núcleo de origem. E a impressão que se tem da sua leitura é a de que Osvaldo Orico, com a espontaneidade translúcida da sua narrativa, com a precisão e naturalidade do seu diálogo, faz o conto como o conto deve ser: o romance em miniatura.

Pode-se ter, e é lógico que cada um o tenha, mais simpatia por este ou por aquele trecho, por uma ou por outra das pequenas tragédias ou farças que essas páginas encerram, conforme com a tendência ou o estado de espírito de quem as lê. Mas em conjunto, "Vinha do Senhor" é um livro de superfície harmoniosa. sem altos e baixos, em que cada conto vale pela sua própria natureza, pelo explendor da sua afirmação.

Uns ironicos, estes de emoção, aqueles em que a nota lírica ou romântica é mais sonora, alguns de vigorosa dramaticidade, todos são, entretanto, tecidos de maneira a avassalar os leitores à sua força. E tanto em "Mãos vasias" que é um doce poema em prosa; na "Mulher dos nervos de algodão", tão cheio de malícia; no "Cabelo louro" em que há uma história de atavismo magnificamente debuxada; no "Nono mandamento", sátira de rara mordacidade; como em "A ama" e na "Boneca dos olhos vivos", a tonalidade não tem outras alternativas alem das que decorrem da variedade dos enredos.

Conviria, porem, dar um relevo especial a "Joana Maluca". Nesse a originalidade é mais viva. É a história dolorosa de uma garota pobre que sonha com um bebé, no seu instinto precoce de maternidade, e encontra-o trazido por um monstro adolescente e vem logo a perdê-lo para fazer da sua procura todo o problema de sua existência desgraçada. O escritor nos mostra nessa peça a vida turbulenta da meninada de arrabalde, meninada democrática que se mistura sem preconceitos de casta, de epiderme ou de hábitos, e que se desenvolve ao sabor da liberdade que desfruta. Joana Maluca saí desse grupo, na alvorada da puberdade, para sofrer as consequências de uma brutalidade e para ver um dia em todos os pequenos que lhe surgem à vista o filho de sua carne que lhe roubaram.

Nesse conto admiravel há a crisálida de um grande romance, o romance das crianças que são iguais até aos doze anos e que daí por diante começam a desviar-se para os seus destinos.

Raul Pompeia em "O Ateneu", Octave Mirbeau em "Sebastien Roch", escreveram o romance dos internatos, dramatizaram os recalques da adolescência subordinada a velhos métodos pedagógicos. Em "Joana Maluca" há as crianças soltas, o tumulto das inclinações sem freio, a alegria ingênua e a maldade em botão, o alvoroço das almas em busca de rumo, bater de asas que ainda não podem desferir o voo para as alturas.

Não está nesse conto um romance? Por que não faz com ele o autor o que fez Eça de Queiroz com a "Perfeição" que se ampliou na "A Cidade e as Serras"?

A FILOSOFIA DA VIDA

Sousa Filho

Uma filosofia que, longe de se preocupar com a solução de questões abstratas e de nenhum valor prático, investiga o humano e a vida, preferindo uma concepção realista do universo às fórmulas idealistas do conhecimento, uma tal filosofia sempre existiu, adotada por pensadores que se inspiravam diretamente na existência cotidiana. Mas foi sómente nos tempos modernos, diante da necessidade de reação contra o abuso de racionalismo causado pela influência de Descartes, que os sistemas de filosofia da vida se organizaram em bases sólidas.

O mais curioso é que êsse movimento filosófico surge na segunda metade do século passado, numa época em que o progresso das ciências experimentais, após revolucionar as leis da física, da biologia e da mecânica, parecia ter banido para sempre a filosofia da face da terra. Chegára-se até a fazer o seu necrológio. Mas o que houve foi apenas uma substituição, e não a supressão, como se pode ver nas obras dos mais intransigentes materialistas que, combatendo ardorosamente a metafisica, fazem entretanto filosofia a cada passo, sem o querer e sem o sentir. Passado o entusiasmo dos primeiros instantes, os próprios ciêntistas reconheceram a conveniência de sistematizar os novos conhecimentos adquiridos, bem como de criticar os princípios e métodos pelos quais as ciências particulares chegam aos seus resultados certos. Nasceu, assim, uma nova filosofia resultante do próprio progresso cientifico. Uma filosofia que, partindo das conclusões cientificas, tinha como objetivo estabelecer nova concepção do mundo em que vivemos.

É claro que não estamos diante da filosofia no seu sentido tradicional, isto é, a filosofia da qual se deduzem as demais ciências, mas a filosofia que só vale enquanto resulta das ciências experimentais ou particulares. Aparecem, então, vários sistemas filosóficos, uns procurando conciliar velhas teorias com a ciência moderna, alguns reduzindo a filosofia à simples critica histórica e, finalmente, outros tentanto descobrir uma estrutura lógica das ciências, afim de determinar as leis exatas do conhecimento humano. Todas estas escolas, que às vezes se combatem, acabam afinal caindo numa explicação racional do universo.

Contra êste racionalismo reagem numerosos pensadores contemporâneos, pertencentes tambem a correntes diversas e até de certo modo opostas, que apresentam comtudo grande afinidade em seus métodos e objetivos, o que nos permite classificá-las num grupo geral, sob a denominação de "Filosofia da Vida'. Não se trata de uma classificação absoluta, mas feita apenas de acordo com as caraterísticas principais dos novos sistemas.

E quais as caraterísticas fundamentais da filosofia vitalista? Em primeiro lugar a filosofia da vida representa a reação conta toda a filosofia moderna, dos séculos XVIII e XIX, épocas de intenso intectualismo cientifico que pretendia racionalizar tudo pela ciência, tudo reduzindo à teoria do conhecimento ou à sua critica. Às preocupações intelectualistas e filosofia da vida opõe êste dogma: a natureza e a vida não se explicam racionalmente (porquê o irracional não pode ser explicado pelo racional). Portanto, devem ser rejeitados tanto o mecanismo quanto o idealismo: ambos racionalistas. A vida é ação, atividade, não contemplação passiva ou critica céptica. Portanto, acabar com a critica do conhecimento.

Embora oposta à filosofia das ciências, a filosofia da vida não se opõe à ciência. O que os filosofos vitalistas não querem é tomar a ciência como ponto de partida de suas cogitações. O único ponto de partida deve ser a vida, da qual a filosofia e a ciência são formas especiais.

Ha uma diferença interessante entre a filosofia vitalista e a filosofia das ciências. A filosofia das ciências veiu de cima para baixo, das universidades para o grande público. A filosofia da vida começou, ao contrário, fóra das universidades, interessando a princípio apenas às camadas populares. Evoluiu de baixo para cima. Seus primeiros partidários eram vistos com soberano desprezo pelos filosófos universitários e dogmáticos. Mas pouco a pouco suas idéias foram ganhando terreno, suas afirmativas foram se impondo até conquistarem entre os universitários leitores e, por fim, entusiastas adeptos. Hoje, os novos filósofos conseguiram derribar as barreiras que os separavam das velhas universidades, onde teem agora assento como professôres muitos de seus principais representantes.

Começa a reação anti-racionalista com o brado de J. J. Rousseau, o ardente adversário da cultura intelectualista do século XVIII, clamando pela "volta à natureza". Surge a seguir outro grande cultor da vida, num sentido mais profundo. É Goethe, para quem a filosifia já aparece como forma da vida. Mas os verdadeiros precursores do movimento são: na França, Fouillée e Guyau; na Alemanha, Schopenhauer, Nietzsche e von Hartmann.

Fouillée, ainda um eclético, faz das idéias princípios de atividade e não apenas representações (teoria das "idéias forças"). Para Guyau a vida é o fato primordial, sendo que dela derivam todos os conceitos. A vida, que é absolutamente tudo, só depende de uma condição: sua infinita produtividade. É, por isso, independente de qualquer outro princípio. Aí a base da famosa moral sem sanção e obrigação, porque o dever é um instinto, uma força cujo princípio deve ser procurado na vida conciente ou inconciente. Dêste modo, a moral, a religião, a arte

são vistas como tendências vitais. O fim da arte é a expansão da vida.

Nietzsche é um filósofo que está hoje em grande moda na Alemanha Basta lembrarmos que a filosofia do nacional-socialismo não passa, em última análise, de adaptação do pensamento de Nietzsche à mentalidade germânica "post-guerra". Nele encontramos duas concepções da vida que se repetem na filosofia vitalista. Primeiramente, a vida é uma "certa oposição à ciência e à verdade cientifica", visto ser o conjunto de todas as tendências e movimentos, concientes ou inconcientes, que podemos constatar no mundo orgânico. Ciência e verdade são formas rigidas, sem vida, espécies de "formações fósseis", não podendo ser compreendidas na continua mudança que é a vida. Mas tarde, aparece em Nietzsche a tendência, que se fortalecerá nos modernos vitalistas, de não opor simplesmente a ciência e a verdade à vida, mas ordená-las e subordiná-las a esta. Então a ciência e a verdade são incorporadas ao fluxo da vida, como "meios de conservação e expansão".

A concepção de von Hartmann, puramente metafísica, faz da vida o principio exclusivo do mundo e, como tal, não definivel nem cognoscivel em si, mas apenas pelas suas várias manifestações ou fenômenos.

Tanto Hartmann como Nietzsche nos levam a uma única fonte de origem: Schopenhauer, cuja obra apresenta grande importância para a gênese da filosofia vitalista. Schopenhauer é o primeiro a mostrar, e com extraordinária clareza, que a essência do mundo não é racional, mas deve ser pensada como irracional. Este principio irracional do mundo que Schopenhauer chama "vontade de viver" ou simplesmente "vontade" e vem a ser o instinto da própria conservação, mas acaba paradoxalmente sendo a negação da vida, foi modificado pelos seus sucessores. Hartmann alterou-o, através do evolucionismo de Hegel, substituindo o conceito de vontade pelo de inconciente, enquanto Nietzsche reagiu contra o seu lado negativo, pondo em seu lugar um principio de força e expansão.

Embora ambos procedam de Schopenhauer, há profundas diferenças entre Nietzsche e von Hartmann, pelo que, abrindo caminho para a filosofia da vida. cada um deles o faz a seu modo. Hartmann, sistematizador rigoroso e inclinado para a ciência pura, entrega-se inteiramente à metafisica e à pesquiza torturante de um principio fundamental do ser, ao passo que Nietzsche, acima de tudo um estéta, observa com avidez o espetáculo da vida e, envolvendo o universo em seus brilhantes aforismos, estabelece por uma intuição genial os fundamentos de muitas teorias hoje cientificamente verificadas e desenvolvidas. (1)

Alguns dos primeiros filósofos a reagirem contra os abusos dos intelectualistas, que pretendiam atingir a verdade através das rigidas fórmulas da lógica ou das famosas categorias do pensamento, cáem no extremo oposto, num cepticismo absoluto. Um destes reacionários, Fritz Mauthner, em sua obra "Contribuições para a crítica da linguagem", acaba declarando que a filosofia é apenas uma disputa em torno de palavras. Eis, em suma, reduzida a um silogismo, a sua argumentação: o pensamento se confunde com a linguagem; ora, a linguagem não é lógica em sua essência; portanto, um pensamento lógico é impossivel. E conclue daí: não há filosofia, só há filósofos. Não há verdades absolutas, mas palavras, palavras e nada mais.

A este cepticismo demolidor sucede outra forma de reação anti-intelectualista, buscando construir, em vez do nihilismo filosófico, uma filisofia adequada às necessidades da vida prática. É o pragmatismo, ou filosofia que põe o pensamento a serviço da vida, estabelecendo como critérios da verdade a utilidade e a confirmação pela experiência. A verdade passa, deste modo, a ser eminentemente transitória, sujeita como tudo às leis da mudança das coisas. Qual, então, o valor das ciências? As ciências são nossas construções, expressões de nossa subjetividade, ou melhor, da subjetividade dos grandes homens. As leis cientificas ficam sendo, pois, meras aproximações. Temos, aí, o relativismo cientifico. William James, verdadeiro fundador do pragmatismo, deseja salvar a filosofia deste relativismo e concebe-a de natureza diversa da ciência, partindo de uma posição transcendente e tendo como finalidade representar o absoluto em face do relativo. Mas, sendo ainda impossivel sintetizar todos os dados da experiência, a filosofia deve por enquanto renunciar a conclusões definitivas e ser apenas um método.

O objetivo precipuo do pragmatismo é reivindicar o carater humano da verdade. Isto se acentua no filósofo inglês Schiller, que dá ao seu sistema a denominação de "humanismo" (humanismo neste sentido: uma teoria que faz depender do homem todo o conhecimento). Segundo Schiller, a verdade está condicionada ao fluxo universal da realidade. Mas que é a realidade? Que é o fato real? O fato não tem o carater de objetividade absoluta. O que existe no mundo é a matéria bruta na qual nós plasmamos o fato. Os fatos reais "produções artificiais de nossa seleção, de nossos interesses, de nossas experiências ou de nossos temores" (1). Um conceito é verdadeiro quando corresponde à realidade; ora, a realidade depende do homem; logo, a verdade é modelada por um coeficiente humano. Estamos, nem mais nem menos, diante de uma edição moderna de Protágoras: o homem é a medida de todas as coisas.

O combate ao intelectualismo encontra a sua expressão máxima num livro publicado em 1911 e logo famoso pela enorme celeuma que veiu a provocar nos meios filosóficos da Europa: "A filosofia do como si (*Als-Ab*)", de Hans Vaihinger. Vamos resumir suas idéias capitais. Toda a filosofia de Vaihinger gira ao redor da idéia de que o nosso conhecimentos só tem um valor biológico em a luta pela vida, não podendo atingir verdades absolutas, mas servindo como instrumento preciso para submeter o mundo aos nossos fins. Certas representações falsas, contrárias à

---

(1) Müller-Freienfels — *Die Philosophie des 20. Jahrhunderts*.

(1) Schiller — *Studies in Humanism*.

realidade ou contraditórias em si mesmas, são, entretanto, úteis e indispensaveis na vida prática. Nós vivemos "como si" o mundo correspondesse às nossas ficções. A própria ciência é um produto de formas ficticias do pensamento humano. Ficções são os atos elementares e as categorias do pensamento. Este é o lado negativo do ficcionalismo. Agora a sua parte positiva: o conteúdo de nossas sensações tem um valor real. E é sòmente por meio das sensações que podemos atingir o mundo real. Mas, levados pelas nossas ficções, construimos acima deste mundo real um mundo irreal, um mundo "como si" (*Als-Ob Welt*), que se torna para nós o mundo dos valores cientificos, estéticos, éticos e religiosos. (2).

Todos estes filósofos, procurando estabelecer uma teoria do conhecimento, partem de um ponto de vista humano e não metafisico. Em vez de postular verdades absolutas, no terreno abstrato da lógica, recorrem à psicologia e a processos empiricos. Buscam a verdade nos fatos de nossa existência, no esfôrço de cada organismo para se conservar e se expandir. Mas não se libertam inteiramente do racionalismo, pois indicam como únicos meios de conhecimento as sensações e o pensamento.

A admissão de possibilidades puramente irracionais do conhecimento não constitue novidade da filosofia contemporânea. Já os pensadores gregos, especialmente os órficos e os neoplatônicos, tinham em alta conta a "intuição contemplativa" de que, mais tarde, tanto abusaram os misticos da Idade Média e da Renascença. Mas aos filósofos vitalistas cabe a primazia na utilização sistemática de tais métodos.

Depois de Schopenhauer ter mostrado que a essência do mundo deve ser pensada como irracional, seus sucessores empreenderam a valorização de nossa vida emotiva e, após as notaveis descobertas modernas sôbre o inconciente, chegaram a indicar o instinto como o verdadeiro principio do conhecimento.

Em fins do século passado aparece uma teoria psicológica, fundada na intuição, que foi aplicada à estética com grande sucesso. É a famosa teoria da "Einfühlung" (palavra intraduzivel, que quer dizer literalmente "sentir em"). A "Einfühlung" é a projeção do nosso eu fóra de nós mesmos, naquilo que nós compreendemos, isto é, nos outros "eus" e nas cousas. Lipps, um dos maiores psicólogos da Alemanha, serve-se da "Einfühlung" para explicar o mecanismo do conhecimento. E Dilthey, baseando-se nessa "compreensão intuitiva", estabelece uma teoria geral do conhecimento para as ciências do espirito, cujos métodos a seu ver devem ser diferentes daquêles que se empregam nas ciências naturais.

Eduardo Spranger, o mais influente dos discipulos de Dilthey, aprofunda essa idéia de "compreensão". Não se trata aqui de compreensão no sentido vulgar, mas ao "ato teórico pelo qual, com aspiração objetiva, aprendemos a conexão intima, provida de sentido, no ser e no comportamento de um ser humano (ou de um grupo de seres humanos) ou captamos o sentido de uma objetivação". (1). Enquanto a vida e as manifestações vitais de outros seres carecem de fundamento para nós, não podemos falar de compreensão. Compreender é mais do que simpatizar ou projetar o nosso eu, é conceber objetivamente e dar sentido a certos objetos psiquicos em valor, portanto, interpretar. Para justificar essa forma de compreensão, Spranger estuda longamente a legitimidade valorativa do nosso espirito.

Outro é o caminho, dentro do irracionalismo, escolhido pelos psicanalistas para chegar à compreensão da vida psiquica. Pelas teorias psicanalistas, só podemos compreender a alma humana se procurarmos, por detrás dos fatos concientes, a ação poderosa e às vezes encobertas dos fatores inconcientes. Há três correntes principais a distinguir na psicanálise: tendo todas elas este ponto comum: afirmam que o fundo de nossa vida psiquica é uma tendência, um instinto. Segundo Freud, a tendência dominante e explicativa de nossa vida mental é a "libido" ou instinto sexual. Para Adler, chefe da psicologia individual, a tendência básica da vida psiquica apresenta dupla face: individual e social. Finalmente, Yung admite como tendência primordial a "libido", mas uma "libido" não sexualizada, redutivel, de certo modo, à "vontade de viver", de Schopenhauer. Como a psicanálise já está bastante divulgada entre nós, e tendo estas notas por fim vulgarizar as tendências vitalistas da filosofia contemporânea, deixamos de expor as suas teorias principais qué, embora às vezes exageradas, são de importância capital para a compreensão da alma humana e da adaptação do indivíduo ao meio social.

Com mais vagar falaremos de Bergson, criador do sistema filosófico de maior repercussão em nossos tempos. A razão principal do seu sucesso é que Bergson soube ser um filosofo tipicamente século XX, refletindo em suas teorias as tendências mais marcantes da época em que vivemos. Quando surge a sua filosofia, o impressionismo acaba de vencer em todos os ramos da estética e começa a influir nas ciências do espirito. Em arte, já não se procura só a pureza da forma ou a serenidade das linhas, mas o que a todos atrái é a vibração, a variabilidade e a riqueza do ambiente em que nos movemos, a vida em seu verdadeiro sentido. Bergson corresponde plenamente a êste ideal. Não se contenta com as puras formas conceituais nem com a impecabilidade de estrutura da filosofia clássica, vai auscultar a realidade em si mesma e, partindo de seus dados mais imediatos, aproxima-se do humano e do vivo. Para chegar ao seu fim, combate os exagêros e a unilateralidade dos intelectualistas que só admitiam explicações racionais ou lógicas das coisas e, de tal maneira, fugiam à vida e erigiam em dogma o êrro de uma falsa concepção do mundo. Para substituir o método dialético que levava a representações arbitrárias e ideais das coisas, Bergson propõe novo processo capaz de atingir e explicar o fluxo

(2) Hans Vaihinger — *Die Philosophie des Als-Ob*.

(1) Ed. Spranger — *Lebensformen*.

da realidade. Deste modo, a sua metafísica se torna uma filosofia da ação, uma filosofia da vida.

Bergson distingue duas espécies de conhecimentos: da inteligência e do instinto (intuição). Qual o valor do conhecimento intelectivo? "A inteligência só alcança o que há de estático no mundo: é uma faculdade prática que nos permite dominar a matéria". Aí a ligação de Bergson com o pragmatismo. Quando a inteligência quer abranger o fluxo da vida ela só o pode fazer como no cinematógrafo, pela decomposição do movimento em inúmeros quadros estáticos. Mas uma tal divisão do "vir a ser" é teórica e praticamente, a falsificação do mundo. "A inteligência — diz Bergson — é o dom que tem o homem de não compreender a vida".

"Ao lado da inteligência existe o instinto, não como forma inferior do conhecimento, mas atividade independente, com sua evolução autônoma. Se a inteligência se dirige à forma e à matéria inorgânica, o instinto atinge o conteúdo das coisas e a vida. A intuição, ou processo instintivo do conhecimento, que é eficiente e ativa, colhe o todo em sua conexão interna. Neste sentido, o conhecimento instintivo não é relativo como o da inteligência, mas absoluto."

"A inteligência decompõe o objeto em elementos conhecidos, sobretudo símbolos quantitativos, ao passo que a intuição dispensa tais símbolos, penetra diretamente no interior de um objeto e alcança tudo o que há nele de pessoal e inexprimível". Pode penetrar no movimento e na vida. Chega à essência dos seres e de todos os gêneros realidades. Por isso, a intuição é o modo de conhecimento especificamente metafísico.

Vejamos agora a concepção bergsoniana da vida. Bergson reage contra toda explicação que faça da vida um conjunto de fenômenos físico-químicos. E indica um princípio espiritual como base do processo evolutivo do universo, da "evolution créatrice". Este princípio é um impulso vital (élan vital), de que procedem tanto a matéria inorgânica como os seres vivos. A matéria inorgânica resulta de uma deficiência, de um fracasso do "élan vital". Na vida é que este princípio se revela verdadeiramente como impulso criador, livre, espontâneo, em contínuo progresso. De tal modo, Bergson é um renovador de Heraclito: só existe a mudança das coisas, o eterno "vir a ser'. De fato, Bergson vê uma única realidade no mundo: o fluxo, a passagem, a transição das coisas. Si queremos ter uma idéia do real, devemos mergulhar (pela intuição) nesta passagem, sem nos preocuparmos com as coisas que passam.

Na engenhosa antitese bergsoniana de inteligência e instinto é radical demais a separação entre ambos. Devemos estabelecer uma distinção entre o instinto e a inteligência, mas não separar o instinto do conjunto da vida psiquica. É o que empreende mostrar o filósofo alemão Müller-Freienfels em sua obra "Irrationalismus"; o instinto tem sua função própria e capital no conhecimento, sem entretanto estar separado da inteligência. Müller vê no instinto não o irmão da inteligência, como o concebe Bergson, mas o pai, de quem se originam tanto o pensamento racional quanto os modos irracionais do conhecimento ("Einfühlung" e intuição criadora). O instinto não pode ser inteiramente separado da inteligência, pois em todos os pensamentos compreensivos concorrem fatores instintivos. Assim, as categoria das causas, a idéia da causalidade, as noções de espaço e tempo e outras pretendidas formas exclusivas do pensamento, embora ulteriormente racionalizadas na ciência, sempre apresentam na vida um carater instintivo. Por meio da intuição, torna-se o mundo para nós mais do que uma fantasmagoria de idéias e de impressões sensiveis; pelo instinto percebemos a causalidade e a substância das coisas e compreendemos nossos semelhantes em sua essência viva. Finalmente, é pelo instinto que se desenvolve o mundo dos valores. A religião, a arte, a moral são coisas fósseis quando puramente racionalizadas sem um fundamento no instinto ou na vida.

Müller-Freienfels procura chegar a uma compreensão da vida através do homem. Observando a vida cotidiana, levando em conta os resultados da psicanálise, ligando a psicologia à sociologia, estabelece uma ciência geral a que dá o nome de "ciência da vida". No fundo, a sua concepção é a de Bergson: o fluxo, a transição incessante. A vida considerada como uma corrente infinita e de infinita variedade. Não o cáos porquanto há nela uma unidade, um princípio que não devemos buscar conhecer em si, em sua essência, mas fenomenalmente, pelas suas variáveis realizações ou manifestações. Este princípio deve ser espiritual, pois o mundo "vivo" não se poderia explicar pela matéria "morta".

Não é só o corpo que constitue o homem. Todos nós, pela experiência interna, podemos verificar a existência em nosso eu de alguma coisa a mais do que o corpóreo, alguma coisa que vem de nosso interior e dirige toda a nossa atividade psiquica e física: a alma. Mas não se trata de separar a alma do corpo: há entre ambos uma estreita ação reciproca. Corpo e alma são manifestações diferentes do mesmo princípio, formas da vida. A vida assume no corpo a sua forma física e na alma a sua forma espiritual (conciente).

Na vida física (corpórea) temo sa distinguir sete tendências básicas, que encontramos em qualquer ser vivo, na planta, no animal e no homem. São as seguintes: conservação, expansão, crescimento, defesa, agressividade, solidariedade e reprodução. Nesta variedade existe unidade: uma tendência é sempre condicionada por outra. Todo o nosso organismo desenvolve suas atividades para satisfazer estas tendências. Cada uma das tendências, que são impulsos vitais inconcientes, determina certos movimentos fisiológicos. O corpo está a serviço da vida.

As tendências físicas correspondem no homem outras tantas "instancias" ou direções psiquicas que, por sua vez, estão tambem a serviço da vida.

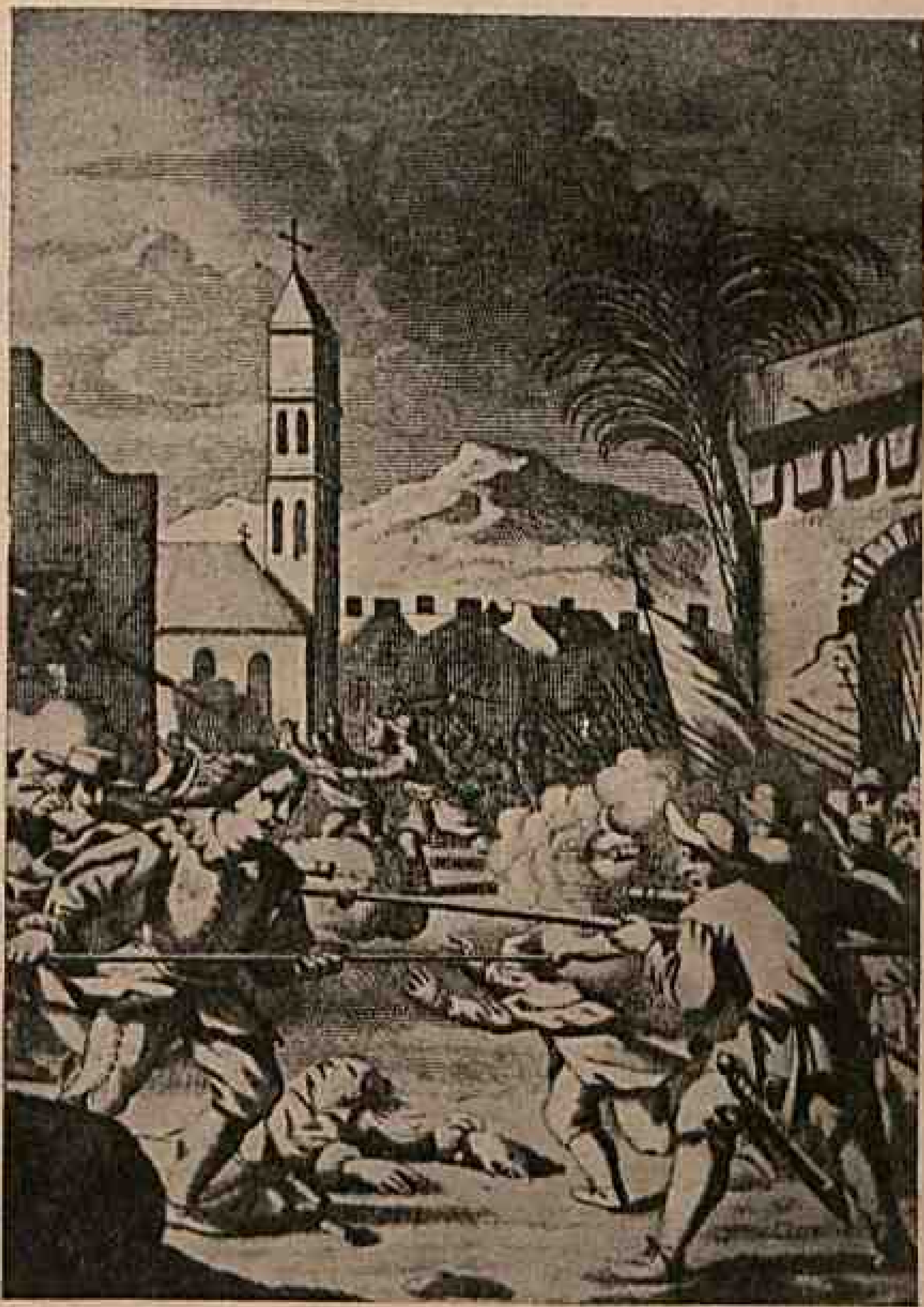
Acontece, porém, que a conciência procura se emancipar da vida. Tal emancidação resulta sobretudo de fatores sociais: da civilização, da educação, da vida social, das complicações crescentes da existência humana. Então, a vida perde o seu sentido e caímos em perversões vitais.

(Conclue no fim do ANUARIO)

Preciosidades bibliográficas ignoradas da Bibliotéca Nacional

A obra de John Esquemeling ou Oxmelin, sobre os piratas na América e o seu incalculavel valor documentario
Retratos raros de piratas das Antilhas

R. Magalhães Junior

Na Bibliotéca Nacional, de que, desde o ano de 1923, me fiz assiduo leitor, e onde entrei no conhecimento da obra literária de Dickens, Daudet, Anatole France, Balzac, Zola, Flaubert e outras figuras na época quasi ignoradas pela minha adolescência de sertanejo, tenho encontrado muitas vezes preciosidades bibliográficas que nunca sonhei ali existirem. Verdade é que há, em certos assuntos, uma catalogação muito deficiente, muito confusa. Muitas vezes tenho contribuido para melhorar a classificação de certas obras. Tenho encontrado biografias na seção de romances, e romances na seção de biografias. Não raro, os encarregados da fichagem dos livros tomam a nuvem por Juno, e catalogam, por exemplo, as "Memórias do escrivão Isaias Caminha", na seção de "Memórias", em vez de o fazerem na de romance, e nessa secção é bem possivel que um dia venha a ser encontrado o "Nilo, — o romance de um rio", de Emil Ludwig... Mas, para os iniciados, os leitores habeis, que sabem prevenir essas possiveis trocas e confusões, é ainda um lugar delicioso para leitura, e sobretudo socegadissimo. Pena é que o horário noturno seja tão limitado, quando podia ir até às 11 horas, e que aos domingos e dias feriados, — que são os dias em que os leitores ocupados em empregos durante o dia podem aproveitar melhor o seu tempo, — fique o expediente limitado a quatro horas apenas...

Ataque dos piratas a Curação. gravura do livro famoso de John Esquemeling.

Uma das raridades mais interessantes, que encontrei na Biblioteca Nacional, figura o livro de John Esquemeling, ou Oxmelin, que escreveu uma obra curiosíssima, e hoje muito valorizada, sobre os piratas da América. A vida desse homem é uma vida singularissima. Poucos homens terão vivido aventuras tão pitorescas e movimentadas, e experimentado tantos perigos quanto ele. Para que se tenha idéia do quanto vale esse livro basta dizer-se que a mais completa "História da Pirataria", a de Philip Gosse, no capítulo sobre os piratas das Antilhas se apoia exclusivamente no texto de Esquemeling, ou em deduções nele baseadas. O livro apareceu ao mesmo tempo em flamengo em 1678, e em espanhol,

em 1681, e com essa data existem dois exemplares, já bastante danificados pelas traças, na nossa Bibliotéca Nacional. Em 1684, aparecia, em Londres, a tradução inglesa, sob o título de "Buccaneers of America". As edições são ilustradas, com gravuras em madeira, reproduzindo as figuras de Henry Morgan, Bartolomeu Português, L'Olonois, Pierre François, e outros que, naqueles tempos, aterrorisavam constantemente Port Royal, Curaçáo e outras cidades das Antilhas.

Philip Gosse dá Esquemeling como um jovem francês de Honfleur, Alexandre Oliver Exquemelin. De onde, porem, o John Esquemeling que assina o livro? E o autor na versão espanhola da sua obra é apresentado como holandês e alem disso a escreveu diretamente em flamengo. Foi empregado da Companhia das Indias Ocidentais, e como tal é que se dirigiu à antiga ilha Tortuga. Em caminho, seu navio foi atacado por um grupo de corsários, que prenderam toda gente a bordo. Esquemeling foi vendido como escravo, e aprendeu com seu dono o ofício de barbeiro-cirurgião. Com o produto do seu trabalho executado em horas livres, pôde comprar a sua própria liberdade. Mas achava muito monótona a vida da ilha... e por isso se engajou num navio de piratas, na qualidade de médico. Aos poucos, ia escrevendo o seu jornal de bordo, em que descrevia os hábitos e costumes dos piratas, a fauna e a flora dos lugares por onde passava, o estado das populações que visitava. Esquemeling mostra, sobretudo, a fanfarronice dos piratas, o desejo de aparentar grandeza, tanto que, depois de uma façanha bem sucedida, de haver aprisionado um galeão espanhol cheio de ouro ou prata, iam esbanjar o produto da pilhagem em uma taverna qualquer de Port Royal ou outro lugar mais seguro, adquirindo um barril de vinho inteiro para pô-lo à porta da rua e obrigar todos os transeuntes a parar e beber em sua homenagem...

Mais curiosa, como narrativa de aventuras, do que o livro de Hans Staden sobre o Brasil, a obra de Esquemeling foi lida por Philip Gosse numa bibliotéca particular, por não ter sido por ele encontrada em biblioteca públicas. Diz Philip Gosse que os volumes editados há mais de tresentos anos "sont aujourd'hui extrêmement rares et quand des bons exemplaires sont offerts occasionellement dans une vente ils atteignent une centaine de libres ou davantage". Assim, como se vê, valem algumas centenas de libras os exemplares do livro de John Esquemeling, que se encontram na Bibliotéca Nacional. São preciosidades bibliográficas que muita gente, — mesmo esses parentes das traças que são os amadores de preciosidades do gênero, — de certo ignora que alí existam...

A crueldade de L 'Olonois é um dos capítulos impressionantes de Esquemeling. Na gravura, vê-se o pirata arrancar o coração de uma de suas vítimas e obrigar outra a comê-lo.

A VIDA HEROICA de GIOVANNI PAPINI

Omer Mont'Alegre

Nada tão lógico na vida de um artista quanto o seu idealismo; não é possivel que se realize uma obra se não existir a coordená-la uma idéia de fundo, uma finalidade a que deseje chegar; e, para tanto, é imperioso até que se seja inquieto, que não se pare em um determinado ponto, e que a pesquiza assuma proporções de uma força que não conheça anteparo nem trincheira. Talvez que então, dos que assim realizam, se possa dizer o que de Giovanni Papini disse um biógrafo:

"A vida de Gianfalco é, sobre certo ponto de vista, uma vida heroica."

Gianfalco foi o pseudônimo com que o autor de "Gog" começou a sua carreira literária, e com o qual apareceu a chefiar uma série de movimentos que deram à sua carreira literária um relevo de mérito invulgar. Nascera a 9 de janeiro de 1881; filho de pais muito pobres, de velha raiz revolucionária, cresceu num ambiente de burguesia humilde. O seu primeiro livro, "Il Crepuscolo dei Filosofi", apareceu em 1906; em 1901, porem, já se havia feito notar por um ensaio sobre a "Teoria Psicológica della Previsione" publicado na revista "Archivio per l'Antropologia", de Firenze.

Na vida real é uma figura introspectiva, em plena mocidade; depois de haver estado em contacto com figuras do pensamento italiano, sente uma onda de pessimismo; acha que a vida para si torna-se escura como uma fortaleza onde não hajam janelas; mune-se de um monossilabo para resolver todos os problemas que a existência lhe apresenta: NÃO. Faz do pensamento o seu único refúgio. "Toda vida bela me parecia uma negação: eu só, eu sem amor, eu sem fortuna." Sofre de teorismo; pretende resolver tudo com regras secas e absolutas; isto leva-o ao labirinto da negação da vida; negar era a única vingança que achava possivel contra a injustiça da sorte e a fria e silenciosa indiferença dos homens.

É, no entanto, um trabalhador honesto; constitue a sua indagação com escrúpulo e não é capaz de negar a dúvida. Desde o momento em que duvida, procura colher novos dados sobre que possa assentar o seu pensamento; esta foi em suma a grande luta que teve de sustentar durante a vida até quando encontrou o definitivo em que pôde sorver a sua filosofia. A busca em torno do pessimismo dá-lhe novos ânimos, infunde-lhe coragem porque finalmente encontra companheiros, irmãos em volta de si. Neste ambiente trava conhecimento com Schopenhauer.

Giovanni Papini em 1930

Por influência da obra do filósofo alemão refreia o entusiasmo com que vinha pensando um livro sobre o pessimismo; e acredita então ter descoberto uma fórmula de redenção da humanidade sugerindo um suicídio em massa.

No fundo, um profeta.

Em breve, porem, estava são e salvo do pessimismo; confiava na missão de apóstolo para conduzir a humanidade a uma conclusão lógica cujo fim não fosse mais o suicídio. A vida. É preciso viver porque existe a esperança; esta esperança que mais tarde chamará de "la buffa speranza".

Há sempre uma razão que justifica tudo. Passada a idade dos grandes ardores, Gianfal-

Giovanni Papini visto pelo pintor Annigoni (1933)

co começa a sentir que alguma coisa gira em volta dele; verifica que a solidão em que viveu serviu pelo menos como escudo de proteção contra toda a comum canalhice e perniciosa influência das companhias; estuda com o afinco de quem quer descobrir alguma coisa e é com absoluta conciência que se aproxima do poeta Diego Garoglio, o primeiro a lhe falar como se o fizesse de homem para homem.

O século XX, no exato momento do seu alvorecer, encontra-o em companhia de Giuseppe Prezzolini, amigo a quem ele daria um pseudônimo destinado a estar sempre ao lado do seu: Giuliano il Sofista. Os dois aparecerão juntos em "Leonardo", periódico de ação nacionalista, de artes e de letras fundado por Papini.

Giovani Papini, cumprindo o seu destino de ser um vagabundo voluvel nas questões do pensamento, fez tambem o esu estágio no monismo filosófico; acreditava então que o mundo é a própria alma, a própria vida, ele próprio. Imagina-se como sendo o único ser vivo; os outros homens ele não os pode odiar pelo injusto desprezo: mas pelo menos sorri porque já não se sente como vitima, porem senhor e dominador; tem o mundo aos seus pés. Sente ter vencido todas as dificuldades que imaginou outrora terem sido criadas para ele. E agora, acha que poderia fazer uma "Crítica de cada razão" e um "Crepúsculo dos Filósofos".

A imprensa sempre foi o grande veículo das idéias; todos os movimentos humanos, que datem do seu aparecimento para cá, tiveram nela o seu mais ardoroso apóstolo; Gianfalco, cheio de idéias, de sistemas, não poderia desdenhar a imprensa; poristo nasce "Leonardo" que circula pela primeira vez em 4 de janeiro de 1903.

Por aquele tempo, ele era "alto, magro e jovem, vestido a boêmia: qualquer coisa como uma mistura de carbonário de 1848, poeta de 1880 e anarquista de 1895". Possuia um caderninho em cuja primeira página havia escrito: "Amizades Importantes"; curioso: esse caderninho duraria até 1913 e nele não foram relacionados mais que quinze nomes.

Em 1901 tem vinte anos; havia terminado o curso da Escola Normal e ganhava sessenta liras como professor na Escola Anglo-Italiana; ganhava mais sessenta liras como bibliotecário do Museu de Antropologia. Em 1902 havia formado em torno de si um grupo literário do qual faziam parte vários ilustradores de nome, dentre os quais De Karolis, muito em voga por haver trabalhado já para D'Annunzio. É absolutamente o chefe; todos falam, dão idéias, planos, e Papini é quem coordena, aprova, desaprova, põe em execução.

O programa de "Leonardo" saiu das discussões e das palestras do grupo; "Leonardo" encerrava a própria aspiração daquela gente desejosa de liberdade, de evasão, ansiosa de universalidade, anelantes de uma vida intelectual superior que sob aquele nome se lançava para intensificar a própria existência, elevar o próprio pensamento, exaltar a própria arte.

"Na vida são *pagãos* e *individualistas*, amantes da beleza e da inteligência, adoradores da profunda natura e da vida cheia, inimigos de todas as formas de pecorismo nazareno e de servidão plebéia.

"No pensamento, são *personalistas* e *idealistas*, isto é, superiores a todos os sistemas e a todos os limites, convictos de que cada filosofia não é senão um modo pessoal de vida, negadores de toda outra existência fora do pensamento.

"Na arte amam a transfiguração ideal da vida e não combatem a forma inferior, aspi-

ram a beleza como figuração sugestiva e revelação de uma vida profunda e serena".

Em "Leonardo" Papini realiza uma campanha nacionalista; três artigos que aí pública sobre o socialismo despertam a atenção de Enrico Corradini sobre ele e seu grupo: em dezembro de 1903 Corradini fundava uma revista e chamava Papini para a chefia da redação, encarecendo-o de ampliar o programa do Partido Nacionalista. O que ele faz, nesse sentido, é um anti-programa; não cita vantagens nem nomes luminares; acha que não precisam ter programa porque onde há paixão a palavra programa deixa de existir. Isto é uma crítica aos demais partidos que "sono, quasi tutti, esclosivamente verbali".

Como índices de luta para o partido, argumenta o renascimento aristocrático, nacionalismo, expansionismo e alta cultura.

1904. O "Leonardo" está transformado em uma publicação filosófica; Gianfalco é pragmatista, chefiando mesmo um movimento que alcança repercussão no exterior dando aureola ao seu nome. William James dispensa acurada atenção aos conceitos do jovem filósofo italiano. Neste mesmo ano vai a um congresso de filosofia que se reune em Genebra; e lá conhece pessoalmente Boutroux, Bergson e Pareto; no ano seguinte, em Roma, receberia a visita de William James.

O "Leonardo" morre em 1907; Giuliano il Sofista troca o pragmatismo pelo Croceanismo em 1909; Papini sente-se deante de uma pátria sem ideal; uma espécie de cansaço, de esgotamento, põe quietude no eterno irrequieto espírito italiano.

Em Paris, em 1906, pensa em publicar um livro de idéias filosóficas da América; Bergson oferece-se para fazer o prefácio; não faz o livro, porem; outras preocupações desviaram o seu espírito; prefere fazer uma obra de revisão crítica e não de vulgarização ou de apologia. Já não olha o pragmatismo como um sistema de procura; sente o imperioso taumaturgismo, um desejo de purificar e reforçar o espírito. Pela *vontade de crer* sente a *vontade de fazer*. Esquece a filosofia em si e volta-se para a arte; ainda agora odeia a literatura.

Voltando a Roma, em 1906, ainda, publica o "Crepuscolo dei Filosofi"; Kant, Hegel, Schopenhauer, Comte, Spencer e Nietzsche, são as figuras que passam pelas páginas desta obra. É um volume polêmico; obra de demolição da filosofia e dos filósofos metafísicos.

Depois da morte de "Leonardo" Papini lembra-se que ainda não encontrou "la donna ideale, la donna che penetra davvero nell" anima e la inalza e la muta." Falta-lhe até agora a mulher que possa tomar lugar na história espiritual de um espírito, no romance cerebral de um cérebro." Finalmente "la donna ideale" aparece. Giacinta. O homem cria o seu novo ambiente. Casa-se e como que o novo estado lhe impõe novas regras de vida, pondo termo à dispersão.

Giuliani il Sofista deixa o peseudônimo e sob o seu verdadeiro nome, Giuseppe Prezzolini, funda uma revista, "La Voce"; daí, quer na revista quer nos cadernos, saem muitos novos escritores; até mesmo Benito Mussolini nos "Quaderni della Voce" com "Il trentino visto da un socialista". Papini observa acompanha, mas nem sempre aprova o trajeto de "La Voce". Acha-se em um destes estados de ânimo em que o homem fala o estritamento necessário: de renovação interior. "Un uomo finito" é o seu trabalho mais definitivo desta época; é um grito de vitória sobre si

Giovanni Papini caricaturado por Ardengo Soffici em 1913

mesmo, o documento de mais valor para o estudo de sua personalidade.

Em 7 de setembro de 1908 fora pai pela primeira vez. "Settembre era sereno, tepido come un Maggio, soave rifiorente nel suo fresco verdore, — quando uscisti dal buio, col tuo pianto selvaggio, — invocata primizia dell'aspettante amore." Em 1910 nasce Gioconda, sua segunda filha. "Dolce assonanza di biondo e celeste — armonizzata dal rosa e dal bianco — più che figliuola d'amore terrestre — ha le fattezze di un angiolo stanco."

O periodo de 1908 a 1913 foi o mais critico para o obra de Papini; há deste periodo uma obra que ele hoje repudia: "Memorie d'Iddio". Ao cessar este quinquênio pode-se dizer que enfrentou todas as filosofias, todas as concepções. Aproxima-se dos trinta anos. E compõe uma tentativa de filosofia da negação e da contradição.

Em 1913 começa uma fase de profunda reação revolucionária com a fundação de "Lacerba". Há quatro anos passados, em 1909, Marinetti lançara o seu primeiro manifesto futurista; Papini, porem, desejava viver à margem do futurismo; desde o começo de sua carreira, fazendo critica, arte, filosofia, mantivera sempre um traço caracteristico que personaliza toda sua obra por uma tonalidade de clareza e de simplicidade. Em fins de 1912 o grupo florentino chefiado por Gianfalco entra em luta com o grupo lombardo de Marinetti; Papini pronuncia então um discurso, onde concentra seu pensamento sobre Roma, a Igreja e Croce, o qual, pelo radicalismo e pelo sintético dos seus conceitos, o que não deu margem a amplas exposições, acarreta iras da imprensa contra o florentino. "Lacerba" circularia até 1915.

A Itália talvez tenha sido, dos adversários dos impérios centrais na conflagração de 1914-1918, aquele cuja entrada na liça custou mais em luta interna; a opinião pública sumamente dividida oferecia campo para longas dissenções; Papini desde o começo das hostilidades fez campanha pela imediata intervenção italiana; quando Mussolini deixou o Partido Socialista para fundar o "Il Popolo d'Italia", Papini se pôs ao lado dele como colaborador do jornal, sem dúvida o maior responsável pela decisão italiana de intervir.

Queria ir às trincheiras lutar como soldado. Submete-se a inspeção médica militar e o resultado foi negativo; era extremamente franzino e barbaramente miope; vai a Roma e lá requer nova inspeção; novamente negativo o resultado. Desejou ir para o estrangeiro, fazer propaganda da Itália nos paises neutros; por medida de economia lhe negaram ainda a realização deste desejo. Publica então, "La paga del Sabato", outro livro que ele excluiu depois das obras completas. É um livro pela guerra em que justifica a entrada da Itália ao lado dos aliados "por motivos gerais quasi metafisicos, de necessária defesa contra uma certa cultura, uma determinada civilização, uma certa grandeza hostil e repugnante que se fez carne e ferro na Alemanha."

Ele que não conseguira permissão para ir às trincheiras como Tolstoi fora ao Caucaso, defendia no prefácio o direito de que os homens de cultura deveriam ser resguardados dos riscos da guerra. "Un uomo di talento non si refabbrica da um momento all'altro. Ci dovrebbe essere una legge protettrice dei più degni come c'é per le vecchie chiese e per i paesaggi. ...Peguy e Serra sarebbero stati assai più preziosi alle patrie loro vivendo che facendosi amazzare come semplici combattenti sostituibili."

Finda a guerra redige em Roma o cotidiano "O Tempo"; o após guerra, doloroso tanto para o vencido como para o vencedor, traz para ele amargas desilusões; em 1919 funda em Firenze uma revista redigida em francês: "La vraie Italie", órgão de intercâmbio intelectual. Entra em um periodo de misticismo.

Solitário e individual o seu misticismo conduziu-lo ainda à procura do Absoluto. Em 1919 dá-se a sua conversão ao catolicismo e começa a escrever a "Storia di Cristo". As desilusões que lhe advieram após a guerra levaram-no a procurar um refúgio seguro para o pensamento; dedicara-se à leitura do Evangelho; demorara-se especialmente no Sermão da Montanha; ai concluira que para poupar à humanidade uma nova catástrofe igual àquela que viera de assistir seria necessário que a própria humanidade tivesse coragem de mudar de pensamento. Não se converteu para fugir à ação. Compreende que "l'opera più difficile e dolorosa per il cristiano comincia proprio dopo la conversione."

Em março de 1921 vinha à luz a "Storia di Cristo" que, na sua obra, até hoje é o ponto mais alto. Nesta fase seguiram-se outras obras de grande importância: "Operai della Vigna", "Sant'Agostino", "Gog", e "Dante vivo".

Não resta dúvida que o tormento de Papini é o seu maior titulo de glória; a sua luta, a

(Conclue no fim do ANUARIO)

Um sábio e um conspirador, no Rio de Janeiro, durante a Regência

Melo Barreto Filho

Carlos Darwin.

Foi durante a menoridade de D. Pedro II, no chamado periodo da Regência trina definitiva (Lima e Silva, Braulio Muniz e Costa Carvalho), em princípio de 1832, que o Rio de Janeiro recebeu a visita de Carlos Roberto Darwin, que então contava 23 anos de idade.

Após viagem tormentosa, iniciada em Devenport, a 27 de dezembro de 1831, o famoso naturalista inglês aqui aportou a bordo do brigue *Beagle*, que se propunha viajar à volta do mundo em investigações científicas.

Em visita de cortesia ao general Francisco de Lima e Silva, este, que era dedicado a assuntos de mineralogia e botânica, dispensou entusiástico acolhimento ao jovem hóspede, recomendando ao intendente geral da Polícia que pusesse à disposição de Darwin, que os aceitou desvanecido, todos os recursos necessários à realização das excursões, algumas verdadeiramente arriscadas, que, declarara, pretendia fazer, e realmente fez, dias e dias seguidos, nas densas matas que circundavam a cidade, especialmente nas da Tijuca, Santa Teresa e Gávea, não sendo raro regressar delas já noite fechada.

Durante o tempo que permaneceu no Rio de Janeiro, Darwin residiu em Botafogo, numa grande casa edificada junto ao contraforte do Corcovado, aí preparando as várias e preciosas coleções de insetos referidos, mais tarde, nas páginas da *Viagem de um naturalista em volta do mundo*.

"Minha casa, escrevia Darwin, era no sopé da bem conhecida montanha do Corcovado, e aí me ocupava frequentemente em estudar as nuvens que, vindas do mar, passavam pela parte mais elevada do Corcovado. Aí ficava eu, a ouvir rãs, cigarras, grilos, gozando, imovel, o concerto noturno até ser distraido pelo vôo, de esmeraldinos fulgores, dos pirilampos em luz para entrar na treva."

Na segunda vez que esteve no Brasil, em agosto de 1836, Darwin não veio ao Rio de Janeiro; visitou as cidades da Baía, Recife e Olinda.

Na obra *Vida e Correspondência de Carlos Darwin*, publicada pelo seu filho Francisco Darwin, há uma série de cartas datadas da Baía e do Rio de Janeiro (Botafogo). Em todas elas há observações científicas de alta valia, cheias de admiração e entusiasmo diante da maravilhosa paisagem brasileira. Talvez a exclamação de hoje, tão divulgada em prosa e verso, seja uma paródia da que brotou, há um século passado, nos lábios do grande sábio: — Paisagem maravilhosa!

Eis aí algumas observações colhidas ao acaso em sua correspondencia:

"Nada pode imaginar-se mais belo do que a antiga cidade da Baía, cercada por uma flo-

resta enorme de árvores luxuriantes, de cujo declive rápido se dominam as tranquilas águas da Baía de Todos os Santos. São altas e brancas as casas, e as janelas, estreitas e longas, imprimem-lhe um aspecto de ligeireza e de elegância. Os conventos, os pórticos, os monumentos públicos variam a uniformidade da casaria; está coalhado de navios o pôrto; e pode realmente dizer-se que esta paisagem é uma das mais belas do Brasil. O prazer delicioso de divagar no meio de tão lindas flores, de árvores tão belas, não pode ser compreendido senão por quem o experimentou já. O clima convem-me imenso e faz-me sentir o desejo de viver tranquilamente e durante algum tempo neste lindo país."

....

"Em terra, quando percorro estas florestas sublimes, cercado de vistas maravilhosas, sinto um prazer que poucas pessoas poderão compreender completamente."

....

"Vi agora, pela primeira vez, uma floresta tropical em toda a sua majestade sublime. Só a realidade pode dar uma idéia da magnificência prodigiosa desta paisagem."

....

Ainda durante a menoridade de Pedro II, na época da regência una definitiva, em 1837, Feijó no govêrno, surgiu, no dia 10 de janeiro, na baía de Guanabara, deslisando garbosamente, comandada pelo capitão de mar e guerra Henrique Villeneuve, uma elagante fragata francêsa para a qual se voltaram atentamente não só as vistas da população, mas, de modo muito particular, as do intendente geral da Polícia.

Era a *Andromede*, que trazia a bordo rumo da América do Norte, o príncipe Luiz Napoleão Bonaparte, que foi, quinze anos mais tarde Napoleão III.

Como era natural, tratando-se de um conspirador deportado, a Polícia, de acordo com as providências desde logo assentadas pelo padre senador Diogo Antônio Feijó e pelo ministro de Estrangeiros Gustavo Adolfo de Aguiar Pantoja, ficou de sobreaviso, impedindo comunicações desnecessárias com a *Andromède*.

Luiz Napoleão Bonaparte, em 1834.

Ao contrário do que sucedera a Darwin, Luiz Napoleão Bonaparte não logrou pisar terras cariocas. É que a regência, para evitar possíveis complicações, afastou, com energia e acerto, a hipótese sugerida oficiosamente, no momento da chegada da fragata francêsa, no sentido de ser permitido o desembarque do futuro imperador dos franceses, de 1852 a 1870.

Reptis Fosseis da Gondwana no Rio Grande do Sul

Carlos de Paula Couto

Entre os Estados do Brasil, o Rio Grande do Sul é um dos que teem, ultimamente, fornecido à Paleontologia a maior quantidade e diversidade de material fossil de grande valor, mui principalmente no que diz respeito à Palaeozoologia e ao ramo dos Vertebrados.

Diversas expedições estrangeiras, entre as quais citamos a enviada pela Universidade de Tuebingen (Alemanha), sob a chefia do célebre paleontologista barão Friedrich von Huene, especialista em reptis permotriassicos (1927-1928) e a enviada pelo Museu de Zoologia Comparada da Universidade de Harvard (Cambridge, EE UU.), em 1932, sob as ordens do paleontologo I. C. Price, teem percorrido o Estado, em busca de material novo para a ciência.

A Friedrich von Huene, principalmente, devemos importantissimos trabalhos sobre os repteis triassicos do Rio Grande do Sul, tendo o grande naturalista alemão fundado diversos gêneros e espécies novos.

Quandto a Price, não nos deu ainda o resultado de seus estudos.

Um dos tipos mais interessantes, fundado por Huene sobre restos retirados das camadas triassicas do Estado, é o *Stahleckeria potens* (gênero e espécie novos), assim denominado em homenagem ao seu ajudante, o sr. Rudolf Stahlecker. O *Stahleckeria* era um reptil de grande talhe (Fig. 1), da ordem dos ANOMODONTES. Foram encontrados três crâneos e diversas outras peças esqueléticas, sendo que o maior dos craneos mede 68 cms. de comprimento, por 74 cms. de largura.

O *Stahleckeria potens* é um próximo parente do *Kannemeyeria simocephala*, fundado por Seeley, do Trias da Africa meridional, mas o seu craneo é muito mais largo e relativamente mais curto que o deste, principalmente na região parietal.

O encéfalo do maior dos ditos crâneos foi reconstituido com gêsso, distinguindo-se pelo seu pequeno comprimento.

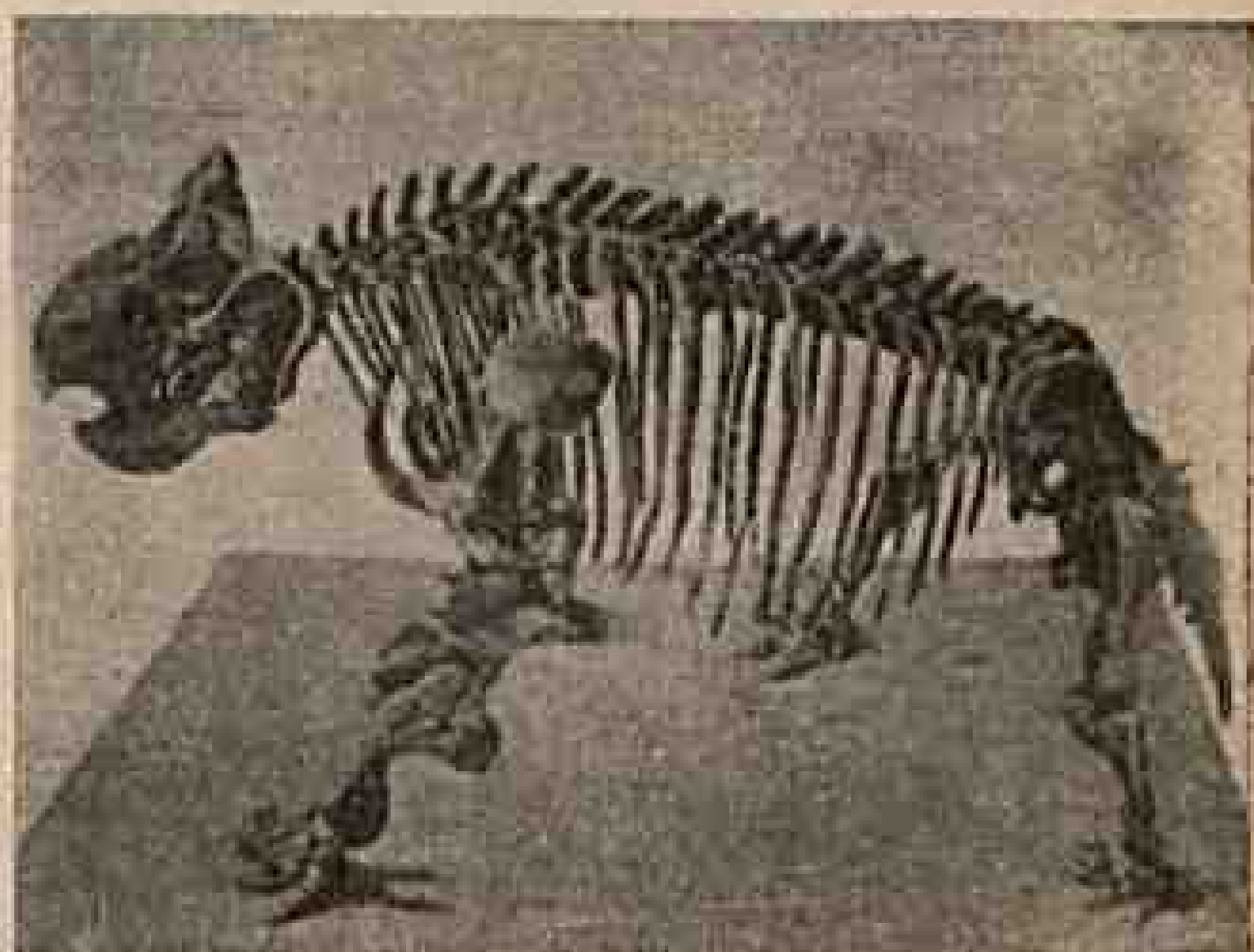



Fig. 1 — Esqueleto de **Stahleckeria potens**, de F. von Huene, exposto no museu de Tubingen (Alemanha). Procedencia, Santa Maria, Rio Grande do Sul. Tamanho, nesta posição: Comprimento: 3,m41 Altura: 1,m85.

De cada lado da cavidade craneana, acha-se, alem dos orifícios que serviam de condutos aos nervos e vasos, uma depressão hemisférica no fundo do encéfalo, para a cochléa. A sela turcica é mui alta. O epipterigoide distingue-se pela sua altura e larga base, notando-se entre ele e o quadrato um intervalo que foi, sem dúvida, ocupado em vida por um resto persistente de cartilagens palato-quadratas.

A mandibula apresenta um prearticular em forma de longa e larga lamela cuja metade anterior é coberta pelo esplenial, de modo que, estando o maxilar inteiro, dá o prearticular a impressão de que é muito menor. O complementar é longo, sendo totalmente coberto pelos suprangular e dental.

Os maxilares são desdentados, mas apresentam um processus caniniformis bem desenvolvido.

O número das vértebras pre-sacrais deve ter sido — segundo Huene — de 25 ou 26. As vértebras são curtas, principalmente as cervicais, apresentando longas e estreitas apófises espinosas, engrossadas na região sub-dorsal. O sacrum é composto por 8 vértebras, sendo a

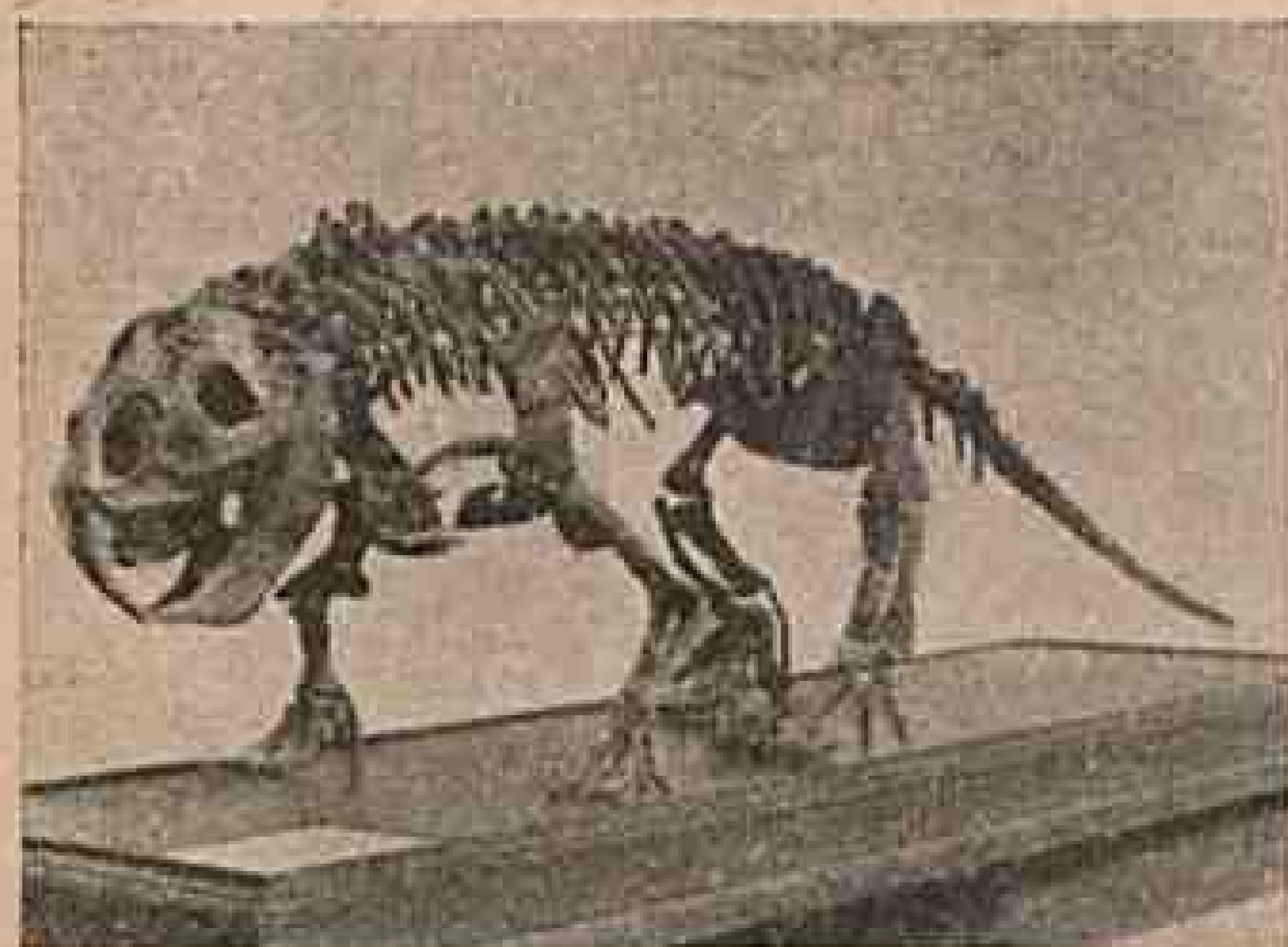



Fig. 2 — Esqueleto do **Cephalonia lotziana**, de F. von Huene, retirado da escavação 23, em S. José, proximo de Santa Maria (R. G. do Sul), no ano de 1928, e preparado e armado em Tubingen, em 1939.

cauda curta. O húmero é tosco e curso. O cúbito apresenta um alto olecranon. O pubis e o isquion são relativamente pequenos, soldados entre si, deixando uma "fenestra obturatoria". O femur tem uma enorme cabeça hemisférica apresentando-se o seu grande trocanter em forma duma longa crista. A tibia é mui curta. O perôneo é longo, sendo a sua epifise distal encurvada para o lado da tibia. As mãos e os pés são dotados de garras, sendo os pés menores que as mãos.

Outro tipo interessante é o *Cephalonia lotziana* (Fig. 2), reptil da ordem dos RINCOCÉFALOS, próximo parente do *Scaphonyx Fischeri*, fundado em 1903 por A. S. Woodward sobre restos esparsos, provenientes da célebre jazida triassica da Alemôa, proxima de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, assim como do atual *Sphenodon* (*Hatteria*) *punctatus*, reptil de caracteres primitivos, considerado como uma verdadeira reliquia de priscas éras geológicas.

O *Cephalonia lotziana* foi fundado por Huene sobre diversas peças esqueléticas, descobertas em 1928, em São José, nas proximidades da cidade de Santa Maria.

Um dos crâneos encontrados está mui bem conservado, apresentado, entre outros detalhes notaveis, um epiterigoide em forma de machado, cuja base é adjacente à lamela pterigoide que conduz ao quadrato. O palato é desdentado. A dentadura é, de certo modo, destinada a triturar os alimentos, pois a afiada aresta dental cai sobre o largo sulco que se nota na arcara dentaria. As longas premaxilas e as pontas dos dentalia, que sobressaem lateralmente da mandíbula, dirigindo-se para cima, são próprios para escavar o solo e deviam servir ao animal para arrancar da terra os rizomas de certas plantas que entravam na alimentação de tais reptis.

A coluna vertebral apresenta 8 vértebras cervicais, 17 dorsais, 2 sacras e mais de 30 caudais. As cervicais são curtas e aquilhadas inferiormente. As dorsais teem diapófises curtas e grossas, sendo as apófises espinosas compridas, no sentido longitudinal das vértebras e baixas. A omoplata é larga e se distingue por um acentuado engrossamento no bordo anterior, no ponto de contado clavicular. O coracoide apresenta uma estreita e profunda incisão, em vez de um foramen destinado aos condutos nervosos. A mão tem quasi a mesma estrutura do pé.

As duas formas reptilianas fosseis que acabamos de citar são novas, assim como os *Dicynodon turpior* e *tener*, *Chiniquodon theotonicus*, *Belesodon magnificus*, *Traversodon stahleckeri*, *Prestosuchus chiniquensis* e *loricatus*, *Rauisuchus tiradentes*, *Procerosuchus celer* e *Spondylosoma abscondidum*, todos fundados por Huene sobre material fossil recolhido no Trias do Rio Grande do Sul, o que é bastante para demonstrar o alto valor do grande Estado sulino, como campo de investigação paleontológica. O Estado, aliás, é considerado pelos paleontólogos que o conhecem como um verdadeiro "celeiro paleontológico", o que explica a atração que tem exercido sobre os centros culturais nacionais, e estrangeiros, que a ele teem enviado expedições científicas importantíssimas, chefiadas por técnicos de valor indiscutivel.

"A Cêia do Senhor" — "O CRISTO

Leonardo da Vinci.

Há renascimento da pintura mural?

Jornais e revistas do mundo inteiro teem se ocupado de maneira tão insistente com a pintura mural, nestes últimos anos, que a impressão que o grosso público recebe, dessa atividade da reportagem, é a de um renascimento dessa velha especialidade dos pinceis.

Mas tratar-se-á efetivamente de um renascimento, — com todos os caracteristicos desse amplos movimentos do espírito, com forças novas, conceção própria, impulso histórico? Será um movimento de pintura... ou um movimento de publicidade jornalistica? A pintura mural é, quasi, a pintura dirigida. Tem fregueses ruidosos, — Sindicatos, Clubes, Biblioteca, Igrejas, predios públicos; o que não acontece com a pintura de cavalete, que recebe moldura, é vendida ao particular e levada para a sala de jantar...

O que parece real é que toda a pintura continua possuindo adeptos cheios de vida, e tambem os especialistas de outros gêneros recebem da imprensa mundial a atenção merecida.

Não há dúvida que se processa uma renovação na arte, — mas, em pintura, antes de atingir a mural, ela penetrou a de cavalete. Si se enuncia Diego de Rivera e seus paineis ciclopicos, tambem se cita Picasso e sua profunda revolução.

O tema é amplo e permite mil e uma nuances de opiniões, variando em torno um conceito central.

De qualquer modo há a reconhecer um certo grupo de muralistas que, em vários países, está realizando uma experiência sensacional. Causam debates, escândalos, choques de opinião: e em meio à ruidosa publicidade que despertam poucos sabem medir até onde vai a exclamação de admiração sincera para começar a da bajulatória snob. Diego de Rivera é certamente o mais famoso dos modernos, e suas entrevistas são vasadas numa linguagem de quem enuncia a regra nova. A sua intenção parece ser a de reajustar a pintura mural com o espírito do século XX, no mesmo proposito "funcional" que orienta a arquitetura.

Diante de tanto sucesso logrado pelos muralistas modernos junto à imprensa e tambem junto à

crítica, seria interessante ter-se a opinião de observadores daqueles artistas precisamente afastados desse gênero de pintura. Na *"Sociedade Brasileira de Belas Artes"*, refúgio de um punhado de pintores brasileiros, encontra-se sempre quem possa dar opinião sobre temas dessa natureza. Duas perguntas enunciadas a eles: — 1.º Há renascimento da pintura mural? 2.º Quais os caraterísticos modernos da pintura mural? — levantaram um verdadeiro rumor de polêmica, em meio àquela Sociedade.

A OPINIÃO DE JORDÃO DE OLIVEIRA

O pintor Jordão de Oliveira, é uma das personalidades mais vigorosas da pintura contemporanea no Brasil. Prêmio de Viagem à Europa, ele é desses para quem a excursão não valeu apenas para ter um passaporte com carimbos de alfandegas invejaveis e malas com timbres de paquetes internacionais. Viu e soube ver. Inteligente e culto, é acostumado a enunciar perfeitamente o seu pensamento, sempre bem informado sobre o movimento artístico de hoje e suas correntes:

— Renascimento... Acho, franquesa, um pouco forte a classificação, para os dias que correm. Sí da própria Renascença a opinião corrente é que foi decadência da pintura mural, a partir de Gioto...

— E hoje?

— Penso que se não deve chamar de Renascimento, com R maiusculo, à atividade de um ou outro pintor de talento, que aquí ou alhures, tenha tentado a pintura mural, por economia de algum abencerragem ou por curiosidade. Entretanto fora de esperar que um sério movimento, no gênero, já se estivesse processando. Sim. Porque a verdadeira pintura mural é filha da arquitetura. E a arquitetura, não há negar, do engenheiro Vicat e dos irmãos Perret, na França, e de Burham, em New York, até os nossos dias, vem oferecendo a melhor oportunidade à eclosão de um grande movimento na pintura mural, do primitivo afresco.

Fez uma pausa e continuou:

— Eu, por exemplo, sou dos que pensam que a pintura mural pode ser executada a óleo mesmo, marouflée, como o fez Puvis de Chavanes. Amanhã, por essa ou por aquela circunstância, se pretende demolir ou reformar internamente um edifício, a tela será retirada, sem prejuizo to-

"A Cêia do Senhor" — "JUDAS"

Leonardo da Vinci.

Quadro da Capella Sixtina — Quando J. C. instituiu o Papado.

tal. Mas isto quando se trata de paineis de relativa proporção. Em certos monumentos arquitetonicos modernos, de cimento armado, há paineis por exemplo que só o afresco se aplica bem. Porque no edificio moderno, as grandes superficies não poderão receber as mesmas decorações que se pintavam outrora, subordinadas à classica linha de composição. Hoje, elas teem que usar de linguagem esquemática, sem abuso de linhas curvas e, consequentemente, do movimento. Há quem reprove até a perspectiva e o modelado que, dizem, "furam" a parede. Puvis de Chavannes já o havia previsto, com a sua aproximação das verdadeiras fontes primitivas.

Jordão de Oliveira inicia com segurança as suas considerações sobre a pintura mural e a arquitetura.

— Os primitivos cheios de fé e dentro da mais rigida disciplina corporativa, formaram, com os arquitetos, notavel concerto! Hoje ainda, Maurice Denis, Mottez e outros, na França; Severini, na Itália; Diego de Rivera, no México e nos Estados-Unidos, e poucos mais, procuram não se afastar do verdadeiro caminho. As primeiras construções monumentais de Chicago, a partir de 1890, colimaram fim puramente econômico. É a lição dos historiadores do assunto. Data da sua introdução em Nova-York a preocupação do bom gosto, aliada a outras preocupações de carater cientifico. De modo que esse grande movimento foi adiado, — em parte devido a fatores puramente econômicos; em parte, ao personalismo da maioria dos pintores ainda imbuidos do espirito do Renascimento. Razão tem Peladan ao dizer que, no século XVII, a literatura "perdeu" a arquitetura e que esta, hoje, tem por inimigos os pintores. Não é frequente, como era de esperar, essa tão desejada unanimidade. Entretanto os pintores, se se dessem ao trabalho de pensar mais demoradamente, não perderiam a oportunidade de fazer trabalhos em que se acusasse fortemente a sua personalidade, se eles a teem, pela mesma razão que o arquiteto não a perde por subordinar-se às dimensões de um terreno.

— E quanto à arquitetura moderna?

— O arranha-céu oferece a melhor oportunidade, como quiz dizer, à pintura monumental do afresco. Desde que o pintor acerte a mão no carbonato de cal, não há pintura mais higienica, mais duravel, podendo ser lavada até, periodicamente.

— E o afresco?

— O afresco, como sabe, foi um dos processos mais simples, no seu tempo. Por via dessa simplicidade mesma, foi que os seus mestres não se preocuparam com deixar documentadas muitas das mais comesinhas receitas. Cenini, escrevendo sobre a aplicação do afresco, dirigiu-se apenas aos seus contemporaneos, a quem, implicitamente, sabia muitas coisas a que ele não se quiz dar o trabalho de referir. É a observação judiciosa de um ilustre pintor de afresco, Costin Petresco.

Restauração das famosas pinturas da Capella Sixtina.

Daí o insucesso, muitas vezes, de gênios como Rafael, de quem se prova ter retocado a têmpera algum dos mais notaveis trabalhos, no Vaticano, e do próprio Leonardo, o Atlante da Renascença, a maior vítima do senso crítico, na história da arte.

Finalizando suas observações, Jordão de Oliveira estende-se sobre a pintura mural, em seus representantes contemporaneos:

— Na América do Norte, Diego de Rivera, ao lado de ilustres discípulos, tem realizado afrescos, dentro da verdadeira compreensão de simplicidade, de magnifica pobresa, mesmo. No Brasil, Henrique Bernardelli pintou, há anos, retratos para a fachada da Escola Nacional de Belas Artes, e atualmente, Cândido Portinari, terá realizado notavel trabalho, no gênero, se conseguir transpor, para o afresco, os esplendidos cartões projetados para o Ministério da Educação e Saude. É o que lhe posso responder. Enfim, como o presente engana tanto...

FALA MANOEL SANTIAGO

Manoel Santiago, outro fino artista brasileiro merecedor do Prêmio de Viagem que lhe conferiram, com sua personalidade de realizações suaves e frescas, amante de indicar, de esbater, despresando as grandes explosões, as violências de temperamento, faz bem a manifestação da sua personalidade. É um homem fino, amavel, quem empunha os pinceis; uma pessoa que desejaria, para todos os conflitos da humanidade, as amoraveis soluções da cortezia e da generosidade.

Sua resposta foi simples e direta:

— Onde existir progresso e construções arquitetonicas vem logo o renascimento da pintura. Nenhum povo culto e de bom gosto constroe palácios, edifícios públicos, escolas, teatros e biblioteca, sem ornamentar as suas paredes de pintura decorativa ou quadros de cavalete.

Depois de resumir tão incisivamente sua opinião sobre a permanencia contínua da pintura, na sociedade humana, responde sobre o carater dos murais:

— O característico da pintura mural é ser pintada para fazer parte de decoração da parede. Pode ser pintada diretamente no muro, ou como vulgarmente se faz hoje, pintando em tela e pregando na parede. Muitos são os modernos que fizeram decorações, mas para mim, depois da Renascença, só Puvis de Chavanne fez qualquer coisa de novo. E até agora ninguem o suplantou.

TITO LIVIO CRÊ NO RESSURGIMENTO

— Acho que não se pode chamar Renascimento a determinado fenômeno que está em ligação direta e íntima com a função de vida do espírito. Para mim o termo justo será Ressurgimento. Há sim, Ressurgimento na Pintura Mural. Renovação total, com um carater nitidamente revolucionário. (Revolução: adaptação, espírito de totalidade, dinamismo). Simplesmente quanto ao aspecto tematico. Estagnação na realização química dos processos pitóricos.

Tito Livio, fino poeta, escritor de penetração muito aguda é destes que trocam as rodas maldizentes das livrarias e dos cafés literários pela companhia boémia, instintiva e tão densa de significações humanas, dos pintores. Ama construir e resolver problemas de estética. E sem falar como um homem de pincel, prefere analizar a questão sob um ângulo mais amplo, o da história social da arte, região tão pouco frequentada:

— A pintura mural, como a arquitetura (quasi num estado de interdenpendencia artística) foram as artes quo sempre refletiram com mais fidelidade o carater de determinadas épocas. Pela Pintura Mural e pela Arquitetura podem-se apontar o períodos de maior progresso, de mais alta civilização industrial e artística. E como os Estados sempre se mantiveram à frente dos principais consumidores desse gênero de pintura, ela só conheceu períodos de menos esplendor, justamente nas ocasiões em lutas desagregadoras ou

em declínio de progresso industrial e agrário, paralizada toda a atividade do pensamento renovador.

— Como colocar a pintura mural, dentro dessa produção social?

— Pela sua própria natureza (dimensões, possibilidade de duração, ligação direta com as massas — Foruns, Teatros, Termas, etc.), ao contrário da pintura chamada de cavalete, com uma finalidade de exclusivismo particular e burguês, pintura de museu, pode não ser considerada arte pura, uma especie de sub-arte, tendenciosa, manequim que se ajusta aos figurinos das épocas. Mas, embora com essa classificação, ela é o documento mais vivo e o que melhor retrata a fisionomia moral e social do seu tempo. Ela foi sucessivamente mitologica e guerreira (e, sob esses aspectos, conjuntamente com o baixo relevo, que é a escultura mural, foi essencialmente episodica) — religiosa, e hoje, é sobretudo humana.

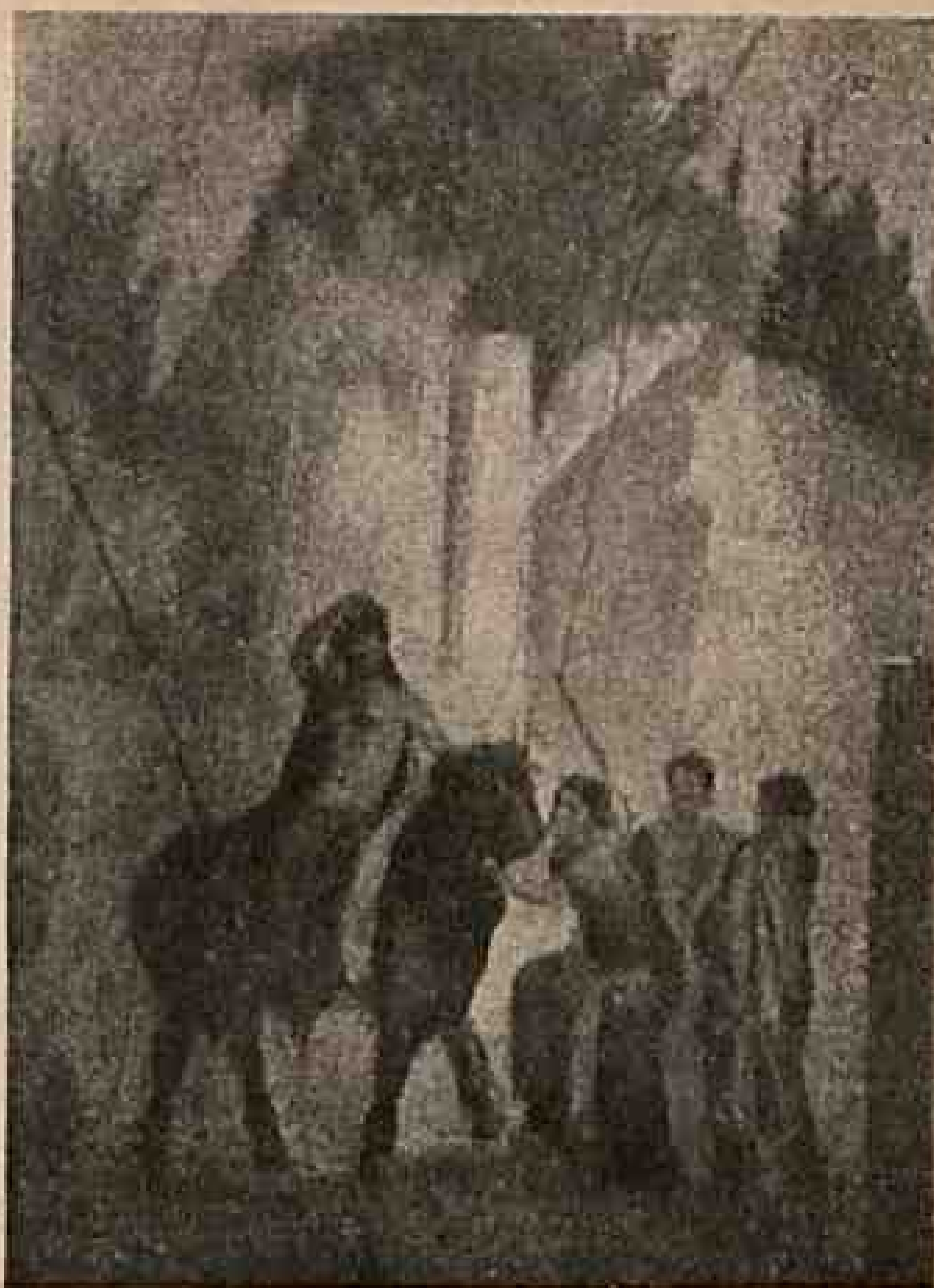
Penetrando sempre mais no tema desta entrevista, o espírito crítico de Tito Livio vai expondo o processo de elaboração, e estagnação da arte, sobre as estruturas sociais:

— Essas fases de estagnação e vulgaridade acusam os momentos em que o mundo estava mais vazio do sentido humano da Arte como função precipua de Vida. Arte pela Arte é uma coisa sem significação. É um baboseira romantica.

A pintura mural contemporanea recebe, do entrevistado, uma análise de suas origens histórico-sociais:

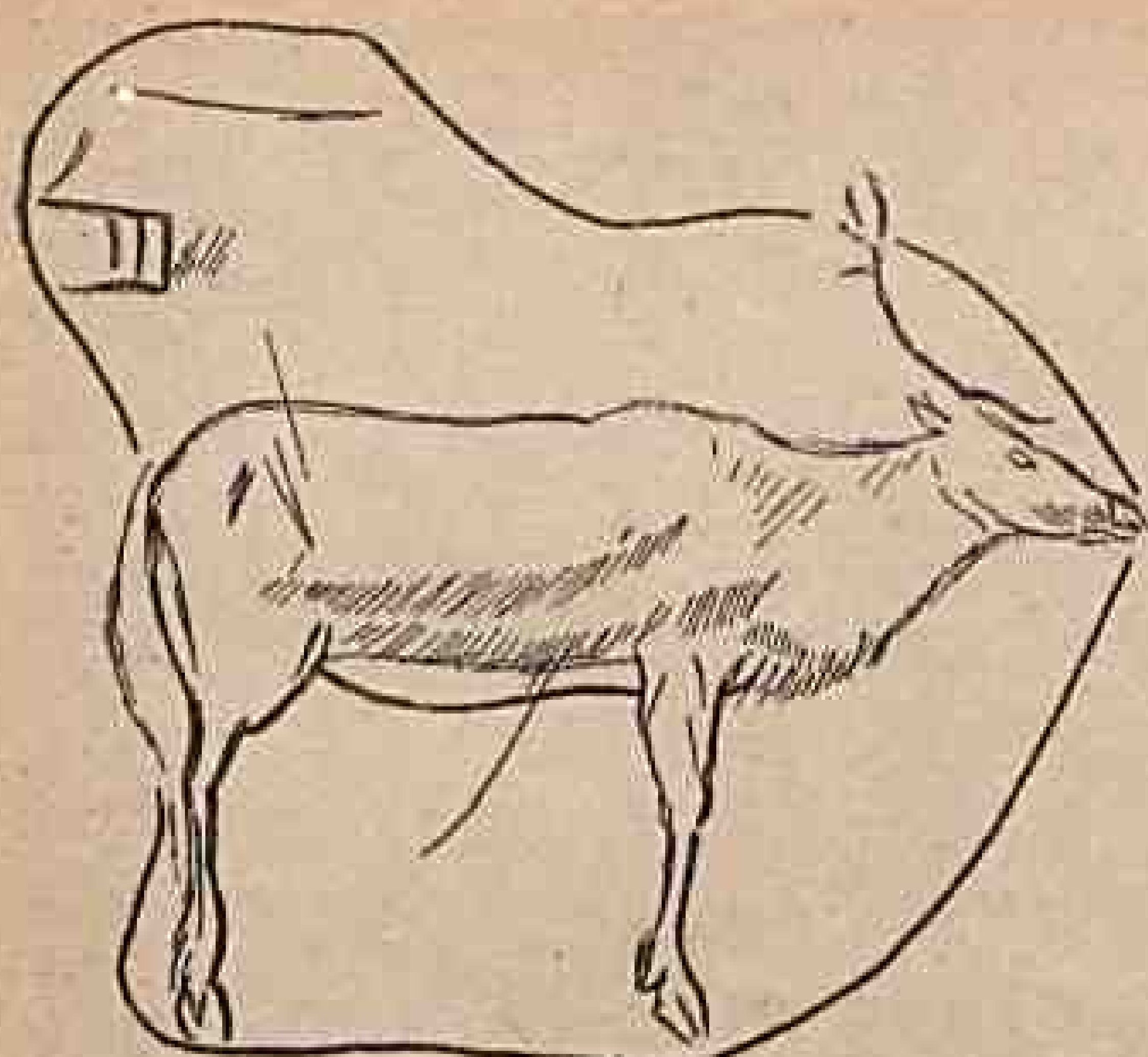
— A moderna pintura mural, como não se podia desviar das suas funções, é hoje, essencialmente de tese social. Apologetica do valor humano, como fator do desenvolvimento. (Valor humano, classes trabalhadoras e produtoras.) Exclusão dos agrupamentos parasitários. O grande tema moderno "Capital e Trabalho" tem na pintura o seu paralelismo histórico-artístico. A pintura de cavalete tem correlação com o "fato" Capital, enquanto a pintura mural tem ligação estreita com o "fato' Trabalho. Sob o ponto de vista plástico, a moderna pintura mural afastou-se dos velhos canones. É mais psicológica do que anatómica. Mais sintética do que descritiva. Exposição rápida do tema. Um super realismo que se confunde por vezes com idealismo. É bem o espelho sintético do nosso tempo.

Tito Livio fez uma pausa, e prosseguiu:

— Dir-se-á que lhe falta o sentido eterno da Arte. Que é nazista na Alemanha, fascista na Itália, bolchevista na Russia ou socialista no México. Mas isso é um motivo para se dizer que ela é o documento mais tacito do espírito ansioso deste meiado do século, mosaico de doutrinas, de ideais e de destinos a cumprir. Ela fixará admiravelmente esta série de experiências. E não será eterna porque a arte nunca teve essa pretensão. Eternos são unicamente os motivos da arte. No Brasil só vejo uma experiência digna de credito e de respeito: Cândido Portinari. Ver-se-á, mais tarde, se esse artista compreendeu bem o seu tempo.

"Rapto de Europa" outra pintura mural que sobreviveu á destruição de Pompeia.

A RESPOSTA DE VICENTE LEITE

Paisagista dos de maior valor, dos que o Brasil já produziu, Vicente Leite ocupa um lugar de credito na admiração de todos, entre os artistas nacionais, conquistado por seu valor sempre e sempre reafirmado. Falou sobre o problema de arte que lhe apresentamos, com a mesma franquesa translucida, a mesma hospitalidade arejada que mete a pinceladas em suas telas, em suas paisagens cheias de ar, de sol, de distâncias.

— Não há renascimento da pintura mural, (que muitos acham erroneamente ser somente a pintura afresco) porque ela nunca morreu. Apenas com o progresso da química, que hoje nos permite realizar toda a sorte de pintura a óleo, tem havido menor preferência é claro, pela pintura daquele gênero, — o afresco. Todo pintor

Desenho de renas da epoca madalenense

tem sua época de passeios pelos diferentes gêneros de pintura e alguns se demoram mais tempo neste ou naquele, porem de resto, todos amam indistintamente, a pintura de cavalete ou a mural, e quando há oportunidade de realizarem grandes obras, preferem o gênero que mais lhe agrade. Não destaco nenhum mestre na pintura mural universal porque todos eles, antes de o serem neste particular, já o eram na de cavalete, salvo Miguel Ângelo que passou de escultor a pintor ou a arquiteto sem estagios; mas Miguel Ângelo, como se sabe, foi um semi-deus...

O QUE DIZ PORCIUNCULA DE MORAIS

Vigoroso, sincero, exhuberante, Porciuncula de Morais respondeu às nossas perguntas, na tarde em que visitamos os pintores da Sociedade Brasileira de Belas Artes, com a lealdade que tão largamente o caracterisa:

— Não há renascimento porque a pintura mural nunca esteve morta; revestiu-se de novos aspetos, apresentou-se com novas modalidades, isso sim. O homem, desde tempos remotos, já patenteia essa necessidade ritmica de ornar a sua morada e logares de reunião. Nos desenhos ruprestes e nas pinturas das cavernas temos as primeiras tentativas da pintura mural. Com o aparecimento da pintura a óleo, nos meiados do Renascimento, os artistas notaveis a proporção que se adaptavam ao novo processo, iam despresando os outros. Assim os grandes paineis de encomenda dos govêrnos e de carater público, deslocavam-se automaticamente dos muros para os cavaletes.

Estabelecendo a diferença entre a pintura mural e a de cavalete, Porciuncula de Morais opina:

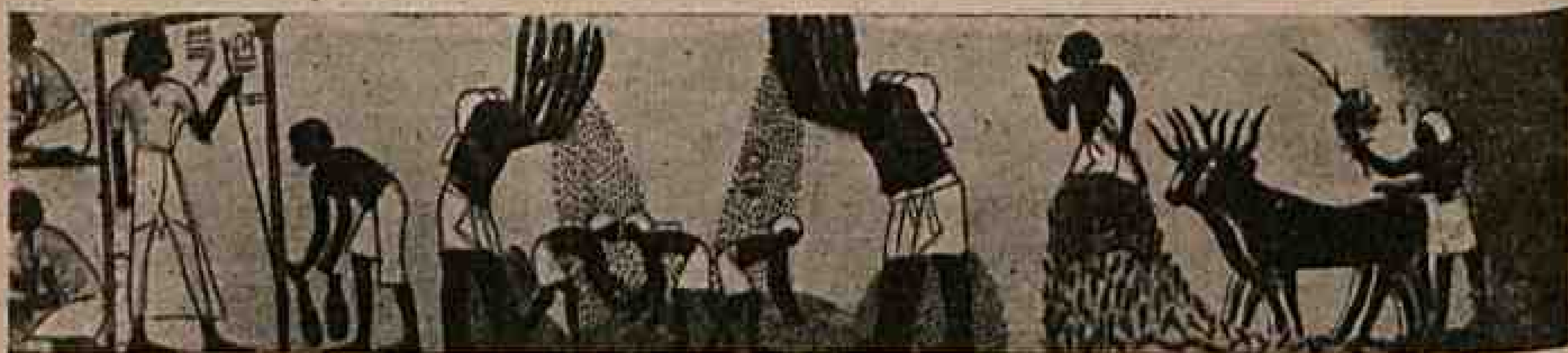
— A distinção da pintura mural da de cavalete residia principalmente no modo portatil de operar esta, com auxílio de cavalete e na sua mobilidade, enquanto que a outra era fixa nos muros. Muitos artistas servindo-se da pintura a óleo pintaram diretamente sobre os muros (Zeferino da Costa, na decoração da Igreja da Candelaria); outros pintaram em tela para depois colocar sobre os muros (Visconti, decorações do teatro Municipal). Há quadros que executados em tela, embora, pelas suas dimensões e significação social e artística, são verdadeiras pinturas murais, como por exemplo "Batalha de Avahy" de Pedro Américo. Todo pintor faz sua aprendizagem na pintura de cavalete. Por serem poucas as oportunidades são em número menor os pintores que se evidenciam na pintura mural.

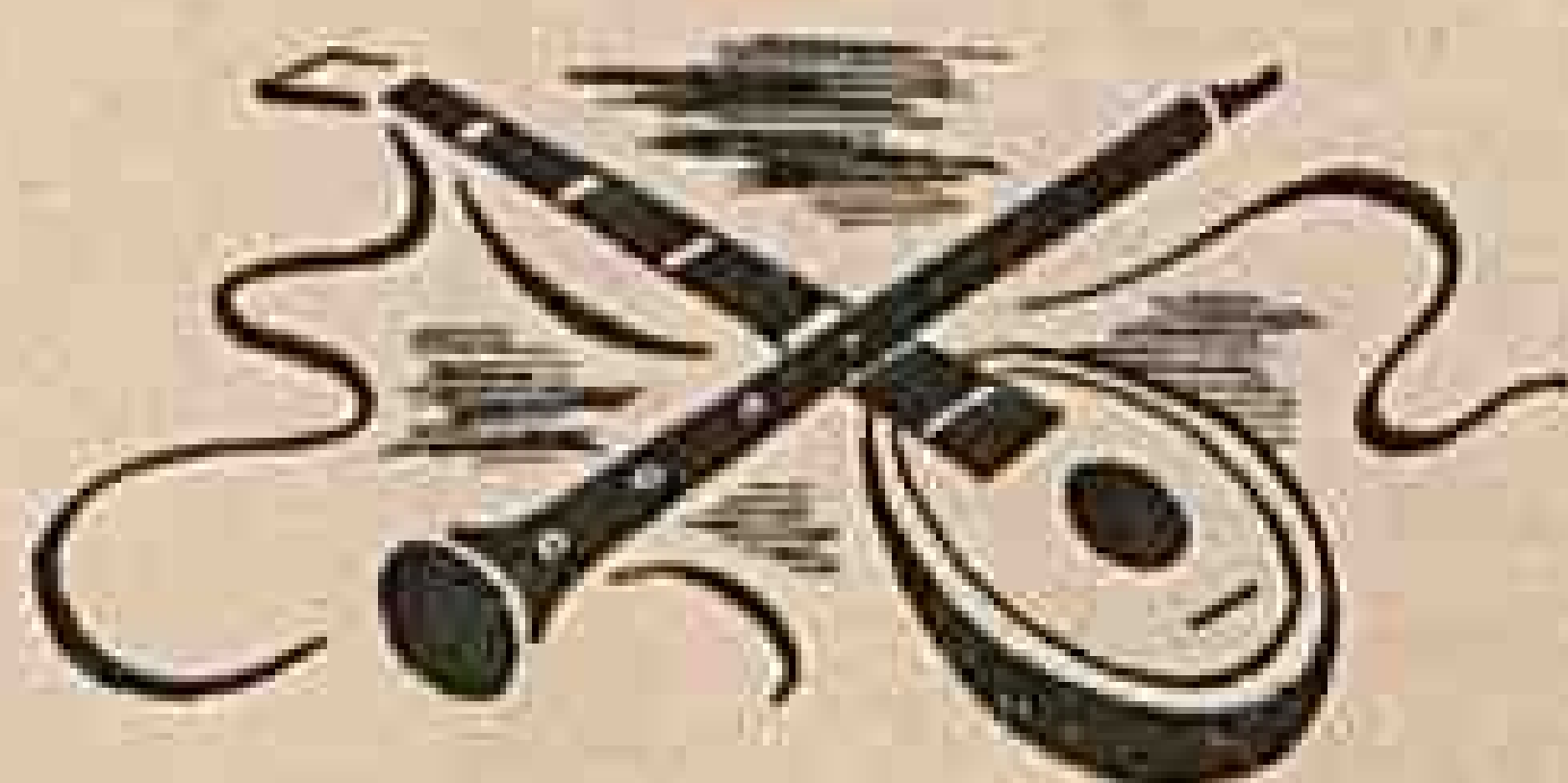
— E qual a contribuição moderna à pintura mural?

— Para aqueles que conhecem a evolução das artes só há novidade, modernidade, no modo *individual* de apresentá-las. De outra maneira não concebemos o chamado espírito moderno. A arte considerada como do século XX não é senão uma repetição. A única conquista moderna da pintura é o ar-livre. Como vemos, a importância não reside nos processos, e sim no que, por meio deles, a mão do artista faz significar.

A RESPOSTA DE HELIOS SEELINGER

À nossa pergunta, Helios Seelinger respondeu com uma frase incisiva:

— Deem aos artistas secos para trabalhar as paredes nuas dos Ministérios; depois de pintadas discutiremos o que é pintura mural.

Motivos egipcios. Reprodução fotográfica tirada na tumba de Menna, em Tebas.

O ANO MUSICAL

Paulo Silva
(Catedrático da Universidade do Brasil)

Na estatística de nossas atividades musicais, em 1939, logram a primazia os recitais de piano; em seguida enfileiram-se os de canto e os de violino. Os concertos sinfônicos são ainda em número muito reduzido. Amparadas, na maioria, pela Escola Nacional de Música, Associação dos Artistas Brasileiros, Movimento Artístico, Intercâmbio Musical, Centro Acadêmico L. Fernandez, Centro Acadêmico L. Miguez, Sociedade Propagadora de Música Sinfônica, Centro Artistico, Cultura Artística, realizaram-se as seguintes audições de que tivemos notícia: Recital a 2 pianos pelos professores A. Rebelo e M. de Azevedo; recital a 2 pianos pelos professores A. Silveira e L. Namur; concêrto de câmara para instrumentos de sopro pelos professores Moacir Liserra, Antão Soares, A. Lazzoli, M. Bensaquem e Bruno Gianessi, respectivamente flauta, clarineta, óboe, trompa e fagote; recital da pianista Georgete Remy, recital da cantora Madeleine Grey; recitais da cantora Margit Bokor; recital da pianista Leonor de Macedo Costa; recital da violinista Hilda Saraiva que teve a colaboração da pianista Julieta de Almeida; audição do trio — Leonor de Macedo Costa, Yolanda Peixoto, Nelson Cintra; — recital de sonatas pelo violinista O. Borgeth e pelo maestro F. Mignone; recital do violinista C. Felipe Cilario com o concurso do maestro F. Mignone; concêrto sinfônico regido pelos maestros Peter von Siemens e F. Mignone com a colaboração da cantora Maria Sá Earp Vaghi; recital do pianista E. Castro e Silva; recital da cantora Roseta C. Pinto; audição da orquestra infantil sob a regência da professora Joanídia Sodré; recitais das pianistas Yolanda Ferreira, Maria Luisa Vaz, Zilá Moura Brito, Ana Carolina; recitais das cantoras Helena Alão, Lúcia Noronha, Josefina Hols, Helena Figner, Lais Wallace; recital de orgão por D. Plácido de Oliveira O. S. B., na Igreja do Mosteiro de S. Bento; audição do trio — O. Borgeth, Y. Grosso, A. Estrela; recital da organista Renée Nizon; concêrto sinfônico na Casa da Itália sob a regência do maestro O. Maul; recital de violino e de piano pelas professoras Silvia e Lília Guaspari; concêrto em homenagem a professores norte-americanos; 2 concertos do tenor Tito Schipa que teve a colaboração do pianista F. Longas; concêrto a 2 pianos das professoras Almerida Silva e Roseta Amaral; audições do Orfeão dos Apiacás sob a direção da professora L. Vila Lobos; concêrto sinfônico com a professora Yolanda Ferreira sob a regência da professora Joanidia Sodré; concêrto da Grande Banda de Música da Policia Militar sob a regência do professor Waldemiro Guedes. Por vários motivos não pudemos assistir a essas audições, razão pela qual deixamos de dar nossa impressão (vejam bem: não se trata de crítica) acerca das mesmas.

Hostilio Soares, professor de Harmonia, contraponto e fuga no Conservatório Mineiro de Música, em concêrto oficial da Escola Nacional de Música, apresentou composições de sua autoria, com a colaboração da cantora Eunice Soares. Entre outras peças o programa mencionava uma abertura "Cavaleiros da Távola Redonda", trechos sinfônicos da ópera "A Vida" e o 1.º tempo da sinfonia "Annie Besant". A música do professor H. Soares é, na forma, bem feita, posto que, por vezes, algo prolixa. A orquestra, a harmonia e o con-

traponto são peritamente tratados. Mas a idéia geralmente não agrada: é de feição por demais familiar aos nossos ouvidos e, por isso, quasi não interessa. A cantora, de excelente voz, mas sem a técnica necessária para arcar com as responsabilidades dum concêrto, não nos correspondeu à expectativa.

O conhecimento que temos do valor do professor Hostilio e da sinceridade de seus propósitos artísticos, nos dá a certeza de que, muito mais cedo do que se possa esperar, ele se tornará um compositor mais afinado com as tendências da sensibilidade atual, podendo assim ser melhormente compreendido e admirado na justa medida do seu merecimento.

A Cultura Artística, por intermédio do notável Quarteto Lener, proporcionou a seus associados música do mais fino quilate, já pela fatura, já pela interpretação que, sobre evidenciar sutilíssimas intenções dos autores, entusiasmou pela extrema e mui correta execução.

J. Vieira Brandão, jovem e mui esperançoso compositor, deu-nos bela audição de alguns de seus trabalhos. Apresentou, intrepretadas pela excelente soprano Jacira de Albuquerque, músicas ligeiras muito interessantes e que agradaram plenamente. Ansiosos aguardamos desse artista obra de mais alentado fôlego para melhor apreciar-lhe o mérito.

Os professores Luiz Amábile e Elzira Amábile deram excelentes audições de seus alunos que lhes confirmaram a fama de mestres dos mais zelosos e competentes.

Fato dos mais animadores, pela beleza do exemplo, é a promoção a tenente músico do sr. Waldemiro Guedes, em virtude de memorável concurso em que, com toda justiça, obteve o 1.° logar. Trata-se dum desses artistas padrões pelo devotado amor das coisas de seu mister, pela firmeza de carater e sobretudo pela delicadeza de sentimentos. Senhor de toda técnica da harmonia, do contra-ponto e da fuga, conhecedor perfeito da instrumentação de Banda, é o Sr. Waldemiro Guedes um elemento capaz de dar às Bandas de Música da Policia Militar rumo certo, orientação artística, competente e absolutamente eficaz. Está, pois, de parabens a Policia Militar que fez uma aquisição digna de louvor e de seu respeitado nome.

Waldemiro Guedes, promovido a Tenente-Músico após brilhante concurso em que se classificou em 1.° logar.

Tomás Terán, a convite da Escola Nacional de Música, realizou no Salão Leopoldo Miguez, mais um de seus magistrais recitais. O insigne mestre foi em toda execução, como aliás sempre acontece, o artista exemplar que, pelas eminentes qualidades, se tornou acatado e querido em nosso meio musical.

Mischa Elman, o mavioso violinista que toda gente admira, magnetizou a platéia do Municipal com escolhido programa em que figuravam Haendel, C. Franck, Lalo, V. Lobos, Diniciu, Chopin e Sarasate. A interpretação inteligente, a técnica segura e a sonoridade de extrema beleza garanti-

ram ao emérito violinista uma audição digna de lembrada para sempre com os mais vivos e merecidos elogios.

E' Claudio Arrau, dos pianistas que nos teem visitado, um dos mais completos. Artista esclarecido, domina pelo esmero e seriedade da interpretação, sempre mui judiciosa. Esse mestre do teclado apresentou-se-nos, por intermédio da Cultura Artística com uma série de 2 recitais em que se ouviram Bach, Beethoven, Mussorgsky, Ravel, Debussy, Mozart, Brahms, Liszt, Granados e Albeniz.

Bela tarde de boa música foi, sem dúvida, a do concêrto em que, regendo a orquestra o maestro Mignone, Brailowsky interpretou com aquela arte finissima que já lhe ficou sendo o mais forte caracteris-

Rute Reis, diplomada em Composição pela Escola Nacional de Música.

Dylma Silveira Lima, diplomada em Composição pela Escola Nacional de Música.

tico, Chopin, C. Franck e Tschaikowsky. A orquestra colaborou à altura do solista e do regente.

Festejando o encerramento do ano letivo de 1939, o Diretório Acadêmico da E. N. M. realizou, em homenagem ao Exmo. sr. professor Dr. Raul Ieitão da Cunha D.D. reitor da Universidade do Brasil um concêrto constituido de composições de professores, alunos e ex. alunos. A festa teve o concurso da banda de música do Batalhão de Guardas.

Foi notável o movimento de audições, recitais e concertos organizados pela Escola Nacional de Música em 1939. Notável pela ampla divulgação de boa música, custando ao publico tão somente sua presença; notável pelo estimulo dado aos jo-

vens artistas, pois muitas dessas audições foram realizadas exclusivamente por alunos e ex-alunos da Escola; e notável, sobretudo, pelo muito de aproveitamento demonstrado nas referidas atividades culturais que constaram de 19 concêrtos oficiais, 8 recitais de ex-alunos, 1 recital de aluno, 3 audições de alunos e uma conferência do professor Mário de Andrade. Releva notar que das tres audições, uma se destinou á classe de composição a cargo do professor G. Otaviano que mui justamente se rejubilou com o magnifico resultado obtido por seus alunos. Estes fizeram jus aos mais ardorosos aplausos dos que estimam para o Brasil um lugar de evidência no concêrto das nações de boa música.

O professor Sá Pereira, diretor da Escola, com essa medida, registrou no prontuário de sua administração um dos serviços mais prestantes e de maior significação para o ensino da música em nosso País. Estes os alunos que apresentaram composições: Adélia Lindenberg Bulcão, Henriqueta Braga, Dimas Gomes, José Guerra Vicente, Léa da Cunha Braga, João Nascimento, Eleazar de Carvalho, Antonio de Freitas, Alice Gésin Távora, Vera Bertucci, Judith Montanhas da Cruz, Edith de Souza Lopes, Noémia Coutinho Carvalhais, Clotilde Chiara, Oswaldo Cabral, Alvaro de Barros Figueiredo, Virginia Salgado Fiusa, Nair Barbosa da Silva, Rosa Cruz, Célia Poppe de Figueiredo, Dilona Lima, Ruth Reis Juracy da Rocha e Silva, Liliana Masieri, Franklin de Carvalho, Nilda Lins, Alfredo Passidomo e Iolanda Santos Lima.

Felizmente daqui ou dacolá surge de tempo em tempo um desses mecenas a acoçoar com sua magnifica influência o culto dos nossos maiores artistas. No caso do "Prêmio Pro-Música, foi nosso mecenas o sr. Eduardo Fchlaetser que, numa hora de feliz inspiração, deliberou comemorar o 74.º aniversario do preclaro maestro Sylvio Deolindo Froes, figura de relevo nos centros intelectuais do País — homem de grande saber, probo e de coração bonissimo.

O concurso constou da execução da peça "E o mar respondeu à selva" (n.º 7 de Paysages Tropiaux op. 18) de autoria do homenageado e duma peça de escolha do concorrente. Logrou o prêmio, um piano, o sr. Ruy Botto Cartolano. Tiveram menção honrosa: Adalberto Renaux, Elisa Naiberger, Heitor Alimonda, Iris Bianchi, Ivy Improta, Léa da Cunha Braga, Leonor Macedo Costa, Maria Augusta Menezes de Oliva e Maria Luisa Lima.

O professor Guilherme Fontainha em 1939 mais duma vez ratificou gloriosamente sua justa fama de mestre eximio na dificilima arte pianistica.

Professor Guilherme Fontainha

De suas magnificas lições resulta, a par de aprimorada técnica e excelente sonoridade, uma compreensão justa e absolutamente adequada aos vários autores clássicos, românticos ou modernos. Disso tiveram inequívocas demonstrações quantos ouviram, em programas de máxima dificuldade, as pianistas Edith Bulhões Marcial, Maria Antonieta, Naide de Alencar, Estér Naiberger e Lubélia de Souza Brandão.

Mestre que de modo tão eficiente vem trabalhando para o engrandecimento do

Franklin de Carvalho Junior, diplomado em Composição pela Escola Nacional de Música.

ensino do piano, entre nós, faz-se merecedor da homenagem que, por inteira justiça, ora lhe prestamos.

A cantora patricia Leticia de Figueiredo, após o recital que realizou no Casino Copacabana, com admirável êxito, empreendeu uma **tournée** pelos Estados do norte na qual mereceu de toda critica musical as mais elogiosas referências.

Por intermédio da A. A. B. apresentou-se, com um belo programa, a pianista Clorinda Rosato que interpretou Bach, Beethoven, Debussy, Frutuoso Viana e Clorinda Rosato.

A professora Dulce de Saules, devotada com invulgar carinho aos misteres do ensino, deu uma audição de alunos na qual a excelência de sua escola pianistica se evidenciou de maneira notável. Nessa festa artistica teve a colaboração da professora Marieta de Saules com um corpo côral.

Interessante concêrto de música de câmera de autores portugueses deu-nos o Centro Acadêmico Leopoldo Miguez. Nele colaboraram os professores Henrique Nuremberg, Judith Montanhas da Cruz, Dulce Montenegro, Naide de Alencar e Martinez Gráu. No programa figuraram Luiz de Freitas Branco, com uma sonata para violino e piano; David de Sousa, com duas peças para canto; Herminio Nascimento com duas peças para canto J. Guerra Vicente com uma Dansa; A. Fernandes com um prelúdio; F. Freitas com Ribatejo; A. Machado com um Arabesco; Oscar da Silva com Badinage. Mereceu destaque o trabalho do sr. Guerra Vicente que apesar de incipiente fez música bem proporcionada e com bastante tino artistico.

O maestro J. Otaviano exibiu-se como pianista executando o concêrto em mib de

Yvette Vaz Teller, 1.º Prêmio da Escola Nacional de Música.

Beethoven, as Valsas Humoristicas de Nepomuceno e o concêrto op. 10 de H. Oswaldo. A orquestra que o acompanhou, regeu-a a professora Joanidia Sodré. A platéa do Salão Leopoldo Miguez aplaudiu vivamente o solista, a regente e a orquestra.

Simon Barer apresentou-se pela 1.ª vez ao publico carioca com uma série de 3 magnificos recitais. Sua estréa foi um **vini, vidi, vici.** Possuidor de técnica prodigiosissima, com conhecimento perfeito dos autores, deu-nos uma interpretação de escol. Em tudo que fazia sentia-se a perfeição máxima: estudos os mais dificeis, peças as mais complexas, os pianíssimos, as notas dobradas, as 8as, o uso do pedal a justa medida na intensidade, todos esses dificultosos meios de expressão em seus miraculosos e inteligentes dedos perdiam a dificuldade e se tornavam de absoluta simplicidade concorrendo para a realização duma arte delicadissima e inteiramente própria.

Tivemos pela 1.ª vez, o grande prazer de ouvir a G. Sandor, outro pianista de alta linhagem. Seu expressar é fidalgo e profundo; a técnica impressiona pela limpeza e pela elegância; os pianissimos são filigranas e a interpretação deslumbra.

Promovido pelo Instituto "Brasil-Estados Unidos" com a colaboração da pianista A. Carolina, dos Córos e da orquestra do Teatro Municipal, sob a regência do maestro L. Fernandez, realizou-se um Concêrto Sinfônico de autores norte-americanos. Executaram-se obras de W. Grant Still, Mac Dowell, C. Gershuin R. Harris e, em 1.ª audição no Brasil, o Hino da raça de autoria do maestro Fernandez. O concêrto correu bem, atentas as ovações de que foram alvos o regente, a pianista, os córos e a orquestra.

Ouvimos o Quarteto Fritzche em audições patrocinadas pela E. N. M. e pela P. A. B. Deu-nos Brahms, Beethoven, H. Oswalde, Tschaikowsky Haydn. O quarteto pareceu-nos um tanto áspero, muito individualista e sem a homogeneidade devida. A execução foi, contudo, tolerável.

A Sociedade Propagadora de Música Sinfônica e de Câmera — de absoluta utilidade para nosso meio musical — já se tornou prestigiosa pelos reais serviços que vem prestando à arte.

Graças a direcção técnico do experimentado Maestro Francisco Braga, com o ser escola viva onde encontram como completar sua educação vários instrumentistas, compositores e regentes, propicia a alguns de nossos jovens artistas a oportunidade para se revelarem, proporcionando-lhes desse modo valioso estímulo. O maestro Rafael Batista é um testemunho do que dissemos. Não fosse a S. P. M. talvez ele jamais tivesse tido a ocasião de, a contento geral, dirigir concertos com músicas de grandes responsabilidades, como se verificou com o em que se ouviram Isaht, prelúdio de V. Lobos; Cauchemar, poema sinfônico de F. Braga; Dansa Macabra, poema sinfônico de Saint Saens; Concêrto em re M para Flauta, de Mozart; Os Mestres Cantores, abertura de R. Wagner. Foram solistas a violinista Heloisa Lima e o flautista Hans-Joachim Koellrentter, os quais juntamente com a orquestra e o regente foram calorosamente aplaudidos.

A Banda de Música do Batalhão de Guardas homenageou o maestro Francisco Braga.

A festa constou dum concêrto de composições do homenageado e da inauguração de seu retrato no Salão de Música. O maestro F. Braga foi recebido pelo sr. Comandante e oficiais que lhe tributaram todas as atenções. Essa homenagem encerra proveitosa lição de civismo e bem digna de ser apreciada pelas demais Bandas de música, militares ou civis. Ao tenente músico Adalgício Corrêa enviamos nossas felicitações pela feliz idéia.

Na interessante temporada de bailados houve um espetáculo em homenagem a Maurice Ravel de quem se executaram L'Enfant et les Sortileges, Daphnis et

Chloé, Pavane pour une Infante Défunte; La Valse et Bolero.

O maestro Otávio Maul, um dos mais competentes dos nossos jovens compositores, regeu com segurança e boa compreensão vários concertos da Sociedade Propagadora de Música Sinfônica e de Camêra.

O maestro Antônio Silva deu-nos em 1.ª audição na festa do Orago realizada na Igreja de S. Francisco de Paula a Grande Missa de Perosi "Benedicamus Domino" com grande orgão massa coral e instrumentos de cordas. O respeitado professor continua a proporcionar-nos o conhecimento de peças Sacras do mais alto valor artistico — obra indiscutivelmente meritória que terá sempre o nosso mais decidido estimulo.

Ivette Vaz Toller, das mais prestigiosas laureadas pela Escola Nacional de Música, com inteligência, boa técnica e um temperamento artistico muito apreciável, interpretou, em programa de grandes responsabilidades, autores de escola as mais diversas. Seu recital logrou notável êxito, tanto pelo execução quanto pelo interesse artistico tão evidentemente demonstrado.

Zuleika Margarida, apresentando-se como compositora, pianista e regente, deu azo a que mais uma vez se evidenciasse seu belo talento para a música. Vê-se que, se estudar, terá em breve um lugar de evidência entre nossos melhores compositores. No concêrto que realizou teve a colaboração competente do maestro Rafael Batista na regência dalguns números.

A professora Celeste Jaguaribe de Mattos Faria, cuja perda tanto se lamentou, em nossos meios culturais, teve, como homenagem póstuma, promovida por amigos, colegas e discipulos, seu retrato em bronze numa das salas de aula da Escola Nacional de Música. A beleza desse gesto foi devidamente apreciada por quantos teem noticia dos inúmeros serviços prestados à arte e ao ensino pela inolvidável professora.

Nair Barbosa da Silva, diplomada em Composição pela Escola Nacional de Música.

O maestro E. Szenkar, contratado pela Prefeitura do Distrito Federal, deu vários concêrtos Sinfônicos com a orquestra do Municipal. Sua regência é impressionante; deixa de ser marcação de compasso para mostrar-se como uma verdadeira linguagem anionica, por meio da qual o insigne maestro consegue efeitos maravilhosos. Em suas mãos a orquestra é ora impetuosa, ora terna; ora parece fogueira a crepitar forte, ora meiguice e graça infantil. E' verdade que tudo isso seria impossivel sem o valioso auxilio da brava orquestra do Municipal, a qual de dia para dia se apresenta mais e mais apurada, desempenhando cabalmente, de maneira gloriosa, a tarefa para que, em boa hora, foi creada. E' uma das organizações artisticas de que, graças a Deus, ja nos podemos orgulhar.

Dos programas fizeram parte Brahms, Wagner, F. Braga, R. Strauss, Ravel, Debussy, A. Nepomuceno, P. Dukas, Haendel, Beethoven, Weber, Berlioz, Liszt e F. Mignone.

Judith Montanhas da Cruz, 1.º prêmio da Escola Nacional de Música, realizou sob a égide da referida Escola, um recital de piano, em cujo programa figuravam peças de grande dificuldade. A jovem artista desobrigou-se brilhantemente da árdua tarefa, mostrando bom conhecimento dos autores e estar perfeitamente preparada para expressa-lo.

Judith Montanhas da Cruz, 1.º Prêmio da Escola Nacional de Música.

Alice Ribeiro, em recital da série oficial da Escola Nacional de Música, cantou com esmerado estilo e voz de rara beleza interessantissimo programa a que deu interpretação muito judiciosa. A parte dedicada aos autores nacionais teve relevo especial, dada a delicadeza a graça e a fatura das peças que a constituiram. Dela participaram J. Siquera, J. Brandão e J. Ovale.

Célia Queiroz Poppe de Figueiredo, diplomada em Composição pela Escola Nacional de Música.

Duas companhias de óperas ocuparam o Municipal. Uma nacional e outra constituida de elementos franceses, italianos, polacos e nacionais. Saboreamos, ao lado do trivial, algumas novidades; dentre estas destaca-se pela significação de nossa capacidade artística a Ópera Déscoberta do Brasil, composição de Eleazar de Carvalho. O jovem compositor foi uma eloquente demonstração de nosso potencial artístico.

Não se trata dum moço que, como se diz geralmente, tem jeito, dum curioso que ao piano, catando efeitos extravagantes, ou mesmo improvisando, faz coisas com que se investe no título de compositor.

Não; não é isso. E' um valor legítimo.

A história de sua ópera retrata-o de forma positiva. E' assim que, depois de vãmente correr seca e meca para conseguir a representação d'A Descoberta do Brasil, arcando com o insano trabalho de desfazer a indiciosa trama dos que lhe procuravam entravar os passos, teve a suprema ventura de ver cantores, orquestra, corpos corais e de baile do Teatro Municipal, todos indignados com a sórdida campanha e entusiasmados com o seu trabalho, irmanaremse para, independente de qualquer remuneração tornar realidade seu máximo desejo de artista. Enquanto uns lhe apucavam o mérito, falando do que só conheciam de nome; outros felizmente os que lhe conheciam a obra, como notadamente Carmen Gomes e Reis e Silva, tudo faziam em seu prol. Os bons corações estiveram em festa; pois não satisfeitos com o muito que já haviam feito, corpos estáveis e orquestra do Municipal promoveram-lhe significativa homenagem. Além duma lembrança do auspicioso acontecimento artistico proporcionaram-lhe recursos financeiros para a satisfação de certos compromissos provenientes do preparo do material da ópera.

O Prefeito Henrique Dodsworth, homem de cultura, sempre preocupado com as atividades do ensino, assistiu ao espetáculo e julgou-se no dever de auxiliar a quem tão boas provas de si soubera dar.

Nossa impressão: Toda obra de iniciante tem falhas — esta a regra geral; mas algumas, além das falhas mostram qualidades e ás vezes qualidades raras — este o caso incomum e também o do sr. Eleazar. Das falhas de seu trabalho de estréa muitas resultavam da impropriedade do libreto para ópera.

A música é, sobretudo a do 2.º ato, vigorosa; cheira a mata virgem onde se respira o bom oxigênio; agrada e entusiasma; tem mocidade e saúde. A instrumentação é farta bem distribuida, mas, ás vezes pesada e pouco variada. O desenvolvimento é habil, mas devia ser menos repetido. A harmonização é rica e bem equilibrada. Inspirado e perfeito o contraponto. Os córos são tratados com muita elevação e rara habilidade; especialmente nas fugas em que o autor se mostra admiravelmente bem.

O compositor Eleazar de Carvalho, com o libretista da Opera "A Descoberta do Brasil" Dr. Joaquim Ribeiro e varios artistas

---

Enio de Freitas e Castro continua heroicamente a lutar pelo engrandecimento de nossa cultura. No Rio Grande do Sul onde ministra lições de harmonia, contraponto e fuga é um forte animador da boa música. Os concertos que rege e em cujos programas, enriquecidos de notas eludativas, figuram trabalhos seus, são uma prova de sua laboriosa atividade. A Associação Rio-Grandense de Música deve regozijar de ter a frente de seus trabalhos tão operoso elemento.

No 2.º Concêrto Sinfônico da Orquestra Sinfônica do Sindicato Musical de Porto

Enio de Freitas e Castro

Alegre interpretaram-se obras de Vivaldi, A. Nepomuceno, Mozart e de Beethoven. A regência coube ao maestro Enio de Freitas e Castro.

Em comemoração do jubileu da Proclamação da Republica, realizou-se no Teatro Municipal, com a colaboração Orfeão dos professores, córos, orquestra do referido Teatro, um concêrto em que o Maestro Francisco Fraga reapareceu regendo o poema sinfônico de sua autoria "A Paz". Música de larga inspiração moldada na técnica dos grandes mestres. Quando os temas se apresentam simultaneamente sente-se uma impressão de concórdia e de tranquilidade feliz: E' uma música de festa.

Vila Lobos regeu de sua lavra "Uirapurú", bailado brasileiro de música profundamente sugestiva e muito interessante; "Patria" para coro e orquestra; e a introdução de Suite "Descobrimento do Brasil"; notáveis pela técnica sui generis do autor.

Das festas da Bandeira constou um concêrto sinfônico realizado na Feira de Amostra. Nele figuraram obras de L. Miguez, A. Republicano, L. Fernandez e de Eleazar de Carvalho. Com exceção de "Aves Libertas" poema sinfônico de L. Miguez, o qual teve a cuidada e inteligente direção de H. Spedini, as demais peças foram regidas pelos respectivos autores. A novidade foi a "Retirada da Laguna" poema sinfônicos de Eleazar de Carvalho. A música tem algumas redundâncias; mas é vigorosa, entusiasta e bem descritiva.

Deu-nos o Centro Artistico Músical, no Salão Leopoldo Miguez, um concêrto sinfônico constituido de Obras de Weber, Beethoven, Mendelssohn, Francisco Braga, Carlos de Almeida e Debussy. Foi solista o professor João Rodrigues Lima que interpretou Beethoven. A platéa não lhe regateou aplausos. Na regência esteve o maestro Rafael Batista.

O maestro Francisco Braga tem tido o prazer de verificar que sua dedicação á arte e ao ensino da música não foi vã. Não se escoa um ano sem que o glorioso mestre não receba, desta ou daquela parte, provas as mais eloquentes do respeito, da amizade e da admiração que lhe votam seus patrícios. Agora mesmo nos chegaram notícias da extraordinária homenagem que lhe prestou o povo botucatuense. Enriquecendo seu subsídio histórico, ja por tantas e tantas luzes notável, Botucatu, por intermédio do que mais de representativo possue, conseguiu a visita do maestro Francisco Braga.

Recepção memorável. Ao sair da Estação saúdou-o o Governador da Cidade. Na Escola Normal saúdaram-no os professores A. Pinheiro Machado e Alfredo de Matos. Recebeu o titulo de Cidadão Botucatuense, conferido pelo Prefeito da Cidade, em sessão solene. O custoso Diploma foi redigi-

do em latim, pelo monsenhor Agostinho Colturado. Seu retrato foi solenemente inaugurado na Escola Normal. Ofereceram-lhe uma medalha de ouro com incrustações de brilhante. No rico presente liam-se o nome do homenageado e a data da visita.

Um côro de 500 vozes, formado por alunos dos cursos profissional e fundamental da Escola Normal Oficial, Colégio dos Anjos, Orfeão dos Normalistas e Grupo Modelo, cantou o Hino da Bandeira, sob a regência do autor. A rica batuta com que o maestro Braga regeu, feita especialmente para o ato, ficou guardada na Sala da Música da Escola Normal como lembrança do assinalado acontecimento. Convidadas pelo Diretor da Escola Normal, compareceram às solenidades, de que por sua vez participaram, as altas autoridades da Capital.

O prof. Alfredo Matos dedicou o máximo de seus esforços para que as homenagens tributadas ao Hóspede Oficial de Botucatú se revestissem de excepcional brilhantismo; nisso teve o valioso apoio do sr. Antônio Henrique Ribeiro e das autoridades locais.

Aqui com o concurso de vários amigos, discipulos e admiradores, todos desejosos de homenageá-lo de maneira mais eficiente para sua merecida glória, ultimou-se a impressão dum de seus mais queridos trabalhos — **Te-Deum** Alternado. Para esse fim concorreram as seguintes pessoas e organisações musicais: José Siqueira Sousa Rocha, H. Vila Lobos, Adélgicio Corrêa, Antonio Leopardi, Nayde de Alencar, Joaquim de Araujo Campos, Antão Soares, Zila de Moura Brito, Elvira Belo Lobo, Jandira Costa, Alberto Lazzoli, Paulino Chaves, Paulo Silva, Nicolas Alagemovits, Luisa de Sousa, Silvio Solema Garção Ribeiro, Guilhermina Olga S. Gassman, Dagmar Chagas Freitas, Isabel da Frota Pessoa, Judicael Aires Femina, Evelyn Petiz de Magalhães, Leonor Cataldi, Irene Lira, Elisa Pinto, Juraci de Faria Gilda Prazeres Capanema, Palmira Braga Passos, Esmeralda da Silva Tavares, Haydée d'Al-Moreira, Judite A. de Albuquerque, Maria meida Castro Edite Orte, Maria Augusta Isabel Estrela, Antonieta Leite de Castro, Hermengarda Tavares, Lúcia Horta, José Lima, Rute Reis, Nair Barbosa, Zuleida de

Rosa Amelia Cruz, diplomada em Composição pela Escola Nacional de Música.

Araujo Mota, Zaida Malta Candeal, Guiomar B. Frederico, Ester Costa Ferreira, Celeste V. Carvalho, Silvia F. Pinto Guedes, Venus Soutinho, Marieta Marques de Sá, Ida Barradas Serrinha, Brusikom de Menezes Castro, Alice Gérin Távora, Maria Luisa de Queiroz, Amâncio dos Santos, Maria Olimpia de Moura Reis, Maria Augusta da Silveira, Maria Salomé Cardoso, Arminda de Almeida, Francisca Miranda Freitas, Sieglinde Monteiro Autran, Lúcia Simões da Silva, Zélia de Almeida, Elfrida Person Machado Bastos, Olga de Castro Ribas Carneiro, Dilana Silveira Lima, Nilda Luis, Célia Pope de Figueiredo, Maria Reis, Cleofe Person de Matos, Iolanda Vilhena Ferreira, Banda de Música do Corpo de Fuzileiros Navais, Banda de Música da Policia Militar, Banda de Música do 14.º R. I., Banda de Música da Escola de Aeronáutica Militar e Banda de Música da Escola Militar.

Luciano Gallet

Luciano Gallet — o mais ardoroso animador de nossas atividade musicais, músico que se fez respeitado não só como professor abalisado, senão também como compositor, pesquisador da origem de nossa música e, sobretudo, pelo coração bondoso, leal e pela firmeza de carater — foi, para cultura brasileira, uma figura impar pelos muitos revelantissimos serviços a ela prestados.

Reconhecendo os benéficos resultados de sua enérgica, desinteressada e patriótica atividade em favor de melhor cultura geral para o ensino da música, professor e aluno de folklore da E. N. M. prestaram-lhe tocante, expressiva e mui merecida homenagem, inaugurando-lhe o retrato na Sala de aulas. Na sessão, a que presidiu o Diretor da Escola, evidenciaram-se os méritos do homenageado. A iniciativa desse belo movimento, a que assistiram jornalistas, alunos, professores e amigos de Galle, coube ao preclaro catedrático de Folklore, o Sr. Luiz Heitor que, por isso teve os sinceros aplausos de quantos sabem venerar a memória de nossos grandes homens.

O eminente compositor Barrozo Netto, catedrático da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, enviou-nos a seguinte carta que, por altamenta valiosa, não pudemos deixar de publicar.

Rio, 16 de Junho de 1940.

Prezado Colega e Amigo
Paulo Silva.

Manual de Harmonia, Curso de Contraponto e Manual de fuga são as tres obras que você teve a feliz ideia de escrever, baseadas nos profundos conhecimentos que possue e na prática, já longa, de ensinos escolares.

O interesse despertado por esse trabalhos, bem se justifica, não só pela clareza de exposição, elegância de linguagem ao mesmo tempo fácil e correta, mas ainda, pelo senso didático sem falhas ou omissões de maior importância.

Os exemplos, as realizações, tudo enfim

(Conclue no fim do ANUARIO)

Nilda Luis, diplomada em Composição pela Escola Nacional de Música.

HINO NACIONAL BRASILEIRO

É autêntico o manuscrito de Francisco Manoel

Há pouco mais de um mês, apareceu no noticiario dos jornais, o resultado do exame feito no Gabinete de Pesquisas Cientificas da Policia Civil do Distrito Federal, em um manuscrito do autor da música do HINO NACIONAL BRASILEIRO.

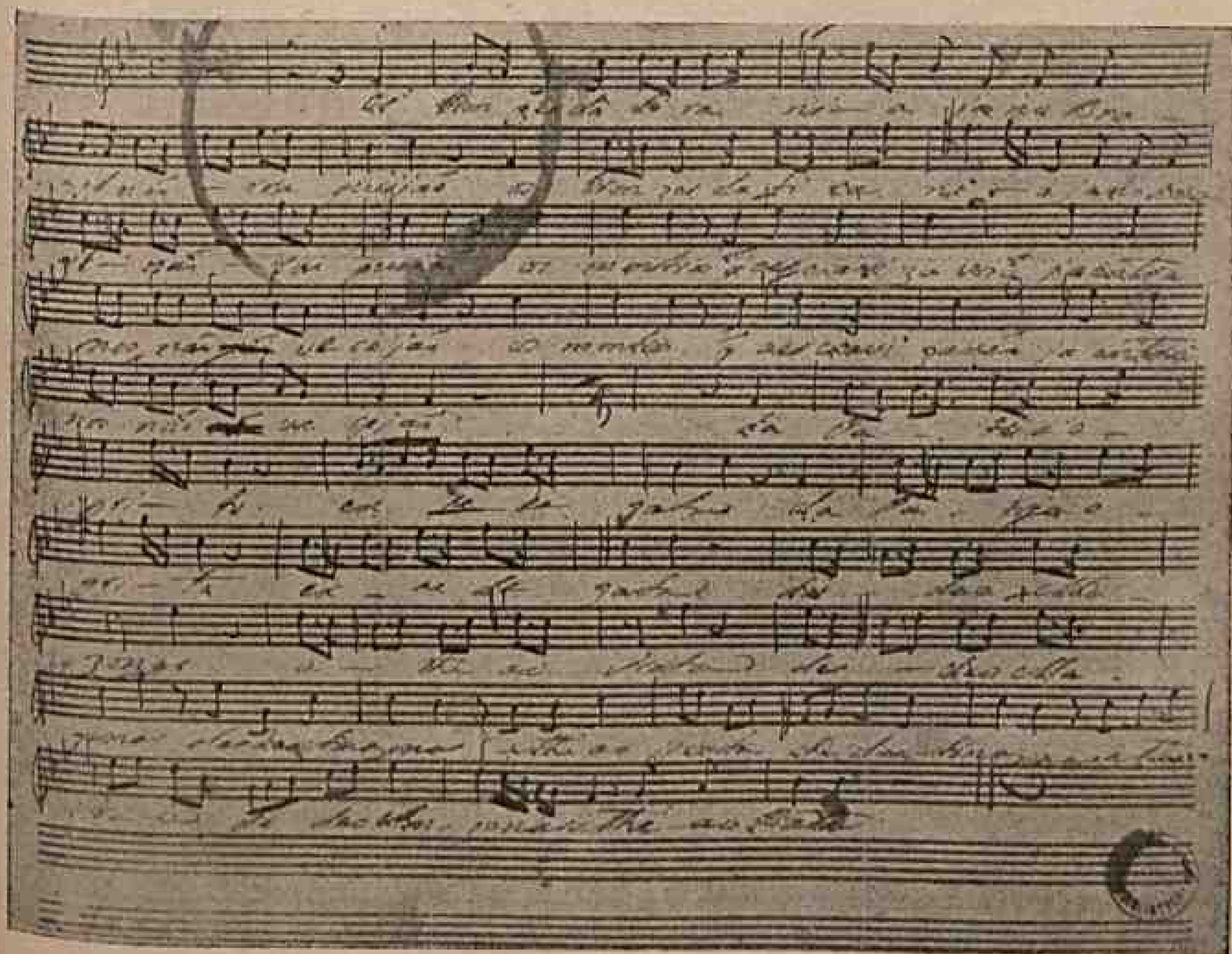
Sobre este exame, fizeram-se conjeturas desencontradas e referências a denúncias de falsificação, tão somente, porque tais pesquisas estavam sendo feitas por este departamento policial.

E, no entanto, o que se procurava apurar, era da autenticidade de um documento, de uma relíquia histórica, pertencente á atual Escola Nacional de Música.

Procedia-se ao exame da pequena pauta manuscrita, que se observa no cliché junto e que fôra encontrada entre os papeis velhos deixados pelo maestro Francisco Manoel da Silva, posteriormente doada pelos seus descendentes, ao Instituto que ele outrora fundara com a denominação de "CONSERVATÓRIO DE MÚSICA.

Este autógrafo apresenta a parte vocal do HINO NACIONAL BRASILEIRO, tendo adaptados a primeira quadra e o estribilho da poesia atribuida ao magistrado Ovidio Saraiva de Carvalho, sob o título — "AO GRANDE E HEROICO DIA SETE DE ABRIL DE 1831. HYMNO' — e composta por ocasião da abdicação de D. Pedro I.

Depois de meticuloso estudo com quatro padrões de confronto: — HINO DAS ARTES — HINO DA IMPERIAL SOCIEDADE AMANTE DA INSTRU-

Maestro Francisco Manoel da Silva, segundo uma litografia de 1844. — Desenho de Luiz Aleixo Boulanger.

ÇÃO — MISSA POR FMS (1855) — MATINAS DE N. S. DA CONCEIÇÃO POR FMS (1855) — os dois primeiros fornecidos pela Escola Nacional de Música e os dois últimos pelo arquivo da Catedral Metropolitana — foi o referido autógrafo, julgado autêntico, pelo sr. Carlos Ribeiro Meira, perito encarregado dessa diligência, que estendeu as suas pesquisas à análise da mancha arredondada que se encontra no documento, concluindo ser a mesma, resultante de tinta e não de vinho, como erroneamente se propalára.

Esta perícia, não obedeceu a qualquer denúncia de falsidade. Foi uma providência solicitada pelo Sr. Ministro da Educação, Dr. Gustavo Capanema, pelo ofício n.º 3857 de 23 de novembro de 1937, à repartição que acaba de fazer o exame gráfico do documento, e cuja prova de autenticidade o transforma na peça mais importante, da biblioteca da Escola Nacional de Música, segundo a classificação dada por certidão, pelo seu ex-bibliotecario, professor Luis Heitor Corrêa de Azevedo.

Eis, em síntese, o que existe de verdade sobre tal assunto e cuja exposição histórica reservei para as páginas deste *Anuário*, sem a menor pretensão literária, mas porque se revestem da brasilidade decorrente de tão notavel acontecimento, em torno do símbolo sonoro de nossa estremecida Pátria.

Rio, 7 de Abril de 1940

Agostinho Dias Nunes d'Almeida.

"LUX-JORNAL"

UM GRANDE EXEMPLO DE TRABALHO INTELIGENTE E HONESTO

Separando os recórtes.

LUX-JORNAL não é um "nome-definição". Não é um titulo que por si só traduza uma espécie de atividade. Dito assim, simplesmente, "tout court", sem um complemento explicativo, não deixa entrever a formidavel organização a que serve de rótulo. Mas quem, uma vez que seja, entra em contacto com o LUX-JORNAL, quer visitando-lhe a sede no Rio, á rua Buenos Aires, 176, ou á sua Sucursal, no Edifício Martinelli, em São Paulo, quer utilisando-se dos seus serviços, pode logo compreender, em toda a sua amplitude, a importância enorme de que o LUX-JORNAL se reveste e a utilidade imensa que ele possue. E' que o LUX-JORNAL realiza um trabalho que, a ser executado, isoladamente, por cada um daqueles que com ele se beneficiam, seria uma tarefa inteiramente inexequivel. Senão, vejamos:

— Quem, no Brasil ou no mundo, por mais recursos de que disponha, por maior que seja a sua capacidade de trabalho ou a sua rapidez de execução, terá tempo suficiente para ler todos os jornais e neles pesquisar tudo quanto constitua matéria de seu imediato interesse? — Ninguem, é claro. Que empresa, que firma comercial, que departamento administrativo poderá, sem um aparelhamento especial e despendioso realizar um trabalho dessa espécie, e, mesmo assim, de um modo extremamente precário? — Nenhum, por certo. Pois essa tarefa titânica, de execução impossivel, se fragmentada, LUX-JORNAL a realiza em bloco, metodicamente, racionalmente, organizadamente, como uma perfeita máquina que funciona sem tropeços, num entrosamento perfeito de todas as suas peças.

E' que o LUX-JORNAL recebe todos os jornais diários que se publicam no Brasil, desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul. Possuindo correspondentes especiais em todas as capitais e cidades importantes dos Estados, o LUX-JORNAL recolhe nas próprias redações dos órgãos estaduais os exemplares diários que lhe são reservados e os expede para a sua sede no Rio de Janeiro. Ali, num grande edifício de tres pavimentos que ele ocupa todo, o LUX-JORNAL procede ao "desmembramento" desses jornais, reduzindo-os a milhares de recortes, de acordo com os assuntos de que tratam, e enviando esses recortes aos seus incontaveis assinantes, segundo os temas do interesse de cada um. Desse modo, qualquer pessoa, física ou jurídica — negociantes, industriais, médicos, advogados, escritores, artistas, firmas comerciais ou industriais, departamentos da administração municipal, estadual ou federal — todos, enfim, desde que tomem uma assinatura do LUX-JORNAL, determinando os assuntos que desejam, receberão diariamente, "a domicilio", tudo quanto a imprensa diária do Brasil inteiro escrever sobre esses assuntos, inclusive os órgãos oficiais da União e dos Estados. Cada recorte é colado numa papeleta especial onde figura o nome do jornal de que ele foi extraido, a data da publicação e a cidade em que esse jornal se edita. Como se vê, nada mais prático, nada mais fácil, nada mais util.

Para a execução desse trabalho de eficiência absoluta e inestimavel valor, o LUX-JORNAL criou uma técnica primorosa, toda sua, absolutamente original, que entusiasma a quem a examina de perto, e que lhe permite uma segurança de controle e uma rapidez de execução simplesmente notaveis.

A sua Matriz no Rio de Janeiro, onde trabalham mais de 130 pessoas, dá a impressão nítida de uma colmeia humana, onde cada "abelha" tem a sua tarefa determinada e a executa com inteligência, com método, sem interferir na atividade de outra "abelha" sem lhe entravar o andamento nem por sua vez ser entravada.

Na Sucursal de São Paulo, que possue mais de quarenta auxiliares, o ambiente é o mesmo, em ponto menor, apenas: atividade, rapidez, dentro do método mais seguro e da mais completa ordem.

Toda a apreciação acima feita sobre essa modelar organização que é o LUX-JORNAL decorreu de uma visita que o ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA realizou na sua séde no Rio e na sua Sucursal de São Paulo. A magnifica impressão que essa visita nos deixou trouxe-nos a convicção de que o LUX-JORNAL é um dos exemplos mais típicos e mais positivos do quanto são capazes a energia e o espirito organizador dos brasileiros, quando, como felizmente sucedeu com essa grande empresa, veem o seu esforço compreendido e louvado pelas elites intelectuais e economicas do País.

O Quadro do Sr. Firmino Monteiro

Uma página de crítica de arte, por

Machado de Assis

Há cerca de quinze dias anunciaram os jornais que o Sr. Firmino Monteiro ia expor no edifício da Tipografia Nacional um quadro representando a fundação da cidade do Rio de Janeiro. Verificou-se a exposição com assistência de Sua Magestade o Imperador; e daí em diante alguns amadores, outros curiosos, não em grande número, atreviam-se a subir as escadas da Tipografia para ver a obra do pintor nacional.

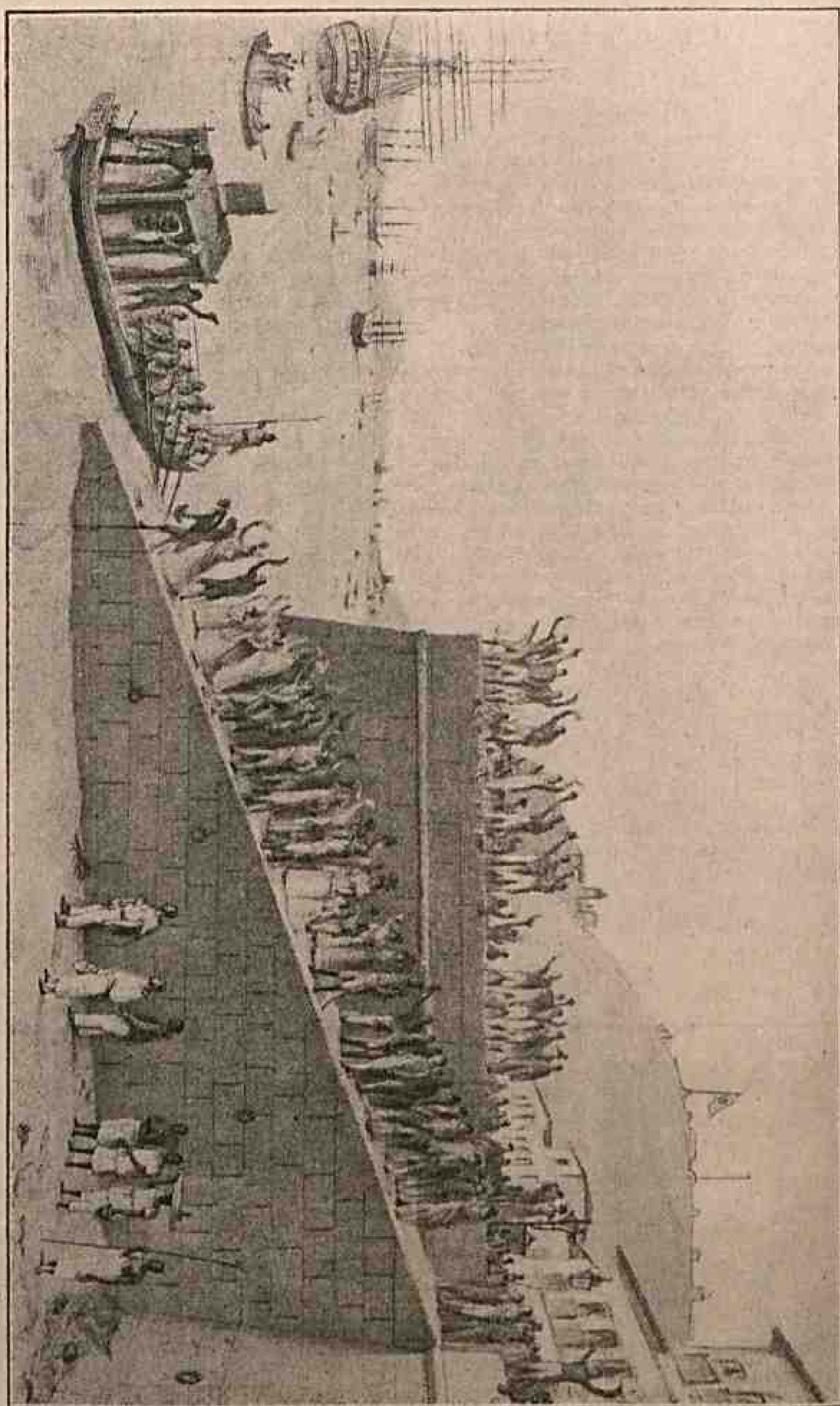
Não faltou quem levasse consigo um pouco de receio — o receio de uma desilusão; — mas ninguem desceu que se não desse por bem pago do tempo e do esforço. Com efeito, o quadro do Sr. Monteiro revela qualidades reais de artista: é bem desenhado, bem composto, bem colorido; a impressão geral é excelente. Não entramos, por falta de competência no inventário das belezas técnicas do trabalho, ou ainda dos senões, se os tem; damos uma impressão de espectador. Acrescentaremos que a escolha do assunto mostra desde logo um artista sério, disposto a entestar com dificuldades e a superá-las; e a maneira porque ele o entendeu e tratou é outro motivo de muito louvor.

Um distinto cavalheiro, que adora a arte, escreveu nas colunas do Globo, estas palavras acerca do nosso pintor: — "Monteiro foge da figura como o diabo da cruz." Com efeito, é um paisagista, e ha paisagens suas expostas no mesmo salão, delicadas e verdadeiras. E basta considerar a escolha do assunto do recente quadro para compreender o acerto da observação do Sr. Dr. Azevedo Macedo Junior. O sr. Monteiro, querendo enfim trabalhar a figura, escolheu um assunto de certa maneira intermediária, na qual a paisagem fosse o fundo obrigado da composição; e aí mostrou e apurou as qualidades habituais de outras telas expostas. Estamos certos de que ele será tão notavel em outros gêneros como o é na paisagem; e, como tem o dom de escolher assuntos, não tardará que nos dê alguma coisa de tanto ou maior valor. Nisto queremos aludir, vagamente, a uma nova tela que o Sr. Monteiro medita, assunto nacional e grandioso, digno de um pintor de muito talento.

Já a "Gazeta da Tarde" ponderou que a tela atualmente exposta deve ir para a Câmara Municipal. Não cremos que possa estar noutro lugar. Uma tela em que é comemorada a fundação da nossa cidade, capital do império, em nenhum outro lugar pode estar senão na Câmara Municipal; pertence-lhe de direito. Os oficiais públicos que o Sr. Monteiro pintou à direita do altar e dos padres, são os antepassados dos Srs. Nobre e seus colegas. Verdadeiramente é um quadro de família; e um belo quadro, o que é mais.

Se tocamos neste ponto, não é só pelo gosto que teríamos de ver a obra no lugar em que melhor cabe. Mas tambem porque o Sr. Monteiro precisa ser animado, e animado de duas maneiras: — ocupando o devido lugar no Paço da Municipalidade mediante uma bela obra, vendo por isso mesmo que os esforços de um homem de talento e vontade não são perdidos. Realmente, gastar dois anos de trabalho para fixar com seu pincel um fato público, o primeiro de nossa história local, e ver a obra entregue a algum simples amador, não nos parece próprio a dar alma aos que trabalham.

Resta-nos só o espaço necessário para dizer que o Sr. Monteiro é filho de si mesmo, de seu esforço, da sua tenacidade, da sua confiança; e nós amamos os homens dessa têmpera, e não desejamos outra coisa mais do que vê-los ilustres e recompensados.

M. A.

Embarque da Rainha e sua Côrte para Lisbôa (1821)

(Uma das gravuras da reedição da obra de Debret, na "Bi-
blioteca Historica Brasileira", edição da Livraria Martins)

Debret no Instituto Historico

Sergio Miliet

Os juizos dos contemporâneos não se caracterizam nunca pela imparcialidade e, por isso mesmo, estão sujeitos a uma séria revisão. Quem relê hoje os estudos de Jules Lemaitre, ou de Sainte Beuve, espanta-se com muitas páginas de invriveis elogios a notaveis mediocridades e de absoluta incompreensão ante o talento menos corriqueiro de artistas como Verlaine, por exemplo, ou Mallarmé. O que ocorre no campo da literatura se verifica tambem no das artes e das ciências em geral. Ademais, as paixões do momento, os sentimentos em voga entre o grande público, os nacionalismos ou universalismos predominantes, contribuem para perturbar os julgamentos sadios.

Essas reflexões me veem à mente no instante em que, por dever de ofício, procuro em certos periódicos da época, os écos da publicação da primeira edição da obra de Jean Baptiste Debret, a aparecer brevemente, em tradução, nas edições da Livraria Martins de São Paulo. As divulgações mais ou menos infelizes dessa obra notavel e alguns comentários interessantes à mesma, já tornaram conhecido o nome do autor e não me parece imprescindivel, nesta rápida crónica, voltar a ele pormenorizadamente. Digamos apenas, para reavivar as idéias do leitor, que foi um grande pintor francês que esteve no Brasil, nos reinados de D. João VI e de D. Pedro I, na qualidade de pintor de história e de professor da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Como tantos outros viajantes ilustres, pintores e cientistas que por aqui passaram numa época em que o Brasil era um dos lugares que mais preocupavam os intelectuais, pelo seu exotismo mais acessivel que o do interior da Africa, por exemplo, e pelas possibilidades que a Corte lhes oferecia, deixou ele registadas suas impressões em tres belissimos volumes de litografias relativas aos costumes de nossa terra. Mas, ao contrário de Rugendas, observador um tanto apressado, embora bem melhor desenhista, Debret tinha um espirito extremamente minucioso, que nada deixou ao acaso, que tudo esmiuçou com o maior cuidado.

Não o seduziram apenas os grandes assuntos então de moda, como a escravidão do negro ou a superioridade da moral primitiva, ou ainda, os beneficios das "modernas luzes", como se dizia para a civilização, mas, tambem, todos os aspectos da vida econômica e social da jovem pátria brasileira. Por isso, embora intitulando sua obra, muito modestamente, "Viagem pitoresca", as descrições a que se abalança constituem, em que pesem os erros de pequena monta, uma das contribuições mais importantes ao estudo de nossa formação. Contudo Debret não foi apreciado em seu justo valor, na época.

Em 1839, ao chegarem ao Brasil os primeiros volumes de sua obra, foi a mesma entregue ao julgamento de uma comissão, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, composta dos senhores Bento da Silva Lisboa e J. D. de Ataide Moncorvo. O parecer, aliás pessimamente redigido, estabelece de início uma distinção nitida entre o primeiro e o segundo volume (o terceiro não era ainda conhecido no Brasil e estava sendo publicado) e opina pela excelência do primeiro e pelo desinteresse do segundo!

A notavel cegueira da digna comissão explica-se exclusivamente pelos pruridos do nacionalismo incipiente e ostensivo dos primórdios da Independência. Era, como veremos, de ordem sentimental. Ao contrário do que imaginava a comissão, podemos dizer que o primeiro volume de Debret é bem inferior aos dois outros, embora constitua, para a época, um acervo importante de informações sobre os indios do Brasil. Mas os estudos etnográficos só então começavam a ser feitos com objetividade e rigor e entre os não especializados, como Debret, Rugendas e outros, eram ainda as apreciações viciadas por idéias filosóficas, humanitárias e outras, colhidas diretamente nos enciclopedistas do século XVIII e da Revolução francesa que, embora vencida militarmente, continuava a influir no pensamento dos homens cultos. Não criticando o primeiro volume os usos e costumes atrazados da população branca de então, mas tão somente estudando os indigenas, pobre gente relegada para os sertões e que já não pertencia, por concenso unânime, à população do Brasil, mereceu o autor a indulgência do Instituto.

Por outro lado, eram ainda os indios muitos embelezados, muito romantisados, muito favorecidos pela imaginação do artista, que certamente poucos viu durante a sua estada entre nós, pois esse negócio de indios, no Brasil de então, devia ser assim como esse negócio de cobras, no Brasil de agora: encontram-se no Butantan, mas, de verdade, nunca ninguem viu...

A preocupação nativista, orientando o julgamento de uma obra de arte e de informações etnográficas, já se faz sentir na apreciação seguinte da comissão: "igual satisfação experimenta a comissão, quando o autor diz que o Brasil vai desenvolvendo progressivamente uma civilização que honra muito o povo que o habita, o qual é dotado das qualidades mais preciosas". E essa simpatia superficial ou essa cortezia simples bastou para que os homens do Instituto folheassem com agrado todas as estampas e descobrissem que o volume era de "interesse real", merecendo "ser colocado na Biblioteca do Instituto".

O segundo volume, entretanto, não suscitou a mesma simpatia. É que neste, com efeito, o autor analisa, juntamente com os costumes dos negros que formavam nessa época mais de metade da nossa população, outros aspectos bastante grotescos da vida de certas classes, como a nobreza da corte, o comércio português, o clero, etc., em que a transplantação dos hábitos europeus, em contradição com o clima tropical, chocava o bom senso, como muito bem anotaram sociólogos modernos do quilate de Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda e outros.

A comissão, que compartilhava certamente o modo de pensar generalisado ou que se não o compartilhava não ousava pelo menos discordar abertamente, irritou-se com o trêfego pintor e passou a julgá-lo com extrema severidade. Nenhum erro lhe escapou mais, nem mesmo os de impressão nos nomes e datas. Certas gravuras, que lhe pareceram mais ferinas, chegaram a irritar profundamente a comissão, a qual não hesitou em discutir minúcias sem grande importância e a considerar o volume como uma série de caricaturas de máu gosto. E vem o veredicto final, em que os senhores Lisboa e Moncorvo afirmam ser o 2º volume "de pouco interesse para o Brasil"!

Não o julgou assim a posteridade e a obra inteira de Debret, principalmente em seus dois últimos volumes, vai sendo, dia a dia mais, aceita como de importância capital para o estudo da História Social do Brasil.

Um paralelo se impõe entre Rugendas e Debret. Do primeiro se poderá dizer que foi um grande artista do desenho, estilizador brilhante e compositor de belo equilibrio. Sua obra vale, pela parte artistica, muito mais que a de Debret. Mas seu texto é bem inferior, menos fiel, mais livresco, mais eivado de filosofia barata. Já Debret se revela artista menos firme, de traço mais indeciso e composição mais vulgar. Tem entretanto a vantagem da observação minuciosa, da curiosidade sempre de atalaia, e da fidelidade que, se toca por vezes as raias da caricatura, não se perde jamais na estilização puramente decorativa. Por outro lado o seu texto é grandemente elucidativo, fiel, sempre interessante e muito pouco metafisico. Rugendas é uma magnifico poeta; Debret um curioso etnógrafo e um critico agudo.

Em verdade, muita coisa, nesses viajantes estrangeiros do século XIX, há-de ferir a nossa sensibilidade atual. Muita coisa há-de parecer-nos exagerado e caricatural, e alguma coisa o será na realidade. Mas é preciso que tenhamos em mente o Brasil de 1816, apenas libertado da vida colonial, com uma população composta de escravos negros, de mestiços e de indios e muito poucos brancos, salvo em certas regiões de menor progresso material, como o Sul do país ou as provincias do Nordeste. É preciso ter na memória a politica colonial nefasta de Portugal, as leis iníquas que nos impediam qualquer progresso, a estreita mentalidade dos funcionários enviados para o Brasil, a existência da escravidão negra, para compreender que dez anos de novo regime não podiam bastar para dar ao país um novo aspecto. O Brasil que Debret conheceu era uma vasta senzala, uma feitoria mal administrada, por isso mesmo o retrato que dele fez não podia ser brilhante. O que nos deve consolar desse passado desagradavel é vermos que recuperamos o tempo perdido e que cem anos de independência foram suficientes para se corrigirem os males de três séculos de escravidão.

Exposição do livro brasileiro em Montevideo

A Exposição do Livro Brasileiro em Montevidéu marcou um acontecimento continental. A iniciativa da embaixada brasileira, prestigiada e realizada pelo nosso govêrno, alcançou um êxito que só presenciado poderia dar testemunho daquilo que, descrito, pode parecer exagero. Mais de duzentas mil pessoas visitaram o nosso certame. Em dez dias, franqueada ao público, marcou um "record" na vida social do Uruguai. Desde os princípios do mês de novembro, Montevidéu ficou inundada de cartazes alusivos a essa iniciativa. Cartazes simbolicos, que logo moveram a curiosidade e, mais do que isso, a simpatia das elites e da população para o acontecimento anunciado. Chegando à capital uruguaia, em meados de outubro, em companhia do seu distinto companheiro de delegação, dr. Carlos Maul, o dr. Oswaldo Orico, juntamente com o embaixador Batista Luzardo, iniciou os preparativos da Exposição, desenvolvendo com ele a campanha de que deveria resultar o acontecimento de que todo o Brasil hoje se orgulha.

A 15 de novembro, solenizando no interior o cincoentenário da proclamação da República, inaugurou-se o grande certame intelectual, para o qual se mobilizaram as maiores figuras da inteligência e da sociedade do país vizinho e delegações da Argentina, vindas especialmente para realizar conferências. Todo o govêrno uruguaio estava presente, e o povo compareceu em massa, enchendo literalmente o vasto recinto da Exposição. Nossos "stands" estavam caprichosamente apresentados. Sem luxo, com uma simplicidade que realçava os volumes expostos. Acompanharam os volumes os nomes das maiores figuras da literatura brasileira em todos os campos do espírito. E tambem legendas e inscrições afirmativas do intercambio estabelecido entre as duas nações.

Na entrada da Exposição, via-se um grande cartaz em castelhano com esta frase: "A Exposição do Livro Brasileiro une pela inteligência dois povos já unidos pelo coração"

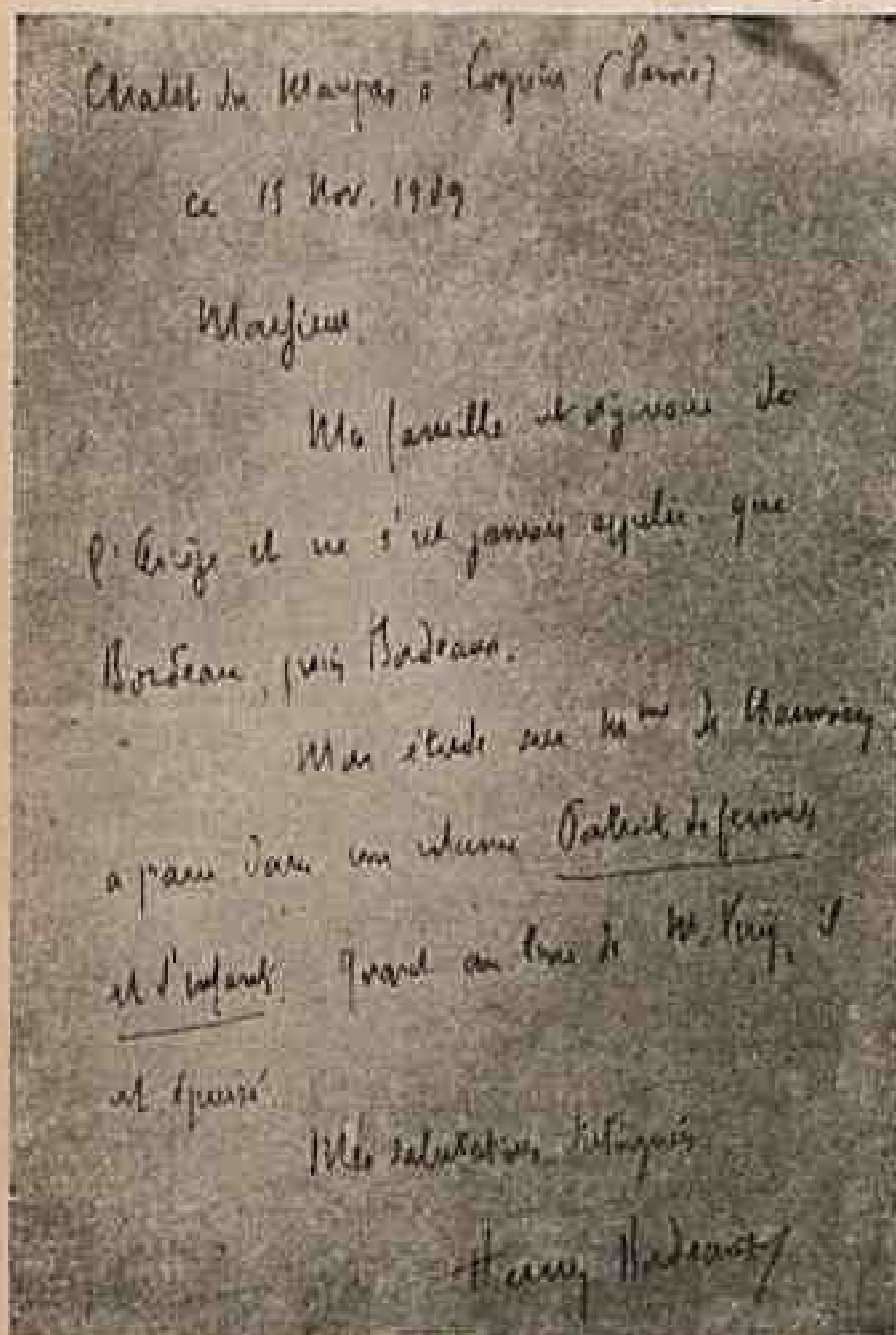
Durante dez dias seguiu-se uma serie de conferências levadas a efeito por intelectuais argentinos, uruguaios e brasileiros, que manteve um público numeroso, sempre assiduo e atento.

Foi, realmente a Exposição do Livro Brasileiro a maior e a mais interessante que já se levou a efeito na América. Que o digam os elementos que a visitaram. O ministro de Cuba no Brasil, depois de visitá-la, transmitiu esta impressão: "Vou dizer ao govêrno brasileiro a seriedade deste trabalho, que honra qualquer literatura".

A delegação do govêrno brasileiro recebeu alí homenagens excepcionais, sendo justo destacar o banquete que lhe foi oferecido pelo ministro da Defesa Nacional, general Campos, uma das maiores culturas do país, que traduziu em palavras de grande apreço e simpatia a sua gratidão pela lembrança do Exercito Brasileiro, oferecendo ao Exercito Uruguaio uma biblioteca de livros militares, organizada pelo general Valentim Benicio.

A Exposição de Montevidéu valeu como um atestado de nossa evolução intelectual em todos os setores da inteligência. Dele extraimos uma preciosa lição para o segundo certame que o Brasil vai realizar em Lisboa, graças ao apoio do general Francisco José Pinto, presidente da Comissão Brasileira do Centenário de Portugal, que viu logo nessa iniciativa o melhor meio de poder completar o ciclo dos nobres cometimentos com que o nosso país se fará representar em Lisboa.

Entre notaveis... em autógrafos

Walter Spalding

Carta de Henry Bordeaux

Domingo chuvoso... o inverno, frio, ríspido, vai em meio.

Em meu gabinete, aborrecido, entediado, olho, ora as estantes pejadas de livros, ora as gotas de água tamborilando na vidraça.

A um canto, os filhos, olhando velhas revistas, discutem. Comentam as figuras. Acham semelhanças.

Riem. Divertem-se.

E eu, pensando sem pensar, corro os olhos daqui para ali, dali para aqui.

Os quadros, os desenhos... Guido, Pelicheck, Epstein, Corona, Belanca, Weingaertner, Lutzenbeyer, Yantock...

Os livros, enfileirados, amontoados... A biblioteca colombiana, as obras cubanas, norte-americanas... Garret, Herculano, Camilo, Rocha Pitta, obras de Jesuitas, Saint-Hilaire no original, as poesias de Bourget, de Sully, Geraldy, Francis James, Lettres de Napoleon á Josephine, L'Impératrice Eugénie. Euclides, Nabuco, Machado... Nada me interessa!... Que tédio!

— Papai, que é isto aqui?

Olho: gravura representando uma das cenas bárbaras da guerra de Franco. Ruinas da Espanha. A revista é chilena: — **Hoy**.

Chile — Araucanos, recordo. Tomo da estante o padre Ernesto W. de Moesbach: **Vida y costumbres de los indígenas araucanos**. Abro o livro. — Cada página duas colunas: uma em araucano a outra, traduzindo a primeira, em espanhol. Leio 2 páginas. Qual! Não ha jeito. Lembro, então, o poema **Araucana**, de Zuniga. Tomo-o. O exemplar, velhíssimo, editado no século XVI, diz, na página de rosto:

PRIMEZA/ Parte de la/ **ARAUCANA**/ De don Alonso de Eroilla y Çuñiga./ Caballero de la orden de Santiago./ Gentil hombre de la camara/ de la Magestad del/ Emperador./ **Dirigidas al Rey**/ don Felippe nuestro Señor./ (ex-libris) **En Anvers**/ En casa de Pedro Bellero, 1597./ Con Privilegio Real.

Entusiasmo-me um pouco. Tento lermas... desisto. O poema é massudo e tem, á margem, anotações manuscritas que nunca decifrei.

A esmo pego outro: Alfred de Vigny, **Journal d'un poete** (edição de 1882). Folheio, leio algumas linhas: "Il ne faut désirer la popularité que dans la postérité et non dans le temps présent". — Simples teoria... Ao lado deste: **Poesias avulsas** de Américo Elisio — Bordeos, 1825. — Arcadismo...

Prontuario de Teologia Moral... redactado por el presbitero Don Felix Lazaro Garcia — Cura parroco de Santa Eulalia de Segovia — Madrid, 1849. Abro a pag. 20: — Qué és probabilismo?

— Es un sistema que enseña el uso licito de una opinion igual ó menos proba-

ble que favorece á la libertad abandonando la opuesta igualmente é mas probable que favorece á la ley.

Volvo a página: Tratado III — De las leyes.

Fecho-o e, — ó contraste! — tomo Bocage. **Improvisos de Bocage na sua mui perigosa Enfermidade,** dedicados a seus bons amigos. — Lisboa, Ano 1805.

O volume é curioso: Esta primeira parte, 23 páginas, é seguida de outra: **Coleção dos Novos Improvisos de Bocage,** Lisboa, 1805. — Esta segunda parte tem 100 páginas, às quais se segue uma terceira parte: **A Saudade Materna, Idilio, Na prematura, e Chorada morte** da Senhora **Dona Ana Raimunda Lobo,** filha do Senhor **Roque Ferreira Lobo,** etc., por Bocage. — Lisboa, 1805. — 7 páginas.

A chuva continua, impertinente, a chapinar na rua. Espio pelos vidros: água, lodo, penumbra... Tédio...

Meu filho mostra-me uma página de revista e, apontando uma figura simpática de velho pergunta quem é.

— Machado de Assis. Ao lado um facsimile de autógrafo.

Autógrafos! Possuo alguns interessantes. Cartas, cartões, "cartões-de-visita"...

Tiro da estante o grosso volume em que estao colecionados.

Abre o volume uma carta de Henry Bordeaux. Precioso inédito. Reza ela:

Chalet du Maupas à Cognin
(Savoie) ce 15 Nov. 1909.

Monsieur.

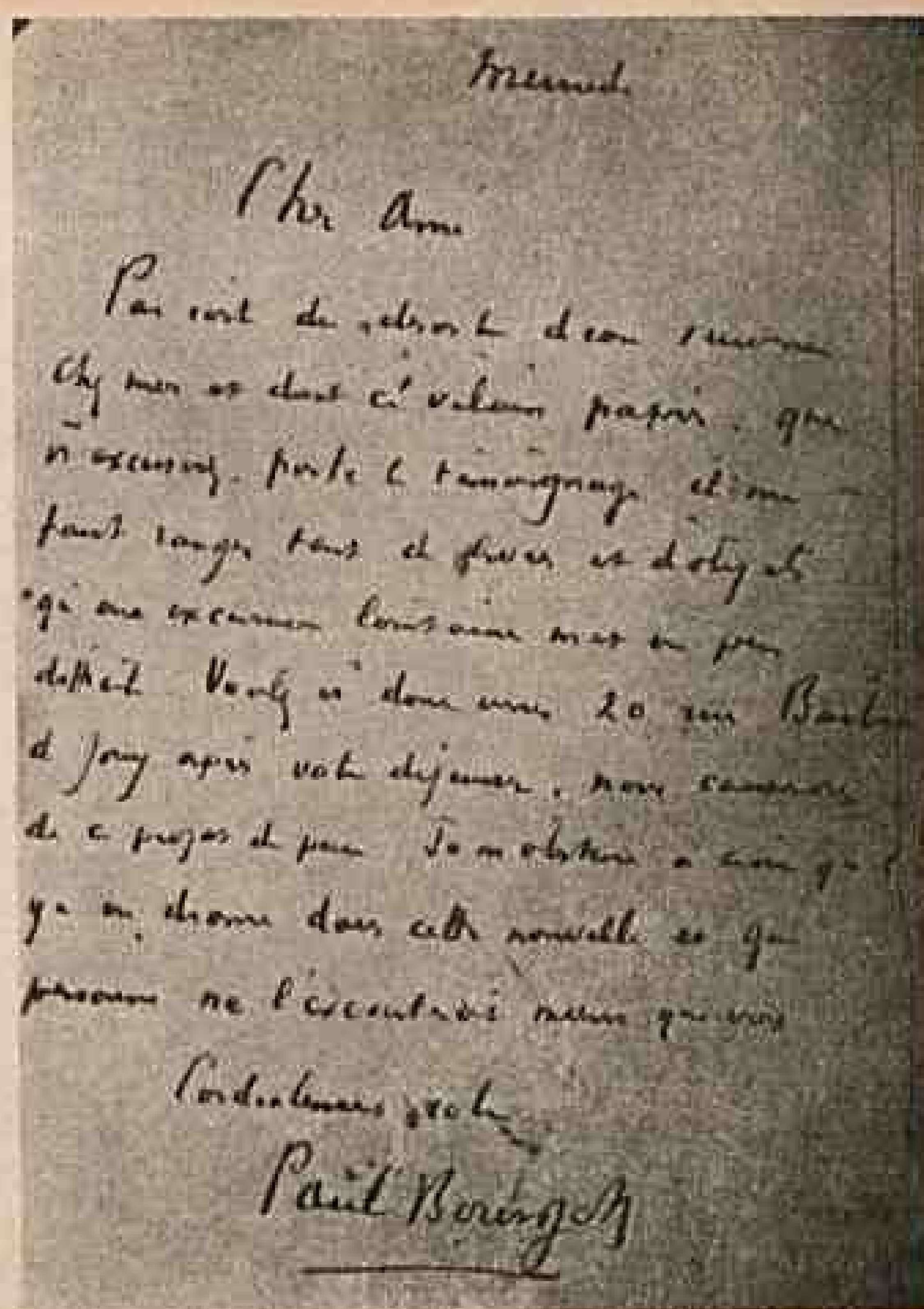
Ma famillie est originaire de l'Ariè-je et ne s'est jamais appellée que Bordeau, puis Bordeaux.

Mon étude sur Mme. de Charmosy a paru dans un volume **Portraits de femmes et d'enfants**. Quant au livre de Mr. Very, il est épuisé.

Mes salutations distinguées.

Henry Bordeaux.

A sobrecarta diz: Monsieur P. Masson.
76 rue Mozart.
Paris.

Outra página: Paul Bourget. Carta também. O sábio que se perdera na literatura, no dizer de Barrès, que fez versos e escreveu romances, e que a morte levou aos 75 anos de idade, tendo nos lábios

"ce cri d'un coeur resté chrétien:
Confiteor!"

Carta de Paul Bourget

Eis a carta do insigne Bourget que carinhosamente guardo em meu arquivo:

Mercredi.

Cher Ami.

Par sort du désastre d'eau survenu chez moi et dont ce vilain papier, que vous excuserez porte le temoignage il me faut ranger tant de livres et d'objets qu'une excursion lontaine m'est un peu difficile. Voulez vous donc venir 20 rue Barbu de Jouy après votre dejeuner, nous causerons de ce projet de puis. Je m'obstine a croire qu'il y a un drame dans cette nouvelle et que per-

sonne ne l'executerait mieux que vous.

Cordialement votre
Paul Bourget.

Volvo as páginas. Leio:

"Docteur, je désirerais vous voir au instant. Je serai demain matin dimanche **à 9 heures** chez mon père, rue St. Guillaume. Puis-je demander à votre obligeance de vous trouver là vers cette même heure de telle sorte que je sois sûr de vous rencontrer?

En vous remerciant à l'avance, je vous prie de trouver ici l'assurance de mes sentiments les meilleurs.

H. L."

E' um cartão de visita de Henri Lavedan de l'Académie Française, nascido em Orléans, em 1859, dramaturgo que a critica considera pouco profundo mas bastante original, criador do estilo "boulevardier". Suas peças mais famosas são: **Les Médicis** e **Le bon temps** em que apresenta a sociedade francesa que se diverte.

Mais adiante: **Edouard Drumont.** Diz seu cartãozinho:

"Mon cher ami, si par hasard vous comptez venir demain dimanche ayez l'obligeance de ne pas venir avant 3 heures car je craindrai de ne pas être encore rentré.

Cordialement à vous. E. D."

Encontro, agora Paul Mariéton que fornece o endereço seguinte: Château du Saix, Forêt de Seillon par Bourg (Ain).

E com sua letrinha irregular, quasi ilegivel, escreve:

"Mon cher Hauser, vous seriez bien gentil de faire circuler dans le journaux où vous êtes influent un petit écho insinuant sur la (ilegivel...) ça suffit. Sur la **Revue Félibréene** vous ative toujours exactement (c. à. dire quand elle parait, **(ilegivel) avis!)** — vous y avez vu le detail de cette entreprise louable. C'est le voeu de toute la vie de Tamizey de Laitique, que la commemoration de son grand homme...

— Aidez moi à lui venir en aide. —

Cordialement à vous

Paul Mariéton."

22 hor — J'espère que vous avez toujours bien reçu la Revue Félib, malgré le changement d'adresse. Reclamez-la moi au cas contraire."

Paul Mariéton (Lyon 1862 - Paris 1911), foi discipulo e continuador de Mistral. Poeta, critico e jornalista, deixou uma obra valiosa dentre a qual se destaca, alem da **Revue Félibréene,** as monografias sobre Auguste Fourés, Joseph de Roux, as poesias **Hellas,** e **Les voyages félibréens et cigalières.**

Continuo:

Henri Barboux — Henri Martin Barboux — (Chateauroux, 1834 — Paris, 1910) fa-

moso advogado de questões célebres, como a de Sarah Bernhard, na Comédie Française e do empréstimo de D. Miguel. Em 1907 foi eleito para a Academia Francesa.

Seu cartão diz:

> Cher Monsieur Gadata, je vous envoie mes bien affectueuses compliments et je ajoute la surprise que vous soyez le doyen de la Compagnie. Personne ne le pourrait deviner.
>
> A vous
>
> H. B.

Joseph Bertrand — de l'Academie Française — Secrétaire Perpétuel de l'Academie des Sciences, matemático famoso que substituiu, em 1884, J. B. Dumas na Academia Francesa. Nascido em Paris em 1822, ai tambem faleceu em 1900. Joseph Louis François Bertrand, alem de diversos trabalhos sobre matemáticas escreveu mais, entre outros, os seguintes livros: **Arago et sa vie scientifique; D'Alembert; Blaise Pascal**, etc.

Em seu cartão diz o insigne matemático:

> "Merci de vos petites amoureuses; jén ai lu quelques uns, cela me suffit pour vouloir les connaitre toutes. On pourrait vous appeler. Cela n'est pas une petite louange. Le Maupassant des familles. Octave Feuillet ne voulant pas en être le Musset, il avait tort".

> "Mon chèr ami. J'ai été si malade depuis 15 jours (d'une bronchite) que je n'ai pu lire qu'aujourd'hui votre trés charmant et très aimable article bibliographique sur la **Legende d'Alsace**. Je vous en remercie donc un peu tard mais bien cordielement. Excusez moi si je ne vais pas vous voir. Dès que je pourrai bouger, j'irai me guérir á la campagne.
>
> Votre dévoué
>
> S. S.

Edouard Schuré é o autor deste cartão.

Ernest Wilfried Legouvé... Este aureolado dramaturgo francês, que a história menciona com carinho, filho de Paris onde nasceu em 1807 e onde faleceu após quasi um século de vida intensa (1903), deixou grande numero de obras notaveis: poesia, romances, teatro. Suas obras mestras foram **Miss Suzanne** (drama) e **Adriane Lecouvreur** (drama em 5 atos). Era filho do tambem famoso poeta Gabriel Marie Jean Baptiste Le Gouvé.

Seu cartão:

> "Je presente à Mr. Coniat, pour mes meilleur sentiments, et je lui serai très obligé, de remettre au porteur, um numero du **Temps**, contenant le petit article que j'ai fait il y a trois ou quatre jours sur Mr. Scholcher. Bien des remerciments.
>
> E. Leg.

Paris, 7 Juin 1905.

Ferdinand Brunetière
de l'Academie Française
Directeur de la Revue des Deux Mondes.

"Voici l'objet, chère Madame et amie: je souhaite qu'il trouve grace à vos yeux et qu'en tout cas vous y reconnaissiez l'expression de mes sentiments affectueuses et devoués".

Ferdinand Brunetière (Toulon, 1849 — Paris 1906) foi critico dos mais vigorosos professor e sociólogo eleito para a Academia Francesa em 1893. Foi católico ardoroso. Entre suas obras figuram os notaveis trabalhos: **A Nação e o Exercito, O Gênio Latino, A caminho da crença**, etc.

E' de Maurice Donnay (Charles Maurice Donnay) o famoso dramaturgo de **Phrynea, Ailleurs** e mais cerca de 20 peças, o cartão abaixo. Donnay foi eleito para a Academia em 1907.

"Chère Madame amie, merci pour votre offrende si bien enveloppée. En effect l'usage quand on donne à unes qui chantent dans les cours est d'envoyer son aumône dans un... de papier. Votre papier est un autre... couvert de la plus aimable écriture. Ce n'est pas tout que la donner il y a la manière... et vous la possédez.
Ceci est la reçu du coeur; l'ouvre vous enverra un reçu officiel. Merci encore et veuillez lire ici mes fidèles souvenirs et mes affectueuses sentiments. — Maurice Donnay — Je vais demander à E. Buffet s'il eut un acompagnement à la **Chasse aux Loup!**

11-3-09.

Cher Monsieur, je vous présente mon meilleur ami:

René Benjamin

pondeur infatigable de nouvelles. Il solicite toute votre indulgence...

Mille sympathies

R. B.

Hoje manda na critica franceza o illustre romancista que é uma das grandes glorias da litteratura francesa deste seculo.

Le vrai sage est celui qui fonde sur [le sable
Sachant que tout est vain qui n'est [pas éternel
Et que rien ici bas n'est guere plus [durable
Que le souffle du vent et la cou- [leur du ciel.

Henri de Régnier.

Eis uma amostra do grande poeta e romancista nascido na velha Honfleur em 1864. Fez parte da escola simbolista, depois de ter sido discípulo de Leconte e Heredia. Com **Medalhas de Barro** voltou aos antigos cânones de seus mestres.

Alphonse de Lamartine (Alphonse Marie Louis du Prat de Lamartine), nascido em Mâcon, em 1790 e falecido em Paris em 1869, foi um dos maiores poetas franceses de seu tempo. Deputado, fez de seu mandato um posto de elevados sentimentos, sendo cognominado — deputado romantico. Republicano, cooperou na chefia da revolução francesa de 1848. Proclamada a Republica fez parte do governo provisorio e, depois, Ministro dos Negocios do Estrangeiro. Caída a Republica, completamente pobre, aceitou, em 1867, uma pensão anual de meio milhão do governo imperial e a residencia no Castelo de Passay que a cidade de Paris lhe pusera á disposição.

Sua obra é popular, destacando-se: **Harmonies**, Child Harold, Meditations, La chute d'un ange, Jocelyn, Histoire des Girondins, etc.

"Monsieur le Maréchal

Vouillez me permettre d'apporter notre bien-veillante attention sur une réclamation que Mr. Melchior Ventre, de Marseile, prend la liberté de vous adresser. Cette réclamation est relative à une expropriation faite en Algerie à son prejudice. Un de mes amies, que je ne puis refuser, me prie instamment de l'appuyer de mon faible crédit, et je le fais d'autant plus volontiers que Mr. Ventre me parait être dans son droit.

Veuillez, Monsieur le Maréchal, excuser mon indiscrétion et agrée avec bonté l'assurance de mes sentiments dévoués et de ma respectueuse consideration.

Al. de Lamartine

Deputé de Saon et Loire.

Mâcon Novembre 1844.

Desse documento somente é autografo, infelizmente, a assinatura e as palavras "Deputé de Saon et Loire".

E para concluir, pois do contrario longe iria, mencionarei a mais famosa das mulheres escriptoras de França: **Rachilde**.

Nascida no Périgord, no vale de Beauronne a 11 de Fevereiro de 1860. Chama-se, então, e até seu aparecimento no mundo das letras Marguerite Eymery. Descendia do famoso Grande Inquisidor de Espanha, Dom Faytos, cujo filho natural recebeu o nome de François Marie Feytaud.

Os ancestrais, quasi todos de Mlle. Eymery eram filhos naturais, filhos de padres que, por fim, abandonavam a batina para legalizar sua vida anômala.

O pai, oficial, Monsieur Eymery, cuidou muito da educação da filha que já aos 18 anos lera toda a biblioteca do avô materno, Urbain Feytaud, composta das obras de Voltaire, Marquês de Sade e outros francamente negativistas, naturalistas e imorais. Conhecia tudo e todos os vicios sociais, teoricamente, pelas leituras especialmente das obras de Sade, o inventor do "Sadismo".

Por essa obra escreveu seu primeiro romance em folhetim de jornal, que o pai, à noite, lia em familia, passando por alto passagens escabrosas, improprias a uma moça como sua Marguerite. Ignorava ele que essa sua filha escrevia e pensava que **Rachilde** fosse algum grande escriptor de Paris.

Mais tarde, completada a maioridade, abandona a casa paterna e vai para Paris.

Aí entrega-se de corpo e alma á literatura e forma, em seu redor, grupo seleto de intelectuais: Victor Hugo, Albert Samain, Maurice Maeterlinck, Paul Verlaine, Laurent Tailhade, Jules Renard, Jean Lorrain, Alfred Vallete futuro fundador da Revue des Deux Mondes, e inúmeros outros.

Pontifica.

Mas a sociedade francesa a expulsa de seu seio, por ser, sua obra, pornográfica.

Barbey d'Aurevilly defende-a:

— Pornographe, soit. Mais tellement distinguée.

Jean Lorrain, elogiando-a, termina sua carta com estas palavras:

— Beau monstre, belle animale.

Mais tarde casa com Alfred Vallete.

Sua obra é grande: mais de 30 livros entre os quaes: **Monsieur Vénus**, que lhe valem prisão e multa por ter inventado um novo vicio. **Nono, La Virginité de Diane, A Mort, La Marquise de Sade, Madame Adonis, L'Aminacle, Les Hors-Nature, La Tour d'Amour, L'Heure Sexuelle, Les Dessous, La Haine amoureuse**, etc.

Antes de seu casamento, Rachilde costumava, vestida de homem, frequentar os cafés onde se encontrava com os amigos.

Seu cartão, daqueles tempos, rezava:

Rachilde

..**Homme de Lettres.**

O cartãozinho que della possuo, diz:

"Une tuile me tombe sur la tête, ma grande Amie! Les religieuses de Corbeil cessent, non pour des raisons gouvernamentales mais pour des convenances personelles de diriger leur pensionnat qu'elles transforment en maison de retraite pour leurs membres perclus... et du jour au lendemain, sans avoir crié gare **elles nous rendent nos enfants!!!** J'ai **10 jours** pour trouver un pensionnat convenable dans la region où j'allais acheter ma petite maison des vacances!!... C'est joyeux!! J'ai un roman en train, un livre à lire et deux demeures à diriger pendant ce temps. Je suis exasperée!... Y a de quoi!... Hier, j'etais à la répétition générale de l'Oeuvre j'ai cependent déniché **deux renseignements** sur notre Guitry... Et puis j'ai une actrice et un acteur qui voudraient jouer une pièce de moi. J'ai répondu que je n'en possedais pas de prête... Faut segarer des raconteurs. Dès que la petite remise en boite je vous irai voir, fut ce entre deux Trains, pas?... Mes amitiés à Mr. Pérégrin".

Se, em tudo isso não ha valor, ha curiosidade, mormente tendo-me em conta que o melhor estudo psicológico que se pode fazer dos grandes homens é através os "pequenos papéis", cartas intimas, cartãozinhos e cadernetas de apontamentos...

Nisso está a sinceridade, a vida interna, o intimo sentir e pensar dos grandes e ilustres.

As mulheres na obra de Érico Veríssimo

João Rubem

De princípio começaremos por fazer uma certa afirmação: Veríssimo é um escritor que trabalha em prol da mulher, que nutre por ela uma profunda admiração e uma carinhosa amizade.

Toda a obra do grande escritor brasileiro se consagra a antever para a mulher um futuro mais humano, um futuro cuja beleza se não exclua. Creio, por isso mesmo, que Veríssimo é credor de toda a nossa simpatia, que em nosso rosto uma alegria se espalha!

Desde o inicio da vida do escritor eu me tornei duma grande dedicação pela sua obra: quem se não sentirá contente de ver que um romancista de primeira plana se interessa pela vida agitada de hoje e se empenha por resolver os conflitos e os problemas mais instantes que embaraçam e se apoderam da sensibilidade da juventude? Todo o jovem está com Veríssimo, pois ele é o *médium* que a todo o instante capta as ondas da sensibilidade, que o atrofia e lhe restringe a liberdade! Ninguem duvida que a ação do escritor gaúcho tenha um valor indiscutível: quem trabalha com honra por uma obra sã, cuja finalidade se norteia por uma transcendentação e uma perene evolução de tudo que integrado na vida se estabiliza por uma solidificação humana, merece o aplauso de todos nós, nós que embora irreverentes concordamos e aprovamos o que permanece como perduravel num sentido de intimo dinamismo, mas só com o propósito de enriquecer a Humanidade! As páginas que o romancista nos deu e nos vem legando através dos seus livros dinâmicos, são magnificos quadros que pertencem à vida de hoje: impressionante, inquietante, rápida e opressiva.

Logo que começamos a ler a obra de Erico Veríssimo, ficamos presos por determinada admiração. E' que ele consegue perfeitamente casar o problema da sensibilidade com o da inteligência. Disso resulta um equilíbrio admiravel. Nos romances deste grande escritor tudo se integra e submete a uma mesma ação, com um poder cinemático, mas pleno as figuras não são esboçadas nos seus contornos, porem são desenhadas nas suas linhas mais íntimas e humanas. Há agitação quer interior quer exterior. Porem, vou deixar este problema para outra ocasião. De momento quero simplesmente focar a importancia das figuras femininas na obra de Veríssimo.

Em todos os livros do romancista quer se trate de *MUSICA AO LONGE, UM LUGAR AO SOL, CAMINHOS CRUZADOS* e *OLHAI OS LIRIOS DO CAMPO*, ha uma preocupação curiosa que o absorve: é o seu desejo de conquistar para a mulher uma independência excepcional e a tornar aos nossos olhos como uma figura de rara envergadura moral, que a sua ambição não é viver egoisticamente, mas dar-se a quem ela estima e quer, com tanto carinho e com tal interesse que nos entusiasma e nos comove. Comove porque era assim mesmo que gostariamos de ver a mulher, nunca deminuida na ascensão emotiva e nunca curvada perante a realidade. O que mais se encontra na presente hora é gente que não sente e não bebe o sabor da vida — é gente que morreu agarrada ao madeiro do ceticismo e não lançou o olhar para a aurora que desponta, que nunca contemplou o brilho das estrelas ou o frémito alucinante e carinhoso das ondas do mar. E' gente que se absorve angustiada no rodopio da vida que rola, e se não opõe a qualquer corrente, é gente estagnada e metida no lôdo, sem se preocupar de conduzir a vida para um ideal limite, mas que plenamente se dirige para o homem! Ora esse ideal limite que nos ocupa o cérebro, é a ambição de todo o ser em se conquistar a si para o mundo inteiro — é arraigar-se à vida numa ambição de modificá-la, tendentemente para uma ação de melhoria humana, sem contudo atingir o absoluto — a negação da vida, como a metafísica.

Veríssimo é um escritor que sabe para onde vai e cria dentro da vida. A fonte das suas emoções, assim como a de seu raciocínio está dentro da nossa época; vive em todos aqueles que se dão ao mundo em demanda de um outro mais perfeito, mais lógico e mais humano. Pensando nisso, escolheu Veríssimo as mulheres como os intérpretes mais adequados para levarem os seres ao caminho de tão puro e belo ideal. Embora se apossem de nós determinadas dúvidas, acreditamos que alguma coisa

se conseguirá de semelhante desiderato. Qualquer das suas personagens é para nós não um puro desenho, mas uma expressão real: Clarissa, Fernanda e Olívia são tres tipos de mulher que enchem uma Humanidade. Uma Humanidade senhora das suas forças e das suas inquietações.

Clarissa, Fernanda e Olívia vivem num mundo que não é o nosso, num mundo que elas criaram e que *ha-de* ser.

A agitação que pulsa no coração de tais mulheres é uma agitação conciente, é uma agitação produto de certo grau de inteligência e de cultura-inteligência e cultura que se não fecham covardemente, mas rebentam para a vida. Da cultura e da inteligência que confiam nas suas forças e não precisam do mistério...

Olívia, essa figura que nos arrebata e enche todo o *OLHAI OS LIRIOS DO CAMPO* é grande, segreda-nos ou por outra, diz-nos das inquietações que a perturbam, sempre numa atitude serena; "quando falo em conquista, quero dizer a conquista duma situação decente para todas as criaturas humanas, a conquista da paz digna, de espirito de cooperação."

"E quando falo em aceitar a vida não me refiro a aceitação resignada e passiva de todas as desigualdades, malvadezas, absurdos e misérias do mundo. Refiro-me, sim, à aceitação da luta necessaria, do sofrimento que essa luta nos trará, das horas amargas que ela forçosamente nos ha de levar."

Evidentemente que a vida se ha de conduzir por certa harmonia, revestida esta da confiança jovem que bota ainda alguma alegria no mundo e não se perde no desalento, no fato consumado: "viver como certos homens vivem é simplesmente inhumano. Procurar a riqueza por amor da riqueza é fugir da vida. Procurar a paz e a felicidade através do dinheiro é qualquer coisa que se parece com o espirito daquele macaco da história infantil. Deram-lhe um bocado de leite numa panela e para ter a ilusão de que tinha a panela sempre cheia, o macaco punha o leite a ferver para que a espuma crescesse e transbordasse."

"Não tenho nenhuma prevenção contra os ricos, seria tola se tivesse. Ha os que sabem empregar humanamente a sua riqueza. Elogiar a pobreza seria tambem doentio."

Ora Olívia se exprime com estas nobres palavras que acabo de transcrever. Foram escritas quando ela viveu em Nova Itália. Da mesma maneira seria facil extrair idênticos pensamentos de Fernanda e outros tantos, porem mais subtis, de Clarissa; acho, no entanto, desnecessario. Toda a gente conhece as obras de Veríssimo. Falo agora de Olívia, pois é esta a figura central de último romance deste humano escritor. E como resolvi analisar uma das facetas da obra de tão ilustre romancista, entendi associar as tres mulheres que, por assim dizer, concentram a nossa atenção nos seus romances.

Clarissa é uma rapariga que se extasia e se decepciona quando se investe da sua cadeira de professora. A cadeira lhe causa grandes dissabores. Mas os miúdos a enternecem. Todas as emoções que inundam caudalosamente o seu coração ela as passa ao *diario*. Conforme a vida vai decorrendo se alegra e se exaspera. Alegra-se por que tem vontade de viver, mas exaspera-se ao ver que as questões dos pais são o objeto das suas vidas. Por sua vez a familia vai caíndo, vai naufragando, muito embora se entremostre possuidora de grandes recursos monetários e de lata influência social. Porem, tudo corre da peor maneira. Clarissa luta por fugir às questões que permanentemente se degladiam em casa às horas das refeições. E o maior desejo dela é não sentir o que os pais discutem, é internar-se no mundo da beleza, da beleza da vida. Contudo não se pode libertar do que se passa. Depois, quando entra a conversar com o primo, o Vasco, vê que este é o bode expiatório do seu pai — o homem arrogante de velho senhor. E uma angústia se apodera dela. Tem pena de Vasco. Não crê no mundo conforme se vive. O mundo é outra coisa. A vida é boa. E pensando assim dá certo conforto a Vasco.

Fernanda essa então é uma mulher que vive emancipada. Luta por arrastar a mãe do mundo do sofrimento e da tragédia. O Pedrinho, o irmão, é um rapaz que se perde com amores doentio. Ela tenta arranca-lo. Por último todos os seus esforços se congregam em entusiasmar Noel pela vida. Firmemente se debate por causa do companheiro que não seja mais um ente passivo. Quer que ele aprecie a vida, a encare de frente, lhe saiba resistir e tocar nas teclas maviosas que possue. E devido ao seu entusiasmo o vai corrigindo. Não tem momentos de desalento, pois esses enfraquecem a ação: tudo se quer contagiado de entusiasmo, de abnegação e de compreensão. Para que pensar em coisas tristes? Não, o oti-

mismo realiza. A finalidade é viver. — e viver é sentir a vida aumentar em proporções cada vez maiores de felicidade. O empenho de Fernanda é viver o sonho da felicidade. E a felicidade está em Noel.

Noel esse tipo apagado, mortiço; tipo que se deixa contagiar de um depauperamento físico e de um grande abatimento moral. Em casa de Noel todos o tem por um fracassado, um vencido que não chegou a lutar. E por se sentir depauperado ele alimenta cada vez mais a sua derrota. Ele se vai contaminando de tristeza e de queda. E prevê que a ruina seja um fato consumado. Parece-lhe que tudo é contra ele e sente-se, então, sossobrar. Mas Fernanda arrebata-o. Fernanda injeta-o de bom humor. Fernanda dá-lhe a sua música, a música sublime das suas caricias e do seu raciocinio pronto e vivo. Um raciocinio que não tem escala de pontos de desalento, de notas falsas: uma vibração que supera as horas trágicas e os pensamentos dolentes!

E Fernanda vence. Vence como mulher. Vence como companheira. Vence pela vontade enérgica de viver — vence por causa do seu espirito resoluto e amplo. Depois Noel já tem coragem. Não se amolece com tristezas. Noel triunfa.

Com Olívia passa-se o mesmo caso. Olívia é uma mulher com tal aptidão para a vida que nada a perturba. Aceita o que se passa não com resignação, mas com firmeza, com certo estoicismo, mesmo. Não falece perante algumas atitudes. Ela quer que a sua vida tenha finalidade, e tem.

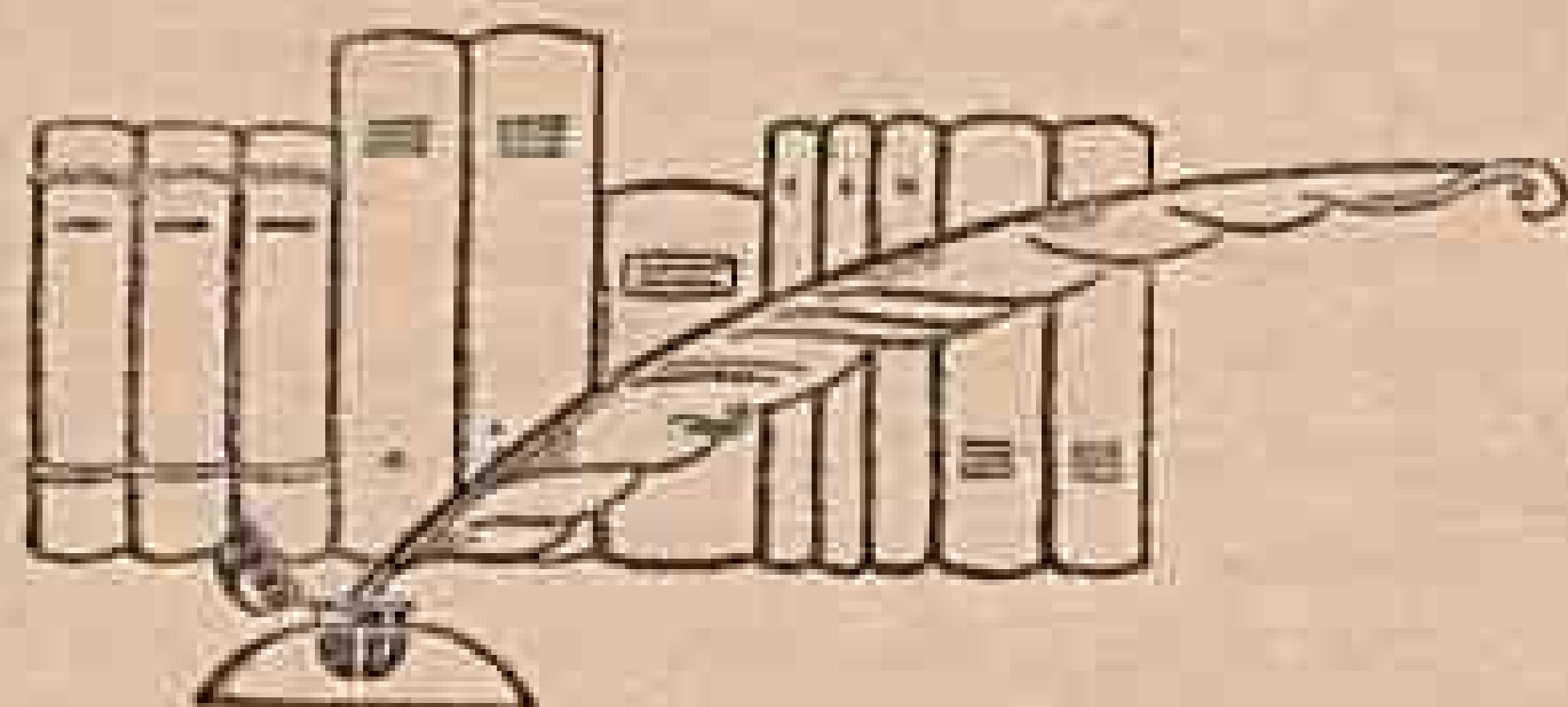
Olívia, tambem como Fernanda, goza a vida. A vida é tudo. E Eugênio por quem ela se sacrifica não tem energia para reagir perante certos fatos. Mas ela lhe imprime doses de otimismo.

Quando Eugênio casa com Eunice (uma burguezinha futil que a par e passo fala de Freud como uma novidade gênero *bibelot* e, emprega expressões do quilate de *complexo de inferioridade*) Olívia não solta a mais leve queixa. O seu maior desejo é salvar Eugênio. Desde o dia da colação de grau eles ficam grandes amigos. Toda a ternura de Olívia se dirige para Eugênio, Eugênio essa figura abatida que tem medo de todos e envergonha-se do seu próprio pai — seu pai um pobre alfaiate. E assim foge dos outros. Lembra-se dos tempos de menino, quando na escola o vaiavam de *calça furada*. Por isso mesmo, quando um dia avista o pai e vai com Acélio Castanho, o estudante que sonha com a *tragédia grega*, ele se esquiva ao pai. Depois não sabe como o encarar. Tem atitudes *gauches* e mentalmente quer abraçar o pai e pedir-lhe perdão, mas não exterioriza. Acanha-se. Olívia esforça-se por o demover de certas idéias. Então, logo que ele nota a incompatibilidade com a sua mulher, Eunice Cintra, volta novamente ao convívio de Olívia. E sente-se feliz: "se tu soubesses o bem que me fazes. Eu tinha a impressão de que todo o estímulo havia desaparecido de minha vida. Eu me sentia uma *coisa*... Só via a meu redor caras indiferentes, criaturas que não pareciam humanas... Se pudesse imaginar como isso doi..."

Agora sente que a vida recomeça. A vida tem beleza. O que é preciso é saber procurá-la. E Olívia dá-lhe imensa beleza e um grande estímulo para se defender das idéias más. De repente ele tem uma grande comoção. Olívia morre num hospital. Deixa-lhe uma carta que é por assim dizer, a maneira como ele se deve comportar socialmente e, tambem Anamaria — filha de ambos.

Toda a ambição de Eugênio é acarinhar Anamaria. E' um processo de ter sempre presente Olívia, pois em tudo a sua filha lhe lembra Olívia: na expressão de rosto...

Pela exposição que aí fica, poderão os leitores avaliar da maneira como E'rico Verissimo tem uma profunda simpatia pelas mulheres. Nos seus livros ha realmente o desejo de as colocar em lugares de primeira ordem. Elas são tudo na sua obra. E para nós tambem são tudo. Tudo porque ele as penetra de tal compreensão que nos espanta. As mulheres apresentadas por Veríssimo teem uma sensibilidade tão grande que nunca se revoltam contra aqueles que estimam, mas pelo contrário: querem-lhes tanto que todo o interesse delas é senti-los alegres e aptos a não sucumbirem em frente de particularidades da vida. Quando reagem não é com o fito de armar questões: é com a ambição sincera de resolverem os assuntos pacificamente, somente com a inteligência!

Poder-se-á dizer que na realidade o *caso* se não desenvolve dessa maneira? Devemos notar, no entanto, que o escritor teve em mira criar tipos que correspondam a um futuro mundo. Por isso mesmo ele bem andou procedendo com tal espírito. Nada mais justo do que a sua tentativa. E oxalá que surta efeito.

O papel no quadro da economia brasileira

A indústria do papel, definida em toda a sua amplitude, tem dois grandes setores: o da fabricação do papel em geral, que se ocupa com a fabricação de todas as espécies de papel; e o outro, muito especial, que diz com a produção de papel para impressão de jornais.

A primeira parte geral da indústria do papel é explorada em todos os países do mundo, aproveitando diversas matérias que oferece cada região, à medida do seu desenvolvimento, mas sem dispensar a importação da matéria prima dos países escandinavos, detentores do monopólio natural da produção da celulose. Para deixar isso patente, basta considerar que países em que a indústria do papel atingiu o grande desenvolvimento, a ponto de torná-los exportadores, como a Itália, a Inglaterra, a Alemanha, a França, os Estados Unidos e outros, tambem são grandes importadores de celulose dos países escandinavos ou do Canadá. O exemplo de nossa indústria papeleira, como se vê, está dentro do quadro natural das demais indústrias em todos os países, consumindo já em parte a matéria prima produzida entre nós, mas sem dispensar, todavia, a importação do produto escandinavo ou canadense.

A nossa indústria de papel já atingiu a um grau de aperfeiçoamento indiscutivel. O esforço particular tem vencido às vezes tenaz campanha, e, não obstante, hoje a realização brasileira, nesse aspecto, já vai, na sua capacidade de produção, alem da própria capacidade de consumo, levando as fábricas a um regime de atividade controlada. É uma indústria que está difundida em todo o território nacional, representada em diversos Estados, de Sul a Norte, por 34 fábricas, com a produção anual de cerca de 150.000 toneladas de papel de todas as qualidades, representando um patrimônio de Rs. 340.000:000$000 e alimentando a existência de cerca de 25.000 operários.

Como já se disse, a nossa indústria alimenta-se, em parte, da matéria prima nacional, extraída de diversos especimens brasileiros, como o pinheiro do Paraná, o lírio do brejo, a palha de arroz, o capim jaraguá, o bambú, etc., como tambem pelo reaproveitamento dos detritos do consumo n'uma soma total de cerca de 90.000 toneladas de matéria prima. Aliás, as fábricas cada vez mais se esforçam para promover a respectiva autonomia industrial, preparando-se para a produção da própria matéria prima.

O outro setor especializado é o dedicado à produção do papel para impressão de jornais. Já esse aspecto da indústria não pode ser tentada senão em poucas regiões do globo, que, por condições especiais, exercem por isso um verdadeiro monopólio natural. Não é que haja diferença ou segredo na constituição dos papeis. O que caracteriza o papel de imprensa é o seu preço fundamentalmente econômico. Por isso mesmo, está ela substancialmente associada à produção, no local, da matéria prima — a celulose e a pasta de madeira — em grande abundância. A pesar das nossas reservas florestais, ainda estamos bem longe das condições naturais de uniformidade de essências que fazem dos países escandinavos ou do Canadá, o *habitat* natural da celulose, da pasta de madeira e do papel.

B. Lopes, o poeta fidalgo

SOBRE A VIDA DO VATE FLUMINENSE — UM AMOR QUE NÃO FLORESCEU — UMA POETISA IGNORADA

Alvarus de Oliveira

Bernardino da Costa Lopes ou simplesmente B. Lopes foi um poeta sutil que fez época.

Nascido em Boa Esperança, município de Rio Bonito no Estado do Rio, foi um simples caixeiro devido à situação financeira precária dos pais, chegando a ser, mais tarde, funcionário dos Correios do Distrito Federal, por concurso.

B. Lopes foi um poeta inspiradíssimo desde muito moço. As suas poesias eram recitadas nos salões cariocas e ouvidas com verdadeiro prazer. Os seus livros eram vendidos facilmente. Conta-se que um dos "records", de livraria lhe coube com os seus "Brazões": dois mil exemplares vendidos em 15 dias! "Record" que o seria hoje tambem que a nossa poesia está tão desvalorizada.

Entre a sua obra que ficou como imortal, destaca-se o soneto que se segue, extraído dos "Crômos" e que não há quasi quem não conheça:

Na alcova sombria e quente,
Pobre demais, se não erro
Repousa um moço doente,
Sobre uma cama de ferro

Pede-lhe baixo, inclinada,
Sua mulher — que adormeça,
Em cuja perna curvada
Ele reclina a cabeça

Vem uma loiça figura,
Com a colher da "tintura"
Que ele recusa num ai!

Mas o solicito anjinho
Diz-lhe com riso e carinho:
— "Bebe que é doce papai"

B. Lopes cantava sempre as duquezas e condessas motivo por que foi chamado o poeta fidalgo. João Ribeiro chegou a declarar que fora B. Lopes um dos maiores poetas da sua geração.

Deixou o delicado vate as seguintes obras: "Crômos", (duas edições), "Pizzicatos", "D. Carmen", "Brazões", "Sinhã Flor", "Val de Liricos" e "Helenos".

Pertenceu à Academia Fluminense de Letras, cadeira que hoje está ocupada por Maurício de Lacerda, mas quando ia publicar os "Brazões" chegou a colocar por debaixo do seu nome "Não é da Academia..." o que foi retirado depois de muito pedirem alguns dos seus amigos que viram as provas do livro.

B. Lopes foi um boêmio incorrigivel. Internado, certa vez, no Hospício por sofrer das faculdades mentais, voltou, depois curado, à mesma vida desregrada que o levou ao túmulo no dia 18 de setembro de 1916 no Engenho de Dentro, Rio de Janeiro.

B. Lopes teve na existência, como todos nós, um amor que não floresceu.

Andava o poeta quasi sempre por Sant'Ana de Jupuíba que, por esta época, era logar com vida, ao contrario do que é hoje: deserto e morto.

O que o levava, porem, ao recanto fluminense, era a beleza, a simpatia de uma prima. Moça, linda, atraente, alegre, recitando poesias e cantando os seus "lundús" ao som da "Dalila" tocada ao violão pelos seus dedos lindos e ageis, em pouco arrebatou a B. Lopes o seu coração. O poeta em pleno Rio de Janeiro, cidade encantadora das mulheres mais lindas do mundo, fora deixar o coração às mãos de uma roceirinha... que sabia prender e seduzir mais que as moças da capital...

Mas B. Lopes já encontrou o coração de Chandoca Lopes tomado pelo amor de um outro primo com quem se casou mais tarde.

Havia, tambem, outros motivos que concorreram, para que a linda e formosa Chandoca Lopes não pudesse amar ao esteta. Preconceitos da raça, preconceitos tolos mas que, naquele tempo, eram vitais em questão de amor!

Existia grande afinidade entre a alma dos primos. Ambos artistas. Ambos com senso poético.

O soneto abaixo foi por ele dedicado à sua prima amada:

CHANDOCA

Corpo delgado, franzino
Como um lirio do caminho
Que vergasse de tão fino,
Ao peso de um passarinho

Canário que solta um trino
Entre as pelucias do ninho;
Olhar manso e cristalino
Alburas frescas do linho...

Rositas vivas na face,
Lábios fechados, vermelhos
Como cravina que nasce

Mãos finas, unhas rosadas
Pequenos pés sem artelhos
Tranças aos ombros atiradas...

B. Lopes compreendeu que o seu amor era impossivel e irrealizavel. Afastou-se de Jupuiba e ficou com o Rio onde ele sufocava a sua paixão na sua desbragada boemia.

Quando Chandoca casou-se, B. Lopes enviou uma carta ao seu primo onde ele dizia que invejava a sua sorte e contava a sua vida agitada e louca sob os vapores do vinho tomado aos cafés daquele tempo onde não havia homem de letras que não fosse boemio... Parece que era qualidade primordial para se ser literato. Saber beber, antes de mais nada...

Deplorava porem, não poder viver naquele recanto tão plácido mas tão feliz: Jupuiba, ao lado daquela que amava...

Via-se pela missiva que o poeta ainda tinha no peito aquele amor que soubera guardar na sua alma de artista!

São estes amores incompreendidos que completam, que lapidam este brilhante: A Arte.

Ai! dos poetas se não houvesse o amor irrealizavel!

B. Lopes viveu no Rio onde a par da sua dor e da sua boemia o seu nome subiu à Glória e ficou na Imortalidade...

Chandoca Lopes na sua luta pela família — criando filhos e netos — não sufocou os seus sonhos poéticos; pelo contrário, à proporção que ia sofrendo a lição dura da Vida e transpondo os transes da Existência, ia fazendo os seus versos mas que estão ignorados até hoje pelo público.

Chandoca Lopes é uma poetisa nata. Escreve com alma, com sentimento. E, coisa estranha, nunca pensou em publicar as suas produções...

Como é diferente dos nossos tempos que se pensa na publicidade antes mesmo de se pensar no que se pode produzir...

Em Rio Bonito não há quem não conheça aquela senhora de cabeça branca, tão branca como a neve, que carrega no seu coração, na sua alma, um mundo de sofrimentos que ficam gravados, traduzidos, nos seus cadernos de poesias que lê aos seus íntimos amigos, como se fosse prazer relembrar o sofrimento.

É que tudo que é passado causa prazer... É que o passado embora o peor, o mais tristonho, o mais negro, sempre nos causa agrado relembrar... O passado é aquilo que se foi e que não mais voltará, o que basta para que valha mais que o presente que temos em mão...

Não houve filho que morresse, neto que se finasse, que ela não escrevesse versos e mais versos onde chorava a sua perda e cantava a sua saudade...

Damos abaixo duas poesias de Chandoca Lopes que vai ver os seus primeiros trabalhos publicados, o seu primeiro triunfo literário aos oitenta anos!

O RISO

Que inveja eu tenho desse riso alegre,
Riso tão puro de quem ri bastante!...
Eu não... não rio, pois a lágrima quente,
Não me despreza, nem um só instante

Que inveja eu tenho desses lábios lindos
Rindo para todos com satisfação!
Eu não... não rio, porque só chorando,
Vive o meu velho e debil coração!

Que inveja eu tenho de quem ri contente,
Do riso franco da felicidade!
Eu não... não rio, os meus olhos tristes,
Vertem o pranto da cruel saudade.

Que inveja eu tenho de quem ri p'ra o mundo
Mundo fingido que feriu-me a alma!
Eu não... não posso rir-me assim para ele
Pois foi-me ingrato, me roubou a calma!...

Mas como rir-me, se as saudades ferem-me,
E em meus olhos vertem tão sentido pranto?...
Perdão Senhor!... para a desventurada
Que neste mundo tem sofrido tanto!

Ah! quem dera, que eu pudesse rir-me
Um riso franco de alegria pura!
Eu guardaria esse riso na alma
E o levaria para a sepultura!

VOZES D'ALMAS

Deus!.. Ó Deus! Onde estais onde Te en-
[contras?
Que me não ouves neste ingrato mundo?
Dá-me descanço, diminue meus males,
Tira-me da alma, este sofrer profundo!

Por que levaste do meu lar meus filhos,
Aqueles entes que eu adorava tanto?
Deixaste-me aqui tão isolada,
Dos olhos tristes transbordando o pranto!

Meu coração saudosamente chora
Tal como um louco pela dor, discrente.
E eu não tenho sequer um só conforto
Oh dá-m'o grande Deus Clemente!

Deus! Oh Deus! Onde estás que não me ouves?
Nas minhas preces que sinceras são
Volta oh! Deus, o teu olhar sagrado
Dá-me Senhor a sua proteção!...

Qual foi meu crime? Que Te fiz Senhor?
Que assim mereça a punição Sagrada?
Dá-me Senhor Teu divino perdão,
Para minh'alma tão desventurada!

Deus! Oh Deus! Onde estás que não res-
[pondes?
Atende as vozes de minh'alma aflita!
Dá-lhe um conforto, diminue meu pranto
Manda-me a Tua proteção bemdita!

Meus olhos vivem lacrimosos, tristes,
E a minh'alma a definhar, descrida!
De que me serve vejetar no mundo?
Cortado o fio que me prende à Vida?...

Corta, vez que o meu destino é falso,
E tão tirano que me faz sofrer!
De que me serve esta existência ingrata?
Antes, mil vezes, sucumbir... morrer...

Como se vê, são poesias que podem ter defeitos de construção, de métrica (a autora nunca aprendeu métrica, nem escola de espécie alguma frequentou, tendo aprendido em casa com seus pais o pouco que sabe), mas indicam uma alma sensivel e são sinceras e ternas!

Chandoca Lopes como prima de B. Lopes, mostra que possue alma irmã a do grande poeta — glória da literatura da sua época...

"NA CARAVANA DA VIDA"

Mario Guastini obteve um grande êxito com seu livro de crônicas lançado pelos editores PONGETTI. Detentor de uma das mais brilhantes carreiras da imprensa paulista, o autor de "NA CARAVANA DA VIDA" encontrou o seu público firme para prestigiar e aplaudir essa iniciativa.

Livro de saudade e recordações, nele sentimos o reflexo de uma grande sinceridade que a inteligência amplia e transmite poderosamente. Com efeito, fazendo a seleção de suas inúmeras crônicas, tem-se a impressão de que o autor soube escolher as que melhor lhe falassem ao coração. E, se o vemos elogiar alguns vultos eminentes da Paulicéa, é porque de fato, são nomes dignos de admiração e respeito.

Assim, justifica-se facilmente o êxito de "NA CARAVANA DA VIDA", um dos melhores livros de crônicas que temos lido ultimamente. R. P.

Que saibamos não há outros parentes nem de B. Lopes nem de Chandoca Lopes que possuam alma de artista ou mesmo tenham sedução pela literatura, a não ser o autor destas linhas que descendente direto daquela, parece ser o único seduzido pelas letras sem ter, contudo, nem a inspiração nem o mesmo talento, infelizmente...

Sinópse da contribuição das antigas províncias para a formação republicana

A PROVINCIA DO PARÁ

T.te C.el Altamirano Nunes Pereira
Catedrático na E. I. do Exército

A Terra lendária dos paraoáras tem ante si três magestades: o rio Amazonas, o Oceano e a Natureza maravilhosa. Não se diminue, porem, deante desses esplendores, a significação da história paraense.

Sem muito esforço, bem se pode reconhecer ali o berço das conquistas liberais em nossa terra, pois é já em 1618, faz mais de três séculos, que o povo de Belem do Grão Pará se rebela, depõe e envia a ferros de retorno a Portugal, a seu Capitão-Mór Francisco Caldeira de Castelo Branco. Este fora o fundador daquela aldeia, a 12 de Janeiro de 1616, no local da taba de Parauassú...

Brevemente, ainda, em 1619, aquele mesmo povo afeito já ao clima de liberdade que a solenissima grandeza de nossa terra inspira depõe a Matias de Albuquerque Maranhão e cria um triunvirato, primeiro governo popular que se implanta no Brasil.

Extremo norte do Brasil, tem o Pará muitos e notaveis pontos de contacto com o Rio Grande do Sul, lá no extremo sul.

Pará é rio, no "neengatu;" Rio Grande...

A função histórica que se reservou ao Pará foi a de integrar a Pátria na região norte e noroeste do país; ao Rio Grande do Sul se destinou ser a sentinela do sul, defendendo e integrando o território na direção do sul.

O ano de 1835 se assinala pelas explosões libertárias que espoucam, no Pará, com a "Cabanagem," e, no Rio Grande do Sul, com os "farrapos".

Pedaços da Patria, pontos extremos, eles se tocam por tais afinidades que são bem os alicerces da eterna unidade do Brasil!

A abolição da escravatura exigiu sempre o concurso dos espíritos democráticos, servindo mesmo de escola doutrinária o ciclo da propaganda. No Pará, a atividade anti-escravagista tem viva propaganda pelas pregações de Filipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente! Bacharel formado em Direito, em Portugal, foi brilhantissimo espírito democrata. Muito jovem ainda, pois nascera em 1798, estava o herói paroára em atitude combatente aos 22 anos.

Visando a implantação de regime liberal no Pará, Patroni Maciel começou por conspirar e urdir a trama para que se depuzesse o deshonesto triunvirato de que participava Felipe dos Reis. A 1 de janeiro de 1820, o povo do Pará tinha prioridade em aderir a constitucionalização do Brasil, integrando-se na forma liberal que deveria servir à abolição da escravatura e à independencia. Uma junta governativa se constitue para dirigir a Provincia. Fazem parte dela: o conego Romualdo Antonio de Seixas, que é o presidente; Joaquim Pereira de Macedo, vice-presidente, Coroneis de Linha Francisco José Rodrigues Barata, (avô dos atuais Coroneis Joaquim e Mario Magalhães de Cardoso Barata), João Pereira Vilaça e mais cinco representantes de tropa, comércio e agricultura

---

Depois, vem a epopéia da Independência. Somente a 11 de agosto de 1823 a legendária terra paroára estava integrada no Império do Brasil.

Para alcançar essa meta, dois levantes se deram no Pará. O de Belem foi a 14 de abril, mais de sete meses depois da proclamação do Ipiranga. Frustrado, foram condenados à morte duzentos e setenta revolucionários. Dentre eles Bernardo de Sousa Franco, que em 1844 governa a Província das Alagoas, cônego Roberto Pimentel, alferes Oliveira Belo, e outros. De morte "natural", livrou-os o cônego D. Romualdo Antonio de Seixas.

O outro movimento, em Muaná, na costa ocidental da ilha de Marajó, foi a 28 de maio de 1823. Proclamou-se, então, a Independência, com vivas a D. Pedro I. Mas a 7 de junho desse ano, vencidos, são presos em combate os heróicos e denodados lutadores liberais. Remetidos às enxovias de Lisboa, somente em fins de 1824 recobram a liberdade!

Grande número deles, porem, pereceu nas masmorras da "Torre de São Julião da Barra". Teriam pagado com a vida o gesto histórico do Ipiranga...

A Cabanagem se prenuncia desde então. Era a reação fatal e categórica dos que, nascidos sob o fastígio dessa liberdade que esplende das manifestações serenas de nosso clima, ansiavam por desfrutar um regime livre.

Vários motins liberticistas se marcam desde 1823 até 1837. São em Cametá, em Bragança, em Turiassú, etc. Mas é a 7 de janeiro de 1835 que a atividade revolucionária atinge seu máximo. Naquela data se glorificam os Malcher, Vinagre, Angelim... e desaparece do rol dos prepotentes o infeliz Bernardo Lobo de Souza.

Depois Malcher governa por aclamação, para ser apeiado do poder e assassinado; governa em março, Vinagre; mas em Cametá governa Angelo Corrêa; em junho, o Marechal Jorge Rodrigues assume o governo; mas, a 23 de agosto, é vitoriosa a rebelião de Eduardo Angelim e a cabanada se dessedenta em sangue! Todavia, esse cabano de 21 anos de idade deixou singulares demonstrações de valor na condução do heróico povo paraoára.

Mas, o que interessa neste artigo, é recordar a atividade republicana na terra paraense.

Um ensáio de República, em comunhão com a Federação do Equador de 1824, chegou a ser realizado em Belém do Grã Pará. As providências preliminares foram mesmo ao ponto de deporem os conjurados ao Presidente da Província e ao Comandante das Armas, elegendo a seguir uma junta governativa. A 1 de maio deveriam proclamar a república, mas a inesperada vinda do Coronel José de Araujo Roso, paraense e amigo dos conspiradores, que chegava para assumir o governo legal, modificou radicalmente a situação.

O espirito liberal se conteve para espraiar-se violentamente na fase da Cabanada.

Se é do espírito republicano o respeito à personalidade do próximo, a atividade abolicionista da escravatura não desmerece ser considerada entre as manifestações republicanas do Brasil. No Pará, tais manifestações de solidariedade humana são beneméritas e eloquentes.

Nomes de patriotas são Patroni, Carlos Seidl, Antônio David de Vasconcelos Canabarro, Tenreiro Aranha, João Capbell, José Agostinho, Antônio José de Lemos, Tito Franco de Almeida, Romualdo Paes de Andrade, Domingos Olímpio, Veiga Cabral, Raimundo Castelo Branco, Cordeiro de Castro, Manoel de Melo Cardoso Barata, Joaquim Cabral.

Sociedades abolicionistas são Associação Filantropica de Emancipação d'Escravos, "Ipiranga," "Liga Redentora," "União reatora contra a escravidão", as lojas maçonicas Harmonia, Harmonia e Fraternidade, e Firmeza e Humanidade.

Mas a propaganda doutrinária da República, atividade especificadamente dirigida para a implantação do regime republicano no Brasil, tem seu relevo e distingue-se pelo concurso que levou à preparação dos espíritos.

Os clubes republicanos eram diversos na Província, quando se vai proclamar a República. O Clube Republicano do Pará, fundado por Antonio Sérgio Dias Vieira da Fontoura, a 11 de abril de 1886, teve, destacada atuação nos fastos republicanos. O grupo de republicanos históricos que foram seus socios fundadores, contava José Paes de Carvalho, Henrique Americo Santa Rosa, José Teixeira Mata Bacelar, Antônio Sérgio, Lauro Sodré, Barjona de Miranda, Antônio Marcelino Cardoso Barata, Manoel de Melo Cardoso Barata, Benvindo Gurgel do Amaral, Felipe Condurú, Filadelfo Condurú, Justo e Pedro Leite Chermont, Antônio Pedro Borralho, Basilio Magno de Araujo, Inácio Gonçalves Nogueira, Fileto Bezerra da Rocha Moraes e mais outros 47 ilustres e devotados patriotas. Das atividades desse clube, cumpre destacar estes feitos: manifestos de 3 de maio

de 1888, e de 8 de agosto desse ano; a edição do jornal "A República", cujo primeiro número saiu a 12 de setembro de 1886; a sessão de 27 de junho de 1889, quando falou o Dr. Justo Leite Chermont, reafirmando as aspirações de republicanização do Brasil, que anhelavam os paraenses, enquanto que era hospede oficial em Belém o Conde D'Eu.

Outros clubes se instalam em cidades e vilas do interior. O de "Breves," é inaugurado a 7 de janeiro de 1887; o de "Bragança", a 25 de novembro de 1888; depois, o "Saldanha Marinho", em "Belém"; o de "Viseu", o de "Óbidos", ets.

A imprensa republicana que se inaugura com "A República", a que já nos referimos, teve significativa atuação. O "Diario de Belém", de Antônio Francisco Pinheiro; o "Diario de Noticias" de João Campbell; o "Comércio do Pará", e outros jornais assinalam a atividade jornalística. Uns são inteiramente consagrados à propagação dos idéiais republicanos. Outros são simpáticos. Outros fornecem colunas para a propaganda.

Uns vem de 1886; outros, como a "Província do Pará", somente depois de 88.

Enfileirando-se entre os elementos jornalisticos, o panfleto "O Gravoche" que se distribuiu a 27 de junho de 1889, em Belém, era um sarcástico em mordaz crítico da monarquia, atacando rudemente o trono e especialmente ao Conde D'Eu, que chegava à cidade.

Conferências e discursos republicanos, teve-os tambem o Pará.

Longe da terra paraoára, muitos foram os vultos paraenses que se dedicaram ao apostolado da república.

O Gen. Inocencio Serzedelo Corrêa, que chegou a ser Ministro das Relações Exteriotura e da Fazenda, foi dedicado e ativo cooperador nas atividades a que se consagrava o grande Benjamim Constant. Em março de 1889, era professor da Escola Militar e estava em plena atividade pró-república. A 15 de novembro de 1889, ei-lo ao lado do grande mestre, marchando a cavalo, para a grande jornada. Culto, estudioso e brilhante, legou aos pósteros a tradição de valor ímpar. Foi republicano sem jaça, que honrou os passos da República do Brasil.

O Gen. Lauro Nina Sodré e Silva, duas vezes presidente do Pará, deputado e senador pela soberana vontade de seus concidadãos, foi autêntico e dos que se fizeram com prioridade, republicano. Tambem foi entusiasta colaborador de Benjamim Constant, de que foi secretário. Foi chefe do Partido Republicano do Pará. Ainda hoje, seu nome é um símbolo, pelo respeito sagrado que se lhe deve como figura veneravel e respeitavel da Pátria.

Outros vultos, na Capital do então Império, como pelas Províncias, levaram o espírito republicano, reflexo da formação liberal que o Pará sempre soube conquistar para seus filhos.

Ao atingir-se a última etapa, no ano de 1889, o Brasil estava tomado de um sentido altamente revolucionário. Em toda parte se fala na República, pois estava prestes o passamento de D. Pedro II e depois dele, estava deliberado, não haveria mais monarcas no Brasil.

Havia então, no Pará, como em todas as Províncias, o Partido Republicano.

No Pará, são seus dirigentes Manoel de Melo Cardoso Barata, José da Mota Teixeira Bacelar, Basilio de Araujo e Inácio Gonçalves Nogueira. O Pará estava, então, preparado e pronto para o novo regime.

A 15 de novembro de 1889 chega a Belém o telegrama de Quintino Bocaiuva, que era presidente do Partido Republicano, informando os sucessos da Capital do já ex-Império. E a 16 a República era proclamada pelo Major João Maciel da Costa, comandante do 15 Batalhão de Infantaria. Estavam no Quartel os comandantes de corpos do Exército, da Marinha e Polícia, os membros do Clube Republicano e povo.

Depois, o Pará tem belissima história nos fastos da República. Sentinela extrema do Norte, segue seu destino grandioso como que inspirado nos anseios de seu genial filho, Julio Cezar Ribeiro de Souza, o aviador primeiro.

Os seus filhos tem sabido cooperar para o progresso nacional, colaborando em harmonia com os demais brasileiros para o respeito ás tradições, para a exaltação de nossos valores e para o progresso da Pátria!

LETRAS CONTEMPORÂNEAS

Jonatas Serrano

Os que temos o hábito inveterado e inextirpavel de ler sabemos quanto há nele de volúpia sutil e de labor ingrato. Em alguns setores do campo intelectual então a possibilidade de um fino gozo exige o sacrifício de tempo, dinheiro e principalmente... paciência. Por um volume de real valor, quantos de insípida, inutil e até irritante leitura! E por isto mesmo, quanto mais longa e fatigante a extensão do deserto, mais compensativo e sedutora a frescura de um oásis.

No gênero romance, hoje, o que se publica em enorme e desanimadora maioria, não vale o custo elevado e sempre crescente do papel. Já sem discutir excelências de forma, sem pretender sejam respeitadas as velhas exigências da lingua, ao menos parece que se deveria reclamar de um romance, antes de tudo, que seja um romance. Esta profunda verdade, que ninguem teoricamente ousa impugnar, legitima *vérítée de La Palice*, na prática os pseudos romancistas de hoje não admitem nem respeitam. Romance é ensejo para todos os atentados à lingua, à decência, à lógica, e principalmente, repetimos, à paciência do leitor. Sob pretextos sociológicos, politicos, religiosos, sectários, entre outros, escrevem-se (e parece que até se vendem e se lêem...) infindáveis maçadas que, a ultrapassarem as trezentas páginas da tolerância comum, mereceriam uma intervenção enérgica de autoridade competente... Natural portanto, e das mais legitimas, a desconfiança com que já agora tomamos de um volume de ficção, maximé quando se apresenta em grande formato, espesso e ameaçador.

Tal foi o sentimento com que tomamos a tradução brasileira da obra famosa de Margaret Mitchell, *Gone with Wind*. Mais de oitocentas páginas, sessenta e tres capitulos: *a priori* assustam e convidam a renúncia. O próprio êxito facil e insólito aumenta a desconfiança: a publicidade moderna possue recursos irresistíveis.

Mas enfim vejamos: bastará um capítulo para dar a medida e há sempre a possibilidade de fechar definitivamente o texto enfadonho. E começamos a ler...

O que desde as primeiras páginas nos surpreendeu na obra foi o dom de narrar — tão raro hoje — que possue a autora. Uma vez apresentados, e com que habilidade, os personagens, queremos acompanhá-los, interessam-nos logo, e quando damos acordo de nós estamos no capítulo seguinte... E, por incrivel que pareça, sem saltar uma única, chegamos a derradeira página, com alguma saudade e leve dêsejo de que ainda não fosse o fim. E soubemos de vários casos de pessoas que levaram a ler, sofregamente e sem querer parar, horas e horas por dia, só a custo deixando a continuação da leitura para o dia seguinte. Independentemente de qualquer outro elogio, este é, sem dúvida um motivo de justa ufania para um autor: saber empolgar de tal forma os leitores que os prenda à narrativa de princípio a fim.

Dir-se-á que isto o conseguem comumente os autores de romances policiais. A objeção contem a sua dose apreciavel de verdade: é que os romances policiais teem enrêdo; posto que absurdo, seduz aos leitores que procuram distrair-se e não entediar-se voluntariamente. Falta-lhes quasi tudo o mais: descrição, diálogo natural, análise psicológica, genuina beleza artística: mas teem o essencial para obra de ficção: ação; situações difíceis, trama, desenlace.

Assim sempre pensamos, e por mais de uma feita já o temos repetido, de viva voz e por escrito. E com real prazer o vimos afirmado, em trecho recente, por Tristão de Ataíde: "O romance é a expressão mais forte talvez do *espírito de presença* em arte. O romance não é uma *evasão*, como tantas vezes é a poesia. Não é uma *evocação*, como a história. Não é uma *demonstração*, como a ciência. Ou uma especulação, como a filosofia.

Ou uma pregação, como a eloquência. O romance é uma *ação de presença*, é o ato pelo qual o artista dá *vida atual* a seres, paisagens, fatos, idéias, acontecimentos, reais ou imaginários do passado, do presente ou do futuro, mas sempre lhes comunicando a uele *quid* da *presença real*, que é uma imagem muito apagada sempre daquela Presença sobrenatural que dá ao mundo um sentido in-finito e in-temporal."

De modo geral, estamos de acordo, restringindo o campo da arte ás letras apenas, que é aliás o de que se ocupa o crítico. Pois se formos alem, ao terreno das artes propriamente ditas, só o cinema realiza o milagre da *presença total*, na ilusão da própria *vida em ato*, objetivando de certo modo as criações mais ousadas da imaginação, que nenhum outro recurso poderia fazer que se animassem deante de nós, visiveis, palpitantes, *vivas*. Nem causa surpresa que as obras literárias dotadas de intensa vida interior logo se transportem com êxito para a tela colorida e sonora. *Gone with the Wind* já o foi. E 15 de Dezembro de 1939 em Atlanta, dia em que no Grand Theater se estreava o filme que Selznick extraiu da obra de Margaret Mitchell, foi declarado pelo Governador Rivers como feriado: justo orgulho da Geórgia pelo romance já agora imortal e que lhe perpetuará a glória com mais vigor do que as páginas dos seus melhores historiadores.

Porque Margaret Mitchell escreveu a epopéia do Sul. Nós que lemos em nossa adolescência a *Cabana do Pai Tomaz*, nunca podemos depois esquecer aqueles tipos, ainda os mais simples, como o da endiabrada Topsy. E a causa do Norte, evidentemente a que mais nos fala aos sentimentos de humanidade, sempre nos pareceu a que devia vencer, como de fato venceu. A sombra gigantesca de Lincoln projeta-se sobre o quatriênio tremendo, heróica e impressionante, dominadora e irresistivel na sua eloquência muda, qual ainda hoje a sua estátua colossal no *hall* do monumento em Washington. Uma mulher fez, com um livro imortal, pela causa abolicionista, mais do que inúmeros discursos dos maiores oradores: em 1852 a publicação de *Uncle Tom's Cabin* (Wilson o regista em sua História dos Estados Unidos) marcava um passo importante a favor da abolição. A Harriet Beecher Stowe pode hoje opor o Sul outra escritora poderosa. Margaret Mitchell advoga a causa mais difícil e ingrata do Sul na sua obra singular: romance integral, romance legitimo, de ação contínua e empolgante, sem dissertações, sem discursos, sem digressões de qualquer natureza, história apenas de alguns habitantes de Tara, de Twelve Oaks, de Atlanta, na alegria, na angústia, na ambição, humanos, profundamente humanos, intensamente sulistas, amando a sua Geórgia, lutando por ela, sofrendo com ela, morrendo ou esgotando-se por ela. A autora, esta não aparece nunca no seu livro: *mostra* sómente, *narra* (e que narradora!), descreve faz que vivamos a vida das suas heroínas e dos seus heróis. Por um processo muito seu e que surpreende a quem está habituado às técnicas do gênero, comunica-nos o seu amor à terra natal através das vicissitudes dos seres criados pela sua imaginação pictórica: uma Scarlett, uma Melânia, um Butler, um Ashley... Em prosa, escreve o mais belo dos poemas do Sul. Jamais o drama do algodão encontrou quem o puzesse em cena com tal vigor. De certa maneira a Geórgia tem hoje assim suas Geórgicas.

Poucos são, entre os romances justamente famosos, os que atingem proporções grandiosas e manteem de princípio a fim o interesse e a beleza. *I Promessi Sposi*, — romance perfeito, na opinião de Gœthe—; *David Copperfield*, — obra prima em que palpita o melhor da vida e do coração do próprio autor; *Anna Karenina*, em que a alma russa está em todo o drama pungente da família e da sociedade; *Le Démon de Midi*, que nos mostra que "il faut vivre comme on pense, sinon, tôt ou tard, on finit par penser comme on a vécu;" *Jean Christophe*, verdadeiro exemplo de *roman-fleuve*, mas que para o fim vai perdendo de interesse e de intensa força interior; *Les Paysans*, incomparavel poema em prosa impregnado de todo o perfume forte da terra polonesa; — eis alguns, senão todos os mais significativos dos romances de largo fôlego e que satisfazem as condições necessárias e suficientes do genero: ação, vida, intensidade psicológica, beleza de paisagem exterior e interior, diálogo natural e sem trivilidade, e ainda e sobretudo interesse humano, sem mesquinhas limitações.

Não tratamos de outras obras, embora satisfaçam muitas ou até todas dessas exigências, mas a que falta o carater de amplitude, de largas proporções, ficando nos limites

artísticos de um só volume. Eis porque não incluímos na exemplificação nenhum dos admiraveis romances de Bazin. E em língua portuguesa, aquem ou alem-mar, não poderíamos por enquanto citar exemplos. E algumas tentativas de *romances-rios* correm desde o início o risco de não empolgarem, pois lhes falece o elemento essencial, que dá ao livro de Margaret Mitchell o seu fascínio: a arte de narrar, de nos fazer participantes das inquietações, das alegrias, das dores, quiçá das preferências injustas e dos erros ou desvios das figuras centrais.

Manzoni, Dickens, Tolstoi, Bourget, Romain Rolland, Ladislas Reymont lograram nos seus romances precitados o milagre da presença real a que aludíamos. Quem poderá esquecer a peste de Milão? ou a figura de Agnes ou de Mr. Micawber? ou a corrida a catipo de Antoinette? ou a morte de Jacques diante do Abbé Fauchon e de Savignan? ou o tipo de Antonette? ou a morte de Boryna, em pleno campo, ao luar, tendo apenas a companhia de Lapa, o cão fiel? São imagens que uma vez contempladas na imaginação não mais se apagam da memória: vivem para sempre em nós, incorporaram-se à nossa vida subconciente.

Assim tambem Scarlett, Melânia, Ashley, Butler. E ainda um pouco a velha Babá, Pork, o grande Sam... Passaram a ser conhecidos nosso. Temos a certeza de os haver visto e conversado. E quando Melânia morreu, sentimos que perdíamos alguem que já amávamos de veras...

Uma das mais impressionantes qualidades de Margaret Mitchell é o seu poder de análise psicológica, feita através da ação e das reações de cada um dos entes criados pela sua imaginação fecunda. Cada qual conserva a sua coerência interior: Scarlett, egoista e convencida de que o fim justifica os meios, nos momentos mais difíceis não ousa olhar de frente os problemas morais: — Pensarei nisto amanhã... Melânia, forte sempre no seu corpinho franzino, tanto mais admiravel quanto mais rudes as provações. Ashley, hesitante, incapaz de uma decisão definitiva e todavia conciente da própria fraqueza. Rhett Butler — cínico, sem evasiva, quasi brutal, e no entanto transformado pelo sentimento da paternidade, pelo seu amor a Linda, e capaz de reconhecer que afinal só conhecera uma grande dama que era Melânia.

Outra qualidade da obra é o tom natural, maravilhosamente natural, dos diálogos, de modo particular os dos negros. Bem andou a tradutora em os ter adaptado o falar dos nossos antigos escravos. E' uma aproximação feliz, que permite até certo ponto no português do Brasil alguns dos efeitos do texto norte-americano literalmente intraduzivel.

Moralmente, o romance dá margem a debates. Não se trata evidentemente de um volume da Bibliotheque Rose, ou daqueles que fazem jús nos catálogos de Plon ao tradicional asterisco. Sem ser indecente, nem imoral, é um livro forte, não raro livro na rudez de certas cenas, mas sem que jamais a autora se compraza no que é sórdido. Ainda bem. Real, não realista no mau sentido do vocábulo, não foi escrito para mocinhas ingênuas, se é que elas ainda existem nas grande metrópoles conquistadas pelo cinema. Pode-se-lhe arguir que as personagens centrais, excetuada Melânia, e exatamente as mais simpáticas a pesar de tudo, — Rhett e Scarlett, — agem em geral contra os princípios da moral cristã. Provavelmente por isso o filme extraído há pouco do romance foi colocado pela National Legion of Decency na classe B: *objectionable in part*. Em rigor está certo. Não esqueçamos porem Melânia: a figurinha débil e que não cede nunca, digna, heróica até a morte. E a lição que a paternidade deu a Rhett. E que o proceder de Scarlett não lhe trouxe a ambicionada felicidade. E tambem o que há de profundamente humano naquele tipo de Bela Watling.

A autora não nos préga moral. Mas, para usar da técnica dos censores de filmes, o seu romance dá margem a salutares reflexões a adultos de critério seguro.

Gone with the Wind... E o vento levou... O que nos fica da leitura dessas páginas poderosas é a certeza do precário, do efêmero da ventura humana. *Gone with the Wind* todos os sonhos de egoísmo e de vaidade da obstinada Scarlett. *Gone with the Wind* as ilusões da timidez aristocrática de Ashley, o vencido incapaz de reagir. *Gone with the Wind* a dignidade amarga e sempre firme da intrépida Melânia. *Gone with the Wind* a fortuna facil e feita a golpe de audácia insolente de Rhett Butler. *Gone with Wind* a pequenina e encantadora Linda, cujo amor o transfigurara. *Gone with the Wind* tudo, tudo: a prosperidade de Tara,

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

Pragmatismo Crítico

Por Othon Costa

"Tout pour la synthèse, tout par la synthèse, tel a été le but, telle a eté la méthode".

"Mais avant d'expliquer, il faut construire".

"Précisément la Relativité, nous voulons maintenant y insister, nous paraît un des plus méthodiques efforts de la pensée vers l'objetivité".

— Gaston Bachelard, *La valeur inductive de la Relativité* — (Pags. 98, 202 e 243).

Já muito antes de exercer a crítica literária, com a hipotética regularidade que o nosso meio comporta, havia pensado na exaustiva inutilidade das longas e minuciosas análises críticas, muitas vezes em torno de livros que não valem o mínimo esforço mental que se emprega na sua leitura. Não me refiro, é claro, ao ensaismo, que é certamente o mais interessante gênero literário, nem à crítica de conjunto, como a história de uma determinada literatura, nem mesmo às biografias, que modernamente se inclinam para o romance, nem tampouco aos estudos literários', que tendem, particularizadamente, para os ensaios críticos. Há de se achar curioso que, mencionados todos esses aspectos da crítica, ainda haja um outro para o qual se procure uma nova orientação, uma nova teoria. Entretanto, ninguem ignora que o velho processo do "registro literário", na imprensa diária de todos os países, é a maneira mais comum e mais ativa pela qual a crítica literária se realiza.

Não é de hoje que quasi toda a crítica, em relação aos escritores contemporâneos, tem sido feita assim. Mas si esse processo tem prestado reais serviços ao incremento e aperfeiçoamento de todas as literaturas, é tambem verdade que só excepcionalmente nos tenha proporcionado obras de grande valor. É facil de perceber que a crítica de jornal raramente não se ressente de certos defeitos da imprensa, a exemplo do sensacionalismo e da superficialidade. Muitas vezes, se nota que o intuito primordial do crítico não foi o julgamento imparcial do livro, mas simplesmente o de mostrar-se ao público numa atitude que tenha alguma relação com o seu assunto ocasional.

Os grandes livros de crítica raramente foram inspirados por tais processos. Si excetuarmos os que, embora divulgados antecipadamente pela imprensa, foram refletidamente elaborados com destino ao livro, quasi todos os folhetins bibliográficos de jornal são meros trabalhos de improvização, destinados geralmente à sorte efêmera do noticiário cotidiano da imprensa. A obra admiravel de Sainte-Beuve, notadamente os *Portraits littéraires*, *Causeries du lundi* e *Nouveaux lundis*, se ressentiu da inevitavel desmetodização jornalística, tal como se deu, entre nós, especialmente com José Veríssimo, nos prestimosos *Estudos de Literatura Brasileira*. Do grande evocador de *Port-Royal*, disse Nisard: "Il s'occupe plus de la chronique des lettres que de leur histoire et fait plus de portraits que de tableaux". Os magistrais ensaios de um Carlyle ou de um Macaulay, o *Tableau de la littérature française au XVIII siècle*, de Villemain, a *Histoire de la littérature anglaise*, de Taine, a *História da Literatura Brasileira*, de Sílvio Romero, ou o *Ibsen*, de Araripe Junior, aproveitado discípulo de Taine, não foram destinados à vulgarização pela imprensa. Os trabalhos assim, que dependem de erudição e meditação, não se coadunam com o espírito agil e superficial da imprensa. De sorte que, fóra do periodismo literário e das publicações especializadas, somente o livro se torna um meio perfeitamente adequado à sua divulgação.

De resto, a existência afanosa e agitada do crítico moderno já não permite, no exercício dessa árdua e laboriosa função de aferir valores literários contemporâneos, dar ao seu trabalho uma amplitude que, alem dos inconvenientes de ordem pessoal, não corresponde, sempre e exatamente, ao escopo de sua nobre missão, nem às aspirações mais simples dos escritores criticados. O que estes querem e o que as atuais condições literárias exigem, em face da incalculavel produção livrêsca dos nossos dias, é o julgamento, essencialmente sumário e preciso, à guisa de uma sentença judiciária. É fato amplamente conhecido que os autores que divulgam, nos sesu livros, as "apreciações críticas" feitas em torno de trabalhos anteriores, se limitam a transcrever a frase ou o periodo que, mais resumidamente, reflita o "pensamento do crítico". Isto só se verifica, certamente, quando o julgamento é favoravel. Mas, no caso contrário, ainda que a crítica seja um ex-

tenso e exaustivo trabalho de erudição e de equilíbrio moral, não raro bem mais valioso do que o livro criticado, o seu destino é desaparecer em comunhão com o noticiário de vida efêmera, sem glória para o crítico e, algumas vezes, sem consequências benéficas para a literatura, porque o escritor, por muito mediocre que seja, sempre dispõe de alguns amigos na imprensa para fazer a exaltação pública de seus produtos literários. Si a importância da crítica, como critério de seleção literária, fosse normalmente compreendida pelo público, e si a crítica fosse exercida apenas pelos verdadeiros críticos, como a função judicial sómente o é pelo magistrado, a literatura seria autêntica expressão da cultura, e não apenas essa inexgotavel e desoladora grafor-réa, essa caudaloso manancial de coisas inuteis, em que todos os valores se confundem, com enormes prejuizos para a cultura do país. Mas, de qualquer modo, o crítico não precisa descer a uma completa e minuciosa análise do livro, como ainda hoje se costuma fazer, para inquerir de seu mérito, desde que se legitime esta sua função pelo reconhecimento geral de suas qualidades morais e intelectuais para a crítica.

*

* *

A curiosa tentativa de Almáquio Diniz, com *A relatividade na critica*, contrapondo a moderna noção de tempo ao processo saintebeuveano ou fagueteano da crítica extensa, malogrou inteiramente, sem conseguir mesmo despertar a curiosidade dos estudiosos para essa nova e engenhosa aplicação da relatividade. A tentativa do erudito polígrafo brasileiro bastaria por si mesma, entretanto, para colocá-lo entre os verdadeiros conhecedores e construtores do pensamento contemporâneo. É certo, como proclamou Bergson e como o reconhecem todos os pensadores modernos, que a teoria de Eintein não nos deu somente uma nova física, mas determinou igualmente uma nova maneira de pensar. Gaston Bachelard, no seu interessante volume *La valeur inductive de la Relativité*, faz largas considerações sobre o "progresso da relativação", nos dias atuais, acentuando que "por um novo progressó na ciência contemporânea, verificou-se a sua passagem do geral ao relativo". E ainda: "Le progrès relativiste est de toute évidence une rectification d'idées, il tend à substituer des principes à des principes, à faire l'accord des esprits; il remet à l'avenir le soin de prouver que cet accord a une racine dans l'accord de l'esprit et des choses" (Pags. 204). Estudando a filosofia moderna, em sua *Histoire de la Philosophie*, diz Émile Bréhier: "Le problème critique pouvait s'énoncer ainsi: déterminer, en chaque ordre de questions, le point de vue nécessaire de l'esprit sur les choses. Ne s'agit-il pas au contraire d'éliminer, en chaque ordre de question, le point de vue de l'esprit et, en général, tout ce qui n'est que point de vue? La théorie de la relativité, en physique, donne une illustration de ce mouvement d'idées, puisque son problème est d'exprimer les lois physiques en faisant abstraction de tout point de vue particulier à un observateur quelconque" (T. II — 2.ª Parte, pags. 1.071-2). Já Augusto Comte, no *Système de Politique Positive*, se refere ao "carater sempre relativo do novo regime intelectual", acrescentando que "la raison moderne ne peut cesser d'être critique envers le passé qu'en renonçant à tout principe absolu" (Vol. I, págs. 57). E mais: "Tandis que la subjectivité poussait l'esprit à l'absolu, l'objectivité le ramenait au relatif" (Ibd., págs. 452). A ainda: "Ainsi s'annonçait déjà la tendance normale de la philosophie à dominer la science en la prenant pour base, quand chacune d'elles, se trouverait assez régénéré, d'après l'universelle substituition du relatif à l'absolu" (Vol. III, págs. 588). Durante muito tempo, coube à astronomia o importante papel de transformar as concepções absolutas em noções relativas, como observa Comte, assignalando que a aplicação astronômica procura o correctivo natural da tendência anti-filosófica. Do cálculo, nasceu "o dogma fundamental da sã filosofia, a invariabilidade das relações reais, tanto subjetivas como objetivas". A geometria, de Thales a Pascal, sempre andou ao lado da moral. Agora, com a teoria de Einstein, o pensamento se deslocou para os domínios da física, operando um movimento de renovação que não se confinou com os limites desta ciência. Tambem a crítica literária deveria abandonar o seu velho e inflexivel dogmatismo, relativando-se, de acordo com a tendência atual do pensamento, que condenou irrevogavelmente o espírito absoluto, para melhor ajustar-se à realidade, em face das exigências do mundo contemporâneo. Notou Almáquio Diniz, no referido opúsculo, que, "na verificação das relatividades, a inteligência do homem deduz mais do que compõe". E acrescentou: "A boa crítica é esta: dar o máximum de substância em um mínimum de espaço". Esta definição é excelente, por ser, talvez, uma resultante dedutiva da observação e das necessidades comuns. Para o saudoso crítico brasileiro, "um bom livro se evidencia pelo menor tempo exigido para causar a maior emoção".

No meu livro *Conceitos e Afirmações*, observei, a este propósito, que "o julgamento que dependesse da emoção, que é um fenômeno reflexivo, em simultaneidade com os seus elementos causais, seria um julgamento oscilatório, insubsistente, de simples efeito transitório, sem qualquer fundamento positivo, e, portanto, sem nenhum valor crítico. Nem sempre as emoções são agradaveis, e tudo quanto pode determinar atitudes antagônicas deve ser evitado como processo de julgamento. A idéia de julgamento traz, implicitamente, a idéia de conhecimento, de convicção. Porque, de outro modo, como se poderiam julgar os livros de ciência?". Fechner, com a sua lei psicofísica, determinou que a intensidade da sensação varia de acordo com o logaritmo da excitação. No plano psicológico, um livro de ciência ou de filosofia não produz a mesma "excitação" que um romance de entrecho amoroso ou um livro de viagem.

Mas foi o próprio Almáquio Diniz que se encarregou de evidenciar o malogro de sua teoria crítica. Das diversas oportunidades que teve de aplicar praticamente a sua teoria, não nos deixou um único exemplo satisfatório. De qualquer maneira, porem, rendo aqui as minhas homenagens à memória do saudoso amigo, pela admiravel tentativa que fez, procurando a solução de um grande problema literário dos nossos dias.

*
* *

Com o pragmatismo crítico, já por vezes, empiricamente, posto em prática de par com o antigo processo das críticas extensas e digressivas, em que o impressionismo fortuito se mescla com as interminaveis divagações e os comentários marginais, o crítico não mais se deterá no exaustivo detalhismo dos inumeraveis aspectos, de concepção e forma, dos livros, nem nas múltiplas facetas psicológicas dos autores, mas limitar-se-á tão somente a emitir, em conceito final, a sua opinião sobre o livro, resumindo-a, cifradamente, no menor número possivel de palavras. É uma espécie de equacionismo crítico, em que a crítica é a raiz de uma equação, que se procura calcular o mais aproximadamente possivel da verdade que se procura. O crítico parte da análise para a síntese, da indução para a dedução. A melhor crítica estará na mais perfeita síntise refletindo a mais completa análise. O crítico será, então, um autêntico magistrado, e os seus julgamentos, translucindo não apenas um estado de conciência, mas sobretudo, o exato conhecimento da obra julgada, terão o vigor de uma decisão judiciária, embora dentro desse critério relativo que justifica o probabilismo de uma inevitavel equação pessoal. Entretanto, a crítica não deve ser uma simples filosofia valorista, em que a idéia de valor, condicionada às preferências individuais, seja invariavelmente preponderante em qualquer julgamento. Deve-se ter em vista apenas a relatividade da questão. Toda realidade é relativa, porque depende do logar de que seja notada pelo observador. Esta relativação se encontra admiravelmente definida no perspectivismo de Ortega y Gasset. "El espíritu provinciano, diz o eminente pensador de *El tema de nuestro tiempo*, há sido siempre, y con plena razón; considerado como una torpeza. Consiste en un error de óptica. El provinciano no cae en la cuenta de que mira el mundo desde una posición excéntrica. Supone, por el contrario, que está en el centro del orbe, y juzga de todo como si su visón fuese central. De aquí una deplorable suficiência que produce efectos tan cómicos. Todas sus opiniones nacen falsificadas, porque partem de un pseudo-centro. En cambio, el hombre de la capital sabe que su ciudad, por grande que sea, es solo un punto del cosmos, un rincón excéntrico. Sabe además que en el mundo no hay centro y que es, por tanto, necessario descontar en todos nuestros juicios la peculiar perspectiva que la realidad ofrece mirada desde nuestro punto de vista. Por este motivo, ao provinciano el vecino de la grand ciudad parece siempre escéptico, cuando sólo es más avisado".

O pragmatismo crítico não é uma teoria erigida apenas sobre o conceito de "utilidade prática", não obstante propor-se a fortalecer "as nossas relações naturalmente cordiais com a experiência sensivel e o senso comum", na linguagem incisiva de William James". "C'est que notre intelligence, pondéra Henri Bergson, est éprise de simplicité. Elle économise l'effort, et veut que la nature se soit arrangée de façon à ne réclamer de nous, pour être pensée, que la plus petite somme possible de travail". A esta luz, o pragmatismo não é uma filosofia inteiramente nova, mas um "novo nome para um velho modo de pensar", na frase de W. James. Contemporaneamente, já não é possivel, sem se recaír na esterilidade logamáquica, abandonar sistematicamente as conquistas positivas dessa filosofia da experiência para reenclausurar-se o pensamento nos limites da vida especulativa. Notou, magistralmente, John Dewey, que "a função do conhecimento é tornar uma experiência livremente aproveitavel em outras experiências'. Os tem-

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

UM POETA DO NORTE

J. A. Pinto do Carmo

Com o título sugestivo de *Terra da luz*, Filgueiras Lima, lançará dentro de breves dias, o seu segundo livro de versos.

Ao primeiro, *Festa de ritmos*, dado à estampa há oito anos, a Academia Brasileira conferiu menção honrosa; o público deu-lhe mais: consagrou-o definitivamente, como um dos nossos bons poetas.

Este seu novo trabalho não desmerece o bom conceito já adquirido; reafirma-o, aumentando-lhe os admiradores. Aliás, os que teem o prazer de privar-lhe da amizade, não se surpreendem com os seus êxitos; veem neles o cumprimento de uma promessa anterior; o desenvolvimento progressivo de qualidades cedo demonstradas. Efetivamente, se poeta nasce poeta, conforme ensina o sovado brocardo popular, não é a força da camaradagem que nos leva a dizer que Filgueiras Lima confirma esse provérbio. Estudante bisonho, entre a corografia e a aritmética, já ele nos dava versos excelentes, expontâneos, deixando perceber que as rimas lhe saiam facil e rapidamente, e que estava fadado, como intelectual, a grandes voos, a agitar-se, no mundo das letras, com vigor e harmonia, como as ondas verdes dos mares bravios de sua terra natal.

Hoje, professor catedrático, aprimorou ainda mais o seu estro, dando às suas produções formas mais bem cinzeladas, colorindo-as com maestria e demonstrando aquele mesmo entusiasmo de moço, que sempre o tem animado:

Eu sou o poeta do ritmo e da alegria!

Quero que a vida seja um cântico triunfal
ou uma eterna e esplêndida subida
— e o sonho o cristal onde se espelha
a face policrômica da vida...

Obrigado, por dever de ofício, a um labor estafante, não se deixa vencer pelas asperezas; sua sensibilidade permanece intacta, seu sentimentalismo facilmente transportavel aos páramos das concepções para o contacto maravilhoso das musas.

Os afazeres de diretor de um estabelecimento de ensino obrigam-no ao desempenho, tambem, de tarefa administratica; e, atendendo a essa razão, torna-se contínua a sua atividade diária.

Porem, se bem se desobriga do que lhe cometeram, é que sua alma de poeta não o abandona, a lembrar-lhe que o homem-dínamo não deve vencer o poeta. E este exorta àquele:

Homem prático,
que passas correndo pela rua,
contem o passo — que o teu esforço é inutil.
Olha que eu sigo ao teu lado,
calmo, sereno, devagar,
com os olhos cheios de paisagens
os ouvidos bêbedos de música
e a mente enflorada de sonho...

Vê bem: por mais que te apresses,
por mais que avances,
nunca me vencerás nesta corrida.
Bem sei que és forte — mas eu tambem sou forte!
Depois, só há um ponto de partida: a Vida.
Só existe um ponto de chegada: a Morte

E, enfim, sobre o caminho percorrido
tú, homem prático, deixarás apenas
o pó que levantaste do solo
com as tuas passadas extrepitantes.
E eu? Ah! eu deixarei um pouco de mim mesmo
sobre os cardos,
sobre as pedras,
para tornar mais suave a caminhada
dos que vierem depois de mim...

Filiado à escola moderna, nela o encontramos entre os que, com vantagem, a representam. Na exploração de motivos, mesmo os mais comuns, o faz sem imitações, com recursos próprios. Aquí temos, por exemplo, *Banda de música*, cheia de sentimentos e descrições evocativas:

A BANDA DE MÚSICA

A banda de música de minha terra natal,
nos meus tempos de menino vagabundo,
era a banda de música mais original
que havia neste mundo.

Mestre Bezerra, o maioral da "banda",
metido em sua farda branca reluzente,
ia na frente,
musicalmente,
como um príncipe negro da Loanda.

Ele tocava um instrumento enorme,
desconforme,
que o envolvia de cabeça ao tronco,
qual
uma cobra amarela de metal,
cuja boca se abria para a gente,
ameaçadoramente...
Era o bombardão que nos falava assim,
em meio a um clássico e monótono dobrado
sempre no mesmo som
sem tom
tão bom:
prom...prom...
prom...prom...

O mulato da requinta, espiritual,
requintava
num finíssimo requinte musical.

Mas o piston estralejava
gritava
escancalizava!
E o bombo
com o lombo
já bambo
num ribombo
de trovão
tum-bum-bão!
tum-bum-bão!

....

Já vai tão longe, tão longe...
Mas inda hoje escuto, emocionado,
nos recessos profundos do meu ser,
a melodia indefinida e mansa
do velhíssimo dobrado
que embalou os meus sonhos de criança.
E, diante da infância que passou,
a distância afinal me persuade
de que aquela banda de música pequenina
era, naquele tempo, tão harmoniosa
quanto hoje, ouvida assim, através da saudade...

Menino não há, que resista às serpentinas de sons atiradas aos ventos pelos instrumentos da banda; homens feitos, todos vemos passar, sincrosizado, o nosso tempo de criança, entre a cadência dos soldados e o compasso da música da banda.

Em *Lingua nacional*, encontramos o retrato vivo do idioma pátrio; ora cantado e acrescido no valor das sílabas; ora apressado e com elas diminuidas; já com *rr* a mais; já com outras letras a menos.

Língua dos canoeiros e seringueiros do Amazo-
[nas,
florindo em sonoros vocábulos indígenas,
cantando na insistência das vogais:
uiara... pororoca... uirapurú...
Língua dos vaqueiros românticos do Piauí,
enchendo as grotas de abôios tristes e longos:
êcôô... mansôôô...
Língua rimada dos violeiros do Ceará.
Língua cantada de todo o povo do Ceará!
Língua dos engenhos de açúcar de Pernambuco e
[Alagoas,
doce na ternura como um rolete de cana,
forte no insulto como um trago de aguardente.
Língua carioca, mistura de todas as línguas,
mosaico de todos os idiomas que ha no mundo.
Língua dos garimpeiros de Minas Gerais,
faiscante de jóias e pedraria!
Língua sintética dos homens-dínamo de São Paulo,
exuberante de força, de seiva e de energia!
Língua dos pampas infinitos,
cheia de hipérboles e imagens,
insubmissa e viril como um potro selvagem,
Lígua que o gaucho libérrimo fez a sua imagem...

Língua em que todas as mães brasileiras ninam
[seus filhos,
em que todos os lavradores nordestinos pedem
[chuvas a Deus,
em que todos os desgraçados encontram palavras
[de consolação..
Língua ardente, contante, exuberante, original...
Língua da minha gente do Norte e do Sul!
Lígua nacional!

E, se bem modela o verso solto, igualmente o faz se cultiva o alexandrino ou o decassílabo. E isso realiza porque não desconhece os segredos de acordar emoções e simpatias sem recorrer a artifícios. Eis aqui Petrópolis em toda a sua graça e faceirice:

No píncaro da serra, entre as hortênsias,
a formosa Petrópolis pompêia,
quer de dia, às solares refulgências,
que de noite, ao clarão da lua cheia.

Muitas vezes a bruma que vagueia
nos ares, vem vestí-la de inocências,
dando-lhe o garbo das adolecências
cujo corpo alva túnica sombreia...

O'! cidade romântica e fidalga!
Quem tua serra verde, em ânsias galga,
para arrancar-te esse alvacento véu,

compreende, ao descerrar de graças tantas,
que, se a terra termina em tuas plantas,
em tua fronte principia o céu...

A serenidade da linguagem, que sobressái cristalina, foge à regra comum, ajuntando-se a circunstância feliz de se completarem fundo e forma. E, ainda, onde a imaginação predomina, não se descontrola; realça-a. É o caso deste soneto sobre Martins Fontes, um dos últimos dos nossos grandes parnasianos:

Desfazendo-se em chamas e harmonias,
como um vulcão espadanando lavas,
quanto mais deslumbravas — refulgias,
quanto mais refulgias — deslumbravas!

Entre as turbas extáticas surgias,
tangendo rimas músicas e flavas...
E como brilha o sol todos os dias,
todos os dias, como o sol, brilhavas!

Foi tua vida áureo "Verão" flamante,
com passaros cantando a toda hora
e mil rosais florindo a cada instante.

Desvendas, Poeta, os sinbolas de Elêusis...
Na via-látea dormirás, agora,
como um filho legitimo dos deuses!

Individualidade forte e original, o inspirado poeta de *Guanabara* deixou-nos recordações indeleveis, com as jóias de beleza e de rítmo que eram os seus trabalhos poéticos.

Por ocasião de sua morte, organizou-se, em São aulo, a Comissão glorificadora de Martins Fontes, a qual se incumbiu de reunir em volume (*in memorian*), trabalhos escritos sobre o poeta. A tarefa dessa comissão se limitou a recolher artigos, conferências, etc., publicados no Rio e em São Paulo. No entanto, quando do desaparecimento do mavioso vate de *Cantos do meu vergel*, nos vinte Estados da Federação muito foi o que se publicou e que deveria ter sido aproveitado pela mesma. O soneto acima, por exemplo, que ainda não havia saido das páginas fugidias da imprensa diária, é um relevo bem trabalhado do cantor admiravel de *Sonetos e Poemas*, digno de ser incluido nas coletâneas sobre a cigarra que nos deu *Verão*.

O título da obra, atraente e forte, dá-nos a impressão de que se trata de um livro de louvor ao Ceará, torrão natal de Filgueiras Lima. Tal não acontece, porem. *Terra da Luz*, assim chamou Patrocinio à então provincia do Ceará, quando esta, adiantando-se às demais, libertou seus escravos. Ao seu Estado, entretanto, não deixa o poeta de exaltá-lo como deve, com emoção filial, com sinceridade, com amor:

Ceará!
Quando eu te sinto integrado em meu ser,
vibrando na minha alma,
palpitando no meu coração,
vivendo na minha vida,
— vejo passar, diante dos meus olhos,
o teu drama de dor e de glória,
trescaldante do perfume de Iracema
e tinto do sangue heroico de Tristão!

O sentido do nome, contudo, é mais amplo: — é a exaltação do Brasil, da vida, da raça, da natureza; enfim, uma prova a mais da nossa libertação intelectual. Particulariza-se, ainda, o fato de o poeta fugir aos devaneios sobre o amor, o que, em absoluto, não lhe diminue os merecimentos.

INTERPRETAÇÃO POSITIVA DA HISTORIA DO BRASIL

João Camilo de Oliveira Torres

Seriam os positivistas do Brasil méros consumidores de cultura, trazendo pontos de vista teóricos e soluções práticas de elaboração comteana para o Brasil, ou teriam produzido alguma coisa, realizado atividade cultural verdadeiramente criadora? Silvio Romero em seu "Doutrina contra doutrina", já alude a uma teoria positivista da História do Brasil, parte de anunciado ensaio sobre o positivismo em nosso país, complemento da obra citada. Teria razão o amigo de Tobias Barreto? Os positivistas teriam aplicado as categorias comteanas da história do nosso passado e concluido algo de original? Os fatos nos fazem responder afirmativamente. Elaborada principalmente por Teixeira Mendes, constituiu-se uma filosofia positivista da História do Brasil, que em seus aspectos gerais, é mais difundida do que se supõe. Espalhadas aqui e ali ,condensadas com mais precisão no "Esboço biográfico de Benjamim", na "Pátria Brasileira", e outros ensaios, esta tese chegou a ser relativamente popular, em seus aspectos popularizaveis. Entretanto, o seu conteudo principal, as suas teses mais importantes, são relativamente desconhecidas. Somente a parte adaptavel aos preconceitos gerais do principio da República é que foi adotado como teoria oficial da História do Brasil. Isto porque, a teoria positivista da nossa história, dentro da lei dos tres estados, coloca a linha evolutiva da história brasileira ao longo dos marcos da Inconfidência — 1817 — Independência — Abdicação — Abolição — República — que ela considera pontos de referência de uma linha ascencional, determinando o sentido essencial da história do Brasil. Para a teoria liberal da nossa história, estas datas são marcos de uma evolução ascencional da nossa pátria, mas num sentido de liberalismo constante. Para os positivistas a constante real é a lei dos tres estados. Entretanto é mais aparente que real a semelhança. Tanto que a República para o positivismo e para o liberalismo significava duas coisas muito opostas. E tomaram ambas as interpretações as datas mais importantes da história do Brasil e como ambas admitiam a tese do progresso constante as tomaram como marcos de uma evolução num sentido de progresso unilinear. Por esta analogia de semelhança, a tese positivista foi geralmente adotada, a pesar de um sentido muito diferente do real. Entretanto, ambas estas interpretações se baseavam em postulados erroneos. Abandonavam o modo de realização do fato histórico pelo fato em si, o que não é legitimo. Realmente, o que determina o sentido da marcha dos acontecimentos históricos são as condições em que estes se realizam e não a sua exitência pura e simples. Ha uma intencionalidade, um sentido de valor na realização de um determinado acontecimento e que pode ser encontrado analizando-se as condições em que se realizaram estes fatos. A Independência por exemplo. Na realidade não foi passagem do estado de colônia para o de nação livre, primeiramente porque o Brasil não era mais colônia e sim reino unido a Portugal e até séde provisória da monarquia. (as causas dos descontentamentos portugueses nas cortes, revolução do Porto, etc. estavam principalmente nisto: a antiga colônia era quem dava as cartas). O que se deu em 1822 foi apenas a passagem da monarquia absoluta para a monarquia parlamentar. Foi uma mudança de forma de governo e não de forma de estado. Este aspecto tradicionalista foi até em contradição com o que se observou nas demais nações do continente — todas republicanas. Republicanas mais por condições peculiares — não tinham um principe a mão. A própria união americana escapou de ser monarquia por não ter um rei. Outra coisa que não pode ser menosprezada é a extensão e profundidade dos movimentos politicos. Evidentemente nunca haverá unanimidade absoluta de opinião pública. Sempre existirão descontentes. Alem disto, temos que nos recordar de que a doutrina dominante nas classes cultas ou dominante força o sentido da evolução, não existindo leis históricas absoluta! Pode a tendência da evolução de um país ordenar numa direção, mas, se as teorias em voga nas classes dominantes estão em contradição com a marcha da nação, elas podem forçar uma evolução artificial: é o famoso divórcio entre o país legal e o país real. Alem do mais, sem um

conhecimento aprofundado da história dos fatos, não podemos chegar a conclusão satisfatória alguma, mesmo tomando em conta estas dúvidas iniciais todas.

Ora, a interpretação oficial da História do Brasil, assim, como a positivista, alem de faltar-lhe a base indispensavel de uma boa historiografia (que somente agora começa a formar-se), tendia ao fracasso, porque interpretava a história segundo as categorias da doutrina politica dominante. O resultado seria forçosamente a filosofia da história do país legal.

A tése positivista tinha contudo um ponto de partida seguro. Era adaptação ao Brasil da lei dos tres estados que, obtida do estudo da história da Europa, justificava razoavelmente a história moderna. E a do Brasil inclusive. Se era "partis-pris", era úso de um corpo de categorias adequado para a interpretação da história conhecida ao tempo de Comte, que não a conhecia mal. A etnologia e ciencias semelhantes é que anarquizaram os resultados do filósofo de Montpellier.

Segundo a teoria positivista elaborada por Teixeira Mendes para interpretação da história do Brasil, o nosso povo "se produzira graças à fusão da raça portuguesa com as duas populações fetichistas que com elas se acharam em contacto (indios e africanos)"... Os indios, segundo ele, foram mais destruidos que assimilados sendo maior a contribuição dos pretos, aos quais "devemos as qualidades afetivas que nos caracterizam." Ele defende tambem a tese da superioridade da raça negra pela preponderância da afetividade sobre a inteligência. Mas, isto é tabela de valores de Comte. A supremacia geral coube aos portugueses, como atestam os nossos costumes, lingua, etc. Até aí está tudo muito bem, não sendo desprezivel contudo a contribuição do índio (geralmente mestiçado) principalmente na conquista do sertão. Ha que registar de original a primazia de Mendes no afronegrismo.

E a lusa gente? Vinda da Europa renascentista, quando já ia adiantada a decomposição do mundo feudal, e autoridade pontifica pouco reconhecida, os nossos colonizadores (segundo Mendes) davam maior prestigio a autoridade real. Mendes interpreta as lutas de jesuitas com colonos como episódios locais da luta Idade Média, versus Idade Moderna. E, como da Europa só nos vinham pessoas saídas das camadas inferiores da sociedade (preconceito corrente na época e desmentido por Oliveira Viana) não se formou no Brasil, nem aristocracia nem clero poderoso como na Idade Média, devido, como já disse, às lutas entre colonos e jesuitas, e as origens populares dos colonos e (não assinalou Mendes este fato) não haver feudalismo em Portugal. Se a situação da igreja no Brasil era bem diferente da Idade Média, pois, nem mesmo o clero obedecia (pelas distâncias e confusão reinante) às autoridades eclesiasticas, e se boa parte dos padres sendo muitas vezes mais capelães das casas grandes que qualquer outra coisa, havia exceções a Mendes: nas cidades a situação se assemelhava muito à Idade Média, a autoridade eclesiastica sendo perfeitamente respeitada. Com toda a indiciplina e desordem reinantes em certos meios da colônia, o catolicismo era respeitado. Quanto a inexistência de aristocracia territorial, a tese de Mendes foi desmentida pelos estudos modernos, principalmente Gilberto Freyre, Oliveira Viana, etc.

Desta forma, segundo Teixeira Mendes, não se formaram em nosso país elites espirituais e materiais, estando o país livre das "tendências retrogradas de tais classes."

Por outro lado o isolamento colonial, se nos impediu acompanhar o progresso industrial dos países protestantes, presevava a nossa gente da "semiputrefação" a que o protestantismo os levara. Um bem, segundo ele. A propósito: ele exalta o trabalho de todos os que combateram os Holandeses, Franceses e demais protestantes, que nos invadiram a colônia. Pois, a manutenção do catolicismo era indispensavel para a implantação mais facil do positivismo.

Nisto entra o liberalismo em ação na Inconfidência e revolução de 1817. Segundo Mendes, Tiradentes não poderia pensar senão em dar forma republicana a independência que sonhara, principalmente, por não ter rei a mão. Mas, José Bonifácio, (para ele o maior dos estadistas brasileiros), fez muito bem em adotar a monarquia. E contra os republicanos democratas que contestaram a glória de José Bonifácio por não ter feito a Independência com a República, Mendes lembra a necessidade de fazer união entre as "Pátrias Brasileiras.". "Sabemos que é fatal a decomposição das grande ditaduras modernas em pequenas repúblicas verdadeiramente livres (as "matrias" como dizia Conte). E segundo Teixeira Mendes,,

somente o Império salvaria a unidade nacional, ameaçada pelas condições da colonização, subordinada ao determinismo geográfico. Oliveira Viana, soube dar um desenvolvimento bem maior a esta admiravel intuição de T. Mendes. Entretanto, acha que em 7 de abril deveriam ter feito a república e não fizeram porque os Franceses não na fizeram em 1830.

Não é um idílio o quadro que traça Mendes da história posterior à Regência: decadência de costumes, escravidão, anarquia, "safadeza" política, decadência religiosa, e somente as senhoras e as crianças conservavam a religião e a moral. Até que em 1850 começassem a surgir o positivismo.

Daí por diante nada mais haveria que a luta entre o positivismo e os elementos reacionários, quasi nulos segundo ele. Apenas, um resto de clero sem fé, o metafisismo democrático, o Império, etc...

A teoria da história brasileira de Mendes pode ser resumida dizendo que se observava em nosso país uma crecente marcha ao positivismo. Ou antes, uma "abertura de comportas", na imagem de Scheler, para a passagem do positivismo. Assim a inexistência do clero poderoso e de aristocracia, para fazer frente ao Comtismo, ceticismo geral nas camadas superiores da sociedade, e devido à influência da raça negra, grande afetividade, portanto, a facilidade de aceitação da tese do domínio da afetividade sobre a inteligência.

A história posterior e os estudos sérios sobre a nossa formação que estão sendo feitos hoje em dia desmentem em grande parte esta tese.

De interessante e original, porem fica; o separatismo a que tendia a submissão ao determinismo geográfico da colonização, e o carater acidental dos republicanismo de Tiradentes (e das repúblicas americanas em geral inclusive U. S. A.) e o valor da obra dos homens da independência salvando a unidade nacional pelo Império.

(Do livro em preparo *O Positivismo no Brasil*).

Pessoal que está de cima

Abguar Bastos

Uma vez subi a Favela. Com Henrique Pongetti, quando este escrevia "Favela dos meus amores" para Carmen Santos filmar. Não me interessava a história do Samba, mas sim observar o ponto em que estacionava a civilização da Favela. Antes, em 1933, eu fôra um dos guias de Pongetti, em Belém do Pará, rumo às terras dos índios. As notícias que esse meu amigo tinha eram estas: Belém é uma cidade característica, porque os índios passeiam de tangas nas ruas da cidade. — Ele não acreditou, tanto que foi preparado para se afundar nos rios e varar florestas. Efetivamente, o turista se decepciona quando não vê índio sentado no terraço do Grande Hotel, assim como o que vem ao Rio estranha não ver onça passeando na esplanada do Castelo. O clima africano ainda seduz o viajante. Esse clima de selvagens alegorias e rudes desbravamentos do tempo de Livingstone. O turista tem razão. Quem não n'a tem é a propaganda. Depois de bubuiar vários dias subindo rios solitários, Pongetti chegou aos "tembés". Mas esperava encontrar os rapazes com grandes penachos, formidaveis tangapemas, horríveis máscaras. Esperava ver Maranduêra contando bizarras histórias e pagé entoando, com imponência, misteriosos e velhos cantos, onde o nosso folclore ganhasse pela novidade. Entretanto ficou até encabulado de ter visitado os "tembés", pois os rapazes estavam depenados e vestindo roupas cristãs. Não tinham frechas, nem trocanos. O pagé estava metido numa palhoça, fumando nostalgicamente e não sabia mais cantar. Apenas grunhia, devagar, pedindo coisas. O maranduêra — pra que maranduêra?... E o tuchaua em vez de ser caboclo era mulato e, justamente porque já estavam civilizados, é que os tembés tinham, a final, perdido a "sua" civilização, visto nem mais tradição possuirem. Pongetti ganhou um papagaio que, já em viagem, verificava haver sido igualmente presenteado a mais dois companheiros. "Tembé" ainda pensava que objeto ou bicho, podiam pertencer a mais de um. Coitados dos "tembés"!

Ora, em troca da civilização tembetana, Pongetti quis que eu admirasse a civilização favelina.

É claro que na Favela não há índios. Mas há povo. Há gente que come, trabalha, sofre o que é mais grave: espera. Os homens estão acuados nas calvas das pedras, como cabristas. As chuvas invadem suas casas, largando lama dentro. Dinamite, todo dia, arrebentando pedras da base do morro e o homem favelino, que está proximo às fraldas, sobe mais, apressado, com as casinhas às costas, assim como aqueles garamantos de que nos fala Flaubert. Mesmo assim, o povo da Favela canta. Mas o que será, no fundo, o canto da Favela?... Toda a sua nostalgia, com certeza, explode nessas melodias e eis a melodia que parece pedir alguma coisa e por isso comove cantar uma tristeza e por isso é sincera.

Favela, como todo bairro humilde, tem duas sociedades: a mais pobre e a menos pobre. Com suas respectivas zonas. Nos bairros da planície o povo menos pobre fica perto das linhas de bonde. Na Favela não há bonde e o ponto de referência para essa colocação em vez de ser o bonde é a igreja, que por sua vez está perto da escada, cujos degraus começam no chão da cidade mais rica, que fica em baixo.

Tambem, como nos outros bairros, as casas das duas sociedades se distinguem. As que ficam perto da igreja são de pedra e cal. As que estão nos fundos são de madeira e zinco. Nas primeiras há espaço mais ou menos recomendavel aos movimentos. Nas segundas os movimentos ficam prisioneiros das paredes estreitas e dos tétos que teem vontade de ser chão. Casas de caixa-de-fósforo, com buracos feitos janelas e fendas como portas; dir-se-á que o material dessas "construções" são apenas dois: a caixa-de-sabão e a lata de querosene. E as ruas surgem, estreitas, esburacadas, escuras. As casinhas se amontoam e estão sempre tortas; invisivel mão parece empurrá-las para baixo, parece querer acabar com aquele povo teimoso que resiste no meio da bela cidade de baixo. Vimos os negros sentados às portas dos botequins, olhando-nos com seus olhos vermelhos, desconfiados. Nos-

sos trajos denunciavam que, ali, eramos "estrangeiros". E eles veem sempre nos "estrangeiros" agentes de polícia procurando os bambas nas suas furnas. Nosso guia, por ser gente da zona, amenisava as desconfianças e evitava as possiveis provocações.

Mas por uma das janelinhas, em certa altura, lobrigamos luz! Velas. Caras escuras, tristes, quietas. E um cadaverzinho, mal vestido, esperando a hora de descer... descer... única maneira de descer.

Meninos sujos, mulheres magras, homens escanfiados, ainda que enlaroçados de músculos. E pedras. De repente, uma lage. Atrás da lage, o abismo. e era ali que se cumpriam certas vinganças da Favela. Aquela boca, lá em baixo era a panela do diabo. Mas logo, depois de uma volta, uma escola de samba nos recebia. As inscrições e os avisos possuiam a ingênua desarrumação gramatical que é uma característica da simplicidade popular. Os homens tocavam, as mulheres cantavam. Mas se tratava de uma escola de samba de fundos do morro, portanto uma das mais pobres.

Porque a escola de samba da frente da igreja era diferente. Cadeiras em vez de bancos, grande salão, instrumentos novos, troféus, pinturas. Era escola e era clube, e o diretor demorou-se em receber-nos, tinha a cabeça raspada, a fala enfeitada de *êles* e *êsses* e o garbo da sua tradição: ex-marinheiro nacional.

Mas não vimos aquela gente alegre, brejeira, festiva e bamboleante dos dias de carnaval. Não vimos suas roupas vistosas, seus pinduricalhos faiscantes, suas palas de veludo e setim. Vimos, povo cansado, mole, agoniado. Sim, bastante agoniado, porque a dinamite estava comendo o morro, cada dentada era um estrondo, um pedaço a menos, tanto que o pessoal subia cada vez mais e estava todo se amontoando no cocoruto das pedras. O pessoal andava curvado de tanto aguentar as casas nos ombros.

Não havia dúvida, assim como acontecera a Pongetti, ante a civilização "tembetana" eu me decepcionava com a civilização favelina. Tambem não encontrava algo que encantasse os olhos. Só achava distância, fastío, bocejos e uma bruta força no sorriso do povo pra ser amavel com as visitas que vinham de baixo atrás de alegria, côres, dansas, música e principalmente fortes, oh! fortes e exóticas impressões! Nada. O morro mal se aguentava nas pernas com o diabo da dinamite, quanto mais o povo!... Porque a dinamite é que era a verdadeira civilização, essa que gostava do samba mas não do morro, gostava do pessoal, sim, mas do pessoal vestido de veludo e seda, tocando pandeiro, puxando estandarte, roncando na cuíca, dansando contente, contando histórias de seus bambas. Isso é que o povo debaixo gostava, porque com isto se divertia, mesmo vendo que estavam vermelhos os olhos dos homens, mesmo apreciando os lábios secos e apertados das mulheres.

Pessoal de Santa Teresa e Glória tem a mesma vida e as mesmas côres, sempre que se vai por lá. Mas pessoal da Favela é mesmo diferente, não sei se por causa do samba, do clima ou da dinamite...

Verdade é conforme me disse, mais tarde, o cabo Henricão, que morou naquelas alturas e um dia passou comigo perto do morro: Aquele pessoal lá de cima, coitado, anda sempre por baixo!

Mas Henricão sempre foi bobo. Não sabe o que diz. Não sabe que a Favela é a rainha do Carnaval...

A Biblioteca da Academia

Oswaldo Melo Braga

E'douard Rouveyre, livreiro, editor, oficial da Instrução Pública e bibliófilo, em a sua monumental obra em 10 volumes, "Connaissances Nécessaires à un Bibliophile", diz muito bem que se poderiam escrever vários volumes sobre o interesse que apresentam os livros com dedicatórias, assim como sobre os *ex-dono*, os exemplares contendo assinaturas de homens célebres, ou aqueles anotados por seus autores.

"Testemunho de reconhecimento por um protetor — diz Alexis Martin, por ele citado —, muitas vezes de amizade por um velho camarada, laço atirado à vaidade do crítico em troca de algumas linhas de aprovação banal, homenagem admirativa a mestre venerado, o *ex-dono* é tudo isso e muitas vezes se torna simples curiosidade para bibliófilos. Oferecer livro a um amigo é alegria que todos os que teem feito *gemer o prelo* conhecem; dá-lo ao indiferente que dele não faz caso é obrigação a que o escritor por vezes não pode furtar-se. Porem, amigo ou indiferente, ambos manifestam a mesma exigência: algumas palavras e uma assinatura na primeira página. O autor satisfaz o desejo, não sem suspirar, e o livro leva no falso título a justificação da graciosidade, embora saiba o autor que alguns meses depois vá encontrá-lo no *sebo*, com as folhas virgens de espátula...

É frequente — escreveu Paul Bluysen a propósito da venda dos livros de Edmond de Goncourt — acharmos nos *sebos* livros ilustrados com dedicatória a um mestre ou mesmo a algum camarada, e, muitas vezes, a dedicatória se apresenta intacta — o cínico não tivera a suprema delicadeza de apagá-la!... e ainda dizem que existe vaidade pelas obras de literatura pura e protestos de amizade literária!... E como é rendoso o comércio que se faz com esses exemplares do autor entregues quasi que imediatamente ao *sebo!*...

Amadores há que se poem à cata de livros autografados ou anotados, formam com eles uma biblioteca especial que vendem mais tarde por bom preço."

Entre os antigos escritores franceses havia uma prática que era como que uma troca de finezas, espécie de fraternidade que honrava as letras e que consistia na permuta, entre eles, de algumas linhas escritas no alto de suas obras.

Havia-as, tambem, em páginas inteiras, na folha de guarda ou na falsa folha do rosto.

Entre nós, o uso dessa prática, embora descambe muitas vezes para o ridículo, se generalizou.

A Biblioteca da Academia Brasileira de Letras, não direi seja rica em livros autografados por homens célebres, de renome mundial ou pelo menos de certa posição nas letras pátrias, possue-os, entretanto, em número suficiente para torná-la interessante, com dedicatórias ou simples autógrafos de *ex-dono*, como o de Manzoni no pé do falso título da 1.ª edição de "Marília de Dircêo", exemplar que pertence à rica e escolhida biblioteca do grande e inesquecivel Alberto de Oliveira, o mais integral dos bibliófilos com que tenho até o presente tratado.

E dedicatória com sabor antigo, à maneira dos escritores franceses, encontramos a de Fontoura Xavier, oferecendo as suas *Opalas* a Alberto de Oliveira:

"Meu Alberto, este é para reviver
Em ti mesmo a saudade que me doe
Desse tempo feliz que eu fui viver
Comtigo em Niterói;
Tempo em que o Mário ia de amanhecer
A anoitecer
E anoitecer
A amanhecer
A recitar Hugo e Barbier;
Tempo em que tu, suando como um boi
(Quando o calo da rima é o que nos doe
Sua-se como um boi
Ou como quer)
Em que tu, pois, suando como um boi
Vivias a escrever
E a escrever
E eu a ler
E a reler
Sem nada que fazer;
Tempo dos tempos, em que nem siquer
Conheciamos Pöe

Nem Baudelaire,
O que importa dizer
A dor que roe;
Tempo de glória, tempo de prazer
Tempo da infância que se vai sem ver,
Tempo de Niterói
Que já se foi
Como um tempo qualquer
Para não mais volver,
Porem que jamais hade parecer
Na saudade que doe!...

Antônio da Fontoura Xavier."

Um tanto diferente foi a troca de finezas entre Miguel Couto e Alberto de Oliveira. O principe da medicina brasileira oferecendo as suas "Lições de Clinica Médica" (Rio, 1916) ao principe da poesia brasileira põe a seguinte dedicatória no falso título:

"Vá esta pequena lembrança ao meu velho amigo Alberto de Oliveira,
porem
Vá, como vai, que a melhorar não posso

Miguel Couto
Junho 1916"

ao que respondeu, em versos, na folha de guarda, Alberto:

"Médico (felizmente
Não como aquele, que indo a receitar,
Mal tinha escripto *Récipe,* o doente
Exclama de repente:
"— Basta! mais é matar!"
Médico ilustre, médico exemplar
Entre os que mais o são:
Não sei qual mais admire em tua mão,
Se a pena magistral com que prescreves
Remédio a todo o mal que nos infesta
A compleição molesta,
Tinha, usagre, fogagem,
Esquinencia, sezões, gota, pleuriz,
Etc. ou se essa com que escreves
Consoante os bons autores
Ou respeitando a que chamou Diniz
A nossa português casta linguagem.
És médico e escritor firme no estilo
E em qualquer prescrição.
Que nos suavise as dores.
E aqui me ocorre aquilo
De Ferreira, que diz:
"— Não fazem dano as Musas ós Doutores,
Antes ajuda a suas letras dão
E com elas merecem mais favores,
Que em tudo cabem, pera tudo são

A. O."

14-7-916.

O prognóstico do desfecho das guerras

Ari de Mesquita

Já ouvi muita gente perguntar: será possivel prever com exatidão o desfecho de uma guerra?

Aqueles que falam por falar, ou, como disse Adler, para afirmar a sua personalidade, tais e quais as crianças, responderão que sim ou que não, e passarão adiante sem presar que na realidade tocam despreocupadamente em uma das mais fecundas questões de sociologia politica e filosofia da história.

Propomo-nos apresentar em rápidas palavras a síntese das nossas conclusões sobre o problema. Evidentemente não aprofundaremos a questão. Isto exigiria muito espaço, visto como preliminarmente teriamos de ventilar vários outros problemas dos quais depende aquele, e que por si sós demandariam dois ou três capítulos de um livro volumoso. Contentar-nos-emos em apresentar alguns fatos constantes na história e na psicologia, e aproximá-los uns dos outros de modo que se torne um pouco menos nebulosa a configuração do problema, finalmente indicando o que nos parece mais aproximadamente científico.

Peguemos, por exemplo, a guerra atual. Algum espírito haverá no mundo com vigor mental bastante para afirmar categoricamente, com conhecimento de causa, que os Aliados ou a Alemanha vencerão? Não. Não existe ninguem com acuidade intelectual para prever o imprevisivel.

De início devemos dizer que não se sabe ainda se no desfecho da guerra de hoje figurarão somente os seus atuais protagonistas. A Finlândia, por exemplo, que nada tinha que ver diretamente com o conflito, viu-se envolvida numa guerra atroz, que, com certeza, não se verificaria sem a outra. Amanhã, a Itália poderá apresentar de novo as suas reivindicações, com um pouco mais de enrgia, e acabar entranto no conflito. A Grécia, a Bulgária, a Turquia, a Espanha, a Hungria, a Rumania, a Bélgica, tambem poderão vir figurar nele. A disposição, porem, dessas nações na aventualidade de uma generalização da guerra européa, ainda não é possivel localizar. Tirante os casos típicos de afinidades ideológicas, como o caso da Alemanha e da Itália, ou de mais que manifestas vantagens econômicas, como o da Alemanha e da Russia, a inserção de um país em um grupo de beligerantes depende de fatores que se encontram latentes, como sejam o da aliança por exclusão, visando a destruição de um rival que pende para o outro lado, a promessa de recompensa, (aleatoria, como todas as promessas desse gênero, mas, às vezes, convincente.), ou medo a futuras represálias. É possivel alem disso declarar-se guerra entre duas nações neutras, guerra essa que poderia ser procrastinada diplomaticamente em épocas normais, mas que agora encontra uma atmosfera propícia a expansões de ódio, um geral mal estar econômico, e uma absoluta falta de confiança na boa fé dos tratados e convenções. Ora, com o tempo, um desses dois novos beligerantes, direta ou indiretamente, buscará recursos e apoio em uma das potências empenhadas há mais tempo em guerra. Entre países travados em dois conflitos independentes, um simples apoio moral é, às vezes, suficiente para provocar a luta. E há uma nova redistribuição de forças militares, econômicas e morais, com todos os seus entrozamentos, todas as suas repercussões nas diversas ordens da atividade social. Por aí vemos como transcende a inteligência humana qualquer prognóstico em relação ao desfecho de uma guerra.

Há, porem, um motivo fortíssimo que impede a maioria das pessoas de aceitarem o ponto de vista acima enunciado. Motivo fortíssimo por ser de ordem afetiva é o intenso desejo que teem os simpatizantes de um dos contendores que o seu favorito vença indefetivelmente. Para prelibar a vitória é preciso prevê-la; e esse gozo antecipado não é bastante grande, num temperamento pouco mais que frio, para determinar em nosso ardiloso inconciente os meios de o tornarem possivel?

Por isso é que ouvimos homens de mediana cultura: médicos, engenheiros, advogados, professores de escolas secundárias e superiores, alguns até notaveis especialistas, todos, porem, desprovidos da menor serenidade, e, as máximas vezes, de conhecimentos gerais, perorarem enfaticamente que a Finlândia rechassou as tropas rûssas. Nós, nacionalistas exaltados, e portanto insuspeitos da nódoa de bolchevistas, reconhecemos que os russos, a pesar de o mau tempo, o que lá constitue notavel obstáculo, estão invadindo e destruindo a Finlândia. Acrescentamos que se esta nação estivesse sendo invadida por alemães, ao invez de russos, há muito tempo não existiria.

Com o fim de mostrar até que ponto os antólhos da paixão impedem a visão do raciocínio, recordaremos que nos primeiros dias da guerra teuto-polonesa, homens circunspectos nos declararam gravemente, contra nossas reiteradas objecções, que os polacos possuindo o quinto exército do mundo e os alemães o quarto, estes só poderiam subjugar aqueles depois de vários anos de luta, mas como a Inglaterra e a França interviriam, a Alemanha, atacada por dois lados, é que acabaria sendo invadida. Vem a propósito lembrar que os jornais franceses, nos primeiros dias da guerra de 1914, anunciavam a chegada dos russos, a invasão da Alemanha, e sua derrota no fim de três ou quatro meses (1). Agora, esses mesmos senhores, com o intuito de apoucar o brilho do incomparavel feito darmas das tropas germanicas, afirmam que os polacos não tinham armamentos (depois de se haverem preparado durante quatro anos para resistirem às reivindicações territoriais alemãs!), ou não tinham estrategistas (a pesar de os oficiais do estado maior francês junto ao seu exercito), ou foram simul-

---

(1) G. Le Bon — Premières consequences de la guerre, pag. 82.

taneamente atacados pelos russos (estes só penetraram na Polonia aos dezessete de Setembro), etc. etc.

Curioso é que a maioria desses senhores, embora não conhecendo nada de Sociologia, Psicologia Coletiva, Filosofia da História, Antropogeografia, são acatados especialistas noutras esferas do saber humano. Alguns, pelo menos, tenho a certeza de que são sinceros, e suas contradições não passam de tropeços da razão nos aboízes lançados pelo inconciente.

No Brasil, se fizéssemos uma votação popular, sobre o desfecho da guerra, achariamos uma percentagem de 85% aproximadamente convicta da vitória dos aliados. Se interrogarmos alguns dos representantes dessa opinião, aplicando o método psicoanalitico no interrogatório, verificamos que a sua convicção nasceu de um desejo, e este de uma simpatia. O desejo de que os Aliados vençam deduzido da simpatia pela França. E por que no Brasil a França conta com mais simpatias que a Alemanha? As causas são muitas, e, como disse acima, no apertado espaço deste artigo não poderei nem sequer pretender explicar tudo.

Citarei apenas duas ordens de causas. Primeiro: ordem cultural: — pelo menos todos os brasileiros saídos de uma Escola Superior sabem um pouco de francês, e grande número deles conhece bem este idioma. As moças de boa educação leem romances e poesias francesas. Quasi todos aquí pensam que os poetas alemães são inferiores aos franceses pelo sentimento. Daí inferem que estes se avantajam àqueles em cortesia, em elegância moral, em amabilidade, e tais convicções, uma vez fixadas no inconciente pela afirmação e repetição desde a infância, ficam acima de qualquer dúvida e contestação.

A França não possue cultura original, como a Alemanha, que é a portadora da única cultura autónoma do ocidente moderno, mas a sua literatura, como todas as grandes literaturas, tem uma feição particular, que passou a ser o canon da nossa, por obséquio dos literatos brasileiros aos quais a língua de Goethe é inacessivel. Só raros escritores entre nós, para alargarem ainda mais os seus conhecimentos, foram obrigados a aprender o alemão. Nas minhas relações, só há um intelectual, que usa o alemão como instrumento de cultura, sem ser simpatizante à causa alemã no atual conflito. Por aí vemos como é imensa a influência que o contacto de uma determinada cultura exerce na simpatia de um indivíduo relativamente ao país em que ela floresce. Quando falei em conhecimento do idioma teuto tive o cuidado de me referir exclusivamente aos que o usam como instrumento de cultura. Aqueles que falam alemão por terem estado casualmente na Alemanha, ou trabalharem em firmas alemães, etc., não entram na conta, pois a estes a cultura alemã continua impenetravel.

Segundo: motivos de ordem politica: em virtude do Brasil ter sido arrastado pelos Estados Unidos à guerra de 1914, e de se haver feito aquí, por isto mesmo, propaganda oficial contra a Alemanha, entre nós ficou certa convicção afetiva de que a França, heroína e martir, — e finalmente algoz, co-autora do tratado de Versailles — símbolo do cavalheirismo latino, era a defensora do Direito e da Justiça. As baleias de que a Alemanha queria e quer ocupar Sta. Catarina tambem ficaram. Se perguntarmos a tal advogado ilustre porque acredita em semelhante absurdo ele responderá com a já estafada argumentação da soberania nacional, mas deixará sem resposta o ponto precípuo: porque pensa que a Alemanha quer transformar o Brasil em sua colônia. A lei do menor esforço inda mais o inteiriça em sua idéia: a argumentação está meio decorada por já ter sido lida, ouvida, e até proferida varias vezes, mas a prova de que a Alemanha ambiciona uma província nossa exige esforço mental e originalidade, pois é coisa que até agora ninguem fez...

O racismo, base do Nacional Socialismo, tambem não é simpático à maioria dos brasileiros. É que ele afirma a virtude da raça, e segundo essa concepção o Brasil, que não tem tipo racial definido, como os alemães e escandinavos, nem siquer a chamada raça histórica, que possuem os franceses, ingleses, espanhoes, italianos e outros, fica fora da possibilidade de elevar-se a uma grande cultura. Alem disso, entre nós, há uma enorme percentagem de mestiços, que aspiram ao poder, aos altos cargos, e se esforçam para crer exclusivamente nas *instituições*, o que lhes está ao alcance, embora inutilmente, como ficou provado com os mulatos de Martinica, que adoptaram instituições européas, mas continuaram vivendo na anarquia e na miséria. As constituições, quando não encontram éco na alma das nações, ou melhor, quando não são a expressão da alma de um povo, não passam de rótulos falsos.

Da antipatia pela Alemanha é que derivam todas as ridículas afirmações que lemos diariamente nos jornais, e ouvimos até de homens respeitaveis. Os que julgarem exageradas as minhas afirmações relativas à simplicidade de doutores e especialistas, deverão consultar a instructiva obra de Gustave Le Bon, "Les opinions et les croyances", aonde são citadas ainda mais inverrossimeis casos em que não só médicos, advogados e engenheiros, conhecendo simplesmente as respectivas técnicas, mas até grandes investigadores do Direito, biologistas, químicos, matemáticos, homens notáveis pelo seu saber, conduzidos pela afetividade, postergam o bom senso e a razão em favor de ilusões caras ao seu sentimento. Sobre a ineficácia do raciocínio para destruir convicções de tonalidade afetiva, principalmente quando estas se manifestam como fenômeno coletivo, consultem-se do mesmo autor: "La vie des vérités", "La psychologie politique", "La révolution française et la psychologie des révolutions", "La psychologie du socialisme", "Bases scientifiques d'une philosophie de l'histoire", "Le déséquilibre du monde", "Psychologie des temps nouveaux", e ainda "La psychologie des foules", que trata do mesmo assunto, porem de modo mais geral. (2)

---

(2) — Não citaremos, alem das obras de Le Bon, as de W. Wundt, Th. Ribot, H. Ebbinghaus, Max Weber, Georg Simmel, Leopold von Wiese, R. Thurnwald, H. E. Ziegler, V. Pareto, W. Bechterew, e outros que trataram do mesmo assunto, porque só no primeiro se encontram as contradições que interessam ao nosso estudo.

O curioso é que nos momentos de agitação psiquica, quando a alma do indivíduo se põe a vibrar no ritmo da da comunidade, até o espírito prevenido pode ser vitima de uma ilusão. É o caso do eminente e já citado pensador Gustave Le Bon, que, durante a grande guerra, escreveu "Enseignements psychologiques de la guerre européenne", em Fevereiro de 1916, e "Prémières consequences de la guerre", em Novembro do mesmo ano, onde a Alemanha é rudemente atacada e o autor procura provar a sua inferioridade moral relativamente aos franceses e ingleses. (3). No livro, "La psychologie politique", escrito em 1911, lê-se, ao contrário, que o povo alemão tem grandes virtudes sociais, como a ordem, a disciplina, a tendência natural para a organização, o amor ao trabalho, que nos livros publicados em 1916 são taxadas de servilismo, tendência para ser governado despoticamente, rotina, etc.

Nas obras dadas à estampa depois de terminada a guerra, isto é, depois de se ter acalmado o ódio ao inimigo, Le Bon volta a elogiar a Alemanha (4), e proclama a sua superioridade cientifica e industrial sobre as outras nações (5), declarando que o rendimento do operário alemão é superior de um terço ao do seu colega francês (6).

Não será isso tudo uma prova de que o raciocínio, quando a afetividade está interessada, só serve para provar o que desejamos que seja realidade?

Como já ficou atrás demonstrado, nos fenômenos politicos é impossivel a previsão do particular e do acessório; acrescentamos agora que, ao contrário, sempre é possivel a previsão do geral. Assim, pode-se predizer uma guerra, mas nunca predizer-se-lhe o desfecho. A guerra, fato de nações entrarem em conflito armado, depende de fatores sujeitos a leis já estudadas pela Sociologia; o seu desfecho, o seu fim prático, tirante os casos típicos já estudados noutro artigo meu, depende de causas fortuitas, cuja interpretação exigiria um espirito dotato da mais absoluta oniciência. Uma anexação é um fenômeno perfeitamente previsivel. Uma vez estudadas minuciosamente as suas consequências econômicas, e o estado de espírito dos vizinhos interessados, tambem será possivel predizer se ela acarretará uma guerra.

Vejamos o caso da Áustria. Despojada de suas mais belas provincias, em nome do princípio da auto-determinação dos povos aplicado abusivamente, e reduzida a quasi que miséria, não deixava prever sua futura anexação? Ela própria tinha de desejá-lo, disse Le Bon (7) em 1923, e, em 1930, afirma a absoluta fatalidade do Anschluss, (8) chegando até a prognosticar-lhe a data aproximada. (9) O mesmo autor tambem deixa entrever a possibilidade de anexação de Dantzig (10), que segundo dados de um jornal, por ele citados e aceitos como verdadeiros, tem 97% da população alemã.

A França e a Inglaterra, no caso da Austria, não intervieram por não estarem ainda suficientemente preparadas. Em Londres, nessa ocasião, não existiam abrigos contra ataques aéreos, e no terreno diplomático, por falta de previsão, tambem nada havia sido articulado.

No Brasil quasi todos julgam aquele Anschluss um crime inominavel, uma violência feita a Austria, sem ver que a sua fonte de informações são os jornais, inimigos da Alemanha, pelos motivos acima enumerados, e os imigrados austriacos e alemães, na maioria judeus, ou pelo menos descontentes irredutiveis.

O incomparavel sábio Wilhelm Wundt, no livro "Kultur und Geschichte" (11), tomo décimo da sua monumental "Voelkerpsychologie", demonstra que a França, na Conferência da Paz, em 1919, não permitiu que se fizesse a anexação desejada por ambas as partes do povo alemão, por temer que, como consequência de tal fato, surgisse uma Alemanha ainda mais forte que a de 1914. Isto é, a paladina do Direito e da Justiça, só consentia, diante do contendor vencido e desarmado, que o direito da auto-determinação dos povos, por ela própria defendido, fosse realizado para retalhar os territórios inimigos. Isso não prova inferioridade moral da França, mas prova sobejamente que é ridículo aribuir-se a uma nação qualquer, e ainda menos a uma nação que sofreu horrivelmente, sentimentos generosos que só se observam num ou noutro indivíduo exepcional. Não há paises magnanimos, há homens magnanimos, e nota-se que tais e tais nações produzem mais comumente homens generosos *nas suas relações individuais*, mas que voltam à vulgaridade logo que uma exaltação social forme a alma coletiva onde se vai fundir a sua alma.

A história raramente se repete porque as leis que as regem são sempre as mesmas, e as circunstâncias em que se exercem são sempre diferentes. Assim nada nos pode levar a crer que a a França saia vitoriosa, mas tudo faz acreditar que o vencedor, qualquer que seja ele, aja com o despotismo com que agiu o vencedor de 1918, no caso de haver esmagamento total de um dos lados, o que talvez não aconteça desta vez.

Como homens, desejamos simplesmente que não se tornem a cometer os erros de Psicologia e Sociologia Politica que se cometeram no Tratado de Versailles, para que não tenhamos de sofrer outra guerra trinta anos depois de assignada a nova paz. Uma geração jamais se resigna, sem ódio e desejo de vingança, a pagar as dívidas impostas à geração anterior.

---

(3) — "Enseignements psychologiques de la guerre européenne", pags.: 292, 71, 151, e 152, 75, 121, 276, 292, 43, 293, 72 e 73, 48, 326, 283 a 290. — "Prémières consequences de la guerre", pags.: 194, 195, 206.

(4) — "Le déséquilibre du monde" (1923) — pags.: 234 e 235.

(5) — "Le déséquilibre du monde" — pás.: 224.

(6) "Bases scientifiques d'une philisophie de l'histoire (1930) — pág. 249.

(7) — "Le déséquilibre du monde" págs.: 21, 32.

(8) — "Bases scientifiques d'une philosophie de l'histoire", pág.: 292.

(9) — "Bases scientifiques d'une philosophie de l'histoire", pág.: 251.

(10) — "Bases scientifiques d'une philosophie de l'histoire", pág.: 250.

(11) — "Voelkerpsychologie" (Leipzig, Kroener), vol. 10; pag. 451.

O movimento intelectual do Rio Grande do Sul em 1939

Ari Martins

As preocupações de ordem cultural continuam merecendo franca e carinhosa acolhida por parte da gente sul-riograndese. A cada ano que flui, maior parece tornar-se esse interesse. Em consequência de tal progressão ascendente, intenso se revelou o movimento intelectual do Estado em 1939, assinalando atividades múltiplas, no livro, no jornal, na tribuna, — para relevo cada vez mais alto da inteligência gaúcha.

Lugar proeminente ocupa a faina bibliográfica nesse surto de operosidade mental. Obras de todos os gêneros vieram a lume, umas evidenciando escritores novos e até aquí ainda desconhecidos e outras servindo de veículo para o regresso de veteranos há muito afastados de tais lides.

Começando este retrospecto pelo romance, verificaremos que o ramo em apreço aquí, como nos mais recantos do Brasil, vem firmando crescente preferência entre autores e leitores. 39 deu-nos 5 romancistas, e todos de excelente quilate: Oteio Rosa, da velha guarda, conhecido e louvado como o melhor biógrafo de Júlio de Castilhos e ainda por trabalhos históricos de remarcado valor, agora desenvolvendo em "A Moça Loira" um tema de psicologia feminina, no qual aborda tambem a tese divorcista; De Sousa Júnior, outro da geração de ontem, que para as letras amenas emudecera já há muito e de súbito a elas retorna tecendo, em "Enquanto a morte não vem", toda a dolorosa tragi-comédia da mediocridade que a vida burguesa contemporânea encerra; Ciro Martins, ainda forçando o motivo regionalista que o inspirara na confecção de "Sem Rumo" e "Campo Fora", neste novo romance cuja ação faz decorrer, em lugarejo da fronteira e ao qual denominou "Enquanto as águas correm..."; Telmo Vergara, que de "conteur" passou este ano a romancista, editando no Rio, com José Olímpio, a "Estrada Perdida"; e, por fim, a maior revelação de 39 nas letras do sul, esse extraordinário Viana Moog, que, acostumado a publicar unicamente livros que, mal surgidos, produzem logo retumbantes sucessos, veio confirmar para o romancista de "Um Rio Imita o Reno" as credenciais com que antes se apresentara o ensaísta de "Heróis da Decadência', o sociólogo de "O Ciclo do Ouro Negro", o satirista das "Novas Cartas Persas" e o biógrafo de "Eça de Queiroz e o Século XIX".

Saltar do romance para a novela é agir intuitiva e logicamente. É o que fazemos, encontrando "in primo loco", nesse outro terreno da ficção, Reinaldo Moura, mesclando em três magníficos trabalhos que reuniu no volume "Noite de Chuva em Setembro" os seus apreciaveis dotes de observador meticuloso da vida com que se nos exibira em "A Ronda dos Anjos Sensuais" e a acuidade sentimental do lirista que "Outono" pôs em evidência. Outro novelista apareceu por aquí, cuidando de levantar muito barulho em torno dos livros que lançou, "Uma Virgem Enlouquece" e "Bas Fonds". Mas o que Harry W. Rotermund revela é que, infelizmente, o seu senso de criação literária está em proporção diametralmente oposta ao senso de publicidade de que se mostra possuidor.

O conto só teve um representante em 39 no Rio Grande do Sul. E representante graduado: Darcí Azambuja, o inesquecivel regionalista que a Academia Brasileira laureou, há 15 anos, com o seu "No Galpão". Agora voltou, saudado entusiasticamente pela crítica, com outro tomo de contos, e contos de todos os feitios, intitulado "A Perigosa Aventura".

Ainda não morreu, e nem morrerá tão cedo, a legitimidade da fama brasileira como a de terra de poetas. No ano que passou, o nosso Estado com boa parte para o por certo elevado número de versistas que vieram enriquecer ainda mais essa fama. Fernandes Barbosa, um moço de Cachoeira, extreou, naturalmente impreciso e vacilante, com "Frutinha Proíbida". Bismalda Soares de Mendonça tambem pela vez primeira reuniu em volume as suas rimas, dando-nos "Meu Canto de Saudades", repleto de suavidades líricas e ternuras amorosas. Mas uma estréia foi a de Pio Otoni Júnior, entoando em São Leopoldo o seu "Poema ao Brasil Selvagem". De São-Paulo, vieram-nos "A Marcação", de tema regional pampeano, e "Na Minha Torre de Legenda", uma co-

leção de versos da melhor qualidade, produzidos o primeiro por Manoel do Carmo e o segundo por Aplecina, sua esposa, — um casal de distintos poetas que já o Brasil inteiro conhece e tem admirado através de livros outros que tem publicado. Poetas novos, mas já com o batismo de fogo da edição em livro, Lisboa Estrázulas, Heitor Saldanha, Gevaldino Ferreira e Mauro Cunha voltaram, todos eles demonstrando progressos evidentes em suas obras do ano, que foram, respectivamente, "Salso Chorão", "Casebre", "Cantiga que vem da Terra" e "São Palavras de Amor". De Fernando Albino, jornalista no interior do Estado e presidente do Grêmio Santarrosense de Letras, apareceu uma interessante coleção de sonetos religiosos, a "Via Sacra". Rematemos com a citação de mais uma dupla de debutantes, esses porem de uma mediocridade apavorante: Guilherme Barchet, deixando-nos a lamentar que os seus "Versos que eu prometi" não tenham ficado apenas em promessa, e Luiz Jensen, esse ao menos fazendo jús a perdão porque se mostra sinceramente como é no título dos seus "Versos de quem não é poeta".

A literatura histórica sempre foi objeto de especial atenção dos nossos escritores. Não admira, pois, que 39 nos houvesse oferecido um rol bem grande de estudos dessa natureza. Logo ao iniciar-se o ano, foi Lindolfo Color quem,do Rio, nos enviou, editado por José Olimpio, o seu "Garibaldi e a Guerra dos Farrapos", trabalho longo e bem documentado, que, não obstante, suscitou cerrada discussão em torno de pontos que aborda. Sousa Doca, a que se pode emprestar, sem favor algum, o título de luminar da cultura histórica no Brasil, publicou "Caxias, pacificador', logo empós "Os limites entre o Brasil e o Uruguai" e, por fim, um trabalho sobre o papel das forças armadas na proclamação da Republica. De André Carrazzoni, todo o país leu e apreciou o excelente ensaio traçado em torno da vida e da obra do Presidente Getúlio Vargas. Com "A Revolução Farroupilha", lançada em São Paulo pela Editora Nacional, Valter Spalding veio trazer idéias nitidas e precisas num resumo inteligentemente composto, para quem deseja abranger, numa visão exata, o que foi o movimento republicano de 1835 no Rio Grande do Sul. Albino Coutinho e Gustavo Moritz, velhos e infatigaveis pesquisadores de fatos históricos, reuniram em livro trabalhos que antes haviam estampado fragmentariamente na imprensa. "Datas Brasileiras" e "Acontecimentos Politicos do Rio Grande do Sul", respectivamente. Sobre a "Polônia" escreveu, fazendo na verdade obra mais de apologia que de história, Lourenço Mário Prunes. Tambem deve ser citado aqui o folheto "Vida, Obra e Morte do Dr. Maurício Cardoso", de D'Artagnan Vaz.

Livros de crítica literária tivemos dois, ambos de sumo valor, um de extreante no gênero e outro de autor já nele experimentado. O primeiro foi "Vozes de Ariel", preciosa coleção de estudos sobre as individualidades intelectuais de Érico Veríssimo, Telmo Vergara, Reinaldo Moura, Paulo Correia Lopes, Ângelo Guido e Atos Damasceno Ferreira, superiormente analisadas por Manoelito de Ornélas, que se revelou, por sem dúvida, crítico de notavel capacidade e atilado senso para esse dificil mistér. O segundo foi um trabalho acerca de Antéro de Quental, da pena desse escritor que tanto tem de laborioso como de conciencioso, honesto e discreto que é Carlos Dante de Morais, que antes já nos déra "Viagens Interiores" e "Tristão de Ataíde e outros estudos".

Não precisamente obras de crítica literária, mas dignas de serem aquí mencionadas foram "Tobias Barreto, poeta", de Dário de Bitencourt, e "Machado de Assis", de Paulo Árinos, ambos eruditas conferências proferidas quando da passagem dos centenários, a 7 e 21 de Junho respectivamente, dos dois ilustres escritores de que tratam.

De sociologia tivemos um livro que há muito vinha sendo anunciado e cujo aparecimento não desmentiu a propaganda que dele se fizera: "Sociologia católica e o Materialismo" de Fernando Callage. Ainda nesse gênero, publicou-se um discurso por Alcides Galhardo de Mendonça Lima proferido em Pelotas, "A Fraternidade e a ordem social."

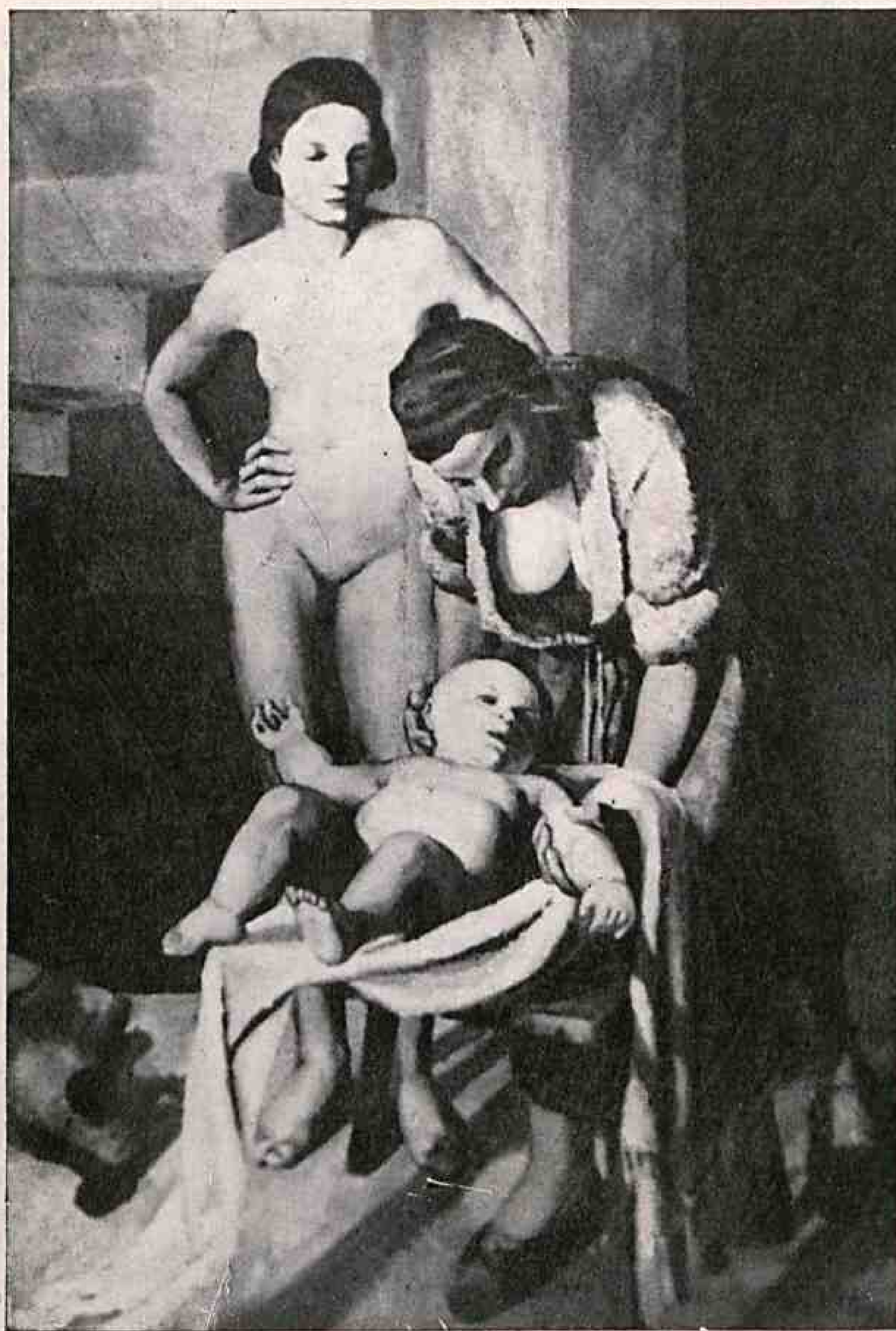
Até filólogos — "avis rara" por estas bandas — compareceram. George Upton Krischke deu à luz o seu "Do reto uso de preposições na língua portuguêsa", monografia que a Academia Brasileira de Letras premiou há uns dois anos, e Propicio Silveira Machado editou "Monografia sobre a crase", trabalho muito bem recebido pela crítica. Tambem em domínios linguísticos, registemos a publicação de "Elementos latinos e gregos, Prefixos e sufixos", de Pedro Santa Helena, e do "Pequeno glossário de termos botânicos", de Cantalício P. de Oliveira.

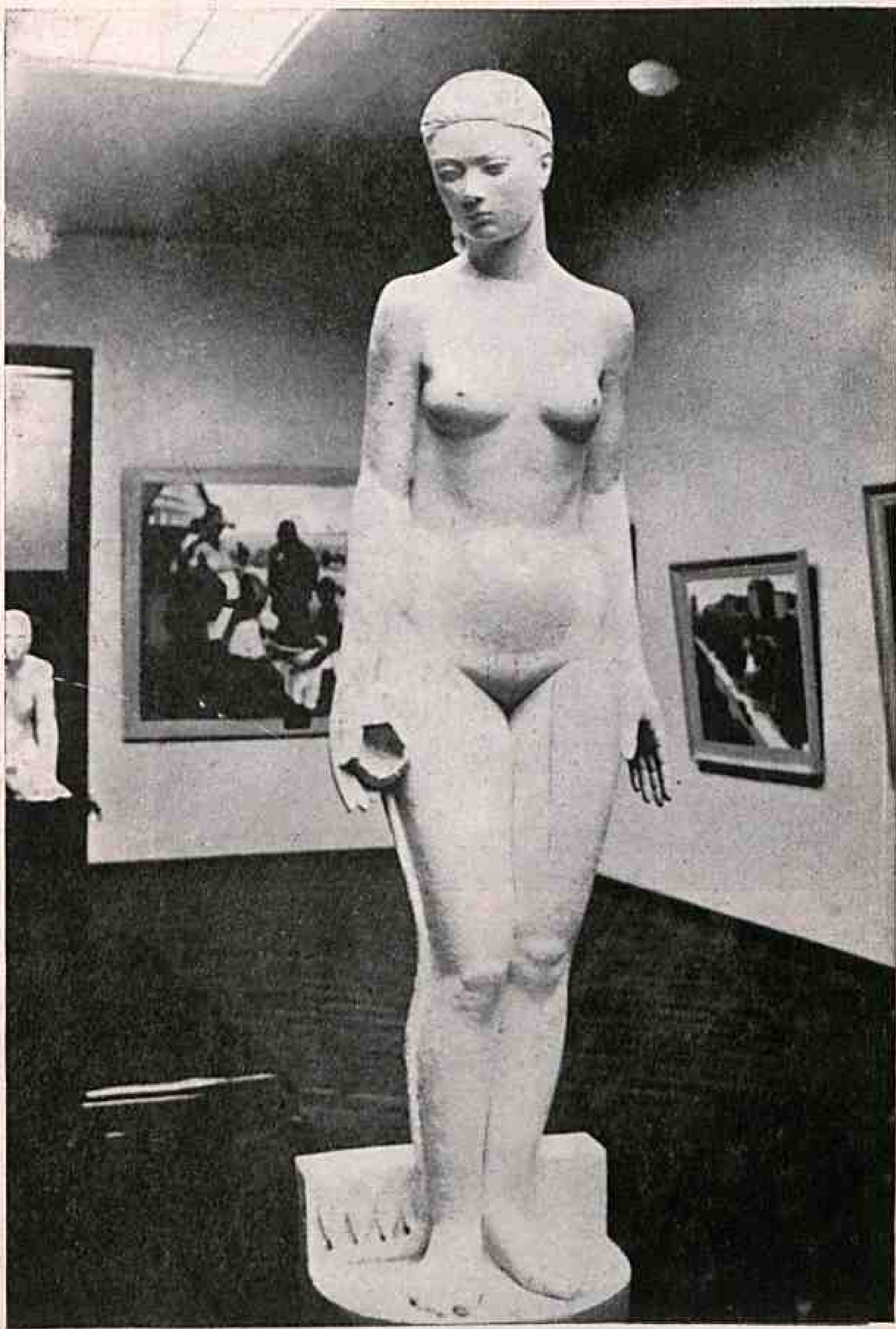
Olinto Sanmartin marcou um dos grandes êxitos literários do ano com a estampa de "Caminhos Seculares", crônicas de uma excursão à velha Europa, Ásia Menor África do Norte, artisticamente lançadas na coleção Viagens da Editora Nacional, de São-Paulo. Alvaro Porto Alegre dedicou, com "No Tronsmonto da Vida", sentido "in memorian" à esposa falecida. Lourenço Má-

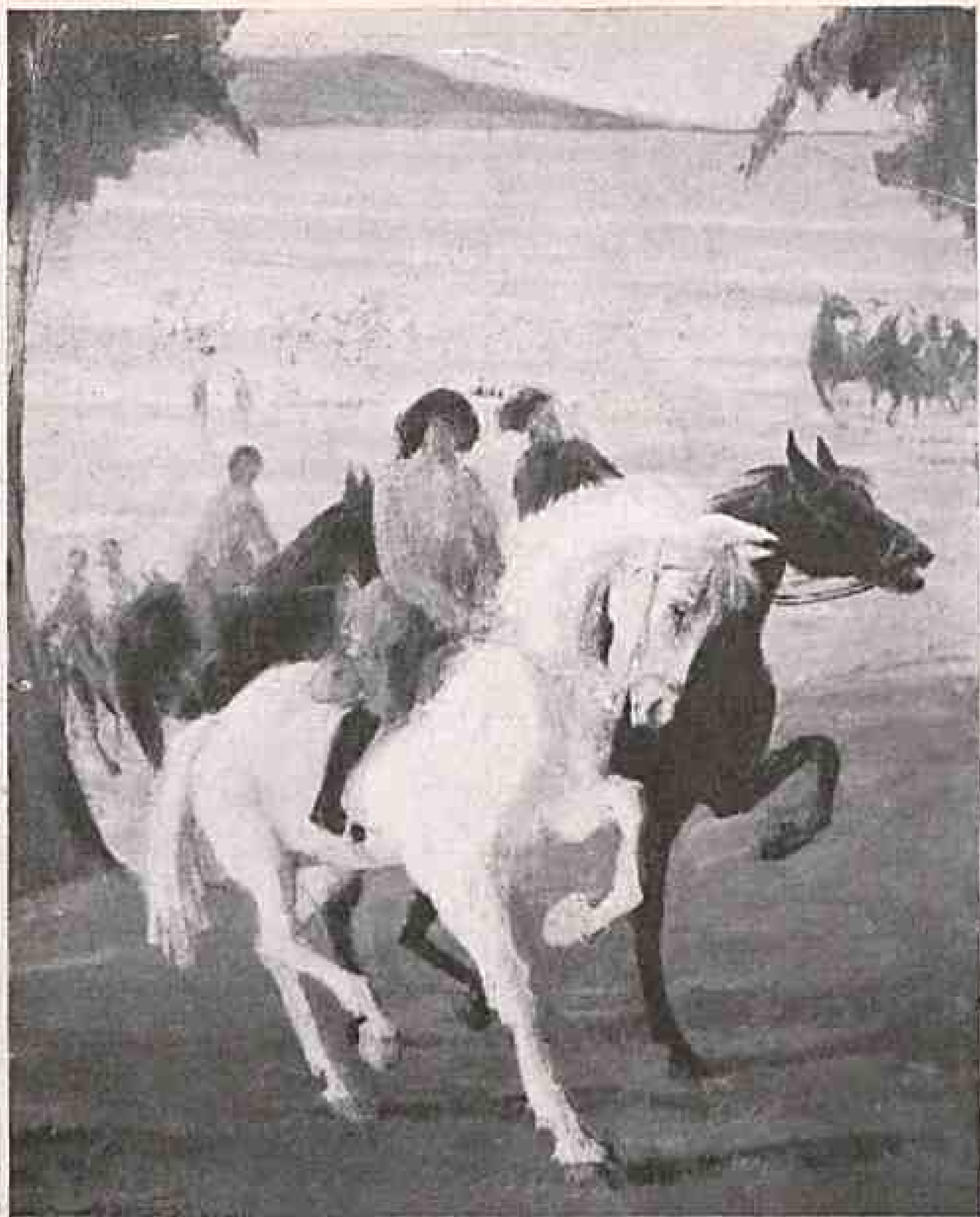
rio Prunes abordou assunto econômico de palpitante atualidade, tirando dos prélos "O Trigo". Mário Tota continuou obtendo franca aceitação para os seus amenos conselhos médicos de profilaxia e higiene, dantes divulgados nas colunas do "Correio do Povo" e agora enfeixados nos volumes "O Médico em casa" e "Medicina em pilulas". Paulo Menezes codificou em livro regras para bem se aprender o idioma "Esperanto". Sobre "Os problemas da educação perante a História" discorreu proficientemente Tiago M. Wuerth, já autor de inumeras obras que põem em equação assuntos pedagógicos. Quíncio Barcelos Ferreira, defendendo tese para obter uma cadeira na Universidade Técnica do Rio Grande do Sul, tratou da "Origem e evolução da Topografia". De Felipe d'Oliveira, o poeta gaúcho tragicamente falecido na França, a Sociedade que tem seu nome, sedeada no Rio, editou um volume póstumo de trabalhos em prosa. As comédias "Nada!" e "Iáiá Boneca" de Ernani Fornari, tão festejadas nos palcos nacionais, passaram a figurar tambem em livro nas bibliotecas dos amantes do gênero teatral. Raul Bopp e José Jobim publicaram uma "Geografia Mineral". Valdinho Reis escreveu as suas memórias, sob o título de "O drama de uma vida". Misturando ciência com um pouco de ficção, Hipólito Machado, em Santa Maria, deu aos prélos "A maré equinocial". Érico Veríssimo, ainda descansando sobre os louros colhidos com "Olhai os lírios do campo", limitou-se no ano a traduzir e a publicar uma curiosa "Viagem à aurora do mundo" e o livrinho para criança "Aventuras no mundo da Higiene". Tambem de literatura infantil é a obra de Elsita Lopes Weyer de título "A viagem de Nicotinho". O "Epistolário de Cesar de Castro" foi reunido e comentado inteligentemente por Fernando Calage, formando assim valioso subsídio para o estudo da figura do inesquecivel esteta que nos legou o "Pean". Por fim, obras de direito e medicina vieram a lume, subscritas aquelas por Dário de Bittencourt, Fausto de Freitas e Castro, Moacir Lacerda da Cruz Machado e H. Desjardins e estas por Mário Mernd, Anes Dias e Cirne Lima.

A imprensa não apresentou movimento menos intenso. O "Jornal do Estado", agora sob a direção sabiamente orientada de Manoelito de Ornelas e contando no corpo redatorial com o concurso de escritores de renome, como, entre outros, Ângelo Guido, Armando Paradeda, Carlos de Azevedo Légori, Paulo Correia Lopes e Sérgio de Gouveia, tomou feitio moderno, legitimamente intelectual e deu inúmeras edições com páginas literárias muito bem organizadas. Muitos crônistas encheram durante o ano as colunas dos jornais gaúchos, cumprindo menção especial a Nilo Ruschel e Rubem Braga, na "Folha da Tarde"; Vitoriano Serra, no "Correio do Povo"; Rivadavia de Sousa, no "Jornal do Estado" e Rubens Vargas, uma revelação preciosa do jornalismo no interior, redator da "A Nação", de Uruguaiana. Apareceram duas revistas novas em Porto Alegre, de feitio literário leve e atraente: "Século XX", com um pugilo de colaboradores jovens mas muito bem norteados, como, entre outros, Cid P. Cabral, Odacir Beltrão, A. Somnitz e Mauro Cunha; e "Morena", sob a direção de Adalmiro Moura. Em Alegrete, continuou surgindo regularmente "Ibirapuitã", o mensário que F. Soares Coelho vem mantendo com tanta galhardia para honra da inteligência daquela zona.

Ativas estiveram tambem as Sociedades culturais, destacando-se o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, ainda sob a presidência de Leonardo Macedônia e secretariado por dois infatigaveis trabalhadores, Eduardo Duarte e Valter Spalding, publicando com toda pontualidade sua ótima "Revista" trimestral; e a Academia Riograndense de Letras, cujo presidente em 39 foi Luiz Carlos de Morais. Essa última entidade, filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil, realizou onze sessões durante o ano, sendo quatro públicas, e comemorou, com memoraveis solenidades, os centenários de Tobias Barreto e Machado de Assis, o "Dia da Cultura" e o cincoentenário da proclamação da República. Prosseguiu ainda, graças à faina de suas comissões permanentes de Bibliográfia e História Literária e de Lexicografia, a confecção do "Dicionário Bio-Bibliográfico do Rio Grande do Sul" e do "Vocabulário de Brasileirismos do Rio Grande do Sul": estimulou e amparou a criação de novos centros literários no interior do Estado: e recepcionou oficialmente cinco intelectuais de outros Estados que visitaram Porto Alegre: os professores Everardo Backheuser e Lourenço Filho, o ator e autor Dr. Renato Viana, o Ministro Dr. José de Sousa e o capitão Ventuleli Sobrinho. Concorreu ainda ao 2.º Congresso das Academias de Letras e de Intelectuais, promovido no Rio, em Junho, para o mesmo contribuindo com trabalho dos apresentados pelos acadêmicos Alcides Maia, Martim Gomes, Olinto Sanmartin, Valter Spalding, Sante Uberto Barbieri, Valdemar de Vasconcelos, Sousa Doca e Arí Martins.

Foi este o movimento intelectual gaúcho de 1939, resumido em traços rápidos.

Edson Mota — "O banho do Bêbê" — (Prêmio de viagem ao Estrangeiro)

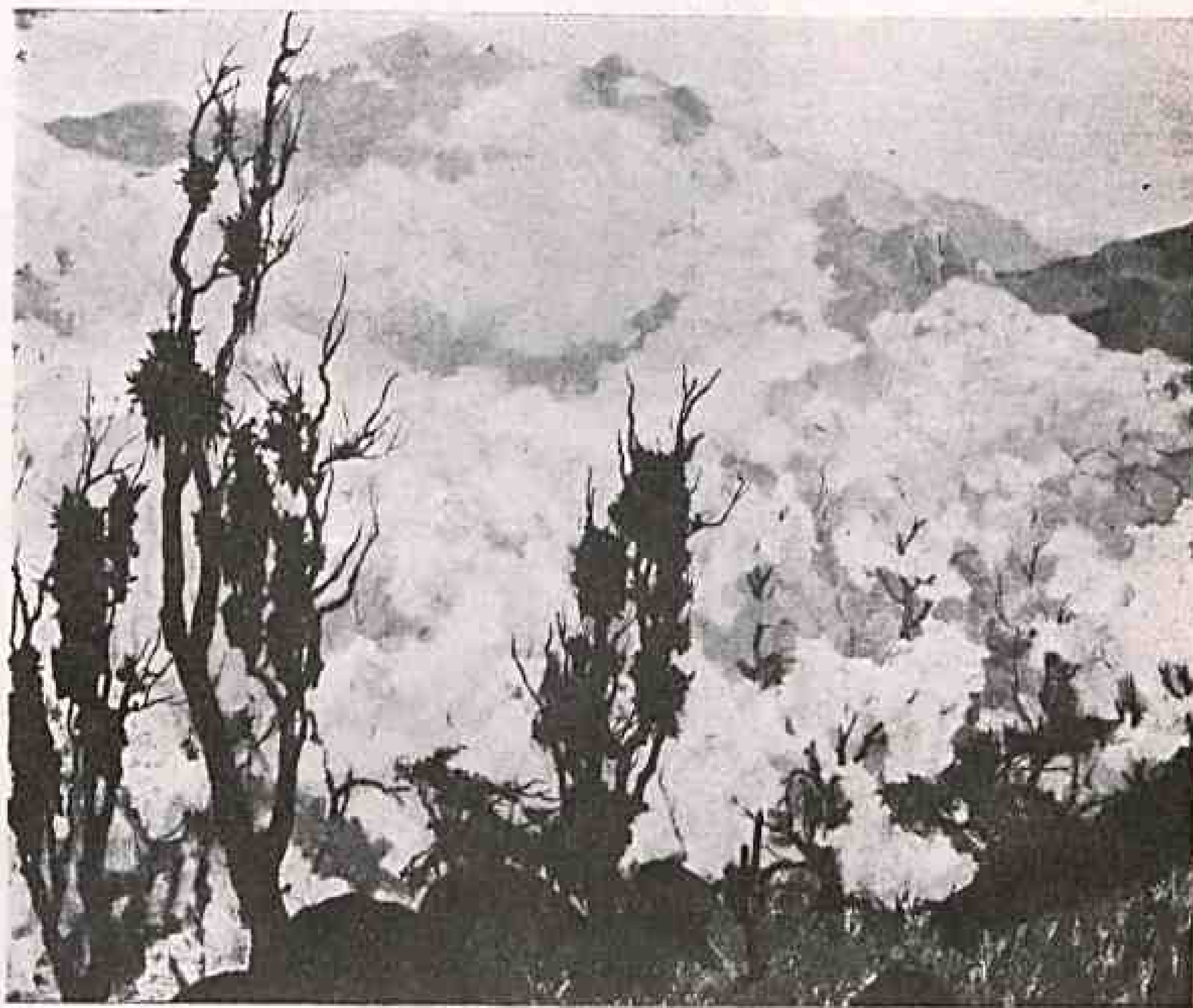
O SALÃO DE BELAS

Honorio Peçanha — "Despertar" — (Prémio de viagem ao país).

ARTES EM 1939

Manuel Santiago — "Passeio matinal" — Medalha de ouro

Luiz Almeida Junior — "Na barreira"

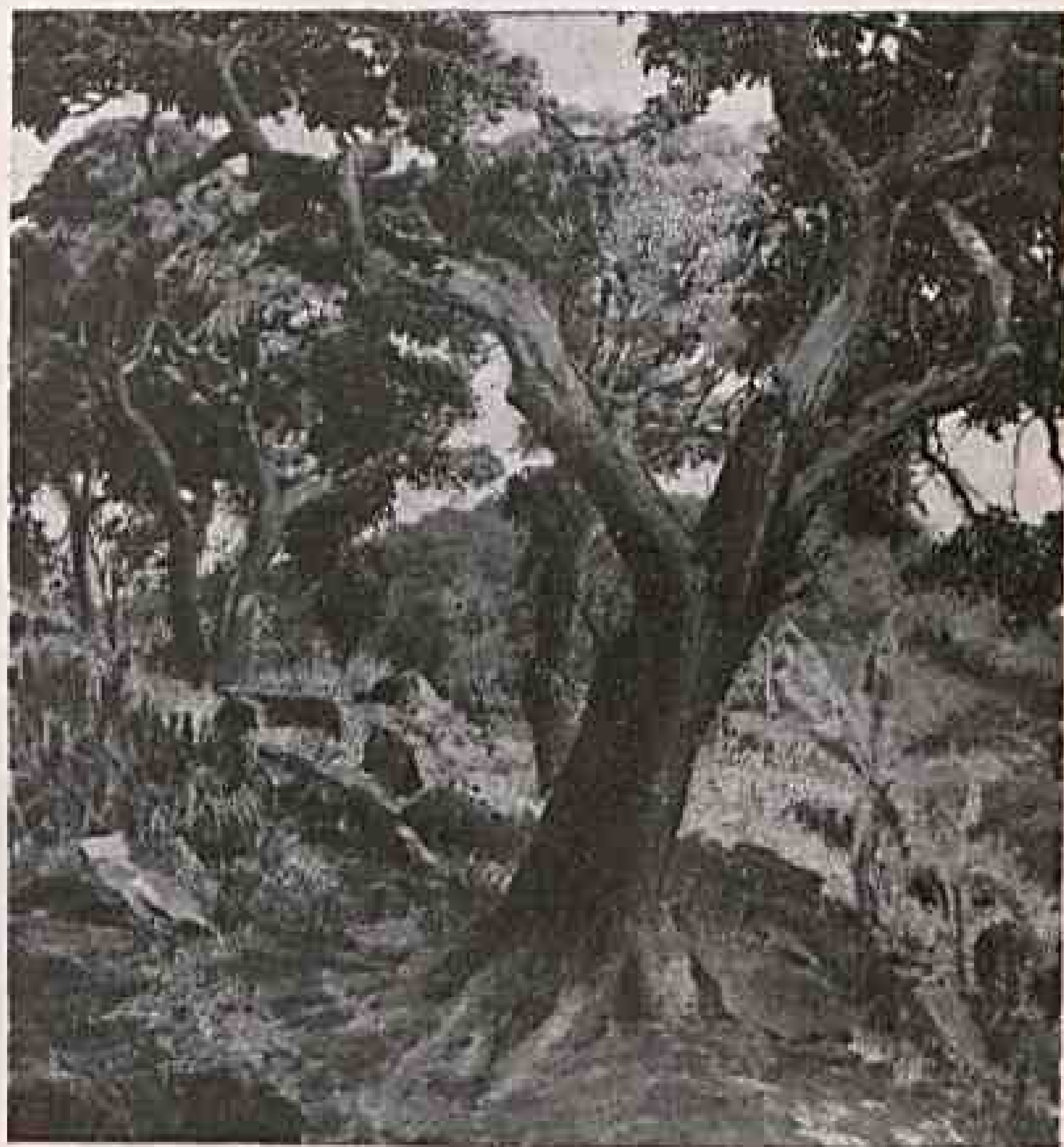
Como vem acontecendo todos os anos, o Salão Nacional de Belas Artes obteve o mais completo sucesso, reunindo em suas mostras crescido número de trabalhos de arte pitórica e escultórica, alem de interessar tambem à gravura, artes gráficas e arte decorativa.

Varios prêmios foram distribuidos entre os concorrentes, cabendo os "Prêmios de Viagem" ao estrangeiro e ao país,

Paulo Gagarin — "Serra do Carranca"

Gastão Formenti — "Cantigas de luz"

respectivamente, aos pintores Edson Mota e Honorio Peçanha. Alem desses, varios outros artistas foram galardoados pelos excelentes trabalhos com que se apresentaram, sendo que o "Prêmio Ilustração Brasileira" teve a seguinte distribuição:

Seção de Pintura: Salvador Pujals Sa-

baté. Seção de Escultura: João Baptista Ferri. Seção de Desenho: Maria Delfino. Seção de Arte Decorativa: Camila T. Alvares de Azevedo. Seção de Gravura: Yara Ferreira Leite.

Nestas páginas damos a reprodução de alguns trabalhos expostos no Salão de 1939.

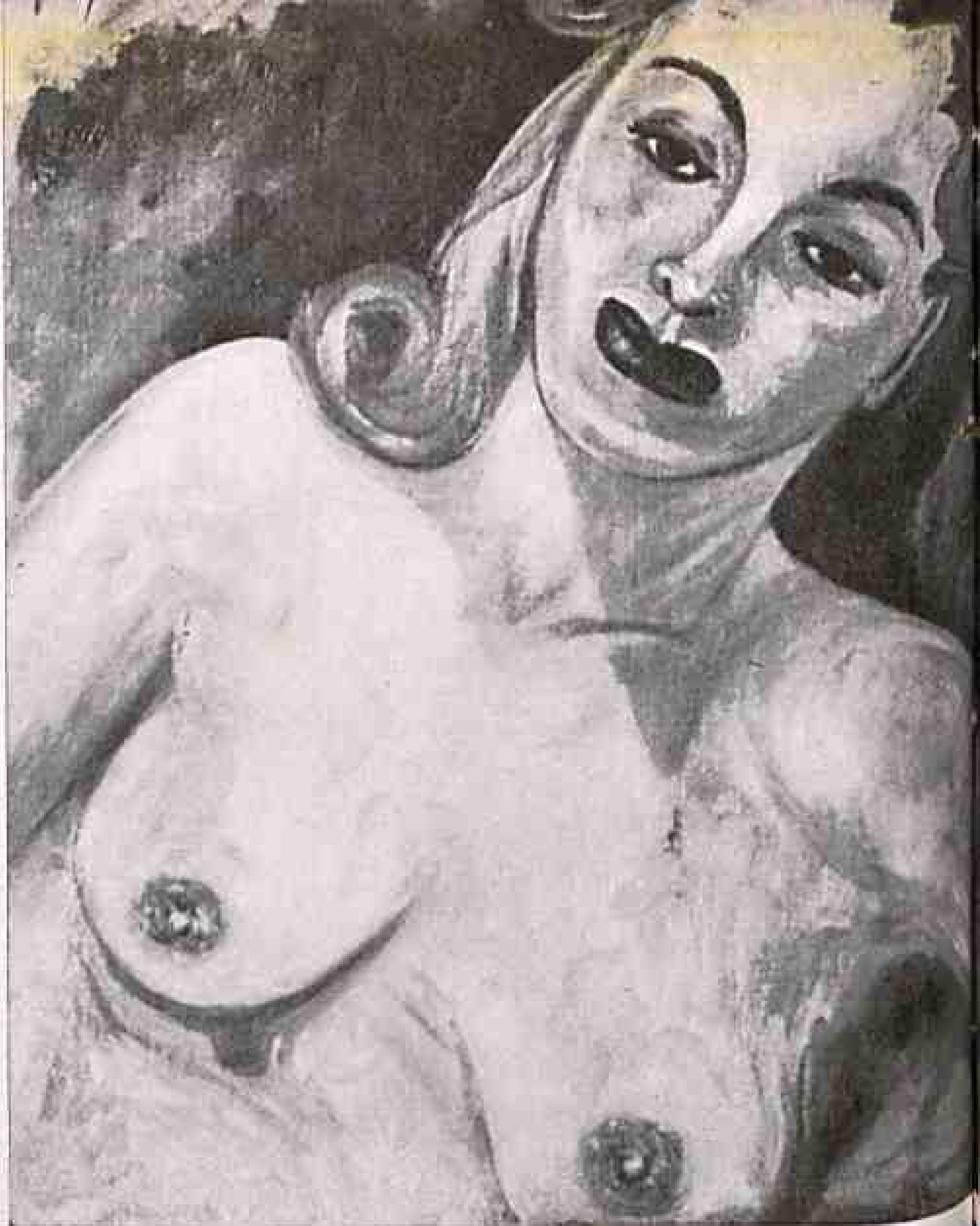
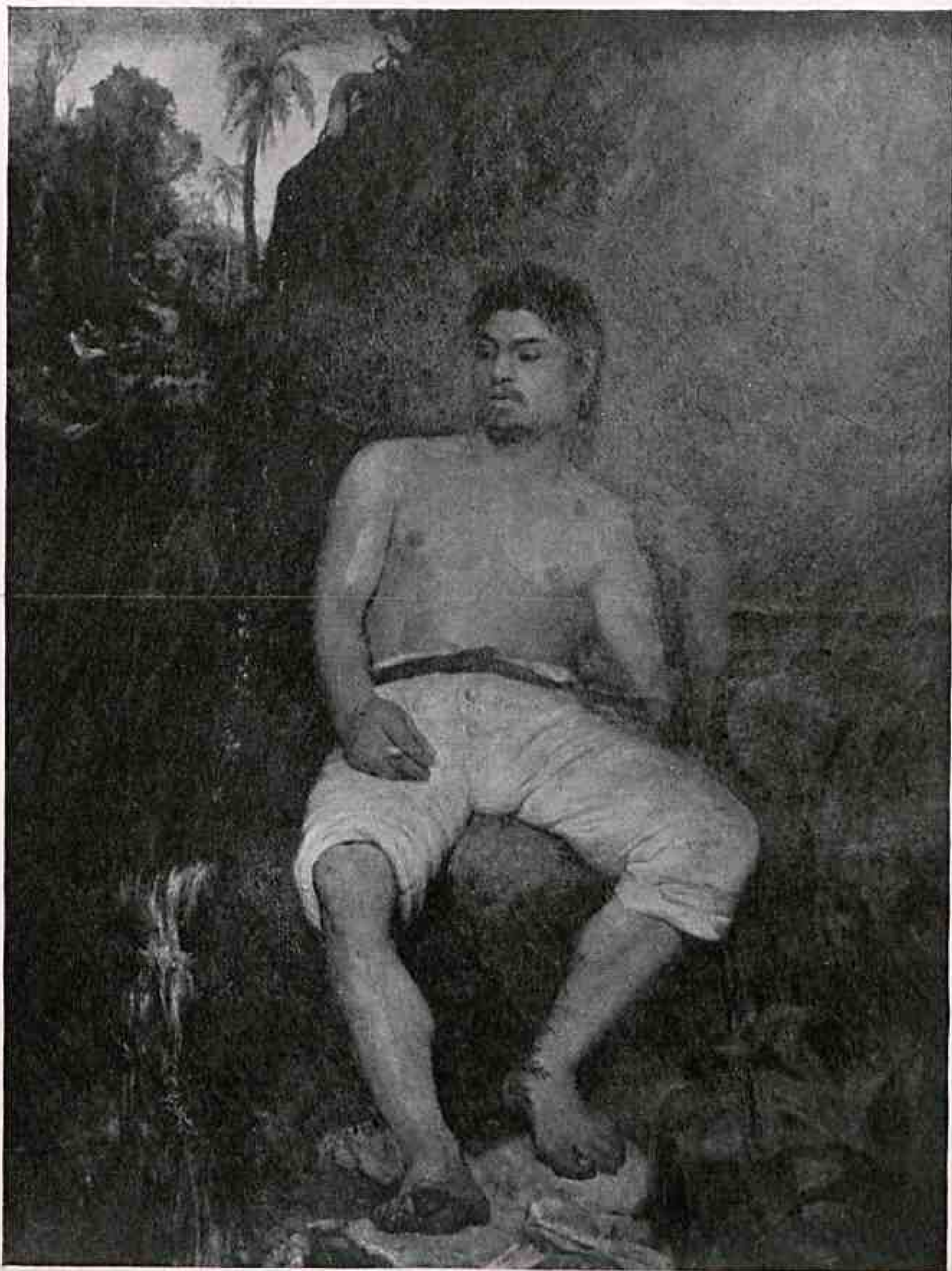
Armando Vianna — "Minha Filha"

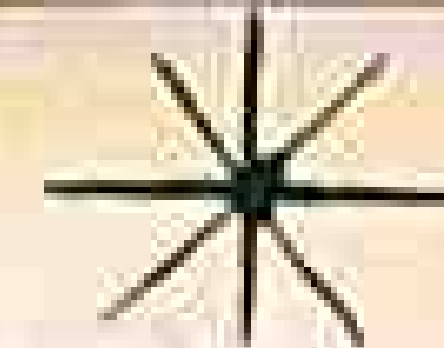
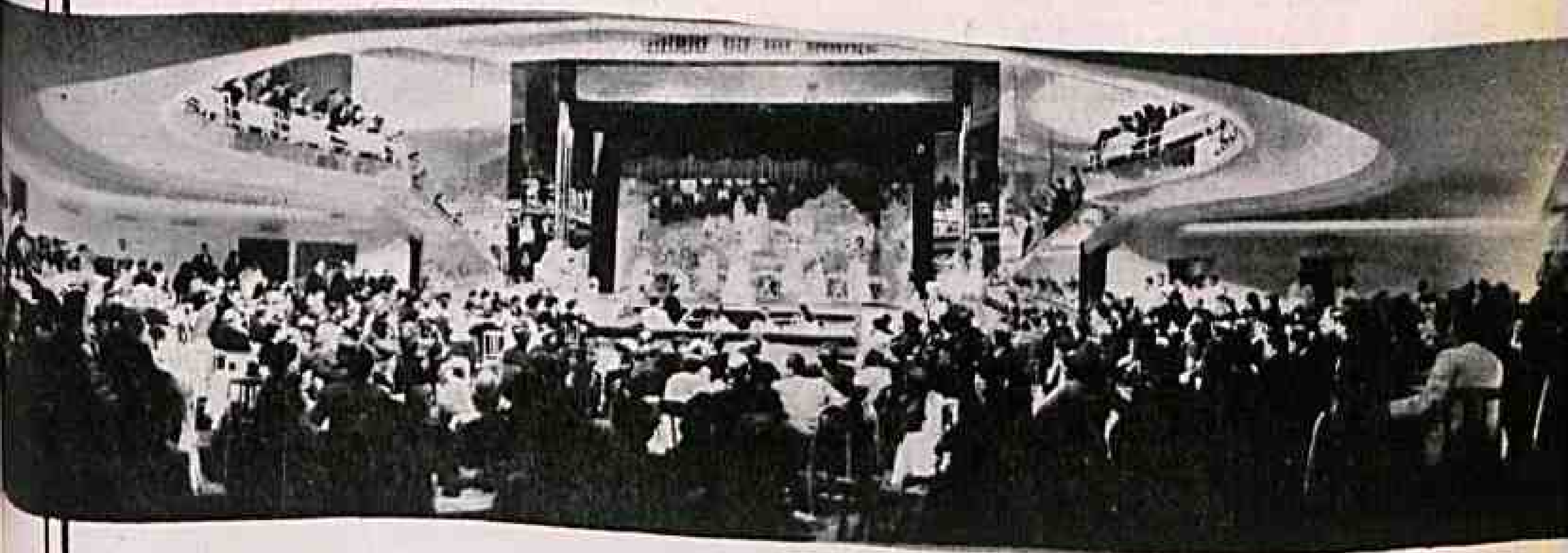
Fernando Martins — "Recanto Colorido"

Os grandes monumentos da Capital.

Estatua do Marechal Deodoro da Fonseca, o proclamador da Republica, na Praça Paris.

JENNY PIMENTEL DE BORBA

JENNY PIMENTEL DE BORBA é uma das figuras mais interessantes desta geração de escritores e artistas que no Brasil se formam com um acentuado pendor para o individualismo. Liberada de escolas, de academismos, formou o seu prestigio intelectual devido à sua maneira original de ser simples, de ser ela mesma, escrevendo de forma agradavel as sátiras mais chocantes em torno dos vultos que caricaturiza com a sua pena. Pintando é autodidata, é revolucionaria: na cor, na forma e na maneira de lançar seus trabalhos na tela, devido tambem deixá-los como que inacabados, pois trabalhando muito numa cabeça de homem dando-lhe vida, numa expressão humana que até perturba e incomoda pela força de sua arte, em tres ou quatro pinceladas desenha a roupa, marca as mãos e não retoca mais. Todavia diante do retrato do sr. Julio Ruy da Costa Borba, não se pode dizer que seja obra acabada e retocada, mas sim um "portrait" perfeito, uma cabeça sinceramente trabalhada, dentro de uma maneira moderna, revolucionaria de pintar. Dotada de fina e excitante sensibilidade Jenny pintou um nú que denominou com certa malicia e muita sutileza "40 grãos à sombra", quadro esse que, mereceu aplausos e ataques da critica, devido à independencia da sua pintura, em colocar o modelo apoiado num cotovello o que lhe deformaria a plastica, lançá-lo em diagonal na tela, quando comumente em estudos desse genero são duas as posições mais classicas: vertical ou horizontal. Na posição que Jenny escolheu para o seu modelo os seios perderam a sua forma e a friesa rigida de estatuas, que os artistas num requinte muito grego costumam ainda mais aformosear, mas sem duvida que a tela ganhou em sinceridade, em expontaneidade. Jenny pintou o busto, do seu modelo, caido, deformado, conforme a posição escolhida os deixára e por conseguinte a plastica ficou sacrificada, dentro das normas rigidas da belleza marmorea. Mas quem se vai deter ao nú fisico dessa obra moderna e arrojada, quando o nú nesse caso é o psiquico, tão claro, tão sugestivo, nessa bela cabeça de mulher? O busto nú de "40 à sombra" bem iluminado de frente bastaria para justificar o titulo dessa linda tela e não obstante esteja a cabeça mais na penumbra sente-se logo todo o ardor temperamental desse nú devido à estranha e profunda expressão de vida dos olhos nos quais dir-se-ia passar uma ronda de visões estoicas. Geralmente os pintores quando pintam os "nús" desejam salientar a plastica, mas diante desse quadro completo de Jenny o nú é tanto exterior quão interior e a expressão da cabeça tão ardente, tão sensual quanto as belas formas de mulher. E saindo do tema do sofrimento psiquico, erotico, Jenny da-nos um Cristo, em todo o misticismo da Sua amargura, enquanto espera a hora dolorosa da sua crucificação. E é um Cristo novo, diferente, de todos os Messias até então pintados, pois Jenny preferiu salientar esse instante de rapido aniquilamento espiritual de Jesus — conforme os Evangelhos — momentos antes de ser crucificado. Assim, em cada tela, de Jenny, sente-se algo de original, de bizarro, e, não obstante a sua independencia, não se pode ocultar o encantamento que ella põe nos olhos dos seus retratados e modelos o que nos parece um dos detalhes que a pintora mais aprecia fixar. A pintura deve ser vista em suas cores naturais e não através de fotografias, entretanto nestes "clichés" bem se pode avaliar a força de expressão e a tecnica pessoal da pintora tão discutida ultimamente, não só por se tratar de uma romancista muito conhecida em todo o país, mas porque de facto Jenny Pimentel de Borba contribue para fixar um dos momentos de renovação de sensibilidade pictorica e emocional, quer escrevendo, desenhando, pintando ou na sua situação de jornalista destacada.

Os grandes pintores brasileiros.

"Lenhador Brasileiro", téla do grande pintor Almeida Junior, existente no Museu Nacional de Belas Artes (Photo do arquivo da Ilustração Brasileira).

1.° Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul

Um grandioso certame artistico orientado com espirito de alta brasilidade

1.° Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul — **"A echarpe rosa"** — oleo de Leopoldo Gotuzzo, premiado com o "Premio de Honra Estado do Rio Grande do Sul" — 6:000$000

Com um grupo de pintores, arquitetos e escultores de brilhantes qualidades e com a atividade vigorosa do Instituto de Belas Artes, Porto Alegre ocupa, atualmente, lugar de grande relevo entre os mais adiantados centros de cultura artistica do país. Uma demonstração notavel do intenso movimento de que a vida artística da capital riograndense atingiu é, sem dúvida, o Salão de Belas Artes que o Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul inaugurou no dia 15 de novembro, em comemoração ao cincoentenário da proclamação da República.

Pode-se afirmar que com esse importante certame se inicia um novo ciclo para a história da arte na terra que deu à pintura brasileira Araujo Porto Alegre, Pedro Weingartner e Leopoldo Gotuzzo.

DO "SALÃO DE OUTONO" AO 1.° SALÃO DE BELAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL

O 1.° Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul, é, na realidade, a primeira grande exposição coletiva de arte que, em carater oficial com tão alto espírito de cultura e de brasilidade, se realiza na metrópole gaucha.

Anteriormente, outras exposições coletivas foram levadas a efeito em Porto Alegre, mas com carater puramente regional e como simples iniciativas ocasionais, sem essa orientação ampla do atual "Salão" do Instituto de Belas Artes, que se realiza dentro de um vasto programa de ação educadora, destinado a elevar cada vez mais alto a cultura artistica da cidade e oferecer anualmente, ao público portoalegrense, um largo panorama das atividades artisticas do pais.

Um grupo de artistas locais, animados pelo entusiasmo de Helio Seelinger, realizava em Porto Alegre, em 1925, o "Salão de Outono". Foi um empreendimento interessante, que reuniu numa sala da Prefeitura Municipal cerca de uma centena de trabalhos entre os quais se notavam algumas vigorosas afirmações de talento. As obras de um pequeno núcleo de artistas contrastavam com um grande número de trabalhos de simples amadores.

O "Salão de Outono" foi apenas a expressão de um momento de entusiasmo.

O "Salão" que o Instituto de Belas Artes realizou em 1929, sob a direção do professor Sibindo Ferraz, tambem não passou de uma simples exposição regional que reuniu apenas meia duzia de artistas.

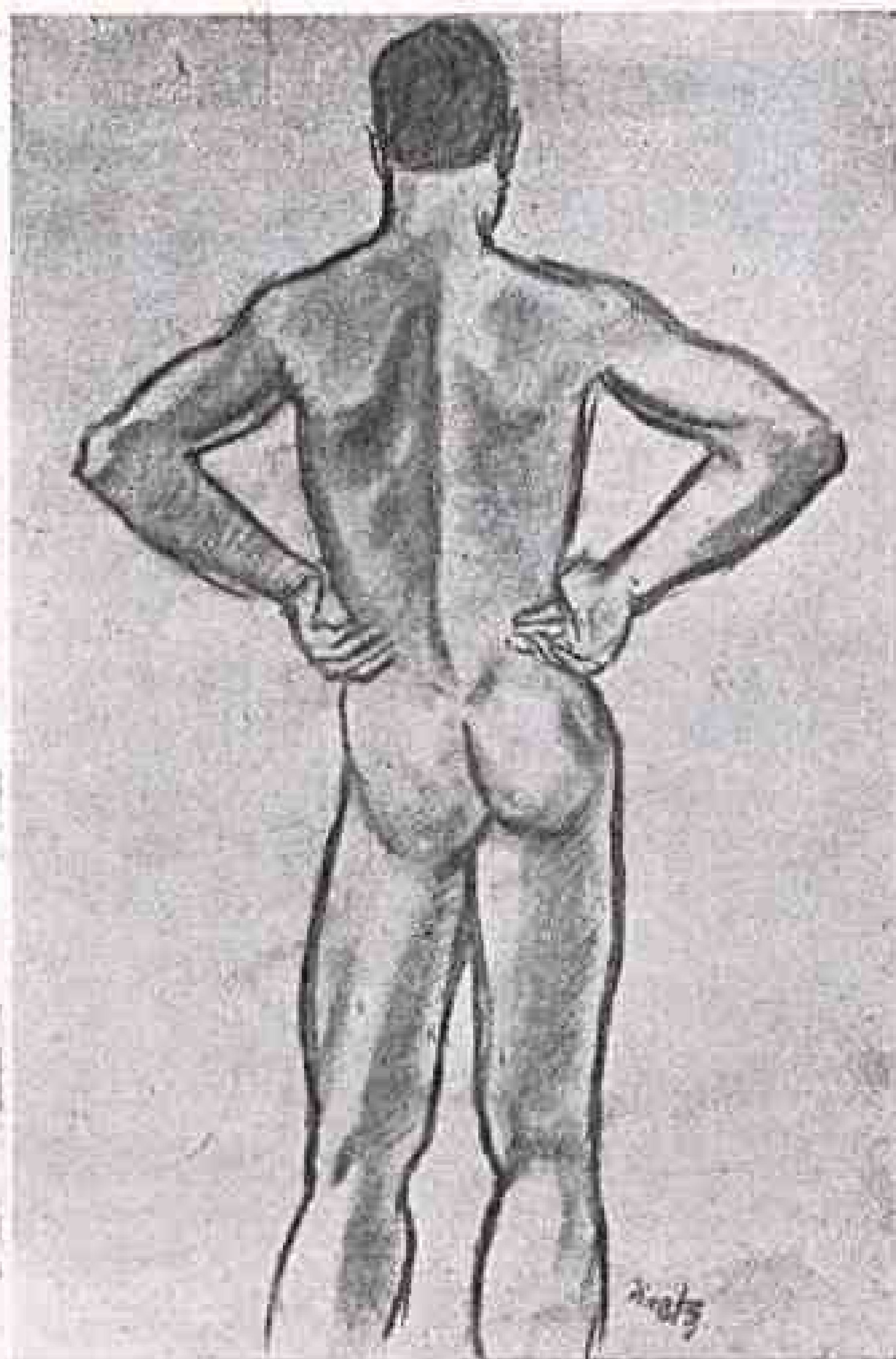
Em 1935 tambem se realizou uma exposição coletiva de arte no Pavilhão Cultural da Exposição do Centenário Farroupilha.

Como os outros, foi esse certame artístico puramente regional, pois só eram admitidos trabalhos de artistas riograndenses ou residentes no Estado.

O ESPÍRITO QUE ORIENTA O "SALÃO" DE PORTO ALEGRE

Com a grandiosa exposição coletiva de artes plásticas realizada pelo Instituto de Belas Artes se institue, em Porto Alegre, um verdadeiro "Salão" anual de Belas Artes, organizado nos moldes do Salão Nacional de Belas Artes e destinado a reunir, todos os anos, num vasto conjunto trabalhos de artistas de todos os Estados e, se possivel, tambem do estrangeiro.

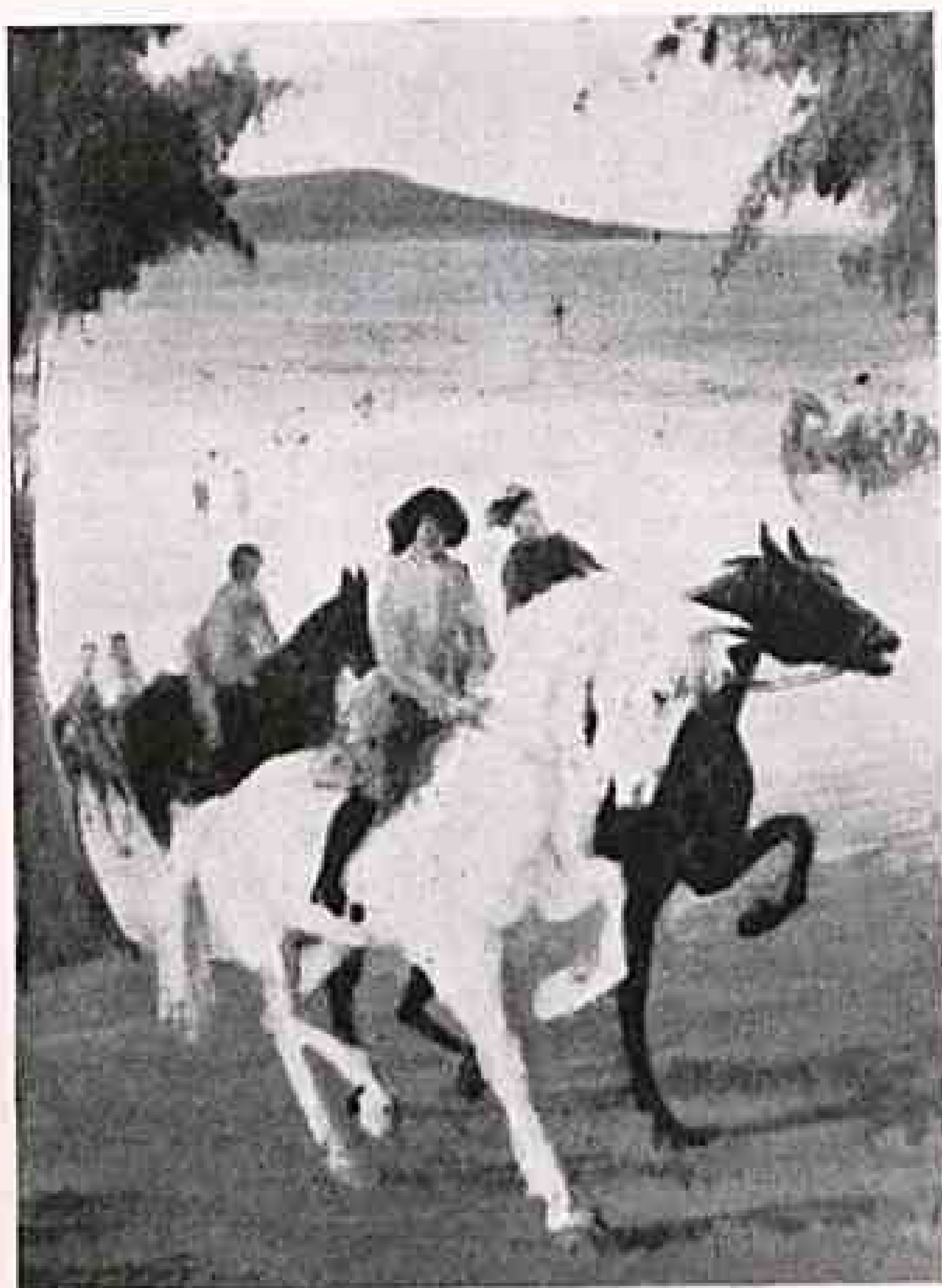
Não podia ser mais amplo o espirito que orienta essa iniciativa do Instituto de Belas Artes. As mesmas vantagens que são oferecidas aos artistas locais são as que qualquer outro artista nacional ou estrangeiro encontrará no Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul.

Como prova do desinteresse pessoal e do espirito de patriotismo dos organizadores desse magnifico certame basta assinalar o fato de terem os professores do curso de Artes Plásticas do Instituto de Belas Artes desistido de concorrer a qualquer dos prêmios instituidos para o "Salão", embora reservado-se o direito de expor seus trabalhos. E note-se que o Instituto de Belas Artes reune em seu corpo docente os mais brilhantes expoentes da cultura artística no Rio Grande do Sul.

Edgar Koetz, **"Estudo de nú"** (crayon).

OS PRÊMIOS

Os prêmios instituidos para o 1.º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul são os seguintes:

Prêmio "Estado do Rio Grande do Sul" 6 contos de réis.

1.º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul. — **"Paraguassú"** — oleo de Armando Viana — 2.º premio do Salão.

1.º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul. — **"Passeio Matinal"** — oleo de Manoel Santiago — 3.º Premio do Salão.

Prêmio "Cidade de Porto Alegre" 4 contos de réis.
Prêmio "Instituto de Belas Artes" 2 contos de réis.
1 grande "Medalha de Ouro".
1 pequena "Medalha de Ouro".
1 grande "Medalha de Prata".
6 pequenas "Medalhas de Prata".
Medalhas de Bronze.
Menções honrosas.

OS ORGANIZADORES DO GRANDE CERTAME

Foram promotores do "Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul" e constituiram sua Comissão Organizadora os seguintes professores do Instituto de Belas Artes:

Tasso Bolivar Dias Corrêa, diretor do Instituto de Belas Artes e catedrático da cadeira de Piano; Angelo Guido, pintor, escritor, critico de arte, jornalista e catedrático da cadeira de História da Arte; Luiz Maristany de Erias, pintor e catedrático da cadeira de Anatomia Artística; João Fahrion, pintor e catedrático da cadeira de Desenho e Pintura; Ernani Dias Corrêa, catedrático da cadeira de Arquitectura Analitica.

Graças à estupenda atividade desse grupo de animadores do movimento artistico de Porto Alegre, o 1.º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul se tornou a maior realização de arte até hoje levada a efeito no Estado.

A Comissão Organizadora não só conseguio o apoio financeiro do governo do Estado e da Prefeitura Municipal para poder instituir os tres prêmios em dinheiro e fazer face às despesas de vasta propaganda e

Barcos, quadro de Ângelo Guido que figura no 1º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul.

de organização, como conseguio interessar no certame os artistas do Rio, de São Paulo e de outros Estados, assim como meios artisticos de varias Repúblicas do continente.

UM EMPOLGANTE CONJUNTO DE OBRAS DE ARTE

O 1.º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul foi admiravelmente instalado no amplo edificio da "Italica Damus", adquirido pela Prefeitura e cedido para a realização do importante certame. Alem de um salão de vastas dimensões e de imponente aspecto, os trabalhos de pintura, escultura, arquitetura, arte decorativa, desenho, etc. encontraram, no referido edificio, mais nove amplas salas, todas com boa luz natural e instalações adequadas para a iluminação elétrica.

Os artistas locais e os de outros centros de cultura do país corresponderam ao formidavel esforço do Instituto de Belas Artes.

O 1.º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul apresenta trabalhos de cerca de 130 expositores que, em conjunto, concorrem com 341 trabalhos.

Entre os expositores figuram os nomes de maior relevo da arte nacional, como Osvaldo Teixeira, Manoel Santiago, Leopoldo Gotuzzo, Armando Viana, Demetrio Ismaelovitch, Manoel Faria, Vicente Leite, Bustamante Sá, Cesar Lacanna, Adolfo Fanzari, Edson Motta, Paulo Rossi Osio, Franco Ceni, Armando Pacheco, Haidéa Santiago, Jordão de Oliveira, Helio Seelinger, Humberto Cavina, Max Gresmann, Leão Velloso, entre diversos outros.

ARTISTAS DO RIO GRANDE DO SUL

Ao lado desses artistas que enviaram obras notaveis de pintura e de escultura, tambem representa uma expressão brilhante de talento artístico a contribuição dos artistas locais, notadamente nos dominios da pintura. Ali estão, expressões de alta capacidade artistica, as telas de Angelo Guido, João Fahrion, Luiz Maristany de Erias, Amelia Pastro Maristany, Oscar Boeira, tão diversos uns dos outros, na cor, na técnica, na orientação artística. O modernismo sutil de Fahrion; o divisionismo de Luiz Maristany, vibrante e luminoso; o vigoroso impressionismo de Angelo Guido, nas suas cenas dinâmicas das Docas de Porto Alegre, na amplitude de suas paisagens; as flores personalissimas de Amelia Maristany; o livismo de Oscar Boeira, discípulo de Visconti.

Diversos outros nomes poderiam ser citados de artistas do Rio Grande do Sul, ou de artistas que, como Ângelo Guido e Luiz Maristany aqui se fixaram. Não podem ser esquecidos entre eles Sotero Cosme, com seus desenhos cheios de sensibilidade, e Fernando Corena que apresenta um admi-

Aspeto parcial do Salão, instalado no edificio da "Italica Damus".

ravel projeto de decorações executadas no edificio da Caixa Econômica Federal, onde esteve trabalhando durante todo o ano em curso.

Tambem é do Rio Grande do Sul Leopoldo Gotuzzo, vigorosa expressão de talento pitórico que levantou, nesse "Salão" o prêmio "Estado do Rio Grande do Sul", não por ser riograndense mas por ter apresentado uma obra de notavel valor artistico e por ser uma das figuras representativas da pintura brasileira no momento atual. Tambem é riograndense Haidéa Santiago, fixada, como Leopoldo Gotuzzo no meio artistico carioca. Sotero Cosme é outro artista riograndense que figura no "Salão" e que deixou o Sul ha vários anos, assim como Hernani de Irajá.

No certame de Porto Alegre, ainda podem ser notados, como expressões de capacidade artistica trabalhos de pintores locais, como Francisco e Argentina Bellanca, Judit Fortes, Bento Mozan Castañeda, Oscar Crusius, Julio Gravanski e outros.

PARA INTENSIFICAR O INTERCÂMBIO ARTÍSTICO ENTRE O NORTE E O SUL

Inegavelmente, esse certame não representa somente um acontecimento excepcional para a evolução artistica no Rio Grande do Sul, mas, pelo espirito de brasilidade com que foi organizado um acontecimento tambem para a arte brasileira em geral. Esse "Salão" inicia um vasto intercâmbio artistico entre o Rio Grande do Sul e os outros Estados da União, oferecendo, com seus prêmios, um estimulo a todas as atividades artisticas.

Os nossos artistas podem concorrer ao Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul, certos de que não encontrarão lá um estreito espirito regionalista nem preconceitos de orientação estética, de grupos ou de escolas.

O certame de 1939 é um exemplo que honra a inteligência e o patriotismo de seus organizadores. Não só foram aceitos trabalhos das mais diversas orientações artisticas, como entre os premiados se encontram as mais divergentes expressões pessoais de arte. Basta atentar para a lista dos prêmios maiores, assim distribuidos:

Prêmio Estado Rio Grande do Sul — "A echarpe rosa" de Leopoldo Gotuzzo; Premio Cidade de Porto Alegre — "Paraguassú" de Armando Viana; Prêmio Instituto de Belas Artes — "Passeio Matinal" de Manoel Santiago; Grande Medalha de Ouro — "Premessa p'ra S. Bastião" de Osvaldo Teixeira; Pequena medalha de ouro — "Madona russa" de Demetrio Ismailovitch. As medalhas de prata foram distribuidas entre o escultor Max Grossmann e os pintores Jordão de Oliveira, Vicente Leite, Maria Margarida, Amelia Maristany, Haidéa Santiago e Armando Pacheco.

Outro detalhe da exposição dos trabalhos.

NENHUMA RESTRIÇÃO DE ESCOLA

Alem da diversidade de orientação estética dos trabalhos premiados pode-se notar no "Salão" de Porto Alegre uma variedade interessantissima de expressões, ligadas às várias correntes em que se dividem o distinguem as atividades artísticas no Brasil. O mais severo classicismo figura ao lado de audaciosas concepções modernistas. Não se cogitou, na selecção dos trabalhos nem na distribuição dos prêmios, de escolas, mas, somente, de que houvesse uma verdadeira manifestação de arte, uma emoção, um pensamento estético. Dai a diversidade tão expressiva e tão representativa das várias correntes de massa pintura e nossa escultura que ha no 1.º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul.

Esse critério elevado, cheio de boa vontade e de compreensão será, não ha dúvida, um fator de sucesso para os próximos "Salões" como o foi para o deste ano.

O JURÍ

O Jurí do 1.º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul foi constituido pelos seguintes professores do Instituto de Belas Artes:

Angelo Guido (presidente); José Lutzemberger; João Fahrion; Luiz Maristany de Erias e Ernani Corrêa.

A COLABORAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE BELAS ARTES

E' de justiça assinalar a cooperação valiosa que prestou ao 1.º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul a Sociedade Brasileira de Belas Artes, cujo presidente, prof. Castro Filho, foi pessoalmente, a convite do Instituto de Belas Artes, visitar o grande certame artistico de Porto Alegre.

Foi a Sociedade Brasileira de Belas Artes que se encarregou de receber e remeter os trabalhos dos artistas do Rio, tendo remetido para Porto Alegre cerca de 170 trabalhos.

AS BELAS ARTES EM PORTO ALEGRE

João Fahrion — "Autoretrato" (Arlequim).

Porto Alegre possue um grupo de artistas do pincel que se vem impondo e dos quais alguns são, já, conhecidos em todo o Brasil e, mesmo, no exterior.

Artistas notaveis, vivem, infelizmente, como que insulados, presos a outras atividades que lhes roubam a maior parte do tempo não permitindo que se exibam como seria de desejar.

Entre estes dois sobretudo se salientam: Angelo Guido e Maristani.

O primeiro é um nome que de longa data se impoz e suas telas magnificas são conhecidas do Amazonas ao Rio Grande e ao Prata; o segundo, dedicado ao ensino exclusivamente, tem obras de grande mérito em quasi todo o Brasil.

Mas ha outros, entre os novos, que bem merecem nota especial, como João Fahrion e Edgar Koetz.

Fahrion já é, tambem, um nome vitorioso no Brasil et Edgar Koetz está, agora, se impondo especialmente no que se refere à Arte aplicada. Faz parte do corpo de desenhistas da Editora Globo para a

qual desenhou a maioria das capas de livros.

Especialista em cartazes e ilustrações para livros infantis. Seus bonecos de "Os três Porquinhos Pobres" e "Outra vez os três Porquinhos" alcançaram um êxito ruidoso em todo o país e dão bem uma idéia da inconfundivel veia de caricaturista do jovem autor. Na dificil arte de fazer cartazes é eximio. Foi recentemente classificado em primeiro lugar num concurso nacional de cartazes patrióticos instituido no Rio pelo Departamento Nacional de Propaganda. Notaveis capas de livros da editora Globo trazem a firma de Edgar Koetz. A "Revista do Globo", de Porto Alegre, a "Vamos Ler" do Rio e inumeras outras publicações aparecem com capas e ilustrações feitas por esse artista que na sua especialidade pode já ser considerado um dos mais completos no país.

E, como desenhista, seus estudos são notaveis e dignos de figurar em qualquer salão.

Retratista inconfundivel, tal como Fahrion, — produziu, nesse gênero varias peças de real mérito, entre as quais a cabeça do prof. Walter Spalding.

Seu traço leve e delicado, exatidão interpretativa, e viveza dão aos trabalhos de Edgar Koetz cunho próprio, pessoal.

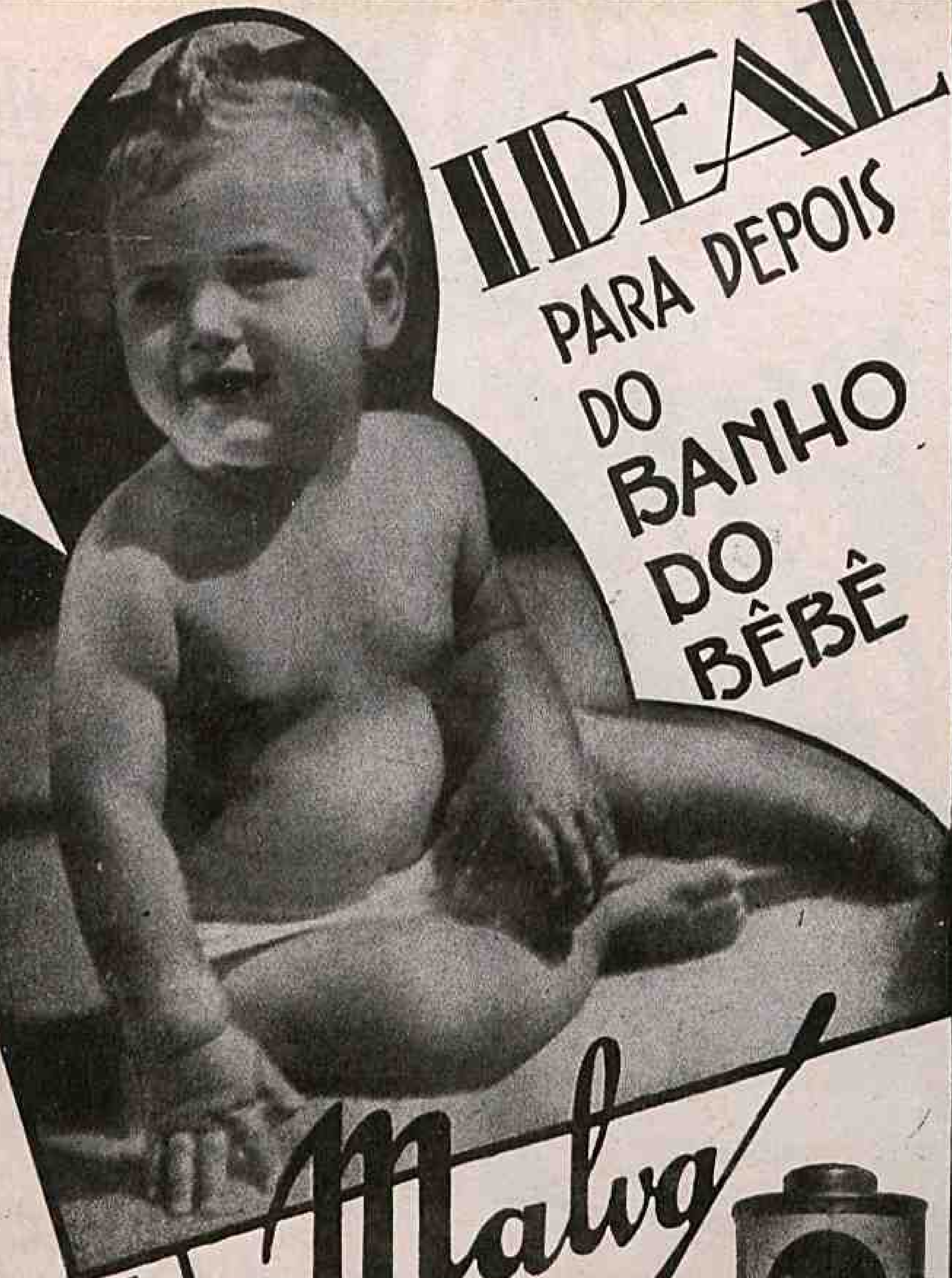
Koetz tem no prelo um livro infantil, com texto e ilustrações de sua autoria.

Edgar Koetz. "A Boiúna" (tempera) Detalhe de um painel

Pertence à Sociedade Francisco Lisboa (Aleijadinho).

Moço ainda, pois conta menos de 30 anos, suas atividades, se o não desviar a fúria iconoclasta do comercialismo que tanto mal tem causado às artes nacionais, Edgar Koetz será, dentro de poucos anos, dos maiores artistas do Brasil novo.

IDEAL

PARA DEPOIS DO BANHO DO BÊBÊ

Talco Malva

FINISSIMO E PERFUMADO

O Talco Malva constitue justo motivo de vaidade para a industria mineira, não só pelo seu aprimorado fabrico e elegante embalagem como pela garantia therapeutica que offerece, sendo como é formulado pelo insigne dermatologista o Sr. professor Antonio Aleixo.

WASHINGTON F. PIRES

TALCO MALVA

PERFUMARIA MARÇOLLA BELLO HORIZONTE

A restauração financeira do Estado de Minas Gerais

Dr. Ovídio de Abreu

Ao assumir o governo do Estado de Minas-Gerais, o Sr. Benedito Valadares teve uma preocupação diferente da que em regra domina o ânimo dos administradores, voltados sempre para as obras de sentido material que lhes garantam facilmente os aplausos do público. S. Excia., sem descurar desse aspecto das atividades de um governo, preferiu empenhar-se no trabalho anônimo de restauração financeira do seu Estado. Como garantia dos seus propósitos nesse particular, deixou de lado o costume de prover a Secretaria de Finanças com nomes feitos nas lides políticas para fazê-lo de preferência com um homem, como o Sr. Ovídio de Abreu, que é antes de tudo um verdadeiro técnico no assunto, além de reunir qualidades apreciaveis de inteligência e de ação.

O senso político do Sr. Benedito Valadares, reafirmando as tradições mineiras com acrescimos felizes oriundos da compreensão da nova época em que vivemos, tem-se revelado no que há de mais decisivo e fundamental na obra de um governo, que é o acerto na escolha de seus auxiliares, como conhecedores das especialidades que lhes incumbem reger. Educação, agricultura, justiça e viação desenvolvem-se ao ritmo da grande administração que se pode esperar das fecundas possibilidades de Minas-Gerais, embora dentro de uma especie de ditadura da Secretaria de Finanças, para consecução do plano maior, de mais alcance para os interesses do Estado, de sua restauração financeira.

Com o critério e a precisão de um técnico de verdade, fugindo ao processo muito generalizado de **ensaio e erro** em que tanto se perdem os administradores sem experiência, o Sr. Ovídio de Abreu cimentou as suas realizações no estudo prévio e acurado do que existia e do que era preciso fazer. Procedeu na matéria como o engenheiro que só realiza uma obra depois de examinar o meio em que deve localizá-la, o material de construção disponivel ou o mais aconselhavel, e as conveniências todas a serem atendidas para os fins a que se tem em mira a obra.

Como ponto de partida para a obtenção dos resultados cujos frutos estão agora sendo colhidos, com a admiração geral, empreendeu uma reforma nos arcaicos sistemas tributário e arrecadador até então em voga no Estado, substituindo-os por outros vazados em moldes racionais e que atendem sobretudo aos imperativos de uma organização pública moderna.

Pela observação do Código Tributário, que o Dr. Ovídio de Abreu elaborou para o Estado de Minas, com o auxilio dos próprios contribuintes, numa louvavel compreensão democrática dos serviços públicos, pode-se bem aferir a sua capacidade de administrador. Trata-se de uma obra que tem o mérito de se ajustar perfeitamente às possibilidades produtoras do Estado, permitindo ao mesmo tempo um controle rigoroso da sua vitalidade econômica.

E, como consequência, a sua execução logrou de pronto, — como hoje se pode verificar, — pelo aperfeiçoamento dos métodos de tribução e arrecadação, elevar o poder econômico-financeiro do grande estado mediterraneo, cujo potencial foi surpreendido pela visão segura do Sr. Ovídio de Abreu.

Tendo ainda encontrado na Secretaria de Finanças de Minas-Gerais um processo precário e deficiente de contabilidade, tratou o ilustre administrador de reformá-la completamente, introduzindo um método capaz de agir como aparelho de apuração imediata de todas as particularidades atinentes à vida financeira do seu Estado.

Para esse fim, tornou-se indispensavel fazer tambem transformações radicais nos serviços de seu departamento, que tiveram sob sua orientação esclarecida a organização de que há muito careciam para a eficácia de seu funcionamento. Como se vê, a obra do Sr. Ovídio de Abreu atingiu todas as peças da máquina administrativa que regula o andamento das finanças de seu Estado.

A Secretaria de Finanças acha-se agora inteiramente aparelhada para preencher as suas funções, possuindo um serviço de contabilidade perfeito, capaz de fornecer matematicamente e com admiravel rapidez a situação real de qualquer verba, sem a fantasia dos saldos duvidosos tão frequentes nos serviços anarquizados de uma anacrônica contabilidade pública que teve o seu fim merecido pela resolução de um homem, que pôde reunir a essa resolução a capacidade de ver claro e certo na sua atuação.

O Sr. Ovídio de Abreu pôs em prática no setor de sua administração, — o mais importante do Estado porque inclui em si os demais, como fonte de todas as receitas e todas as despesas, — o Sr. Ovidio de Abreu pôs em prática a palavra de ordem do Sr. Benedito Valadares, que é viver dentro da realidade, criando a realidade da vida financeira do Estado de Minas. E através dela pode-se bem agora avaliar o que representa a obra do seu atual Governo, cujo traço essencial é o desejo de bem servir o seu povo, para ele trabalhando com eficiência pela auscultação de suas necessidades, com o prestigio de todos os que representam alguma parcela de produção e o aproveitamento de todos os que trazem em si o potencial de algum valor humano.

A obra do Sr. Ovídio de Abreu tem a amplitude de ajustar o presente, corrigir o passado e prever o futuro. Desse modo, ficou enquadrada no seu plano a absorção gradativa da divida flutuante do Estado, como se tem verificado com resultados muitos mais promissores do que era possivel esperar, tendo em vista o seu montante e as arrecadações feitas dentro de orçamentos normais. Não há, entretanto, nenhum titulo vencido e sem resgate em qualquer carteira bancaria, e acham-se em dia os pagamentos de juros e amortizações das dividas interna e externa, o que constitue penhor do zelo que tem o Sr. Benedito Valadares em valorizar os títulos mineiros, trazendo a seus portadores a certeza de um emprego seguro de capital.

Junte-se a tudo isso a informação de que o funcionalismo do Estado está todo com os seus vencimentos rigorosamente em dia, sendo mesmo de notar que é critério adotado atualmente na Secretaria de Finanças considerar inaceitavel qualquer atrazo ou restrição nessa verba.

Começam a ser colhidos em todos os setores da economia estadual os frutos das medidas racionais e benéficas postas em prática para a restauração financeiras de Minas, empreendida com denodo pelo Sr. Benedito Valadares, servido pelos conhecimentos especializados do Sr. Ovídio de Abreu.

Muito fica o Estado de Minas-Gerais a dever a esses dois filhos eminentes pela árdua campanha em que se empenharam despreocupados dos louros faceis que poderiam colher outras obras de efeitos mais reais no espirito público.

A orientação seguida sem desfalecimentos pelo Governo de Minas-Gerais, pelo êxito digno de nota que apresenta pode servir de exemplo às outras unidades federativas que ainda vivem no regime de incertezas e vacilações herdado da república velha, e recomenda os seus realizadores a méritos especiais dentro do quadro de energias produtoras que sacodem o país inteiro para construção de um Estado Novo.

Dois Livros Portugueses

Afonso de Castro Senda

João Falco — "Um Dia e Outro Dia", — 1936 e — "Outono Havias de Vir" — 1938;
M. Teixeira Gomes — "Carnaval Literário" — 1939. — Edições da Seara Nova" — Lisboa.

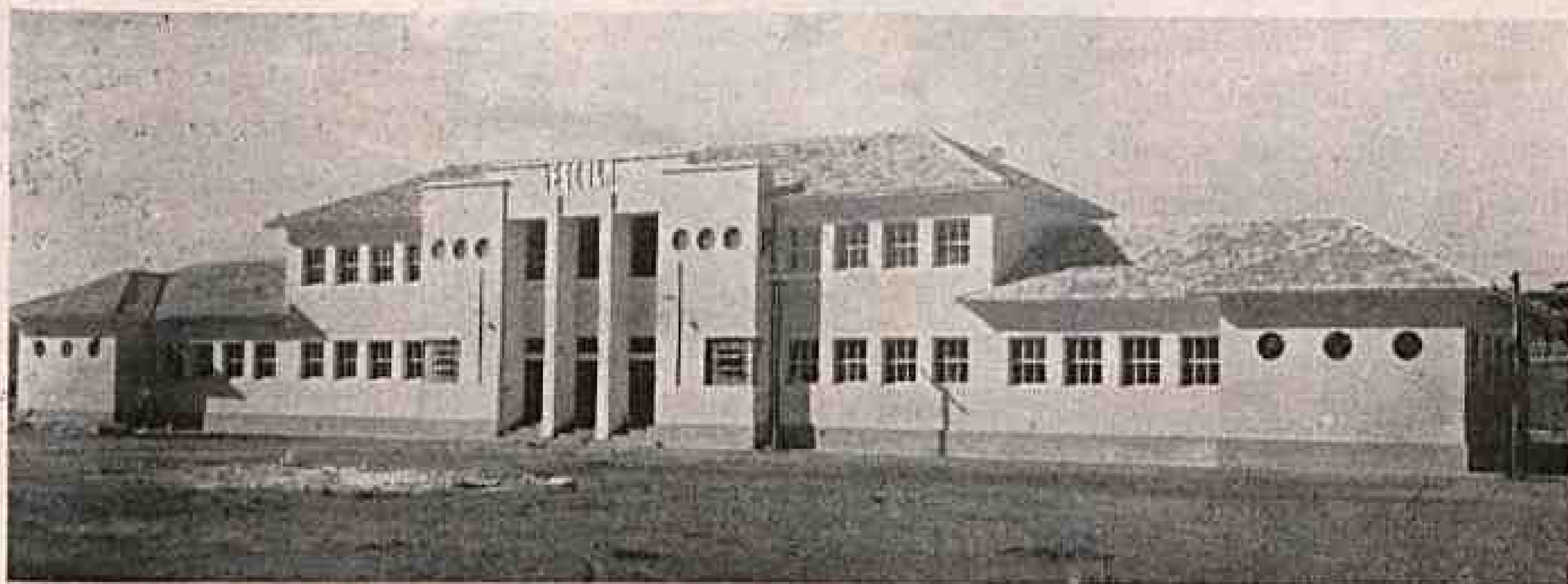
Causará estranheza que junte numa mesma notícia duas personalidades tão diversas: — João Falco, poetisa de sentidas imagens e Teixeira Gomes — o prosador helênico por excelência de formação. A primeira, estrutura votada a uma melancolia apegada nas coisas todas, sentir virado para idéias monotonamente cadenciadas, tristes e o segundo (mau grado a velhice) vibrante, másculo, sentidos rasgados para a alegria suprema, para a graça maravilhosa dos instantes fugidios.

Mas será que João Falco e M. Teixeira Gomes são, na realidade, individualidades de antagônica formação? Do nosso lado não temos dúvidas em dizê-lo. Entretanto eis que é talvez aí justamente, que se encontram e realizam de certo modo obra de idênticas caraterísticas. É que, diversos como são em processos intrínsecos de criação literária, ambos apreendem desta realidade sutilíssima, aquilo que, por banal e corrente, ninguem mais apreende. E tambem num e noutro um como que anseio de confissão — uma desprevenida *entrega* das sensações menos nítidas do subconciente.

Em João Falco não é a poetisa, propriamente, que interessa. No caso — a poesia é o acidente que não marca. Em João Falco interessa algo que é uma mensagem a todo o momento inédita em si mesma; sensibilidade pudorosíssima, votada para o lado triste, melancólico, do dia-a-dia. Teixeira Gomes, colorista eminente de "Agosto Azul", Inventário de Junho", o desterrado octagenário de Bougie, mística sensibilidade de eleição que neste "Carnaval Literário" continua o recente "Miscelânia" — este, autor dum romance sem ser um romancista, anotador de memórias sem ser um memorialista, — que nos traz?: — hoje, como sempre, a afirmação magnífica da sua individualidade inconfundivel; inconfundivel pelo *alheio*, pelo *indiferente*, pela simplicidade elegantíssima da sua amoralidade e, dum modo geral, das suas maneiras.

Aquí, de novo, o encontro dos dois escritores — que outra vez se afastam: João Falco vibra por *indolência* — e o *dizer*, em si, — necessidade fundamental de vida, como em T. G., — sai todo em monólogos — é como que um desabafo que em si mesmo se satisfaz. Teixeira Gomes fala por indispensavel sociabilidade — e os seus monólogos — se é que tem disto alguma característica o seu livro — são entretenimentos com os homens *sociaveis*. Conversas que ele traz em forma de anedota, de reminiscência, de passatempo. Um e outro possuindo aquilo que João Falco a si própria se atribui: "uma intensa volúpia mental" aliás tocando, no caso presente, ambiente algo diverso daquele em que J. F. o coloca. Teixeira Gomes vive o *umedecente* com a sensualidade dum pagão. João Falco vive o mesmo *umedecente* — porem como que resignada, por fatalismo.

Próximos aquí, distantes acolá, um e outro falam de si mesmos sempre atraindo a ternura, a solidariedade do leitor embevecido. Um e outro ausentes de qualquer parti-pris ou preocupação dialética. E conclusão insuspeitada: quer Teixeira Gomes quer João Falco trazem consigo a aristocracia das coisas: sensibilidade cultivada até aos extremos, sereníssima aceitação de acontecimentos, ambiente notavel de literatura expontânea. Será que alguem tem o direito de lhes reclamar uma busca social de motivos estéticos de criação? De modo nenhum. Aristocratas, um e outro, pelo alheamento (sentido de indiferença pela ação) pela finura (sentido autêntico de aristocracia, pela qualidade) são os menos aristocratizantes, os menos *difíceis*, os menos inacessíveis. E por fim a grandiosa certeza de dois escritores com um lugar próprio, de dois escritores para quem literatura é um processo de mais eloquente abandono à elementaridade vital.

A obra educativa da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais

Fazenda-escola de Florestal — Pará de Minas.

Todos reconhecem no Sr. Israel Pinheiro, — a quem estão a cargo os negócios da Agricultura do Estado de Minas Gerais, — uma rara capacidade de ação, fruto de um espirito que nasceu dinâmico. A esse aspecto, que por si só já tanto valoriza um homem de governo, teremos de acrescentar outros que constituem as caracteristicas essenciais e interessantes do Sr. Israel Pinheiro.

Não é por principio, mas por tendência natural que se revela a sua natureza antiburocrática, avessa à permanência nos gabinetes de trabalho. A sua administração faz-se toda ao contacto direto dos orgãos de atividade que lhe estão subordinados, convivendo mesmo intimamente com eles, para melhor apreciá-los.

Todo o seu programa apresenta um sentido novo, de carater nitidamente educacional, satisfazendo assim às exigências fundamentais do nosso povo.

Os orgãos de atividade da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais agem como aparelhos de ensino junto aos interessados na vida econômica do grande Estado mediterrâneo. A Feira Permanente de Amostras, a Fazenda do Florestal, as Escolas-Fabrica, eis aí os empreendimentos que definem a orientação educativa do Sr. Israel Pinheiro.

Na primeira se encontra o resumo da vida e do potencial econômico de Minas, como lição de simples e facil acesso a todos que se interessam pelo assunto (e até para os que não se interessam, dadas as fontes de atrativos de que se cerca a sua representação). Na Fazenda do Florestal, dotada das instalações necessárias para a exploração racional do solo, sob todos os seus aspectos, os agricultores recebem sem querer a lição do exemplo, que é a mais convincente, pela demonstração objectiva que oferece. Ha aí um Hotel dos Fazendeiros, onde os proprietarios agricolas do Estado se hospedam gratuitamente durante oito dias, em qualquer época do ano, quando quiserem, para acompanhar o andamento dos trabalhos que lhes apro-

ver e receberem os esclarecimentos e as aulas que pedirem. Os benefícios resultantes dessa esplêndida aprendizagem já se fazem sentir em toda a plenitude. Atualmente, cultiva-se e cria-se em Minas Gerais empregando métodos modernos e racionais, resultando disso um grande aproveitamento nas culturas e maior apuro na criação.

Oferecendo ao fazendeiro um ambiente agradavel onde ele possa fazer estudos práticos e altamente proveitosos, a Secretaria de Agricultura trabalha a sério um problema que estava a merecer solução imediata. Por meio das Fábricas-Escola, localizadas em regiões típicas e mais densas de população, a Secretaria de Agricultura promove a educação de interessados nas indústrias de origem vegetal e animal.

Acrescente-se que existe em Minas Gerais, subordinada à Secretaria de Agricultura, a notavel Escola Superior de Agricultura de Minas Gerais em Viçosa, na zona da Mata, que, conquanto não seja criação do atual governo, só agora, sob sua orientação, atingiu o grau e a perfeição do ensino de que realmente carecia apresentando todos os indícios de amadurecimento intelectual. Ali, se formam os verdadeiros técnicos em Agricultura, tão necessários para dirigir e coordenar os esforços do governo estadual em todas as suas iniciativas nesse importante campo de ação.

Embora já se tivesse firmado no conceito do país como organização definitiva, não resta a menor dúvida de que a fecunda administração do Dr. Israel Pinheiro veio aumentar-lhe a eficiência, tornando-a capaz de cumprir galhardamente a alta missão que lhe foi traçada.

Não só, portanto, pela sua reconhecida capacidade de ação, como pela sua inteligência cultivada e pelo novo sentido educacional que traçou no departamento sob a sua gestão, o ilustre engenheiro Israel Pinheiro é um administrador que tem preenchido de maneira apreciavel a sua missão na obra administrativa do governo Benedito Valadares.

Edifício da Feira Permanente de Amostras

Um homem e uma obra

Almir de Andrade

Ha muitos meios de servir á cultura de um país. Pensar, estudar, escrever, é um deles. Trabalhar, descobrir valores, veicular, publicar, é outro — e dos mais arduos, mais cheios de riscos e aventuras. O pensamento precisa do instrumento de ação que o divulga, do apoio material que lhe assegura a publicidade e a eficiencia. Sem este aquele se esteriliza e morre nas quatro paredes do gabinete, no circulo restrito dos clubes e sociedades privadas. Ha uma grande força economica que sustenta a vitalidade da atmosfera intelectual de um país, é a força da imprensa através do jornal e do livro. O jornal como instrumento de ação imediata, de divulgação oportuna e sempre atual dos acontecimentos de interesse publico; o livro como meio de ação lenta e progressiva, de cristalização de idéias e tendencias, de expressão duradoura dos produtos do trabalho intelectual de uma geração.

A força da imprensa através do jornal foi sempre intensa em nosso país, sempre presente, sempre o baluarte da opinião publica. O mesmo não sucedeu, todavia, ao livro. Tivemos, antes da revolução de 1930, um longo periodo de estagnação, em que pouco se fazia pela vida do livro brasileiro. Havia deficiencia de produção intelectual, pela falta de estimulo e de meios eficazes de publicidade. Os editores se preocupavam mais com os livros de vendagem facil, as novelas sensacionalistas, as obras colegiais de saída certa. Foi depois de 1930 que se operou o movimento renovador nessa esfera; devemo-lo aos intelectuais novos que foram surgindo, mas tambem á nova mentalidade que se formou nos editores. Editores de compreensão mais larga, que se dispuseram a suportar os riscos e as dificuldades não pequenas de reformar o comercio do livro nacional, pondo-o á serviço da cultura e da inteligencia brasileira.

José Olimpio, que hoje comemora o 6.º aniversario da inauguração de sua casa editora aqui no Rio, foi um desses. A 3 de Julho de 1934 ele se instalava em nosso meio, vindo de São Paulo, disposto a trabalhar menos para si do que para a cultura nacional, decidido a afrontar todos os riscos e prejuizos imediatos da aventura dificil de fazer do livro brasileiro uma expressão verdadeira da nossa vida intelectual. Só encontrára aqui uma tentativa real desse genero: a que, de 1930 a 1933, fizera Augusto Frederico Schmidt, lançando da sua pequenina casa editora mais de uma dezena de valores novos, que pela primeira vez ele tornou conhecidos do publico do Brasil. Em principios de 1934, Schmidt abandona a vida editorial; encontrara dificuldades economicas e dificuldades de organização que o levaram a buscar outras atividades; a semente intelectual que até então havia sido apenas lançada, não teria podido prosseguir no mesmo ritmo de crescimento.

Mas nesse mesmo ano apareceu no Rio José Olimpio. Este foi o organizador, o consolidador de um movimento de renovação que encontrára em germe. Em José Olimpio se reuniam as qualidades do trabalhador infatigavel, do organizador, o tino comercial, a decisão desinteressada de afrontar todos os riscos para o amparo economico e editorial da cultura brasileira. Ele fez, entre nós, essa coisa dificil: construiu uma grande maquina de imprensa e publicidade pelo livro, dotada de eficiencia e durabilidade, e posta a serviço dos mais desinteressados produtos intelectuais da nossa cultura. Não foram apenas os valores novos lançados por Augusto Frederico Schmidt que receberam de José Olimpio o apoio moral e material para prosseguir: foram dezenas de outros valores que foram aparecendo, que continuam a aparecer até hoje, e que encontraram em José Olimpio a compreensão superior, o acolhimento sincero e desinteressado, a energia propulsora que os familiarizou com o publico e lhes disseminou as produções, literarias ou scientificas, por todos os rincões longinquos do Brasil.

Nem todos sabem compreender o que representa uma obra, como a que José Olimpio vem realizando entre nós; nem todos percebem os seus riscos, as suas dificuldades imensas, a dose de coragem, de tenacidade, de audacia e de desinteresse material que é preciso para leva-la a cabo com eficiencia. Mas a tarefa do editor, como a do jornal, é parte integrante da vida intelectual de um país. E' a base, sem a qual nada se realiza, nada se dissemina, nada cria raizes; porque sem a publicidade e a imprensa o pensamento morre no ambiente pequenino daqueles que o alimentam.

Futuramente, quando a historia fôr recapitular as origens da renovação cultural do Brasil contemporaneo, ela não poderá esquecer o nome daqueles que, pela sua energia, pelo seu apoio moral e material, pelo seu espirito superior e desinteressado, contribuiram para fazer do livro nacional o que ele já é hoje: uma expressão viva da nossa cultura, um meio, não mais de simples comercio e sensacionalismo, mas de instrução popular, de divulgação scientifica, de renascimento literario. E ela não poderá esquecer o nome de José Olimpio Pereira Filho, que tanto vem fazendo pelo livro brasileiro e pelo levantamento de uma verdadeira e eficiente organização editorial, digna da nossa inteligencia e da nossa civilização edificada sobre os grandes valores do espirito.

DESBARRANCADO

Montava sempre um cavalo de vara.

Eu era ainda deste tamanhinho assim,
quando o espiava, trêmulo, de longe, com receio.
E esse desbarrancado fundo tinha para mim,
a forma e o jeito de uma extensa escára
cortando o coração da terra pelo meio.

Ele foi crescendo toda a vida,
tomou conta de tudo.
E as árvores ao lado,
pouco a pouco envolvidas na ferida,
caíram todas no desbarrancado!

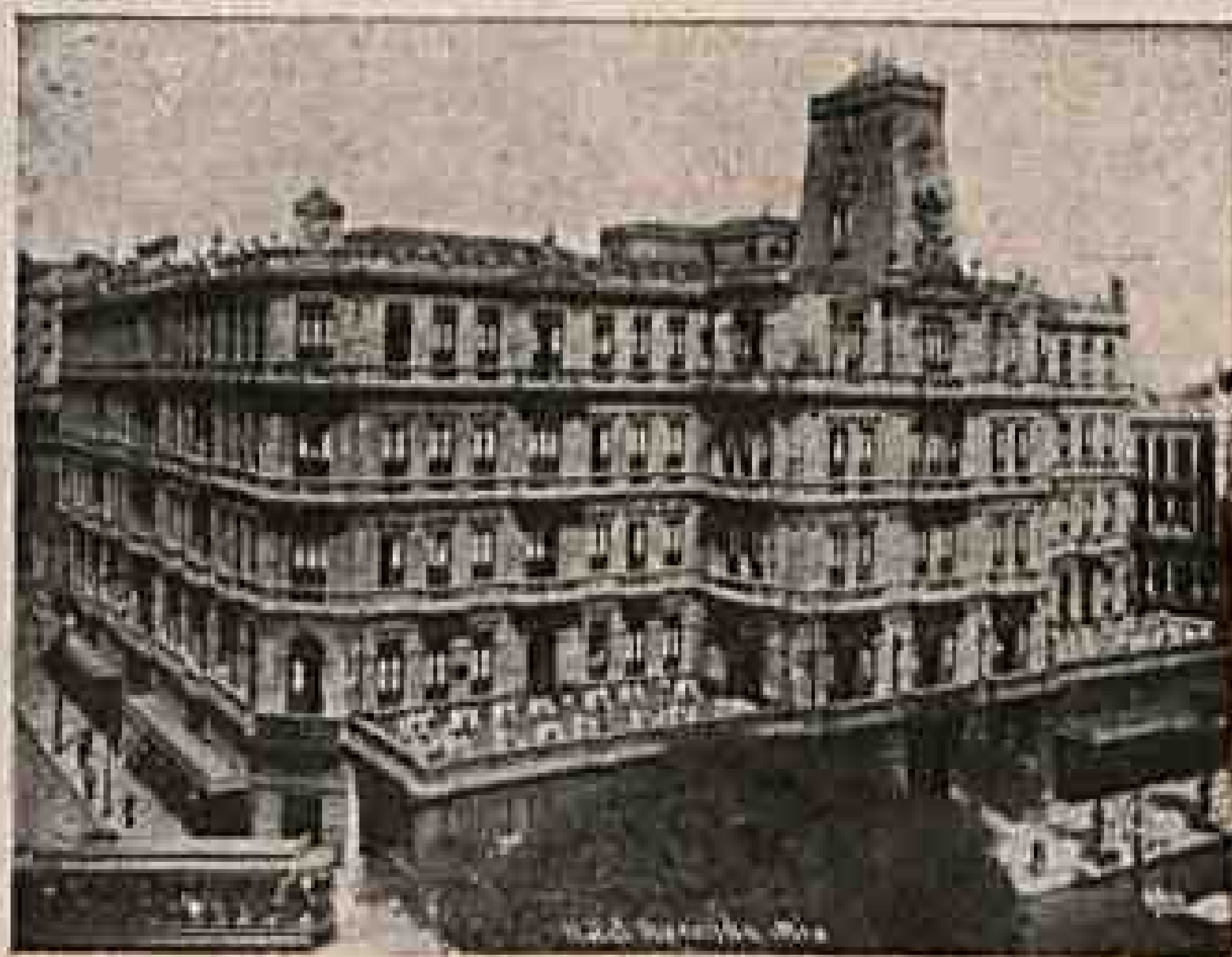
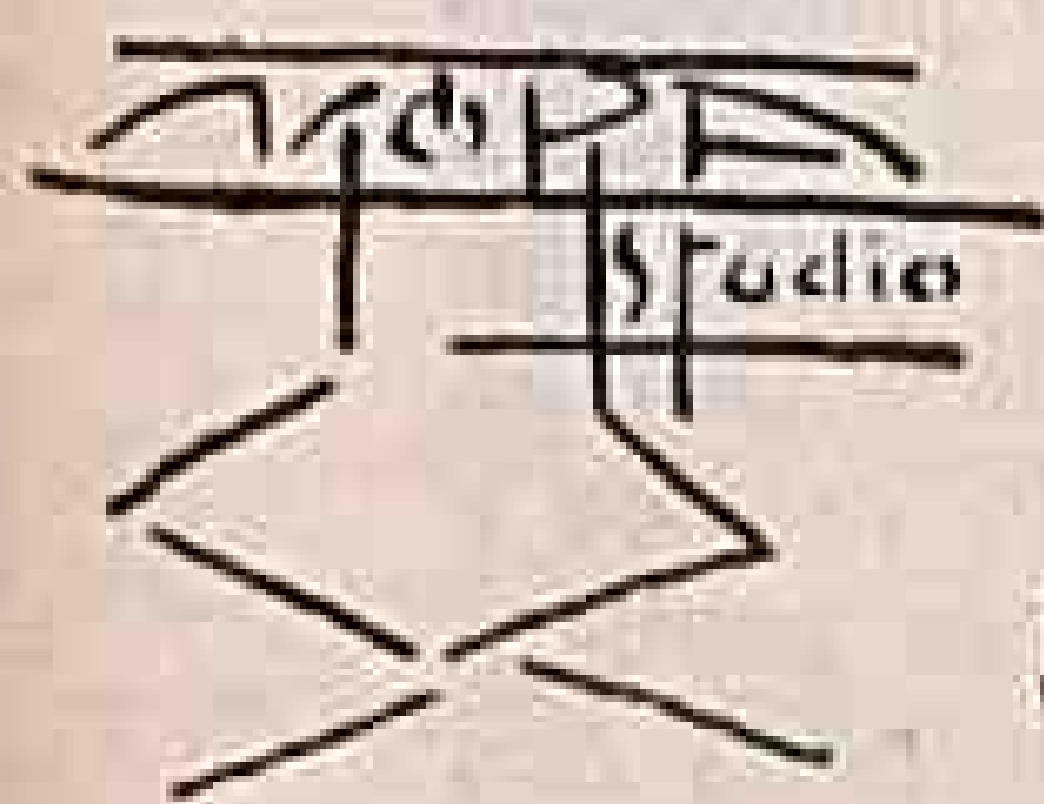
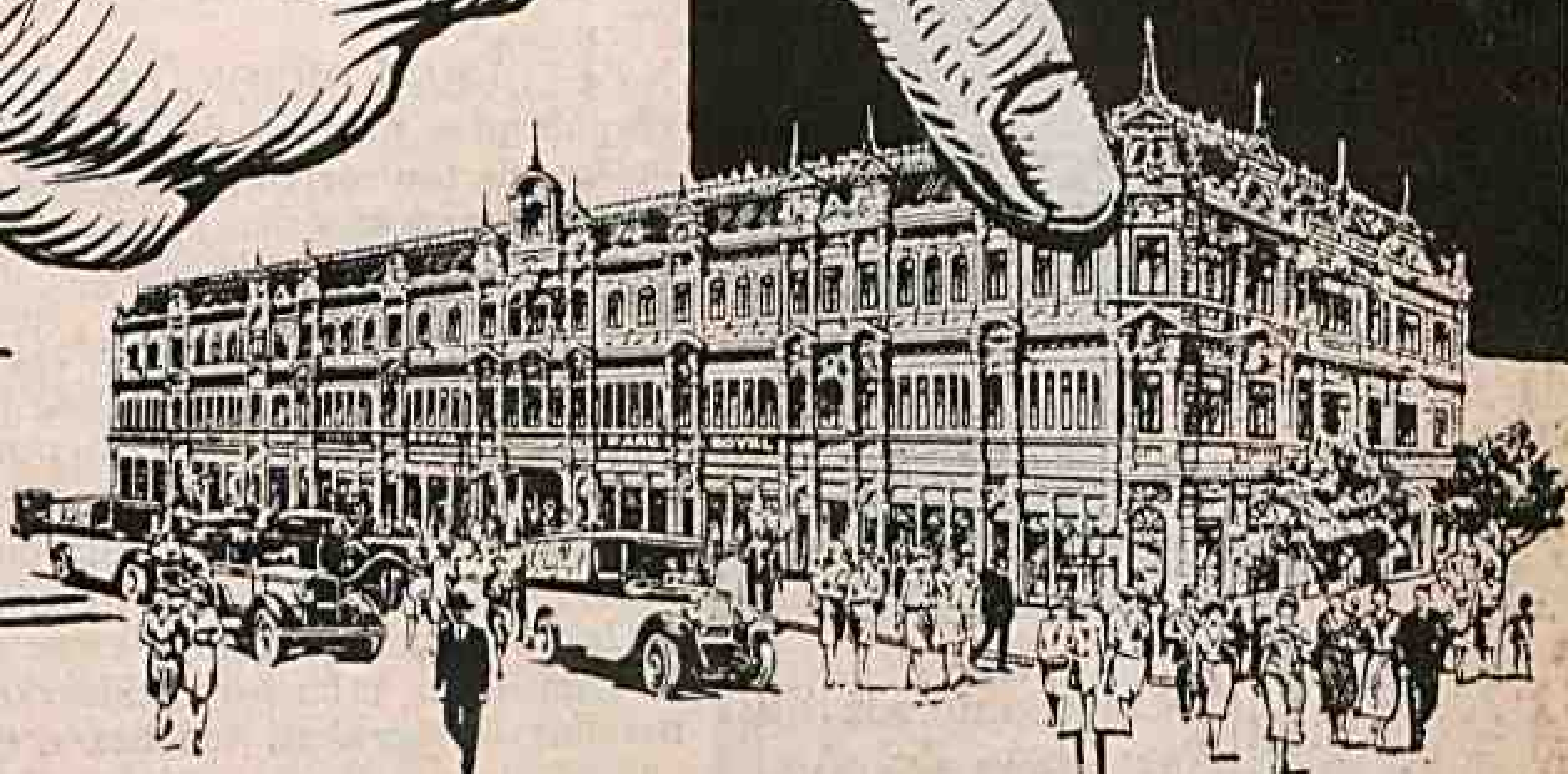
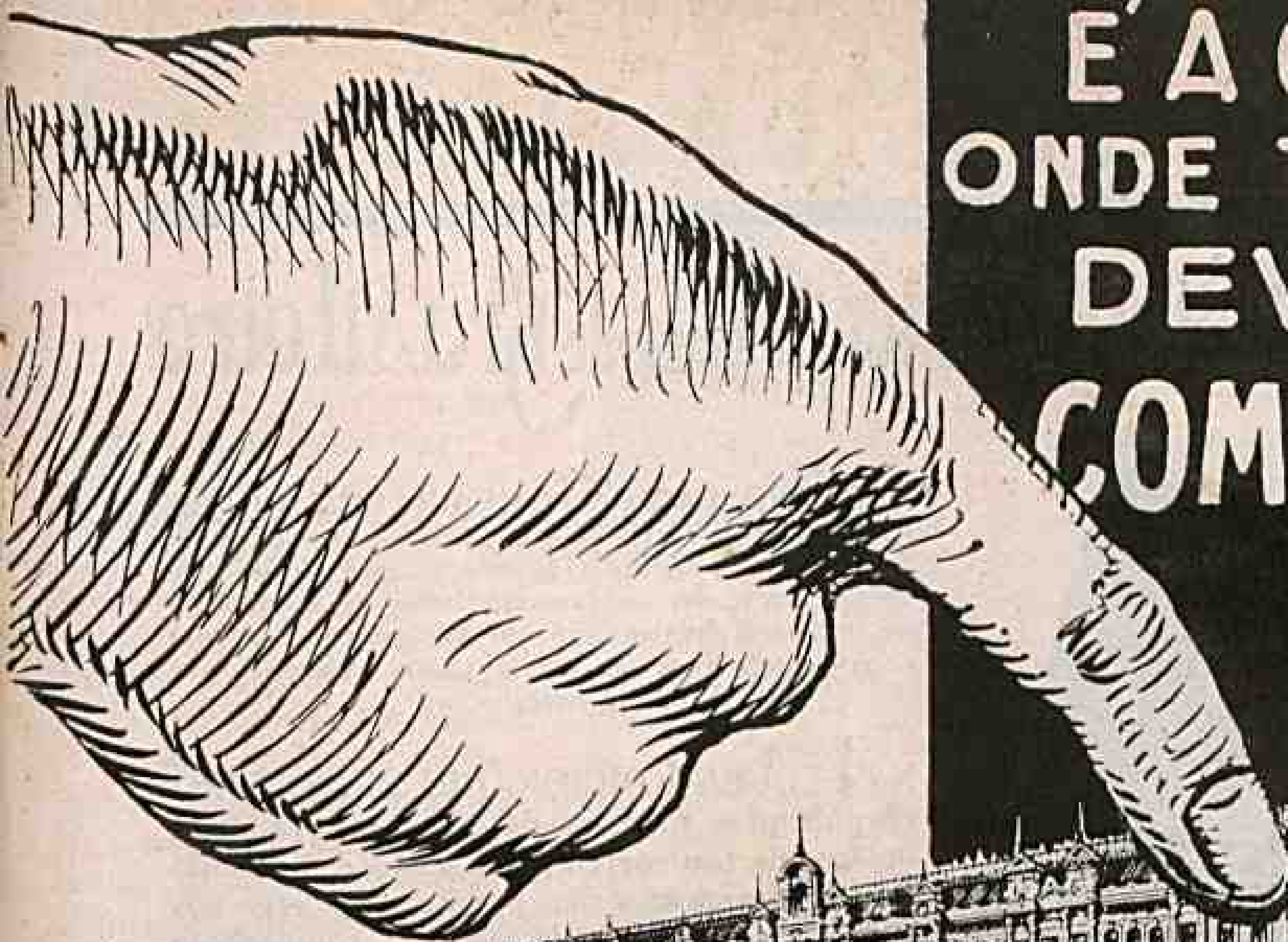
E cresceu! Cresceu até não mais poder!
Depois: terras, galhadas, folhas,
calhaus, pedrouços dos enxurros,
tudo,
num panorama desconjunto e mudo,
veio
tornar o espetáculo mais feio!

Foi grande a curiosidade alheia para ver!

Hoje, cheia de entulhos...
Da ferida desconforme
resta um sinal geomético no chão:
as linhas de uma cicatriz enorme,

Desbarrancado!
Cava profunda,
cujo princípio ou cujo fim
nunca se soube porque veio...

Meu coração
é um desbarrancado assim
com uma ferida partindo-o pelo meio!

JOÃO ACIOLI

ESTA
É A CASA
ONDE TODOS
DEVEM
COMPRAR

AQUI ENCONTRA V. Exa
O ARTIGO QUE PRECISA
PELO PREÇO QUE LHE
COMVEM

Parc Royal

A MAIOR E A MELHOR CASA DO BRASIL

Literatura Japoneza

de Rui Almeida
(Do Instituto Brasileiro de Cultura)

A Comissão Diretora do Instituto Cultural Argentino — Japonês trouxe à estampa, num dos últimos meses do ano passado, um folheto sobre a Literatura Japonesa, trabalho da autoria do Sr. Takeshi Furukawa, ilustrado professor no Celeste Império, chanceler da Legação do Japão na Argentina e que fez curso em Salamanca, na qualidade de becado do Governo Niponico. Para nós, antípodas, desconhecedores do idioma falado naquele país oriental, desconhecedores, tambem, em grande parte, do seu passado e das suas crenças, torna-se sobremaneira interessante, conhecer, embora ligeira o movimento literário Japonês, principalmente porque, segundo assevera S. Yoshio Shinya "a grande obra mundialmente conhecida — *International Library of Famous Literature*, dirigida por Richard Garnet e publicada em Londres no princípio do século atual, a pesar de compreender 9.900 páginas, dedica três sómente à literatura Japonêsa, sendo aí reproduzida a versão inglesa de Chamberlain, (1) da antiga poesia do Japão, intitulada *O menino pescador* (Urashina Taró).

O trabalho do ilustre chanceler ocupa 46 páginas magnificamente impressas em papel assetinado e está dividido em quatro secções encerrando, as duas primeiras, o estudo das Épocas Arcaica e Clássica e as duas últimas o da Época Contemporânea, da literatura oriental.

O autor, manejador elegante da língua de Cervantes, inicia o seu trabalho estudando a fundação do país, no ano 2.597, até princípios do século VIII, "época que representa para a história da literatura Japonesa o tempo necessário para dar o primeiro grito literário, com a imortal obra *Kojiki*, e termina-o na época contemporânea, tratando de obras de notaveis homens de letras, entre os quais cita Yoshimaro Doki e Shokum Shaku, autores de versos formosos, embora já libertos dos ritmos e cadências das 31 sílabas.

O Sr. Takeshi Furukawa apresenta-nos, nesse seu curso especial de literatura, que é um bem elaborado trabalho de síntese, a formação cultural do Japão, mostrando-nos o início da literatura arcaica com o *Matsurigoto* (regra geral para o bom governo), onde se encontram os ritos das cerimônias religiosas dos primevos, e os primeiros vagidos da literatura nipônica.

Homem culto, divorciado, portanto, de preconceito raciais, o autor não se esquece, para não fugir à verdade, de mostrar, sem reservas, a aproximação havida, no ano de 285, com a China, de onde o Japão recebeu influência direta, não só no que diz respeito à sua religião, a doutrina de Confucio, como, tambem, na parte relativa à sua cultura literária e até mesmo ao desenvolvimento de outros ramos da sua civilização.

Fato interessante, principalmente para nós, é a semelhança acentuada havida entre a literatura japonesa e a portuguesa.

O *Kojiki*, a que já nos referimos, chamado de "livro das coisas antigas", representa, para as letras do Celeste Império, o que os Cancioneiros e as lendas dos diferentes ciclos figuram para a portuguesa.

Encerram o *Kojiki*, as crônicas dos primeiros imperadores, lendas relativas à fundação do país, feitos marcantes dos seus guerreiros, tudo em forma de poema.

Assim como os Cancioneiros portugueses são coletaneas encerrando poesias de autores diversos e de várias épocas, autores cujos nomes são conhecidos uns, ignorados outros, o *Kojiki* é tambem fruto de vários escritores, dentre os quais se destacam soberanos e damas da nobreza, príncipes e funcionários, estes encarregados de escrever a vida da corte, em forma de crônicas, de maneira por que tambem se fez em Portugal, por volta do século XIV.

No que diz respeito ao teatro, o *No*, drama lírico escrito em grande parte por Kanami e seu filho Se-ami, revela-nos que este último, alem de autor, foi tambem ator, conforme aconteceu no século XVI com Gil Vicente, fundador do Teatro português, que escrevia

(1) — Basil Chamberlain, famoso niponólogo.

e representava os seus autos e farças.

Para finalizar a parte relativa ao teatro (1.653-1.724), o Sr. Furukawa aponta Chikamatsu Monzaemon, "dramaturgo realista por execelência e que escreve de preferência tragédias de cinco atos cheias de sentimentos genuinamente nacionais" como sendo o Shakespeare Japonês. Ao abordar a época contemporânea, o chanceler do Império do Sól Nascente mostra-nos o influxo das idéias ocidentais, principalmente na parte ideológica e literária, sem que sejam, entretanto, desprezadas as tradições da terra, isso porque essa influência, como bem acentua o autor, não é imitação servil, e, sim, assimilação perfeita.

A transição por que passou a literatura oriental nessa primeira fase da época contemporânea por devida à tradução feita para o japonês de obras tais como *Notre-Dame de Paris* de Vitor Hugo, por Koyo Ozaki, *Nana*, de Zola, por Kafu Nagai, alem de várias outras de Tolstoi, Nietzsche, Gorki, etc.

Ao ocupar-se do romantismo, escreve o professor *Takeshi*.

"O romantismo máximo do Japão foi posto na novela popular de Roka Tokutomi (1868-1927), *Hototogisu* (a mulher que não volta), que é a precursora do novo gênero *Kati-Shosetu* (novela para família). Nela o autor trata do fervoroso amor de um oficial de marinha e uma jovem formosa, porem enferma, tema apropriado para prender a atenção da massa popular".

Já no período naturalista iniciado com o século atual, chama o autor a atenção para a grande influência exercida nesta fase pelos escritores franceses, alemães e russos, e aponta, como figuras centrais dessa nova éooca literária, Katai Tayama, Toson Shimasaki e outros de menor vulto. Surge, então, logo depois, um grupo de jovens beletristas que fazem guerra ao naturalismo criando a chamada "Escola da Nova Técnica", baseado no néo-realismo e caracterizada pela equidistância tanto do socialismo como do idealismo. Desejoso de apresentar trabalho completo de síntese, como de fato o fez, o professor Furukawa não deixou de mencionar o movimento literário verificado no seu país após a grande guerra, indicando numerosos escritores proletários, desde os mais rubros marxistas até os puramente teóricos, como Ujaku Akita, Siro Ozaki e alguns mais. É nesse ponto que travamos conhecimento com a N. A. P., associação literária proletária criada em 1928, e com os dois grupos em que se dividem os literatos da massa popular: um, chefiado por Kikuchi, escritor de novelas de pura imaginação e feição moderna, e, o outro, por Sânjugo Naoki, Tiro Osaragi e outros, que são os criadores, por assim dizer, das novelas e das obras teatrais de fundo histórico, embora ainda encerrando alguma ficção.

O interessante estudo termina com um ligeiro comentário em torno da reação nacionalista surgida em 1930, em face do marxismo e com a apreciação de um trabalho de Tatsuzo Ishikawa assim traçado:

"A revista "Bungei-Shunjú", de Kikuchi, publicou em sua edição correspondente a setemtro de 1935 a celebre e mui original obra de Tatsuzo Ishikawa, *So-min*, cujo tema se desenrola no ambiente dos emigrados japoneses no Brasil e desperta singular interesse entre o público ledor, ganhando o prêmio Akutagawa."

Aí fica, em ligeiros comentários, a apreciação de uma literatura que poderia parecer, à primeira vista, exótica para nós, mas onde descobrimos o sabor do lirismo romântico e os traços firmes e marcantes do realismo à moda ocidental.

O Destino de um Poeta

Olinto Sanmartin

José Santos Chocano foi um altíssimo espírito que dificilmente enclausurava sua fama dentro das fronteiras andinas do ocidente americano. O explendor do seu talento se espraiava aos quadrantes da América como sendo o seu maior cantor.

E quando chegou o éco ao litoral do Atlântico, a alma latina desse lado sonhou com o luzeiro dos valores nativos colocando-o no triunvirato da poesia continental.

Com Chocano, eram Rubem Dario, Olavo Bilac e Amado Nervo os supremos cantores americanos. Mas de que valiam essas flores consagrativas se o espírito tem revoadas mais alcandoramente altas?

Uma tarde de Junho, sem ambiencia glacial mas toda vestida de sol claro e puro, partiamos para uma circumnavegação americana levando no pensamento a idéia acariciante de encontrar um dia o fidalgo épico da rima selvagem do novo mundo.

E quando, depois de uma longa viagem através de cidades populosas e mares revoltos e infinitos, o destino nos impulsionou rumo às Antilhas, sentimos a estranha alegria de um deslumbramento novo. Em breve estavamos em águas do Pacífico. A República do Perú estava alí, no litoral pitoresco quasi que abraçada por um anel de montanhas brancas.

E mais para o Sul, acariciando a orla verde do Pacífico — Lima, a bela e sonhadora capital peruana. Entre o esfusiante inebriamento da cidade andina a repicar o cérebro, estava a certeza de que iriamos conhecer José Santos Chocano, o maravilhoso, o épico lirista das repúblicas espanholas da América Austral.

Dentre o clarão de um instante feliz, há sempre lugar para as tristes surprezas. Indagamos pelo poeta. Um literato peruano, amavel e fino, nos conta o ocaso do astro divino.

Chocano experimentara as mais estranhas emoções da vida. Glorificado, discutido e amado. As suas aventuras românticas se converteram em martírios tenebrosos. Na política teve a sua mais viva e fulgurante influência. Por mais de uma vez andou envolvido em revoluções perigosas. Processado na Espanha e no Perú condenado à morte em Guatemala, é comutado sempre. Diplomata e polemista, invariavelmente soube dar cintilações profundas à sua genial atuação.

E o nosso informante nos passa às mãos "Iras Santas" poemas heroicos, nacionalistas, de ardente inspiração. E comenta a respeito de sua agitada juventude e mais tarde já no domínio de uma vigorosa maturidade, o seu irriquieto temperamento no México prendendo a atenção nacional com sua "Sinfonia Heroica".

Ao rever sua pátria o governo prestou-lhe excepcionais homenagens. Faz 12 anos. O cerimonial obedeceu a mais pomposa apoteose. Chocano foi coroado, à moda helênica. Uma rica coroa de ouro foi o expressionismo da imortalidade. A mais impressionante consagração a que um homem pode ambicionar. Mas a fatalidade, o fantasma terrivel dos destinos, espreitava a luminosidade de uma vida aureoral e quís que em 1925 uma sombra negra de tragédia toldasse o sol de sua feliz alegria sonhadora.

Tornára-se deliquente abatendo com uma bala Elwin Elmore. Foi condenado e simultaneamente comutado. E daí começa o seu declínio. Declínio triste, parodoxal para a sua glória. Os milhões que ganhara anos antes como prémio de "La Epopeya del Libertador" tomaram rumo ignorado, dissipando-os prodigamente.

Quatro anos mais tarde, partia Chocano para o Chile. Nada mais nada menos se sabia dele em Lima. Houve mesmo afirmativas de que era embaixador em Santiago. E conjecturavamos que não podia haver declínio propriamente. Na esfera moral sofria, sem dúvida, o criador de tantas belezas emocionais.

E nessa crença calculamos encontrá-lo quinze dias após, na fidalga capital chilena.

Chegarámos há pouco de Valparaiso. Monologavamos ainda aqueles versos calorosa-

mente americanistas, ardorosa profissão de fé de Chocano:

BLASON

Soy el cantor de America, autóctono y salvaje:
mi lira tiene un alma, mi canto um ideal.
(Mi verso no se mece colgado de un ramaje
con un vaivém pausado de hamaca tropical...)

Cuando me siento Inca, le rindo vasallaje
al Sol que me dá el cetro de su poder real;
cuando me siento hispano y evoco el Coloniaje
parecen mis estrofas trompetas de cristal.

Mi fantasia viene de un abolengo moro:
los Andes son de plata, pero el León de oro;
y las dos castas fundo com épico fragor.

La sangre es hespañola y incaico es el latido;
y de no ser Poétia, quizás yo hubiese sido
un blanco Aventurero o un indio Emperador!

Santiago nos surge como uma lenda de encantamento macio e irreal. Esqueceramos até o desejo de conhecer o poeta. O tempo era demasiadamente delimitado para alongar as visitas almejadas.

E numa manhã luminosa, quasi ao morrer da primavera, nessa triste agonia de estação que a paisagem andina estabelece e sabe bordar com melancolia divina e pintar com as tintas de todos os matizes sentimentais, nos encontramos no interior do magnifico Museu Nacional de Santiago. Com a visão cambaleante, numa roda jovial de amigos novos, ouvimos falar em Chocano. Despertamos de súbito. O esquecimento fizera obra injuriosa. Era tempo já de conhecer o estraordinário cantor e soberbo aventureiro. E entre impressões dogmatizantes o nome de Santos Chocano surge à superfície da conversação. Era facil conhecê-lo e imaginamos ir encontrá-lo numa sala aparamentada de embaixada quando nos contam, tristemente, a realidade crudelíssima.

Santos Chocano, sempre envolvido em aventuras políticas, fora atirado para um canto do mundo com o advento da nova política peruana, condenado a um ostracismo impiedoso. Com a queda do velho regime Chocano caíu tambem, mais ainda ao demonstrar sua habilidade de interesses ocultos, preso aos princípios de Talleyrand, o inescrupuloso ministro francês que viu passar todos os regimens pelo seu ministério, desde o Consulado ao Império sem que ele sofresse o menor abalo na sua posição de homem público. Tipo Fouché, menos cinico, menos atilado e menos sanguinário. O epilogo chegara.

Santos Chocano vivia agora numa gloriosa ruina, humilhado, sem representação, sem conceito, sem brilho, vivendo horas amargas e negras pelas praças e ruas vendendo seus livros e seus autógrafos, esquecido e abandonado. Visivelmente degradado, devia sentir esse imenso ultrage ao recordar os régios tempos dos seus triunfos.

Santos Chocano, pelo fulgor do seu destino tradicionalisou-se como homem de espírito. Criou uma mística que se fundiu pouco a pouco em todo o litoral do Pacífico como intérprete das riquezas americanas de uma cultura que se tem elevado como expressão de intelectualidade nova. Essa mística propriamente tornou-se absorvente, ele próprio a individualisava. A sua marcha peregrinante em diferentes países com seus episódios heroícos, suas atitudes dramáticas, elevaram-no a uma culminância vertiginosa entre os pensadores continentais.

Esse domínio empolgou-o de tal maneira que fez crescer nele um sentimento delapidante, falso nas suas premissas. Os grandes impulsos espirituais que o jogavam nas mais arriscadas empresas, trairam seus legítimos desígnios. Poeta em essência, tivera sua aureola como cantor de um novo mundo. Todo seu destino no consenso nacional tivera esse colorido damnuziano, momentos de beleza, fastígio, consagrações, aventuras emocionais e vertiginosas. Apenas o declínio da vida foi-lhe declínio em todo o sentido moral e material. A tragédia epilogal fora o reflexo de tantas outras tragédias onde o mundo lhe pareceu um sonho antigo. A contractura desse deslisar edificante estava ainda distanciada. Era um legitimo culteranista do seu destino, escravo de um frenesi, de uma atividade nervosa invariavelmente brilhante. Em Madrid, na sua missão diplomática nos primeiros anos deste século, tornara-se alvo de atenções ruidosas e que por fim acabou num escândalo judicial. Mais tarde no México, de-

pois de ter prestado serviços na Colômbia, envolvera-se na onda faiscante da política onde assistiu o triunfo do seu leal amigo Pancho Vila e o desaparecimento da ditadura histórica de Profírio Dias. Com o correr dos anos fixou-se em Guatemala para em seguida infiltrar-se na política nacional. Nesse país. sua vida sofreu os mais profundos abalos morais e materiais.

A revolução vitoriosa o encarcerou condenando-o a pena de morte. Sua casa foi espoliada e incendiada. Nessa destruição todo o espólio literário ficou perdido. A opinião pública o apontava como sacrílego, o mais alto responsavel da ditadura de Estrada Cabrera.

Tantos martírios, seu temperamento irriquieto se resignava em os aceitar como consequência da sua atividade turbulenta. Ainda desse drama célebre conseguiu escapar diante do clamor da intelectualidade européa e americana que solicitara clemência.

Após dois largos decênios de espantosas lutas em terras estranhas, o poeta altíssimo voltou à sua pátria, ao seio do seu povo generoso. A grande fraqueza que o dominava fora sempre a paixão política. Todos os seus desfechos inesperados e graves não o intimidavam. Os exemplos eram-lhe encitamento à reincidência e as convulsões lhes davam o encanto radioso de se aproximar da morte.

Inicialmente as suas manifestações doutrinárias explodiram em polêmicas veementes incompatibilisando-o com a opinião política de Lima. Era um rebelde helênico, sonhador de imagens fulgurantes. A sua elegância mental e o seu destino na terra foi um deflagrar de episódios brutais acidentes continuados e violentos.

Quando parecia que sua atividade ia ter um hiato saudavel com a coroação aparatosa promovida pela Municipalidade de Lima, surge o mês de Outubro de 1925, carregado de agonias e de pressentimentos fatidicos que a final tem seu desfecho no "El commercio" abatendo Elmore, o prosador primoroso que tanto prometia nessa dolescência bruscamente truncada.

Era alí perto, na vizinha república do Chile, que lhe estava sendo reservada a terrivel realidade. Não bastando a pobreza, havia ainda de encontrar o punhal tremendo. O poeta vive ainda no espírito, das odes e poemas heroicos que escrevera, no explendor da sua infelicidade.

Um braço que se extende na praça pública, oferecendo um livro e um autografo, indiferente entre a turba que se traslada; um braço que quer negociar para viver, que se articula insistentemente e saber depois que este braço é o de Santos Chocano, o prodígio da musa americana, o coroado dos Andes, o panfletario, o pensador e o poeta, o político e o rebelado, o gênio e o herói, o coração e o cérebro da América; quando esse braço é uma flama de luz mental que conhecera todas as emoções do mundo e dozára o orgulho dos homens; quando isso tudo se constata, no fim da vida, entre esperanças fanadas e decepções homicidas, o choque é violentamente desconcertante. É a queda de um Deus, uma madrugada festiva que se fecha pelo desabamento do céu.

Há uma muda e rubra revolta contra a humanidade, contra os fenomenos civilizatórios, contra os fados crueis e monstruosos. E no entanto a realidade era essa, fria, mordaz, profunda. Santos Chocano não era embaixador. Era, sim um vendedor de livros e autografos em praça pública.

A mão que escrevera as belezas fortes de uma raça; a mão que acariciara mãos de rainhas, mãos de seda e rosa no êxtase divino do amor; a mão que empunhara espadas, se contraira em gestos de eloquência, em parábolas de epopéas, essa mesma mão agora se espalmava no sentido de uma renúncia e todas as idolatrias do passado que lhes dera a imortalidade. E depois do choque moral, de uma situação de angustias desesperativas, o punhal assassino, terrivelmente covarde truncando-lhe a vida. Que belo e monstruoso fim de trágedia grega.

Fora a mais dolorosa e chocante surpreza que Santiago nos tinha reservado. Momento sacrificatório para quem conserva, no seu mundo interior, a beatitude de um sorriso feliz voltado para o azul claro da vida.

E em fins de 1934 fora o momento da sua espantosa desgraça. Um braço vingativo, dentro de um bonde ergueu-se quatro vezes para ferir mortalmente o artista emocional.

A sua vida teve esse resumo trivial e sangrento.

E passamos sem ao menos sentir-lhe a pobreza desse ocaso maravilhoso, desse Ícaro, despedaçado contra um destino cruelmente soberano.

R. Magalhães Junior no Teatro Nacional

Luis Martins

O acontecimento literário de 1939 que mais profundamente me interessou foi o sucesso espetacular de R. Magalhães Junior com "Carlota Joaquina" e "Um Judeu", no teatro. Notaveis estréias se realizaram, outras peças de valor foram levadas à cena, livros de grande cartaz apareceram. Mas há uma razão de ordem puramente sentimental que me leva a destacar a vitória de Magalhães Junior: uma velha amizade, o início quasi simultâneo de nossas carreiras, a idade quasi igual, a lembrança (ainda tão recente) de nossas juventudes meio cretinas desperdiçando horas noturnas nas mesas de bars da Lapa... Hoje tudo mudou, Magalhães é um ativíssimo homem de teatro, diretor de revistas, o mais espantosamente fecundo de nossos escritores, com horários apertados, vivendo uma vida vertiginosa e ordeira; e eu só me sento, uma outra rara vez, numa mesa de bar carioca, quando venho à minha terra, com o tédio fatigado de um turista, já sem curiosidade... Enfim, outra razão sentimental: ambos começamos a engordar quasi ao mesmo tempo.

Lembro-me do germen inicial de que brotou mais tarde "Carlota Joaquina". Eu viera ao Rio para a estréia da peça "Baile de mascaras", que Henrique Pongetti escrevera comigo durante os ócios de uma temporada de fazenda paulista. Magalhães nos ofereceu uma ceia em sua casa e, durante ela, conversamos sobre o momento teatral, havendo, naturalmente, referências à "Marqueza de Santos", que Dulcina e Odilon representavam no Rival. Foi a propósito dessa peça que Magalhães nos disse incidentalmente:

—Carlota Joaquina é que seria um assunto ótimo. A meu ver, mais exploravel do que a Marquesa...

Começo a ver um certo perigo nesse excesso em que vamos caindo de realizar biografias romanceadas no palco. Parece-me que o cinema teve uma certa responsabilidade no caso. De outro lado, o teatro estava buscando desesperadamente saidas razoaveis para impasses tremendos. Impasses de ordem técnica, de ordem intelectual e de ordem moral.

Conflitos amorosos desenrolados dentro do célebre triângulo que constituiu o sucesso de várias gerações de comediógrafos franceses — alem de totalmente exgotados como assunto, não podem mais interessar a um público que vive diante de tremendas realidades sociais, com a moral completamente diversa do público romântico de antes da penúltima guerra.

Nessa busca de soluções, o teatro foi logo conquistado pela propaganda política. Mas essa é, naturalmente, uma finalidade transitória. De qualquer forma, há um cunho evidente de evasão nessa volta para o passado; o mesmo cansaço dos temas presentes, da melancolia da vida cotidiana, da pequena miséria de todos os dias, que inspirou as tentativas de teatro surrealista ou os *ballets* russos de Diaghiev e suecos de Rolf de Maré. (Como tambem Corneille e Racine buscavam a inspiração de suas tragédias nas grandes cenas da antiguidade clássica ou da romanesca bravura medieval, por sentirem que o tempo em que viviam não podia dispôr da grandeza nobre e monumental daquelas eras poetisadas pela distância).

Pode-se considerar tambem que vivemos numa época em que se intensifica a vulgarização da cultura, uma época de curiosidade por todas as coisas. O público quer aprender, quer se apossar da lição misteriosa dos tempos, mas o sentimentalismo das multidões exige uma concepção romântica e deturpada da história, uma história onde haja o romanesco e o dramático: prefere aprender as lições do passado nas adaptações da tela ou do palco a conhecer a rigidez (nem sempre despida de pitoresco, entretanto) dos historiadores que se presumem sérios...

Esse revirar de olhos saudosistas para momentos mais repousados do mundo começou com as biografias romanceadas na literatura. A moda pegou. O cinema ampliou-a nos quatro cantos da terra. E o teatro, que já começava até a buscar teses de dissecações ousadas no pan-sexualismo freudiano, achou mais cômodo aderir tambem.

Se nem todos os autores possuem o poder de um Shaw, capaz de produzir uma revisão revolucionária do processo de Joana d'Arc, numa das peças de sabor mais formidavelmente shawiano de toda a sua obra — muitos puderam apresentar uma reprodução do passado convincente e razoavel.

Entre nós, tenho a convicção de que nenhum fez melhor do que R. Magalhães Junior. "Carlota Joaquina" é um grande espetáculo como teatro. "Um Judeu", talvez menos construido como técnica teatral, é habilmente urdido como forma literária, vencendo belamente a dificuldade de

(*Conclue no fim do ANUARIO*)

VELHO SOBRINHO

Roberto Seidl

Os que vivem dos livros e para os livros, os que conhecem e amam o doce sabor da leitura receberam com profunda mágua a notícia da morte do comandante Velho Sobrinho, ocorrida a 28 de maio de 1939.

João Francisco Velho Sobinho estava realizando obra ciclópica, arrolando, por ordem alfabética, os nomes de todos os intelectuais brasileiros, vivos e mortos. Trata-se do "Dicionário Bio-Bibliográfico Brasileiro', obra calculada em 16 volumes e que, até agora, só foi dado à luz da publicidade o primeiro tomo, abrangendo, apenas, alguns nomes da letra A, e, assim mesmo, com mais de 700 páginas in 8.º grande em duas colunas.

Este tomo inicial apareceu em 1937 com o auxilio e os louvores da Academia Brasileira e da Academia Carioca de Letras.

Alem dos retratos dos escritores e de minudenciosas notícias biográficas vem a lista das produções impressas, fossem estas livros, folhetos, monografias ou simples artigos de jornal ou de revista. O paciente organizador do "Dicionário" não desprezava uma indicação siquer, uma mera informação, por mais simples que fosse, aproveitando todos os informes e esclarecimentos relativos à vida e à obra de seus biografados. Visava ser o mais vasto e completo dicionário bio-bibliográfico brasileiro, mais minucioso e informativo do que o de Inocêncio, mais seguro e exato do que o de Sacramento Blake.

Justamente quando se falava no próximo aparecimento do segundo tomo, já impresso, surge a pungente nova do falecimento do incansavel dicionarista.

João Francisco Velho Sobrinho, nasceu no Rio de Janeiro a 14 de fevereiro de 1883. Seus pais foram o almirante Antônio Francisco Velho, que tomou parte na passagem de Humaitá e Ernestina dos Santos Velho.

Depois de ter feito os estudos preparatórios a cargo de professores particulares prestou exames no Externato Aquino e, em seguida, no Colégio Pedro II, entrando para o curso de Marinha da Escola Naval a 12 de abril de 1900. Três anos depois saía guarda-marinha.

Prestou serviço ativo na marinha de guerra durante 33 anos, salientando-se como oficial diligente e pontual cumpridor de seus deveres militares e cívicos, chegando a capitão-de-fragata, promoção feita por merecimento, como aliás muitas outras anteriores promoções.

Em 30 de novembro de 1933, quando exercia o posto de segundo comandante de encourado "S. Paulo", solicitou a sua transferência para a reserva de primeira classe.

Ao deixar a marinha foi alvo de significativas manifestações por parte de seus comandados, patenteando-se assim, como era ele querido e estimado na classe.

Durante a trintena de anos em que serviu à marinha de guerra esteve embarcado nas seguintes unidades navais: encouraçados "Aquidaban", "Floriano", "South-Carolina" (norte-americano) e "S. Paulo"; cruzadores "Tamandaré", "Barroso" e "Tiradentes"; vapor "Andrada"; navio-escola "Benjamim Constant"; Canhoeiras "Acre" e "Juruá"; caça-torpedeiro "Gustavo Sampaio"; contra-torpedeiro "Rio Grande do Norte" e "Alagoas"; tender "Belmonte".

Serviu nas seguinte comissões de terra: — Batalhão Naval; ajudante de ordens do então Superitendente do Pessoal, que passou a ser Inspector de Marinha, tendo exercido idêntico lugar do Comando da Flotilha do Amazonas; Escola de Defesa Submarina, cujo curso frequentou, tendo sido classificado mineiro-torpedista; ajudante da Escola de Grumetes; comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros de Pernambuco; ajudante da Capitania dos Portos do Distrito Federal e Estado do Rio de Janeiro; comandante da Ilha da Trindade; capitão dos portos do Estado de Pernambuco; matriculado na então Escola Naval de Guerra, onde teve o diploma do Curso de Comando; Divisão de Planos do Estado Maior da Armada, onde organizou o serviço logístico nacional; assistente do Diretor da Escola Naval de Guerra.

Durante o seu longo período de atividade na Armada Brasileira foi elogiado 35 vezes, sendo que, de uma delas, por ter apresentado trabalho de sua autoria intitulado "Logística e Administração" (Imprensa Nacional, 1932), considerado de utilidade para o preparo dos oficiais superiores da Armada e logo adotado, oficialmente, e de outra vez pelo "Relatório" do capitão dos Portos de Pernambuco em 1928, sendo que de todos os relatórios apresentados foi o que mais se distinguiu não só pela feitura e acabamento do exemplar enviado, como, tambem, pelo criterioso relatar das ocurrências e judiciosas sugestões feitas.

Em sua bibliografia de assuntos navais destacam-se ainda: "Marinheiros de outrora' publicado em 1933 no vol. 31 da Revista do Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco e o "Manual de Educação Militar e Naval", premiado pelo Ministério da Marinha e impresso em 1935 na Imprensa Naval.

Com quinze anos incompletos, em 1897, estréia nas letras publicando, num jornal literário, um soneto — "Teu nome" — e daí em diante escreveu e colaborou em muitos jornais e revistas, principalmente na "Revista moderna" e em "O Estudante" onde manteve uma secção intitulada — "Cromos".

A sua atividade jornalística foi intensa e trabalhosa. Fundou em Pernambuco, com Bezerra

Leite, o "Diário da Noite" sendo durante algum tempo o seu redator principal. Em Recife colaborou no "Jornal do Comércio", "Jornal do Recife", "Diário de Pernambuco", "A Noite", "A Pilhéria", "A Rua", onde, com o pseudônimo de "Gravroche" mantinha uma secção humorística diária: "A Rua... da amargura". Outra colaboração sua, tambem muito apreciada, era "Anões e Gigantes" que, com o pseudônimo de "Gulliver" saía em "A Tarde" de Recife.

Escreveu tambem na "Revista Marítima Brasileira" e no "Boletim do Clube Naval".

Pertencia Velho Sobrinho ao Instituto Arqueológico Pernambucano, ao Cenáculo Pernambucano de Letras, ao Instituto de Estudos Genealógicos de S. Paulo, ao Centro de Ciencias, Letras e Artes, de Campinas, à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, ao Instituto de Geografia e História Militar.

Fazia parte da "Arca dos Jacarandás", grupo de intelectuais, colecionadores e amantes do passado, que costuma se reunir, diariamente, num antiquário da rua Chile.

Como homem de teatro destacou-se Velho Sobrinho escrevendo diversas peças, algumas delas em colaboração, e todas representadas, com êxito, nos principais teatros do Rio de Janeiro e dos Estados.

Foram suas as composições teatrais: "A Geada", opereta em 3 atos, em colaboração com Vitor Pujol; "Elas", comédia em 1 ato; "Segura esta mulher", revista carnavalesca, em colaboração com Marques Porto e Arí Barroso; "Plano de guerra", comédia em 1 ato; "Um dia é do peixe..." comédia em 1 ato; "Juruna" revista fantasia.

Com Gastão Penalva escreveu várias peças: "Mar de rosas", revista; "A legenda da marinha", fantasia. Ainda com Gastão Penalva e Mario Belmonte: "De vento em pôpa" revista e "Brasil da Gente" com a colaboração de Marques Porto e Arí Barroso. Ainda com este último o sketch lítero-musical: "Quem canta..."

Alem de teatrólogo era Velho Sobrinho conversador sutil e amavel e mais de uma vez subiu à tribuna das conferências literárias. Estas palestras, elegantes na forma e mordaz na crítica, foram sempre muito apreciadas e aplaudidas, destacando-se a conferência "O Medo" realizada em Pernambuco e "Modas e Modos", pronunciada no Clube Naval.

Deixou muita coisa inédita e por acabar. Os seus impressos e manuscritos acham-se cuidadosamente guardados pela viuva.

Seria interessante que se fizesse uma edição de alguns de seus escritos, de seus versos, de suas crônicas, de suas peças de teatro, de suas monografias técnicas.

Costumava ele próprio ilustrar os seus trabalhos. Teve a oportunidade de apreciar e admirar os seus desenhos: a aquarela, a *crayon* e a bico-de-pena, em que se nota o seu apurado gosto e cuidado artístico. Quanta coisa podia se aproveitar daqueles desenhos feitos com apuro e esmero!...

Destes trabalhos destaca-se um album consagrado à Mulher de cujo culto era adepto fervoroso. Completando páginas de revistas estrangeiras dedicadas à plástica feminina compunha por meio de desenhos caprichosos, em que se notava muita habilidade, paciência e bom gosto, verdadeiras obras-primas realçando a beleza feminina.

Destinava-se este Album a colher, registar, impressões e opiniões sobre as mulheres. Folheiando o Album de Velho Sobrinho tive ocasião de notar as impressões, de muitos de nossos escritores, poetas e prosadores.

Velho Sobrinho tinha compleição franzina mas isto não impediu que fosse trabalhador incansavel, conservando até ao fim da vida perfeita mocidade de espírito. Nem o desgaste dos anos, nem as vicissitudes da vida conseguiram arrefecer o seu entusiasmo para o trabalho e as coisas belas do espírito, trabalhando até morrer! Prostrado pela doença e pela fadiga ainda devotava-se aos seus escritos, aos seus desenhos, ao seu lindo Album dedicado à Mulher...

Mas os últimos anos de vida consagrou-os ao "Dicionário Bio-Bibliográfico". A pesar de seus ingentes esforços só conseguiu ver sair o primeiro tomo. Quando se esperava o aparecimento do segundo volume desta obra monumental espalha-se a triste nova de seu falecimento.

Todos que tomavam conhecimento da notícia faziam a mesma pergunta: Quem poderá prosseguir na elaboração do grande dicionário?

Certamente não hão de faltar pessoas capazes, enfronhadas em assuntos de bibliografia, que possam continuar a tarefa de inventáriar livros e escritores do Brasil. Mas, para isto, é preciso pendor especial, entusiasmo, paciência que nem todos podem ter.

Não faltaram a Velho Sobrinho apodos e remoques de indiferentes e de demolidores que nada fazem e nada querem deixar aos outros fazer.. Mas Velho Sobrinho tinha envergadura de lutador. Não atendeu aos apodos e não deu importância aos remoques. Escudado em sua coragem serena e construtiva, impávido e convicto, não esmoreceu um só instante na árdua empresa. Não fez mais porque não deixaram que ele o fisesse...

Na organização do "Dicionário" teve a coadjuvação de Tancredo Paiva, bibliografo devotado à sua arte e que já tem prestado à bibliografia brasileira serviços de grande valia.

João Francisco Velho Sobrinho não foi apenas o catalogador dos escritos e dos escritores do Brasil. Foi poeta, jornalista, teatrólogo, crônista, desenhista e, acima de tudo, competente e dedicado oficial da armada brasileira onde foi sempre apreciado e admirado como um dos seus mais lídimos valores.

Não foi somente um continuador de Inocêncio e de Sacramento Blake, foi um intelectual operoso e simpático, um patricio ilustre, cujo desaparecimento encheu de consternação a todos que vivem dos livros e para os livros, a todos que conhecem e amam o doce sabor da leitura.

A primeira página de Zamenhof

No Rio-de-Janeiro, como em muitas outras capitais cultas do mundo, há uma rua com o nome de Zamenhof. Poucos intelectuais, no entanto, conhecem os primeiros escritos desse cientista. Vamos apresentar aos leitores de "ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA" o princípio do prefácio do "Primeiro Livro" de Zamenhof. Nenhum outro escrito mais antigo se conhece do Autor.

Para os pouco versados em esperanto, fornecemos uma tradução ao lado do original.

La nun proponatan broŝuron la leganto kredeble prenos en manojn kun malkonfido, kun antaŭe preta penso, ke al li estos proponata ia neefektivigebla utopio; mi devas tial antaŭ ĉio peti la legaton, ke li formetu tiun ĉi antaŭjuĝon kaj ke li pripensu serioze kaj kritike la proponatan aferon.

Mi ne parolos tie ĉi vaste pri tio, kian grandegan signifon havus por la homaro la enkonduko de unu komune akceptita lingvo internacia, kiu prezentus egalrajtan proprajon de la tuta mondo, apartenante speciale al neniu el la ekzistantaj nacioj.

Kiom da tempo kaj laboro estas perdata por la ellernado de fremdaj lingvoj, kaj malgraŭ ĉio, elveturante el la limoj de nia patrujo, ni ordinare ne havas la eblon komprenigadi kun similaj al ni homoj.

Kiom da tempo, laboroj kaj materialaj rimedoj estas perdata por tio, ke la produktoj de unu literaturo estu aligitaj al ĉiuj aliaj literaturoj, kaj en la fino ĉiu el ni povas per tradukoj konatiĝi nur kun la plej sensignifa parto de fremdaj literaturoj; sed ĉe ekzistado de lingvo internacia ĉiuj tradukoj estus farataj nur en tiun ĉi lastan, kiel neŭtralan, al ĉiuj kompreneblan, kaj la verkoj, kiuj havas karakteron internacian, estus eble skribataj rekte en ĝi.

Falus la ĥinaj muroj inter la homaj literaturoj; la literaturaj produktoj de aliaj popoloj fariĝus por ni tiel same atingeblaj, kiel la verkoj de nia propra popolo; la legatajo fariĝus komuna por ĉiuj homoj, kaj kune kun ĝi ankaŭ la edukado, idealoj, konvinkoj, celado, — kaj la popoloj interproksimiĝus kiel unu familio.

Mui provavelmente o leitor tomará nas mãos com desconfiança a brochura que ora lhe propomos, com pensamento preconcebido de que se lhe esteja oferecendo utopia irrealizável. Antes de tudo devemos, pois, rogar ao leitor que abandone esse preconceito e reflita a sério, com espírito crítico, sobre a coisa proposta.

Não falaremos amplamente da imensa significação que teria para a humanidade a adoção de uma língua internacional comumente aceita por todos, a qual seria em plena igualdade de direitos propriedade do mundo todo, sem pertencer em particular a nenhuma das nações existentes.

Quanto tempo e trabalho se perdem no estudo de línguas estrangeiras, e, a pesar disso, ao atravessarmos os limites de nossa Pátria, ordinariamente não dispomos de meios de fazer-nos compreender pelos homens nossos semelhantes.

Quanto tempo, trabalho e recursos materiais se perdem para que os produtos de uma literatura sejam encorporados às outras literaturas, e afinal, por meio de traduções cada um de nós só póde vir a conhecer uma parte realmente ínfima, insignificante, das literaturas estrangeiras. Com a existência de uma língua internacional, todas as traduções fer-se-iam exclusivamente nesta última como neutra e compreensível para todos, e as obras de caracter internacional seriam talvez escritas diretamente nela.

Cairía a muralha chinesa que separa as literaturas humanas; a produção literária de outros povos tornar-se-ia tão acessível a nós quanto a do nosso próprio povo. A literatura tornar-se-ia patrimônio comum de todos os homens e juntamente com ela a educação, ideais, convicções, aspirações, — e os povos se aproximariam como uma família.

Devigataj dividi nian tempon inter diversaj lingvoj, ni ne havas la eblon dece fordoni nin eĉ al unu el ili, kaj tial de unu flanko tre malofte iu el ni posedas perfekte eĉ sian patran lingvon, kaj de la dua flanko la lingvoj mem ne povas dece ellaboriĝi, kaj parolante en nia patra lingvo, ni ofte estas devigataj aŭ preni vortojn kaj esprimojn de fremdaj popoloj, aŭ esprimi nin neprecize kaj eĉ pensi lame dank' al nesufiĉeco de la lingvo.

Alia afero estus, se ĉiu el ni havus nur du lingvojn, — tiam ni pli bone ilin posedus, kaj tiuj ĉi lingvoj mem povus pli ellaboriĝi kaj perfektiĝadi kaj starus multe pli alte, ol ĉiu el ili staras nun.

Kaj la lingvo ja estas la ĉefa motoro de la civilizacio: dank' al la lingvo ni tiel altiĝis super la bestoj, kaj ju pli alte staras la lingvo, des pli rapide progresas la popolo.

La diferenco de la lingvoj prezentas la esencon de la diferenco kaj reciproka malamikeco de la nacioj, ĉar tio ĉi antaŭ ĉio falas en la okulojn ĉe renkonto de homoj: la homoj ne konprenas unu la alian kaj tial ili tenas sin fremde unu kontraŭ la alia.

Renkontiĝante kun homoj, ni ne demandas, kiajn politikajn konvinkojn ili havas, sur kiu parto de la tera globo ili naskiĝis, kie loĝis iliaj prapatroj antaŭ kelke da miljaroj: sed tiuj ĉi homoj ekparolas, kaj ĉiu sono de ilia parolo memorigas nin, ke ili estas fremdaj por ni.

Kiu unu fojon provis loĝi en urbo, en kiu loĝas homoj de diversaj reciproke batalantaj nacioj, tiu eksentis sendube, kian grandegan utilon alportus al la homaro lingvo internacia, kiu, *ne entrudiĝante en la doman vivon de la popoloj*, povus, almenaŭ en landoj kun diverslingva loĝantaro, esti lingvo regna kaj societa.

Kian, fine, grandegan signifon lingvo internacia havus por la scienco, komerco — per unu vorto, sur ĉiu paŝo — pri tio mi ne bezonas vaste paroli. Kiu almenaŭ unu fojon serioze ekmeditis pri tiu ĉi demando, tiu konsentos, ke nenia ofero estus tro granda,

Obrigados como somos a dividir nosso tempo entre diversas línguas, não nos é dada a possibilidade de dedicar-nos convenientemente a nenhuma delas, e por isso mui raro se encontra alguem que possua com perfeição sua própria língua materna, e assim as línguas não se podem aprimorar e completar-se e, falando nossa própria língua, muitas vezes temos que tomar palavras e expressões de línguas de povos estrangeiros, expressar-nos sem precisão e até estropiar o pensamento por deficiência da linguagem.

Outra coisa seria se cada um de nós só tivesse que aprender duas línguas, — então poderiamos apropriar-nos melhor de ambas e elas mesmas se elaborariam e aperfeiçoariam melhor, elevando-se a nível muito mais alto do que o presente.

E a linguagem é o principal motor da civilização: foi graças a ela que nos elevamos tanto acima dos animais, e quanto mais elevada está a linguagem, tanto mais rapidamente progride o povo.

A diversidade das línguas apresenta a essência da diferença e da hostilidade recíproca entre as nações, porque essa diferença é o que primeiro nos cai sob os olhos ao encontro das pessoas: os homens não se compreendem uns aos outros e por isso mantem-se estranhos uns aos outros.

Ao encontrar pessoas desconhecidas, não lhes perguntamos quais sejam suas convicções políticas, em que parte do globo nasceram, onde viveram em milênios remotos seus antepassados. Mas essas pessoas falam e cada som de sua fala nos adverte que elas nos são estranhas.

Quem já tenha tentado viver em cidade habitada por homens de diversas nações que reciprocamente se hostilizam, sem dúvida sentirá a imensa utilidade de uma língua internacional que, sem se intrometer na vida doméstica dos povos, *pudesse pelo menos nos países, cuja população fala diversas línguas, funcionar como linguagem social e administrativa.*

Que imensa significação teria, finalmente, uma língua internacional para a ciência, o comércio — em uma palavra, a cada passo — sobre isso não precisamos deter-nos muito. Quem já tenha alguma vez refletido seriamente sobre a questão, concordará que nenhum sacrifício seria demasiado grande, se por ele pudessemos chegar à

(Conclue no fim do ANUARIO)

MITOS EVOCATIVOS

De Plácido e Silva

Já asseverou a sabedoria popular que as insignificantes fagulhas podem promover grandes e horrorosos incêndios. E', assim, a hecatombe, promotora de fatídicas ocurrências, sendo gerada de um nada... O evento ressaltante, notavel, proeminente oriundo de ato que nem se pode anotar pela própria carência de projeção.

Mas, é sempre assim...

Pequeninas coisas, insignificantes episódios, céleres visões de outras eras, esquecidas pelos tempos, por vezes, trazem em si, profundamente, esplendidas evocações.

São símbolos da própria vida, enaltecendo e relembrando faces dulcíssimas de uma reminiscência, acentuando e dignificando aspectos de uma vida vivida na simplicidade encantadora dos hábitos de outros tempos.

Principalmente, as tradições populares, abaralhando dentro de si uma série infinita de acontecimentos, que a memória popular regista com bizarria, teem o merecimento evocativo dessa pequenina centelha que desperta e faz chamas tumultuosas em volta dos pensamentos. E quando analisadas com o coração, que é a expressão sintética dos próprios sentimentos, exibe, com fulgor intenso, todo encantamento indizível que promana de sua singularidade emotiva.

Não ha festa popular, não ha folguedo de criança, não ha encenação festiva de um povo, que não contenham essa magia sentimental de agradaveis perspectivas. E através delas enxergamos todo anseio primitivo de recompor uma verdade histórica, oralmente transmitida pelas gerações passadas às contemporâneas, para nos ser contada com o brilho pitoresco das extravagâncias criadas pela imaginação do povo.

E, dessa forma, vamos vendo, no transcorrer das festividades, que os tempos por vezes alteram, um desenrolar de acontecimentos que se ligam a fatos bem remotos.

Os quilombos-folguedos, que se popularizaram para diversão de uns e *defesa* de outros, não relembra, assim, somente a aventurosa fuga do escravo para as bravias florestas alagoanas e a constituição de seu núcleo republicano, a contrapor-se à caça do fugitivo. Anota-se nas suas dansas e nas suas lamúrias, nos seus batuques e nos seus *candoblés* a profunda nostalgia provocada pelas saudades das terras distantes, ficadas na África, símbolo para eles da liberdade nas selvas. De relance, porem, na original diversão ressalta primeiro a evocação à macabra república de Zumbi, sedicada ao sudoéste da vila da Imperatriz, lá nas serranias da Barriga e Juçara, afrontando por sessenta e quatro anos de teimosia as autoridades que almejam destruí-la.

Ela cresce. Zumbi se prestigia...

Os quilombos relembram todos os episódios...

E quem a eles assistiu verá nas *dansas das taeiras* a reprodução dos meneios que as negras dos palmares realizavam para agrado de seu *rei*, repetindo os mesmos gestos coreográficos aprendidas e executadas nas plagas distantes, cujos écos rítmicos dos *tantans* ainda soam a seus ouvidos.

Os queixumes de seus versos trazem lembrança do martírio sofrido.

Dansa nêgo.
Branco não vem cá.
Se vié...
Pau ha de levá...

Relembram a crueldade do *negreiro* indo às terras nativas, lá nas misteriosas regiões de Angola, buscar da felicidade de sua gente, a *mercadoria viva*, que perdia a liberdade das selvas para sentir os horrores da senzala e a tortura do tronco.

Os quilombos vão desaparecendo. E' decadente a tradição. Que pena!... Seria sempre uma chama acesa para todos os tempos, recordando as agruras de ontem para fortalecer as agruras de hoje.

No entanto, ninguem se furtava em concorrer para seu brilho.

E o desenrolar do rito esquisito trazia a todas as almas um bem estar feliz, nelas despertando emoções bem gratas... Aprendia-se a dura lição da experiência, que leva o

homem a humanizar-se sempre e cada vez mais...

Mesmo com as suas inconsequências, essa a verdade, as festas populares importam numa sensibilidade que desperta pensamentos esquecidos e traduz uma religião de respeito e admiração aos fatos e vultos de outras eras.

Nem somente os quilombos animam essas emoções.

Ha divertimento mais simples e mais emotivo que o das *cheganças* de outros tempos?

Na lhanesa de sua liitúrgia domina toda a complexidade histórica de vários acontecimentos. Encena-se a ansiedade dos descobridores audazes, catando nos horizontes longínquos as terras almejadas e que se não divizam.

O pequenino gageiro é o pesquisador. Sobe, a cada instante, ao grande mastro do veleiro a ver se alem se distingue o ponto negro ou asas adejantes, revaladoras das margens cobiçadas.

Sobe... sobe meu gageiro
Meu gageirinho real...
Sobe, sobe ligeiro
A ver terras de Portugal...

As canções são suspiros e gemidos que se soltam diante da tortura que se passa, motivadas pelas crueis espectativas do desconhecido.

O desconhecido atrai... Mas martiriza a indecisão em que nos coloca.

Mar e céu... Ondas gigantescas fazendo brinquedo de pequeninas náus, nonadas para sua força. Nuvens ameaçando terríveis tempestades que destruirão mastros e velames e quiçá o próprio casco da embarcação.

A terra será a salvação...

E o gageiro a vê... E' o gageiro delirante de entusiasmo, gaguejante de contentamento a anuncia...

Avistei... Meu comandante, avistei...
Terras ao longe, avistei...
Terras ao longe, avistei...

Em meio dessa subjetivação de cenas de apreensões as cantigas feitas aos pedaços vão momosamente descrevendo, então, a confusão de outras cenas ocorridas em outras eras e sob outros aspectos, misturando-se na singeleza evocativa das descrições, promovem a originalidade de diversão.

Nos pensamentos incultos do povo correram as notícias de todos os acontecimentos marítimos: lutas para as conquistas de novas terras, combates a pirataria dos bucaneiros ardilosos, guerra sem tréguas aos mouros ardentes.

E tudo vem junto, amalgamado em versos desconhecidos e ritmado em músicas dolentes de maestros anônimos.

Os séculos deixaram longe a época dos feitos... Mas, a gente do povo não os olvida e procura enobrecê-los a sua maneira. E a rememoração bizarra desses episódios longinquos desperta na alma nativa, por um atavismo inexplicavel, mas compartilhando de suas realizações.

Não ha festa popular, dessas nossas que se realizam pelo Brasil imenso, que não possua a sua grande e mágica filosofia de encantos e ternura.

E' a linguagem do passado que expressa e descreve os cosmoramas de cenas vividas naqueles tempos...

Por mais extravagante, ela sempre encontrará, assim, raizes profundas numa realidade histórica, mesmo transplantada do *habitat* de outros povos para aqui aportados e que elementaram a formação de nossa raça.

Os batuques, reminiscência do *tongtong*, praticado selvagemente nas aldeias longiquas dos ancestrais de africanos, para aqui importados, misturaram-se e estilizaram-se, sob os aspectos mais interessantes, nos *reizados* e nas *congadas*.

Suas músicas, suas canções, seu ritual, todas as cenas por mais simples, recordam e exprimem outras cenas e outros fatos que a religião afro propugnava e solenizava nos momentos mais empolgantes daquela vida, que não poderia ser esquecida, mesmo por outra gente que lhes perpetuou a raça e os costumes.

Examinem-nos os sociólogos, entendam-nos os psicólogos. E verão o ressalte de magnificos e dignificantes aspectos do sentimento afro, amalgamado com a alma nativa dos selvagens da terra de Vera Cruz, e glorificado pelo elemento luso colonizador, influindo na implantação de nossos hábitos e dignificando o nosso passado.

Estão fenecendo as lindas práticas dessas uzanças festivas. E' pena... Hoje que, para remarcar a posição histórica dos povos, se ha procurado reviver glórias passadas, não se deveria permitir o esquecimento dessas festas.

Seria útil que se firmasse a sua mantença, resguardando-se sua realização com todos os seus estilos singelos.

Ja que não se possa, talvez, deter a marcha da destruição desses costumes tão belos, que o próprio povo vai olvidando diante dos novos e imperiosos encargos, que o dinamismo da civilização atual lhe vem trazendo, ao menos dever-se-ia teatralizá-los para que se não perdessem nas brumas do passado.

Embora não sejam lendas, não invoquem boi-tatá, saci-pererê, iára, mula sem cabeça, que tantas sensibilidades trazem aos corações de todas as idades, possuem um poder empolgante e emocional. Trazem, assim, vibrações aos sentimentos e fulgores aos pensamentos.

Diante de *seu doutor*, que é no *reizado*, o médico-veterinário *curando o boi que morreu*, atarefado pelas impertinências do *mateus*, o bôbo da côrte desse reino singular, não ha alma por mais dura, que não se amoleça um pouco e sinta os afúvios dessa desconhecida evocação de apreço ao irracional de estimação, como se fora o próprio Apis idolatrado pelos poderosos faraós ou o totem de sua gente.

E quando o boi se cura, *ressucitando*, e vem a luta dos mouros com os cristãos, nem se põe em dúvida a referência visivel às dolorosas recordações das lutas da humanidade cristã contra o poderio selvagem dos saladinos e dos muçulmanos pagãos.

Em realidade, pois, a nossa e a história alheia teem, aí, no colorido encantador de semelhantes cenas, as mais variadas ilustrações vivas, compondo um todo vibrante e delicioso, com um fascínio estonteante e imprevisto.

Devemos, por isso mesmo, desvendar-lhes os segredos. Auscultar-lhes as palpitações. Sondar-lhes o significado. Teremos, assim agindo, interpretado com justiça e razão toda a magnificência dos prodigiosos mitos evocativos, que tais festas e tais tradições representam para o nosso povo e para a nossa história.

A Sombra de Leibnitz

Tomaz Murat

Todos nós temos a nossa "noite metafisica", a nossa noite leibnitziana. O mistério, que é a máscara das coisas, agita os circulos dos pensamentos, os velhos dias e os velhos silêncios nos vão caindo na alma, como a cinza da alma. E a frase de Paul Valéry, "bem sabemos que a terra aparente é feita de cinzas, e que as cinzas representam alguma coisa" surge ao nosso espirito como uma realidade profunda.

Há livros que nos trazem, nas suas páginas inquietas ou serenas, o belo mistério dessas noites de meditação e de recolhimento, que fizeram a sabedoria de Parmenides. Assim me pareceu o livro do Sr. Freire de Brito — espirito sutil de pensador.

Ele pertence realmente à raça de intelectuais que trazem de longe, o seu pensamento, e trabalham as idéias com o relevo e a marca duma originalidade incomum. Aprás a esse escritor as longas excursões aos Alpes glaciais da meditação, sentindo-se bem nessas viagens sómente recomendáveis a quem respire a plenos pulmões nas alturas transcedentes do raciocinio e da metafisica. Percebe-se que não escreve senão para buscar a invulgaridade. Parece singular o esforço de tal espirito para fugir às regras vulgares da arte afim de não se confundir com a plebe, com os habitantes da Liliput literária, rumorejante e sussurrante como um punhado de vespas zumbidoras. No seu livro evita-se todo o rumor inutil. O seu pensamento tem a cintilação serena do silêncio criador e as suas frases, harmoniosas, não levantam em torno a poeira dos caminhos da meditação.

Desde o limiar do livro, senti a mão agil do geometra traçando largamente em páginas sutis, estranhos problemas de raciocinio, ancioso de agitar formas novas, de criar novas dimensões ao pensamento sendo um escritor, portanto, que deseja ir alem das fórmulas fixadas, dos limites das velhas regras preestabelecidas, fazendo da cultura um simples meio de ação para as idéias, emquanto outros já fazem a própria essência do que escrevem.

O Sr. Freire Brito possue, alem disso, um estilo refratário aos coloridos derramados, às metaforas excessivamente vistosas, não sendo de modo algum um lenhador das florestas hugoanas, um agitador de imagens. A imaginação tropical, rasgada em perspectivas suntuosas, ele antepõe a fria linha da análise, o raciocinio severo, e uma realidade clara e direta. Tudo isso não está por ora no gosto e na sensibilidade do nosso público, mais instructivo que intelectivo. Falta geralmente aos nossos ensaistas o espirito de análise, sobrando-lhes o sentimento da poesia.

Escrevemos por imagens. Amamos a música e a curva dos horizontes, a curva e a música da alma, rica em perspectivas e cenários. Fascina-nos o barulho plebeu dos vocábulos e a idéia, no seu desenho simples, não nos seduz. A cor, imagem da vida e o movimento, imagem do tempo, dão à nossa arte e ao nosso pensamento, toda a sintese da tragédia do espirito humano. Fugimos à realidade concreta para precipitarmo-nos na fuga das realidades e das formas misteriosas das coisas. Atrae-nos irresistivelmente o espirito alado das ficções, o fumo azul da fantasia.

Por isso, a prosa do Sr. Freire de Brito, desenhista de idéias, com a sua túnica de prégas ritmicas, surpreendeu-me logo às primeiras linhas, traçadas fortemente e nitidamente, sem contornos ondulosos, mas com uma precisão matemática.

Para inteligência desta hierarquia, deve coexistir em todo pensador, mesmo em todo artista, uma geometria latente, "le géometrisme latent", de que fala Bergson. Sem geometria não há realidade. A própria imaginação — que é o elemento trágico da nossa personalidade — e, portanto, o elemento que nos põe em contacto com o mistério, só atinge a sua plenitude com a geometria. Para Edgard Põe, realmente, como já notou aliás Camille Mauclair, o próprio mistério era matemático. Não exageramos ao afirmar que todas as coisas na natureza obedecem a uma idéia de número. E assim, tambem, em nosso espirito. Verdadeiramente tudo na vida e na alma humana é uma matemática. É a matemática espiritual que se chama Pensamento e a matemática fisica que se chama Mecânica: — a

(Conclue no fim do ANUARIO)

A Poesia a serviço da História [1]

Nem só com documentos oficiais se escrece a história.

A epistolografia particular e a poesia são, tambem, auxiliares preciosos especialmente no que respeita a interpretação de certos acontecimentos e, mesmo, feitos militares.

No A. B. L. de 1939 divulgamos duas preciosas poesias sobre Barbacena e a famosa batalha do Passo do Rosário.

Hoje divulgamos preciosos documentos poéticos sobre a chamada "Guerra do Rosas", escritos da companha pelo *cap. Francisco Márques de Oliveira* a um amigo, sargento que se encontrava na guarda da fronteira do Rio Grande.

Para maior claresa, faremos diversas notas e comentários à epistola e poesias do capitão-poeta.

Eis a carta:

"Amigo Alano (2). — Aquí atado ao palanque não me é possivel ir retouçar um pouco por essas coxilhas; e assim me vejo apartado dos companheiros, creoulos lá de meus pagos; vou portanto *arrolhar* estas letras na canhada desta folha de papel, e depois as farei repontar para esse acampamento, estimando que elas o vão achar alentado e de saude.

O tempo corre mais que nem um bagual com um couro crú na cola, e nem a tiro de bolas se pode apanhar a que já se passou; e nós desgarrados por estes campos vamos pastando as carnes e ficando rosilhos-mouros, longe da querência, passando sempre uma vida de cachorro chimarrão: ainda hoje me lembrei do tempo em que era meio rufião; no que via uma moça linda, já me endireitava todo, e trocando orelha, logo, sem me parar estaca, lhe ia dizendo pelo teor seguinte:

"Os olhos de minha amada,
Ardem mais do que um tição,
e as faiscas que lançam
salpicam meu coração."

E se ela se parava um tanto *mesquinha*, já lhe largava este outro:

"Não sejas arisca, bela;
basta para meu castigo
que seguro já me tenhas
com maneia e pé-de-amigo."

Não quero, porem, me recordar destas coisas que me fazem ficar aguando, e de golpe, mudando de rumo, trataremos de outro assunto.

O que diz amigo Alano
do que toca ao nosso pleito? (3)
Viver assim desse jeito
não me agrada.

De certo é vida arrastada
a nossa por este lado,
dormindo como veado
na coxilha. (4)

Rosas com sua quadrilha
de *blancos* em Buenos Aires
dizem que já armou os *frailes* (frades)
contra nós.

Ha de esse monstro feroz
exprimentar desta feita
aquilo que o diabo engeita
no inferno.

Deus queira que neste inverno
o caudilho degolado
não vá de presente enviado
a Satanaz.

E como joga com az
e sem manilha de espada,
ha de arriscar na parada
o az de copa (5)

---

1) — Veja-se o A. B. L. de 1939.

2) — *Alano* era um sargento, sargento João Alano, do 2º regimento que nesse tempo era comandado por Osorio. Os versos lhe foram dirigidos por um camarada que se achava na margem direita do Rio da Prata.

3) — Refere-se à guerra contra Rosas.

4) — Alusão à situação da divisão brasileira na margem direita do Prata, junto a Buenos Aires, sob o comando do general Marques de Sousa, que passou o rio para ligar-se com Urquiza e deporem o ditador Rosas.

5) — Alusão ironica às pretensões de onipotência do ditador.

E depois mandará a tropa
a *general* Manoelita,
essa guapa señorita
mui afamada. (6)

Carga seca e denodada
por Deus que lhe hei de fazer,
e si o pai aparecer...
— passa de largo!

O seu trato é bem amargo,
e somente para brincar
gosta de fazer tocar
a Resvalosa. (7)

Dessa fera tão danosa
Deus nos livre, amigo Alano,
eu quero gozar este ano
da nossa terra.

Este país sempre em guerra
tudo trás em calções pardos,
os campos só criam cardos
e gafanhotos.

Feijão chamam de *poroto,*
a batada — *cacaraxa,*
e o que chamamos cachaça,
eles dizem *caña*. (8)

E por aqui tudo é manha,
tudo é burla e tudo é pêta,
todo o cavalo é macêta
e rodilhudo.

Todo o gaúcho é peludo,
todo o matungo é matreiro.
Em cima disso o pampeiro
nos assola.

Ora sebo, isso me amola
e me faz desesperar;
tomára já me pilhar
nos meus gagos.

"Mas, caramba! amigo João!... Agora mesmo ouvi dizer que você se ia cortar, que nem tento, e que desta feita se atirava a nossos pagos, e eu aqui fico relinchando, como potro corrido de manada.

Ah! Saudade!... que não possa eu fazer o mesmo, e sair-lhe grudado como carrapato na costela de animal peludo. Enfim, Deus o leve a salvamento, e quando lá chegar diga aos nossos patrícios que

Eu cá fico penando
mais triste que a saracura,
que, quando adivinha chuva,
o seu canto mais apura.

Mas que estou eu fazendo, amgio Alano? O meu engenho, bastante estropiado, não se pode aguentar no pedregal da poesia, e o sentimento que me causa sua partida me põe de uma vez bichôco, de forma que, lacerado pela saudade,

vou dar-lhe a despedida,
como deu a gaturama,
que se despediu dizendo:
muito padece quem ama.

Deste seu patrício
Francisco Márques de Oliveira.

Deste mesmo oficial é o soneto seguinte, dedicado

Ao General D. João Manuel de Rosas.

Eras bagual matreiro e quebralhão,
que couce e manotaço meneavas,
foste touro que o laço rebentavas,
furioso, atrevido, chimarrão.

Eras tigre sanhúdo, um leão,
que tudo quanto vias devoravas;
eras zorro manhoso que zombavas
do mais farejador, ligeiro cão.

Hoje és lerdo matungo, vil sendeiro,
novilho, boi de carro, estropeado,
e em vez de leão, manso cordeiro.

Jogaste mal e foste codilhado,
mas emfim tu desceste do poleiro,
já um cigarro não vales, mal fechado.

---

6) — Manoelita, filha de Rosas, terrivel e sanguinária como o pai.

7) — *Resvalosa* era o nome de uma mazurca que o ditador costumava mandar tocar nos momentos de fuzilamentos e degolamentos. A sêde de sangue desse temivel caudilho chegava ao ponto de mandar degolar todos os seus inimigos politicos e exigir que as cabeças lhe fossem enviadas. Era, dizem os contemporâneos nesses momento que ele se sentia mais satisfeito.

8) — Ainda hoje, no Rio Grande do Sul, mormente na fronteira, denominam *canha*, ou caninha, à cachaça.

A vida noturna de Marcel Proust

Brito Broca

Ninguem mais do que Marcel Proust sentiu a influência demoníaca, o sortilégio da noite. Na sua biografia, aquilo que podemos chamar de vida noturna desempenha um papel extraordinário. Ele chegava a passar semanas sem ver o sol, gabando-se até de substituir-lhe a luz para colher certas impressões da natureza, como no famoso caso das rosas, apreciadas ao clarão de um farol de automovel.

Moço rico, ninado pelos pais, Proust pôde, desde cedo, entregar-se à existência que melhor convinha ao seu temperamento a de um assíduo frequentador dos salões, um galã mundano. A vida mundana é, por excelência, noturna. Adolescente, Proust já adquiria o hábito de recolher-se de madrugada. Mais tarde, usofruindo os fartos rendimentos da herança materna, continuou a passear a sua curiosidade apaixonada pelos salões e "etablissements de nuits" até ao romper da aurora. Era figura conhecidíssima nas rodas parisienses, comparsa típico dos "grill-rooms" e dos "lieux de plaisirs", e tanto se extremou nessa existência aparentemente frívola e superficial, que não queriam levá-lo a sério, quando "A l'Ombre de Jeunnes Filles en Fleur" começou a produzir os primeiros rumores nos meios literários de Paris.

Ninguem podia imaginar que aquele moço rico e displicente, meio afetado nos seus requintes, possuisse um olho agudo como o de Balzac, e tão assombrosa faculdade de decompor a realidade. Foi, percorrendo à noite os ambientes mundanos mais brilhantes da grande cidade, sempre impecavel na sua casaca e na doçura de uma elegância meio langue, que Proust colheu o material da obra formidavel que veio a construir. A noite serviu, portanto, de pano de fundo ao grande espetáculo por ele observado, tornando-se um elemento inseparavel do campo de experiência do escritor.

Mas, sobrevem a doença, — essa asma rebelde, que lhe torturou boa parte da existência. Ele já não pode atender assiduamente aos convites, é obrigado a restringir cada vez mais suas frequentações mundanas, até afastar-se por completo dos recintos iluminados e festivos para encerrar-se no silêncio de um apartamento calafetado.

Chegára o momento de reviver todo o panorama sobre o qual incidira o raio X daquele olhar poderoso, de vingar-se da realidade, reconstruindo subjetivamente a própria realidade, de prolongar a vida, saindo em busca do tempo perdido.

Alguns doentes de asma passam melhor à noite do que de dia. Proust procurava tirar o máximo de proveito possivel das horas em que se sentia menos oprimido pela moléstia. Mas, retirando-se para o leito, ao nascer do sol, ainda tinha diante de si a espectativa da insônia, vencida à força de hipnóticos, segundo o testemunho do seu biógrafo Leon-Pierre Quint. No dia seguinte, como a ação depressiva dos soníferos se prolongava, era obrigado a recorrer ao estimulante da cafeina. A insônia determinava assim um desarranjo completo na existência desse homem, que se valendo de expedientes artificiais para manter o jogo das energias, acabava por viver artificialmente. Já não tinha hora de dormir nem de ficar acordado. Ia tudo ao sabor das oportunidades, das disposições momentâneas, com o auxílio de calmantes e excitantes — as duas forças contrárias e estranhas que lhe equilibravam o organismo, à custa, naturalmente, de um sacrifício impiedoso da natureza. Isso fazia com que ele perdesse a noção do tempo, como nos mostra Leon-Pierre Quint, essa noção regulada pelo acordo dos nossos atos e os nossos gestos com os movimentos coletivos do mundo exterior.

A insônia permanente afrouxa no indivíduo o contacto com a realidade. As horas de comer e de dormir são pontos de referências de que nunca podemos prescindir totalmente, no ritmo dos nossos dias, sem prejuizo da harmonia do espírito. Deixar de realizar uma coisa, no momento em que todos a realizam é infringir uma lei, é romper a normalidade imposta pela maioria.

E a psicologia nos ensina que ninguem consegue viver bem, quando se coloca em conflito com o meio. Freud encontrou mesmo aí a origem das psico-neuroses.

Os boêmios, os que não dormem para divertir-se, e até os que trabalham à noite, e agem, portanto, no cumprimento de um dever,

acabam sofrendo essa desarticulação com o meio, de que resultam reflexos neuroticos. A própria crença de que a noite é má conselheira provem de um conceito social, segundo o qual, para boa ordem da coletividade, todos devem descansar o espírito nessas horas destinadas ao repouso. E a peor consequência da insônia reside no abatimento moral de que se queixam todas suas vítimas. O indivíduo começa a pertubar-se com uma certa conciência de culpa, como se estivesse cometendo qualquer coisa de condenavel; e as tentações horriveis, que diz sentir em tais ocasiões — idéias de suicídio ou de assassinato — testemunham logicamente o conflito. Já repararam na expressão estranha que há no olhar e nas maneiras dos notâmbulos inveterados? São, por natureza, caractéres anárquicos, em desentendimento com a sociedade.

A noite favorece os vícios e os prazeres proibidos, não tanto pelas facilidades materiais que ela lhe proporciona, quanto pela predisposição que a idéia do condenavel, do irregular desperta no espírito dos que não dormem.

Marcel Proust sofreu, de maneira profunda e radical, as consequências de suas vigílias. Habituado a deitar-se pela manhã nos áureos tempos de suas glórias mundanas, continuou, mais tarde, o mesmo hábito, flagelado pela insônia. Doente, sem poder encher de emoções agradaveis as longas madrugadas, ele consumia as horas em constante agitação, fugindo cada vez mais ao ritmo da vida normal.

Acontecia-lhe, às vezes, mandar chamar um amigo no meio da noite, para vir fazer-lhe companhia. E o amigo, incomodado no melhor do sono, não repelia o convite, porque conversar com Proust era um prazer tão raro e precioso, que ninguem poderia perder uma oportunidade, fossem quais fossem as circunstâncias em que ela se apresentasse. Outras vezes, era ele mesmo, que vencendo os tormentos da doença, ía surpreender um velho conhecido às duas horas da manhã.

Quantas idéias equivocas o Diabo não teria assoprado no espírito desse homem, que se acostumara a velar enquanto os outros dormiam? A solidão devia causar-lhe um certo pavor para levá-lo a exigir assim, em condições tão fora de propósito, a presença dos amigos. Ainda há detalhes desconhecidos e irrevelados na vida de Marcel Proust. Quanto considero os fundamentos de sua obra observo as singularidades dos seus hábitos, acho incompleta a tarefa dos biógrafos, mesmo a do minucioso Leon-Pierre Quint.

Que se sabe, por exemplo, sobre os amores de Proust? Até onde a situação sentimental e moral de suas personagens refletiriam o autor? Em qual delas ele teria posto mais de si mesmo? Em Saint Loup, em Swan, em Morel, em Bergote ou no famoso Charlus? São interrogações que a indiscreção da crítica ainda não devassou. E isso me faz pressentir um mistério cada vez maior nas insônias do romancista — horas em que ele procurava conjurar os gênios maus das trevas, repetindo aquele psalmo de David: "Preservai-nos, Senhor, das coisas terriveis que andam dentro da noite"!

EXPRESSÕES LITERÁRIAS

Do "Complexo de inferioridade"

(O "Humor" de Machado e o "Estilo" de Euclides)

Peregrino Junior

Embora conhecido de velha data, só em 1907 foi o singular fenômeno do "complexo de inferioridade" — "Minderwertigkeits Kompiex" — colocado em equação, com determinismo científico, no terreno da psicologia. Confirmando a capacidade antecipadora da arte, (oh! o citadíssimo paradoxo wildeano!) Shakspeare, Montaigne, Stendhal, Goethe, com uma profunda intuição, adivinharam a existência daquele estado de espírito, que só muitos anos depois os psicólogos fixaram e descreveram. Pierre Janet, Freud e Jung revelaram uma compreensão penetrante e lúcida deste novo capítulo da moderna psicologia individual e coletiva. Contudo, devemos, sem sombra de dúvida, a Alfred Adler, professor do Long Island Medical College, a sistematização e o estudo da importância pragmática dos "sentimentos de inferioridade", quer no plano somático, quer no plano anímico. Depois dos trabalhos fundamentais de Adler, o "inferiority complex", na vulgarização clara e oportuna de Holub e Brachfeld, ganhou grande popularidade, transpondo os limites técnicos dos laboratórios de psicologia, para interessar todos os espíritos. Desde então o assunto deixou de ser privilégio dos psicólogos e psiquiatras profissionais, para estender a projeção do seu interesse a todos os setores da cultura, preocupando ao mesmo tempo os historiadores, os sociólogos e os críticos literários. Compreendendo desde logo a importância e a extensão de tão interessante fenômeno psicológico, alguns autores deslocaram o seu estudo para o plano da história, da política, da literatura, da arte. E foram então descritos os "complexos de inferioridade" da dinastia da Austria e dos Borbons na Espanha, de Henrique IV de Castela, de Eduardo VIII da Inglaterra. No plano da política e da sociologia, Otto Rühle fez a análise de Carl Marx, estudando seus "complexos de inferioridade" física e social, para explicar o marximo, estudos que foram ulteriormente ampliados por C. Berneri. Brachfeld refere os estudos, no gênero, sobre o anarquismo de Brahunin, cuja causa profunda era um complexo de inferioridade sexual. Segundo modernos estudos, o traço predominante da psicologia das chamadas ditaduras totalitárias é um sentimento de inferioridade: o fascismo e o nazismo nasceram das humilhações militares da guerra de 1914: um triunfo sem glória, uma derrota sem piedade. Ao que observou Aldous Huxley, os fascistas italianos deixavam crescer a barba, para parecerem mais terríveis. O mesmo disse Henri Man dos movimentos de reivindicação proletária. Heiden explicou as brutalidades do regime de Hitler como um sintoma de "Minderwertigkeitz". E Snowden procurou interpretar as reivindicações das raças de cor (amarela e negra) vítimas de uma autêntica "psicose de opressão", como consequência de um coletivo complexo de inferioridade. Aliás, Guilherme Reich ("A crise sexual") encontrou uma solução para o problema na reeducação sexual. Reeducar a sexualidade implicaria em descarregar o homem de violentas cargas emotivas e lhe permitiria dar maior rendimentos do seu esforço no terreno cultural e político", conforme o demonstrou Gunar Leitikow. No terreno literário, tambem, encontramos a cada passo as marcas fundas dos "sentimentos de inferioridade", cuja influência se projeta com nitidez na obra de certos escritores. Duas coisas se me afiguram sintomas literários de "sentimentos de inferioridade": o "estilo" (no sentido que se atribue a esta palavra entre nós) e o "humor". Ambas são expressões inequívocas de supercompensação psicológica: o "estilo" é uma evasão das deficiências criadoras, culturais, intelectuais, ou físicas, de certos autores, que com o brilho a be-

leza formal, a sonoridade ou a extravagância da sua prosa, conseguem cobrir as falhas que imaginam existir na sua personalidade. O "humor", como a ironia e o sarcasmo, eis outro sinal de "sentimento de inferioridade": disfarce transparente do ressentimento humano, social ou afetivo do artista, que assim se vinga, se desforra e desabafa. Temos na literatura brasileira dois exemplos tipicos dessas duas categorias do "inferiority complex" — Euclides da Cunha e Machado de Assis. Euclides — franzino, feio, timido, sexualmente débil, carregava consigo o drama de um terrivel "complexo de inferioridade", que desencadeou na sua vida várias explosões de revolta, até encontrar sua sublimação literária naquele estilo precioso dificil, grandiloquente e retorcido. Do "complexo de inferioridade" de Euclides nos dão noticia os seus biógrafos (principalmente Eloi Pontes, o mais completo e documentado de todos): vivia preocupado com o pouco que produzia no Itamarati, deixou o Exército por incapacidade para o serviço militar e ao publicar "Os sertões" fugiu do Rio temendo a opinião dos leitores e o julgamento da critica. Ao que conta João Luso, quando o livro ia surgir, ele escondeu-se num logarejo do interior, aterrado, como uma criança, diante da ameaça de um terrivel castigo. E dos tormentos que padeceu nesse momento ele próprio nos deu noticia numa página tocante de confissão. De Machado de Assis todos os biógrafos e comentadores, unânimes, referem o "complexo de inferioridade", que nascia das contingências infelizes da sua origem e da sua saude: pobre, humilde, mestiço, gago, mofino e doente. O pudor da humilhação, a vergonha da origem, a melancolia da doença — eis a base triangular do seu "complexo de inferioridade" ("aquela desconfiança de si mesmo que por vezes o fazia parecer implicante e orgulhoso"). E toda a sua vida teve o ritmo marcado pelo drama dessa inferioridade, cuja tristeza ele tanto procurou disfarçar e enconder: a hulmidade, a cor, a doença. A super-compensação psicológica desse "complexo de inferioridade" encontrou-a ele na ironia, no carcasmo, no "humor". A sua atitude literária de negação sistemática, de amargura universal, de mordacidade reticente, de atroz e permanente pessimismo, foi uma evasão dos estigmas tristes da sua condição social e humana: vingava-se por esse meio da sociedade, da natureza e da vida, não poupando nada, nem ninguem... Afrânio Peixoto definiu certo: o humorismo é a represália do espirito ao sofrimento. Está dito tudo. Ambos tiveram, alem desses, outro sinal importante de "sentimento de inferioridade": o carater apolitico. Segundo Guilherme Reich, "o homem apolitico é o homem absorvido por conflitos sexuais" (o caso de Machado e o de Euclides). Reeducar-lhes a sexualidade teria sido talvez uma solução adequada para o seu problema individual, facilitando a descarga dos seus violentos conflitos emotivos, e permitindo a utilização completa de todo o seu esforço cultural em beneficio da sociedade. Não creio que se possa contestar essa limpida verdade: Machado e Euclides carregaram, na vida, o mais pesado e o mais triste dos fardos: um incuravel "complexo de inferioridade". E desforraram-se da natureza — eis a represália do espirito, de Afrânio Peixoto — por dois modos diferentes: um apelando para a arma sutil e mansa do "humor"; o outro, recorrendo ao barulho sonoro e aritmico de um grande "estilo" literário. Ambos fizeram assim a confissão de uma profunda melancolia interior, sem fim e sem remédio.

Não direis onde ele vive

de Jenny Pimentel de Borba

O homem, nesse dia, começou encomendando, pelo telefone, uma linda moldura. Até aí nada de anormal, e a esposa guardou a curiosidade de saber para que seria.

Seguiu os movimentos do marido que, deixando o fone pegou de um metro e diante do grande espelho, com moldura trabalhada em jacarandá, tomava as medidas quadriculando a própria cabeça.

— Para que isso? — perguntou, divertida, a mulher, já habituada às palhaçadas do marido, que sempre lhe parecia muito original em todos os gestos e palavras.

O homem estava atento com a operação e continuou mudo.

Bico de Lacre levantou-se da poltrona onde amamentava o pequeno filhinho, carregando a criança e procurando guardar, atrapalhada, o seio. Aproximou-se do espelho e viu na superfície, refletida a bela face do marido com a expressão que teria o sábio ao gritar: Eureka.

E' bom esclarecer que Bico de Lacre não se chamava Bico de Lacre. Fora batizada com o belo nome de Epaminondas Prosérpina e o marido, não obstante a sua língua solta e gestos desabridos de quem estava assobiando durante as censuras da vida, sentiu um vexame todo banhado em pudicícia ao ter de chamar a mulher que, num momento de descuido, escolhera, de Epaminondas Prosérpina. Aliás, é preciso confessar que durante toda a sua curta vida de dezoito anos somente duas vezes seus nomes foram pronunciados: à pia baptismal e à beira do abismo. A beira do abismo, quer dizer, na linguagem do "Eu sou gozado!", o casamento. Somente.

A familia da noiva dera-lhe diversos apelidos, ora formando-os das finais como: Nonda e Pina, ou outros como: Nenê, Mimi, etc.

Para Temístocles nada disso estava certo e, por seu turno, deu mil alcunhas à esposa, amaveis, aliás, e cada dia chamava-a de modo diferente.

Isso divertia-a e, porque não dizer, tinha-lhe um certo sabor estranhamente sensual.

Temístocles... era inteligente, por isso na manhã de núpcias, ao em vez de gritar: O' Prosérpina! fê-lo assim: Oh! Diaba; porque sabia que um é sinônimo de outro.

A recem-casada, que estava no banheiro, assustou-se, não porque receiasse os criados. A casa era grande e o apartamento íntimo do palacete ficava bem reservado. Afinal, a verdade é que se assustou e, antes de atender ao marido, esperou segundo chamado. Quasi em seguida Temístocles gritou mais alto, à moda das canções suiças, mas desafinando: Oh!... diaaaa... ba...

A moça correu (parece que até eu estou sem graça para escrever os nomes dela) para o quarto e não pôde levar a efeito a reclamação. Temístocles estava de cócoras, apenas com uma sunga de banho de mar dansando como russo, principiante de bailados.

— Eu sou gozado, não sou? — e, embora com dificuldade, veio-se arrastando até a mulher, que ria, ria, em pé na porta.

O marido deu um salto a Serge Lifar, colocou os dedos indicadores na fronte, antecipando pequeninos cornos, e com esgares de fauno avançou para a jovem esposa, que nem teve a idéia de se assustar. Agarrou-a, esquecido, agora, das suas palhaçadas, todo assanhado de desejos.

A mulher, choramingando, arengou:

— Por que você me chamou de diaba?

— Ora, Nutrida, você bem sabe que não gosto de dizer o seu nome: Epaminondas Prosérpina, Nenê, Nina, Mimi, etc...

— Você disse, você disse, agora e com todos os meus apelidos de casa.

— Escute, Etcaetera. (ele proporcionou letra por lerta).

— O que?! Etcaetera?

— E' etcaetera. Etcaetera (falou certo) é outra coisa. Você agora é Etcaetera. Escute: (a mulher riu-se) eu já disse que sou um cara sem vergonha, que estou me mimando p'ros outros, que tanto se me dá andar bem vestido, como os fundilhos rasgados espiando o mundo pelo rasgão das calças, que ficaria indiferente e clássico, numa atitude diogeneana, nú, nú em pelo na praça pública; não tenho vergonha do corpo, porque penso que se há quem deva vexar-se é ele dos meus pensamentos. Mas, não precisa arregalar os olhos assim, dona Diaba, eu...

— Outra vez?

— Então, que culpa tenho desse ser o seu nome de batismo?

— Meu nome?!!! De batismo?!

— Então, minha bela mentecapta, não sabe que Prosérpina é a rainha dos infernos, a diaba em figura mitológica? Não precisa ficar encabulada, o reino dos céus é dos ignorantes e humildes...

A mulher não se ofendeu, porque tudo isso era dito misturado com afagos, carícias e etc.

— ...eu, por exemplo, — continuou Temístocles, até te conhecer, costumava conversar sozinho e dizia: Olá, sem vergonha!

— P'ra quem você dizia isso?

— Aquí, pr'o Dégas, homessa!... Mas desde o dia em que tu me disseste o teu nome sinto uma vergonha incrivel, a vergonha de todas as vergonhas...

— Ah!... não seja absurdo. Isso é vontade de ser original — atreveu-se a mulher de tantos apelidos, a dizer.

— Está bem. Diga-me uma coisa: tu eras capaz de bancar a Lady Godiva?

— Lady, o que?

— Lady Godiva, Lady Godiva, a tal do cavalo branco da cor do de Napoleão...

Os olhos de Epaminondas Prosérpina, encaravam o marido com certo respeito e alguma admiração, pois era a primeira vez que ouvia pronunciarem daquela forma tal nome, ela que sempre escutara dizerem-no à brasileira.

— Vamos, Nutrida, responda, ou tu não sabes a história de "certo conde normando assolador e hirsuto..."

— Sei, sim, ora essa.

E continuaria, enfático, a recitar se a mulher não o atrapalhasse:

— Então? Eras capaz de sair, pela Cinelândia ou pelo Lido, pelada, peladinha da silva, sem nem ao menos o recurso da célebre cabeleira de ouro, montada num burrico?

— Que idéia mais boba, meu nego.

— Oh! brinque comigo, brinque com o chefe, responda, pediu, meigo como um inocente o fauno do marido, segurando a esposa, gorduchinha, com as garras peludas feito King-Kong — responda: tinhas vergonha, não é?

— E' claro.

— Pois eu tambem.

— De bancar a Lady Godiva? (Epaminondas Prosérpina, pela primeira vez pronunciava certo esse nome e embora ficasse a ouvir o som que este tomava em sua voz, ria-se perdidamente.

— Não seja ridícula, exclamou, meio aborrecido Temístocles. Vá gozar sua avó. Tenho essa mesma vergonha de dizer o teu nome, como o não sinto ao falar em coisas sujas. O teu nome é imoral, é indecente, é pr'a lá de obceno. E eu tenho recursos para evitá-lo com um jogo (a esposa foi-se esgueirando, esgueirando, desvencilhou-se do marido, e discretamente levantou-se da cama).

— Onde vais?

— Vou descer. Estou com fome.

— Nutridinha assim e com fome. Ah! Ah! — disse meio irônico. Aperte aquele botãozinho lá, atrás das minhas calças, no quarto de vestir, penduradas nos abat-jours de parede. Bem se vê que não estavas habituada à vida de lord, como eu.

Epaminondas Prosérpina, baixinha, gorduchinha, nem feia, nem bonita, diante dos espelhos artisticamente arranjados para refletirem em diversos ângulos, começou vaidosa e com uma ponta de orgulho a se compor, querendo bem ver, se como dona daquela linda residência, seus olhos estavam maiores e seu rosto havia já adquirido uma aristocrática beleza.

Sem sequer bater, um criado, com um summer de linho branco, entrou empurrando uma mesa carrinho com café, leite, pães, biscoutos, e duas laranjas já descascadas, como a primeira refeição dos grandes hotéis. Cumprimentou, indiferente, a novel patroa, para em seguida, amavel, indagar do dono da casa se devia deixar o café, alí, no quarto de vestir na mesinha do centro.

— Faça como quiser, Pé de Lã, mas traga o meu "break fast king" aquí na cama, como de costume. Epaminondas Prosérpina estava deslumbrada com o criado. Só em cinema vira coisa semelhante. Voltou ao quarto, e se lhe deparou o marido sentado como buda, com um papel e um lapis na atitude de um pensador, formulando seus conceitos. Sentou-se discretamente, numa poltrona, respeitando a presença do criado que se curvava para por sobre os lençóis a bandeja com a chícara de café com leite, do patrão. Este, interrompeu a meditação, dizendo:

— Olá, bichão. Como vais do peito?

O creado sorriu, divertido. E Prosérpina pôsse a pensar, com pena, no criado que lhe parecera um hércules e que entretanto era tísico. — Que horror! Como é que o marido conservou um tuberculoso em casa?

Temístocles, como se lhe adivinhasse o silêncio, foi dizendo:

— Que tal achas o meu valet de chambre? Êta animal duro! Tão burro que nunca teve uma dôr de cabeça. Pé de Lã já está comigo há um bocado de tempo. Antigamente eu o chamava de Atlas, não era Pé de Lã?

O criado aquiesceu sorrindo, e menos indiferentemente foi buscar a mesa-carrinho para servir a senhora. Esta parecia um espectador que não compreendesse bem as cousas.

— Veja só, Pé de Lã, quantos nomes eu achei com esses dois; não ria, não: minha mulher não tem culpa de ter sido batizada dessa forma.

Epaminondas Prosérpina preferiu dissimular o odio e beber o café antes que se esfriasse, dando as costas ao marido.

Percebeu que Pé de Lã devolvia, sem uma palavra, o papel ao patrão. Este perguntou-lhe:

— Quantos nomes achaste para aquele de ontem? E' dificil, não é?

O criado parecia mudo. Prosérpina voltou-se e viu-o entregar uma folha a Temístocles. Interessou-se, quís ver, tambem, ao que o marido respondeu:

— Este não. Uma senhora fina não deve ler bobagens. Veja o que consegui com os teus nomes.

E a esposa, surpresa e encantada, tomou do papel. Ao alto, Epaminondas Prosérpina, separados pelo risco feito com o papel dobrado. Os nomes serviam de chaves, assim:

Epaminondas	Prosérpina
espada	pernas
ondas	propria
minas	propina
nomes	serro
pai	rosina
miados	rosa
donas	nariz
miope	naso
	pipa

E enquanto a recem-casada lia, o marido exclamava: "Eu sou gozado, eu sou gozado..."

"Eu sou gozado", era gozado mesmo. Rico, dono de um maravilhoso palacete que ele mes-

mo arrumara, mudando, sozinho, os moveis pesados, para alterar o efeito das decorações, colocando sob os pés dos contadores e das mesas de jacarandá, flanelas para não riscar o assoalho e não aumentar o trabalho dos criados, divertia, enormemente a esposa, que às vezes, só para lhe não dar o gosto, fingia-se contrariada.

Pé de Lã era um faz tudo e um faz nada na casa de Temístocles. Tinha o emprego de criado de quarto mas folgava como mordono e quando Temístocles chegava era como se Pé de Lã aguardasse um amigo, mais que isso, um camarada.

Quem atendia à porta era Pé de Lã; apertava do hall o botão elétrico para escancarar o portão da garage ou abrir o das visitas, mas quando Temístocles estava em casa, iam, ambos para o vestibulo e enquanto o criado comprimia o botão o impagavel dono da casa espiava por um pequeno óculo colocado na almofada de madeira que de fora parecia um minúsculo orifício mas tinha o poder de aumentar a visão, como lentes prodigiosas, deformadoras, feito espelho da Feira de Amostras.

Temístocles ria, ria das expressões caricaturadas pelo vidro de aumento e inumeras vezes dava lugar a Pé de Lã, dizendo:

— Veja, como essa Condessa da igreja, mas judia no nome nas usuras, está com a cara que devia ter. Veja, só, que impagavel.

Muitas vezes o criado dominava-se, outras perdia a compostura, e enquanto, patrão e empregado, afastavam-se do hall às gargalhadas, a visita que esperasse ou insistisse na campainha da porta.

Não adiantavam as admoestações da esposa, pois o marido agarrava-a pelas mãos, em corrupios, dizendo como um menino travesso:

— "Comme c'est rigolo! Comme c'est rigolo!"

— Rigolô é você com essas maluquices.

Maluco ou não. Temístocles era divertido: tão alegre, que muita gente o tinha por detraqué, sem se dar ao trabalho de dissimular tal opinião.

— Pensas que não sei? — perguntava ele certo dia à mulher. Todo mundo julga-me tantã. Enquanto isso "le roi s'amuse" e não perde um vintem nas suas transações, porque julgando-me tolo ninguem se dá ao trabalho de temer-me e na hora **ypsilone** quem ganha sou eu.

A pesar disso sua casa era bem frequentada, não obstante desse poucas, pouquíssimas recepções. Divertia-se mais com os seus fantoches imaginarios e alegrava os seus intimos sem franquear a casa a um punhado de interesseiros que não sabiam dar valor à amizade.

Ao tempo da última assembléia legislativa fôra à sua festa um deputado, de quem se diziam horrores, devido a um passado escuso e inconfessavel. Este, muito orgulhoso e jactando-se da aproximação quotidiana com os demais membros do Parlamento, ao pisar nos belos tapetes de Temístocles não se conteve, declamando:

—Sim, senhor! Que bela casa! Como foi que V. Excia. fez fortuna? Afinal, é tão moço!

— Dando facadas, ilustre colega. E afastou-se.

Comentavam não só a desfaçatez do anfitrião como a do parlamentar, mas este, ainda aturdido, entrou no grupinho para exclamar:

— Que cretino, que bruto!

Doutra feita um figurão da politica que sempre fizera pouco caso de Temístocles, tendo-o por um penetra, um intrujão, devido à sua alegria ingenua e à sua atitude tímida de Zé Ninguem, sabendo, estupefacto, que os seus colegas mais bajulados iriam à uma reunião em casa de Temístocles, foi tambem. Mas estava danado comsigo mesmo, por essa humilhação, e no melhor da festa, querendo magoar o dono da casa ou ofendê-lo, entrou a examinar detalhadamente, como num inventario as alfaias e os objetos de algum valor, da residencia do "Eu sou gozado", terminando por dizer, bem alto:

— Quem havia de dizer que o sr. com esses modos era dono de uma tão bela vivenda. Herdou-a?

— Não se perturbe, não a tirei em nenhuma rifa. Aqui, no Rio, a policia prende as respeitaveis matronas que vendem tômbola entre amigos. Foi mais ou menos assim: passando bilhetes, renumerados e bem remunerados.

Dessa forma deviam fugir da casa de Temístocles, mas não o faziam porque suas reuniões eram verdadeiras delicias, e ele, diferente de toda gente.

Imaginem que uma ocasião Epaminondas Prosérpina encontrou-o ensinando ao primogenito, de três anos, a atitude de Eros atirando a flecha, tendo diante de si uma estatueta de marmore, lindissima.

— P'ra que isso agora, meu Deus?

— Meu Deus?! Pensei que eu era apenas teu marido!

— Deixe-se de literatura e de cretinismo. Largue essa criança, antes que ela caia da mesa.

— Não seja vulgar, dona Páu. Ha quem goste de ensinar posições a cãesinhos, outros, amestrar pulgas, outros, lecionar dansas a cavalos, ou a domar feras. Eu sou diferente, Quero ser um escultor de ritmos, um criador de equilibrio, um arquiteto de gestos.

— O que estás é desvairando.

— Pé de Lã, convide Madame Ditadura a dar o fóra deste estudio. E continuou, com todo o carinho a retear melhor as perninhas do filho e a virar sua cabecinha.

Epaminondas Prosérpina ficara perplexa. A um canto do grande salão o **valet de chambre** do marido, com cabeleira desgrenhada e um cacho de uvas, estivera estatico, imitando Bacchus, mas ao ouvir o dialogo dos patrões, saira, vexadissimo, daquela artística e maluca posição.

— Isto é uma casa de doidos! Isto não pode continuar assim — disse a mulher, avançando resoluta, para o filho.

Temístocles que, neste interim, estava de joelhos, erguer-se e gritou:

— Não toque na minha estatua de carne. Fui eu quem a fez, muito superiormente àquele outro escultor fracassado, pois a minha

galatéia, tem sopro, tem vida, fala, anda, come e... e... etc.

A criança era docil, mas aproveitou-se desse impasse para sentar na mesa e assim descansar.

Epaminondas insistia:

— Que loucura é essa agora de comparar nosso filho com Galatéia? E voltando-se para o menino que, nú, chupava o azinhavre do arco de Cupido, comprado num ferro velho da rua S. José: — Venha, Osmar, venha, meu amorzinho, venha tomar banho e vestir um calçãozinho de lã.

— Agora ele não me sai daqui, gritou, ameaçadoramente o marido. Não se deve tirar a inspiração a um artista e eu estou compondo uma obra de arte.

— Decididamente você está é ficando doido.

— Escute, aqui, dona Eva, Eva não, dona Lilite, pois tu és insuportavel como a primeira de Adão: vamos fazer um trato. E deu um beijo na nuca da esposa.

— Qual é? — indagou quasi enternecida.

Osmar continuava a brincar com o arco de metal dourado, a purpurina.

— Eu fico como o "Pae do Terreiro" — e apontava para o primogênito, juro-te pelos meus bigodes, que foram cortados, que só brincarei com ele, nunca hei de tocar nesse outro que vai nascer. Seja camarada. P'ra que me serviria um filho se eu não pudesse brincar com ele? Temístocles estava mais calmo e enlaçando, como pode, a esposa, pesadona, fê-la sentar-se no sofá, estofado, de lamé e veludo e sem que ninguem no mundo pudesse esperar semelhante coisa, perguntou ao filho, tomando uma posição mitologica:

— Vamos, Macumbinha que sou agora?

— O Fauno. — respondeu a criança.

— Não o Fauno tem pés de cabra. Veja bem.

— Então, não seio, — respondeu o menino.

— Ora, Macumbinha: eu sou Cupido e mamãe é Psiquê.

Pé de Lã sumira-se e a pobre mulher olhava atonita para o marido que saindo daquela atitude sentou-se ao seu lado, repousado como um homem sensato.

Tempos depois, habituara-se à essa idéia extravagante do esposo, divertindo-se tambem ao ver o primeiro filho a imitar estatuas e estatuetas, muito vaidosa da beleza daquele corpinho bronzeado pelo sol de Copacabana, e muito faceira do pimpolho recem-nascido, que vivia em seus braços, apesar de ter ama seca.

E Osmar sempre bonzinho, não se renegava de obedecer ao pae, quando este se resolvia a criar novos ritimos através da beleza dos gestos.

Dir-se-ia que devido à essa ginastica ritmica feita com toda maciez e lentidão o corpo de Omar adquiria uma plástica trabalhada por um Fidias.

Tudo ia muito bem, mas Temístocles começou a exibir aos amigos sua arte viva, colocando o filho, bem treinado, em colunas de marmore ou nos cantos, ora imitando Pan, ou em atitudes negroides de possessos em macumba.

Uns encaravam Temístocles como a um doido, outros, como a um artista originalíssimo.

E a criança, feito os filhos dos saltimbancos que aprendem a dansar na corda bamba, para representações lucrativas, submetia-se tambem, sem que ninguem soubesse se por temor ao pai, se inconcientemente ou por um alto e precoce senso artístico.

Nonda não queria consentir que Osmar fosse, nessa manhã, à praia. Chovia, e a criança estava um tanto febril. Mas o menino, tão docil às exigências artísticas paternas, rebelava-se de obedecer a mãe, que já se sentia fatigada de dar inúmeras razões à sua proibição.

— Olá, personagem! — disse Temístocles ao esbarrar no filho, enquanto ainda mais lhe revolvia os cabelos despenteados a fim de acariciá-lo.

— Papai, mamãe não quer deixar a gente ir na praia.

— Não podes, ir, então, atleta. Encaminharam-se para uma sacada, defendida por um toldo alaranjado. Chovia a cântaros. Temístocles, continuou, muito sério, dirigindo-se novamente ao filho: Sabes de uma cousa rei do **Breakfast**? Eu acho que, se continua assim, vai chover

A criança entendeu a graça e ria-se gostosamente. Depois insistiu:

— O mar também é molhado.

— Não podes ir, não...

— Por que?

— Porque tu és de açucar e podes te derreter na chuva.

Novos risinhos da criança, enquanto o pai brincalhão dizia-lhe espetando um dedo na barriguinha:

— Eu sou gozado, eu sou gozado.

— E', sim; papai é um bicho de gozado. Vamos então brincar de estatuas?

— Não, esteta, aqui o bichão vai agora p'ro batente. E empurrando a criança, pelos fundilhos, pediu, carinhoso:

— Vá buscar meu capacete, anda, rei do **Breakfast**.

E a bela moldura preta, tendo aos cantos orquídeas de prata, foi entregue. Motivo de festa, para Temístocles que vivia em permanente bizarria. Mostrou-a contente, à esposa, espiando, travesso, pelo retângulo de jacarandá.

— Veja, Bico de Lacre, como é bonito.

Epaminondas Prosérpina, despreocupada, nessa altura, achou graça da cara do marido, assim emoldurada. Sorriu e confessou:

— Tem raão, Temístocles. Você é gozado mesmo.

Quís ver a moldura. Achou-a pesada. Pé de Lã foi convidado pelo dono da casa a dar opinião, e depois Temístocles perguntou a Osmar:

— Qual é o teu palpite. **Imperador do Abacate?**

— E" **café pequeno**, é **pinto**, perto daquela do vôvô. Temístocles continuava a segurar a moldura à altura do rosto, cujos olhos tinham

um brilho feito loucura derretida e toda concentrada nas retinas.

A esposa, despertou daquela serenidade, largou o filho numa poltrona, e foi-se aproximando do marido:

— Afinal, Temístocles, p'ra que encomendaste isso?

— Então não advinhaste ainda, Pé de Pomba?

Pé de Lã reparou que a patroa calçava sapatos vermelhos e a senhora, olhou, instintivamente para os pés.

— Não, não adivinhei. Deixe-me vêr outra vez.

Mas Temístocles olhava-se, agora, num espelho antigo, preso à parede. Voltou-se.

— Veja bem, Bico de Lacre. Agora não é mais necessario o meu retrato na sala. Terás o perfil do chefe emoldurado, com a vantagem de se transformar em três quartos ou todo de frente, assim, ou assim. E' só pedires e eu farei as mais belas expressões. Sou gozado mesmo, não é Pé de Lã? Eu sou gozado! — e deu uma risada esquisita.

A pobre mulher procurou, humilde e angustiada, os olhos do criado e talvez porque o fitasse pela primeira vez sem desprezo, pode compreender em toda a extensão a fidelidade daquela presença permanente do paciente serviçal em quasi todos os instantes da sua intimidade. Fugiu do salão compreendendo que lhe não adiantaria chorar de encontro ao peito do marido.

Era inutil tentar esconder a célebre moldura. Temístocles achava-a e continuava, pela casa, a falar da perfeição da fotografia realisticamente moderna, sem cogitar dos tempos apropriados. O essencial, dizia, não era bate-papo nem tererés, era a ação, e isso todos tinham ali bem ao vivo, ao natural.

Incrivel, mas muita gente continuava julgando-o apenas um maniaco atordoado pela vaidade de ser original.

Epaminondas Prosérpina, porem, compreendia, todo o irremediavel daquele drama, com cenas cômicas, e sabia que Pé de Lã — merecia com honras, o apelido de: "Dorme que eu velo".

A maioria ignorava que aquelas maluquices e extravagancias de Temístocles eram continuas e não um morbido cabotinismo, para exibições exclusivamente momentaneas, pois eram varias as suas singulares invencionices.

Numa unica coisa Nonda estava tranquila: Temístocles jamais brincara com Rubens, o segundo filhinho. Osmar era robusto e havia adquirido um equilibrio de perfeito trapezista, e embora uma criança, devia saber, tal qual um professor de ginastica, qual musculo retesar, para manter o centro de gravidade, não mexendo um dedinho quando este pudesse alterar a sua atitude.

Nonda habituara-se ao marido, sem temê-lo a tal ponto que, tendo desmamado o pimpolho, iniciara visitas, aceitara chás e ia mesmo tomando um certo gosto pelos cock-tails, mais ou menos venenosos para a saude e para o espírito, nos multiplos sentidos da frase e das consequencias.

Nonda nem siquer estranhava porque o marido ao regressar do escritorio não a encontrando em casa, esquecia-se de recriminar.

Temístocles, porém, esperto e inteligente como ele só, aproveitava-se da ausencia da mulher para tentar a sua arte de ritmo dos gestos com Rubens, conforme fazia ainda com Osmar.

O segundo filho era dificil de aprender as coisas. Nada havia adiantado seus quatorze mezes de vida, regalada de leite de peito e de carinhos. Decididamente Bico de Lacre amolentara-o de tantos mimos e agradinhos.

— "Qual, este moleque é guenzo, é todo bambo; resmungava o extranho artista. E ainda por cima, reclama. Parece até cachorrinho bebedo, se é que há cães bebedos. Um cãozinho fica em pé, sozinho, e meu filho que não é nenhum cachorro, não é capaz de ficar de pé numa perna só. Ora, já se viu?!"

Pé de Lã, imovel, silencioso, seguia as tentativas do patrão, adivinhando o trágico perigo.

Temístocles continuava resmungando:

— Quer ver que este emplastro não é nem capaz de imitar aquela estatueta "Sou util até brincando!"

Pé de Lã estava aflito, aflitíssimo.

Nos meios tons da sala aquela cena, que assistia como em suspenso, ia tomando coloridos tétricos. Escurecia Arriscou, timidamente.

— Chega por hoje, meu cacique.

— Inda bem que longe de Bico de Lacre, não te esqueces dos meus titulos — respondeu o homem.

A criança morrera de um tombo, mas nem à policia declararam que um pai, doido, quiserá obrigá-la a ficar com quatorze meses, equilibrada numa perna só.

DIA DA PÁTRIA

Zeferino Brazil

É indizivel a satisfação com que vou acompanhando o entusiasmo e o brilhantismo que revestem os festejos da semana da Pátria — a semana do Brasil.

Com que emoção o digo! E como tenho orgulho de ser brasileiro!

E Deus sabe quanto amo o meu torrão gaucho, o meu idolatrado pago!

Mas antes de tudo sou brasileiro.

Ainda mocinho, cheio de rebeldias e de ardor revolucionário, quando ouvia falar em separatismo, eu protestava: — Nada disso! o Cruzeiro do Sul sem uma das suas estrelas não é mais o cruzeiro.

E volvia o pensamento carinhoso para o Brasil grande, o Brasil uno, o Brasil do meu coração.

Será trair o meu torrão natal? Não. Pelo contrário, é querê-lo mais forte, mais opulento, mais brilhante, ligado ao bloco magnifico e glorioso de que faz parte.

Um dos mais notaveis políticos de império, formidavel chefe de partido e condutor de homens, Gaspar Silveira Martins, tinha no peito, bem dentro do coração, o Rio Grande do Sul e não o alentava outro pensamento que não o de serví-lo, de engrandecê-lo, de fazê-lo prestigiado, respeitado e rico, e, todavia, certa vez, no Senado, num ímpeto de revolta, correndo o olhar em torno, exclamou: Onde está o mal da nação? No regionalismo pretencioso. Uns dizem: eu sou paulista; outros, eu sou baíano; outros, eu sou pernambucano; outros, eu sou mineiro; e ainda outros, eu sou gaucho, e ninguem se lembra de levantar a cabeça, bater no peito e bradar com orgulho: — eu sou brasileiro! Não, meus senhores, antes de tudo sejamos brasileiros, e trabalhemos pelo Brasil e para o Brasil!"

Ah! com que prazer eu vejo que é o pensamento patriótico do grande tribuno que hoje predomina do Norte ao Sul do país.

O 7 de Setembro de 1822 tornou o Brasil — nação independente. O 7 de Setembro que estamos comemorando glorifica o Brasil — pátria.

O sentimento de brasilidade que palpita atualmente no coração nacional é belo e emocionante.

Para mim o sentimento de amor à pátria é o mais vibrante e formoso que pode iluminar a alma de um povo.

Este sentimento de amor à pátria que para alguns talvez não passe de frase feita, é para mim um fogo, um grito do sangue.

E felizmente, digamô-lo bem alto, o patriotismo do povo brasileiro é ardente, é nobre, é altivo — é o maior e mais precioso tesouro.

Auri-verde pendão da minha terra
Que a brisa do Brasil beija e balança!

O LIVRO

(Evocação).

"...Aqui ha mundos luminosos
Num céu que a mão por mais pequena alcansa"

Luiz Delfino

Noite alta. Ha muita estrela e é muita a luz [da lua.
E a emoção do futuro o coração me invade.
No quarto, onde estou só, entra o vento da rua
Como um beijo da noite em minha mocidade..

E o pensamento meu, sem bússola, fluctua
Sobre a espuma do tempo. E, sem saber o [que ha de
Ser de mim, abro o livro. E cada folha sua
Indica o meu destino em plena claridade.

E ficamos nós dois, a sós, a noite inteira,
A voar de sol em sol, de era em era, à ma- [neira
De asas de luz, que a todo o espaço e tempo [vão.

E quando, nesse voo, eu contemplo, da His- [tória,
A vaidade dos reis, do poder a vanglória,
Eu sorrio, pois tenho o mundo em minha mão.

Do livro a sahir "Folhas do Outono"

KOSCIUSZKO BARBOSA LEÃO

NOVENTA DIAS

Trad. de D'Almeida Vitor

Hernandez CATÁ

Houvesse alguem encarregado um detective de segui-la, e, certamente, se poderia, hoje, provar que, durante aqueles meses, em que cairam as folhas, o vento ululou forte e a neve amortalhou por muitos dias a cidade, a Primavera andou por maus caminhos, sabe Deus onde...

Por isso é que chegou tarde, burlando o calendário, faltando a todos os deveres de cordialidade, como se estivesse ébria. Não houve canto, nem alguem que não sentisse o seu influxo violento. Ontem mesmo era inverno duro, e hoje, de súbito, parece que se derramou sobre o povoado o ouro de um desses vinhos que são sol para a vista e fogo para as entranhas. Ar, céu, plantas, todos os seres vivos, trocaram o sorriso convalescente dos outros anos por um rictus audaz, em que as pupilas e as bocas tinham luzes desafiantes. E logo pela manhã começaram a aparecer mulheres com os bustos cobertos de tecidos claros e leves, que ameaçavam ou prometiam abrir-se ante impulsos de eclosões internas.

Ah! os maus modos que a Primavera foi adquirir por longe não os tinhamos visto até então. Se houvesse sido feita a estatistica daqueles três meses, até os números mais rigidos estremeceriam, atestando tanto desaforo. Nem sequer os observatórios anunciaram a furia germinativa ou o ar impudico que começaram a inflar as narinas, os tálamos e as almas. Um poeta pressentiu a virulência dessa epidemia sensual e preveniu-se contra ela; mas como o fizesse em verso, ninguem lhe fez caso. Mesmo as autoridades, tão zelosas outras vezes, nenhuma medida tomaram contra a Primavera.

Acredito que fui um dos que mais se ressentiram; e hoje, a apreciar o que sucedeu em minha casa, sirvo-me de uma escala para medir a quantidade de suas consequências em outras tantas partes. Não me pergunteis como cheguei a saber o que vou narrar. Se acaso duvidardes de mim, lembrai os estragos dessa Primavera fascinante, ainda que esqueçais a minha narrativa. Não hei de vos querer mal por isso. Porventura, não devem as histórias loucas ter leitores sérios?!

Naquela manhã o porteiro abriu a porta antes da hora, e os leiteiros trouxeram as garrafas de leite, a bambolear dentro das armações, como se estivessem, antes, cheias de álcool. Os dois matusalens da casa, o tronco da castanheira erguido já quase como um poste no pequeno pátio e o vendedor a prestações do segundo andar, experimentaram raras sensações: o primeiro sentiu sair-se-lhe, das rugas negras e petrificadas do corte, um broto verde; e ao segundo sem espiar previamente através as cortinas, com seus olhos semi cerrados de suspeita, descerrou-as duma só vez, logo vindo abrir a porta à ceguinha vendedora de jornais que sorria, tambem, estranhamente, como se enxergasse! — e lhe deu, do troco, uma moeda de prata, de presente. O doente do quarto do centro atirou no chão uma porção de remédios amontoados no criado-mudo, abriu a janela, sentou-se no leito, e se pôs a respirar fortemente, como se quisesse aprender de novo a viver. O capitalista do andar principal encolheu os ombros ao ler as cotações da bolsa, e esteve cantarolando no banho, enquanto a água do chuveiro, refletindo um raio de sol, assemelhava-se a um fogo de artificio. O gato da vizinhança viu passar ante os seus olhos um ratinho, e em vez de atirar-se sobre ele, continuou o seu caminho com ar de desprezo. A duas velhas do terceiro andar, beatas, das que teem o Coração de Jesús sobre a soleira, e de seios ressecados pelo celibato e o egoismo, acharam, de súbito, que o São Luiz Gonzaga, desfalecido entre as lamparinas de azeite e flores sujas de pano, "se parecia" com certo rapaz que conheceram há vinte anos atrás, num passeio no campo. E...

O mais extraordinário, porem, aconteceu a um inquilino do sotão e à sobrinha da costureira do porão.

O morador do sotão era um homem de ciência, afeito às meditações, aos cálculos, aos teoremas de rigorosa lógica, logo demonstrando em sua expressão dura, própria de um gênio austero, sem

sorrisos. A vizinha que morava no porão com a sua tia costureira, era quase uma obra de arte; e por inata experiência de sedução que toda mulher recebe como herança social do seu sexo no albor da puberdade, não sabia mais do que realçar o brilho dos seus olhos, aumentar a sedosidade da sua pele e rir-se com um riso explosivo, luminoso, branco-escarlate, todo feito de esmalte e fruta, que subia das suas entranhas, em vez de descer do seu cérebro.

Viviam no mesmo edifício e não se conheciam. Talvez que tivessem, uma ou mais vezes, cruzado um pelo outro durante o Inverno, envoltos em roupas e pensamentos escuros; sempre, porem, os seres se conhecem logo ao primeiro encontro. Ela era loura e ele moreno. Tinha ela uma graça infinita, como o perigo de algo que se derrama, enquanto ele levava na fronte e na boca o sinal centrípeto da concentração. Tinha ela vinte e três anos e ele quarenta e cinco. (Entre ambos, menos que a mais nova das velhas, a quem a Primavera estava dando a alucinação cruel de consubstancializar São Luiz Gonzaga, com a recordação longínqua de um galã). Ela chama-se Lúcia e ele José. A ela os íntimos costumavam apelidar de Luci; ele, entretanto, só, entregue aos seus estudos, sem carinho, jamais encontrou alguem que lhe chamasse Pepe.

E naquela manhã, quando ele acabava de descer as escadas depois de uma meditação antimatemática, uma fada má, que havia vindo prostituida sabe Deus donde, a meter-se entre o Inverno e o Estio, não contente com o hálito que exalava da terra e com a tibiez da luz, soprou a brisa para aproximá-los. Voou o lenço de Lúcia, e José correu atrás dele, indo apanhá-lo a cerca de quarenta passos, esperando, para restituir-lho, que, toda desfeita em sorrisos, se acercasse.

— Fi-lo correr, não foi assim? Desculpe-me. Obrigado.

— De nada... De nada.... Fiquei contente. Asseguro-lhe que fiquei contente.

Com estas frases vulgares ficou tudo feito. Inverosimil, não é verdade? Mas, no entanto, assim foi. E quem recorde outros procedimentos daquela Primavera não se surpreenderá. Ademais, o Destino quando se quer manifestar dramaticamente, não necessita de frases longas e escolhidas.

A meditação que havia precedido aquela descida e aquela carreira de José obedeceu à sensação de esgotamento e de esterilidade mental sentida por todo o Inverno. Escesso de trabalho? Não. Outras vezes havia trabalhado com maior intensidade. Os seus trabalhos sobre a teoria do valor, seus comentários sobre a teoria dos números e seus intentos de demonstrar o teorema de Fermat atestam igualmente a fertilidade da sua mente e do seu afinco. E agora sem saber porquê, as fontes do seu cérebro mostravam-se exaustas, lassas, exauridas. Em vão, noite após noite, sob o sossego acolhedor da coberta, chamou em seu auxílio as suas deusas propicias: a razão e a fantasia. Debalde, nem podia subir degrau por degrau do raciocínio, nem saltar no trampolim das intuições. Sentia-se improdutivo, oco. Sem dúvida que os rugas da sua massa cinzenta careciam de substâncias. Recordou-se, então, que havia muitos anos, ao sair da escola, um companheiro teve uma paixão amorosa, em favor da qual o seu talento até então adormecido, adquiriu asas, ganhando o espaço.

A recordação, vindo-lhe de improviso, pondo às avessas, pela Primavera, desde o fundo da sua memória até a superficie, foi como uma revelação: Se a vida era uma monstruosidade, urgia por em torno do seu entendimento um envólucro de cera virgem para que a chama fosse mais ardente e duradoura. Como não o havia compreendido antes? Ah! às vezes, contemplando-se um raio de sol, onde veem constelações de polvo, pode aprender-se mais do que num livro de Gauss ou de Reiman! Leberrier, por exemplo, não concebeu a idéia da transformação da matéria vendo coagular-se o sangue das bordas da ferida de um marinheiro, nos mares do trópico! Pois ele, guardadas as proporções tambem havia achado a chave da sua decadência em razão do ócio contemplativo. Haveria de saber aproveitá-la agora.

Como quem se decide a tomar um tônico, José decidiu enamorar-se. Apenas compreendia que enamorar-se é, na maioria das vezes, obstinar-se em somar números heterogêneos, espezinhar-se em viver noutro ser, esgotar-se no esforço de pastorear duas almas e dois corpos, nem sempre nascidos sob o signo de Geminis, dar sentido a todos os gestos e intenções, martirizar-se em jogos de angústia, chamar prazer a certos sofrimentos e tatuar, invisivelmente, na pele de uma mulher, todo o sistema planetário... Lera algo sobre isso, e até então acreditava piamente e quem sabe se no influxo daquele dia saturado de quiméricas insolvências não havia tido a idéia de enamorar-se. Fracassado o seu procedimento habitual de lógica, encontrou-se a braços com o maravilhoso. E uma vez transposto o seu umbral, seguiu sem titubeios nem vacilações, a passos firmes como se continuasse palmilhando no caminho seguro da ciência.

Se tinha de enamorar-se, se lhe fazia falta enamorar-se, por que perder tempo em procuras inuteis? Já tinha ali mesmo à porta da sua casa, sob o mesmo teto uma mulher jovem, bela, radiante, cheia de feitiço. A sua voz, ao falarem-se pela segunda vez, tinha sob todas as inflexões autoridade uma decisão secreta.

— Para onde vai a senhorita? Vou acompanhá-la.

— Mesmo que vá muito longe, bem distante?

— Disponho de todo o dia para acompanhá-la, para estar ao seu lado, e mesmo muito mais: meses, anos... A vida inteira se nos chegarmos a entender.

— Vamos pois começar para ver. Gosto dos homens decididos.

— E eu das mulheres que não se assustam.

Mil vezes, milhões de vezes começaram amores desse modo; não porem sob o signo de uma Primavera tão malvada. Meia hora depois já José estava completamente enamorado, indo sério, portanto: enquanto Luci seguia atraindo ao longo do passeio olhares de desejos com o seu sorriso.

Esta foi a oposição de que se serviu a fatalidade para cimentar o drama: um rosto sério, uma alma séria ante um rosto continuamente aberto em gestos alegres por uma alma frívola. Luci encarnava todas as transações da relatividade e José a ansiedade rígida do absoluto. As suas almas, aliás, tiveram neste primeiro choque um sobressalto de aviso que logo as deveria ter separado; a primavera, porem, não os deixou seguir os bons caminhos opostos, e pouco depois José havia passado um braço pela asa fragrante de outro de Luci. Este passeio foi a única suavidade que lhes outorgou o amor, e os únicos sorrisos não contaminados de rictus. No duplo processo crólico que consiste primeiro em querer dar tudo de si a outro, e logo a seguir em pretender resgatá-lo, a segunda fase começou quase antes de ser dado o terceiro beijo.

No breve episódio que a morte selou com o seu frio troquel, infinitamente mais forte do que os que a vida marca a fogo, ambos procederam de boa fé em cada divergência, em cada rusga, em cada desengano, em cada violência. Luci não podia compreender que amar fosse respirar por um só pulmão, sujar o mundo, dar beijos e carícias para ser transformado exclusivamente em teoremas. O seu conceito lendário da fidelidade convencia de que esta não está em falha se o sexo e suas sentinelas mais avançadas — as mãos e a boca — não hajam juntado ao inimigo. No fundo da sua cabecinha maravilhosa de microcéfala, acreditava que a mulher só possue um meio especial de ser má: e "mais honrada do que ela não havia". Ele, ao contrário, desde o primeiro momento sentiu-se inseguro, excitado ao invés de sossegado. Que diferente aquele amontoado de dúvidas, aquele temor de todos os homens que olhavam para Lucy do fluir cantarino *e util que sonhou adquirir ao enamorar-se? Problemas intrincadíssimos, equações de muitas incógnitas haviam sido resolvidos cem vezes ante a lente da sua razão, e agora este sobre o qual punha não só o seu entendimento senão tambem o seu instinto, seus sonhos, suas forças mais secretas, toda a luz da sua compreensão, e deparava-se com o irresolvível, irônico e cruel em sua sensibilidade.*

"É boa, me quer, nada de concreto encontro que possa reprovar-lhe: porem, se me quer e é boa, por que a sua alma acompanha os automoveis que passam? Por que se dá ao punhado de flores que cheira, ao canto estúpido que corta o silêncio? Por que, se me deforme, se me despedaça, se me pulveriza em tudo, e por que sorri deste modo quando estou sério tanto que tenho ganas de apertar os lábios até sangrá-los?" Ao mesmo tempo em que José assim conjeturava, Luci pensava vagamente: "Certamente que lhe quero: se não quisesse não aguentaria. Por que porem não procura outra profissão menos aborrecida e, sobretudo, por que há de empenhar-se em que querer "com todas as forças", segundo diz, há de ser como estar de luto?".

Fora do circulo inalienavel ou ígneo que rodeia cada amor, qualquer poderia responder a estas interrogações. Não eles. Para ambos as verdades e as soluções simples eram portas hermeticamente fechadas contra cujos ferrolhos deviam aniquilar-se presos para sempre. Se pela primeira vez em que sentiram palpitar os germes da desavença houvessem dito adeus um ao outro... Como é difícil a ciência de dizer adeus bem a tempo com simplicidade.

Ao invés disso, José foi ao pretor buscar os seus papéis, a uma joalheria comprar uma pulseira e duas alianças, e à igreja do bairro averiguar o custo do recame de luzes e flores do altar-mor e jogar sobre Luci e sobre ele, entre latins, essa marcha nupcial com que a alma semita de Mendelsohn, vingativa e irônica tem feito ir pares e pares até o mais quebradiço dos sacramentos católicos. Dois meses depois já eram marido e mulher vivendo num ático *onde o sol, a lua, o ar e a luz entravam com maravilhosa liberdade, e no qual não havia outras sombras, além das que começaram a produzir as suas almas.*

"Iremos longe se você quiser", disse-lhe ele no primeiro dia e foram, sem dúvida num sentido, já que o casamento é uma das metas mais distantes onde o homem e a mulher podem chegar juntos. Mas, sem embargo, não foram tanto: chegaram até o limite da Primavera e nada mais.

Quando as sobras das suas almas começavam a transcender, amigo oficiosos trataram de emiscuir-se, necessitando ouvir de um de outro acibaradas *confidencias através das quais cabeceavam gravemente e murmuravam convencidos para um o que haviam antes dito para o outro:*

— Não há dúvida que tens razão. De qualquer modo...

De todos os modos o conflito, da mão travessa da Primavera, apenas saido do seu princípio esvaziou-se até o final.

Não há dramas mais terríveis nas relações humanas do que aqueles em que os antagonistas teem razão. E nas relações de amor, sobretudo onde os "porque" e os "porque sim" imperam com tirania onímoda, ter razão é sempre ter desaparecido a paixão e a ternura, únicas soldas capazes de unir os mais diversos metais. Cheios, saturados de razões, Luci e José começaram a viver este lado oposto do amor que confina com o ódio de compraz a sua ira com frases acerbas e com pensamentos de extermínio. Na hora dos beijos e dos abraços os lábios davam as suas últimas doçuras e os braços não chegavam a adquirir pressão hostil. Então ambos, sem confessarem em voz alta reprovam-se mutuamente, prometendo emendar-se. Mas ao impurificar-se a atmosfera passional apenas lograda em virtude das emoções físicas de seus corpos, as almas recobravam a sua elasticidade dura, e outra vez sobros lábios os dentes brilhavam com ímpeto de morder, e refluia aos punhos contraidos a a tensão de todos os músculos. "Por causa de suas manias não vou deixar de viver. Tenho a conciência tranquila de que não lhe sou falsa", dizia-lhe ela. E ele turvo de raiva murmurava entre dentes "Por adorar a essa pequena que acredita acabar-se o mundo e começar em seus tornozelos, não devo estar a rir sempre como um palhaço e abandonar os estudos de toda a minha vida". Um filho, a esperança de um filho teria talvez fertilizado, em ambos, zonas donde

se projetariam, até as partes áridas dos seus seres, sombras balsâmicas. O amor não parou e a violência precipitou e envenenou o seu curso.

Em outra estação qualquer ela poderia ter achado um derivativo em amizades, e ele aproveitar a secura das suas especulações para distrair; porem na Primavera, sobre tudo naquela terrivel Primavera não era possivel. A ela uma força estranha obrigava a rir a mover-se a esponjar-se com voluptuosidade e a ele o recordar-se sensualmente as suas curvas mesmo quando estivesse estudando ângulos retos; e nos calculos algébricos uma força maligna o levava a trocar as letras para com elas formar o seu nome: A mais B, elevado a M partindo por pi eram sempre Luci Luci, Luci... Assim passou-se o mês de maio.

Uma tarde pouco mais tibia que as outras, o subconciente os avisou da proximidade do desenlace e os dois quiseram deter-se à borda do precipicio. Ao chegar Luci da rua, José não lhe perguntou donde vinha: deixou os seus cálculos, tirou do fundo do seu ser um sorriso afavel, cândido, já não usado há muito tempo, e se pôs a falar-lhe de futilidades propondo-lhe que saissem aquela noite a darem um passeio. Ela, surpreendida, quase comovida, lhe respondeu que seria melhor ficassem em casa onde ele poderia trabalhar enquanto ela iria tecer ao seu lado.

— É verdade que não queres sair?

— Realmente não preferes ficar com teus enfeites?

E de súbito uma dúvida mútua passou entre eles e crispou os seus sorrisos esfacelando aquele impeto de bondade que surgira imprevisto. Não queres sair por estares cansada donde vens", sugeriu a ele. "Fatigou-se com o trabalho de toda a tarde e agora quer vender-me a lisonja de que o abandona para sair comigo", sugeriu a ela. Naquela noite nem sequer o amor fisico os pôde juntar. E até tarde, despertados e hostis, recesos de que um esbarrão ou uma palavra imprudente fizesse estalar a eletricidade acumulada neles, não conseguiram adormecer.

Ainda passaram assim vários dias inexoraveis. Em 18 de junho, José não trabalhou durante a manhã nem ao meio-dia, nem Luci sequer esteve à janela. Para que? Já toda a sua vida estava neles e nada mais, e o influxo da Primavera que até naquele penúltimo entardecer delatava a sua presença num ramo de gerânios violento e no outro de jasmins taimados, *cujo perfume punha na habitação algo que no jardim seria delicia e ali era amargura.*

Por volta das quatro da tarde — segundo a informação do médico legista — José assustado com os seus próprios pensamentos a girar no vazio, dirigiu a sua mão a uma estante de livros, não sei se por deliberação da vontade ou por mera casualidade dessas em que o destino mostra a firmeza dos seus designios, retirou um volume que abriu sobre a mesa: era o Otelo *de Shakespare.*

Estando ali quasi toda a raiz do seu drama, dele havia que tomar a mesma técnica, deve dizer-se, com essa lógica compativel às vezes com as maiores exaltações da loucura. Como entrasse naquele momento Luci, logo trocaram palavras de aborrecimentos e de imensa cólera. E depois as mãos de José enlaçaram a sua garganta até a cabeça descambou para sempre. E logo, com um talho único, com o afiador de lapis seccionou as duas carótidas. A força deve ter sido tal, para conseguir tão tremendo resultado com tão pequena arma, que quando descobriram os cadáveres constataram nos dedos da mão homicida ainda as equimoses da pressão sobre a lâmina.

Cairam quase juntos, e o sangue de José correu em direção do corpo de Luci aderindo ao seu vestido, de modo que, ao entrar, era preciso fixar-se bem para distinguir a qual dos dois pertenciam.

Vi os dois corpos sobre o mármore do necrotério. Cobriam-nos um encerado, sob o qual os dois rostos, levemente reclinados em direção oposta que pareciam realar a comunicação, ofereciam uma diafaneidade de cera e uma expressão tão calma que parecia de um instante para outro irem sorrir. E pensei que as duas almas, já desencarnadas e livres de todo o influxo sensual, eram as que, unidas pela primeira vez integralmente, impunham aos rostos tanta suavidade tranquila e aquela esperança do sorriso.

O enterro foi na tarde seguinte 20 de junho: ainda me recordo. Conservo, aliás, uma folha da folhinha. Com uns poucos acompanhantes segui pelas ruas angustiadas pela presença dos dois carros fúnebres. Na porta estava o porteiro caduco. No pequeno pátio a árvore que já era quase martil sem seiva. Nas sacadas as duas velhas a quem São Luiz Gonzaga enlouquecia, o avaro dos olhos semicerrados, e o enfermo incuravel... e todos se inclinaram até a morte para agradecer-lhe por os ter esquecido enquanto eles dois, Luci e José, pouco antes saturados da vida, se foram rigidos, frios, inertes.

Numa avenida ámpla, durante o cortejo as negras carruagens marcharam juntos antecipando o destino dos dois ataudes de juntarem-se na cova sob as camadas de terra. Como não conhecia nenhum dos acompanhantes, a ninguem dei a mão apresentando pêsames e permaneci por largo tempo no cemitério lendo as lápides. Na hora do crespúculo, sem saber como, ao dar-me conta estava novamente junto ao túmulo recem-fechado e seguindo o fio de um pensamento obsessivo, cerrei os punhos, e, ameaçadoramente os ergui em direção do poente onde o dia deixava sobre as montanhas as suas últimas chamas.

O curioso do meu gesto atraiu o coveiro que me perguntou:

— Que lhe aconteceu?

— Nada. Nada.

— Então a quem o senhor ameaça?

Pensei em dizer-lhe que à Primavera, que pretendia encendiar nos últimos momentos do seu último a serra casta; porem não me atrevi. Ante o meu encolhimento evasivo de ombros, o homem ajuntou:

— Bem, vamos andando para a saida: é hora de fechar. E aqui, à noite, ninguem permanece por gosto.

Seguindo, aceitei como coisa natural que no último episódio do drama, cuja decisão havia sido pautada no Otelo, interviesse o coveiro que parecia enviado de Hamlet. No outro dia a minha cidade recobrou o seu ritmo de cordura. Era verão.

O LIVRO E O RADIO

(As resenhas bibliográficas de P. R. A. 2, do Ministério da Educação).

Mantem o professor Roberto Seidl, ha mais de três anos, uma palestra semanal, realizada todas às quintas-feiras, na P. R. A. 2, do Ministério da Edução, sobre o nosso movimento bibliográfico, denominada "Através dos livros, resenha bibliografica."

Em números anteriores deste "ANUÁRIO" temos dado aos nossos leitores dados numéricos fornecidos pelo professor Seidl sobre as suas apreciadas irradiações O mesmo faremos no presente "ANUÁRIO", certos que assim prestaremos valioso serviço aos nossos escritores, livreiros e editores, e, principalmente, a todos que, entre nós, nutrem o salutar gosto da leitura.

No decorrer do ano de 1939 foram realizadas quarenta palestras referentes a 187 livros assim distribuidos por assuntos: romances e novelas — 38; livros didáticos, técnicos ou de conhecimentos gerais — 33; livros sobre o Brasil — 23; biografias — 18; poesias — 16; livros para crianças — 8; história — 7; revistas, anais, anuários e outras publicações periódicas — 6; medicina — 6; religião — 5; viagens — 5; contos, crônicas e ensaios — 5; crítica literária — 4; música — 3; artes plásticas — 2; dicionários — 2; direito — 2; filosofia — 1; genealogia — 1; sexuologia — 1; teatro — 1.

Encabeçam as produções literárias, enviadas à P. R. A. 2, no decurso do ano de 1939, romances e novelas. Deve-se, aquí, salientar, que, destes 38 romances e novelas, 25 foram traduzidos e quasi todas estas versões pertencem às conhecidas séries "Coleção Universo" e "Coleção Amarela", ambas editadas pela livraria do Globo, de Porto Alegre.

Imprimiram ou editaram estes 187 livros as seguintes empresas ou tipografias: Livraria José Olimpio — 42; Livraria do Globo (Porto Alegre) — 28; Irmãos Pongetti — 19; Francisco Alves — 18; Editora S. A. A Noite — 16; Vecchi-editor — 13 Sem indicação de editor ou impressor — 10; Companhia Melhoramentos de S. Paulo — 5; Imprensa Nacional — 4; Livraria H. Antunes — 3; F. Briguiet — 3; Livraria Clássica Editora (Lisboa) — 3; Livraria Sá da Costa (Lisboa) — 3; A. M. Teixeira (Lisboa) — 2; Livraria Editora Guimarães (Lisboa) — 2; Tipografia do Jornal do Comércio — 2; Edições Romano Torres (Lisboa) — 2; Tipografia S. Mendes Júnior — 2; Oficinas Gráficas Sfreddo & Gravina — 1; Livraria Jacinto — 1; Livraria Lelo (Porto) 1; Serviço Gráfico do Ministério da Educação — 1; Imprensa Naval — 1; Livraria Tavares Martins (Lisboa) — 1; Graphicars (S. Paulo) — 1; Edições e publicações do Brasil (S. Paulo) — 1; Companhia Editora Nacional — 1; Livraria Tavares Cardoso (Lisboa) — 10.

As resenhas bibliográficas de P. R. A. 2, do Ministério da Educação, antiga Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, começaram a ser irradiadas a 3 de novembro de 1936, a princípio às terças-feiras e depois, às quintas-feiras. Com poucas soluções de continuidade teem sido transmitidas estas pequenas notas bibliográficas que visam dar aos senhores ouvintes uma idéia do movimento, sempre crescente, das nossas livrarias e casas editoras.

Durante este triênio foram irradiadas 122 palestras tendo sido noticiados, comentados e apreciados 578 livros dos mais variados assuntos.

Os "ANUÁRIOS" de 1938 e 1939 trazem informações minudenciosas sobre estas crônicas bibliográficas divulgadas pela veterana emissora e muitas delas transcritas em jornais e revistas daquí e dos Estados. Estas informações foram assim completadas com as notas apresentadas com as notas apresentadas no presente "ANUÁRIO".

Interessante e útil o resumo destes informes: de 1937 a 1939 os assuntos mais versados foram os seguintes: em 1939: romances e novelas (32), livros sobre o Brasil (16), livros didáticos (15), livros para crianças (13).

Em 1938: livros para crianças (41), livros didáticos (35), biografias (20), romances e novelas (17), livros sobre o Brasil (16). Em 1939: romances e novelas (38), livros didáticos (33), livros sobre o Brasil (23), biografias (18).

Neste triênio tiveram os primeiros lugares as seguintes empresas editoras: em 1937: Livraria do Globo (Porto Alegre) (22), José Olímpio (19), Companhia Melhoramento S. Paulo (18), Shmidt-editor (14). Em 1938: Livraria do Globo (Porto Alegre) (54), Irmãos Pongetti (27), Francisco Alves (23), Companhia Melhoramentos de S. Paulo (21). Em 1939: José Olímpio (42), Livraria do Globo (Porto Alegre) (28), Irmãos Pongetti (19), Francisco Alves (18).

No pretendem, absolutamente, estas notas e algarismos dar uma idéia ligeira ou mesmo aproximada, do movimento bibliográfico brasileiro. Muitas das nossas empresas editoras, sistematicamente, não enviam a P. R. A. 2 as suas produções; outras o fazem, com frequentes interrupções e, outras ainda, não distribuem certas publicações ou remetem, apenas, alguns livros de determinados assuntos, assuntos estes que parecem interessar ao locutor destas irradiações...

Raros, rarissimos são os estabelecimentos gráficos estaduais que mandam à emissora carioca os seus trabalhos. Por isto a deficiência, a insignificâncias desas modestas estatísticas, que, no entanto, patenteiam o esforço desinteressado de quem se encarregou, semanalmente, de através de uma das nossas mais importantes estações radiofônicas, falar de livros e de autores, com a finalidade de educar e de instruir, não havendo nelas a mínima preocupação de criticar, de emendar ou de corrigir.

Conforme se disse no início destas transmissões a sua única preocupação é informar. É dizer, aos que ouvem rádio, o que vai surgindo pelo Brasil, em letra de forma e em forma de livro, folheto ou revista. É apregoar o aparecimento de obras, tanto de assuntos literários e artísticos como científicos, que possam interessar aos que estudam, pensam e escrevem em nosso país, ou melhor pondo o ouvinte de rádio ciente de tudo que vai nos dando as nossas casas editoras.

Sem a preocupação do elogio obrigatório o ua mania doentia do ataque desabrido e sistemático e, principalmente se ma cogitação de impor idéias opiniões serão dadas aos ouvintes meramente impressões de leitura, nada mais.

Muito intenso foi o movimento bibliográfico de 1939. Muitos livros recebidos não poderam ser devidamente apreciados principalmente os romances que exigem leitura cuidadosa e demorada, incompatível com a vida absorvente de nossos dias. A livraria José Olímpio, a que mais produziu este ano, segundo a nossa estatística, mandou a P. R. A. 2 mais de uma trintena de romances. Alguns foram comentados, outros porem aguardam oportunidade O mesmo dir-se-á da Livraria do Globo de Porto Alegre e de Vecchi-Editor que, em 1939, editaram e imprimiram muitos romances, ficando assim demonstrado que foi o romance o gênero literário preferido em 1939, vindo em seguida os livros didáticos, os livros sobre o Brasil e as biografias.

Um especialista no domínio da Economia Açucareira

Barbosa Lima Sobrinho
(Da Academia Brasileira de Letras)

A "História Contemporânea do Açucar no Brasil" compreende o periodo que se inicia em 1929 e vem até o fim do ano de 1939. Abrange a crise de super-produção e a fase de coordenação da economia açucareira, a que o Instituto do Açucar e do Alcool vem presidindo. Poder-se-ia intitular a monografia do sr. Gileno Dé Carli — História do Instituto do Açucar e do Alcool, se, na verdade, se tratasse de uma economia dirigida. Como o Instituto preferiu antes coordenar do que dirigir, aó lado do orgão central se póde ver a ação de fatores variados e forças autônomas. Por isso o titulo se ampliou, procurando acompanhar as tendências e caracteristicas dos fenômenos e sucessos relatados.

O Instituto do Açucar e do Alcool surgiu num momento em que não era possivel deixar de socorrer a economia açucareira. A super-produção de açucar no país, sincronizada com a crise universal de depressão, condenava os produtores à falência e à miséria. Poderia o Brasil assistir indiferente a essa catástrofe, que envolvia interesses imensos e centenas de milhares de vidas, na indústria mais antiga do país?

O governo do sr. Getúlio Vargas teve a necessária clarividência, para não permitir semelhante calamidade. Iniciada em 1931, a política de intervenção veio aperfeiçoando os seus métodos, aumentando a sua esfera de ação, ampliando os benefícios e auxílios concedidos, até chegar, em 1933, à criação do Instituto. Não se pode dizer que o Instituto de hoje seja o mesmo de 1933. A experiência, que o havia criado, tem dirigido os seus passos, tornando-o dia a dia mais apto para o desempenho de seus objetivos. Se mudaram os meios, ou se a máquina cresceu, aperfeiçoada, o certo é que as finalidades ainda são as mesmas das horas iniciais: amparo à produção nacional, sem esquecer e sem desprezar os interesses do consumo.

A "História Contemporânea do Açucar no Brasil" veio mostrar, à luz de documentos oficiais, o que tem sido a batalha para não mentir a esse destino de coordenação e equilíbrio de interesses. Exagera-se que tem servido para o aumento dos preços. Ignora-se, porem, a ação vigilante, tenaz, incansavel, que o Instituto tem desenvolvido, para combater especulações altistas. Se se fizesse o balanço das duas atividades do Instituto, verificar-se-ia que há muito maior número de providências contra a alta. Muitas majorações regionais de preços ocorreram à revelia do Instituto e pela carência de faculdades e meios para obstar as manobras dos especuladores.

A monografia do sr. Gileno Dé Carli revelará essa peleja permanente, travada à sombra dos bastidores. Ao interesse da descrição documentada deveremos acrescentar o da autoridade do autor. Num país de raros técnicos, o sr. Dé Carli é um verdadeiro especialista, no domínio da economia açucareira, que ele pôde estudar e conhecer em diversos de seus aspectos. Agrônomo, ex-fornecedor de cana, ex-administrador de usinas, interessado pela geografia e pelos estudos econômicos, e contando ainda com a experiência diária desse incomparavel observatório, que é o Instituto, nada lhe falta para escrever e doutrinar ex-cátedra. Se precisasse de autoridade nesse domínio, a "História Contemporânea do Açucar no Brasil" seria bastante para lhe conferir as honras e o prestígio da mestria. Como já possue vasta bibliografia, desde "O Açucar na Formação Econômica do Brasil" e a excelente "Geografia Econômica e Social da Cana de Açucar no Brasil", sem esquecer os numerosos e profundos ensaios estampados em "O Observador Econômico e Financeiro", o trabalho atual vem esclarecer esse novo aspecto do domínio açucareiro, ao mesmo tempo que nos mostra o brilhante e autorizado especialista fiel aos estudos de sua apaixonada predileção.

O Dr. Sampaio Ferraz e a capoeiragem

Hermeto Lima
Da Academia Carioca de Letras

A capoeiragem, que segundo Joaquim Manuel de Macedo, data de 1770, é contemporâneo do vice-rei Marquês do Lavradio e teve como seu primeiro representante no Rio de Janeiro, um tenente português de nome João Moreira, valentão e desordeiro conhecido e que tinha por alcunha — O Amotinado. É muito possivel que ele a fosse buscar entre os africanos, que para aquí vieram escravizados e que a usavam como esporte, como hoje se usa o box. Jogavam-na ao som de tambor, segundo uma gravura que nos deixou Rurgendas. Passou depois a ser elemento de ataque e de defesa e foi nesse particular que o "Amotinado" empregava nas suas contendas das quais ele era sempre o vencedor. Tomou pois a capoeiragem outro rumo e ao invés do esporte passou a ser fonte de desordem e o terror da população carioca. Os capoeiras formavam grupos de 20 a 100 indivíduos, grupos que denominavam *maltas* e que à frente dos batalhões armados de navalhas e facas, feriam e matavam impunemente os infelizes que lhes caiam nas unhas. Cada freguesia ou distrito da cidade tinha a sua *malta*, com a sua designação própria: a da freguesia de Santana, era a "Cadeira da Senhora", a de Santa Rita era "Três Cachos", a de S. Francisco de Paula, "Franciscanos", etc., etc. Eram geralmente mulatos, usavam calças largas, paletó desabotoado, chapéu desabado, ar petulante. Antes de entrarem para as *maltas* prestavam um juramento nas torres das igrejas. Tinham a sua jíria própria para cada movimento que faziam jogando com o corpo: como *rabo de arraia, rasteira, cabeçada, o clube X, raiz, fedegoso* etc. etc. Usando de todos esses passes, o capoeira era invencivel e, num pugilato, raro era o que um só não desse conta de 4 ou 5 contendores. Agil, empregando nas lutas, braços, pernas, cabeça, pulando aquí e alí como uma bola de borracha, só outro capoeira era capaz de o vencer. Ao ouvir-se a música de um batalhão, era como os barbaros entrando em Roma. Os pedestres corriam apavorados, o comercio fechava as portas, cessava o transito das ruas. Em uma dessas vezes mataram na rua Sete de Setembro, um pobre homem que passava, conhecido na cidade por "o Castro Urso" e que não teve tempo de se desvencilhar. O capoeira era tambem um poderoso auxiliar dos chefes eleitorais e por isso eles apadrinhados nos casos policiais. Eram eles que serviam de *fosforos*, que arrebatavam urnas, que decidiam a sorte dos candidatos. Em mil oitocentos e setenta e tantos, quando chefe de policia o dr. Ludgero ele declarou em seu relatório, referindo-se aos capoeiras: "passei por todos os vexames, fui surdo a todas as injurias que me atiravam, desprezei solicitações de poderosos e, se não acabei, pelo menos diminuí muito essa praga que infelicita esta cidade".

Demos agora um salto até 1887 e ouçamos o que conta Julio do Carmo, em um artigo que publicou na "A Rua", de 13 de agosto de 1920. Conta ele, que no referido ano de 1887 vinha com o dr. Sampaio Ferraz, do Tribunal de Juri, então no atual edifício da Prefeitura. Tomaram ambos o bonde, que os levaria ao largo de S. Francisco. Ao saltarem aí, encontraram a *malta* dos "Nagoas" e "Guaiamus" em plena luta. Fecha fecha, correrias, trilar de apitos, salve-se quem puder — o largo em polvorosa... A refrega, de momento a momento recrudescia. Julio do Carmo e Sampaio Ferraz abrigaram-se em casa de um negociante e terminada a luta os capoeiras bateram em retirada, rumo da praça General Osorio, hoje Lopes Trovão. Luta finda lá estavam feridos a navalha um homem, um colegial e uma senhora, com um profundo golpe no baixo ventre. Ao observar toda esta cena sanguinolenta, Sampaio Ferraz, disse a Julio do Carmo: — "Se algum dia couber-me por sorte ser chefe de polícia, juro, que exterminarei com esta corja maldita". Dois anos depois, vem a República e Sampaio Ferraz, republicano desde os tempos da Academia, é convidado a assumir a chefia de polícia. Um dos seus primeiro cuidados foi cumprir o juramento feito, havia dois anos antes. E, sem atender a empenhos, sem ouvir lamentações, prendia os capoeiras e mandava em seguida para Fernando de Noronha. Chegou a vez de ser preso um capoeira de nome Juca Reis, valentão conhecido, filho ou irmão de um titular respeitavel e milionário. Ao ser detido na rua Uruguaiana, correu a progenitora do estroina ao Itamarati, então palácio da presidencia, implorando a Deodoro que mandasse soltar o filho e não o deixasse partir para o presidio. E, em lágrimas, disse: — "É uma mãe aflita que pede, sr. Presidente." — Pois, bem; vá descansada, seu filho não seguirá, respondeu-lhe Deodoro, contristado.

Deodoro imediatamente mandou chamar Sampaio Ferraz, contou-lhe o caso, dizendo: — "é uma mãe aflita que pede". Sampaio Ferraz passou a mão pela cabeleira, como era seu costume nos momentos embaraçosos e disse: "Sr. Presidente, vou atender o pedido de V. Ex. mas, antes, mande lavrar a minha exoneração".

— Ah, então não; mande o moço para Fernando de Noronha. Por esse preço, não.

E, no dia seguinte, no meio da leva de capoeiras que partiram para Fernando de Noronha, lá estava o filho do potentado. Quintino Bocaiuva, amigo particular deste, quis saír do Ministério, mas o capoeira já estava barra a fora. Serenaram-se os ânimos, assuntos mais graves vieram preocupar a atenção do governo e o caso foi esquecido. E assim Sampaio Ferraz cumpriu o seu juramento: — acabou com os capoeiras no Rio de Janeiro. A cidade deve-lhe este grande serviço, de igual quilate ao de Barata Ribeiro, acabando com a "Cabeça de Porco" e Osvaldo Cruz com a febre amarela.

TEATRO EM 1939

(Especial para o *Anuário Brasileiro de Literatura*)

Bandeira Duarte

1939 pode ser considerado para o nosso treatro, um ano histórico, do ponto de vista nacional e quanto ao teatro de importação.

Uma estatística abrangendo o ultimo decênio dos palcos no Rio, coloca o ano que passou em primeiro plano. No movimento e animação, como na qualidade artística.

Um exame nas preferências e nas exigências, olhadas em função dos êxitos alcançados, dá ao nosso público foros de bom gosto que muita gente nega por atitude, para justificar as crises isoladas do teatro. E situa essas crises no seu verdadeiro clima: repulsa à má qualidade e nunca indiferença pelo que é bom.

Ficou provado, sempre que se apresentou a ocasião, que o espectador comparece ao teatro e esgota lotações, desde que o espetáculo ofereça alguma contribuição ao seu espírito, seja ela de cultura ou de diversão. Daí o sucesso das peças históricas ou de idéias e das peças escritas exclusivamente para fazer rir.

Obras que trouxessem uma confirmação ou um esclarecimento, que ajudassem a pensar e a viver, eis o que o público preferiu na temporada de 1939, recusando os meio-termos e impondo preocupações mais delicadas aos empresários.

Vários fatos de capital importância, entre os muitos que encheram a crônica de 1939, assinalaram o ano teatral: o início das atividades do Serviço Nacional de Teatro a liberação de "Deus lhe pague" pela censura e a vistia de Comèdie Française, pertencem a esse número.

* * *

O plano do Serviço Nacional do Teatro, amparado a princípio por toda a imprensa, redundou em terrível decepção para quantos esperavam dele resultados mais interessantes.

Incidindo em erros já julgados e coordenados por experiências anteriores, nada produziu de imediata ou remota utilidade para o teatro. Foi como a terapêutica de emergência em um organismo saturado. O diagnóstico feito e conformado, acentua dois males: a falta de teatros e a velhice dos quadros.

Para sanar o primeiro, o S. N. T. não passou das cogitações iniciais. Para combater o segundo, criou um Curso Prático de problemática eficiência, visto que não há garantias futuras assegurando e continuando a sua função. A renovação dos quadros não deve ser apenas, física, mas mental.

Como prova evidente do fracasso do plano que o S. N. T. executou, basta olhar o panorama da temporada. As Cias. que mais sucesso alcançaram, financeiro e artístico, foram: Procópio Ferreira, Dulcina-Odilon e Jayme Costa. Delas, apenas esta última obedecia ao programa oficial. E esse programa enfeixava mais seis conjuntos. Isso fala com mais eloquência do que qualquer apreciação.

* * *

O ano começou com Iaiá Boneca", de Ernani Fornari, o maior êxito da Cia. Delorges Caminha, no Ginástico. Mais dois teatros estavam abertos a 2 de janeiro de 1939: o Recreio, com "Boneca de Pixe", pela Cia. Luiz Iglesias-Freire Junior, e o Alhambra, com a Cia. Portuguesa de Variedades.

O noticiário informa que Dulcina e Odilon embarcarão no dia 8 para o Norte e que Procopio iniciou a sua excursão pelo interior de São Paulo.

O Carnaval surge, como sempre, como ponto de referência para as atividades do teatro. As estréias ficam para depois...

* * *

Em teatro, quando o autor suplanta o intérprete o nível intelectual da produção cresce e o nível artístico baixa. O caso clássico é, ainda, o de Molière e seus contemporâneos. Quando o intérprete suplanta o autor, é o contrário que acontece. Os valores artísticos são mais elevados do que os intelectuais. Sarah Bernahardt poderá servir de exemplo, mesmo diante do velho Sardou por ela representado.

Há os que consideram a primeira fase preferivel, considerando que a criatura (intérprete), nunca deverá dominar o criador (autor).

Fenômeno de conjunto, importante em todos os seus detalhes, principal em todos os elementos, o momento ideal do teatro deve ser aquele em que verificamos uma equivalência perfeita entre o autor e o ator, isto é, entre a obra e o intérprete. "Deus lhe pague" realiza esse equilíbrio. É a peça que Procópio e Jorací se completam admiravelmente, para construir o maior sucesso do nosso teatro.

Suspensas durante vários anos as representações de "Deus lhe pague", trabalhava-se entretanto, para a sua liberação pela censura.

Obtida afinal, a famosa comédia foi montada em nova edição, confirmando o êxito iniciado a 30 de dezembro de 1932 em S. Paulo, e a 15 de junho de 1933, no Rio. Na temporada cheia do Carlos Gomes, foi ainda a obra de Jorací Camargo o grande sucesso de Procópio.

Mas não parou na cena a atividade do nosso comediante. Ele saltou do palco para as vitrines das livrarias e para as estantes do colecionadores dando, uma das mais interessante, senão a mais interessante biografia do nosso teatro: "O ator Vasques", obra de fôlego que qualquer escritor de estirpe assinaria com orgulho. Nela Prócopio não se limitou apenas a "descrever" o tipo escolhido. Localizou-o no ambiente, estudando-o no fundo e na forma. Com uma argúcia de vigoroso analista, arrancou do Passado o vulto do Vasques, colorindo-o com todas as suas tintas, de maneira a situar definitivamente na história a sua figura notavel.

Comemorando o 15.º aniversário de sua Cia. a 14 de março, a Associação Brasileira de Críticos Teatrais, em cena aberta, homenageou Procópio, significando o que ele representa para o Teatro Brasileiro e oferecendo em público a mais expressiva e justa prova do apreço que o grande ator nos merece.

* * *

Jaime Costa estreou a 1º de março no Rival, para uma "estação" preliminar, preparatória da que realizaria mais tarde, sob o controle do Serviço Nacional de Teatro. "Flor da família", de Paulo Magalhães, foi a peça por ele levada a um justo centenário, nessa fase. Iniciadas as suas atividades oficiais, Jaime Costa apresentou "Carlota Joaquina" que, ao lado de "Tiradentes", na edição Delorges, foi a contribuição histórica do teatro em 39.

* * *

Da temporada Dulcina-Odilon, no Alhambra, seria dificil destacar o maior sucesso, visto que o programa apresentado foi uma série contínua de êxitos. Duas peças entretanto, sobresairam na lista das que Dulcina e Odilon deram ao público: "Uma mulher livre", de Malena Sandor, autora argentina, e "Conflito", de Maria Jacinta, autora brasileira. Ambos os originais, debatendo idéias e problemas da atualidade, lograram um agrado expressivo. Iniciada em abril, a "estação" carioca de Dulcina e Odilon foi das mais notaveis que os dois artistas já realizaram, tendo ainda a assinalar-lhe o brilho, o concurso "À procura de uma atriz", por eles instituido sob o patrocínio da "A Noite" e a orientação de Clovis Ramalhete, redator do popular vespertino.

* * *

Delorges apresentou, sob o controle do Serviço Nacional de Teatro, diversos originais brasileiros, sendo de todos eles "O maluco n.º 4", de Armando Gonzaga e "Tiradentes", de Viriato Correia, os que melhor acolhida alcançaram.

Ainda fiscalizados pelo S. N. T., tivemos em 39 as seguintes Cias.: Renato Viana, no Ginástico; Casa dos Artistas, no Regina; Jardel Jercolis, no João Caetano; Luis Iglesias-Freire Junior, no Recreio; Irmão Celestino, no Carlos Gomes.

* * *

A Empresa Pascoal Segreto inaugurou mais uma casa de espetáculos, o Teatro Moderno, e prestigiou com a sua habitual fidalguia todas as iniciativas em favor do teatro, cedendo o Carlos Gomes para diversas realizações de carater beneficente ou cultural.

* * *

No teatro regular, verificamos ainda a estréia das Cias. Típica Brasileira e Mesquitinha-Alma Flora, no Carlos Gomes, e Alda Garrido, no Recreio.

* * *

O teatro de amadores teve em 39 um ano movimentadissimo.

Afora um e outro espetáculo aquí e alí, realizou-se no Ginástico a Temporada de Amadores, promovida pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais e pelo Departamento de Arte Cênica da S. P. de B. A., sob o patrocínio do S. N. T. Ernesto Franciscone e Santacruz Lima foram os heróis dessa cruzada original que se prolongou no Congresso de Amadores. É cedo ainda para julgar os efeitos da iniciativa, mas não se pode recusar uma palavra de estímulo e de felicitações pelo entusiasmo que presidiu a organização dos dois certamens e pelos esforços empregados para o seu brilho absoluto.

Merece um registo especial a contribuição do Teatro do Estudante, a magnífica obra de Pascoal Carlos Magno. Dirigidos por D. Ester Leão, a grande atriz portuguesa já radicada em nosso meio artístico, os dois programas apresentados, — "Leonor de Mendonça", de Gonçalves Dias, e "Os Romanescos", de Rostand —, surpreenderam deliciosamente mesmo os mais otimistas, firmando em definitivo os créditos dessa realização de Pascoal e o valor dos seus colaboradores. Dos grupos de estudantes-intérpretes que D. Ester Leão apresentou através de um gigantesco trabalho de direção, a veterana Sonia Oiticica, Iára Sales e Danilo Ramirez foram os mais destacados elementos, seguidos de perto por uma dúzia de outros.

* * *

O Curso Prático do S. N. T. ofereceu tambem dois programas: "As doutoras", de França Junior, dirigidas por Lucília Peres, e "A patroa", de Armando Gonzaga, sob a direção de Chaves Florence. Do ponto de vista exclusivamente prático em que se colocou essa organização, os espetáculos foram interessantes e dignos de elogios.

* * *

Duas iniciativas, pela sua natureza e pelo brilho de que se revestiram, merecem um destaque maior no panorama teatral do ano findo.

A primeira, de Sadi Cabral, montando "Guerras do Alecrim e da Mangerona", de Antônio José, para comemorar o 3.º centenário da morte do autor, mostrou o jovem criador do "Cristino", de Iaiá Boneca, *como um dos nossos mais notaveis diretores artísticos.*

A segunda, da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, realizando a velha idéia dessa sociedade: o Teatro Infantil.

Dirigidos por Olavo de Barros, cujo trabalho admiravel no preparo dos espetáculos teve uma justa recompensa no sucesso absoluto por eles alcançado, os pequenos atores arregimentados pela A. B. C. T. demonstraram a possibilidade da criação desse gênero de teatro, mais do que necessário.

Os resultados animadores da iniciativa, refletidos em casas literalmente cheias e no crescente aumento das platéias, dera à Associação estímulo para prosseguir nessa louvavel tarefa.

* * *

Não é possivel encerrar o registro teatral de 1939 na sua parte nacional, sem uma palavra de saudade a Lafaiete Silva, crítico do "Correio da Manhã", falecido a 14 de abril, depois de vinte e muitos anos de uma atividade continuada e profícua, quer no campo da crítica, da crônica ou da história teatrais. A ferida aberta pela sua perda ainda está sangrando e a ação por ele desenvolvida ainda é bem recente para dispensar comentários em torno do seu desaparecimento.

* * *

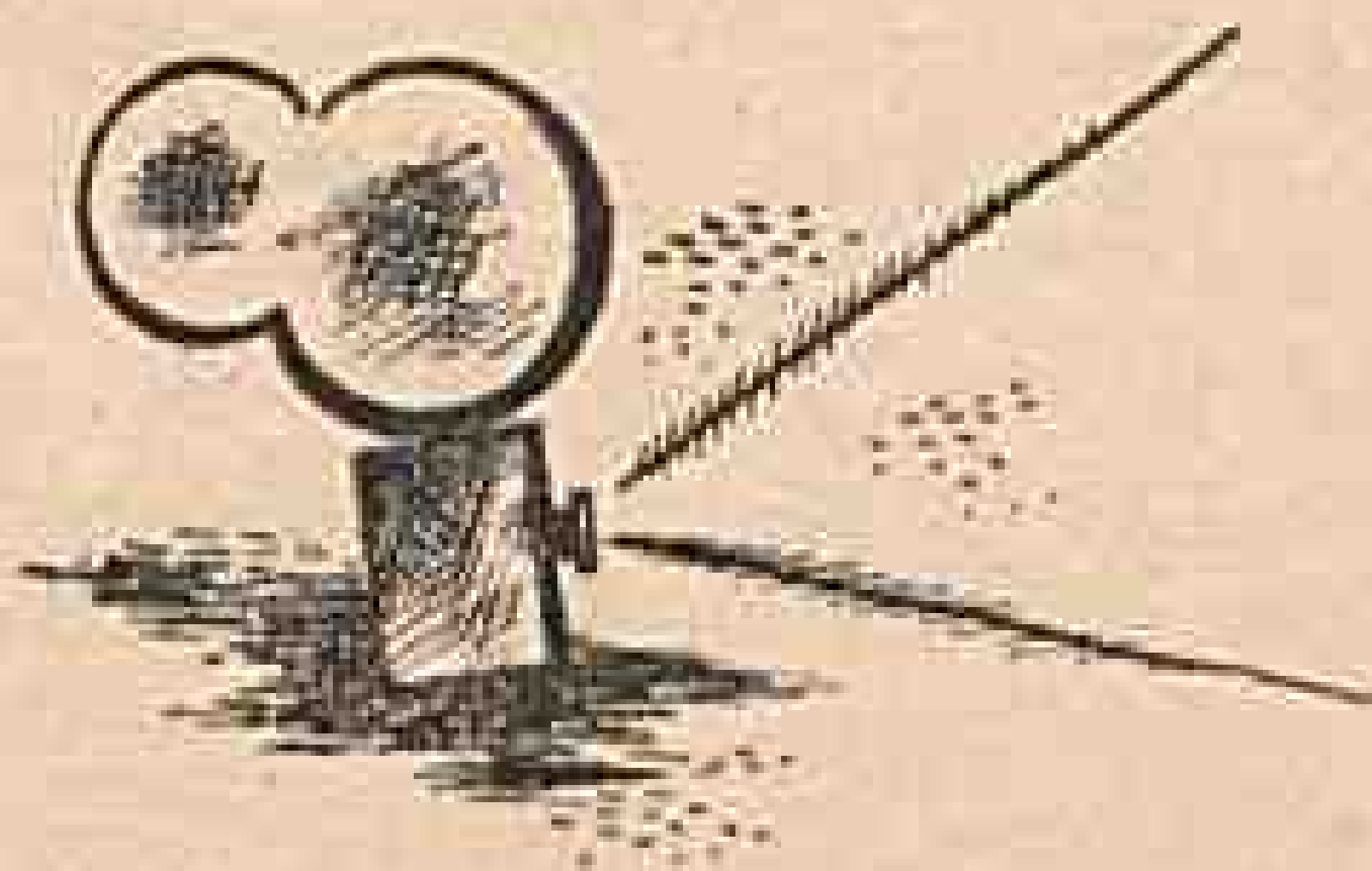
Três foram os países que se representaram no Brasil, pelos seus teatros: Portugal com três Cias.: Amélia Rei Colaço-Robles Monteiro, Maria Matos e Beatriz Costa; Itália, com duas: Maria Melato e Elza Merlini; França, com duas: Henri Rolland-Fernande Albany-Jeanne Boitel e Comèdie Française.

Dos sete conjuntos citados, quatro vieram sob a responsabilidade do empresário N. Viggiani, cuja atividade é cada vez mais intensa e inteligente.

A visita da Casa de Molière foi a nota sensacional da "estação". Promovida pela Prefeitura do Distrito Federal, constituiu uma série de êxitos onde só houve a lamentar a escassez das récitas. E dentro da temporada que aquí realizou o teatro mais ilustre do mundo, devemos destacar a "matinée poética" patroci-

(Conclue no fim do ANUARIO)

CINEMA BRASILEIRO EM 1939

Edmundo Lys

Acentua-se de ano para ano, dentro de um ambiente cada vez mais favoravel, a importância do cinema brasileiro. Esse que findou, de 1939, se não marcou uma etapa de grandes realizações, serviu para que o nosso cinema consolidasse as posições conquistadas e conquistasse mais terreno, no dominio da organização.

O cinema brasileiro vivia preso a um círculo vicioso: não produzia grandes filmes porque não havia dinheiro e não havia dinheiro porque os filmes produzidos eram sempre insignificantes.

Essa incômoda situação foi corrigida no bienio 1937-38, um pouco por esclarecimento dos produtores, dispostos a tudo, para sair dessa "dansa-do-ganso", e, muito, graças áquele decretozinho, de aparência insignificante, mas na verdade fundador do cinema nacional — o decreto de obrigatoriedade dos "complementos nacionais", esses infelizes bodes expiatórios do mau humor dos fans e dos achaques do infatuitismo.

A obrigatoriedade do "short" brasileiro deu curso à produção de "jornais" e documentários e a renda, embora pequena, dessa produção secundária, possibilitou a manutenção de laboratórios, de equipes técnicas e de elencos artísticos, bem como a aquisição de material cinematográfico.

Fazer filmes, bons, maus, péssimos, de qualquer forma fazê-los, para garantia da subsistência, era a política dos produtores. E, como a circulação do "short" estava garantida, fizeram "shorts".

Produtores mais abastados, alem disso, arriscaram-se a um sub-cinema, fazendo longa-metragem, pelo mesmo motivo, o motivo da manutenção dos estudios.

Foi uma política sábia, essa. Embora tenhamos tido muito "abacaxí", precisamos não esquecer que, se os produtores não eliminassem, com o cinema sem classe, embora, um dos termos daquele dilema — não faz bom filme porque não há dinheiro, não há dinheiro porque não faz bons filmes — conseguindo o dinheiro com os maus celuloides, curtos e longos, nunca chegariamos ao bom cinema que nos está prometendo para 1940 quando, para consolidar a posição oferecida ao filme brasileiro pela distribuição obrigatória do "curto", veio, com a organização do DIP, a obrigatoriedade de exhibição do filme de longa-metragem.

Sem exageros, sem aquelas providencias nacionalizadoras extremas, adotadas alhures, o Estado Novo vem através medidas prudentes e amparadoras de interesses mútuos, nacionais e estrangeiros, possibilitando o cinema brasileiro. Assediado embora pelos negocistas e pelos "salvadores", pelos numerosos cavalheiros andantes da "causa do cinema nacional", o govêrno Getúlio Vargas tem sabido: por um lado, escapar a esse assedio de habilidade e da manha; por outro, atender, sem excessos, sem agressividade, sem faltar aos interesses nacionais — a causa dos legitimos trabalhadores do cinema brasileiro, desprezando os improvisados salvacionistas que pregam o oferecimento dos pequenos produtores até aqui lutando ao desabrigo de todos os favores — no pretenso interesse de um "grande" cinema que eles, osmágicos, com alguns milhares de contos de réis fornecidos pelo govêrno se propõem fazer...

Mas, deixemos a discussão estéril desse assunto sobre o qual o govêrno já está suficientemente esclarecido.

E passemos rápida revista sobre fatos do cinema nacional de 1939.

De princípio, alterando qualquer cronologia, aparece-nos o regulamento da obrigatoriedade do filme longo, inserto no regulamento do DIP.

É o grande acontecimento do cinema nacional em 1939: depois de fazer lugar, nos programas cinematográficos, aos complementos nacionais, o govêrno obriga os cinema à exibição mínima de um filme longo brasileiro, por ano. Parece, à primeira vista, uma gota de água no oceano. Mas, qualquer produtor dirá o contrário. E dirá, sobretudo, que esse filme por ano vale muito mais que as nababescas "cidades cinemas" e outras "cavações" que por aí circularam... Principalmente porque esse filme por ano é uma solução geral, equitativa, ao passo que muitas outras fórmulas consubstanciavam injustos privilégios.

Cumpre ainda salientar o concurso de "shorts" do Departamento — outra medida de largo alcance, que acentuou logo a melhoria dos complementos, e sobremaneira simpática, por atingir com a sua premiação os pequenos produtores de documentários e jornais.

Não é demais destacar tambem, como dos grandes acontecimentos de nosso cinema, em 1939, a participação do Brasil na "Biennel de Veneza", o grande "meeting" cinematográfico internacional, onde comparecemos representado por um de nossos autênticos valores — o sr. Humberto Mauro, técnico de direção do I. C. E., e onde mandamos, para exposição ao público especialista do certame, algumas obras realizadas excelentemente no Instituto que dirige o grande Roquete Pinto.

Alem dos "educativos" que fizeram apreciavel sucesso, o sr. Humberto Mauro apresentou tambem o seu "Descobrimento do Brasil" reduzido a "short", que interessou pelo carater artístico-didático da produção.

Outro fato de relevo para o cinema brasileiro foi a contribuição da "setima arte" à glorificação de Machado de Assis, no seu centenário, com a execução, pelo Instituto de Cinema Educativo, do filme "A Agulha e Linha", extraido da conhecida apologia machadeana. Embora o custo elevado desse curto, ele representa obra de primorosa realização, devendo-se evidentemente a ele a lembrança, aos produtores, da confecção de curtos com enredo, como a Cinédia, por exemplo, já está realizando, tendo filmado, à época em que escrevemos esta resenha, "O Culpado", de um skecth de R. Magalhães Junior, e "O Madereiro", do famoso conto de Aluisio Azevedo, ambos dirigidos por Milton Rodrigues.

O balanço da produção cinematográfica de 1939 é o seguinte:

CINÉDIA: *"Está tudo aí", "Onde estás felicidade", "Joujoux e Balangandans" e "Eterna Esperança". Os dois primeiros foram produzidos pela marca de Ademar Gonzaga; o terceiro foi produzido pelo sr. Castellaneta e o último pelo sr. Léo Muten. Aliás "Eterna Esperança" ainda não foi distribuido.*

Alem desses filmes longos, a Cinédia produziu regularmente o seu jornal semanal, acrescentou aos seus complementos uma "cine-revista" e produziu excelentes documentários, entre eles "A vida de Antônio Parreiras".

No seu ativo, o grande estúdio brasileiro conta ainda a criação de "Cinédia Distribuição", um órgão de distribuição tanto de seus filmes, como de produções brasileiras e estrangeiras de classe.

SONOFILMES: — *"Banana da Terra", "Foot-ball em família", "Anastácio" e "Laranja da China".*

Alem desses, a Sonofilmes realizou tambem "Simpático Jeremias" que ainda não estava estreado quando escreviamos, e alguns "shorts" musicais de interesse, como, por exemplo, aquele que apresentou a famosa orquestra de Fon-Fon e o que ouvimos, com excelente coluna sonora devida a competência de Moacir Fenelon, a pequena grande soprano Rosia de Rimini.

FILMOTECA CULTURAL: — *Um filme longo "Cisne Branco", foi a contribuição desta marca na produção brasileira de 1939, produção dirigida pelo Sr. Luiz de Barros e que e que constituiu uma história com a glorificação da nossa Marinha de Guerra.*

Essa produção de 1939 ainda se apresentou viciada por aquela política de fazer cinema, que esclarecemos acima.

Portanto não vamos querer exigir deles aque-

les valores que não podia oferecer de modo algum.

Ainda assim seria injusto um falso sandosismo, considerando-a inferior a filmes anteriores, evidentemente muito peiores, quer técnica, quer artisticamente falando.

Embora essas produções sejam ainda obras claudicantes, conteem já muito mais qualidade específica cinematográfica que tudo o mais, visto anteriormente e que, obtendo sucesso circunstancial, não tenha mais "cinema" que os filmes de 1939.

Não é possivel quasi destacar valores individuais no nosso elenco de filmes de 1939. É de justiça, entretanto, citar o nome de algumas estrelas apresentadas com ela, como Maria Amaro, Nilza Magrassi, Ana de Alencar, Alma Flora, Déa Selva, Marilú e de alguns artistas, como Paulo Gracindo, Arnaldo Amaral, Modesto de Souza, Grande Otelo, Herivelto Martins e outros.

A grande, absoluta revelação feminina do ano foi a "nencomer" Virginia Lane, que aparecendo numa pontinha de "Laranja da China", evidenciou o seu valor para o cinema. E o ator que maiores possibilidades demonstrou para o filme, tambem no elenco dessa revista da Sonofilmes, foi Lauro Borges, o humorista do rádio tão prestigiado no broadcasting carioca.

Foi sensivel a melhoria da técnica do filme brasileiro. Quer como direção, quer como fotografia e como som.

O ano de 1939 *trouxe ainda ao nosso cinema o interesse de alguns técnicos estrangeiros que para aquí foram atraídos, ingressando em nossos estúdios.*

Destacamos, desde logo, dentre eles, o Dr. Chianca de Garcia, diretor-artístico português a quem, desde logo, a Cinédia confiou a realização de "Pureza", celuloide com argumento estraído do famoso romance do Sr. José Lins do Rego; e George Fanto, técnico de luz que, tendo larga experiência dos estúdios europeus e americanos, está no momento prestando magnífico concurso à Cinédia, como assistente de Ademar Gonzaga, o diretor de "Romance Proíbido", que os estúdios de São Januário vão lançar estrelando, com Nilza Magrassi, dois novos esperançosos, Lucia Lamour e Milton Marinho.

LITERATURA BRASILEIRA

por Samuel Putnam

(Do Manual de Estudos Latino-Americanos 1938)

APANHADO GERAL

É com prazer que mais uma vez transcrevemos em nosso Anuário *um estudo feito pelo Sr. Samuel Putnam (a quem já tivemos ocasião de fazer referências o ano passado) sobre o movimento literário no Brasil em 1938, publicado no "Handbook of Latin American Studies" referente a esse ano.*

Para nós é particularmente interessante observar como se manifestam as autoridades estrangeiras sobre os nossos escritores, principalmente quando nos dão seu julgamento proprio e independente, sem se importarem com as opiniões já emitidas sobre os mesmos aqui no Brasil, onde estamos fartos de saber que as reputações literárias se firmam como as dos produtos farmacêuticos.

Salientando que os estudos do "Handbook" em regra mencionam todos os escritores brasileiros editados, fora dos interesses de grupos, aparecendo referências até a alguns desconhecidos entre nós, transcrevemos abaixo uma nota explicativa sobre os embaraços com que o Sr. Samuel Putnam elaborou o seu trabalho relativo ao ano de 1938:

"A secção de literatura brasileira do Handbook *deste ano foi preparada debaixo das maiores dificuldades — em cima de uma cama de hospital — e teria sido impossivel de ser apresentada se não fosse a gentileza e a cuidadosa assistência de varias pessoas. O autor deseja especialmente confessar o — quanto deve, expressando-lhes seus agradecimentos, ao redator-chefe do* Handbook; *ao Dr. Raul d'Eça, da União Pan-Americana, Washington, D. C.; à sua propria esposa, Riva Putnam; e a muitos brasileiros dedicados, amigos, escritores, publicistas, editores de revistas e outros, que forneceram elementos condenados de outra forma a serem excluidos tendo-se em vista a necessidade de recorrer às fontes habituais nas livrarias".*

N. R.

Em toda a America Latina, hoje em dia, como é evidente para qualquer observador bastante cuidadoso, dá-se sem dúvida alguma uma certa e bem acentuada revisão completa dos seus valores culturais, que age de qualquer forma, no aprofundamento de suas indagações e como estimulante desses valores aceitos no passado — Uma crítica intensiva de fontes culturais está sendo feita e vista nas obras de escritores como Luiz Alberto Sanchez, Medardo Vitier, Mariano Picon — Salas, e outros. Isto se reflete na ideologia politica de Haya de la Torre, e outros que advogam o *americanismo,* e parece ser em "pan-continentalismo" das Americas do Sul, uma doutrina que enterra suas raizes no "Indianismo" e no seu esforço para conseguir uma síntese dos impulsos nativos e ibéricos, o que tem dado lugar a escolas literárias tais como *indigenismo* peruano e *nativismo* uruguaio.

Por outro lado, o Brasil, como está indicado pela sua produção literaria corrente, pode parecer ter sido pouco afetado pelo movimento continental. A literatura brasileira, particularmente no ano de 1938, mostra que uma revisão largamente divulgada dos valores, está sendo feita, mas essa é puramente de carater brasileiro, e os olhares de intelectuais nas vizinhanças do Rio e São Paulo, parecem estar voltados, não na direção do "Homem Vermelho" de seus problemas sociais e sua herança artistica sim para trás, para uma Mãe Patria distante (distante em tempo e em espaço) na direção de Lisboa e Coimbra — Em outras palavras, é a herança "luso-brasileira", como está sendo chamada.

Tanto no Uruguai como no Brasil, *Nativismo* ou *indigenização* nunca demonstraram a vitalidade literária que teem no Equador, no Perú no México, e em outras partes, mas como nota Medrado Vitier, tem retido um colorido cosmopolita e *criolista.*

Presentemente, pode se dizer que é quasi desprezado, praticamente não existente como fenômeno literario.

A ligação renovada dos vínculos "luso-brasileiros" pode ser vista em tais ensaios, na lista abaixo, como os de Antônio Sergio e Nuno Simões, na alocução de Eugênio de Castro, nos esforços de um "rapprochement" (aproximação) literário entre os dois paises da parte de criticos como o português Afonso de Castro Senda, e o brasileiro Mario Borges da Fonseca, enviando "embaixadores" como Gilberto Freyre, Afranio Peixoto e Fidelino de Figueiredo, e nas contribuições de João de Barros, Carlos Ferreira, José Osorio d'Oliveira, Adolfo Casais Monteiro e Hernani Cidade, Vianna Moog nos dá um Eça de Queiroz como pano de boca do seculo dezenove, e Clovis Ramalhete, conferencias sobre Eça *romancista*.

Entretanto críticos e biografos brasileiros estão empenhados mais extensamente do que nunca, na excavação do passado literário do seu país, com o qual, desde alguns anos, se teem tão amplamente preocupado.

As obras coletivas de poetas como Casimiro de Abreu, Castro Alves, Alphonsus de Guimarães e Felipe de Oliveira, estão publicadas e seus autores sujeitos à nova investigação. As *"Memorias"* de Humberde Campos continuam a aparecer e a última palavra sobre este discutido luminar parece não ter sido dita.

O infortunio físico de Machado de Assis oferece por si só assunto para dois livros, e a vida "dramatica" de Euclides da Cunha inspira outro. As obras coletivas em prosa de Aluizio de Azevedo e Capristano de Abreu aparecem em forma definitiva. Olavo Bilac, Fagundes Varela, Gonçalves Dias, e Alberto de Oliveira ressurgiram, e a figura de Jackson de Figueiredo, o mestre da "contra-revolução" é ainda um centro de interesse. Ainda, João Ribeiro, Julia Lopes de Almeida, (e a lista poderia prolongar-se indefinidamente.

Não se trata de figuras apenas literárias, são tambem formas e escolas literárias, que fornecem materia prima para grande parte da crítica corrente publicada no ano passado (1937). Sob os auspícios do Ministério da Educação, o poeta Manuel Bandeira encetou uma serie distinta de antologias históricas, com a publicação dos seus *"Poetas Brasileiros da fase romântica"*;

Em conexão com o romantismo, podemos notar a declaração de um dos mais estimulantes e jovens críticos (quer se esteja ou não de acordo com ela) Lucia Miguel Pereira, que vê uma nova onda de misticismo romantico, e somente três escritores contemporâneos com a cabeça fora dagua, por assim dizer: Gastão Cruls, Graciliano Ramos, e Monteiro Lobato — E' uma fuga da inteligencia ante os problemas insoluveis de hoje que a Senhora Miguel Pereira encara, e ela observa que *romantismo e inquietação são sinônimos.*

Mas há os que não estejam satisfeitos com tais explicações e que queiram ver na sociologia e na economia uma interpretação não só da literatura do presente como tambem do curso inteiro da literatura brasileira e Wilson Werneck Sodré consequente nos dá em sua "Historia da Literatura Brasileira: Seus Fundamentos Econômicos" um ensaio que, se não for de todo um sucesso, não é por isso menos significativo.

O ano de 1938, tambem tem presenciado uma intensificação de interesse nos princípios basicos sobre os quais repousa a novela brasileira. Olivio Montenegro publica um volume em que discute as "origens e tendencias" da forma, e T. M. Rodrigues Alves Filho, acha que é preciso um livro para apresentar as relações de — *"O sociologismo e a imaginação no romance brasileiro"* — Em Portugal Lia Correia Dutra contempla a cena do romance no Brasil pela obra de José Lins do Rego. E não se deve deixar de notar a crítica assaz acerba de Edgard Cavalheiro, o qual assegura que os novelistas do seu país sofrem *de uma falta de espírito incrivel. De espírito e de inteligencia.*

Entretanto, pelo lado da erudição, um estudioso de S. Paulo, Rui Bloem, está projetando nova luz sobre a questão da primeira novela brasileira" que ele identifica nas *"Aventuras de Diófanes"*.

Outro ponto de investigações críticas é o teatro brasileiro, cujo primeiro centenario foi celebrado em 1938. La Fayette Silva apropriadamente fornece a *Historia do Teatro Brasileiro*, a primeira descrição completa feita até hoje. Durante muitos anos passados muito se tem discutido sobre a *crise do teatro no Brasil*, como em outros paises da America Latina. A proteção e a direção

governamentais são o remedio apresentado por Benjamin Lima. Em 1937, o dramatista Joraci Camargo pleiteou a reorganização do teatro, baseado na criação de um *teatro infantil* para treino de futuros auditorios. Agora, ele com Henrique Pongetti, apresenta o *Teatro da Criança* ou coleção de peças para o tal teatro de crianças.

O ano de 1938, foi brilhante como criação, no campo das novelas, na qualidade senão na quantidade de obras notaveis. *"Olhai os lirios dos campos"* de Eurico Verissimo — *Pedra bonita"* de José Lins do Rego — e *"Vidas Secas"* de Graciliano Ramos, são tres obras-primas das quais qualquer país se poderá ufanar. Além desses livros há: *"Mãos vazias"* de Lucio Cardoso. *"Amanhecer"* de Lucia Miguel Pereira. *"A Estrela sobe"* de Marques Rebello — *"O poço dos Paus"* de Fran Martins — *"Os Ignaracina"* de Raimundo Morais, e *"Rola Moça"* de João Alphonsus.

Dois recemchegados — Silvio Rodrigues, de 17 anos, autor de... *"e a peça continúa"*, e Antônio Constantino, autor de *"Embrião"* são tambem dignos de nota. O poeta Newton Belleza volta-se para a novela com *"Mulher sem marido"*.

No conto a *"Historia puxa historia"* foi provavelmente o volume mais discutido enquanto *"Irmandade"* de Newton Sampaio ganhou o primeiro premio conferido pela Academia Brasileira de Letras.

Entre os que escrevem ensaios, Gilberto Freire, nas suas *"Conferencias na Europa*, abrange toda a questão de cultura luso-brasileira — Arthur Ramos, tambem cientista nos seus *Notas Psicológicas sobre a vida cultural Brasileira"* oferece uma contribuição notavel. E Tristão de Ataide (Alceu Amoroso Lima) continúa a tornar clara a posição do Direito Catolico, na sua *"Meditação sobre o mundo moderno"* e *"Idade, Sexo e tempo"*.

Quanto à poesia, alem dos reimpressos já mencionados, temos os "Novos Poemas" de Vinicius de Morais, e uma coleção de Felipe de Oliveira, versos espalhados. Relativamente à produção contemporânea, os dois livros mais discutidos foram *"A tunica Inconsultil"* de Jorge de Lima, e *"Porto Inseguro"* de Rossine Guarnicri. Antes de concluir esta apreciação, ha certos traços da cena literaria brasileira demonstrada na bibliografia de 1938 que merecem menção. Um é o importante reaparecimento da "Revista do Brasil", na sua *3ª fase* sob a direção de Octavio Tarquino de Souza. A nova revista lembra o "The dial" norte americano, na sua *"segunda fase"*. E' de sabor cosmopolita, sob a influência francesa assaz acentuada, mas as raízes nativas não são negligenciadas. A *"Revista do Brasil"* é o tipo de revista que pode muito bem mudar a direção do rio literário cultural.

Digno de nota para terminar, é o crescente interresse pela literatura brasileira nos países onde se fala espanhol, notadamente na Argentina. O ano de 1938 viu publicar em Buenos Aires "Os sertões de Euclides da Cunha, e *"A viagem maravilhosa"* de Graça Aranha traduzida para o espanhol. E a Academia Brasileira de Letras patrocina uma Antologia de Sonetos brasileiros, desde o seculo dezessete até o presente, traduzidos em espanhol por Alvaro de las Casas.

Diz-se entretanto que Aulio Garcia Millid editor do "Itinerário" da America (Buenos Aires) está preparando um trabalho sobre "Origem racial, e destino da nação brasileira", que encerrará um estudo sobre novelistas, poetas, autores de ensaios, historiadores literarios e os comentadores da literatura brasileira na América espanhola.

A Necrologia do ano inclue: João Cordeiro, Autor de "Corja" (1934), que morreu na Capital da Baía aos trinta e três anos, deixando uma novela incompleta "Trapiche", colaborador bem conhecido de revistas literárias (Cordeiro fazia parte do "grupo da Baía" com Jorge Amado, Edson Carneiro, e outros); o conde de Afonso Celso, membro da Academia Brasileira de Letras, e Alcides Bezerra, por muitos anos editor dos arquivos publicos nacionais, membro da Academia Carioca de Letras e colaborador do *"Boletim de Ariel"* e outras publicações.

Enquanto 1938 presenciou o advento de um numero de novos talentos promissores, marcou tambem a perda de mais de uma personalidade de valor.

(Tradução de Stela Pimentel Brandão).

A Caixa Econômica Federal em Minas e a sua Carteira Hipotecaria

O CONSELHO SUPERIOR ACABA DE SUGERIR A TODAS AS CAIXAS PROVIDÊNCIAS DE ALTO VALOR PARA A COLETIVIDADE QUE VEEM SENDO ADOTADAS, EM BELO HORIZONTE, PELO SR. VICENTE RISOLA, DESDE 1937

O Dr. Vicente Risola, que, na presidência da Caixa Econômica Federal em Minas, tem se distinguido pela orientação de grande alcance social e humano que deu àquele instituto, acaba de ter o maior elogio à sua obra de administrador, através de uma indicação aprovada pelo Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais e transmitida aos Conselhos Administrativos de todas as Caixas Econômicas Federais do país.

A CAIXA ECONÔMICA RESOLVENDO O PROBLEMA DA "CASA PROPRIA"

A "Indicação", que o Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais aprovou e transformou em sugestão às Caixas Econômicas Federais, foi apresentado pelo Dr. Luiz Miranda, ilustre diretor daquele Conselho.

O autor da "Indicação" justificou-a amplamente em oportunas e brilhantes considerações.

Transcrevemo-la:

INDICAÇÃO

"Sendo função expressa e atribuição das Caixas Econômicas Federais, de acordo com o que dispõe o Decreto n.º 24.427, de 19 de junho de 1934, a aplicação de suas disponibilidades em operações de diversas modalidades dentre elas as de natureza real com garantia hipotecaria de imoveis urbanos, ou propriedades destinadas a fins que não sejam agricolas; e sendo certo que é de indisticutivel necessidade que essas aplicações atendam aos interesses das classes da sociedade menos favorecidas, que lutam mais diretamente em suas atividades quotidianas em prol do engrandecimento nacional, possibilitando os seus componentes de meios adequados à aquisição do lar próprio, onde encontrem abrigo seguro e possam prover condignamente a subsistência e educação da prole, a salvo das incertezas do destino do homem não radicado ao teto adquirido com o produto de pequenas economias, proponho que o Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais se comunique, por meio de ofício, através do ilustre presidente, com os Conselhos Administrativos das Caixas Autônomas, no sentido de voltarem as suas vistas para as medidas que possam assegurar a operários, funcionários, profissionais liberais, militares de terra e mar, inclusive os das forças policiais dos Estados, a aquisição da Casa Própria já pelo financiamento da construção através de organizações idoneas, já mesmo diretamente aos interessados, mediante planos que estabelecerem, juros maximos de 8%, prazos até vinte anos para as familias de operários, funcionários e militares, e de quinze anos para os profissionais liberais, na conformidade da tabela Price, colaborando por essa norma com os poderes públicos na tarefa social de construção de casas populares destinadas àqueles que pela sua condição de trabalho, possam fazer face à amortização mensal de juros e capital assegurado o objetivo econômico dessas aplicações".

CASAS CONSTRUIDAS E ADQUIRIDAS PELA CAIXA ECONOMICA

Não há como os algarismos para darem uma idéia expressiva do que, em beneficio da capital mineira e dos seus habitantes, tem sido realizado pela Caixa Econômica Federal em Minas.

De 5 de agosto de 1937, data em que o Sr. Vicente Risola assumiu a presidência da Caixa Econômica Federal, até 31 de dezembro de 1939 a Caixa Econômica empregou em emprestimos para aquisição de casas 30.595:380$000, tendo sido nesse periodo financiadas 300 construções e adquiridas 664 casas já construidas.

O MUNDO SE DIVIDE

por Lafayette Rodrigues

Há mais de dois mil anos foi o mundo invadido por um dilúvio, diz a Escritura, devido à grande dissolução dos costumes do povo daquela época. Era assim um castigo divino para que, desaparecendo a semente de tal gente, surgisse um mundo novo de principios de moral, de religião, de fraternidade e de igualdade universal.

Se é histórica a afirmativa biblica de que naquela hecatombe diluviana o Homem-Deus deixara o testemunho de um só mortal para exemplo dos posteros da nova criação, iludira-se, porque a semente ficara com Noé e este legara ao novo mundo os vicios de sua geração.

Pelo fruto se conhece a árvore.

Desta forma não podemos ser punidos se os nossos ancestrais nasceram dessa semente e dela descendemos nós.

A profecia biblica dá ao mundo de hoje uma existencia que está ao alcance desta geração de vê-la findar.

Os téologos vêem na santa posição dos dedos indicador e médio colocados sobre o coração do Homem-Cristo, a indicação de que o mundo atual, não vai alem de dois mil anos!

Os sintomas desta profecia parecem que se avizinham dos nossos dias com a divisão do mundo em duas correntes de ideológias antagônicas; uma pela democracia que é o unico regime compativel com a dignidade do homem livre, a outra a ditadura, o despotismo e a vontade de um só individuo.

Levanta-se assim uma corrente poderosa contra outra que já vai se alastrando de país a país, e de continente a continente, até chocarem-se num dilúvio de fogo e sangue cuja consequencia a ninguem é dado prever.

A liberdade já, praticamente, não subsiste mais no sentido social de uma das correntes, ditada pela prepotencia de um só cidadão. Se deste lado estão Alemanha, Italia e a Russia que se regimentam para o combate à liberdade e ao direito de vida dos fracos, surge a França ao lado da Inglaterra, que é na expressão feliz de Eça, o Messias salvadora dos oprimidos, o Cristo das nações. Estabelece-se a primeira divisão do mundo em que o caos e as ideologias demagógicas procuram aterrorizar os povos debeis, anexando-os aos seus territorios, já invadindo outros sob pretesto de protetorado.

A democracia, porem que é a maior força moral no mundo, insurge-se contra essa invasão de prepotencia ferindo o fundamento da Lei humana e de Deus que é respeitar o direito; isto é: — dar o seu ao seu dono.

Se acaso venham a sossobrar as nações democráticas na defesa desse principio cristão, em que o mundo, está hoje dividido, é de supor que a profecia venha a realizar-se de que pelo fogo será o seu fim.

Certamente do fogo não sobreviverá um Noé que vá legar aos seus advindos, moradores desta abençoada terra, a tara dos infelizes do seu tempo.

CUITÉ

por Sebastião Fernandes

O periódico parisiense Candide fez um inquérito para saber se havia relação entre a causa literaria e a causa publica. Na época de eversão a que chegamos, em que ha forças que ás claras tentam destruir a inteligencia e nos obrigam a refletir sómente sob um prisma, a viver sem conciência, o jornal francês perguntava aos leitores qual a relação entre o ponto de vista literario e politico. As respostas foram muitas e na sua maioria mostraram os erros dos que tentam deter a marcha do espirito ante a força bruta. Houve o mesmo fenomeno em todos os tempos, em todas as épocas ela se repete ou finge renovar-se...

Em época cheia de defeitos, o homem, na presunção de esconder a impotencia e mesquinhez diante da vida, proclama-se superior. Acaba a impressão por se refletir em todos os setores; e mesmo os que teem alma para entender e amar a poesia declaram ou sentenciam que a poesia morreu, como outros assassinaram o luar e outros achincalham as valsas de Strauss...

Epoca de arrogancia talvez seja principio de declinio...

Todos querem mandar. Cada um tem um plano e ponto de vista pessoal e exige que se pense da mesma maneira. São técnicos até para pensar, sem falar na autoridade temporal e espiritual dos super-homens.

O individuo é obrigado a optar pela **direita** ou **esquerda**, o que levou Erico Verissimo a dizer que quem não fosse boi seria vaca!

E avisa: Nada de romances! Nada de poesia! Estamos na época das grandes reformas! Vamos deixar de platonismos!

Epoca de estudos sociais! Lutas raciais, dialetica de Platão; coisas sérias.

Se uns mandam outros teem a volupia de obedecer.

E a covardia dos inteletuais continua a fazer estudos sociais e encher estantes com problemas sérios...

Passou a moda?

Mas a covardia continuou.

Foi anunciado que a época era de romance.

E indagavam:

— Você precisa fazer um romance. Sabe? Até Napoleão escreveu romances.

— Não adultera. Ele tentou fazer duas narrativas...

Veio o momento em que era moda ser catolico.

— Então vamos ler os Salmos de Daví e escrever algumas paginas sobre alma mistica.

E assim segue a comedia.

No fundo é a ansia de aparecer; a popularidade de qualquer maneira.

Ah! se eu soubesse jogar foot-ball...

E veem queixas e lamentações mostrando os jornais.

Um crime qualquer com noticiario minucioso, aparato de estampas e letreiros gordos. Se não é possivel estampar o cadaver publica o enterro com pinceladas à Pöe.

Dirão que o jornal vive do imediatismo e no dia seguinte é uma velha folha... O jornal fixa o momento e o escritor tem a noção da fuga do tempo. Ao grande publico não interessa o que o literato escreve na sua maioria, ficção. E ali está a realidade...

Mas o maior desencanto está na parte esportiva. Duas paginas repolhudas com abundancia de clichés nitidos: o dum back tomando chá; o extrema direito falando ao telefone e outras minucias e tratamento que Osvaldo Cruz e Euclides da Cunha seriam incapazes de obter. Todo mundo gosta de ler o crime e saber a historia dos atletas. Por isso não se póde esquecer aquela pagina de Alvaro Moreira ao publicar, na sua revista, o retrato dum analfabeto "goal-keeper" com a legenda: "Um dos homens mais notaveis do país".

Para que persistir no apurado gosto publico. De nada valeria o despeito.

Aliás na Inglaterra, num concurso para se conhecer qual o mais popular dos escritores foi de pasmar a vitoria folgada de Edgar Wallace...

Só sabemos fazer concurso de cantores de radio.

Lutamos contra tudo. E num gesto largo:

— O oceano...

A geografia...

Não é só com o exterior que temos os nossos problemas geográficos. Aqui mesmo, por longo tempo, se escreveu sobre norte e sul. Mania de dividir para diminuir. Como tam-

bem se falou de classico e romantico, passadista e modernista, esquerda e direita.

Toda essa historia é por causa de CUITÉ. E' um livro diferente. Os Irmãos Pongetti sabem que vão editar um livro que, mesmo não falando do Amazonas nem dos pampas, nem nordeste ou sertão, vai falar de todos eles, nos problemas do Brasil inteiro que apresentamos no livro CUITÉ.

Ambientes da foz do Rio Paraíba, estudos, paisagens, marinhas, folk-lore e sociologia; Contos, observações e estudos no cenario cheio de sol, dos ultimos vinte quilometros do Rio-da-Escravidão.

O aspecto rural, regional ou municipal é, em geral, muito estreito e restrito. Diria mesmo acanhado para quem não conhecer a região. O escritor fica como que isolado e sem maior numero de leitores. Ha o caso do premio Nobel dado a um polaco que pouco nos adiantava ler pela região que apresenta. Contudo ha os que falando doutros ambientes regionais como Kant Hamsun ou Afonso Arinos, ampliam fronteiras. E seria um regionalismo universal, se assim se pode dizer, caso a lingua portuguesa não fosse o celebre tumulo.

Portanto não foi o estreito sentimento regionalista que nos levou a escrever CUITÉ, mas o profundo e sincero sentimento pelas observações ante a paizagem natal e as primeiras tentativas de identificação com a terra e os problemas apresentados.

O sentimento da terra é o que mais poderosamente age sobre o nosso mundo psiquico, passados tempos, distantes o torrão natal, qualquer objeto de lá nos traz os mais espansivos sentimentos. E as paisagens, as vozes ouvidas na infancia, os tipos, o aroma acido das frutas, tudo quanto impressionou o menino vem com força poderosa para ficar claro e nitido como os quadros da natureza lavados pelas chuvas onde parecemos adquirir mais capacidade visual. Mas sem hiperboles. Nada de discursos patrioteiros: a gente do campo com a realidade na inenarravel miseria em que vive. Um homem corroido pelo impaludismo em regiões infectadas pelas endemias cruéis; pântanos ricos de mosquitos, abandono criminoso de regiões ferteis, a politicagem que só queria votos e impostos. Culpa dos politicos que viviam berrando: — Exodo dos campos! Quem não fugiria dum lugar onde se sentisse desprotegido?

Livro amado e por isso passivel de choque, provocando discussões.

FRONTEIRAS AÇUCAREIRAS

Gileno Dé Carli

No Brasil não existe propriamente fronteiras estaduais para a produção do açucar. Desde Pernambuco onde a produção de cana de açucar é a mais elevada até ao Amazonas que tem o plantio menor, do extremo Norte até o Rio Grande do Sul, da costa oriental até os Estados do Oeste, a cana de açucar vegeta bem. O que ocorre porem é uma especie de "vocação" açucareira, que determinou grandes produções em várias zonas e exiguas em outras regiões. Não se poderia conceber que a Amazonia votada à exploração da borracha, da castanha e da madeira, que São Paulo se tendo encaminhado durante mais de um século pela monocultura agressiva do café, que o Paraná e Santa Catarina presos à herva mate, — nativa em seus campos, — que o Rio Grande do Sul sempre dedicado à pecuária, se tornassem todos eles, tambem, grandes produtores de açucar.

Depois o que orientou a cultura canavieira no Nordeste foi inegavelmente a facilidade de exportação de açucar para a Europa. A cana de açucar só se disseminou em maiores proporções pelo Brasil, depois que o consumo interno o foi exigindo.

Existem, porem, fronteiras açucareiras, aliás, sómente no Nordeste, traçadas pelo clima.

No Nordeste, a cana de açucar vive nas zonas húmidas e semi-húmidas, nas faixas litoraneas da zona da Mata. Onde existe água a cana vegeta, na zona do litoral, como matéria prima para as Centrais, para as usinas. Onde a água é mais escassa, a cana de açúcar é matéria prima para os engenhos banguês que foram empurrados para o extremo da zona da Mata, quasi nos limites com o agreste ou com a caatinga.

Finalmente, onde as precipitações pluviométricas são exiguas oú irregulares, no sertão, às margens dos riachos e lagoas, nos alagadiços, na jusante dos açudes, a cana de açucar é matéria prima para a fabricação da rapadura.

Nesse nordeste açucareiro o tipo de açucar impregnou o ambiente com uma fisionomia e uma cultura.

Onde o tipo de açucar de usina tem a predominância, o latifúndio impera, e a monocultura é soberana. A grande usina é o centro da economia da região. Pela necessidade cada vez mais intensa de novas terras para cultura e de matas para a obtenção de lenha, as usinas foram eliminando das zonas mais húmidas os engenhos banguês, restando sómente os que se localizam fora da zona econômica das usinas. Assim se criou o latifúndio açucareiro. Ha usinas com áreas de terras de 15, 20 e até 25 mil hectares. Nessa zona a média de precipitação pluviométrica oscila de 1.500 a 3.300 milimetros.

Onde o tipo de açucar bruto predomina aí reside o último reduto dos engenhos coloniais. O banguê representa com o rudimentarismo de suas instalações, o apogeu do periodo pre-industrial do açucar. Foi o expoente da economia brasileira durante mais de 300 anos. Com o engenho banguê a cultura canavieira não é exclusiva. A mandioca, o algodão e a pecuária suavizam os efeitos da lavoura de cana. Além disso, sendo o senhor de engenho geralmente um produtor de poucas posses, vê-se na contingência de aforar terras para diversas culturas. Esses aforamentos se fazem por um periodo anual, sendo normal o pagamento da renda de 100$000 a 150$000 o hectare. As propriedades, em suas áreas, oscilam de 200 a 500 hectares.

Nessa zona as médias anuais de precipitações pluviómétricas oscilam de 900 a 1.200 milimetros.

O açucar bruto é alimento das classes menos favorecidas, das classes operárias, cujo índice de cultura é mais baixo, ou quasi nulo.

Finalmente, na zona da rapadura, zona no nordeste localizada nos brejos do sertão, o engenho é de tipo inferior, não podendo haver termos de comparação com os engenhos banguês. As moendas são de alguns centímetros, muitas vezes de madeira, e sempre com "pés" de madeira.

Pequenos tachos de evaporação. Nos cochos, os retângulos onde o melado tomará a forma de tijolo de rapadura. Todo o pessoal que trabalha nessa fábrica rudimentar é o produtor e sua familia. E' uma fábrica primária num ambiente primário. Faz talvez exceção a essa paisagem de primitivismo industrial alguns engenhos de rapadura da região da Borborema, na Paraíba e do vale do Ceará-Mirim, no Rio Grande do Norte.

Nesses grandes engenhos de rapadura, se faz a cultura do algodão arboreo e mocó, e do fumo, existindo tambem a exploração pecuária.

Nos tipos de engenhos comuns de rapadura, as propriedades são pequenas, de 30 a 50 hectares.

A média de precipitação pluviométrica dessa zona é de 700 milimetros, oscilando entre 400 e 900 milimetros de chuvas.

Essas fronteiras açucareiras fixadas pelas quedas de chuvas, pelo clima portanto, traçam os limites geográficos e econômicos das três zonas, e dos três tipos de açucar.

Na economia açucareira, o usineiro tem um interesse muito diferente do banguezeiro, e o rapadureiro vê no banguezeiro o seu grande concorrente.

A economia do açucar de usina é de assimilação, de absorção, de predominio e de expansão. A proximidade do engenho banguê à usina é sempre perigosa porque a "fome" da usina pelas terras, e hoje pelas "quotas' de produção é um fato econômico inconteste.

O engenho acabará anexado à usina, vindo aumentar o latifúndio da grande fábrica. E' uma contingência à que está presa a usina.

A economia do açucar bruto é de resistência à assimilação, à absorção que lhe faz a açucar cristal, quer absorvendo o engenho para efeito de adjudicação do seu limite de produção, quer expulsando de sua zona de consumo, desde o momento em que o açucar de usina — refinado, grã-fina, cristal ou demerara — abandonando as capitais, procurou o consumo no interior.

Entre os dois tipos de açucar há inegavelmente uma luta surda. A civilização industrial contra a rotina. O forte em poderio porém pouco numeroso, contra o fraco em grande número. Uma época de concentração industrial contra uma economia patriarcal. Luta ininterrupta e fatal. Luta de duas épocas e de duas culturas dentro de uma economia fechada, cujo desfecho pode ser retardado porem nunca evitado.

CANÇÃO DA FELICIDADE

Que estranha doçura invade
minha carne, meu espírito e meu ser.
Por que será que não se ha de
gozar sempre este prazer?

E' bem certo que a ventura
que a gente tem, não mereceu.
Mas, ai que fora imensa loucura
recusar aquilo que Deus nos deu.

Oh! felicidade de não ser nada
e na vida sem compromisso
ser alma apenas enamorada,
meu Deus, do cósmico feitiço.

De madrugada, olhar os astros,
depois regar as margaridas.
De noite, evocar andejos mastros
onde se jogam tantas vidas.

Por que será que a gente não vive
mais sonhando, como outrora?
Quantos dias felizes já tive
quando sonhava assim como agora!

Espinhos, tropeços, pedras e pedras
nós semeamos pelos caminhos.
Como ser feliz, se tu não medras,
felicidade, no meio de espinhos?

TUDO NA VIDA DEPENDE APENAS
DE UM AMOR QUE SONHA COM A REDENÇÃO.
OS SONHOS ESPANCAM TODAS AS PENAS
E O AMOR EMBRIAGA O CORAÇÃO.

MELO CANÇADO

Tyrannus Senex

Orvacio Santamarina

A Grecia sonhou um regime politico que aniquilasse a hipótese de depender o destino da nação de um único homem. Seus alicerces deveriam repousar na conciência de cada indivíduo. Não viu realizado integralmente seu grande sonho, mas essa aspiração passou a ter um alto sentido histórico.

O desprezo às leis de Dracon demonstra que a alma grega ora infensa ao despotismo. Mesmo assim, não escapou à sua ação. Favoreceu esses maus periodos da existência da velha Helado um núcleo de gente objeta — *essicofanta* — que se dedicava profissionalmente à espionagem e, às denúncias. Aquele povo heróico soube, contudo reagir à influência nefasta: Periandro chegou a mandar assassinar sua mulher e seu filho porque se revoltaram com a rigidez de seus princípios; pouco os sobreviveu, porem, Psamético, que o substituiu, teve morte violenta três anos depois de assumir o poder. Falaris de Akragas, que dominou a Sicilia, imolava vítimas a um touro de bronze; por fim o povo o sacrificou pelo bem estar coletivo... A ambição e o despeito levaram Critias a mandar eliminar Teramenes, — ambos eram chefes dos Trinta Tiranos. Antifon, Leontiades, Arquias, Filipes e Hipates, foram mortos, em Tebas, pela turba revoltada.

Tamerlão o colosso tártaro, levantou uma pirámide com noventa mil cabeças; acabou soterrado pela avalanche desses destroços humanos...

Felipe, o tirano macedônio, foi apunhalado. O poder corrompeu a alma do jovem Alexandre. Fê-lo desconfiar dos amigos, dos generais dedicados, dos prudentes conselheiros, deixando-se empolgar pela lisonja e pela intriga. Seria dramático seu fim se uma providencial moléstia não o houvesse arrebatado da face da terra...

Os romanos herdaram dos gregos a tradição politica. Os filhos da Loba prolongaram a vida dos descendentes de Afrodite.... Tarquinio, Cesar, Caligula, Nero, Dominiciano, Cômodo, Caracala, Antoniño, Alexandre Severo, Aureliano, Tacito, caíram sob o pedestal da tirania que não puderam manter...

Na antiguidade os povos sofreram; souberam, no entanto, limitar seu sofrimento, por isso tiveram tambem longos periodos de tranquila felicidade. Eis por que quando perguntaram a Tales de Mileto qual a coisa mais rara de ver entre os homens, ele respondeu: — *Tyrannus Senex.*

* * *

No século XX tem-se a pretensão de julgar inferiores os povos da antiguidade porque desconheceram Rousseau, Montesquieu, Voltaire... Julga-se ter atingido um vertiginoso grâu de evolução. Ingenuidade! Tracemos o perfil de um dos mais famosos chefes de Estado de nossos dias e vejamos em que difere dos ditadores da antiguidade. Em todos os quadrantes do Globo vive em sua odiosa expressão o lema de Luiz XVI: *Je suis l'Etat.* Alega-se que a intranquilidade social forja os ditadores; muitas vezes, porem, os ditadores é que forjam as intranquilidades sociais...

A antiguidade produziu um Péricles, estadista que teve perfeita compreensão dos interesses morais e intelectuais do seu povo; o século XX produz um Juan Vicente Gómez, um Stalin, um Mussolini...

Benito Mussolini nasceu em Dorio Predappio. Era filho de um desses homens admiraveis que domam o ferro e o aço, moldando-os a seu capricho e de uma professora. Custou muito a aprender a ler, mas obteve facilmente o seu título de mestre-escola. Sua origem humilde despertou-lhe na alma a flama da revolta. E a luta social, que se esboçava, atraíu-o.

Na Suiça, aos 19 anos, tornou-se conhecido como agitador revolucionário. Em Louzanne teve algumas escaramuças com a polícia, conseguindo realizar a primeira aspiração de jovens revolucionários — alguns dias de cadeia...

1910 — Expulso de Trentino pelas autoridades austriacas, dirigiu-se para Forli, onde lançou um jornal esquerdista: *A luta de classes.* Ao arrebentar a grande guerra dirigiu a campanha da intervenção da Itália ao lado da França. Nessa ocasião, exclamava: — *Noi che t'amammo, o Francia!*

Há homens que se transformam em esfinges nos graves momentos históricos. Agitou com discursos os trabalhadores e os estudantes. Em seguida, percebendo que suas idéias o comprometiam em certos núcleos politicos, resolveu mudá-las. Idéias são como camisas, pode-se trocá-las de acordo com o clima... É caracteristico da época...

1921. Com trinta e nove anos, foi eleito deputado. No ano seguinte, após a "marcha sobre Roma", o rei o incumbiu de organizar o ministério. Que jeito?!... Implantou ele, então, uma ditadura de partido, sem a cooperação espontânea do povo e contra as forças intelectuais da nação. Mobilizou, antes de mais nada, um admiravel corpo de *sicofantas*...

Mussolini reune talento, certa cultura, teatralidade e espantosa atividade. Definindo sua politica, escreveu: "Devemos deixar de lado os laureis quando existe o perigo de dormir sobre eles; pobre do chefe que for indulgente com os outros, ou o que é peor, indulgente consigo mesmo." É o tipo do puritano: não fuma, não bebe, não dansa, etc., gosta de camisas de fecho *eclaire*, tem horror à imobilidade, o que, aliás, não o impede de engordar... Seu repouso, aos domingos,

consiste em tomar o avião e inspecionar cinco ou seis aero-portos; visitar a academia do Ar, em Florença; assistir a experiência de um novo modelo de avião, em Pisa; ou percorrer, de automovel, as estradas, detendo-se de vez em quando para interrogar os camponeses que, amedrontados, respondem tudo que lhe possa agradar... Vai a Viareggio tomar banho de mar. Visita uma creche nessa cidade, depois volta a Roma onde assiste um concerto.

Desde que subiu ao poder, mostrou pendor belicoso — indispensavel nos verdadeiros ditadores. Conquistou Fiume, Abissinia, Albania e anexou à Somalia 91.122 ks. q., num total de 1.218.677 ks. q. com 13.125.000 habitantes. Referindo-se a esse tipo de politicos, Henry Thomas escreveu: "Quando nos tornarmos civilizados, internaremos todos os homens perigosos dessa espécie num hospicio de doentes violentamente atacados, por ser esse o lugar que mais lhes convem, naturalmente."

*
* *

Certa vez dirigia-se de motocicleta para Ostia, a fim de tomar banho de mar. Seu veículo, em grande velocidade, abalroou num pequeno carro de lavradores, destruindo-o completamente e ferindo os ocupantes. Os camponeses não o reconheceram porque usava capacete e oculos de automobilista, nem estranharam a catastrofe... Logo depois passaram os guardas de corpo do chefe do governo e as vítimas se certificaram... Sacudiram a cabeça conformados, como que não tem outro remédio senão aceitar os implacaveis designios superiores...

Recentemente, durante as grandes manobras do exército italiano no vale do Pó, o ditador retirou-se com muita antecedência. O fato provocou estranheza. Diversas hipoteses foram levantadas... E as fontes oficiosas se apressaram a esclarecer: "acredita-se que o senhor Mussolini, contra os seus hábitos, tenha se retirado antes do tempo, a fim de permitir ao Rei Vitor Emanuel e ao Principe Humberto herdeiro do trono, que ocupem lugar de destaque nas ceremonias finais das manobras." Como se vê, o exemplo de resignação é dado pelo próprio rei dos italianos...

O famoso autor de "A amante do Cardeal" não admite — presentemente — que se ofenda a dignidade da Igreja! Mandou queimar, em público, as imortais obras de Balzac, Poe, Thomas Mann. Do judeu Ludwig escaparam *Os Coloquios com Mussolini*. Até Axel Munthe, com sua bela e comovida exortação em favor dos animais, não escapou a esse arrebatamento inquisitorial...

Assim, a Itália, como outras grandes nações de hoje, sofre o absolutismo implacavel da antiguidade, a asfixia espiritual da idade média e o imprevisto de nossos dias... Em que são, pois, inferiores nossos antepassados? Mais infelizes somos nós porque ainda não pudemos repetir com Tales de Mileto:

— *Tyrannus senex*.

S i l ê n c i o

Silêncio para que o mundo renasça,
silêncio para que as noites voltem a ser puras;
silêncio para que o mundo renasça
e voltem os mares, os rios, as fontes, os córregos
e os mais frageis regatos a deslizar docemente
acalmando febres, dessedentando lábios, levando impurezas!
Silêncio para que as palavras
sejam inaudiveis e atravessem o infinito;
silêncio para que voltem as chuvas,
o vento bom, este mesmo vento
que apaga todas as sombras;
silêncio para que as lágrimas se cristalizem
e se transformem em sementes
que de tuas mãos para meus lábios
percorrerão uma trajetória ininterrupta;
silêncio para que continue a perpetuação de teu sangue no Kosmos,
na dor, no prazer, na tristeza da vida, na alegria da morte!

D E O L I N D O   T A V A R E S

Publicidade Racional

Amadeu Amaral Junior

Alguem já definiu a época em que vivemos como a "éra do Slogan", isto é a era da publicidade racional.

O *slogan* é a forma definitiva da publicidade, o que não quer dizer que não possa ser melhorado. É passivel de infinitas melhoras e adaptações, mas continua, em essência, a ser sempre e tão somente um *slogan*, ou seja uma frase simples, convincente, sem complicações literárias inuteis ou prejudiciais e, sobretudo, uma frase que penetra na cabeça do público através de dois dos seus sentidos: a vista e o ouvido, por intermédio da imprensa e do rádio.

A publicidade, depois que atingiu tal simplicidade lapidar, se tornou muito mais apaixonante que a literatura, porque a literatura quer ser compreendida, ao passo que a publicidade quer convencer.

O *slogan* já existia na literatura e é que se chama provérbio. E não há peça literária mais perfeita que um provérbio. Este é como pedrinha de fundo de rio: banca pedra preciosa de tanto rolar. Qualquer ideiazinha rasteira exposta na forma de provérbio adquire uma autoridade impressionante: "Não digas desta água não beberei", "De grão em grão a galinha enche o papo", "Devagar se vai ao longe", etc. Se a gente for aprofundar essas afirmativas todas e outras que tais verificará que o proverbio nem sempre tem razão e, mais ainda, quasi sempre um proverbio é desmentido por outro. "Mais vale quem Deus ajuda do que quem muito madruga" tem a sua antítese em "Ajuda-te e Deus te ajudará".

Uma coisa, porem, fica de pé: o exemplo da concisão literária como a mais alta aspiração do escritor. Exemplo que raramente tem sido seguido. Houve um Machado, cujas frases, muitas vezes, eram verdadeiros provérbios: "Mas vale caír das nuvens que de um terceiro andar". Mas parece que o pai de Capitú ficou sozinho. A maioria dos literatos preferiu se espraiar nos interminaveis "romances-rio", ou, o que é peor, nos romances-lagos e romances-pântano.

A Publicidade foi mais inteligente que a Literatura percebeu o valor do provérbio e fez dele a sua arma por excelência.

Um homem que saiba fazer *slogans* bem feitos pode, sem sair de casa, influir de maneira extraordinária na evolução do seu país. Há exemplos desse instrumento na politica e mesmo entre nós um deles foi empregado ativamente. Refiro-me à frase tantas vezes ouvida em 1930: "Para o sr. Washington Luís a questão social é um caso de policia." Ninguem negará o papel que essa frase exerceu na propaganda da Aliança Liberal.

Em 32 os paulistas fizeram outra aplicação do *slogan*, com a frase: "Você tem um dever a cumprir!" Era uma boa realização do processo porque esse dever se subentendia qual fosse.

Entre nós, porem, essa arma politica ainda é pouco empregada. Um grande criador de *slogans* politicos e sociais foi Marx, algumas de cujas frases são bem conhecidas. Esta, por exemplo: "A religião é o ópio do povo."

No terreno comercial fizemos, já há muito tempo, algumas experiências bem razoaveis, como estas: "Tosse? Bromil" e "Doe? Geloi". Isto, inegavelmente, se aproximava bastante da famosa definição americana da publicidade: "É a arte de convencer os outros de quẽ devem comprar aquilo de que não precisam".

A grande virtude do *slogan* e que se pode observar nos dois exemplos anteriormente citados, é que, uma vez lançados a circulação, eles se manteem por si mesmos durante um tempo mais ou menos longo. É, portanto, uma propaganda infinitamente mais eficiente que a da gravura ou do anuncio cheio de palavras. O *slogan* fica ressoando nos ouvidos do público ou guardado nas retinas dele. Surge nas conversas, aparece nos momentos de falta de assunto e aduba até as pilherias. Ah, o número de pilhérias que se fizeram com o "Tosse? Bromil"!

O *slogan* é como o anel de Policrates e uma comparação semelhante já ocorreu ao sempre citado Machado de Assis, que fez um conto justamente co messe titulo, "O anel de Policrates". Policrates, rei de Samos, era tão rico que não sabia o que fazer dos seus bens. Um dia jogou ao mar um anel. Um peixe comeu o anel. O peixe foi pescado e levado para as cozinhas do palácio real e, quando o abriram, encontraram o anel. Machado recorda a história do rei de Samos e compara esse enfastiado soberano a um homem que dizia frases de espirito. Como o anel voltou a Policrates, as frases voltavam ao humorista, com a diferença apenas de que não lhe pertenciam mais os direitos de propriedade.

Monteiro Lobato fez, há pouco tempo, uma experiência semelhante. Na propaganda de uma das suas companhias de petróleo ele teve de lutar com o desânimo nacional, teve de destruir um palpite de Jeca Tatú. "Não paga a pena abrir poços, — dizia este. — No Brasil não tem petróleo." Lobato respondeu a Jeca Tatú assim: "Se todos os paises da América teem petróleo, porque o Brasil ha de ser uma exceção?" Era um pouco longo, mas não tinha outro defeito. Pegou; Jeca ficou impressionado com esse argumento do escritor. Tempos depois Lobato resolveu fazer a contraprova da eficiência do seu achado. Em conversa com Jeca Tatú começou a apresentar uns tímidos argumentos contra as possibilidades do petróleo:

— Você veja lá, meu amigo, não vá tambem com essa fé cega, ouviu? Não arrisque as suas econo-

mias. Pode ser que no Brasil não haja mesmo petróleo...

Jeca franziu o sobroiho, encrencou e repetiu textualmente o *slogan* lobatiano:

— Ora essa, "seu" Lobato, pois se todos os países da América teem petróleo, porque o Brasil ha-de ser uma exceção?

Estava convencido! A prova dera certo, prova provada! Nem todos, porem, se deixaram levar nessa cantiga e aplicaram o princípio popular de que mordida de cão se cura com pelo do mesmo cão, quer dizer, lançaram um *slogan* contra o do Lobato: "Se todos os países da América teem vulcões, porque o Brasil ha-de ser uma exceção?" Pegou tambem, riu-se muito e a frase de Lobato perdeu muito na sua eficiência.

O que apenas vem provar o valor do *slogan*. Só ele é capaz de se destruir a si mesmo. O nosso comércio e o rádio já empregam o *slogan* em larga escala e teem aparecido alguns realmente geniais, como este: "Não peça um vermute, peça um Cinzano." Da mesma forma, muito feliz tambem este: "Um Cinzano e... três bifes." Das instituições oficiais uma das primeiras a adotar amplamente esse meio de propaganda foi a Caixa Econômica Federal. Chegou, mesmo, a abrir um concurso de tais frases, em que saíu premiada esta, indiscutivelmente notavel: "Faça da economia a sua mania." Infelizmente esse *slogan* ainda não foi lançado e o seu autor, um jovem jornalista carioca, não a sabe explicar o porque. Nos bondes de S. Paulo pode-se ver um *slogan* da mesma Caixa Econômica: "O futuro começa hoje". Não é dos melhores. É fino demais, faz pensar mas não convence. Recentemente em S. Paulo o Departamento de Propaganda promoveu um concurso de *slogans* patrióticos e a *"Gazeta"*, com aquele absoluto alheiamento do tempo em que vivemos, que era então a sua caraterística, comentou a iniciativa e achou que o Departamento estava animando um vício, a verborragia nacional.

A Prefeitura de S. Paulo tambem está adotando o *slogan*, nem sempre com felicidade. A frase que se lê nos carros da Limpeza Pública: "S. Paulo é uma cidade limpa", parece aquelas aconselhadas pelo sr. Coué, paladino da auto-sugestão conciente. De tanto repetir que S. Paulo é limpa, talvez a gente se sugestione e acabe vendo a cidade limpa e ela fique, mesmo, limpa.

A mais feliz das frases lançadas pela Prefeitura paulista, ou por outra, a que mais se aproxima do que deve ser um bom *slogan* é esta: "Ajude-nos a manter a cidade limpa". Dirão que se a Publicidade visa convencer, a frase "S. Paulo é uma cidade limpa" acabaria convencendo o público da limpeza de S. Paulo. É engano: uma das qualidades primordiais dum *slogan* e dum bom anúncio é não contrariar uma realidade por demais evidente.

Na nossa publicidade, que ainda está dando os primeiros passos, abundam exemplos de anuncios que contrariam essa regra elementar da boa propaganda. Por mais que a Prefeitura diga que S. Paulo é uma cidade limpa está-se vendo que a verdade é muito outra, que S. Paulo é uma cidade muito suja.

Os anunciantes experimentados, os peritos em publicidade, sabem que o anuncio precisa ser repetido um certo número de vezes. Diz a propósito Bertrand Russell que "dá técnica do anuncio se deduz que na maioria do gênero humano uma proposição determinada ganha em aceitação se é repetida de tal sorte que se a retenha na memória". Já sabia disso Napoleão que dizia ser a redundância a única figura séria da retórica. Mas, quantas vezes o anuncio deve ser repetido? Qual é o ponto em que se torna melhor suspendê-lo?

Eis aí duas perguntas bem difíceis de responder. Há, evidentemente, um critério geral nesse terreno, critério ditado pelo próprio bom senso: o anuncio não deve criar uma espectativa superior ao valor ou à utilidade do produto anunciado. Um exemplo esclarece bem isso: o "Estado de São Paulo" certa feita publicou durante meses esta simples frase: *"O czar não morreu"*. Que era isso? O mistério era absoluto e intenso o interesse público. Choviam as explicações fantasistas: "É uma fita de cinema", "É uma peça de teatro", "É uma nova marca de cigarro". E o "Estado" firme, publicando durante semanas e semanas essa simples frase enigmática: "O czar não morreu". Afinal, um dia, se soube do que se tratava: "O czar não morreu" era o título dum romance que o jornal ia publicar em folhetim. O desapontamento do público foi grande e maior ainda se tornou ao constatar que o romance era profundamente cacete.

Como se vê, a regra de que o anuncio não deve criar uma espectativa superior ao produto anunciado foi nesse caso, rigorosamente posta de lado. Há outro caso em que a explicação é mais ou menos a mesma. Falo do "Toddy", que o excesso de publicidade matou. A expectativa em torno do "Toddy" foi demasiado prolongada. Quando se viu que se tratava dum simples chocolate com leite, o desapontamento foi geral: — "Ora, o "Toddy"! Um chocolate metido a besta..." E ninguem mais se interessou por ele. Outra coisa influiu no desprestígio desse produto: o fato de se chamar cachaça de "Toddy": "Me dá um "toddy", — diziam os apreciadores da pinga. Como podia uma senhora ou um cavalheiro distinto pedir o "Toddy" chocolate sem provocar risinhos e piadas? O horror ao ridículo é muito acentuado entre o nosso povo, talvez justamente pelo seu senso de inferioridade. Para evitar situações vexatórias os freguezes preferiam pedir "Ovomaltine".

Na verdade é um mistério da propaganda saber o ponto X em que o anuncio começa e se tornar contraproducente. Quem tem o segredo disso é a Casa Bayer, cujos anuncios nunca são cacetes. Só uma vez essa firma criou uma garota, a Alicinha, parece-me, que era perfeitamente insuportavel. Mas já deu o sumiço nela.

Em Publicidade, como em tudo o mais, a medida é indispensavel. O essencial está em saber o justo meio. Quem sabe achar esse "justo meio" nasceu com a bossa da publicidade, é o homem mais necessário do nosso tempo.

O Estado Novo e o intelectual

A pesar do nome que conseguiu firmar na literatura brasileira, e a pesar de sua incursão na política partidária, Barbosa Lima Sobrinho continua a ser um autêntico jornalista profissional. Parece ser esse, entre tantos, o titulo que mais o fascina.

Tendo deixado, vai para vinte anos, a velha Faculdade de Direito de Recife, já então possuidor de uma bela cultura, rumou para o Rio. Recebeu-o o "Jornal do Brasil", onde lhe designaram a reportagem parlamentar. O jornal do Conde Pereira Carneiro não o podia ter mandado para setor mais de acordo com os pendores do moço jornalista. Barbosa Lima Sobrinho, que ainda encontrara, na Faculdade, os écos da rajada filosófica ali outrora desfechada pelo autor do Discurso em Mangas de Camisa, trazia, para um ótimo lugar da platéia, um espírito liberal e atento à evolução das novas idéias. Suas notas fizeram época, e os velhos politicos tiveram a atenção solicitada para o jornalista discreto, de atitudes serenas e gestos medidos, que todos os dias assistia às sessões da Câmara. Conhecendo melhor, pois que de muito perto, os chefes da política nacional, o moço jornalista com êles não quis outras relações senão as permitidas entre atores e espectador que se reserva o direito de crítica. A política, pelo menos nos remançosos tempos da velha República, não o tentou. Devotado à profissão a que pertencia, ocupou, por duas vezes, a presidência da Associação Brasileira de Imprensa, conseguindo, no último periodo em que desempenhou o mandato, congregar toda a classe, àquela época ainda dividida. Os que formavam o Círculo de Imprensa, graças aos seus esforços, vieram para o quadro da A. B. I. Continua a trabalhar pelo jornalismo entre nós, publicando, a seguir, "Problemas de Imprensa", onde estuda, não só o panorama mundial oferecido pelo jornalismo, mas sua ação entre nós através de toda a evolução politico-social. Mais tarde publicou algumas obras de ficção. Em livros de literatura propriamente dita, Barbosa Lima Sobrinho, se não continuava a ser o jornalista, deixava antever, ainda assim, sua preocupação dos fenômenos sociais e psicológicos. Se nos detivermos, por exemplo, em "A Arvore do Bem e do Mal" verificamos que de todas as suas criações há alguma cousa de util a concluir, um ensinamento a tirar. Essas qualidades se aprimoram no ficcionista quando mais tarde o encontramos em "O Vendedor de Discursos", magnífico livro onde, em "Teoria das Almas", está, sem dúvida, uma das mais formosas páginas da nossa literatura.

Dos seus estudos júridicos pode ser citado "A Ilusão do Direito de Guerra", que ao tempo de sua publicação muito teria abalado austeros tratadistas apegados a sediças normas do Direito Internacional. Agora, nos dias que correm mais que em quaisquer outros, esse livro pode ser estudado nas Faculdades em face da tremenda lição experimental oferecida pelo conflito que abala o mundo.

Estudioso, arguto e sútil, das cousas do presente, é um homem apegado à nossa terra, acompanhando-a nos seus fatos de mais expressiva significação histórica. Os seus trabalhos de investigação estão a servir de fonte aos estudiosos. O alentado volume em que examina os problemas criados no vale do rio S. Francisco e o Estado de Pernambuco, e outros em que investiga, se não nos enganamos antes de quaisquer outros, os trabalhos dos primeiros povoadores do Estado do Piauí, o levaram ao Instituto Histórico e Geográfico e à Sociedade Capristano de Abreu.

Em plena maturidade do seu espírito deu-nos "A Verdade sobre a Revolução de Outubro". Esse livro agitou os meios literarios e políticos do País. Pois que! O sr. Barbosa Lima Sobrinho, tão sóbrio nos seus editoriais do "Jornal do Brasil", frio nas suas investigações históricas, escrevera aquele livro causticante, e fora capaz de dizer, bem em cima da hora, todas aquelas duras verdades! Dentro de alguns meses apenas exgotou-se a edição de seis mil exemplares. De Norte a Sul a imprensa se ocupou do livro, que andou na polêmica veemente dos jornais e na apaixonada tribuna do Parlamento, onde, pouco depois, o autor ocupava uma cadeira, orientando a bancada pernambucana. Mais tarde a Academia Brasileira de Letras o recebia. Esse escritor para a política levou,

da redação dos jornais, uma visão ampla dos nossos problemas, e uma notavel capacidade de observar compreendendo. Para a literatura do jornalismo levou a clareza de um estilo dutil e maleavel. Nada diz além do essencialmente necessário por mais que se alongue, no desenvolvimento de uma idéia, ou no exame de uma situação. Daí a razão do sucesso do artigo de fundo do "Jornal do Brasil". Todos os dias, naquela coluna, por êle são examinados graves e complexos problemas, principalmente em se tratando de interesses nacionais.

O Estado Novo, pela sua própria essência de renovação, teve, desde o início, a preocupação de entregar os postos de comando aos maiores valores mentais do País. O presidente Getúlio Vargas, seguindo êsse critério que a todos satisfaz, confiou há dois anos, a esse jornalista, a presidência do Instituto do Açucar e do Alcool. Filho de Pernambuco, Barbosa Lima Sobrinho, levou para a presidência do Instituto do Açucar e do Alcool, a par de suas observações do parque industrial açucareiro daquele Estado, uma segura cultura abrangendo os mais variados problemas da economia.

A organização da industria açucareira do País, que é uma das mais importantes obras de governo do presidente Getúlio Vargas, encóntrou nesse jornalista um executor à altura da confiança presidencial.

O "Anuário Brasileiro de Literatura", expondo aos leitores a obra de Barbosa Lima Sobrinho, nos mais variados departamentos da inteligência, e destacando seu excepcional trabalho de jornalista, presta homenagem não somente a ele, mas a todos que mourejam na imprensa brasileira.

UM POETA AUTÊNTICO

Carlos Chiacchio

A quando escrevi sobre "Paisagens Sonoras", de Faustino Nascimento (em 1937), tive ensejo de afirmar:

"...É um místico da natureza, sem exageros de tintas nem entonos de vozes. Simples, natural, sincera, a sua arte de dizer, em ritmos musicais, a vida interior do pensamento e do sentimento, não carece de grandes palavras, nem de processos exóticos, para interessar, sugerir, comover. Basta um acorde espontâneo do verbo plástico, e ei-la a correr como um borbotão fluente de graça sonora, — alma das suas paisagens, — que começa assim:

"Em delicado fio,
De sob a agreste penha,
A fonte surge e vai formando o rio..."

E concluia que a sua arte possue, "antes de tudo, o cunho fiel da naturalidade formal e substancial".

Aos conceitos firmados juntaram-se os votos lúcidos de Bertha Judith Ramírez Juárez, escritora argentina que, em palavras pela imprensa, confessa:

"Después de haber tenido el gran placer de leer en el "Anuário Brasileiro de Literatura", un comentário sobre su obra por el escritor Carlos Chiacchio, hé findado con vivos deseos de conocerla más profundamente, aun que desde ya (por lo leido), puedo decirle que comparto ampliamente las ideas del señor Chiacchio".

Sem que haja de modificar em nada para menos, quanto ao engenho poético de Faustino Nascimento, senão para mais, dadas as altas sonoridades progressivas, de que agora se reveste, em "Ritmos do Novo Continente", a sua inspiração, quero assinalar, de corrida, que esse é o melhor dos propósitos da crítica. Fazer que os leitores se interessem pelas obras. Torná-las evidentes à compreensão geral. Situá-las em suas justas e verdadeiras proporções de vitalidade insinuante.

Faustino Nascimento já era, em "Paisagens Sonoras", senhor de ritmos novos. Em "Ritmos do Novo Continente" dá-se apenas ampliação de motivos, com reasseguradas virtudes paisagísticas e reflexivas.

O regional fez-se universal.

E, agora, o poeta cíclico, enfrentando distancias, resumindo épocas, sintetizando humanidade.

A curva dos temas segue a trajetória de um sonho cósmico.

Já não é o simples horizonte nativo.

O vôo se extende, se altela, se propaga, mundo longe do seu mundo... E, então, exorta:

"Faze do verso um vinho
Que preturbe os sentidos e a razão:
Dá-lhe o vigor da terra, através do caminho
Da nova humanidade em formação!...
— Percorre o Continente.
Contempla os panoramas das Américas.
Vê como tudo é livre: a terra, o mar e a gente
Destas plagas homéricas!"

De como o poeta se sabe multiplicar em fúlgidos recortes de magia policrômica por esses quadros amplos e fortes de poesia americana, só analisando, um a um, os versos de seu livro novo.

É um panorama onde se fixam mistérios de raça, de história, de lendas e transfigurações.

Há o prestígio vocabular do evocador parnasiano de homens e fatos, grandezas e esplendores, tudo disciplinado, sob o condão de um estilo, que é mesmo o ritmo soberano da posse real dos assuntos.

Corra-se-lhe o diapasão verbal marcando trechos antológicos de surpreendente realização poética, desde os painéis do Atlântico até aos cenários do Brasil.

E a sensação é de um contínuo deslumbramento ritmado pelo êxtase criador!

A atividade lírica enche-lhe as vozes de côres múltiplas.

Todo o ser íntimo se lhe desborda em palpitações de festa!

Nada mais claro que o verbo transfigurado em música:

"E parece que Deus se dilue na criação
Para fazer surgir, de rincão em rincão,
Semi-deuses e heróis, por entre a humanidade,
Na glorificação da própria divindade..."

Faustino Nascimento afasta-se, superando, do roldão atual dos poetas efetistas. Não chapinha o veio freudiano, nem a falsa poesia dos ritmos malucos.

O seu ritmo é o dom de sua alma. É o impulso do seu pensamento. É a festa da sua espiritualidade eleita.

Nada mais que a própria vida da emoção poética afeiçoando-se em graça, em simpatia, em vibração humanizada

"Do irapurú sonoro e das maviosas iáras..."

Confirmação, — plena confirmação é o novo livro de Faustino Nascimento, de tudo quanto já lhe dissera a crítica, a respeito do seu poder estranho de poeta que tanto faz sentir como pensar! Um perfeito mágico de ritmos e rimas!

É um excelente poeta Faustino Nascimento! Dele se pode dizer o bem que se queira. Porque ainda restará bem por dizer-se!

É um poeta autêntico.

Compensam de alegria os momentos que se empreguem para lê-lo. E não só podemos, mas devemos lê-lo, ou, melhor, meditá-lo! E, a cada leitura, ou meditação: novas alegrias e emoções novas.

"O AMOR E A RAZÃO"

Plínio Mendes

(O "Amor" é aqui representado pela tradicional figura de "CUPIDO" que passeia, agitado, pelas ruas de um parque. São 11 horas da noite. Um luar de prata embranquece as lindas árvores que cercam Cupido, que mais amoroso se apresenta ante uma noite como essa. A Razão, uma senhora envelhecida, corcovada, apoiada a um bastão, vem, passo a passo, pela alameda. Defronta-se com Cupido e só então o duelo começa. No final desta refrega o leitor é que deve ser o juiz... O autor que, por ter sido poeta, não deixa de ser humano, sabe que tudo é possivel de crítica e censura nesta vida... Como homem não condena o amor. Às vezes ouve a Razão!... —)

CENA ÚNICA

A RAZÃO — (com ironia) Boa-Noite, ó poeta!

O AMOR — (com azedume) O meu nome é "Cupido" e tu bem sabes que não sou poeta!

A RAZÃO — Todos que amam ou são loucos ou são poetas. A tua agitação de hoje prova-o de sobejo... És louco e poeta!

O AMOR — Sempre que sei que vou encontrar a sereníssima senhora Razão, me irrito, me aflijo e até me agito.

A RAZÃO — São os estertores da conciência... Se tivesse não seria amor, seria razão!

A RAZÃO — É o mal...

O AMOR — É o grande bem! Nem há maior ventura do que amar alguem! Que sabe a D. Razão a esse respeito?

A RAZÃO — Confesso que nada sei e nem quero saber. Apenas aconselho...

O AMOR — Guarde os teus conselhos. Por querer seguir a Razão muita gente perde o juizo...

A RAZÃO — Isso é justamente o que dizem a respeito do amor, e parece-me, que não dizem mal...

O AMOR — Do amor só falam mal os velhos e os que nunca souberam amar! Onde haja um par que se ame sobre a terra, haverá sempre luz e perfume, esperança e felicidade!

A RAZÃO — O amor não dá felicidade a ninguem... quando muito proporciona ilusões! — E as "nossas ilusões são semelhantes, na duração, aos glóbulos de espuma... forma-se, e, após breves instantes, vemo-las desfazer uma por uma..."

O AMOR — Que bela seria a existência sem o amor, e sob régio e férreo governo da senhora D. Razão?!! Todo mundo sizudo, respeitavel, receoso, dormindo a horas certas, sem um deslize, ajuizados, concientes, precocemente envelhecidos e até com medo de falar...

A RAZÃO — Mas os suicidios, os adultérios, os crimes passionais? Não teria tudo cessado? A existência do amor sobre a terra só tem trazido malefícios...

O AMOR — E os prazeres? Saberás tu, velha faladeira, o que seja um abraço, ou um beijo de amor? Pergunte a Rostand que era um lirico adoravel e ele te dirá, atrasadíssima senhora Razão, o que é *"le point rose sur l'i du verbe "aimer"*.

A RAZÃO — Logo vi que era coisa dum poeta, ou então de um louco!

O AMOR — Sim, um louco sublime! Deixo-te com toda a liberdade para procurar adeptos para o teu credo, D. Razão. Eu já tenho em demasia... todos me amam e me querem!

A RAZÃO — Pois seja! Lançaste-me um repto e eu aceito a luva. Ergo-a. A humanidade que nos ouve dirá, a seu tempo, quem é mais lógico na vida se a Razão...

O AMOR — Ou o Amor!

EPÍLOGO

(Separam-se os dois antagonistas... O Amor vai pela Direita, a Razão sai pela Esquerda...)

D. Vida que assistiu todo o diálogo precisou chamar a policia especial do Bom Senso para evitar que Cupido fosse atropelado por tantos adeptos...

— Todos disputavam o Amor... menos a Razão, que continua a pregar no Deserto...

Freud era mais que um Biologista...

de Gastão Pereira da Silva

Depois de um exílio de dois anos, mais ou menos, Freud, Sigismundo Freud, o genial criador da psicanálise, o sábio mais popular do mundo, morreu, aos 83 anos de idade, num poético recanto da acolhedora Londres.

No dia 26 de setembro de 1939 o corpo, por vontade expressa do morto, foi incinerado na alta combustão de um forno crematório, no subúrbio de GOLDERSCREEN, assistido por cinco pessoas, tão ilustres, quanto fervorosas admiradoras do imortal descobridor do *Inconciente*.

Eram elas: Stefan Zweig, Ernesto Jonnes, princeza Maria da Grécia, o barão Fucs e o doutor Neumann (este representante do Comité Austriaco na Inglaterra).

Morreu pobre. Nada deixou de seu, em moeda corrente, apesar de "Judeu". Deixou — sim — uma obra imorredoura, ainda um tanto incompreendida, por isso mesmo combatida por todos aqueles que não puderam entendê-la. Ou por falta de inteligência, por excesso de escrúpulos, por dever de atitudes, ou, ainda, para ser coerentes com os próprios recalques e fraquezas do próprio espírito...

Sua vida foi simples. Dessa simplicidade encantadora que envolve sempre, ou quasi sempre, a existência dos sábios, ou dos monges.

Passou quasi um século espiando para dentro da alma humana a procura da *Verdade*. Foi mais que um biologista.

Porque procurou a vida na própria vida! Primeiramente, começou dissecando nervos e medulas... Penetrou depois, fundo nos mistérios do bulbo... Deitou os olhos aguçados e curiosos sobre as lentes do microscópios e invadiu os segredos inconfessaveis das células e dos tecidos humanos...

Entrou para um grande e formoso laboratório de fisiologia. Aí fez as mais atrevidas experiências em aparelhos os mais aperfeiçoados...

Andou pelas clínicas dos hospitais notaveis. Escutou e apalpou os órgãos do corpo humano... Fez diagnósticos pomposos e registou observações notaveis.

Um dia bateu ás pórtas da Salpêtrière e viu Charcot, o grande Charcot, dissertar, como um extranho feiticeiro, sobre o drama das nevroses, derrubando velhas teorías e dando um novo rumo as chamadas perversões da alma, "tidas e havidas como consequências da presença do demônio e de toda a sua corte de agitadores no corpo dos possessos..."

Tambem, tal e qual um mago medieval, inqueriu a química e realizou as mais sutís e sensiveis reações...

Foi depois à física, à matemática... Andou assim, como um peregrino, percorrendo todos os caminhos do conhecimento humano, a procura da verdade...

Mas, teve uma grande decepção. Era sempre no cadaver, ou em aparelhos artificiais, que a biologia explicava a vida!

Quando, portanto, esse sopro vital que anima os seres, que anima o corpo humano, deixa de presidir ao seu suprêmo movimento, realizando o milagre da existência, é que a biologia começa o seu inútil trabalho de pesquisa, de pesquisa da... VIDA!

Freud não se conformou com isso. Foi, pode-se dizer, alem da biologia, porque penetrou no espírito para estudar a vida e não no corpo inanimado para estudar a alma...

Criou um sistema, tal qual Newton. Apresentou uma hipótese legitima, tal qual Darwin.

Não sei, no entanto, se Freud deve ser procurado, como acontece a Newton, entre a poesia luminosa dos astros que povoam o infinito, ou se deve ser encontrado entre a evolução milenar da vida, talqualmente a explicou Darwin...

Sei que ele, como esses dois grandes genios, foi alem da rotina de uma simples filosofía, criando, abrindo um novo caminho dentro da vida para estudar a propria vida!

Viu, sentiu, observou, portanto, que por detraz do bulbo e da medula é que a vida palpita e que se o bulbo ou a medula dependem dela; ela não depende deles...

Ganhou, assim, dentro da própria psicologia, a parte até então inexperimentada desta, que é, justamente a PSICANALISE.

Um mundo novo prenhe de vida abriu-se-lhe diante dos olhos. A vida estava, a vida está no psiquismo...

Aí, — sim! —, ele deveria pesquisar a

vida, perquerir-lhe os segredos, encontrar o seu mecanismo; mas, em vão desvendaria o seu mistério...

Até onde ele vai? De onde ele vem? Mas, que adiantaria saber isto se o que precisamos conhecer é apenas o seu dinamismo?

E esse dinamismo, essa vida em movimento, Freud conseguiu explicar, sem aparelhos especiais e sem os paradoxos da biologia.

Conseguiu explicar a vida surpreendida em movimento, como se fosse possivel a um médico surpreender o fenômeno da hematose, ou da grande circulação sanguínea a olho nú...

Concluiu, então, que o segredo da vida está unicamente no psiquismo.

Deveria ter sido Freud, por essas razões, um espiritualista.

E' pelo menos aparentemente lógico que os biologistas sejam ateus, — porque viveram sempre debruçados sobre a morte, esmiuçando a vida para encontrar a alma. Mas, o criador da psicanálise era, repetimos, mais que um biologista, porque não estudou a alma na morte. Estudou a vida na própria vida! E, entretanto, era ATÊU!

Dissecou o psiquismo, se assim se pode dizer, em franco movimento, colhendo a vida conciente na sua agitação constante, como se num corpo vivo fosse possivel um anatomista escalpelar fibras e nervos com a ponta de um bisturí...

E encontrou a *alma!*

Mas, se Freud encontrou a alma humana, que os biologistas não encontraram, — jamais percebera siquer o mecanismo que o anima, tal o fisiologista que tambem conhece o mecanismo da circulação, sem saber, entretanto, porque o sangue circula...

E' que a *Verdade total* não lhe foi revelada e não lhe sendo revelada a ele, Freud, que passou quasi um século a procurá-la, — tornou-se incrédulo e convicto materialista...

Mas, — é bom acentuar — era materialista por convicção pessoal. Só por isso. E, ainda, nas suas últimas conferências, sobre a concepção do universo teve, mais uma vez, ocasião de ser claro (como só ele podia ser) nesse sentido.

Como quer que seja, porem, a psicanálise sempre que se propõe a enfrentar problemas dessa natureza torna-se a meu ver incoerente consigo mesma. Porque não é objetivo dela explicar as causas primárias e finais de vida; mas, unicamente surpreender a alma em constante movimento para reparar o seu mecanismo, como já ficou dito.

Nesse sentido, Freud era mais que um biologista e a sua ciência, como nenhuma outra, explica melhor a vida, tornando-a mais coerente, mais bela e, sobretudo, mais suportavel...

JUXTA CRUCEM DOMINI

Vinte séculos depois, Jesus, das amarguras
Crueis de teu martírio, estás inda cravado
E vivo nesta Cruz, sentindo o meu pecado
E teu sangue a correr de minhas mãos impu-
[ras.

Não foi outrem, Senhor; fui eu que estas es-
[curas,
Fundas chagas te abri: porque, sempre a teu
[lado,
Eu nada tenho feito, - ingrato e desgraçado, -
A bem de teu perdão às minhas falsas juras.

De teu doce Esqueleto estas pupilas mortas
São sombras desse Amor, que, eterno, resplan-
[dece,
Abrindo à salvação da humanidade as portas.

Beijo teus pés, assim. E tanto isto te afaga,
Que se abre o teu ouvido a ouvir a minha
[prece
E, em meu peito, palpita a tua quinta chaga.

Cônego MATIAS FREIRE

Um expoente da oratória sacra cearense

Padre Rodolfo Ferreira da Cunha
(Do Instituto do Ceará)

Em todos os setores da inteligência humana tem tido sempre elevado destaque o Ceará, a terra martir que sabe tirar do sofrimento e da dor a maior soma possivel de triunfos é de glória.

Na filosofia, no direito, na literatura, na música em todos os ideais e em todas as conquistas, o Ceará caminha sempre ao lado dos mais notaveis Estados da federação, pioneiro da fé nos seus destinos, vanguardeiro da luz no seu futuro.

Não é, entretanto, conhecido o Ceará na oratória sagrada, belissima arte tanto mais esquecida quanto restrita que é ao munus sacerdotal. Entretanto se pode orgulhar o meu Estado de haver dado ao mundo das letras e das artes um dos mais notaveis oradores sacros da lingua portuguesa, um émulo de Assunção e Monte Alverne, o Padre Francisco Valdivino Nogueira.

Estilista notavel, às inspirações que bebera em Emilio Castelar e Alves Mendes, juntou uma imaginação tão forte e tão fecunda, um colorido de frase tão vivo e tão ardente, uma adjetivação tão segura e adequada, que nada fica a dever a essas duas aprimoradas inteligências que lhe serviram de modelo. Paladino da fé católica produziu panegiricos belissimos em que contava, em voz altissonante e forte, os esplendores do Cristianismo.

Cada vez que surgia oportuna ou necessária uma solenidade de alta importância, era de ver, a caminho do seu modesto presbitério de Cascavel a comissão que lhe ia exigir o discurso indispensavel ao brilho e suntuosidade da festa.

Era um momento de sensação geral, quando, diante de tudo o que Fortaleza tinha de mais representativo, surgia a figura imponente do Padre Valdivino, que se transformava dominando superiormente o seu auditório, preso àquele verbo estranhamente forte, que sabia unir a grandeza da argumentação aos atavios de uma roupagem riquissima de imagens, flores e luzes.

A sua gesticulação impecavel, a sua voz melodiosa, o seu estilo elevado e grandioso, os arroubos do seu entusiasmo de artista da palavra, formavam um todo que encantava, empolgava, arrebatava a multidão.

Versejava com suavidade e doçura batalhava com brilho elegante e raro na imprensa indígena, mas o seu trono de glórias imorredoiras foi a tribuna, especialmente o púlpito sagrado, que o imortalizou.

*
* *

Nasceu o Padre Valdivino na paróquia de Limoeiro, hoje sede do bispado do mesmo nome, aos 26 de abril de 1866.

Seus pais, Valdivino Nogueira e Maria Joana Nogueira, em busca de melhores facilidades à vida, emigraram para Acarape, mais tarde cidade de Redenção, onde o futuro lumniar da Igreja cearense passou parte da infância, até ser admitido no Seminário da Diocese.

Já então perdera amparo e carinhos de pai, substituido, por designio especial da Providência, pelo Coronel Juvenal de Carvalho, varão insigne a quem dedicou sempre o mais profundo respeito e a mais sincera amizade.

Sacerdote aos 30 de novembro de 1888, começou aí a sua vida de triunfos, como professor do Seminário, na mesma casa de gloriosas tradições, onde se educara o seu formoso espírito e o seu bondoso coração. Dez anos de magistério bastaram para prender ao carro da sua vida centenas de corações de discípulos, que, ouvindo de seus lábios salutares lições de ciência e de virtude, conservam, ainda hoje, a mais cordial veneração ao mestre culto e ilustrado que lhes dera o pão sagrado da inteligência. Foi durante a sua brilhante fase de professor do mais antigo estabelecimento de ensino do Estado, que fez parte do *"Instituto do Ceará"*, dedicando-se, juntamente com uma seleta pleiade de homens de letras da sua terra, aos mais sérios problemas de Geografia e História regional.

Foi tambem nessa éposa que, ombreado com Guilherme Studart, Antônio Bezerra, Justiano de Serpa, Antônio Sales e outros vultos notaveis, fez parte da *Academia Cearense*, da qual foi um dos fundadores, tendo ocupado o cargo de segundo orador oficial, em substituição a J. de Serpa. Foi ainda nesse tempo que se manifes-

taram os seus primeiros triunfos de orador. Foi então que o Ceará começou a admirar e glorificar o talento primoroso do filho ilustre que, estrela de primeira grandeza, tantos raios de luz derramaria no céu azul da sua terra querida.

Em 1898, o bispo D. Joaquim J. Vieira, querendo que sobre a fronte do Padre Valdivino brulhasse tambem a coroa de apóstolo, pelo coadjutor de Baturité e meses depois lhe entregou a direção da paróquia de Cascavel, uma das mais importantes da Diocese.

O que foi o seu paroquiato, diz muito bem a graciosa Matriz que ele transformou e embelezou; dizem os seus paroquianos que lhe cultuam ainda a memória sagrada e veneranda; dizem as suas homilias dominicais, ainda hoje vivas nos corações daquele povo que ele tanto amou. Espinhos na vida, ele os teve tambem. Quem não os conhece, especialmente sendo sacerdote? Mas o seu maior sofrimento, as suas maiores dificuldades foram por ocasião da tremenda luta que teve de sustentar, para provar à face da justiça e dos homens de bem do Ceará a inocência do Coronel Juvenal de Carvalho, no monstruoso processo que lhe moveram inimigos poderosos, por ocasião da morte do Coronel Emiliano Cavalcante. Era preciso defender a honra do chefe da família e ele o fez com galhardia e vantagem, mostrando assim mais uma face da sua policroma e genial inteligência.

Sim! o Padre Valdivino era dotado de inteligência vivíssima. Mas não temo errar afirmando, que ele tinha ainda mais coração — coração imenso, que abrangia, na grandeza do seu amor, não só o Deus que adorava e pregava, mas os pobres, os seus pobres, que lhe consumiam todos os proventos da paróquia e ainda por vezes entravam nos fartos haveres do seu padrasto amigo. Viveu e morreu como o mais pobre dos seus paroquianos, dirigindo, muitas vezes, cartas cheias de acanhamento e confusão à sua virtuosa genitora e ao seu generoso padrasto, pedindo auxilio para os seus pobres, para os seus trabalhos, para as suas dívidas.

Sirva, tambem, de documento em prova da magnãnimidade do seu compassivo coração, a exímia gentileza com que recolheu ao seu lar amigo diversos sacerdotes que, vítimas de enfermidadas físicas ou morais, precisavam urgentemente dos cuidados e carinhos da caridade evangélica. Há um monumento dessa fineza de amor cristão no seu artigo — *"Ai! meu Deus"*, — publicado em um jornal de Fortaleza, após a morte do Mons. João Luiz, que o Padre Valdivino procurou e não pôde salvar, a pesar da sua dedicação heróica e do seu enorme sacrifício.

O seu coração extremoso consagrava um culto todo especial à respeitavel matrona que lhe dera o ser. Era uma santa, uma verdadeira santa e se entendiam bem e se amavam muito aqueles dois corações de mãe e filho.

Quem escreve estas linhas se lembra com saudade e enternecimento da doce intimidade daquele lar cristão, onde era recebido tambem como filho, presenciando as mais comovedoras cenas de reciprocidade de amor materno e filial. Finalmente, aos 8 de Setembro de 1921, com 56 anos de idade, entregou o Padre Valdivino a Deus sua alma de apóstolo da fé por entre as lágrimas de todo o Ceará, que chorou com ternura e saudade a morte do seu grande filho.

*
* *

Se a obra literária do Padre Valdivino não é notavel pela quantidade, porque o seu munus paroquial e a sua pouca saude lhe absorviam todas as energias, é em compensação, notabilíssima pela qualidade, pelo valor inestimavel de seus trabalhos deixados.

Como poeta, nos legou lindos versos, todos inspirados em doce piedade cristã e filial. São suas mais notaveis poesias: *Inocência*, transcrita em inúmero jornais da época, *Mãe*, *A Cruz*, *Stella Matutina*, *A Fé*, e muitas outras, entre as quais uma correspondência intima sustentada em magnificos versos com o médico hidroterápico que lhe deu satisfatório alívio em seus sofrimento físicos.

Acham-se as suas poesias reunidas no livro *"Florilégio"*, editado por ordem do Coronel Juvenal, como homenagem ao Padre Valdivino, no dia em que deveria completar 50 anos de sacerdócio.

Como jornalista fundou *"A Luz"*, colaborou em diversos jornais do seu tempo, principalmente no hebdomadário católico *"A Verdade"* de que chegou a ser o principal redator. Foram magistrais as suas publicações em defesa da fé católica e dos bons e sãos princípios da morol cristã.

Mas o que mais avulta nos seus trabalhos de imprensa é a série de artigos publicados no *"O Unitário"* em 1903, por ocasião do processo do Coronel Juvenal. Lógica de ferro, argumentação cerrada, valeu muito mais para a vitória daquela causa do que o trabalho, aliás bem orientado dos advogados, entre os quais se contava o melhor do Ceará naquela época — João Brigido dos Santos. Leia-se o *"Processo do Coronel Ju-*

venal" em que o Padre Valdivino enfeixou, em 1904, tudo o que se relacionava com esse doloroso assunto, e ter-se-á uma prova real do meu acerto e uma demonstração positiva daquela apromorada inteligência de causídico e jornalista.

O primeiro discurso do Padre Valdivino publicado em folheto "*A Cruz na História*, Fortaleza, 1893, foi o brado de alerta em que se mostrou, pela primeira vez, aos literatos de então o astro luminoso que surgia no céu da gloriosa terra de Alencar.

Foi tambem nessa época que apareceu impresso o panegírigo de Mons. Hipólito Gomes Brasil, por ele pronunciado na Catedral de Fortaleza, por ocasião das bodas de ouro daquele distinto sacerdote.

Algum tempo depois a "*Revista da Academia Cearense*" editava o discurso que, como orador oficial, fizera na recepção do acadêmico J. Rodrigues de Carvalho.

Estava consagrado o orador: quem não teve a felicidade de ouvir, quando pronunciados, esses primeiros discursos, convenceu-se, pela publicação dessas peças oratórias, que o Ceará mais uma vez fazia jús ao título glorioso de *Terra da Luz*, que lhe deram os seus triunfos na campanha obolicionista. Foram tambem editados em folhetos e tiveram por isso grande circulação: *Ação social do Padre*, magnifico panegírico da influência do sacerdote na sociedade; "*A Falência da razão*", conferência pronunciada no Circulo Católico de Fortaleza, preconizando a vitória da Fé, quando se divorcia da razão humana; "*A Dignidade da Mulher no Cristianismo*", monumental conferência realizada na "Fenix Caixeiral',', mostrando que só ao Cristianismo deve a mulher a posição de sublime destaque, que a sagrou sacerdotiza do lar: "*Oratio Sacra*", pronunciada na Catedral de Fortaleza, aos 31 de julho de 1903, na comemoração da vinda dos primeiros portugueses ao Ceará.

Foi esse discurso a sua obra prima, o seu mais alto pedestal de glória desenvolvendo de modo belissimo este triplice tema: *Somos um povo de mártires, somos um povo de heróis, somos um povo de crentes.*

João Brigido, o melhor jornalista do Norte consagrou o primoeditorial d' "O Unitário" de 6 de agosto de 1903, a comentar e elogiar esse portentoso trabalho literário. Citemos a primeira e a última frases do velho jornalista: "*A oração que do púlpito proferiu o Sr. Padre Valdivino na festa de 31, foi uma peça de eloquência pouco ouvida nesta terra, ou nunca ouvida de lábios cearenses.*

— *Foi um triunfo, mais que isto: foi uma honra para o Ceará a oração proferida na festa de Pedro Coelho. Abraçamos o grande orador.*"

Dignos são de leitura aprofundada e meditada todos os discursos e sermões do Padre Valdivino. Merecem ainda a atenção dos artistas da palavra os seguintes: *Oratio de Passione*, pronunciado na sexta-feira santa de 1894, na catedral: *A Igreja e o século*, por ocasião da 1ª missa do Padre Pedro Leão, 1896, em Quixadá. Discurso proferido por ocasioão do Te-Deum de ação de graças pela volta de Roma do Bispo D. Joaquim José Vieira, *Discurso proferido no Recife*, como representante oficial do Ceará na festa comemorativa da revolução de 1817;

Elogio fúnebre do Imperador Pedro II, quando da transladação dos seus restos mortais para o Brasil, após a revogação do banimento, em dezembro de 1920, na Catedral de Fortaleza.

Foi o canto do cisne do Padre Valdivino, quando já alquebrado de fadigas e da insidiosa moléstia que o levou dez meses depois a receber as recompensas que Deus lhe reservara pelo brilho e explendor que dera à Religião a que consagrava a sua vida.

* *
*

Em 1925, o autor destas linhas reuniu os principais trabalhos oratórios do grande mestre no volume "*Discursos*", que teve a honra de prefaciar e apresentar ao público que sabe conhecer e saborear o valor da verdadeira arte.

Agora, a pesar de tantos anos decorridos depois do seu desaparecimento, vem depositar no seu túmulo mais uma homenagem ao morto-imortal que foi o Padre Francisco Valdivino Nogueira.

Existe uma Literatura Mediúnica?

Cristiano Agarido

Talvez muitos leitores do "Anuário Brasileiro de Literatura" já tenham feito a si mesmos a pergunta que nos serve de epigrafe e a seguir esta: Mas existe mediúnidade?

Vamos tentar resposta começando pela segunda questão.

O fato de existirem várias hipóteses para explicar a mediúnidade parece bem demonstrado a quem lê e só uma dessas suposições nega a existência de faculdades ainda pouco estudadas em certos indivíduos, vulgarmente conhecidas pelo nome cunhado pelo sr. Allan Kardec, de mediúnidade. É a hipótese da fraude universal. Tudo quanto parece atribuido à mediunidade é pura mistificação, embuste, ora conciente ora inconciente, mas sempre fraude, segundo essa hipótese que por ser demasiado simples tem sido afastada da discussão. Os opositores à hipótese de fraude universal esclarecem logo que as faculdades humanas variam ao infinito e seria insensato traçar-lhes um limite.

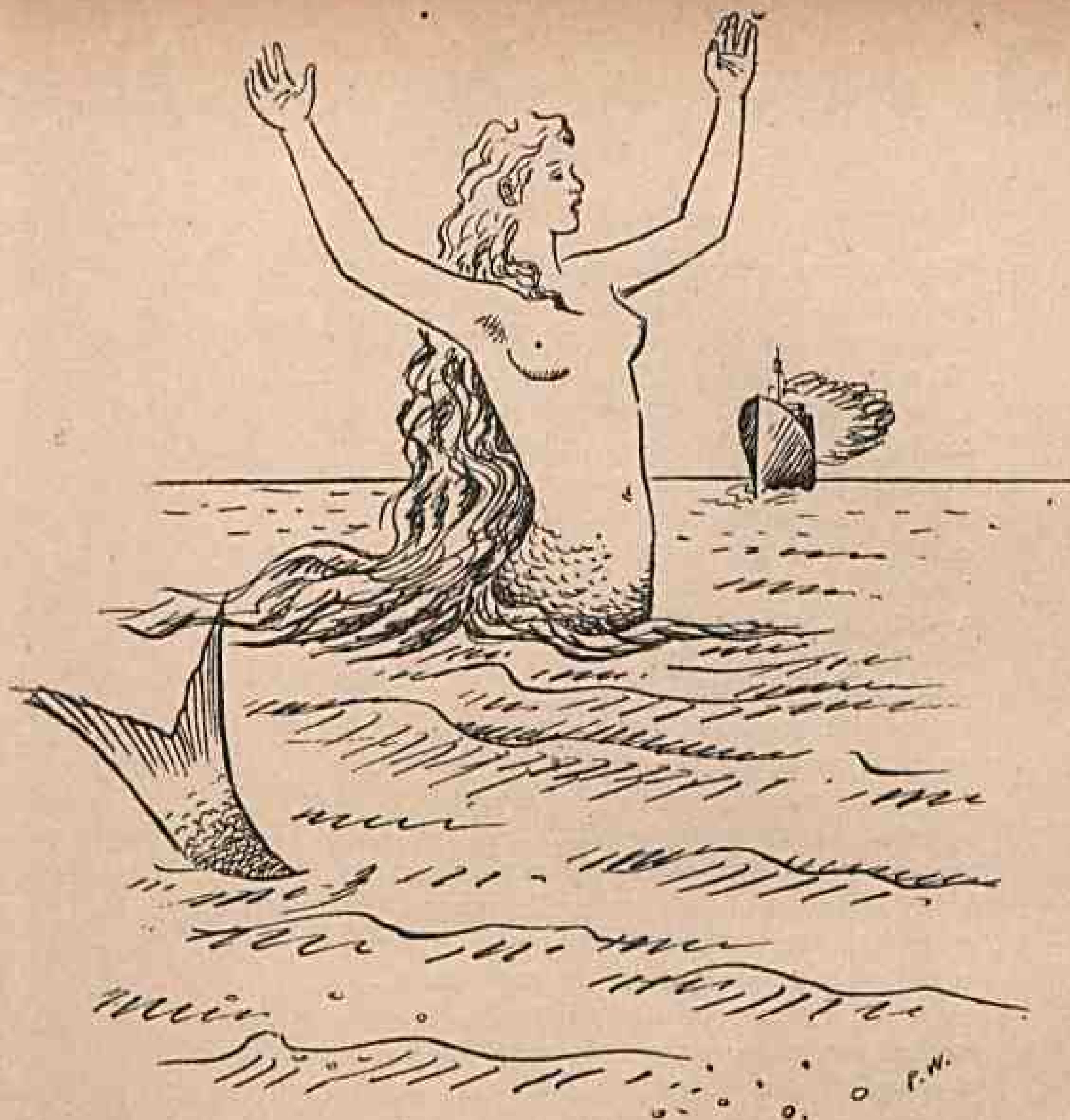
Segue-se a hipótese de um subconciente que em certas pessoas produz verdadeiras surpresas: acumulam tais pessoas tudo quando ouvem, leem, veem e em condições nervosas especiais reproduzem todas as recordações dando-lhes forma um tanto fantásticas, oníricas, dramatizadas. Por esta hipótese já se poderia justificar a existência de literatura mediúnica, porem há mais hipóteses afirmativas.

As ortodóxias cristãs — católica e protestante — admitem que certas pessoas e em certas ocasiões ficam sujeitas à influência diabolica e procedem como instrumento de Satanaz. Por esta hipótese a literatura mediúnica seria inteiramente espiritual, escrita pelo Espírito do Mal.

Finalmente a hipótese espírita diz que há pessoas com a faculdade especial de receberem por inspiração ou mecanicamente ditados de almas de pessoas vivas ou mortas. Por esta última hipótese a literatura mediúnica é escrita por um homem real, quasi sempre já morto, mas excepcionalmente vivo. Esta hipótese para o nosso caso é a única que tem de ser considerada, pois que somente seus partidários cultivam e publicam livros de origem mediúnica. Os partidários de todas as outras hipóteses condenam sumariamente o cultivo de tais faculdades. Logo a literatura mediúnica publicada é devida exclusivamente aos espiritistas, e forma a parte por eles mais respetiada da literatura humana.

Existem uns milhares de livros formando essa literatura. O mais moderno e mais estudado entre nós "A Grande Sintese", publicado inicialmente em Gubbio, Itália, pelo médium Pietro Ubaldi, e depois traduzido o publicado nas principais línguas do mundo. "O Livro dos Espíritos", "Evangelho segundo o Espiritismo" e outros de Allan Kardec, são parcialmente mediúnicos, e já alcançaram dezenas de edições nas línguas novi-latinas, porem, obtiveram pouco êxito fora do mundo latino.

Escritos e impressos no Brasil os livros mediúnicos de mais sucesso literário são os seguintes: "Do Calvário ao Infinito", "Na Sombra e na Luz" e "A Dor Suprema", todos atribuidos ao Espírito de Vitor Hugo e recebidos pela professora Zilda Gama; e mais recentemente "A Caminho da Luz", "Parnaso de Alem Túmulo", "Crônicas de Alem Túmulo" e outros, do medium Francisco Cândido Xavier, reputado o maior medium psicográfico de todos os tempos.

Respondemos, pois, a pergunta afirmativamente: Existe, vive e cresce em nossos dias uma literatura mediúnica. Alguns livros dessa literatura já foram traduzidos em muitas línguas e veem sendo reimpressos há dezenas de anos com crescente êxito. Outros tornaram-se obras sagradas, ora como explanações da Bíblia, ora como adendo aos antigos livros sagrados, e, por isso mesmo que se tornaram livros religiosos viverão sempre entre os espiritistas.

KALEIDOSCÓPIO

Adalgisa Nery

A música das formas imprecisas
Se divide entre a madrugada e o dia.
Um anjo fugido do púlpito
Voa ruflando as asas entre o repouso dos justos
E o remorso dos pecadores.
Sereias misturadas nas espumas das ondas
Chegam até à praia chamando pelos homens despreocupados.
No rítmo de escalas cromáticas, que uma adolescente pálida
Ensaia na segunda hora da tarde.
O sol agudo clareia o fundo do solo
E devassa a gruta dos peixes.
A quilha de um transatlântico fere as algas marinhas
Que dormem na superfície das camadas mornas.
A sonolência universal começa a invadir os sentidos da mulher ruiva
Que da sacada espia o chão escaldante
E pensa nas coisas proibidas e impossíveis.
Uma gaivota risca a paisagem
E humilha o transeunte sem destino.
O oceano vestido de cores
Perdoa displicente as ilhas tristes que moram no seu lombo.
E' a hora em que ninguem imagina as formas, as cores e a música
Da última visão da terra e da grandeza do aniquilamento
Que cairá sobre o universal
De todas as matérias e de todos os pensamentos!.....

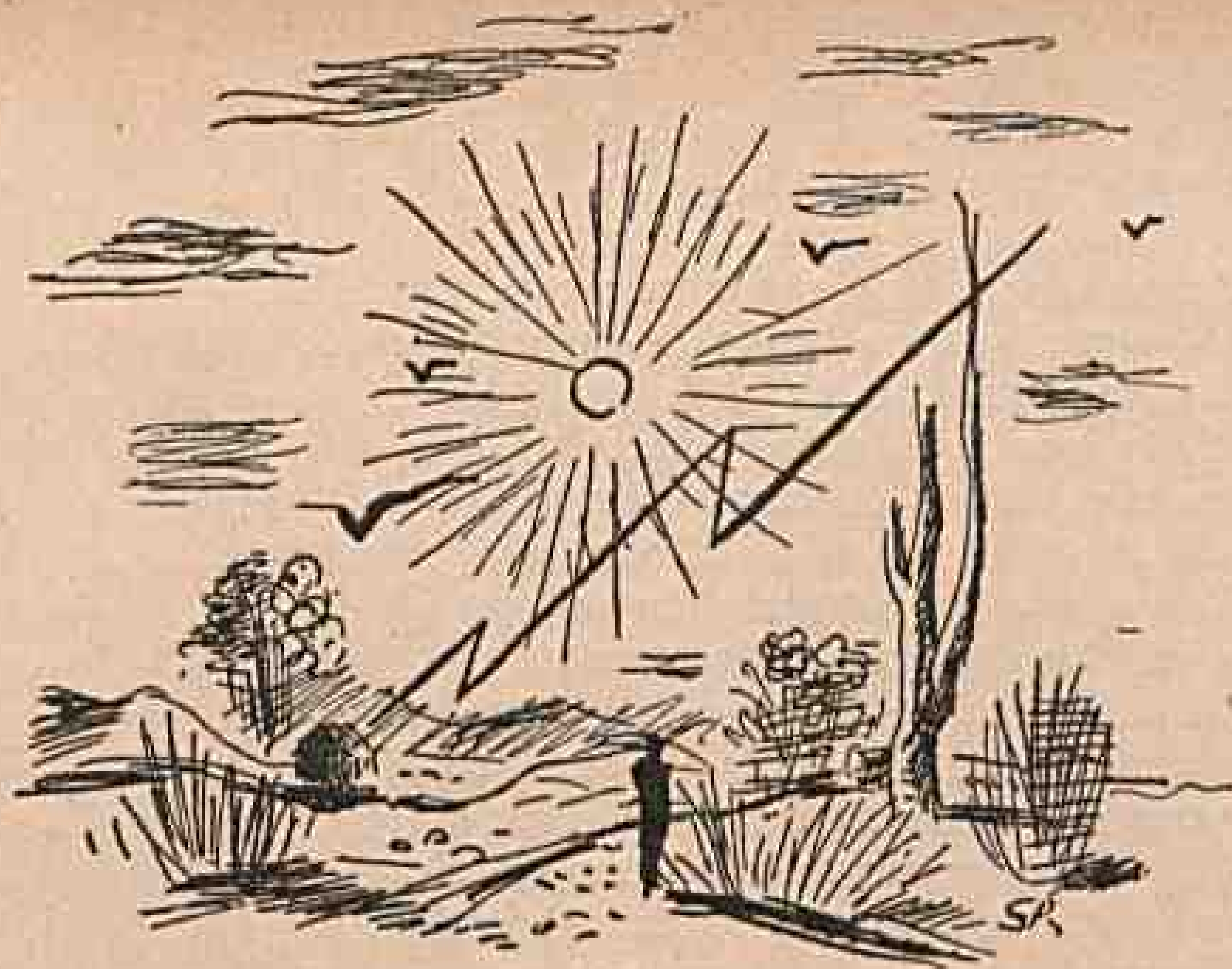
Rio, 1939.

NOTURNO N.° 5

Vens a mim, dentro desta solidão,
pequena criança pálida de outrora...
Olhas-me com teus olhos inocentes...
Mostras-me tuas magras mãos sempre sujas de tinta...
Criança que vens dos longes do passado,
ainda te lembras que só sabias dormir,
ouvindo a preta velha historias contar?...
Ainda te lembras das noites perdidas
em que ficavas a mirar o céu
assistindo, em silêncio, deslumbrado,
a multiplicação misteriosa das estrelas...
E sonhavas então que o criador
de tantas maravilhas desceria
na manhã seguinte, em teu coração,
humanamente transformado em óstia...
Pequena criança pálida e quieta,
quantas vezes sofreste punições
porque no colégio não compreendiam
o teu silêncio, o teu pudor de gestos,
porque te recusavas a jogar
com os demais meninos de tua idade...
Pequena criança pálida e doentia,
nunca, em casa, souberam a razão,
porque, depois do estudo, horas a fio,
ficavas da janela do sobrado
olhando a rua em movimento
e a agitação inconciente
das crianças sadias de teu bairro!...
Sonhavas então ser como essas crianças,
livres o dia inteiro e todo dia
ébrias de liberdade e de alegria!...
Essas crianças não eram tristonhas e caladas...
Essas crianças não viviam agarradas a livros
nem tinham os braços doídos de injeções...
Essas crianças não tinham vigias
e andavam pelas ruas livremente,
numa vertiginosa correria...
Pequena criança pálida ficavas
horas olhando a rua em movimento,
e ias aos outros meninos te juntando
com o corpo abstrato de teu pensamento...
Era então o teu sonho mais bonito
saltar de um bonde em disparada...
Criança pálida por que vieste
com o teu sorriso iluminar
esta hora de silêncio e solidão?...
Onde estão os teus livros adquiridos,
— sabe Deus como! — de segunda mão...
Ainda tens teus pés doídos, teus pés
que se calçavam somente quando ías a escola?..

E as tuas calças cheias de remendos,
cerzidas pelas mãos de tua irmã mais velha?...
E os teus suspensorios de tiras de pano
trançando muito cêdo sobre as tuas costas
o sínal de uma cruz?...
Pequena criança pálida por que vieste?...
Olha-me bem no fundo de meus olhos...
Andei pelos caminhos da aventura...
Tudo que a vida me podia dar,
em alegria ou desencantamento,
ela me deu, as mãos cheias, generosamente...
Como a criança pálida de outrora,
sofri dos homens e do mundo,
todos os travos porque não compreendiam
minha recusa de viver a vida
vasia dos homens de minha idade...
Tú vivias entregue aos teus estudos,
aos teus remedios e as tuas injeções...
Eu me dei, todo inteiro, nos meus poemas,
e sofro ao constatar que sou na vida
a mais desesperada das crianças
tentando se fazer amada e compreendida
na linguagem dificil dos homens...
Criança pálida e quieta por que viéste
com o teu sorriso triste iluminar
esta hora de silêncio e solidão?...

Manchester, 23-8-1933.

Paschoal Carlos Magno

A ALVORADA E A SOMBRA

Murilo Araujo

A manhã trançou lírios sobre as águas.
Desfiou turmalinas pelos matos
Abriu o leque celeste da alegria.
O sol novo acordou todas as flores
para esperarem pássaros do dia
como se espera em resplendor
a Graça.

(Num toque frio
alguem passou por mim num arrepio...
como somente a Morte passa.)

A Morte?! E aonde iria, nos caminhos?

E as árvores orando, orando à Vida!

E o céu descido à voz dos passarinhos...

Na vila em frente — tudo alegre:
flores no parque, risos infantis...
um ancião, gloriosamente humano,
remoçando ao sol puro da varanda,
feliz;
na sala — uma voz jovem
e escalas gargalhando num piano...
tal doçura por tudo
que se ouviria o coração falar;
e um ar tão puro
que até mesmo o silêncio parecia
que ia cantar.

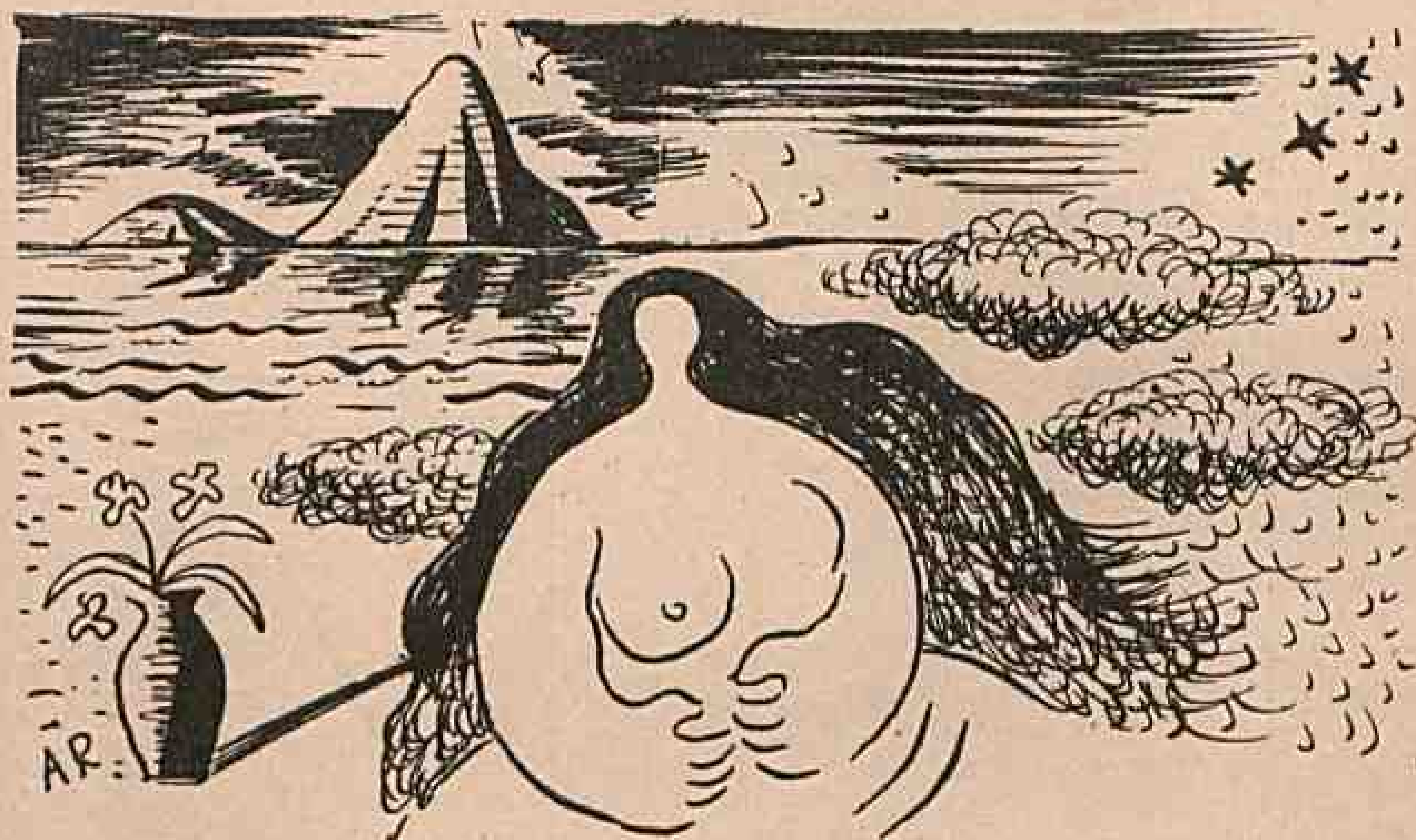
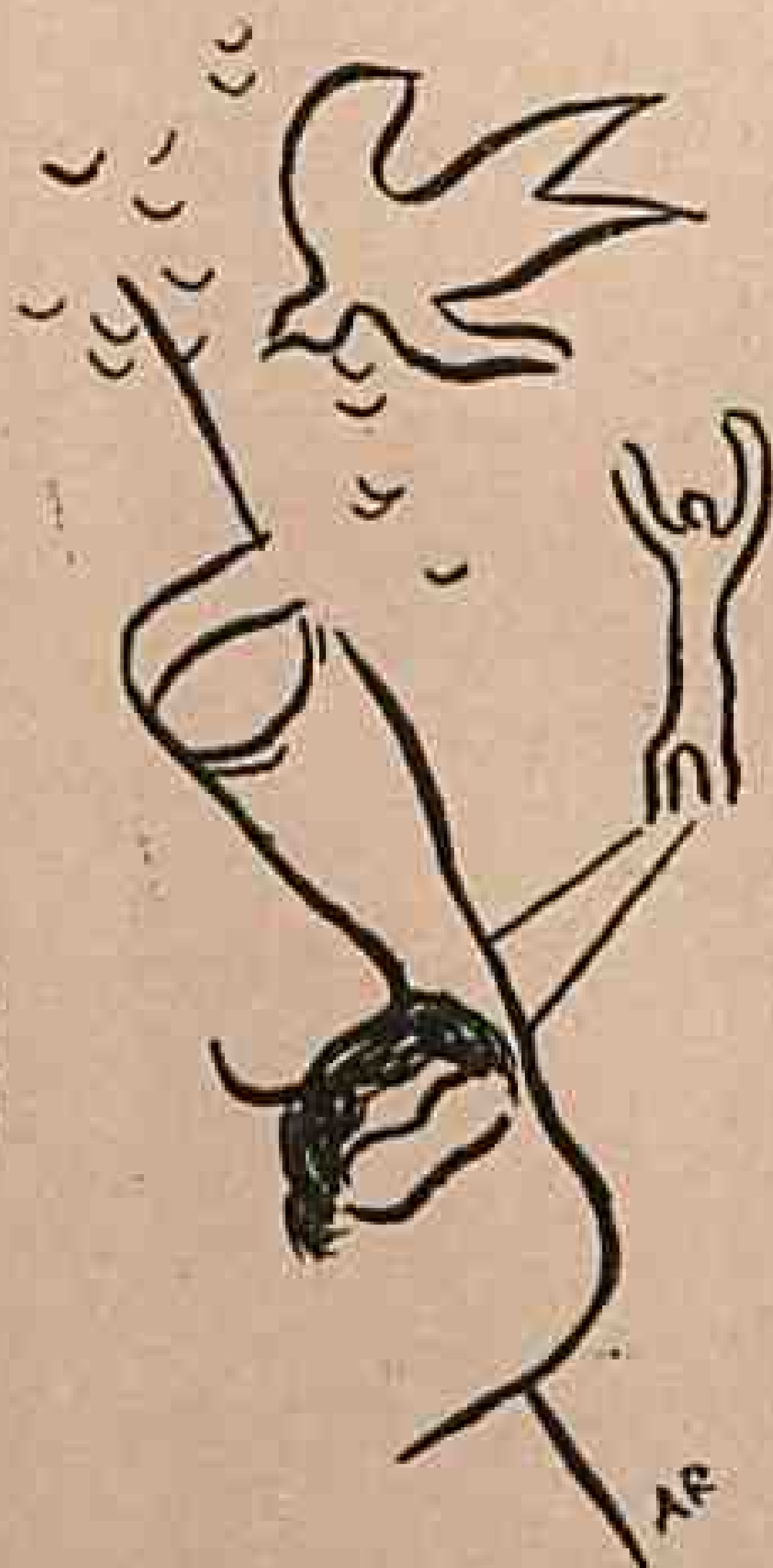
(E a Morte caminhava para lá...)

Ansioso exclamei: — Volta, Sombria!
Aquí estou eu!
Aquí
o galé trágico da vida,
aquí — a agitação que sonha o olvido...
Dormirá mais feliz o que sofreu!

(Mas a Morte seguiu.
E ouvi um grito
que em soluços a vila desvairou...

O avô? A moça? Alguma pobre criança?

— Sei que, talvez por ter errado a porta,
foi lá, foi lá que a Morte entrou.

O OPERADOR

Uma mulher corre no jardim
Despenteando as flores
Alguem desmonta o tempo
Edipo propõe um enigma às constelações
O mar muda provisoriamente de lugar
Se assobiares um fox-trott
A ordem se fará outra vez

O JOGO

Cara ou coroa?
Deus ou o demônio
O amor ou o abandono
Atividade ou solidão

Abre-se a mão, coroa.
Deus e o demônio
O amor e o abandono
Atividade e solidão

MURILO MENDES

PELO CAMINHO DAS NUVENS BRANCAS

Eu andei por cima das nuvens brancas...

E' suave o caminho das nuvens brancas,
como é envolvente o caminho de teus olhos
que econtrei por baixo das nuvens brancas

Teus olhos me chamaram e me disseram
segredos que logo me perturbaram...

Teus olhos feriram a minha carne
dos desejos de tua carne...

Teus olhos indicaram um novo rumo
na confusão de todos os caminhos,
na confusão de idéias e sentimentos,
na tristeza de minha inação.

E é noite, é noite nos teus olhos,
com a aurora boreal de meus sentidos.

E' noite, é noite nos teus olhos.

Tudo deixou de existir com a tua presença,
e eu passei a existir com a tua presença.

Tu foste a exaltação de minha vida,
na despreocupação de minha vida.

Eu não podia adivinhar que as nuvens brancas
me levariam ao caminho de teus olhos
pelo caminho do mar.

Não sei mais quanto te encontrei.
Parece que sempre existimos,
de mãos dadas, de olhos nos olhos,
e meus braços enlaçando a carícia de teu corpo.

Tu já estavas em mim, dentro de mim,
quando te encontrei.

Toda a minha vibração
era à procura de tua vibração
para a unidade do amor.

Tu já estavas presente na tua ausência,
como ficas presente na tua ausência
quando te afastas de mim.

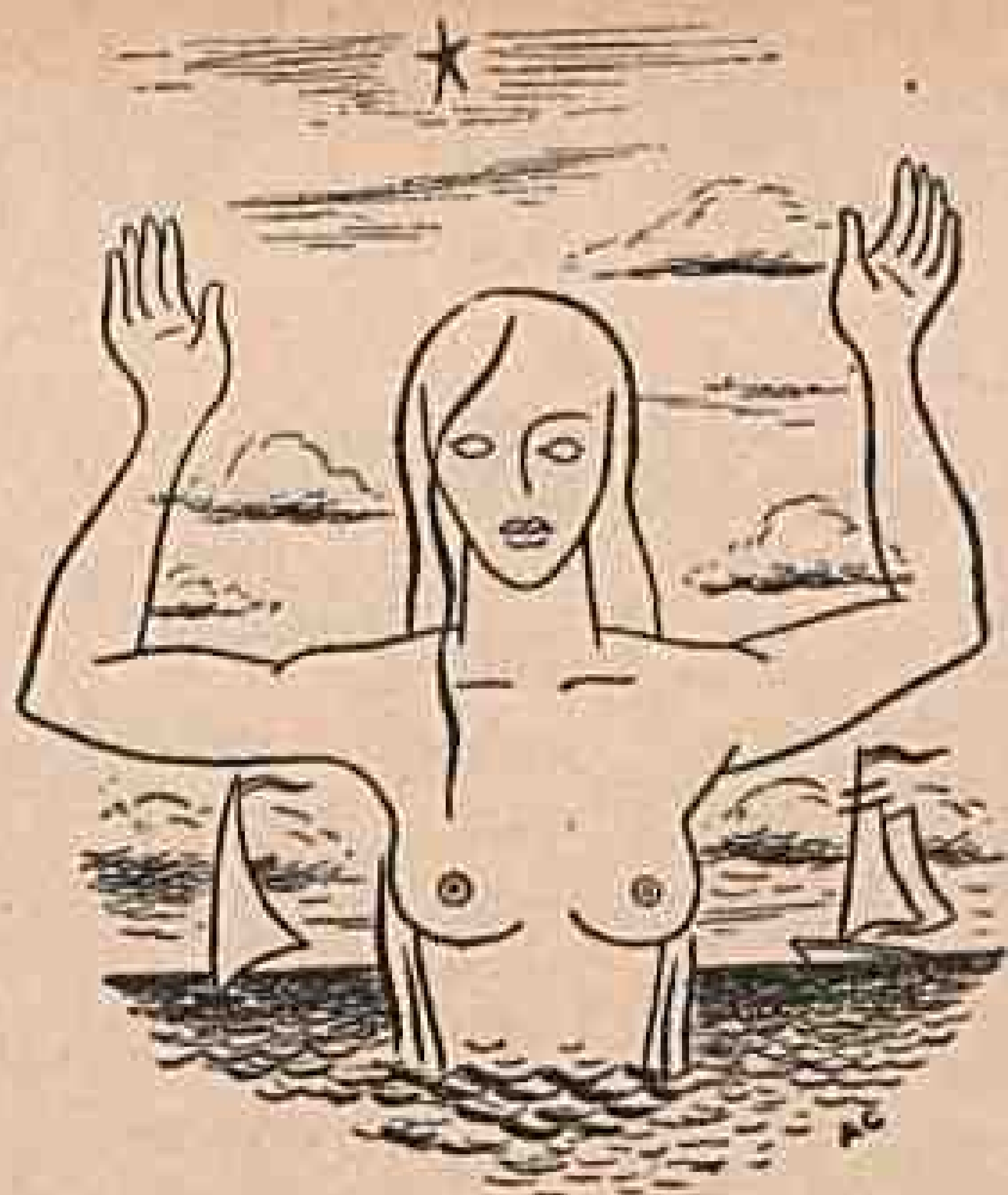
Não sei mais quando te encontrei...
Só sei que fui por cima das nuvens brancas
que me levaram pelos caminhos do mar.

E há um gosto de distância no caminho das nuvens brancas,
como há um gosto de aproximação no caminho de teus olhos.

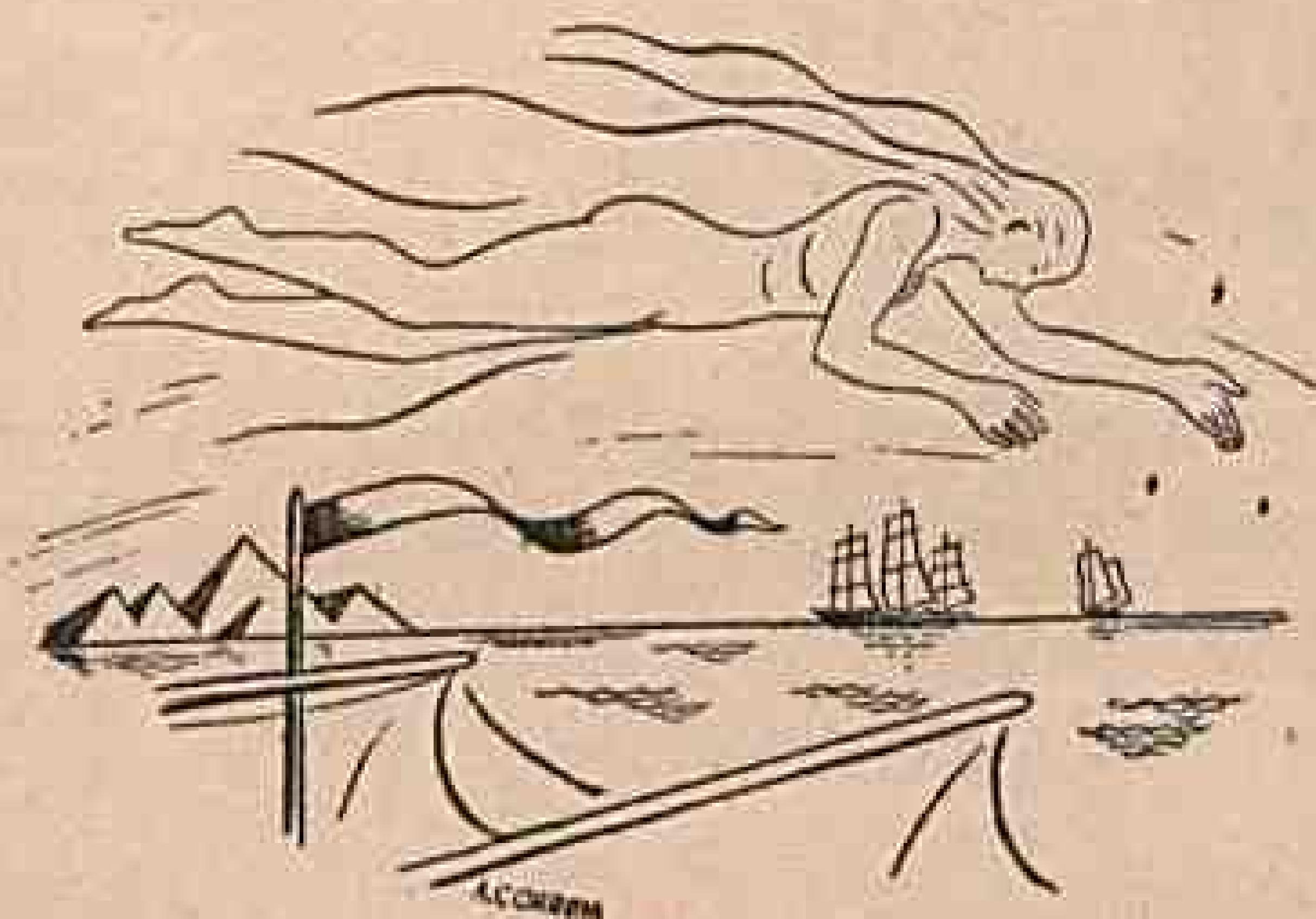
NEWTON BELEZA

Três motivos de Mira-Coeli

I

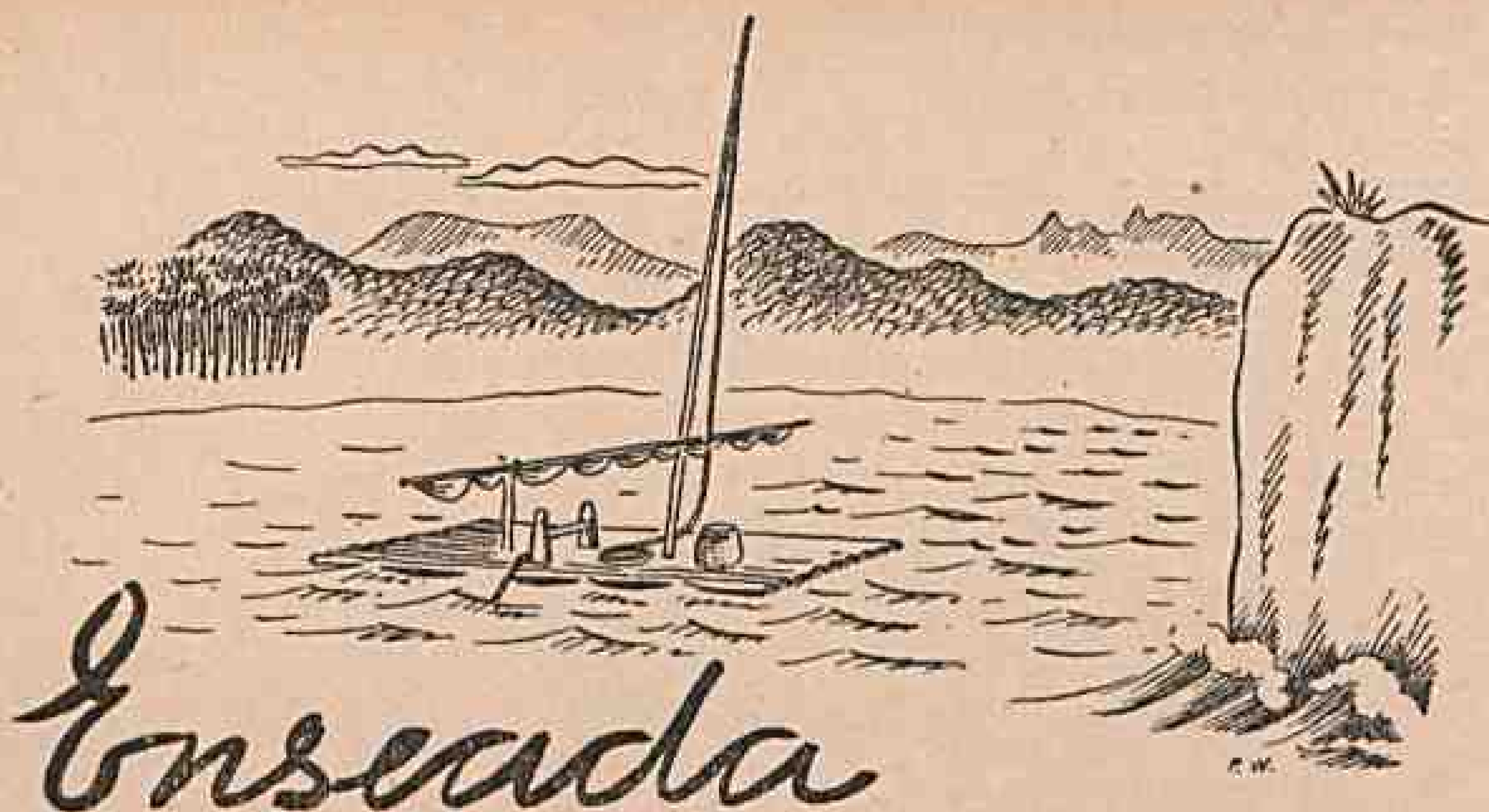
Em tua constelação várias de tuas irmãs já não existem mais.
Melhor seria que nunca tivessem nascido:
desertaram de teus outonos, Mira-Coeli,
despenharam-se nos abismos celestes
à procura de algum Sol secundário
ou compõem, as tenazes ou a cauda do Escorpião.
Só tu permaneces dormindo
intacta e incorruptivel sob o hálito de Deus,
só tu permaneces ainda úmida
e apenas estremeces para a glória dos homens.
Só tu não fostes transformada em serpente
nem picaste Orion,
nem pariste os dez gemeos de fogo que comandam as guerras.
Apenas os teus sonhos nos povoaram de poesia,
e o teu ressonar é a nossa terrena música.
Alta noite despertas, doce Musa sonâmbula,
e à direita de Andromeda ignoras que Voltaire existiu.
Readormeces depois: explodem ódios no mundo,
grandes flores carnívoras brotam de polo a polo,
rios de sangue descem das órbitas esvaziadas.
E' preciso que acordes, grande Musa esperada
e desças aos nossos ares
para que o homem volte a contemplar-te mudo
pelo caír das tardes.

II

Há necessidade de tua vinda, Mira-Coeli:
milhares de ventres virginais te esperam
através de séculos e séculos de insônia!
Basta de te entremostrares:
nós já te pressentimos demais
em certos momentos de mistério
ou sob algumas aparências obscuras.
Há lábios entreabertos esperando:
são os meus irmãos
a quem anunciei que tu virias.
Há palavras de fogo semi-apagadas,
há janelas desertas já fechadas,
há ausências inexplicaveis, gestos mortos,
há lagos estagnados sob grifos de luto.
Quando vieres as arvores ocas darão flores
e teu fulgor sideral acenderá pela noite
os olhos entreabertos dos semblantes amados.
Vem Mira-Coeli unir os reinos,
entrelaçar os braços dos escravos
aos ramos floridos dos lilazes
e os ramos floridos às solitárias e estéreis estalactites.
Que as asas se enverguem
nas concavidades das rochas
em união com os peixes órfãos.
Por toda esta imensa noite
em união com os peixes orfãos.
os nossos olhos angustiados
boiam sob o sulco da Arca esperando teus ramos.
Ha indícios de tua vinda sobre as aguas revoltas,
sob a fusão do arco-iris numa bandeira única,
na aragem que acaricia barcos de pesca mortos

e cascos de submarinos recobertos de algas;
muitos de nossos irmãos foram buscar pérolas
e não voltaram;
outros trouxeram ninhos de vespas em vez de corações:
nisto a água subiu pelas tibias dos mártires,
procuramos nos equilibrar nos destroços dos rádios:
havia uma superestrutura de erros em nossos salva-vidas
e estávamos hidrópicos, Mira-Coeli.
O nosso diluvio é interior, ó Deusa,
e nossa voz clama desta imensa garganta:
Vem, Mira-Coeli, vem, Mira-Coeli!

III

Em dezembro, de súbito ela se tornará visivel.
Estai alerta portanto desde o amanhecer do dia.
E' Mira-Coeli que vem para viver comvosco!
Navegantes pensarão que é um navio fantasma.
Pensarão as donzelas em seus gêmeos futuros.
Os pastores pensarão que é o cordeiro de Deus sumido.
Mas é apenas Mira-Coeli se tornando visivel.
Se tendes mãos azinhavradas
não a vereis jamais.
Se vossa mente possue alguma sinistra idéia
não a vereis jamais.
Se vosso dorso se curvou a um tirano qualquer
ficareis cegos de nascença.
Porque Mira-Coeli nunca se mostrará
enquanto ela avistar manchas em nossa terra.
Quando ouvirdes então um rumor desusado vindo do fim do mundo
sabereis que os falsos deuses começaram a tremer.
Mira-Coeli vem vindo sobre as aguas, no ar.
Os lábios de Mira-Coeli tocarão vossos lábios.
Ficareis em eclipse entre Mira-Coeli e o mar!

JORGE DE LIMA

Enseada

Sempre em vão, a busquei. Triste beduina errante,
percorrendo a extensão de um mundo sem piedade;
mas, tão longe ela estava... alem do mar, distante
da minha aspiração e da minha ansiedade.

Busquei-a sempre em vão. E foram vindos os anos,
(porque, dentro da vida o tempo não descança)
e vieram decepções e vieram desenganos
destruindo sem dó, no meu peito a esperança.

Mil vezes a entreví: recanto de ternura,
de bondade e de paz, que eu alcançar quisera!
Clareira, lá no fim da minha estrada escura,
sob a bençam azul de um céu de primavera!

Para o meu coração, (barco desarvorado
que o destino atirara às procelas da vida...)
ela tinha o esplendor de um mundo entresonhado,
e a estranha sedução de terra prometida.

Porem era mais forte o vendaval que uivava
pela noite sem fim, onde eu me debatia,
frágil embarcação, que a tempestade brava
de um mundo de traições e de ardis envolvia.

Velas rotas, partido o mastro... em vão meus gritos
soaram pela noite escura do abandono.
Só da maldade ouvi os palavrões malditos,
vendo-me naufragar sem bussola e sem dono.

Porem o mar não quis guardar-me no seu fundo,
a morte me engeitou; não quis dar-me guarida;
e, devido a uma lei cruel que rege o mundo,
fui rolando, infeliz, pela escada da vida.

Buscando-a, sempre em vão, conheci cada malha
da teia que a paixão, para enredar-nos, tece;
vi que atraz de uma jura um demonio gargalha,
vi que a boca que beija é a mesma que escarnece.

A verdade onde estava? Onde a encontraria?
(encontrá-la seria alcançar um tesouro)
Era tudo mentira, embuste, hipocrisia,
pechisbeque, latão... com aparencias de ouro.

Minha enseada de amor, que eu alcançar não pude,
nunca mais a busquei, nem mais pude entrevê-la
tão distante ficou desta minha inquietude,
como da terra imunda, a intagivel estrela.

Perdi-a para sempre. E era tão linda!... Agora
sei que tudo era sonho, ilusão, fantasia,
e, esplenda o sol, ou uive o vendavál, lá fora,
a distância que eu tanto amei... está vasia.

C O L O M B I N A

Do livro em preparo "Sândalo"

E Q U A D O R

Aqui, nestas terras altivas, Bolívar, — o Libertador,
Passou, como um fogo sagrado, fundindo um diadema: Equador!
— Diadema que fulge com brilho invulgar no mundo americano,
Porque colocado na fronte viril de um povo soberano.
Tal como nos tempos do esplendor de Quito, livres e felizes,
Quitchúas e Chibchas podem retomar as próprias diretrizes...
Podem conservar, como um tesoiro imenso, este andino altiplano,
E as belas Galápagos, como atalaias, no seio do oceano.

— Nos sítios sagrados que, um dia, ostentaram os templos do Sol,
Sublimes refúgios de um mundo anterior ao domínio espanhol,
Já agora se elevam altares ao culto da Democracia,
Onde a Liberdade, como o Sol, outrora, tem soberania!
— Quanta força tinham, desde os seus primórdios, as terras da América,
Que, a um gesto, arrebentam todas as algemas: — lusa, inglesa ou ibérica!...
— E' que, sob os céus de concórdia e de paz do Novo Continente,
Uma só família tinha que imperar: a americana gente!

FAUSTINO NASCIMENTO

(Inédito para o livro "Ritmos do Novo Continente", 2.ª edição, a sair).

A ULTIMA CEIA

Poema de Judas ISGOROGOTA

"— Mestre, aqui estamos nós para a ultima ceia.
Todavia, que magua em nosso coração...
Enquanto ha por aí quanta dispensa cheia
Do melhor trigo e da melhor aveia,
A nós nos resta unicameste um pão..."

"— Sua fome terá saciada eternamente
Aquele que tiver meu Pai no coração.
Áquele que tem fé lhe basta um pão somente..."

"— Mestre, como viver assim sem alimento?...
Tal angustia deveis poupar a vosso Pai.
Multiplicando pães, déstes um dia alento
Á imensa multidão... Por quem sois, escutai:
Repeti vosso gesto bom neste momento!
O pequenino pão multiplicai!"

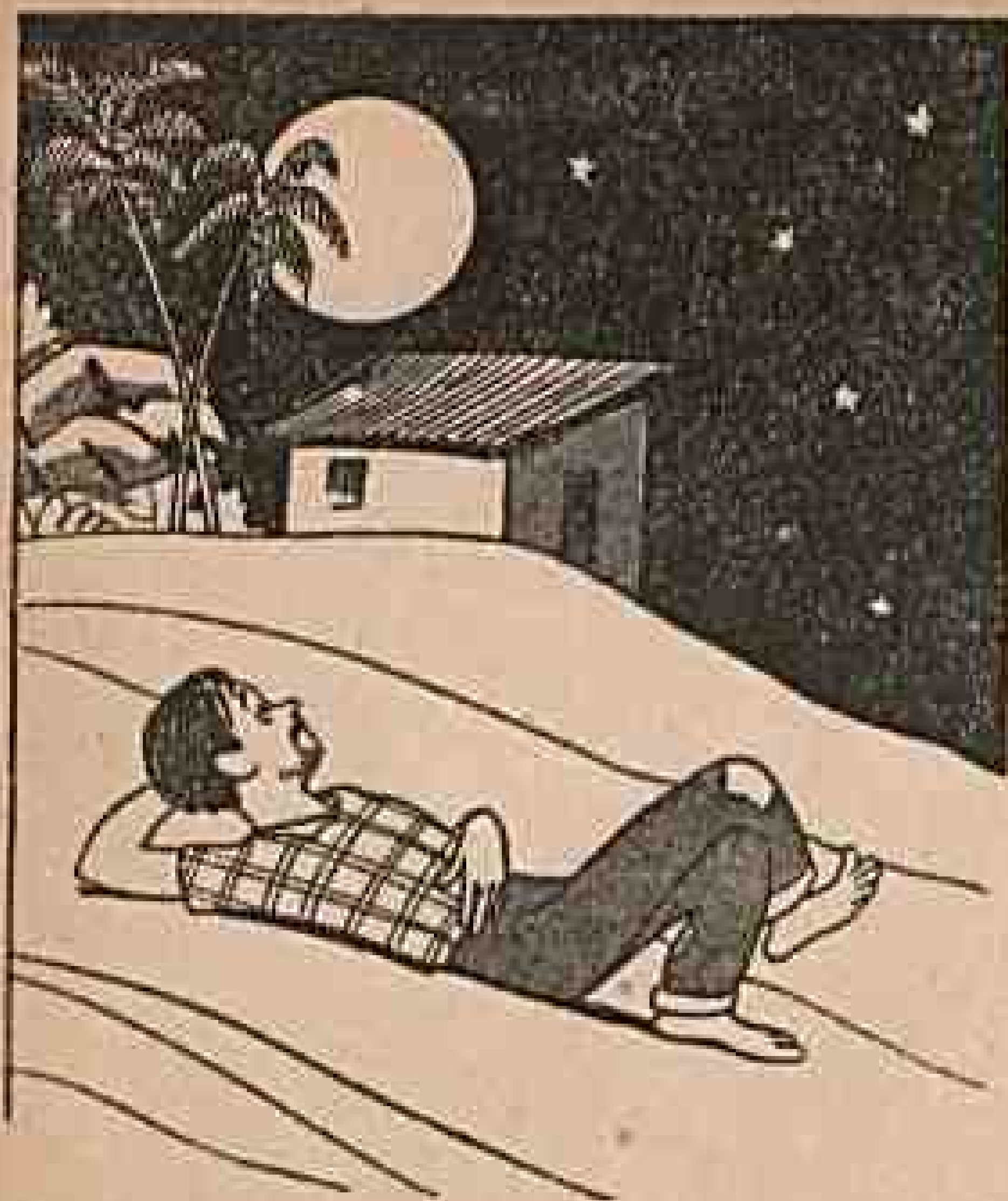
"— Multiplicando os pães, foi meu desejo
Aos homens demonstrar
O quanto póde a fé... Que ao seu bafejo
Tudo é possivel conquistar...

Não seja, pois, somente a mim que se consagre
Tão profunda e sincera exaltação,
Mas, á chama da fé que jamais esmorece...
Á fé que nos consola, anima e fortalece;
Á fé que purifica o nosso coração

E nos faz muita vez realizar um milagre:
Multiplicar um pão!

Foi essa uma lição de fé que vos dei certo dia.
Com a fé vencereis o impossivel até!
E nem guerra e nem fome e nem peste haveria
Se fosseis todos vós, homens de muita fé!

Prestai toda atenção ao que aqui vos ensino
Que outro sentido tem esta ultima lição:
Ontem vos aclarei o milagre divino
Da multiplicação:
Hoje, que tendes só este pão pequenino,
Hoje ireis aprender a dividir o pão!

Que este meu gesto seja sempre o vosso gesto:
Onde sobras houver, que jamais fique um resto
Que se oculte ao que peça em nome do Senhor...
E onde quer que haja alguem a padecer de fome;
E onde quer que haja alguem a debater-se, a [braços
Com a miseria e a dor,
Que não ouse jamais pronunciar meu nome
Quem não souber partir um pão em dois pedaços
Ou mais pedaços, se preciso fôr.

ZÉ-NINGUEM

Lá está Zé-Ninguem, feliz como o que!
Deitado na areia fresquinha do Morro,
de papo pro ar,
olhando pra lua.
Pensando? Que nada!
Pra que pensamento!
Descansando as pernas...
de andar marombando na rua.

Plantada no lombo doirado do Morro,
a casa de Zé parece um caixão...
Coberta de palhas, paredes de latas,
pintada com a prata da lua, por fora.
Por dentro, pretinha, da cor de carvão.

A areia é tão fria, macia, gostosa,
que Zé se espreguiça e tosse e se encolhe...
E tosse e retosse... Que tosse safada!
Que tosse birrenta!
Essa tosse, até
parece que é
a mulher ciumenta de Zé,
a família inteirinha de Zé,
que lhe vem recordar
— que massada! —
que a palha da esteira é quentinha!
Que a hora do sono é chegada!

Zé entra e se apaga no escuro da casa,
se espicha na esteira,
nem reza, nem pensa, nem nada!
O vento fuchica na palha do teto,
a areia brinca de chuva nas latas...
Zé gosta daquilo! De pressa cochila...
E logo ressona... E ronca... Faz coro
com o uivo dolente de um triste cachorro
boêmio que faz serenatas.

A barra quebrou.
Lá vai Zé-Ninguem, feliz como o que!
Pra onde? Não sabe, não pensa. Pra que?
Só sabe que é dia, tem fome e... depois,
tem toda a certeza
de que ha de comer!
De que ha de vestir!
De que ha de viver!

MARTINS D'ALVAREZ

POEMA

Talvez possamos nós rezar pelos caminhos.
Rezemos na manhã que nos embebe em seiva,
Rezemos na manhã que é graça e primavera.

Irmão, para onde ir? Deitemo-nos nos campos...
Cantam os sinos, Irmão, na leve transparência
Do céu leve de maio, o perfumado maio...

Vão de certo sangrar corolas entreabertas,
Vão de certo partir veleiros bons de escala
Para os portos irmãos, perdidos pelos mares.

Por que arqueja e sangra a humanidade amarga?
Não há, no céu de maio, a transparência leve
Dos risos infantís, das virgens nas campinas?

Por que pesa e sufoca essa ameaça eterna
De gritos, contorsões, de sangue em jorros, febres,
Se se entrega a manhã, tão pura, nas estradas?

Não há acaso, Irmão, serenidade em aldeias?
Não há vidas que passam em pálidas surdinas
Sem gestos de agonia e gritos de orfandade?

Talvez possamos nós morrer pelos caminhos...
Mas não: torno a dizer nesta manhã de maio:
Talvez possamos nós rezar pelos caminhos.

Rezemos, doce Irmão, pelos aleijadinhos,
Pelos cegos em meio à escuridão do mundo
Ouvindo a voz de Deus na treva dos seus mares.

Rezemos, doce Irmão, pelas amadas mortas,
Cujos corpos estão em serras silenciosas,
Cujas chagas estão ardendo nas estrelas.

Irmão, para onde ir? Deitemos-nos nos campos...
Aquí virá nos ver o sono bom, de manso,
Descendo para nós do leve céu de maio...

Alphonsus de Guimaraens Filho

(Do livro "Irmão", em preparo)

DIABRURAS DE DEUS

A Paulo Ronai.

Chegou a caixa nova de brinquedos
E Deus, que inda é menino,
Veio brincar aqui
Com tudo o que julgais serem os meus segredos:
O veio cristalino,
A mangueira do lar, grande como o Destino,
A casa em que nasci...

Dispôs Deus com talento os seus novos brinquedos.
Mas entre os mais achou
Tal que lhe pareceu bem complexo e franzino,
E querendo saber que minúsculo sino
Entre os seus dedos badalou,
Deus ELEVOU A SI um boneco, e escutou
Bater o coração do brinquedo mais fino...
Mas tanto o revirou entre os seus dedos
Que se quebrou...

Cuidado, Amor, que encerras baralhados
Na caixa do Destino
Todos os sonhos do bazar do Ser!
Não faças mais brinquedos delicados
Porque Deus ainda é muito pequenino
E quebra-os sem querer...

SILVA PORTO

Terra Prometida

Por Olavo Dantas

Eu corri os sete mares
Vendo cidades belas esplendentes,
Passando em ilhas de verdura e flores,
Onde cantavam fontes e correntes
Com a harmonia dos velhos trovadores.

Eu corri os sete mares
Vendo no céu novas estrelas,
Bençãos de Deus vagueando nas alturas,
Indicando o caminho aos velhos navegantes,
Que nas cérulas planuras
Dos mares sombrios e distantes
Viam raiar, no transe mais aflito,
Os farois do Senhor plantados no infinito.

Eu corri os sete mares
Vendo jardins perfumados
Onde ha milênios novas primaveras
Esperam os casais de namorados
Entre acenos de flores e quimeras.

Percorrendo paises milenares
Não encontrei, no entanto, um só instante
A beleza eterna e palpitante
Que, alem dos mares,
Recordava existir na minha terra,
Onde as árvores verdes, perfumadas,
Ao longo das estradas,
Estão sempre embalando os pássaros nos ni-
[nhos,
Dando sombra aos que passam nos cami-
[nhos.

Percorrendo a Alemanha ou a Inglaterra
Não encontrei um só momento
O céu de puro anil
Que tem a minha terra,
Porque Deus quando fez o firmamento
Guardou a tinta mais formosa e fresca
Para pintar o céu do meu Brasil.

O REGRESSO

E me juravas sempre entre um beijo e um carinho,
na vibração da nossa adolescência em flor,
que eu era a tua vida e o teu único amor
e que serias sempre a luz do meu caminho...

E numa noite azul eu te fiz com fervor
a promessa febril de construir nosso ninho,
luminoso e feliz, de uma alvura de arminho,
longe dos olhos vis e distante da dor...

E cantante e feliz tornei-me um passarinho
buscando em plaga estranha as palhas do meu ninho
em luta desigual com os ventos da amplidão...

E quando regressei, exausto mas depressa,
vi que já tinhas na alma outra febril promessa
e outro ninho feliz no alegre coração...

JORGE AZEVEDO

L I T U R G I A

As enxadas cantando sobre a terra,
São teus sinos, risonha religião!
Eu entrarei no teu altar grandioso, ó Vida!
Celebrarei de joelhos teus mistérios grandes,
O' Terra! mãe castíssima do pão!...

As mulheres de lenço na cabeça passam.
Vão descalças e trazem no avental o grão;
Seguem o homem que vai, curvo, ferindo a terra;
Seguem o boi, que vai traçando uc sulco sobre a terra
E estendem, augurais, os braços de semeadeiras,
Celebrando em teu culto, ó grande mãe, Terra-Cibéle,
O Sacrifício e a Comunhão!...

A solidão dos campos são teus domos,
Em que oras, lavrador, tendo a enxada na mão.
No teu rude ritual, em que veneras a alma terra

Tua filha te segue, e o teu burro, e o teu cão...
E o sólo, que abençoas, vai-se abrindo,
Florido e festival, sonoro, alado e lindo,
Na vitória eucarística do grão!...

As choupanas da serra são ermidas
E as mulheres ali, sacerdotizas são...
Elas trazem ao colo o filho, que amamentam
Tu brotaste a semente sob o chão...
E ajuntais num só a Vida e a Terra
— No prodígio da carne que dá vidas;
No milagre da terra, que dá pão!...

ALMEIDA COUSIN

B O R B O L E T A

Vede-a: a lerda lagarta, o movimento ondeante
E tardo, a rastejar o corpo mole e informe,
Lentamente a subir no tronco anoso e enorme,
Buscando, do arvoredo, a fronde verdejante.

E alcança-a por fim; aí, de instante a instante,
Ela na ânsia voraz da gula desconforme,
Tudo que é folha róe, num labor ofegante,
Até que farta, para e fatigada, dorme.

Dorme para sentir, num letargo profundo,
Outro meio, outro ser, outra vida, outro mundo,
Renascer dentro em si — magnífico tesouro! —

E como um grande sonho explendido de lenda
— Numa transformação biológica estupenda —
Surge da áscua lagarta a borboleta de ouro!

CARLOS PARANHOS

Nativismo na poesia clássica brasileira

Nelson de Carvalho

Há uma antiga e interessante lenda persa que nos fala de um pobre mercador, que julgou, certa vez, ter tido a revelação suprema dos céus: indicara-lhe um anjo o sítio exato de fabuloso tesouro, que significava, para ele, a fortuna e a glória imediatas.

Para encurtar a história, diremos que foi inutil a pesquisa: os enormes buracos escavados, lugar e imediações, nada revelaram aos olhos do infeliz sonhador.

Voltava este, então, desolado, quando, bem longe dalí, qualquer coisa parecia toldar-lhe a vista. Se algum dos leitores pensou em pedra preciosa acertou, porque era mesmo valiosíssima gema, fagulhante de tentadoras promessas de felicidade e, sobretudo, de dinheiro...

A moralidade aí vai, com a liberdade que tomamos de adaptá-la em versos:

"Se, às vezes, por sob a lama,
Há muito rico tesouro,
Mais vezes, longe do alcance
Do nosso olhar, há mais ouro."

Ocorreu-nos essa pequena fábula por simples associação de idéias, quando nos dispúnhamos a achar nativismo na poesia clássica brasileira.

Ora, todas as literaturas teem-nos ensinado, no geral, a encontrar manifestações nacionalistas nas produções dos seus grandes épicos, nos arroubos patrióticos daqueles que passam a ser como que verdadeiros heróis nacionais. E a velha Grécia já os dera exemplos marcantes com as duas epopéias de Homero, plenas de patriotismo e entusiasmo, encarnados nas figuras soberbas de Aquiles e Ulisses.

Entre nós, a regra não só falhou, senão deu margem a comentários pouco lisonjeiros àqueles que fizeram epopéia... O tesouro da fábula fomos encontrá-lo bem longe donde realmente devia estar...

Os poemas épicos, pouco é verdade, que inscreveram os antigos candidatos à Posteridade nas nossas letras, primaram pelo silêncio com que envolveram essa coisa um pouco incompreendida que se chama "nativismo", e outras entidades semelhantes, que revelam, como o gigante pelo dedo, — o bom brasileiro.

Façamos, pois, um passeio pelo nosso Parnaso clássico e surpreendamos os poetas que o representaram.

* * *

A sociedade brasileira de início da colonização não poderia apresentar outras características senão as que realmente apresentou: reflexo perfeito da Metrópole em todos os setores da sua existência.

E Pernambuco, centro que era da verdadeira "élite" da florescente sociedade, nos fins do século XVI, bem encarnava o espírito lusitano da época.

Foi nesse clima cultural, estritamente português, que nasceu a "Prosopopéia", de Bento Teixeira Pinto. E é nela que se tem pretendido encontrar manifestações nativistas, como as primeiras da nossa poesia...

É o poema de Bento Teixeira, português até na forma, imitada d'"Os Lusíadas", com o emprêgo da oitava rima; como português é o héroi do entrecho, Jorge de Albuquerque Coelho, por quem se baba o poeta em elogios pedantes, e fraseados vãos. "Albuquerque o famosíssimo", "o sublime Jorge", um decassílabo inteiro (por sinal dos menos maus), no "Canto do Proteu": "Devido o nosso Luso celebrado", e muitas outras expressões semelhantes por todo o poema, são exemplos que se colhem sem ser preciso escolher.

Nem, na descrição do Recife, o tão propalado nativismo nos parece existir. "Foi, apenas, um efeito novo que o poeta procurou para realçar com alguns exotismos a vulgaridade da sua imaginação, para quebrar com tintas imprevistas a monotonia dos seus versos" (1).

No mesmo trecho (2), porem, acha Sílvio Romero" uma certa dose de humor satírico" (3), o que, contudo, não justifica o contrário do que acima ficou dito.

Desse modo, nada mais é o poema de Bento Teixeira do que um amontoado de maus versos, cheios de espírito lusitano da época e dedicado a um português. Cremos que isso diz tudo.

* * *

Meio século após o aparecimento da "Prosopopéia", é que vamos encontrar, na Baía, alguns nomes de relevo na poesia da chamada "escola baiana". Dois são os principais: Manuel Botelho de Oliveira e Gregório de Matos.

É na "Música do Parnaso", a única obra que nos deixou Botelho de Oliveira, que vem inserido o poemeto "Ilha da Maré", "onde pretendem descobrir uma das primeiras manifestações do nativismo nas nossas letras" (4), como, em suma, se fizera com Bento Teixeira...

É escusado dizer que os versos do poema são, como bem diz Sílvio Romero, "de uma sensaboria previlegiada" (5), muito embora queira o Sr. Xavier Marques encontrar "nos seus versos correntes e sãos, tocados do colorido virginal da flora do trópico, a inspiração liberta das fontes européias" (6).

A verdade, porem, é que ele "não consegue elevar-se acima da banalidade retórica e mera-

mente indicativa", na frase de outro prefaciador da obra (7), que, aliás, mais adiante, teima em falar em "primeiras afirmações do chamado nativismo brasileiro", esquecendo-se de que nada mais fez Botelho, e o que se dará mais tarde com Frei Santa Maria Itaparica, do que enumerar uma série interminavel de frutas, plantas, peixes e outras especialidades da nossa terra, talvez para "lisonjear o palato e o olfato". Onde nativismo nisto tudo?

Parece-nos que Sílvio Romero dá a última palavra: "... não cumpre só descrever uma paisagem americana para se dizer: sou americano... Qualquer estrangeiro poderá fazer o mesmo. Ser brasileiro não é descrever o Pão de Açúcar, a Tijuca, a ilha de Maré, ou a cachoeira de Paulo Afonso.

Cenas destas ninguem as descreveu melhor do que Dranmor, poeta alemão, que residiu entre nós. Ser brasileiro é sê-lo no âmago do espírito, com todos os nossos defeitos e todas as nossas virtudes" (8). E conclue, mais adiante: "Quanto a Botelho, seu nacionalismo não era subjetivo. era exterior; a pena queria pintar o Brasil; mas a alma era o cultismo espanhol ou português" (9).

*
* *

Mais atenção merece Gregório de Matos, tido geralmente como "a mais representativa figura do movimento intelectual da colônia" (10).

Poeta dos mais expontâneos, espalhou seu talento pelo lirismo e pela sátira, onde se elevou acima de todos os que depois dele vieram, no Brasil, a explorar esse gênero poético.

Sem atingir a culminâncias no seu aspecto lírico, (acha-o, embora, Sílvio Romero "o genuino iniciador da nossa poesia lírica"), mostra-se, no satírico o verdadeiro "boca do Inferno", epíteto que lhe conferiram pela terrivel violência com que investia contra tudo e contra todos que lhe viviam em torno.

Aí é que parecem manifestar-se os primeiros pruridos de nativsmo, que lhe veem emprestando sucessivas gerações de críticos entre nós. José Veríssimo, que o não poupou, chegou a reconhecê-lo" o único a sentir aquilo que devia, volvidos dois séculos, ser o germen do pensamento da nossa independencia".

Naquela fúria indomavel de nada subtrair ao azourrague de sua pena, desandava Gregório de Matos a ferir e a insultar aos próprios brasileiros e as coisas do Brasil, sobretudo da Baía. Há quem veja nisso intenção profundamente patriótica — apontar a corrigir falhas e vícios. Póde ser, mas os versos que se seguem são mesmo de nos deixar na impossibilidade de tomar partido... Ei-los:

Não sei para que é nascer
Neste Brasil impestado
Um homem branco e honrado
Sem outra raça.
Terra tão grosseira e crassa
Que a ninguem se tem respeito,
Salvo se mostra algum jeito
De ser mulato...

E Araripe Junior ainda achava que "com os seus versos conseguira moderar os desmandos dos costumes e impedir que se incrementasse o desgoverno da colônia"...

Sobre o Frei Santa Maria Itaparica pouco se terá de dizer, pois fez escola com Botelho de Oliveira, com a tal história das frutas, dos "limões doces" e os "melões excelentes", os "araçás diversos e silvestres" e as "pitangas, oitís", e um rosário de outras frutas, que transformam a "ilha de Itaparica" num belo pomar ou numa feira de interior, menos num poema, em que se pretenda achar albores de nativismo... Este, ainda confirma Sílvio Romero, "nesse tempo, continua a ser bastante exterior; os poetas não conhecem bem as lendas, as tradições, o sentir, a vida íntima do povo" (11).

O trabalho é só ler os versos do poeta, porque... "á l'ouvre on connatt l'artisan"...

*
* *

Em Antônio José, o teatrólogo asfixiou o poeta, que já não era de grandes vôos, nem de tais originalidades.

Estilo vazado no comuníssimo cultismo português e poética essencialmente italiana, pouco de nacional, de tipicamente brasileiro nos mostrou o "Judeu", para que, ao menos, pudéssemos vislumbrar, em suas obras, intenção de apego ao solo pátrio.

Tudo nele é artificial, desde a urdidura de suas peças quixotescas (mesmo quando não fala em D. Quixote), até aos personagens do entrecho, que são de pouca inspiração positivamente nossa, quer em seu aspecto psicológico, quer no propriamente social.

Se visou, por vezes, os nobres, era porque, de condição plebéia julgava sofrer a opressão, que na época, mais do que nunca, tinha a virtude de revelar classes e destinos antagônicos.

Demais, é preciso ter em mente (e não referendar os exagêros que geralmente se tecem em torno do poeta) que Antônio José foi, apenas, um ponto de alusão na nossa literatura: não chegou a ser um nome.

*
* *

E' o século XVIII quem nos apresenta a pléiade quasi sempre brilhante da "escola mineira". Eram seis poetas e deles nos ficaram três poemas épicos.

O "Uruguai", de Basílio da Gama, é o primeiro, pelo menos cronologicamente. Na nossa opinião, como poesia, é inferior ao "Caramurú", mais completo pela emoção e pelo sentimento, só apresentando desvantagem na forma sacrificada pelas imposições da rima, quando são versos brancos os do poemas de Basílio da Gama. Não cabem aquí, porem, paralelos, nem confrontos, por isso que ambos os poetas merecerão considerações distintas, como integrantes que são do período propriamente clássico de nossa literatura poética.

Os decantados méritos do poema, desde Garrett (12) até Silvio Romero e Ronald de Carvalho, poderão existir (do que, aliás, preferimos duvidar), mas nunca nos revelarão nativismo.

A própria origem do "Uruguai" confirma plenamente o que dele dissemos. É, aliás, bem conhecida essa história: Sabe-se que tendo Basílio feito, num Colégio Jesuita, quasi todo o curso de humanidades, interrompido por dissolução da Companhia, por ordem do Marquês de Pombal, vi-se mais tarde acusado de jesuitismo, o que lhe valeu uma condenação de degredo na África. A simo: a guerra, ou melhor, o furioso ataque dos ração de Marquês, na pessoa de sua filha, a quem dedicou, quando do seu casamento, delicado epitalâmio. O resto incumbiu-se a providência de retificar, até que surgiu o "Uruguai", "prova cabal do seu completo afastamento das doutrinas da célebre companhia".

Para sua rehabilitação, o assunto era felicíssimo: a guerra, ou melhor, o furioso ataque dos exércitos luso-espanhóis aos "Sete Povos Indígenas das Missões do Uruguai", "sem disciplina, sem valor, sem armas", como confessa o poeta... Era, pois, rico filão a ser explorado: dava, como deu, margem a que pudessem ser feridos impiedosamente os Jesuitas, por sua pena pouco reconhecida aos benefícios que lhe prestaram os abnegados missionários.

Veja-se, por exemplo, a que ponto chegou a prevenção criminosa do poeta, quando escreveu textualmente:

"Os Jesuitas teem tido a animosidade de negar por toda a Europa o que se acabou de passar na América, nos nossos dias à vista de dous Exércitos. O Autor o experimentou em Roma, onde muitas pessoas o buscávão só para saberem com fundamento as notícias do Uruguai: testemunhando hum estranho contentamento de encontrarem hum americano, que os podia informar miudamente de tudo o sucedido. A admiração, que causava a estranheza de fatos entre nós tão conhecidos, fez nascer as primeiras idéias desse Poema". (13).

Alem da injustiça das palavras, difícil é de crer-se que em Roma se procurasse saber a causa e a verdade de fatos passados numa Colônia que não italiana. Pode ser, mas não cremos...

Agora: o herói do poema. Quem é ele? Um português: Gomes Freire de Andrade, a quem confere o poeta o título de Grande, "o grande Andrade", e notaveis virtudes de brandura e humanidade, pois era de vê-lo abraçar os índios prisioneiros e dar-lhes, após, a liberdade. E os "selvagens inimigos" iam todos falar comovidos.

"do excelso coração e peito nobre
Do general famoso, o invicto Andrade" (14).

Os outros "heróis" são: "Castro fortíssimo", o "famoso Mascarenhas", o "ilustre Menezes", todos bons lusitanos...

Como poesia, só o episódio da morte de Lindoia, no Canto IV, parece mostrar algum valor, com a sensibilidade e singeleza do quadro, e, sobretudo, pela "brevidade da cena".

Somente a Cocambo, o intrépido selvagem, e à sua "real esposa", Lindoia, trata o poeta com mais carinho sentimental, mas, apenas, para quebrar o ritmo rude, por onde se arrasta o poema, e dar-lhe um pouco de mobilidade e doçura. A intenção nativista que nisso procuram ver é pura fantasia. Essa é que é a verdade. Silvio Romero, por exemplo, mete os pés pelas mãos, quando diz que a intenção do poeta era "dar plena entrada ao indígena na poesia, fazê-lo lutar aí face a face com o europeu" (15).

Os fatos dizem o contrário...

*
* *

O outro poema, na ordem de aparecimento, é o "Caramurú", de Santa Rita Durão, "notavel pela variedade dos episódios, pela naturalidade das descrições e pelo sopro ardente de patriotismo que circula em todas as suas estrofes".

É realmente uma bela realização poética, sem os exageros e pernoticismos tão comuns aos processos arcádicos entre nós, bem diferenciados, nesse particular, dos portugueses, mais naturais e menos prolixos.

O próprio assunto do "Caramurú" adquiriu na pena de Santa Rita Durão características novas e imprevistas. Não sendo verdadeiramente de fundo nacional, pois gira em torno de um personagem português, e português que "nunca perdeu o mínimo ensejo de prestar algum serviço ao seu velho Portugal" (na frase de Rocha Pombo, numa bela página sobre a semi-lendária figura da Colonização), — conseguio o poeta emprestar-lhe tais virtudes de patriotismo e simplicidade que lhe fizeram justiça os pósteros desapaixonados. Diz Silvio Romero que o "Caramurú" "é o poema mais brasileiro que possuimos" (16).

Isso porque aquele náufrago português, que conseguio atingir a costa do Brasil e revelar-se perante os selvícolas como verdadeiro Caramurú, era (e assim se figurou aos olhos do poeta mineiro) mais do que um simples viajante da coroa lusa: era um homem de bom senso, e os homens de senso constroem e dão exemplo.

Sabia Diogo Alvares que serviria à Pátria, servindo à terra que o acolhera das águas revoltas e traiçoeiras que estiveram prestes a tragá-lo. E o Caramurú passou a ser o mais brasileiro dos portugueses que viviam sobre o solo da América lusitana. Era vida de rústico e estóico, vivida para os seus novos irmãos e para a imagem da Pátria distante. Mas, aqui, tudo o prendia: o amor dos "donos da terra" — os selvagens que o acolheram — e o amor, todo sedução e meiguice, da bela Paraguassú, a índia que foi sua esposa para sempre, "perante Deus e os homens."

Esses os sentimentos que transbordam os 10 contos do poema de Santa Rita Durão, ditando versos de extrema singeleza e amenidade, ao lado de outros vibrantes e heróicos, como os da refrega entre os selvagens, sobretudo na cena em que se defrontam Jacaré e Jararaca. Escreve o poeta:

"Avista-se um com o outro: a massa ardente
Deixam cair com bárbaro alarido:
Corresponde o clamor da bruta gente,
E treme a terra em roda do mugido.
Aparou Jacaré no escudo ingente
Um duro golpe, que o deixou partido;
E, enquanto Jararaca se desvia,
Quebra a massa no chão, com que o batia.

Nem mais espera o Caeté furioso,
E, qual onça no ar, quando destaca,
Arroja-se ao contrário impetuoso,
E um sob outro com as mãos peleja ataca:
Não pode discernir-se o mais forçoso;
E, sem mover-se em torno a gente fraca,
Olham lutando os dois no féro abraço,
Pé com pé, mão com mão, braço com braço" (17).

Não só o sentimento da raça que era o ponto de partida da nacionalidade, contou Durão: pousou seu carinho, tambem, nas coisas da terra, nos "primores da natureza" — da exuberante natureza tropical, que foi um mundo de constantes surprêzas para o colonizado.

É, pois, o "Caramurú", na nossa poesia clássica, o poema que reivindica, para si, a nota nativista que nos possa revelar a epopéia. O próprio poeta confessa, nas "Reflexões prévias e argumento", que o levou a escrever o poema "o amor da Pátria".

*
* *

Resta-nos ver o "Vila Rica", de Cláudio Manuel da Costa, que, em sendo lírico, se perdeu num intrincado cipoal de medíocre inspiração épica.

Poema verdadeiramente chocho, sem grandes atrativos, duro na forma e desinteressante no tratar o assunto, aliás com alguma probabilidade de agrado se em mãos mais habeis, de um épico naturalmente, versa ele sobre o descobrimento das minas pelos Bandeirantes paulistas, que escreveram na História do Brasil, páginas vibrantes de raros feitos heróicos de que só são capazes os destemidos e abnegados.

Como corolário do centro da narrativa, fala-nos o poeta da fundação de Vila Rica, a célebre cidade dos Inconfidentes. (A propósito: "Os Bandeirantes", ao invés de "Vila Rica", não teria sido o título mais lógico da obra?)

Afinal, nada acrescentou o poeta de novo em seu poema. Nativismo... Substituiu-o um louvável esforço histórico, e só isso, cremos.

O oferecimento da obra mais uma vez recaiu num potentado da época. Desta, foi o Conde de Bobadela, José Antônio Freire de Andrade, irmão do "herói das Missões" e do poema de Basílio da Gama...

Agora um comentário: Na nota 4 ao Canto I (18), diz o poeta, por qualquer propósito, que "o Brasil foi descoberto por Pedro Martins Cabral, no ano de 1501, sendo repartido em 14 capitanias etc. etc." É estranho que Cláudio Manuel da Costa não tenha sabido o nome do descobridor do Brasil, pelo menos o oficial, que todos sabemos ter sido Pedro Álvares Cabral, mesmo que não aceitemos Duarte Pacheco Pereira, a quem Pandiá Calógeras atribue o descobrimento de nossa terra (19). Em 1501? Se isso é certo, teem incidido em erro sucessivas gerações que aprenderam que o Brasil foi descoberto em 1500...

Outra coisa: todos os compêndios de História Pátria são acordes em registrar que nosso país, ao estabelecer-se o início da colonização, foi dividido em 12 capitanias e não em 14, como escreveu o poeta mineiro, segundo parece, senhor de fraca memória...

*
* *

Nos demais árcades, o filão nativista escasseia, ou melhor, segue paralelo ao dos épicos que vimos. O lirismo de Gonzaga não o comporta; o estro de Alvarenga Peixoto a rondar "sempre mais perto de reis e rainhas, fidalgos e palacianos"; Silva Alvarenga, mais romântico que árcade, canta a sua Glaura... sem preocupações nacionalistas, é claro, muito embora tenha revelado aos olhos de Ronald de Carvalho uma poesia "essencialmente brasileira".

Tudo isso, porém, não nos poderá levar a esquecer um poema satírico aparecido nos meiados do séculos XIX na Revista Minerva Brasiliense e que data do fim do século XVIII ___ as "Cartas Chilenas".

Há controvérsia quanto à autoria dessa obra. As opiniões dividiram-se entre Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Cláudio Manuel da Costa, sendo que, ultimamente, estudos feitos pelo sr. Caio de Melo Franco procuram encerrar a questão, indicando o último desses árcades como o autor das ctiadas Cartas. Nada há, porem, verdadeiramente, de positivo.

É o poema "tremendo libelo contra o sucessor do Conde de Cavaleiros no govêrno de Minas, D. Luiz da Cunha Menezes, que, por seus processos administrativos, levantara grande celeuma em torno da sua pessoa". Nele, mais se admira a independência de pensar e criticar as coisas que já revela o autor, uma vez que até então a regra geral era a lisonja aos poderôsos, como melhor meio de resguardar a própria cabeça... Vejamos dois exemplos, que bem ilustram o que dissemos:

....

Ah! Tú, Catão severo, tú, que estranhas
O rir-se um Cônsul moço, que fizeras,
Se em Chile (20) agora entrasse e se visses
Ser o rei dos peraltas quem governa?

Outro mais:

Aqui os Europeus se divertiam
Em andarem à caça dos Gentios,
Como à caça das feras pelos matos.
Havia tal que dava aos seus cachoros,
Por diário sustento, humana carne;

Querendo desculpar tão grave culpa
Com dizer que os entios, bem que tenham
A nossa semelhança, emquanto aos corpos,
Não eram como nós, emquanto às almas.
Que muito pois que Deus levante o braço,
E puna, os descendentes de uns tiranos,
Que, sem razão alguma e por capricho,
Espalharam na terra tanto sangue?

*
* *

Ainda, no período de transição entre o classicismo e o romantismo, temos uma série de poetas, que não chegarão, a aparecer com relevo na nossa literatura, por medíocres ou por não terem quasi nada acrescentado ao que já se havia feito, durante o arcadismo. Em nada, pois, influirão nesse trabalho, por isso deixarão de ser mencionados e estudados.

*
* *

Não há que duvidar: só o romantismo veio afirmar o vago sentimento de nativismo que perpassa em alguns espíritos e, objetivamente, em algumas obras, durante o período clássico. É Gonçalves Magalhães, é Araujo Porto Alegre, é, sobretudo, Gonçalves Dias.

A "Confederação dos Tamoios", de Magalhães, surgida quasi que ao mesmo tempo que os "Timbiras", de Gonçalves Dias, já traz acentuado cunho de patriotismo, no assunto e no sentimento.

Revelam-nos a mesma tendência aas "Brasilianas", de Porto Alegre, publicadas, em volume, só alguns anos após o aparecimento daquelas duas obras.

É Gonçalves Dias, porem, quem atinge a proeminências como poeta e como patriota fervoroso. Veio a revelação com as "Poesias Americanas" e com os "Timbiras" a afirmação eloquente do movimento indianista que, na poesia, com ele começava. Já, em seu tempo, escrevera Wolf sobre o poeta: "... il est dans la meilleur voie pour créer une poésie vraiment nationale verêtue d'une forme appropriée au goût de notre temps". (21).

Não iremos aquí analisar com minúcias a obra do grande vate maranhense, uma vez que tal estudo foge ao tema do nosso trabalho. Ficam, apenas, essas idéias gerais; oportunamente, sim, como é de nosso intento, procuraremos fazer considerações mais demoradas no que se refere às tendências e diretrizes do indianismo entre nós, não só na poesia, onde o poeta dos "Timbiras" avulta, senão tambem na prosa, e o nome da primeira plana será, naturalmente, José de Alencar.

*
* *

Após esses comentários que esboçámos, em torno de poetas e tendências poéticas, de obras e autores do nosso Parnaso clássico, somos como que levados instintivamente ao perigo das comparações — deploramos sinceramente esse longo e estéril período que precedeu o Romantismo, isto é, o que vai da "Prosopopéia" aos "Timbiras", da insuportável poética de Bento Teixeira aos admiráveis arroubos patrióticos de Gonçalves Dias. Mas, o fato literário, como o histórico, não é coisa que se evite com uma simples penada. Demais, esse estágio de preparação possuem-no todas as literaturas, com um teor mais ou menos acentuado de mediocridades. A nossa parece que monopolizou o primeiro caso... Não deixa, porem, de já ser um consolo...

---

(1) Ronald de Carvalho — Pequena Hist. da Lit. Bras. — Ed. Briguiet — pag. 75.

(2) Trecho da descrição do porto do Recife — — "Prosopopéia" — Reprodução fiel da edição de 1601, segundo o exemplar existente na Biblioteca Nacional — Ed. da Tipografia do Imperial Instituto Artístico — 1873.

(3) Sílvio Romero — História da Literatura Brasileira — 2.ª ed. H. Garnier — Rio de Janeiro — 1902 — pg. 132.

(4) R. de Carvalho — Op. cit. pg. 94.

(5) Sílvio Romero — Op. cit. pg. 155.

(6) Xavier Marques — Prefácio da edição da "Música do Parnaso", feita pelo Anuário do Brasil — R. de Janeiro — pg. 16.

(7) Manoel de Sousa Pinto — idem — pgs. 42-43.

(8) e (9) S. Romero — Op. cit. — pg. 156.

(10) Heitor Moniz — Vultos da Literatura Bras. — R. de Janeiro — 1933 — 1.ª série pg. 15.

(11) S. Romero — Op. cit. — pg. 161.

(12) Disse A. Garrett: "... o "Uruguai" de José Basílio da Gama é o moderno poema que mais mérito tem na minha opinião".

(13) —"Uruguai" — Edição da Imprensa Régia — R. de Janeiro — 1811 — Nota ao Canto I. pg. 10.

(14) Idem — Canto II. pg. 21.

(15) — S. Romero — Op. cit. — pg. 192.

(16) — S. Romero — Op. cit. — pg. 197.

(17) "Caramurú" — Edição brasileira da Liv. Garnier — Canto IV.

(18) "Vila Rica" — Ed. de Ouro Preto — 1877 — pg. 2.

(19) Pandiá Calógeras — "Formação Histórica do Brasil" — pg. 21.

(20) Naturalmente que "Chile" subentende "Brasil", como, aliás, faria, mais tarde, Bilac, com suas "Cartas Chinezas", onde passou a chamar nosso país de "China", para que melhor pudesse falar dos homens e de sua época.

(21) Ferdinand Wolf — "Brésil Littéraire" — Berlim — 1863 — Chapitre XV — pg. 179.

A estranha nevrose de Carvalho Ramos

João Accioli

Levado pela família, Hugo de Carvalho Ramos acabava de fazer um estágio de dois meses nas cidades de Campos, Uberaba, Araxá, à procura de melhoras. E parecia melhorar. Planejou uma longa viagem a Goiás, de onde traria material para um livro novo, sobre a vida rural de seu Estado, que conhecia a fundo.

O Brasil aguardava o resultado de tal empreendimento. Esperava-se, dessa viagem, a obra definitiva de Carvalho Ramos.

O povo já havia devorado, há muito, a primeira edição de "Tropas e Boiadas", mas os críticos ainda ocupavam as colunas de seus jornais, com reincidentes comentários de consagração ao grande livro. Carvalho Ramos surgia no regionalismo brasileiro, como figura ímpar, imprevista e estranha. Tinha vinte e dois anos. Todos lhe conheciam o nome e a obra. Poucos o conheciam pessoalmente, embora residisse, com toda a família, no Rio de Janeiro, à rua Canabarro. Procurado com insistência, por João do Rio, Alberto de Oliveira, Antônio Torres, João Ribeiro, Coelho Neto, Medeiros, Humberto de Campos e outros, Hugo não os recebeu uma só vez, pois, como ele mesmo repetia, "nada tinha a depor a tais senhores, o verdadeiro artista precisa viver isolado."

As folhas da capital disputavam para suas páginas, os contos magistrais de Carvalho Ramos. Ia a colaboração. Iam os contos, mas seu autor se escondia dentro de si mesmo, jamais aparecendo em uma redação de jornal, ou a uma roda de escritores. Lia, estudava e escrevia danadamente.

Apenas um grupo ele frequentava, assim mesmo raramente. Era o de sua geração de vinte e poucos anos e composto de companheiros de turma e contemporâneos da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro: os poetas Renato de Castro Lima, Gomes Leite, Vitor de Carvalho Ramos (irmão mais velho de Hugo) Eduardo Tourinho, Eloi Ribeiro, Silvio Julio.

Costumava fechar-se no quarto, onde ninguem o poderia incomodar. As refeições, conta Castro Lima, se lhe serviam alí mesmo, com a maior discrição, sem uma palavra a mais, sem pessoa alguma lhe penetrar os aposentos. Nem os de casa Hugo queria enxergar, nesse retiro a que se condenava dias seguidos.

E aí! de quem lhe viesse perturbar a sua esquisita peregrinação introspectiva!

De onde provinha essa necessidade interior de afastamento, essa incompreensivel misantropia, esse ódio contra aqueles próprios que o exalçavam, que o elevavam à glória.

Orgulho? Timidez? Doença?

Talvez um pouco de orgulho.

Conscio de sua obra, sabendo ele próprio, do apurado quilate desta, conhecedor do lugar que lhe marcavam as letras, como escritor regionalista, Carvalho Ramos sentia-se bem, voltando-se para dentro, a conversar consigo mesmo, a expandir, assim, todas as solicitações interiores que eram exclusivamente estéticas. Porque Hugo era puro! Não gostava de mulher e não fazia mistério dessa abstenção que ele chegou a capitular no último artigo dos seus oitos mandamentos:

"Art. VIII: *"Evitar contactos impuros" e sociedade de entes moral e intelectualmente inferiores, a fim de, pela saturação inconciente, não regressar a Estados já vencidos da minha formação mental."*

Um dia, correu boato de que Hugo tinha uma namorada, alí pelos lados da Quinta da Boa Vista. Houve investigações por parte da família, que, curiosa, quís apurar a verdade, por quanto ele sempre se mostrava, indiferente a mulheres, indiferença que chegava a exteriorizar-se em ódio e aversão.

Era fato: Carvalho Ramos tinha uma namorada! Os parentes exultaram, antevendo, no romance, uma imediata transformação nesse temperamento arredio e cheio de mistério. Em poucos dias, porem, o idilio se desfez e ele voltou a ser o mesmo: calado, místico, nervoso, fechado, puro, imensamente triste e trancado dentro de si mesmo! Mas sua pureza inconsequente vivia revestida numa carcassa, num carater, num temperamento forte e em atitude masculinas em toda a plenitude. Não se lhe atribua a ele, qualquer perversão or-

gânica ou anomalia. Hugo era homem. Só diferia dos demais porque era puro.

Tímido ele o foi. Segundo afirmação do seu mano, era incapaz de sustentar, à primeira vista, o diálogo mais simples do mundo. Não encontrava assunto, as palavras fugiam-lhe e ele capitulava. No entanto, lhe sobrava cultura. Conhecem-se de Hugo esplendidos ensaios, escritos aos treze anos, sobre Comte, Spencer, Bacon e sobre os antigos Platão, Aristóteles, Diógenes.

Aos doze anos já possuia invulgares conhecimentos de literatura clássica. Seu mano Américo tem dele, datado dessa época, uma dedicatória do Quijote em que diz: "Ao Américo, esta obra prima da Humanidade."

Vivendo como um "despaisado" no Rio de Janeiro, onde nunca se aclimou, como acentua Brito Broca, e, à parte o orgulho e a timidez, Carvalho Ramos era ainda doente. A viagem feita a Campos e a Minas teve, como objetivo, buscar remédio para a estranha nevrose que o acometera. A melhora foi muito curta. De repente foi se tornando mais arredio, mais triste, chegando a nem querer mais o convívio dos parentes. Estes então não o contrariam. Alugam na mesma rua Canabarro, uma casa para ele. Passa a residir sozinho nessa casa. Apenas lhe frequenta, de longe em longe, o grupo de sua geração já referido. Insula-se ali, escreve, lê continuamente, mantendo ainda a idéia da viagem a Goiás, que se não realiza.

Os intelectuais pedem segunda edição de "Tropas e Boiadas". Hugo não consente não se sabe por que. Entretanto, escreve ainda. Mergulha-se na leitura da Biblia. Sua preferência agora se concentra nos assuntos bíblicos e teológicos. Lê Santo Agostinho, São Basilio e os escolásticos. Depois de um periodo, mais ou menos longo, dessa digressão espiritual, Carvalho Ramos começa a dizer que falhou e que será o único condenado pela Justiça Divina. Domina-o mais a inquietude religiosa...

Fato curioso: Hugo era pagão. Seu pai, o desembargador e poeta Carvalho Ramos, vivendo em Goiás, jamais consentiu que um filho se batizasse. Teria origem nessa particularidade de sua vida, a súbida inquietação religiosa que dele se apossou?

Aumenta, dia a dia, o seu insano desatino. Um escritor do Norte, hoje membro da Academia Brasileira e ainda teatrólogo, ia levar à cena, uma peça sertaneja. O julgamento do valor da obra devia, de acordo com a vontade do autor, ser feito por Carvalho Ramos. E assim, após reiterados convites, este acede em comparecer ao teatro, onde se lhe reserva uma frisa. Começa o espetáculo. A assistência é avisada da presença de Hugo. E então o palco é, para os espectadores, a pessoa do escritor goiano. E quando vai chegando o fim do primeiro ato, Hugo se levanta repentinamente e sai estabanado, teatro afora, pondo uma nota de escândalo na elegância da representação.

O irmão encontrou-o em casa, nervoso e inquieto. Nada transpirou, a pesar de interrogado sobre a causa de seu gesto. Só muitos dias depois é que esclareceu: saira porque a peça não valia mesmo nada...

Seu organismo vai decaindo cada dia. Domina-o uma doença que os médicos não desvendam. Examinam-no e tratam-no, Austregesilo, Miguel Couto, F. Magalhães, A. Fialho. Mas nada. Hugo peora! A nevrostenia avança. Já não fala mais em ir a Goiás. Fuma incessantemente. Fuma e escreve. Torna-se desleixado no vestir-se. Sua mãe encomenda, para ele, um terno ao melhor alfaiate do Rio. Nesse tempo, costumava frequentar a casa de C. Ramos, um boêmio sujo, maltrapilho e porcalhão, chamado Mendonça. Chega o terno. Hugo pede ao Mendonça que o experimente!

— Que tal Mendonça?

— Fica-me muito boa a roupa.

— Então é tua. Leva-a!

E lá se foi o presente de D. Mariana de Carvalho Ramos. Era preferivel perdê-lo a contrariar o doente que ia dando indício de melhoras: mais sereno agora, menos irascivel.

Mas foi rápido esse vislumbre de saude. Uma tarde, burlando a fiscalização dos parentes, ele sai sozinho, vai à cidade. E' Castro Lima quem conta. Chegando alí, põe-se a rir, rir atoa e a atirar o chapéu para cima, seguidamente.

Os transeuntes aproximam-se. O guarda acha esquisita aquela atitude. Prende-o. A família procura-o durante três dias. Foi encontrá-lo num hospital. Estava recolhido ao manicomio!

É retirado de lá e posto sob os olhos dos de casa. Passa a residir novamente em companhia de sua mãe, dormindo, porem, num quarto sozinho. Atormenta-o, em seguida, outra idéia. Vem-lhe a idéia do suicidio. "Precisa morrer!" "Nada fez de util". "Falhou

no seu destino". Achava que não tinha praticado o Bem e, por isso, seria o único condenado no Juizo universal. Essa Justiça se aproximava".

Transforma-se tambem o seu carater. Não é mais o moço duro e sério, fechado dentro de si mesmo. Prodigaliza carinhos à família. Tudo o incomoda. A menor tristeza, o mais simples aborrecimento na pessoa de um parente íntimo o constrange, nesse aspecto Hugo é outro, completamente transformado. Mas, de outro lado, renuncia a tudo. Rasga o seu escritos preciosos. Queima-os de um a um, ante as lágrimas da mãe que o não consegue demover de fazê-lo.

Só lhe resta agora a idéia do suicídio. Não escreve, não lê mais. Apenas prodigaliza carinhos à família, fuma e anda pela casa, quasi a noite toda. Sua mãe retira do quarto, tudo o que lhe possa servir de instrumento para a morte. Fica-lhe somente a rede trazida por ele de Goiás e que Hugo não dispensa. Na noite de 11 de maio de 1921, passeara pela casa até muito tarde. Depois sossegara. De seu socego decorreu o da família toda. Hugo dormia com a porta entre-aberta.

Pela manhã estava morto. A mãe encontrou-o ainda quente, sereno, forte, mas com a expressão triste como em vida, o pescoço amarrado as malhas da rêde e esta dependurada num dos ganchos enterrados na parede. Enforcado.

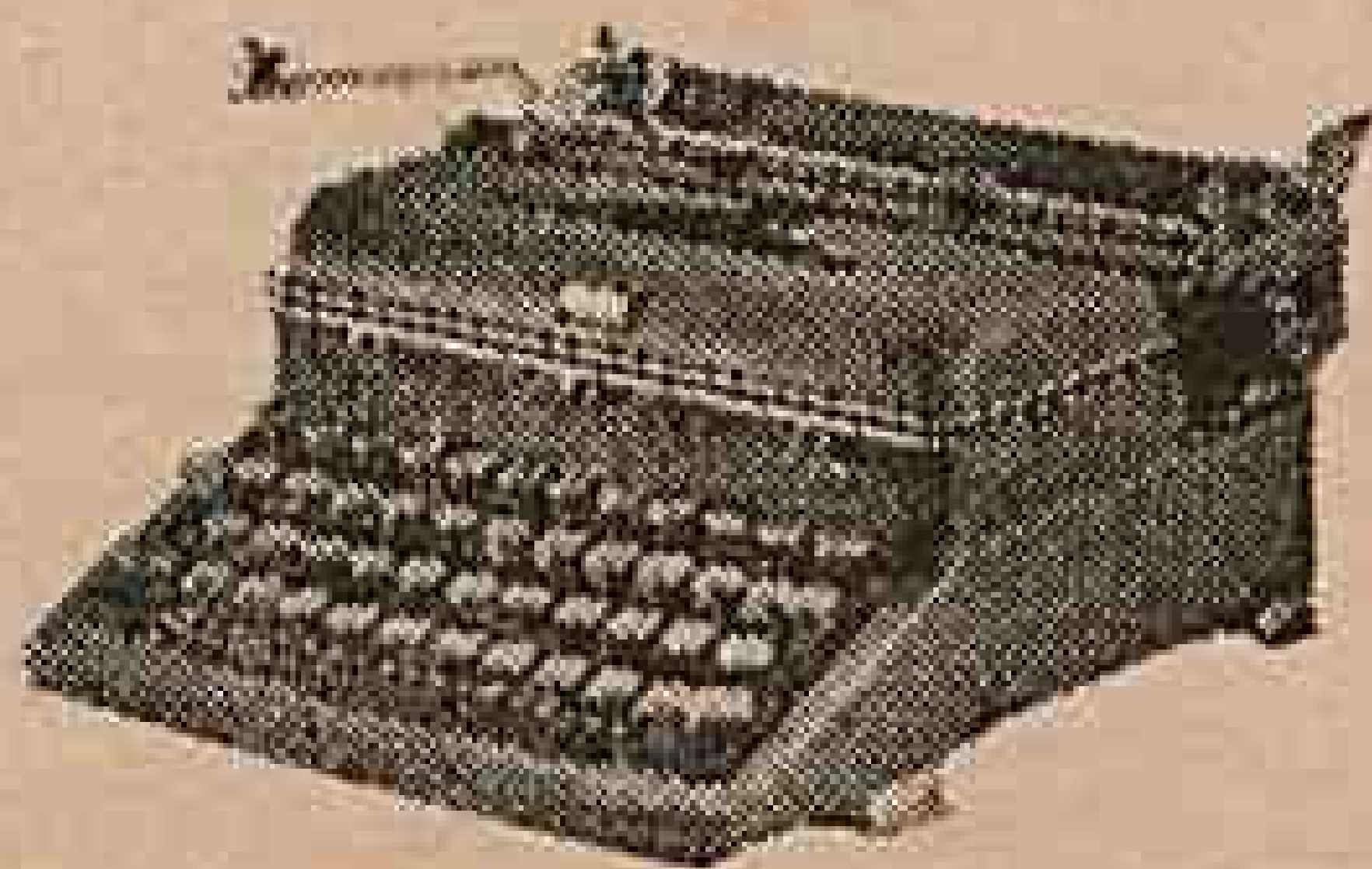
Mas qual a origem, qual a causa remota dessa doença? Ouso afirmar, acreditando nas observações de J. Hunter, Beard, Montagne e Furbringer, sobre as doenças mentais, e nas induções de Kraepelin, Hammond, Pitres, Moll e Haveloch-Ellis sobre o que se poderia denominar fobia sexual, que a nevrose do escritor goiano veio daquela sua inexplicavel castidade, da sua intransigente pureza.

Nenhum escritor mantem tanto contacto com a vida, como os realistas e os REGIONALISTAS. Hugo foi um e outro ao mesmo tempo: realista e regionalista em grau superlativo. Sorvendo a vida, bebendo e apalpando a vida, a braços cotidianamente com os problemas da terra e dos sertões, empolgado pela causa da gleba, era só por isso um agitado, um nervoso, precisando, por conseguinte, de outro derivativo, fora de âmbito do escritor.

A introspecção continua, o ensimesmamento diuturno concorreram em grande parte para minar-lhe o organismo, ao invés de lhe servirem de extravasão. A simples nervosia parcial caiu na nevrostenia mais profunda, degenerando em seguida na irremediavel nevropatia que o levou ao gesto supremo do suicídio.

Agravado o mal, Hugo deixou de escrever, de ler, incinerou seus escritos, perdendo, com tudo isso, outro poderoso meio de vasão de que ele tanto se utilizava antes. Depois, a vida interior, a conversa consigo mesmo, a luta íntima, sempre repetida e monótona, abreviaram o gesto brutal, precipitando-o. Restava os seus complexos, já que ele estava fechado de um vez, apenas a Hugo uma extravasão suprema para o mundo exterior: era o suicídio.

E' que a continência absoluta não podia caber num temperamento como o de Carvalho Ramos, intenso, transbordante de vida, embora triste, quente, adusto, emotivo, inquieto, nervoso, em virtude do próprio gênero literário que abraçou.

E quem nos poderá afirmar que essa estranha e insidiosa nevrose, que lhe abriu o túmulo, não teve origem na pureza, intransigente porem inquieta, a que se recolheu o admiravel pintor dos sertões goianos?

O que sonham os aviadores

Raul de Polillo

A pilotagem aérea é exercício muscular apenas em pequeníssima parte; a exerção que ela requer, do aviador, é quasi que inteiramente nervosa. Cansam-se sempre os nervos de um piloto; seus músculos, porem, ficam em repouso, durante a generalidade dos vôos.

E' verdade que a imobilidade física, quando se prolonga alem de um prazo razoavel, tambem causa fadiga; este cansaço, entretanto, não acarreta perigos para a saude, nem para a viagem aérea. A fadiga nervosa é muito diversa em suas consequências: — envelhece logo o indivíduo, se não for combatida por meio de fases frequentes de repouso, e pela adopção de uma alimentação racional. Alem disto, pode perturbar todo o processo bio-fisiológico de um organismo humano.

Combatida ou não, a fadiga nervosa traz, consigo, na maioria dos casos, um determinado tipo de sonho — e este tipo de sonho, embora varie muito de cenário, mantem constantemente o mesmo fundo emocional. O receio, o medo, ou o fracasso, campeiam no sonho dos aviadores.

Note-se esta particularidade curiosa: — um aviador é, em regra, um entusiasta da vida; pode ser moço, ou mais ou menos maduro; mas é dotado, invarialvelmente, de físico sadio e robusto, pois, do contrário, fica proibido de voar. Como homem que gosta de viver, o aviador gosta de triunfar; não se sabe, porem, por quais circunstâncias esquisitas, seus sonhos representam, as mais das vezes, fracassos e receios. Veremos, mais adiante, de que maneira os receios e os fracassos são sonhados.

Antes de entrar na exposição do sonho dos aviadores, convem assinalar que não se trata do sonho acordado, que é quasi sempre de grandeza; trata-se do sonho verdadeiro, sonhado durante o sono, em cuja formação entra, com preponderância absoluta, o fator da fadiga nervosa. E' lógico que nem todos os aviadores estão sujeitos, obrigatoriamente, a tais sonhos; é lógico, igualmente, que nem sempre o seu sonho se relaciona com a aviação. O que se dá é que, quando o aviador sonha com a aviação, em regra sonha com a verificação de fracassos, ou com uma intensíssima emoção de receio.

Alguns psiquiatras ingleses, holandeses e norte-americanos, procederam a meticulosas observações dos sonhos dos pilotos. Na metodização das conclusões, os referidos homens-de-ciência estabeleceram três modalidades de sonho, todos do mesmo tipo, isto é, com fundo de fracasso ou de medo.

A primeira modalidade é a seguinte: — um aviador sonha que está voando para um aeroporto muito importante, devendo chegar, dentro de meia-hora, ao seu destino. Há, no ponto de chegada, enorme aglomeração anônima, que o espera, para o aplaudir, e ele sabe disso. De súbito, o aviador nota que é obrigado a fazer uma aterragem forçada. Desce num campo amplo, mas não consegue mais tirar o avião dalí. Luta, corajosamente, contra todas as adversidades; transpira; trabalha; os minutos passam com desusada rapidez. O aviador começa a sentir grande ânsia, porque é preciso chegar ao ponto de destino, a fim de não ficar destruida toda a sua carreira de piloto. Tudo isto atormenta, por tal forma, o indivíduo que sonha, que ele acaba acordando num mar de suor. E' o sonho com fundo de fracasso.

A segunda modalidade é a que se segue: — um aviador está voando sobre uma cidade. De repente, por motivos ignorados, começa a perder altura; o avião desce cada vez mais baixo; o aviador vê gente correndo pelas ruas; surge, à sua frente, uma linha de alta tensão; é perigoso passar por baixo; é impossivel passar por cima, porque o aparelho não tem força. Afobado, o piloto faz uma curva violenta, para a direita; depois, faz outra, para a esquerda; logo adiante, dá-se o desastre. Nestes casos, o aviador às vezes só acorda no instante do acidente outras vezes, a sensação da iminência da catástrofe é tão profunda, que o sonhador volta a sí, cheio de suor e de fadiga. E o sonho com fundo de fracasso e de receio ao mesmo tempo.

A terceira modalidade é esta: — o aviador está voando na neblina. Surgem casas, longe, à sua frente. Ele pre-

cisa ir até ao fim da fileira de casas, onde se situa o aeroporto. Mas, ou falta gasolina para ir até lá, ou a fileira de casas vai se tornando cada vez mais comprida. As vezes, as casas são substituidas por árvores, ou o terreno é impróprio para descidas de emergência. Quasi sempre o piloto acorda nesta altura, em consequência da ânsia provocada pela falta de gasolina. E', tambem, o sonho com fundo de receio.

Ao tempo da Grande Guerra numero um, não se fizeram estudos metódicos relativos aos sonhos dos aviadores — mesmo porque não havia tempo para isso. Entretanto, das experiências individuais, das confissões feitas, mais tarde, em livros de memórias, bem como dos casos mais conhecidos entre gente do ar daquele tempo, veio-se a saber que os aviadores de guerra — grandes azes do espaço, ou modestos pilotos de funções secundárias — tinham todos sonhos horriveis.

Foi famoso, na sua época, o caso de um extraordinário piloto aliado. Moço e valente, não sabia o que era medo, na vida; no sonho, porem, era dolorosamente torturado por violentas emoções de pavor. Tão angustiosos se lhe afiguravam os sonhos, que ele chegava a tomar drogas para não dormir. Um dia, porem, um grande az alemão caiu em território aliado; o aparelho inutilizou-se, mas o piloto do Kaiser só se feriu ligeiramente. Conversando com este piloto alemão, o aviador aliado entrou em confidências, e contou-lhe o horror dos seus sonhos; foi quando o piloto alemão confessou que tambem era torturado pelo mesmo gênero de sonho. Foi tamanha a surpresa do aviador aliado, ao saber que tambem os outros azes — verdadeiros exemplos de audácia e de valor combativo — sonhavam sonhos de pavor, que se curou. Desde então, só de raro em raro lhe voltou a tortura do medo nos sonhos.

A honesta confissão do adversário parece que provocou, em seus nervos, um escoamento súbito e completo de carga elétrica. E só depois disto é que aquele piloto aliado voltou a dormir mais ou menos tranquilamente.

Poemetos à feição do Oriente

O MESTRE

Porque ele atingira o sentimento exato
da harmonia,
o seu estilo era sóbrio e eterno como
a pirâmide!

O SÁBIO

Porque ele atingira a sobriedade,
sentiu que não era preciso crer que se
possue uma alma eterna,
para receber, com gratidão, a vida!

SOBRIEDADE

Basta uma tâmara, à sombra do oásis,
para fazer esquecer o deserto!

A HUMANIDADE E A ESFINGE

I

A máscara da esfinge
reflete a mutilação dos séculos!...

II

Mas, a alma da esfinge
está em mim!

TRANSFIGURAÇÃO PARA O NIRVANA

Assim como a semente do ópio
dormita no coração da papoula,
na beleza da vida dorme oculta
a perfeição da morte!

PIEDADE

Quando, na cerejeira morta,
um pássaro pousou, possuido da plumagem
efêmera da vida,
a Primavera floresceu de seu canto para
vestir,
de sonora beleza, os galhos secos!

AUSTEN AMARO

CRISTOVAM DE MAURICÉA

Mário Linhares
(Da "Academia Carioca de Letras")

Morreu Cristóvam de Mauricéa. O que foi esse escritor no pandemônio desta grande metrópole onde todos se acotovelam na disputa dos interesses mais vários, — só os seus íntimos o poderão dizer.

Cristóvam de Mauricéa é pseudônimo de Pedro Herbster de Souza Pinto, que, antes de se firmar em nossas letras, era nome conhecido nos torneios charadísticos do Brasil e Portugal.

Sua vida beletrística, feita sem ostentação, sem alarde, com o extremado zelo de não dar na vista pelas atitudes descompassadas, ficou bem caracterizada por meia dúzia de livros, a que altas figuras intelectuais não regatearam aplausos.

Seu nome nunca esteve no cartaz. A isso se opunha a sua instintiva aversão ao cabotinismo. Não se fez caixeiro-viajante de si mesmo.

Como escritor católico, procurou servir a sua Fé e, soldado de Cristo, ser fiel aos ditames dos seus sentimentos religiosos.

A inteligência, como veículo da Moral, era tudo para ele.

A noção do Bem era-lhe a clareira aberta no destino dos homens.

A evolução do verme à estrela, da treva à luz, era-lhe o símbolo augusto da ascenção para Deus. A vida não se lhe podia confinar nas dúvidas e inquietações da Razão, da especiosa Razão que fecha a porta às coisas superiores ao nosso entendimento, — àquilo que vai alem do alcance do nosso olhar.

A vida exterior, no brilho dos minutos delirantes, não o seduzia.

No seu mundo interior estava o supremo encanto. Longe, bem longe do borborinho da cidade aberta aos vícios e paixões, sua alma se erguia no enlevo dos pensamentos puros e luminosos, por isso que tocada de esperança e de fé; sim, da fé que remove montanhas e da esperança que constela os caminhos da inteligência e do coração. Daí, porque viveu ele sempre a vida introspectiva dos visionários que teem para tudo um permanente sorriso de bondade e de perdão.

Uma existência que foi um ensinamento, na simplicidade de sua despretensão, na dignidade de sua pobreza, na pureza de sua renúncia, nas rígidas linhas de sua conduta e na tranquilidade perene de sua conciência límpida e bem formada!

Pedro de Souza Pinto é filho de família cearense, mas nasceu acidentalmente em Recife. Da gleba natal nunca se esqueceu e muito se ufanava. Seu nome literário de — *Cristóvam de Mauricéa* — é a demonstração desse amor.

Criou-se e educou-se em Fortaleza. No "Album Imperial", de São Paulo, iniciou a publicação dos seus primeiros trabalhos literários. Depois, em 1907, transferindo-se para o Rio, passou a colaborar nos "Anais", de Domingos Olimpio. Alí, publicou interessante estudo sobre Bonfim Sobrinho, de quem fora companheiro em Fortaleza, trabalho esse que tem servido de fonte de informação a vários outros estudos sobre o malogrado poeta cearense.

Muito preso às funções de seu cargo no Ministério da Viação, nunca pôde colaborar com assiduidade nos jornais. Resultou disso, restringir a sua ação intelectual e não tornar-se um profissional no jornalismo ou nas letras, pondo a sua pena a serviço das conveniências de cada dia. Esse mal foi um bem, no ponto de vista literário, em que, como disse Tasso da Silveira, a vida interior dos pensadores e dos artistas, importa mais do que as obras que produzem. Não foi poeta nem romancista. Não fez obra de ficção, de imaginação ou de emoção. Foi uma inteligência objetiva que deu trabalhos de síntese, de pensamento e de pesquisa, que requerem dotes especiais de cristalização mental.

Sua bagagem literária é um legado nobilitante: "Escola e Lar" — é uma coletânea de aforismos e pensamentos objetivando a formação do carater, a disciplina da vontade, a energia interior, o equilíbrio da vida — em suma — a educação bo escreveu a seu respeito: — "Uma obra excepmaneira adotada para a exposição das achegas pacional em nosso meio. É um livro que vale por uma biblioteca..." Trabalho consagrado pelos aplausos do professorado, do episcopado e da imprensa.

A — "Antologia Mística de Poetas Brasileiros" editada pela Livraria Briguiet, conseguiu realizar um trabalho meritório para as nossas letras, apresentando um dos aspectos mais sugestivos da nossa poesia, ainda não focalizado de tal modo.

Aliás, não foi, como pode parecer, facil tarefa, porque o misticismo é uma modalidade acidental na poesia brasileira, visto que a maioria dos nossos vates só se compraz em cantar a mulher e o amor, em versos exaltados de paixão, muitas vezes incapazes de leitura honesta.

Há, pois, nesse florilégio de cânticos à nossa religião, feito com escrúpulo e inteligência, páginas límpidas, ungidas de Fé, que elevam os corações sequiosos de leitura sã, nestes aureos tempos de tanta corrupção espiritual.

"Cultura e Inteligência" — são apontamentos bio-bibliográficos de brasileiros ilustres, do século XIX aos nossos dias, com informes e dados preciosos sobre o que fizeram e como viveram; que tradição deixaram dos seus predicados cívicos, intelectuais e morais; em que contribuiram para o renome e a glória do país; como se tornaram figuras primaciais de sua geração; que princípios ou idéias desposaram e defenderam;

em que se singularizaram pelos atributos do espírito e do coração. Concencioso registo da evolução mental, espiritual e moral da nossa terra e da nossa gente em determinada época, "Cultura e Inteligência" é obra, ao mesmo tempo, de pesquisa, paciência, de sacrifício, de esforço e tempo. Pela sua finalidade, estes magníficos apontamentos que Cristóvam de Mauricéa escreveu com critério e veracidade, impõem-se aos estudiosos da nossa história.

"Espírito e Sabedoria" — é um conjunto de adágios e provérbios do idioma nacional, que Xavier Marques considerou excelente contribuição para os estudos do folclore brasileiro, e a respeito do qual Carlos Chiacchio escreveu: — "É um livro raro entre nós. E, no entanto, curioso, agradavel e util, sob vários pontos de vista. Tanto mais de encarecer quanto clara e simples é a maneira adotada para a exposição das chegas parêmicas. Tudo por assuntos... O certo é que — "Espírito e Sabedoria" — pelo método e precisão com que está organizado, consagra a Cristóvam de Mauricéa como autêntico paremiógrafo: ordem de escritores ainda muito escassa entre nós."

"Nomes Geográficos Aborígenes" — é um glossário de grande valia pelo esclarecimento que nos dá da etimologia e significação dos nomes incorporados ao patrimônio geográfico nacional.

Finalmente, — "Dicionário de Expressões e Modismos" — obra sem par na espécie e no plano em nosso idioma, publicado, em rodapé, num dos órgãos dos "Diarios Associados", tendo despertado vivo interesse dos aficionados do nosso folclore, abrange adágios, anexins, locuções, neologismos, rifões, termos e verbos, — no sentido figurado ou na significação propria. Conhecendo *in loco* o linguarejo das nossas populações rurais e sertanejas, o autor produziu, sob o critério das suas observações pessoais, um trabalho original e curioso.

Aí está o acervo de sua vida mental. Bem poucos podem vangloriar-se de obra tão salutar, tão bem intencionada, tão proveitosa e tão bela, — bela, não na extensão ou nas exterioridades materiais, mas, sobretudo, no sentido do equilíbrio interior e da elevação moral.

Cristóvam de Mauricéa (Pedro Herbster de Souza Pinto) nasceu em Recife a 1.º de novembro de 1880. Era filha do Dr. Francisco das Chagas de Souza Pinto e D. Henriqueta Herbster de Souza Pinto. Seu pai deixou publicado, entre outros, o livro "Frei Miguelino".

Contava 12 anos quando foi para Manaus, onde seu pai ia advogar. Falecendo este em 1895, transportou-se, em companhia de sua mãe e demais irmãos, para Fortaleza, onde residia seu avô materno o engenheiro Adolfo Herbster. Esteve no funcionalismo estadual durante alguns anos. Em 1907, contando 27 anos, veio para o Rio, onde esteve algum tempo, seguindo depois para São Paulo e, mais tarde, para Minas Gerais, onde se consorciou com D. Maria da Glória Leal de Souza Pinto, de quem houve cinco filhos. Durante mais de trinta anos serviu no Ministério da Viação, sempre tido como modelo de funcionário pela rigorosa compenetração dos seus deveres. Faleceu nesta Capital, com 59 anos de idade, a 14 de dezembro de 1939.

Eis, em traços rápidos e sucintos, a vida de um escritor modesto e despretensioso, esquivo dos contubérnios e traficâncias literárias, que nos soube oferecer nobre exemplo de honra e de trabalho.

A falência da crítica, entre nós, é bem um reflexo do eclipse da conciência universal.

E os valores se misturam e malbaratam na confusão geral, para gaudio das mediocridades afoitas.

Mas, quando, verdadeiramente, se fizer o inventário dos méritos legítimos, seu nome aparecerá no posto merecido.

As prendas do seu espírito e do seu coração bem merecem a mais tocante das homenagens.

A "História da Policia do Rio de Janeiro", de Melo Barreto Filho e Hermeto Lima

Alexandre Passos

A história pátria, nestes últimos tempos, vem interessando a alguns escritores e tambem a várias pessoas que se haviam já notabilizado no cultivo das musas. A lira não é incompativel com as pesquisas afanosas nos arquivos e nos livros, que se não deixaram vencer pelo exame aprioristico, ligeiro, sem meditação, porque não se deve escrever a história sem pensar antes na autenticidade das fontes.

Os srs. Melo Barreto Filho e Hermeto Lima, tornaram-se conhecidos através da poesia. Hermeto saltou no Rio, vindo do Pará, com o nome feito. Todo o Brasil conhecia o seu soneto "Santa", que a mocidade de mais de uma geração intelectual sabia de cor. Melo Barreto Filho, colaborador de "Fon-Fon" de 1909 a 1916, chegava à Baía, em cuja capital residiu durante mais de dez anos, com a reputação de poeta e jornalista, fundando aí a revista mundana "A Fita", que muito haveria de influir nas rodas literárias e sociais, tendo apresentado antes, em 1917, o seu livro de poesias, "Horas íntimas". Não era de estranhar, pois, aqueles dois poetas e jornalistas se dessem ao trabalho de escrever uma obra de valor indiscutivel e que já estava reclamando quem dela se incumbisse. Queremos nos referir ao livro "História da Polícia do Rio de Janeiro", de autoria dos srs. Melo Barreto Filho e Hermeto Lima.

Através da introdução, podemos ver que o trabalho dos autores foi arduo e que eles ainda estão coordenando mais três volumes uma vez que o último atinge os nossos dias. O volume de que estamos tratando parte do ano de 1565 até o de 1831. Daí a sua grande importância, decorrente da dificuldade de obtenção de achegas. Propondo-se narrar a crônica folicial, tiveram os concatenadores de consultar todos os livros e documentos conhecidos, exceto, talvez, "O Rio no tempo do "Onça" (século XVI ao XVIII) apresentando, ao lado de fatos que se referem às primeiras organizações da polícia da antiga Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, outros acontecimentos que se lhes encadeiam.

Pode dizer-se ser a "História da Polícia do Rio de Janeiro" a história sintética, sem escapar à minucia, da cidade até à abdicação de D. Pedro I, sendo-nos apresentadas ocorrências desconhecidas aquí fóra, isto é, ao alcance tão só daqueles que, como os autores tiveram ao seu dispor, para deslindá-los, oficialmente, os arquivos da polícia.

Os autores partem do modo pelo qual se fazia o policiamento entre os selvagens, com o testemunho de João de Lerí, e da criação dos quadrilheiros, assim como do principal foco de crimes, a antiga Vila Verde, bairro que se constituia de terrenos da atual Avenida Floriano Peixoto, entre as ruas Teofilo Otoni e da Prainha, sem esquecer o Carnaval e os moedeiros falsos, até alcançar os vice-reis no Rio de Janeiro, uma vez que a Baía os tivera até 1763, quando deixou de ser a capital da Colônia.

Não foi esquecido a queixa do bispo, D. Francisco de S. Jeronimo, para a metropole, segundo a qual ponderava que as mulheres "andavam aqui à noite, soltas pelas ruas da cidade." Isso em 1703. O provedor da coroa reconheceu o zelo do prelado, mas obtemperou-lhe "que se não poderia evitar o fato alegado sem perturbação da ordem", porque a pobreza dos moradores, de noite os obrigava a solicitar o sustento, ora comprando o que comem, ora carregando a água que bebem, e lembrava "que, na Baía, já tinha havido muitos conflitos quando o governador mandou prender as mulheres encontradas à noite na via pública. Que o fato de mulheres andarem à noite pelas ruas, não era pecado. Que para as dissolutas havia remédio nas Ordenações e que competia aos quadrilheiros dar execução a lei. Com tal parecer confirmou-se o Conselho Ultramarino".

A invasão de Duguay-Trouin e a administração de Luiz Vaía Monteiro, são relatadas com imparcialidade, uma vez que contra este, autoridade zelosa e austera, existe uma corrente de historiadores injusta e apressada no analisar os seus sete anos de governo. A história do veneravel Frei Fabiano de Cristo, não escapou aos autores da "História da Polícia do Rio de Janeiro." O virtuoso frade franciscano falecera a 17 de Outubro de 1747, no seu convento de Santo Antônio, que foi invadido pelo povo, muito prejudicando este acontecimento o enterramento daquele monge, o que se conseguio graças à intervenção da polícia armada. Como é notório, o poder miraculoso de Frei Fabiano foi reconhecido em época anterior à do seu falecimento.

O poema de Bocage ao vice-rei Luiz de Vasconcelos e ao Brasil, a fim de não continuar a viagem, que, na qualidade de guarda-marinha da nau "Nossa Senhora da Vida", encentara em Lisbôa, com destino à India, é transcrito na integra.

Dos intendentes de polícia nomeados pelo Principe Regente D. João, merece realce o desembargador Pedro Fernandes Viana (1808-1821) a quem muito deve a cidade, pois as atribuições dessas autoridades eram idênticas às de prefeito, atualmente.

O Vidigal nos aparece rehabilitado. Não é mais aquele truculento miliciano que Manuel Antônio de Almeida descreve no seu romance "His-

Zelio Valverde, Livreiro-Editor...

Bandeira Duarte

Quando, há pouco mais de dois anos, Zelio Valverde montou em um sobrado da rua do Rosario, entre um banqueiro e um vendedor de xarque, o seu escritório de livreiro, eu me lembro do sorriso do banqueiro e da careta do vendedor de xarque. Para os dois honrados negociantes da nossa praça aquele moço era apenas um "pelintra".

Pouco a pouco porem, a coisa foi tomando um aspecto mais sério.

As estantes foram crescendo e o movimento foi augmentando. Gente respeitavel, entrava e saía daquela "sala dos fundos" onde os livros adquiriam um valor de mercadoria de lei, tão boa quanto o xarque e os endossos dos vizinhos. Nas mãos de Zelio Valverde aquilo era um negócio excelente.

A prosperidade estava marcada no crescimento do stock e nas tendências de alarmante obesidade do jovem livreiro.

A "sala dos fundos" foi ficando menor à proporção que os negocios iam ficando maiores.

Foi necessário então, pensar em mudança.

Já então Zelio Valverde era, entre outras coisas livreiro-editor. Castro Alves, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, poetas do Brasil antigo; Franciso Gomes da Silva, "O Chalaça"; Gastão Pereira da Silva, biógrafo notavel dos nossos vultos ilustres, fixaram o nome do editor entre os de maiores exitos.

Para subir mais, Zelio Valverde teve que descer um pouco. Passou do sobrado da rua do Rosário para uma loja da rua Sachet, hoje travessa do Ouvidor, n.º 27. E' um ambiente íntimo, acolhedor, arejado como a inteligência do proprietário.

Dizem que há sempre, entre o espírito do autor e os olhos do leitor, um pouco da poeira que as obras adquirem nas prateleiras das livrarias. Da livraria de Zelio Valverde a poeira fugiu quando ele entrou, irriquieto, civilizador, espanando tudo com a sua atividade prodigiosa e eficiente.

Quem acompanha como eu, de perto, a vida desse moço que venceu à sua própria custa, não se espantará do seu progresso.

O banqueiro e o vendedor de xarque é que até hoje não sabem explicar como é que vendendo livros um negociante consegue progredir tanto em tão pouco tempo.

---

tória de um sargento de milicias", mas o militar rigoroso e cumpridor de seu dever, que chegára ao posto de marechal de campo, em virtude de seus serviços ao país, tendo falecido em 1853. Quanto a Francisco Gomes da Silva, o *Chalaça*, reaparece revestido de sua fama de criado fiel e submisso de D. Pedro, quando não alcoviteiro e enredador. Os autores transcrevem as cinquenta e oito quintilhas que o ridiculizam, as quais foram escritas por ordem, segundo se dizia ao tempo, de um futuro senador pela provincia de Minas Gerais.

A personalidade daquele antigo empregado do paço e conselheiro de Estado nos tem sido apontada com exagero desde quando os partidários daquele politico e de alguns exilados, após o fechamento da primeia Assembléia, lançaram mão do ridiculo e da intriga para incompatibilizá-lo com a opinião pública e com a prosteridade. Francisco Gomes da Silva possuia instrução não comum a seu tempo. Frequentou um seminário até o penúltimo ano do curso de teologia e falava três ou quatro idiomas, daí o ter sido escolhido pelo futuro Imperador para seu secretário particular. Quanto ao mais, eram ambos jovens e se compreendiam. Os *chalaças* sempre existiram, mas são poucos os que teem a honra de penetrar na história e de serem discutidos. Colaborador da primeira hora de nossa Independencia e, como funcionário, na redação da nossa primeira Carta Magna, Francisco Gomes da Silva adotara a nacionalidade brasileira. Lendo-se as suas "Memórias" e a "Biografia" escrita por seu filho, o Dr. Francisco Gomes da Silva Junior, não se deixará de atenuar o mau julgamento até agora feito a respeito das disposições dele, que, serviçal do Paço, prestara, nesse posto, grandes favores a alguns amigos da vespera...

Como se acabou de ver, por esta rápida análise, os srs. Melo Barreto Filho e Hermeto Lima iniciaram uma obra de valor histórico com a publicação da "História da Polícia do Rio de Janeiro", cujo primeiro volume relata, com particularidades de informações, a vida retrospectiva da cidade em três séculos de organização e de progresso. A apresentação material do livro não pode ficar esquecida, sendo merecedora de encômios a nitidez de quasi uma centena de gravuras que o ilustram.

Insígnia Histórica

Mercêdes Dantas

O conceito de liberdade define o nacionalismo de Castro Alves.

Antes de qualquer análise, no sentido atual do termo, vamos situar a significação do sentimento de liberdade, do Brasil colonial até o século passado, o século da fragmentação do pensamento.

Esse sentimento emanava de outro, fundamental e profundo, o sentimento da vastidão territorial.

A terra imensa, desconhecida, misteriosa e bárbara, era uma oferenda à aventura e à conquista. O sentimento de liberdade desponta e afirma-se, principalmeste, no drama das bandeiras paulistas. Bandeiras colonizadoras, bandeiras de conquista, qualquer delas foi um maravilhoso instrumento de formação de nossa índole individualista.

No heroísmo da penetração da terra, no esforço da posse da terra, no orgulho dos grandes domínios rurais, surge sempre o homem, como símbolo de força, de coragem, de altivez, e, não raro, de crueldade.

Mas é a formação do indivíduo, a glória do indivíduo.

A nossa formação histórica opera-se, então, num verdadeiro sistema de forças sociais: o *hinterland*, o *homo rusticus* e o *governo*.

O *hinterland* — vasto, selvagem, prodigioso, apelando para o gênio da aventura e para a ambição da posse, era o cenário grandioso aonde o homem adquiria o sentimento de sua força, sem peias nem restrições. Em todo ele — abrindo sendas à vida organizada — a sarja das populações rurais que Oliveira Viana classificou de matrizes da nacionalidade

O poder público era a distância entre a ação e a reação. Não atingia os possuidores de latifúndios. Detinha-se à porta dos domínios.

Essa situação favorecia a constituição dos grupos étnicos cujos chefes eram obedecidos por todos, sem distinção de classe.

A cubiça, então, irmanava todos. A mesma incerteza no assinalava a decadência dos ciais, valorisa o fator humano em função do meio.

O 1º vice-rei, Conde da Cunha, citado pelo autor das "Populações meridionais do Brasil," assinalava a decadência dos centros urbanos numa carta cujo expressivo tópico vem alí transcrito:

"Estas pessoas, que eram as que tinham com que luzir e figurar na cidade — referia-se ao Rio — e os que a enobrecem, estão presentemente dispersas pelos distritos mais remotos, e em grandes distâncias umas das outras sem tratarem com pessoa alguma, e muitas delas casando-se mal, e algumas deixando só filhos naturais e pardos, que são seus herdeiros. Pelo que se vê esta cidade, que por sua situação e porte deve ser a cabeça do Brasil, e nela a assistência dos vice-reis, sem ter quem possa servir de vereador, nem servir cargo autorizado, é só habitada de oficiais mecânicos, pescadores, marinheiros, mulatos, pretos boçais e nús, e alguns homens de negócios dos quais muito poucos podem ter este nome."

Na interpretação de Oliveira Viana — "a existência de uma vida urbana rudimentar em contraste com uma vida rural intensíssima."

O *homo rusticus* era, pois, o próprio Brasil expresso nos vários tipos da sociedade dos séculos III e IV — a aristocracia rural — o senhor do engenho, o fazendeiro ,depois o agricultor, o tropeiro, o pequeno comerciante e a massa ignota e desclassificada.

E a ligá-los, a uní-los, a fecundar os aglomerados humanos com as novas sementes civilizadoras — as trilhas arduamente rasgadas na gleba selvagem.

E, desse modo, nas cidades que surgiam, nas terras que se devassavam, nas lavouras que se estendiam pelas planuras ou subiam pelos vales virentes, no sertão que se revelava ao homem — vinha-lhe a conciência profunda da liberdade.

A população do interior, no que possuia de mais seleto e puro, com o tempo, veio descendo do seu sertão, aos poucos, para o litoral.

E esse movimento, iniciado, vagarosamente, nos primeiros tempos de D. João VI, definia-se no 2.º Reinado.

Vinha de longes terras aonde não chegavam as pressões políticas, e, aqui, e nos centros mais importantes do país, acabou por ocupar todos os postos de mando, de domínio e de orientação político-administrativa

(23). Mas trouxe para esses novos encargos da vida pública, imprimindo-lhe os rumos próprios, (24) a índole individualista e nativista, e aquele sentimento arraigado da liberdade.

As cidades começavam a receber então a influência da civilização européa, como era lógico.

Recortava-se a vida social e intelectual pelos modelos, primeiro do luso, depois, a partir de 1830, do inglês, do francês.

O artificialismo tomara os costumes, nas cidades, insinuara-se na política, impunha-se à literatura.

O romantismo foi uma manifestação desse artificialismo do século XIX.

O Império não pôde libertar-se desse romantismo de pano de boca, e Pedro II jamais conseguiu compreender, completamente, o mundo que se apoiara nos princípios da Revolução Francesa e, muito menos, o país que o convidava a uma tarefa de intensa atividade construtora.

Foi ele um chefe espiritual do povo, de raras e magnificas virtudes pessoais, quasi tudo porem lhe faltando para a missão creadora que o Destino lhe marcara.

A sua democracia era, antes, uma atitude do que um sentimento.

Assim, sem esforço aparente, chegámos a constituir uma "democracia coroada", na frase amavel de Mitre, mas com a escravatura a demarcar, indelevelmente, todos os passos do seu longo reinado.

As minorias intelectuais, os dirigentes, os legisladores, a aristocracia rural, olhavam a escravidão como uma necessidade vital à conservação da monarquia.

O nosso liberalismo, portanto, veio de fora, pelo livro francês. E através dele, que aqui aportara, desenvolto, confundindo-se com a antiga concepção de liberdade, foi-nos possivel até desconhecer que o nosso nacionalismo nunca havia passado, até então, da "afirmação individualista".

Não era um nacionalsimo instintivo, como fielmente alguem observou, mas uma expressão social de nossa tendência individualista, de nossá índole nativista.

Eis a diferença. Se do interior, no século passado, ainda conservávamos um forte sentimento, não cívico, mas geográfico, da pátria, nas cidades, que buscavam nivelar o Império a outras nações civilizadas, nos iludimos com as notas líricas do ideal democrático, fora, absolutamente, das realidades brasileiras.

Nessa análise, sumarissima embora, temos que atender, separando, o sentimento democrático — geográfico do homem rural, e o liberalismo artificial e livresco do homem urbano.

Um não dependia do outro. Um crescia e se conservava no sentido da profundidade. Outro expandia-se e se mostrava nos planos superficiais.

Um era o resultado do triunfo do homem sobre a terra. Outro, uma atitude de civilizado. Um viera do *deserido* por dominar. Outro era estrangeiro, desembarcára nas cidades, polidamente, com ares de quem trazia uma boa nova.

Ignoraram-se. Desconheciam-se até o dia em que a Voz das vozes cantou em versos procelosos a divina verdade que se recolhia no coração do sertanejo. Orquestrou todos os elementos esparsos, indefinidos, dessa ânsia nacional. Deu-lhe o tom, a força, a expressão, a oportunidade. Investiu-a das formas concretas e tangiveis que se desencadeiam em campanhas populares. Emprestou-lhe o vigor e a pertinácia dos apostolados e com a mais ampla significação do termo *Liberdade* — definiu o nosso nacionalismo.

Verdade que não tinhamos a série costumeira de opressões do chamado cesarismo político. Nossos problemas de autoridade, de unidade territorial e de disciplina em todas as esferas da atividade brasileira, foram tarefa daqueles grandes homens que fizeram a Abdicação, o Ato Adicional, a Maioridade, e de Caxias.

Não tinhamos, por índole, como o demonstrou Oliveira Viana, não tinhamos o sentimento das liberdades públicas tal o compreenderam os europeus, especificamente os ingleses.

Não tinhamos, como não temos até hoje, lutas de classe, questões sociais.

Certos problemas de ordem econômico-social estavam longe ainda de definir-se, impondo soluções urgentes e completas.

Mas herdaramos da Metrópole, com a Independência, a mais grave das questões para a nacionalidade — a escravidão.

Eramos uma população de poucos milhões de habitantes dominando perto de 2 milhões e meio de cativos. Da população livre, 85% eram analfabetos. E a vida brasileira ap-

---

(23) Oliveira Viana, obra cit.

(24) Oliveira Viana. Obra cit. pág. 47. "Quatro qualidades possue o nosso homem rural, cuja influência na nossa história politica é imensa. Quatro qualidades que constituem o mais genuino florão de nossa riqueza territorial. Uma, é a fidelidade à palavra dada. Outra, a probidade. Outra, a respeitabilidade. Outra, a independência moral.

nas esboçava uma nova orientação pública, rumando, devagar, para uma éra de construção na administração, na politica, na econômia.

São esses os pontos essenciais de referência necessários à compreensão, dentro do "critério de ontem", do sentimento de nacionalidade que vibra e ilumina toda a obra do Poeta.

Ele tambem recebera influência da mocidade liberal francesa, não o podemos esquecer. Mas isso apenas servia para despertar-lhe a poderosa intuição do seu Destino histórico.

Antes de tudo, para livrá-lo e defendê-lo do artificialismo liberal sentia-se inteiriçamente brasileiro. Sua concepção de liberdade era uma verdadeira mística revolucionária e, por isso mesmo, reconstrutiva. Não lhe vinha, como no homem rural, do sentimento da vastidão da terra, nem se formaria, como no homem urbano, ao simples toque da literatura de empréstimo.

A atitude do seu mestre, Vitor Hugo, apenas fôra para ele o revelador, nada mais.

Compreendeu a alma das populações do interior, serviu-se das vantagens que se lhe oferecia a sociedade dos grandes centros nacionais e com o seu verbo maravilhoso desencadeou uma daquelas formidaveis tormentas doutrinárias das mais belas e fecundas que o país jamais registou.

Não foi, propriamente, o que se classifica de campanhas liberais. Nada disso.

Simples e oportuna, prodigiosa de audácia e de beleza, — uma procela que varreu do espírito público a indiferênça pela sorte de uma raça escrava e lhe iluminou todas as sendas que o conduziria às formulas jurídicas de uma democracia embora teórica. Liberdade política, liberdade religiosa, liberdade do cativo, liberdade do pensamento, liberdade continental. E por cima dessas expressões sociais e humanas da divina Liberdade — esplêndidas, fascinadoras, apelando para a imaginação, para o coração do povo — todos as manifestações generosas da solidariedade e da cooperação, da doçura e do amor, o trabalho livre e a educação popular.

Conclusões de TRABALHOS ORIGINAIS

LIGEIRA APRECIAÇÃO SOBRE A CRÍTICA

nha assumido o papel de Burlap da crítica nacional. Se indicamos os erros do tribunal popular pelo julgamento dos leigos e dos togados sem espírito de humanidade, se apontamos deficiências graves do nosso sistema judiciário e carcerário; se mostramos as imponderáveis, mínimas circunstâncias de que pode depender a sorte dum homem, ainda que culpado de um crime nefando; se buscamos na primeira pedra da parábola de Cristo a tese para trazer um pouco mais de conciência aos julgadores, — isto não é justificar crimes, satirizar o pudor, fazer apologia da desordem. Assim não o viu, por exemplo, o sr. Luiz da Câmara Cascudo, que escreveu: "Diante dessas dispares maneiras de ver, sentir e julgar, pomos um réu. Exigimos a continuidade na intermitência. A unidade mental nos fatores diversificados. Uma só cor no lençol de retalhos, vindos de mil sensações, impressões, sonhos ou tédios. O Júri é, indivisivelmente, apenas uma solução. Solução justa ou omissa? Não se sabe. Quando os homens julgam, repetem, inconcientemente, a negativa ao *nolito judicare*. O grande-criminoso à lesa-majestade de Tibério tambem foi a pretório e correu três tribunais, alem de um plebiscito popular e livre. O resultado é o madeiro da cruz e sua presença nos tribunais cristãos. O Réu dos crimes alheios ainda está de braços abertos, o corpo ferido, mostrando a precariedade das sentenças, a veracidade dos depoimentos, a segurança dos legisperitos, a pureza das intenções. O sr. Guilherme Figueiredo escreveu um livro denso e terrivel, somando as tragédias inevitaveis de um julgamento".

De que o livro é uma crítica não resta dúvida. Não faltam romances de críticas de costumes, nos quais os fatos e as figuras são símbolos onde a "intenção da verdade se apresente mais forte do que a realidade". O romance pode ser crítica; assim o fizeram Balzac, Eça, Flaubert, Zola. Nenhum deles, porem, expôs soluções. O papel do romancista não é o de legislador ou expositor de motivos. Se tivessemos feito uma obra com citações de textos jurídicos, intitulada "Dos julgamentos e dos sistemas penais", vá lá — isto seria útil, quando nela doutrinassemos "como melhorar, como corrigir". Mas a tese pertenceria a um número insignificante de doutores, que a leriam — ou não leriam — e a atirariam num vão de estante. Como, porem, estabelecemos o problema como um romance, colocando personagens em lugar de brocardos do Corpus Juris, somos então anarquista etc...

E no entanto o próprio sr. Tristão de Ataide, na "Contribuição à História do Modernismo", disse apenas isto, comentando a tradução de Elisio de Carvalho da "Ballad of the Reading Gaol" de Wilde:

"O poema de Wilde é a dolorosa evocação do fantasma da justiça humana: É o grito lancinante duma vítima da fatalidade cruel que Tolstoi tão magistralmente dissecou em "Ressurection". Wilde tem o grito amargo do poeta. Tolstoi a exaustiva argumentação do artista social. Ambos se revoltam contra a mais injusta das necessidades: a punição".

"A justiça é, dos mitos sociais, o mais inatingivel, sendo o fundamental. Mera criação subjetiva, objetivada em categorias burguesas, como poderá compreender o divino mistério da alma humana? São tão infinitos e vários os moveis que nos guiam, tão imprevistos e pessoais, que a justiça humana imanente é um absurdo. E a vida exige esse trágico e banal absurdo! Wilde sofreu a fatalidade da justiça. Lamentemos a sua sorte, sem acusar aqueles que foram escravos da necessidade. Basta meditarmos as palavras de uma verdade contundente que ele nos deixou, nesse grito de sinceridade, cuja angústia o tradutor soube conservar:

"As ações mais vis, à semelhança de ervas venenosas, espalham-se pelo ambiente da prisão. Só o que existe de bom na humanidade é que alí se esgota, se aniquila. A pálida angústia vela à porta. O claviculário é o desespero.

"Porque eles amedrontam as crianças, fazem-nas sofrer fome, açoitam o idiota, flagelam o fraco, zombam dos velhos cobertos de cãs. Alguns enlouquecem; todos se tornam peores; e ninguem pode siquer murmurar".

Usando o espírito crítico do sr. Tristão de Ataide, não se poderia apontar o que está escrito acima como palavras anarquistas, justificação do

crime, chibatada na lei, apologia da desordem, crítica à justiça, desrespeito à magistratura, à autoridade, ao pudor? O sr. Tristão de Ataide poderá dizer que aquele trecho data da remota era de 1919. Mas o fato é que foi reeditado vinte anos depois, com o consentimento do autor, e sob o título "Contribuição à História etc." E se estas não são mais agora as idéias do sr. Tristão de Ataide, a sua contribuição é nula, e teremos que lamentar que só se justifique o primoroso livro como um primoroso negócio comercial. Não queremos, porem, pensar nestas coisas. Pensamos somente que em 1919 a crítica do sr. Ataide era mais cuidadosa que em 1939.

Mas... vem tambem um publicista de São Paulo. Escreve na "Gazeta", e acusa-nos de falta de imaginação. Mas tem ele tanta que repete, iguaizinhos, os mesmo conceitos do sr. Tristão de Ataide, com as mesmas palavras. Igualzinhos, não. Onde o sr. Ataide disse "sátira à justiça", aquele, num prodígio mesmo de criação, põe: "sátira grosseira à justiça". O mais é idêntico. Para justificar essa louvavel atitude de honestidade crítica, temos aquí um telegrama publicado nos jornais em 1937, e que transcrevemos sem comentários:

"São Paulo, 11 — (União) — Um vespertino "alude ao incidente verificado entre o dr. Gui- "lherme Figueiredo, filho do cel. Euclides de "Figueiredo, e alguns redatores da "A Gazeta".

"Motivou o fato — declara o referido jornal — "a publicação feita pela "A Gazeta" de umas re- "ferências menos airosas acerca da personalidade "do cel. Euclides de Figueiredo.

"O filho do ilustre militar, conclue o vespertino, "esteve na redação do jornal, dando uma lição "aos responsaveis pelo artigo".

(Diário de Notícias, Rio, 12 de Junho de 1937.)

*
* *

Sim, é preciso acreditar-se um pouco na crítica e nos críticos. Mas você, leitor, ficaria numa imensa dúvida, como nós, se tivesse cometido a loucura de publicar um romance. Deixe-nos, pois, esse ingrato mistér; para nós, a análise do crítico terá o valor da sinceridade usada para conosco. E porisso mesmo, leitor desconhecidíssimo e de poucas luzes, a preferência que você dá é que é a essencial. O mais é o menos.

O ANO MUSICAL

que ilustra convenientemente o texto é digno de toda a atenção, pois, além da correção com que são feitos esses exemplos, não raro se sente a preocupação de escrever com elegância e, mesmo, elevado sentimento estético.

Com tantos e tão preciosos predicados, são as obras citadas, a mais eloquente prova de capacidade do conhecido e ilustre Mestre.

Enviando os meus agradecimentos pelos exemplares que me foram oferecidos, rogo aceitar as minhas mais sinceras felicitações.

(Assinado) Barrozo Netto.

HÁ FILÓSOFOS NO BRASIL?

de tal maneira os espíritos, que tudo está dele impregnado e ninguem mais, sem regredir, pode tornar atrás do caminho que ele traçou, sob este ou aquele rótulo.

O estudo do Sr. Guillermo Francovich é, como se vê, de uma profundeza e de uma clareza instrutiva incomuns. O que há de bom em nossa evolução filosófica de cerca de um século aí está condensado com uma limpidez de estilo digna de um heleno e com uma segurança de conceitos e uma pureza de análise à altura dos foros de pensador e de esteta a que já fez jus em trabalhos anteriores.

É uma obra que merece ampla divulgação. O Sr. Guillermo Francovich prestou um serviço relevante à cultura do Brasil.

A VIDA HEROICA DE GIOVANNI PAPINI

sua eterna insatisfação que culminam por levá-lo a atitudes não raro paradoxais, fruto talvez das incertezas ou das liberdades criadas pelo autodidatismo, dão a ele o titulo de mais alta figura da sua geração. Um seu perfil exato, encontramos naquele que ele próprio traçou de Carducci: "I tuoi eccessi passionali di amore e di odio ci parevan come le variazioni dei cieli di primavera o di autunno, quando, fuggite nel vento l'ultime nuvolaccie della burrasca, sorride subito negli squarci e nelle inesenature del celeste la sempre nuova giovinezza del sole."

A FILOSOFIA DA VIDA

Isto acontece sómente com os homens, por causa da razão. Os animais nunca se afastam da vida. (1).

Não há homem vivendo isolado. A vida não é uma coisa peculiar e exclusiva de cada indivíduo, mas cada um de nós deve servir à vida dos outros: aí a nossa incorporação no fluxo vital. Por isso, cumpre distinguir na vida dois aspectos: um individual e outro ultra-individual.

Para se compreender o homem é indispensavel conhecer o tipo. Há uma grande variedade de tipos, que podem ser agrupados em duas classes principais: tipos de vida sentimental (quando predominam as tendências físicas) e tipos de vida espiritual (quando prevalecem as direções psiquicas). Como podemos conhecer o tipo? Principalmente pelo nosso corpo e pelas coisas de que nos rodeamos. O corpo, em todos os seus movimentos, é a expressão da alma. As coisas que nos cercam, sejam ou não produtos de nossas atividades, são símbolos da alma, símbolos de grande valor para a sua compreensão. As roupas que usamos, a linguagem que falamos, o nosso comportamento da vida cotidiana, tudo isto facilita a determinação do tipo. Mas a tarefa apresenta muitas dificuldades, pois os homens trazem sempre aferradas ao corpo as máscaras indispensaveis ao convivio social e, levados pelos mais diversos motivos, buscam com frequência dissimular, embriagar ou transformar o seu eu. Precisamos, portanto, antes de mais nada eliminar tudo o que há de convencional nas várias formas de expressão, quando queremos estabelecer o tipo.

Outro filósofo que vê no corpo um meio de descobrir o espírito é Ludwig Klages, fundador da caraterologia ou ciência que tem por objeto o estudo do carater humano. Vamos precisar o sentido em que esta palavra é empregada. Carater não deve ser aquí entendido moralmente, especificado por adjetivos tais como *bom* ou *mau*, nem tão pouco significando apenas o traço principal ou diferenciador de um ser, como, por exemplo, quando falamos do carater de uma obra de arte ou de um povo. Não o devemos ainda confundir com as nossas disposições internas, pois estas são apenas fatores do carater. Este termo deve ser compreendido no seu sentido mais amplo, de certo modo no sentido de personalidade. A noção de carater, segundo os caraterologistas, abrange o homem em sua totalidade: corpo, alma e sua unidade, quer dizer, o homem em sua existência completa. Não se trata, porem, de uma coisa fixa e imutavel, como na concepção abstrata do homem que encontramos em certas filosofias racionalistas, mas de uma unidade sempre em movimento e transformação, sujeita a processos de expansão ou restrição, isto é, a realidade "vital e histórica" do indivíduo. É uma concepção dinâmica, fazendo do carater "uma atividade continua do homem", um produto do passado e do presente, da hereditariedade e do meio.

Klages, o principal representante da caraterologia e um dos maiores pensadores atuais da Alemanha, vê no carater o próprio "eu". Seguem-no, nesta opinião, seus discípulos Pfanger e Prinzhorn, que define o carater como "o modo de ser próprio da alma humana em sua totalidade", determinado pelas tendências naturais e sua evolução, ou seja a realidade biológica do indivíduo.

A caraterologia é o estudo do carater pela expressão, entendendo-se por expressão nossos atos, palavras, gestos e fisionomia. Do estudo das expressões deduzimos o carater ou a personalidade. Na vida prática, diplomatas, políticos e escritores fazem o mesmo, mas por uma intuição natural: o que não interessa à caraterologia científica.

Se a mímica do rosto, a pantomímica, a linguagem e a escrita apresentam grande valor de expressão, é entretanto dificil sua interpretação fiel, pois em todas as formas de expressão temos de levar em conta, além do seu cunho de individualidade, o convencionalismo que resulta da vida em sociedade.

Segundo Klages, os movimentos de expressão são fenômenos de processos internos que se traduzem por meio deles. Representam a unidade do corpo e da alma. "O corpo é o fenômero (expressão) da alma e a alma é o sentido do corpo. Como a idéia está numa frase que se fala, assim a alma está no corpo". Os processos psiquicos aparecem relacionados com os movimentos corpóreos não como "causa e efeito", mas como "sentido e sinal". Por isso, não se trata de saber as origens dos movimentos de expressão, mas deles deduzir o valor psiquicos correspondente.

Ludwig Klages dedicou-se especialmente ao estudo da expressão através da escrita, buscando renovar a grafologia sob bases científicas. Consagrou ao assunto numerosas obras que já se tornaram clássicas. A grafologia é para ele não "uma simples arte de interpretar psicologicamente sinais isolados da escrita, mas uma ciência de observação da escrita em bloco, a que deu um rigoroso carater de objetividade". Por outro lado, não vê na escrita diretamente uma expressão do carater, mas vestígios de expressões próprias, pelas quais devem ser reconstituidas na medida do possivel as expressões originárias. Embora a grafologia científica apresente sérias dificuldades, a escrita oferece sobre as demais formas de expressão uma indiscutivel vantagem: fixa e duradoura, pode ser estudada com vagar, o que não acontece com a voz e os gestos.

A mímica do rosto e a pantomimica, que tambem apresentam notavel interesse para a determinação do carater, são instaveis e passageiras. O progresso da técnica cinematográfica talvez venha possibilitar o seu estudo. Pelo menos aproveitando-se do cinematógrafo para a análise da fisionomia, Rieffert e outros psicólogos alemães já chegaram a resultados bastante animadores.

---

(1) O dr. August Bier no livro *Die Seele*, cita uma série de fenômenos, que ele chama de *erros ou virtudes* da alma, dos mais comuns na vida artística ou afetiva. Um dos maiores *erros* da alma é o suicídio: fato que vai contra a lei da conservação da espécie e jamais constatado na zoologia ou na botânica.

Tanto Klages, como Bergson e Müller-Freienfels, e assim a maioria dos vitalistas, concebem a filosofia com um carater científico. Alguns outros se colocam num ponto de vista diferente. Entre eles, Keyserling, que é hoje um dos pensadores mais lidos no mundo. Para Keyseling, à ciência não compete tratar da vida como tal. A vida só pode ser "vivida". O metafísico, ocupando-se da vida, apenas exprime aquilo que nós somos, quer dizer, como vivemos. É sómente sob este aspecto que a filosofio tem valor objetivo. Por isso, devemos admitir a filosofia mais como arte do que como ciência. Em outras palavras: a metafísica como vida. Eis a opinião de Keyserling sobre a verdade: quem julga estar dizendo a verdade, está apenas se exprimindo a si próprio: isto é o que até agora teem feito os filósofos de todos os tempos.

Ao terminar estas notas, que representam simples trabalhos de compilação, resta-nos dizer algumas palavras sobre as concepções biológicas e culturais ligadas à filosofia da vida.

No biologia moderna defrontam-se duas doutrinas opostas da vida. Uma procura explicar os seres vivos por fatores puramente físico-químicos. Em oposição, o vitalismo nega que se possa reduzir a vida à mecânica e, consequentemente, o vivo à máquina. Na opinião dos vitalistas as leis físicas e químicas são insuficientes para explicar o organismo vivo. Deve haver na vida um princípio não material, mas de certo modo espiritual, seja ele a "vontade" de Schopenhauer, o "élan vital", de Bergson ou a "energia viva" de Bechterew.

Hans Driesch, chefe do neovitalismo, combate com ardor as teórias mecanistas e atomistas, provando de vários modos que o vivo não pode ser concebido idêntico à máquina. Na máquina — diz ele — é impossivel admitir que uma parte do todo dê lugar ao todo, que o todo repare uma peça destruida ou se reproduza. Ora, nos seres vivos verificamos tais fenômenos.

Alem de provar a autonomia da vida, restaura Driesch na biologia o conceito aristotélico de "todo", o carater finalista do ser vivo, o primado da causalidade psiquica sobre a causalidade mecânica. As suas afirmações teem sido confirmadas sobretudo pela medicina. Ainda recentemente o notavel cirurgião August Bier, no livro "A Alma" ("Die Seele" — 1939), lembra inumeros casos fornecidos pela medicina e que permitem negar a pura causalidade mecânica no homem. Afirma o dr. Bier, como conclusão de cincoenta anos de experiência médica, a existência na criatura humana de uma causalidade superior, de ordem psiquica, que rége a causalidade mecânica ou física, utilizando-a para realizar seus fins. Isto podemos verificar até no patológico e no estudo dos hormônios.

Entre as diversas formas dó neovitalismo devemos citar, pela importância filosófica, o psicovitalismo, cujos representantes principais são Pauly, Wagner, Becher e Francé. Segundo os psicovitalistas, o verdadeiro princípio da vida é a realidade psiquica. Próximo do psicovitalismo está o personalismo de Stern, que procura substituir a velha antitese "espírito-matéria" pelos conceitos de "pessoa e coisa". Pessoa é "um ser que, a pesar da multiplicidade das partes, constitúe uma unidade real, com qualidades e valor próprio, realizando uma atividade própria (auto-atividade) e finalista a pesar das funções parciais". Donde os carateres de pessoa: unidade na multiplicidade; finalidade; propriedade. À "coisa" faltam a unidade de multiplicidade e a atividade finalista. Coisa é "um aglomerado sem individualidade e regido por leis puramente mecânicas".

O conceito de pessoa não inclue só o homem, mas o universo todo. O mundo é um sistema, uma ordem de pessoas: desde os átomos às células, das plantas aos animais e, passando pelos homens, as coletividades sociais e até Deus (pessoa total). Na realidade existe uma finalidade suprema a que se subordinam as outras finalidades. Chegamos de tal maneira a uma nova espécie de panteismo, ao panteismo personalista.

Não devemos confundir esta forma de personalismo com o personalismo ético de Max Scheler — desconcertante nisto de Nietzsche e Santo Agostinho — que tambem distingue, no seu sistema moral, uma hierarquia personalística, em cujo ápice está a pessoa de Deus.

As idéias de "todo" e finalidades reaparecem nas teorias culturais e históricas, inspiradas pela filosofia vitalista. Mas trata-se do conceito biológico e personalista de "todo": a unidade na variedade, não a unidade rigida, retilinea e imutavel que encontramos na concepção tradicional de cultura.

Segundo as velhas teórias históricas havia uma cultura única, apresentando várias fases evolutivas: greco-romana, medievel e moderna. A cultura greco-romana como elemento absoluto, fortificado pelo cristianismo medieval, completado pela cultura moderna. O mais interessante é que as culturas extra-européias só eram levadas em consideração após incorporadas na história ocidental.

Já nos fins do século XIX estavam tais teorias fortemente abaladas. Burkhardt, em seus admiraveis estudos sobre a cultura da Grecia e da Renascença, mostrou como possue cada cultura a sua estrutura própria, não se podendo indicar como sujeito criador de uma cultura o homem genérico, mas o homem especifico, ou seja o "homem grego", o "homem da Renascença", o "homem moderno". Breysig, autor de uma grande história da cultura dos tempos modernos, também combate a concepção da cultura universal tripartida em antiga, medieval e moderna. Seu ponto de vista é que existem culturas estruturalmente diversas, com desenvolvimento próprio, apresentando cada uma delas a "sua antiguidade", a "sua idade média" e a "sua época moderna". Aí a raiz das teorias modernas de "ciclos de cultura" que tanto êxito veem obtendo em nossos dias.

Por outro lado, repudiam os vitalistas o conceito clássico de "progresso", bem como as leis positivas, econômicas e dialéticas da história. Já Nietzsche introduzira na explicação da história a idéia de "decadência". Multiplas experiências e descobertas vieram, depois, fazer com que a repetição periódica dos apogeus e decadências na vida dos povos passasse a constituir um dos

mais empolgantes problemas da filosofia contemporânea.

Compreendendo a história como o desenvolvimento espontâneo "de vida criadora dentro de domínios hermeticamente fechados, sempre originais e possuidores de uma completa autarquia nas suas formações", procuram os filósofos vitalistas fixar as formas típicas, os estádios e as leis internas de evolver das diversas culturas. Por isso, empregam o têrmo cultura no plural. Reconhecem culturas diversas e explicam suas diferenças por meio de fatores físicos, fisiológicos (raças) e psicológicos. É sobretudo a diversidade de tipos psicológicos (individuais e coletivos) que condiciona a diversidade das estruturas culturas. Dilthey e Spranger, partindo da análise de conciência, distinguem vários tipos históricos correspondentes a diferentes culturas. Müller-Freienfels concebe a cultura como resultante da prevalência de certas funções psiquicas, afirmando que as formações culturais se sucedem conforme os sentimentos, a direção da vontade e a inteligência dos tipos psicológicos que as criaram. Convém notar que a expressão tipo psicológico é tomada aquí num sentido largo, designando mais propriamente o grupo. Dentre os escritores especializados no estudo de "tipos de grupo", destacam-se o sociólogo Sombart, que analisou o "burguês" — tipo da cultura capitalista, e Keyserling, que compreende as culturas asiáticas e americanas pela estrutura psiquica de seus tipos peculiares.

As concepções vitalistas de cultura que alcançaram maior repercussão foram as de Oswald Spengler, apresentadas na obra de ruidoso sucesso "A Decadência do Ocidente". Spengler, que vulgariza muitas teorias sociais de Max Scheler, examina as diversas culturas que, à semelhança dos organismos, se formam, crescem e desaparecem no tempo, tendo cada uma delas a sua vida própria e tambem a sua morte própria. Assim, por exemplos, as culturas egipcias, babilôlica, greco-romana, indiana, árabe e a dos povos do ocidente, estando esta última no seu período de decadência. Esta doutrina nos conduz, naturalmente, a uma interpretação relativista da história. Spengler vai comtudo mais longe, admitindo as culturas como entidades metafísicas, que trazem em si o seu "destino". E acaba dando às criações culturais o valor de símbolos. Oswaldo Spengler expõe suas teorias com brilho, clareza e exagêros que lembram Nietzsche, de quem lhe faltam, entretanto, a profundeza do pensamento e a pujança das visões poéticas.

NOTURNO DA VILA DE ESPIRITO SANTO

No dia seguinte, quando a vila acordar estremunhada, repousada, orvalhada e feliz, seu Quinca será o primeiro a ir buscar seu pãosinho fiado na Padaria do Povo. Seu Quinca virá curvado, chupando como sempre a lingua na boca desdentada. Receberá o pão e um tostão de manteiga que levará num pedaço de papel. E voltará para casa mais curvado, porem já um pouquinha mais alegre. Mas tarde aparecerá na rua com mais uma rifazinha de uma caixa de pó de arroz Reny, uma lata de brilhantina Pasta Suzana e dois jarrinhos para flores. A rifa correrá pelo jôgo do bicho. E seu Quinca apanhará na rua tudo quanto for retalho de papel e de jornal, porque é um exímio confecionador de máscaras, pintadas e maquiladas com seus reduzidos recursos de artista, e que serão largamente vendidas no Carnaval mais bonito do mundo. Pelo menos para mim, que tenho um pessimo gosto.

R. MAGALHÃES JUNIOR NO TEATRO NACIONAL

colocar na boca de Disraeli quasi que apenas palavras textualmente suas e conseguindo atingir uma grande força dramática, indo até à declamação sem o ridículo, coisa de uma dificuldade extrema.

1939 marcou a vitória definitiva de R. Magalhães Junior como teatrólogo. Foi uma investida de leão. O estreante de um ano antes atingiu rapidamente o primeiro posto entre todos os autores nacionais, sendo o brasileiro mais representado aquí e no estrangeiro durante o ano, pois atingiu a mais de 450 sessões.

Essa aterrissagem de avião transatlântico no campo apertado do teatro nacional é lógico que despertou amuos zangados de gente que teve de se espremer para dar lugar. O bichão ficou tomando quasi todo o espaço!

Mas os passarinhos que vivem nas montanhas gozaram...

A PRIMEIRA PAGINA DE ZAMENHOF

se ni povus per ĝi akiri al ni lingvon komunehoman.

Tial ĉiu eĉ la plej malforta provo en tiu ĉi direkto meritas atenton.

Al la afero, kiun mi nun proponas al la leganta publiko mi oferis miajn plej bonajn jarojn: mi esperas, ke ankaŭ la leganto, pro la graveco de la afero, volonte oferos al ĝi iom da pacienco kaj atente tralegos la nun proponatan broŝuron ĝis la fino.

. . . .

(El *"Originala Verkaro"*, de L. L. Zamenhof).

aquisição de uma linguagem comum para todos os homens.

Assim, qualquer tentativa nesse sentido, por mais fraca que seja, merece atenção

A' materia que aqui proponho ao público leitor sacrifiquei os melhores anos de minha vida. Espero, pois, que o leitor, pela importância do assunto, dedique-lhe um pouco de paciência e leia com atenção até o fim a brochura que ora lhe apresento.

. . . .

IGB

PRAGMATISMO CRITICO

pos atuais não permitem a esterilidade verbalista para exprimir o pensamento necessário e util. É preciso não se dar ao conceito de utilidade um sentido grosseiro e materialista. A utilidade está aqui em oposição a tudo quanto é meramente quimérico. O pequeno e interessante livro de J. Stuart Mill, discípulo de Bentham, sobre o utilitarismo, é bem ilustrativo a este respeito. Nestas condições, fora da critica de interpretação, da monografia, do ensaismo, a crítica literária deve limitar-se ao julgamento preciso e sintético da obra criticada. Lamartine, dizendo, em verso e, portanto, sem intuitos críticos, que Voltaire "é um século feito homem', deu-nos uma idéia precisa do imenso valor desse homem prodigioso que foi uma das principais cabeças de seu século. Mas não queremos exemplos. Seria fastidioso e desnecessário. O velho Sainte-Beuve nos deu uma boa definição de crítica, dizendo-nos que ela consiste no prazer de compreender os espíritos e não de os ensinar. Esta compreensão pode ser claramente demonstrada em poucas palavras,desde que o crítico exerça a sua nobre função com honestidade e competência comprovadas, sem precisar do atual recurso das longas e, muitas vezes, inuteis digressões que dão uma falsa idéia de escrupuloso conhecimento da obra criticada.

A POESIA DE AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

cida, depois, na luz, sem limite, da inteligência, a poesia de Augusto Frederico Schmidt realiza o itinerário da distância interior, conduzindo, como legenda, a certeza de que

"a libertação está no silêncio."

Compreendendo os motivos da sua palma, tecida ao sabor da glória, sem ufania, destinada ao bem interior e fechada à eleição inconciente dos outros, ofereço, como brasão, para ser gravada à porta do seu mundo, a velha frase de Euclides: — "o recato do sofrimento é a única expressão simpática do orgulho".

Eu quisera ter, nas horas de saudade sem razão, a companhia de todos os pensamentos, que se transfundem na emoção desse poeta, capaz de povoar a alma da gente, sem dominá-la, acompanhando-a, sem ofendê-la, iluminando-a, sem devassar a clausura em que se recolhe a sua paz, com o prestígio inatingivel de uma "Estrela Solitária".

TEATRO EM 1939

nada pelo "Globo". Tambem sob o patrocínio do grande vespertino carioca, a Cia. Henri Rolland apresentou "Le Cid", em récita popular, esgotando inteiramente o Municipal, e a Cia. Maria Melato deu "La figlia de Iorio", com enorme agrado.

* * *

Como se conclue da resenha acima, o movimento teatral de 1939 foi, alem de invulgar, cheio de pontos altos.

Consta que em 1940 a orientação do S. N. T. será outra.

Procópio, por exemplo, que estreará em março o novo Teatro Serrador, com "Maria Cachucha", de Joraci Camargo, entrou nas cogitações oficiais e prepara um dos mais notaveis programas de toda a sua carreira artística.

Os boatos fervem. A guerra na Europa talvez limite à produção nacional as atividades do ano que vem, embora Viggiani esteja em negociações para trazer um elenco francês dirigido por Gaston Baty.

Há Cias. em formação e Cias. em idealisação... Todos os nomes mais ou menos em evidência nos cartazes de 39, parece que vão "estrelar" conjuntos em 40... Quadros interessantes em molduras horríveis... O grande mal de que sempre sofremos. E ninguem se lembra de que só há seis ou sete teatros para as duas dúzias de Cias. que andam nos boatos.

OLINDA NA LENDA, NA HISTÓRIA E NO PITORESCO SOCIAL

nágua muito cedo, mal clareava o dia, havia animação e espectadores. As moças ainda se apoiavam às mãos robustas dos banhistas: seu Inácio, seu Manuel, seu Frederico... Quasi todas elas tinham conseguido dos maridos ou dos pais o aluguel de uma casa na praia pretextanto dormencias nas pernas, falta de sangue nos rostos e faniquitos histéricos. E vinham mesmo para Olinda. Aquí, as melhores eram súbitas: — dansavam a noite inteira. Faziam longos passeios a pé pelo alto da Sé ou pelas matas de cajús. Robusteciam-se com os peixes comprados ao encostar das jangadas. Engordavam e embelezavam-se. Por isso mesmo, as solteiras quasi sempre voltavam ao Recife de noivado feito. Era só cuidar do enxoval.

Como na vinda se havia cuidado dos trajos de banho. Daqueles casacões de baeta azul ou vermelha abotoados deste a garganta, de mangas compridas, descendo até os joelhos, sobre calças fôfas que por sua vez encostavam nos pés. Nem um cantinho de pele do corpo à mostra... Os homens, tambem, vestiam calções de baeta pelo meio das pernas e paletós do mesmo tecido.

Todavia, debaixo de um desenho que reproduzia o banho de mar de antigamente, com esses trajos, escreveram na época estes versinhos:

Preparadas as moças, quais se [fossem
Pra dansar
vão correndo de coques e de [anquinhas
para o mar.

E chegando na praia, quando [saem
dos banheiros, então,
parece que veem todas vesti- [dinhas
como Eva e Adão.

Como Eva e Adão!... Notaram bem?...

É por isso que hoje em dia não se fazem mais poesias aos trajos de banho. O assunto, positivamente, desapareceu. O assunto ou a roupa, não se sabe direito...

NOTAS DE UM HOMEM EQUIDISTANTE

a me salvar da morte, muitas vezes, antes e depois de nascer.

Você morreu moço, meu pai, e até agora sinto que você me compreende, porque eu tambem o compreendo. Minha mãe tem hoje sessenta e tantos anos e não me compreende mais. Acha que o filho querido de suas entranhas e de seus cuidados, em que repousava tantas esperanças, degenerou, porque não creio nas verdades eternas. E o peor, meu pai, é que minha mãe não compreende mais nenhum de meus irmãos, todos de maioridade, pais e mães de familia.

Faça tudo, meu pai, para compreender minha mãe, mesmo que você a desconheça como está, quando morrer. Senão eu não sei o que será da pobre velhinha. Eu não tenho jeito, não posso mais, já fiz tudo.

Engraçado é que minha mãe, a pesar de tudo, ainda quebrará lanças para que eu viva, para que qualquer de

meus irmãos viva, se corrermos algum perigo. E você foi sábio, meu pai, quando na hora de morrer disse que só iria descansado se nós todos partíssemos na sua frente.

Alem de sábio, meu pai, você é infinitamente bom. Por isso, eu gosto tanto de você, que não tem culpa certa de eu estar vivendo e filosofando, e foi enganado no descuido de um prazer, como eu tambem já fui algumas vezes.

E como dizem que a paternidade é um problema, pode muito bem ser que você não tenha culpa.

Adeus, meu pai.

*

* *

Quando dei fé, havia escrito mentalmente esta carta a meu pai, e que não pode ir com endereço para minha mãe. Como são outras as palavras conforme as pessoas a quem se destinam! E até de pai para mãe há muita diferença.

LETRAS CONTEMPORÂNEAS

de Twelve Oaks, de Atlanta; a alegria e a jactância do Sul, a poesia dos algodoais, a as canções dos velhos escravos felizes... Tudo, tudo, o vento levou. Como tudo ainda hoje ele leva, e levará sempre, nos seus vórtices irresistíveis. Tudo, exceto esse misterioso rio interior que flue perene por essas páginas admiraveis, como corre silencioso dentro de cada um de nós, e se avoluma de geração em geração, caudal poderoso e invisivel, que é a própria vida do espírito e no senso mais profundo é afinal a cultura mesma do bípede predestinado.

O LEGADO

curar o fundo, o bolso estava cheio de coquinhos secos.

— Uai! Não é que me esqueci! murmurou ele.

Eram os brinquedos da filha. E ela que lhe pedira que os levasse! Pusera-lhos na algibeira com suas próprias mãosinhas. Se eram seus preciosos brinquedos! Ajuntara-os sob o coqueiro do pomar. Com eles entretinha-se horas e horas... Um era vaquinha; outro, carneiro; outro, leitão e assim os mais, com significação que ela bem entendia, e só ela...

Colheu as rédeas e estacou.

— Esta cabeça! E tambem não é que me separei da filha sem lhe por a bençam? Essa falta de idéias! Só voltando.

E, esporeando o animal, retomou o rumo da fazenda. Desandou os tres quartos já vencidos. Ali estava, de novo, entrando o curral da frente. Fronteando a *máscara*, veio o padrinho:

— Que foi, Cesário?

Quis falar, mas engasgou. Entregou-lhe os coquinhos, dando entender que eram para ser entregues à menina.

Ouviu-lhe a vozinha alegre, a soar no terreiro, entre outras vozes de crianças.

Quis ainda pedir que a chamassem, para lhe pôr a bençam. Mas o engasgo continuava. Fazia estranhos movimentos com o pescoço... Esforços vãos. Por fim, desistiu. Salvou mudamente o padrinho e virou a rédea.

O animal trotou...

Viram-no ainda algum tempo, a distanciar-se: todo teso e esgulo, desproporcionadamente grande para sua bestinha, quixotesco e ridículo...

A SOMBRA DE LEIBINIZ

mecânica, princípio da vida, o pensamento, princípio da alma.

No livro do Sr. Freire de Brito, onde encontrei muitas idéias maravilhosas e o sentido exato da matemática, fonte de toda a sabedoria, deparou-se-me a par do indispensavel background *de uma cultura sagazmente bebida nos mais puros mestres, a agilidade de um espírito que a si mesmo se basta, que a si próprio se completa. Na geografia das idéias, é ele um notavel demarcador de latitudes e longitudes espirituais. E, como escritor e como artista, severamente meditou o seu livro e trabalhou o seu estilo, afim de que ambos alegrassem, numa noite clara e profunda, o coração e o espirito dos sábios...*

EÇA DE QUEIROZ, O CATOLICISMO E O CLERO

explicando candidamente a utilidade de tudo o que Deus criou, e em uma última, para montá-lo em sua velha égua, — "porque o santo homem agora, depois do reumatismo do último inverno, já não afrontava rijamente como antes, os trilhos duros da Serra". E essa poética e suave figura de abade aldeão, esbatido em sombras do fundo, foi o último contacto do romancista com o clero português.

O Canto da Hospitalidade

a
Agripino Grieco

Linda noite. Sertão da terra brasileira.
O plenilúnio alveja o espaço indefinido,
E a casinha do morro avulta, sobranceira
Ao vale que a circunda, agora adormecido.

Prazer é defrontá-la. A história lhe conhece,
E apraz-lhe referi-la, a gente do Sertão:
E' simples como o bem, e pura como a prece;
E' clara como o sol nos dias de verão.

Nenhuma outra se mostra em derredor. Sózinha,
Singela, recatada, humilde camponesa,
O mundo não lhe traz o ruído que amesquinha
O dom de compreender a voz da Natureza.

Tambem sempre sózinha esteve no passado;
E por isso jamais, na dor que desconforta,
O choro percebeu de sítio abandonado,
O espectro contemplou de pobre casa morta;

E por isso é que nunca, envolta na agonia
Do triste que tão só a desventura espera,
Teve o conhecimento amargo de que um dia
Ha de ser simplesmente escombros de tapera.

Desconhece da inveja os agros dissabores.
Feliz, inda não soube haver outras mais belas,
Que tenham mais aprumo e ostentem mais primores
Nas paredes, no teto, em portas e janelas.

Dá-lhe ventura e glória assim viver, o acento
Ouvindo, que enfeitiça a verde solitude,
Ao córrego saltante, ao passaredo, ao vento
Que as árvores converte em cordas de alaude.

Cansado peregrino, aquele que procura,
Á guisa de quem foge o bárbaro inímigo,
Estância protetora em que deslembre a agrura
Das selvas, e o terror das horas de perigo.

Ao vê-la, da alegria aos cimos se alcandora,
Sorriso de esperança o rosto lhe ilumina.
Mais vivos não derrama, em claridade, a aurora,
Em côres e perfume, as flores da campina.

Qual a seiva nutriz da fama que lhe veio?
Que foi que a enalteceu, na sombra da humildade?
— A casinha do morro a todos abre o seio,
Tesouro de Aladino em rosas de bondade.

Vem daí que saudoso a deixa o caminheiro
Levando o coração melhor, e engrandecida
A força que alimenta o sonho condoreiro
De, cultivando o amor, divinizar a vida.

Ei-la agora a dormir. Mergulha-a docemente
Em banho de clarões alvíssimos a lua.
De leve, murmurosa, a brisa redolente
Abraça-a, pelo vão das telhas se insinua...

Alfredo de Assis

Movimento Bibliográfico de 1939

Organizado por Aureo Ottoni

0) GENERALIDADES

Agendas. Anuários. Bibliografias. Bibliotécas. Dicionários. Enciclopédias. Novas publicações periódicas.

ACROPOLE — Arquitetura, urbanismo, decoração. Dir. Roberto A. Corrêa Brito. Ano 1, n.º 9, Janeiro 1939. (23/30). 54 p. il. 5$. ano 50$. (1/39). S. Paulo.

ALBUQUERQUE (A. Tenorio D') — Manual de Concurso. (14/19). 476 p. br. 15$. (2/39). **Schmidt.**

ALMANAQUE d'O Pensamento para 1940. (12/16) 288 p. il. br. 2$. (7/39). Ed. O Pensamento.

ALMANAQUE da revista do Globo para 1940. Ano (17/23). 256 p. il. br. 6$. (12/39). **Globo.**

ALMANAQUE Sul-Americano para 1940. Ano 4. Dir. Alvaro de Carvalho. (13/18). 250 p. il. cart. 7$. (8/39). **Rio.**

ALMANAQUE d'O Tico-Tico. 1940. (24/31). 132 p. il. cart. 6$. (12/39). **Pimenta de Mello.**

AMERICA. — Rev. de cultura e divulgação. Dir. J. de Souza Pitangueira. Ano 1, n.º 5, Novembro 1939. (19/25). 74 p. il. mensal 3$, ano 30$. (12/39). Rua Barbosa de Oliveira, 11. **Bahia.**

ANAIS do Exercito Brasileiro. 1938. Ed da Bibliotéca Militar. (17/25). 296 p. il. br. 13$. (12/39). **Rio.**

ANUARIO BRASILEIRO DE LITERATURA. — Dir. Rogerio Pongetti e Rodolfo Pongetti. N.º 3. 1939. (19/28). 544 p. il. br. 15$. (3/39). Pongetti. Apresenta. Trabalhos originais. Bibliográfia. Critica. Inquéritos. Resenha das artes nacionais. Informações. Panorama do movimento intelectual. 4 gravuras a cores fóra do texto.

ANUARIO de Corumbá 1939. Dir. Miguel Costa Junior. (24/31). 168 p. 2 mapas. il. br. 15$. (6/39). **S. Paulo.**

ANUARIO das Senhoras. — Ano 7. 1940. (18/26). 288 p. il. br. 6$. (12/39). **Pimenta de Mello.**

ARCHERO JUNIOR (Achilles). — Exames de admissão ao comercio. Col. Didática Nacional. 6 (14/28). 253 p. il. cart. 8$. (9/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

AUMULLER (Adalberto). — Novo dicionário técnico e das ciências afins alemão-português. (16/23). 346 p. enc. 35$. (1938-3/39). **Livr. Kosmos.**

BOLETIM do Circulo de Técnicos Militares. — Dir. Maj. Edmundo de Macedo Soares e Silva. Ano 1. n.º 1, Janeiro 1939. (19/26). 174 p. il. 5$. 4 nos. 18$. (6/39). **Rio.**

BOPP (Raul), JOBIM (José). — Anuário de estatistica mundial. Yearbook of World Statistics. Annuaire de statistique mondiale. Ed. do Centro de Estudos Economicos. (18/23). 282 p. br. 15$. (12/39). **Distr. José Olympio.**

BRASIL-Portugual. — Anuário literario e charadistico. Dir. Sylvio Alves. Academia Charadistica Luso-brasileira. 11.º ano, 1940. (12/16) 160 p. il. br. 5$. (12/39). Rua Sarandy, 30. **Rio.**

BUENO (Silveira), SPICACCI (Frederico Carlos), AMARAL (João Miguel), PACKER (Adolfo). LEAL (Antonio Sousa), SOUSA (Enéas Bastos e). — Curso da admissão aos ginásios. (14/20). 509 p. il. cart. 15$. (6/39). **Saraiva.**

CADERNOS da Hora Presente. — Dir. Tasso da Silveira. N.º 1, Maio 1939. (14/20). 208 p. il. 5$., ano 70$. (5/39). **S. Paulo.**

CESARINO JUNIOR (Antonio Ferreira). — Exames de admissão ao curso ginasial. (16/23). 252 p. il. cart. 10$. (7/39). **Emp. Ed. Brasileira.**

ECONOMIA. — Dir. Luis Amaral. Ano 1, n.º 7, Dezembro 1939. (24/32). 80 p. il. mensal 3$. ano 60$. (12/39). **S. Paulo.**

EDUCAÇÃO. — Orgão da Associação Brasileira de Educação. N.º 4, Novembro 1939. (23/33). 30 p. il. 1$. (11/39). **Av. Rio Branco, 91, 1.º. Rio.**

EUCLYDES. — Dir. Antonio Simões dos Reis. Ano 1. n.º 1. Setembro 1939. (16/23). Quinzenal $700, ano 15$. (9/39). **Av. Prof. Valadares, 214, apto. 3. Rio.**

EXAMES de Admissão aos cursos ginasiais. Organizados por profs. do Liceu Nacional Rio Branco. (13/19). 331 p. il. cart. 10$. (24.ª ed 6/39). **Cia. Ed. Nacional.**

FRANCO (Alvaro). — Dicionário inglês-português e português-inglês. (14/19). 396 p. enc. 24$. (2.ª ed. 5/39). **Globo.**

FREIRE (Laudelino), CAMPOS (J. L. de). — Grande e novissimo dicionário da lingua portuguesa. T. I. (19/28). 98 p. br. 10$. Ano (12 tomos) 96$. (6/39). **A Noite.**

FRETES & Transportes. — Dir. Gastão G. David. 1.º semestre 1939. (19/27). 47 p. il. 12$. (6/39). **Alm. Laemmert. Rio.**

GABAGLIA (Raja), RIBEIRO (João). — Exame de admissão para os ginásios. (14/19). 451 p. il. cart. 7$. (nova ed. 2/39). **Paulo de Azevedo.**

GIKOVATE (Moisés). — Admissão ao ginasial. (14/19). 412 p. il. cart. 8$. (5/39). **Globo**

GOMES (Alfredo). — Exames de admissão. Col. Didática Nacional, 7. (14/19). 470 p. il. cart. 10$. (2.ª ed. 12/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

GRANFINA. — Dir. Marina Guimarães. N.º 2, Dezembro 1939. (24/30). 68 p. il. mensal 3$. ano 32$. (12/39). **Rua Camerino, 82 Rio.**

GRUPO (Um) de Professores. — Preparatórios ao alcance de todos. 4.ª ed. popular do livro "Exame de admissão aos cursos ginasiais". (14/20). 332 p. il. br. 5$. (2/39). **Cia. Ed. Nacional.**

JOELS (Jozefo). — Dicionário completo esperanto-português. Prof. Ismael Gomes Braga. (12/16). 278 p. br. 5$. (11/39-1940). **Federação Espirita.**

JUVENTIL. — Anuário de literatura infantil e juvenil. Dir. F. Acquarone e Oscar Mano. Ano 1, n.º 1. 1939. (19/28). 178 p. il. cart. 10$. (5/39). **Oscar Mano.**

LIMA (Hildebrando). — Nosso Brasil. Para o 3.º grau primário. (14/20). 221 p. il. cart. 4$500 (12/39). **Cia. Ed. Nacional.**

LIMA (Hildebrando), BARROSO (Gustavo). — Pequeno dicionário brasileiro da lingua portuguesa. Rev. por Manuel Bandeira e José Baptista da Luz. (14/20). 1084 p. enc. 25$. (2.ª ed. 12/39). **Civilização.**

LIVRO Vermelho dos Telefones. — Distrito Federal. (24/27). 920 e 936 p. br. 30$. (15.ª e 16.ª ed. 2/39 e 8/39). **Rio.**

LUZES no Caminho. — Roberto Cervasio. Ano 1, n.º 8. Agosto 1939. (16/23). 24 p. il. 1$500, ano 12$. (8/39). **Rio.**

MES (O) Judiciário. — Dir. Oliveira e Silva. Vol. I, Ano 1, nos. 2-3. (16/23). 156 p. 6$. ano 60$. (3/39). **Rio.**

MOÇOS — Rev. de literatura e critica. Dir. Moacir Arcoverde e Hercolino Torres Cruz. Ano 1, n.º 4. Abril e Maio 1939. (22/29). 24 p. il. 1$200. (5/39). **Curitiba.**

NAÇÃO Armada. — Rev. civil-militar consagrada à segurança nacional. Dir. Maj. Affonso de Carvalho. Ano 1, n.º 1, 15 Novembro 1939. (16/23). 144 p. il. mensal 3$, ano 40$. (11/39). **Rua Alvaro Alvim, 33, s. 824, Rio.**

NEVES (Domingos). — O meu secretário. (14/18). 316 p. il. cart. 10$. (2.ª ed. 9/39). **A Noite.**

NINON. — Dir. Nini Miranda. Ano 1, n.º 1, Dezembro 1939. (24/32). 52 p. il. 2$, ano 26$. (12/39). **Rio.**

NOVA (A) Atlantida. — Dir. Renato Segadas Vianna. Ano 1, n.º 1, Julho 1939 (16/23). 60 p. il. 3$, ano 34$. (7/39). **Rio.**

OITO Dias. — Rev. carioca de informações. Dir. H. Lima e Silva. Ano 1, n.º 1, 10 Junho 1939. (16/23). 32 p. il. semanal $500, ano 25$. (6/39). **Rio.**

ORCHIDEA. — Dir. Luys de Mendonça. Sociedade Fluminense de Orchideas. Vol. 2, n.º 2, Dezembro 1939. (18/27). 42 p. il. trimestral 8$, ano 3$0. (12/39). Rua Paulo Alves, 82. **Niteroi.**

OURO Verde. — Rev. de exaltação do Brasil. Rir. Plinio Mendes, Geysa Boscoli e Ligio de Souza Melo. Ano 1, n.º 5, 15 de Novembro 1939. (18/27). 60 p. il. mensal 1$500, ano 18$. (11/39). **Rio.**

PRODUÇÃO e Crédito. — Dir. Benjamim E. do Lago e Mauricio do Lago. Ano 1. n.º 4, Outubro 1939. (18/28). 96 p. il. 2$, ano 27$. (10/39). **Rio.**

QUEIROZ (J.). — O secretário moderno. (14/19). 479 p. enc. 10$. (Nova ed. 6/39). **Quaresma.**

RASM. — Revista anual do Salão de Maio. Dir. Flavio de Carvalho. N.º 1, 1939. (20/20). 156 p. il. 10$. (6/39). **S. Paulo.**

REVISTA Brasileira de Geografia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica. Ano 1, n.º 1, Janeiro 1939. (19/27). 146 p. il. 5$. (2/39). **Rio.**

REVISTA Brasileira de Rádio e Televisão. — Dir. Luiz Ventura. Ano 1, n.º 1. Agosto 1939. (23/32). 28 p. il. 1$500, ano 15$. (8/39). **S. Paulo.**

REVISTA do Livro. — Dir. Dicamôr Morais. Ano 1, n.º 1, Agosto 1939. (16/23). 16 p. il. mensal $600, ano 7$. (8/39). **Rio.**

REVISTA do Serviço Publico. — Dir. Urbano C. Berquó. Ano 1, vol. 4, n.º 1, Outubro 1938. (23/30). 170 p. il. 5$, ano 50$. (1/39). **Rio.**

SANTOS (Eurico). — Dicionário de avicultura e ornitotecnia. Vol. II, letra J-Z. (16/23). 345 p. il. br. 25$. (4/39). **O Campo, Rio.**

SITIOS e Fazendas. — Dir. Mario Maldonado. Ano 4, n.º 1, Janeiro 1939. (19/27). 80 p. il. 2$, ano 20$. (1/39). **Rua Xavier de Toledo, 46, S. Paulo.**

SOCIOLOGIA. — Rev. didática e científica. Dir. Romano Barreto e Emilio Willens. Ano 1, n.º 1, Março 1939. (13/19). 111 p. timestral 4$, ano 14$. (4/39). **S. Paulo.**

SOUZA (A. Ferraz de). — Secretário enciclopédico brasileiro. (14/19). 493 p. enc. 10$. (8/39). **Ed. Paulicéa.**

SOUSA (Mello e). ALBUQUERQUE (Irene de). — Diário de Lúcio. Matemática, leitura, linguagem. 4.º ano primário. Il. Acquarone. (13/19). 208 p. cart. 4$500. (3/39). **Ed. A. B. C.**

TECNOLOGIA Brasileira. — Dir. Alberto H. Zunsteg. Fevereiro 1939. (23/32). 50 p. il. 5$, ano 50$. (2/39). **Instituto Técnologico, Rio.**

TODA a América. — Dir. Silvio Julio. Fevereiro-Abril 1939. (N.º especial da Colombia). (19/28). 308 p. il. 12$. (3/39). **Rio.**

VIDA Literaria. — Dir. Afranio Peixoto, Celso Vieira, Eloy Pontes, Leão de Vasconcellos e Roquete Pinto. Ano 1, n.º 1, Janeiro 1939. (23/33). 32 p. il. mensal 2$, ano 22$. (1/39). **Rio.**

1) FILOSOFIA

ADLER (Alfred). — A ciência da natureza humana. Trad. Godofredo Rangel e Anisio Teixeira. Bibl. do Espirito Moderno, s. 2.ª, vol. 2. (15/22). 292 p. br. 12$. (6/39). **Cia. Ed. Nacional.**

ATKINSON (William Walker). — A nova psicologia. (14/18). 222 p. br. 5$. (8/39). **O Pensamento.**

AUSTREGESILO (A.). — Disciplina espiritual. (Livro dos sentimentos). Obras Completas, 14. (13/19). 166 p. br. 6$. (2.ª ed. 11/39-1940). **Guanabara.**

BALMES (J.). — História da filosofia. Trad. Rodrigues de Mereje. (14/20). 176 p. br. 7$. (6/39). **Cultura Moderna.**

BARROS (Afonso Duarte de). — O cerebro e o pensamento. (Estudos filosoficos literarios). (15/19). 153 p. br. 5$. (5/39). **Jornal do Brasil.**

BRITO (Freire de). — Conceitos e reflexões. 1.ª parte. (13/19). 199 p. br. 6$. (9/39). **Distr. H. Antunes.**

CARNEGIE (Dale). — Como fazer amigos e influenciar pessoas. Trad. Fernando Tude de Souza. (14/20). 370 p. br. 10$. (4/39). **Cia. Ed. Nacional.**

CARVALHO (Beni). — Appel à l'esprit. (16/23). 16 p. br. (9/39). **Jornal do Commercio.**

CICERO. — Diálogo sobre a amizade. Trad. José Perez. (14/20). 158 p. br. 7$. (8/39). **Cultura Moderna.**

DELMAS (F. Achille), BOLL (Marcel). — A personalidade humana. Trad. David Augusto Júlio e Fernando de Miranda. Col. Studium, 12. (13/19). 272 p. br. 12$. (7/39). **Saraiva.**

DESCARTES. — Discurso sobre o método. Trad. Paulo M. Oliveira. Bibl. Clássica, 2. (14/20). 101 p. cart. 7$. (Nova ed. 4/39). **Athena.**

DIMNET (Ernest). — A arte de pensar. Trad. Oscar Mendes. (14/20). 242 p. br. 7$. (3/39). **Globo.**

DOURADO (Mecenas). — Erasmo e a revolução humanista. (13/19). 311 p. il. br. 10$. (9/39). **Cia. Ed. Nacional.**

DURANT (Will). — Filosofia da vida. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. do Espirito Moderno, s. 1, vol. 2. (15/22). 582 p. br. 16$. (Nova ed. 9/39). **Cia. Ed. Nacional.**

DURANT (Will). — Os grandes pensadores. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. do Espirito Moderno, s. I, vol. 3. (15/22). 318 p. il. br. 12$. (12/39). **Cia. Ed. Nacional.**

ERASMO DE ROTTERDAM. — Elogio da loucura. Trad. Paulo M. Oliveira, Bibl. Clássica. (14/20). 192 p. cart. 9$. (2.ª ed. 3/39). **Athena.**

GATES (A. I.). — Psicologia para estudantes de educação. vol. 2.º. Trad. e notas de Noemi da Silveira Rudolfer. Bibl. Universitária. s. III, n.º 7. (14/20). 464 p. il. enc. 2$. (12/39). **Saraiva.**

INGENIEROS (José). — A simulação na luta pela vida. Trad. J. C. Dias. (14/20). 219 p. br. 10$. (7/39). **Cultura Moderna.**

JASPERS O. S. B. (D. Ludgero). — Manual de filosofia. Baseado no Cours de Philosophie de C. Lahr S. J. (15/20). 696 p. cart. 18$. (6.ª ed. 9/39). **Ed. Melhoramentos.**

KANT (E.). — A paz perpétua. Ensaio filosófico. Trad. Rafael Benaion. (13/19). 115 p. br. 3$500. (11/39). **Coed. Brasilica.**

KASEFF (Leoni). — Maximas e pensamentos. (14/19). 171 p. br. 8$. (10/39). **Canton & Reile, Rio.**

LARRAGOITI (A. S. De). — Cadeias de ferro. Pensamentos. Trad. Diogenes Sodré. Pref. Luiz Astrana Marin. (14/19). 145 p. br. 7$. (10/39). **Pongetti.**

LARRAGOITI (A. S. De). — Cadeias de ouro. Pensamentos. Trad. Diogenes Sodré. Pref. Luiz Astrana Marin. (14/19). 122 p. br. 7$. (1/39). **Pongetti.**

LINS (Ivan Monteiro de Barros). — Escolas filosóficas ou introdução ao estudo da filosofia. Col. Cultura Positiva. (14/20). 206 p. cart. 8$. (2.ª ed. 10/39). **Distr. Coed. Brasilica.**

MAUROIS (André). — Arte de viver. Trad. Odilo Costa Filho e Alvaro Costa. Col. Divulgação e Cultura, 4. (14/21). 203 p. br. 8$. (10/39). **Vecchi.**

MAUROIS (André). — Sentimentos e Costumes. Trad. Carlos Torres Pastorino. Col. Divulgação e Cultura. (14/21). 185 p. br. 8$. (2.ª ed. 11/39). **Vecchi.**

PAUCHET (Victor). — Sêde ótimista. Trad. Godofredo Rangel. Col. Obras Educativas, 1. (13/19). 147 p. br. 4$. (Nova ed. 12/39). **Civilização.**
PLATAO. — Apologia de Socrates. Trad. Maria Lacerda de Moura. Bibl. Clássica, 5. (14/20). 106 p. cart. 7$. (Nova ed. 2/39). **Athena.**
RANK (Otto). — O duplo. Trad. Mary B. Lee. Rev. por J. Cabral. (13/19). 155 p. br. 5$. (2.ª ed. 11/39). **Coed. Brasilica**
RAPOSO (Ignacio). — Filosofia de Confucio. (14/19). 168 p. cart. 8$. (1/39). **Cia. Brasil.**
REGO (L. Sá). — O determinismo no Brasil. (13/19). 95 p. br. 4$. (4/39). **Pongetti.**
R. F. K. — Meu guia. Trezentos e sessenta e cinco pensamentos de autores diversos. (13/19). 128 p. br. 5$. (4/39). **Paulo de Azevedo.**
ROBINET. — Filosofia positiva. Trad. e pref. Belisario Vieira Ramos. (14/19). 150 p. cart. 7$. (Nova ed. 6/39). **Cia. Brasil.**
ROMÉRO (Nelson). — Os grandes problemas do espirito. (13/19). 255 p. br. 7$. (6/39). **José Olympio.**
SCHOPENHAUER (Arthur). — A sabedoria da vida. Trad. Romulo Argetière. (14/20). 268 p. br. 10$. (3/39). **Cultura Moderna.**
TAINE (H.). — Do Ideal na arte. Trad. (14/19). 110 p. cart. 8$. (12/39). **Cia. Brasil.**
THOMPSON (Almte. A.). — Filosofia. (Contemporanea). (16/23). 359 p. br. 20$. (11/39). **Distr. Civilização.**
XENOFONTE. — Memorabilia ou Ditos e feitos memoraveis de Socrates. Trad. Libero Rangel de Andrade. (14/20). 188 p. cart. 7$. (3/39). **Cia. Brasil.**

2) RELIGIÕES

Generalidades. Religiões Cristãs. Religiões Diversas e Mitologia. Ciências Ocultas.

ALESA. — Sereis as minhas testemunhas. Meditações sôbre a vida cristã. (9/15). 341 p. cart. 6$. (10/39). **Ed. Melhoramentos.**
BARROS (Jacy Rêgo). — Senzala e macumba. (14/19). 134 p. br. 3$. (2/39). **Jornal do Commercio.**
BENTO (Valdemar L.). — A magia no Brasil. (18/27). 152 p. il. br. 30$. (8/39). **Jornal do Brasil.**
BERNARDOT (M. - V.). — Nossa Senhora na minha vida. Trad. Frei Luís Palha O. P. (12/18). 207 p. br. 5$. (12/39). **Mensageiro do Santo Rosario, Rio.**
BLECH (Aimée). — Aos que sofrem. Ensinamentos teosofico. Trad. E. Nicoll. (14/18). 85 p. br. 2$500. (10/39). **Soc. Teosofica.**
BODIER (Paulo). — A granja do silencio. Trad. Guillon Ribeiro. (12/18). 198 p. br. 4$. (3/39). **Federação Espirita.**
BOEVEY (P. Mateo Crawley). — Jesus, rei de amor (13/19). 447 p. br. 10$. (6/39). **Ed. A. B. C.**
BRADLEY (H. Dennis). — Rumo as estrelas. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. de Estudos Psiquicos, 1. (13/19). 338 p. br. 7$. (5/39). **Distr. Civilização.**
BULCAO JUNIOR. — O espiritismo em fôco. A margem... Histórico da questão. Col. Publicações do Momento, 2. (15/21). 16 p. 1$. (7/39). **Norte Ed.**
BUONAIUTI (E.). — Apologia do catolicismo Trad. Col. Apologias, 1. (13/19). 93 p. br. 4$. (6/39). **Athena.**
CALLAGE (Fernando). — Sociologia católica e o materialismo. (Questão social). (14/20). 144 p. br. 6$. (2/39). **Gr. Cruzeiro do Sul.**
CAMAYSAR (Rosabis). — Numerologia. (14/18). 294 p. il. br. 6$. (3.ª ed. 8/39). **O Pensamento.**
CARVALHO (Pe. Bernardino). — O dia missionario. (13/18). 108 p. (9/39). **Imp. Industrial, Recife.**
CASTRO (Almerindo Martins de). — Antonio de Pádua. (12/18). il. br. 4$. (5/39). **Federação Espirita.**
CASTRO (Noraldino de Mello). — O espiritismo é a religião. Tése apresentada ao 1.º Congresso Nacional de Jornalistas Espiritas. (14/18). 140 p. br. 5$. (12/39). **Distr. Federação Espirita.**
CRUZ de Caravaca. Orações misteriosas. (12/16). 128 p. br. 2$. (13.ª ed. 12/39). **O Pensamento.**
DELANNE (Gabriel). — A alma é imortal. Trad. Guillon Ribeiro. (12/18). 372 p. br. 8$. (8/39). **Federação Espirita.**
DENIS (Léon). — O além e a sobrevivência do sêr. Trad. Guillon Ribeiro. (13/18). 106 p. br. 2$. (1/39). **Federação Espirita.**
DENIS (Léon). — Depois da morte. Trad. João Lourenço de Souza. (13/19). 360 p. br. 6$. (6.ª ed. 4/39). **Federação Espirita.**
DENIS (Léon). — No invisivel. Trad. Leopoldo Cirne. (13/19). 448 p. br. (Nova ed. 4/39). **Federação Espirita.**
DOUTRINA Cristã. — Segundo catecismo da doutrina cristã. (11/15). 134 p. il. cart. $800. (Nova ed. 5/39). **Paulo de Azevedo.**
DUTRA (Pe. Antonio de Paula). — Christus. Bases da Ação Católica. Pref. Tristão de Athayde. Col. Pensamento Cristão, 2. (13/19). 259 p. br. 6$. (10/39). **José Olympio.**
FERNANDES (Isaura Leite Borges). — Missal. (16/23). br. 3$. (9/39). **Ed. Autora, Rio.**
FLAMMARION (Camille). — Deus na natureza. Trad. Manuel Quintão. (12/18). 423 p. br. 8$. (5/39). **Federação Espirita.**
FORÇAS Ocultas. — Lições práticas para o desenvolvimento dos poderes latentes do homem. (14/18). 396 p. il. br. 12$. (3.ª ed. 8/39). **O Pensamento.**
FORMICHI (C.). — Apologia do budismo. Trad. Col. Apologias, 2. (13/19). 105 p. br. 4$. (6/39). **Athena.**
GONZAGA (Evangelina), LOPES (Julieta Magalhães). — Planos de lições de Catecismo, 1.º e 2.º anos dos grupos escolares. (14/19). 199 p. br. 5$. (5/39). **Ginásio Arnaldo, B. Horizonte.**
JANNI (U.). — Apologia do protestantismo. Trad. Cassio Fonseca. Col. Apologias, 4. (13/19). 93 p. br. 4$. (11/39). **Athena.**
JONES (Stanley). — Cristo e o sofrimento humano. Trad. João Del Nero. Pref. Miguel Rizzo. (13/19). 271 p. br. 8$. (10/39). **Livr. Liberdade.**
KARDEC (Allan). — O que é o espiritismo. Trad. (12/18). br. 4$. (8.ª ed. 5/39). **Federação Espirita.**
KOLOGRIVOF (Ivan). — Ensaio de suma católica contra os Sem-Deus sob a dir. de Ivan Kologrivof. Trad. Pe. Lacroix. Rev. pelo Conego Fr. M. Bueno de Sequeira. Col. Pensamento Cristão, 1. (13/19). 510 p. br. 15$. (8/39). **José Olympio.**
KRANE (Ana von). — Magna Peccatrix. Trad. Isocrates. (12/18). 334 p. br. 7$. (2.ª ed. 8/39). **Ed. Vozes.**
KRISHNAMURTI. — Palestras e respostas a perguntas. Italia e Noruega, 1933. Trad. (13/19). 208 p. br. 5$. (6/39). **Inst. Cultural Krishnamurti, Rio.**
LANCELIN (Charles). — O iniciado indiano e a feitiçaria Russa. (14/18). 143 p. il. br. 3$. (3.ª ed. 5/39). **O Pensamento.**
LODGE (Sir Oliver). — Raymond. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. de Estudos Psiquicos, 2. (13/19). 231 p. il. br. 6$. (5/39). **Distr. Civilização.**
LOIOLA (Santo Inácio). — Exercicios espirituais. 1.º vol. Trad. e explicados por Frei Burcardo Sasse, O. F. M. (12/18). 248 p. br. 6$. (4/39). **Ed. Vozes.**
LORENZ (Francisco Valdomiro). — Elementos de chiromancia. (14/18). 159 p. il. br. 4$. (6.ª ed. 5/39). **O Pensamento.**
LULA (Conego Melo). — Dialogos e floreios. (13/19). 95 p. br. 2$. (6/39). **Ed. A. B. C.**
LUNA, O. S. B. (Dom Joaquim G. de). — Lírios eucarísticos, 2.ª série. Traços biográficos de quinze meninos piedosos amigos de Jesús-Hóstia. (13/19). 211 p. br. 5$. (8/39). **Ed. "Lumen Cristi".**
LUSTOSA (Dom Antonio de Almeida). (Arcebispo do Pará). — Dom Macedo Costa, Bispo do Pará. (12/18). 582 p. br. 20$. (10/39). **Cruzada Boa Imprensa.**
MACH, S. J. (Pe. José). — O zelo das almas. (11/17). 76 p. br. 1$500. (4/39). **Ed. Vozes.**

MAGALHAES (Eduardo Pereira de). — A marcha da mocidade evangelica. (13/19). 239 p. br. (9/39). **Centro de Divulgação Cultural.**

MAGARIÑOS (Domingos). (Epiága R.). — Amerriqua. Antiguidade da América, do homem americano, da sua cultura e de sua civilização. (13/19). 205 p. br. 8$. (10/39). **Alba.**

MALHEIROS (P. Antonio). — Quem é Jesus Cristo?. (13/19). 86 p. br. (9/39). **Boa Imprensa.**

MARIA (Pe. Julio). — O fim do mundo está proximo! Profecias antigas e recentes. (14/18). 286 p. br. 7$. (2.ª ed. 2/39). **Boa Imprensa.**

PERROY, S. J. (Pe. Louis). — A subida do Calvario. Trad. Luiz Leal Ferreira. Pref. Pe. Leonel Franca, S. J. (14/19). 266 p. br. 7$. (2.ª ed. 5/39). **Boa Imprensa.**

PINAMONTI (R. P. João Pedro). — Exercicios espirituais de Santo Ignacio. Trad. R. P. Miguel de Amaral. (13/18). 327 p. enc. 12$. (4.ª ed. 9/39). **Briguiet.**

PREL (Barão Carl du). — O outro lado da vida. Trad. Amadeu Amaral Junior. Bibl. de Estudos Psiquicos, 3. (13/19). 190 p. br. 5$. (7/39). **Distr. Civilização.**

RAMACHARAKA (Yogi). — Quatorze lições de filosofia Yogi e ocultismo oriental. Trad. Francisco Valdomiro Lorenz. (14/18). 240 p. br. 5$. (5.ª ed. 6/39). **O Pensamento.**

ROHDEN (P. Huberto). — Paulo de Tarso. O maior bandeirante do evangelho. (16/24). 364 p. 1 mapa. br. 15$. (10/39). **Boa Imprensa.**

SALAZAR (Gabriele). — Nomezofia. Revelações completas sobre as irradiações do nome. (14/20). 320 p. br. 20$. (4/39). **Ed. Morais, S. Paulo.**

SAMUEL e JORDAR. — Ensinos do além ditados pelo espirito de Samuel ao medium Jordar. Pref. Olavo Alves da Silva. (14/18). 220 p. br. (12/39). **Gr. Rio-Arte, Rio.**

SCHILOH. — Vida Astral. (14/19). 60 p. br. 6$500. (8/39). **Gr. Apolo, Rio.**

SOUZA, C. SS. R. (Geraldo Pires de). — As tres chamas do lar. (13/19). 412 p. br. 8$. (5/39). **Ed. Vozes.**

SU-SUNG-KU. — Apologia do confucianismo. Trad. Cassio Fonseca. Col. Apologias, 2. (13/19). 93 p. br. 4$. (11/39). **Athena.**

TIBURCIO (Mons. José). — Pedagogia popular do catecismo. (14/19). 324 p. br. 12$. (8/39). **Ed. A. B C.**

TOLEDO (Demetrio de). — Plexo vital. (13/19) 160 p. il. br. 30$. (11/39). **Sombra e Luz, Rio.**

TÓTH (Mons. Thiamér). — Cristo e a juventude. Trad. Luiz Leal Ferreira. Col. Pensamento Cristão, 4. (13/19). 255 p. br. 8$. (11/39). **José Olympio.**

TÓTH (Mons. Thiamér). — Cristo e os problemas do nosso tempo. Trad. Luiz Leal Ferreira. Col. Pensamento Cristão, 3. (13/19). 306 p. br. 10$. (11/39). **José Olympio.**

TÓTH (Mons. Thiamér). — A juventude católica. O caráter do moço. (13/19). 279 p. br. 7$. (8/39). **Ed. S. C. J., Taubaté.**

TURNER (Charles W.). — O livro desconhecido. A biblia. Carta magna do cristianismo e da humanidade. (13/19). 184 p. il. br. 7$. (6/39). **Centro Bras. Publicidade.**

UBALDI (Pietro). — A grande sintese. Sintese dos problemas da ciência e do espirito. Trad. Guillon Ribeiro. (16/23). 359 p. enc. 20$. (5/39). **Federação Espirita.**

UGARTE (Julio Ugarte y). — As duas grandes leis espirituais. Liberdade e obediência. Trad. Astrogildo Otacilio Noronha. (14/19). 209 p. br. 10$. (8/39). **Soc. Filosofia Transcendental, Rio Grande.**

VIAN (Nello). — Madre Cabrini. Trad. Godofredo Rangel. Col. Cristiana, 2. (13/19). 304 p. br. 6$. (4/39). **Cia. Ed. Nacional.**

VONIER, O. S. B. (Dom Anscário). — Vitória de Cristo. Trad. Dom Joaquim G. de Luna, O. S. B. (13/20). 172 p. br. 5$. (10/39). **Ed. "Lumen Christi".**

WESTERVELD G. F. M. (Frei Ivo). — A "Ave Maria". (11/16). 93 p. br. 1$500. (5/39). **Ed. Vozes.**

WILLAM (Franz Michel). — A vida de Jesús no no país e no povo de Israel. Trad. Frei João José P. de Castro, O. F. M. (15/22). 503 p. il. br. 17$. (5/39). **Ed. Vozes.**

XAVIER (Francisco Cândido). — Brasil coração do mundo pátria do evangelho. Ditado pelo espirito de Humberto de Campos. (13/19). 213 p. br. 4$. (2.ª ed. 8/39). **Federação Espirita.**

YOGANANDA (Paramhansa). — A doutrina do renascimento. Trad. e pref. Edmundo Josetti. (13/19). 114 p. br. 6$. (8/39). **Publ. Internacionais.**

3) DIREITO — CIÊNCIAS SOCIAIS E POLITICAS

ABRANCHES (Carlos Alberto Dunshee de). — Sentença indeterminada. (Estudos de politica criminal). Tése. (16/23). 233 p. br. 25$. (11/39). **Distr. Jacinto.**

ABREU (Alysson de). Leis do secundário e seus comentários. Manual do inspetor do ensino secundário. (16/23). 603 p. br. 35$. (2.ª ed. 6/39). **Gr. Q. Breyner, B. Horizonte.**

ACCIOLY (Mario). — Executivos fiscais. (16/23). 276 p. enc. 25$. (3/39). **Freitas Bastos.**

AGUAYO (A. M.). — Didática da escola nova. Trad. J. B. Damasco Penna e Antônio d'Avila. (14/20). 424 p. br. 15$. (Nova ed. 2/39). **Cia. Ed. Nacional.**

AGUAYO (A. M.). — Novass orientações da educação. Trad. Adolfo Packer. Bibl. Universitária, s. 3.ª, n.º 6. (14/20). 353 p. enc. 15$. (8/39). **Saraiva.**

ALMEIDA JUNIOR (A.). — Biologia educacional. Col. Atualidades Pedagógicas, 35. (14/20). 569 p. il. br. 20$. (5/39). **Cia. Ed. Nacional.**

ALMEIDA (Abilio Pereira de). MATOSO (José Queiroz). — Prática jurídico comercial. (14/20). 345 p. cart. 15$. (3.ª ed. 5/39). **Cia. Ed. Nacional.**

ALMEIDA (Gastão Pereira de) — O Estado Novo. (Separata de O Getulista). (16/23). 24 p. br. (5/39). **Rio.**

ALMEIDA (Gastão Pereira de). — A luta contra o direito. O economismo VS o direito escrito. (16/23). 142 p. br. 10$. (2/39). **Freitas Bastos.**

ALTIPOFF (Helena). — Desenvolvimento mental da criança. Ficha de observação. (16/23). 32 p. br. 3$. (7/39). **Soc. Pestalozzi, B.-Horizonte.**

ALVES (Isaias). — Educação e brasilidade. (Idéias fôrças do Estado Novo). (13/19). 207 p. br. 7$. (11/39). **José Olympio.**

ARCHERO JUNIOR (Achilles). — Lições de sociologia. (13/18). 342 p. cart. 12$. (4.ª e 5.ª ed. 2/39 e 12/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

ARCHERO JNIOR (Achilles)., CONTE (Alberto). — Dicionário de sociologia. (14/19). 188 p. cart. 10$. (2/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

AROUCHA (Manuel). — Da falência das sociedadas anônimas no direito brasileiro. (16/23). 105 p. enc. 15$. (8/39). **Ed. Autor, Recife.**

ATAIDE (Tristão de). — Politica. (14/20). 306 p. br. 12$. (3.ª ed. 10/39). **Getulio M. Costa.**

AYRES (Francisco) — Bases para a construção de um novo mundo. (17/23). 235 p. br. 8. (12/39). **A Razão, Rio.**

AZEVEDO (Fernando de). — Principios de sociologia. (14/20). 433 p. il. br. 15$. (3.ª ed. 5/39). **Cia. Ed. Nacional.**

BALDUS (Herbert). WILLEMS (Emilio). — Dicionário de etnologia e sociologia. Bibl. Iniciação Ciêntifica, 17. (14/20). 245 p. br. 12$. (5/39). **Cia. Ed. Nacional.**

BALEEIRO (Aliomar). — O imposto sobre a renda. Prática. Doutrina. Legislação. (13/19). 264 p. br. 12$. (1938-1/39). **Livr. Ed. Bahiana.**

BALEEIRO (Aliomar). — A tributação e a imunidade da divida pública. (16/23). 192 p. br. (11/39). **Livr. Ed. Bahiana.**

BASTOS (A. C. Tavares). — Os males do presente e as esperanças do futuro. (Estudos brasileiros). Pref. e notas de Cassiano Tavares Bastos. Série Brasiliana, 151 (13/19). 396 p. br. 12$. (5/39). **Cia. Ed. Nacional.**

BASTOS (Reynaldo). — A enfermeira Edith Cavell. Interpretação do Relatório de Mr. Hugh Gibson. (13/19). 130 p. br. 5$. (12/39). **Mandarino.**

BELFORT DE MATOS (Alice Fairbanks). — Manual de estatistica. (14/20). 272 p. il. br. 12$. 3.ª ed. 6/39). **Cultura Moderna.**

BERNARDINO (Manoel). — De como se formou o Estado Novo. (14/19). 105 p. br. 10$. (11/39). **Joaquim Dantas, Rio.**

BETHLEM (Hugo). — Vale de Itajaí. (Jornadas de civismo). (13/19). 243 p. il. br. 10$. (7/39). **José Olympio.**

BEVILAQUA (Clovis). — Código civil dos E. U. do Brasil. Vol. V. (16/23). 372 p. enc. 25$. (4.ª ed. 4/39). **Paulo de Azevedo.**

BEVILAQUA (Clovis). — Código civil dos E. U. Brasil. Vol. VI. (16/23). 380 p. enc. 28$. (4.ª ed. 11/39). **Paulo de Azevedo.**

BEVILAQUA (Clovis). — Direito público internacional. T. I. (17/23). 456 p. enc. 35$. (2.ª ed. 11/38-1939). — T. II. (17/23). 432 p. enc. 25$. (2.ª ed. 3/39). **Freitas Bastos.**

BEVILAQUA (Clovis). — Opusculos I. O meu credo juridico. Problema do divorcio. (15/22). 61 p. br. 5$. (4/39). **Pongetti.**

BITTENCOURT (Edgard de Moura). — A instituição do jurí. (17/23). 341 p. enc. 30$. (8/39). **Saraiva.**

BIVAR (Carlos de). — Como legalizar a situação dos estrangeiros em face das ultimas leis. (16/24). 49 p. br. 7$. (11/39). **Coelho Branco.**

BOSISIO (Artur). — A empreitada de construção como ato de comércio no direito brasileiro. Tése. (16/23). 100 p. br. 10$. (7/39). **Jornal do Comércio.**

BOTELHO (Sylvio de Alvim). — A transferencia da propriedade da marca registrada e seus efeitos em relação a terceiros. (16/23); 66 p. br. (12/39). **Ed. Autor, Rio.**

BRAGA (Luiz de Almeida). — Paixão e graça da terra. (13/19). 375 p. br. 10$. (Nova ed. 12/39). **Civilização.**

BRITO (Lemos). — Pontos de partida para a história econômica do Brasil. Série Brasiliana, 155. (13/19). 552 p. br. 20$. (2.ª ed. 8/39). **Cia. Ed. Nacional.**

BURGHEIM (W. M.). — Der Auslander und das Brasilianische Gesetz. (Die moderne gesetzgebund des Neuen States). (16/23). 130 p. br. 8$. (5/39). **Tip. Senndo, Rio.**

CABRAL (João). — O caminho da paz pela ordem jurídica. (13/19). 103 p. br. 3$. (12/39). **Cord. Brasilica.**

CAIADO (Valporê de Castro). — Decisões. (16/23). 183 p. br. 10$. (7/39). **Cia. Dias Cardoso, Juiz de Fóra.**

CALLAGE (Fernando). — Sociologia católica e o materialismo. (Questão Social). (14/20). 144 p. br. 6$. (2/39). **Gr. Cruzeiro do Sul.**

CALMON (Heitor). — Algumas idéias sôbre o problema social. (1935-1938). (14/19). 205 p. e anexos. br. 10$. (6/39). **Ed. Autor, Rio.**

CALMON (Pedro). — História social do Brasil. 3.º t. A época republicana. Série Brasiliana, 173. (13/19). 316 p. br. 10$. (11/39). **Cia. Ed. Nacional.**

CALOGERAS (Pandiá). — As minas do Brasil e sua legislação. Geologia econômica do Brasil. T. 3.º. Série Brasiliana, 134. (13/19). 512 p. br. 15$. (2.ª ed. 1938-2/39). **Cia. Ed. Nacional.**

CAMARGO (João de). — Colonia de férias. Escolas de revesamento e saude. II vol. (14/20). 174 p. il. br. 10$. (7/39). **Pap. Natal, Rio.**

CAMPOS (Francisco). — A politica e as caracteristicas espirituais do nosso tempo. (16/23). 32 p. br. 3$. (9/39). **Imprensa Nacional, Rio.**

CAMPOS (M. de Oliveira). — A pena e suas tendencias. Pref. Carlos Xavier. (13/19). 108 p. br. 6$. (11/39). **Tip. Calazans, Rio**

CANEPPA (Victorio). — Estatistica carceraria do Distrito Federal. Il. Hans Etz. (17/24). 54 p. br. 13$. (11/39). **Franco-Brasileira.**

CARMO (Euripedes). — Salario racional. Pref. Joaquim Pimenta. (16/23). 128 p. br. 10$. (12/39). **Coelho Branco.**

CARVALHO (Delgado de). — Práticas de sociologia. (14/19). 234 p. cart. 10$. (3/39). **Globo.**

CARVALHO (Reis). — Pela liberdade contra a tirania. Delendus fascismus. A cruzada da liberdade. (12/16). 16 p. br. $500. (11/39). **Jornal do comercio.**

CASASANTA (Guerino). — Jornais escolares. Col. Atualidades Pedagógicas, 32. (14/20). 238 p. il. br. 15$. (2/39). **Cia. Ed. Nacional.**

CASTAGNINO (Antonio Souto). — Índice de legislação brasileira do Estado Novo. Referentes aos vols. 1 a 20 do Repositório da legislação brasileira do Estado Novo. (17/24). 315 p. br. 40$. (12/39). **Coelho Branco.**

CASTAGNINO (Antonio Souto). — Repositório da legislação brasileira do Estado Novo. 11.º vol. (17/24). 192 p. br. 10$. (1938-2/39). — 12.º vol. (17/24). 184 p. br. 10$. (1938-2/39). **Coelho Branco.**

CASTRO (Araujo). — Acidentes do trabalho. (17/23). 568 p. enc. 40$. (5.ª ed. 8/39). **Freitas Bastos.**

CASTRO (Lauro Sodré Viveiros de). — Pontos de estatistica. (14/19). 183 p. br. 10$. (2.ª ed. 5/39). **Inst. Bras. Geografia e Estatistica.**

CASTRO (Lauro Sodré Viveiros de). — A prova de estatistica. Coletânea de problemas para concursos. (14/20). 83 p. br. 6$. (12/39). **Ed. Autor, Rio.**

CASTRO (Orlando Ribeiro de). — Locação de predios. (17/23). 221 p. enc. 21$. (5/39). **Freitas Bastos.**

CAVALCANTI (José Furtado). — O direito contra o arbitrio. (13/19). 157 p. br. 6$. (12/39). **Saraiva.**

CAVALCANTI (José Furtado). — Código de processo civil do Brasil com exposição de motivos do Ministro Francisco Campos. (12/16). 395 p. enc. 12$. (11/39). **Saraiva**

CESARINO JUNIOR (A. F.). — Direito social brasileiro. (17/24). 564 p. br. (11/39-1940). **Livr. Martins.**

CÓDIGO de Obras do Distrito Federal. Dec. 6.000 de 1/7/937. (18/27). 168 p. 1 mapa. br. 25$. (6/39). **Baptista de Souza, Rio.**

CÓDIGO de Processo Civil. Suplemento ao n.º 21. ano 3 de Lex. Rev. quinzenal de Legislação. (16/23). 175 p. br. 9$. (12/39). **Distr. Livr. Victor.**

COELHO NETTO e BILAC (Olavo). — Educação moral e cívica. A pátria brasileira. (13/19). 288 p. il. cart. 4$. (26.ª ed. 1/39). **Paulo de Azevedo.**

CORREIA (Antônio de Arruda Ferrer). — Erro e interpretação na teoria do negocio jurídico. Col. Cultura Jurídica, 2. (16/23). 305 p. br. 25$. (10/39). **Saraiva.**

DEO (Bettino de). AVATO (Antonio). — Código de processo civil e comercial brasileiro. (14/19). 215 p. enc. 10$. (12/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

DISPOSIÇÕES Legais vigentes sobre imigração e permanencia de estrangeiros no Brasil. (14/20). 266 p. br. 12$. (4/39). **Cultura Moderna.**

DORNAS FILHO (João). — A escravidão no Brasil. Bibl. de Divulgação Cientifica, 17. (13/19). 321 p. il. br. 15$. (5/39). **Civilização.**

DRUMMOND (Magalhães). — Aspectos do problema penal brasileiro. (17/24). br. 20$. (10/39). **Freitas Bastos.**

DUARTE (Nestor). — A ordem privada e a organização politica nacional. Contribuição à sociologia politica brasleira. Série Brasiliana, 172. (13/19). 242 p. br. 10$. (12/39). **Cia. Ed. Nacional.**

DUNLOP (C. J.). — Legislação brasileira do trabalho. (14/19). 1168 p. enc. 50$. (3.ª ed. 5/39). **Alm. Laemmert.**

ESPINOLA (Eduardo). ESPINOLA FILHO (Eduardo). — Tratado de direito civil brasileiro. Vol. I. (17/24). 706 p. enc. 45$. (5/39). — Vol. II. (17/24). 641 p. enc. 40$. (9/39). **Freitas Bastos.**

ESTATUTO dos Funcionários Públicos. Decreto-Lei n.º 1.713 de 28/10/939. (17/24). 47 p. br. 3$. (11/39). **A Noite.**

ESTATUTO dos Funcionários públicos civis da União. Decreto-Lei, 1.713, 28/10/939. Separata do vespertino O Globo. (16/23). 69 p. br. 3$. (12/39). **O Globo.**

FARIA (Heitor Rocha). — Código de processo civil. (17/24). 180 p. br. 7$. (11/39). **Mandarino.**

FÉRENZY (Oscar de). — Os judeus e nós os cristãos. Trad. Godofredo Rangel. (13/19). 232 p. br. 7$. (1/39). **Cia. Ed. Nacional.**

FERNANDES (Adaucto). — Teoria cósmica do direito. (14/19). 202 p. br. 12$. (2/39). **Coelho Branco.**

FERNANDES (Gabriel). — A B C do investigador de policia. (13/19). 74 p. il. br. 5$. (4/39). **Antunes.**

FERRARA (Francisco). — A simulação dos negócios jurídicos. Trad. A. Bossa. (17/24). 518 p. br. 30$. (12/39). **Saraiva.**

FERRAZ (Mario de Sampaio). — Cruzar e nacionalizar. (14/20). 194 p. br. 8$. (1938-4/39). **Tip. Brasil, S. Paulo.**

FERREIRA (Pinto). — Teoria do espaço social. (Nova contribuição à sociologia científica de Pontes de Miranda). Pref. Agamemnon Magalhães. (16/22). 167 p. br. 12$. (5/39). **Of. Gr. The Propagandist, Recife.**

FERREIRA (Waldemar). — Principios de legislação social e direito judiciario do trabalho. Vol. II. A justiça do trabalho. (16/23). 580 p. br. 35$. (9/39). **Freitas Bastos.**

FERREIRA (Waldemar). Tratado de direito mercantil brasileiro. Vol. II. O comerciante. (17/24). 393 p. br. 35$. (7/39). **Freitas Bastos.**

FERREIRA NETTO (Vieira). — Constituição brasileira de 10 Novembro 1937 com remissões. (16/23). 54 p. br. 5$. (9/39). **Ed. Autor, Rio.**

FERRI (Henrique). — Discursos forences. (Defesas penais). Trad. Fernando de Miranda. Col. Studium, 13. (13/19). 227 p. br. 12$. (7/39). **Saraiva.**

FERRI (Henrique). — Ao lado das vitimas. (Discurso de acusação). Trad. Fernando de Miranda. Col. Studium, 14. (13/19). 263 p. br. 12$. (10/39). **Saraiva.**

FIGUEIRA (Arí P. de Andrade). — Emprestimos à lavoura e à industria. Pref. Mauricio de Lago. (16/23). 212 p. br. 20$. (10/39). **Jornal do Comercio.**

FLEG (Edmond). — Porque é que eu sou judeu. Adaptado ao português por Gikatilla. (13/19). 119 p. br. 5$. (7/39). **Alba.**

FONSECA (Arnaldo Medeiros da). — Investigação de paternidade. (17/23). 369 p. enc. 25$. (11/39-1940). **Freitas Bastos.**

FONSECA (Corinto da). — A escola ativa e os trabalhos manuais. Bibl. de Educação, 5. (14/19). 157 p. il. br. 7$. (2.ª ed. 11/39). **Ed. Melhoramentos.**

FONSECA (Tito Prates da). — Direito administrativo. (16/23). 439 p. enc. 25$. (4/39). **Freitas Bastos.**

FOREL (Augusto). — A questão sexual. Pref. e rev. de Flaminio Favero. (13/20). 556 p. il. br. 12$. (9.ª ed. 5/39). **Civilização.**

FRANCO (Afonso Arinos e Melo). — Terra do Brasil. (13/19). 240 p. br. 8$. (7/39). **Cia. Ed. Nacional.**

FRANCO (Arí Azevedo). — Dicionário de jurisprudencia do Brasil. (17/24). 664 p. br. 40$. (10/39). **Saraiva.**

FRANCO (Arí Azevedo). — O juri no Estado Novo. Comentários ao decreto lei n.º 167 de 5/1/938. (16/23). 243 p. br. 20$. (6/39). **Saraiva.**

FRANCO SOBRINHO (Manoel de Oliveira). — Autarquias administrativas. (17/23). 150 p. br. 15$. (9/39). **Rev. do Tribunais, S. Paulo.**

FRAZÃO (Sergio Armando). — Da autonomia da vontade. Tése. Pref. A. Sabola Lima. Bibl. Juridica Brasileira, 37. (16/23). 101 p. br. 8$. (7/39). **Coelho Branco.**

GAMA (Afonso Dionisio). — Teoria e prática dos contratos por instrumento particular no direito brasileiro. (16/23). 612 p. enc. 35$. (6.ª ed. 1/39). **Freitas Bastos.**

GAMA (Mozart da). — Como se deve pagar o imposto de renda. (17/24). 478 p. br. 30$. (5/39). **Freitas Bastos.**

GENTIL (Alcides). — As ideias do Presidente Getulio Vargas. Sintese do pensamento d'A Nova Politica do Brasil. (15/23). 247 p. br. 12$. (10/39). **José Olympio.**

GOMES (Raul). — O plano quinquenal. Ampliação dos mercados de café. A marcha para o Oeste. Capital estrangeiro. Banco Brasil e Exterior S/A. Navio-mostruario. (13/18). 30 p. br. 3$. (3/39). **Gr. Alba.**

GUIA do Estrangeiro. — Pref. Péricles Melo Carvalho. (14/20). 107 p. br. 5$. (7/39). **Emp. de Divulgação Técnica.**

GUIDA (Armando), MARCK (Osvaldo). — Impostos estaduais. (16/23). 286 p. br. 20$. (9/39). **Associação Comercial. S. Paulo.**

GUILLAUME (P.). — A formação dos habitos. Trad. Ramiro de Almeida. Col. Atualidades Pedagogicas, 36. (14/20). 226 p. il. br. 12$. (8/39). **Cia. Ed. Nacional.**

GURGEL (J. do Amaral). — Contratos no código civil brasileiro. 1.º vol. Teoria dos contratos. (17/24). 605 p. br. 35$. (7/39). **Saraiva.**

HITLER (Adolf). — Minha luta. Trad. J. de Matos Ibiapina. (17/24). 578 p. br. 20$. (3.ª ed. 8/39). **Globo.**

HUNGRIA (Nelson). — Dos crimes contra a economia popular e das vendas a prestações com reserva de dominio. (14/19). 248 p. br. 15$. (11/39). **Jacinto.**

JARACH (M.). — Lições de moral e de instrução cívica. (14/19). 208 p. il. cart. 7$. (5/39). **Briguiet.**

KELSEN (Hans). — Teoria pura do direito. Trad. Fernando de Miranda. Pref. Fernando Pinto Loureiro. Col. Studium, 11. (13/19). 112 p. br. 10$. (5/39). **Saraiva.**

KRITZ (José). — Aplicação da psicologia da publicidade na educação do transeunte. Tése apresentada ao 1.º Congresso Nacional do Trânsito. (16/23). 53 p. br. 7$. (5/39). **Borsoi. Rio.**

KRITZ (José). — Influência do fator humano no trânsito. Tése apresentada ao 1.º Congresso Nacional de Trânsito. (16/23). 75 p. il. br. 7$. (5/39). **Borsoi. Rio.**

LABOREIRO (Simão de). — A obra associativa dos portugueses do Brasil. (17/23). 223 p. il. br. 10$. (5/39). **Gr. Olimpica.**

LACERDA (Dorval M. de). — O contrato individual de Trabalho. Vol. 1.º Pref. J. P. Salgado Filho. (16/23). 305 p. br. 20$. (9/39). **Saraiva**

LACERDA (José Candido Sampaio de). — Esboço histórico sobre organização dos cursos juridicos no Brasil. (1827-1937). Pref. Philadelpho de Azevedo. (16/23). 41 p. br. 3$. (11/39). **Distr. Coelho Branco.**

LACERDA (José Candido Sampaio de). — Natureza e efeitos do contrato de ajuste. (16/23). 85 p. br. 12$. (11/39). **Canton & Relle. Rio.**

LARRAGOITI (A. S. De). — Os quatro heraldos do apocalipse. (A Europa trágica). (13/19). 116 p. br. 6$. (5/39). **Pongetti.**

LEÃO (A. Carneiro). — Introdução à administração escolar. (14/20). 426 p. br. 20$. (3/39). **Cia. Ed. Nacional.**

LEÃO (A. Carneiro). — A sociedade rural. Seus problemas e sua educação. Pref. Artur Neiva. (13/19). 368 p. il. br. 10$. (8/39). **A Noite.**

LEGISLAÇÃO Brasileira. — Código civil brasileiro. (12/16). 449 p. cart. 10$. (7.ª ed. 12/39). **Saraiva.**

LEGISLAÇÃO Brasileira. — Código comercial brasileiro. (12/16). 416 p. cart. 10$. (4.ª ed. 12/39). **Saraiva.**

LEGISLAÇÃO do Estado Novo. — Coletânea de decreto-leis. 12.º. Mês de Outubro 1938. Nos. 756 a 827. Organizada por J. C. Dias. (14/20). 480 p. br. 15$. (1/39). — 13.º. Novembro 1938. Nos. 828 a 910. (14/20). 720 p. br. 15$. (3/39). — 14.º. Dezembro 1938. Nos. 911 a 1.026. (14/20). 869 p. br. 22$. (4/39). — 15.º. Janeiro 1939. Nos. 1.027 a 1.085. (14/20). 669 p. br. 18$. (5/39). — 16.º. Fevereiro 1939. — 17 .....9 opotfd doorad ddoprfddf Nos. 1.086 a 1.126. (14/20). 680 p. br. 15$. (6/39). — 17.º. Março 1939. Nos. 1.127 a 1.182 (14/20). 483 p. br. 15$. (7/39). — 18.º. Abril 1939. Nos. 1.182 a 1.236. (14/20). 569 p. br. 18$. (8/39). — 19.º. Maio 1939. Nos. 1.237 a 1.309. (14/20). 502 p. br. 18$. (9/39). — 20.º. Junho 1939. Nos. 1.310 a 1.399. (14/20). 686 p. br. 20$. (10/39). — 21.º. Julho 1939. Nos. 1.400 a 1.465. (14/20). 544 p. br. 20$. (12/39). — 22.º. Agosto 1939. Nos. 1.466 a 1.556. (14/20). 466 p. br. 20$. (12/39). **Cultura Moderna.**

LEIS Sociais Vigentes. — Vol. III. Organizadas por José Pérez. (14/20). 100 p. br. 7$. (4/39). **Cultura Moderna.**

LEMOS (Floriano de). — Psicologia do crime. (14/19). 101 p. br. 6$. (6/39). **Batista de Souza, Rio.**

LEONARDOS (Thomas). — Os alicerces politicos dos Estados Unidos. Bibl. do Instituto Brasil-Estados Unidos. (14/19). 159 p. il. br. 10$. (10/39). **A Noite.**

LAPAGE (Ennio Sermenha). — Legislação trabalhista. Fasc. V e VI. Nacionalização do trabalho. (Lei de 2/3). Sindicalização, carteiras profissionais. (16/23). 183 p. br. 10$. (1938-4/39). **Coelho Branco.**

LIMA (Eusebio de Queiroz). — Teoria do estado. (17/24). 487 p. enc. 30$. (3.ª ed. 10/39). **Jacinto.**

LIMA (Ruy Cirne). — Principios de direito administrativo brasileiro. (16/23). 216 p. br. 12$. (6/39). **Globo.**

LINS (Pedro Estelita Carneiro). — O sol do pacifismo. A vitória do presidente Roosevelt. (14/19). 103 p. br. 6$. (7/39). **Jornal do Brasil.**

LOBO (Helio). — O Pan-americanismo e o Brasil. Série Brasiliana, 169. (13/19). 150 p. br. 8$. (12/39). **Cia. Ed. Nacional.**

LOPES (Alexandre Monteiro). — Dispensa sem justa causa. Bibl. de Legislação Social, 1. (14/19). 127 p. br. 6$. (7/39). **Coelho Branco.**

LOPES (Cunha). — Toxicomanias. Legislação e prática médica. Pref. Heitor Carrilho. (16/23). 167 p. il. br. 20$. (5/39). **Coelho Branco.**

LOPES (Miguel Maria Serpa). — Tratado dos registros públicos. Vol. II. (17/24). 542 p. br. 30$. (3/39). **Jacinto.**

LOURENÇO FILHO. — Introdução ao estudo da escola nova. Bibl. de Educação, 11. (14/19). 251 p. il. br. 10$. (4.ª ed. 9/39). **Ed. Melhoramentos.**

LUZ FILHO (Fabio). — O cooperativismo no Brasil e sua evolução. (16/23). 312 p. br. 15$. (6/39). **Coelho Branco.**

LYRA FILHO (João). — O amor rebelde aos códigos. (13/19). 153 p. br. 6$. (9/39). **Pongetti.**

MACEDO (Roberto). — Idéas de hoje. A margem do Estado Novo. (13/19). 132 p. br. 5$. (1938-1/39). **Beseschi.**

MACHADO (Moacir Lacerda da Cruz). — Consolidação das leis de organização judiciaria do estado. (17/24). 307 p. br. 20$. (6/39). **Globo.**

MACHIAVELLI. — O principe. Trad. Livio Xavier. Bibl. Clássica. (14/20). 160 p. cart. 9$. (1/39). **Athena.**

MAGALHÃES (Atos Aquino de) — Teoria e prática do direito de demarcar e da ação de demarcação. Obra postuma rev. por Pedro Rodovalho Marcondes Chaves. (16/24). 291 p. br. 25$. (4/39). **Livr. Brasil.**

MAGALHÃES (Eudoro). — Manual prático do imposto de renda. (16/24). 288 p. br. 15$. (2.ª ed. 6/39). **Coelho Branco.**

MANUAIS de Legislação Brasileira. — Dir. Altino Corrêa e Bettino de Deo. N.º 1, Janeiro-Fevereiro 1939. Repositório dos decretos e decretos-leis Federais. (15/20). 246 p. br. 10$. (5/39). — N.º 2, Março-Abril 1939. (15/20). 468 p. br. 12$. (7/39). — N.º 3, Maio-Junho 1939. (15/20). 523 p. br. 13$.

(9/39). — N.º 4, Julho-Agosto 1939. (15/20). 277 p. br. 13$. (12/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

MANUAIS de Legislação Brasileira, 6. — Lei de segurança Nacional. (14/19). 67 p. br. 3$. (12/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 8. — Lei de acidentes do trabalho. (14/19). 154 p. br. 5$. (3.ª ed. 5/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 17. — Novo regulamento do imposto sobre a renda. (14/19). 137 p. br. 6$. (Nova ed. 4/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 42. — Novo regulamento disciplinar do exercito. (14/19). 78 p. br. 4$. (4/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 43. — Regulamento sôbre a entrada de estrangeiros. (14/19). 93 p. br. 4$. (4/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 44. — Código de aguas. (14/19). 66 p. br. 3$. (2/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 45. — Código de justiça militar. (14/19). 108 p. br. 4$. (2/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 46. — Crimes contra a economia popular. Loterias. (14/19). 24 p. br. 1$500. (4/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 47. — Cobrança judicial da divida ativa da fazenda pública. (14/19). 28 p. br. 1$500. (4/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 48. — Lei do serviço militar. (14/19). 72 p. br. 2$. (4/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 49. — Alfredo Gomes. Regulamento para os centro de preparação de oficiais de reserva. (C. P. O. R.). (14/19). 116 p. br. 3$. (7/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 50. — Regulamento interno e dos serviços gerais. (R. I. S. G.). (14/19). 164 p. br. 4$. (7/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 51. — Justiça do trabalho. (14/19). 32 p. br. 1$500. (5/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 52. — Carteira de crédito agricola e industrial. (14/19). 31 p. br. 1$500. (5/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 53. — Regulamento da profissão de contador e guarda-livros. (14/19). 73 p. br. 2$. (7/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 55. — Associação em sindicatos. (14/19). 23 p. br. 1$500. (9/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 56. — Código de vantagens do exercito. (14/19). 63 p. br. 2$. (8/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 57. — Regulamento administrativo dos estados e municipios. Organizado por J. F. Cavalcanti. (14/19). 77 p. br. 3$. (9/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 58. — Regulamento para os estabelecimentos de subsistência Militar. (R. E. S. M.). (14/19). 59 p. br. 2$. (9/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 59. — Regulamento de combate a baioneta e da luta corporal. (14/19). 27 p. br. 1$500. (11/39). **Ed.e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 60. — Estatuto dos funcionários públicos civis da União. (14/19). 78 p. br. 2$. (11/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 61. — Registros públicos. Notas e comentários de Potyguara Silva. (14/19). 104 p. br. 4$. (12/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

MARANHÃO (Paulo). — Escola Experimental. Testes. (13/19). 208 p. br. 10$. (5.ª ed. 9/39). **Paulo de Azevedo.**

MARTINS (Aridio). — Peritos e perícias médico-legais. Guia prático de medicina legal. Pref. Aramis Athayde. (14/19). 224 p. il. br. 8$. (9/39). **Ed. Rumo.**

MARTINS (Pedro Baptista), LEAL (Victor Nunes). — Código de processo civil com índice alfabético e analítico. Procedido da exposição de motivos do Ministro Francisco Campos. (15/23). 351 p. br. 25$. (11/39. **José Olympio.**

MARTINS (Pedro Baptista). — Em defesa do ante-projeto de código de processo civil Separata da Rev. Forence. (19/28). 43 p. br. 4$. (12/39). **Rio.**

MARTIUS (Carlos Friedr. Phil. von). — Natureza, doenças, medicina e remedios dos indios brasileiros. (1844). Trad. pref. e notas de Pirajá da Silva. Série Brasiliana, 154. (13/19). 286 p. il. br. 12$. (7/39). **Cia. Ed. Nacional.**

MATTAR (João Augusto). — Índice das leis e decretos do Estado de São Paulo. (16/23). 106 p. br. 12$. (12/39). **Escolas Prof. Salesianas, S. Paulo.**

MAURIAC (François), DUCATILLON O. P. (R. P.), BERDIAEFF (Nicolas), MARC (Alexandre), ROUGEMONT (Denis de), DANIEL-ROPS. — O comunismo e os cristãos. Trad. Frederico Reys Coutinho. Col. Documentário. (14/19). 256 p. br. 10$. (3/39). **Vecchi.**

MAURITY FILHO (Joaquim Antonio Cordovil). — Decisões. Pref. José de Miranda Valverde e Zotico Baptista. (16/23). 387 p. br. 15$. (12/39). **Ed. Vozes.**

MELO (Plinio de). — Novo guia dos contribuintes do imposto sôbre a renda. (De acordo com o decreto-lei n.º 1.168 de 22/3/939). (13/19). 193 p. br. 8$. (5/39). (2.ª ed. 225 p. 6/39). **Pongetti.**

MELLO (Raul T. Bandeira de), ROGUSKI (L. Bronislau Ostoja). — Uma constituição moderna. Constituição da Republica da Polonia de 23 de Abril de 1935. Pref. Irineu de Mello Machado. (16/24). 137 p. br. 10$. (10/39). **Coelho Branco.**

MENDONÇA (J. X. Carvalho de). — Tratado de direito comercial brasileiro. Vol. VI, parte I. (17/24). 518 p. enc. 50$. (3.ª ed. 4/39). — Vol. VI, parte II. (17/24). 656 p. enc. 50$. (3.ª ed. 4/39). — Vol. VI, parte III. (17/24). 509 p. enc. 50$. (3.ª ed. 4/39). — Vol. VII. (17/24). 583 p. enc. 50$. (3.ª ed. 11/39). — Vol. VIII. (17/24). 626 p. enc. 50$. (3.ª ed., 11/39). — Índice geral, alfabético e remissivo. (17/24). 395 p. enc. 35$. (3.ª ed. 11/39-1940). **Freitas Bastos.**

MENDONÇA (Manoel Ignacio Carvalho de). — Rios e aguas correntes em suas relações juridicas. (17/22). 414 p. enc. 35$. (2.ª ed. 1/39). **Freitas Bastos.**

MENEGALE (J. Guimarães). — Direito adminis-

trativo e ciência da administração. T. II. (16/24). 386 p. enc. 35$. (7/39). **Metropole Ed., Rio.**

MENEZES (Djacir). — Introdução à ciência do direito. (16/23). 214 p. br. 10$. (2.ª ed. 1938-4/39). **Globo.**

MENEZES (Djacir). — O princípio de simetria e os fenômenos econômicos. Pref. Prof. Nogueira de Paula. Bibl. de Economia Politica Racional. (15/24). 158 p. br. 12$. (5/39). **Pongetti.**

MINISTÉRIO da Educação e Saude. — O ensino no Brasil no quinquênio 1932-1936. Instituto Nacional de Estudos Pedagogicos. Boletim n.º 1, 1939. (16/23). 83 p. il. br. 1$500. (12/39). **Rio.**

MINISTÉRIO da Educação e Saude. — O ensino profissional na Alemanha. Relatório do Inspetor Regional Rodolfo Fuchs. (16/23). 76 p. br. 1$. (10/39). **Ministério da Educação.**

MIRANDA (Pontes de). — Conceito e importância da unitas actus no direito brasileiro. (16/23). 127 p. br. 12$. (6/39). **Coelho Branco.**

MIRANDA (Pontes de). — Direito de familia. T. I. Direito matrimonial, I. (17/24). 392 p. enc. 40$. (9/39). **José Konfino.**

MOACYR (Primitivo). A instrução e as provincias. 1835-1889. 1.º vol. Das Amazonas ás Alagoas. Série Brasiliana, 147. (13/19). 640 p. br. 25$. (3/39). — 2.º vol. 1835-1889. Sergipe, Baía, Rio de Janeiro e S. Paulo. Série Brasiliana, 147-A. (13/19). 576 p. br. 22$. (8/39). **Cia. Ed. Nacional.**

MOL (Aristoteles Gonçalves). — Fabrica de loucos... Profilaxia e policia educativa... 16/23). 14 p. br. 3$. (4/39). **Ed. Autor, Rio.**

MONROE (Paul). — História da educação. Trad. Nelson Cunha de Azevedo. Col. Atualidades Pedagógicas. 34. (14/20). 459 p. br. 18$. (5/39). **Cia. Ed. Nacional.**

MONTEIRO JUNIOR (José Getulio). — Origens e transformações do materialismo histórico. (De Marx a Stalin). (14/23). 312 p. br. 20$. (3/39). **José Olympio.**

MORAIS (Evaristo de). — O testemunho perante a justiça penal. Ensaio de psicologia judiciaria. (14/19). 205 p. br. 10$. (6/39). **Jacinto.**

MOTTA FILHO (Cândido). — Do estado de necessidade. (17/23). 215 p. br. 15$. (1938-11/39). **Rev. dos Tribunais, S. Paulo.**

MOURA (João Alves de). — Índice alfabético de legislação e jurisprudência administrativa. (19/28). 264 p. br. 20$. (6/39). **Pimenta de Mello.**

MOURA (Mario de Assis). — Vendas de terras em lotes. (16/23). 262 p. enc. 20$. (8/39). **Saraiva.**

NEGROMONTE (Padre A.). — A educação sexual. (Para pais e educadores). (14/20). 281 p. br. 10$. (9/39). **José Olympio.**

NORMANO (J. F.). — Evolução econômica do Brasil. Trad. T. Quartin Barbosa, R. Peake Rodrigues, L. Brandão Teixeira. Série Brasiliana, 152 (13/19). 313 p. br. 12$. (7/39). **Cia. Ed. Nacional.**

OLIVEIRA (A. Fernandes de). — Manual do juri. (17/24). 236 p. br. 20$. (2/39). **Coelho Branco.**

OLIVEIRA (Alaíde Lisbôa de), FROTA (Zilah), LEITE (Marieta). — A poesia no curso primário. (13/19). 515 p. cart. 10$. (7/39). **Paulo de Azevedo.**

OLIVEIRA (Abgar Soriano de). — Da compra e venda com reserva de dominio. (16/22). 164 p. br. 12$. (8/39). **José Konfino.**

OLIVEIRA FILHO (Candido de), OLIVEIRA NETO (Candido de). — Processo civil e comercial. Vol. 1.º. (17/24). 661 p. br. 30$. (11/39-1940). **Ed. Autor, Rio.**

OLIVEIRA FILHO (Candido de). — Digesto constitucional. (Constituição de 1937). Vol. I. Arts. 1 a 16. IX. (16/23). 687 p. enc. 40$. (2/39). **Ed. Autor, Rio.**

OLIVEIRA (Rubens Vianna de). — Imposto sôbre vendas e consignações. Tabela para aplicação do sêlo até 100:992$000. (23/30). 24 p. br. 10$. (12/39). **Of. Gr. Minas, B. Horizonte.**

ORCIUOLI (Henrique). — Legislação fiscal e financeira. (14/19). cart. 7$. (2.ª ed. 2/39). **Globo.**

PAIXÃO (Osvaldo). — Salazar e salazarismo. (13/19). 125 p. br. 5$. (7/39). **Schmidt.**

PANTALEONI (Maffeo). — Principios de economia pura. Pref. A. Piccarolo. Trad. Cassio Machado Fonseca. (17/24). 253 p. il. br. 25$. (9/39). **Athena.**

PARÁ (Tomaz). — Código e leis militares. (17/24). 388 p. br. 20$. (4/39). **Globo.**

PASSAGE (Henry du). — Noções de sociologia. Trad. Edith Sarton (14/19). 350 p. br. 10$. (5/39). **Ed. A. B. C.**

PAULA (L. Nogueira de). — Compêndio de seguro social. (Seguro operario). Bibl. de Economia Politica Racional. (15/24). 256 p. br. 12$. (3.ª ed. 5/39). **Pongetti.**

PEDERNEIRAS (Raul). — Direito internacional compendiado. (17/24). 430 p. br. 20$. (1938-2/39). **Coelho Branco.**

PEETERS (Madre Francisca). — Noções de sociologia. (14/20). 332 p. cart. 10$. (2.ª ed. 3/39). **Ed. Melhoramentos.**

PEIXOTO (Cid). — Principios elementares de direito público constitucional. (14/20). 144 p. cart. 8$. (4/39). **Cia. Ed. Nacional.**

PEIXOTO (José Carlos de Matos). — A códificação de Teixeira de Freitas. Separata da Rev. Forence. (19/28). 38 p. br. 6$. (12/39). **Rio.**

PEREIRA (Lafayette Rodrigues). — Direito das cousa. Adaptação ao Código Civil por José Bonifacio de Andrade e Silva. (17/24). 651 p. enc. 40$. (3.ª ed. 11/39-1940). **Freitas Bastos.**

PEREIRA (Sílvio). — Imoveis a prestações. Decretos-leis nos. 58, de 1937 e 3.079, de 1938. (16/23). 220 p. br. 15$. (1938-2/39). **S. Paulo Ed.**

PERNAMBUCO (J. A. de Almeida), OLIVEIRA (E. Mauricio D. de). — Carteira fiscal. (14/19). 945 p. enc. 30$. (4/39). **Globo.**

PINHEIRO (Alcides). — Direito das minas. Comentários à legislação. (16/23). 222 p. br. 20$. (10/39). **Jornal do Comercio.**

PINHO (Péricles Madureira de). — As dividas de agricultores e a solução corporativa. Pref. F. J. Oliveira Viana. (16/23). 174 p. br. 12$. (7/39). **Freitas Bastos.**

PITOMBO (Arí). — Guia do funcionário público. (16/23). 128 p. br. 10$. (1/39 — 2.ª ed. 3/39). **Freitas Bastos.**

PORTO (L. de A. Nogueira). — Crédito agrícola industrial. (18/24). 68 p. br. 10$. (12/39). **Suplementos Nacionais.**

PRADO (Aldo). — Quem foi Evaristo de Moraes. (16/23). 13 p. br. 5$. (11/39). **Baptista de Souza.**

PRATES (Homéro). — Código de justiça militar. (16/23). 556 p. enc. 35$. (9/39). **Freitas Bastos.**

RAMOS (Mario de Andrade). — Finanças brasileiras. (16/23). 317 p. br. 15$. (1938-4/39). **Jornal do Comercio.**

REGULAMENTO Administrativo dos estados e municipios. (14/19). 20 p. br. 1$. (4/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

REGULAMENNTO para arrecadação e fiscalização do imposto do consumo. (14/20). 384 p. br. 12$. (Nova ed. 4/39). **Cultura Moderna.**

REIS (Arthur Henoch dos). — Verdadeiros intuitos da seleção profissional. Pref. Fioravanti Di Piero. (13/19). 104 p. br. 6$. (12/39). **Borsoi, Rio.**

REZENDE (Astolpho). — Nos dominios da criminologia. (17/24). 669 p. (2 vols.). br. 35$. (9/39). **Cia. Brasil Ed.**

REZENDE (Tito). — Manual do imposto de renda. Bibl. da Rev. Fiscal e de Legislação do Fazenda, 9. (19/28). 565 p. br. 30$. (10/39). **Sfreddo & Gravina.**

REZENDE (Tito), MARTINS (Paulo), CARNEIRO (F. Domingues). — Tarifa das alfandegas. (16/23). 683 p. br. 40$. (7/39). **Alba, Rio.**

REZENDE (Tito), PÉRICLES (Jáime). — Manual do selo. Bibl. da Rev. Fiscal, 6. (18/26). 154 p. br. 15$. (3.ª ed. 9/39). **Sfreddo & Gravina, Rio.**

REZENDE (Tito), PERICLES (Jáime). — Regulamento do imposto de consumo. Bibl. da Rev. Fiscal, 8. (18/26). 259 p. br. 18$. (9/39). **Alba, Rio.**

RIBEIRO (Maj. Amadeu Susini). — O Estado forte. (13/19). 182 p. br. 8$. (1938-2/39). **Mandarino.**

RIBEIRO (Danilo Carneiro). — Ernesto Carneiro Ribeiro. Sua vida e sua obra. (13/19). 192 p. il. br. 8$. (9/39). **Distr. José Konfino.**

RIBEIRO (Ernesto Carneiro). — Páginas de lingua e de Educação. Comemoração do primeiro centenario do seu nascimento. (15/22). 230 p. il. br. 12$. (8/39). **Pongetti.**

RIBEIRO (Israel). — Guia prático do imposto do consumo. (16/23). 344 p. br. 15$. (11/39). **Pap. Brasil, B. Horizonte.**

RIBEIRO (João). — O elemento negro. História folclóre, linguistica. Intr. e notas de Joaquim Ribeiro. II. Augusto Rodrigues. (13/19). 240 p. br. 8$. (Nova ed. 4/39). **Record, Rio.**

RIOS (Tobias). — A organização do tesouro público. Superintêndencia fazendária. Retrospectividade analitica. Racionalismo institucional. (17/24). 228 p. br. 20$. (8/39). **Freitas Bastos.**

ROBERT (Henri). — Os grandes processos da história. 3.ª série. Trad. Juvenal Jacinto. (14/20). 221 p. il. br. 8$. (7/39). — 4.ª série. 205 p. il. br. 8$. (8/31). **Globo.**

ROCHA (Guilardo Moreira da). — Anexo da nova tarifa das alfandegas. 1934-1939. (16/23). 191 p. br. 30$. .10/39). **Imp. L. Fernandes, Rio.**

ROCHA (Sizinio Leite da). — Sociologia politica. (14/20). 141 p. br. 10$. (9/39). **Saraiva.**

RODRIGUES (Milton da Silva). — Elementos de estatistica geral. Bibl. Iniciação Ciêntifica, 6. (14/20). 403 p. il. br. 18$. (2.ª ed. 5/39). **Cia. Ed. Nacional.**

RODRIGUES (Nina). — O alienado no direito civil brasileiro. Série Brasiliana, 165. (13/19). 229 p. br. 9$. (3.ª ed. 10/39). **Cia. Ed. Nacional.**

RODRIGUES (Nina). — As colectividades anormais. Pref. e notas de Arthur Ramos. (13/19). 336 p. br. 10$. (2/39). **Civilização.**

ROHRIG (Oldemar). — Repertório das novas taxas do imposto de consumo. (17/24). 264 p. br. 15$. (7/39). **Globo.**

ROSA (Inocencio Borges da). — Dificuldades na prática do direito. (17/24). 645 p. br. 50$. (7/39). **Globo.**

RUBIM (Rezende). — Reservas de brasilidade. Série Brasiliana, 161. (13/19). 256 p. il. br. 12$. (8/39). **Cia. Ed. Nacional.**

SÁ (Waldemar Bergamini de). — Leis trabalhistas. (16/23). 679 p. br. 30$. (6/39). **Jacinto.**

SANTIAGO (Sindulpho Assumpção). — Legislação e jurisprudência sobre as pedras preciosas e as minas do Brasil. Pref. Alvaro Dantas Carrilho. (17/24). 219 p. il. br. 15$. (10/39). **Distr. Freitas Bastos.**

SANTOS (Ari dos). — Como nascem, como vivem e como morrem os criminosos. Pref. Augusto de Oliveira. (16/22). 423 p. il. br. 30$. (4/39). **Saraiva.**

SANTOS (Epaminondas E. dos). — A propriedade comercial e renovação das locações. (17/24). 232 p. br. 15$. (6/39). **Gr. Sauer, Rio.**

SANTOS (J.). — Código de processo civil. (14/19). 304 p. br. 10$. (11/39). **Jacinto.**

SANTOS (J. M. de Carvalho). — Código civil brasileiro interpretado. Vol. 25. (16/23). 434 p. enc. 35$. (2/39). — Supl. I. vol. 26. (16/23). 430 p. enc. 35$. (8/39). **Freitas Bastos.**

SEGEL (Benjamin W.). — A maior mentira da história. (Os Protocolos dos Sabios de Sion). Trad. Flavio de Lima e Silva. (13/19). 198 p. br. 8$. (4/39). **Brasilia Ed.**

SEGUNDA Semana Pedagógica. — Associação dos Professores Católicos do Distrito Federal. (16/23). 109 p. br. 4$500. (12/39). **Sfreddo & Gravina.**

SENA (Adalberto Corrêa). — Legislação brasileira do ensino secundário de 1901 a 1939. (19/29). 281 p. br. 25$. (9/39). **Livr. Central.**

SILVA (De Placido e). — Caixas econômicas federais e operações bancarias. (17/24). 519 p. il. br. 35$. (2.ª ed. 7/39). **Ed. Rumo.**

SILVA (De Placido e). — Tratado do mandato e prática das procurações. Pref. J. M. de Carvalho Santos. (17/24). 692 p. br. 40$. (1/39). **José Konfino.**

SILVA (Eugenio Bethencourt da). — Escritos diversos. Educação moral e civica. (13/18). 157 p. il. cart. 5$. (7.ª ed. 7/39). **Freitas Bastos.**

SILVA (José Pereira da). — Novos rumos da criminologia. (14/19). 192 p. br. 8$. (2.ª ed. 1/39). **Cia. Brasil Ed.**

SILVA (Luciano Pereira da). — Questões juridicas em processos administrativos. Pareceres. (17/24). 904 p. br. 35$. (1938-2/39). **Freitas Bastos.**

SILVA (Oliveira e). — Dicionário das sociedades anônimas. (16/23). 493 p. enc. 30$. (6/39). **Freitas Bastos.**

SILVA (Oliveira e). — O municipio no Estado Novo. (17/24). 311 p. br. 30$. (12/39). **Borsoi, Rio.**

SILVA (Oliveira e). — No novo código de processo civil e comercial. Com a exposição do ministro Francisco Campos. (13/19). 282 p. br. 10$. (10/39). **Borsoi, Rio.**

SILVA (Ranulfo Pereira da). — Legislação e discuções fiscais. (16/23). 72 p. br. 10$. (12/39). **Gr. Sauer, Rio.**

SILVA (Ventura Bezerra de). — Brasil trabalhista. Pref. X. M. Freitas. (14/18). 164 p. br. 8$. (12/39). **A. Mauricio Silva, Rodeio, E. do Rio.**

SIMAS (Hugo). — Código brasileiro do ar. Anotado. (17/24). 312 p. br. 25$. (6/39). **Freitas Bastos.**

SOARES (José Carlos de Macedo). — Fronteiras do Brasil no regime colonial. II e mapas de J. Wasth Rodrigues. Col. Documentos Brasileiros, 19. (15/23). 239 p. br. 20$ (11/39). **José Olympio.**

SOARES (José de Souza). — O novo código de processo civil. (Comentado). (17/24). 407 p. br. 25$. (12/39-1940). **Distr. Angelo Oliveira.**

SOARES NETTO (Porfirio José). — Forma dos contratos em direito comercial. (17/24). 70 p. br. 6$. (11/39). **Coelho Branco.**

SOUZA (Bernardino José de). — O pau-brasil na história nacional. Com um capitulo de Artur Neiva e parecer de Oliveira Viana. Série Brasiliana, 162. (13/19) 267. p. il. br. 12$. (8/39). **Cia. Ed. Nacional.**

SOUZA NETTO (F. de A.). — Legislação trabalhista. Coletânea completa de leis. (17/24) 1270 p. br. 50$. (2/39). **Saraiva.**

STEVENSON (João Penteado Erskine). — Curso de direito consular. (14/20). 380 p. br. 25$. (4/39). **Cultura Moderna.**

TERRA (Sylvio), MAC CORD (Pedro). — Policia. Lei e cultura. Pref. Roberto Lyra. (16/23). 472 p. il. br. 30$. (11/39). **Gr. Guarani Rio.**

THEILER (Eduardo). — O conflito entre a propriedade imobiliaria e a propriedade comercial e industrial. (17/23). 106 p. br. 12$. (12/39). **Jornal do Comercio.**

TIBURCIO (Mons. José). — Pedagogia popular do catecismo. (14/19). 324 p. br. 12$. (8/39). **Ed. A. B. C.**

TORRES (Magarinos). — Processo penal do juri nos E. U. do Brasil. (17/24). 614 p. br. 40$ (4/39). **Jacinto.**

VELHO (Pedro). — Jurisprudência trabalhista. (Ementário). 1.º vol. (16/24). 168 p. br. 12$. (1/39). **Coelho Branco.**

VELLASCO (Domingos). — Sal da terra. Reflexões sôbre a questão social. (13/19). 176 p. br. 6$. (10/39). **Pongetti.**

VIANNA (Oliveira). — O idealismo da constituição. Série Brasiliana, 141. (13/19). 358 p. br. 10$. (2.ª ed. 2/39). **Cia. Ed. Nacional.**

VIEIRA (Cicero Augusto). — A nova prática da inspeção do curso seriado fundamental. (13/19). 142 p. br. 5$. (5/39). **Ed. Morais, S. Paulo.**

VIEIRA (Cicero Augusto). — Novissimo código de processo civil e comercial dos E. U. do Brasil. (14/20). 239 p. br. 10$. (10/39). **Emp. Ed. Brasileira.**

VIEIRA (Cicero Augusto). — Projeto do código

de processo civil e comercial dos E. U. do Brasil. (14/20). 240 p. br. 10$. (3/39). **Emp. Ed. Brasileira.**

VITOR (Manoel). — Noções de direito civil e direito constitucional. (14/19). 130 p. cart. 8$. (5/39). **Paulo de Azevedo.**

VITOR (Manoel). — Noções de direito comercial. (14/19). 141 p. cart. 7$. (3.ª ed. 5/39). **Paulo de Azevedo.**

VITOR (Manoel). — Seminario Econômico. (Desdobramento da econômia politica). (14/20). 84 p. cart. 5$. (1/39). **Cia. Ed. Nacional.**

WHIPPLE-Ph. D. G. M. — Como estudar eficientemente. Trad. C. A. Baker, Ph. D. (14/19). 120 p. br. 7$. (1/39). **Canton & Reile, Rio.**

ZISCHKA (Anton). — A ciência quebra monopólios. Trad. Marina Guaspari. Rev. Bernardo Geisel. Col. Documentos da Nossa Época, 8. (14/19). 269 p. il. br. 10$. (9/39). **Globo.**

3-6) EXERCITO — MARINHA — AERONAUTICA

ALMANAQUE do Ministério da Guerra para o ano de 1939. Organizado na secretaria geral do Ministério da Guerra, 2.ª secção. (16/23). 726 p. br. 5$. (8/39). **Imprensa Militar, Rio.**

ANDRADE (Gal. Paes de). Noções de topografia de campanha. Pref. Gal. Malan. Il. Gustavo Umbuzeiro e Alberto Lima. (13/19). 344 p. br. 10$. (8.ª ed. 4/39). **Borsoi, Rio.**

ARAGÃO (A.), ALVES (P.), CASTRO (L. S.). — Manual de instrução militar. (12/18). 436 p. br. 10$. (13.ª ed. 12/39). **Ed. Autores, T. G. 2.ª R. M.**

ARARIPE (Ten. Cel. Tristão Alencar). — O livro do soldado. Educação moral e instrução geral. Des. de Schury e Homero. (14/19). 201 p. br. 6$. (4/39). **H. Velho.**

BARRETO (João de Deus Menna). — A instrução na cavalaria, 1.º vol. (12/16). 356 p. br. 10$. (10/39). **Jornal do Comercio.**

BARROSO (Gustavo). — A guerra de Artigas. (13/19). 198 p. br. 6$. (2.ª ed. 8/39). **Getulio M. Costa.**

BARROSO (Gustavo). — A guerra do Flóres. (13/19). 203 p. br. 6$. (Nova ed. 8/39). **Getulio M. Costa.**

BARROSO (Gustavo). — A guerra do Lopez. (13/19). 241 p. br. 6$. (4.ª ed. 9/39). **Getulio M. Costa.**

BARROSO (Gustavo). — A guerra do Rosas. (13/19). 204 p. br. 6$. (Nova ed. 8/39). **Getulio M. Costa.**

BARROSO (Gustavo). — A guerra do Vidéo. (13/19). 216 p. br. 6$. (Nova ed. 8/39). **Getulio M. Costa.**

BARROSO (Gustavo). — Osorio o centauro dos pampas. (13/19). 201 p. br. 6$. (2.ª ed. 9/39). **Getulio M. Costa.**

BARROSO (Gustavo). — Tamandaré o Nelson Brasileiro. (13/19). 207 p. br. 6$. (2.ª ed. 9/39). **Getulio M. Costa.**

BIBLIOTECA Militar. — Vol. IX, col. C — Bosquejo histórico e documentado das operações militares na provincia do Rio Grande do Sul durante a presidência do Dr. Saturnino de Souza e Oliveira. (16/23). 175 p. br. 6$500. (2.ª ed. 1938-4/39). **Rio.**

BIBLIOTECA Militar. — Floriano Peixoto. (16/23). 79 p. il. br. 3$. (5/39). **Rio.**

BLIN (Cel.). — Pequena história da grande guerra. (1914-1918). Trad. Cap. Saim de Miranda. Bibl. Militar, 22. (17/25). 171 p. e mapas. br. 6$500. (11/39). **Rio.**

BOLETIM. — Publicação organizada para a Bibliotéca de Cultura Militar. Dir. Tte. Cel. Tristão de Alencar Araripe e Maj. Lima Figueiredo. Ano II, n.º 2. Setembro 1939. (14/19). 216 p. br. 10$. (12/39). **H. Velho.**

BULCÃO JUNIOR, BORDEAUX (Henry), MAURIN (Gal.), GRASSET (M.). — Gamelin. Col. Figuras Contemporaneas, s. D. Vol. 1. (13/19). 55 p. br. 3$. (12/39). **Norte Ed.**

CAMPOS (Pe. Joaquim Pinto de). —, Vida do grande cidadão brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva, Barão, Conde, Marquez, Duque de Caxias. Bibl. Militar, 20-21. (16/23). 519 p. br. 13$. (1938-8/39). **Rio.**

CARNEIRO (David). — Civilização Militar. Col. História Geral da Humanidade, 3. (14/19). 134 p. il. br. 6$. (12/39). **Athena.**

CONSTANT NETO (Benjamin). — Benjamin Constant. Pref. Augusto Tasso Fragoso. Bibl. Militar, 25. (17/24). 219 p. il. br. 6$500. (11/39). **Rio.**

CORONA (Cap. Evandro C. Del). — Manual de topografia militar. (16/23). 161 p. il. br. 12$. (1938-6/39). **Of. Gr. Livr. Globo.**

CORSI (Cel. Carlo). — Educação moral do Soldado. Trad. Bibl. Militar, 14. (16/24). 179 p. br. 6$500. (5/39). **Rio.**

FARIA (J. Machado de). — Tamandaré. Poema heroico. (12/18). 27 p. br. (12/39). **Pongetti.**

FERNANDES (Cap. João Augusto), CASTRO (Cap. Rubens Monteiro de). — Topografia prática. (16/23). 164 p. enc. 20$. (12/39). **Gr. Apollo, Rio.**

FIGUEIREDO (Major Lima). — Grandes soldados do Brasil. Bibl. Militar, 15. (16/24). 151 p. il. br. 6$500. (5/39). **Rio.**

FLORIANO. — Memórias e documentos. Vol. I. Artur Vieira Peixoto. Biografia do Marechal Floriano Peixoto. (19/29). 435 p. il. br. 5$. (6/39). — Vol. II. Noronha Santos. A revolução de 1891 e suas consequências. (19/29). 317 p. il. br. 5$. (10/39). — Vol. IV. Silvio Peixoto. Inicio do período presidencial. (19/29). 299 p. il. br. 5$. (10/39). — Vol. V. Roberto Macedo. A administração de Floriano. Parte geral e pastas militares. (19/29). 341 p. il. br. 5$. (12/39). **Ministério da Educação.**

FRAGOSO (Augusto Tasso). — A revolução Farroupilha. (1835-1845). Bibl. Militar, 16-17. (17/24). 304 p. e mapas. il. br. 20$ (5/39). **Rio.**

GIAMBERARDINO (Oscar Di). — A arte da guerra no mar. Trad. Cap. Tte. Miguel Magaldi. (19/28). 284 p. br. (11/39). **Imprensa Naval.**

IMBIRIBA (Cap. Mario Fernandes). — Breviário da instrução moral e cívica do soldado. (16/23). 162 p. il. br. (8/39). **Imprensa Oficial, Recife.**

JOB (João Luiz). — Vôo sem motor, 1.º vol. Pref. Aristogiton T. de Carvalho. Bibl. de Divulgação Aeronáutica. (16/24). 271 p. il. br. 20$. (10/39). **Imp. de Divulgação Técnica.**

LEITÃO (Antonio Marques). — Regularize a sua situação com o serviço Militar. (16/23). 102 p. br. 5$. (7/39). **Emp. de Divulgação Técnica.**

LIMA (Gal. Waldomiro Castilho de). — A campanha da África Oriental. (Italo - Etíope). (16/24). 450 p. Anexo c/mapas. il. br. 30$. (1938-1/39). **Imprensa Militar.**

MACEDO (Roberto). — Floriano na guerra do Paraguai. (13/19). 56 p. br. 3$. (2.ª ed. 1938-1/39). **Ed. Autor, Rio.**

MAGALHÃES (Gal. Benjamin Constant Botelho de). — Teoria das quantidades negativas. Bibl. Militar. (16/23). 90 p. br. 6$500. (12/39). **Rio.**

MANUAIS de Legislação Brasileira, 42. — Novo regulamento disciplinar do exercito. (14/19). 78 p. br. 4$. (4/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 45. — Código de justiça militar. (14/19). 108 p. br. 4$. (2/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 48. — Lei do serviço militar. (14/19). 72 p. br. 2$. (4/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 49. — Alfredo Gomes. Regulamento para os centros de preparação de oficiais de reserva. (C. P. O. R.). (14/19). 116 p. br. 3$. (7/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 50. — Regulamento interno e dos serviços gerais. (R. I. S. G.). (14/19). 164 p. br. 4$. (7/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 56. — Código de vantagens do exercito. (14/19). 63 p. br. 2$. (8/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 58. — Regulamento para os estabelecimentos de subsistência militar (R. E. S. M.). (14/19). 59 p. br. 2$. (9/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

IDEM IDEM, 59. — Regulamento de combate a baioneta e da luta corporal. (14/19). 27 p. br. 1$500. (11/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

MARQUES (Olavo Coutinho). — Evoluções e manobras do navio. (17/24). 182 p. br. 15$. (2/39). **Paulo de Azevedo.**
MINISTÉRIO da Guerra. — Instruções provisórias para metralhadoras Madsen. Modêlo brasileiro, 1932. (12/16). 142 p. il. br. 1$. (9/39). **Rio.**
MONTEIRO (Cel. Jonatas do Rego). — O exercito brasileiro. (16/23). 276 p. br. (9/39). **Imprensa Nacional. Rio.**
NUNES (Janarí Gentil). — Bandeira do Brasil. História, simbolismo, glorias e leis. Bibl. Militar, 23. (17/25). 173 p. il. br. 6$500. (11/39). **Rio.**
PARÁ (Tomaz). — Código e leis militares. (17/24). 388 p. br. 20$. (4/39). **Globo.**
PENALVA (Gastão). — Rajada de glorias. Crônicas do mar. (13/19). 372 p. br. 10$. (4/39). **A Noite.**
PRATES (Homéro). — Código da justiça militar. (16/23). 556 p. enc. 35$. (9/39). **Freitas Bastos.**
PRESTES (Walter). — A poesia do dever. Bibl. Militar, 18. (17/24). 162 p. br. 6$500. (6/39). **Rio.**
SILVA (Joaquim José Gomes da). — Telemetros de inversão Zeiss de 1,m50 e 1m de base. (16/23). 118 p. il. br. 8$. (11/39). **Ed. Autor, Rio.**
SILVA (Timbaúba). — Guerra química total. Pref. Gal. Meira de Vasconcellos. (16/23). il. br. 25$. (9/39). **Livr. Victor.**
SIMAS (Hugo). — Código Brasileiro do ar. Anotado. (17/24). 212 p. br. 25$. (6/39). **Freitas Bastos.**
TAVARES (Tte. Cel. Raul). — Como ficar quites com o serviço Militar. A nova lei do serviço militar. (14/19). 127 p. br. 6$. (4.ª ed. 6/39). **Tip. do Patronato, Rio.**

4-8) LETRAS

A) Filologia. (Generalidades. Ensino de Linguas)

ALBUQUERQUE (A. Tenorio D'). — A linguagem de Ruy Barbosa. Pref. Laudelino Freire. (13/19). 212 p. br. 8$. (8/39). **Schmidt.**
ALEM (Nelf Antonio), BIANCHINI (Dulce de Morais). — Le français appris sans peine. 3 ème année. (13/18). 240 p. cart. 7$. (3/39). **Ed. Melhoramentos.**
ALMEIDA (Napoleão Mendes de). — Questões vernaculas, 3.ª parte. (14/19). 132 p. br. 5$. (7/39). **Escolas Prof. Salesianas. S. Paulo.**
BARRETO (Fausto), LAET (Carlos de). — Antologia Nacional. (13/19). 557 p. cart. 6$. (22.ª ed. 3/39). **Paulo de Azevedo.**
BARRETO (Rita de M.). — Corações de crianças, 1.º livro. (14/19). 108 p. il. cart. 2$500. (91.ª ed. 8/39). — 2.º livro. (14/19). 124 p. il. cart. 3$. (77.ª ed. 9/39). **Paulo de Azevedo.**
BINNS (H. H.). — From talks and stories of Daily Grammar with questions & answers. (14/20). 235 p. cart. 10$. (4.ª ed. 12/39). **Cia. Ed. Nacional.**
BOTELHO (Rosa Candido Pedrosa). — Nosso livro, 1.º ano. Il. Acquarone. (15/22). 107 p. cart. 4$. (7/39). **Paulo de Azevedo.**
BOUCHARDET (Mario). — Comentários filológicos. (13/19). 273 p. br. 6$. (8/39). **Pap. Imperio, Rio Branco, Minas.**
BRAGA (Erasmo). — Leitura intermediaria. (14/19). 111 p. il. cart. 2$500. (85.ª ed. 7/39). **Ed. Melhoramentos.**
BRAGA (Erasmo). — Leitura I, para o 2.º ano escolar. Pref. Lourenço Filho. (14/19). 187 p. il. cart. 3$. (140.ª ed. 4/39). **Ed. Melhoramentos.**
BRAGA (Ismael Gomes). — Esperanto modelo, livro de leitura. (13/19). 224 p. br. 5$. (1/39). **Federação Espirita.**
BRANDÃO (Moreno). — Ruí Barbosa, mestre do vernaculo. (A Casa de Ruí Barbosa. (13/19). 182 p. br. 6$. (1/39). **A Noite.**
BRIQUET (Marinho), HEIDER (Estela Briquet). — Novissima seleta inglesa, 3.º e 4.º anos ginasiais. (14/20). 298 p. il. cart. 10$. (12/39). **Briguiet.**
BRUNO (Anibal). — Lingua Portuguesa para a 2.ª série ginasial. (14/20). 234 p. cart. 8$. (1/39). **Cia. Ed. Nacional.**
BUENO (Silveira). — Páginas floridas, 1.ª série. (14/20). 310 p. cart. 9$. (4.ª ed. 3/39). **Saraiva.**
CAMARA JR. (J. Matoso). — Premières leçons de français, première année. (14/19). 138 p. il. cart. 7$. (3/39). **Jacinto.**
CAMPOS JR. (J. L.). — Como se aprende inglês. How to learn english, 2.ª, 3.ª e 4.ª séries. (14/20). 301 p. cart. 10$. (2.ª ed. 4/39). **Cia. Ed. Nacional.**
CHALMERS (Ruí de Barros). — Conjugação dos verbos inglêses. Curso secundário. (14/19). 114 p. cart. 5$. (8/39). **Globo.**
COLEÇÃO P. S. S. — Segundo livro de leitura. (13/18). 168 p. il. cart. 3$. (7.ª ed. 3/39). **Livr. Salesiana, S. Paulo.**
COSTA (Nelson). — Leituras e exercicios para admissão ao curso secundário. (13/19). 176 p. cart. 4$. (5/39). **Paulo de Azevedo.**
COSTA (Nelson). — Terceiro livro de leituras brasileiras. (14/19). 192 p. il. cart. 3$. (4/39). **Paulo de Azevedo.**
COUTINHO (Alfredo Alvares de Macedo). — Gramática portuguesa. (14/19). 193 p. cart. 5$. (8.ª ed. 4/39). **J. R. de Oliveira.**
FONSECA (Orlando). — Os autores latinos do Colégio Universitário. (14/20). 262 p. cart. 12$. (1938-5/39). **Cia. Ed. Nacional.**
CRUZ (Estevão). — Programa de vernáculo, 1.ª e 2.ª séries. (14/19). 350 p. il. cart. 8$. (4.ª ed. 4/39). **Globo.**
CRUZ (Estevão). — Vocabulário ortográfico. Ortografia oficial. (14/19). 496 p. enc. 18$. (2.ª ed. 3/39). **Globo.**
CRUZ (Marques da). — Português prático, 1.ª e 2.ª séries. (13/19). 320 p. cart. 9$. (3/39). **Ed. Melhoramentos.**
DUPONT (Margaret). — Mary's little book. A first book for children. (14/19). 91 p. il. cart. 8$. (2.ª ed. 4/39). **Pongetti.**
DUPONT (Margaret). — Toto et son maître. Leçons enfantines. (14/19). 110 p. il. cart. 8$. (5/39). **Pongetti.**
ESTUDOS de lingua materna. — Index-vademecum alfabético e remissivo das notas de linguagem que se encontram em livros do prof. Pedro A. Pinto. (13/19). 82 p. br. 3$. (6/39). **Tip. Cidade do Rio.**
FERRAZ (Bento). — Meu método de análise logica. (13/20). 83 p. br. (9/39). **Ed. Autor, Rio.**
FLEURY (Luiz Gonzaga). — Meninice, 3. grau. (14/20). 155 p. il. cart. 4$. 18.ª ed. 8/39). **Cia. Ed. Nacional.**
FLEURY (Renato Sêneca). — Vamos ler?, 1.º livro de leitura. (13/19). 148 p. il. cart. 3$500. (9/39). **Cia. Ed. Nacional.**
FONTES (Ofélia), FONTES (Narbal). — Brasileirinhos, 3.º ano. (14/19). 164 p. il. cart. 4$500. (2/39). **Ed. Autores, Rio.**
FONTES (Ofélia), FONTES (Narbal). — Companheiros, 4.º ano. (14/19). 180 p. il. cart. 4$500. (6/39). **Ed. Autores, Rio.**
FONTES (Ofélia), FONTES (Narbal). — Ilha do sol. Leitura para 2.º ano primário. Série Pindorama. (14/19). 108 p. il. br. 3$. (8.ª ed. 11/39). **Ed. Autores, Rio.**
FREIRE (J.). — Curso prático de português. Bibl. do Homem Prático, 1. (16/23). 111 p. br. 10$. (8/39). **Gr. Guarani, Rio.**
FREITAS (Gaspar de). — Lições práticas de gramática portuguesa. Exame de admissão. (12/16). 148 p. cart. 3$. (114m. 11/39). **H. Antunes.**
GALHARDO (Tomás). — Cartilha da infância. (14/20). 64 p. il. cart. $800. (141.ª ed. 2/39). **Paulo de Azevedo.**
GALHARDO (Tomás). — Na escola e no lar, 2.º livro de leitura. (12/18). 128 p. il. cart. 2$. (60.ª ed. 8/39). **Paulo de Azevedo.**
GARCIA (Washington). — Coletânea de 1.000 frases latinas. (12/18). 75 p. br. 3$500. (4.ª ed. 10/39). **Gr. Apollo, Rio.**
GOMES (Lindolfo). — Exercicios de leitura manuscrita. 3.º e 4.º ano. (14/19). 164 p. cart. 4$. (5.ª ed. 3/39). **Ed. Melhoramentos.**

GOMES (Lindolfo). — Ortografia simplificada da lingua portuguesa. (12/17). 50 p. br. 2$. (1938-1/39). **Feira de Livros.**

GONÇALVES (Maximiano Augusto). — Caderno para conjugação de verbos latinos. (16/23). 32 p. br. 1$500. (5/39). **Ed. Autor, Rio.**

GRUPO (Um) de Professores. — Francês pelo método direto, 2.º ano. (14/19). 175 p. cart. 9$. (4.ª ed. 3/39). **Livr. Educadora.**

HORTA (Brant). — Primavera, 1º livro. (14/19). 96 p. il. cart. 2$500. (3.ª ed. 4/39). **J. R. de Oliveira.**

HORTA (Brant). — Seleta da infância. (13/19). 170 p. il. cart. 4$. (6.ª ed. 3/39). **J. R. de Oliveira.**

HORTA (Brant). — Vocabulário ortográfico oficial. (14/19). 312 p. cart. 10$. (3.ª ed. 4/39). **Ed. A. B. C.**

HUET (Maurício). — 200 verbos franceses irregulares, impessoais e defectivos. (11/16). 172 p. br. 3$. (1/39). **Paulo de Azevedo.**

IBIAPINA (J. de Matos). — First steps. Il. Ernst Zeuner. (16/23). 112 p. cart. 10$. (12/39). **Globo.**

JACOBINA (Blanche Thiry). — Le français par le méthode active. 3e livre-cahier. (16/22). 248 p. il. cart. (9/39) **Jornal do Comercio.**

JACOBINA (Blanche Thiry). — Morceaux choisis. 4e. année. (16/22). 211 p. cart. il. (9/39). **Jornal do Comercio.**

JAQUIER (L.), MUNZINGER (M.). — Français première année. (14/20). 238 p. il. car. 9$. (1/39). **Cia. Ed. Nacional.**

JENSEN (André). — Inglês básico (Basic english). O idioma universal. Col. Portátil. (9/13). 94 p. br. 3$. (2.ª ed. 3/39). **J. R. Botkin.**

JUCÁ FILHO (Cândido). — O pensamento e a expressão em Machado de Assis. Ensaio de estilística. (13/19). 160 p. br. 6$. (8/39). **Civilização.**

JUCÁ FILHO (Cândido). — A pronúncia brasileira. A pronúncia do português no Brasil para uso dos estrangeiros e das escolas brasileiras. (16/23). 71 p. br. 10$. (10/39). **Coed. Brasilica.**

LANTEUIL (Henri de). — O exame final de francês. Mon troisième cahier. Exercicios para 3.º e 4.º anos. (16/23). 86 p. il. br. 5$. (1/39). **Pongetti.**

LANTEUIL (Henri de). — Nouvelle anthologie d'auteurs français. (14/19). 423 p. il. cart. 10$. (5.ª ed. 7/39). **Paulo de Azevedo.**

LEAL (A. de Souza). — Análise lógica. 2.ª e 3.ª séries. (14/20). 220 p. br. 8$. (2/39). **Saraiva.**

LIRA (Cap. Antônio Pereira). — A acentuação gráfica resumida em doze regras. (12/16). 15 p. br. 2$. (11/39). **Pap. Velho.**

LOBO (Major Arí Maurell). — Cânones gramaticais e estilísticos para bem escrever a lingua nacional. (19/28). 422 p. br. 35$. (Ed. especial 50$). (11/39). **Tip. Leuzinger. Rio.**

MACHADO FILHO (Aires da Mata). — Ortografia oficial, doutrina e comentário. (14/19). 150 p. br. 6$. (2.ª ed. 1938-3/39). **Ed. Mensagem. B. Horizonte.**

MARTINS (Deolinda de Almeida), SILVA (Elvira Nizynska da), SALDANHA (Otávio). — Minha leitura. Livro do aluno. (14/19). 101 p. il. cart. 3$. (8.ª ed. 2/39). **Paulo de Azevedo.**

MELO (Milton Cabral de). — Mon livre de français. Pour la première année. Bibl. Pio XI. Vol. 2. (14/20). 156 p. il. cart. 8$. (11/39). **Livr. Universal.**

MERRYMAN (M. Montgomery). — Foot-loose in Mexico. Perambulando pelo Mexico. (Em inglês básico e em português). Col. Portátil, 17. (9/13). 59 p. br. 2$. (4/39). **J. R. Botkin.**

MONTEIRO (Clóvis). — Nova antologia brasileira. (14/19). 484 p. il. cart. 10$. (6.ª ed. 5/39). **Briguiet.**

MORAIS (Antonieta Pantoja Mendes de). — Minha infância, 1.º ano. (14/19). 146 p. il. cart. 3$. (6.ª ed. 2/39). — 2.º ano. (14/19). 174 p. il. cart. 3$500 (4.ª ed. 2/39). **Paulo de Azevedo.**

MORAIS (João Barbosa de). — Exercicios de linguagem. (14/20). 221 p. br. 6$. (6/39). **Cia. Ed. Nacional.**

MORAIS (João Barbosa de). — Leitura amena. 3.ª série primária. (14/19). 196. il. cart. 5$. (2/39). **Jacinto.**

MORAIS (Teodoro de). — Meu livro. 1.º ano. (13/19). 156 p. il. br. 3$. (38.ª ed. 3/39). **Cia. Ed. Nacional.**

MORAIS (Teodoro de). — Sei ler. 1.º livro de leitura. (14/20). 154 p. il. cart. 3$500. (34.ª ed. 3/39). **Cia. Ed. Nacional.**

NASCENTES (Antenor). — Estudos filologicos. 1.ª série. (13/18). 157 p. br. 6$. (10/39). **Coed. Brasilica.**

NASCENTES (Antenor). — Gramática da lingua espanhola para uso dos brasileiros. (14/18). 155 p. br. 7$. (4.ª ed. 12/39). **Pimenta de Mello.**

NASCENTES (Antenor). — Ligeiras notas sôbre redação oficial. (16/23). 55 p. br. 5$. (4.ª ed. 11/39). **Distr. Paulo de Azevedo.**

NOGUEIRA (Julio). — A linguagem usual e a composição. (14/39). 396 p. cart. 9$. (5.ª ed. 2/39). **Freitas Bastos.**

NOGUEIRA (Julio). — Programa de português. Exame de admissão e antologia primária. Bibl. Pedagógica Brasileira, s. 2.ª, vol. 98. (14/20). 271 p. il. cart. 8$. (11/39-1940). **Cia. Ed. Nacional.**

NOGUEIRA (Julio). — Programa de português. 1.ª e 2.ª séries secundárias. (14/20). 340 p. il. cart. 10$. (3.ª ed. 4/39). **Cia. Ed. Nacional.**

NOGUEIRA (Julio). — Programa de português da 3.ª série. (14/20). 264 p. il. cart. 9$. (1/39). **Cia. Ed. Nacional.**

OLIVEIRA (Cleófano de). — Verbes français usuels. (Livre complément des Textes français). Première, 2e. 3e. et 4e. années. (14/20). 301 p. cart. 12$. (5/39). **Saraiva.**

PEDROZA (Cônego A. Xavier). — Lições de latin. Bibl. Pio XI, Vol. 5. (14/20). 221 p. il. cart. 9$. (11/39). **Livr. Universal.**

PENIDO FILHO (Raul), VIEIRA (Ricardo Rodrigues). — O exame de francês. Concursos. Artigo 100. (14/20). 157 p. cart. 8$. (11/39-1940). **Cia. Ed. Nacional.**

PEREIRA (Altamirano Nunes). — Problemas do idioma I. Estudos da palavra que. (12/17). 140 p. br. 5$. (10/39). **Alba.**

PEREIRA (Eduardo Carlos). — Gramática expositiva, curso superior. Adaptada a ortografia oficial por Laudelino Freire. (14/20). 419 p. cart. 10$. (50.ª ed. 1/39). **Cia. Ed. Nacional.**

PROFESSOR (Um). — Escrever certo! Pref. Dacio Pires Correia. (14/19). 70 p. cart. 5$. (1/39). **Athena.**

RABELO (Celia). — Ninita e suas amiguinhas. 3.º ano. (Com testes, 64 p.). Il. Ruth. (14/21). 179 p. cart. 5$500. (8/39). **Cia. Ed. Nacional.**

RAEDERS (Georges), MORAIS (D. de Vilhena). — Mon premier livre de français. 2.º ano ginasial. (14/20). 218 p. il. cart. 7$. (2.ª ed. 2/39). **Cia. Ed. Nacional.**

REIS (O. de Sousa). — Breviario da conjugação dos verbos da lingua portuguêsa. (11/16). 182 p. cart. 3$. (11.ª ed. 7/39). **Paulo de Azevedo.**

REIS (O. de Sousa). — Textos para corrigir. (11/16). cart. 4$ (9.ª ed. 2/39). **Paulo de Azevedo.**

RIBEIRO (Hilário). — Primeiro livro de leitura. (Silabário). (12/18). 64 p. il. cart. $800. (122.ª ed. 8/39). **Paulo de Azevedo.**

RIBEIRO (Maria Rosa Moreira). — Leitura para o segundo ano. (13/19). 201 p. il. cart. 3$500. (14.ª ed. 8/39) **Paulo de Azevedo.**

RIBEIRO (Tennyson). — English Grammar in a nutshell and English Reader. (14/20). 185 p. cart. 10$. (2.ª ed. 12/39). **Saraiva.**

RICCHETTI (Henrique). — Infância, 2.ª livro. (14/20). 173 p. il. cart. 3$500. (57.ª ed. 4/39). **Cia. Ed. Nacional.**

RIGO (Raul Reinaldo). — Quarenta e cinco lições de inglês. (17/24). 99 p. cart. 5$. (2.ª ed. 9/39). **H. Antunes.**

RIZZO (José). — Da colocação dos pronomes pessoais. (13/19). 161 p. br. 6$. (6/39). **Cia. Ed. Nacional.**

ROCHA (Mario Penna da). — Curso prático de português. Dez aulas na Rádio-Escola Municipal. (13/19). 116 p. br. 5$. (9/39). **Bedeschi.**

SAMPAIO (B.). — Falar certo. (12/18). 223 p. br. 7$. (9/39). **Ed. Melhoramentos.**

SAMPAIO (Francisco Ribeiro). — Questões de português. Reparos aos erros de gramática do prof. Silveira Bueno. (14/20). 182 p. br. 8$. (7/39). **Ed. Aurora.**

SANTOS (Máximo de Moura). — O pequeno escolar. 3.º livro. (14/20). 128 p. il. cart. 3$500. 39.ª ed. 3/39). — 4.º livro. (14/20). 203 p. il. cart. 4$. (31.ª ed. 1/39). **Cia. Ed. Nacional.**

SCHMIDT (Maria Junqueira). — La France, troisième année de français. (14/20). 287 p. il. cart. 12$. (2.ª ed. 3/39). **Cia. Ed. Nacional.**

SÉRIE Didática Brasileira. — English direct method, first book. (13/19). 152 p. cart. 8$. (2.ª ed. 4/39). **J. R. de Oliveira.**

SERPA (Osvaldo), SILVA (Machado da). — English for children, first book. Il. A. Espinheira. (16/23). 95 p. 1 caderno. cart. 11$. (3.ª ed. 4/39). **Paulo de Azevedo.**

SERPA (Osvaldo), SILVA (Machado da). — Paul and Mary, second book of english for children. (16/23). 108 p. il. cart. 12$. (3/39). **Paulo de Azevedo.**

SILVA (José de Mello e). — Fronteiras guaranís (Com um estudo sôbre o idioma guaraní, ou Ava-ne-ê). Pref. Monte Arraes. (16/23). 335 p. il. br. 11/39). **Imprensa Metodista.**

SIMAS, S. J. (Antônio M. de Castro e). — Dicionário do amanuense. Formulário ortográfico. Dificuldades gramaticais. (12/17). 301 p. br. 8$. (10/39). **Livr. Colombo.**

SOUZA CAMPOS (Laura Mello e). — Minha cartilha. Il. F. Acquarone. Série Mello e Souza. (14/20). 86 p. cart. 3$. (3/39). **Getulio M. Costa.**

SOUZA (Mello e). — Alegria de ler. (13/19). 220 p. il. br. 6$. (2/39). **Ed. A. B. C.**

SUCUPIRA (Luiz). — Ortografia simplificada oficial. Regras práticas para bem escrever. (8/12). 64 p. br. 1$. (2/39). **Ed. A. B. C.**

TABORDA (Radagasio). — Crestomatia. (14/19). 624 p. il. cart. 6$. (10.ª ed. 7/39). **Globo.**

TAVARES (Clóvis). — Sementeira cristã. 1.ºº livro de leitura para as escolas espiritas. Pref. Leopoldo Machado. (13/19). 108 p. il. cart. 4$. (8/39). **Federação Espirita.**

TORRES (Artur de Almeida). — Compêndio de lingua portuguesa. 2.ª série ginasial. (14/20). 236 p. cart. 7$. (1/39). **Cia. Ed. Nacional.**

VASCONCELLOS (Nuno Smith de). — English intuitive method, 1st. vol. (2nd. grade). (14/20). 165 p. il. cart. 7$. (5.ª ed. 4/39). **Cia. Ed. Nacional.**

VIEIRA (Ricardo Rodrigues). — Como se aprende o francês comercial. (14/19). 136 p. cart. 8$. (11/39). **Cia. Brasil Ed.**

VIEIRA (Ricardo Rodrigues). — Os vinte autores franceses do programa do Colégio Pedro II. (14/19). 128 p. cart. 8$. (3/39). **Cia. Brasil Ed.**

WERNECK (Eug.). — Antologia brasileira. (13/19). 460 p. cart. 6$. (20.ª ed. 7/39). **Paulo de Azevedo.**

WOLFF (Antonio Pedro). — Composições escolares. 1.º ano. (14/20). 94 p. il. cart. 3$. (1/39). — 2.º ano. (14/20). 98 p. il. cart. 3$. (1/39). — 3.º ano. (14/20). 96 p. il. cart. 3$. (1/39). — 4.º ano. (14/20). 142 p. il. cart. 4$. (1/39). **Paulo de Azevedo.**

XAVIER (Odila Barros). — A cartilha de Zé-Toquinho. Il. Nelson Boeira Faedrich. (16/23). 123 p. cart. 3$. (5/39). **Globo.**

YAZIGI (Elias), NUNES (Máximo Ribeiro). — The best Writers in english classics, 4th grade. (14/20). 170 p. cart. 7$. (1/39). **Cia. Ed. Nacional.**

ZAMENHOFF (L. L.). — Esperanto. (Original e tradução). Trad. Ismael Gomes Braga. (13/19). 108 p. br. 5$. (3/39). **Federação Espirita.**

B) LITERATURA

B. 1.) Generalidades. Bibliografias. História Literária. Ensaios. Crítica. Cartas. Crônicas.

ABREU (Modesto de). — Biógrafos e criticos de Machado de Assis. (13/19). 391 p. il. br. 10$. (11/39). **Distr. Oscar Mano.**

ALVES (Mario). — Bazar. (13/19). 179 p. il. br. 5$. (5/39). **Distr. Braz Lauria.**

AMADO (Genolino). — Um olhar sôbre a vida. (Ensaios). (13/19). 287 p. br. 8$. (11/39). **José Olympio.**

ANDRADE (Almir de). — Aspectos da cultura brasileira. Col. Pensadores Brasileiros, 3. (13/19). 211 p. br. 8$. (8/39). **Schmidt.**

ANDRADE (Mario de). — Namoros com a medicina. Bibl. de Investigação e Cultura, 5. (15/23). 132 p. br. 8$. (3/39). **Globo.**

ASSIS (Machado de). — Páginas esquecidas. Col Vida Literaria. Dir. Eloy Pontes. (12/17) 110 p. br. 4$. (6/39). **Mandarino.**

ATHAYDE (Tristão de). — Contribuição á história do modernismo. I. O premodernismo. (13/19). 277 p. br. 8$. (3/39). **José Olympio.**

BARROS (Afonso Duarte de). — O Cerebro e o pensamento. (Estudos filosoficos literarios). (15/19). 153 p. br. 5$. (5/39). **Jornal do Brasil.**

BARROSO (Gustavo). — O livro dos enforcados. (13/19). 189 p. br. 6$. (9/39). **Getulio M. Costa.**

BENTES (Paulo). — O outro Brasil. (14/19). 27 p. br. (9/39). **Jornal do Brasil.**

BEVILAQUA (Clovis). — Revivendo o passado. III. Figuras e datas. 1876-1881. Publ. de Floriza e Doris Bevilaqua. (12/18). 117 p. br. 5$. (10/39). **Jornal do Comercio.**

BILAC (Olavo). — Bom humor. Col. Vida Literaria. Dir. Eloy Pontes. (12/17). 109 p. br. 4$. (6/39). **Mandarino.**

BRANDÃO (Alfredo). — Crônicas alagoanas. (História, lendas e etnografia). Pref. Humberto Bastos. Col. Autores Alagoanos, 5. (14/20). 189 p. br. 6$. (9/39). **Casa Ramalho.**

BUENO (Idalina). — Pétalas de sonhos. (13/19). 68 p. br. 5$. (12/39). **Castro, Paraná.**

CAMPOS (Humberto de). — Destinos... (Crônicas). (13/19). 224 p. br. 6$. (6.ª ed. 4/39). **José Olympio.**

CAMPOS (Humberto de). — Fragmentos de um diário. Obra postuma. Organizada por Henrique de Campos. (13/19). 272 p. br. 7$. (4/39). **José Olympio.**

CAMPOS (Humberto de). — Lagartas e libélulas. Rev. por Henrique de Campos. (13/19). 214 p. br. 6$. (4.ª ed. 10/39). **José Olympio.**

CAMPOS (Humberto de). — Os párias. (Crônicas). (13/19). 246 p. br. 6$. (8.ª ed. 4/39). **José Olympio.**

CAMPOS (Humberto de). — Um sonho de pobre. (13/19). 212 p. br. 6$. (2.ª ed. 11/39). **José Olympio.**

CARVALHO (Tito). — Bulha d'arroio. (Páginas serrano-catarinenses). (14/19). 209 p. br. (9/39). **Imprensa Oficial, Sta. Catarina.**

CARVOLINA (Agenôra de). — Frutos do pensamento. Pref. C. Tavares Bastos. (14/19). 79 p. br. 6$. (11/39). **Pap. Aliança, Rio.**

CINTRA (Alarico). — Palavras no ar. (Ligeiros trechos radiofônicos, Programa "Festa da vida"). Livro 1.º, Maio 1939. (13/19). 111 p. br. 3$. (5/39). **Mandarino.**

COSTA (Othon). — Conceito e afirmações. Pref. Fidelino de Figueiredo. (13/19). 225 p. br. 6$. (11/39). **Pongetti.**

CRUZ (Estevão). — História universal da literatura. 1.ª parte. Antiguidade Oriental e clássica. (17/24). 416 p. il. cart. 15$. (2.ª ed. 5/39). **Globo.**

DURAND (Will). — Os grandes pensadores. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. do Espirito Moderno. s. 1.ª, vol. 3.º (15/22). 318 p. il. br. 12$. (12/39). **Cia. Ed. Nacional.**

DUTRA (José Soares). — Vae Soli! (13/19). 183 p. br. 5$. (9/39). **Coed. Brasilica.**

FARIA (Octavio). — Três tragedias á sombra da cruz. (14/19). 236 p. br. 6$. (2/39). **José Olympio.**

FEDERAÇÃO das Academias de Letras do Brasil. — Conferencias I. Domingos Barbosa, Raul Monteiro, Basilio de Magalhães, Valdemar de Vasconcellos, Raul de Azevedo, Virgilio Correia Filho e A. Figueira de Almeida. (14/20). 236 p. br. 6$. (2/39). **Briguiet.**

FEDERAÇÃO das Academias de Letras do Brasil. — Machado de Assis. Conferencias de Modesto de Abreu, Cândido Mota Filho, Benjamin Lima, Mário Casasanta e Martim Gomes. (14/20). 223 p. br. 6$. (11/39). **Briguiet.**

FIGUEIREDO (Fidelino de). — Aristarchos. Quatro conferencias sôbre metodologia da crítica literaria. Col. do Departamento de Cultura, 23. (16/23). 117 p. br. 6$. (9/39). **Depart. Cultura, S. Paulo.**

FRANCO (Afonso Arinos de Melo). — Idéia e tempo. (Crônicas e crítica). (14/20). 173 p. br. 6$. (8/39). **Cultura Moderna.**

FREITAS (Bezerra de). — História da literatura brasileira. Curso Complementar. (14/19). 332 p. il. cart. 10$. (3/39). **Globo.**

FREITAS (Luiz Paula). — Perfil de Machado de Assis. (14/19). 46 p. il. br. (12/39). **Centro Carioca.**

GONDIM (Isaac). — Reeduquemo-nos. (14/23). 128 p. br. 10$. (1938-4/39). **Distr. Civilização.**

GUASTINI (Mário). — Na caravana da vida. (13/19). 384 p. br. 10$. (10/39) **Pongetti.**

GUSTAVO (Paulo). — Cem receitas para o amor. Il. Ivan Trigal e Edson Coutinho. (13/19). 173 p. br. 6$. (11/39-1940). **Civilização.**

LANTEUIL (Henri de). — O Paraguai intelectual. Bibl. Pan-Americana, 1. (16/21). 24 p. br. 2$. (8/39). **Rio.**

LANTEUIL (Henri de). — La poésie américaine d'Arnaldo Nunes. Bibl. Pan-Americana, 2. (14/19). 47 p. br. (12/39). **Rio.**

LINS (Alvaro). — História literária de Eça de Queiroz. (13/19). 314 p. br. 10$. (11/39). **José Olympio.**

LYRA FILHO (João). — A voz que precedeu a escola. (13/19). 144 p. br. 5$. (7/39). **Alba.**

MACEDO (Sergio D. T.). — A literatura do Brasil colonial. (Introdução ao estudo da literatura brasileira). (14/19) 112 p. br. 5$. (2/39). **Brasilia Ed.**

MACHADO (Raul). — Dansa de ideias. (13/19). 213 p. br. 6$. (8/39). **A Noite.**

MAGALHÃES (Adelino). — Plenitude. (14/19). 202 p. br. 5$. (1938-2/39). **Coop. Cultural Guanabara.**

MAGALHÃES (Fernando), RICARDO (Cassiano), MONIZ (Edmundo). — O escandalo literario da Academia. Col. Piblicações do Momento. (16/21). 46 p. br. 1$500. (6/39). **Norte Ed.**

MARTINS (Mário). — Vida. (Crônicas, estudos, biografias). (13/19). 195 p. br. 5$. (10/39). **Coed. Brasilica.**

MATOS (Mário). — Machado de Assis. O homem e a obra. Os personagens explicam o autor. Série Brasiliana, 153. (13/19). 454 p. il. br. 14$. (6/39). **Cia. Ed. Nacional.**

MENDONÇA (Lucio de). (Juvenal de Gavarni). — Caricaturas instantâneas. Il. Julião Machado. (13/19). 191 p. br. 6$. (12/39). **A Noite.**

MILLIET (Sergio). — Ensaios. (13/18). 252 p. br. 10$. (1938-1/39). **Soc. Impr. Brasileira, S. Paulo.**

MONTALVÃO (Daniel de). — Analfabetos ilustres. (14/19). 230 p. br. 8$. (12/39). **Ed. Autor, S. Paulo.**

MORAIS (B. Bueno de). — Falas do coração. (14/19). 130 p. br. 5$. (7/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

MOTA (Leonardo). — A "padaria" espiritual. (13/19). 192 p. br. 8$. (1938-6/39). **Edésio-Ed.**

MURAT (Tomás). — O sentido das máscaras. Pref. Saul de Navarro. (13/19). 175 p. br. 6$. (8/39). **Pongetti.**

MEDEIROS (Fernando Saboia de). — Anthero de Quental. (Técnica e inspiração de seus sonetos). (14/19). 402 p. br. 15$. (1/39). **A Noite.**

NABUCO (Joaquim). — Escritos e discursos literarios. (14/20). 297 p. br. 15$. (5/39). **Cia. Ed. Nacional.**

NEVES (Berilo). — Caminho de Damasco. (Crônicas e fantasias). (13/19). 226 p. br. 6$. (2/39). **Civilização.**

NINITCH (Zoran). — O romance da palavra saudade. A epopeia de uma palavra. (12/18). 50 p. br. 3$. (8/39). **Jornal do Comercio.**

NÓBREGA (Melo). — Olavo Bilac. (Obra premiada pela Academia Brasileira de Letras). (13/19). 149 p. br. 6$. (10/39). **Coed. Brasilica.**

ORNELLAS (Manoelito de). — Vozes de Ariel. (13/19). 145 p. br. 6$. (6/39). **Globo.**

PAPINI (Giovanni). — Palavras e sangue. Trad. Mário Quintana. Col. Nobel, 6. (14/19). 297 p. br. 7$. (Nova Ed. 10/39). **Globo.**

PAULO (Diva). — Porque se revoltam os homens? (13/19). 184 p. br. 6$. (7/39). **Pongetti.**

PENAFIEL (Alvaro). — Geração decisiva. (13/19). 166 p. br. 6$. (5/39). **Schmidt.**

PENALVA (Gastão). — Rajada de glorias. Crônicas do mar. (13/19). 372 p. br. 10$. (4/39). **A Noite.**

PINHO (Mauricio). — Um livro diferente. Il. Yvonne Visconti Cavalleiro, H. Cavalleiro, Calmon, Alceu, J. Carlos, Mario Pacheco e Seth. (14/19). 193 p. br. 10$. (12/39-1940). **Coelho Branco.**

POMPEIA (Raul). — Canções sem metro. Col. Vida Literaria. Dir. Eloy Pontes. (12/17). 109 p. br. 4$. (6/39). **Mandarino.**

PRINA (Carlo). — A personalidade e as obras de Trilussa. Comentadas com a citação de 120 das suas melhores poesias humoristicas. Trad. Diversos. (14/19). 166 p. br. 8$. (11/39) **Rev. dos Tribunais.**

RICARDO (Cassiano). — A Academia e a poesia moderna. (13/19). 180 p. br. 5$. (9/39). **Rev. dos Tribunais.**

SERAINE (Florival). — Cultura brasileira. (Ensaios). (13/19). 127 p. br. 6$. (1938-4/39). **Edésio-Ed.**

SETUBAL (Paulo). — Confiteor. (13/19). 240 p. br. 6$. (6.ª ed. 1938-2/39). **Cia. Ed. Nacional.**

SILVA (De Placido e). — Histórias do Macambira. Il. Guido Viário e João Tarnin. (14/19). 210 p. br. 6$. (3/39). **G. Carvalho.**

SOARES (Murilo Souza). — Pretos velhos e caboclos. Il. e adaptado por Justinos. (14/20). 32 p. br. 2$. (8/39). **Of. S. Benedito, Rio.**

TEIXEIRA (Lanzuerhy Machado). — Páginas esparsas. (14/19). 150 p. br. 6$. (10/39). **Pap. Velho.**

TOURINHO (Eduardo). — Os ultimos dias de Oscar Wilde e outros estudos. Des. de Plinio de Almeida. (13/19). 172 p. br. 6$. (1938-6/39). **Cia. Ed. e Gr. da Bahia.**

VIANNA (Godofredo). — Ocasião de pecar. (Cartas frivolas). (13/19). 210 p. br. 7$. (11/39). **José Olympio.**

VICTOR (Manoel). — Seis horas... Ave Maria!... (Crônicas irradiadas pela Rádio Bandeirante). (13/19). 116 p. br. 5$. (4/39). **Rev. dos Tribunais.**

ZWEIG (Stefan). — Encontros com homens, livros e paizes. Trad. Milton Araujo. Ed. Uniforme, 10. (15/22). 418 p. enc. 25$. (Nova ed. 10/39). **Guanabara.**

B. 2.) TEXTOS DE ESTUDOS (Literatura Antiga e Moderna)

CASTRO (Alfredo de Assis). — A linguagem das Sextilhas de Frei Antão. (13/19). 239 p. br. 7$. (12/39). **I. Amorim, Rio.**

CINTRA (Geraldo de Ulhôa). — Textos arcaicos. 4.ª série. (14/19). 111 p. br. (9/39). **S. Paulo, Ed.**

CORMENIN, TIMON (M. De). — Colóquios aldeões. Versão de Antônio Feliciano de Castilho. Adaptação pref. e notas de Antônio Lages. Col. Livros de Sempre, s. II, Estudos do Vernaculo, 1. (15/24). 290 p. br. 7$. (9/39). **Vecchi.**

B. 3.) POESIA

ALMEIDA (Ermelinda Amazonas de). — Vibrações. (18/12). 68 p. br. 5$. (1938-1/39). **Ed. Autora, Pará.**

ALMEIDA (Jessé de). — A vida pelo amor. (16/21). 112 p. br. 10$. (11/39). **H. Antunes.**

ALMEIDA (Pacheco de). — Cantos dispersos. (14/19). 159 p. br. 5$. (10/39). **Coelho Branco.**

ALVARENGA (Oneida). — A menina boba. (14/20). 101 p. br. 5$. (1938-7/39). **Rev. dos Tribunais.**

AMARO (Austen). — Poemetos á feição do Oriente. Il. Stella Henriot. (12/18). 184 p. br. 10$. (2/39). **José Olympio.**

ANJOS (Augusto dos). — Eu e outras poesias. Com um estudo de Antonio Torres sobre o poeta. (13/19). 271 p. br. 7$. (9.ª ed. 5/39). **Bedeschi.**

APLECINA. — Na minha torre de legenda. (14/20). 144 p. br. 7$. (6/39). **Saraiva.**

BABO (Lamartine). — Lamartiniadas. (19/18). 71 p. br. 6$. (4/39). **I. Muniz, Rio.**

BARBARA (Julieta). — Dia garimpo. Carta-pref. Raul Bopp. Des. Julieta Barbara. (13/19). 67 p. br. 5$. (9/39). **José Olympio.**

BURLAMAQUI (Anibal). — O meu delirio. (13/19). 102 p. br. 7$. (1/39). **Civilização.**

CAMELO (C. Neri). — Poemas do meu sertão. (13/19). 195 p. br. 6$. (5/39). **Batista de Souza, Rio.**

CARMILO (Eduard). — Arvore de natal. Poemas em prosa. (16/23). 152 p. br. 12$. (1938-2/39). **L. Minervino, S. Paulo.**

CAVALCANTI (De Lins). — Meu sacrario. Pref. Menotti Del Picchia. (14/19). 146 p. br. 6$. (5/39). **Brasilia Ed.**

CEARENCE (Catullo da Paixão). — Um caboclo brasileiro. (13/19). 199 p. br. 7$. (11/39). **A Noite.**

CEARENCE (Catullo da Paixão). — Poemas bravios. (13/19). 279 p. br. 6$ (Nova ed. 5/39). **Bedeschi.**

CEARENCE (Catullo da Paixão). — Sertão em flor. Pref. Mário de Alencar. (13/19). 256 p. br. 6$. (6.ª ed. 6/39). **Bedeschi.**

CEARENCE (Catullo da Paixão). — O sol e a lua. Pref. Salles Filho, J. P. Porto-Carrero e Georges Dumas. (14/19). 112 p. br. 6$. (2.ª ed. 5/39). **A Noite.**

COIMBRA (J. M.). — Névoas do caminho. (14/20). 62 p. br. (6/39). **Ed. Elo, S. Paulo.**

CRUZ (Manoel Gonçalves). — Sombras do ocaso. (13/18). 109 p. (9/39). **Diario Oficial, Niterói.**

CRUZ (Mario). — Cânticos bárbaros. (Poesia. 1.º premio da Academia Brasileira de Letras. (13/19). 143 p. br. 6$. (5/39). **A Noite.**

DELFINO (Luiz). — Esboço da epopéa americana. (13/19). 213 p. br. 6$. (5/39). **Pongetti.**

DIAS (A. Gonçalves). — Poesias americanas e Os Timbiras. (13/19). 224 p. br. 6$. (3/39). **Zello Valverde.**

DIAS (Idalina Peçanha). — Quando as árvores florescem. (13/19). 115 p. br. 5$. (5/39). **Globo.**

FARIA (J. Machado de). — Tamandaré. Poema heroico. (12/18). 27 p. br. (12/39). **Pongetti.**

FERREIRA (Ascenso). — Canna caiana. Il. Luis. Harmonisações musicais de Souza Lima. (17/23). 72 p. br. 7$. (12/39). **José Olympio.**

FERRER (José Miguel). — Cuarta dimension. Poemas. (14/24). 45 p. br. **Pongetti.**

GUIMARÃES (João). — Beijos e rosas para o meu amor. (Poemas em prosa). (13/18). 80 p. br. 3$. (10/39). **O. Mendes Junior.**

GUSTAVO (Paulo). — Se a minha vida fosse um lago. (13/19). 192 p. il. br. 6$. (1/39). **Civilização.**

HADDAD (Jamil Almansur). — Orações negras. (14/20). 180 p. il. br. 8$. (1/39). **Ed. Record, S. Paulo.**

IZABEL (Maria). — Missal de sonhos. (10/24). 98 p. br. 4$. (1938-5/39). **Ed. Você Sabe, Rio.**

LOBO (Antônios). — Ticyu. (12/18). 44 p. br. 3$. (5/39). **Pongetti.**

MAGALHÃES (D. J. G.). — Obras completas. Vol. II. Suspiros poeticos e saudades. Ed. anotada por Souza da Silveira. Pref. literario por Sergio Buarque de Holanda. (17/24). 386 p. br. 7$. (12/39). **Ministério da Educação.**

MARIANNO (Olegario). — O enamorado da vida. (13/19). 204 p. br. 6$. (2.ª ed. 1/39). **Guanabara.**

MELO (Benedita de). — Lanterna acesa. (13/19). 98 p. br. 5$. (5/39). **Alm. Laemmert, Rio.**

MELLO (J. T. Ferreira de). — Em lá menor. (13/19). 158 p. il. br. (10/39). **Cia. Ed. Americana.**

MENDES (Emilio). — Ensaios poéticos. (14/19). 46 p. br. 2$. (1938-2/39). **Jornal do Brasil.**

MENDONÇA (Gamaliel de). — Magnus dolor. (16/23). 128 p. br. 8$. (2.ª ed. 7/39). **Jornal do Comercio.**

MILANO (Attilio). — Panegírico da morte. (13/18). 132 p. br. 7$. (2/39). **Schmidt.**

MORAIS (Mauricio de). — Quando as estrêlas descerem... (14/19). 120 p. br. 6$. (4/39). **Cultura Moderna.**

MOURÃO (Melo). — Poesia do homem. (13/19). 166 p. br. 6$. (1938-6/39). **Ariel.**

MUNIZ (Delcio). — Preces e blasfemias. (14/19). 75 p. br. 5$. (10/39). **Pap. Velho.**

NASCIMENTO (Faustino). — Ritmos do novo continente. (17/23). 149 p. br. 10$. (12/39). **Civilização.**

NUNES (Arnaldo). — America. (14/18). 87 p. br. 4$. (2.ª ed. 10/39). **Coelho Branco.**

OLIVEIRA (Maciel). — Ternuras líricas. (13/19). 55 p. br. (12/39). **Pongetti.**

OVIDIO. — Arte de Amar. Trad. Antônio Feliciano de Castilho. Atualização ortográfica, notas e pref. de Antônio Lages. Col. Livros de Sempre, s. I, vol. 1. (14/23). 128 p. br. 5$. (4/39). **Vecchi.**

PACHECO (Freitas). (Jacy Pacheco). — Planicie. (13/19). 81 p. br. 4$. (10/39). **Pongetti.**

QUEIROZ (Wenceslau). — Rézas do Diabo. Livro póstumo. (14/20). 146 p. br. 6$. (2/39). **Rev. dos Tribunais.**

RAMALHO (J.). — A catedral. (14/20). 82 p. br. 4$. (6/39). **Batista de Souza.**

REBORDÃO (Herculano). (Souto da Casa). — Auto do tempo novo. (No oitavo centenario de Portugal). Il. Eduardo Malta e Nestor Genelício. (14/19).

REIS JUNIOR (Pereira). — Delirio de pan. Il. Osvaldo Teixeira. (16/23). 25 p. br. 10$. (12/39). **Tip. W. Grossman, Rio.**

RIBEIRO (Iveta). — Meu livro de orações. (13/19). 89 p. br. 5$. (7/39). **Borsoi.**

ROSSI (Mario). — Crômos sentimentais... Poemas para lêr e esquecer. (13/19). 120 p. br. 5$. (3/39). **Alba.**

RUBIÃO (Eugenio). — Nos caminhos do evangelho. (13/19). 72 p. br. 4$. (2/39). **Pongetti.**

SANDERS (Ricardo). — Der andarin. Gedichte eines abenteurers. (13/19). 196 p. br. 10$. (4/39). Of. Gr. Globo.
SANTOS (Generino dos). — Espolio literário de Generino dos Santos. Humaniadas, vol. 8.º, O mundo. A humanidade. O homem. Poemas Dantescos. Ed. popular. (17/24). 151 p. il. br. 8$. (1938-8/39). Jornal do Comercio.
SENA (Marcelo de). — Elegia de Abril. (14/19). 150 p. br. 8$. (8/39). Impr. Oficial, B. Horizonte.
SILVA (Cavalcanti e). — Procissão dos sonhos. (14/19). 229 p. br. 8$. (12/39). Imp., Di Pauli, Rio.
SILVEIRA NETTO. — Margens do Nhundiaquara. Poema regional. 1935-1938. (13/19). 85 p. br. (8/39). Pongetti.
SIQUEIRA (Nóbrega de). — Canto ao Brasil novo. (13/19). 105 p. br. 5$. (6/39). Civilização.
SISNANDO (Jáime). — Alma boêmia. (14/19). 70 p. br. 5$. (9/39). Alm. Laemmert.
SOUZA (Aldebarân de). — Aurora velada. (14/19). 88 p. br. 6$. (9/39). Alba.
STAMATO (Yonne). — Porque falta uma estrela no céu. (17/24). 110 p. br. 9$. (10/39). Graphicars, S. Paulo.
TAGORE (Rabindranath). — O Gitanjali. Trad. Guilherme de Almeida. (13/19). 109 p. br. 10$. (2.ª ed. 11/39). José Olympio.
TAGORE (Rabindranath). — O jardineiro. Trad. Guilherme de Almeida. (13/19). 179 p. br. 12$. (12/39). José Olympio.
TAVARES (Adelmar). — O caminho enluarado. (13/19). 142 p. br. 5$. (3.ª ed. 4/39). Freitas Bastos.
TAVARES (Odorico). — A sombra do mundo. (16/23). 69 p. br. 6$. (10/39). José Olympio.
TOTTA (Mario). — Meu canteiro de saudades. (13/18). 38 p. br. 5$. (6/39). Globo.
TRAVASSOS (Renato). — Meus filhos. (13/19). 127 p. br. 8$. (6/39). Zelio Valverde.
VARELLA (Fagundes). — Anchieta ou O evangelho nas selvas. (13/19). 254 p. br. 6$. (1/39). Zelio Valverde.
WUCHERER (Armando). — Canções do tédio. Col. Autores Alagoanos, 7. (15/22). 99 p. br. 5$. (12/39). Casa Ramalho.

B. 4.) TEATRO

AZEVEDO (Luiz Heitor Corrêa de). — Relação das óperas de autores brasileiros. (17/24). 116 p. il. br. 1$500. (1938-1/39). Ministério da Educação.
BATISTA JUNIOR, CHAVES (Agenor). — Coitado do Xavier. Comédia em 3 átos. Col. Teatro Brasileiro, 39. (11/16). 56 p. br. 2$. (8/39). S. B. A. T.
CAMARGO (Joracy). — Deus lhe pague... (Comedia em 3 átos. (13/19). 175 p. br. 5$. (6.ª ed. 12/39). Ed. Minerva.
CELIA (Maria). — Radio-sketches. (16/23). 183 p. br. 6$. (2.ª ed. 11/39). Muniz Ests. Gr., Rio.
FORNARI (Ernani). — Iaiá Boneca. Comédia em 4 átos. Il. Hipolito Collomb. Col. Brasileira de Teatro, s. A — Vol. I. (16/23). 237 p. br. 5$. (6/39). Ministério da Educação.
GOMES (A. Carlos). — O escravo. Versão e adaptação brasileiras de C. Paula Barros segundo o original italiano de Rodolfo Paravicini. Col. Brasileira de Teatro, s. C — vol. II. (19/28). 130 p. br. 2$. (10/39). Ministério da Educação.
GOMES (Alfredo Dias). — A comédia dos moralistas. (Peça em 3 átos). (13/19). 75 p. br. 5$. (5/39). Fenix Gr., Bahia.
MAGALHAES (Paulo de). — Simplicio Pacáto. Comédia em 3 átos. Col. Teatro Brasileiro, 38. (11/16). 58 p. br. 2$. (8/39). S. B. A. T.
MAGALHAES JUNIOR (R.). — O homem que ficou e A mulher que todos querem. (13/19). 342 p. br. 8$. (1/39). A Noite.
MAGALHAES JUNIOR (R.). — Um judeu. Comédia dramatica em 3 átos. (13/19). 149 p. br. 6$. (10/39). A Noite.
MAGALHAES JUNIOR (R.). — O testa de ferro. Comédia em 3 átos. Col. Teatro Brasileiro, 40. (11/16). 52 p. br. 2$. (10/39). S. B. A. T.
MOLIÈRE. — As sabichonas. Trad. Castilho. 14/19). 224 p. br. 10$. (1/39). Mandarino.
PROCÓPIO. — O ator Vasques. O homem e a obra. (16/24). 512 p. il. br. 20$. (2/39). J. Magalhães, S. Paulo.
RACINE (J.). — Esther. Tragedia tirada da escritura sagrada. Trad. e il. Jenny Klabin Segall. (14/19). 98 p. br. 7$. (12/39). Athena.
SILVA. "O Judeu" (Antônio José da). — Anfitrião ou Jupiter e Alemena e Guerras do Alecrim e Mangerona. (13/19). 270 p. br. 5$. (12/39). A Noite.
VOLTAIRE. — Cândido ou O otimista. Trad. Jorge Silva. (14/20). 152 p. cart. 9$. (1/39). Athena.

B. 5.) ROMANCES. NOVELAS. LENDAS.

ALENCAR (José de). — Cinco minutos. Nossa Col., 27. (10/14). 256 p. br. 2$. (8/39). Emp. Ed. Brasileira.
ALENCAR (José de). — O ermitão da Gloria. Nossa Col., 19. (10/24). 256 p. br. 2$. (5/39). Emp. Ed. Brasileira.
ALVES (Mário). — Caixa Economica. (14/19). 120 p. br. 6$. (8/39). Tip. Naval, Bahia.
AMBRA (Lucio D'). — Oficio de marido. Trad. Elias Davidovich. (14/19). 272 p. br. 7$. (1/39). Vecchi.
ARANHA (Graça). — Chanaan. Obras Completas, 1. (13/19). 276 p. br. 9$. (8.ª ed. 8/39). Briguiet.
ARDEL (Henri). — A dôr de amar. Trad. Sara Pinto de Almeida. Bibl. das Moças, 64. (13/19). 302 p. br. 4$. (8.ª ed. 6/39). Cia. Ed. Nacional.
AUTUORI (Luiz). — Miserere! (14/19). 215 p. br. 6$. (6/39). Federação Espirita.
AZEVEDO (Aluizio). — A condessa Vêsper. Obras Completas, 3. (13/19). 430 p. br. 10$. (6.ª ed. 8/39). Briguiet.
AZEVEDO (Aluizio). — O cortiço. Pref. N. Nogueira da Silva. Obras Completas, 9. (13/19). 304 p. br. 8$. (8.ª ed. 5/39). Briguiet.
AZEVEDO (Aluizio). — O esqueleto. (Mistério da Casa de Bragança). (13/19). 107 p. br. 5$. (2.ª ed. 5/39). Briguiet.
AZEVEDO (Aluizio). — Girândola de amores. Publ. com o titulo: Mistério da Tijuca. Literatura dos vinte anos. Obras Completas, 4. (13/19). 380 p. br. 10$. (4.ª ed. 12/39). Briguiet.
AZEVEDO (Aluizio). — Uma lágrima de mulher. Notas de N. Nogueira da Silva. Obras Completas, 1. (13/19). 138 p. br. 6$. (4.ª ed. 8/39). Briguiet.
BARBOSA (Josefina Sarmento). — Perola falsa. (13/19). 238 p. br. 6$. (5/39). Cia. Ed. Nacional.
BARRETO (Antonio). — Mocambo. Pref. Agamemnon Magalhães. (17/24). 154 p. br. 8$. (11/39). Livr. Universal.
BELEZA (Newton). — Mulhér sem marido. (13/19). 212 p. br. 6$. (10/38-1/39). Pongetti.
BELOT (Adolfo). — A mulher de fogo. Trad. Nossa Col., 24. (10/14). 238 p. br. 2$. (8/39). Emp. Ed. Brasileira.
BOEMER (Pedro dos Santos). — Valor e nobreza. (Novela transcendental). (13/19). 223 p. br. 5$. (6/39). Ed. Morais, S. Paulo.
BRANCO (Camillo Castello). — Amor de perdição. Nossa Col., 18. (10/14). 256 p. br. 2$. (5/39). Emp. Ed. Brasileira.
CAMPOS (Flavio de). — Planalto. (13/19). 392 p. br. 10$. (10/39). José Olympio.
CARNEIRO (Cecilio J.). — Memórias de cinco. (O drama dos médicos nôvos). (14/19). 236 p. br. 7$. (11/39). Vecchi.
CARVALHO (José Cândido de). — Olha para o céu, Frederico. (Romance do açucar da Baixada Fluminense). (14/19). 181 p. br. 6$. (7/39). Vecchi.
CESAR (Guilhermino). — Sul. (13/19). 224 p. br. 8$. (5/39). José Olympio.
CHAMPFLEURY (Guy de). — Surprezas da vida. Trad. Ligia Estrada. Col. das Senhorinhas. (13/19). 221 p. br. 4$. (Nova ed. 8/39). Emp. Ed. Brasileira.

CHANTEPLEURE (Guy de). — Beijo ao luar. Trad. Bibl. das Moças, 13. (13/19). 252 p. br. 4$. (1.ª ed. 4/39). **Cia. Ed. Nacional.**
CHRISTIE (Agatha). — As quatro potencias do mal. Trad. Marina Guaspari. Col. Amarela. (13/19). 240 p. br. 5$. (2/39). **Globo.**
CHRISTIE (May). — A eterna Eva. Trad. Tati A. de Azevedo (Melo). Bibl. das Moças, 66. (13/19). 240 p. br. 4$. (10/39). **Cia. Ed. Nacional.**
CONRAD (Joseph). — Lord Jim. Trad. Mario Quintana. Col. Nobel, 19. (14/19). 328 p. br. 8$. (7/39). **Globo.**
CONSCIENCE (Henrique). — Sepultura de ferro. Col. Para as Nossas Filhas. (12/17). 308 p. br. 3$500. (10/39). **Getulio M. Costa.**
CONSTANTINO (Antonio). — A casa sôbre areia. (13/19). 208 p. br. 6$. (3/39). **José Olympio.**
CORDEIRO (Cruz). — Uma sombra que desce. (14/20). 254 p. br. 8$. (4/39). **Cultura Moderna.**
CORREIA (Noêli). — Lagedo. (13/19). 128 p. br. 6$. (11/39). **Livr. Escolar.**
COSTA (Othon). — Resurreição. (14/19). 111 p. br. 4$. (7/39). **J. R. de Oliveira.**
COUTINHO (Galeão). — Memórias de Simão, o Caôlho. (14/19). 261 p. br. 7$. (2.ª ed. 11/39). **Cultura Brasileira.**
COUTINHO (Galeão). — A vida apertada de Eunapio Cachimbo. (13/19). 239 p. br. 7$. (10/39). **José Olympio.**
COUTO (Ribeiro). — Cabocla. (13/19). 226 p. br. 6$. (2.ª ed. 7/39). **Cia Ed. Nacional.**
CRONIN (A. J.). — A cidadela. (O romance de um médico). Trad. Genolino Amado. (15/23). 408 p. br. 18$. (2/39). (4.ª ed. 405 p. 7/39). **José Olympio.**
CRONIN (A. J.). — Sob a luz das estrelas. Trad. Rubem Braga. (13/19). 365 p. br. 12$. (11/39). **José Olympio.**
DAVIDOVICH (Elias). — Uns homens que eram deuses. II. Santa Rosa. (14/19). 231 p. br. 7$. (6/39). **Vecchi.**
DEKOBRA (Maurice). — A madona dos trens noturnos. Trad. rev. Gustavo Barroso. (14/19). 252 p. br. 7$. (5/39). **Vecchi.**
DELLY (M.) — Alma em flor. Trad. Paulo de Freitas. Bibl. das Moças, 70. (13/19). 223 p. br. 4$. (12/39). **Cia. Ed. Nacional.**
DELLY (M.). — Corações inimigos. Trad. Ligia Estrada. Col. das Senhorinhas. (13/19). 239 p. br. 4$. (3.ª ed. 10/39). **Emp. Ed. Brasileira.**
DELLY (M.). — Escrava ou rainha? Trad. Paulo de Freitas. Bibl. das Moças, 26. (13/19). 213 p. br. 4$. (Nova ed. 5/39). **Cia. Ed. Nacional.**
DELLY (M.). — Lady Shesbury. Trad. Ligia Estrada. (13/19). 240 p. br. 4$. (3.ª ed. 1/39). **Emp. Ed. Brasileira.**
DELLY (M.). — Marysia. Trad. Ligia Estrada. (13/19). 224 p. br. 4$. (2.ª ed. 1/39). **Emp. Ed. Brasileira.**
DELLY (M.). — Meu vestido côr do céu. Trad. Tito Marcondes. Bibl. das Maças, 67. (13/19). 240 p. br. 4$. (10/39). **Cia. Ed. Nacional.**
DELLY (M.). — Ondina de Capdeuilles. Trad. Ligia Estrada. Col. das Senhorinhas. (13/19). 240 p. br. 4$. (2.ª ed. 9/39). **Emp. Ed. Brasileira.**
DELLY (M.). — Orietta. Trad. Ligia Estrada. Col. das Senhorinhas. (13/19). 240 p. br. 4$. (3.ª ed. 6/39). **Emp. Ed. Brasileira.**
DELLY (M.). — Sonho de amor. Trad. Col. Romantica, 1. (14/19). 192 p. br. 5$. (6/39). **Mandarino.**
DINIS (Julio). — Os fidalgos da Casa Mourisca. (14/19). 296 p. br. 5$. (1/39). **Ed. e Publ. Brasil.**
DUMAS (Alexandre). — Atroz aventura. Trad. Nossa Col. (10/14). 286 p. br. 2$. (3/39). **Emp. Ed. Brasileira.**
DUMAS (Alexandre). — A tulipa negra. Trad. Nossa Col., 28. (10/14). 270 p. br. 2$. (10/39). **Emp. Ed. Brasileira.**
DUMAS (Alexandre). — A vida aos vinte anos. Trad. Nossa Col. 23. (10/14). 237 p. br. 2$. (8/39). **Emp. Ed. Brasileira.**
ESCRICH (H. Perez). — O cura da aldeia. Trad. rev. José Mendes da Fonseca. Col. O Romance Popular. (17/24). 395 p. br. 10$. (8/39). **Ed. e Publ. Brasil.**
ESCRICH (H. Perez). — Paixão que ressuscita. Trad. Nossa Col., 20. (10/14). 256 p. br. 2$ (5/39). **Emp. Ed. Brasileira.**
FARHAT (Emil). — Cangerão. (13/19). 211 p. br. 6$. (10/39). **José Olympio.**
FARIA (Otávio de). — Tragedia burguesa II. Os caminhos da vida. (Mundos mortos II). (13/19). 2 vols. 322-293 p. br. 15$. (8/39). **José Olympio.**
FARIAS (Josefa de). — Os amores de Nassau. (14/19). 197 p. br. 6$. (5/39). **A Noite.**
FEUILLET (Otávio). — Romance de um moço pobre. Trad. Nossa Col., 25. (10/14). 250 p. br. 2$. (8/39). **Emp. Ed. Brasileira.**
FIGUEIREDO (Guilherme). — Trinta anos sem paisagem. (13/19). 248 p. br. 7$. (6/39). **José Olympio.**
FLETCHER (J. S.). — Um cadaver no jardim. Trad. Justino Martins. Col. Amarela. (13/19). 230 p. br. 5$. (2/39). **Globo.**
FÖLDES (Jólan). — Caso-me. Trad. e pref. Antônio Lages. (13/19). 262 p. br. 8$. (12/39-1940). **Vecchi.**
FOWLER (Guy). — O amor nunca morre. Trad. Azevedo Amaral. Bibl. das Moças, 5. (13/19). 240 p. br. 4$. (2.ª ed. 5/39). **Cia. Ed. Nacional.**
FRANCA (Antonio). — Sexto propercio. (13/19). 102 p. br. 5$. (3/39). **Pongetti.**
GIDE (André). — Os moedeiros falsos. Trad. Alvaro Moreyra. (14/19). 380 p. br. 10$. (3/39). **Vecchi.**
GLYN (Elinor). — Ambição de uma mulher. Trad. Eliza Kiehl. Bibl. da Mulher Moderna, 17. (13/19). 267 p. br. 6$. (8/39). **Civilização.**
GLYN (Elinor). — Ressuscitada pelo amor. Trad. Aloy Bobbe. Bibl. da Mulher Moderna. (13/19). 320 p. br. 6$. (1/39). **Civilização.**
GLYN (Elinor). — Seis dias de amor. Trad. Paulo de Freitas. Bibl. das Moças. (13/19). 264 p. br. 4$. (Nova ed. 4/39). **Cia. Ed. Nacional.**
HAGGARD (H. Rider). — Ella. Trad. Adriano de Abreu. Col. Para-todos. (13/19). 292 p. br. 5$. (4/39). **Cia. Ed. Nacional.**
HAGGARD (H. Rider). — A volta de Ella. Trad. Cordelia Marcondes dos Santos. Bibl. Para-todos. (13/19). 325 p. br. 5$. (4/39). **Cia. Ed. Nacional.**
HERCULANO (Alexandre). — Eurico(o presbitero. Nossa Col., 22. (10/14). 254 p. br. 2$. (6/39). **Emp. Ed. Brasileira.**
HORLER (Sydney). — Vivanti. Trad. Lilia Guaspari. Col. Amarela, 72. (13/19). 208 p. br. 5$. (4/39). **Globo.**
HUGO (Victor). — Dôr suprema. Psicografada por Zilda Gama. (13/18). 2 vols. 694 p. br. 14$. (7/39). **Federação Espirita.**
HUGO (Victor). — Na sombra e na luz. Psicografada por Zilda Gama. (13/19). 372 p. br. 7$. (5.ª ed. 8/39). **Federação Espirita.**
HUGO (Victor). — Os trabalhadores do mar. Trad. MACHADO DE ASSIS. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 1. (13/19). 390 p. br. 12$. (2.ª ed. 6/39). **Pongetti.**
HUXLEY (Aldous). — Contraponto. Trad. Erico Verissimo. Col. Nobel, 10. (14/19). 692 p. br. 15$. (Nova ed. 9/39). **Globo.**
JERGER (Joseph A.). — Doutor, aqui está o seu chapéu. (Autobiografia de um médico de familia). Trad. Tasso da Silveira. (13/19). 379 p. br. 12$. (11/39). **José Olympio.**
LAUNAY (Pierre-Jean). — A bem-aventurada. (Prix Renaudot, 1938 - França). Trad. Dias da Costa e Abelardo Romero. (13/19). 180 p. br. 6$. (11/39). **Vecchi.**
LEAL (Alberto). — Cáis de Santos. (13/19). 212 p. br. 6$. (8/39). **Coop. Cultural Guanabara.**
LILLES (Mme. Des.). — Primavera da vida. Trad. Ana Wey Meyer. Rev. Haidée N. Isac Lima. Col. das Senhorinhas. (13/19). 224 p. br. 4$. (8/39). **Emp. Ed. Brasileira.**
LIMA (Jorge de). — A mulher obscura. (13/19). 300 p. br. 8$. (12/39). **José Olympio.**

MACHARD (Alfred). — A mulher de uma noite. Trad. Sara Pinto de Almeida. Bibl. da Mulher Moderna, 18. (13/19). 308 p. br. 6$. (8/39). Civilização.

MALOT (Hector). — Sem familia. Trad. (14/19). 224 p. br. 7$. (4/39). Mandarino.

MARÇAL (Heitor). — Estrêla perdida no fundo da noite... (14/19). 110 p. br. 5$. (7/39). Schmidt.

MARG. — Que salga el sol. (12/18). 234 p. br. 6$. (10/39). Jornal do Comercio.

MARLLIT (Suzanne). — No castelo dos sonhos. Trad. Ana W. Meyer| (13/19). 224 p. br. 4$. (1/39). Emp. Ed. Brasileira.

MARLLIT (Suzanne). — Sublime-renuncia. Trad. Ana Wey Meier. Col. das Senhorinhas. (13/19). 221 p. br. 4$. (8/39). Emp. Ed. Brasileira.

MARTINS (Ciro). — Emquanto as aguas correm. (14/19). 196 p. br. 7$. (9/39). Globo.

MAUGHAM (W. Somerset). — Servidão humana. Trad. Antonio Barata. Col. Nobel, 22. (14/20). 701 p. br. (12/39). Globo.

MAUROIS (André). — Bernardo Quesnay. Trad. Aurelio Pinheiro. (13/19). 201 p. br. 7$. (1938-1/39). Pongetti.

MAUROIS (André). — A máquina de ler pensamentos. Trad. Elias Davidovich. (13/19). 193 p. br. 7$. (8/39). Vecchi.

MENDOZA (Diego Hurtado de). — Aventuras de Lazarillo de Tormes. Romance picaresco. Trad. pref. e notas de Antônio Lages. Col. Livros de Sempre, s. III, vol. 1. (15/23). 142 p. il. br. 6$. (12/39). Vecchi.

MERREL (Concordia). — Uma noiva em leilão. Trad. rev. Godofredo Rangel. Bibl. das Moças, 69 (13/19). 356 p. br. 4$. (10/39). Cia. Ed. Nacional.

MIRBEAU (Octave). — O jardim dos suplicios. Trad. A. S. Costa. (14/20). 196 p. br. 6$. (1/39). Mandarino.

MITCHELL (Margaret). — ...E o vento levou. (Gone with the wind). Trad. Francisca de Basto Cordeiro. (15/22). 854 p. br. 25$. enc. 32$. (12/39-1940). Pongetti.

MONT'ALEGRE (Omer). — Vila de Santa Luzia. Il. Augusto Rodrigues. (14/19). 256 p. br. 7$. (2/39). Vecchi.

MONTÉPIN (Xavier de). — Um drama sangrento. Trad. Nossa Col. (10/14). 288 p. br. 2$. (2/39). Emp. Ed. Brasileira.

MONTÉPIN (Xavier de). — O filho infame. Trad. Nossa Col. (10/14). 304 p. br. 2$. (2/39). Emp. Ed. Brasileira.

MONTGOMERY (L. M.). — Anne Shirley. Trad. Iolanda Vieira Martins. Bibl. das Moças, 65. (13/19). 301 p. br. 4$. (6/39). Cia. Ed. Nacional.

MOOG (Vianna). — Um rio imita o Reno. (14/20). 269 p. br. 8$. (10/39 — 2.ª ed. 12/39). Globo.

OCTAVIANO (Manuel). — Emboscadas do destino. (13/19). 185 p. br. 6$. (5/39). Cia. Ed. Americana.

OHNET (Jorge). — Amor que mata. Trad. Nossa Col. (10/14). 256 p. br. 2$. (3/39). Emp. Ed. Brasileira.

OHNET (Jorge). — Ave de rapina. Trad. Nossa Col., 30. (10/14). 251 p. br. 2$. (12/39). Emp. Ed. Brasileira.

PACKARD (Frank L.). — As aventuras de Jimmie Dale. Trad. Leonel Vallandro. Col. Amarela, 76. (13/19). 300 p. br. 5$. (5/39). Globo.

PALHANO (Lauro). — Paracoêra. (13/19). 325 p. br. 10$. (8/39). Schmidt.

PALISSY (Codro). — Eleonora. (13/19). 556 p. br. 8$. (1/39). Federação Espirita.

PEIXOTO (Afranio). — Fruta do mato. (13/19). 311 p. br. 6$. (5.ª ed. 4/39). Cia. Ed. Nacional.

PENA (Cornelio). — Dois romances de Nico Horta. (13/19). 291 p. br. 8$. (8/39). José Olympio.

PEREIRA (Jaime R.). — Renúncia. (13/19). 191 p. br. 6$. (5/39). José Olympio.

PESSOA (Isabel Inah Frota). — Acaraú. (12/18). 136 p. br. 5$. (12/39). Ed. Melhoramentos.

PETRONIO. — Satiricon. Trad. Miguel Ruas. Bibl. Clássica, 30. (14/20). 215 p. cart. 12$. (10/39). Athena.

PIMENTEL (Mattos). — Sandra. (13/19). 192 p. br. 6$. (3/39). Antunes.

PINTO (Olimpio). — Travos da vida. (12/17). 259 p. br. 5$. (Ed. popular 8/39). Antunes.

PITIGRILLI. — O experimento de Pott. Trad. Rubem Ulysséa. (14/19). 234 p. br. 9$. (3.ª ed. 8/39). Vecchi.

Vecchi.

QUEIROZ (Dinah Silveira de). — Floradas na serra. (13/19). 284 p. br. 8$. (9/39 — 2.ª ed. 12/39). José Olympio.

QUEIROZ (Rachel de). — As três Marias. (13/19). 284 p. br. 8$. (8/39). José Olympio.

RACHMANOVA (Alia). — Estudantes, amor, Tscheka e morte. Trad. Felipa Muniz. Col. Nobel, 11. (14/19). 326 p. br. 7$. (Nova ed. 9/39). Globo.

REBELO (Marques). — A estrêla sobe. (13/19). 260 p. br. 8$. (8/39). José Olympio.

REGO (José Lins do). — Ciclo da cana de açucar, 1. Menino do engenho. (13/19). 226 p. br. 7$. (3.ª ed. 2/39). José Olympio.

REGO (José Lins do). — Pedra Bonita. (13/19). 292 p. br. 10$. (2.ª ed. 2/39). José Olympio.

REGO (José Lins do). — Riacho doce. (13/19). 372 p. br. 10$. (9/39). José Olympio.

RIBEIRO NETO (Oliveira). — A vida continua. (13/19). 288 p. br. 10$. (12/39). José Olympio.

RICHEBOURG (Emilio). — Revelação inesperada. Trad. Nossa Col. (10/14). 256 p. br. 2$. (3/39). Emp. Ed. Brasileira.

RODRIGUES (Chiquinha). — Confidências de Suzana. (14/20). 293 p. br. 10$. (11/39). Ed. Autora, S. Paulo.

ROHMER (Sax). — Tóxico! Trad. Juvenal Jacinto. Col. Amarela, 74. (13/19). 326 p. br. 5$. (5/39). Globo.

ROLLAND (Romain). — História de uma consciência. (Clerambault). Trad. Fabio Leite Lobo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 2. (13/19). 293 p. br. 10$. (8/39). Pongetti.

ROSA (Othelo). — A moça loira. (13/19). 174 p. br. 8$. (1/39). Globo

RUCK (Berta). — Noiva oficial. Trad. Col. Romantica, 2. (14/19). 263 p. br. 5$. (Nova Ed. 6/39). Mandarino.

SABATINI (Rafael). — O capitão Blood. Trad. Orlando Rocha. Col. Para-todos. (13/19). 349 p. br. 5$. (Nova ed. 5/39). Cia. Ed. Nacional.

SABATINI (Rafael). — O principe romantico. Trad. Col. Para-todos. (13/19). 404 p. br. 5$. (Nova ed. 5/39). Cia. Ed. Nacional.

SAVAGE (Juanita). — A ilha da paixão. Trad. Lígia Junqueira Smith. Bibl. da Mulher Moderna. (13/19). 288 p. br. 6$. (4/39). Cia. Ed. Nacional.

SIENKIEWICZ (Henryk). — Quo vadis. Trad. Col. Sip. 66. (10/14). 2 vols. 768 p. br. 4$. (1938-1/39). Civilização.

SILVA (De Placido e). — Odios da cidade. (14/19). 402 p. br. 9$. (12/39-1940). Ed. Guaira.

SILVA (Lopes da). — Varenka (14/19). 100 p. br. 5$. (6/39). Ed. Autor, Rio.

SOUZA (Claudio de). — Os infelizes. (13/19). 260 p. br. 6$. (3.ª ed. 5/39). Civilização.

SOUZA (Claudio de). — Terra do Fogo. Impressões de viagem á região do Polo Sul. (13/19). 175 p. br. 5$. (12/39). Distr. Civilização.

SOUZA (Claudio de). — Viagem á região do Polo Norte. (13/19). 275 p. br. 7$. (11/39). Distr. Civilização.

SOUSA JUNIOR (De). — Enquanto a morte não vem. (14/20). 371 p. br. 8$. (8/39). Globo.

TAHAN (Malba). — O Homem que calculava. Il. Felicitas Barreto e Horácio Rubens. (17/24). 238 p. br. 12$. (4.ª ed. 7/39). Ed. A. B. C.

TAUNAY (Visconde de). — Inocência. Pref. Afonso de E. Taunay. Il. F. Richter. (12/18). 256 p. br. 8$. (21.ª ed. 12/39). Ed. Melhoramentos.

TAVARES (Octavio). — Gandaia. (Romance Gaucho). (13/19). 239 p. br. 6$. 12/39). **Ed. Americana.**

TERRAIL (Ponson du). — A mocidade do rei Henrique IV. Trad. Nossa Col., 21. (10/14). 255 p. br. 2$. (6/39). **Emp. Ed. Brasileira.**

TERRAIL (Ponson du). — O palacio dos mistérios. Trad. Nossa Col., 26. (10/14). 247 p. br. 2$. (8/39). **Emp. Ed. Brasileira.**

TERRAIL (Ponson du). — A vingança da judia. Trad. Nossa Col., 29. (10/14). 235 p. br. 2$. (10/39). **Emp. Ed. Brasileira.**

TRILBY (T.). — Um coração entre flôres. Trad. rev. Godofredo Rangel. Bibl. das Moças, 71. (13/19). 256 p. br. 4$. (12/39). **Cia. Ed. Nacional.**

TULIO (Claudio). — Uma mulher por um tostão. (14/20). 113 p. br. 5$. (7/39). **Cultura Moderna.**

VANAC (Maria). — Laís. (14/19). 109 p. br. 5$. (12/39). **Ed. Ra-ta-plan.**

VERGARA (Telmo). — Estrada perdida. (13/19). 419 p. br. 10$. (7/39). **José Olympio.**

VERISSIMO (Erico). — Caminhos cruzados. Prêmio Graça Aranha. (14/20). 335 p. br. 8$. (3.ª ed. 5/39). **Globo.**

VERISSIMO (Erico). — Clarissa. (14/20). 227 p. br. 7$. (2.ª ed. 8/39). **Globo.**

VERISSIMO (Erico). — Música ao longe. Prêmio Machado de Assis. (14/20). 277 p. br. 7$. (2.ª ed. 7/39). **Globo.**

VERISSIMO (Erico). — Um lugar ao sol. (14/20). 350 p. br. 8$. (2.ª ed. 6/39). **Globo.**

VERISSIMO (Erico). — Olhai os lirios do campo. (14/20). 303 p. br. 8$. (5.ª, 6.ª, 7.ª ed. 3/39, 8/39, 7/39). **Globo.**

VERISSIMO (Erico). — Viagem à aurora do mundo. O romance da prehistoria. Il. Ernst Zeuner. Col. Tapete Mágico, 7. (16/23). 298 p. br. 15$. (11/39). **Globo.**

VILLELA (Iracema Guimarães). — A senhora condessa. (13/19). 340 p. br. 8$. (5/39). **Pongetti.**

Pongetti|(|

WALLACE (Edgar). — O anjo do terror. Trad. Marina Guaspari. Col. Amarela, 9. (13/19). 246 p. br. 5$. (2.ª ed. 8/39). **Globo.**

WALLACE (Edgar). — O circulo vermelho. Trad. Darcy Azambuja. Col. Amarela, 1. (13/19). 214 p. br. 5$. (3.ª ed. 5/39). **Globo.**

WALLACE (Edgar). — A estranha condessa. Trad. Carmen Annes Dias. Col. Amarela, 19. (13/19). 246 p. br. 5$. (Nova ed. 5/39). **Globo.**

WALLACE (Edgar). — A inteligência de Mr. Reeder. Trad. Gilberto Miranda. Col. Amarela, 63. (13/19). 247 p. br. 5$. (5/39). **Globo.**

WALLACE (Edgar). — Máscara branca. Trad. Silvia Guaspari. Col. Amarela, 71. (13/19). 247 p. br. 5$. (5/39). **Globo.**

WALLACE (Edgar). — Os olhos velados de Londres. Trad. Lourival Cunha. Col. Amarela, 78. (13/19). 250 p. br. 5$. (11/39). **Globo.**

WALLACE (Edgar). — A pista da vela dobrada. Trad. Cristovão Paledzky. col. Amarela, 83. (13/19). 235 p. br. 5$. (12/39). **Globo.**

WALLACE (Edgar). — A porta das sete chaves. Trad. Pedro Bruno Dischinger. Col. Amarela, 2. (13/19). 259 p. br. 5$. (3.ª ed. 12/39). **Globo.**

WALLACE (Edgar). — Na pista do alfinete novo. Trad. E. V., Col. Amarela, 24. (13/19). 246 p. br. 5$. (2.ª ed. 6/39). **Globo.**

WALLACE (Edgar). — Os 4 homens justos. Trad. Radagazio Taborda. Col. Amarela, 75. (13/19). 178 p. br. 5$. (5/39). **Globo.**

WELLS (Ronnie). — Aventuras de Dick Peter. n.º 2. O colecionador de mãos. Trad. Jeronimo Monteiro. Col. Aventuras e Viagens, 2. (13/19). 199 p. br. 4$. (7/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

WREN (P. C.). — Semeadores de gloria. Trad. Alvaro Moreyra. Col. Para-todos. (13/19). 307 p. br. 5$. (3/39). **Cia. Ed. Nacional.**

XAVIER (Francisco Cândido). — Ha dois mil anos. (Romance de Emmanuel). (12/18). 393 p. br. 8$. (9/39). **Federação Espirita.**

YVEL (J.). — Esposas ingenuas. Trad. R. Nios. (13/19). 184 p. br. 4$. (1/39). **Mandarino.**

ZWEIG (Stefan). — Coração inquieto. Trad. Odilon Gallotti. (14/22). 395 p. br. 20$. (6/39). **Guanabara.**

ZWEIG (Stefan). — A corrente. Trad. Rev. J. L. Costa Neves. Ed. Uniforme, 3. (15/22). 505 p. enc. 25$. (Nova ed. 8/39). **Guanabara.**

B. 6.) CONTOS

ANTUNES (Ruy da Costa). — Ironia. Contos trágicos. (17/24). 131 p. br. 5$. (12/39). **Ed. Autor, Rio.**

AZAMBUJA (Darci). — A prodigiosa aventura e outras histórias possiveis. (14/20). 235 p. br. 8$. 9/39). **Globo.**

AZEVEDO (Jorge). — O diário. (13/19). 137 p. br. 5$. (4/39). **Borsoi.**

CAMPOS (Humberto de). — A sombra das tamareiras. (Contos orientais). (13/19). 200 p. br. 6$. (5.ª ed. 11/39). **José Olympio.**

COSTA (Dias da). — Canção do bêco. (14/19). 245 p. br. 7$. (7/39). **Ed. Rumo.**

FONTOURA (João). — Rancho grande. Contos Sul-Riograndenses, 3.ª série. (13/18). 125 p. br. 6$. (12/39). **Jornal do Comercio.**

GAMA (Nogueira da). — Mescla. Contos e poesias. (14/19). 142 p. br. 6$. (12/39). **J. R. de Oliveira.**

GUSTAVO (Paulo). — O relogio do pecado. (13/19). 192 p. br. 6$. (1938-1/39). **Civilização.**

JARDIM (Luis). — Maria Perigósa. (Prêmio Humberto de Campos 1938). (13/19). 201 p. br. 6$. (5/39). **José Olympio.**

MAGALHÃES (Basilio de). — O folclore no Brasil. Com uma coletânea de 81 contos populares organizado por João da Silva Campos. (Boletim do Instituto Histórico). (17/24). 397 p. br. 15$. (12/39). **Distr. Civilização.**

MARTHA. — Contos espiritualistas. (14/18). 171 p. br. 5$. (12/39). **O Pensamento.**

MESQUITA (Alfredo). — A unica solução. (13/19). 268 p. br. 7$. (1/39). **José Olympio.**

MICHELET (René). — Contos e novelas, II. Ocaso em Ektakoff e outros contos. (14/19). 147 p. br. 4$. (7/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

OLIVEIRA (Alvarus de). — Hoje. (Contos da atualidade). Bibl. de Obras e Autores Fluminenses, 5. (14/19). 165 p. br. 6$. (9/39). **Cia. Brasil Ed.**

ORICO (Osvaldo). — Vinha do Senhor. (13/19). 231 p. br. 8$. (11/39). **Civilização.**

PITIGRILLI. — O cinto da castidade. Trad. João Santana. (14/19). 253 p. br. 6$. (3.ª ed. 7/39). **Vecchi.**

PITIGRILLI. — Mamiferos de luxo. Trad. João Silveira de Camargo. (14/19). 206 p. br. 6$. (3.ª ed. 4/39). **Vecchi.**

PORTUGAL (Alberta Furtado). — Contos de Mata Mineira. Il. Eliseu Lagoeiro. (13/19). 116 p. br. 4$. (2/39). **Ed. A. B. C.**

QUEIROZ (Amadeu de) — Os casos do Carimbamba. Contos folclóricos. (13/19). 175 p. br. 6$. (6/39). **A Noite.**

SILVEIRA (Joél). — Onda raivosa. (14/19). 175 p. br. 6$. (7/39). **Ed. Rumo.**

TABORDA (Doryol). — A dama da tunica escarlate. (Contos policiais). (13/19). 351 p. il. br. 7$. (5/39). **A Noite.**

TAHAN (Malba) — Céu de Alá. Contos orientais. Il. Cavaleiro e Constantino. (13/19). 197 p. br. 6$. (3.ª ed. 6/39). **Ed. A. B. C.**

TAHAN (Malba). — Minha vida querida. Trad. e notas do prof. Bueno Alencar Bianco. Il. Calmon Barreto. (13/19). 193 p. br. 6$. (2.ª ed. 5/39). **Ed. A. B. C.**

TAHAN (Malba). — Novas lendas do deserto. Prof. Olegario Mariano. (14/19). 264 p. il. br. cart. 8$. (3.ª ed. 6/39). **A Noite.**

B. 7.) ELOQUÊNCIA

ACADEMIA Brasileira de Letras. — Recepção de Clementino Fraga em 10 Junho 1939. Discurso do recipiendario e resposta de Claudio de Souza. (16/23). 71 p. br. 5$. (12/39). **Rio.**

CASTRO (Aloysio). — Palatinus. Discurso na Academia Brasileira. Il. Leopoldo Gotuzzo. (25/32). 13 p. br. 8$. (12/39). **Gr. Record, Rio.**

SANTIAGO (F. R.). — Da palavra. (13/19). 63 p. br. 4$. (7/39). **Mandarino.**

B. 8.) OBRAS PARA CRIANÇAS

ACQUARONE (F.). — Caxias, o Soldado Brasileiro. Il. F. Acquarone. (19/26). 93 p. cart. 8$. (11/39). **Pongetti.**

ALBUQUERQUE (Amaryllo). — Dedo Mindinho. Des. Santa Rosa. (16/24). 121 p. cart. 3$500. (8/39). **Paulo de Azevedo.**

ALTAIR (Jaçaña). — Flor de Maio. Bibl. da Adolescência, s. 2, livro 14. (12/18). 93 p. il. br. 4$. (12/39). **Ed. Melhoramentos.**

ANDRADE (Tales C. de). — O pequeno mágico. Col. Encanto e Verdade. (12/16). 55 p. il. cart. 1$500. (3.ª ed. 12/39). **Ed. Melhoramentos.**

ARAUJO (Murilo). — A estrela azul. Poemas para as crianças. Il. Alceu Pena. Bibl. Pedagógica Brasileira, 30. (16/22). 114 p. cart. 8$. (12/39-1940). **Cia Ed. Nacional.**

BASTOS (Leonidas). — O prêmio. Contos infantis educativos. Il. Ariosto Espinheira. (14/19). 101 p. br. 6$. (12/39-1940). **Cia. Brasil Ed.**

BEETZ (Von K. O.). — Os cavalinhos encantados. Trad. e adaptação de José Pinto de Carvalho. (16/24). 259 p. il. cart. 12$. (12/39). **Saraiva.**

BELMONTE. — A cidade de ouro. Il. Belmonte. (16/20). 53 p. cart. 3$500. (12/39). **Cia. Ed. Nacional.**

BERNARDI (Mansueto). — O livro do bêbê. (16/23). 23$ p. il. enc. 20$. (7.ª ed. 10/39). **Globo.**

BIBLIOTÉca Infantil. — Livro 28. Arnaldo de Oliveira Barreto. O cavaleiro do cisne. O pequeno polegar. (12/16). 58 p. il. cart. 1$500. (4.ª ed. 12/39). **Ed. Melhoramentos.**

BIBLIOTÉCA Mirim. N.º 7. — Terry no roteiro do templo. (9/11). 411 p. il. cart. 4$. (6/39). **Suplementos Nacionais.**

BIBLIOTÉCA Mirim. N.º 8. — Rosinha nas terras do dragão. (9/11). 405 p. il. cart. 4$. (7/39). **Suplementos Nacionais.**

BIBLIOTÉCA Mirim. N.º 10. — Dr. Dum contra "O Falcão". (9/11). 297 p. il. cart. 4$. (10/39). **Suplementos Nacionais.**

BIBLIOTÉCA Mirim. N.º 11. — Com o sargento Harry na Africa. (9/11). 297 p. il. cart. 4$. (11/39). **Suplementos Nacionais.**

BOSCH (Valter). — O país encantado. Compilação e trad. Alfredo Gomes. Bibl. das Crianças, 29. (185 p. il. cart. 3$. (12/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

BRAHE (Tycho). — A árvore de natal. (14/19). 384 p. il. cart. 10$. (Nova ed. 1/39). **Livr. Quaresma.**

CARDOSO (Lúcio). — Histórias da lagôa grande. Il. Edgar Koetz. (17/22). 63 p. cart. 5$. (12/39). **Globo.**

CARNEIRO (Noemia). — Lucilia. Il. Luiz Gonzaga. Bibl. Infantil d'O Tico-tico, s. I, vol. 13. (19/27). 36 p. cart. 5$. (8/39). **Pimenta de Mello.**

CORRÊA (Viriato). — A descoberta do Brasil. Il. Belmonte. (16/20). 59 p. br. 3$500. (12/39-1940). **Cia. Ed. Nacional.**

CORRÊA (Viriato). — História do Brasil para crianças. Bibl. Pedagógica Brasileira, s. I, vol. 18. Il. Belmonte. (16/22). 223 p. cart. 10$. (7.ª ed. 10/39). **Cia. Ed. Nacional.**

CORRÊA (Viriato). — História de Caramurú. Il. Belmonte. (16/20). 46 p. cart. 3$500. (12/39-1940). **Cia. Ed. Nacional.**

CORRÊA (Viriato). — Meu tôrrão. (Contos da história pátria). Il. Belmonte. Bibl. Pedagógica Brasileira, s. I, 24. (16/22). 117 p. cart. 6$. (2.ª ed. 11/39). **Cia. Ed. Nacional.**

ENRIQUETA (Maria). — Entre o pó dum castelo. Trad. Dulce Figueiredo. Bibl. da Adolescência, s. 2, livro 10. (12/18). 143 p. il. br. 5$. (8/39). **Ed. Melhoramentos.**

ESPINHEIRA (Ariosto). — Viagem através do Brasil. Vol. I. Amazônia. Il. do autor. (18/23). 72 p. cart. 8$. (12/39). **Ed. Melhoramentos.**

ESPINHEIRA (Ariosto). — Viagem através do Brasil. Vol. I. Amazônia. Il. do autor. (18/23). 108 p. cart. 8$. (12/39). **Ed. Melhoramentos.**

ESTRÉ (Pierre D'). — O príncipe Carabi. Trad. Haldée N. Isac Lima. Bibl. das Crianças. (14/16). Il. br. 2$. (12/39). **Emp. Ed. Brasileira.**

FALK (Lee), MOORE (Ray). — O Fantasma Voador. Col. O Globo Juvenil. (9/12). 458 p. il cart. 4$. (11/39). **O Globo Juvenil.**

FISHER (Bud). — Mutt e Jeff. Bibl. Mirim, 6. (9/11). 311 p. il. cart. 4$ (5/39). **Suplementos Nacionais.**

FISHER (Bud). — Piadas de Mutt e Jeff. Il. em quadrinhos. 128 p. cart. 4$. (10/39). **Suplementos Nacionais.**

FLEURY (Renato Sêneca). — Brincar de ler. Livro de figuras. (15/17). 70 p. il. cart. 4$. **Ed. Melhoramentos.**

FLEURY (Renato Sêneca). — A generosidade do servo. Bibl. da Adolescência. (12/18). 72 p. il. br. 4$. (4/39). **Ed. Melhoramentos.**

GIBI (Album). — Aventuras de Charlie Chan. Album n.º 1 de Gibi. (21/29). 66 p. il. em quadrinhos. br. 1$200. (11/39). **O Globo Juvenil.**

GOLDIE (Agnês). — Vou comungar. Trad. Colina Lion. Il. Jeanne Hebbelynck. (18/21). 24 p. br. 4$. (12/39). **Ed. Melhoramentos.**

GOLDIE (Agnês). — Vou me confessar. Trad. Colina Lion. Il. Jeanne Hebbelynck. (18/21). 24 p. br. 4$. (12/39). **Ed. Melhoramentos.**

GOULD (Chester). — Dich Tracy o detetive. Bibl. Mirim, 9. (9/11). 315 p. il. cart. 4$. (9/39). **Suplementos Nacionais.**

GREY (Zane). — Almas de barbaros. Trad. Silvia Guaspari. Col. Universo, 31. (15/20). 314 p. br. 6$. (6/39). **Globo.**

GREY (Zane). — A herança do deserto. Trad. Sílvia e Lília Guaspari. Col. Universo, 28. (15/20). 285 p. br. 6$. (10/39). **Globo.**

GUSTAVO (Paulo). — Aventuras de um palhacinho. Il. Kalixto. (16/23). 104 p. cart. 7$. (12/39-1940). **Distr. Pongetti.**

GUSTAVO (Paulo). — História de um pintinho maluco. Il. Calixto Cordeiro. (16/23). 96 p. cart. 6$. (1938-1/39). **Paulo de Azevedo.**

HENNIES. — O peixe maravilhoso. Compilação e trad. Alfredo Gomes. Bibl. das Crianças, 28. (10/14). 185 p. il. cart. 3$. (12/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

ILDEFONSO (Frei). — De longe, para os de hoje. (16/24). 96 p. il. cart. 8$. (12/39). **Saraiva.**

INAH. — Horas de recreio. Il. Laura Souza Lima. (14/19). 134 p. cart. 6$. (5/39). **Borsoi.**

IVANCKO (Marguerite de Montfort). — Gupila e outros contos para crianças. Adaptação de fabulas de La Fontaine, Charles Mareille, Laurent de Jussien. Il. Luiz Jardim. (18/21). 139 p. cart. 10$. (11/39). **José Olympio.**

LEAF (Munro). — A história do touro Ferdinando. Trad. Henrique Pongetti. Il. Robert Lawson. (18/21). 74 p. cart. 6$. (11/39). **O Globo Juvenil.**

LOBATO (Monteiro). — As caçadas de Pedrinho. Bibl. Pedagógica Brasileira, s. I, (16/22). 113 p. il. cart. 6$. (4.ª ed. 8/39). **Cia. Ed. Nacional.**

LOBATO (Monteiro). — Geografia de dona Benta. Il. J. U. Campos e Belmonte. Bibl. Pedagógica Brasileira, S. I. (16/22). 236 p. cart. 10$. (2.ª ed. 8/39). **Cia. Ed. Nacional.**

LOBATO (Monteiro). — O Minotauro. Il. Belmonte e Rodolpho. Bibl. Pedagógica Brasileira, s. I, 32. (16/22). 220 p. cart. 12$. (10/39). **Cia. Ed. Nacional.**

LOBATO (Monteiro). — Peter Pan. Bibl. Pedagógica Brasileira. (16/22). 104 p. il. cart. 6$. (3.ª ed. 8/39). **Cia. Ed. Nacional.**

LOBATO (Monteiro). — O picapau amarelo. Bibl. Pedagógica Brasileira, s. I, 31. (16/22). 176 p. cart. 9$. (9/39). **Cia. Ed. Nacional.**

MAY (Karl). — Judas e Satanaz. 1.º vol. Trad. Alcides Rossler. Col. Universo, 34. (15/20). 393 p. br. 6$. (1938-4/39). **Globo.**

MAY (Karl). — Judas e Satanaz. 2.º vol. Trad. Leopoldo Tietboehl. Col. Universo, 35. (15/20). 291 p. br. 6$. (5/39). **Globo.**

MAY (Karl). — Judas e Satanaz. 3.º vol. Trad. Alcides Rossler. Col. Universo, 36. (15/20). 329 p. br. 6$. (8/39). **Globo.**

MAY (Karl). — Old Surehand. 1.º vol. Trad. Ruy Lanner Simões. Col. Universo, 15. (15/20). 371 p. br. 6$. (2.ª ed. 12/39). **Globo.**

MAY (Karl). — Old Surehand. 2.º vol. Trad. Francisco de Almeida. Col. Universo, 16. (15/20). 399 p. br. 6$. (2.ª ed. 12/39). **Globo.**

MAY (Karl). — A quadrilha do deserto. Trad. Leopoldo Tietboehl. Col. Universo, 38. (15/20). 147 p. br. 3$500. (1938-7/39). **Globo.**

MAY (Karl). — Uma aventura na Tripolitania. Trad. Leopoldo Tietboehl. Col. Universo, 37. (15/20). 267 p. br. 6$. (8/39). **Globo.**

MAY (Karl). — Viagens, Caçadas e explorações. Trad. Alfredo Rossler. Col. Universo, 39. (15/20). 337 p. br. 6$. (8/39). **Globo.**

MAY (Karl). — Winnetou, 3.º vol. Trad. Armando Gomes Ferreira. Col. Universo, 3. (15/20). 469 p. br. 6$. (Nova ed. 1938-5/39). **Globo.**

MENDES (Manuel). — Histórias encantadas. Il. Belmonte. (17/23). 45 p. cart. 4$. (12/39). **Athena.**

MESQUITA (Juvenal M.). — Para os garotos. Il. Luiz Gonzaga. Bibl. Infantil d'O Tico-tico, s. I, vol. 14. (19/27). 52 p. cart., 5$. (9/39). **Pimenta de Mello.**

MEU Senhor. — O catecismo em imagens para as crianças. (16/23). 123 p. il. br. 6$. (12/39). **Pia. Soc., S. Paulo.**

MIRANDA (Alma Cunha de). — O jornaleiro vencedor. Des. de Percy Lau. (14/19). 104 p. cart. 8$. (12/39). **Fundação Darcy Vargas, Rio.**

MOLAN (Phil.). — Buck Rogers policia dos espaços. No seculo XXV. Il. Dick Colkins. Bibl. Mirim, 12. (9/11). 315 p. cart. 4$. (12/39). **Suplementos Nacionais.**

MORAIS (Raimundo). — Histórias silvestres do tempo em que animais e vegetais falavam. (Apologos). Il. Santa Rosa. (14/20). 223 p. br. 10$. (11/39). **Ed. Melhoramentos.**

McCALL (Ted). — Robin Hood contra Martin o normando. Col. Globo Juvenil. (10/14). 334 p. il. cart. 4$. (5/39). **O Globo.**

NELSON (Frank). — Carlton Clarke. Detective científico. Trad. Aurelio Domingues. (14/19). 122 p. br. 2$. (6/39). **A Noite.**

NEVES (A. Ferreira das). — Fábulas seletas. Adaptações. Il. U. Della Latta. (17/22). 108 p. cart. 6$. (11/39). **Gr. São Paulo. S. Paulo.**

ORICO (Osvaldo), CARLOS (J.). — Diario de Bêbê. (16/24). 92 p. il. enc. 15$. (Nova ed. 3/39). **Civilização.**

ORSAY (Condessa D'). — A astucia de dona Lôba. Trad. Haidée N. Isac Lima. Bibl. das crianças. (14/16). il. br. 2$. (10/39). **Emp. Ed. Brasileira.**

ORSAY (Condessa D'). — O gorrinho encantado. Trad. Haidée N. Isac Lima. Bibl. das Crianças. (14/16). 64 p. il. br. 2$. (10/39). **Emp. Ed. Brasileira.**

ORSAY (Condessa D'). — Lua de prata. Trad. Haidée N. Isac Lima. Bibl. das Crianças. (14/16). 60 p. il. br. 2$. (10/39). **Emp. Ed. Brasileira.**

ORSAY (Condessa D'), SULLY (Margaret). — Salta-salta. Trad. Haidée N. Isac Lima. Bibl. das Crianças. (14/16). 64 p. il. br. 2$. (10/39). **Emp. Ed. Brasileira.**

PEREIRA (Lucia Miguel). — Fada menina. Il. Boeira Faedrichs. (17/22). 115 p. cart. 8$. (12/39). **Globo.**

PICCHIA (Menotti Del). — No país das formigas. Novas aventuras de João Peralta e Pé de Moleque. (17/22). 110 p. il. cart. 5$. (12/39). **Ed. Melhoramentos.**

PIMENTEL (Figueiredo). — Contos da Carochinha. (14/19). 415 p. il. cart. 10$. (18.ª ed. 10/39-1940). **Livr. Quaresma.**

POSADA (Leonor). — A vingança do polichinelo. Il. Arouca. 44 p. br. 3$500. (12/39-1940). **Cia. Ed. Nacional.**

RAMOS (Graciliano). — A terra dos meninos pelados. Il. Nelson Boeira Faedrichs. (15/22). 75 p. cart. 6$. (12/39). **Globo.**

REBELLO (Marques), TABAYÁ (Arnaldo). — A casa das três rolinhas. Il. João Fahrion. (17/22). 83 p. cart. 6$. (12/39). **Globo.**

RIO (Yára do). — O maravilhoso na Amazonia. (Contos juvenis). (13/19). 110 p. br. 6$. (12/39-1940). **Distr. Zelio Valverde.**

ROBERT (J.). — Aventuras de um gigante. Compilação e trad. Alfredo Gomes. Bibl. das Crianças, 27. (10/14). 187 p. il. cart. 3$. (12/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

SALVI (Nina). — Dingo e Tucha. Pref. Murilo Mendes. Il. Acquarone. (18/21). 68 p. cart. 5$. (11/39). **Pongetti.**

SPICACCI (Frederico C.). — Memórias de um papagaio. (17/24). 125 p. il. cart. 10$. (12/39-1940). **Saraiva.**

SULY (Margaret). — A lagartixa de ouro. Trad. Haidée N. Isac Lima. Bibl. das Crianças. (14/16). 64 p. il. br. 2$. (12/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

TIM. — S. Ex. O Comendador. (28/9). 128 p. il. em quadrinhos. 6$. (12/39). **O Globo Juvenil.**

VERISSIMO (Erico). — Aventuras no mundo da higiene. Il. João Fahrion. (14/19). 144 p. cart. 6$. (11/39). **Globo.**

VERISSIMO (Erico). — As aventuras de Tibicuera. Des. Ernst Zeuner. (15/22). 179 p. cart. 8$. (2.ª ed. 8/39). **Globo.**

VERISSIMO (Erico). — Outra vez os três porquinhos. Des. Edgar Koetz. (18/27). 32 p. cart. 4$. (3/39). **Globo.**

VERISSIMO (Erico). — A vida do elefante Basilio. Des. Nelson B. Faedrichs. (18/27). 32 p. cart. 4$. (3/39). **Globo.**

VERNE (J.). — Daqui a mil anos. Trad. Emilio Pompeia. Il. Gutiérrez. Bibl. Escolar Recreativa. (16/23). 92 p. cart. 5$. (12/39). **Distr. Oscar Mano.**

VERNE (J.). — Excentricidades americanas. Trad. Emilio Pompeia. Il. Gutiérrez. Bibl. Escolar Recreativa. (16/22). 82 p. cart. 5$. (12/39). **Distr. Oscar Mano.**

VESTE (A) branca. — (24/16). 28 p. il. br. 1$. (12/39). **Pia. Soc. S. Paulo.**

WERNECK (Paulo), DUARTE (Margarida Estrela Bandeira). — Lenda da carnaubeira. Il. Paulo Werneck. Bibl. da Criança Brasileira. s. A, n.º 2. (27/33). 48 p. cart. 5$. (6/39). **Ministério da Educação.**

5) CIÊNCIAS MATEMATICAS, FISICAS E NATURAIS.

ALMEIDA (Lauro Pastor). — Formulario de Matemática comercial. (12/17). 42 p. br. 1$. (2/39). **Briguiet.**

AMADO (Gildasio). — Quimica, 3.º ano. (14/19). 300 p. il. cart. 10$. (2/39). **Globo.**

AMADO (Gildasio). — Quimica, 5.ª série, curso secundário. (14/19). 434 p. il. cart. 12$. (8/39). **Globo.**

AMARAL (João Batista Pecegueiro do). — Compêndio de química. 1.º vol. 4.ª série. (14/19). 421 p. il. cart. 18$. (3.ª ed. 2/39). **Villani & Barbero, Rio.**

AMARAL (João Batista Pecegueiro do). — Compêndio de química. 2.º vol. 5.ª série. (14/19). 690 p. il. cart. 20$. (3.ª ed. 3/39). **Villani & Barbero, Rio.**

ANGELINO (Nicolau). — Problemas elementares de química. 3.ª, 4.ª e 5.ª séries ginasiais. (14/20). 267 p. cart. 12$. (7/39). **Saraiva.**

BOMFIM (Léo). — Calculo vetorial. 1.º vol. (14/20). 91 p. br. 10$. (12/39). **Saraiva.**

BUHRER (Nilton E.). — Preliminares às práticas de química orgânica. (17/24). il. br. 2$. (12/39-1940). **Ed. Guaíra.**

CALIOLI (Carlos), D'AMBROSIO (Nicolau). — Matemática (Aritmética). 1.º ano propedêutico. (14/20). 320 p. cart. 10$. (1/39). **Cia. Ed. Nacional.**

CARVALHO (Carlos de). — Aritmética comercial e financeira. (16/23). 335 p. br. 15$. (3.ª ed. 3/39). **Cia. Ed. Nacional.**

CAVALHEIRO (Luiz). — Matemática comercial e financeira. Contendo noções de cálculo diferencial e integral. Bibl. de Iniciação Econômica. (14/20). 409 p. il. cart. 15$. (12/39). **Pongetti.**

COSTA (Carlos). — História natural. 5.ª série. (14/20). 480 p. il. cart. 15$. (2.ª ed. 7/39). **Cia. Ed. Nacional.**

CUNHA (Haroldo Lisbôa da). — Pontos de álgebra complementar. (Teoria das equações). (16/23). 282 p. br. 25$. (7/39). **Alba, Rio.**

DÉCOURT (Carlos). — Soluções geométricas. (14/20). 246 p. cart. 12$. (1/39). **Ed. Melhoramentos.**

DÉCOURT (Paulo). — Noções de história natural. 5.ª série. (15/21). 478 p. il. cart. 15$. (1/39). **Ed. Melhoramentos.**

DESJARDINS (Henrique). — Contabilidade das falencias. (17/25) 160 p. br. 8$. (5/39). **Globo.**

EINSTEIN (Albert), INFELD (Leopold). — A evolução da física. Trad. Monteiro Lobato. Rev. Nelson S. Teixeira. Bibl. do Espirito Moderno, s. 2.ª, vol. 1. (15/22). 344 p. il. br. 15$. (9/39). **Cia. Ed. Nacional.**

FACCINI (Mario). — Ciências físicas e naturais. (14/19). 260 p. il. cart. 12$. (2.ª ed. 2/39). **Briguiet.**

FACCINI (Mario). — Física e química. 3.ª série. (14/19). il. cart. 12$. (7.ª ed. 5/39). **Briguiet.**

FACCINI (Mario). — Física e química. 5.ª série. (14/19). 417 p. il. cart. 20$. 2.ª ed. 5/39). **Briguiet.**

FERNANDES (Felicissimo Rodrigues). — Ciências naturais e físicas. Curso elementar. (13/19). 167 p. il. cart. 3$. (28.ª ed. 7/39). **Paulo de Azevedo.**

F. I. C. — Elementos de geometria descriptiva. (14/19). 384 p. il. cart. 15$. (9.ª ed. 5/39). **Briguiet.**

FREITAS (Anibal). — Curso de física. 3.ª série. (14/20). 164 p. il. cart. 6$. (5/39). **Ed. Melhoramentos.**

FREITAS (Anibal). — Curso de física. 4.ª série. (14/20). 440 p. il. cart. 15$. (3.ª ed. 3/39). **Ed. Melhoramentos.**

FREITAS (Gaspar de). — Ciências físicas e naturais. (12/16). 268 p. il. cart. 5$. (120 m.º 3/39). **Distr. Antunes.**

FREITAS (Gaspar de). — Lições práticas de aritmética, geometria e desenho. Exame de admissão. (12/16). 132 p. il. cart. 3$. (75 m.º 9/39). **Distr. Antunes.**

LEME (Jurandir Paes), THIRÉ (Cecil), SOUZA (J. C. de Mello e). — Pathimel. 1.ª série. (24/32). 58 folhas, il. br. 12$ (4/39). **Paulo de Azevedo.**

LOBO (Ary Maurell). — Desenho técnico. 1.º vol. (19/29). 300 p. il. enc. (1/39). **Ed. Autor, Rio.**

LOBO (J. Th. Souza). — Segunda aritmética. (14/22). 360 p. il. cart. 6$. (33.ª ed. 1/39). **Globo.**

MAEDER (Algacyr Munhoz). — Lições de matemática. 1.º ano. (14/21). 362 p. cart. 12$. (6.ª ed. 3/39). — 2.º ano. (14/20). 348 p. il. cart. 12$. (5.ª ed. 4/39). — 5.º ano. (14/20). 316 p. cart. 12$. (3/39). **Ed. Melhoramentos.**

MAGALDI (Cap. Tte. Miguel). — Fórmulas de trigonometria retilinea. (12/17). 40 p. br. 3$. (1/39). **Ed. Autor, Rio.**

MAGALHÃES (Agenor Couto de). — Ensaio sobre a fauna brasileira. (16/24). 336 p. il. br. 10$. (11/39). **Tip. Brasil, S. Paulo.**

MAGALHÃES (Alvaro). — Elementos de física. 4.ª série. (14/19). 458 p. il. cart. 12$ (2/39). **Globo.**

MAGALHÃES (Gal. Benjamin Constant Botelho de). — Teoria das quantidades negativas. Bibl. Militar. (16/23). 90 p. br. 6$500. (12/39). **Rio.**

MARTINS (Coriolano). — Matemática financeira. (14/20). 442 p. br. 25$. (2.ª ed. 6/39). **Cultura Moderna.**

MATOS (Anibal) — Peter Wilhelm Lund no Brasil. Problemas de paleontologia brasileira. Série Brasiliana, 148. (13/19). 296 p. il. br. 12$. (4/39). **Cia. Ed. Nacional.**

MONTEIRO (Josué Gerson). — Tabela de cálculos para organização e conferencias das folhas de serviços extraordinarios e de diárias. (Vencimentos de 100$ a 4:500$). (18/27). 55 p. br. 6$. (12/39). **Impr. Nacional, Rio.**

MUNIZ (Hermilio). — Pontos de geometria e desenho. 3.º e 4.º ano. (13/18). 128 p. il. br. 3$. (12/39). **Distr. Paulo de Azevedo.**

NERI (Guilherme Bomfim Dei Vegni-). — Problemas de física. 5.ª série ginasial. (16/23). 70 p. il. br. 7$. (10/39). **Tip. A Comarca, Penapolis.**

OLIVEIRA (Waldemar de). — História natural para a 3.ª série ginasial. (14/20). 286 p. il. cart. 9$. (1/39). **Cia. Ed. Nacional.**

PAULA (Maria). — Aritmética primária. (14/20). 129 p. br. 3$. (1/39). **Cia. Ed. Nacional.**

PINNA (Armando). — Curso de oceanografia, pesca e piscicultura. Pref. Costa Miranda. (15/22). 126 p. il. br. 15$. (1938-12/39). **Serv. Gr. Ministério Trabalho.**

POTSCH (Waldemiro), SILVA (Rui de Lima e). — Ciências físicas e naturais. 1.ª série. (14/19). 295 p. il. cart. 7$. (10.ª ed. 5/39). **Paulo de Azevedo.**

POTSCH (Waldemiro). — História natural. 3.ª série. (14/19). 303 p. il. cart. 8$. (6.ª ed. 4/39). — 4.ª série. (14/19). 351 p. il. cart. 10$. (5.ª ed. 7/39). — 5.ª série. (14/19). 419 p. il. cart. 12$. (4.ª ed. 3/39). **Paulo de Azevedo.**

PUIG, S. J. (Pe. Inácio). — Curso geral de química. Trad. Bernardo Geisel. (17/24). 566 p. il. cart. 20$. (3.ª ed. 6/39). **Globo.**

RODRIGUES (José de Bettencourt). — Problemas e exercícios de química. (16/22). 350 p. br. 14$. (11/39). **Alba, Rio.**

ROXO (Euclides). — Lições de matemática. Curso complementar. (Cursos de engenharia). I. Numeros irracionais. (22/32). 23 p. 2$500. (5/39). — II. Noções de álgebra vetorial. (22/32). 32 p. br. 3$500. (8/39). **Paulo de Azevedo.**

SCHULTZ (Alarich R.). — Introdução ao estudo da botânica sistemática. Curso complementar. (17/24). 559 p. il. cart. 25$. (7/39). **Globo.**

SENRA (José). — Coleção de matemática. Livro n.º 1. (Porcentagem). (14/18). 100 p. br. 6$. (12/39). **Valle & Lauro, Rio.**

SOUZA (J. C. de Mello e), LEMGRUBER (Nicacor), THIRÉ (Cécil). — Matemática comercial. (16/24). 241 p. cart. 12$. (2.ª ed. 12/39-1940). **Paulo de Azevedo.**

SOUZA (Mello e). — Histórias e fantasias da matemática. Il. Calmon Barreto, Felicitas Barreto e Carlos Artur Thiré. (17/24). 335 p. br. 16$. (10/39). **Getulio M. Costa.**

SPERANDIO (Amadeu). — Curso completo de desenho. 4.ª série ginasial. (16/23). 210 p. 10 tábuas, il. br. 10$. (2.ª ed. 3/39). — 5.ª série ginasial. (16/23). 249 p. 20 tábuas, il. br. 15$. (2.ª ed. 4/39). **Saraiva.**

SPICACCI (Frederico Carlos). — Matemática. Aritmética e álgebra. 1.º ano. (14/20). 246 p. cart. 10$. (7/39). — 2.º ano. (14/20). 203 p. cart. 10$. (6/39). **Saraiva.**

SPICACCI (Frederico Carlos). — Matemática. Algebra e geometria. 3.º ano. (14/20). 253 p. il. cart. 10$. (8/39). **Saraiva.**

STAVALE (Jacomo). — Exercícios de matemática. 3.º ano. (14/20). 132 p. br. 6$. (2.ª ed. 5/39). — 5.º ano. (14/20). 94 p. br. 5$. (3/39). **Cia. Ed. Nacional.**

STAVALE (Jacomo). — Primeiro ano de Matemática. (14/20). 318 p. cart. 10$. (13.ª ed. 3/39). — Terceiro ano de matemática. (14/20). 400 p. cart. 12$. (6.ª ed. 4/39). **Cia. Ed. Nacional.**

SUMNER (George), VIEIRA (Ricardo Rodrigues). — Química prática. Curso fundamental e complementar. (14/19). 156 p. cart. 8$. (3/39). **Freitas Bastos.**

THIRÉ (Cécil). — O exame de matemática. 3.º ano, art. 100. (14/18). 375 p. il. br. 12$. (7/39). **Paulo de Azevedo.**

THIRÉ (Cécil). — Manual de matemática. 1.º ano. 14/18). 207 p. br. 7$. (5/39). **Paulo de Azevedo.**

THIRÉ (Cécil). — Questões de aritmética. Teóricas e práticas. (14/18). 375 p. br. 10$. (9.ª ed. 7/39). **Pimenta de Mello.**

THIRÉ (Cécil), SOUZA (Melo e). — Matemática. 1.º ano. (16/23). 399 p. il. cart. 12$. (11.ª ed. 4/39). **Paulo de Azevedo.**

TRAJANO (Antonio). — Algebra elementar. (16/22). 186 p. cart. 6$. (17.ª ed. 5/39). **Paulo de Azevedo.**

VIEIRA (Ricardo Rodrigues). — Como resolver os problemas de química. (13/19). 125 p. cart. 6$. (4/39).

6) CIÊNCIAS APLICADAS

Agricultura. Comércio. Economia doméstica. Finanças. Indústria. Profissões. Técnologia.

AMARAL (Luis). — História geral da agricultura brasileira no tríplice aspeto, político, social, econômico. 1.º t. Série Brasiliana, 160 (13/19). 461 p. br. 15$. (8/39). **Cia. Ed. Nacional.**

ANDRADE (Renato). — Conheça seu rádio. (14/19). 281 p. il. br. 10$. (3.ª ed. 12/39). **Antunes.**

ANDRADE (Renato). — Curso de rádio técnica. (13/19). 224 p. br. 8$. (10/39). **Antunes.**

ANDRADE (Renato). — Principios de rádio. (13/19). 229 p. il. br. 8$. (7/39). **Antunes.**

ARAUJO JR. (C. E. Nabuco de) e COLABORADORES. — Petroleo e seus produtos. (16/23). 146 p. il. br. 20$. (2/39). **J. R. de Oliveira.**

AURIA (Francisco D'). — Contabilidade mercantil. (14/20). 310 p. cart. 13$. (4.ª ed. 5/39. **Cia. Ed. Nacional.**

AURIA (Francisco D'). — Contabilidade. Noções preliminares. (14/20). 320 p. cart. 12$. (3.ª ed. 3/39). **Cia. Ed. Nacional.**

AVILA (Carmen D'). — Boas maneiras. (13/19). 312 p. br. 8$. (3.ª ed. 5/39). **Cia. Ed. Nacional.**

BALTAR (Carolina Spinola). — O livro de cozinha. (16/23). 353 p. il. cart. 14$. (1938-2/39). **Livr. Colombo.**

BELART (J. Luiz). — Rádio, 2.º vol. parte prática. (14/19). 524 p. il. br. 15$. (Nova ed. 4/39). **Oscar Mano.**

BROTERO (Frederico Abranches). — Algumas aplicações da madeira. Boletim n.º 19, Instituto de Pesquisas Técnológicas de S. Paulo. (18/26). 37 p. il. br. 10$. (1938-6/39). **S. Paulo.**

BROTERO (Frederico Abranches). — Método de ensaios adotados no I. P. T. para o estudo das madeiras nacionais. Boletim do Instituto de Pesquisas Técnológicas de S. Paulo, 24. (18/26). 28 p. il. br. 10$. (6/39). **S. Paulo.**

CAMPOS (Gaysita de). — Como fazer o meu tricot, 1.ª série. (16/23). 112 p. il. br. 8$. (6.ª ed. 8/39). **Globo.**

CAMPOS (Gaysita de). — Como fazer o meu tricot, 2.ª série. (16/23). 160 p. il. br. 8$. (11/39). **Globo.**

CAMPOS (Gaysita de). — Roupinhas de tricot para crianças. Col. A Mulher Moderna, 4. (23/29); 16 p. album il. 4$. (11/39). **Globo.**

CARNEIRO (Erimá). — 999 problemas de contabilidade. (17/24). 141 p. br. 8$. (6/39). **Tip. Esperantista, Rio.**

CARNEIRO (Juvenal e Erimá). — Tratado de contabilidade. Vol. VI. Contabilidade dos seguros. (17/24). 202 p. br. 20$. (5/39). **Ed. Autor, Rio.**

CARNEIRO (Tancredo Ribas). — Aspectos brasileiros do "clearing". (16/23). 130 p. br. 12$. (12/39). **Mandarino.**

CASTRO (Fausto de Freitas). — Vendas mercantis. (Transferencias de mercadorias). (13/19). 100 p. br. 5$. (3/39). **José Olympio.**

CASTRO (Mário Lopes de). — Método de taquigrafia. (15/22). 222 p. cart. 12$. (5/39). **Globo.**

CESAR (Abelardo Vergueiro). — Manual dos negocios de bolsa. (84/20). 193 p. br. 8$. (5/39). **Rev. dos Tribunais.**

CHAREVITCH (Eugenio). — Vers la beauté. "Rumo á beleza". Pref. Humberto Gottuzzo. (9/17). 28 p. br. 3$. (2.ª ed. 8/39). **Ed. Autor, Rio.**

CORRÊA (Ernani D.), BACELAR (Rui). — Manual do engenheiro. 2 vols. (13/20). 892-801 p. ábacos e caixa. Il. enc. 180$. (11/39). **Globo.**

CORREIA (Jonas). — Guia prático para o ensino de contabilidade bancária. (17/24). 633 p. il. cart. 25$. (Nova ed. 11/39). **Globo.**

COSTA (Maria Thereza A.). — Noções de arte culinaria. (16/23). 281 p. cart. 12$. (21.ª ed. 8/39). **Of. Gr. Ave Maria, S. Paulo.**

COSTA (Paulo). — Caderno de encargos para a construção de edificios. (16/23). 232 p. br. 20$. (7/39). **Jornal do Comercio.**

DANTAS (Francisco Clementino de San Tiago). — A missão do ensino econômico e administrativo na reconstrução brasileira. Aula inaugural dos cursos da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas do Rio de Janeiro em 17/3/939. (17/23). 17 p. il. br. 3$. (8/39). **F. C. E. A. R. J., Rio.**

FACULDADE de Ciências Econômicas e Administrativas do Rio de Janeiro. Programa do curso superior de administração e finanças. 1.º ano. (16/23). 33 p. br. 4$. (4/39). **Pongetti.**

FREITAS (Paulo de). — Correspondencia comercial portuguêsa. Bibl. de Estudos Comerciais e Econômicos. 9. (14/20). 269 p. cart. 6$. (3.ª ed. 10/39). **Cia. Ed. Nacional.**

FREYRE (Gilberto). — Açucar. Algumas receitas de doces e bolos dos engenhos do nordeste. (13/19). 168 p. il. br. 6$. (3/39). **José Olympio.**

GOMES (Bernardino). — A psicotécnica do vendedor. (16/23). 146 p. br. 10$. (3/39). **Jornal do Brasil.**

GONÇALVES (Reinaldo de Souza). — A teoria quantitativa da moeda. (tése). (17/23). 154 p. br. 10$. (6/39). **Tip. Trani, Rio.**

GUDIN (Eugenio). — Ensaio sobre as bases de nossa futura estrutura monetaria e bancária. (19/27). 54 p. br. 5$. (1/39). **Alm. Laemmert, Rio.**

HAMANN (Hugo). — Estudos econômicos-financeiros. (16/24). 136 p. br. 5$. (9/39). **Distr. Civilização.**

INSTITUTO de Pesquisas Técnológicas de S. Paulo. — Boletim n.º 20. Histórico de sua evolução. (1899-1939). (18/26). 102 p. il. br. 10$. (6/39). **S. Paulo.**

INSTITUTO de Pesquisas Técnológicas de S. Paulo. — Boletim n.º 21. Ari F. TORRES. — Considerações sobre o método para o ensaio mecânico dos cimentos adotados nas novas especificações brasileiras. Ensaios de cimentos em cooperação. — Francisco J. MAFFEI. — Método de análise química do cimento portland- Método de análise química de gipsita. — Gilberto MOLINARI e Antonio MENDES. — Observações sobre aplicação do turbidimetro de Wagner. (18/26). 85 p. il. br. 10$. (6/39). **S. Paulo.**

ISECKSOHN (Isaac). — A orientação profissional e a prevenção das técnopatias. (15/22). 94 p. il. br. 8$. (12/39). **Ministério do Trabalho.**

JOBIM (José). — O Brasil na economia mundial. Ed. do Centro de Estudos Econômicos. (18/24). 264 p. br. 18$. (12/39). **Distr. José Olympio.**

KELLMAN (Rudyard). — English and portuguese comercial correspondence. (14/20) 242. p. cart. 9$. (2.ª ed. 2/39). **Cia. Ed. Nacional.**

LANGENDONCK (Telemaco van). — Exame de suas pontes rodoviarias. Boletim do Instituto de Pesquisas Técnológicas de S. Paulo, 22. (18/26). 78 p. il. br. 10$. (6/39). **S. Paulo.**

LEÃO (Josias). — Mine and minerals in Brasil. Publ. do Centro de Estudos Econômicos, 80. (18/23). 243 p. il. br. 12$. (10/39). **Distr. José Olympio.**

LEÃO (Josias), KONDER (Arno). — Acôrdos comerciais e cambiais em vigôr no Brasil. Dados até 20 Julho 1939 coligidos pela divisão econômica e comercial do Ministério das Relações Exteriores. (19/26). 1 quadro. br. 5$. (8/39). **Distr. José Olympio.**

LESSA (Origenes). — O livro do vendedor. Noções sobre a arte de vender. (13/18). 104 p. br. 5$. (3.ª ed. 12/39). **Distr. Cia. Brasil Ed.**

LOURDES (Maria de). — Arte de cosinhar. (Petiscos e petisqueiras). (17/24). 641 p. il. cart 14$. (3.ª ed. 3/39). **Distr. Civilização.**

MACHADO (Paulo Monteiro). — Panamerica econômica e comercial. (16/23). 248 p. il. br. 20$. (4/39). **Ed. Autor, Rio.**

MAFFEI (Francisco J.), LOURENÇO (Oscar B.). — A corrosão dos hidrômetros ENDELL (K.), ANGELELI (Frederico B.). — A capacidade de torção do itacolomito. — MAFFEI (Francisco J.). — Análises químicas em cooperação. Boletim do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de S. Paulo, 23. (18/26). 48 p. il. br. 10$. (4/39). **S. Paulo.**

MARIA (Rosa). — A arte de comer bem. (16/23). 544 p. cart. 15$. (10.ª ed. 3/39). **Distr. Bedeschi.**

MARIA (Rosa). Novas receitas. Suplemento à Arte de comer bem. (16/23). 364 p. cart. 12$. (3/39). **Distr. Bedeschi.**

MEINEL (Josefina). — Novo método de dactilografia. (16/22). 39 p. il. br. 4$. (7.ª ed. 9/39). **Livr. Teixeira.**

MELLO (Carlos Bandeira de). — Tratado prático de reseguros. Pref. Olympio Carvalho. (17/24). 125 p. br. 12$. (12/39). **Rev. do Trabalho. Rio.**

MENDES (Amando). — Amazonia econômica. Problema brasileiro. (14/20). 211 p. br. 12$. (4/39). **Record, S. Paulo.**

NEVES (Domingos). — Curso de guarda-livros. (14/19). 399 p. cart. 12$. (3.ª ed. 1/39). **Antunes.**

NUNES (Arnaldo). — A contabilidade, genese-formação-desenvolvimento. (17/24). 212 p. br. 15$. (2/39). **A. Coelho Branco**

OLIVEIRA (F. Batista de). — Notas urbanisticas. (16/23). 85 p. il. br. 8$. (7/39). **Freitas Bastos.**

OLIVEIRA (Francisco de Salles). — Curso de eletricidade aplicada. (14/19). 372 p. il. br. 30$. (1938-2/39). **Cia. Ed. Nacional.**

PAULA (L. Nogueira de). — A evolução e os fundamentos da economia matemática. Conferência. (18/26). 35 p. br. 5$. (8/39). **Pongetti.**

PEREIRA (N.). — Como concertar um aparelho de rádio. (13/19). 180 p. il. br. 8$. (2.ª ed. 8/39). **Antunes.**

PESSANHA (Thiago). — Guia do correspondente. Rev. aumentada e atualizada por Pedro de Almeida Moura. (15/22). 288 p. cart. 10$. (5.ª ed. 6/39). **Ed. Melhoramentos.**

PIRES (Dr.). — Guia da beleza. (18/26). 240 p. il. br. 8$. (3/39). **Distr. Freitas Bastos.**

PORTO (Hannibal). — O problema da borracha brasileira. (16/23). 57 p. il. br. 4$. (12/39). **Ministério do Trabalho.**

PRUNES (Lourenço Mário). — O trigo. (12/18). 187 p. il. br. 8$. (10/39). **Of. Gr. Globo.**

QUEIROZ (Honorino Carneiro de). — O Chauffeur sem mestre. (14/18). 223 p. il. br. 8$. (6.ª ed. 6/39). **Tip. do Patronato, Rio.**

REGO (Luiz Flores de Moraes), SANTOS (Tharcisio D. de Souza). — Contribuição para o estudo dos granitos da serra da Cantareira. Boletim do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de S. Paulo, 18 (18/26). 162 p. 1 anexo c/6 mapas. il. br. 25$. (1938-6/39). **S. Paulo.**

REIS FILHO. — Método de dactilografia nacional. (16/23). 53 p. il. cart. 10$. (2.ª ed. 12/39-1940). **Jornal do Comercio.**

REIS (Felippe dos Santos). — Mecanica econômica ao alcance de todos. Com exercicios e problemas numericos. (17/24). 162 p. il. br. 12$. (10/39). **Distr. Livr. Odeon.**

RIBEIRO (Yaya). — Receitas de doces. (13/19). 277 p. br. 8$. (8.ª ed. 12/39). **Globo.**

ROLING (Edgard). — Cubagem de madeiras. Revisão e adaptação de Luiz Cabrerizo. (13/19). 192 p. enc. 10$. (1/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

ROTHE (Oto). — Petroleo. Métodos analiticos. Pref. Luciano Jacques de Morais. (16/23). 107 p. il. br. 20$. (8/39). **J. R. de Oliveira.**

SAKSENA B. Sc. (Chandra R.). — A organização e administração cientifica da indústria e comércio. Intr. por J. L. Fernandes Braga Junior. Trad. Carlos A. Goginho Ph. B. (17/24). 357 p. enc. 76$. (10/39). **Livr. Liberdade.**

SILVA (Joaquim José Gomes da). — Telemetros de inversão Zeiss de 1,m50 e 1m de base. (16/23). 118 p. il. br. 8$. (11/39). **Ed. Autor, Rio.**

SILVA (Raul). — Tratado de taquigrafia ou estenografia. (16/24). 135 p. br. 15$. (2.ª ed. **Borsoi, Rio.**

SOHSTEN (Elijah J. Von). — Método moderno de correspondencia comercial. Bibl. de Ensino Racional, 1. (16/22). 102 p. cart. 8$. (10/39). **Ramiro Costa.**

SUPLEMENTO Técnico de Engenharia e Arquitetura. — Dir. Armando da Silva Porto. 1.º vol. 1939 (19/28). 126 p. il. cart. 35$. (9/39). **Rio.**

TIGRE (Bastos), ACQUARONE (F.). — Meu bebê. Livro das mamães. (19/28). 112 p. il. enc. 20$. (4.ª ed. 1/39). **Oscar Mano.**

VIANNA (Sodré). — Caderno de Xangô. 50 receitas da cosinha bahiana do litoral e do nordêste. Uma reportagem. Il. Santa Rosa. (13/19). 92 p. br. 6$. (10/39). **Livr. Ed. Bahiana.**

6) CIÊNCIAS APLICADAS: MEDICINA

(Vide Anuario Brasileiro de Medicina de 1940 — Pongetti).

7) BELAS ARTES. ESPORTES. JÔGOS. DIVERTIMENTOS.

ALBUQUERQUE (A. Tenorio D'). — Futebol. Técnica, tática, comentários. Pref. J. Castello Branco. (14/19). 157 p. il. br. 6$. (10/39). **Cia. Brasil Ed.**

AZEVEDO FILHO (Arthur). — Regras de futebol. Conforme a referees Chart da Associação Inglesa de Football. (12/17). 94 p. il. br. 5$. (12/39-1940). **Cia. Brasil Ed.**

BARRETO (Ceição de Barros). — Côro orfeão. (14/19). 170 p. il. br. 10$. (2/39). **Ed. Melhoramentos.**

BUENO (Silveira). — Manual de califasia e arte de dizer. (14/20). 181 p. il. br. 5$. (2.ª ed. 10/39). **Saraiva.**

E. W. S. — Bridge contracto. Leilão e carteado. (12/16). 352 p. enc. 25$. (11/39). **Graf. Bloch, Rio.**

GLUCKER (A.). — Natação e saltos. Uma escola viva. Col. Esportes animados, 1. (12/18). 52 p. 250 fotog. br. 8$. (9/39). **Ed. Edanée.**

GOMES (Alfredo). — Hinário Pátrio. (9/12). 127 p. cart. 2$. (4/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

GOMES (Tapajós). — Barroso Netto. (13/19). 25 p. br. (10/39). **Pongetti.**

KLOKE (José). — Os olhos de boi. Bibl. Filatelista, 1. (14/19). 82 p. il. br. 6$. (1938-6/39). **Clube Filatelico do Brasil.**

LOYOLA (Hollanda). — Atletismo. Regras, instruções e entrenamento (14/19). 127 p. br. 8$. (12/39-1940). **Cia. Brasil Ed.**

LOYOLA (Hollanda). — Voleibol. (12/17). 95 p. il. br. 5$. (12/39-1940). **Cia. Brasil. Ed.**

MAGALHÃES (Osvaldo Diniz). — Mapa de ginastica. Sociedade Radio Nacional. 5$. (Nova ed. 5/39). **A Noite.**

MOREIRA (P. Lopes). — Critica musical. Concertos, bailados, opera, etc. (13/19). 191 p. il. br. 9$. (12/39). **Distr. Oscar Mano.**

PENTEADO (Eurico). — Xadrez elementar. (13/19). 220 p. il. br. 10$. (3.ª ed. 5/39). **Emp. Ed. Brasileira.**

SANTOS (Generino dos). — Espolio literario de Generino dos Santos. Humaniadas, vol. 7.º. O estatuário brasileiro C. C. Almeida Reis. Ed. Popular. (17/24). 225 p. il. br. 7$. (8/39). **Jornal do Comercio.**

SENATOR (Max). — O valor da equitação para a saude. Pref. Agenor Porto. Trad. Luiz Hermany Filho. (16/23). 81 p. br. 10$. (5/39). **Canton & Reile.**

SILVA (Alwin Amancio da). — Atletismo. (14/19). 215 p. il. br. 10$. (6/39). **Cia. Brasil Ed.**

VOLUSIA (Eros). — Dansa brasileira. A creação do ballado brasileiro. Conferencia realizada em 20/7/939 no teatro Ginastico. (19/24). 61 p. il. br. 15$. (9/39). **Ed. Autora, Rio.**

9) HISTÓRIA E GEOGRAFIA

ABREU (A. M. de). — O imperio divino. (O Japão). Il. Kasumoto Oda. (13/19). 207 p. br. 8$. (12/39). **Distr. Ed. A. B. C.**

ABREU (Modesto de). — Machado de Assis. (13/19). 84 p. br. 4$. (6/39). **Norte Ed.**

AIDA (Keisa). — Reminiscências do Japão. Pref. Ricardo Severo. (13/19). 213 p. br. 8$. (9/39). **Pongetti.**

ALARDAN. — Guia das ruas urbanas e suburbanas do Distrito Federal. (12/16). 200 p. br. 4$. (5/39). **O Livro Vermelho.**

ALBERNAZ (Paulo Mangabeira). — De que morreu Napoleão. (Ensaio Médico-histórico). (14/19). 282 p. br. 10$. (10/39). **Distr. Civilização.**

ALMEIDA (Heloísa Lentz de). — A vida amorosa de Machado de Assis. (14/19). 94 p. il. br. 6$. (6/39). **Livr. Central.**

AMARAL (Luis). — História geral da agricultura brasileira no tríplice aspeto, politico, social, econômico. 1.º t. Série Brasiliana. 160. (13/19). 461 p. br. 15$. (8/39). **Cia. Ed. Nacional.**

ANDRADE (Martins de). — Carlos Gomes. Escorço biográfico. Homenagens póstumas. A musica. (13/19). 179 p. br. 7$. (11/39). **Pongetti.**

ANTONGINI (Tom). — A vida secreta de D'Annunzio. Trad. Manuel Bandeira. Col. Vidas Celebres. 5. (14/20). 674 p. br. 15$. (6/39). **Cia. Ed. Nacional.**

AURELI (Willy). — Roncador. Jornada da bandeira Piratininga. (14/20). 299 p. il. br. 10$. (9/39 — 2.ª ed. 11/39). **Cultura Brasileira.**

AZEVEDO (Aroldo de). — Corografia do Brasil para o curso comercial. (14/20). 295 p. il. cart. 9$. (1938-6/39). **Cia. Ed. Nacional.**

AZEVEDO (Aroldo de). — Geografia. 3.ª série. (14/20). 346 p. il. cart. 10$. (6.ª ed. 2/39). **Cia. Ed. Nacional.**

AZEVEDO (Aroldo de). — Geografia para o curso comercial. Col. Dom Bosco, 21. (14/20). 381 p. il. cart. 13$. (11/39). **Cia. Ed. Nacional.**

AZEVEDO (José Afonso Mendonça). — Ensino progressivo de corografia do Brasil. (32/27). 28 p. br. 5$. (10/39). **Jornal do Brasil.**

BANDEIRA (Manuel). — Guia de Ouro Preto. Il. Luis Jardim. (18/25). 168 p. br. 8$. (1938-1/39). **Ministério da Educação.**

BARBUY (Heraldo). Maria Antonietta. (14/19). 192 p. br. 6$. (1/39). **Ed. e Publ. Brasil.**

BARRETO FILHO (Mello), LIMA (Hermeto). — História da policia do Rio de Janeiro. Aspectos da cidade e da vida carioca. (1565-1831). Pref. Filinto Muller. (17/23). 361 p. il. br. 25$. (11/39). **A Noite.**

BARROSO (Gustavo). — Coração de menino. Memórias. (13/19). 318 p. br. 8$. (11/39). **Getulio M. Costa.**

BARROSO (Gustavo). — A guerra de Artigas. 13/19). 198 p. br. 6$. (2.ª ed. 8/39). **Getulio M. Costa.**

BARROSO (Gustavo). — A guerra do Flôres. (13/19). 203 p. br. 6$. (Nova ed. 8/39). **Getulio M. Costa.**

BARROSO (Gustavo). — A guerra do Lopez. (13/19). 241 p. br. 6$. (4.ª ed. 9/39). **Getulio M. Costa.**

BARROSO (Gustavo). — A guerra do Rosas. (13/19). 204 p. br. 6$. (Nova ed. 8/39). **Getulio M. Costa.**

BARROSO (Gustavo). — A guerra do Vidéo. (13/19). 216 p. br. 6$. (Nova ed. 8/39). **Getulio M. Costa.**

BARROSO (Gustavo). — O livro dos enforcados. (13/19). 189 p. br. 6$. (9/39). **Getulio M. Costa.**

BARROSO (Gustavo). — Osorio o centauro dos pampas. (13/19). 201 p. br. 6$. (2.ª ed. 9/39). **Getulio M. Costa.**

BARROSO (Gustavo). — Tamandaré o Nelson brasileiro. (13/19). 207 p. br. 6$. (2.ª ed. 9/39. **Getulio M. Costa.**

BARROSO (Gustavo). — História secreta do Brasil. 1ª parte. Série Brasiliana. 76. (13/19). 374 p. il. br. 10$. (3.ª ed. 2/39). **Cia. Ed. Nacional.**

BELLO (Luiz Alves de Oliveira). — A descoberta do Brasil por Cabral não foi obra do acaso. A sua verdadeira data. (16/23). 29 p. 1 mapa. br. 3$. (10/39). **Imprensa Naval, Rio.**

BERTONI (G.). — Dante. Trad. Col. Perfís, 1. (13/19). 87 p. br. 4$. (5/39). **Athena Ed.**

BETHLEM (Hugo). — Vale de Itajaí. (Jornadas de civismo). (13/19). 243 p. il. br. 10$. (7/39). **José Olympio.**

BIBLIOTECA Militar. — Vol. IX. Col. C — Bosquejo histórico e documentado das operações militares na provincia do Rio Grande do Sul durante a presidencia do Dr. Saturnino de Souza e Oliveira. (16/23. 275 p. br. 6$500. (2.ª ed. 1938-4/39). **Rio.**

BIBLIOTECA Militar. — Floriano Peixoto. (16/23). 79 p. il. br. 3$. (5/39). **Rio.**

BLIN (Cel.). — Pequena história da Grande Guerra. (1914-1918). Trad. Cap. Salm de Miranda. Bibl. Militar. 22. (17/25). 171 p. e mapas. br. 6$500. (11/39). **Rio.**

BONTEMPELLI (M.). — São Bernardino. Trad. Col. Perfís. 4. (13/19). 85 p. br. 4$. (7/39). **Athena.**

BOPP (Raul), JOBIM (José). — Geografia mineral. Col. Correio da Asia. (18/24). 318 p. il. br. 12$. (1938-5/39). **Distr. José Olympio.**

BRANCO (Barão do Rio). — Efemérides brasileira. 2.ª ed. rev. pelo prof. Basilio de Magalhães. (17/24). 996 p. br. 20$. (1938-2/39). **Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro.**

BRANDÃO (Alfredo). — Crônicas alagoanas. (História, lendas e etnografia). Pref. Humberto Bastos. Col. Autores Alagoanos, 5. (14/20). 189 p. br. 6$. (9/39). **Casa Ramalho.**

BRASIL-Estados Unidos. — Fatores de Amizade entre as duas grandes pátrias Americanas. (16/23). 497 p. br. 20$. (6/39). **Diario de Noticias, Rio.**

BRITO (Lemos). — Pontos de partida para a história econômica do Brasil. Série Brasiliana, 155. (13/19). 552 p. br. 20$. (2.ª ed. 8/39). **Cia. Ed. Nacional.**

BULCÃO JUNIOR, BORDEAUX (Henry), MAURIN (Gal.), GRASSET (M.). — Gamelin. Col. Figuras Contemporaneas, s. D. vol. 1. (13/19). 55 p. br. 3$. (12/39). **Norte Ed.**

BUONAIUTI (E.). — Jesús. Trad. Col. Perfís, 2. (13/19). 79 p. br. 4$. (5/39). **Athena.**

CABRAL (Mario da Veiga). — Geografia da América. (16/23). 335 p. il. cart. 10$. (1938-3/39). **Jacinto.**

CABRAL (Mario da Veiga). — Primeiro ano de geografia. (14/19). 300 p. cart. 8$. (14.ª ed. 4/39). **Jacinto.**

CABRAL (Osvaldo R.). — Laguna e outros ensaios. (14/19). 183 p. br. 5$. (9/39). **Imp. Oficial, Sta. Catarina.**

CALMON (Pedro). — História do Brasil. 1.º t. As Origens. 1500-1600. Série Brasiliana, 176. (13/19). 476 p. br. 15$. (12/39). **Cia. Ed. Nacional.**

CALMON (Pedro). — História da Casa da Tôrre. Uma dinastia de pioneiros. Col. Documentos Brasileiros. 22. (15/23). 211 p. 14 il. br. 18$. (12/39). **José Olympio.**

CALMON (Pedro). — História social do Brasil. 3.º t. A época republicana. Série Brasiliana. 173. (13/19). 316 p. br. 10$. (11/39). **Cia. Ed. Nacional.**

CALMON (Pedro). — Pequena história da civilização brasileira para a escola primária. (14/20). 160 p. il. cart. 5$. (4/39). (4/39). **Cia. Ed. Nacional.**

CALMON (Pedro). — O rei filósofo. Vida de D. Pedro II. Série Brasiliana. 120. (13/19). 483 p. il. br. 14$. (2.ª ed. 7/39). **Cia. Ed. Nacional.**

CALMON (Pedro). — Vida e amores de Castro Alves. Il. de Castro Alves. (13/19). 264 p. br. 6$. (2.ª ed. 1/39). **A Noite.**

CAMPOS (Humberto de). — Memórias. Primeira parte. 1886-1900. (Rev. por Henrique de Campos. (13/19). 350 p. br. 10$. (11.ª ed. 11/39). **José Olympio.**

CAMPOS (Humberto de). — Memórias inacabadas. Rev. por Henrique de Campos. (13/19). 199 p. br. 6$. (4.ª ed. 12/39). **José Olympio.**

CAMPOS (Maria dos Reis). — Vida na cidade. (14/19). 146 p. il. cart. 5$. (1/39). **Paulo de Azevedo.**

CARCANO (Ramón J.). — De Caseros ao XI de Setembro. Pref. João Neves. Trad. Paulo de Medeyros. Col. Brasileira de Autores Argentinos, 2. (14/19). 281 p. br. (4/39). **Minist. Relações Exteriores.**

CARDIM (Padre Fernão). — Tratados da terra e gente do Brasil. Introdução e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. Série Brasiliana, 168. (13/19). 379 p. br. 12$. (2.ª ed. 12/39). **Cia. Ed. Nacional.**

CARNEIRO (David). — Civilização militar. Col. História Geral da Humanidade, 3. (14/19). 134 p. il. br. 6$. (12/39). **Athena.**

CARNEIRO (David). — Evolução Grega. Col. História Geral da Humanidade, 2. (14/19). 216 p. il. br. 8$. (9/39). **Athena.**

CARNEIRO (David). — Teocracia. Col. História Geral da Humanidade, 1. (14/19). 127 p. br. 7$. (6/39). **Athena.**

CARRAZZONI (André). — Getulio Vargas. (13/19). 298 p. il. br. 8$. (5/39). (2.ª ed. 12/39). 212 p. il. br. 5$.). **José Olympio.**

CASAS (Alvaro de las) — Na labareda dos trópicos. Viagem ao Norte do Brasil. (13/19). 159 p. br. 7$. (11/39). **A Noite.**

CASCUDO (Luis da Camara). — Vaqueiros e cantadores. Bibl. de Investigação e Cultura, 6. (15/22). 274 p. br. 18$. (11/39). **Globo.**

CASTRO (Vice-Alte. Dário Paes Leme de). — Terminologia físico-geográfica do Brasil. Tribunal marítimo administrativo. (17/24). 102 p. br. 10$. (11/39). **Coelho Branco.**

CASTRO (Josué de). — Geografia humana. Estudo da paisagem cultural do mundo. Curso Secundario. (15/23). 232 p. il. cart. 10$. (2/39). **Globo.**

CELLINI (Benvenuto). — Vida de Benvenuto Cellini escrita por ele mesmo. Trad. J. L. Moreira. Bibl. Clássica. (14/19). 2 vols. 523 p. cart. 22$. (5/39). **Athena.**

CESARINO JUNIOR (A. F.). — História do Brasil. Curso comercial. 2.º ano. Bibl. de Estudos Comerciais e Economicos, 19. (14/19). 176 p. il. cart. 7$. (2.ª ed. 11/39). **Cia. Ed. Nacional.**

CHATEAUBRIAND. — Atala. Trad. Libero Rangel de Andrade. (14/20). 136 p. cart. 7$. (1/39). **Cia. Brasil Ed.**

CHRISTLIEB (M. L.). — A vida na India. Trad. Rosa Briquet. (14/18). 75 p. il. cart. 4$. (9/39). **Athena.**

COELI (Marius). — As quatro babilônias. Visões profético-apocalipticas do mundo e sua história. (17/24). 408 p. il. br. 20$. (7/39). **Rev. dos Tribunais.**

CONSTANT NETO (Benjamin). — Benjamin Constant. Pref. Augusto Tasso Fragoso. Bibl. Militar, 25. (17/24). 219 p. il. br. 6$500. (11/39-1940). **Rio.**

CORRÊA (Armando Magalhães) — Terra Carioca. Fontes e chafarizes. (17/24). 223 p. il. br. 20$. (7/39). **Impr. Nacional, Rio.**

CORRÊA FILHO (V.). — Alexandre Rodrigues Ferreira. Vida e obra do grande Naturalista brasileiro. Série Brasiliana, 144. (13/19). 238 p. il. br. 9$. (3/39). **Cia. Ed. Nacional.**

CORRÊA FILHO (Virgilio). — Mato Grosso. (17/24). 268 p. il. br. 10$. (8/39). **Coed. Brasilica.**

CORREIA (Leoncio). — A verdade histórica sobre o 15 de Novembro. (17/24). 316 p. il. br. 15$. (2/39). **Impr. Nacional, Rio.**

COSTA (Angyone). — Introdução à arqueologia brasileira. Etnografia e história. Série Brasiliana, 34. (13/19). 401 p. il. br. 22$. (2.ª ed. 1938-5/39). **Cia. Ed. Nacional.**

COSTA (Angyone). — Migrações e cultura indígena. Ensaios de arqueologia e etnologia do Brasil. Série Brasiliana, 139. (13/19). 276 p. il. br. 8$. (3/39). **Cia. Ed. Nacional.**

COSTA (Craveiro). — Maceió. (Com um apêndice e anotações de Manuel Diegues Junior). Vinhetas de Santa Rosa. Pref. Aurelio Buarque de Hollanda Ferreira. Prefeitura Municipal de Maceió. (15/23). 219 p. il. br. 15$. (12/39). **José Olympio.**

COUTINHO (Albino Jr. F.). — Datas brasileiras. (13/19). 256 p. br. 10$. (3/39). **Globo.**

CUNHA (Euclydes da). — Canudos. (Diario de uma expedição). Introdução de Gilberto Freyre. Col. Documentos Brasileiros, 16. (15/24). 188 p. il. br. 12$. (2/39). **José Olympio.**

CUNHA (Euclydes da). — Perú versus Bolivia. Com 2 mapas e um estudo de Oliveira Lima. Col. Documentos Brasileiros, 17. (15/24). 194 p. il. br. 12$. (2.ª ed. 2/39). **José Olympio.**

CURIE (Eve). — Madame Curie. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. do Espirito Moderno. (15/22). 336 p. br. 12$. (Nova ed. 5/39). **Cia. Ed. Nacional.**

DOCCA (Souza). — Limites entre o Brasil e o Uruguai. (14/19). 216 p. e mapas. br. 10$. (6/39). **E. C. Material de Intendencia, Rio.**

DOCUMENTOS para o estudo da 2.ª Grande Guerra. O Livro Branco do Governo Alemão. 19 Agosto a 3 Setembro 1939. Outubro 1939. (16/23). 31 p. br. 3$. (10/39). **Distr. Livr. Victor.**

DODT (Gustavo). — Descrição dos rios Parnaíba e Curupí. Série Brasiliana, 138. (13/19). 234 p. il. br. 9$. (1/39). **Cia. Ed. Nacional.**

DOMINGUES (Mário). — Impressões de viagem ao norte do Brasil. (13/19). 189 p. br. 8$. (10/39). **Pongetti.**

DORNAS FILHO (João). — A escravidão no Brasil. Bibl. de Divulgação Cientifica, 17. (13/19). 321 p. il. br. 15$. (5/39). **Civilização.**

DUMAS (Alexandre). — Maria Antonieta. (Excerto e adaptação das Memórias de um médico pela Condessa D'Orsay). Bibl. dos Grandes Filmes, 1. (13/19). 352 p. br. 5$. (7/39). **Emp. Ed. Brasileira.**

ENRIQUEZ (R.). — Juarez. Trad. Gastão Pereira da Silva. (13/19). 167 p. br. 5$. (8/39). **Mandarino.**

FERNANDES (Gonçalves). — O folclore mágico do nordeste. Bibl. de Divulgação Cientifica. (13/19). 180 p. il. br. 8$. (1938-1/39). **Civilização.**

FIDÉLIS (Zé). — História do mundo. Pref. Armando Bertoni. (12/18). 98 p. il. br. 5$. (2.ª ed. 11/39). **Rev. dos Tribunais.**

FIGUEIREDO (Major Lima). — Indios do Brasil. Pref. General Rondon. Série Brasiliana, 163. (13/19). 348 p. il. br. 12$. (8/39). **Cia. Ed. Nacional.**

FLEMING (Paulo). — Franco. Col. Figuras Contemporaneas, s. A, vol. 7. (13/19). 79 p. br. 3$. (10/39). **Norte Ed.**

FLORIANO. — Memórias e documentos. Vol. I. Artur Vieira Peixoto. Biografia do Marechal Floriano Peixoto. (19/29). 435 p. il. br. 5$. (6/39). — Vol. II. Noronha Santos. A Revolução de 1891 e suas consequências. (19/29). 317 p. il. br. 5$. (10/39). — Vol. IV. Sílvio Peixoto. Inicio do período presidencial. (19/29). 299 p. il. br. 5$. (10/39). — Vol. V. Roberto Macedo. A administração de Floriano. Parte geral e pastas militares. (19/29). 341 p. il. br. 5$. (12/39). **Ministério da Educação.**

FRAGOSO (Augusto Tasso). — A revolução Farroupilha. (1835-1845). Bibl. Militar, 16-17. (17/24). 304 p. e mapas. il. br. 20$. (5/39). **Rio.**

FREYRE (Gilberto). — Olinda. 2.º guia prático histórico e sentimental de Cidade Brasileira. Il. M. Bandeira. (24/31). 128 p. 56 des. e 1 planta. Ed. em papel Offset. br. 200$. (12/39). **Ed. Autores, Recife.**

GIANNANTONI (Mário). — Gabriel D'Annunzio. Trad. Marina Guaspari. (17/24). 283 p. il. br. 15$. (8/39). **Freddo & Gravina, Rio.**

GIKOVATE (Moisés). — Geografia. 1.ª série. (14/21). 266 p. il. cart. 8$. (3/39). **Ed. Melhoramentos.**

GIRÃO (Raimundo). MARTINS FILHO (Antônio). — O Ceará. (19/28). 470 p. il. br. 30$. (12/39). **Ed. Fortaleza.**

GÓIS (Carlos). — Datas nacionais. (13/19). 156 p. br. 4$. (3.ª ed. 1938-3/39). **Distr. Paulo de Azevedo.**

GÓIS (Carlos). — Pontos de geografia. I, II, III e IV ano primário. (14/18). 145 p. br. 3$. (7.ª ed. 6/39). **Paulo de Azevedo.**

GOLD (John). (Aristides Villas-Bôas). — Judas no tribunal ou O julgamento do homem que

trabalho Jesus Cristo. Pref. Osvaldo Proença Gomes. (14/19). 65 p. br. 2$. (11/39). **Gr. Olímpica.**

GRIECO (Donatello). — Napoleão e o Brasil. (13/19). 313 p. il. br. 7$. (4/39). **Civilização.**

GUIA REX. — Indicador geral do Rio de Janeiro. Organizado por Ary e Osvaldo Souza. (12/17). 430 p. il. br. 6$. (4/39). **Pimenta de Mello.**

GUIA UHLE do Rio de Janeiro. N.º 1. Maio-Outubro 1939. (12/21). 140 p. il. br. 5$. (6/39). **Rio.**

GUIAS (Os) Verdes do Brasil. — Rio de Janeiro e arredores. Guia do viajante. Pref. Angelo Orazi. (12/16). 744 p. 2 mapas, il. enc. 40$. (9/39). **Guias do Brasil Ltd.**

GUISARD FILHO (Féliz). — Convento de Santa Clara. Achegas à história de Taubaté. Bibl. Taubateana de Cultura, 2. (14/19). 184 p. br. 8$. (1938-1/39). **Athena.**

GUISARD FILHO (Félix). — Índice de inventarios e testamentos. Achegas à história de Taubaté. Bibl. Taubateana de Cultura, 4. (14/19). 196 p. br. 8$. (5/39). **Athena.**

GUISARD FILHO (Félix). — Jacques Félix. Achegas à história de Taubaté. Bibl. Taubateana de Cultura, 1. (14/19). 176 p. il. br. 8$. (1938-1/39). **Athena.**

HACKETT (Francis). — Henrique VIII. Trad. Carlos Domingues. Col. O Espelho das Grandes Vidas. (15/22). 473 p. 8 gravuras, br. 20$. enc. 26$. (8/39). **Pongetti.**

HARRIS (Frank). — Oscar Wilde. Sua vida e confissões. Trad. Godofredo Rangel. Col. Vidas Celebres, 6. (14/20). 499 p. br. 14$. (12/39). **Cia. Ed. Nacional.**

HEIDEN (Konrad). — Hitler. A éra da irresponsabilidade. Trad. Alvaro Franco. (15/22). 409 p. br. 20$. (10/39). **Globo.**

HENDERSON (Sir Nevile). — Relatório final de Sir Nevile Henderson embaixador britanico em Berlin sobre as circunstancias que conduziram à terminação da sua missão. 20 Setembro 1939. (16/23). 32 p. br. (12/39). **Distr. Casa Ed. Contemporanea, S. P.**

HILAIRE (Auguste de Saint-). — Viagem ao Rio Grande do Sul. 1820-1821. Trad. Leoman de Azeredo Penna. Série Brasiliana, 167. (13/19). 404 p. il. br. 13$. (2.ª ed. 10/39). **Cia. Ed. Nacional.**

JOSEPH (Marie-). — Mistérios da serra Dourada. (13/19). 63 p. il. br. 6$. (2/39). **Pongetti.**

JULIO (Silvio). — Venezuela. 1.º vol. (Coordenação de Silvio Julio). (20/29). 240 p. il. br. 12$. (12/39-1940). **Alba.**

KELER (Helena). — A história de minha vida. Trad. J. Espinola Veiga. (13/19). 336 p. br. 10$. (4/39). **José Olympio.**

KONDER (Alexandre). — Do outro lado da Terra. Col. Contemporanea, 52. (12/18). 227 p. il. br. 7$. (12/39). **Livr. Victor.**

KONDER (Alexandre). — História do Japão. Resumo. (13/19). 268 p. br. 10$. (1/39). **Ed. Autor, Rio.**

KRUIF (Paul de). — Caçadores de microbios. Trad. Mauricio de Medeiros. (15/24). 301 p. br. 16$. (12/39). **José Olympio.**

LATIF (Miran M. de Barros). — As Minas Gerais. A aventura portuguesa, a obra paulista, a capitania e a provincia. (16/22). 208 p. il. br. 15$. (12/39). **A Noite.**

LEVENE (Ricardo). — Síntese da história da civilização Argentina. Pref. Pedro Calmon. Trad. Paulo de Medeyros. Col. Brasileira de Autores Argentinos, 1. (14/19). 442 p. br. (1938-1/39). **Minist. Relações Exteriores.**

LEVINSON (André). — A vida patética de Dostoievski. Trad. Costa Neves. (17/24). 238 p. br. 12$. (10/39). **Vecchi.**

LIMA (Afonso Guerreiro). — Noções de história do Brasil. (17/24). 219 p. il. cart. 8$. (9.ª ed. 12/39). **Globo.**

LIMA (Hermes). — Tobias Barreto. A época e o homem. Série Brasiliana, 140. (13/19). 352 p. br. 12$. (2/39). **Cia. Ed. Nacional.**

LIMA (General Waldomiro Castilho de). — A campanha da Africa Oriental. (Italo-Etiope). (16/24). 450 p. anexo c/ mapas, il. br. 30$. (1938-1/39). **Impr. Militar, Rio.**

LINHARES (Mário). — Os Linhares. (Retrospecto Genealógico). 1822-1939. (15/22). 174 p. br. 10$. (10/39). **Pongetti.**

LINS (Ivan). — A Idade Media. A Cavalaria e as Cruzadas. Pref. Afranio Peixoto. Col. Cultura Positiva. (13/19). 482 p. br. 20$. (10/39). **Coed. Brasilica.**

LINS (Ivan Monteiro de Barros). — Três abolicionistas esquecidos. (14/19). 93 p. br. [illegible] (10/39). **Distr. Coed. Brasilica.**

LIRA (Mariza). — Chiquinha Gonzaga. Grande compositora popular brasileira. (13/18). 139 p. il. br. 6$. (12/39). **Distr. Civilização.**

LOBO (Esmeraldina A.). — História do Brasil. Des. Magalhães Corrêa. (16/22). 68 p. cart. 4$. (6.ª ed. 4/39). **J. R. de Oliveira.**

LOON (H. van). — O mundo em que vivemos. Trad. Alvaro Franco. (17/24). 503 p. il. br. 20$. (Nova ed. 7/39). **Globo.**

LOPES (Luciano). — História da civilização. 4.ª série. (14/19). 331 p. il. cart. 8$. (4/39). **Jacinto.**

LUDWIG (Emil). — Leaders da Europa. Trad. Jaime Cortezão. (17/24). 275 p. br. 12$. (Nova ed. 5/39). **Globo.**

LUDWIG (Emil). — Memórias dum caçador de homens. Trad. Mário Quintana. (17/24). 269 p. il. br. 20$. (8/39). **Globo.**

LUDWIG (Emil). — Três titãs. Beetoven, Rembrandt, Miguel Angelo. Trad. Erico Verissimo. (17/24). 320 p. il. br. 20$. (4/39). **Globo.**

LUSTOSA (Dom Antonio de Almeida). (Arcebispo do Pará). — Dom Macedo Costa, Bispo do Pará. (12/18). 582 p. br. 20$. (10/39). **Cruzada Bôa Imprensa.**

LYRA (Heitor). — História de Dom Pedro II. 1825-1891. Vol. 2.º. Fastigio. 1870-1880. Série Brasiliana, 133-A. (13/19). 5[illegible] p. il. br. 16$. (9/39). **Cia. Ed. Nacional.**

MACEDO (Roberto). — Floriano na guerra do Paraguai. (13/19). 56 p. br. 3$. (2.ª ed. 1938-1/39). **Ed. Autor, Rio.**

MACEIÓ (Estado de Alagôas). — Cem anos de vida da Capital. (18/27). 179 p. br. 7$. (12/39). **Casa Ramalho.**

MAGALHAES (Basilio de). — O café na história, no folclore e nas belas-artes. Série Brasiliana, 174. (13/19). 387 p. il. br. 15$. (2.ª ed. 12/39). **Cia. Ed. Nacional.**

MAGALHAES (Basilio de). — Estudos de história do Brasil. Série Brasiliana, 171. (13/19). 298 p. br. 10$. (12/39-1940). **Cia. Ed. Nacional.**

MAGALHAES (Basilio de). — O Folclore no Brasil. Com uma coletânea de 81 contos populares organizada por João da Silva Campos. (Boletim do Instituto Histórico). (17/24). 397 p. il. br. 15$. (12/39). **Distr. Civilização.**

MAGALHAES (Basilio de). — História da civilização. 1.ª série. (14/20). 240 p. il. cart. 8$. (2/39). **Paulo de Azevedo.**

MAGALHAES (Bruno de Almeida). — O Visconde de Abaeté. Série Brasiliana, 143. (13/19). 318 p. il. br. 10$. (3/39). **Cia. Ed. Nacional.**

MAGALHAES (Symphronio de) — Petropolis. Morada de flôra. (16/23). 64 p. 70 figs. br. 10$. (2.ª ed. 12/39). **Gr. Apollo, Rio.**

MAGARINOS (Domingos). (Epiága R. T.). — Amerríqua. Antiguidade da América, do homem americano, da sua cultura e de sua civilização. (13/19). 205 p. br. 8$. (10/39). **Alba.**

MAJOCCHI (Andréa). — Memórias de um cirurgião. Trad. Cecilia Reis. (13/19). 447 p. br. 14$. (5/39). **José Olympio.**

MAPA detalhado da Polônia, Lituânia e Letônia e fronteiras com Alemanha, Russia, Rumânia e Tchecoslováquia. (56/76). 5 côres. 8$. (9/39). **Globo.**

MARGUERITTE (Victor). — S. D. N. História de uma paz, gênese de outras guerras. Trad. Frederico Carlos Spicacci. Col. Documentário. (14/21). 263 p. br. 8$. (10/39). **Vecchi.**

MARINHO (Conego José Antonio). — História do movimento politico que no ano de 1842 teve lugar na provincia de Minas Gerais. (16/23). 397 p. il. enc. 25$. (2.ª ed. 12/39). **Tip. Almeida, Cons. Lafayette.**

MARTINEZ (Hector Pérez). — Juárez. O Impassivel. Trad. Dias da Costa. (17/24). 207 p. br. 10$. (12/39). **Vecchi.**

MARTINS (A. de Rezende). — Geografia elementar. (24/22). 83 p. 2 mapas. cart. 5$. (27ª 12/39). **Paulo de Azevedo.**

MARTINS (Amelia de Rezende). — Um idealista realizador. Barão Geraldo de Rezende. (19/28). 771 p. il. br. 50$. (12/39). **Alm. Laemmert.**

MARTINS (Romario). — História do Paraná. (18/19). 342 p. br. 20$. (2.ª ed. 9/39). **Ed. Rumo.**

MATOS (Mário). — Machado de Assis. O homem e a obra. Os personagens explicam o autor. Série Brasiliana, 153. (13/19). 454 p. il. br. 14$. (6/39). **Cia. Ed. Nacional.**

MAUL (Carlos). — Casimiro de Abreu. Poeta do amor. (13/19). 141 p. il. br. 5$. (7/39). **Coelho Branco.**

MAURICÉA (Christovam de). — Nomes geográficos aborígenes. Glossário popular. (12/16). 74 p. br. 5$. (11/39). **Fran. de Souza-Pinto, Rio.**

MAUROIS (André). — Chateaubriand. Trad. Guilherme Figueiredo. Col. O Espelho das Grandes Vidas. (15/22). 396 p. br. 18$. enc. 25$. (9/39). **Pongetti.**

MAUROIS (André). — A vida de Disraeli. Trad. Godofredo Rangel. Bibl. do Espirito Moderno, s. 3.ª, vol. 3.º. (14/22). 287 p. br. 10$. (Nova ed. 5/39). **Cia. Ed. Nacional.**

MELO (Mário). — Como vi Portugal. (13/19). 188 p. br. 8$. (1938-9/39). **Livr. Colombo.**

MENDES (Amando). — Amazonia economica. Problema brasileiro. (14/20). 211 p. br. 12$. (4/39). **Record, S. Paulo.**

MOMIGLIANO (F.). — Tolstoi. Trad. Col. Perfis, 5. (13/19). 93 p. br. 4$. (7/39). **Athena.**

MONT'ALEGRE (Omer). — Tobias Barreto. (17/24). 326 p. br. 15$. (8/39). **Vecchi.**

MONTALVÃO (Daniel de). — Analfabetos ilustres. (14/19). 230 p. br. 8$. (12/39). **Ed. Autor, S. Paulo.**

MONTEIRO (Exupéro). — Tobias Barreto. (O poeta). (12/18). 33 p. br. (8/39). **Impr. Oficial, Aracajú.**

MONTEIRO (Tobias). — História do império. O primeiro reinado. T. I. (17/25) 448 p. il. enc. 65$. (8/39). **Briguiet.**

MOOG (Viana). — Eça de Queroz e o século XIX. (15/23). 356 p. il. br. 15$. (2.ª ed. 1/39). **Globo.**

MOOG (Viana). — Herois da decadencia. Petrônio. Cervantes. Machado de Assis. (15/23). 233 p. br. 12$. (2.ª ed. 10$39). **Globo.**

MORAIS (Raimundo). — A margem do livro de Agassiz. (12/18). 217 p. br. 10$. (8/39). **Ed. Melhoramentos.**

MORAIS (Raimundo). — Notas sôbre o Eldorado. (12/18). 32 p. br. 2$. (3/39). **Ed. Melhoramentos.**

MORAIS (Raimundo). — Na planicie amazonica. Série Brasiliana, 63. (13/19). 227 p. br. 10$. (5.ª ed. 12/39). **Cia. Ed. Nacional.**

MOREIRA (Artur Q. Collares). — Gomes de Castro, Benedicto Leite e Urbano Santos. (17/24). 246 p. br. 10$. (11/39). **Jornal do Comercio.**

MOURÃO (Abner). — Uma reportagem na Italia. (13/19). 224 p. il. br. 6$. (9/39). **A Noite.**

MUNTHE (Axel). — O livro de San Michele. Trad. Jaime Cortezão. (17/24). 364 p. il. br. 20$. (3.ª ed. 6/39). **Globo.**

NABUCO (Joaquim). — A intervenção extrangeira durante a revolta de 1893. (14/20). 172 p. br. 10$. (12/39). **Cia. Ed. Nacional.**

NASH (Roy). — A conquista do Brasil. Trad. Moacir N. Vasconcellos. Série Brasiliana, 150. (13/19). 501 p. il. br. 15$. (8/39). **Cia. Ed. Nacional.**

NEIVA (Artur Hehl). — Pequena história da civilisação, vol. I. Col. Portátil, 21. (9/13). 128 p. br. 4$. (4/39). **J. R. Botkin, Rio.**

NUNES (Arnaldo). — A epopéia do Alcazar de Toledo. (16/23). 82 p. il. br. 5$. (5/39). **Coelho Branco.**

NUNES (Janarí Gentil). — Bandeira do Brasil. História, simbolismo, Glorias e leis. Bibl. Militar, 23. (17/25). 173 p. il. br. 6$500. (11/39). **Rio.**

PEREIRA (Lucia Miguel). — Machado de Assis. (Estudo Crítico e biográfico). Série Brasiliana, 73. (13/19). 346 p. il. br. 12$. (2.ª ed. 3/39). **Cia. Ed. Nacional.**

PEREIRA (Nuno Marques). — Compêndio narrativo do Peregrino da América. Completada com a 2.ª parte, notas e estudos de Varnhagen, Leite de Vasconcellos, Afranio Peixoto, Rodolfo Garcia e Pedro Calmon. Vols. I a II. (17/24). 420-284 p. br. 24$. (12/39). **Academia Brasileira.**

PETTINATI (Francesco). — O elemento italiano na formação do Brasil. De Americo Vespucci a Libero Badaró. Il. B. Sorelli. (17/24). 279 p. br. 15$. (7/39). **E. Focal, S. Paulo.**

PICCAROLO (A.). — Augusto e seu tempo. (17/24). 293 p. br. 20$. (11/39). **Athena.**

PILOTO (Valfrido). — História e historiografos. (14/19). 214 p. br. (12/39). **Gr. Paranaense.**

PINTO (Estevão). — História da civilização. 2.ª série. (15/21). 230 p. il. cart. 8$. (11/39). **Livr. Universal.**

PIRATININGA (Arnoldo). — Nudismo. Uma viagem ao país da gente nûa. Col. Naturismo, 1. (14/20) 159 p. 150 fotog. br. 20$. (Nova ed. 9/39). **Cultura Moderna.**

PIRES (Aurelio). — Homens e fatos de meu tempo. Série Brasiliana, 146. (13/19). 321 p. br. 10$. (4/39). **Cia. Ed. Nacional.**

PLUTARCHO. — Vida dos homens ilustres. Alexandre e Cesar. Trad. Helio Vega. Bibl. Clássica, 4. (14/20). 214 p. cart. 10$. (Nova ed. 2/39). **Athena.**

POLY (Orlando). — Juarez. Col. As Grandes Figuras da Humanidade, I. (15/22). 56 p. br. 2$. (9/39). **Norte Ed.**

PONTES (Carlos). — Tavares Bastos. (Aureliano Candido). 1839-1875. Série Brasiliana, 136. (13/19). 362 p. br. 12$. (1/39). **Cia. Ed. Nacional.**

PONTES (Eloy). — A vida contradictoria de Machado de Assis. Col. Documentos Brasileiros, 21. (15/23). 327 p. 65 il. br. 20$. (2/39). **José Olympio.**

POUSADA (Antonio). — De Viriato a Salazar. História de Portugal. (14/20). 258 p. il. br. 10$. (4/39). **Cultura Moderna.**

PRADO (J. F. de Almeida). — Pernambuco e as Capitanias do Norte do Brasil. (1530-1630). 1.º t. Série Brasiliana, 175. (13/19). 310 p. il. br. 15$. (12/39). **Cia. Ed. Nacional.**

PRADO (J. F. de Almeida). — Primeiros povoadores do Brasil. (1500-1530). Série Brasiliana, 37. (13/19). 309 p. il. br. 15$. (2.ª ed. 5/39). **Cia. Ed. Nacional.**

PROCÓPIO. — O ator Vasques. O homem e a obra. (16/24). 512 p. il. br. 20$. (3/39). **José Magalhães, S. P.**

PRUNES (Lourenço Mário). — Polônia. História da Polônia, de Dantzig e do Corredor. A invasão Nazi-comunista. (13/19). 93 p. il. br. 4$. (10/39). **Of. Gr. Livr. Globo.**

REIS (David Pena Aarão). — Geografia do Brasil. Folheto 2. (Geografia politica e economica). (16/22). 84 p. br. 5$. (1/39). **Renato Americano, Rio.**

RIBEIRO (Danilo Carneiro). — Ernesto Carneiro Ribeiro. Sua vida e sua obra. (13/19). 192 p. il. br. 8$. (9/39). **José Konfino.**

RIBEIRO (João). — O elemento negro. História, folclore, linguistica. Intr. e notas de Joaquim Ribeiro. Il. Augusto Rodrigues. (13/19). 240 p. br. 8$. (Nova ed. 4/39). **Record, Rio.**

ROBERT (Henri-). — Os grandes processos da história. 3.ª série. Trad. Juvenal Jacinto. (14/20). 221 p. il. br. 8$. (7/39). — 4.ª série. (14/20). 205 p. il. br. 8$. (8/39). **Globo.**

ROHDEN (P. Huberto). — Iremo. (13/19). 195 p. il. br. 6$. (5/39). **Bôa Imprensa.**

ROHDEN (P. Huberto). — Paulo de Tarso. O maior bandeirante do evangelho. (16/24). 364 p. 1 mapa. br. 15$. (10/39). **Bôa Imprensa.**

RUBENS (Carlos). — Andersen. (Pai da pintura paranaense). (13/19). 189 p. il. br. 6$. (6/39). **G. Carvalho, S. Paulo.**

SAMPAIO (Teodoro). — O rio de S. Francisco e a chapada Diamantina. Pref. de Luiz Viana Filho. Col. Estudos Brasileiros, s. I, vol. 1. (13/19). 263 p. il. br. 10$. (1938-3/39). **Ed. Cruzeiro, Baía.**

SANMARTIN (Olinto). — Caminhos seculares. Col. Viagens, 14. (13/19). 235 p. il. br. 7$. (5/39). **Cia. Ed. Nacional.**

SANTAMARINA (Orvacio). — Cesar. (Vida de Caio Julio Cesar). (13/19). 283 p. br. 10$. (1/39). **Pongetti.**

SEIDLER (Carlos). — História das guerras e revoluções do Brasil de 1825 a 1835. Trad. e anotações de Alfredo de Carvalho. Pref. Silvio Crato. Série Brasiliana, 159. (13/19). 325 p. il. br. 8$. (7/39). **Cia. Ed. Nacional.**

SEIGNOBOS (Charles). — História da civilização européia. Trad. Vivaldo Coaracy. (14/20). 412 p. br. 15$. (5/39). **José Olympio.**

SERRANO (Jonathas). — Epitome de historia do Brasil. (13/19). 242 p. il. cart. 8$. (2.ª ed. 3/39). **Briguiet.**

SERRANO (Jonathas). — Farias Brito. O homem e a obra. Série Brasiliana, 177. (13/19). 319 p. il. br. 13$. (12/39). **Cia. Ed. Nacional.**

SERRANO (Jonathas). — História da civilização. 1.ª série. (13/19). 258 p. il. cart. 8$. (5.ª ed. 5/39). — 2.ª série. (13/19). 336 p. 36 figs. cart. 5$. (2.ª ed. 10/39). **Briguiet.**

SILVA (Artur Vieira de Rezende e). — Genealogia mineira. 4.º vol. VI e VII. Familia Tiradentes. (18/24). 333 p. br. 20$. (11/39). **Sfreddo & Gravina, Rio.**

SILVA. "O Chalaça" (Francisco Gomes da). — Memórias. Pref. e anotações de Noronha Santos. (15/23). 240 p. il. br. 15$. (9/39). **Z. Valverde & Pongetti.**

SILVA (Gastão Pereira da). — Rodrigues Alves e sua época. (13/19). 276 p. il. br. 10$. (5/39). **A Noite.**

SILVA (Joaquim). — História da civilização. 1.º ano. (14/20). 264 p. il. cart. 8$. (19.ª ed. 2/39). — 2.º ano. (14/20). 379 p. il. cart. 8$. (17.ª ed. 3/39). — 3.º ano. (14/20). 274 p. il. cart. 8$. (10.ª ed. 2/39). **Cia. Ed. Nacional.**

SILVA (José Bonifacio da Andrade e). — O Patriarca da Independencia. José Bonifacio de Andrade e Silva. (Dezembro de 1821 a Novembro de 1823). Série Brasiliana, 166. (13/19). 433 p. br. 15$. (10/39). **Cia. Ed. Nacional.**

SILVA (José de Mello e). — Fronteiras guaranis. (Com um estudo sôbre o idioma guaraní, ou ava-ne-ê). Monte Arraes. (16/23). 335 p. il. br. 20$. (11/39). **Impr. Metodista, S. Paulo.**

SILVEIRA NETO. — Do Guairá aos saltos do Iguassú. Série Brasiliana, 145. (13/19). 187 p. il. br. 8$. (2.ª ed. 5/39). **Cia.Ed.Nacional.**

SOARES (José Carlos de Macedo). — Fronteiras do Brasil no regime Colonial. Il. e mapas de J. Wasth Rodrigues. Col. Documentos Brasileiros, 19. (15/23). 239 p. br. 20$. (11/39). **José Olympio.**

SODRÉ (Lauro). — A proclamação da República. (16/23). 80 p. br. (12/39). **Ministério da Educação.**

SODRÉ (Nelson Werneck). — Panorama do Segundo Imperio. Série Brasiliana, 170. (13/19). 396 p. br. 15$. (10/39). **Cia. Ed. Nacional.**

SODRÉ (Niomar Moniz). — D'Annunzio. Col. Figuras Contemporaneas. (13/19). 75 p. br. 3$. (5/39). **Norte Ed.**

SOLER (Amalia Domengo). — Memórias do Padre Germano. Trad. M. Quintão. (12/18). 380 p. br. 7$. (7.ª ed. 9/39). **Fed. Espirita.**

SOUZA (Alcindo Muniz de). — Geografia. 3.ª série. (14/20). 171 p. il. cart. 8$. (12/39). **Saraiva.**

SOUZA (Bernardino José de). — Dicionário da terra e da gente do Brasil. 4.ª ed. da "Onomastica geral da Geografia brasileira". Série Brasiliana, 164. (13/19). 433 p. br. 15$. (/39). **Cia. Ed. Nacional.**

SOUZA (O. de Carvalho e). — Lenine. Col. Figuras Contemporaneas. (13/19). 84 p. br. 3$. (5/39). **Norte Ed.**

SOUSA (Otávio Tarquinio de). — Evaristo da Veiga. Série Brasiliana, 157. (13/19). 320 p. il. br. 12$. (9/39). **Cia. Ed. Nacional.**

SOUSA (Octavio Tarquinio de). — História de dois golpes de estado. Col. Documentos Brasileiros, 18. (15/23). 226 p. il. br. 15$. (5/39). **José Olympio.**

SPALDING (Walter). — A revolução Farroupilha. História popular do grande decenio 1835-1845. Série Brasiliana, 158. (13/19). 369 p. il. br. 15$. (7/39). **Cia. Ed. Nacional.**

STERNE (Lawrence). — Viagem sentimental na França e na Italia. Trad. Berenice Xavier. Bibl. Clássica, 22. (11/20). 192 p. cart. 10$. (6/39). **Athena.**

STRACHEY (Lytton). — A rainha Vitória (Sessenta anos de Glória). Trad. Estela Martins Paredes. (17/24). 327 p. br. 15$. (9/39). **Vecchi.**

TAUNAY (Afonso de E.). — História do café no Brasil. Vol. 1.º. No Brasil Colonial. 1727-1822. (T. I.). (17/24). 395 p. br. 11$. (7/39). — Vol. 2.º. No Brasil Colonial. 1727-1822. (T. II.). (17/24). 402 p. br. 11$. (7/39). — III.). (17/24). 452 p. br. 11$. (7/39). — Vol. Vol. 3.º. No Brasil Imperial. 1822-1872. (T. 4.º. No Brasil Imperial. 1822-1872. (T. II.). (17/24). 465 p. br. 11$. (10/39). — Vol. 5.º. No Brasil Imperial. 1822?1872. (T. III.). (17/24). 432 p. br. 11$. (10/39). **D. N. C., Rio.**

TOLEDO (João). — São Paulo. Variações sôbre motivos da história paulista. (14/20). 255 p. br. 8$. (10/39). **Impr. Metodista, S. P.**

TOURINHO (Eduardo). — Oscar Wilde. A tragedia de um genio. Col. Portatil. (10/14). 64 p. br. 2$. (1/39). **R. J. Botkin.**

VALLADÃO (Alfredo). — Da aclamação à maioridade. (1822-1840). Série Brasiliana, 149. (13/19). 527 p. br. 16$. (2.ª ed. 4/39). **Cia. Ed. Nacional.**

VERISSIMO (Ten. Cel. Ignacio José). — André Rebouças atravez de sua auto-biografia. Pref. Octavio Tarquinio de Sousa. Col. Documentos Brasileiros, 20. (15/23). 267 p. il. br. 18$. (10/39). **José Olympio.**

VIAN (Nello). — Madre Cabrini. Trad. Godofredo Rangel. Col. Cristiana, 2. (13/19). 304 p. br. 6$. (4/39). **Cia. Ed. Nacional.**

VIANNA JUNIOR. — Noguchi. Pref. Kasue Kawajima. Col. Figuras Contemporaneas, s. C, vol. 1. (13/19). 79 p. br. 3$. (9/39). **Norte Ed.**

VIEIRA (Celso). — Tobias Barreto. (1839-1939). (15/23). 84 p. br. (12/39). **Academia Brasileira.**

WALLACE (Alfred Russel). — Viagens pelo Amazonas e Rio Negro. Trad. Orlando Torres. Pref. Basilio de Magalhães. Série Brasiliana, 156. (13/19). 670 p. il. br. 18$. (8/39). **Cia. Ed. Nacional.**

WELLS (H. G.). — História universal. 1.º t. Trad. Anisio Teixeira. Grav. e mapas de J. F. Horrabin. Bibl. do Espirito Moderno, s. 3.ª, vol. 4. (15/22). br. 13$. (7/39). — 2.º t. (15/22). br. 13$. (8/39). — 3.º t. (15/22). 474 p. br. 14$. (10/39). (2.ª ed. 12/39, 472 p. br. 19$.). **Cia. Ed. Nacional.**

WELLS (H. G.). — Pequena história do mundo. Trad. Gustavo Barroso. (13/19). 414 p. il. br. 15$. (2.ª ed. 8/39). **José Olympio.**

XAVIER (Cesar Feliciano). — Elogio geografico-histórico do Almirante Barão de Teffé. (16/23). 34 p. br. 3$. (5/39). **Ed. Autor, Rio.**

XAVIER (Francisco Candido). — A caminho da luz. História da civilização à luz do espiritismo. (13/18). 174 p. br. 4$. (3/39). **Fed. Espirita.**

ZWEIG (Stefan). — Os construtores do mundo. Balzac, Dickens, Dostoiewsky, Holderlin, Kleist, Nietzsche. Trad. Rev. J. L. Costa Neves. Ed. Uniforme, 2. (15/22). 469 p. enc. 25$. (Nova ed. 11/39). **Guanabara.**

ZWEIG (Etefan). — Joseph Fouché. Trad. Medeiros e Albuquerque. Ed. Uniforme, 5. (15/22). 355 p. enc. 25$. (Nova ed. 11/39). **Guanabara.**

ZWEIG (Stefan). — Maria Antonietta. Trad. Medeiros e Albuquerque. (15/22). 433 p. il. br. 20$. (Nova ed. 5/39). **Guanabara.**

ZWEIG (Stefan). — Maria Stuart. Trad. Odilon Gallotti. Ed. Uniforme, 8. (15/22). 393 p. il. enc. 15$. (Nova ed. 11/39). **Guanabara.**

Os algarismos que acompanham cada obra indicam. 1.º o formato (16/24).; 2.º o numero de páginas (32 p.), 3.º o preço (12$); 4.º o mês e o ano do aparecimento (4/39), e (1938-4/39).

As abreviações significam: bibl., Biblioteca — br., brochado — cart., cartonado — col., coleção — des., desenhos — dir., direção, di-

retor, diretores — ed., edição, editor, editora, editores — enc., encadernado — figs., figuras — il., ilustrado, ilustrações, ilustradores — pref., prefacio — rev., revista, revisão, revisto — t., tomo — trad., tradução, tradutor, traduzido — vol., volume.

EDITORES

A. B. C. (Editôra). — Ver Costa (Getulio M.).
ACADEMIA Brasileira de Letras. — Av. Presidente Wilson, Rio.
ARIEL Editôra Ltd. — Ver Civilização Brasileira S. A. (Distribuição).
ATHENA Editôra. — Av. Gen. Olimpio da Silveira, 231, S. Paulo.
AURORA Ltd. (Editôra). — Rua Barão de Itapetininga, 139, 1.°, s. 1. S. Paulo.
BIBLIOTECA Militar. — Quartel General, Praça da Republica, Rio. — Depositários: F. Soria. Av. Rio Branco, 157, Rio.
BIBLIOTECA Pan-Americana. — Rua da Quitanda, 9, 1.°, Rio.
BRASIL Editôra (Companhia). — Rua do Rosario, 173, 1.°, Rio.
BRASIL (Edições e Publicações). — Rua da Liberdade, 704, S. Paulo.
BRASILEIRA (Casa Publicadora). — Santo André — S. Paulo.
BRASILEIRA (Emprêsa Editôra). — Alameda Cleveland, 37, S. Paulo.
BRASILIA Editôra. — Rua Senador Dantas, 53, 1.°, Rio.
BRASILICA (Coeditôra). — Cooperativa. Rua Alvaro Alvin, 33-37, S. 704-705, Rio.
CALVINO & Mello Ltd. Editôres. — Rua S. Bento, 26, Rio.
CAMPO (O) Soc. Ltd. — Rua S. José, 52, Rio.
CANDIDO de Oliveira Filho, Editor. — Rua Visconde de Caravelas, 62, Rio.
CARVALHO (Genauro). — Rua dos Gusmões, 147, S. Paulo.
CENTRO Brasileiro de Publicidade. — Av. Erasmo Braga, 12, Rio.
CONTEMPORANEA (Casa Editôra). — Rua S. Bento, 27, S. Paulo.
COSTA (Getulio M.). — Editôra A. B. C. — Rua Teofilo Ottoni, 42, Rio.
CRUZADA da Bôa Imprensa. — Caixa Postal, 2371, S. Paulo.
CULTURA Brasileira S. A. (Edições). — Rua Ouvidor, 183, s. 412, Rio.
CULTURA Moderna (Sociedade Editôra Ltd.). — Rua S. Bento, 51, S. Paulo.
DANTAS (Joaquim). — Editor. — Av. Rio Branco, 117, s. 216, Rio.
DEFESA (A) Nacional. — Av. Rio Branco, 62, Caixa Postal, 1602, Rio.
DIVULGAÇÃO Técnica (Empresa de). — Av. Rio Branco, 117, s. 309, Rio.
EDANÉE (Editôra). — Rua Libero Badaró, 482, S. Paulo.
EDÉSIO Editor. — Praça do Ferreira, 1597, Fortaleza, Ceará.
FONTES (Ofélia e Narbal). — Rua Visconde de Itamaratí, 86, Rio.
FORENCE Editôra (Revista). — Caixa Postal, 289, Rio.
FORTALEZA (Editôra). — Rua Major Facundo, 746, Fortaleza, Ceará.
GUAÍRA Ltd. (Editôra). — Rua 15 de Novembro, 287, sob. S. Paulo. — Caixa Postal, R. Curitiba.
GUANABARA (Cooperativa Cultural). — Rua Ouvidor, 55, 1.°, Rio.
GUIAS do Brasil Ltd. — Rua Camerino, 82, Rio.
INSTITUIÇÃO Cultural Krishnamurti. — Av. Rio Branco, 117, 2.°, s. 203, Rio.
INSTITUTO de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo. — Rua Três Rios, 4, S. Paulo.
JACKSON Inc. (W. M.). — Editores. — Rua Buenos Aires, 70 — Rua Ouvidor, 140, Rio.
JORNAL do Brasil. — Av. Rio-Branco, 110, Rio.
JORNAL do Comercio. — Av. Rio Branco, 117, Rio.
JOSÉ KONFINO. — Editor. — Rua da Assembléa, 40, 1.°, Rio.
LIVRO Vermelho dos Telefones. — Rua Evaristo da Veiga, 61, Rio.
LUMEN Christi (Edições). — Mosteiro de São Bento, Morro de S. Bento, Rio.
MELODIA (A). — Rua Ouvidor, 160, Rio. — Praça da Liberdade, 138, S. Paulo.
METROPOLE Editôra. — Rua Araujo Porto Alegre, 70, s. 1106, Rio.
NACIONAL (Companhia Editôra). — Rua dos Gusmões, 118 a 140, S. Paulo. — Rua Gen. João Manuel, 207, Porto Alegre. — Rua Imperatriz, 43, Recife.
NOITE (A) Editôra S. A. — Praça Mauá, 7, 3.°, Rio.
NORTE Editôra. — Largo da Lapa, 53, 2.°, s. 5, Rio.
P. E. N. Clube do Brasil. — Praia do Flamengo, 172, Rio.
PENSAMENTO (Empresa Editôra O). — Rua Rodrigo Silva, 40, Rio.
PUBLICAÇÕES Internacionais. — Av. Rio Branco, 117, Rio.
RA-TA-PLAN (Editorial). — Trav. do Ouvidor, 27, 1.°, Rio.
REVISTA Forence Editôra. — Av. Erasmo Braga, 12, loja N, Rio.
RUMO Ltd. (Editôra). — Caixa Postal, 3511, S. Paulo.
SÃO PAULO Editôra. — Rua Rego Freitas, 490, S. Paulo.
SCIENTIFICA (Editôra). — Ver Spivak & Kersner.
S. C. J. (Editôra). — Taubaté, S. Paulo.
SEMINARIO Sagr. Coração. — Taubaté, Caixa Postal, 47, Est. S. Paulo.
SPIVAK & Kersner Ltd. — Editôra Scientifica. Rua Ouvidor, 169, 4.°, s. 414, Rio.
UNIDADE (Edições). — Rua Ouvidor, 55, 1.°, s. 4, Rio.
VOCÊ SABE (Editôra). — Rua Gen. Camara, 125, Rio.
VOZES (Editôra). — Caixa Postal, 23, Petropolis, Est. do Rio.

EDITORES-IMPRESSORES

ALBA (Oficinas Gráficas). — Rua Lavradio, 60, Rio.
AMERICANA S. A. (Cia. Editôra). — Rua Maranguape, 15, Rio.
BAHIA Gráfica e Editôra Ltd. — Rua Barão Homem de Mello, 11, Bahia.
BAPTISTA (Casa Publicadora). — Rua Paulo Fernandes, 24, Rio.
BAPTISTA de Souza. — Rua Misericordia, 51, Rio.
BARCELLOS, Bertaso & Cia. — Livraria do Globo. — Rua dos Andradas, 1416, Porto Alegre. — Depositário: Odyr W. Silva. Rua da Alfandega, 178-A, Rio.
BEDESCHI, Editor (Americo). — Rua Misericordia, 74, Rio.
GLOBO (Livraria do). — Ver Barcellos, Bertaso & Cia.
GLOBO (O) Juvenil. — Rua Bithencourt da Silva, 21, 1.°, Rio.
HENRIQUE Velho (Casa Editôra). — Av. Marechal Floriano, 13, Rio.
IMPERIO (Papelaria). — João Ferreira de Brito. Praça 28 de Setembro, 14, Rio Branco, Minas.
JUVENIL (Livraria). — Grande Consorcio Suplementos Nacionais Ltd. — Rua 13 de Maio, 37, Rio.
MANDARINO & Molinari Ltd. — Rua do Nuncio, 64-66, Rio.
MELHORAMENTOS de São Paulo (Companhia). — Ver Weiszflog Irmãos Inc.
MENDES Junior (Ests. de Artes Gráficas C.). — Rua Riachuelo, 192, Rio.
OLÍMPICA Editôra (Gráfica). — Rua Miguel Couto, 92, Rio.
OLIVEIRA & Cia. (J. R. de). — Rua S. José, 42, Rio.
PIMENTA de Mello & Cia. (Livraria, Papelaria e Lito-Tipografia). — Trav. do Ouvidor, 34, Rio.
PONGETTI (Irmãos). — Impressores-Editores. Av. Mem de Sá, 78, Rio.
REVISTA dos Tribunais (Oficinas Gráficas). — Rua Conde Sarzedas, 38, S. Paulo.
SUPLEMENTOS Nacionais Ltd. (Grande Consorcio). — Rua Sacadura Cabral, 43, Rio.
VECCHI Ltd. (Casa Editôra). — Rua Pedro Alves, 179-181, Rio.
VELHO (Papelaria). — Ver Henrique Velho.

WEISZFLOG Irmãos Inc. — Companhia Melhoramentos de São Paulo. — Rua Libero Badaró, 461, S. Paulo. — Rua Gonçalves Dias, 9, Rio.

EDITORES-LIVREIROS

ACADEMICA (Livraria). — Ver Saraiva & Cia.
ALVES (Livraria Francisco). — Ver Paulo de Azevedo & Cia.
ANTUNES (Livraria H.). — J. O. Antunes & Cia. — Rua Buenos Aires, 133, Rio.
ATHENEU (Livraria). — Ver Bernardes (José).
BAHIANA (Livraria Editôra). — Rua Conselheiro Dantas, 23, Bahia.
BARCELLOS, Bertaso & Cia. — Livraria do Globo. — Rua dos Andradas, 1416, Porto Alegre. — Depositário: Odyr W. Silva. Rua da Alfandega, 178-A, Rio.
BERNARDES (José). — Livraria Atheneu. Rua Senador Dantas, 58, Rio.
BÔA IMPRENSA (Livraria). — Ver Wiltgen & Cia.
BÔA LEITURA Ltd. (Livraria). — Rua José Bonifacio, 187, S. Paulo.
BRAZ Lauria (Livraria Editôra). — Rua Gonçalves Dias, 78, Rio.
BRIGUIET & Cia. (F.). — Livraria Briguiet-Garnier. Rua Ouvidor, 109, Rio.
CENTRAL (Livraria). — Rua Buenos Aires, 156, Rio.
CIVILIZAÇÃO Brasileira S. A. (Livraria). — Rua Ouvidor, 94, Rio. — Rua 15 de Novembro, 144, S. Paulo.
COELHO Branco F.° Editor (A.). — Rua da Quitanda, 9, Rio.
COLOMBO (Editôra Livraria). — Rua Imperatriz, 254, Recife.
EDUCADORA (Livraria). — Rua S. José, 17, Rio.
ESCOLAR (Livraria Editôra). — Rua S. José, 47, Rio.
FEDERAÇÃO Espirita Brasileira (Livraria Editôra da). — Av. Passos, 30, Rio.
FEIRA de Livros, Editôra. — Hugo Scalabrino. — Rua Halfeld, 446, Juiz de Fóra.
FRANCISCO Alves (Livraria). — Ver Paulo de Azevedo & Cia.
FRANCO-Brasileira Ltd. (Livraria Geral). — Rua do Ouvidor, 189, 1.°, Rio.
FREITAS Bastos & Cia. (Livraria Editôra). — Rua Bethencourt da Silva, 21 e Rua 13 de Maio, 74-76, Rio. — Rua 15 de Novembro, 62-66, S. Paulo.
GLOBO (Livraria do). — Ver Barcellos, Bertaso & Cia.
GUANABARA (Editôra). — Ver Waissman Koogan Ltd.
JACINTO Ribeiro dos Santos. — Livraria Jacinto Editôra. — Rua S. José, 59, Rio.
JOSÉ OLYMPIO Editôra (Livraria). — Rua 1.° de Março, 13. — Rua Ouvidor, 110, Rio.
JOSEPHSON (L. A.). — Editor. — Av. Rio Branco, 173, 1.°, Rio.
LABOR do Brasil S. A. (Editorial). — Rua Buenos Aires, 104, Rio.
LEITE (Livraria J.). — Rua S. José, 80, Rio.
MARTINS (Livraria). — Editôra. — Rua da Quitanda, 82, 4.°, S. Paulo.
MÉDICA Editôra (Livraria). — Ver Patricio Gama & Cia.
MELHORAMENTOS de São Paulo (Companhia). — Ver Weiszflog Irmãos Inc.
MINERVA (Editôra). — Ver Oscar Mano & Cia.
MINHA Livraria Editôra. — Rua Pedro 1.°, 2, Rio.
MOURA Fontes & Flores. — Livraria Moura. — Rua Ouvidor, 145, Rio.
ODEON (Livraria Editôra). — Rua Quintino Bocayuva, 37, S. Paulo.
ODEON Editôra (Livraria). — Ver Soria (F.).
OSCAR Mano & Cia. Editôra Minerva. — Rua Alfandega, 72, Rio.
PATRICIO Gama & Cia. Livraria Médica Editôra. — Rua 7 de Setembro, 180, Rio.
PAULICÉA (Livraria Editôra). — Rua Duque de Caxias, 121, S. Paulo.
PAULO de Azevedo & Cia. Livraria Francisco Alves. — Rua Ouvidor, 166, Rio. — Rua Rio de Janeiro. Belo Horizonte. — Rua Libero Badaró, 49-A, S. Paulo.
QUARESMA Editôra (Livraria). — Rua São José, 71-73, Rio.
RAMALHO Editôra (Casa). — Maceió, Alagôas.
RAMIRO Costa & Cia. — Rua 1.° de Março, 12 e 24, Recife.
RODOLFO & Pereira. Livraria Universal. — Av. Rio Branco, 50 a 58, Recife.
SANTA-CRUZ (Livraria). — Rua Benjamin Constant, 142, Rio.
SARAIVA & Cia. Livraria Academica. — Largo do Ouvidor, 15, S. Paulo.
SORIA (F.). Livraria Odeon Editôra. — Av. Rio Branco, 157, Rio.
UNIVERSAL (Livraria). — Ver Rodolfo & Pereira.
VALVERDE (Zelio). Livreiro-Editor. — Trav. do Ouvidor, 27, Rio.
VICTOR Editôra (Livraria). — Praça Floriano, 5, Rio.
WAISSMAN Koogan Ltd. Editôra Guanabara. — Rua Ouvidor, 132, Rio.
WEISZFLOG Irmãos Inc. Companhia Melhoramentos de São Paulo. — Rua Libero Badaró, 461, S. Paulo. — Rua Gonçalves Dias, 9, Rio.
WILTGEN & Cia. Livraria Bôa Imprensa. — Rua da Assembléa, 35, Rio.

LIVRARIAS

ACADEMICA (Livraria). — Rua S. José, 65, Rio.
ALEMÃ (Livraria). — Rua da Alfandega, 69, Rio.
ANCHIETA (Livraria). — Praça 15 de Novembro, 101, Rio.
AUGUSTO Leite (Livraria). — Rua da Constituição, 14, Rio.
BOFFONI (Vicente). Livraria Boffoni. — Rua Chile, 1, Rio.
BRASIL (Livraria). — Rua Benjamin Constant, 123, S. Paulo.
CRASHLEY & CO. — Rua Ouvidor, 58, Rio.
FREITAS Barros & Cia. Ltd. — Rua 15 de Novembro, 135, S. Paulo.
HESPANHOLA (Livraria). — Rua 13 de Maio, 17, Rio.
IDEAL (Livraria). — Rua S. José, 66, Rio.
IMPERIAL (Livraria). — Rua S. José, 61, Rio.
KOSMOS (Livraria). — Rua Rosario, 137, Rio.
LIBERDADE (Livraria). — Rua Liberdade, 659, S. Paulo.
MODERNO (Livraria). — Ver Sociedade Livros Ltd.
PARA TODOS (Livraria). — Rua do Carmo, 3, Rio.
PRINCIPAL Ltd. (Livraria). — Rua S. José, 48, Rio.
SÃO JOSÉ (Livraria). — Rua S. José, 48, Rio.
SOCIEDADE Livros Ltd. Livraria Moderna. — Rua Duque de Caxias, 223, Recife.
TEIXEIRA (Livraria). — Libero Badaró, 491, S. Paulo.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS.

THE PAN AMERICAN BOOK SHELF. — Vol. II. N.° 8, August 1939. (22/28). 40 p. br. — Pan American Union Columbs Memorial Library. Washington, D. C. — U. S. A. — Contendo entre outras referencias a livros brasileiros, o seguinte: The **Anuário Brasileiro de Literatura** for 1939, published in Rio de Janeiro by Pongetti, contains a section "Movimento Bibliográfico de 1938, organizado por Aureo Ottoni." This valuable contribution to the annual national bibliography of Brazil contains over 900 entries.

UM POUCO DE ESTATISTICA...

CLASSIFICAÇÃO	Publicações novas Autóctones	Reedições Autóctones	Publicações novas Traduções	Reedições Traduções	Total
0) Generalidades	44	11			55
1) Filosofia	12	2	10	12	36
2) Religiões	30	3	25	7	65
3) Direito. Ciências sociais e politicas	219	49	17	2	287
3—6) Exercito-Marinha Aeronautica	26	13	4		43
4—8.A) Letras. Filologia	65	55	1		121
4—8.B.1) Literatura. Generalidades	64	5	1	2	72
4—8.B.2) Textos de estudos	2		1		3
4—8.B.3) Poesia	54	9	2	1	66
4—8.B.4) Teatro	10	2	4		16
4—8.B.5) Romances. Novelas Lendas	59	21	65	24	169
4—8.B.6) Contos	16	3	1	4	24
4—8.B.7) Eloquência	3				3
4—8.B.8) Obras para crianças	39	11	38	4	92
5) Ciências matemáticas, físicas e naturais	40	30	1	1	72
6) Ciências aplicadas	49	24	2		75
6) Ciências aplicadas. Medicina	106	24	20	17	167
7) Belas-artes. Esporte. Jógos e divertimentos	13	4	3		20
9) História e geografia	125	50	36	16	227
Total geral ..	976	316	231	90	1.613

EUCLIDES

O registro literário brasileiro assinala, neste mês, de agosto (dia 15), o primeiro aniversário de EUCLYDES, a vitoriosa publicação fundada e dirigida por Antonio Simões dos Reis, nome já consagrado nos nossos meios intelectuais.

O brilhante quinzenário, especializado em bibliografia, filologia, critica e na transcrição de trabalhos de valor, é único no gênero, entre nós. Desde a sua fundação teve a mais ampla acolhida, devido a sua orientação literária.

O número de aniversário traz colaboração seletíssima, toda em homenagem a Euclides, da Cunha, patrono da publicação. Entre outras, encontram-se as de: Afrânio Peixoto, José Oiticica, Raul Pederneiras, Antônio J. Chediak, Escragnole Dória, Noronha Santos, José Quintela, Antônio Simões dos Reis, Mário Martins e Pedro A. Pinto.

Constam ainda do presente número 4 cartas inéditas de Euclides da Cunha e tambem uma entrevista por ele concedida a um jornal do Pará dez dias após o seu retorno ao rio Purús.

ÍNDICE GERAL

COLABORAÇÕES:

Pags.

Movimento editorial gaucho — *Silvio Diniz* 27
Suma da Literatura Nacional — *Afranio Peixoto* 33
A Poesia de Augusto Frederico Schmidt — *João Lyra Filho* 38
O romancista de Minas — *Jorge Amado* 39
O Teatro no Brasil — *Alvaro Moreyra* 40
Conversa com o fantasma de K. Mansfield — *Erico Verissimo* 43
Notas de um homem equidistante — *Newton Beleza* 47
Denuncia da Primavera — *Augusto Frederico Schmidt* 49
Notas sobre a Critica em 1939 — *Osorio Borba* 50
Tendências do Romance Brasileiro — *Jaime de Barros* 53
Pátria — *Antônio Austregésilo* 55
Escritores deshumanos — *Emil Farhat* 57
Os sapateiros da literatura — *Graciliano Ramos* 59
Porque estou musicando motivos de "Mar Morto" e "Jubiabá" — *Dorival Caymmi* 60
Ligeira apreciação sobre Critica — *Guilherme Figueiredo* 61
Tio Alexandre — *Marques Rebêlo* e *Valdemar Versiani* 65
Noturno da Vila de Espírito Santo — *Antônio de Almeida Jr.* 67
Bolinhos última instância — *Telmo Vergara* 69
Instantaneos de Brederodes — *Joel Silveira* 73
O legado — *Godofredo Rangel* 75
Chamava-se Vera Lúcia — *Danilo Bastos* 78
Lembro-me de um padre — *Carlos Drumond de Andrade* 81
A vingança do Prof. Irineu — *Lobivar Matos* 83
A noiva do Patriarca — *Joaquim Laranjeira* 86
Rompe-rasga — *Sodré Viana* 90
Cavalinho de Pau — *Leonidas Bastos* 93
Desenterrando os meus mortos — *Moacir Arcoverde* 114
Machado de Assis — *Bezerra de Freitas* 115
Um criador de Beleza — *Silvio Peixoto* 117
O discutido Joaquim Maria — *Oscar Mendes* 120
Eça e Machado — *Alvaro Lins* 123
Eça de Queiroz, o Catolicismo e o Clero — *Clovis Ramalhete* 125
No país das Águas — *Jaime Sisnando* 127
Olinda na Lenda, na História e no Pitoresco Social — *Mário Sete* 129
Viagem à Bahia — *Carlos Rodriguez* 135
Duas criações da cidade americana — *Oswald de Andrade* 145
Graça Aranha ainda pode ensinar alguma coisa — *Carlos Lacerda* 147
Sugestões à Crítica Literária — *José Nicolau dos Santos* 150
Há filósofos no Brasil? — *Modesto de Abreu* 151
O conto, miniatura do romance — *Carlos Maul* 155
A filosofia da vida — *Sousa Filho* 157
Preciosidades bibliográficas ignoradas da Bibliotéca Nacional — *R. Magalhães Jr.* 161
A vida heroica de Giovanni Papini — *Omer Mont'Alegre* 163
Um sábio e um conspirador, no Rio de Janeiro, durante a Regência — *Melo Barreto Filho* 167

Pags.

Reptis fosseis da Gondwana no Rio Grande do Sul — *Carlos de Paulo Couto* .. 169
O ano musical — *Paulo Silva* .. 177
Hino Nacional Brasileiro — *Agostinho Dias Nunes d'Almeida* .. 189
O quadro do sr. Firmino Monteiro — *Machado de Assis* .. 193
Debret no Instituto Histórico — *Sergio Milliet* .. 195
Entre notáveis... em autógrafos — *Walter Spalding* .. 200
As mulheres na obra de Érico Verissimo — *João Rubem* .. 209
B. Lopes, o poeta fidalgo — *Alvarus de Oliveira* .. 213
A provincia do Pará — *Altamirano Nunes Pereira* .. 216
Letras contemporâneas — *Jonatas Serrano* .. 219
Pragmatismo crítico — *Othon Costa* .. 222
Um poeta do Norte — *J. A. Pinto do Carmo* .. 225
Interpretação positiva da História do Brasil — *João Camilo de Oliveira Torres* .. 228
Pessoal que está de cima — *Abguar Bastos* .. 231
A Bibliotéca da Academia — *Osvaldo Melo Braga* .. 233
O prognóstico do desfecho das guerras — *Ari de Mesquita* .. 235
O movimento intelectual do Rio Grande do Sul em 1939 — *Arí Martins* 238
Dois livros portugueses — *Afonso de Castro Senda* .. 264
Um homem e uma obra — *Almir de Andrade* .. 268
Desbarrancado — *João Acioli* .. 270
Literatura Japoneza — *Rui Almeida* .. 273
O destino de um poeta — *Olinto Sanmartin* .. 275
R. Magalhães Junior no Teatro Nacional — *Luis Martins* .. 278
Velho Sobrinho — *Roberto Seidl* .. 279
Mitos evocativos — *De Placido e Silva* .. 283
A Sombra de Leibnitz — *Tomaz Murat* .. 286
A vida noturna de Marcel Proust — *Brito Broca* .. 289
Expressões literárias — *Peregrino Junior* .. 291
Não direis onde ele vive — *Jenny Pimentel de Borba* .. 293
Dia da Pátria — *Zeferino Brasil* .. 298
O Livro — *Kosciusko Barbosa Leão* .. 298
Noventa dias — *A. Hernandez Catá* .. 299
Um especialista no domínio da Economia Açucareira — *Barbosa Lima Sobrinho* .. 305
O dr. Sampaio Ferraz e a capoeiragem — *Hermeto Lima* .. 306
Teatro em 1939 — *Bandeira Duarte* .. 307
Cinema brasileiro em 1939 — *Edmundo Lys* .. 310
Literatura brasileira — *Samuel Putnam* .. 313
O mundo se divide — *Lafayette Rodrigues* .. 318
Cuité — *Sebastião Fernandes* .. 319
Fronteiras açucareiras — *Gileno Dé Carli* .. 321
Canção da felicidade — *Melo Cançado* .. 322
Tyrannus Senex — *Orvacio Santamarina* .. 323
Silencio — *Deolindo Tavares* .. 324
Publicidade racional — *Amadeu Amaral Junior* .. 325
Um poeta autêntico — *Carlos Chiacchio* .. 329
"O Amor e a Razão" — *Plínio Mendes* .. 330
Freud era mais que um Biologista — *Gastão Pereira da Silva* .. 331
Juxta Crucem Dómini — *Cônego Matias Freire* .. 332
Um expoente da oratória sacra cearense — *P. Rodolfo Ferreira da Cunha* 333
Existe uma literatura médiunica? — *Cristiano Agarido* .. 336

Pags.

Kaleidoscópio — *Adalgisa Nery* 337
Noturno n.º 5 — *Pascoal Carlos Magno* 338
A alvorada e a sombra — *Murilo de Araujo* 340
O operador — O jogo — *Murilo Mendes* 341
Pelo caminho das nuvens brancas — *Newton Belleza* 342
Três motivos de Regina Coeli — *Jorge de Lima* 343
Enseada — *Colombina* 346
Equador — *Faustino Nascimento* 348
A última ceia — *Judas Isgorogota* 349
Zé Ninguem — *Martins D'Alvarez* 350
Poema — *Alphonsus de Guimaraens Filho* 351
Diabruras de Deus — *Silva Porto* 352
Terra prometida — *Olavo Dantas* 353
O regresso — *Jorge Azevedo* 353
Liturgia — *Almeida Cousin* 354
Borboleta — *Carlos Paranhos* 354
Nativismo na poesia brasileira — *Nelson de Carvalho* 355
A estranha nevrose de Carvalho Ramos — *João Acioli* 360
O que sonham os aviadores — *Raul de Pollilo* 363
Poemeto à feição do Oriente — *Austen Amaro* 364
Cristóvam de Mauricéa — *Mário Linhares* 365
A "História da Polícia do Rio de Janeiro" de Melo Barreto Filho e Hermeto Lima — *Alexandre Passos* 367
Insignia Histórica — *Mercêdes Dantas* 369
Conclusões de Trabalhos Originais (finais dos artigos das páginas anteriores) 372
O Canto da Hospitalidade — *Alfredo de Assis* 380

EDITORIAIS:

Panorama das atividades literárias e artísticas de 1939 5
O PEN-CLUB e suas atividades em 1939 14
A crítica em 1939 17
Nota dos editores 32
Há renascimento na pintura mural? 171
Lux-Jornal 192
Exposição do livro brasileiro em Montividéo 199
O papel no quadro da economia brasileira 212
"Na caravana da vida" 215
Belas Artes em 1939 242
Primeiro Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul 252
A restauração financeira do Estado de Minas Gerais 261
A obra educativa da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais 265
A primeira página de Zamenhof 281
A poesia a serviço da História 287
O Livro e o Rádio 303
A Caixa Econômica Federal em Minas e sua Carteira Hipotecária 316
O Estado Novo e o Intelectual 327
Zelio Valverde, livreiro-editor 368
Movimento bibiográfico em 1939 381

INQUÉRITOS:

Que prefere fazer quando não está escrevendo? 97
Reportagem com os caricaturistas e ilustradores 105